UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MÁRCIA NUNES MACIEL

MÁRCIA MURA

Tecendo Tradições Indígenas

V. 1

São Paulo, 2016

MÁRCIA NUNES MACIEL

Tecendo Tradições Indígenas

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social.

Área de Concentração: História Oral

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

Versão Corrigida

São Paulo, 2016.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M152t Maciel, Márcia Nunes
Tecendo Tradições Indígenas / Márcia Nunes Maciel ;
orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. - São Paulo,
2016.
821 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Identidade Cultural. 2. História Social. 3.
Tecendo tradições. 4. Indígenas. I. Meihy, José Carlos
Sebe Bom, orient. II. Título.

Nome: MACIEL, Márcia Nunes
Título: Tecendo Tradições Indígenas

Tese apresentada ao Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em História Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. **José Carlos Sebe Bom Meihy** Instituição: Departamento de História USP/SP
Presidente da Banca

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. **Carlos José Ferreira dos Santos (Casé Angatu)** Instituição: UESC -Ilhéus/Bahia

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. **Marta Amoroso** Instituição: FFLCH – USP/SP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. **Iris Kantor** Instituição: FFLCH – USP/SP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. **Fabíola Holanda** Instituição: CeHFi/UNIFESP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para os Povos Indígenas que (re) existem.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível porque consegui estabelecer uma rede de relações de parentescos e afins e me manter ligada aos espíritos dos antepassados. Foi mesmo um trabalho realizado por meio de um grande Puxirum, um trabalho coletivo entre os parentes sanguíneos e parentes por afinidade.

Começo a agradecer especialmente às duas árvores que ficam entre a janela do meu quarto e uma parede de concreto, na moradia estudantil da USP: uma palmeira que lembra um pé de buriti e outra que se parece com árvores encontradas na cabeceira do lago do Uruapeara¹ (possivelmente um pé de Pau-Brasil). Além de me lembrarem de árvores familiares durante a minha escrita longe de casa, a presença delas também me manteve conectada à natureza. Suas danças com o vento e os pássaros que nelas se abrigam, me tranquilizaram.

Também agradeço à força espiritual que recebi para não desistir nos momentos difíceis.

Muitas pessoas contribuíram com esse trabalho, mas assumo a responsabilidade por ele.

À CAPES que forneceu a bolsa de pesquisa, suporte financeiro fundamental para a realização da pesquisa.

Ao professor José Carlos Sebe Bom Meihy pela orientação e vivências nehoístas.

Ao Núcleo de Estudos em História Oral/USP pelas vivências compartilhadas. Em especial: Vanessa Generoso Paes, Tainá Marajoara, Vanessa Rojas, Fabíola Holanda, Suzana Ribeiro, Andrea Paula dos Santos e Marcela Boni pelos trabalhos em conjunto.

À professora Iris Kantor e Marta Amoroso pela interlocução.

À Fernanda Nogueira, do Pará, com quem estabeleci parentesco indígena.

À Minha mãe, Nilse Nunes Maciel da Silva que me mostrou as pistas para reconstruir nossa história indígena.

Ao Iremar Antônio Ferreira, agradeço imensamente pelo companheirismo e dedicação incondicional do seu amor, pela sua contribuição em campo, pelas trocas de ideias e por seu envolvimento direto com as comunidades entrelaçando-se nas relações de parentescos.

Ao Lucas Mura, ao Tanan Mura, meus filhos, e ao Guilherme Munduruku, meu sobrinho, que compartilharam comigo algumas vivências de campo.

¹Nos registros da localidade varia entre Uruapiara e Uruapeara. Mantive a grafia Uruapeara para manter a grafia da composição do nome: Urua-Peara, no entanto a pronúncia dos falantes amazônicos é Uruapiara.

À Maria Cristiane que esteve comigo na viagem de retorno a Nazaré e voltou em outros momentos de Festejos. Minha amiga/irmã que está ao meu lado nas lutas em comum.

À Ariana Boa Ventura e ao Joeser Alvarez, parentes por afinidade, que aos poucos foram se envolvendo na relação de proximidade com os Povos Indígenas e se tornaram aliados importantes contra o etnocídio indígena.

Aos parentes sanguíneos e aos parentes por afinidade que fazem parte da rede de relações afetivas, políticas e culturais.

Ao grupo de pesquisa “Em Defesa do Patrimônio Cultural dos Ribeirinhos: Educação, Memória e Cidadanias nas Comunidades do Baixo Madeira”, vinculado à Universidade Federal de Rondônia que realiza conversas sobre memórias e registro do patrimônio imaterial das comunidades às margens do Rio Madeira, em especial à professora Marcelle Pereira e suas alunas Natiele Pessoa, Brena Barros, Jackeline Nakatani, Deise Lemos Carvalho e Ananda Maria Mota Ribeiro, pela parceria no trabalho de registros de memórias das comunidades às margens do Rio Madeira.

Ao Instituto Madeira Vivo pela parceria na luta contra as barragens no rio Madeira.

Ao grupo “Minhas Raízes” por cantar nossa cultura e ser um dos inspiradores desse trabalho.

À Xênia de Castro, Lucineide Teixeira, Deyvesson Gusmão e Edinéia Bento de Souza, amigas remanescentes do Centro de Hermenêutica do Presente e que acompanham os percursos que venho construindo na afirmação indígena.

Ao Emanuel Meireles que nas nossas vivências compartilhadas em campo e nas trocas de leituras também construiu sua consciência de afirmação Mura.

Às pessoas amigas que conheci no CRUSP, moradia de estudantes da USP, Raimunda Nascimento, minha irmã indígena que compartilhou comigo do fruto do pé de jatobá que ela namora da sua janela e com quem aprendi muitos saberes tradicionais; Wilson Pontes pelo encontro espiritual; Simone Santos, pelo afeto e por sua consideração valorosa aos Povos Indígenas; Luciana Mourão, que também vem da Amazônia, pela delicadeza humana e seu engajamento como pesquisador em favor das comunidades amazônicas afetadas pelas hidrelétricas e demais projetos desenvolvimentistas; e a tantas e tantos colegas com quem troquei ideias e estabeleci relações políticas, de vizinhança e de solidariedades na moradia e nos demais espaços uspianos.

Aos amigos e amigas do Nheengatu, Antônio Fernandes Goés, Lucas Ciola, Marcel Ávila, Juliana Campoi e em especial à Gabriela Ismerim pelas trocas de saberes.

Ao GT Indígena pelos encontros, debates e ações políticas; em especial ao Sassá Tupinambá por fortalecer espiritualmente e politicamente a mim e aos meus filhos na nossa temporada de 2014 em São Paulo.

À Janaína Aline dos Santos, à Clara Beatriz e à Isabel Chaib pelo carinho e solidariedade.

E à toda rede indígena que passei a fazer parte nas cidades de São Paulo, Porto Velho e outras cidades do Brasil.

Mura Murá!

Mura Murá!

Mura Murá!

Kainanã Kainari

Kainanã Kainari

Karakapitu tum tum

Karakapitu tum tum

Kainanã Kainari

Kainanã Kainari

Karakapitu tum tum

Karakapitu tum tum

(cacique Nelson Mura – Itaparanã)

RESUMO

O percurso desenhado nesta tese questiona os paradigmas usuais transparecidos em análises que sempre percebem o “outro” como “objeto de pesquisa”. Valorizando o trabalho empírico, partiu-se da possibilidade da formulação de um discurso de veia coletiva, dado pelos *colaboradores*, para então proceder análises que levam em conta o cerne cultural gerado pelo próprio grupo. O reconhecimento de “vozes próprias” dos segmentos geradores da própria fala se constituiu em matéria dinâmica para o entendimento dos projetos grupais. As retomadas de saberes dos antigos das comunidades, depois de documentadas, foram postas em paralelo às contribuições de etnografias e reflexões historiográficas referentes ao campo de pesquisa. Por meio da *história oral – tradição oral*, procurou-se requalificar memórias comunitárias de grupos que passaram por processos de *desterritorialização* e introdução de valores externos à sua constituição. A partir das narrativas construídas em *colaboração* e da vivência de campo em comunidades que se situam às margens de lagos e rios no eixo que vai de Manicoré/AM a Porto Velho/RO, procuro responder as questões referentes ao apagamento da presença indígena e ao mesmo tempo puxar os fios das tradições a partir das perspectivas apresentadas por essas comunidades. O intuito foi alinhar uma reflexão sobre os *modos de ser indígenas* e seus mecanismos de resistência, para que a *maneira de viver ligado à natureza* se mantenha viva, diante das ameaças dos projetos desenvolvimentistas que não consideram os patamares da cultura dessas comunidades que se estendem ao longo das margens dos rios e lagos da Amazônia.

Palavras-chave: Rio Madeira, Memória, Tradição, Indígena, Amazônia.

ABSTRACT

The course designed in this thesis points questions about the usual paradigms transpired in analyzes that always feel the "other" as "research object". Valuing the empirical work, it started from the possibility of formulating a collective speech given by the contributors, and then proceed analyzes that take into account the cultural core generated by the group itself. The recognition of "own voices" of generating segments of the speech itself, constituted in dynamic material to the understanding of group projects. The recovery of knowledge of the communities ancient, after documented were putted in parallel to the contributions of ethnographies and historiographical reflections related to the search field. Through oral history – oral tradition, it tried to requalify community memories of groups who have gone through deterritorialisation processes and introduction of external values of its own constitution. From the narratives constructed in collaboration and the experience lived in communities that are located on the margins of lakes and rivers in the axis that runs from Manicoré/AM to Porto Velho/RO, I try to answer questions relating to the erasure of the indigenous presence and at the same time to pull the strands of traditions from the perspectives presented by these communities themselves. The intention was to basting a reflection on the ways of being indigenous and their resistance mechanisms, so that the way of life connected to nature can be kept alive in the face of threats from development projects that do not consider the standards of culture of these communities that extend along the banks of rivers and lakes of the Amazon.

Key-Words: Madeira River; Memory; Tradition; Indigenous; Amazon.

YATUKASÁWA

Kwá pee yamunhã waá kwá muraki rupi upitá kwayé: ti yaruyári sía kariwa kitiwara uikú waá muíri sikarisáwaita. Nhaã sikarisáwaita upé, amuita mira, kariwa tá useruka waá “outro” tá uyukwáu mayé tá useruka waá “objeto de pesquisa” yawé. Kwá muraki amurupi, nhansé yaparawáka amu pee: aité kwá pee yaseruka “empírico”, nhansé yasú miraita píri, yaikú arã miraita piterupi. Yawé waá rupi, yapuderi, kwá amu pee rupi, yapurungitá yepé purungitasáwa muatíri waá, uyumunhã yaseruka waá *colaboradores* rupi. Ape, yapuderi yasikári kwá miraita kitiwara irumu. Marantaá umukamee kwáita mira nheenga? Ee, yamukamee te. Sesewara, puranga retana yapuderiã yasendu, yapuderiã yasaã mayé kwáita mira tá umaité, mã kwá miraita tá uputári, sía amuita manungara...Yawé arã, yamuyuíri kwasáwaita urikú waá nhaã tuyuita umurári waá nhaã tendáwaita upé. Ariré yasadá kwá kwasáwaita paperaita, yarasú kwá kwasáwaita sía sikarisáwaita ruaki, mayé mã etnografiaita, historiografiaita, etc. Ape, yasikári aite kwá yaseruka *história oral – tradição oral* rupi, uxári kwá tendawaita manduarisáwaita kimbáwa píri, nhansé kwáita tendáwaita urikú waá kwá manduarisáwaita, tá usadá kwera yaseruka iké “*desterritorialização*”.Ape, yamuatíri tendáwaita irumu, kwá yaseruka waá “colaboração” yamunhã arã amu viaji kwá mbeumbeusáwaita. Yamunhã kwáita mbeumbeusawa mairamé yaikú tendawaita, kwá miraita piterupi. Kwáita tendawa upitá ipawaita, asuí paranãita ruaki, tá uikú waá yepé pee yaseruka “eixo” upitá waá táwaita Manicoré (AM) suí tééé Porto Velho (RO) kiti. Masuí kwáita mbeumbeusáwaita yamunhã waá, ixé asikári suaxaraita kwá makúita yumimisáwa resewara, pukusáwa asikári asikí kwá iminúita úri waá kwásawaita suí. Yasikí arã kwá inimúita, yasendu mã taá miraita tendáwaita wara tá upurungitá waá, asúi mã taá tá umanduári waá.Pukusáwa amunhã kwera kwá muraki, aputári amaité mayé taá kwá miraita tendáwa waraita irikwé makú yawé, yaseruka *ikémodos de ser indígenas*. Asuí amaité kwera mayé taá kwá sikwesáwa yaseruka *maneira de viver ligado à natureza*, upuderi uxári kwá manduarisáwa, asuí kwá kwasáwaita tá rikwé,kimbáwa píri. Uyí ara, tendáwaita tá upitá waá Amazonia ipáwaita, Amazonia paranã upe waá, tá uikú yumimisáwa rupi. Ape, yaxári ramé kwá sikwesáwa kimbáwa, iwasuíma píri yapuderi yapitá arama kimbáwa.

NHEENGAITA: paranã Madeira, manduarisáwa, kwasáwa, makú, Amazonia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------	----

I PARTE

NARRATIVAS

1.PORTO VELHO DE UMA COMUNIDADE VINDA DO SERINGAL	51
1.1.FRANCISCA	53
1.2.IZOLINA	76
1.3.NILCE	95
2.DE PORTO VELHO PARA NAZARÉ	124
2.1.MARIA DE NAZARÉ	133
2.2.VALDERLURDES	155
2.3.ANTÔNIA	172
2.4.ELZALINA	188
2.5.JOÃO LOBATO	198
2.6.TIMAIA	225
2.7.VENERANDA	255
3.ÚRUAPEARÁ	270
3.1.MARIA LUÍZA PARINTINTIN	279
3.2.BENEDITO	294
3.3.EDILENE	300
3.4.JOÃO IRLEI	314
3.5.LAURALISSE	331
3.6.FRANCISCO	342
3.7.JUDITE	354
3.8.MANEL	364
3.9.ORILDO	377
3.10.VANDERLÉRIA	385
4.HUMAITÁ	389
4.1.MARIA DUARTE	411
4.2.CILA	426
4.3.ANTÔNIO PINTO	450
5.ITAPARANÁ	473
5.1.NELSON MURA	477
5.2.JOABI MURA	523
5.3.ESTEFÂNEA MURA	546
6. MANICORÉ TERRA DE MANI	554
7.TERRA INDÍGENA JAUARI - ALDEIA BOM INTENTO	570
7.1.BARRETO MURA	577
8.MEMÓRIA SOBRE OS MURA	584
8.1.ALMIRA	585

II PARTE

ENTRE PERCEPÇÕES

9.NO MODO DE VIDA NÓS VIVEMOS AQUI LIGADOS A NATUREZA	601
10.DOENÇAS DADAS POR DEUS E DOENÇAS DADAS PELOS HOMENS	681
11.OS FESTEJOS DE SANTOS COMO RITUAIS DE MEMÓRIA DOS ANTEPASSADOS: O CONTEXTO DAS TRADIÇÕES LOCAIS	716
12. MEMÓRIAS DA OCUPAÇÃO INDÍGENA VINDAS DOS ESPAÇOS DE SERINGAIS	780
CONSIDERAÇÕES FINAIS	807
REFERÊNCIAS	815
GLOSSÁRIO DAS NARRATIVAS	819

INTRODUÇÃO

Para começar preciso falar de três conceitos que deram um rumo para essa tese. *Sapatos Trocados, escrever com as mãos e escritivência.*

Sapatos Trocados é um conceito que encontrei no livro do Cristino Wapichana “Sapatos Trocados– Como o Tatu Ganhou Suas Grandes Garras”. Gostaria de contar a história toda narrada no livro, mas como isso não é possível, vou mencionar apenas o que eu tomei como ponto de reflexão para pensar meu lugar como pesquisadora sendo parte da própria pesquisa. Desde o mestrado venho escrevendo sobre a minha própria história, por meio da História Oral com pessoas da minha família e as demais famílias da mesma comunidade, mas ainda assim meu olhar sobre as narrativas ainda era muito direcionado pelas teorias acadêmicas. No doutorado, me propus a vivenciar as experiências nos espaços de tradições e buscar a partir delas novos conceitos. Quis aprender com os mais velhos, entender os modos tradicionais da maneira como se aprendem as tradições: fazendo parte delas. Indo para a roça, para a casa de farinha, para as pescarias das mulheres, ticar o peixe, dançar e lutar junto com os parentes nas aldeias atravessadas por rodovias e participar dos Festejos e ladainhas nos espaços de antigos seringais que resultaram nas localidades, vilas e distritos às margens do rio Madeira.

Buscando uma referência para me orientar encontrei a história do tatu e do veado que trocaram os sapatos:

Kapaxi era um tatu e o animal mais rápido de todos. Como o Jabuti ia dar uma festa e não queria deixar ninguém de fora, convidou o Kapaxi para avisar todos os animais, convite que foi aceito com satisfação. O Jabuti recomendou então que ele passasse primeiro na casa do compadre Aro, o veado, tão logo avisasse a comadre preguiça. Kapaxisaiu disparado levantando poeira, ele era rápido e gostava de se gabar por isso. Algum tempo depois o compadre Aro chegou ao pequeno vale onde viviam o Jabuti e sua família. O compadre Aro era rápido para fazer abrigos, por isso o Jabuti o convidou para fazer os abrigos para os convidados da festa. No outro dia cedo da manhã chegou de volta o Kapaxi que chegou cumprimentando os parentes e desafiando para uma competição de corrida. De tanto insistir, Aro aceitou. Mas primeiro propôs a competição de fazer abrigos que era a habilidade mais rápida que ele tinha, o Kapaxi

aceitou, mas propôs mais duas provas, nadar e terminar correndo. Mas antes que iniciassem a competição, o Jabuti propôs aos dois que fossem depois que todos os preparativos da festa estivessem prontos, e assim foi. Durante a festa os dois atletas tentaram descansar escondidos nos abrigos dos pequeninos, mas eles foram impedidos porque Aro caiu numa armadilha armada na porta de seu abrigo e ficou preso nos cipós. Kapaxi o ajudou se livrar da armadilha e juntos voltaram para a festa, mas nessa hora de tumulto trocaram os sapatos e não se deram conta. No outro dia, durante a competição Kapaxi saiu na frente e como estava com vantagem aproveitou para dar umas cambalhotas para animar a torcida. Ao sair da água Aro percebeu que estava com os sapatos trocados, mas não quis falar nada para não atrapalhar a competição. A próxima prova consistia em cavar o abrigo. Kapaxi que não tinha habilidade em cavar buracos estranhou por ter feito o seu tão rápido, e saiu na frente na corrida. Para sua surpresa Aro o ultrapassou na corrida e ele não conseguiu alcançá-lo. Ao sentar para descansar viu que não estava com seus sapatos e foi tomado pela tristeza, porque não ia mais ser admirado principalmente pelas crianças por não ser o mais veloz na corrida. E precisou descobrir outras habilidades que lhe trouxessem alegria e que fizessem com que fosse aceito pelos outros. Ao decidir ir atrás de Aro para recuperar os seus sapatos percorreu muitos lugares. Por onde passava cavava um abrigo para descansar e depois o deixava ali para que outros animais pudessem utilizá-lo. Assim, ele se sentia bem com aqueles novos sapatos e, mesmo não encontrando os seus, nunca desistiu de procurá-los. Continuou cavando abrigos, fez muitos amigos e ficou conhecido como mais veloz na construção de abrigos e como bondoso.

Ao ler essa história, compreendi que eu estava trocando os sapatos, assim como se trocam os paradigmas. Diferente do Kapaxi que, mesmo incorporando os novos sapatos continuou buscando os antigos, eu não estava triste por não querer tomar como ponto de partida os conceitos clássicos da academia. Estava sem saber como fazer essa troca de paradigmas, então me dei conta que estava trocando os sapatos quando me senti mais correspondida com os conceitos encontrados na literatura indígena e na sabedoria dos antigos.

No mestrado, ao me deparar com as narrativas das quatro colaboradoras, percebi um forte apagamento das memórias indígenas, mas ainda assim encontrei alguns vestígios, que foram pontos de partida desde os primeiros passos do doutorado. Senti a necessidade de puxar o fiozinho de memória indígena, que estava com uma ponta solta, para ser novamente tecida. E foi o que eu fiz, fui puxando esse fio para costurar com a

mão essa história.

Costurar com as mãos é uma tradução possível para a palavra escrita, que não existia antes do contato com os não indígenas, na língua wayoro ou ngwayoro do Povo Wajuru. Estava numa aula de nheengatu e falávamos sobre como os sentidos das palavras indígenas podem ser referências conceituais em nossos trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, a concepção de escrita. Mencionei que é comum nos utilizarmos da imagem de Penélope tecendo e destecendo o xale à espera de Ulisses como metáfora do tempo da memória e da própria escrita dessa memória. Foi quando a Antônia Fernanda de Souza Nogueira, que é pesquisadora da língua wayoro, nos explicou que nessa língua 'escrever' é *mboiningã:mbo-i-ningã*. De acordo com seus estudos cada parte da palavra seria: *mão-marca.de.objeto-tecer/costurar* e o significado literal seria: (algo que indica)'a mão tece/costura'. Para os Wajuru, tecer também se tornou o ato de escrever. Tão poético como a imagem de Penélope tecendo seu xale é a imagem de uma Wajuru tecendo com linhas feitas de fios de tucum uma bolsa tradicional, o chamado marico.

O povo Wajuru vive na Terra Indígena Guaporé, antigo posto indígena Ricardo Franco formado pelo antigo SPI, o Serviço de Proteção ao Índio que foi substituído pela FUNAI. Na década de 40 do século XX o SPI retirou vários povos indígenas de seus territórios tradicionais e os concentrou em uma única área, o posto indígena Ricardo Franco era uma dessas áreas no vale do Guaporé na Fronteira do Brasil com a Bolívia. No ano 2000 estive nos meses de maio e novembro na T.I. Guaporé, onde conheci os povos que habitavam o território. Na minha segunda ida ao referido território indígena, interagi mais com os diferentes povos, pois foi no tempo das festas de chicha de trabalho, em que as famílias se reúnem para fazer um trabalho coletivo: roçar os terreiros, pátios de chão da aldeia, ou fazer forno de torrar farinha, entre outros trabalhos. O dono do trabalho oferece a chicha para os participantes. Durante o tempo que estive lá meu contato maior foi com a família Massaká/Cassupá, que fui entrevistar por fazer parte da minha pesquisa de bacharelado em História.

Numa das minhas idas à Terra Indígena Guaporé fui levada por um Kanoé e seu filho pequeno até o roçado de uma família Massaká/Cassupá. No caminho passamos na casa de um casal de anciões. Era uma casa de palha e chão batido. A anciã estava num cantinho, puxando fios de algodão e no outro canto estava o ancião comendo peixe assado. Era de tarde e os raios do sol atravessavam a casa. Fiquei com essa imagem na minha cabeça. Quando vi a relação dos Wajuru do ato de tecer com o de escrever, me remeti imediatamente a essa imagem da anciã puxando os fios de algodão, que também

se remete ao que o parente Ailton Krenak me falou na primeira conversa que tivemos: “Não esqueça que a memória é um fio que vem dos ancestrais.”

A escrita dessa tese é uma *mboiningã*: *mbo-i-ningã* –um *escrever/tecer* com as mãos, os fios de memórias e as vivências das tradições nas aldeias e nos espaços resultantes dos seringais, é mesmo uma *escrivivência*.

Escrivivência é o conceito praticado pela escritora indígena Graça Graúna. No Caxiri da Cuia, encontro de escritores e estudantes indígenas em outubro de 2014 no auditório da ECA/USP, a autora apresentou esse conceito que é praticado por ela. Identifiquei-me na hora, pois essa tese é fruto de uma *escrivivência* que consiste basicamente na ação mútua de vivenciar e escrever. Graça Graúna também apresentou uma imagem daquilo que ela significou como memória indígena em seu livro *Flor da Mata*. Trata-se de uma ilustração de uma fogueira e pessoas em torno dela. A ilustração é acompanhada de um poema seu:

Em volta da fogueira

Memória, história

O mundo se recria

Essa fogueira pode ser uma concretização do lugar de onde são contadas as histórias, mas pode também ser uma imagem simbólica da memória, ou dos espaços da memória que podem ser recriados na ausência da fogueira concreta. Foi em torno da fogueira e de outros espaços recriados da memória que escutei muitas narrações que são partes dessa tese.

Nesse sentido, ela está dividida em três partes. Na primeira, são apresentados os contextos de produção das narrativas e em seguida o conjunto formado por elas agrupadas de acordo com os Locais das Comunidades que fazem parte dos caminhos percorridos durante a pesquisa. Na segunda, as reflexões resultantes dos diálogos entre as narrativas, vivências de campo e referências retiradas da produção teórica indígena e não indígena.

No decorrer da *escrivivência* da tese fui me tornando parte da rede de escritores intelectuais indígenas, formados por estudantes indígenas, professores indígenas, escritores e sabedores tradicionais que interagem nos espaços acadêmicos compartilhando saberes. Por meio dessa interação foi possível ter acesso a referências teóricas de perspectivas indígenas que embasaram as discussões sobre os modos de vida ligados à natureza como maneiras de ser indígena, questão que é o cerne dessa tese.

Flôrencio Vaz Filho, professor da Universidade Federal do Oeste do Pará se autoafirma Munduruku e desenvolve um trabalho de afirmação indígena na região tomando como instrumento o nheengatu, língua que era falada pelos mais velhos e que vem sendo retomada no conjunto de afirmação indígena. Seu livro em coautoria com Luciana Gonçalves Carvalho faz parte do projeto de valorização da cultura local na região do Baixo Amazonas resultado do Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (PEPCA) criado na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), por meio do qual foram realizadas pesquisas etnográficas e experiências práticas junto a diferentes grupos sociais no contexto regional.

Essa experiência de Extensão da Universidade Federal do Pará em parceria com o projeto extensionista A Hora do Xibé, um programa radiofônico homônimo, veiculado regularmente pela Rádio Rural de Santarém que se dedica à difusão de histórias, receitas, memórias e conhecimentos de indivíduos e grupos da região que resultou no livro “Isso tudo é encantado” (2013), que além de difundir as histórias contadas chama a atenção para cosmologias locais e representações emblemáticas das relações entre homens e os seres da natureza, dos trânsitos entre espaços e estados sociais diferenciados.

Os registros das narrativas que trazem as percepções indígenas e a abordagem feitos sobre as manifestações das pajelanças, as manifestações dos encantados, as sociabilidades amazônicas baseadas na oralidade e a cultura da reciprocidade por meio da “troca ritual de comida (putaua)², de trabalho (puxirum), plantas medicinais e visitas intercomunitárias (torneios de futebol e festas)” (FILHO, CARVALHO, 2013, p. 12).

Encontrar-me com “Isso tudo é encantado” (2013) que resultou de uma putua com o “Espaço Lembrado: Experiências de vidas em seringais da Amazônia” (2013), feita entre Flôrencio e eu no Caxiri na cuia, encontro de escritores indígenas em 2014, na Universidade de São Paulo, foi fundamental para embasar a tese de doutorado, pois nele encontrei os registros e as reflexões que correspondiam com a percepção das

² De acordo com a definição apresentada em “Isso tudo é encantado” (2013, p. 12), O Putaua [lê-se putáua] é uma palavra do Nheengatu muito antiga na região do baixo rio Tapajós e significa o costume de uma pessoa e/ou família doar um pouco de alimento (carne de caça, pescado ou frutos) a outra família que retribui, imediata ou posteriormente, com outra proporção de alimentos. Por meio da pesquisa etnográfica dos autores do referido livro a palavra ainda é usada no baixo rio Tapajós. Putaua, literalmente, é aquilo que se dá, um presente, que carrega consigo a obrigação da retribuição. Nesse entendido é uma troca ritual. Embora não seja usada essa palavra nas comunidades onde realizei minha pesquisa, percebi que a prática ritualística da troca se mantém. Vale lembrar que no aspecto das trocas de trabalho na produção do roçado por meio de multirão a palavra tupi kawahib Puxirum e a prática são mantidas no Uruapiara e em Nazaré, a palavra se mantém na memória, mas não é usada correntemente, mas mantém a sua prática.

narrativas que foram construídas durante a minha pesquisa e com as reflexões analíticas sobre o modo de ser indígena em contextos de desterritorialização, ou seja, em comunidades às margens de rios, igarapés e lagos da Amazônia que mantêm seus universos indígenas por meio de seus modos de vida ligados à natureza.

Outra referência indígena fundamental para as reflexões analíticas das narrativas que compõem a tese foi a percepção de Davi Kopenawa transcritas por Bruce Albert no livro “A Queda do Céu” (2015). A partir da percepção do universo indígena apresentada pelo Xamã Davi Kopenawa, foi possível relacionar o modo indígena de estabelecer as relações com o universo da natureza correspondente ao pensamento ameríndio presente em todas as narrativas que estão interligadas umas às outras, como parte desse universo de relações.

Nessa perspectiva de diálogo com intelectuais indígenas trouxe presente outros autores como Eliane Potiguara, que proporcionou pensar sobre o papel da escrita indígena em seu artigo “A tinta, a palavra na tradição oral e escrita em língua indígena” (2014), e Ailton Krenak por meio da coletânea de suas entrevistas publicadas no livro “Encontros. Ailton Krenak”(2015), assim, também as músicas do CD “Minhas raízes” com músicas que cantam a cultura da comunidade de Nazaré de onde vêm algumas narrativas que compõem a tese, e o artigo de Marivaldo Alves dos Santos “Elementos Indígenas em narrativas do quilombo Maria Ribeira – Garupá”, que apresenta recorrências de narrações sobre o homem e a onça.

Em diálogo com os intelectuais indígenas trouxe presente alguns autores não indígenas que tratam sobre a pajelança no contexto das Festas de Santo em comunidades denominadas como ribeirinhas situadas às margens dos rios na Amazônia, e uma etnografia de Araci Maria Labiak (1997) sobre a cosmologia do Povo Indígena Kanamari na troca de frutos do céu e frutos da terra entre suas entidades espirituais e os humanos durante uma festa tradicional do referido povo denominado Warapekon.

A organização da tese corresponde aos caminhos que percorri durante a pesquisa, as vivências com as tradições culturais nas comunidades, as quais me possibilitaram fazer as ligações entre elas, mesmo nos casos das que não têm contato uma com a outra. A própria tese é o percurso que construí em colaboração na costura e no tecer das tradições indígenas.

Nesse sentido, apresento ainda como introdução alguns pontos desse caminho construído, partindo do lugar de onde falo, da passagem de pesquisadora para portadora de tradições, dos primeiros pontos conceituais da escolha de um método baseado na

própria forma tradicional de observar e interpretar a natureza e demais procedimentos específicos da pesquisa tendo como foco um modo indígena de demonstrar os saberes.

De onde falo

*[...] Sem barco à velas e velas
 Eu posso ver e descer
 Nas correntezas do Madeira
 Vencer minhas fronteiras
 Falar português, espanhol, inglês
 E deixar o tupi reinar em meu sangue
 E lembrar minhas aldeias
 Minhas trilhas,
 Minhas veias
 E transformar
 Meus lares lá nos ventos e sonhar.[...]*
(letra: Túllio Nunes, Minhas raízes em cada som uma história).

Falo do lugar de quem nasceu na cidade de Porto Velho, atual capital do Estado de Rondônia, mas que na época do meu nascimento em 1973 ainda era território Federal com presença militar e espaços reservados para médicos, engenheiros e outros profissionais que faziam parte dessa elite social. Morei no bairro Triângulo, primeiro bairro da cidade atravessado pela ferrovia Madeira Mamoré, onde moravam funcionários da ferrovia e pessoas que vinham dos espaços de seringais. À parte do bairro havia a vila da Candelária, que foi criada na época da construção da ferrovia para ser habitada por seus funcionários e um condomínio, onde moravam médicos, engenheiros e outras profissionais que eram de classe alta. Nesse último eu ia às vezes, porque minha mãe fazia alguns serviços domésticos em algumas das casas, de onde tenho a lembrança de ter uma vez ficado uma manhã inteira debaixo de um pé de seringueira, brincando com as sementes de seringa que caíam. São lembranças vagas, mas que marcam a divisão social percebida pelo meu olhar de criança.

Havia também outra vila, numa parte alta ao lado dos galpões, com estrutura de oficinas inglesas que faziam parte da ferrovia. Ficava perto do antigo prédio administrativo da ferrovia, que é chamado de prédio do relógio, na parte central da

cidade. Nessa vila também moravam famílias bem-sucedidas financeiramente, para quem minha mãe também prestava serviços domésticos, na maioria das vezes lavagem de roupa, atividade desempenhada pela maior parte das mulheres que vinham dos espaços de seringais para a cidade. Essas mulheres mantinham suas famílias com a atividade denominada de “lavar roupa para fora”.

Apesar da desigualdade social marcante, estudei o jardim de infância na escolaparticular Laura Vincunã, dirigida pelas freiras salesianas, para quem minha mãe trabalhava como zeladora em outra escola administrada por elas. Por mais que estudássemos no mesmo espaço, ainda hoje eu tenho lembranças de discriminação social por parte dos filhos dos ricos. Eu tinha apenas uma colega, que era filha de uma médica para quem minha mãe prestava alguns serviços domésticos nas suas folgas do trabalho como zeladora. Naquela época a minha única colega da escola já demonstrava solidariedade, pois as outras meninas diziam que não era para ela brincar comigo porque eu era pobre e eu lembro muito bem que ela dizia com convicção que não, porque a mãe dela conhecia minha mãe e ela era minha amiga.

Guardo essas lembranças, porque elas me dizem hoje que me entendo como indígena que passei a infância e adolescência toda sentindo mais o preconceito por ser pobre, mas repensando tudo, talvez a pobreza e as feições indígenas estivessem associadas a essa discriminação social. Não me remeto a elas para criar uma narrativa de superação, mas para dizer que como a minha família muitas outras de espaços de seringais e de aldeias que, no contexto da decadência da borracha, se viram na necessidade de vir para cidade por crise econômica, por desestruturação familiar e por pressões de políticas de estado que desagregavam as comunidades e as empurravam para a cidade, onde passavam a viver em condições de exclusão. A cidade naquela época não era o melhor lugar para essas famílias viverem e ainda hoje continua não sendo.

Cresci sendo parte de uma família que veio do espaço de seringal, de uma história de apagamentos indígenas e vendo o esforço da avó e da mãe para manter o alimento de cada dia, recebendo uma ajuda ou outra dos filhos homens da minha avó. Na fase inicial de criança bem pequena, era cuidada por minha avó e todas as vezes que ela ia para o sítio onde meu tio Manel, filho dela, minha tia Mundinha e meus primos moravam, ela me levava junto. Lembro também de ter ido nessa fase de criancinha com ela para o Furo (atual Nazaré) de barco. Assim, mesmo morando na cidade tinha vivências na floresta, no rio, nos igarapés, nos lagos e nos igapós.

Uma das minhas melhores lembranças desse sítio é que íamos eu, meu tio, meu primo Bachinho, meu primo Pelado e minha prima Preta para um igapó que estava seco e só tinha lama, a gente entrava nele e ficava com lama até perto do joelho atolados e cercava os peixes nos troncos das árvores e os pegava. Outra vez, meu tio e minha tia foram para a cidade levar um dos filhos para o médico e à noite estávamos eu, minha avó, minha prima Preta e o meu primo Pelado quando uma onça ficou rodeando e esturrando em torno da casa, minha avó disse para não fazermos barulho, ficamos quietos, acabamos por adormecer e pela manhã estávamos livres da onça. Nesse sítio eu e meus primos ficávamos soltos brincando, buscávamos cacauí, que é um cacauzinho que a gente ia buscar no mato quando era sua época; ver um jacaré que tinha dentro de uma cacimba; tomar banho no igarapé e, no tempo que as baixas estavam secas, brincar no barro.

Lá em Nazaré eu não lembro o que eu fazia, sei que a minha mãe conta que uma vez quando estávamos eu, ela e minha avó e minha irmã, que era menorzinha, indo de barco para lá, eu disse que estava com sede e elas me deram um copo para pegar água do rio. Eu fiquei horas olhando para a água e elas perguntaram por que não tinha bebido da água, eu disse que estava esperando a água limpar. A água do rio Madeira é barrenta e naquele tempo, pelo visto, ainda não tinham os filtros com água nos barcos. Também era um tempo que as pessoas ainda podiam beber da água do rio, pois não tinha chegado ao nível de contaminação de hoje. Só lembro a última viagem que fiz com minha avó para Nazaré quando eu tinha dez anos de idade, que ela disse que não ia me levar mais porque eu ficava pulando n'água com meus primos.

Dessa época eu tenho uma lembrança de uma pescaria num lago com a tia Alvina, mulher de meu tio de segundo grau Manel, conhecido por Manel professor. Ela era mãe e ele pai de meus primos Timaia, Taiguara, Túlio, Teimar, Tânia e Tamires, que mais tarde formaram o grupo Minhas Raízes. Esse lago que fui pescar com minha tia Alvina tinha a água clara, era período da cheia, pois havia árvores dentro d'água, estávamos só nós duas numa canoa pequena, ficamos entre as árvores com a canoa parada para ela pescar de caniço, mas eu ficava tão animada quando via os peixes e me mexia na canoa e falava alto apontando os peixes. Nisso, ela não conseguiu pegar nenhum deles. Nessa viagem lembro que brinquei muito com minha prima Tânia e meus primos e visitei com minha avó os parentes, nós duas íamos de canoa da frente do Madeira, entrando no Furo e indo pelo lago do Peixe Boi para a casa de farinha do tio João Lobato e a tia Maria, íamos pela manhã e voltávamos no final do dia.

Era tempo de cheia e os galhos do pé de mari-mari carregados caíam sobre a água, encostávamos e tirávamos para nós, foi quando senti pela primeira vez o gostinho azedinho dessa fruta. Lá no sítio da casa de farinha, enquanto a minha avó e meus tios torravam farinha, eu e minha prima Cristina que é mais nova, mas sabia subir em árvores melhor do que eu, ficávamos brincando, subindo em árvores e comendo suas frutas. Na volta minha avó sempre colocava bastante dente de alho e os dois terçados em forma de cruz no meio da canoa, para afastar os botos³ que nos acompanhavam havendo maior quantidade deles no horário das seis horas da tarde quando passávamos na boca do Furo que se encontra com o rio Madeira. Ela fazia esse remédio para afastar os botos para me livrar deles, pois ela dizia que eles ficavam indo para perto da canoa por causa de mim. Quando eu chegava perto da boca do Furo eu tirava o remo d'água, porque uma das vezes o encostei num boto. Outra vez, tomando banho com minha prima Cristina no igarapé, tive que nadar rápido para a prancha, porque vi um boto da cor encarnada passando por perto e tive naquela época a impressão que ele veio em minha direção para morder meu pé. O boto encarnado é brabo e ataca as pessoas.

Dos dez anos em diante não voltei mais a Nazaré, mas fui com uns 12 ou 13 anos num outro sítio que o tio Manel, filho da minha avó, morava, na beira do rio Madeira, na localidade chamada São Miguel, antes de Nazaré e bem mais perto de Porto Velho, mas esse lugar onde ele morava era dele mesmo, os outros que ele havia morado nas beiras das rodovias ele só tomava de conta. Lá também tive algumas vivências de beira de rio. Com o tempo, quando fui crescendo, tive que trabalhar de forma esporádica como babá ou doméstica, atividade que realizei desde os dez anos de idade, para bancar meus estudos, tendo alguma contribuição do meu tio Antônio durante o ginásio. Mas para cursar o Magistério tive que garantir os estudos apenas com meu trabalho e dessa forma não ia mais para nenhuma das comunidades com minha avó.

Comecei a trabalhar no Conselho Indigenista Missionário por meio da indicação da minha amiga Mônica, que era secretária da Pastoral da Juventude, da qual eu também fazia parte. Eu tinha 18 anos de idade. A partir daí, iniciei minha atuação na causa indígena, ainda não me assumindo como indígena, mas como aliada e em formação e atuação no grupo de apoio aos Povos Indígenas de Rondônia. Construí minha família,

³A grafia boto indica o animal e Boto indica o encantado. Vou adotar a proposta feita no livro “Isso tudo é encantado” (2013) na grafia dos nomes dos entes (encantados). Levando em consideração a perspectiva indígena e das demais comunidades da Amazônia que apresentam uma leitura de mundo indígena. Nessa perspectiva o Boto não é o mesmo boto (animal), mas a personificação de um ser encantado. O mesmo para Cobra Grande, que não se confunde com qualquer cobra do tamanho avantajado, e para a Curupira, que é um personagem da Floresta, assim como outros seres encantados.

passei no vestibular grávida do meu segundo filho e cursei a graduação de História na Universidade Federal de Rondônia aos 22 anos de idade. Terminando o curso de licenciatura e iniciando o de Bacharelado, cursei a disciplina complementar de História Oral com a professora Fabíola, foi quando começou o caminho que me trouxe até o doutorado em História Social fazendo uma pesquisa de afirmação da minha história indígena e das comunidades às margens do Rio Madeira e Lago do Uruapeara, das quais faço parte.

Falo hoje a partir de todas essas vivências de catequizada desde criança, de jovem atuante na Pastoral da Juventude formada na linha da teologia da libertação, de atuante no grupo de apoio aos Povos Indígenas, de neta de seringueira que passou por um longo processo de afirmação e tomada de consciência indígena até chegar na afirmação Mura. Minha consciência indígena nasce de toda a minha vivência familiar e social, mas se reconstrói a partir da História Oral que possibilitou tecer junto com as comunidades que faço parte as nossas tradições.

Falo de uma Amazônia que vivencio, desde a infância e a que passei a vivenciar depois de adulta indo para Manaus e seus municípios, a capital do Pará e na Ilha do Marajó, considerada o berço da cultura milenar indígena, a parte de Mato Grosso, ainda considerada Amazônia, ao Acre, aos lugares das margens do Rio Madeira e as margens da Transamazônica, em espaços urbanos e de aldeias, no estudo, nas ações políticas, a passeio, nas visitas de parentes sanguíneos e afins. Também da experiência de ter ido à fronteira boliviana para o Fórum Social Panamazônico onde camponeses, indígenas, extrativistas, trabalhadores da cidade, mulheres, homens, jovens e adultos, juntos se colocaram a pensar e se organizar politicamente para garantia de uma Amazônia melhor de acordo com nossas perspectivas.

Essa Amazônia urbana, que constrói uma cartografia oficial em cima de territórios indígenas e invisibiliza a presença indígena na cidade, que ainda em nossos dias demole os modos de vida amazônicos para em cima construir novos espaços e modos de vida do dito modelo de desenvolvimento, que representa desestruturação e morte para quem vive ou vivia dentro do seu próprio modo sustentável. E apesar de toda política desenvolvimentista e embranquecedora, antigos e novos espaços de cultura local se mantêm como resistência.

Essa Amazônia das beiras dos rios e das florestas, que insiste em viver um modo de vida ligado à natureza e que vem sendo cada vez mais ameaçada pelo dito modelo de

desenvolvimento econômico do país, baseado na exploração predatória do ambiente e nas políticas genocidas e etnocidas contra os Povos Indígenas e populações tradicionais.

Essa Amazônia que fica em chamas de um lado e deserta do outro, e ao mesmo tempo oferece uma água fria de um igarapé para se refrescar, enquanto passa um incêndio accidental ou provocado do lado ou se desmata uma grande área para criar gado ou plantar soja ou ainda desvia-se um rio para construir hidrelétricas.

Essa Amazônia cheia de gente que canta, que luta, que sonha e faz poesia, que perde suas lideranças assassinadas e chora, fica com o nó na garganta, levanta a cabeça finca o pé no chão e não desiste de lutar pelo seu espaço de vida.

Essa Amazônia indígena e de populações tradicionais, gente do campo e da cidade que resiste diante de tantos produtos industrializados, da moda, do consumo, da violência, transmitidos pela televisão, rádio e internet e que ao mesmo tempo são instrumentos apropriados de forma alternativa fora das lógicas de mercado, como instrumentos a favor do fortalecimento político e cultural das comunidades.

Uma imagem que diz muito do meu lugar é da viagem que fiz em junho de 2014 saindo de Porto Velho/RO passando por Humaitá/AM, parando na casa dos meus tios que vêm de espaço de seringais indo pela Transamazônica para a terra indígena dos Tenharin no rio Marmelo. Após a travessia da balsa na saída de Humaitá adentrando rumo aos territórios indígenas, ver de dentro do carro junto com meus dois filhos afirmadíssimos Mura e o pai deles aliado do movimento indígena considerado parente, de um lado o sol se pondo e de outro a lua nascendo, um céu claro e ao mesmo tempo de entardecer e mais adiante ver algumas mulheres com crianças e homens Pirahã andando na lateral da rodovia, logo mais à frente ver a praia onde os Pirahã ficam no tempo do verão, pois faz parte do seu território de andança nômade, mas hoje próximo a rodovia, uma ponte e um bar. Olhei tudo de dentro do carro, me veio um pensamento que atravessou o presente, o passado e o futuro.

De dentro do carro passando pela Transamazônica, ouvindo a velocidade de um caminhão que acabava de passar, vi os Pirahã deitados na areia da praia e suas fogueiras umas apagadas outras acesas, pensei: –Alguns séculos atrás, os Mura viviam suas vidas às margens do rio Madeira. Até chegarem as frentes colonizadoras e travarem guerras com eles. Hoje vivem uns na cidade outros nas aldeias e outros integrados na sociedade não indígena. Eu sou resultado desse processo, hoje me assumo Mura, sei que meus antepassados possivelmente tiveram alguma proximidade com os Pirahã, (isso é o que dizem alguns historiadores, etnólogos e até lingüistas), mas o mais importante do que

eles dizem, essa aproximação foi sentida pelos Mura do Capanã Grande ao verem uma família que foi levada ao encontro indígena em Humaitá em 2013 e cantaram umas músicas em sua língua, os Mura presentes disseram que a senhora Pirahã lembrava suas avós e depois ficaram falando que em vez de retomarem o nheengatu poderiam tentar se aproximar dos Pirahã para aprender falar sua língua. Segundo eles haviam iniciado a retomada do nheengatu e pessoas de organizações governamentais e não governamentais disseram a eles que não era língua indígena, por isso desanimaram e ouvindo a língua dos Pirahã, pensaram que ao aprenderem vão estar recuperando uma aproximação mais reconhecidamente indígena.

Essa discussão sobre a retomada da língua se coloca entre os Mura do Itaparanã, Baiêta e Capanã Grande, eles sentem essa necessidade tanto pelo lado de busca do que foi perdido quanto pelo lado de se sentirem legitimados perante a outros indígenas e a não indígenas. Tempos depois retomei essa conversa com Joabi Mura do Itaparanã. Disse a ele que tinha tido contato com o nheengatu ensinado na USP e que tinha ouvido falar que os Mura já no século XIX haviam perdido sua língua materna e que nessa época passaram a falar o nheengatu e posteriormente aos se dispersarem e se introduzirem em espaços de Seringais deixaram de falar, mas se formos pensar na Amazônia o tupi ou o nheengatu está presente na nossa linguagem de configuração de mundo. Na forma que nomeamos e mesmo entendemos as coisas. Ele achou importante essa reflexão e demonstrou interesse em querer saber mais.

No dia em que vi os Pirahã na praia, enquanto o carro passava, só os olhei de longe e não tinha como falar com eles. Pois não sei a língua deles, não sabia como me aproximar deles, mas senti uma grande decepção ao vê-los tão vulneráveis ao contato com os não indígenas. Pensei que muitos deles podem vir a ser como eu. Sem sua língua materna ou como muitos outros que não se vêem mais como indígena, perguntei-me:– O que será deles? Tudo isso passou por minha cabeça como se o tempo tivesse parado ali. Mas não parou, o carro tinha seguido e logo vimos alguns homens e jovens Djahuy andando na lateral da rodovia, carregando suas caças.

Mais adiante, chegamos ao território dos Tenharin onde fomos recebidos como parentes. Ficamos todo o final de semana compartilhando com eles a dor que estavam sentindo por estarem com suas lideranças presas, acusadas sem nenhuma prova pelo assassinato de três homens não indígenas que viajavam pela Transamazônica no mês de dezembro de 2013. Participamos das discussões de articulação política, trocamos forças para a luta e retornamos firmes para o enfrentamento dos genocídios e etnocídios que de

alguma maneira também envolvem ações que possam vir a garantir a vida nômade dos Pirahã e o fortalecimento político dos Tenharin, Parintintin, Mura e demais povos da região.

É dessa Amazônia de vários tempos e espaços que falo.

Primeiros pontos conceituais: afirmação indígena e a discussão sobre memória e a comunidade afetiva

Parto da ideia de uma concepção subjetiva de afirmação indígena, percebida nos critérios que o movimento indígena apresentou na Primeira Conferência de Cultura em Manicoré com a temática “Produção Simbólica e Diversidade Cultural”. Nela foram considerados pelos povos indígenas critérios de definição do modo de vida indígena, sem deixar de considerar as especificidades. Definiram como elemento comum de agregação para a afirmação de ser indígena, os hábitos culturais, como as características de seminômades, pois mesmo havendo a divisão política do espaço feita pelo Estado, as comunidades indígenas e as tradicionais circulam na região de ocupação tradicional. Como no caso das pessoas que vivem no Uruapera que circulam na área correspondente ao Rio Madeira, de Manaus a Porto Velho. Circulação que era feita pelos antigos Mura e Munduruku, depois continuou se dando pelas pessoas que transitavam pelos espaços de seringais.

Outros elementos em comum de definição de ser indígena, apontados pelos Povos indígenas ligados à jurisdição de Manicoré, são as pinturas, o gosto por andar, partilhar, assar seus alimentos, comer chibé de farinha, pirão, vinhos de frutas, fazer caçadas, pescaria com flechas e a manutenção de sua tradição oral.

Essa percepção sobre as afirmações indígenas foram colocadas em diálogo com as leituras e debates realizados no grupo de pós-graduação do Necho – Núcleo de Estudos em História Oral. Para me situar dentro desse debate fez-se necessário trazer presente a discussão sobre memória individual e coletiva feita por Maurice Halbwachs (2004) e a feita por Michael Pollack (1989), sobre memória subterrânea, colocada como questão referente à memória, esquecimento.

Na reflexão sobre memória coletiva, interessa para essa pesquisa o que ela apresenta sobre a necessidade de uma comunidade afetiva, tendo em vista que: “Para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: É necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas

memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum”(HALBWACHS, 2004, p. 38-39). Mesmo que seja indispensável haver um fundamento comum na correspondência das lembranças de um indivíduo com uma coletividade, é preciso considerar as circunstâncias políticas e históricas que podem levar ao esquecimento e à não validação de uma memória reivindicada por um indivíduo diante de um coletivo ou de uma coletividade, diante da oficialização da história nacional, ou melhor dizendo diante de uma política de Estado.

Trazendo essa discussão para a especificidade dessa pesquisa é possível considerar que as colaboradoras e colaboradores formam duas comunidades afetivas diferentes, uma que corresponde ao espaço de antigos seringais e se constitui num modo de ser indígena, sem, no entanto transformar essa tomada de consciência numa retomada de identificação de um povo indígena específico; outra que fez parte desse espaço, mas realizou ou se encontra no movimento de retomada do Povo Mura. Havendo, ainda, a narrativa de Almira, que não faz parte das relações de parentesco e afinidades das pessoas que entrevistei dos antigos espaços de seringais e nem aos que retomaram a afirmação Mura, mas faz parte de espaços às margens do rio Madeira que correspondem a espaços que essas duas comunidades afetivas dizem respeito, e atualiza uma memória da presença de um grupo dos Mura não aldeados. Há também a narrativa de Barreto Mura, que não faz parte da mesma comunidade dos Mura do Itaparanã, mas traz presente uma memória política sobre o Povo Mura.

Nesse sentido, as narrativas que fazem parte desse trabalho, vistas no conjunto, contribuem com a afirmação e reconstrução de uma memória coletiva. Contudo, o passado comum que pode respaldar um indivíduo que se afirme Mura se dá não apenas por meio de uma memória transmitida oralmente pelos mais velhos. Esse passado referencial dos Mura dos séculos XVII, XVIII e XIX é tomado pelos Mura contemporâneos como um passado distante, e que em muitos casos só é possível acessar via registros históricos, pois o que chega até os Mura contemporâneos é a guerra travada com os colonizadores e do aniquilamento de seus antepassados. No século XX em espaços de seringais na Amazônia, os remanescentes Mura passaram a viver como extrativistas. Conforme as mudanças de contextos políticos, aos poucos alguns núcleos familiares onde os mais velhos mantiveram um sentido de ligação com os seus antepassados Mura, fizeram ou estão em processos das retomadas de afirmação indígena, territorial e cultural.

As pessoas das duas comunidades afetivas – as que conseguem ver sua origem indígena a partir da tomada de consciência ativada pela sua própria narração de experiências de vida num contexto da coletividade que fazem parte, e as que conseguem a partir de suas histórias de vida respaldadas numa memória coletiva se afirmarem Mura –, quando falaram de suas histórias de vida, mencionaram umas as outras, conforme suas redes de relações, para legitimar suas lembranças do tempo em que viviam num mesmo espaço físico e afetivo. Mesmo que essas pessoas não tenham se encontrado pessoalmente para uma reconhecer a lembrança da outra, esse reconhecimento foi feito dentro das narrações sobre suas experiências de vida; essa menção recíproca foi o que deu o sentido de comunidade afetiva. Mesmo que cada um tenha lembrado algum acontecimento e esquecido outros, pois o ato de esquecer é parte do exercício do lembrar, mas também pode ser provocado por uma política de apagamento da existência e da história de povos indígenas, tal como os Mura.

As narrativas presentes nessa tese se validam no debate sobre memória individual e coletiva à medida que são entendidas como singulares, porém ligadas a um sentido compartilhado por comunidades afetivas específicas, que são invisibilizadas pela política nacional: econômica, cultural, social e territorial. Nesse caso, as comunidades afetivas a que me refiro se constituem por pessoas que compartilham sentidos de modos de vida ligados à natureza e que, pela lembrança dos espaços afetivos vivenciados, pelas relações de parentescos e afinidades, por lutas políticas de afirmação indígena, compartilham um sentimento de afinidade.

Dessa maneira, as comunidades afetivas a que me refiro não abrangem a nação, tendo em vista que os fatos lembrados por essa não são colocados como memória compartilhada entre aqueles que se identificam como cidadãos, os quais por sua vez são considerados como tais a partir de critérios estabelecidos pela própria nação: “Admitamos que a história nacional seja um resumo fiel dos acontecimentos mais importantes que modificam a vida de uma nação. Ela se distingue das histórias locais, provinciais, urbanas, devido a que ela retém somente os fatos que interessam ao conjunto dos cidadãos, ou, se quisermos, aos cidadãos como membros da nação” (HALBWACHS, 2004, p. 83). A nação seria o último enquadramento de memória coletiva, mas é preciso considerar que nem todos os coletivos se sentem parte dela, nem mesmo muitos indivíduos.

Nesse diálogo com a reflexão sobre memória coletiva feito por Halbwachs é importante trazer presente o contraponto feito pela reflexão que emerge do campo de

pesquisa em História Oral, que traz à tona a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e “dominadas”, se opõe à “memória oficial”, no caso a memória nacional:

Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. (POLLACK, 1989, p. 2)

A nação é massificadora e impõe um padrão social, cultural, político, econômico e até religioso, no entanto, existe as subversões daqueles que não se deixam enquadrar no modelo imposto, portanto não são meros dominados, pois não estão agindo diante das imposições e, por isso, a existência das memórias subterrâneas que emergem nos contextos de resistências políticas resultam na criação de viabilidades de sair dos silenciamentos para disputar uma memória.

A possibilidade de retomada Mura e a tomada de consciência de origem indígena das colaboradoras e colaboradores dessa pesquisa de História Oral – Tradição Oral vem desses contextos de silenciamentos de memórias indígenas, que em alguns se mantiveram agregando novos elementos, ou mantendo-se no subterrâneo da memória, garantindo, mesmo que fragmentadas, que chegassem às gerações atuais. Como no caso do canto lembrado por Maria de Nazaré, os lembrados por Nelson Mura e o cantado na terra indígena Jauari – terra indígena Mura retomada e demarcada recentemente nos anos 2000.

Nesse movimento de trazer presente um sentido indígena para essa reflexão de memória, foi acionado a necessidade de fazer uma ruptura epistemológica com as buscas de um sentido sagrado de memória e da diferenciação entre recordação e memória nos modos de lembrar e na filosofia da antiga Grécia. Essa ruptura se deu a partir da leitura do artigo “Tempo da recordação e recordação do tempo” (MALDONATO, 2009). O motivo não se deu pela qualidade da reflexão, a qual corresponde com a relevância dos debates acadêmicos bem conceituados, foi mesmo por uma posição política de reivindicar a valorização dos conhecimentos indígenas e comunidades tradicionais como capazes de gerar reflexões no espaço acadêmico.

Meu primeiro desconforto se deu com o recuo temporal feito pelo autor para se remeter ao modo peculiar e de caráter até sagrado nas épocas de historiografia exclusiva ou predominante verbal:

[...] foi prodigioso poder da ananese a conferir à memória um fascínio tão extraordinário. A capacidade de evocar eventos do passado não podia deixar de ter um significado peculiar, de caráter até sagrado, nas épocas de historiografia exclusiva ou predominante verbal: de fato era a recordação a constituir o arquivo, único e original, daqueles contextos sociais sem escrita. (MALDONATO, 2009, p. 9)

Na discussão a memória está indissoluvelmente ligada à questão do tempo, e a referência feita pelo autor não tem problema nenhum, porque está posta no debate acadêmico feitos por muitos teóricos que discutem de forma relacionada: memória, história e esquecimento, tempo e narrativa dentre eles Paul Ricoeur, a título de exemplo dois de seus estudos: “Tempo e Narrativa” (1994) e “A memória, a história, o esquecimento” (2007) com preocupações voltadas para a escrita.

Em “Tempo e Narrativa” uma das discussões centrais é a própria condição do passado que só pode se constituir por meio dos vestígios, o que confere à narrativa histórica uma nota realista – somente a ela, mas a nenhuma outra narrativa mesmo que esta se pretenda realista, o que não impede de haver inspiração recíproca entre narrativa histórica e narrativa ficcional. Questão que pontuei na reflexão sobre a arte de narrar na minha dissertação de mestrado já mencionada, fazendo um deslocamento do campo para caracterizar as narrativas das quatro mulheres que dela fizeram parte no movimento do oral para o escrito.

Em “A memória, a história, o esquecimento”, o que se aproxima mais da forma em que as comunidades envolvidas nessa pesquisa vêm procurando se afirmar foi denominado como potencialidades mnemônicas, que são da mesma ordem que as percorridas em *Si mesmo com um outro*, e consiste na tomada de consciência do indivíduo enquanto capaz de se considerar autor de sua história, da autoconfiança mesmo na relação com outro. Do eu posso fazer, falar, contar, potencialidades que designam as aptidões do ser capaz. Possibilidades percebidas nos modos que os povos e populações amazônicas organizam suas vidas. É justamente aí que coloco a questão do porquê em História Oral buscar as mesmas referências filosóficas da antiga Grécia? Tendo em vista que para os povos indígenas lembrar é um ato sagrado e manter uma memória é condição para a existência e diferenciação do povo indígena diante da sociedade não indígena.

O problema não é buscar momentos do pensamento grego, limitando-se aos primeiros períodos da civilização helênica para fixar pontos de reflexão sobre a faculdade singular da memória está entre as propriedades fundamentais da experiência vivida, que segundo Maldonato (2009) isso possa ser o motivo a lhe dar um papel de grande fascínio entre as atividades psíquicas. Não me oponho ao que ele se propõe, ao contrário, foi necessário deparar-me com suas reflexões sobre a presentificação do passado remetendo aos resíduos homéricos e hesiódicos para dar-me conta que basta mencionar os indígenas no lugar dos Gregos para se deixar levar às origens por meio da memória, ideia expressa pelo autor ao falar do ato de presentificar o passado:

Mas “presentificar” o passado (sobretudo o caráter dinástico ou sacro) pela atuação de *mnemosyne* não era alguma coisa de valor simplesmente cognitivo, e sim que cumpria (como parecem revelar, por exemplo, os resíduos homéricos e hesiódicos) a tarefa de estabelecer um nexo de continuidade entre o mundo dos vivos e aquele dos eventos míticos, e além disso, de derrubar o diafragma entre passado e presente e romper a flecha unidirecional do tempo. Foi assim que a memória – levando o homem de volta as origens – coloriu-se de poesia, assumindo expressões épicas nos cantores e aedos. O arquivista menemônico, guardião dos mitos e dos episódios épicos, tem o privilégio de viver ao mesmo tempo no presente e no passado. (MALDONATO, 2009, p. 10)

Não vou até o fim das reflexões feitas por Maldonato (2009), que segue com a discussão sobre recordar dialogando com os filósofos gregos para depois adentrar na discussão sobre o evento científico da memória, indo para o campo psíquico. O que quero marcar é esse ponto do ato sagrado da memória que aponto no pensamento grego, que traz presente o passado que leva à origem (cosmos), que proporciona retornar ao ser, que remete ao âmbito espiritual.

O momento das narrações, que resultaram nas narrativas presentes na tese, traz essa ligação entre o mundo dos vivos e dos espíritos inter cruzados na presentificação do passado, os rituais de trazer os espíritos dos antepassados se deram pela lembrança do canto do pai velho que se acorava no quintal à noite para cantar na sua língua materna que só ele sabia, ouvida pela neta que o observava de longe e guardou como segredo em suas memória e antes que caísse no total esquecimento pega de surpresa por ela mesma, que se deu conta cantando o desconhecido canto à sobrinha/neta que o recebeu e assumiu o papel de ser sua guardiã e repassar para as outras gerações e livrá-lo do desaparecimento.

Por meio da História Oral é possível recuperar entre nós esse ritual sagrado da memória, presente nos cantos que fluem das memórias subterrâneas, nos puxiruns que renovam as relações no plantar a roça, nas ladainhas remetendo-se ao latim trazido aos antepassados por quem se chora, e nos tantos sentidos espirituais dados ao fazer do dia a dia. Nós também da História Oral temos o privilégio de viver entre o passado e presente, e no meu caso reconstruir a minha própria memória indígena inserida nas tradições, vivências com as comunidades afetivas de que faço parte.

Buscando novas categorias de análises que pudessem dialogar de forma mais correspondente às narrativas, as encontrei no grupo de escritores indígenas. É a partir daí que faço uso do termo “troca de sapatos” de Cristino Wapichana para estabelecer meu próprio corte epistemológico, colocando em primeiro plano os conceitos indígenas para pensar as narrativas e o campo de pesquisa.

Nesse exercício localizei correlações da concepção de comunidade afetiva com a de espaço afetivo feitas por Yfu Tuan no livro “Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (1980), que ao meu ver dialoga com as experiências de deslocamentos das quatro mulheres, Francisca, Glória, Ester e Izolina, da pesquisa de mestrado, e como modo de habitar os espaços que iam para além da definição de espaço de seringal.

Ainda sobre a concepção de comunidade faz se necessária nesse debate, mesmo que brevemente, a crítica da evidência de isolamento como primeira conclusão que poderia ser feita a partir da leitura de “Uma Comunidade Amazônica” de Charles Wagley (1988), mas que pode ser desconstruída ao colocá-las em questão a partir do estudo feito por Eduardo Galvão (1976), “Santos e Visagens – Um Estudo da Vida Religiosa de Itá”, a mesma comunidade estudada por Charles Wagley.

Parte da ideia de que “cada região do mundo tem produzido um tipo peculiar de comunidade humana” (WAGLEY, 1967, p. 42), para afirmar que a Amazônia apresenta características bem marcadas de região: meio ambiente, história e cultura, que marcam um tipo distinto de comunidade humana. Após situar os aspectos históricos que para ele marcam a história da Amazônia fazem a definição de comunidade amazônica.

Segundo o autor, a vida das pequenas comunidades é determinada por instituições e poderes sociais de âmbito regional, nacional e internacional. Porém, depois de fazer essa afirmação, enfatiza que mesmo que as instituições e outros aspectos culturais sejam mais definidos e mais complexos em sua organização, uma simples

comunidade não possui todas as classes sociais, todas as ocupações ou todos os partidos constituídos em uma região.

Na visão do supracitado autor, os sujeitos aparecem como submissos, sem ação. Em sua interpretação prevalece uma relação de dominação dos comerciantes e dos patrões sobre os habitantes das localidades rurais, a Igreja como uma das instituições de poder bem acentuada em Itá, determinando assim a vida desses sujeitos.

Da ideia de que “cada região do mundo tem produzido um tipo peculiar de comunidade humana”, utilizada por Wagley (Ibid, p. 42), vem o argumento central da definição de comunidade amazônica como uma comunidade isolada, determinada pelas instituições e atrasada em seu desenvolvimento econômico, concepção que reforça os discursos do determinismo geográfico, histórico e das instituições de poder, reportados para as relações de dominação e submissão, empregadas na história da colonização do Brasil, e a imaginação de uma comunidade que constitui um todo, é pequena e isolada, onde todo mundo se conhece.

Relacionando o referido conceito com o que é apresentado no estudo de Galvão em “Santos e Visagens – Um Estudo da Vida Religiosa de Itá” (1976), é possível perceber a construção de uma categoria de explicação relacional, para pensar como são estabelecidas as relações sociais e os seus sentidos pensada à partir de critérios territorial, socioeconômico e religioso, tomando a cidade de Itá como o centro e as “vizinhanças”, “sítios”, “freguesias”, como diversos aglomerados que estabelecem relações econômicas, sociais, culturais, religiosas com o centro e se sentem parte da comunidade.

Essa concepção de comunidade parte da mesma matriz de formulação de Wagley (1988), porém a escolha dos *Santos e Visagens* como categoria de explicação possibilita perceber a crença nos santos e nas visagens como um ponto em comum que dá sentido para a formação de uma comunidade, levando em conta a maneira que os formadores dessa comunidade se relacionam entre si e com as instituições, mesmo que a noção de isolamento, ou afastamento do espaço urbano apareça como condição de manutenção da tradição. Isso aparece quando o autor observa a mudança no contraste dos Festejos realizados nas freguesias e na cidade.

A crença nos santos está no campo social e a crença nas visagens no campo do natural, ou seja, ligado aos sentidos culturais construídos na relação que estabelecem com a natureza: “As crianças aprendem desde cedo a comportar-se diante das visagens para não atrair malignidade”. Essa observação do autor pode indicar que acreditar em

visagens é um aprendizado social estabelecido por uma comunidade. Os exemplos que expõem sobre as várias visagens reforçam a crença nos bichos visagentos que dominam ou controlam um setor do ambiente natural.

No conjunto da crença nas visagens, existe a crença na panema ou panemice: “uma força mágica, não materializada, que à maneira do mana dos polinésios é capaz de infectar criaturas humanas, animais ou objetos” (GALVÃO, 1976, p. 81). O autor enfatiza que a crença na panema penetra na vida privada e coletiva da comunidade por estar intimamente ligada às técnicas de subsistências e, por isso mesmo, atinge aqueles que garantem a base da alimentação, o peixe e a caça. Dessa maneira, a panema afeta o pescador e o caçador e todos os que o cercam, o caso da mulher grávida, seja de quem pescou ou caçou, ou de quem receberá a pesca ou a caça. A panema elimina as classificações de centro e subunidades, critério estabelecido pelos dois autores Wagley (1988) e Galvão (1978), pois todos, independente de serem do centro ou das localidades rurais, são atingidos pela panema. A panema torna-se um elemento fundamental para pensar as relações estabelecidas pelo grupo, internas e externas, e como a partir dessas relações pode ser entendida a comunidade. Para isso é necessário formular outra teoria de comunidade que não a defina como isolada, mas na relação com o local e o universal.

Ao situar o conceito de comunidade Amazônica e suas implicações a partir dos dois autores colocados em discussão, foi possível pensar que a categoria de comunidade exige formas de explicar as várias constituições temporais, culturais e suas coexistências, a partir de outros critérios que não sejam o isolamento geográfico, determinismo histórico, determinismos de instituições de poder, ou quaisquer outros critérios estabelecidos por eliminação e evidência, sabendo, no entanto, que a partir do momento que é feita uma classificação é cometida uma arbitrariedade. Dessa forma, esse exercício colaborou para a necessidade de fundamentar o instrumento a ser escolhido, e para entender os critérios estabelecidos colocados pelos colaboradores e colaboradoras em suas formas de organizações.

Mesmo que para os estudos recentes sobre as relações de poder haja propostas teóricas que superam as interpretações das relações de poder como algo estático – onde prevalece a condição de dominador e dominado, sem considerar as estratégias de movimentação de ambas as partes –, como a linha teórica desenvolvida por Michel Foucault no conjunto de seus estudos. Para pontuar de forma direta essa questão, remeto-me “A ordem dos Discursos”(1996), que situa a diferença de abordagem das relações estabelecidas entre os sujeitos e as instituições.

Em Foucault (1996), cada comunidade de discurso tem seu ritual e seus interditos e os sujeitos agem e transitam entre elas. Cada discurso e cada sujeito têm seu lugar, embora seja estabelecida a ordem dos discursos, o que pode ser dito e quem pode falar, os sujeitos necessariamente não estão fechados apenas a uma das comunidades de discurso. Ainda assim, antes da teoria que orienta o olhar para uma superação de visões deterministas sobre as formas de relações e organizações considerando as diferenças culturais, o ponto de partida para tecer uma interpretação dos modos de vida das pessoas envolvidas nessa pesquisa é a própria maneira que se colocam diante do mundo que fazem parte.

De pesquisadora a portadora de tradições

No dia 24 de setembro de 2015 na programação da semana Primavera de Museus: Memória Indígena: Da Pré-História ao contemporâneo, em Porto Velho, tive a oportunidade de falar sobre minha reafirmação Mura para os demais indígenas de Rondônia, estudantes do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, curso de graduação indígena oferecido pela Universidade Federal de Rondônia no campus de Ji-Paraná, e também de ouvir sobre suas pesquisas que, assim como a minha, estão tratando sobre as suas histórias correspondentes aos Povos Indígenas que cada um faz parte, de suas retomadas e reafirmações culturais.

Dentre as falas, Sebastião Arara apresentou sua pesquisa⁴ sobre a valorização da medicina tradicional, com a retomada de algumas plantas no uso dessa medicina, fez-me lembrar de como tudo começou na minha pesquisa. Sebastião Arara começou a sua fala dizendo: “A minha pesquisa começou desde quando eu era pequeno, porque eu estava sempre junto com os pajés interessados em conhecer sobre as plantas.” Fiquei pensando: – A minha pesquisa também começou desde quando eu era pequena quando eu ouvia as histórias da minha avó e estava sempre por perto dela, da irmã dela, a tia Preta que ia nos visitar e fazia um café gostoso e cheiroso e dos outros mais velhos ouvindo suas histórias.

A pesquisa do Sebastião Arara é construída na vivência com seu povo e irá servir no processo de fortalecimento da medicina tradicional do seu povo Arara. Eu quero que a minha pesquisa também sirva para as comunidades envolvidas neste trabalho.

⁴ Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Educação Intercultural da Universidade Federal de Rondônia: Plantas Medicinais utilizadas nos rituais de cura do Povo Arara – Karo (2015).

O conjunto das narrativas cumpre com a busca de reconstrução da memória indígena no rio Madeira e será tomado como base para interpretar as manifestações culturais dessas comunidades das quais faço parte, mesmo com o longo processo de desterritorializações, ainda mantém um vínculo com as tradições por meio de um fio de memória vinda dos antepassados e significadas nos contextos sociais, religiosos, culturais e econômicos que vivem atualmente.

Durante as vivências de campo aos poucos fui tornando-me portadora das tradições repassadas pelos mais velhos, e nas vivências coletivas dessas tradições fui restabelecendo minhas redes de parentescos e aprendendo as tradições.

Redimencionamentos da pesquisa

A necessidade de realizar esta pesquisa em História Oral surgiu a partir da relação estabelecida com as colaboradoras que fizeram parte da dissertação de mestrado e suas filhas. Aos poucos fui percebendo que as filhas das colaboradoras, embora vivam hoje fora dos espaços em que os valores culturais e simbólicos constituídos por uma comunidade e compartilhados em diferentes lugares de experiências. Elas atualizam uma memória desse mundo quando escutam as histórias de suas mães e ressignificam seus sentidos em suas vidas. Foi a partir dessa percepção que me propus a entrevistar as filhas das quatro mulheres que fizeram parte da pesquisa de mestrado para saber se havia um repasse das tradições entre mãe e filhas e como elas eram praticadas nos locais em que se encontram longe dos espaços lembrados por suas mães que também haviam sido vivenciados por elas.

Nessa primeira proposta o tema do projeto era “Senhoras da Amazônia: Mulheres Guardiãs da Tradição Oral de uma comunidade afetiva”, que corresponde às experiências nos espaços amazônicos atualizadas nas memórias das *mulheres da Amazônia*. Essas experiências estão ligadas às atividades de corte de seringa, coleta de castanha, plantação de roça e demais atividades de autossustentação, educação dos filhos, modos de fazer, experiências na floresta e nos rios, a luta pelos seus territórios culturais. Muitas vezes, sem a presença do homem na figura paterna, na qual a referência de toda uma geração pode ser uma mulher mais velha, a *mãe velha* respeitada por toda a família. A presença das mulheres nesses espaços está marcada no trabalho com a seringa, na coleta da castanha, no trabalho coletivo ou de familiares das roças e nas

festas, ao mesmo tempo, que se perfumavam e encantavam, também sabiam fazer uso da dureza quando era necessário diante dos homens, para se defenderem e garantirem a obrigação destes diante de suas famílias.

As representações de como essas mulheres se vêem também são registradas por Lígia Simonian, ao constatar por meio das falas das mulheres que, ao se referirem às experiências do passado, elas reforçam a concepção de que o trabalho no seringal é trabalho para fortes, conforme a fala de uma das suas colaboradoras: “Naquele tempo as mulheres não eram fracas, nós não podíamos ficar só em volta da casa, nós trabalhávamos na borracha. Não havia tarefa que nós não pudessemos executar.” (SIMONIAN, 2001, p.90).

A *Amazônia* foi pensada como parte do tema do projeto como delimitação da especificidade dos modos de ser dessas mulheres, elas são da Amazônia, nasceram e se constituíram no espaço amazônico. Elas fazem parte do modo de ser das indígenas, seringueiras, extrativistas, habitantes das margens dos rios, das matas e das cidades, mas não se delimitam a um espaço, as diferentes experiências na Amazônia possibilitaram trocas culturais. Desde essa primeira delimitação da pesquisa, houve o entendimento de que a *Amazônia* é mais que espaço geográfico, reportando-se às imagens construídas pelas pessoas que a vivenciam na relação entre homens e mulheres em contextos interétnicos, entre parentes e afins, entre humanos e animais, florestas e rios. E mesmo que a temática fosse *Mulheres guardiãs de tradições*, havia a compreensão de que há homens que foram elos entre a memória de suas mães indígenas e repassaram para outras gerações os modos de ser indígena por meio da tradição oral e que poderiam fazer parte da pesquisa.

Da delimitação feita na proposta inicial da tese se manteve o recorte sobre a Tradição oral de uma comunidade afetiva. Por *Tradição Oral*, entendem-se as histórias contadas pelos mais velhos e recontadas por seus ouvintes, vivências, memórias transmitidas por várias gerações. A Tradição Oral é uma das variações da História Oral que requer uma condução ou procedimentos próprios, pois trata das dimensões de percepções próprias das comunidades que “têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas por referências ao passado remoto” (MEIHY 2005, p. 166). *Comunidade afetiva*⁵: conforme foi percebido nas narrativas das colaboradoras que fizeram parte da

⁵Por meio das referências teóricas que apresentei em minha dissertação de mestrado “O Espaço Lembrado: Experiências de vida em seringais da Amazônia” (2012), publicada pela editora da Universidade Federal do Amazonas, constatei que, na sociologia, há conceitos de comunidade que correspondem a diferentes

dissertação: *O Espaço Lembrado: Experiências de Vida em Seringais da Amazônia* (2010) e nas observações de campo na pesquisa para o doutorado, há comunidades afetivas atualizadas pela memória estabelecida pelos elos afetivos entre os que contam suas experiências de vida. Essa comunidade afetiva está ligada por meio das lembranças sobre os lugares de experiências compartilhados por essas pessoas que se mantêm vivas em suas memórias e também por aqueles que habitam esses espaços atualmente e o significam com suas práticas culturais coletivas.

Ainda na dissertação percebi por meio das experiências de vida narradas pelas colaboradoras, que o mundo vivenciado por elas é atualizado e passa a fazer parte da memória familiar e aquelas lembranças dos trabalhos na roça, nas Festas dos Santos, nas ladainhas, ainda são praticadas. Essa constatação se deu também no decorrer da pesquisa de doutorado, por meio da realização das entrevistas, nas idas e vindas para a realização das conferências das narrativas e nas visitas mantidas no dia a dia que me envolveram na intimidade e afetividade das famílias.

Quando fui pela primeira vez ao Uruapeara e participei de um puxirum (mutirão na língua tupi-kawahib) entendi, por exemplo, porque Izolina disse em sua narração que era muito bom trabalhar, pois ela estava falando de outro trabalho, não era do trabalho individualizado, mas o coletivo entre parentes e afins.

Nesse sentido, as quatro colaboradoras que comporam a base para a dissertação de mestrado, são tomadas como portadoras de tradição cultural de uma determinada comunidade e de suas próprias famílias e que suas filhas, filhos, netas e netos mesmo estando inseridos em outros tempos e mundos mantêm um elo com essa tradição cultural.

Assim, num primeiro momento a proposta da tese de doutorado foi partir das quatro narrativas que fizeram parte da dissertação, para ampliar a rede de entrevistas que possibilitasse compreender a transição de gerações e tradições, como e em que casos essas tradições são significadas e me voltar para os redimensionamentos das narrativas no contexto de seus mundos simbólicos. No entanto, ao vivenciar o campo de pesquisa retornando à comunidade de Nazaré, indo até ao Uruapeara, a Humaitá, ao encontrar-me com os Mura em processo de retomada de afirmação indígena, territorial e

linhas de pensamentos, dentre eles a desenvolvida por Marx Weber (1991), Maurice Halbwachs (2004) e Zygmunt Bauman (2003). Os dois primeiros compreendem o sentimento subjetivo de fazer parte de um grupo como critério constituidor de uma comunidade afetiva. O terceiro discute a impossibilidade desses laços afetivos na sociedade moderna, o que torna o sentir-se em comunidade uma busca constante. Essas concepções permitem uma compreensão subjetiva das autodefinições dos que se sentem parte de certa comunidade, escapando dos determinismos.

cultural, vi que na passagem das tradições, embora haja um referencial às mulheres, a afirmação indígena vem sendo retomada pela memória repassada por mulheres e por homens.

Diante dos desdobramentos da pesquisa, a hipótese formulada veio das questões colocadas diante do movimento de retomada indígena de algumas comunidades e o apagamento das referências indígenas em outras.

Tendo em vista que há registros históricos que o rio Madeira foi território disputado pelos Mura e Munduruku e além deles havia outros povos indígenas no trecho de Manicoré/AM à Porto Velho, para onde foram esses indígenas? Será que nessas comunidades não há remanescentes desses povos? Havendo, será que eles mantêm ou não seus modos de viver indígenas? Como isso pode ser demonstrado? Por que diante dos projetos desenvolvimentistas que não consideram os modos de vida dessas comunidades elas se mantêm as margens dos rios e na floresta? São essas questões que procuro responder no decorrer da escrita dessa tese.

Na retomada Mura no Itaparanã, quem guardou os fragmentos dos cantos do pai e a memória da mãe indígena foi o cacique Nelson Mura, que vem repassando para toda a sua família. No Uruapeara quem é apontado como indígena é meu bisavô que nasceu de uma relação da sua mãe com o patrão dela, no espaço urbano na cidade do Pará, isto é caso comum das mulheres indígenas que passam a trabalhar como criadas em casas de famílias brancas e são forçadas a se submeter às vontades de seu patrão.

Depois de nascido, meu bisavô foi criado por uma mulher portuguesa, ele se envolveu com a filha do patrão da mãe portuguesa e foi salvo da morte por ela, que o despachou num barco dentro de um tambor até o Uruapeara. A memória da sua origem indígena veio a ser afirmada pela sua neta Maria de Nazaré, que guardou a imagem do avô e o fragmento de um canto indígena. Em Nazaré, a memória dos fazeres tradicionais das avós, filhas do pai velho, foram relembra das nas narrações, mas a referência à origem indígena foi retomada por um bisneto, irmão da Maria de Nazaré.

É possível perceber no restabelecimento do meu parentesco com as comunidades que retornei ou que passei a fazer parte, que o fio da memória é tecido por mulheres e homens mais velhos e reafirmados pelas novas gerações destes, sendo assim, o tema *Tecendo tradições indígenas* corresponde mais com as vivências compartilhadas no decorrer da pesquisa.

Desse ponto de partida, iniciei os trabalhos de campo procurando dar conta das hipóteses levantadas por meio da História Oral, na perspectiva do estudo da tradição

tomada como possibilidade de fazer vir ou não à tona a história indígena, presente no subterrâneo da memória da minha família materna e das comunidades. Vivenciei no dia a dia as tradições ao compartilhar seus modos de vida que não estão restritos apenas à minha família, mas àquelas que retomaram ou encontram-se em processo de retomada Mura, com as quais também estabeleci relações de parentescos e lutas políticas.

Minha afirmação desde o primeiro momento não foi contestada pelos Mura e no encontro que tive com mais de três comunidades Mura fui aceita no movimento. Numa reunião que participei em 2013, entre os Mura do Itaparanã, Baiêta, Capanã Grande, onde cada um contou suas histórias familiares mencionando os lugares que haviam habitado. Eles confirmaram que o lugar Três Casas, antigo seringal, de onde vem minha família paterna, além dos Parintintin que habitavam nas proximidades desse seringal, também havia uma aldeia Mura nessa localidade. Essa confirmação se deu pelas lembranças da infância de uma das lideranças indígenas presentes na reunião que disse que ia para lá com seu pai visitar seus parentes.

Por trabalhar com a perspectiva de História Oral—tradição oral, senti a necessidade de permanecer junto às comunidades para vivenciar os modos de vida e não apenas fazer o trabalho de entrevistas e retorno para o momento da conferência das narrativas. Estando nas comunidades restabeleci e me descobri em novas relações de parentescos que levaram a ver por meio dessas relações as formas como são repassadas as tradições. Minha base foi Porto Velho onde nasci e construí minha vida.

De Porto Velho me desloquei para Nazaré, Humaitá, Uruapera e para novas redes de parentescos indígenas com os Mura do Itaparanã e no final do trabalho de campo em julho de 2015 fui até a aldeia Mura Bom Intento, que faz parte da terra indígena Jaurí que foi retomada em tempos recentes. Nessa comunidade não fiz entrevistas, apenas fui junto com Lucas Mura, vivenciar algumas trocas de experiências, dentre elas a pintura de jenipapo, cantos e danças que compartilhamos com eles e a caça de marrecos do outro lado do rio Madeira na madrugada e em tardes de convívio familiar na beira do Madeira à sombra das árvores.

Ao me deparar em campo com tantas pistas que me levam para as referências indígenas, resolvi segui-las. Essas pistas levaram-me para a reconstrução de uma memória indígena, mas essa memória não está baseada na legitimação do Estado, ela está nas maneiras que as pessoas em seus lugares de vivência constituem seus mundos e a si mesma a partir de seus próprios critérios, sejam materiais ou simbólicos. É assim que se justifica a presença das narrativas da família Mura nessa pesquisa e o viés de

construção da memória de ocupação indígena no rio Madeira. Dessa maneira, as conceituações apresentadas nesta pesquisa serão baseadas nas concepções percebidas nas narrativas e na vivência de campo.

A primeira coisa que fiz após ter ingressado no doutorado foi ir ao Uruapera, lugar de origem da minha avó, foi lá que senti que tanta coisa dela tinha ficado em mim, no meu olhar, no meu modo de ser. Nas conversas com os mais velhos, as imagens dela, do pai e da mãe foram reconstruídas. Fui em busca de mais elementos que remontassem à origem indígena do meu bisavô. Aos poucos fui notando modos e fazeres que também são partes das maneiras de viver na aldeia.

Foi pelas experiências vivenciadas em campo que refiz a rede de entrevistados. Antes iria entrevistar apenas as pessoas ligadas às mulheres mais velhas que tivessem relação de parentesco entre si, mas em campo notei que as redes de relações de tradições percorrem toda a comunidade e vão para além de ser mais velho, ou mais novo, de ser homem ou mulher. Passei a entrevistar conforme as pessoas eram apontadas por alguém da comunidade como um portador de saberes repassados pelos mais velhos.

Corpus documental

Para a elaboração do corpus documental, composto pelas narrativas resultantes das entrevistas, tomei como ponto de partida os passos do processo de História Oral apresentados por José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabiola Holanda (2007, p. 29), sem no entanto, primeiro restabelecer minhas relações de parentescos para depois iniciar os trabalhos de entrevistas.

Para começar a entrevista, solicitava que falassem de suas experiências de vida, algumas vezes pediam para explicar melhor. Procurava explicar que eram as coisas que elas vivenciavam, que lembravam e o que achavam importante em suas vidas. Ficavam um pouco inseguras quando eu pedia para começarem por onde quisessem, queriam que eu desse um começo para elas, mas eu não abri mão de que elas estabelecessem seus próprios inícios de suas narrações. Depois me colocava a ouvir e a corresponder com seus olhares e gestos quando procuravam em mim alguma segurança para continuarem falando.

Depois de ouvir as pessoas sem interrompê-las, perguntava a elas sobre suas identificações, para os mais velhos que conheceram meu bisavô, perguntava sobre o que lembravam sobre ele, para saber se sua origem indígena era reafirmada por eles. Os dois

mais velhos lá do Uruapeara para quem perguntei sobre meu bisavô, apontaram-no como indígena a partir do seu comportamento, da língua indígena que falava e das feições físicas. Senti que perguntar diretamente a eles sobre suas origens gerava desconforto e os levava a não reconhecerem suas origens indígenas. De imediato se remetiam a descendências paraenses, nordestinas e a portuguesa que aparece de forma remota.

Em Nazaré, me dei conta que em algumas entrevistas quando em vez de eu perguntar de que origem eram, perguntava de onde achavam que vinham as práticas culturais que eles mencionavam em suas narrativas a resposta vinha de forma diferente, pois olhavam para sua própria experiência narrada e nela conseguiam ver suas origens indígenas, nem sempre com tanta segurança, mas só de dizerem que acham que são indígenas, é o início da saída do apagamento.

Com os Mura do Itaparanã não foi necessário perguntar suas origens, pois suas narrativas foram tomadas por eles como instrumento de reafirmação indígena e reivindicação da demarcação de sua terra.

No caso da entrevista da Almira ela apresenta-se dentro dos contextos de referência européia, mas acaba por se ver como parte das comunidades da beira do rio Madeira e apontar suas origens indígenas vindas de seus pais, afirmando mais do lado paterno do que materno.

A entrevista com o Barreto Mura foi a reafirmação política da afirmação indígena não só de sua comunidade como das outras áreas de retomada Mura.

As narrativas não estão apenas no âmbito da experiência de vida, mas também no das tradições vivenciadas pela comunidade de onde elas vêm. O processo de suas construções partiu da concepção de que:

A tradição oral trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas. Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a favorecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento é um dos segredos da tradição oral. Parente da etnografia, a boa resolução da pesquisa em tradição oral implica minuciosa descrição do cotidiano e de suas inversões. [...] (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 40)

Partindo dessa concepção, vi a necessidade de apresentar o contexto da realização das entrevistas que resultaram nas narrativas transcritas e as reflexões advindas das anotações de campo em diálogo com essas narrativas.

Das quatro narrativas que foram ponto de partida para o desdobramento da pesquisa no doutorado em História Social, apenas duas, a de Francisca Nunes Maciel e a

de Izolina Nunes Maciel, foram retomadas. A partir delas, foi formada a rede de entrevistados que correspondem aos espaços e *comunidade afetiva* que elas faziam parte.

As duas narrativas retomadas do mestrado foram interpretadas de forma interligada ao conjunto das quatro narrativas da dissertação, identificando as vivências em comum no espaço de seringal, as festas, o trabalho e os pontos que marcam suas singularidades.

A abordagem das narrativas se deu no viés simbólico e existencial dialogando com uma poética das imagens do espaço afetivo, buscando nas próprias narrativas a significação que as colaboradoras deram para as relações que fizeram parte nos espaços de seringais entre seringalistas e seringueiros.

Uma das questões que perpassaram na dissertação foi a construção de outro olhar sobre as pessoas que vivenciaram os espaços de seringais ou mesmo o espaço amazônico, podendo contribuir para que fossem vistas por meio das quatro mulheres, pessoas corajosas, lutadoras, sonhadoras, resistentes, construtoras de suas próprias histórias, caminhos, experiências e memórias. Ao contrário de imagens construídas sobre as pessoas do mundo amazônico que de forma determinista as definiram como preguiçosas, ingênuas, com pensamentos infantis, submissas e trapos de gente.

Foi a partir dos fragmentos das relações das famílias do espaço do seringal com as do espaço da aldeia e das histórias sobre o mais velhos, de modo específico sobre o pai de Francisca e Izolina, encontradas em suas narrativas, que passei a querer saber mais sobre de onde vieram essas famílias e a buscar as peças que pudessem reconstituir a história indígena da minha família.

Na tese de doutorado, as narrativas de Francisca e Izolina vão ser interpretadas no conjunto de novas narrativas, dessa vez tratando diretamente da história, memória e experiências que se remetem para as origens indígenas entendidas no contexto dos modos de vida. As duas narrativas serão entrelaçadas com as outras no processo interpretativo das percepções de mundo apresentadas. Lembrando que, ao ir ao lugar de origem das duas, foi possível relacionar suas lembranças com o que se vivencia nesse lugar, percebendo as formas que as tradições culturais vão sendo significadas na relação do que foi com o que está sendo e com o que poderá ser.

No Uruapeara só vim realizar as entrevistas na minha terceira estada na comunidade, nas duas primeiras permanências, participei das atividades cotidianas, como ir ao roçado, lavar roupa e louças no igarapé, ir para as ladainhas, visitar os

parentes e conhecidos, pescar, ajudar a tratar os peixes, comer os diferentes preparos alimentares, ouvir histórias que explicam algum fenômeno ou surgimento de algo, ou causos engraçados.

Na terceira viagem fiz as entrevistas. Pra mim foi difícil fazê-las, pois senti que no momento que convidava as pessoas para serem entrevistadas havia uma quebra na dinâmica da nossa interação, elas ficavam tímidas, principalmente as mulheres que achavam que não tinham nada para contar, indicando seus maridos por verem suas atividades como mais importantes.

Para entrevistar as mulheres foi mais demorado, mesmo tendo estabelecido uma relação de confiabilidade com elas, ia dormir em suas casas ou passar o dia, ficava o tempo todo as ajudando nos afazeres domésticos quando elas permitiam, quando não, só as acompanhava e na parte final da tarde ou da noite conseguia entrevistá-las. Uma delas tinha tantos afazeres domésticos que eu tive que assumir a limpeza da casa para ela poder ter um tempo para eu entrevistá-la, o que para mim foi importante, pois assim, pude retribuir a atenção, as comidas preparadas com gosto, o cuidado que tinham comigo e o tempo que tomei delas para a gravação das entrevistas.

No caso dos homens era só combinar o horário pela tarde ou noite, que eles depois de seus trabalhos já se preparavam para a entrevista. Um casal com quem fiquei a maior parte das vezes hospedada não quis me dar entrevista. A recusa não foi por falta de confiabilidade, foi por eles não se sentirem portadores das tradições, eles indicaram os mais velhos, quando argumentei que suas experiências também eram importantes, me falaram que eu já tinha feito tudo junto com eles e não precisavam explicar mais nada e o que eu não soubesse, ainda, era só dizer que iriam me levar para fazer ou ver junto com eles. Eu mesma me senti incomodada em fazer entrevistas, pois eu acabava por concordar com o casal que não quis ser entrevistado, ainda assim, as fiz e depois do primeiro momento de constrangimento de ambas as partes, as narrações fluíam e eu, por fim, me convencia que não podia abrir mão de construir esse corpus documental em colaboração.

As 28 narrativas construídas em colaboração compõem o corpus documental central dessa pesquisa que passaram por todo o processo de construção textual. Entrevista, textualização e transcrição são procedimentos próprios do Núcleo de Estudos em História Oral/USP. Também fiz uso dos registros de caderno de campo na composição das narrativas, principalmente a de Nilce, pois a viagem realizada com ela ao Uruapeara em que se deu seu retorno para o lugar de origem há mais de 30 anos

afastada. Voltamos ao lugar em que morava sua avó, na Traíra I em que ela à medida que percorria os lugares ia lembrando do tempo da infância, da imagem da avó, das tias, das primas e primos, momentos que vivenciamos juntas e foram anotadas no caderno de campo e posteriormente foram incluídos na transcrição da narrativa.

A inclusão de registros de campo também se deu nas costuras com as reflexões por meio da inserção das gravações de conversas sobre práticas culturais e da anotação de algumas narrações que fazem parte da tradição oral, as quais não estão no conjunto das 28 narrativas, mas foram importantes para o tecer das tradições.

No processo de construção das narrativas em que se dá a passagem do oral para a escrita, apesar de todo o esforço empenhado pelos oralistas em transpor a relação pesquisador e objeto de pesquisa e todo trabalho em colaboração, de ouvir, de gravar, de transcrever tal qual foi falado, de textualizar e transcrever de forma criativa trazendo para o texto a inventividade, os dizeres, os gestos, os olhares, os suspiros. Em seguida, retornando, lendo o texto para as colaboradoras e colaboradores, momento que chamamos de conferência.

Na realização dos procedimentos de construção textual, muita coisa da riqueza da oralidade se perde na escrita, mas por fim temos um texto aprovado pelas pessoas que se colocam a narrar. Ao ouvir a leitura de seus textos com atenção, podem repensar o que disseram. Ao vivermos juntos cada palavra vertida no papel, nos emocionamos.

Durante a conferência das narrativas algumas pessoas sentiram a necessidade de falar sobre a experiência da inundação de 2014, causadas pela intervenção das hidrelétricas no Rio Madeira, sendo dessa forma feitas alterações para que as referidas experiências fossem incluídas, conforme autorização das pessoas.

Método

O método seguido na realização da pesquisa foi o tradicional. A observação do movimento da água é importante para saber distinguir os seres que emergem do fundo dos rios e igarapés, ou as marcas deixadas no chão e no mato pelos animais para identificá-los, ou ainda a percepção do tempo para saber se vai chover. Esses movimentos de observações são relevantes para a pesquisa que se propõe a reconstruir a memória de ocupação indígena no Rio Madeira. Foi preciso estabelecer as redes de parentescos e afinidades, observar, participar, ouvir, contar de si, para perceber os fragmentos de memórias e reafirmar coletivamente um modo de ser indígena.

O método tradicional advindo da própria vivência das comunidades foi adotado na realização das interpretações do corpus documental formado pelas mesmas, dialogando com as vivências registradas no caderno de campo e também por meio da leitura crítica dos registros históricos e antropológicos que tratam dos povos indígenas que ocuparam o Rio Madeira.

I PARTE

NARRATIVAS

As tuas palavras misturadas com as minhas lembram um rio.

(Gabi Amádio)

e o Lago Capanã para situar a Terra Indígena Capanã Grande, por ter sido iniciada em 2013 uma articulação política entre Terra Indígena Itaparanã, Capanã Grande e Baiêta. Não está marcada a aldeia Baiêta, mas é possível situá-la mais para fora no Rio Madeira na região onde se encontra o Lago Uruapeara, distrito de Auxiliadora e o Lago Jauari.

Na região do Capanã Grande há várias retomadas de terras indígenas formadas por Mura e Munduruku. Segundo as lideranças das aldeias que se encontram nessa região, é uma área de disputa para plano de manejo⁷, o que dificulta a demarcação dos territórios indígenas. Na reunião de articulação política em 22 de setembro de 2013⁸ com a presença de 14 lideranças Mura e Munduruku, foram mencionadas seis aldeias: Igarapé Grande, Ariramba, Capanã Grande, Montes Claro, Guariba II e Palmeira. Dessas apenas duas estão com decreto de demarcação.

De acordo com as informações passadas pelo Núcleo de Educação Escolar indígena do Município de Manicoré, por meio de articulação indígena, foi possível demarcar 5 Terras Indígenas Mura de Manicoré, Pinatuba, Ariramba, Garrota, terra indígena Lago do Jauari, Terra Indígena Capanã. Seus decretos de demarcação estão no Diário Oficial da União, mas ainda assim, segundo as lideranças, essas terras sofrem pressão de invasão.

O Rio Jamari foi marcado, porque é um ponto que na cartografia do Curt Nimuendajú é situado como parte do antigo território Mura, assim como o local onde se encontra a cidade de Porto Velho. Maricoré, além de ser a área em que se encontram as retomadas de terras indígenas Mura e Munduruku, também foi destacado porque é bastante presente nas narrativas, motivo que me levou a ir conhecer o lugar e estabelecer redes de contato com os Mura de lá, onde entrevistei Barreto Mura.

Há algumas localidades que não foram destacadas, mas que são mencionadas nas narrativas, como Tapauá e Canutama, a primeira, onde vivem os filhos do primeiro casamento de seu Nelson Mura, e a segunda, que é bastante citada nas narrativas Mura. Além delas, há Apuí, que fica nas proximidades do território do povo indígena Tenharin, região de conflitos e de enfrentamento direto dos não indígenas com os indígenas.

⁷**Plano de Manejo** é como um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos de gerais de uma Unidade de Conservação, se estabelecem o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o **manejo** dos recursos.

⁸ Reunião realizada numa noite após as atividades do encontro “Morogita/Kagwiva do Brasil” de articulação dos Povos Indígenas do Noroeste de Mato Grosso, Rondônia e Sul do Amazonas/Setembro de 2013/Humaitá/AM.

Contextualização e as narrativas

A apresentação das narrativas segue, na medida do possível, a composição de núcleos familiares e afins de cada comunidade, no entanto, foge à regra a narrativa de Almira, que, apesar de não fazer parte de nenhuma das comunidades afetivas em que se interligam os núcleos a essa rede de pessoas entrevistadas, traz uma importante contribuição com seu olhar de quem está fora, mas que também vivenciou todos os espaços às margens do rio Madeira. A sequência das narrativas não indica uma linearidade temporal das histórias. Em vez de o texto apresentar em seu início as narrativas vindas do Uruapera, começa com as narrativas das pessoas que se deslocaram para Porto Velho e se situam subjetivamente nos espaços que vivenciaram no decorrer de suas experiências de deslocamentos geográficos. Assim, o movimento ao mesmo tempo em que se entrelaça subjetivamente na lembrança dos espaços vivenciados, também pode ganhar sentido de retorno ao lugar de origem, ou o caminho para um processo de afirmação indígena.

O conjunto de narrativas que advêm do espaço de seringal significado pelas famílias que circulam entre o Uruapera, Humaitá, Nazaré e Porto Velho começa de trás para frente, parte do último ponto de deslocamento para o ponto de onde vieram. Depois são apresentadas as narrativas das famílias que estão no processo de afirmação Mura, de reivindicação de território e retomada cultural e política. Tendo a do Barreto Mura que não faz parte do núcleo familiar das famílias do Itaparanã, mas enquanto parte do movimento indígena de Manicoré e sendo de uma terra indígena retomada e demarcada, sua narrativa fortalece politicamente os demais Mura e até mesmo os modos de ser indígena das comunidades que não fizeram o processo de afirmação indígena enquanto parte de um povo Indígena específico.

Assim são apresentadas três narrativas de Porto Velho, sete de Nazaré, dez do Uruapera, três de Humaitá/famílias advindas dos espaços de seringal às margens do rio Madeira, três de Humaitá/famílias Mura ligadas ao Itaparanã - área de reivindicação de demarcação de terra Mura; e uma de Porto Velho/Calama/Rio Madeira.

1. PORTO VELHO DE UMA COMUNIDADE VINDA DO SERINGAL

Porto Velho, em outros tempos, era de frente para o rio Madeira, atual capital de Rondônia, hoje localiza-se de costas para o rio com a intervenção de duas hidrelétricas. Espaço de chegada das famílias desagregadas por políticas econômicas nacionais; da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, construída para a exportação da borracha que entrou em decadência logo após a sua conclusão; da construção das hidrelétricas para exportação de energia elétrica e construção de hidrovias para exportação de soja; de outros interesses políticos e econômicos, à custa da desestruturação das comunidades constituídas às margens do rio.

Em Porto Velho/RO vivem famílias que vieram do Uruapeara entre as décadas de 50 e 60, passando por Humaitá/AM, por via fluvial, para espaços de seringais às margens do rio Madeira no Estado de Rondônia, como Cuniã, Boa Hora e Nazaré, e após a decadência se obrigaram a se deslocar para Porto Velho. Além delas, ressalva-se que há também famílias vindas do Uruapeara que foram primeiro para Humaitá e posteriormente para Porto Velho, sem passar pelas comunidades de espaços de seringais de Rondônia. Algumas famílias têm casa em Porto Velho e mantêm seus vínculos com o Uruapeara, circulando entre Porto Velho, Humaitá e o Uruapeara. Outras mantêm somente as lembranças do lugar de origem, sem nunca mais ter voltado.

Voltando à narrativa de Francisca

Reler a narrativa de Francisca é trazê-la mais uma vez para sua comunidade afetiva e revisitar cada lugar vivenciado por ela. Depois que a entrevistei pela primeira vez em 2002, ainda tive a oportunidade de ver seu sorriso, sentir seu abraço, olhar em seus olhos e ver seu amor por mim, ser amada e amar por cinco anos, considerando os conflitos existentes em toda relação. Ela era forte, afetuosa, mas também sabia ser dura. Era a única pessoa que me fazia chorar quando me ralhava quando estava braba comigo, isso eu já sendo mãe de dois filhos. Muitas vezes ela se chateou comigo por eu insistir em dar seus remédios e dar seus banhos, mas não era sempre, os momentos em que ela se deixou ser cuidada e trocou afetividades foram muito mais numerosos e preencheram minha vida.

Francisca, minha avó materna, que me criou e me mostrou o mundo da floresta e dos rios, faleceu dia 15 de agosto de 2007. Após um ano buscando fôlego para continuar

a vida resolvi fazer o mestrado de Sociedade e Cultura na Amazônia, na Universidade Federal do Amazonas, em Manaus, na cidade que ela sempre quis ter conhecido. Trabalhei sua entrevista para o mestrado e a tomei como ponto de partida para a formação da rede de entrevistas com as outras três mulheres.

Retorno à sua narrativa para relacioná-la às demais que fazem parte dos seus espaços vivenciados. Sua narrativa tem muito a contribuir para a compreensão das redes de parentescos, bem como para perceber as recorrências entre sua narrativa e as outras advindas do espaço de seringal, das lembranças sobre os lugares vivenciados, os modos de vida, o testemunho da presença de povos indígenas às margens do Rio Madeira, do lago Uruapera e do rio Ipixuna, ainda não aldeados e que eram vistos como ameaça pelos seringueiros.

Francisca é irmã por parte de mãe e pai de Izolina, é mãe de Nilce, tia materna de Maria de Nazaré, tia-avó das filhas de Maria de Nazaré, e mantinha ligação familiar com João Lobato por ter sido casado com sua sobrinha Maria de Nazaré. Era também tia-avó do Timaia, pois seu pai era seu sobrinho, irmão de Maria de Nazaré, ambos eram filhos da irmã de Francisca, conhecida como Preta, mas seu nome era Maria Emereciana Maciel Nunes.

A relação de parentesco com Maria Luíza, que se tornou Parintintin por ter casado com um deles, não é mencionada por Francisca, mas Maria Luíza significa a relação de parentesco entre elas dizendo que era filha do sobrinho materno da sua mãe Adelaide, a qual é apontada por Maria Luíza como uma tia afetuosa. É Maria Luíza Parintintin quem vai dizer que a família materna de Francisca, os Nunes, são Tapuia, essa afirmação se dá possivelmente a partir do olhar que ela construiu tendo uma vivência indígena mais direta estabelecida após seu casamento com um Parintintin, mas se sustenta na referência que ela faz baseada na avó materna: *Antes de eu vim morar com os indígenas eu era da família dos Nunes, porque foi essa família que me criou. A minha descendência vinda da família dos Nunes era Tapuia, porque a minha avó Antônia, dizia que a descendência deles era Tapuia, porque eles eram morenos...*

Judite é sobrinha do marido de Francisca, o Manel Carmelino. O marido de Judite, seu Manel Benigno, também tem vínculo de afinidade com Francisca por seus pais serem contemporâneos e terem estabelecido essa relação e com isso seus filhos – dentre eles o Orildo que é casado com Vanderléia – mantêm vínculo com os filhos de Francisca, dentre eles a Nilce que retornou ao lugar.

Maria Duarte é irmã por parte de pai de Francisca, Cila é enteada, Antônio está ligado a ela por afinidade e também é primo por parte de pai de um dos seus sobrinhos, o Manel Maciel, filho da sua irmã Maria Mereciana. A figura de Manel Maciel é apontada pela comunidade de Nazaré como importante por ter sido liderança religiosa e cultural, mantendo a ligação das tradições do Uruapeara com Nazaré.

As relações de Francisca com as demais pessoas entrevistadas no Uruapeara podem ser entendidas como parentescos por afinidade.

Nelson, Joabi, Ester, Barreto, todos Mura, fazem parte de outra rede de entrevistados, assim também Almira, que não está ligada nem à rede de Francisca nem às do Mura, mas se destaca por representar um ponto de vista de fora das duas comunidades afetivas.

1.1 FRANCISCA

Francisca Nunes Maciel, também chamada de Chiquinha pelos irmãos e conhecidos, nasceu no dia 9 de abril de 1918, no Estado do Amazonas, no Uruapeara. Faleceu no dia 15 de agosto de 2007, em Porto Velho, Rondônia.

Conversar com ela era fazê-la atualizar seu tempo.

Minha vida é ficar andando pra cima e pra baixo, de casa em casa...

Tenho medo de ficar sozinha em casa...

Ah! Não consigo falar da minha vida. Eu nem me lembro bem.

Perguntei do meu filho mais novo como estava minha casa. Eu não sei o que ele fala.

- Tem que limpar o quintal. Ele disse que está cerrado... Vou resolver ir lá.

A vida velha tem que ficar velha mesmo... A minha é. A gente pode viver bem, mas se não for na casa da gente não é a mesma coisa, como era de primeiro, quando eu vivia em casa e fazia minhas coisinhas. Estou cansada de ficar morando na casa de um e de outro. Tá certo que são meus filhos, mas o que eu quero é ir para minha casa.

Quando fico quieta estou pensando nas coisas que eu já vivi. Lembro da minha mãe e do meu filho, o Deco, os dois já morreram. O Deco era um filho muito

bom pra mim, quando eu estou assim sozinha lembro deles dois e da minha casa. É por isso que, às vezes, me bate uma vontade de chorar.

Minha vida é essa mesma... Andar assim pra um lado e pra outro...

Foi só essa mesma a minha vida. Já se passaram muitas coisas... Eu nem me lembro de nada... Só o que estava contando agora. Ainda me lembro das coisas que acontecem de um dia para outro. Como dizia a mamãe: “O que passou o vento já levou!”.

Me lembro só de algumas coisas. Lembro da minha mãe. Ela era de lá mesmo do Amazonas. O pai dela é que era cearense. A mãe dela era amazonense. Era daí mesmo do Amazonas. Minha mãe é irmã do Chico Nunes e do Manel Nunes. É tia do Antônio Nunes... Raimundo Nunes... Sabá Nunes. Toda essa gente!

Meu pai era de Santarém. Minha mãe era daí mesmo do Amazonas. Depois de meu pai já estar meio velho ainda deu uma viagem em Santarém. O Deco foi junto, ele ainda era menino, tinha uns dez para onze anos. Meu pai me chamou pra ir junto com ele, mas a gente quando é besta, é besta mesmo! Ele queria por força que eu fosse conhecer a terra dele aonde ele já tinha morado. Eu não fui, estava com o dinheiro e eu não quis ir. Nesse tempo eu era matuta. Os meus filhos Manel e o Deco sempre iam com meu pai em Santarém e Manaus. Sempre era assim, eu não ia porque a mamãe ficava sozinha quando eles viajavam e eu não deixava ela ficar sozinha.

Uma viagem que o Manel, meu marido, foi pra Manaus com o compadre Joaquim mais o seu Tanagildo eles disseram que se eu fosse iam me buscar. Eu disse não! Quando me lembro disso, acho graça. Quando chegaram de Manaus... Lá ainda ficaram mangando da minha tia. Tinha começado a aparecer a televisão. Diz que ela tava numa cadeira de balanço assistindo televisão e eles começaram a mangar. Eles estavam falando pra mim, aí eu disse: Ao menos ela já tem... Cadê que nós temos? Minha tia morava lá em Santarém, mas vieram embora tudinho aí pra Manaus. Essa viagem que eles foram pra Manaus, ela já morava lá. O Manel, meu marido, foi e conheceu ela lá. Ainda andou uma filha dela aqui por Porto Velho, aí pelo Triângulo com a Raimunda, minha sobrinha, filha da Tiliana. Quando a Raimunda foi para Manaus elas vieram juntas. Ela passou bem uns oito dias aí no Triângulo. Minha tia mandou dizer que era pra mim ir. Eu tá que vou! Eu vou sim! Tá ficando é besta! É besta mesmo!

Eu não quis viajar nenhuma das vezes que me chamaram. Se eu tivesse ido agora eu conhecia Santarém. Tinha medo de andar assim longe em barco. Tinha medo não sei do quê. A modo que já ia afundar o barco. Tudo eu tinha medo.

Só viajava de barco quando era perto, a primeira vez que fiz uma viagem pra longe foi quando nós saímos aqui pra uma viagem pro Cuniã. Nós viemos de motor fretado que o Manel, meu marido, fretou do Adalberto. Antes de a gente fazer essa viagem pro Cuniã, ele deu uma viagem pra fazer uma defumação pro Nanam, que era patrão dele, aí nessa viagem conheceu o irmão dele. Então que ele viu o compadre Benedito... Porque desde que se separaram eles não tinham mais se visto. Todos os dois foram criados por padre, mas depois eles foram mandados embora pelos padres, aí o Manel foi morar com a mãe dele e ficou por aí mesmo e o irmão dele ficou longe dele. Eles eram quatro irmãos, dois homens e duas mulheres. A mãe deles deu os dois filhos homens, ele e o irmão, para os padres criarem em Manicoré.

Uma vez quando o Manel e o irmão dele ainda moravam em Manicoré com os padres... estavam limpando a Nossa Senhora das Dores porque ia ter um Festejo. Eles tinham que limpar as luminárias que ficavam, assim, ao redor da igreja e não estavam limpando. Ao invés de irem limpar as luminárias, estavam arpuando pra cima... Um arpuava... Outro arpuava... E quando foi numa das vezes o outro menino que era do tamanho dele arpuou e ele já tinha pegado o arpão e quando o menino foi se abaixando, o Manel pegou o arpão dele, arpuou e pegou bem entre o pescoço e o ombro do menino. Ele contava essa história e chorava. O menino era colega dele, também criado com os padres. Foi nesse tempo que o padre mandou o Manel e o irmão dele embora.

O menino não morreu na hora, mas depois ele morreu. O Manel sempre me contava essa história. Ele chorava porque era colega dele e eram tudo cria dos padres. Quando ele tava chorando, eu falava pra ele: - Essas coisas acontecem. Porque sempre acontece um caso desses. Aí foi quando ele veio embora com a mãe dele e com o padrinho dele.

Eu conheci um padre! Aquele padre! O padre Cunha foi quem me batizou e batizou os meus nove irmãos. O único dos meus irmãos que ele não batizou foi aqueles que eram mais crianças. O Raimundo, o primeiro dos meus irmãos que morreu depois de grande, não foi batizado por ele, mas tirando ele, nós tudinho foi ele quem batizou. Esse Deco, meu filho também, ainda, foi ele quem batizou. O

padre estava velho e doente. Ele ficava sentado no meio das crianças lá onde a gente morava, depois ele foi embora pra Manicoré e morreu pra lá.

Esse padre morava em frente do Uruapeara e de lá vinha fazer as obrigações dele de padre. Quando ele morreu apareceu outro padre. Agora, aquele, não sei de que terra veio. Ele sempre vinha e passava no Comercial, lugar que ficava no Uruapeara, no Amazonas, onde nós moramos um tempo. Depois nós saímos tudo de lá, viemos embora pra cá pro Cuniã em Rondônia. Eu não sei se ele ainda anda lá. Quem batizou essa Nilce, minha filha, foi esse padre novo, foi só a Nilce que ele batizou. Não, o Edson também foi batizado por ele.

Uma vez quando fomos pro Bom Futuro mandar batizar as crianças, chegou lá, ele não queria batizar o Edson não, ele disse que não ia batizar, porque eu não era casada com o Manel. E aí ele e os outros... Todos que foram levados para serem batizados, não foram batizados. Aí ele prometeu que vinha no Comercial e quando chegasse aí era pra gente casar. Todos os pais dos filhos que não eram casados tinham que casar. Aí eu ainda me pus com burriedade com ele. Ele perguntou por que nós não éramos casados. Aí eu respondi: - Porque ninguém quis casar. Aí ele disse: - Mas eu vou batizar as crianças. Vão me buscar pra fazer casar os que estão amasiados e batizar as crianças que estão pagãs. Lá foram buscar ele lá em Bom Futuro. E aí quando ele chegou lá ele fez o nosso casamento e de uma porção que era amasiado, amigado.

Uma viagem, esse padre que substituiu o padre Cunha, ainda, teve aí no Furo que hoje chamam de Nazaré, aqui já em Rondônia. Eu reconheci ele na igreja, ele me olhava, mas não me falou nada... Era o batizado de uma menina, filha do Chico Borracha e eu fui madrinha dela. Eu digo que ele me conheceu, mas não falou nada. Depois disso, ele esteve aí em São Carlos... Aí, de lá que ele foi embora, se ele ainda não morreu, deve tá pra morrer, porque já estava meio velho.

Lá no Comercial tá tudo caído... O armazém... Só estava bom o barracão. No ano que eu fui lá porque a mamãe estava doente, ainda, estava tudo bom. A igreja, o barracão, o armazém. Quando nós chegamos pra buscar a mamãe não tinha mais ninguém lá. Estava tudo cerrado, chega dá tristeza lembrar disso. Tinha um pavilhão grande onde, ainda, tinha um rapaz que morava. Lá nesse lugar nós ainda moramos, foi um tempo que teve uma enchente grande, que a nossa casa foi pro fundo. Lá o assoalho era bem alto, mas ficou, assim, com obra de seis palmos pra chegar ao

assoalho. Ainda passamos lá a enchente. Depois de lá que nós fomos lá pro Baixo, lá onde o patrão do Manel mandou tomar conta do sernambi, onde tem o seringal.

De lá que nós viemos embora para o Cuniã. Ele deu essa viagem aqui pra cima. Chegou aí, encontrou com o compadre. Quando eles se separaram ele ainda era rapazinho novo. Que quando ele chegou de lá ele veio conversando: - Nós vamos embora daqui. Eu estava gestante da Nilce nesse tempo. Aí eu perguntei: - Nós vamos embora daqui pra onde? - Lá pra onde meu irmão está. Quantos anos nós não se via, aí me disseram que ele mora lá no Conta. Lá, nós fomos lá. E agora ele quer que eu vá morar pra lá.

Eu não lembrava do compadre Benedito, não, Então... Passamos ainda a enchente lá no Comercial... Eu tive ainda a Nilce... Interei o resguardo, aí que ele fretou o motor pra nós ir. E quando nós chegamos lá no Cuniã, o compadre Benedito foi logo lá a bordo... Onde nós estava. Já era meio escuro e tinha uns bichos que fazia u! u! u!... E o Biró, que tinha levado a gente, dizia: - Ah!... Agora é que vocês não vêm a mãe de vocês mais. E eu dizia: - Tu é besta que é!

E eu chorava, a Tereza, minha nora, também chorava... O diabo da Raimunda Mota, minha sobrinha, é que não chorava. Não demora o compadre apareceu lá a bordo... Eu nem conhecia ele... Aí ele já perguntando pro Manel como tinha sido a viagem e já começou a conversar comigo: - Olha agora nós somos tudo da família. Nós vamos viver aqui... A casa de vocês é ali em cima que eu já mandei fazer. Já mandei limpar as estradas tudo que é pros meninos cortarem.

O Deco já tinha ficado pra roçar essa estrada junto com eles. E aí quando nós chegamos lá os bichos, que eu não sei o que era... Sei que era um bicho que faz: u! u! u! Fazia a gente querer voltar. E eu chorava e a Tereza chorava.

Ah! Aqueles... Todos eles... Tanto o compadre Benedito como a comadre Adelina, eram muito bons. A comadre estava gestante do Manelito. Estava buchuda! Depois de nós estarmos lá que ela teve ele. A comadre... Aquilo era tão boa com a gente! Ela era gitinha! Ela se dava bem com a gente!

Depois de um tempo que a gente vivia lá, o compadre inventou de vir aqui pra Porto Velho. Ele tinha arrendado um lugar aí... Umas estradas que ficavam abaixo de Porto Velho. Lá nós vinha pra esse lugar, mas eu não gostei muito de ter que ir pra mais longe, aí disse: - Eu não vou. Vou é nada! Pra lá que não vejo mais minha mãe mesmo! Lá! Quando foi um dia o compadre ia passando pra roça, lá por perto de casa, e eu estava lá reclamando, e ele ouvindo, aí ele disse: - Eu já tenho é

vergonha dessas mulheres, reclamam demais. Ninguém vai mais pra lá não... Nós vamos ficar aqui embaixo, já arrumei outro lugar pra nós morar, pra nós sair daqui do Cuniã. Lá nós saímos.

Depois o Manel arrumou um lugar em frente de Porto Velho, onde o Miranda morava também por lá. Sei que nós ficamos lá até quando ele morreu... Depois que ele morreu foi que nós viemos pra Porto Velho. O Antônio, meu filho, arrumou um lugar no Triângulo e aí foi buscar nós.

Eu sei que eram muito boas aquelas gentes... O compadre Benedito e a comadre Adelina, os filhos deles, Joca, Valdo. Esse Valdo ainda mora lá nesse lugar pra onde a gente foi depois que saímos do Cuniã. Outro dia foi uma filha do Lúcio, uma branquinha e magrinha, lá na casa do Antônio, meu filho, lá perto da casa dele também mora a filha do compadre Benedito, a mais criança. Das filhas do compadre Benedito tem também a Nena e a Regina. Agora a Regina mora ainda aí pra baixo, em Nazaré. Ela veio um tempo desses me visitar. Lá nós conversando, eu perguntei pra ela: - Não tá caindo mais pra lá? Aí ela disse: - Hum... Tá caindo é tudo, até lá pro Timista tá caindo. Aí eu perguntei: - Vocês não têm medo, não? Ela pegou a rir e disse: - Não, nós já vem embora pra cá.

A Regina quando nós chegamos lá no Cuniã era pequena. Enjoada! Passava o dia lá em casa, ela e o Valdo, e por causa de beber água não tinha outra. O pote lá de casa ficava suspenso numa tábua que o Manel arrumou assim suspensa na parede, aí ela não alcançava e, por isso, de vez em quando ela falava: - Eu queria um tiquim d'água. Eu queria um tiquim d'água. Quando foi um dia eu peguei um balde e taquei água na cara dela. Depois eu me pus a rir...

Eu me dei bem com aquele pessoal. O compadre sempre foi muito bom pra gente. Agora... Quando o Manel morreu... Que, às vezes, as crianças estavam com fome, era ele que nós valia. A Nilce ainda estava menina e, quando via chegando, dizia: - Ah!... Nós vamos já comer!

- Por que então Nilce?

- Lá vem o titio com o paneirino lá na popa... Aquilo é comida que ele vem trazer pra nós.

-Podia contar que era mesmo!

Ele chegava perguntando: - Já comeram?

- Eu não... Tu veio trazer comida pra nós?

Ah!... Mas depois que ele morreu que ficou ruim.

Ele morreu aqui em Porto Velho. Quem levou ele pra casa dele foi o Edson, meu filho. Ele se virou até que conseguiu fretar uma vuadeira pra levar ele.

Depois o Edson contava e chorava da morte dele. Eles vinham andando lá onde seu Arlindo, um conhecido nosso que morava lá pra cima por perto da Catedral, que quando chegaram em frente ao cemitério, diz que deu aquilo nele, uma bilura, começou a se sentir mal, lá ele se sentou e começaram a abanar ele... Lá passou e saíram e quando eles já vinham voltando ele desmaiou de novo. Ele foi levar o compadre Rui pra escolher pano pro enxoval dele... Que quando ele entrou pra escolher a fazenda ele caiu. O coitado caiu. Aí seu Adelson chamou o filho dele: - Rui, o teu pai caiu. Vai ver o que deu nele. Tava perto do pronto-socorro. Foram para o hospital, mas quando chegaram lá ele já estava era morto.

Lá a Tiliana, minha irmã, chegou lá em casa de noite. Ela chegou lá e disse: - O compadre Benedito já vem ali na vuadeira. Aí eu perguntei: - Porque que eles vêm de vuadeira? Ele comprou muita coisa?

- Que nada, é que ele já vem é morto.

- Mentira!

-O Edson é que ficou lá se virando pra arrumar uma embarcação que quisessem trazer ele. E são eles que já vêm ali.

E a Mundinha, minha nora, que era filha dele, já estava casada com o Manel, meu filho.

- Mas é verdade mesmo, Tiliana?

- É sim.

E o Manel, meu filho, não estava... Lá eu avisei o Deco, aí ele disse: - Eu vou já lá com eles.

Cheguei lá na casa da Mundinha, ela estava dormindo. Eu chamei: - Mundinha.

- Senhora.

- Te arruma vamos embora à casa do teu pai que ele morreu.

Sei que ela ainda levou na brincadeira... Nem...

-Tá brincando? Ele morreu sim. Vamos já lá. O Deco já vem com a canoa pra gente embarcar, vamos logo! Larga de coisa é que é! Aí ela pegou a filha dela, era a primeira filha que ela tava criando, a que morreu. Eu nem sei como era o nome dela, ela já estava com um ano, quando apareceu uma corubagem nela que ela

acabou morrendo... O Manel nem em casa tava quando isso aconteceu. Não teve remédio, morreu a menina... Ninguém sabe o que era.

E lá nós fomos... Chegamos lá, eles ainda estavam subindo com o corpo. Subimos com eles. E eu dizendo pro Deco: - Deco... Nós não vamos chegar lá na hora junto com o corpo. Deixa subirem primeiro. Eu tô vendo o alarme que vai ter lá. Eu não gosto dessas coisas. Também choro logo. Lá fomos. O Deco viu que já iam subindo com o corpo e chamou pra nós ir. Mesmo assim eu estava pensando se a gente ia chegar antes deles: - Será que até tu chegar... Já chegaram com ele lá?

- Já.

Chegamos lá... Eles ainda não tinham chegado dentro de casa, aí eu disse: - Ah!... Deco... Ainda não chegaram. Deixa eles chegarem. Tô vendo o alarme que vai ser. Chegamos, aí já estavam agasalhando ele lá e... Nem... Ninguém chorando. Tudo lá olhando. Aí eu pensei só comigo: - Ah!... Parece que já choraram. Choraram? Não choraram foi nada.

Nesse tempo nós morava lá na ilha. Lá embaixo... Onde o Miranda morava. Do outro lado do rio. E o compadre morava bem em frente. E eu querendo que subissem logo com o corpo porque não queria ver o alarme. Cheguei lá ninguém chorando... Tudo calado. Eu digo: - Ah!Meu Deus!

Ah... Depois que o compadre morreu que ficou ruim.

Ele foi sepultado perto da sepultura do Manel, meu marido.

No sétimo dia do Manel... Quando nós fomos velar ele, tinha uma luzinha, assim, diz ele. Eu nunca vi aquela luz. Diz ele que era luz. Uma luzinha diz que azul bem no lado onde ficava o pé dele. O compadre tava lá olhando aí: - Comadre, olha aí essa luz bem perto do pé do Manel.

- Que luz então?

Pois eu tava bem, assim, pertinho e não enxergava!

- Você não está enxergando?

- Eu não tô enxergando nada não.

- Tá bem aí.

Eu não enxerguei de jeito nenhum!

- Quando eu morrer eu quero minha sepultura bem aqui perto do meu irmão, a dele aqui e a minha do lado.

Não demorou... O Manel morreu em maio, dia três de maio, e o compadre Benedito morreu dia três de agosto. Sepultaram ele bem lá perto do Manel, como ele queria.

Sei que depois que ele morreu não prestou. Antes disso teve os tempos bons. Tinham os Festejos de Sete de Setembro, que festejavam nossa Senhora de Nazaré. Tinha procissão, missa de noite, missa de dia. A procissão era de tarde. Ixe! Era muito bonito!

Agora, lá onde o compadre Dico morava que era bonito! Teve um ano que nós voltamos lá. Tinha... Lacreiro... Lacreiro... Cada enorme de grosso. Fiquei olhando... E pensei: Poxa vida! Como era ali... Tava tudo abandonado. Diz o Antônio que agora é que está mesmo. Não tem mais ninguém lá. Nessa viagem que eu fui buscar a mamãe, quando o barco foi passando lá... Fiquei olhando... A gente não vê ninguém.

Na festa da igreja tinha a procissão assim de tarde... De manhã tinha missa. Ainda mais quando ia padre fazer o Festejo. No Festejo da igreja era só o Festejo da santa mesmo. A imagem dela era grande. Eu estava me lembrando uma noite dessas daquela santa. Eu queria saber pra onde foi que levaram aquela Santa. Dessa vez que eu fui lá, a igreja tava caindo. O armazém já tinha caído. Só estava o barracão.

O barracão era onde os homens trabalhavam com o Sabá Vieira. No barracão morava o patrão com a família dele. A novena era encostada ao barracão... A igreja era entre o barracão e o armazém.

No ano que eu fui só eu... Que eu fui daí do Bom Futuro pra lá, para o Uruapeara, com o Manel Vieira, o Sabá Vieira ainda estava casado. Diz o Antônio que os filhos dele já estão cada rapaizão. Lá chegou lá... Aí logo ele: - Olha, eu arrumei outra mulher! E eu tratava a mulher dele de Flor. Aí eu disse para ele: - Mentira que ainda é a Flor... Pois certo, eu não estou reconhecendo ela! -Teus meninos já tão tudo assim... Ela teve só dois filhos.

A procissão e a missa eram feitas pela igreja. Quando queriam dançar, iam para a escola. As festas pra dançar eram na escola. Uma vez esse Manel, meu marido, num quase caía numa fogueira que tinham feito! Fizeram uma fogueira e eles estavam lá pulando e quase que o Manel caía no fogo. Era uma fogueira pequena, eles tinham feito essa fogueira pra alumiar o arraial.

A gente também fazia fogueira de santo. Mês de Junho... Olha! A gente faz festa de Santo Antônio... Fogueira de São João e fogueira de São Pedro. E ainda tem

uma já no final do mês de Junho... É a de São Marçal... A fogueira de São Marçal é feita só de paneiro velho...Aquele galhadazinha de pau assim. Lá sempre teve essas coisas.

A fogueira mesmo a gente faz com todo tipo de pau.Agora a de São Marçal no final de Junho a gente faz só, assim, com paneiro velho e galho. Mas, a primeirinha é a de Santo Antônio, dia 12 de Junho, a segunda é de São João e a última é de São Pedro. Tudo isso, a gente festejava. No ano que nós viemos pra cá já de muda, nós ainda fomos num Festejo de São Marçal. Quem era o sabedor dessas coisas era o Manel, ele sabia dizer por que a fogueira de São Marçal era diferente da fogueira dos outros santos.

O pessoal de lá moravam tudo em localidades próximas e em tempo de Festejo todo mundo ia. Hoje em dia ninguém vive mais por lá. Um tempo aí quea Nilce estava doente nós ainda viemos trazer ela em São Carlos com o Deco. Nós paramos ainda lá na casa da comadre Adelina, ela ainda morava abaixo daí de São Carlos. Nós paramos lá e ficamos um dia. Aquele gente ainda era viva... Depois que morreram tudo.

Um tempo aí eu fui lá ao INSS e encontrei com o Zé Maria, um conhecido lá do Uruapeara. Eu ia saindo e me encontrei com ele. Ele foi falar comigo e disse: - A senhora é parente daqueles Chungo? Eu digo: - Sou.

- Porque eles disseram que são seus parentes. A senhora não é a dona Francisca Nunes, mulher do seu Carmelino?

- É... Sou eu mesmo!

- Olha, dona, aquele povoado ali antes de chegar ao hospital de Base são todos os seus parentes, mas é a carreira todinha!

Diz ele que é só a família. Ele disse que se eu quisesse ir lá, ele me levava. Mas nunca mais falei com ele. A madrinha da Nilce também mora pra lá. Aquele comadre também era muito boa. Se ainda me encontrar com eles por aí eu vou levar a Nilce lá com ela. Diz o Zé Maria que ela ainda é solteira... Não casou. Só quem casou mesmo foi a Mariana, irmã dela. Eles dizem que são meus parentes e a mamãe dizia que são. O velho Manel Cunha que era primo dela era o pai deles. Esse tal de velho Brega que era pai do velho Manel Chungo e era irmão do primo da mamãe. Eles eram parentes bem chegados.

Então, uma vez nós num fomos numa festa no Bahia! O papai inventou de ir lá à casa dos nossos parentes. No Festejo de São Pedro. Ele trabalhou um tempo pra

lá pro Bahia e conheceu eles tudo pra lá. Eles ainda vieram lá em casa. Lá o papai disse: - Esse ano nós vamos lá ao Festejo de São Pedro. Lá no Bahia. Na casa da tia Chiquinha. Chiquinha é a velha que era tia da mamãe. Lá quando foi na hora de ir, eu disse: - Ah! Eu não gosto de ir pra onde eu não conheço. Aí falou com o compadre Vafrido. Lá combinaram pra nós ir pra festa, aí nós fomos. Fomos aí por dentro do igarapé... Lá nós cruzamos pro outro lado. Chegamos no dia do Festejo. Chegamos lá... Ave Maria! Era mas quem queria conhecer nós tudo. Os parentes, ah! Mas trataram tão bem de nós. Dois deles já conheciam nós, o Binho mais o Doca. Mas, os outros não conheciam não. E aí apresentou nós tudinho pra eles lá... Deusulivre! Acabou o Festejo nós viemos embora.

Eu estava dizendo... Pra esses meninos... Meus netos. Não sei como o papai levava a gente em festa era muito longe. Então, me perguntaram se ele gostava de festa? - Gostava sim. Ele levava a gente em festa era muito longe. Lá pelo Madeira... Lá pelo Bahia.

Com as graçinhas deles, eles falaram: - Então ele era aceso por causa de festa!

Eu digo: - Não... Não por ele ser aceso não... Mas ele gostava de levar a gente na festa. E nós se juntava com a Ester que gostava de festa... O compadre Vafrido com a Raimunda, toda essa gente, e ia pras festas. Essas festas que a gente ia era festa mesmo de dançar... Essas coisas de comida e bebida. Faziam aquelas mesadas de coisas pra comer. Matavam um monte de porco.

Tinha festa que era para comemorar São Pedro. O pessoal fazia fogueira e quem quisesse passar fogueira passava. Aí todo mundo virava compadre e comadre. Eu não faço fogueira porque não fazem mais hoje em dia como faziam antes. Não acreditam nessas coisas. Se não, por mim, eu fazia fogueira, de Santo Antônio, de São João... Ainda mais São João! Que a gente tem que tirar cinza para fazer remédio... A mamãe tirava cinza pra botar, assim, no canto da casa, pra livrar de doença... Quem sabe esse ano eu faço uma fogueira.

O tipo de música que a gente dançava naquele tempo era forró, era valsa, era essa mazuca. Era tudo diferente de hoje. Hoje em dia, ainda, dançam forró. A gente dançava tudo, xote, tudo. O Manel gostava de dançar valsa. A mazuca também dança com par.

Então... Essa gente era sem-vergonha, gostavam de ficar mangando dos outros. Nós fomos já numa festa na casa do Amadeu Silva. Chegamos lá ninguém

sabia dançar mazuca nem valsa. Aí o Manel foi tirar a Glória que sabia. Depois, tocaram a valsa e o Nanam, patrão do meu marido, foi me tirar pra dançar, Ah!... Deusulivre! Chegaram em viagem, diz que era a maior coisa era o Manel, meu filho, era o Capucho, meu enteado, quem era o outro? Eles eram em três que se agarravam já pra dançar valsa e mazuca. Eu digo: - Vocês não sabem. Só sabem dançar pulando. Eles mangavam do jeito da gente dançar. Eu dizia que eles não sabiam: - Vocês não sabem mesmo. Só sabem pular. Nas festas só tinha nós, eu e a Glória, que sabia dançar valsa e mazuca. Quando não era eu, era a Glória. Eu e ela que dançava com o Manel, o Nanam e o Valdo.

Ora! Nós dançava mesmo! O pessoal tudo dançava. Mas, valsa e mazuca era eu e a Glória. As meninas novas de hoje não sabem dançar essas coisas.

O velho... Marido da Glória morreu. Quando o Miranda morreu... Nós ainda morávamos lá na ilha.

Hoje nem tem mais a ilha onde a gente morava... Tá tão feio lá aquela ilha... Caiu... Caiu... Que só tem aquele bolãozão. Quando a Maria do Pedro, a mulher do meu irmão, adoeceu um tempo, ele foi com ela lá na dona Preta. A Maria gerou um bicho. Eu não fui nem olhar aquele bicho fui foi nada! Essa gente que foi. A Fermina e a Sabá. Eu não fui. Enterraram bem lá na ilha mesmo. Diz que era tão feio que Deus me livre! Então, a Maria ficou doente, ficou toda amarelona. Levaram ela pra fazer uma consulta com a dona Preta... Aí diz que os mestres lá falaram que aquela ilha ia cair tudo, ainda mais lá onde a gente morava. Que lá do lado de cima ia cair tudo aquela ilha, no lugar que a Maria com o Pedro moravam. Que aquele bicho que a Maria teve ia virar uma serpente. Ah! Mas, eu tinha medo! Mais que depressa nós já arrumamos as coisas pra ir embora. Ainda bem que o Antônio se virou e arrumou casa pra nós aí no Triângulo. Nós viemos embora foi daí. E caiu mesmo... Caiu tudo... Caía cada rebolão de terra.

Diz a menina que veio me visitar... Que até por lá caiu tudo. Eu digo: - Então, não é só o bicho não que derrubou, é que tinha de cair mesmo. Eu sei que eu não fui olhar esse bicho não. Diz que era tão feio. E disso a Maria morreu.

Outro lugar que nós vivemos antes da ilha era lá no Comercial. Lá tinha muita gente, era povoado, mas agora está tudo abandonado. No tempo que eu fui lá buscar a mamãe nós passamos lá e não tinha mais ninguém por lá. Ali era muito bom! Lá tinha um lago que esse tempo agora ficava cheio. A gente metia, o remo ficava cobrindo o remo. Mas é grande o lago! Se a gente empurrasse o remo ia

atéé... Tinha cada monstra da arraia! Essa gente matava era muito pirarucu ali, tem vez que eu me lembro tanto dali. Lá era tão farto! Tinha vez de o Manel matar de três pirarucu!

Hoje em dia morreram tudo aquele pessoal. Morreu seu Tanagildo em Humaitá, morreu Crizováno, morreu o compadre Joaquim. Quando foi ano trazado, em 2000, morreu o Epaminondas que era o primeiro filho do Tanagildo.

Quando meu pai morreu... Eu não vi não... Nós já estávamos morando aqui pra ilha. Ele morreu no Uruapeara. Tava tendo um jogo lá pro Bom Ceará. Lá eu não sei quem veio lá do Furo e contou que o papai tinha morrido e a mamãe vinha subindo e ficou doente. O Adalberto veio de lá do Uruapeara e me disse que a mamãe tinha ficado muito doente e o papai tinha morrido. Àquela hora mesmo eu mandei chamar o Manel, meu marido, mandei avisar o Capucho, meu enteado, e disse pra ele me deixar lá em casa. Aí foram me deixar... Fiquei só eu lá, ele estava pro centro, quando ele chegou, eu disse que queria ver a mamãe. Aí ele disse: - Quero ver é dinheiro pra tu ir.

- Eu... Não preciso do teu dinheiro. Eu tenho fé em Deus que eu vou!

O Manel, meu filho, viajava com o compadre Azevedo, aí quando ele passou por lá por onde eu morava, passou rés à beira e gritou: - Mamãe, nós não para aí hoje, mas amanhã quando nós passar de volta eu paro. Lá quando eles chegaram... Eu já tava arrumada. Aí quando eles baixaram, eu já tava arrumada, eu, a Nilce e o Benedito, eles já estavam tudo arrumado. Aí o Manel falou: - O Roxinho não vai. Ele chamava Roxinho pro Edson. - O Roxinho não vai, ele fica tratando dos pintos das galinhas.

- Mas eu vou.

- Eu quero ver é dinheiro.

Eu digo: - Eu não tô precisando de dinheiro não.

E nisso o João subiu pra ir comprar macaxeira. Chegou e perguntou se tinha macaxeira. Aí eu disse: - Tem macaxeira sim, espera um pouco que eu vou tirar. Lá eu perguntei pra ele até onde ele ia e quanto que era a passagem até o Uruapeara. Ele disse: - Eu vou até no Luzinho. Por quê? Eu digo: - Porque eu queria ir até o Uruapeara ver a mamãe que está muito doente e eu queria ver ela.

- Então a gente vai. A senhora vai com a gente. Nós ainda vamos entrar lá no Machado. Mas, nós vamos lhe deixar lá perto, ou lá dentro se o motor puder entrar.

- Pode, de dia pode.

- Então, a gente deixa a Raimunda aí na boca e vai no motor. Ainda vou lá no Luzinho.

E o Manel me xingando.

- Quero ver dinheiro.

- Eu não me interesso pelo teu dinheiro. Aí eu perguntei o preço da passagem e ele disse que era quinhentos, mas pra mim não custava nada. Puxa vida! Chega eu subi lá em cima!

Eu digo: - A minha bagagem tá toda arrumada já.

- Cadê a sua bagagem?

- Tá aí no quarto.

- Bote pra cá que eu vou mandar o Manel botar pra bordo.

Lá botei maleta, botei a bolsa que eu já tinha arrumado, arrumei a Nilce e o Benedito... A comida já tava pronta, botei numa lata e fui comendo. Fui embora... Quando cheguei lá, nós ficamos na entrada, não dava para o barco entrar lá onde a mamãe morava. No caminho eu ia indagando sobre a mamãe e o pessoal ia me dizendo que ela já tava boa. Aí no Humaitá logo eu soube que ela já estava melhor porque a Maria, minha prima, me disse. Mesmo assim, eu continuei a viagem. Eu digo: - Eu já cheguei até aqui, eu chego até lá. O Adalberto também estava indo pra lá e me disse: - É mesmo, de lá da entrada do Uruapeara, tu vai... O Sabá vem me buscar aí no Jataí, aí te leva, mas eu não vou te levar de graça.

- O que me importa!

Ele ficava com aquelas brincadeiras besta dele, dizendo que não me levava de graça.

- Chega lá ela já tá é boa, porque eu fui lá e falei com ela um dia desses.

- Mas eu quero ir. Eu já vim até aqui.

O Zé Maria disse pro Adalberto: - Mas deixa com essa conversa besta.

- Eu não tô pedindo dinheiro dele. E eu não vou nem com ele daqui. Posso ir de lá.

- É, eu vou no motor do Sabá mesmo, mas eu não te levo não.

- Tu leva sim porque o motor não é teu. O motor é do marido da minha prima. E eu vou de graça.

Aí ele pegava a rir. Lá fomos embora. Chegou lá na entrada do Uruapeara. Ele já estava lá esperando. No que o motor parou assim... O Sabá foi logo falando comigo: - Pra onde tu vai?

- Vou lá pra casa da mamãe. Diz que ela tá é ruim.

- Tá nada, faz uns quatro dias que eu falei com ela. Ela já tá é boa. Tivemos lá conversando... - Ela já tá é boa.

- Graças a Deus! Mas, agora eu vou.

- Ah!... Agora, tu quer ir, vamos. Eu vou te deixar lá no porto.

- Poxa vida! Mas com uma dessa é que eu vou mesmo! Lá embarcamos com ele e por onde eu ia chegando, estavam cuidando num tambaqui. Cheguei na casa de um primo meu estavam com um bocado de tambaqui cuidando. Era mês de Janeiro... Eles estavam pegando de malhadeira. Aí eu perguntei pra ele: - Luiz! Os meninos vendem um pedaço desse peixe? Que eu sei que a mamãe não tem nada lá, não. Quem sabe se o Pedro tá aí.

- Ela já tá boa.

- Então, por ela já tá boa, ela não come!?

- A gente vende sim, também dá.

- Ah! se for dado ainda é melhor!

Lá quando a gente ia saindo eles deram um pedaço. E o Adalberto me arrasando de pedinchona. Eu digo: - Eu que me importa! São meus parentes... Tudinho eles.

Chegamos à casa do compadre Antônio Nunes também estavam com outra porção cuidando. Eu disse: - Daqui eu vou levar outro pedaço.

- A pedinchona já vai pedir.

- Eu vou sim... Tudo são meus primos.

Lá quando foi já na hora da saída eu falei: - Compadre, esses meninos não me vendem um pedaço desse peixe?

A mulher dele disse: - Eles vendem... Eles dão.

- Se for dado ainda é melhor!

O Adalberto me olhava assim...

Lá me deram um quarto de peixe, e deram outro pra ele. Eu sei que eu cheguei em casa com uma banda de tambaqui.

Da vez que eu fui com a Tiliana, quando nós chegamos na casa da mamãe, quem nos enxergou primeiro foi a Ana, nossa sobrinha, filha do Pedro. Ela era pequena, essa Ana corria pra todo lado. E olhava... E olhava. E nós escondemos as nossas coisas, enfiamos tudo no porão do barco, para não verem que a gente estava indo, porque a gente queria fazer uma surpresa. Quando já foi pra encostar mesmo,

nós botemos as coisas pra cima. Ah! Chegamos lá, a mamãe estava deitada. Toda vez que a gente chegava lá a mamãe estava chorando, nesse dia ela não estava. Era uma hora da tarde. Chegamos e perguntamos: - Cadê o Pedro, mamãe?

- Tá lá pra Terra Vermelha, foi juntar tigela.

- E a senhora já comeu hoje?

- Não.

Já era uma hora da tarde.

- A senhora tem o que comer?

- Tenho.

E o que a senhora tem?

- Pirarucu.

Uma cuia bem pequena que tinha assim.

- Que pirarucu é esse? Lá peguei a cuia, menina... Um pedacinho de nada...

De uma largurinha de nada.

- Mas, mamãe, a senhora ia comer isso até o Pedro chegar?

- Não, eu fico assim, mas dá.

Lá eu fui cuidar na comida e a Tiliãna no café. A Tiliãna comprou manteiga, leite, bolacha. Tudo pra levar pra mamãe. Então, eu disse: - Enquanto tu faz o café pra mamãe, eu vou fazer a comida.

- É mesmo.

Lá ela foi fazer o café. E eu fui fazer a comida. Com três dias que o Pedro foi chegando. Só estava ela com a Ana. A Ana era pequenazinha. Na viagem que eu fui sozinha lá o Pedro também não estava. Nessa viagem eu fui pelo Bom Futuro. Ele estava lá pra um flutuante que tinha do Jango Nogueira. Eu cheguei lá, só estava a mamãe. Cedinho eu cheguei lá. Cheguei e perguntei: - E cadê o Pedro, mamãe?

- Foi quebrar castanha com o Gonzaga.

- É mentira dele, mamãe porque nós paramos lá no lugar do Gonzaga e ele não estava. O Orlando pediu café pro Gonzaga e ele disse que era pra nós encostar que tinha café. Já eram cinco horas da manhã.

Encostamos lá no Gonzaga e o Orlando ainda me botou pra fazer beiju, ainda fiz e lá fomos tomar café. O Pedro ainda não tinha chegado lá. Nós saímos de lá o dia já tava clareando, era bem na hora do amanhecer. Achei tão bonito ver o dia chegar e a noite ir embora!

Chegamos à casa da mamãe e ela ainda estava deitada. No caminho encontramos com o Pedro, ele não sabia que a gente estava lá, não. Lá ia passando ele com o Antônio Pinto, um cara que bebia mais do que não sei o quê, parece que ele já morreu, estavam indo lá pra ilha e quando eu vi o Pedro, eu gritei: - Ei! Vagabundo! O que está fazendo? Que tu não vem aqui? Aí ele gritou de lá, eu gritei outra vez. Não demorou lá se vem ele... Chega vinha danado.

Chegamos lá: - Ah! vocês estão aqui? Nós estamos aqui sim, veio eu e a Tiliana.

Falando do Pedro, me lembrei dele... Quando ele chegou doente na minha casa.

Quando ele estava aí na minha casa, a Celé, minha conhecida, lá do Uruapeara, uma vez chegou lá e disse: - Ah, Pedro, assim que tu está? Tu se lembra quando tu andava lá pelo mato com o Felipe atrás de cachaça?

Eu digo: - Celé, desculpe, mas uma conversa dessa eu não gosto. Já foi o tempo não é? Não vê que ele tá doente?

Ela ficou já com vergonha e mudou de assunto...

O Antônio, meu filho, me ajudava a cuidar dele. Na última noite que o Pedro ficou lá em casa, o Antônio passou a noite lá com a gente e quando amanheceu ele disse: - Mamãe, eu vou levar o tio Pedro pro hospital... O tio Pedro vai morrer hoje.

- Tu é besta, Antônio?

- O tio Pedro! Mamãe! O tio Pedro vai morrer hoje!

Aí mandei chamar o Iremar, marido da minha neta, que estava com carro e levaram o Pedro pro hospital. Que quando foi seis horas da tarde a Maria minha sobrinha, filha da Tiliana, apareceu lá em casa...O Pedro já tinha morrido. Eram seis horas da tarde e a Ana, filha dele, nem lá foi ao menos ver o pai dela, nem no tempo que ele ficou doente na minha casa. Quando foi já de tardinha ela chegou chorando. Eu digo: - Ah... Minha filha, agora que você tá chorando, é tarde. Lá ela saiu chorando e foi embora.

Depois que a Maria foi me avisar que o Pedro tinha morrido, eu fiquei só eu com os meus netos em casa, porque o velório dele foi lá na casa da Maria e não quiseram trazer o corpo dele, aí pra casa porque eu estava ruim. Eu nem vi o corpo dele, eu já tinha melhorado e quis ver o corpo dele, mas não deixaram eu ir. Ave Maria!

No mesmo tempo que o Pedro morreu, o Deco, meu filho, também morreu... Sofri muito! Essa gente... Os filhos da Tereza não queriam que ela ficasse na casa, onde eles moram. Ele construiu com muito sacrifício aquela casa. Antes ele morava no triângulo. Viveu mais tempo na casa de lá do que na outra que ele estava vivendo quando morreu. Queriam comprar a casa, mas a Tereza disse que não saía da casa porque pra ela se ela saísse parece que ele ficava preso lá. Por isso, ela não saía. Eu nunca mais fui ali. Fui quando ele estava doente, depois que ele morreu nunca mais eu fui.

Teve um tempo que eu caí dentro do poço e quase eu morro. Ele, o Deco, me internou no hospital de guarnição. Um hospital militar, porque ele era funcionário lá. Fiquei um tempo nesse hospital, quando saí de lá fiquei na casa dele. Depois, fui pra casa do meu outro filho Antônio. De lá que eu disse – Não, minha gente, eu quero ir pra minha casa. Aí foi que me levaram pra casa e depois de um tempo eu vivia adoentada. Quando foi um dia eu tive um derrame, mas depois ainda voltei pra casa. Depois, porque eu vivia doente do estômago me levaram da minha casa. Desmancharam minha casa e fizeram outra. Eu sei que até hoje ainda não voltei pra lá. Fui um tempo desses lá e achei a casa muito grande. Não sei por que fizeram aquela casa tão comprida daquele jeito. Quando eu voltar pra minha casa eu vou mandar chamar a Tereza lá. Faz tempo que eu não vejo mais ela. Eu não vou lá na casa dela porque eu me lembro do Deco.

O Deco foi o meu primeiro filho que eu tive com um primo meu. Ele tinha me pedido em casamento, já tinha feito o pedido para meu pai e no final não casou nem nada e me deixou com um filho. Ele já tinha fama de mulherengo, mas mesmo assim eu acreditei nele. Depois que o Deco cresceu, ele não gostava do pai dele, por ele não ter criado ele. Eu fiquei com muita raiva, mas depois eu não me arrependi, porque meu filho me ajudou muito!

Sempre quando eu encontro algum conhecido lá do Comercial, lá do Uruapeara, lá da ilha, eu falo que vou voltar pra minha casa e digo pra eles irem lá me visitar quando eu estiver lá.

Lá no Comercial era tipo uma cidadezinha. Mas agora lá está tudo abandonado. Eu morei um tempo no Comercial, mas não foi lá que eu nasci. Quando eu era criança eu morava lá no Uruapeara. Eu saí de lá já depois que eu me casei com o Manel. Lá era assim, uma colocação que era do meu tio, na Vista Longe que também era chamado de Cabeceira. Diz que agora tem gente morando lá. Era

bonito ali. Tinha barracão, tinha tudo... Morreram tudo aquele pessoal. O último que eu não sei se ainda é vivo é o Manel Nunes que mora aqui na Esperança da Comunidade. Nunca mais tive notícias dele, mas era muita gente que vivia ali...

Às vezes fico me lembrando de algumas coisas que aconteceram lá no Uruapeara... Um tempo, os índios foram na colocação que meu tio morava, mas nem chegaram lá onde eu morava, a gente morava mais pra baixo. Eles queriam flechar a sogra do meu tio que tava lá no porto, porque meu tio deu uns tiros lá nos índios...Aí eles andavam procurando o meu tio pra querer matar. Deusulivre! Ele foi embora lá pro Comercial. Foi pra lá... Até...

Depois de muitos anos ainda queriam pegar o meu tio. Procuravam quem era parente dele. Não sei quem contou que a gente era parente dele, foram procurar a prima dele, chegaram lá perguntaram onde era que eles moravam. Aí a dona Raimunda disse: - Não sei, não. Não conheço quem é. Quando acaba ele já estava pro Comercial se escondendo deles.

A primeira vez que os índios apareceram, eu era criança, a gente morava lá no Uruapeara. A mamãe estava lavando roupa... Ela lavava roupa pro pessoal que trabalhavam lá pra dentro no seringal com o papai. Aí ela estava lavando aquela inquantidade de roupa fervendo... Que quando ela enxergou! Ela disse: - Olha quem vem! Duas canoas de índios, eles andavam na casca de pau. Desse de invira, não sei como aguentava aquele monte de homem... De bicho... Sei lá o que eles eram. Aí eles chegaram e a mamãe nos trancou no quarto e ficou só ela fora. Aonde eles chegavam o que eles pegavam iam levando. A mamãe botou as baciadas de roupas pra dentro e trancou. E logo assim morava um velho que era o tio dela e as índias estavam todas nuas. Chegaram lá na casa do velho, ele estava sentado assim na frente da casa dele... Ele quase já não andava. E vinham umas índias com os filhos na tipóia todas nuas. Elas usavam só aquele paninho ali na frente. Elas passavam e ele batia na bunda delas e dizia: - Que bunda bonita! A mamãe contava pros homens que estavam pra dentro trabalhando e eles achavam graça.

Ave Maria! Quando a gente enxergava os índios podia esconder tudo que eles levavam tudinho o que a gente tinha. E nós escondidas no quarto. Depois eles ficaram civilizados. Hoje em dia eles já andam junto com os civilizados. Já tem civilizado casado com índio.

Nós ainda fomos em festa na aldeia deles. Uma vez nós fomos num batelão cheio, aí na Vista Longe. Nós fomos com o Luiz. Foi eu, a Tiliansa, a

Helena, minha prima Isabel, que ainda era mocinha. Só tinha uma que não quis estar no meio de nós, ela não ia mesmo aonde nós ia. Lá ia a comadre Santana e mais outras meninas e o Lúcio levar a gente. A canoona cheia de gente na festa. No Canavial era índio pra pirula! Eles estavam tudo já civilizado, dançavam a beça! Nós ficamos por lá. Quando foi de noite chegou o Hernandez no motor, aí eu disse: - Agora nós vamos de motor pra cabeceira. Aí o Lúcio foi lá e falou que a gente queria vir pra cabeceira, lá nos trouxeram de motor. E era gente pra pirula! Mas os índios já eram tudo civilizado. Desulivre! Diz que agora já é uma cidade lá onde era a aldeia.

No ano que eu fui ao lugar onde o Manel Nunes morava, isso em 1991, ainda fui lá em frente assim, a gente olha e vê que está tão bonito pra lá! Nós ainda fomos à casa do Capucho, meu enteado. Nesse tempo ele ainda morava pra lá no Uruapeara. Aí eu perguntei se ainda tinha aldeia por lá e ele me disse: - Se tu vê lá agora é uma cidade.

- Ah! Se eu fosse demorar mais tempo eu ia lá, sim.

Outro dia o Capucho chegou lá na casa da Nilce. Eu estava deitada na redinha atada na área e ele falando comigo e eu não reconhecia ele. Ele pegou a rir e eu estava com uma dor na minha cabeça e perguntei se ele sabia rezer pra dor de cabeça, achando que ele era outra pessoa. Aí ele disse que sabia.

- Então, reze na minha cabeça.

Eu nem conheci o filho da mãe! Depois a Nilce ouviu eu falando e foi ver quem era...

- Com quem a senhora conversa aí mamãe?

- Com um velho aqui não sei com quem é.

- Ah... Quando eu vi que era ele eu me pus a rir e ele e a Nilce também.

- Mas, mamãe, a senhora não conhece o meu padrinho?

- Não. Também quem manda ele tá me enganando aqui.

Ele já está velho. Deus me livre! Nunca mais ele apareceu... Esse dia ele tinha ido levar a mulher dele pra se operar, eles tinham ficado aí na casa da Lindaura, filha da minha prima. Decerto a mulher dele se operou.

O Capucho tá mais velho que o Tarcilo, irmão dele. Esses dias nós fomos à casa da Cleide, filha do Tarcilo. Chegamos lá ele estava lá doente, de estômago inchado. Desde desse tempo nunca mais vi ele. A Lúcia, mulher dele, estava lá, as meninas filhas dele também estavam. Todas elas me chamam de vó, das pequenas às

grandes. Quando elas me enxergaram foram logo tomar bença de mim... Depois desse dia nunca mais voltamos lá. Eu lá sei ir até lá! Se eu for sozinha eu lá acerto!

A Cila, minha prima, já teve aí também. Quantos anos que eu não via ela. Eu digo: - Quem quiser conhecer gente, parentes da gente que faz anos que a gente não vê, vá ao hospital das irmãs Marcelinas. Eu estava lá no hospital quando enxerguei a Cila. A Nilce, que tudo ela conhece, disse: - Mamãe, olha ali a Cila. Eu digo: - Cadê ela?

- Tá bem ali.

Não demora ela apareceu lá comigo. Ela estava com uma filha que é pávula! Ela foi chamar essa filha dela pra vir falar comigo, e ela foi e tomou bença de longe. Eu disse: - Quando eu tiver lá em casa, Cila, tu vai lá. Eu moro lá perto do posto de saúde no Jardim Eldorado. Tu sabe onde é?

- Eu sei, sim... Eu já fui por lá, mas não sabia que tu morava lá.

Quando acaba eu nem fui mais lá pra onde ela mora e nem sei se ela ainda está por lá.

A Cila me contou uma coisa que aconteceu lá no lugar onde ela mora... Ela disse que umas cinco horas o Raimundo, marido dela, saiu de casa e viu um cara com a rede atada na sala da casa que era do Pedro, meu irmão... Aí diz que ele ficou olhando aquele mosquiteiro lá e aquela rede... Ele entrou e disse pra ela: - Cila, ali tem um cara num mosquiteiro atado. Eles não sabem quem era. Aí a Cila perguntou pro Raimundo: - E a escada tá no lugar?

- Tá não... Tá arriada.

E o Pedro já tinha morrido... Diz que a roupa estava estendida assim na vara. Depois que ela me contou perguntei: - Cila, será que não era meu irmão? Ela disse que quando foi cinco e meia o Raimundo levantou e não viu mais. Nem mosquiteiro nem rede nem nada. A Cila disse que perguntou pro Raimundo se ele tinha ficado com medo e ele disse que não.

Isso que a Cila contou foi lá no Uruapeara. Depois disso, nunca mais encontrei com ela... Quem sempre eu vejo é o irmão do Raimundo. É assim, sempre que eu encontro alguém lá do Uruapira e dos outros lugares que já morei, eu pergunto como está o lugar e os meus conhecidos.

Ainda ontem encontrei um homem no sítio do meu filho Manel que tava falando lá do Uruapeara e da Vista Longe. Eu perguntei pra ele se ele tinha andado por lá... Ele disse: - É, andei foi muito por lá.

- Ah!... Já faz é muitos anos que eu não vou por lá.
- Não faz dois anos que eu fui lá.
- Como não tá aquilo lá heim?
- Ah! Tá bem daquele jeito mesmo.
- Eu sou filha de lá do Uruapeara.
- Eu também sou filho de lá.

Ele me disse que é filho de lá, mas eu não me lembro da família dele, não. A Nilce falando dos lugares por lá tudo e ele disse que conheceu. Falou lá do São João, onde um conhecido meu tem gado.

- Ah! O senhor foi lá?
- Fui. Eu tive por lá.
- Eu também quando fui lá um conhecido meu... Já tinha gado.
- Agora é que ele tem mesmo!

Meu Deus! Eu não consigo me lembrar do nome desse meu conhecido... Sei que ele é sobrinho da Ester. Eu conheci esse menino desde menina, mas dessa vez que eu fui lá eu não vi ele não, enxerguei lá onde era o campo dele e vi que ele tinha gado pra pirula!

O que eu tenho pra contar é isso, não tenho mais nada para dizer. Quando eu sonhar eu conto...

Relendo a narrativa de Izolina

Ao reler a entrevista de Izolina, entendo algumas coisas que na época da dissertação não entendia, pois não sabia, por exemplo, a concepção de trabalho que ela traz presente em sua narrativa. Quando ela disse que se divertia muito trabalhando, parecia incompreensível a possibilidade de alguém poder se divertir trabalhando, pois eu tinha como parâmetro a relação de exploração do trabalhador no sistema capitalista.

Somente depois, quando fui ao Uruapeara e participei de um puxirum, onde as famílias da comunidade se reúnem para fazer um roçado, percebi que durante os trabalhos havia muitas brincadeiras e risadas e um intervalo para tomar um café. A partir dessa vivência entendi por que Izolina disse que se divertia no trabalho. Não é só nos Puxirum que o trabalho é divertido, mas todas as atividades em que há mais de uma pessoa, porque há sempre descontração. Exemplo disso é o fato de as pessoas na casa de farinha brincarem e rirem o tempo todo.

A narrativa de Izolina foi retomada da dissertação de mestrado, pelo motivo de ela fazer parte da rede de relações de parentesco da comunidade afetiva do espaço de seringal. Na época da dissertação, Izolina ainda estava forte, conversava, costurava e andava com suas próprias pernas. Hoje em dia ela está com a saúde bastante debilitada, das quatro mulheres do *Espaço Lembrado* ela é a única que ainda não fez a passagem para o lado dos espíritos. Era ela e a Ester que estavam resistindo na luta pela vida, mas este ano no mês de novembro Ester foi encontrar-se com Francisca e Glória no mundo dos espíritos.

Durante a minha estada em Porto Velho mantive minhas visitas à Izolina e em algumas situações que ela ficava internada contribuí na escala da noite para fazer companhia a ela. Em 2013, na época do lançamento do Livro resultante da dissertação, enquanto estava em Manaus, ela quase morreu, mas conseguiu resistir. Quando voltei para Porto Velho fiquei uma noite com ela no hospital e li algumas partes da sua narrativa, ela ouviu com atenção, recontava baixinho e chegou até a acrescentar um detalhe ou outro, mas que não foram incluídos na narrativa, pois eu estava fazendo a leitura para reanimá-la e não para fins de pesquisa.

De 2013 para 2016 ela definhou bastante e já passou por várias vezes ao estado entre a vida e a morte. A última vez que fui visitá-la foi no mês de setembro de 2015, quando ela ainda estava na casa de sua filha Maria, em Porto Velho, fui com meu companheiro Iremar, meu primo Timaia e sua filha Thaís. Ela estava na sua rede e apesar de não falar quase nada e não se levantar mais sozinha ela reconheceu o Timaia, que há muito ela não o via.

Conversei um pouco com ela perguntando-na se ela ainda lembrava do Uruapeara, e ela respondeu devagar e com todo sentimento vindo do seu coração:

“Eu nunca me esqueço”.

Fiquei ali ao lado dela dando carinho a ela, queria ter esse momento com ela antes de vir para São Paulo, para guardá-lo comigo. Nesse ano de 2016 ela voltou para o Candeias do Jamari, para a casa do filho, pois sua filha Maria, que cuidava dela, estava sem condições de saúde para continuar cuidando dela. Hoje acompanho de longe seu estado de saúde e torço para que até o meu retorno, eu ainda possa lhe fazer um carinho.

Na releitura de sua narrativa quero voltar nas suas lembranças sobre seu pai para juntar as peças com as menções feitas a ele nas outras narrativas, situar o movimento das famílias em torno do trabalho nos seringais, bem como relacionar suas percepções de mundo com as demais, presentes nas outras narrativas.

1.2 IZOLINA

Izolina Nunes Maciel nasceu no dia 5 de outubro em 1920. No ano de 2010 completará 90 anos. A família e os conhecidos a chamam de Tiliãna. Apesar dos problemas de saúde e do sentimento de perda por seus entes queridos, é ativa e inventiva com a costura. Com seus retalhos dá diferentes cores para a vida!

Coisa boa pra mim é eu ver minha família toda com saúde. Isso pra mim é o maior prazer que eu tenho! Porque pra mim o maior bem que eu tenho é a minha família!

Eu desde os dez anos dava murro junto com minha mãe! Trabalhava na roça, trabalhava em castanha, até cortar seringa eu cortava! Depois de o meu pai morrer... Aí que minha vida foi eu mesmo! Trabalhava feito uma desesperada pra manter minha mãe velha! Ah!... O tempo que eu vivia no Uruapeara eu vivia era trabalhando... Ia pra casa de um compadre meu! Trabalhava... Fazia farinha... Fazia tudo! Voltava pra casa... Não gostava que a mamãe trabalhasse sozinha. Eu ia com as crianças no colo pra roça.

A vida lá no Uruapeara era só trabalhando... Era só trabalho! O que eu mais fazia com a minha mãe velha era trabalhar. Depois que ela não garantiu mais trabalhar mesmo! Eu trabalhava pra não ver ela passar mal. Aí foi o tempo que nós nos separamos... Mas eu nunca abandonei minha mãe! Quando eu morava em Porto Velho tinha notícia dela do Amazonas! Eu fazia de tudo e ia onde ela estava. Até que ela veio morar comigo. Morreu na minha casa. Me consumi com minha mãe! Mas o prazer que eu tenho é de ter cuidado dela. Minha mãe se acabou e me deixou. Fiquei eu, meus filhos e Deus! Foi difícil, mas graças a Deus, eu tenho um casal de filho que pra mim é tudo na vida! É Raimundo e Maria. Não passo bem como rico, mas, vou passando... Graças a Deus! Meu filho é muito bom comigo! Minha filha, o pouquinho que ela pode me ajudar ela me ajuda... E assim eu estou vivendo. Daqui em diante espero ainda levar mais um tempo de vida, se não, Deus é quem sabe!

Eu trabalhava muito, mas tinha conforto, tinha paz na minha vida, minha mãe, graças a Deus, era muito feliz comigo, eu vivia muito bem. Trabalhava, mas também tinha paz na minha vida, tinha conforto. Nossa mãe era bem de vida. Ela

tinha o castanhal dela, tinha a estrada de seringa, mas ficou tudo pra lá abandonado. Meu irmão, o Pedro, que tomava conta, mas depois ele morreu e ficou prá lá.

Eu me lembro do tempo que nós tínhamos nossa mãe. Nossa mãe, graças a Deus, tinha do que viver! Nós não passávamos fome... Depois que minha mãe ficou velha... Que não prestou mais pra trabalhar... Eu trabalhava pra manter ela. E até agora eu tenho vontade de trabalhar, mas não posso. Não posso mais trabalhar. O Lazinho, meu neto, que diz: Que trabalhar, vovó. A senhora trabalhou muito. Criou sobrinho, criou filho, criou neto, criou nós tudo! E ainda pensa em trabalhar!?

Eu tenho saudade de muitas coisas que já se passou. Uma das coisas que eu não me esqueço é dos meus sobrinhos que eu ajudei a criar. Eles já morreram tudo. Agora por esses tempos, no mês de outubro de 2008, meu sobrinho que a gente chamava de Manoel professor morreu. Eu não me conformo com a morte dele.

Os sobrinhos que eu criei foram o Chico, o José, o João... O João eu criei desde a idade de oito meses. O Deco ficou lá em casa, nós criamos. O José quando a mãe dele o deu pra mamãe ele já estava grandinho. E o Manoel professor...

Tenho muita saudade do tempo que eu era mais nova. Sei o que eu já fui quando trabalhava. Agora não presto mais. O Raimundo é que me diz:

- Ô mamãe, não diga que a senhora não presta!

Aí eu acho graça e digo: - Mas eu não presto, meu filho!

E ele torna a dizer: - A senhora presta sim, mamãe!

Eu trabalhei tanto na minha vida, e hoje em dia eu não posso bem dizer nem lavar a minha roupa mais. Tem dia que eu choro, tem dia que eu não me conformo...

Eu me lembro de quando eu era nova, quando eu ia à festa! Eu era danada que só eu! A Graça, minha nora, que fica me olhando e rindo quando eu digo:

- Quem já foi como eu! Quem já foi eu pra ser agora!...

Aí ela me diz:

- Ô dona Izolina, não se maldiga não, pelo amor de Deus!

Quando eu era nova eu cansei de ir lá pro Marmelo! Por lá tudo nós andava em festa! Pra lá tinha as festas de dança! Quando meus irmãos não estavam em casa eram os meus primos que nos levavam para as festas. Ia eu, a Chiquinha, minha irmã, a Maria do Carmo, uma prima nossa, filha do compadre Manoel Nunes que mora lá em Humaitá, mas ela vive mais aqui em Porto Velho, no bairro Esperança da Comunidade. Um tempo eu fui lá com ela! Lá na casa do compadre Manoel Nunes. O Pedro, filho desse meu primo, me levou lá na casa do pai dele pra eu ver minha

prima, Maria do Carmo.

As festas que a gente ia era por ali mesmo por perto! O mais longe que nós íamos era lá pro Marmelo. O lugar que a gente ia mais longe era lá pro Barreira, no Uruapeara mesmo... No Madeira. Fora esse lugar, era só aí por perto mesmo! Pro Comercial, por aí...

Nós tínhamos muitas amigas! Duas que moravam atrás do nosso lugar... Tinha uma que morreu. Nós tínhamos três primas... Nós éramos muito apegadas com elas e elas com nós. Era a Isabel, a Maria do Carmo, a outra era a Laura, que a gente também chamava pra ela de Bela. Elas moravam tudo no Uruapeara. Ah! Mas nós éramos mesmo que ser irmãs! Eu, a Chiquinha e elas. Aí foram morrendo. E nós ficamos só já nós três... Eu, a Chiquinha e nossa prima, Do Carmo. Logo nós nos separamos tudo. Ah! Como tenho saudade deste tempo!

Lembro das coisas boas que eu já vivi, mas também não esqueço das coisas tristes da minha vida. Das pessoas que eu perdi. Da minha irmã Francisca. Eu choro quando lembro dela. Nós vivíamos juntas... Nós trabalhávamos juntas. Nós nos separamos já depois dela vir pro Comercial, quando ela arrumou o Carmelino e casou com ele. Foi quando nós nos separamos mesmo! Ainda assim, sempre eu ia onde ela morava. Passava meses com ela trabalhando no finado Tanagildo que era o patrão deles. Eu fiquei morando com a mamãe no nosso lugar lá no Uruapeara. Aí ela ia lá por casa, só a passeio.

Ah! Mas diz o Manoel filho da Chiquinha que quando ele chegou a Humaitá o Capucho enteadado dela quando o enxergou! Diz que ele se agarrou com o Manoel em pranto de choro! E falou pra ele:

-É verdade, Manoel, se acabou minha segunda mãe.

O Manoel respondeu: Se acabou!

Quando o Manoel me falou desse encontro com o Capucho, me doeu tanto!

Tenho saudade do que já se passou! De quando eu vivia perto dos meus irmãos, da minha irmã... Já perdi todos os meus irmãos de pai e mãe, com quem me criei. Hoje vivo com minhas lembranças do tempo bom e do tempo difícil.

Eu não me esqueço dos meus dois irmãos que morreram, (o parentesco permanece mesmo depois da morte)depois de adultos, o Izolino que morreu lá dentro do Marmelo e o Raimundo que morreu quando vinha do Alto Rio Branco, mas nem chegou em casa. Morreu no meio da viagem. Esse Raimundo teve um aviso de um anjo quando estava lá no Alto Rio Branco. Uma vez ele viu um anjo

todo vestido de branco perto de uma seringueira, que avisou que ele ia ser atacado pelos índios. Ele falou pro papai, aí resolveram sair da colocação que estavam. Depois voltaram lá e estava tudo queimado... Também teve o finado Francisco que já era casado quando morreu.

Um tempo bom foi quando a Chiquinha morava na casa da mamãe. Nesse tempo meu pai ainda era vivo e quando ele viajava eu ia com ele e minha irmã ficava com minha mãe. A Chiquinha nunca gostou de viajar. Pensa que ela saía de perto da mamãe? Ela não saía não, ela saía por ali por perto, mas para longe e pra ficar muito tempo fora, não. Nem pra passar uma semana. Ela não gostava de sair não. Agora eu pra onde meu pai ia, e queria me levar, eu ia. Dos lugares que tinha no Amazonas, eu conheci um bucado deles.

Eu andei foi longe! Eu estive até no Alto Rio Branco. Estive um ano e seis meses lá. Estive aqui em frente do Acará. Aqui já pra chegar perto de um lugar chamado de Baiêta, nesse lugar também estive um tempo, outro lugar que estive mais de mês com meu pai e meu irmão Izolino foi em Jururá. Agora pra viajar pros outros cantos mais longe, o que eu fui foi Borba. Até em Borba ainda cheguei. De lá eu não cheguei mais pra diante de besta que eu fui! O Antônio, filho da Chiquinha que trabalhava em barcos, quis me levar e eu não quis ir. Mas, eu cheguei até Borba.

Eu fui lá pra Borba porque fui com meu irmão por parte de pai, o finado Manel. Daqui do Uruapira nós fomos passar o Festejo desse Santo Antônio de Borba! Mas, quando eu fui para o Alto Rio Branco fui acompanhando meu pai e meus irmãos que foram trabalhar pra lá. Estava lá em casa e eles me chamaram pra ir com eles e aí eu fui. Passei mais de seis meses pra lá.

Lá no Alto Rio Branco meu pai e meus irmãos trabalhavam num centro. Eu ficava fora num barracão. Ficavam também o gerente e a mulher do patrão. A casa do pessoal ficava numa barraca pequena que tinha lá. Eu e as três crianças, umazinha minha, a Maria que morreu com oito anos, o finado João meu sobrinho que eu levei, e unzinho do meu irmão Izolino, o Cilo que tinha uns seis anos de idade, a mãe dele morreu e o Izolino ficou com ele, esse menino morreu de vício, a gente se descuidava dele no barracão e ele saía e ia comer terra no cemitério. Aí o papai viu que ele não estava bem e disse: - Vamos levar esse menino daqui. Mas não adiantou porque o menino morreu em viagem acima de uma cachoeira, aí nós fizemos uma sepultura pra ele lá e o sepultamos. Nessa época eu nem sei quantos anos eu tinha, sei que ainda era nova porque eu vim interar 40 anos já aqui em Porto

Velho. A Chiquinha nesse tempo só tinha o Deco que era o filho mais velho dela. Nesse tempo, eu podia sair de casa porque a Chiquinha ficava com a mamãe, mas, depois ela saiu de casa, aí não saí mais, porque eu tinha pena de deixar a velha só. Mas antes, era só me chamarem eu ia.

Da vez que eu fui para o Alto Rio Branco, eu só ficava em casa com as crianças. Era povoado lá no Alto Rio Branco. Lá era a primeira colocação do Sebastião Pereira. Era casa que!... Tinha o barracão grande e o armazém. Tinha gerente, tinha empregado... Tinha gente que ia pra lá com família e cada um tinha sua casa.

Morava eu e minhas crianças, mas eram casas encostadas uma com as outras. Essa gente ia pra fora... Pro centro... Eles vinham para casa dia de sábado... Nós ficávamos todos juntos. Era eu, meu irmão, meu primo e meu pai. Fiquei lá com eles um ano e seis meses. Era bom... Bom demais! Muito sadio... Um lugar que não faltava nada... Tinha muita gente boa! Hoje em dia que mudou. Eu gostava era muito de lá.

No Alto Rio Branco tinha tanta gente solteira! Homem tinha era muito! Mas não tinha muito casamento por lá. Era muito bom... Muito divertido ali. Tinha muito pessoal. Gente... Gente! Dia de sábado então! Vinha o pessoal das colocações. Vinham aí pro barracão fazer rancho. Passavam aí o sábado e o domingo. Voltavam para as colocações só dia de domingo de tarde. Dia de sábado iam caçar, matavam aquela inquantidade de caça, tratavam e faziam janta que era quantidade! Dia de domingo faziam almoço! E todo mundo comia.

Eu gostava da vida que levava no Uruapeara. Gostava! Ah! Como gostava... Tem vez que tenho saudade de lá... Se tivesse com quem ir pra lá eu ia era mimbora pro lugar da minha mãe. Mas essa gente não quer ir. Deixar eles eu não deixo, Deus me livre!

Lá no Uruapeara eu trabalhava com um pouco de cada coisa. No tempo que não tinha castanha, trabalhava em roça. Depois tinha o forte da castanha aí trabalhava na castanha. Depois que eu sai lá do Uruapeara eu morei na Boa Hora! E só depois fui morar em Porto Velho. Logo que o papai morreu o finado Pedro, meu irmão, estava lá pra vila de Nazaré, que existe ainda hoje, é lá perto onde era a ilha de Boa Hora, aí eu mandei uma carta pra ele. E ele fretou um motorzinho e foi nos buscar. Nós fomos aí pra ilha da Boa Hora onde a Chiquinha morava. Veio eu, a mamãe, os meus filhos, João, Raimundo, a Maria, e a Raimunda.

A Boa Hora fica acima de Nazaré. Sempre do lado direito. Indo daqui de Porto Velho pra lá. Onde a Chiquinha morava e o finado Deco também, hoje essa ilha não existe mais, porque já caiu tudo aquele lugar. Às vezes, eu fico me lembrando do tempo que vivia na Boa Hora, foi lá que minha irmã me acolheu e me ajudou, eu ajudava ela fazer farinha e ela comprava as coisas para mim e para os meus filhos. Ela e o marido dela, o Carmelino, que cobriram o nosso corpo, o meu e dos meus filhos, porque quando a gente chegou lá nem roupa a gente tinha. Eles dois foram uma mãe e um pai pros meus filhos.

Eu sempre trabalhei muito! Desde que eu me entendi que eu já vi que eu garantia trabalhar eu comecei a trabalhar. Eu gostava de trabalhar! Eu achava tão bonito aquilo... De viver trabalhando... Se divertindo no trabalho. Eu gostava... Juntava ali aquela porção! Trabalhando, brincando, achando graça, se lembrando de festa, essas coisas...

Lá no Uruapeara, além das festas de dança, tinha assim de irmandade de santo... Festejavam... Dançavam... Dançavam todo tipo de dança... Essas festas eram com tanta arrumação... Era, às vezes, Festejo... Às vezes, tinha tipo bingo... Tinha assim gente que saía sorteado pra fazer Festejo já de outro ano. Tinha comes e bebes... Era muito bonito! Tinha Festejo de passar de dois dias... O pessoal ali comendo, se divertindo... Dançando...

Era São João, São Pedro, Santo Antônio... Todos esses santos... Festejavam... As fogueiras eram só pelo tempo, nos dias dos santos. Era quase todo mundo que fazia fogueira por essas datas. De São João, São Pedro, Santo Antônio. E cada um fazia fogueira no seu terreiro. A gente passava fogueira para ser compadre, comadre... Seja lá pro que fosse. Aquelas fogueiras... Ah! Era muito divertido!... Era muito bonito!

Eu vim para Rondônia em 65, no dia 29 de agosto. Nós embarcamos lá no Uruapeara e chegamos à ilha de Boa Hora no dia 6 de setembro. Veio eu, meus filhos e minha mãe. Mas depois a minha mãe voltou de novo lá pro Uruapeara. O Pedro levou ela. Mas, todas as vezes que eu recebia notícia que minha mãe estava doente eu ia lá com ela. Nesse tempo o Raimundo trabalhava numa firma e sempre viajava a trabalho. Quando o patrão dele ia pra lá pra onde ele estava, ele passava por casa e eu mandava carta pra ele pedindo dinheiro pra mim ir pra lá pro Uruapeara ver a mamãe. Ele mandava dinheiro pra mim, a Maria, o Lázaro, todos ajudavam. Nesse tempo, todos eram empregados. Até o Deco, filho da Chiquinha,

cansou de me dar dinheiro pra eu ir ver a mamãe.

Da Boa Hora eu vim pra cá pra Porto Velho. Quando cheguei aí ficamos na casa de uma enfermeira. Eram muito bons comigo aquela gente! Nós não fazíamos nada. Só depois foi que ela arrumou trabalho pra nós no hospital. Eu e a Raimunda nos empregamos no hospital. E a Maria já era empregada lá na casa dessa enfermeira. Quando saí do hospital, lavava roupa pra fora pra viver. Já lavei muita roupa pra fora. Eu lavei muita roupa para ajudar a criar meus netos, entrava sete horas da manhã no banheiro, onde eu lavava roupa, e saía só as duas da tarde.

Eu vim pra Porto Velho primeiro que a Chiquinha. Vixe! Eu vim muito antes que ela. O papai morreu em 65, aí o Pedro nos trouxe para a Ilha da Boa Hora. Em 67 eu vim embora pra Porto Velho e a mamãe ficou lá na ilha da Boa Hora.

Quem veio primeiro para Porto Velho foi a Maria, minha filha. Aí já foi o tempo que ela se empregou na casa dessa enfermeira que nos ajudou. Lá essa família com quem a Maria trabalhava botou em mim pra mim vir pra Porto Velho, mais a Maria, aí eu vim. Quando cheguei fiquei na casa da mãe do Tenente Zeno que era casado com a enfermeira patroa da Maria. Aí foi o tempo começou vir os outros. Eu fui buscar o Raimundo doente. Ele me escreveu dizendo pra mim ir ver ele. O tenente me deu o dinheiro pra mim ir pra ilha de Boa Hora buscá-lo. Aí ficou a Raimunda e o João porque estudavam. Quando terminou as aulas, o Antônio, meu sobrinho, andava embarcado num motor, aí trouxe eles pra mim. Aí foi a época que o João ficou estudando na escola Frank Roosevelt, no Triângulo, a Raimunda se empregou e o Raimundo já era empregado numa firma. Nesse tempo, só morava nós da nossa família aqui no Triângulo, depois foi que veio o compadre Deco. Veio a Chiquinha e os outros. A minha família, a do Deco, a do Antônio, a da Chiquinha passou a morar tudo perto, além da nossa família veio também os conhecidos nossos lá do Uruapeara.

Lá na Boa Hora a casa da Chiquinha era uma casa grande! Tinha uma cozinha com forno de torrar farinha. A nossa casa era adiante da dela. A do compadre Deco era mais adiante. Todo mundo morava na Ilha. Na casa do Carmelino, marido da Chiquinha, era tudo bem organizado! Tinha cevador de mandioca, tinha tudo. Quando era muita farinha que a gente ia fazer a gente cevava no cevador e cevava no motor, tirava o motor da canoa e levava pra cozinha pra cevar mandioca.

Quando cheguei a Porto Velho eu morei em oito casas. Tudo no bairro

Triângulo, e só quem arrumava pra mim era a mãe desse tenente Zeno com quem minha filha trabalhava. Olha! Eu morei em duas casas perto da linha de ferro, a estrada de ferro Madeira Mamoré. Depois as outras foram tudo nessa mesma região, às vezes mais pra baixo, outra vezes mais pra cima, morava numa casa, morava em outra, aí foi o tempo que as freiras compraram uma barraquinha pra nós morar, porque nós trabalhávamos para elas e também porque gostavam muito de nós. Depois o Raimundo com o João foram trabalhar em Pimenta Bueno e compraram uma casa que nós moramos nela, por muito tempo, mas ela estava velha, e eu não tive condições de fazer outra, e também fiquei longe dos meus filhos, aí já nesses últimos tempos, mais ou menos uns dois anos, a vendi para vir morar para o Candeias com meu filho, Raimundo.

Teve um tempo que eu morei no Areal, numa casa de barro que eu tinha medo de ela cair em cima de mim, porque era toda cercada de barro. Eu tinha medo! A água era de poço. Eu tinha 40 anos nessa época. Intirei 40 anos no mês de outubro e o Jeovane, meu neto, filho da Raimunda, nasceu em setembro. Quando intirei 65 anos, esse Antônio da Maria se virou pra conseguir minha aposentadoria. Ele se virou, se virou, até que conseguiu me aposentar.

Hoje eu tenho a minha casinha que é bem encostada com a do Raimundo. Mas eu tenho vontade de comprar uma casa só pra mim, no município de Candeias mesmo. Eu queria a minha casa separada. Se eu conseguir vender meu terreno lá do Uruapeara eu compro uma casa pra mim. Tem é muita casa pra vender no Candeias. Eu não tenho o que reclamar do meu filho, graças a Deus ele é muito bom comigo. A mulher dele é muito boa comigo, nem minha roupa eu não lavo porque ela não deixa. Faz dois anos que eu estou morando com eles. Dia 15 de junho do ano passado inteirou ano, agora em 2009 vai inteirar dois anos que eles fizeram um quarto pra mim encostado da casa deles.

Às vezes, eu fico aqui sozinha pensando... É verdade como já foi que nem nós. Nossa casa cheia de gente. Hoje em dia eu vejo, não tenho mais um irmão. Pra quem teve 14 irmãos e hoje em dia não ter mais nenhum... É muito triste! Teve aqueles que morreram porque não era de tempo, e aqueles que já morreram depois de grande. O João já estava grandinho, teve dois Franciscos, um morreu recém-nascido, e o outro tinha 15 anos, o Assunção também morreu recém-nascido, o Manel nem nasceu vivo, mas o compadre Chagas já morreu com quinze anos já. Teve os que morreram depois de homem, mas ainda eram novos, Joanei, o

Raimundo e Izolino. Teve aqueles que morreram já na idade mais velha, o Pedro, a Maria, que a gente chamava de Preta, e, por último, a Chiquinha que morreu em 2007 com 89 anos. Esses foram os meus irmãos de pai e mãe. Eles morreram todos, fora aqueles que a mamãe teve e eu não lembro mais o nome.

Tenho uma irmã e um irmão por parte de pai, mas eu não convivo com eles, a Maria que mora em Humaitá e o irmão que mora no Belmonte. Esse eu nunca conheci, só ouvi falar. Diz que o Manel França, que conhecia o papai, que ele parece muito com o finado Raimundo, meu irmão por parte de mãe e pai. Eu recebia notícia dele quando eu morava lá no Triângulo, pelo Manel França. Ele ia pra lá para o Belmonte e quando vinha ele me contava: - Tiliana, eu quero que tu veja! Tiraram a cabeça do finado Raimundo e botaram nele! É muito parecido com o finado Raimundo. Eu tinha vontade de ver esse meu irmão pra ver se ele parecia mesmo com o meu irmão falecido, o Raimundo. Já a minha irmã, a Maria, essa eu conheci, eu e a Chiquinha ainda erámos novas. Uma viagem nós fomos numa festa aí pro lado do Madeira com o nosso pai, aí lá chegou a Maria dizendo que era nossa irmã, eu disse para ela: Tu lá é nossa irmã, tu não é filha da nossa mãe, aí ela disse: - Eu sou filha do pai de vocês. Eu quis foi dar uma pisa nela... Hoje ela vive lá em Humaitá-AM, agora que não tenho mais nenhum irmão vivo, eu queria ir lá ver ela.

O nome do meu pai era Antônio Maciel de Souza. Ele morreu lá no Uruapeará com 98 anos, mas, apesar da idade dele, ele lia qualquer letra de noite sem ter óculos. Ele morreu com essa idade toda, mas não apareceu velhice nada! Morreu mesmo porque era o tempo chegado dele. Meu pai morreu, nunca peguei um beliscão dele. Agora da minha mãe... Coitada de mim. Apanhava demais... Mas quem me dera que eu tivesse minha mãe viva! Eu tenho a foto dela aqui na parede da minha casa, eu fico olhando pra ela e lembrando com ela era, ela que fazia as roupas dela, fazia bem feita, escolhia os modelos tudinho, fazia as nossas roupas, fazia para os outros também. Ela fazia cestos, peneiros, fazia um monte de coisas. Eu respeitava muito a minha mãe, olha! Eu fumo tabaco desde os vinte anos, mas nunca fumei na frente dela, fumava era nada! Mas na frente do meu pai eu fumava, porque foi ele mesmo que me ensinou a fumar. Eu tinha respeito pelo meu pai também, só que com ele era diferente, era com ele que eu viajava e ia pras festas que tinha por aí. Agora tem uma coisa, eu ia pras festas, mas nunca gostei de beber, isso eu não fazia não. Nunca gostei de beber.

Eu me dava muito bem com meu pai. Demais! Tanto com meu pai quanto

com meus irmãos. Só a Preta que eu achava que queria ser. Ela e a Francisca brigavam de pau a rabo... Um dia, haja ela querer dá na Francisca com uma casca de ingá. A Francisca tomou a casca de ingá da mão dela e meteu-lhe nela! Como ela era a irmã mais velha, queria ser a mandona, e eu não gostava. Eu nunca gostei de ficar brigando com meus irmãos. Nunca! Acho uma coisa feia. Deus me livre! No Candeias tem uma família que só faltam se matar. Aqueles irmãos! Daqui prali tem um preso. Brigam... Brigam... Puxam faca um pro outro, é aquela arrumação. O Lazinho que diz: - Vovó, aqueles não são irmãos... Aqueles são um bando de bicho!

Coisa boa pra mim é eu ver minha família toda com saúde. Isso pra mim é o maior prazer que eu tenho! Porque pra mim o maior bem que eu tenho é a minha família!

Eu não sei muito da história da família da minha mãe e do meu pai. Só sei que o pai da minha mãe era cearense legítimo e ele veio aí pro Amazonas junto com a mulher dele. Nós convivemos mais com a família do meu pai. Eu conheci a mãe dele de criação. O nome da mãe verdadeira dele era Maria Antônia. Ele contava que ela era de Santarém. Ela ia tendo os filhos e ia dando. Aí ela deu ele pra uma portuguesinha. Finada Angélica. Aí ela teve a tia Evangelina, avó da Nazaré que era mulher do José Purara, meu sobrinho, e deu de novo, a mãe da Nazaré quem criou foi a mamãe, depois ela teve o tio Raimundo Silva, que a gente chegou a conhecer também...

Meu pai veio parar no Amazonas porque ele era gaiato e mexeu com a filha da patroa da mãe dele de criação. Aí queriam pegar ele. A velha mandou ele pro Amazonas. Ele veio escondido... Diz que veio dentro de uma barrica, um tambor. Aí ele veio aí pro Amazonas... E foi assim que ele conheceu a mamãe. Ele era mais velho que a mamãe dez anos. Aí a mãe dele de criação veio embora com a titia que era avó da Nazaré e o outro filho de criação dela.

Aquela velha, mãe de criação do meu pai que tinha ouro. Ela tinha cordão de ouro que dava metro. Esse filho dela... Esse outro de criação, eles morreram tudo pra cá pra baixo de Humaitá. Ela antes de perder o domínio das coisas, assim coitadinha, ela já era velhinha! Ela repartiu as coisas que ela tinha... Deu pra essa que era vó da Nazaré, deu para o outro filho de criação, deu pra esse filho com quem ela morava e deu pro papai... Pra cada um ela deixou uma parte das coisas dela, pra quando ela morresse aquilo já tinha dono. An... Em! Os irmãos nem viram as jóias... O filho dela que morava com ela, esse irmão de criação do papai, vendeu tudinho

escondido.

Diz que a velha Angélica enterrou um bucado dos cordões de ouro que ela tinha. Esse patrão do papai, o finado Tanagildo, tinha um lugar bem perto do lugar onde a velha morava... Ele contava que ali só podia ter dinheiro enterrado... Diz que de noite viam uma luz saindo assim bem do toco de um açazeiro, não sei de que... Então, dizem que era lá o lugar que a velha enterrou o dinheiro. Eu sei que todos nós gostávamos dela. Ela veio pro Amazonas depois que ela mandou o papai e foi morar com nós... O tempo que ela morou com a gente a mamãe não batia na gente de jeito nenhum porque ela não deixava. Quando eu estava no perigo, a gente corria pro lado dela. Ela era branquinha! Ela tinha a cabeça branca... Branca... Parecia um algodão. A Francisca também lembrava bem dela.

Conversando assim... A gente vai lembrando das coisas. Eu lembrei das coisas que eu aprontava junto com a Chiquinha. Tinha vez que nós roubávamos castanha pra vender escondido quando a mamãe não estava... Uma vez eu disse pra Chiquinha: - Vamos catar castanha daquelas castanheiras dali de perto do cafezal... Nós quebra e joga o ouriço n'água... Tava pertinho da água... Aí ela disse: - Vamos... Nós começamos a juntar castanha... Botava no peneiro... Enchia o peneiro e vinha deixar aí no cafezal... Voltava e ia buscar mais... Que quando foi a segunda viagem que nós fizemos ela ia pisando em cima de um monte... Era uma jibóia que uma enorme!... - Vamos matar, Chiquinha? - Eu lá vou matar esse bicho... Ela vai é pular na gente!... - Pois então, vamos embora. Lá nós fomos embora...

Mas a Francisca era medrosa... Eu não gostava porque ela era muito medrosa... Quando foi uma viagem a mamãe foi embora na frente pra roça... E nós ficamos... A Chiquinha disse: - A mamãe agora tá xingando nós... - Tá mesmo porque já faz hora que ela foi. Aí nós fomos, passamos debaixo de uma castanheira... O ouriço da castanha era bem grande! Lá ela disse: - Olha como está de ouriço de castanha chega tá alastrado!... Eu digo: É mesmo!... Vamos amontoar uns ouriços quando nós voltar nós leva. Lá quando eu fui... Quando escutei foi o grito... - Ai... Minha nossa senhora!- O que foi Francisca... - Uma cobra! Lá fui pra lá, era uma surucucu... Ela estava num monte dela assim... Enrrolada. E ela foi pegar o ouriço de castanha que tava bem pertinho e ia pegando a cobra... - Chiquinha, vamos matar essa? - Se essa que é venenosa mesmo porque é a surucucu... Lá nós fomos embora... Chegamos lá ela contou pra mamãe... E ela perguntou: - Cadê? Vocês mataram... -Não matamos não. - Vamos lá ver se ainda tá lá... A mamãe não

tinha medo não. Chegamos lá, ela tava lá no montezinho dela... A mamãe cortou um pau deu uma pancada bem no meio... Depois da cobra morta a Chiquinha dizia que era ela que tinha matado... - Tu não mata é nada... Diabo medrosa! Aí nós carregamos um monte de castanha... Botemos no cafezal... Aí nós fomos quebrar... Que no outro dia chegava o motor... Aí nos tinha acabado de quebrar e nós vendemos castanha... Compramos o que nós queríamos. Perfume é que não faltava... Aí o finado Raimundo, nosso irmão, chegou... - Ah! Eu vou contar pra mamãe que vocês estavam roubando castanha... Aí a Chiquinha falou: - Não, compadre, não conte não. - Eu conto... Vocês estavam roubando castanha da mamãe, suas ladronas! Pois o diabo não contou pra mamãe... Quando ele chegou em casa ele contou pra mamãe... Lá a mamãe: - Ah, meu filho o que eu estou pra fazer... Não posso fazer nada... Já venderam, tá vendido.

É... Tem muita história pra contar, de mim com a Chiquinha... Uma viagem nós embarquemos na canoa, eu com ela... Fomos tirar mari-mari, uma fruta que a gente come do igapó... Ela disse: - Pera aí que eu vou derrubar o mari-marizeiro que tem muita fruta pra tirar. Ela se pôs em pé na proa da canoa. Quando ela foi cortar, a canoa virou... Perdemos o machado... Voltamos pra casa... Eu que era uma boca quente, falei: - Mamãe, a Francisca perdeu o seu machado... A mamãe disse: Perderam meu machado? Aí a Francisca disse: - Mamãe eu fui cortar o mari-marizeiro pra tirar fruta, a canoa virou, nós se atracamos num pau até que nós conseguimos desalagar a canoa, aí o machado caiu da minha mão. - Vocês fiquem atentas... Quando secar o igapó pra irem buscar meu machado... Assim a gente fazia... Eu aprontava demais eu com aquela minha irmã.

Nós aprontávamos era muito... Eu fumava escondido... Nós ia pra roça, nós roubava tabaco da mamãe... Quando foi um dia nós chegamos na roça fomos capinar... Fizemos cigarro e sentamos de baixo das maniveiras pra fumar. Fumamos. A Chiquinha era besta não sabia fumar! Ela ficava bêbada. Num demora ela começou: - A minha cabeça tá rodando. Eu digo: E eu estou com dor no meu estômago... Num demorou, era ela provocando pra um lado e eu pra outro... Bebinha nós estava... A gente não podia nem se levantar... - Chiquinha, vamos embora pra casa... - E o que nós vamos dizer pra mamãe quando ela perguntar? - Nós inventa. Lá fomos embora. Lá quando chegamos em casa a mamãe perguntou: - O que foi que aconteceu? A Chiquinha disse: - Mãe, a Tiliana está com dor no estômago e vômito e eu com uma coisa na minha cabeça... A minha cabeça está tonta... Lá ela

mandou nós tomar banho... Nós fomos tomar banho... Quando foi de tarde ela foi ver não tinha um capim capinado... Nós num capinamos foi nada porque a gente estava era bêbada!

Isso que eu digo, minha mãe morreu já na idade que tava... Eu nunca fumei perto da minha mãe. Nunca! Ela sabia que eu fumava. Mas eu não fumava perto dela... Quando ela tava lá em casa no Triângulo... Ela perguntava pra mim: - Mas Tilha tu largou de fumar? Eu não, mamãe, eu fumo. - E como eu não vejo? - É que eu não fumo perto da senhora. O compadre Deco que dizia: - Ah! Mãe velha... Se ela achar uma coisa que seja preto que nem tabaco ela vai fumando. Isso fuma que... Mas eu nunca fumei perto da minha mãe.

Graças a Deus! Coisa que eu bem aproveitei foi minha mocidade. Minha mãe, graças a Deus, não era mãe de viver privando nós. Pra onde nós queríamos ir ela deixava, ela nunca me impediu de viajar com meu pai, nem de ir pras festas.

Não tenho do que reclamar da vida que eu levei na minha mocidade e olha que eu já passei por muita coisa, mas tinha minha família por perto pra me ajudar. Uma viagem passei aperreada com uma mordida de cobra, até hoje eu sinto dor na perna que a cobra picou. Eu cruzei para o outro lado do lago, um lugar que ficava depois de casa... Nós plantávamos na várzea e tocava fogo naqueles igapós quando secava... E aí uma vez que a mamãe não estava em casa, estava lá pra onde a Chiquinha morava... Eu fui tirar lenha pra torrar uma mandioca... Ah!...

Eu disse pra Maria do João Lobato, minha sobrinha: - Maria nós vamos torrar aquela massa minha filha, se não, vai estragar... Aí ela disse: - Ah! Madrinha, ela me chamava de madrinha, então, vamos tirar lenha hoje... Eu disse: - Eu vou tirar só eu... Lá embarquei na canoa e cruzei pro outro lado. Chegando lá tinha um pau seco bem na beirinha d'água. Aí eu digo: Eu vou tirar esse pau que dá pra torrar a massa... No que eu pisei na folha eu só senti aquilo no meu pé... Pareceu uma estrepada. Aí eu disse só comigo: A barata d'água já me ferrou, um bichinho que tinha na água e ferrava a gente, aí já começou me dar sede... Eu peguei a cuia que estava na canoa e bebi água... Bebi água e vomitava aquele vômito verde!...

Lá eu cruzei pro outro lado e cheguei em casa... Aí eu disse: Maria, não sei qual foi o bicho que me ferrou na beira d'água... Bem na porta dum buraco... Aí ela disse: - Credo, o que será? Eu digo: - Eu não sei... Ah!... Aí eu fui gritar de dor... Aí ela bateu pau... Meus primos que estavam na estrada vieram... Chegaram, aí descascaram um bucado de castanha... Ralaram, me deram aquele vinho, botaram

aquele bagaço da castanha em cima da mordida amarrado, a castanha é boa pra veneno... Você bebe o leite da castanha e agarra aquele bagaço e bota em cima... Amorna e bota em cima da mordida... Tira a dor. Lá em casa mordido de cobra era eu, era meu irmão, era o papai. Eram três mordidos de cobra.

Quando foi de noite, o batelão que o papai carregava produto chegou, mas o papai não foi... Quem foi... Foi o cunhado do finado Tanagildo que era patrão do meu pai. Lá chegou lá... Perguntou por mim. A Maria falou que o bicho tinha me ferrado e eu estava no quarto. Lá ele subiu...

Chegou lá, perguntou: - Que foi, Tilha?

-Ah, seu Zé, um bicho que me ferrou dentro d'água... Podia ser umas dez horas do dia e ainda não parou de doer...

Ele mandou pegar um vidro de específico no batelão... Botou uns pingos na água e me deu... E disse: - Tu aguenta sajar?

- Eu digo: aguento... Ele pegou o canivete... Chega espirrou aquele sangue preto! Aí ele curou, botou o específico e tornou me dar pra beber e foi embora... Quando foi de manhã, se levantou, foi lá comigo. Ele pediu pra ver. E perguntou se estava melhor.

Eu digo: - Tô.

- Isso foi cobra...

- Eu não sei, seu Zé. Tinha um buraco bem no toco do pau...

Aí ele disse: - É cobra. Passou... O compadre Pedro, meu irmão, chegou e disse: - Eu vou já ver se a cobra que queria te comer, ainda tá lá.

-Tu não sabe se era cobra. Sei que ele foi... Cruzou pro outro lado... Quando ele chegou bem perto, que ele começou pisar na folha seca... Quando ele viu, ela botou a cabeça.

Ele disse: - Foi tu... Aí ele mandou-lhe o jumbo... Ela se escondeu dentro do buraco e ele meteu-lhe o tiro pra dentro do buraco... Quando passou uns dias nós fomos pra lá... Só tinha era mosca na boca do buraco. Parece que ele matou aquela maldita!

Bom, o que tenho pra falar da minha vida é isso. Daqui pra frente eu espero ter boa felicidade! Tanto pra mim como pra minha família toda!...

Retorno ao Uruapeara

O fazer em colaboração da narrativa começou com o nosso retorno ao Uruapeara, lugar de origem da minha avó Francisca, que era a mãe de Nilce. Após a morte de Francisca, eu e minha mãe, Nilce, fomos ao Uruapeara. Eu estava indo pela primeira vez e ela estava retornando ao seu lugar de origem, depois de mais de trinta anos sem voltar lá. O registro da ida a Traíra, lugar repassado entre as mulheres mais velhas da família desde a minha tataravó Benedita, foi inserido na transcrição de sua narrativa.

Depois do retorno de Nilce ao Uruapeara, ela voltou comigo lá em fevereiro de 2013. Na primeira vez que fomos não tínhamos proximidade com os parentes mais próximos ligados à família da minha avó e que cuidam do lugar Traíra. Na primeira viagem, em setembro de 2011, fizemos o contato com o Pedro, seu primo, filho de Manel Nunes que é primo materno da minha avó, que nos convidou uma noite para jantar um nambu galinha na sua casa, onde foram feitas as aproximações familiares. Na segunda viagem, ficamos na casa dele e de sua família. No barco encontramos Tina e seus filhos mais caçulas, Uil e Manu, e a Dona Laura com seu marido, que estavam indo para o Uruapeara. Quando chegamos desembarcamos com a Tina na casa dela.

Nessa segunda viagem, era tempo da coleta de castanha, atividade principal nessa época de sustentabilidade tradicional das famílias, mas além delas também tem a atividade da pesca e o trabalho na roça e a extração do óleo da copaíba realizado pelas mulheres, que começa no mês de março. A castanha além de ser utilizada no consumo familiar para colocar nos bolos, biscoitos de massa de macaxeira, nos peixes, em especial no pirarucu seco e também comê-la com café e farinha ou sem acompanhamentos, ela também é coletada para a venda. A pesca nesse período é mais difícil, mas se mantém como sustento para a família, colocam o espinhel, uma linha comprida com um anzol na água e a deixam amarrada numa árvore e de tempo em tempo vão olhar, pela manhã, à tarde e à noite, todos se revezam para observarem o espinhel, até mesmo as crianças grandinhas. A atividade na roça se mantém também só para o consumo familiar, nesse período.

As duas vivências no Uruapeara com Nilce possibilitaram-me a aprendizagem de muitos conhecimentos tradicionais que eu ia aprendendo ao ouvi-la conversando com os outros ou apenas acompanhando a realização das atividades. Em 2011, a viagem foi para o restabelecimento da rede de parentesco, o retorno ao lugar que vivia minha avó,

tias, tios, primos, as pescarias, as idas ao roçado e as vivências de ouvir as histórias. Na segunda viagem, em 2013, a aprendizagem foi focada no fazer das coisas.

O período que ficamos na casa do Pedro, fomos à Traíra, junto com toda a família: Pedro, Tina, Manu, Uil e Têco, faltou só a Kika, filha mais velha do casal. Fomos por um caminho terrestre e Pedro foi nos mostrando as fruteiras e os remédios do mato e os caminhos para outras localidades. Ele nos mostrou várias coisas, mas consegui registrar só algumas. Mostrou a folha de sororoca que é boa para enrolar beiju ou peixe para assar, mostrou os pés de andiroba e a cana do brégio que é um ótimo remédio para infecção de urina e outras infecções. Ele também nos mostrou a divisa do lugar Traíra. Quando chegamos na Traíra, minha mãe mostrou o lugar onde ela gostaria de fazer uma casa, ela tem essa vontade que foi apoiada por Pedro e os outros parentes que vivem no Uruapera, mas ainda não criou viabilidades para isso. Na volta para a casa do Pedro e sua família tiramos abacaba para fazer vinho.

No outro dia, eu e Nilce após nosso café com tapioca fomos junto com o Pedro para a Traíra coletar e quebrar castanha. Eu e ela fomos três vezes. Pedro ia todos os dias, pois essa é uma das atividades que faz parte da renda familiar, mesmo que tenha a profissão de pedreiro adquirida no tempo que viveu em Porto Velho e faça alguns serviços nessa área da comunidade.

No primeiro dia de trabalho meu e da mamãe na coleta e quebra de castanha, Pedro adentrou o castanhal por entre a mata para fazer a sua coleta e quebra. Eu e a mamãe ficamos por perto do lugar onde fica uma cobertura de palha da casa dos últimos moradores. Juntamos quatro paneiros de castanha. Quando Pedro voltou, nós havíamos quebrado quase todos, a mamãe uma quantidade de duas latas grandes dessas de tinta, que são reaproveitadas para outros usos, e eu uns 12 ouriços.

Para mim foi uma experiência bonita cada passo do trabalho da coleta e quebra de castanha. O momento que tive maior precaução foi na hora de fazer a coleta, a mamãe foi para um lado e eu para outro, mas sem nos distanciarmos muito uma da outra, antes de pisar nas folhas as mexíamos com a ponta do terçado para verificar se não tinha nenhum bicho. Os ouriços também são recolhidos com a ponta do terçado e colocados no paneiro, pois se formos pegar com a mão podemos ser ferrados por algum bicho. Depois de juntar os montinhos dos ouriços passamos recolhendo e os levando para o lugar da quebra. Foi quando senti que carregar nas costas meio paneiro de castanha é pesado.

Ao quebrar o primeiro ouriço fiquei impressionada com tanto líquido dentro

dele. Remeti-me à imagem de um útero, porque o ouriço é cheio de um líquido preto que conserva as castanhas, quando o abrimos as castanhas saem meladas desse líquido, é como se tivéssemos fazendo um parto, pois no ouriço tem até um umbigo e quando ele sai fica um pequeno buraco que é alarguecido com o corte do terçado por onde tiramos as castanhas. A imagem da retirada da primeira castanha do ouriço lembra um nascimento. Essa experiência me fez ver a feminilidade da castanheira mãe que deixa cair seu útero com seus filhotes que ao saírem do útero tornam-se alimento.

A imagem do trabalho de coleta e corte de castanha é poética, mas é uma experiência árdua. No terceiro dia de trabalho, passamos uma manhã e uma parte da tarde juntando e quebrando castanha. Trabalho equivalente a dois paneiros de tamanho médio com castanha. Nesse dia, o Pedro havia ido juntar castanha lá para Cabeceira, do outro lado do lago, depois do lugar Traíra, lugar que também faz parte da família Nunes, era do irmão do avô dele e agora está sob seus cuidados e por isso, além de tirar castanha para vender, também distribui entre as famílias com quem tem contato e que vivem em Porto Velho.

Quando estávamos iniciando o corte dos ouriços, o Pedro passou de canoa e gritou para nós, no nosso costume de comunicação: *U...!* Depois voltou com a Tina e as crianças, foram levar comida e água fria para nós. Pedro e Uil foram colocar espinhel para os peixes e a Tina com a Manu e a Têco ficaram nos fazendo companhia. Terminamos nosso trabalho. Pedro chegou com o Uil, mas não haviam conseguido pegar nenhum peixe. Eles continuaram com a pescaria e nós voltamos para casa de canoa. Chegando em casa a mamãe foi lavar a última parte das castanhas que cortamos no dia.

Num desses dias, ouvimos um assobio estranho que silenciou a mata, mas nem eu nem a mamãe falamos nada. Somente depois numa das noites de conversa do Pedro e minha mãe sobre os cantos dos pássaros e gritos de bichos, foi que ela perguntou se ele sabia de outro bicho que assobiava igual a anta. Ele disse que não. Ela falou que além da anta, a onça preta também faz o mesmo assopro. Falou que havia ouvido num dos dias que terminamos de juntar os ouriços de castanha duas vezes um assopro para o lado da outra Traíra. Nisso, Pedro disse que podia ser nambu, ela disse que não era, pois conhece o canto de nambu. Ele disse que tem um nambu que canta feio. A partir daí passaram a discorrer sobre os pássaros e seus cantos, os engraçados e os assustadores.

Depois de falarem dos pássaros o Pedro começou a falar dos peixes, ele diferenciou o jeito de identificar um pirarucu e uma jatuarana quando boiam n'água.

Segundo ele, o pirarucu quando pula mostra o corpo todo e a jatuarana pula rápido. A mamãe continuou a conversa dizendo que num dos dias que estávamos coletando castanha viu um caminho de tatu e lembrou do tempo que caçava tatu com a mãe dela. Com isso descreveu o que eu entendi como um encanto das mulheres da floresta para capturar tatu.

Ela disse que a mãe dela mijava no buraco do tatu e vestia a roupa do lado avesso e depois cavava e ia bem em cima do tatu. Segundo sua explicação, fazendo isso o tatu para de cavar o buraco e fica parado. Saber disso me deixou admirada por ver nessa prática uma forma de ritual da caça, fiquei pensando qual seria o sentido de virar a roupa do avesso. Embora nos quatro anos de pesquisa tenha sido possível juntar várias peças que revelam uma memória de práticas tradicionais como essa feita para caçar um tatu, nem sempre foi possível recuperar o sentido para a prática, mas se pensarmos que toda prática está em movimento, conforme as interações sociais e culturais que vão sendo estabelecidas, não podemos nos prender a um sentido absoluto.

Temos, então, a memória de uma prática cultural atualizada a partir da qual é possível recuperar alguns sentidos. Deparei-me com essa forma que minha avó caçava tatu contada pela minha mãe e quis entender o sentido de vestir a roupa do lado avesso e lembrei que sempre quando vestia por engano uma roupa do lado avesso à noite antes de dormir minha avó dizia-me:

“vai virar matim à noite?”

Matim é um pássaro que tem um assobio que deixa as pessoas assombradas. Uma pessoa ao ouvir seu assobio se arrepiava toda de medo. Esse pássaro é uma pessoa que à noite passa a ser matim. Lá no Uruapeara as pessoas falam que existe uma mulher que vira matim à noite. Fiquei pensando que nessa perspectiva, de poder virar matim, se dormirmos com a roupa do lado avesso, o sentido de virar do avesso a roupa pode ser de passagem de um ser para outro, assim como uma pessoa pode ficar em forma de matim ao dormir com a roupa do lado avesso, pode ser que uma pessoa caçando tatu e que vire sua roupa do lado avesso, passe a cavar tão rápido que nem um tatu, podendo imobilizar o tatu com sua urina e cavar em cima dele.

Eu esperava que na entrevista com minha mãe ela fosse falar mais sobre o universo dos pássaros e outros bichos, da floresta, rios, dos encantamentos e das misuras, ela não deixou de falar de tudo isso, mas muita coisa não foi falada, primeiro porque não só ela como os demais entrevistados falam muito mais a partir do que é vivenciado junto, como, por exemplo, a linguagem que ela atualizou ao andarmos com

seu irmão e meu filho numa restinga de floresta no seu sítio e que está inserida na sua narrativa. Quando se encontram com os parentes e conhecidos, gostam de lembrar e contar as coisas que vivenciaram juntos, mas, numa entrevista, ficam sem saber o que dizer, é preciso convencê-los, com jeito, para falarem.

Depois das duas vivências com minha mãe no Uruapeara, a entrevista gravada veio se dar no sítio dela, numa área de assentamento, após a hidrelétrica de Samuel, no rio Jamari, depois do Candeias do Jamari, distrito de Porto Velho no estado de Rondônia, no mês de maio de 2015. Foi uma entrevista dolorida, pois além de ela falar de suas dores, dos seus desafios na vida, se remeteu às expectativas dela sobre mim como filha e relembrou de momentos bonitos e também que me envolvem. De todas as transcrições, a da narrativa dela foi a mais difícil, porque me fez ver o quanto minha mãe via em mim uma esperança para continuar sendo forte. Mas apesar de toda dor expressa, também tiveram os momentos de descontração.

Era de noite, depois de um dia de trabalhos no sítio. No cômodo coletivo da casa enquanto ela estava deitada na rede, preparei os equipamentos para iniciar a entrevista. No começo ela ficou em silêncio por um bom tempo, depois que eu insisti para ela falar o que quisesse, demonstrou impaciência: “*falar o que?*”. Insisti: – o que quiser. Ficamos as duas em silêncio e quando achei que não ia acontecer a entrevista ela começou sua narração com um suspiro forte e desabafo de suas dores existenciais, na metade da narração em diante percorreu descontraída suas lembranças entre risos, num comportamento próprio de como costumamos ficar entre parentes e afins, ficando séria novamente no fechamento da entrevista em que ela fez questão de fazer o registro do sentido que os filhos têm para a sua vida.

1.3NILCE

Nilce Nunes Maciel da Silva, nasceu dia 9 de abril de 1954, estava com 61 anos no período da realização da entrevista. Mulher corajosa que não se esmorece diante das dificuldades. É tímida, fechada, desconfiada quando está diante de pessoas que ela não conhece, mas sabe cativar aqueles que ela quer que estejam por perto. Ela traz consigo os modos de fazer e ser amazônico.

Não me arrependo de nada do que eu fiz, do que eu sou, do que eu tenho...

Nem me lembro de nada do que já vivi. O que vou dizer? Não lembro mais nada meu, tem vezes que eu não lembro nem o meu nome... Eu sei que o que eu aprendi a viver com meu pai e com a minha mãe foi trabalhar honestamente. Não me arrependo de nada do que eu fiz, do que eu sou, do que eu tenho... Tudo que eu fiz foi por amor a minha mãe...É difícil pra mim falar sobre isso. A minha experiência de vida é essa, lutar por aquilo que a gente quer, trabalhar honestamente, foi o que eu sempre aprendi com meu pai e com a minha mãe, e foi isso, que eu sempre fiz na minha vida, foi batalhar, lutar para dar o melhor pra os meus filhos, porque eu nunca queria que eles passassem pelo que eu passei. Não que eu achasse que fosse desonesto, fosse vergonha, trabalhar pela casa dos outros, porque eu sempre queria que os meus filhos tivessem sempre o melhor do que eu não tive. È doído falar isso.

A coisa que mais me doeu, que me entristeceu na minha vida, foi quando eu perdi meu pai, quando eu ainda era adolescente, adolescente não que eu já tinha 14 anos, quando eu perdi meu pai. Quando meu pai morreu ele tinha saído pra ir trabalhar, mas só que no dia que ele ia trabalhar ele sempre costumava ir caçar pra matar algum bicho grande pra deixar pra nós, aí dessa vez, eles chegaram lá no lugar onde trabalhavam e meu padrinho Capucho, que também é meu irmão por parte de pai, foi caçar, matou uma anta, e ele veio trazer a anta inteira pra mamãe, aí no dia que ele chegou eu tinha vindo pra cá pra Porto Velho. Tinha vindo arrancar um dente, nesse tempo não tinha dentista lá pro interior, aí dessa vez quando ele foi, foi quando ele morreu. Às vezes, quando eles iam trabalhar, eles entravam lá pelo Furo, lá pelo Rio lá de Nazaré, por lá que eles iam de canoa até certa parte, aí de lá eles

iam por terra, pelas picadas que eles faziam... Ele morreu afogado naquele segundo lago do Peixe Boi, saindo do primeiro lago já pra ir lá pro segundo lago. Esse lago passa lá perto do lote do João Lobato, meu compadre e marido da minha prima Maria Maciel. Depois que meu pai morreu todo mundo foi embora trabalhar pra outro canto, aí ficou só eu com a mamãe e o Benedito que era pequeno. O meu padrinho Capucho ainda ficou uns tempos também por perto da gente. Nesse tempo a gente morava na ilha da Boa Hora.

Depois da morte do meu pai tudo que eu queria na vida era proteger minha mãe, como ele a protegia. Com ele, eu quis dar pra ela o que ela tinha vontade de ter, o que mais me doeu, me entristeceu quando ela morreu, foi isso, que eu não consegui dar o que ela tinha vontade de ter, porque, eu sempre prometia pra mim mesmo que eu ia fazer de tudo para que ela nunca sentisse falta do que ela vivia quando meu pai era vivo. Quando eu comecei trabalhar em casa de família o pouco que eu ganhava eu queria sempre investir nela. Eu parei de estudar pra ir trabalhar, pra ela... Tudo que eu quis na vida foi dar uma casa pra ela e, Graças a Deus! Com muito esforço, consegui um terreno pra ela ao lado do meu no Jardim Eldorado, depois eu me mudei de lá, mas ela ficou na casa dela. Minha vida foi essa, de procurar melhores condições de vida. Eu tenho que agradecer a Deus porque eu nunca estudei, não tive esses estudos, mas consegui ter um emprego. Achei muita gente que me ajudou sem eu ter estudo, sem eu ter experiência, o que eu sabia fazer era lavar roupa, limpar a casa, era o que eu sabia... Depois eu não queria para os meus filhos o mesmo que eu passava. Sempre queria que a vida fosse melhor pra eles.

Minha filha mais velha começou a querer trabalhar e querer parar de estudar cedo pra cuidar de mim, assim, como eu fiz com a mamãe, mas sempre vinha o tio dela, o Antônio, meu irmão, e incentiva muito ela, pra ela não parar de estudar e hoje eu fico pensando que eu devo primeiramente a Deus e depois ao professor Badoche, por hoje ela está conseguindo as coisas, está conseguindo ganhar os estudos dela. Tá certo que ele não me deu dinheiro, mas eu nunca esqueço que foi ele que conseguiu uma vaga pra ela no Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, a melhor escola da cidade, onde estudava muitos filhos de gente bem de vida. Hoje eu agradeço a Deus que eu consegui aquela vaga nessa escola pra ela através dele. Ele fez isso, pelo que ele me conhecia e sabia que eu era uma pessoa trabalhadora e da vontade que eu tinha de conseguir uma vaga para minha filha lá.

Naquele tempo era muito difícil conseguir uma vaga no Instituto Carmela Dutra, que formava para o magistério e a maioria dos alunos que estudavam lá eram de família que tinham melhores condições sociais, e ainda assim, ele conseguiu a vaga lá pra minha filha e através de lá foi que ela prosseguiu os estudos, foi por onde ela começou as conquistarnovos graus de estudos. Eu lembro que quando eu matriculei ela lá ela não queria fazer o magistério, mas eu só tenho agradecer a Deus, por isso, porque eu não tinha recursos, eu não tinha condições naquela época, e mesmo, assim, ela não desistiu e sempre quando ela me via triste, sempre ela me prometia que ia estudar e ia chegar até o fim dos estudos. Ela sempre dizia que ia me dar um canudo, nem que ela chegasse lá de bastão, mas ia chegar onde ela tinha vontade de chegar. Quando ela tinha nove anos ela me via dar presente dos dias das mães pra mamãe aí ela queria também me dar presente, não tinha como me dá, aí eu me lembro que ela foi trabalhar, tinha uma semana parece, eu não me lembro direito, trabalhando lá na casa da menina que era enfermeira, a Izabel, quando foi no natal, aí ela pediu um vale e comprou uma lata de talco pra mim outra pra mamãe. Eu me lembro que ela ficou tão feliz naquele dia por te nos dado aquele presente, porque sempre que eu dava presente pra mamãe ela queria dar também.

Muita coisa que hoje eu agradeço a Deus porque onde eu chegava sempre tinha alguém que me respeitava, que me ajudava. Me lembro da Ivone, minha vizinha quando nós morava lá no bairro Nova República, muitas vezes, eu saía de casa não deixava nada pra meus filhos, mas com a esperança de quando eu voltasse ia trazer e quando eu chegava ela já tinha dado alguma coisa pra eles... Mas, eu sei que mesmo assim, hoje eu vejo que eu não tenho motivo pra mim reclamar nem maldizer da minha vida, porque pensando bem tudo que eu passei serviu de experiência pra mim, pra mim saber, dar valor no que eu consegui. Nem todos os meus filhos podem não terem se formado em alguma coisa, mas também eu não digo que sou infeliz com meus filhos... É isso não tenho muita coisa pra contar da minha vida não, nem gosto muito de falar das minhas coisas, porque hoje em dia mesmo eu já estou com essa idade e já tem tantos anos que eu não tenho mais meu pai, mas eu sinto saudade, nunca esqueço dos tempos que eu vivi com ele, com a minha mãe, mas eu não tenho motivo pra dizer que as coisas foram ruim pra mim, e tudo que eu quero na minha vida é ver meus filhos bem...

Minha vida era boa quando meu pai era vivo. As coisas eram boas com ele, porque vivia todo mundo em família, todo mundo junto, ele não era pai de ficar,

falando as coisas pra nós, de coisa, assim, só que, na voz dele, no olhar dele, a gente percebia que ele tinha muita coisa pra transmitir pra gente, principalmente o amor, que ele não era de andar brigando com ninguém, e sempre o exemplo que ele dava pra nós era esse, era sempre que ele ensinou, ensinava pra nós era isso, não agir pela força, essas coisas, foi que eu aprendi com ele.

Minha lembrança que eu tenho do meu pai era que ele vivia pro trabalho e pra nós, ensinava nós rezar todo dia, naquele tempo não tinha essas coisas de tanta correria de tanta coisa pra ganhar muito dinheiro e quando ele saía de casa era pra trabalhar assim pelo mato, mas não demorava pra voltar, sempre quando ele ia, a gente já ficava ansioso esperando o dia dele voltar. Ele ia pro mato, trabalhar na sorva, a gente ficava ansioso esperando o dia dele chegar, quando ele chegava sempre trazia alguma coisa. Trazia as coisas né que a gente gostava de comer. Naquela época era raro, esse negócio dessas coisas, hoje eu vejo, assim, que as coisas são tudo tão fácil e os filhos não agradecem, naquela época comer um bombom, comer uma bolacha era coisa difícil, era a maior felicidade pra gente quando a gente tinha um pirulito, hoje o pessoal fala pirulito, mas naquela época a gente falava kibom. Era kibom mesmo o nome, dos bombons, aqueles bombons de pauzinho, também tinha aquelas bolachas doces e era assim a nossa vida, nosso dia a dia. Meu pai nunca me forçou a trabalhar, nunca me obrigou a trabalhar, mas sempre aconselhava que a gente tinha que ter as coisas com trabalho com honestidade, todo mundo gostava dele... Agora fazer igual opastor Messias falando que o pai dele não comprava fiado, não devia ninguém, mas também não tinha nada, então é isso, meu pai nunca foi de ter ambição pelas coisas, ambição que eu digo, assim, nunca foi de querer muita coisa, de batalhar por muita coisa, sempre se a gente tivesse o que comer, o que vestir, o que calçar pra ele estava bom.

Eu me lembro que a primeira vez que o meu pai veio aqui em Porto Velho, ele com meu tio ele tinha uma canoa, meu pai ele não tinha medo das coisas e nada pra ele era difícil, quando ele queria fazer uma coisa, ele não via dificuldade pra colocar, pra dizer que não ia fazer, porque aquilo era difícil, nunca ele via dificuldade na frente dele, bastava ele querer fazer uma coisa. Quando ele veio aqui em Porto Velho ele e meu tio, ele queria vim de canoa, pra ele ver quantos dias eles iam gastar de lá aqui. Aí eles vieram. Saíram lá de Boa hora, de onde nós morávamos para Porto Velho. Eu não me lembro não, quantos dias foi que eles gastaram pra chegar aqui, mas eles vieram de canoa, vieram e voltaram, e ele trabalhava na sorva

pra comprar as coisas pra casa, e a mamãe criava galinha pra comprar as coisas pra nós, mamãe vendia as galinhas pegava o dinheiro, aí quando ela não sabia, ainda não sabia vir aqui ela dava dinheiro pro pessoal levar as coisas pra nós.

A primeira vez que nós viemos lá do Amazonas, acho que eu tinha uns sete anos por aí, eu não lembro, não sei quantos anos eu tinha não, eu sei que quando eu voltei lá com a mamãe, lá no Uruapeara, eu não lembro não que idade eu tinha, sei que nós fomos lá, porque ela foi deixar a Raimunda Mota que veio com nós quando nós viemos da primeira vez, eu lembro que depois disso, a última vez que eu fui lá ao Uruapeara com a mamãe, eu tinha 11 anos, mas já fazia tempo que nós estávamos aqui em Rondônia, meu pai veio primeiro do que nós. Quando ele veio a primeira vez a mamãe estava de resgarde do Benedito quando ele veio a primeira vez. Ele veio procurar o irmão dele, me lembro que veio ele o Deco e o Tarcilo, vieram atrás do meu tio que morava pra cá, porque ele soube onde era que meu tio tava aí ele veio atrás. Aí quando ele voltou pra ir buscar nós, o Benedito e a Sandra eram crianças pequenas, o Benedito era bebezinho ainda quando ele foi buscar nós, aí nós viemos de barco, ele fretou um barco pra trazer nós, aí que veio já a Tereza, mulher do meu irmão Deco, veio a Raimunda Mota, minha prima, veio com nós também...Eu que não me lembro se quando nós morava no Cuniã se eu fui alguma vez lá no Uruapeara, sei que a última vez que eu fui lá com a mamãe eu tinha 11 anos. Daí depois disso, já não demorou muito, com três anos depois que nós tinha ido lá foi que meu pai morreu, quando ele morreu eu tinha 14 anos.

Eu era muito criança quando morava no Amazonas, mas eu lembro que meu pai trabalhava, naquela época o pessoal não falava gerente, falava aviado, quando tomava de conta de comércio, lá era uma vila, assim, os vizinhos eram tudo perto um do outro, não, assim, pertinho, não era assim como aqui em Porto Velho que as casas pertinho umas das outras, mas era, assim, numa distância mais próxima, as casas, era tudo, assim, perto uma da outra, e era todo mundo como uma família. No tempo de inverno quando enchia, ficava tudo alagado e eles faziam aqueles assoalhos, tudo pelas frentes das casas que era pra gente andar, todos os vizinhos andavam, iam à casa um do outro, quando estava cheio, alagado, porque todo mundo, os vizinhos se reuniam e faziam aqueles assoalhos, que eles falavam que era trapiche, aí ninguém ficava sem ir na casa um do outro, porque eles se juntavam e faziam esse trapicho que ligava uma casa a outra. Depois quando ele decidiu vir atrás do irmão dele, nós ficamos na casa da tia Preta, imã mais velha da minha mãe,

que era lá no Uruapeara, no lugar onde mora a Ana que é minha prima, porque era filha de um irmão da mamãe e eu a conheci quando voltei lá no Uruapeara em 2011.

Nós não tinha casa lá no Uruapeara não, nós não tinha terreno lá não, nós morava nesse lugar que chamavam de Baixo Igarapé, que era do patrão do meu pai aí, quando nós saímos de lá nós não tinha casa, nós fomos pra casa da tia Preta, quando o meu pai veio atrás do irmão dele pra cá pra Rondônia. Quando nós morávamos no interior, nós nunca tivemos, assim, um lugar nosso, de dizer que era nosso, porque meu pai nunca comprou terra pra nós não, a gente só morava nas casas, assim, no lugar dos outros, só que na Boa Hora, aqui em Rondônia, mesmo quando meu pai morreu, que nós morávamos na Boa Hora o dono de lá ele nunca cobrava nada pra nós viver lá e nem nunca mandou nós sair de lá, a terra era grande e ele dava pra todo mundo, quem quisesse fazer casa, fazia casa pra morar. O dono de lá era o seu Amadeu, Amadeu Santos, ele era crente, mas era muito bom ele, ixé! Nós moramos muitos anos lá, e ele nunca cobrou nada pra gente morar lá, tanto que quando a gente veio embora o Antônio vendeu a casa que nós morava lá, dizendo que ia comprar outra pra mamãe aqui em Porto Velho, mas nem comprou e a gente ficou morando pelas casas alugadas.

A primeira casa que a gente conseguiu aqui em Porto Velho foi lá no Bairro Jardim Eldorado, ainda em 84 quando uma parte das terras lá estava sendo loteadas e distribuídas, para quem não tinha casa própria e fazia cadastro na prefeitura e a outra parte foi ocupada. Esse terreno que eu consegui foi com a Raquel que era vereadora, mas foi na parte cadastrada pela prefeitura, não foi na parte que foi ocupada por conta própria das famílias. Eu consegui esse terreno, porque onde eu sabia que estavam fazendo inscrição pra distribuírem terreno eu ia e fazia inscrição. Quando foi uma vez falaram pra mim que estavam fazendo inscrição lá na prefeitura aí eu fui lá fazer, antes disso, nós já tinha morado lá pelo Triângulo, mas sempre em casa alugada. Só quando eu fui morar com o pai da minha primeira filha que eu não morei alugado, porque morava na casa da minha sogra e meu sogro. Nesse tempo a mamãe foi embora pro interior de novo e depois quando eu já tinha me separado do pai da minha filha quando ela ainda era criança, voltei a morar alugado junto com a mamãe e o Bendito, mas era muito pesado pra mim trabalhar, pagar aluguel, comprar as coisas, comprar nossa alimentação, aí o Maciel, meu primo, filho da tia Preta, veio e levou nós de volta lá pro interior. Levou eu com a mamãe, a minha filha e o Benedito, levou nós lá e arrumou uma casa pra nós morar, só que a casa era

muito longe, era muito grande a casa e a gente tinha medo de morar lá, porque tinha medo de onça.

A casa era do Maciel, primeiro era do pai da Alvinha, esposa dele, depois que ele comprou do sogro dele. Era uma casa grandona, do tamanho dessa minha casa aqui no sítio, era mais comprida do que essa aqui, mas era mais ou menos da mesma largura, uns 10 por 12, só que era mais comprida, a gente morava lá, mas a noite a gente sempre ficava com medo até que teve uma falta de querosene lá onde nós morava aí o nosso tinha acabado e não tinha onde comprar, aí nós fomos morar com a minha tia, a tia Preta, foi quando o Maciel fez uma casa pra nós lá no lugar que era da tia Preta, lá é até onde ainda tem uma castanheira bem antiga que já estava lá quando a tia Preta foi morar lá. Era lá naquele lugar lá que nós morávamos, era lá que era nossa casa, não sei nem se ainda tem casa por lá ainda. Nesse tempo que eu me separei do pai da minha primeira filha acho que ela tinha uns nove meses, acho que era isso mesmo, ela era bem pequeninha.

No tempo que eu morei com pai da minha primeira filha era lá no Burrinho no quem vinha ali do Triângulo. Era lá que eu morava com ele e a família dele. Não sei não como é que tá por lá agora, não mora mais ninguém por ali não, tiraram o pessoal de lá, no tempo das enchentes ainda daquele tempo. Eles moravam lá onde entrava antes de atravessar o rio, aí tinha a casa da Dona Dolores, a casa do velho, avô da minha filha, a casa da Graça e da Dona Neuza, minhas cunhadas. Naquele pedaço lá era só eles mesmo que moravam, a Dona Dolores, eles, a velha, o Seu Manel, que eram os pais do pai da minha primeira filha, a casa da Graça que era perto da deles, aí mais na ponta lá era da Dona Neuza. Dali da onde ainda fica a casa da madrinha da minha primeira filha para a esquerda, passava da casa da comadre e entrava assim pra esquerda. O 5º BEC - Quinto Batalhão de engenharia e construção é para um lado e o lugar onde morava a família do pai da minha primeira filha e outras famílias que vieram de seringais do rio Madeira era para outro lado. A tia Maria Duarte, irmã parte de pai da mamãe também morou por ali por perto desse lugar, mas já morou do outro lado, não era no canal deles não, ela morava do outro lado do Burrinho. Nós moramos também lá eu com a mamãe e o Benedito. Eu num me lembro como que era o nome daquele bairro. A gente morou ali, lá morava muita gente. Nós moramos lá numa instância e a tia Maria morava na casa dela. Que ela tinha a casa dela, as filhas dela tinha também tinha a casa delas, a Maria José tinha e a Lúcia. Era uma vila de casas. Só que eu não me lembro como era o nome do bairro

lá. Eles também chegaram a morar alugado lá, parece que quando eles foram embora de lá foram para Humaitá. Esse bairro pra lá pra onde fomos morar é que era do outro lado, já pro lado da Norte Sul que hoje é a Rogério Weber, só que era na beira do rio. Atravessava a ponte do igarapé Burrinho e já começava as casas, assim, mas só que a gente já morava mais pra lá. Tinha muita gente que morava lá, mas mesmo naquele meio ali, onde nós morávamos mesmo, morava a dona Dejanira, que era conhecida da mamãe lá do Amazonas, morava meu tio que era primo do meu pai e morava uma conhecida nossa que era lá do Amazonas também.

Na instância que nós morávamos era só gente conhecida. Eu acho que se eu não me engano quando nós saímos de lá dessa instancia lá que eu to falando nós fomos pra lá pra estância do seu Antônio Lazaro. É isso mesmo, nós fomos morar lá pra lá. Depois de muito tempo, quando eu já tinha me separado do pai da minha primeira filha, nós moramos de novo lá na instancia do Antônio Lazaro, mas nós já moramos lá na parte de cima. Na instancia do seu Joaquim nós moramos eu tinha só minhas duas filhas a Márcia que foi a primeira e a Mônica que foi a segunda. Isso, já foi depois quando voltamos de Nazaré de novo.

Lá na ilha da Boa Hora, às margens do rio Madeira, o meu pai fazia um negócio lá em casa em todo Natal. Aqui em Rondônia já. Agora lá no Amazonas onde nós morava eu não me lembro não se tinha, se faziam alguma coisa, assim. Alguma coisa que eu me lembro era que faziam um negócio de uma procissão, mas eu não me lembro direito como que era não. Eu só me lembro já aqui em Rondônia quando nós morava ainda lá na ilha. Tinha um negócio de umas rezas lá mês de Dezembro. Lá no Cuniã também tinha muito Festejo na casa da minha madrinha, que era minha madrinha de crisma e o marido dela era padrinho do Edson de Crisma. A minha madrinha Moça e seu Alegário. Lá tinha festa era dois três dias de festa, mês de Janeiro, 19 de Janeiro, quando nós morava lá dentro do Cuniã a gente ia, a gente morava lá no Varador, mas depois quando nós viemos morar pra cá pro Madeira, mesmo assim, a gente ia ainda. Meu pai tinha uma canoa grande ai enchia de gente e iam, mas só quem remava eram os homens, as mulheres iam só sentadas. Lá eram dois três dias de festa, comida que tinha muita comida! Pessoal fazia era muita comida! Era Festejo de São Sebastião, mas era, assim, eram aquelas festas, em que a mamãe não ficava tranqüila, por causa que os meninos bebiam e brigavam.

Teve uma festa que foi uma confusão tão grande que tinha uns delegados lá que queriam matar o Tarcilo, meu irmão parte de pai... A confusão começou com os

primos dele e ele se meteu e ai virou confusão maior, um monte de gente brigando ai o Tarcilo ficou valente e os policiais botaram arma em cima dele... Mas ai meu pai, que nem eu to falando, assim, meu pai não era de andar brigando com ninguém não, tudo ele resolvia na conversa. Dessa vez lá ele conseguiu só na calma, conseguiu tirar o Tarcilo, não deixou fazerem nada com ele, mas ele e o titio Benedito já estavam cada um com um canivete aberto no bolso deles para caso os delegados se metessem a querer fazer alguma coisa com meu irmão eles iam sangrá-los bem no coração dele. Eles procuraram resolver na calma, mas já estavam prevenidos, porque era muita gente em cima do Tarcilo, eram dois delegados e os outros policiais, mas meu pai e meu tio não deixaram fazerem nada com ele não, meu pai ficou segurando ele de um lado e meu tio do outro, eles não foram para cima dos delegados, mas se fosse preciso se defender iam usar o canivete. Meu tio Benedito, que era o pai da comadre Mundinha que é casada com meu irmão e compadre Manel. Meu pai colocou o nome do Benedito, meu irmão caçula, em homenagem a esse meu tio, porque era só eles dois de irmãos.

Uma vez teve uma festa que foi lá perto de casa lá na ilha. Era um Festejo, que acontecia por causa de uma promessa que a mulher tinha feito pelo filho dela. Ai todo mês de dezembro ela festejava lá a Santa Luzia e ai dessa vez meu pai ficou bebo e ele foi descer pro porto, porque ele queria ir embora pra casa e o pessoal não queria deixar ele ir, porque ele estava muito bêbado e não podia ir sozinho. E ai ele foi descer no barranco e escorregou e ai quando ele escorregou eu corri atrás dele, desci o barranco e agarrei ele, só que estava muito liso porque estava chovendo, chuviscando, tinha chovido de madrugada e ficou muito liso. Ai eu ficava segurando ele pra ele não afundar de vez eu e a Raimunda, minha prima, ai quando a dona da casa chegou que viu ele lá com a gente... Nós agarrada com ele afundando, como era barranco a gente estava indo cada vez mais pro fundo e a mamãe gritava pra mim soltar ele, mas eu não soltava. Eu falava que não soltava que se ele morresse eu ia morrer junto com ele lá afogada e eu e a Raimunda, nós era duas primas, assim, inseparáveis nós duas, ai ela agarrada de um lado e eu do outro e ela falava se eu não soltasse ele e morresse lá com ele ela morria também. Ai ficávamos nós três lá... E ele era como o meu irmão caçula quando está bêbado. Eu olho pro Benedito, a modo, que eu to vendo ele, assim, e ele olhava pra mim e ria do jeito que o Benedito faz quando ele ta bêbado. Ele olhava pra mim e pra Raimunda e ria, só já tava a cabeça dele de fora quando o pessoal chegou pra pegar ele. Eu acho que eu tinha 12

anos nessa época, mas eu aguentava segurar ele. Mesmo ele sendo pesado a gente ficava pelejando com ele pra tirar ele d'água, mas não conseguia, porque estava muito lisa a terra. Ai foi que a dona da casa chegou e viu cheio de homem lá e não faziam nada e ela quando viu aquela arrumação ela chegou lá e xingou! O pessoal que tava lá e não fazia nada pra ajudar a gente. Ai os filhos dela chegaram lá junto com ela e viram a gente lá, ai eles desceram e pegaram o meu pai e botaram pra terra. Mas era sempre assim quando meu pai bebia, a mamãe ficava braba com ele, porque ele bebia e ele já ficava bebo mesmo!

Uma vez meu pai estava torrando farinha, mexendo com mandioca e bebendo. Porque o dia que ele queria beber, ele bebia em casa mesmo porque ele guardava as garrafinhas de cachaça lá pelos cantos da casa. O dia que ele queria beber ele já começava desde cedo. Levantava cinco e meia da madrugada, fazia o cafezinho dele e bebia, antes tomava um trago de cachaça ia tomar banho de manhã cedo e ai pronto podia contar que aquele dia ele passava o dia todinho bebendo. Nesse daí que ele estava torrando Massa, mexendo com mandioca, desde cedo que ele tava bebendo, nós fomos pra escola quando nós chegamos ele já não tava muito bom. Estava lá mexendo com a farinha e mandou chamar a Tereza que era nora dele, esposa do Deco, meu finado irmão mais velho, enteado dele, pra ela mexer a farinha ai ele foi comer... O assoalho da casa era quase da altura da minha casa aqui no sítio, era alto. Nesse tempo ainda não tinha assoalho na cozinha era tudo no chão e o forno era dentro da cozinha, na parte debaixo. Ai ele comendo, quando de fé ele caiu perto do prato, quase que ele cai lá de cima. Eu com o Benedito, o Benedito era pequeno tinha um seis anos, ele era menor do que o meu neto João Vitor, nós pegamos ele arrastamos ele ai o Edson, um irmão meu, chegou, até que nós conseguimos arrastar ele pro meio da casa pra ele não cair. Esse meu irmão Edson, trabalhava rebocando balsa ai no rio Madeira e um dia chegou a notícia que ela tinha morrido, mas até hoje a gente não sabe se ele morreu mesmo.

Outra vez o pessoal queria assistir um jogo lá em Nazaré, ai queriam ir um bucado de gente, ai vieram e levaram um motorzinho que ele tinha ai nós fomos... Ai por lá ele começou a beber só que quando nós vinha a canoa estava cheia de gente e ele já não acertava mais virar o motor já era de noite e a gente pelejando até conseguir virar o motor ai viemos, quando nós chegamos em casa, a mamãe já braba! Mas era eu, o Benedito e o João da titia Izonlina pelejando pra arrastar ele pra cima pra botar ele pra dentro de casa até que conseguimos. Fomos dar comida

pra ele. Ele comia um pouco e depois ele dizia que já ia morrer... Ele botava a cabeça dele em cima da minha perna e dizia: “E já vou morrer minha filha! Eu já vou morrer!” Ai o João da titia Izolina dizia pra ele: “Ê! Pare com isso seu Manel, pare com isso! O senhor pare com isso! Que negócio de morrer!”

Também lembro que a mamãe gostava de ir pra festa com ele dançar. Eu ia com eles, só que naquele tempo a gente que era criança não dançava não, pois quando os pais e as mães dançavam os filhos não dançavam não, porque era falta de respeito. Ai eu ficava só olhando eles dançarem. Meu pai gostava muito de dançar valsa com a mamãe, só saia pra dançar com a mamãe quando era valsa ou quando era bolero, quando tocava uma valsa ele já ia tirar a mamãe pra dançar. Naquela época o pessoal num era esse negócio de som, assim, o pessoal tocavam sanfona com cavaquinho, violão, esse pandeiro, e quando tocava uma valsa ele ia onde a mamãe tivesse ele ia buscar a mamãe pra dançar com ele, quando era bolero também, ele ia buscar a mamãe pra dançar com ele! Às vezes, ela estava lá na rede ele ia buscar ela e ai pedia para repetirem a música para ele dançar com ela.

Depois que meu pai morreu eu vim pra cá pra Porto Velho trabalhar e a mamãe ficou só ela com o Benedito lá, o Benedito tinha uns oito anos por ai e eu tinha 14 anos pra 15 anos. Já ia fazer 15 anos porque ele morreu em maio. Eu já tinha 14 anos e eu vim mês de novembro pra cá pra trabalhar, novembro ou dezembro por ai que eu vim trabalhar na casa de uma mulher. Aí que eu nem me lembro quem foi que arrumou pra mim esse emprego...

Eu não vi meu pai ser enterrado, porque quando eu vim extrair o dente e quando voltei ele já tinha sido enterrado. Eu nem sabia que ele tinha morrido. Não. Só quando eu cheguei que eu soube, lá naquele tempo era tudo difícil pra ter comunicação, assim, de lá do interior pra cá pra Porto Velho. Depois disso que vim pra trabalhar em Porto Velho. Ai eu fiquei direto. Eu nem me lembro quanto tempo que eu fiquei com ela sei que eu fiquei um bucado de tempo lá. A mamãe ficou morando lá no interior. Eu só trabalhava, não estudava não. Eu vim trabalhar, mas é aí que eu não me lembro se meu tio já tinha morrido. Eu acho que já também, porque quando o meu pai morreu meu tio ficou vivo ainda. Ai ele que cuidava de nós. Ele que levava as coisas pra nós. Não, não tinha morrido não. Meu pai morreu em Maio... E quando foi Agosto do outro ano que meu tio morreu. Meu pai morreu em 68 e meu tio morreu em 69. Parece que eu já tinha voltado pra casa, já tava morando em casa mesmo estava com a mamãe.

Quando eu fui trabalhar lá em Porto Velho que eu fiquei morando na casa do pessoal lá, eu tive muita dificuldade em me adaptar. Era difícil, porque eu nunca tinha saído de perto da mamãe. Eu não me lembro quem foi que arrumou esse emprego pra mim na casa dessa mulher. Eu não sabia fazer muitas coisas do trabalho que tinha que fazer. Eu aprendi lá. Eu aprendi a cozinhar, aprendi passar roupa, eu sabia bem era cuidar de criança que era o que eu fazia, porque eu cuidava dos meus sobrinhos. Lá na casa que eu fui trabalhar eu cuidava das crianças, só que eu tinha que cuidar das crianças, da casa e lavar roupa. Eu dava conta porque eu morava na casa. A casa onde eu trabalhava era lá pro bairro São Cristovão, esse bairro que tem até hoje, só que naquela época aqui em Porto Velho, essa Avenida Jorge Teixeira não existia não. Era uma ruazinha. Naquela época o pessoal estava ocupando ali. Aquilo onde é cheio de comércio por ali era favela, assim como, quando o pessoal começa a invadir as terras num tem? Comprar ou invadir mesmo. Era aquelas casinhas de palha ali onde agora é a Jorge Teixeira, a principal Avenida da cidade, onde é aquelas coisas pro ali tudo ali, isso em 1969, ali onde é o centro da cidade já tinha a Sete de Setembro. Ali já existiam aqueles comércios, tinha aquelas lojas grandes por lá. Aquela casa Saudade que era uma loja... Isso foi na primeira vez que eu vim trabalhar em Porto Velho de 68 para 69. Isso tudo depois do ano que meu pai morreu.

Depois no tempo que a gente se mudou pra Porto Velho nós ainda ganhamos um terreno lá na Quintino Bocaiúva por lá por aquele bairro, o São Cristovão mesmo, mas a gente acabou não indo pra lá porque ficava longe de todo mundo que a gente conhecia e aí ficamos morando alugado aí no Triângulo mesmo que tava perto de todo mundo conhecido e lá ainda estava no mato, uma capoeira e não tinha energia.

A mulher que eu fui trabalhar na casa dela a primeira vez que eu vim para Porto Velho, o marido dela era taxista, ela não trabalhava não, ficava só em casa porque ela tinha negócio de vidente de coisa, fiquei um tempo trabalhando na casa dela e depois fui me embora pra lá com a mamãe, eu não me acostumei. Lá eu fiquei pra lá e só vim de novo para Porto Velho, quando a mamãe veio. Agora eu não me lembro como é que foi a primeira vez que nós viemos. A primeira vez que nós viemos não me lembro não onde que nos fomos morar. Não me lembro como é que era o nome daquele bairro ali! Não sei que bairro era aquele lá.

Depois de tudo. De eu vim a primeira vez trabalhar e voltar para casa da mamãe na Ilha da Boa Hora e depois veio todo mundo pra Porto Velho, de eu ter ido morar com o pai da minha primeira filha, ter me separado dele, então, nós fomos pra lá pro beradão de novo, ficamos um tempo pra lá e voltamos para Porto Velho, aí com o tempo vieram os outros meus filhos. A minha segunda filha, a Mônica é quase cinco anos mais nova que a Márcia, minha primeira filha. A Mônica via o pai da Márcia ir visitar ela e já estava começando a chamar ele de pai também, mas ela conheceu o pai dela, depois ele foi embora daqui, eu não fui com ele, porque não quis ficar longe da minha mãe. Não lembro como era o nome da cidade que ele morava... Agora que eu me lembrei que a Mônica tem um irmão por parte de pai, não sei se é mulher ou homem... Tinha uma menina que trabalhava lá no hospital de Base, o nome dela era Bené e ela tinha um filho ou era uma filha que era irmão ou irmã da Nega. Só que eu nunca vi. Esse filho o pai dela teve com essa mulher depois dela.

A mamãe não aprovou nenhum dos pai dos meus filhos, ela nunca aprovou. O Luiz que é esse meu último marido, eu fiquei com ele porque já estava traçado pra mim ficar com ele, porque nem com ele ela queria que eu ficasse. Quando eu comecei a falar da minha experiência de vida eu disse que não me arrependia de nada do que eu tinha feito e do que eu sou, eu estava falando disso, porque ela nunca deixou eu ficar com ninguém. E eu naquela época eu sei que era um tipo de uma inocência que eu tinha na minha vida, por causa que eu tinha medo de teimar de ficar com os pai dos meus filhos e de ela morrer.

Teve o pai do Marcelo e da Marília que foi eu mesma que não quis mais viver com ele. A minha separação dele foi muito difícil. Quando eu disse que ia embora o pai deles pegou o Marcelo e sumiu. Eu falei que ia embora porque eu não ia mais tolerar as bebidas dele. Eu nem me lembro como é que foi parece que eu saí pra telefonar pro Antônio, meu irmão, ou fui atrás de carro pra pegar minhas coisas, sei que nessa saída ele pegou o menino que estava na casa de uma mulher que eu tinha deixado enquanto resolvia as coisas. Ele ficou a noite todinha com o Marcelo que era neném ainda, ficou com ele não, deixou na casa de um colega dele. Eu dei parte na polícia e passamos a noite toda procurando eles, viemos encontrar o Marcelo já na madrugada, enquanto isso, meus outros filhos ficaram na casa do meu irmão, Antônio, que ele deixou lá e depois ficou comigo procurando o Marcelo.

Eu acho que feliz mesmo! A minha felicidade, assim, completa, pra dizer que eu sou uma pessoa alegre e feliz, eu acho que não fui por muito tempo, porque ficou pela metade minha felicidade quando eu perdi meu pai. Quando eu perdi meu pai é como se tudo tivesse acabado naquele tempo, era como se o mundo tivesse desabado em cima de mim, é como se a vida não fosse mais continuar daquele tempo pra cá pra frente, porque a minha felicidade era ele. Eu não sabia o que era sofrer. Não sabia o que era dor, não sabia o que era tristeza e a partir dali da morte dele acabou toda a minha felicidade. Eu acho que a dor maior da minha vida foi isso, foi a perda dele e da minha mãe, meu irmão mais velho, quando morreu também doeu... Mas acho que a dor maior que tive foi deles dois, da minha mãe e do meu pai. Mas eu digo, assim, que parte da minha vida foi embora com a morte do meu pai, foi onde nada mais na minha vida pra mim não deu mais certo... Todos os planos que ele tinha pra mim... Pra nós foi tudo de águas abaixo, ele planejava muitas coisas junto com a minha mãe... Então tudo desmoronou depois que ele morreu. Eu tinha 14 anos quando ele morreu e foi como minha vida tivesse acabado ali, porque pra mim, assim, a gente não tinha como viver sem ele, porque tudo era ele que fazia. Ninguém sabia nem quanto que custava uma caixa de fósforo, nós num sabia o preço que era as coisas, porque ele que botava tudo pra casa... Eu lembro a preocupação dele com a gente.

Eu tenho certeza que a minha vida só voltou a ter sentido mesmo! Quando nasceu a minha primeira filha, depois eu fui tendo meus outros filhos e alimentando o sentido na vida. Tudo que eu queria na vida era ter uma família como meu pai planejou pra mim, ele planejava pra mim ter meu marido, sair de casa casada, ter minha casa, minha família. Esse era o sonho que eu tinha, ter minha casa, minha família, meus filhos... Sei que tudo que eu pedia pra Deus, assim, isso aí eu pedia mesmo pra Deus, que o dia que eu tivesse minha família eu queria que ele me desse uma filha mulher. Eu queria que meu primeiro filho fosse mulher, os outros não importava se fosse homem ou se fosse mulher, mas, meu primeiro filho que eu tivesse queria que fosse mulher... Com quem eu pudesse compartilhar a minha dor que eu sentia pela perda do meu pai. Porque eu nunca me esqueci dele, até hoje! Nunca me esqueço dele e sinto saudade dele... A lembrança dele, a fisionomia dele, nunca sai da minha memória, eu sempre sonho com ele. Dos filhos do meu pai só quem viu ele morto foi o Benedito e o Tarcilo, quer dizer eu nem sei se o Benedito viu, não sei se deixaram, ele tinha oito para nove anos, era por aí assim.

Teve um tempo que eu estava triste com as coisas, aí eu vim pra cá pro sítio e me lembrava muito dele. Vim com o Guilherme e não sei quem era o outro que estava comigo aqui no sítio, acho que era o Tanan mesmo no tempo de férias da escola... Eu me lembro que eu sonhei com ele e a mamãe, eles dois chegavam, com aquele pano branco coberto, mas eu via eles perfeito e eles falavam pra mim, assim, que não era pra mim ter medo do que tava acontecendo comigo porque ele nunca tinha me abandonado... Nunca me abandonou que sempre estava me protegendo de alguma coisa e que ninguém me fazia mal não, porque ele ia está sempre do meu lado... Eu me acordei e depois daquele dia eu parei com aquela preocupação, com aquela tristeza que eu estava. Também foi desde desse tempo que nunca mais sonhei com ele, mas de vez enquanto eu sonhava com ele, passava tempo, mas eu sonhava com ele. Agora a mamãe tem época que eu passo sonhando direto com ela, fico só sonhando com ela, parece que nas épocas que eu mais me lembro dela mais eu sonho muito com ela. Mas eu não sei, assim, eu fico pensando que eu nunca perdi um filho, mas muita gente fala que a dor da perda de um filho é maior que a dor da perda dum pai e duma mãe, eu não sei, isso aí eu não sei, por causa que pra mim doeu muito tanto a perda do meu pai como da minha mãe. E hoje eu me lembro que o Luiz, meu marido, não queria que eu chorasse, ficava falando que era pra mim não chorar foi quando o Zezinho, meu genro, marido da minha filha caçula, a Maira, chegou e falou comigo umas palavras que me ajudaram, eles tinham ido para um congresso em Cacoal e quem deu o estudo foi o Cláudio Dantas e aí o Zezinho quando chegou de lá ele falou pra mim, “Oh, irmã a senhora pode chorar, quando a senhora sentir vontade de chorar a senhora chore a senhora não se preocupa não que na hora certa Deus vai lhe curar dessa dor. O pastor falou sobre isso, ele disse que a dor da perda, Deus cura, a gente vai uma hora Deus cura, agora a saudade a lembrança só quando a gente vai também, mas ela nunca acaba a saudade e a lembrança dos pais da gente.” E eu acredito que seja verdade mesmo, eu me lembro que a Lindaura, filha da dona Maria Trindade que era conhecida da mamãe, falou pra mim depois que a mamãe morreu como foi que aconteceu com ela quando a mãe dela morreu e foi direitinho como ela falou mesmo que aconteceu comigo também. Só que hoje em dia eu vejo assim... Não sei, parece que as pessoas não ligam mais pra ninguém, porque eu vejo essa geração de hoje parece que eles não têm mais aquele apego a mãe e pai... Não sei também, porque não vou nem falar nada, cada qual com seu cada qual.

Eu era católica e depois me tornei evangélica, mas isso eu não sei explicar não. Só sei dizer que o que meu pai me ensinou é o mesmo o que eu aprendo lendo a bíblia evangélica. Hoje eu entendo, porque a bíblia do meu pai tinha tudo que tem na bíblia que conheço hoje, o que eu vejo, é que não tem diferença. Eu não discrimino católico, porque tem católico que segue as regras da bíblia e não é um católico fanático pra viver no fanatismo de catolicismo, a mesma coisa como também tem crente que é crente e é fiel e segue o que está nas escrituras, assim, os católicos também. Tem católico que ele segue as escrituras e serve a Deus e que é uma pessoa equilibrada, uma pessoa que segue como está escrito na bíblia. Meu pai era um homem que lia muito a bíblia, ele pregava pra gente o que estava na bíblia, só que ele nunca pregou fanatismo pra nós, porque Deus não dá a honra dele pra ninguém, a glória dele pra ninguém, isso tem escrito nos dez mandamentos “Adorarás somente a Deus!” Nós temos que adorar somente a Deus e nada mais nessa vida.

Nós temos que adorar e crer que nosso Deus porque ele ouve, ele fala, vê e ele sente. Na bíblia que tem isso escrito e a mesma bíblia que meu pai lia e que condena a idolatria, de adorar aquilo que não ouve que não vê e que não fala que não sente. Então eu não vejo discriminação nenhuma, porque, também a bíblia do meu pai ele falava a mesma coisa que eu vejo na bíblia hoje. Meu pai me ensinou a palavra de Deus que está escrita na bíblia. Ainda no tempo do meu pai eu já ouvia ele ler as passagem da bíblia que diz que nós vamos ter um grande dia. Isso foi meu pai que me ensinou quando eu era criança: “Nós vamos ter um grande dia aonde todos vão ser julgados perante a Deus, porque Jesus ele veio como advogado, hoje ele é nosso advogado, mas vai ter um grande dia que ele vai ser o nosso juiz, tudo que hoje ta acontecendo o meu pai já falava pra nós, mas hoje eu entendo, porque que ele falava isso pra nós, porque hoje eu leio e eu vejo a bíblia lá em apocalipse, essas coisas que estão acontecendo lá fora e que estão acontecendo aqui dentro do nosso Brasil, são coisas que já estavam escritas e que Deus mostrou pra aqueles que eram mais fiéis como foi o João. João teve a visão e viu tudo o que hoje está se passando, que está se cumprindo, foi tudo que Deus mostrou pra aqueles profetas fieis que realmente serviam ele com fidelidade que se entregaram só pra ele. Então tudo isso que está acontecendo eu nem me espanto, eu não me espanto porque ta aí em Mateus, Apocalipse é lá no Antigo Testamento tudo está escrito.

Meu pai lia também aquela passagem do livro do profeta Isaías. Lá nos salmos diz que haverá o grande dia de que todas as nações, todas as línguas todos os joelhos se dobrarão e todas as línguas falarão diante dele e não vai ter distinção entre preto, nem branco, nem rico, nem pobre. Por tudo isso, assim, eu vejo que cada um tem sua crença, mas a palavra de Deus, mesmo diz: “Que os filhos das trevas eles são mais fiéis e mais obedientes do que os filhos da luz.” E eu vejo esse grande dia que está escrito na bíblia como uma promessa pra aqueles que não crê. Lá em Apocalipse também diz, assim, que não faz parte do reino dele, os idolatras, os feiticeiros, os fornicadores, os bebedores, e tem mais outras coisas que ele fala. Essas pessoas que fazem essas coisas com o dinheiro da nação, eu sei que tem um nome pra isso, todas essas pessoas não entraram no reino de DEUS, mas assim como quando o preso paga aquela pena e um dia ele é julgado e ele é absorvido, então é a mesma coisa que Deus diz, se a pessoa se arrepender daquilo que ele faz e deixar pra lá aquilo ali e não fazer mais, então ele também tá perdoado por aquilo que ele fez!

Eu lembro que a minha mãe quando ela ia pescar ela falava para Santa Marta botar peixe no anzol dela que ela dava um peixe assado pra ela. Aí ela pegava assava aquele peixe e escolhia, fazia aquele amassado e botava lá em cima da casa que era pra dar para Santa Marta e o Edson, meu irmão, que era muito gaiato chegava lá e comia tudinho. Só que eu não coiso, assim, porque, era uma crença dela que ela aprendeu com a mãe dela, foi uma crença que ela aprendeu, mas, já eu não tenho essa crença... Meu pai e minha mãe discutiam muito por causa disso, porque a crença dela era uma e a do meu pai era outra. É, porque ela foi criada foi daquele jeito. Hoje eu vejo também o por que meu pai ensinava pra nós, porque ele lia a bíblia e falava que não era bom ficar amaldiçoando os outros, porque a mamãe gostava muito de ficar amaldiçoando e espraguejando os outros e ele falava pra ela que praga é que nem procissão da onde ela sai ela volta e hoje eu vejo que é verdade e que se ele dizia isso é porque ele via na bíblia, pois diz, assim, lá em Mateus: “Que nada daquilo que não queremos para nós não temos que desejar para os outros.” E tudo que nós, por exemplo, lá em lamentações, Jeremias o que fala? Fala bem, assim: “Do que se queixa o homem? Dos seus próprios pecados.” Porque, tudo aquilo que a gente faz a gente paga! Aquilo que a gente fala desejando mal pra outra pessoa aquele mal não vem praquela pessoa e, às vezes, é como meu pai dizia, aquele mal até acontece, mas é dividido com a pessoa que fala. Caluniar, falar uma

coisa sem ter certeza, tudo isso volta para a pessoa mesmo. Hoje eu vejo assim, eu sei que é mesmo, eu sei que hoje eu acredito que as coisas que meu pai dizia é verdade porque o que ele ensinava pra gente era que: “Não se devia pagar mal com mal.” Mas, porque ele aprendeu lendo a bíblia. E, assim, hoje eu vejo também, que a vingança pertence a Deus, não a nós.

O que eu aprendi com o meu pai é que tudo vem de Deus. Às vezes, as pessoas falam assim: “Ah! Porque a força da natureza”... Mas o que eu sei, a minha crença é que a natureza é de Deus! Porque a natureza tem força? Porque a força é de Deus! Eu acredito na natureza! Acredito nas forças invisíveis, eu acredito no sobrenatural, mas porque provém de Deus! Eu acredito! Creio que é assim. Ele é o Deus de tudo! Tudo! Tudo pertence a ele, porque ele foi o primeiro e o único! As outras coisas que existem foram feitas por ele, foi pelo consentimento dele. E tem pessoas que falam que dizer que Jesus andou na terra é lenda, não sei o que... Jesus veio sim! Ele veio como homem, sim! Hoje você vê essa guerra toda, mas aonde que existem as guerras? É nas terras por onde ele andou e que ele foi rejeitado, pois até hoje os Judeus não acreditam que ele veio como salvador, como rei, pra eles o rei deles nunca existiu, eles nunca acreditaram e tem uma passagem na bíblia que diz que Jesus estava passando em certo lugar com os discípulos aí tinha um homem, um curandeiro, que estava expulsando os demônios em nome de Jesus aí os discípulos falaram, assim, pra ele: “Mestre porque ele faz isso se ele não te segue? Eles acharam que o mestre não tinha que deixar, até falaram bem, assim, que se ele deixasse eles iam lá e faziam como Elias fez com os quatrocentos profetas de Baau, quando Elias fez os quatrocentos profetas de Baal se dobrar, porque eles não acreditavam no Deus que Elias servia aí ele fez uma aposta com eles, então fizeram o altar, fizeram aquele rego lá da onde a água que escorria e ali eles iam fazer a devoção deles, chamar pelo Deus deles, para descer fogo e consumir aquela água. Elias disse que se até meio dia o Deus deles não respondesse quem ia fazer o clamor era Ele, o Elias, quem ia fazer o clamor para o Deus dele pra Deus mandar fogo dos céus e consumir aquela água e aí eles clamaram, clamaram e até que Elias falava pra eles clamarem mais porque os deuses dele poderia está dormindo e aí deu o horário deles e não desceu o fogo e Elias foi e clamou.

Quando Elias clamou, Deus mandou o fogo e consumiu aquela água só que essa passagem foi antes de Jesus vir a terra, foi no tempo da Lei. Aí quando os discípulos viram esse curandeiro curando em nome de Deus eles falaram: “Mestre

porque ele faz isso no teu nome se ele não te segue? Se tu deixar nós vamos lá fazer com ele como Elias fez, clamou a Deus para descer fogo do céu e consumir ele porque ele não te segue.” Aí Jesus falou pra ele assim: “Não, deixa ele, aquele que não é contra Deus é ao nosso favor e vocês também não sabem que tipo de espírito ele serve.” Jesus aconselhou que não se deve desafiar, cada um com seus cada um, mas Jesus sabia a quem ele servia só que ele não destruiu porque ele não veio pra destruir ele veio pra salvar. Então é isso que eu digo, que o que vale é seguir a palavra de Deus independente de ser católico ou evangélico, olha só o caso do Marcelo meu filho com o Maciel, meu primo.

Quando o Maciel faleceu o Marcelo sentiu muito, nós fomos ao velório dele em Nazaré e voltamos no mesmo dia, eu fui com o Marcos. O Marcelo trabalhava num barco e ia passando por lá e soube da morte do tio dele e ficou. Ele até pegou as contas porque o patrão dele não queria que ele fosse, aí quando foi de noite ele teve uma visão com o Maciel, pois o Maciel debatia com o Marcelo na bíblia ele nunca falou pro Marcelo deixar a crença dele, nunca teve discriminação com o Marcelo. O Marcelo morava com ele e vivia com ele por lá e ele gostava muito do Maciel, Deusolivre! Quando foi de noite ele teve a visão que o Maciel sentava no cachão dele e falava: “Marcelo segue o que tu ta fazendo, porque tu ta certo, pode seguir.” E deitava de novo e fechava o olho, quer dizer, depois de ele já ter saído dessa vida, Deus permitiu que ele ainda fosse um profeta pro Marcelo.

Sobre a família da minha mãe ser indígena eu sei que a mamãe mesmo não falava nada não! Meu pai é que às vezes, falava pra ela que meu avô era índio que ela era índia e ela ficava braba com meu pai, mas ela mesma não falava nada. Isso é um assunto que não é falado na nossa família.

Eu lembro mauzinho do meu avô. Ele era índio mesmo! Mas eu não convivi com ele nem com minha avó lá no Amazonas. Nós não conviviamos juntos. Nós morávamos muito longe deles! A gente só ia, assim, alguma vez na casa deles, quando a mamãe ia passar dois três dois dias com eles e depois nós voltava pro nosso cantinho de novo, mas num tinha aquela convivência, tanto que eu nem me lembrava mais como que era lá na Traíra, só me lembrava de chegar na Traíra quando a água estava lá em cima! Mas daquela saída praquela praia lá que tinha agora quando eu fui lá ver o lugar em 2011, eu num recordava daquilo não. Eu nunca que ia me lembrar daquilo ali, porque nunca tinha ido lá no tempo do verão e o que eu me lembro da Traíra também é que nós ia por um caminho, assim, pra vim

do Comercial. Do Comercial nós saía pra beira do rio por terra, mas eu me lembro do cafezal! Era um cafezal bonito eu me lembro desse cafezal e da roça também, eu me lembro que eu ainda fui na roça da minha avó e que a roça da minha avó ficava pra onde era a Traíra onde era da Raimunda Mota, que aquela Traíra da Raimunda lá o Antônio tava falando que onde tem uma roça entrou num pedaço da Traíra, disque aquilo é dentro da nossa Traíra, porque era pro lado de lá que minha avó fazia roça. Ele fala isso porque se criou lá. Eu não me criei lá, agora o Antônio não! O Antônio e o Deco eles se criaram lá na Traíra. Foi minha avó que criou eles. O Antônio conhece tudo aquilo ali, sabe tudo daquela parte ali, mas eu não.

No Uruapeara o lugar que eu tinha mesmo lembrança, que a gente andava mesmo lá era ali o Comercial lá eu tenho uma lembrança mesmo de lá, a Vista longe, mesmo, assim, também ali onde a Laura mora quando eu andava por lá eu era muito criança eu não me lembro direito. Agora o único lugar que eu tinha lembrança era o Jamari e o Comercial, porque o Comercial erade um homem de lá que era patrão do meu pai. Daí a gente vivia por lá. Passava dias por lá, mas os outros lugares por ali eu não sei. Eu me lembro do igarapé da água fria malzinho, assim, eu me lembro quando a gente ia pra festa lá. Que meu pai levava nós na festa, eu me lembro de umas duas festas que meu pai foi, mas que eu lembro bem mesmo era de uma que a gente foi. Sei que a gente ia, mas eu não sei de que santo era a festa, tinha muita comida, o pessoal rezavam, rezavam! Depois iam dançar e beber!

Eu aprendi muitas coisas com o meu pai, mas também aprendi com minha mãe alguns conhecimentos que eu tenho, como por exemplo, pescar, eu sempre pescava com a mamãe, mas tem um jeito de pegar peixe que eu já aprendi com meu tio Benedito, irmão do meu pai. Esse jeito é fazendo um cacuri que eles falam. Isso já aprendi com meu tio, com meus primos, comadre Mundinha, essa gente. Para fazer um cacuri a gente coloca a palha bem fechadinha pro peixe não passar, uma transada na outra, assim, bem amarradinha, bem juntinha, bem forte pra que o peixe não passe, aí bem no meio vira a palha pra dentro da onde fizeram a cabeceira do cacuri, tanto de lá como daqui, por exemplo, faz uma cabeceira lá outra cabeceira aqui aí já vira as palhas com as pontas pra dentro, só naquela porta que deixa que fica tipo uma portinha que a gente deixa pro peixe entrar, mas a gente já deixa a ponta da palha pra dentro, é uma palha trocada na outra, quer dizer que na hora que o peixe entrar nessa portinha ele passa pra dentro do cacuri, mas pra voltar ele não passa. Aí ele fica preso naquela coisa lá.

Nunca fiz um cacuri aqui no sítio onde eu moro, a gente pescava nesse negócio, mas era lá no meu tio. Que nem eu já falei que depois que meu pai morreu quem cuidava de nós era ele. Nós ficamos ainda um ano e pouco com ele e a gente aprendeu muitas coisas com eles. Nós vivia lá pela casa deles, nós ficava por lá, eles iam lá por casa também, levavam as coisas pra nós, a gente ia pra lá pescar com a comadre Mundinha e com a Déuza que parece que já era casada, só a comadre Mundinha que era solteira nesse tempo, eu nem me lembro se meu pai ainda era vivo quando a Déuza casou, acho que era sim.

Tinha também os dois tipos de cipó, o ambé e o titica, com a ambé faz peneiro, faz vassoura, faz peneira e com o titica faz também vassoura e peneira, faz cadeira, faz um monte de coisa! Também tem um tipo de cipó que dá água é o cipó cravo parece que dá água... Sei que tem um tipo de cipó que eles cortam pra beber na mata, eu nunca tomei água dele, só ouvi falar mesmo.

Eu não tenho medo de ir para o mato nem para o rio. Eu não tenho medo não. Eu atravessava o rio Madeira só eu e a Sandra que era menina, assim, que tinha uns oito anos, mais ou menos. Nós ia pescar lá pra dentro do Cuniã. Eu tinha medo, assim, das coisas que contavam tipo lá no Cuniã, porque o pessoal contava de um homem que fazia assombração, mas assim, hoje eu acredito, no que essas psicólogas, orientadoras falam que os pais têm que passar segurança pros filhos. Eu acredito que tudo que eu sou hoje foi resultado da grande segurança que meu pai passou pra mim e a mamãe também que era corajosa. Só que tinha uma coisa que eu tinha medo, assim, é que lá mataram um homem e o pessoal falava que ele ficou assombrando lá o pessoal. Tinha gente que via ele, que escutavam o remoço dele, porque ele aparecia, num sei que, só que hoje em dia eu vejo, assim, que eu não duvido da crença de ninguém, mas só que a palavra de Deus diz que a gente tem que ter medo dos vivos. Eu não vou dizer que não, mas não sei se os mortos fazem algum mal... Aí a gente ia pegar isca para pesca, mas mesmo assim, a gente tinha medo, mas a gente ia lá pegar aqueles caroços de babaçu pra tirar o gongo pra nós pescar e eu confiava nas orações que meu pai me ensinava, na minha crença que eles me ensinavam de que por onde a gente anda Deus está nos guardando, protegendo e eu confiava nisso. Eu ia assim, com medo, mas mesmo assim a gente ia, entrava, chegava lá e pegava a isca e vinha pra canoa pescar...

Eu tinha medo de boto, até hoje eu tenho, porque tem boto que ele é do mal que ele faz mal pra gente, agora tem daquele botinho lá que ele não come gente não,

não faz mal pras pessoas, mas é assim, como eu tô falando, eu não desfaço das crenças de ninguém só que eu creio como eu fui criada. A minha crença é a crença que meu pai me ensinou, a gente crê que existe um Deus, crê que foi ele que nos criou. Creio que ele existe, creio que ele vê, que ele fala, que ele ouve, agora, eu não desfaço da crença de ninguém, agora só que pra mim não serve.

Uma coisa que eu num lembro se é no Novo Testamento ou se é no Antigo Testamento que fala que era o próprio homem que era quem ia destruir o mundo, as coisas, porque, tem pessoas que falam “Ah a ciência não é de Deus.” É sim de Deus! A ciência é de Deus. Foi Deus que deu a inteligência pro homem agora só que o homem depois que ele teve conhecimento quis passar dos limites... Por exemplo, os cientistas, o pessoal fala que a inteligência dele não é de Deus, mas foi Deus que deu a inteligência dele, agora só que ele extrapolou, ele extrapola, ele acha que por ele ser cientista ele acha que tem poder enquanto que foi Deus que deu o dom pra ele. Tudo isso que está acontecendo eu acredito que seja reação da natureza, porque a natureza ela é de Deus! Muita coisa que está acontecendo o meu pai mostrava para gente nas suas leituras. Ele gostava muito de ler, às vezes, quando ele via que quando nós estava livre ele chamava a gente pra escutar as leituras dele. Depois o Edson, quando começou a trabalhar nesses barcos ele comprava e levava propapai uns livros, um deles falava desses tipos de doenças que não tem cura e também está escrito na bíblia. Tá escrito que a ciência ia se multiplicar, mas ia haver muitas doenças que os médicos não iam curar, todas essas doenças que estão aísão coisas que já tinham sido profetizadas. João, os profetas, já tinham visto e eu acredito que pra quem crê, ainda existe cura pras coisas, depende do que crê e tem confiança. Agora essa ganância por dinheiro está acabando com a natureza, eu não sou a favor da destruição das coisas, da cachoeira, essas coisas aí tudo, eu acredito que tem um sentido. Como aconteceu aqui em Porto Velho que destruíram a cachoeira de Santo Antônio para fazerem hidrelétricas.

Eu creio que enquanto eu viver a minha crença vai ser a que meu pai me ensinou, do jeito que ele me ensinou... Aqui mesmo no sítio na linha 45, eu nunca vi nada que me assombrasse... Teve um dia que eu vim pra cá sozinha, antes de eu vim eu orei, pedi pra Deus me proteger... Vim confiante que eu ia vim e nada de ruim ia me acontecer. Eu estava muito ruim lá em casa, no Candeias do Jamari, na cidade, meu corpo estava muito cansado, eu estava tão agoniada, com dor de cabeça, sentindo tantas coisas, mesmo, assim, eu vim, mas eu cheguei e fiquei tranquila, sem

medo. Quando eu ficava no sítio com o Renato, meu filho caçula, que ficava no sítio comigo, eu sempre falava - Renato não vai subir não, me espera e naquele dia não, é como se eu tivesse com um bucado de gente aqui em casa, nem me preocupei, fiquei aqui embaixo fiz comida pro cachorro, dei comida pra ele e depois eu subi para a parte da casa onde a gente dorme... Eu fiquei aqui embaixo até umas oito horas aí fechei as coisas, apaguei as luzes e fui mimbora e dormi, Graças a Deus! Orei e dormi a noite toda quando me acordei ia dar umas três e meia pra quatro horas, aí eu dormi de novo e me acordei o dia estava amanhecendo, aí só minha cabeça que ainda tava meia doendo, ainda eu orei, Graças a Deus, minha cabeça parou de doer e fui cuidar nas minhas coisas, levantei fui levar comida pras galinhas, fui cuidar nas minhas coisas. Quando foi de tarde o Marcos, meu filho chegou. Mas eu tinha vindo pra voltar sexta feira. Nesse dia os bois do Magalhães estavam aqui e essa estrada estava mais feia do que está e chovendo aí eu estava pensando, assim, que eu ia deixar pra arrumar as coisas tudo quando fosse detardezinha, eu ia dormir lá no seu Maranhão ou então lá no seu Andre pra mim pegar o ônibus de manhã cedo, porque podia amanhecer chovendo e ia ficar muito ruim pra mim sair cedo daqui na chuva. Quando o Marcos chegou brabo, porque eu tinha vindo.

Eu não desfaço de ninguém, mas também peço a Deus que ele nunca permita de eu ver as coisas, assim, que nem o irmão da igreja, que estava ali pro mato tirando madeira para fazer a igreja e viu um índio bem grandão! Aí ele perdeu o sentido, por causa que provavelmente era um espírito e natureza da gente não resiste quando vem a força do outro quando vem da outra vida. Foi o que aconteceu com o irmão, ele perdeu o sentido e num piscar de olhos o índio sumiu. O irmão só voltou em si por o Benedito meu irmão atirou num pato do mato aí ele acordou com aquele tiro fez voltar o sentido dele. Tem gente que não acreditou, eu não sei, eu não duvido não, agora que eu já tenha visto, assim, eu nunca vi e também não quero ver. Eu já vi, mas, assim, tipo um sonho. Um dia eu estava aqui no quarto o Luiz saiu pra trabalhar, até eu estava vendo na televisão aquele homem, o Candido Mariano foi quando me veio na minha lembrança que ele era igual ao homem que uma vez eu vi no meu sonho. Nesse dia eu dormi de tarde e sonhei, não sei se eu sonhei, não sei o que foi aquilo ali eu via direitinho, assim um homem em cima de um cavalo, com um chapéu na cabeça e um charuto na boca e ele me mostrava, assim, uma pedra no dedo dele, uma pedra bem grandona, só que a pedra era verde, só que eu fiz todos os esforços pra mim sair daquele negócio ali! Foi dessa vez que eu escutei aquele

negócio... Eu estava dormindo e me acordando e fui escutando aquele negócio, aquele coisa, assim, que eu fui me acordando e escutando aquela vovozinha, assim, tipo de criança que falou *uiacunã chiuanãmã* escutei duas vezes, nesse tempo nem tinha essa área era só o quarto mesmo e aquela escada que tinha pra gente subir para a parte de cima da casa. Era na época que a mamãe morava aqui.

Eu só lembro de um sonho quando ele marca muito na minha vida, tem um sonho antigo que eu tive que na época que eu sonhei contei para minha filha mais velha e agora ela estava me lembrando dele, foi um sonho com uma criança que eu perdi quando eu ainda estava grávida dela. Eu vi essa criança e ela era muito pequeninha e não dava pra ver o sexo dela. Eu sonhei que estava num lugar que era bonito cheio de árvores e tinha aquele rio que tinha aquela água bem limpinha! Tinha aquela mulher com ela numa canoazinha tipo uma canoinha andando com ela bem arrumadinha, bem bonitinha aquela criança! Aí eu ia pra pegar, eu dizia que era minha filha que eu queria pegar ela, mas a mulher falava que não. A mulher tava bem vestida também. Estava bem bonita, aí ela falava que a criança não era mais minha que era dela. Esses são os sonhos que eu tenho pra contar.

Pensando sobre o modo que fui criada eu me sinto bem! Como meus pais me passaram os conhecimentos da vida em contato com a terra, com a floresta com o rio, meu pai e minha mãe foram passando pra mim esse conhecimento e eu me sinto bem, só que muitas coisas que eu aprendi que eu vi de uma forma e depois eu descobri que não era daquela forma, daquele jeito, que aquilo ali foi como eles foram criados, como eles receberam e me passaram, mas que depois eu fui vendo que não era daquela maneira, mas só que eu, tipo assim, por exemplo, a mamãe, ela tinha aquela natureza dela, aquele jeito duro, eu procurava entender ela como ela era. Eu nunca quis fazer com que ela mudasse e aceitasse a maneira que eu vivia...

Lembrando do meu avô e da minha avó parte de mãe eu posso dizer que meu avô era índio, mas minha avó ela tinha outro jeito, acho que ela era outra coisa assim, num tinha aquela coisa que nem meu avô eu acho. Agora em relação ao que eu sinto referente à cultura que eu fui criada, hoje eu sinto muita falta! Sinto muita falta! De não viver da maneira que meu pai me criou, como eu vivia no tempo do meu pai, junto com minha mãe e meus irmãos. Nós tínhamos nossa roça, nós tinha de tudo em casa daquilo que ele plantava e a gente colhia. Eu sinto muita falta disso. Assim que nem o Tarcilo, meu irmão, falou pro Luiz, meu marido, no dia que ele tava falando que eu ficava comendo muito tucumã esse negócio de piquiá, essas

coisas que faziam mal pra mim, não sei quê aí o Tarcilo foi e falou pra ele: “Não Luiz tu não pode proibir ela de comer essas coisas não, porque isso não faz mal pra ela não, por causa que, ela foi criada assim, o organismo dela, a natureza dela combinou, então tu não pode proibir dela comer essas coisas. Porque ela foi criada comendo essas coisas. Isso não faz mal não pra ela.” Aí foi que ele já ficou todo desconfiado e não falou mais nada.

Eu sinto muita falta de mexer com a terra, como a gente fazia com meu pai, plantava, colhia, criava. Sinto falta de colher as minhas coisas como eu colhia com meu pai e com minha mãe, milho, tão gostoso! A gente plantava aqueles milhos e a gente plantava feijão, a gente tinha tanto feijão, porque minha mãe plantava. Sinto falta de plantar os milho e ver crescer e quando chegar o dia a gente ir lá colher, tirar aqueles milhos, tudo com fartura em casa, tudo do que a gente plantava e colhia, eu sinto falta disso, muita falta! Eu ainda tenho esperanças de ainda conseguir plantar minhas coisas com fé em Deus! Meu Jesus Cristo! Se eu conseguisse comprar uma chácara pra mim lá na linha do caju eu num ia mais vender nunca ia comprar e ia ficar pra mim criar e plantar!

Uma coisa que eu vejo assim é que a minha vida mudou muita coisa depois que eu conheci o Luiz, depois que ele foi morar comigo e está com pouco tempo que eu acredito que to me acostumando com ele me ajudando, por que eu era pai e era mãe dos meus filhos eu tinha a minha independência e eu trabalhava. Esses dias eu estava falando pra ele que eu ia viver a minha vida como eu vivia, isso não quer dizer que eu ia me separar dele, não era isso, não, eu ia tomar a frente e fazer o que eu fazia quando era só eu, porque eu não ia mais esperar por ele e nem por ninguém, não ia pedir pra ninguém fazer minhas coisas, porque eu fazia quando eu morava só, até as paredes da minha casa era eu que fazia eu só não fazia subir pra cobrir lá em cima, porque o Antônio, meu irmão, não deixava, ele pagava pra alguém fazer pra mim, mas era eu que fazia as outras coisas todas, agora eu quero minhas coisas eu tenho que ficar adulando pra fazerem, tem que ficar mendigando pra fazerem pra mim, mas eu tenho tenho esperança, tenho fé em Deus, meu Jesus Cristo! Que se Deus abençoar que eu ainda tenha coisa de receber esse dinheiro do governo da isonomia que é os direitos de receber por insalubridade, trabalho perigoso, era uns direitos nossos que o governo não pagava pra nós. Se eu receber esse dinheiro uma das coisas que eu vou fazer é comprar um pedaço de terra pra mim plantar e criar. Tenho fé em Deus! Meu Jesus Cristo!

Eu tenho muita vontade de plantar, de mexer na terra, plantar minhas coisas, plantar minhas flores, porque eu gostava tanto de flor, tinha aquelas flores no começo aqui no sítio e agora eu não posso plantar, porque antes quando a gente uns bois eles acabam com tudo e agora é o cavalo e a égua que comem tudo, não tem onde eu plantar minhas coisas... Eu achava que quando eu me aposentasse eu ia poder ter minha casa, ia poder mexer de novo com as minhas plantinhas, ter meus jardins, minhas coisas. Esses dias eu estava falando pro Luiz que eu não sei se ainda vou esperar mais ainda, porque eu achava que quando eu me aposentasse nós ia ficar aqui, no sítio, mas eu me aposentei e ele foi embora trabalhar, viver desse jeito, assim, já vai fazer cinco anos que ele tá nesse negócio de tá nessa vida de num ficar direto aqui e aí fala, mas “Depois nós vamos.” Aí eu digo pra ele: - Depois Luiz? Num vê que conforme os dias a gente vai aumentando a idade? Depois nós vamos fazer o que? Depois de nós dois velhos, vamos está sem força pra trabalhar, vamos fazer o que lá? Temos que aproveitar agora enquanto nós temos o que aproveitar, eu não sei se eu vou esperar ele decidir voltar pra cá ainda como eu já esperei esses tempos. Agora que já tem ônibus eu ainda vou pegar o ônibus e vou ficar lá pra Neca, uma menina que morou perto do sítio e agora mora lá pra uma chácara na linha do Caju. Vou ficar um dia por lá com ela pra ela me ajudar a achar uma chácara lá, tem umas chácaras lá que não mora ninguém. Vou procurar o dono daquelas chácaras e pedir pra darem pra mim tomar conta, pra mim criar as minhas galinhas...

Eu quero só dizer que eu acho que hoje na minha vida eu ainda tenho alegria de viver, porque eu tenho meus filhos, que eu vi todos crescerem e hoje cada um tem sua vida. Que nem eu já falei, não tenho nenhum arrependimento de nada que fiz na vida... O que eu quero dizer com isso, é que não me arrependo de ter tido meus filhos, sou grata a Deus pela vida de todos eles. Meus netos são a razão da minha vida! Muita gente diz que ser vó é ser mãe pela segunda vez e eu acredito que seja mesmo! Meus netos não vivem o tempo todo comigo, eu criei meus filhos junto com a minha mãe bem dizer, mas meus filhos não estão criando meus netos o tempo todo comigo, mesmo assim eu gosto, eu amo meus netos! Pra mim eles são tudo na minha vida. Eles são a razão da minha vida. A Mônica ali, que mora ali do lado de casa no Candeias do Jamari, eu não gosto nem de pensar o dia que a Mônica sair de perto de mim, porque eu ando vou por aí, mas eu sei que ela está ali perto de mim. O Vitor, filho dela, quando eu fico aqui no sítio que eu demoro a chegar ele sente

minha falta. Esses dias eu cheguei lá ele me viu e já foi pra lá pra casa chorando “Minha avó” me abraçou e me beijou “Ôh, minha avó não faz mais isso comigo não!” Aí eu disse: - E o que foi que eu fiz meu filho?” Aí ele falou: “A senhora vai embora eu fico aqui, não faça isso mais não minha avó, não faz isso comigo não.” Aquelas da Maira, minha filha caçula, lá eu passo dias sem ir lá, mas quando eu vou é uma alegria... O Lucas com o Tanan, filhos da minha primeira filha, nem se fala! Ixe deusolivre! O Guilherme, primeiro filho da Mônica, Kelven, o mais novo dela, os da Marília, a Ivini é minha princesa! Deusolivre! A Paula, o Bruno, também são tudo pra mim. A Ivini toda vez eu falo pra ela não namorar só estudar, aí ela fica toda desconfiada eu digo pra ela - Olha Ivini! Como está teus estudos? Aí ela responde: “Eu tô bem vó!” Aí eu pergunto: - Num tá namorando não né Ivini? Tomara eu ver tu namorar antes de terminar teus estudos. Aí ela diz: “Oh, vó!” Tem também a do Marcelo a Maria Eduarda e está vindo mais uma, porque a mulher dele está grávida. Meus genros, pra mim são mesmo que ser meus filhos, o William teve aqueles problemas lá com ele, mas Graças a Deus! Ele e a Mônica vivem bem e eu peço a Deus que nunca mais seja preciso acontecer outro problema.

Hoje em dia não tenho mais meu pai e nem minha mãe, depois que meu pai morreu eu nunca mais tinha voltado lá no Uruapeara, a mamãe de vez enquanto ia, mas eu não, só depois que ela morreu que voltei lá, eu e minha primeira filha. A última vez que eu fui ao Uruapeara nós já morava na Ilha da Boa Hora, foi depois que nós fomos dessa última vez que o pessoal da mamãe veio para Rondônia... Vieram para morar lá perto da gente. A tia Izolina, as filhas e os filhos dela. A tia Preta, mãe do meu primo Manel Maciel, veio depois. Eles eu não me lembro como foi a vinda deles pra cá pra Rondônia. Do pessoal da tia Preta, o Maciel, eu não me lembro quem foi que veio pra cá deles, não sei como que foi a vinda deles pra cá, sei que eles vieram um bucado, parece que veio primeiro o Maciel, depois ele foi buscar o pessoal, arrumou lugar aí pra eles em Nazaré.

Depois de três anos que a minha mãe morreu que eu voltei ao Uruapeara. Lugar onde ela nasceu, se criou, casou e teve os filhos dela, onde eu também nasci e vivi quando eu era criança. Nessa viagem fui junto com a Márcia, minha primeira filha, com a minha irmã parte de pai a Cila e os dois filhos mais velhos dela, o Adelson e a Janice. Num dos dias que a gente estava lá fomos visitar o lugar Traíra, que foi da minha bisavó e da minha avó e depois meu tio Pedro morou lá e após a sua morte quem morou um tempo lá foi uma sobrinha deles lá, hoje não mora

ninguém lá, mas o Pedro, meu primo cuida de lá. Foi eu, a minha filha mais velha, meu sobrinho Adelson e a minha sobrinha Janilse. Fomos de canoa daí da Vista Longe até lá na praia que saiu na entrada da Traíra.

Quando eu fui chegando à Traíra me veio na lembrança a última vez que eu fui lá:- Chegamos lá um dia de manhã cedo eu a mamãe, o Benedito, o Antônio que veio deixar a gente, eles não estavam nem esperando a gente quando eles viram veio todo mundo nos encontrar. Aquela alegria! Ficamos um bucado de dia lá. A minha tia, a mãe velha, o tio Pedro, as filhas da minha tia, os filhos dela, moravam tudo lá na Traíra. Nós chegamos e eles ficaram tudo alegre, porque eles não estavam esperando nós. Nós chegamos de surpresa. Foi essa a imagem que veio na minha memória foi no dia que nós chegamos aqui, que eles vieram encontrar a gente, minha avó que a gente chamava de mãe velha, minha tia, minhas primas, meus primos, encontraram a gente lá na beira, a água estava lá em cima, era inverno, naquele tempo a minha mãe era nova, ela tinha muita saúde ainda, o Benedito que é o meu irmão mais novo, ainda era criança, acho que ele tinha uns seis ou sete anos por aí. Parecia que estava vendo a mãe velha, o jeitinho dela, assim, com o pano amarrado na cabeça, com aquela roupa que ela usava e se segurando com o pauzinho dela vindo encontrar agente. A roupa que a mãe velha usava era umas saionas rodadas lá no pé e uns patozinhos com cabiçozinho, manga cumprida de punho. Cabição é um corte que deixava soltinho o palito e ainda tinha uns folhinhos na beira! É como se eu tivesse vendo quando ia pra lá e ela ia pra encontrar a gente na beira.

Fiquei muito emocionada nesse retorno ao lugar da família da minha mãe, porque desde daquele tempo que eu fui na última vez com minha mãe, nunca mais eu tinha vindo, quarenta e seis anos se passaram pra mim vim de novo. Agora eu acredito, agora não, eu sempre acreditei que Deus cumpre com as promessas, eu me senti muito feliz, alegre de ter voltado lá na Traíra, foi como se eu estivesse renovado a minha vida. Eu creio que tudo isso foi um presente de Deus, porque me senti tão bem, naquele dia que cheguei lá na Traíra, senti uma alegria, uma coisa boa, fiquei ali olhando aquele lugar me lembrando de todo mundo, sentindo aquele vento, ouvindo o canto daqueles pássaros, foi uma emoção muito forte que eu senti...

Eu, o Adelson, a Janice a Márcia fomos andando por lá e eu fui lembrando a direção para onde ficavam as roças, eu me lembrei que tinha uma várzea onde nós

atravessávamos um igarapé e ia pegar jerimum e milho, lá assim, numa ilhazinha que tinha. Fiquei admirada com as castanheiras, lá ainda tem cada castanheira! Tem muito açaí, abacaba. Lembrei dos caminhos que tinham por lá, vi o lugar onde ficava o cafezal, vi o lugar onde era a casa antiga, ainda tinha lá um esteio velho dela. Fui olhando e lembrando onde era o lugar que era o terreiro, o lugar que era limpo naquele tempo, vi as laranjeiras tudo velhinha já, os cupuzeiros, me admirei de ver tanto açaí no açazeiro, tanta castanheira, tinha até umas taboquinhas por lá que eu pensava que era mangarataia, lá no lugar que era o cafezal ainda tinha uns pés de café. Vi também um pé de Muru Muru que é um frutinha que os bichos comem; paca, tatu...

Me senti alegre e um pouco triste, ao vim ver o lugar da mãe velha, a minha avó Adelaide, porque me veio as lembranças da minha família, me deu uma sensação que eu não sei explicar, só sei dizer que foi bom voltar no lugar onde minha mãe nasceu, onde vivi momentos bons da minha vida com meus pais.

2.DE PORTO VELHO PARA NAZARÉ

A partir das minhas idas para Nazaré de barco lá percebi que ficam seis horas de viagem de barco, saindo de Porto Velho e descendo o rio Madeira, mas essa duração varia conforme a época do ano, quando está cheio pode ir mais rápido e quando está seco pode ser mais demorado⁹. Também é possível ir de carro até a comunidade de São Carlos e de lá pegar uma vuadeira para chegar até Nazaré.

Em 2014 por causa da inundao que destruiu as comunidades das margens do rio Madeira, dentre elas o lugar na proximidade de So Carlos, onde so feitas as lotaes em vuadeiras para ir para Nazar e outras localidades, ficou submerso, ficando apenas a possibilidade da viagem de barco saindo de Porto Velho, atualmente, alguns voltaram se utilizar dessa opo de ir via terrestre at So Carlos e de l pegar uma vuadeira. Alguns preferem esse trajeto, por ser mais rpido, enquanto a viagem de barco dura seis horas ou mais dependendo do nvel do rio. A viagem feita uma parte por terra e outra por gua, dura aproximadamente umas duas horas e meia.

Eu prefiro ir de barco, pois gosto da temporalidade do rio, enquanto o barco vai navegando possvel descansar na rede, conversar com os demais viajantes, olhar as paisagens, ver os lugares da beira do rio. Nos primeiros tempos do trabalho de campo ainda era possvel se encantar vendo uma casa rodeada de rvores, mais recuada das margens do rio, embora a paisagem estivesse comeando a modificar e a anunciar a tragdia que estava por vir. Havia algumas casas que estavam beira do barranco prestes a cair, assim como nos deparvamos com muitas rvores e plantaes desbarrancadas.

Em 2013 algumas comunidades estavam sofrendo desbarrancamento acelerado depois da interveno das duas hidreltricas no rio Madeira, uma em Porto Velho, a outra em Jaci-Paran¹⁰. O fenmeno da eroso natural e as pessoas

⁹Durante as viagens que fiz em 2015 para Nazar em agosto de 2015 e para o Uruapeara em setembro de 2015, havia bastante banco de areia que estava dificultando a navegao. Quando eu estava indo para o Uruapeara o barco na madrugada quase encalhou, causando susto nas pessoas que estavam dormindo. Nesse perodo tmbm havia um grande nmero de dragas de garimpo vistas por mim de Manicor a Humait e de Porto Velho a Nazar, trechos que percorri de barco.

¹⁰Os dois projetos hidroeltricos referidos fazem parte da iniciativa de Infraestrutura Regional da Amrica do Sul – IIRSA, articulada por lderes polticos, empresas de construo civil e bancos financiadores de grandes obras, que sustentam projetos de integrao com viabilidade econmica: minrio, madeira, soja, recursos hdricos, energia, gs natural etc.

dessas comunidades sempre souberam lidar com ele, mas antes tinham o domínio da temporalidade desses desmoronamentos e tinham tempo de afastar suas casas e fazer a colheita de suas plantações antes de tudo desbarrancar. Hoje, em Nazaré, por exemplo, as pessoas estão com suas referências temporais alteradas, pois o tempo da subida e da descida das águas do rio está descontrolado.

Em termos oficiais, o distrito de Nazaré foi criado e anexado ao município de Porto Velho pela Lei Municipal n.º 1.299, de 26 de junho de 1997¹¹. Conforme alguns dados que retirei de um dos documentos do INCRA emitidos pelo SIPRA – Diretoria de Assentamento – Sistema de Informações de projetos de Reforma Agrária – SIPRA – Informações de candidatos, sobre o lote do João Lobato, é possível constatar que o lugar onde ele se encontra faz parte do projeto ou acompanhamento: PDS Nazaré e Boa Vitória, ou seja, os lotes no Distrito de Nazaré estão inseridos numa gestão governamental de projeto de desenvolvimento Sustentável, a pessoa com posse do lote para obter o título da terra é submetida aos critérios de um contrato de assentamento nos termos da delegação, outorgada pelo Artigo 29, Inciso XVII, do Regimento do INCRA, aprovado pela portaria/MDA/N. 164, de 14 de julho de 2000, com fundamentos nos artigos 66 e 67, parágrafo 2.

Tive acesso a esse documento em junho de 2014, quando fui à comunidade após a inundação. João Lobato precisava saber a extensão correta de sua terra registrada no INCRA e pediu para que eu lesse os documentos que ele tinha em mãos. Como uma parte de seu lote havia sido requisitada pelo Estado para construir a nova Vila, ele foi informado por funcionários do órgão que estavam acompanhando o processo de indenização que havia apenas 50 hectares de terra registrados no INCRA em seu nome e isso fez cair o valor a ser repassado a ele.

A área ocupada tradicionalmente por João Lobato e seu núcleo familiar é mais ampla do que a parte onde estão fixados atualmente, por meio das narrativas de João Lobato e Maria de Nazaré, é possível perceber as formas de ocupação tradicional nas proximidades do lago do Peixe Boi, essa ocupação se dá por meio das plantações de roça, das moradias, plantação de árvores nativas como açaí e seringueiras.

¹¹Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=110020> (acesso: 20 de janeiro de 2016).

Apesar do status jurídico de assentamento e dos programas governamentais como bolsa verde, bolsa família, bolsa pesca, e de algumas pessoas fazerem parte da rede de funcionários da prefeitura ou do estado, ou de atividades comerciais, o modo de vida na comunidade predominante é tradicional, entendido pelas políticas governamentais como agroextrativista.

A partir do caso de João Lobato, é possível pensar o processo de desapropriação que as populações amazônicas vêm sofrendo desde o processo de colonização aos dias atuais, primeiro a invasão passada pelos descimentos, aldeamentos, desaldeamentos, formações de espaços de seringais que resultaram nas povoações atuais das margens dos rios baseadas em modos de vida extrativista e que passam para modelos de assentamentos. Passam por um processo de desterritorialização, passam a ser impedidos de fazerem os usos tradicionais da terra e por fim são desapropriados conforme o interesse governamental.

Na narrativa de dona Veneranda é possível entender a partir da sua percepção a transição de Nazaré de espaço de seringal para o atual distrito. E na narrativa de Valderlurdes, percebem-se os programas governamentais implementados na comunidade. Cada narrativa resultante das entrevistas realizadas em Nazaré traz uma percepção singular do lugar.

O Distrito de Nazaré está organizado territorialmente em diferentes espaços, tendo como referência a entrada principal onde atracam os barcos para embarque e desembarque. A vila está dividida em duas partes, a primeira cresce para lateral até o igarapé Culhereiro ocupada desde a chegada dos moradores entre as décadas de 50 e 60, vindos de espaços de seringais do Estado do Amazonas para trabalhar na sorva, na seringa e outras atividades extrativistas, bem como por moradores vindos de áreas de assentamento e Rondônia, que desenvolvem alguma atividade agrária, além de outros que vieram apenas para trabalhar nas escolas.

As demais partes da vila crescem para a frente e vão até as mediações da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Havendo moradias, pensões, igrejas evangélicas, moradores antigos e novos, com uma predominância de bares e mercearias. Há o campo de futebol, que também é um espaço de realização de eventos culturais, entre os quais a festa da Melancia. E um clube social grande em relação ao que há na segunda parte da vila.

Da entrada oficial da comunidade até a igreja Nossa Senhora Auxiliadora há uma calçada de cimento, de lá até a igreja São Pedro, que fica na segunda parte da

comunidade, há uma interligação por um trapiche. Nessa segunda parte há moradias, uma pequena mercearia aberta a partir da inundação de 2014, um chapéu de palha que era a antiga sede social do Instituto Minhas Raízes, um pequeno bar, um clube de dança, a usina movida à diesel, a escola municipal, moradias, uma pensão e uma igreja evangélica. Entre os moradores, moram nessa área o Timaia, coordenador do Instituto Minhas Raízes e a dona Vena, viúva do patrão da época do seringal.

Da igreja São Pedro até as proximidades da pousada e da antiga casa da dona Vena há uma continuidade de calçadas de cimento. No término da calçada há casas até o igarapé Correnteza, onde há uma armação de concreto, que deveria ser uma ponte, mas acabou por ser apenas mais uma obra pública abandonada. Do outro lado, os destroços da antiga casa de Maria de Nazaré e o início da área habitada por João Lobato e seu núcleo familiar, onde foi cedido uma parte para a construção da escola Estadual.

Na percepção de ocupação tradicional, da parte da frente do Culhereiro até o igarapé Correnteza pertence a dona Vena, conforme documentação antiga da época do seringal. E do igarapé correnteza para a parte de trás do igarapé Culhereiro pertence ao João Lobato indo até os limites da Estação Cuniã, área de preservação ambiental.

Na área sob a posse de João Lobato há plantações de seringueiras, floresta nativa, roçados, plantações de açaí e de cupuaçu. Além disso, há os espaços das antigas habitações das mulheres mais velhas da família Maciel, da qual sua ex-esposa pertence, onde ficam as duas seringueiras mais antigas, espaços onde aparecem misuras, a casa de farinha, um pequeno campo onde criava alguns bois e demais espaços de uso tradicional, todo esse espaço é significado por João Lobato, seu núcleo familiar e demais moradores antigos que circulam pela área.

Há duas reservas extrativistas que circundam o distrito de Nazaré, a Reserva extrativista do Cuniã, área que pode ser utilizada por populações tradicionais cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte. E a Estação Ecológica do Cuniã, que é posse de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo como dispõem a Lei 9.985-2000 SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza).

Pela legislação que rege o usufruto dessas reservas ambientais, se houver ocupação de maneira irregular, podem vir a ser desapropriadas por órgãos gestores

do meio ambiente. Essas medidas legais são colocadas com o argumento de prevenção à invasão e devastação desses espaços, no entanto, o que presenciamos é a destruição dessas reservas causadas pelas próprias políticas governamentais que visam um dito desenvolvimento, como no caso das Hidrelétricas que foram responsáveis pelo aumento do desmatamento e inundação descontrolada que destruiu florestas e matou grande quantidade de animais, fora e dentro dessas áreas de proteção. Nesse contexto a população tradicional é impedida de manter seu modo de vida baseado na pesca, na caça e na roça, podendo ser punida legalmente. Populações que mantiveram a preservação ambiental antes da institucionalização governamental da criação das reservas. Vale ressaltar que antes da criação da Estação Ecológica, além da ocupação tradicional mantida pela família de João Lobato, toda a comunidade já fazia uso da área para manter seu modo de vida tradicional.

Sobre os desastres ambientais ocorridos durante a inundação das comunidades às margens do rio Madeira, é possível verificar nas entrevistas que realizei em Nazaré e publiquei na revista *Humanidades*, na entrevista coletiva com Manel Benigno, Artemis Águila Ribeiro e Maria das Dores Maciel, eles denunciam a condição de abandono governamental em que se encontraram:

Manel Benigno: A experiência nossa! Foi muito difícil, porque ninguém não esperava uma enchente tão grande... Eu tô com 62 anos de idade essa foi umas das maiores enchentes que já vi na minha vida. E com as maiores dificuldades também que deixou todo mundo sem nada... Nada! Hoje você procura uma banana, você procura um abacate, você procura uma mandioca, não tem mais nada na beira do rio que já acabou tudo! Não ficou mais nada! Hoje a vida ficou tão difícil! Ficou tão difícil pra nós que mora às margens do rio que até os peixes... Uns tão contaminados, outros tão proibidos e outros não querem que peguem... Enfim, tá muito difícil a coisa pra quem vive na beira do rio, difícil, difícil, mesmo! [...]

Artemis Águila: [...] Foi muito preocupante mesmo, porque a gente até esperava uma enchente, mas não da forma que aconteceu, né? Tão rápido, tão veloz assim... Dia 25 de Fevereiro todo mundo tava desabrigado... E a gente teve que se apegar só na fé... Ainda até hoje a gente tá passando pelas consequências... O pessoal de cima perderam tudo, planta... Plantação... Essas coisas... Perdeu tudo... Até que desanima a pessoa de plantar uma nova jornada e em risco de perder tudo de novo... Sem condições até de trabalhar, né, porque trabalhar pra perder? Eu acho que não é futuro. Você trabalhar pra perder não é futuro. Então foi muito preocupante... Muito... Muito!... Segundo dizem que é um fenômeno da Natureza, mas eu acho que não, teve alguém que teve culpa nisso aí... E com certeza foi nossa ex-presidência... Eu estava em Porto Velho quando ele subiu ali na ferrovia madeira Mamoré e disse que essa usina tinha que sair nem que fosse de carvão, mas tinha que sair. Então, pra nós não adianta nada, não tem um dedo de energia, não tem um Quilo watt pra dentro de Rondônia... Tudo pra vender pra fora, né? Hoje ele tá lá no palácio dele passando bem... E nós aqui prejudicados, né, são coisas que deixou a gente a pensar muito, muito, muito mesmo! Eu nunca tinha passado por uma situação dessa, não só eu, mas os colegas todos que

estão aqui em Nazaré. Também ninguém correu, ninguém abandonou Nazaré, né. [...]

Maria das Dores: Dia 23 de fevereiro em diante nós não tivemos mais luz, nós viemos ter luz hoje! Dia 20 de Junho. [...] Cumpadre do céu! Se você vê pra li, sem mentira nenhuma, a gente vê os urubus sentados olhando nos paus... É aqueles reco-reco tudo buchudinho! Deste tamanho, assim, tu não tem conta pra tu contar, remando ali. Ai tá com a barrigona preta, aqueles peixinho, desde tamanho, aquele reco-reco, tudo dessa gruçura tavam, inchados. (Trechos da entrevista coletiva publicada na íntegra na revista nº 13 da *Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades – dossiê Processos, metodologias, artísticas e contemporaneidade*)¹²

A partir dessas falas é possível perceber as modificações ambientais e a condição não humana que as pessoas se encontraram no período da inundação e ao mesmo tempo suas resistências em se manter em seu espaço. Essa condição abrangeu a extensão espacial que correspondeu Porto Velho/RO ao Estado do Amazonas, envolvendo também espaços para além das fronteiras, afetando também populações tradicionais do lado boliviano.

Em Nazaré apesar de todos os desastres, após a descida das águas, como estratégia de manter a comunidade viva, não deixaram de fazer as festividades tradicionais, somente não aconteceu a festa da melancia que dependia da produção que foi perdida. A partir de 2015 foram retomadas todas as festividades, a de São Sebastião, São Pedro, o festival cultural com o boi Curumim, dança do seringador, carimbó, quadrilha, apresentação dos músicos da velha guarda e o forró de encerramento. As retomadas culturais foram feitas como forma de resistência para se manterem no lugar.

Fios das tradições

Maria de Nazaré é sobrinha da minha finada avó Francisca. Na relação de parentesco ela é considerada minha tia. A entrevista com ela aconteceu em 2009, numa das minhas idas junto com Maria Cristiane Pereira de Souza, via Instituto Madeira Vivo, organização socioambiental sem fins lucrativos criada no contexto de resistência às hidrelétricas no rio Madeira, da qual faço parte.

¹²Revista nº 13 da *Contemporâneos – Artes e Humanidades – dossiê Processos, metodologias, artísticas e contemporaneidade*. Disponível em www.revistacontemporaneos.com.br. Na publicação, há duas entrevistas, uma coletiva que optei em trazer alguns trechos para esta tese, a fim de dar lugar às vozes de denúncia sobre as violações de direitos, e a outra é a do Timaia, que, embora não seja citada aqui, é relevante por tratar especificamente da experiência da inundação vivenciada coletivamente.

Eu e Cristiane fomos fazer os registros do Festejo de São Pedro. Foi nessa viagem que retornei à comunidade após vinte e seis anos. Meu tio Manel, professor, havia falecido naquele ano e eu estava longe fazendo mestrado em Manaus e voltando de férias quis voltar à comunidade, o que coincidiu com o início de minha atuação política junto às comunidades que seriam afetadas pelas hidrelétricas. Estávamos iniciando um trabalho de formação de banco de narrativas de pessoas que faziam parte das comunidades às margens do rio Madeira, que pelo que se previa teriam suas vidas atravessadas pelas intervenções feitas no rio. Foi dentro dessa perspectiva que realizamos a entrevista com Maria de Nazaré.

A entrevista foi conduzida por mim e por Cristiane, e faz parte do projeto “Vida às margens do rio Madeira: História Oral de vida com pessoas afetadas pelas hidrelétricas”. Sendo uma frente de atuação política do Instituto Madeira Vivo, visávamos registrar a memória das pessoas que vivem em comunidades que sofreram, e ainda sofrem, com os impactos negativos da construção das hidrelétricas no rio Madeira, entre os quais, fizeram desaparecer algumas comunidades. Em relação à pesquisa, é relevante destacar a participação da pesquisadora Xênia de Castro Barbosa, que atuou no projeto e entre outras ações de campo contribuiu com a transcrição dessa entrevista.

Retomei a entrevista de Maria de Nazaré para esta tese por ela fazer parte da comunidade afetiva que suas tias, Francisca e Izolina Nunes Maciel, mencionam em suas narrativas constituídas na minha dissertação de mestrado “O Espaço Lembrado: Experiências de pessoas que vivenciaram os seringais da Amazônia”.

O contexto da realização da entrevista foi o meu retorno à comunidade num momento em que meu tio, sobrinho da minha avó, que era liderança religiosa e cultural da comunidade havia falecido e seu filho mais velho, Timaia com o apoio da comunidade, ia assumir a liderança cultural da realização do Festejo de São Pedro. Era o primeiro Festejo após a morte dele e todos estavam rememorando o pai de Timaia.

Chegamos à comunidade de Nazaré dia 25 de junho de 2009, às 01h00, após seis horas de viagem, era a segunda noite do Festejo de São Pedro e as atividades dessa noite estavam se encerrando, as pessoas que estavam na casa de dança, onde acontece a festa depois dos rituais religiosos, já estavam se dispersando. Fomos hospedados por Timaia.

No outro dia, pela manhã, fui visitar tia Maria junto com minha companheira de pesquisa de campo, era a primeira vez que íamos nos encontrar depois da morte da minha avó, ela não havia ido para o velório e eu não sabia qual seria sua reação ao me

ver, ela nos recebeu em sua casa com carinho. Ofereceu-nos café com roscas, ao vê-las remeti-me imediatamente a minha avó, pois essas roscas eram das suas prediletas, assim como de outras mulheres mais velhas da família, são do tempo do seringal. Enquanto tomamos café ela me falou do seu estado de saúde que não estava bom e das suas angústias causadas pela morte de seu irmão, Manoel Maciel, falamos também da morte da minha avó. Após termos lembrado nossos entes amados, falei do nosso interesse em entrevistá-la e ela disse para voltarmos à tarde.

Ao retornar, à tarde, para a realização da entrevista, a encontramos sentada na porta de sua casa, toda arrumada, tomada banho, cabelos penteados e roupa nova. Ao vermos que ela já havia se preparado para a entrevista, apenas explicamos nosso objetivo e a convidamos para iniciar sua narração. De forma tímida, pensativa, com certa melancolia que se quebrava com uma emoção mais forte da narração de experiências na mata. Sua narração foi se constituindo por fragmentos que foram os fios das suas lembranças, que se desenrolavam conforme íamos puxando seus nós. O ritmo da fala de Maria foi lento e pausado, por isso, tantas reticências na narrativa textual para dar essa ideia do seu ritmo narrativo.

Maria de Nazaré carrega em seu corpo muitas dores físicas dos trabalhos pesados feitos na sua vida inteira, mas são as dores das perdas que estavam naquele momento, fazendo-a definhar. Em seu rosto estava estampada a luta de uma mulher que batalhou e entregou todas as suas forças lado a lado do pai das suas filhas e filho para criá-los, e que ao vencer essa batalha foi desapropriada de seus méritos. Ouvi as dores de Maria vendo em suas mãos e pés calejados uma resistência para dar continuidade na vida. Estávamos ali diante de uma mulher que percorreu os caminhos das águas do Rio Madeira traçando sua história de luta, assim como fizeram as mulheres que a antecederam.

Mesmo depois da conferência da narrativa de Maria de Nazaré, cada vez que a encontrava na cidade de Porto Velho, ou na comunidade de Nazaré, ela me surpreendia com uma nova descoberta da nossa história indígena. Mas foi na minha última ida à Nazaré, em junho de 2015, quando fui fazer a conferência das outras narrativas com outros colaboradores e colaboradoras que eu tive a maior surpresa.

No dia em que eu estava fazendo a conferência da narrativa do Timaia, numa área livre, próxima ao igarapé Correnteza nas proximidades do lugar onde hoje se encontram apenas os destroços da casa de Maria de Nazaré, que ficou submersa durante a inundação de 2014, tive a alegria de vê-la chegar à comunidade junto com sua filha

Auxiliadora, que mora em Cuiabá, Mato Grosso, sua neta e bisnetos. Estavam indo passar uns dias por lá.

Tia Maria ficou na casa da Lurdinha, sua filha, onde eu também estava. Numa manhã, minha prima foi ajudar o seu pai João Lobato no trabalho da roça e pediu para eu fazer o almoço da sua mãe. Nesse dia, em vez de fazer alguma conferência de narrativa pela manhã, fiquei em casa e preparei o almoço para todos e o da tia Maria separado, pois ela tem algumas restrições de temperos por causa da saúde. Após o almoço fiquei com ela na sala, eu sentada no sofá e ela deitada na rede. Começamos a falar sobre descendências indígenas, falei para ela que não tinha vergonha de dizer que era indígena e que todas as pessoas na cidade me conheciam como Mura e que eu havia conhecido os Mura do Itaparanã e havia aprendido uma música com o cacique Nelson Mura que me considera como uma filha.

Cantei a música que aprendi com o cacique Nelson Mura para ela ouvir. Assim que eu terminei ela começou a cantar um canto que ela havia aprendido com seu avô, o pai velho, meu bisavô materno. Como pesquisadora, vi o canto cantado por ela como a peça que faltava para reconstruir a memória indígena do núcleo familiar de que ela faz parte e como o processo de transcrição de uma narrativa não se dá somente com o que foi gravado durante a entrevista, mas também com o que foi demonstrado em formas de gestos ou falado depois das entrevistas, incluí o canto na narrativa. Como portadora de tradição, senti naquele momento que ouvi aquele canto uma forma dos espíritos dos ancestrais indígenas trazerem de volta à memória desse canto que minha tia ouviu o pai velho cantar, e agora depois de tanto tempo cantou para mim, e eu vou passar para as outras gerações para ele se manter vivo.

Tia Maria cantou o canto do pai velho, mas depois não quis cantar mais e se fechou ao ser solicitada para cantar outras vezes. Ela disse que o canto era maior, mas ela esqueceu e também não sabe a língua que está sendo cantada, mas mesmo não conseguindo traduzi-lo, é possível sentir a força espiritual ao ouvi-lo, tanto quando ela canta quanto ao cantá-lo.

Apesar da sua timidez e todo o tempo que guardou para si esse canto. Quando eu disse a ela, antes de cantar, que eu não tinha vergonha de ser indígena, ela me disse assim:

Eu também não tenho vergonha não. Nós somos índios sim, mas somos diferentes porque não vivemos no meio deles e não sabemos falar a linguagem deles.

Só por isso que ela diz a tese se comprova: – Mantemos nosso modo de ser indígena.

2.1 MARIA DE NAZARÉ

Maria de Nazaré Maciel Nunes, nasceu no dia 26 de março de 1941. Sua narrativa é carregada de lembranças dolorosas que aos poucos vão revelando um modo de existir na relação com o espaço: A mata, os rios, igarapés, os animais, as pessoas e as assombrações que dão sentido para sua vida. Seu pai era Cearense, mas a sua avó paterna era paraense. Sua mãe era do Amazonas e sua avó materna era amazonense, filha de Cearense.

[...] acabei minha idade foi andando no mato com João, caçando, matando caça, vendo os bichos que eu não podia ver...

Não sei nem começar contar sobre minhas experiências... Porque a dificuldade que eu passo é desde a idade de 15 anos que eu passo essa dificuldade comigo... É daqui pra cá de lá pra cá... Vivendo bem... Vivendo mal... Vivendo assim! Tem tempo que eu vivo bem... Tem tempo que eu vivo mais ou menos... Tem tempo ruim!!! Só isso que eu sei contar...

Graças a Deus! Nunca passei mal assim na vida de não ter o que comer... Só negócio de doença que é a dificuldade que eu passo... Porque quando eu vim de lá do Uruapeara vim passando uma crise de ruindade. Porque lá nós não tinha como aqui em Nazaré, loja pra gente comprar as coisas que estivesse precisando... Lá tudo era dificuldade pra gente... Pra comprar alguma coisa a gente saía lá do lago do Uruapeara, lá de dentro e vinha aqui no rio Madeira fazer compras, pra comprar dois quilos de açúcar, às vezes, um quilo... Café não se falava... Só comida que Graças a Deus! Nunca faltou pra nós. Graças a Deus! Mas das outras coisas nós passamos ruim. Nem roupa nós tinha. Isso eu conto e não tenho vergonha não... Porque, sabe quando a gente não tem trabalho é sacrifício pra gente ficar ali se mantendo... Trabalhava tanto! E não tinha nada na vida... Só era pra gastar com doença. As meninas doentes, o João, que era meu marido, e quando não era ele era eu que caía doente. E então a gente ia passando essa amargura toda... Foi o tempo

que meu irmão foi para lá para o Uruapeara e trouxe nós... Quando fomos chegando de Humaitá pra cá foi melhorando um pouco as coisas... Foi o tempo que nós chegamos aqui em Nazaré...

Outra dificuldade era que nós não tinha do que viver. Não tinha trabalho. Graças a Deus! Esse homem o, Nanan, que era dono do seringal teve dó do João. Arrumou um trabalho pra trabalhar na sorva. Porque antigamente o trabalho era com a sorva... Era sacrifício! Passava dois, três dias pra lá, viajando, trabalhando na sorva. Fazia aqueles quatro cindo blocos de sorva e vendia pra comprar as coisas pra nós. Deixava as coisas pra gente em casa e ganhava a mata, assim, foi como ele fez um ganho. Ele fez assim, abriu esse nosso lugar desse jeito: ia, trabalhava, fazia quatro, cinco bloco de sorva e vendia e comprava as coisas pra nós comer, beber até ele voltar a trabalhar. Quando estava pra terminar as coisas ele voltava pra lá de novo. Ia trabalhar pra adquirir outro rancho pra nós viver, e assim nós fomos... Foi o tempo que as meninas cresceram e melhorou mais um pouco, porque elas ajudavam ele a trabalhar na roça. Porque eu não pude ajudar, eu fiquei logo doente da minha perna e não pude trabalhar, e até agora não posso mesmo, mas agora, Graças a Deus! A gente tá com os filhos todos criados...

Aí nós fomos pro lago do Peixe Boi. O João fez casa lá. Era tão bom pra nós lá... Tivemos lá uns tempos... Aí viemos pra Nazaré de novo, passemos seis anos aí em Nazaré... Ficamos morando numa casa grande em Nazaré que o Manel professor, meu irmão, deu pra gente morar. Já foi melhor pra nós... Quando foi um certo tempo o velho Nanan deu um lugar para fazer o sítio onde o João mora até hoje lá... Mas primeiro nós passamos uns cinco anos na casa grande que meu irmão deu pra gente morar, depois fomos lá pro sítio. Lá pro lago do Peixe Boi, nós não voltamos mais pra morar, lá só ficou como casa de farinha. A casa de farinha é o lugar onde fica o forno de torrar farinha, o tipiti de prensar a massa de mandioca, o cevador de cevar mandioca e tudo o que precisa pra fazer a farinha, lá tinha a roça e outras plantações que a gente fazia. A casa que a gente morou em Nazaré depois que veio do lago era perto de onde agora é a casa da Antônia, minha filha, pra cá um pouco.

Trabalhava bem e nós tinha tudo que era nosso, graças a Deus... Fui comprando as coisas, comprando, comprando! Depois ele se aborrecia, vendia aí tinha que trabalhar tudo de novo pra adquirir outras coisas. E as meninas, coitadinhas, ajudavam... Coitadinhas delas. Elas tudinho ajudavam, mas quem ajudava mais era a Rosa e a Lurdinha porque eram as mais velhas ficavam mais para

o serviço, as outras, as mais crianças, não trabalhavam muito não, mas elas! Passaram sacrifício junto com nós. Até agora, coitadinha, a Lurdinha é pau pra virar. Ela vive sozinha com os filhinhos dela, mas não passa mal não, Graças a Deus! Quando nós voltamos praí pra Nazaré... Nós criava porco, galinha e vendia pra comprar as coisas pra nós... Quando o João saía pra trabalhar a gente comia era só do terreiro mesmo, as criações que tinha no terreiro. E tendo fé em Deus a gente passou essas inclemências todas.

Agora estou passando essa amargura, por isso, porque lutei tanto junto com o João para criar os filhos e agora cada um tá para o seu canto, mas eu estou bem! Eu tenho a minha casinha aqui Graças a Deus, tenho tudo o que eu quero. Não sinto falta de nada, e assim, eu vou passando conforme Deus quiser. E ele saiu e nem veio mais pra cá, deixou a gente... Graças a Deus! Que deixou a gente criar nossos filhos tudo, oito filhos que nós tivemos, nós criamos tudinho com os poderes de Deus. Porque Deus nos ajudou a criar todos eles e termos todos vivos, Graças a Deus! Mas é sempre assim, daqui pra ali aparece um problema aqui com a gente... Mas isso a gente vai passando... Isso é comum na vida da gente... Mas eu não me reclamo, eu só peço a Deus que ele me dê força e coragem... Toda vez eu estou pedindo pra Deus que me dê força e coragem pra mim e pros meus filhos e para os meus netos tudo que me ajudam... E aí nós vamos passando...

Nosso lugar é grande, mas no começo era um matagal, matagal mesmo, oh! Nós fomos e fizemos casa, terreiro grande, campo, tudo foi nós que fizemos, agora vêem e dizem que é mentira... Não acreditam no que nós contamos... Só a gente que viu como era e que fez tudo é que sabe. Eu acho que quem chegou em Nazaré depois de nós diz que é mentira, mas foi verdade. Foi à braço! A gente fez esse terreno aí... E agora tá uma beleza. Agora o campo tá grandão, bonito! Zeloso!... Mas... Sei não... A gente sente muito! Por ver tudo o que construí junto com ele e não fazer mais parte disso... Eu digo mesmo... Eu vivo aqui, mas... Eu já estou doidinha pra querer ir embora pra lá pra Porto Velho pra estar perto dos meus outros filhos... Ainda agora eu estava só eu pensando... - Meu Deus, como é possível?... O que é que eu fiz na vida, no mundo, pra mim sofrer tanto assim? Pra ficar só eu. Meus filhos e netos estão tudo pra cá, pra lá, pra dentro, os filhos da Lurdinha que moram pra lá com ela perto do avô deles e ali pra fora, os filhos da Antônia que moram ali pra Vila. E eu só aqui. Estava pensando isso aí falei pra mim mesma: - Eu vou já tomar um banho pra ver se melhoro mais um pouco,

porque se a gente for meter na cabeça as coisas, a gente endoida. Eu pelo menos fico impressionada... Eu penso tanto na vida... Na minha separação com o João: - Depois de nós dois velhos, assim separado que coisa triste! Era pra tá tudo junto, com nossos filhos. Fazer o que?... Pois é, a gente vai passando isso... Isso me deixa triste e agoniada.

Nós viemos lá do Uruapeara e logo quando chegamos ficamos ali na parte da frente de Nazaré numa casa que era depósito de sorva, ali que nós moramos um bom tempo. Aí a gente veio pra cá pra parte de trás, lá pro Culhereiro e depois do Culhereiro que fomos pro lago do peixe Boi... Nós fomos pra lá porque o João comprou um terreno pra nós lá no lago... Pra lá passamos mais de dez anos, saímos de lá e fomos lá pra fora, assim mesmo, porque eu tive um menino que morreu com sete dias e o João ficou desgostoso e eu fiquei doente, fora de mim, de 28 de outubro até dezembro, daquele ano, quando eu me dei conta que estava viva... Nós moramos muitos anos lá... Foi o tempo que eu adoeci da minha perna e que me trouxeram praí pra Nazaré e eu andava no braço de qualquer pessoa, porque eu não andava com as minhas pernas. O João veio e me trouxe pra cá e eu nem sabia... Quando eu dei conta de mim eu tava morando nessa casa daí que o meu irmão tinha arrumado pra gente... Perto da onde a Antônia, minha filha, mora hoje em dia... Foi o tempo que eu melhorei, porque meu irmão, que morreu um tempo desses, me levou pra lá pra dona Preta, que é curandeira ainda hoje, e passaram uns remédios, me trataram com os remédios deles, dos espíritos que ela recebe, mas só que eu fiquei aleijada da perna, não tenho firmeza. Mas assim mesmo eu trabalhava! Eu carregava panela cheia de mandioca. Juro como tem Deus no céu! Que eu carregava um saco de farinha de lá do sítio que fica aí pra trás até Nazaré onde a gente morava aí pra frente, pra perto de onde a Antônia mora... Eu carregava um saco de farinha de três latas... Já estava doente da perna... Mas eu andava, assim, com bastão né... Eu ia embora... O caminho era por ali por baixo perto de um lago... que ficava mais longe do que agora que já tem estrada reta. E eu ia embora pra lá.

Esse lugar que a gente vivia é chamado de fazenda São João, foi o João mesmo que deu o nome. Porque nós que abrimos o lugar... Foi o João quem fez o campo, grandão, aí criamos muito carneiro e bode... Bode, aqui tinha pra caramba... Foi o tempo que o João disse que não queria mais conviver comigo... Aí eu fui embora pra Cuiabá pra casa da minha filha Auxiliadora. Nós deixamos muito bode no terreiro...

Quando eu estava lá em Cuiabá as meninas, minhas filhas, ligaram pra mim e disseram que ele já tinha vendido tudinho... Tinha dado também... Matava e presenteava pros outros comer e eu não tirei o lucro de nadinha. Passei dez meses pra lá pra Cuiabá, quando eu cheguei eu disse: - Com certeza ele ficou zangado, porque eu fui pra lá com minha filha... Com certeza ele não gostou... Fez uma casa grande! Que tinha bem aí na descida do barranco lá pra trás... Aí a Lurdinha disse: “Mãe a senhora já vai dormir pra lá hoje?” E eu respondi: - Já minha filha, tá tudo pronto, assoalhado, tá tudo cercado, vou pra lá. Pega o mosquiteiro do teu pai, desmancha daí e leva, amarra lá, procura um quarto maior, amarra o mosquiteiro dele e o meu pra lá... Ela foi e fez assim como eu tinha dito...

Quando ele chegou de lá do trabalho dele que não achou a rede dele veio aí buscar. Ele disse que não queria mais viver com ninguém não, queria viver a vida dele... Porque no dia que ele tivesse o que comer comia, no dia que não tivesse não comia nada. Eu falei pra ele - Tá bom, obrigada! Eu fiquei uns tempos. Ainda quatro anos ou mais morei aí no sítio... Depois eu fui embora pra lá pra Porto Velho com a Rosa. Ele ficou com tudo só pra ele... Quando eu estava lá não demorou as meninas ligaram pra me dizer que ele estava passando mal, que ele se impressionou, porque ele estava só. Tava passando mal... Que eu voltasse... Eu disse: - Volto não. Coisa que eu não faço é voltar! Deixa ele ficar pra lá, deixa ele se arrepender muito! Aí eu vou.

De lá da Rosa eu fui lá pra Dôra de novo, em Cuiabá. Quando eu voltei de lá eu fui pra Nazaré. O barco chegou lá ele foi logo perguntar pra Julia, minha filha: “Com quem tu veio, minha filha, de Porto Velho?” Ela respondeu: “Eu vim com a mamãe.” Aí ele só fez pegar o terçado que ele tinha, que ia roçar e andou de volta. Também não falou mais comigo. Eu senti porque ele era pai dos meus filhos, a gente trabalhava tudo junto... Mas Graças a Deus! Agora eu me acostumei... Peço muita saúde pra ele, mas não sei não como foi para as coisas ficarem desse jeito... Ele fez outra casa mais lá pra dentro, na parte que ele fez o sítio dele, na terra onde tá morando. A casa é de brasilite, baldame de alvenaria. Depois de tá morando nessa casa ele já trouxe duas mulheres. Eu estava aqui quando ele trouxe a primeira e a segunda. Elas tiveram aí, ele esteve com elas no terreiro por aqui olhando e depois foram embora...

Mas como eu estava contando no começo, pra gente vir de lá do Uruapeara foi uma dificuldade medonha. Viemos de motor fretado, um motorzinho de nada,

passamos cinco dias viajando. Aqui ou acolá a gente parava pra dormir, pra fazer comida, eu de resguardo, com uma febre, com hemorragia... Vixe! Eu já passei muita inclemência na minha vida e quando chegamos acima de Humaitá tinha uma casa... Meu irmão disse: “Vamos parar aqui nessa casa, pra mim fazer janta. Vê se até num arrumam remédio pra ela”. Aí a mamãe disse “Ah! Meu filho também vou contigo!” Aí saíram pra terra. Chegaram lá, a valência que Deus ajudou que encostamos numa casa que era uma parteira que morava... Ela perguntou se num era gente ruim. Meu irmão falou: “Não minha senhora nós viemos lá do Amazonas, a gente quer arrumar um canto, assim, pra botar minha irmã que tá de resguarde pra dormir”. Aí ela disse: “Ah, meu filho então tu sobe aqui, desembarca ela que eu vou já ajeitar a cama aqui. Tem cama desocupada, porque a minha filha subiu pra Porto Velho, mas a cama dela ela deixou... Que ela num foi de vez...” Ela foi, arrumou a cama dela, limpou o colchão, arrumou bem, mandou eu ir pra lá, me acomodou na cama da filha dela e perguntou: “Tá com o quê, ta bem com uns 23 dias é?”

- Tô senhora.

- Pois é como é triste a gente casar com uma pessoa que não tem responsabilidade. A senhora com quatro dias estava fazendo as coisas, de resguarde da primeira filha?

Eu digo: - Foi.

- Foi verdade?

Eu digo: - Foi.

- Cadê a menina?

Eu digo: - Tá aí.

- Chama ela aqui pra mim.

A mamãe foi, chamou ela. Aí a parteira falou pra ela: “Minha filha, não tenha vergonha, você lave bem seu pé e pise bem em cima da mãe do corpo da sua mãe. Pise devagarinho, não vá pisar assim com força”. Aí a menina foi, lavou bem o pezinho dela, pisou bem em cima quase do meu umbigo onde fica a mãe do corpo, uma dor que a gente tem no estômago, que só quem sabe pegar a mãe do corpo, faz ela se acalmar. Depois de fazer isso, a parteira falou: “Oh, tua mãe vai ficar boa dessa hemorragia que ela tá. - Menina! Parece então que foi Deus, oh! Pra mim parece que foi voltando as minhas forças... Depois ela disse: “Tá, agora eu vou fazer um chá e vou guardar ela. Vocês não falem com ela, não perturbem ela não, deixem ela lá... Ela vai ficar boa, nunca mais vai aparecer isso com ela não, nunca

mais!” Daí nós dormimos lá quando foi de manhã ela mesmo fez o que eu beber. Aí Disse: “Oh, num beba leite que leite faz mal. Tá muito inflamada por dentro. Não tome leite não.” Aí perguntou para os outros: “Chá de que ela bebe?” Ela perguntou pra minha família e já foi dizendo: “Não se preocupem não que eu vou fazer um chá pra ela”. Fez um chá que eu tomei, passou a febre, passou tudo. Quando foi oito horas do dia nós saímos de lá, não senti mais nada. Passou a febre, eu sentava em qualquer canto, não aparecia nada de sangue, nada!...Tudo isso é sofrimento que a gente passa.

Aí nós viajamos esses dias e com cinco dias nós chegamos aqui em Nazaré; chegamos aqui, cadê casa pra nós morar? Nós fiquemos a bordo, naquele “ovinho” que aquele motorzinho era uma coisa de nada... Aí o João subiu com meu irmão... Subiu, foi, falou com o velho Nanan que disse: “Hoje não, porque já é noite e tá muito atravancado a casa que tem aqui pra vocês mudar... Mas amanhã a gente vai cedinho e eu vou mandar o Lourival limpar a casa aí você traga ela”. Quando foi no outro dia cedo ele fez esse serviço, oito horas eu subi, fui lá pra casa já tava tudo enxuto. Aí o João queria trabalho: Cadê trabalho pra fazer? Meu irmão ainda deu uma esculhambação medonha no João, disse que ele era o culpado de eu viver doente... Não sei que, o João calado, não falou nada. Meu irmão disse pra ele assim: “Você não tem responsabilidade com família, pra que você arrumou?” E ele calado... Foi embora pra mata e quando eu interei meu resgarde eu ganhei a mata com ele... Fui tirar pau pra fazer casa pra nós. Tiramos pau, tiramos palha e fizemos um tapiri pra nós de palha e lá nós vivia. Aí o patrão do João disse assim pra mim: “Olhe, você não é pra trabalhar ainda, porque você tá com poucos dias que terminou o resgarde e faz mal você trabalhar.”

Eu digo: - Não, mas eu já sou acostumada com isso.

-Você é acostumada?

Eu disse: Sou.

- A senhora vem, mas eu só quero que a senhora dobre a roupa que a lavadeira lava. Quando tiver lavada, você dobre as roupas que eu pago pra você.

Assim eu fazia.

Esse nosso patrão era o compadre Nanan, ele era dono do seringal daqui. Moravam aqui também o seu Ozéias, tinha uma... Duas... Três... Quatro... Cinco... Seis casas pra chegar aí na linha... Daí pra cá tinha mais seis com uma do seu

Orlando Couto, que morava aqui dentro. Pra cá pro lado do sítio não tinha nada... Nada... Nada... Nada.

Só depois que nós chegamos aí em Nazaré e moramos um tempo lá que daí que nós fomos lá pro lago do Peixe Boi... Daí de lá que nós viemos morar de novo pra Nazaré... Nós passamos muitos sacrifício, muitas dificuldades e foi por isso, que saímos de lá do lugar que a gente morava pro Lago do Peixe Boi e viemos do Sítio morar praí pra Nazaré. Aqui não tinha casa. Nessa parte onde tem a escola que estão construindo e a parte onde o João está era tudo mata, não tinha casa não, nós chegamos aqui tudo isso era mato... Depois que fizemos nossa casa, tinha só mais uma casa que era aonde tem esse colégio grande agora.

A casa que tinha perto do colégio grande era do Breguesso... O seu Raimundo que chamavam pra ele de Breguesso porque ele andava todo aleijado. Ele era um visitante, ele vinha e voltava pra lá, pra Porto Velho. Ele era Chamado assim porque era carregador de breguessos... Ele agarrava, juntava máquina velha, essas coisas assim... Trazia conduzindo e botava lá na casa dele, pra quando ele viesse pra morar... Como ele veio... Fez uma casa bem pra ali, pra ponta, quando ia pro sítio tinha duas baixas e tinha uma ponta de terra que ia lá pra casa. Ele morava pra lá, mas não era efetivo morando aí não. O morador daí de Nazaré só era seu Ozéias, dona Valmira, a dona Lídia, Jacó, compadre João Ribeiro, Edi, seu Moacir, Seu Américo, comadre Dori, compadre Lário. E lá para o Culhereiro morava a comadre Cidú, seu Sabá e o pai dela o finado Saviano e o irmão dela o Dico - Mundico que morava lá na ponta! Eles eram todos nossos conhecidos.

O Culhereiro é um igarapé daqui. De lá de onde tem um barzinho perto do Porto do Rio Madeira... Onde tem uma baixada do centro comunitário... Tem um posto de saúde... Pois é, do posto pra lá tinha uma casa, de lá pra cá era Nazaré, de lá pra lá era Boa Vitória. O igarapé que vem lá do Culhereiro passava por aqui por perto de casa... Tinha só o Culhereiro, mas aí agarraram, cavaram, fizeram a vala pra fazer o furo, por isso, que chamam furo aqui em Nazaré. Porque furaram para emendar tudo esse igarapé da água preta com o Rio Madeira e, com isso, o igarapé Culhereiro não passa mais aqui perto de casa, e a Boa vitória ficou só lá para o lado direito do igarapé.

Esse igarapé da água preta... Quem sabe de onde vem?... Vem do Centro, onde era o lugar que tinha a sorva, as estradas de seringa e os castanhais. Eu ainda nem fui pra lá. É lá do lado do tal de Índia, Primavera, Marimbondo, tudo esses

lugares pra lá. A água vem de lá, aqui não tinha não esse igarapé, foi aí mesmo que fizeram ele. Depois de terem cavado a força da correnteza abriu pra lá... Aí sumiu o Culherereiro, mas sumiu só desse pedaço porque mais bem pra lá tem um igarapé grande do Culherereiro. Lá que é bonito!... Bonito que só... Fizeram até o flutuante pra lá. Lá perto tem um campo grande, onde eles estão jogando bola agora, por causa do Festejo de São Pedro. O caminho pra ir pra lá é limpo! Lá nesse Culherereiro é o lugar que morava a comadre Cidu, seu Zeca Ferreira e a Raimunda, Cunhada dele. Moradores antigos daqui.

Quando eu vim morar pra cá eu acho que eu tinha bem uns vinte seis anos por aí. Eu já tinha a Auxiliadora e a Rosa. Elas tinham a diferença de idade de dois anos de uma pra outra e também eu tinha a Lurdinha que veio recém-nascida lá do Uruapeara. De uma para outra eram dois anos de diferença. Mas eu não me lembro a idade exata que eu tinha, acho que era uns vinte cinco por aí.

A Dôra foi a minha primeira filha. Eu estava com uns vinte e um anos quando eu ganhei ela, passou dois anos e tive a Rosa, passou mais dois anos, tive a Lurdinha... Eu sou de março de 1941. Nesse tempo que a gente veio pra cá o pessoal do Uruapeara que já tinha vindo antes de nós morava pro lado da vila do Cuniã. Pra cá mesmo só era nós. Era eu, o João, nós com as meninas, o Maciel, minha mãe, que morava pra cá. O Cuniã era uma localidade, a Boa vista era outra localidade, e aqui outra localidade.

Pra cá pra onde a gente morava só tinha uma estradinha de seringa que tinha bem ali perto... Mas sorva não tinha não... Sorva é lá pro centro que tinha. O João ia e passava era mês, pra trabalhar, às vezes, passava de quinze dias trabalhando pra lá. O centro onde ficavam as estradas de seringa e Sorva e onde tinha mais castanheiras, era lá pro lado do Primavera... E deixe que pra lá era bonito... O João ainda quis me levar pra lá, fizeram uma casa lá na Primavera, porque era muito farto pra lá, mas eu não fui não, nunca quis ir por causa das meninas que estavam tudo pequena, não queria levar elas pro mato. Mas eles falavam que é bonito pra lá, agora ele não saía de lá não, ele se metia pra lá e demorava vim em casa.

O Manel Maciel, meu irmão, já morava aqui em Nazaré. Foi ele e o João que fretaram o motor pra gente vim lá do Uruapeara. O Manel morava aí fora, perto da beira do rio Madeira. Ele veio primeiro e depois foi lá buscar a mamãe. Ele disse pro João que não me deixava não, porque a única irmã que ele tinha era eu, e não ia me deixar. Aí fretaram o motor e nós viemos. A primeira casa que meu irmão fez pra ele foi bem lá

num canto velho que tinha... Daí desse canto velho que já fez outra bem aí perto do seringalzinho que tem... Daí ele voltou... Tem um sítio aí pra dentro que era dele. É bonito lá... Tudo bonito...

Esse meu irmão desde quando a gente chegou aqui fazia Festejo e rezas... Primeiro fazia a Festa de Nossa Senhora de Nazaré, que era do proprietário daqui, o compadre Nanan. Depois o que o seu Nanan morreu deixou entregue para o Maciel que passou a fazer o Festejo de Nossa Senhora todos os anos, todo dia 7 de Setembro... Depois ele morou lá no lago perto de nós e inventou de fazer o Festejo de São Sebastião. Ele festejava São Sebastião todo 19 de Janeiro. Assim, passou a festejar a Nossa Senhora Auxiliadora, que era a padroeira dele, depois Festejou São João, mas São João ele só começou a mandar rezar... E São Pedro que todos os anos festejam... E agora tem a dança do Seringadôr... Paresque tá fazendo dois anos que ele inventou essa dança. Foi um ano antes dele morrer que ele começou a fazer a dança do seringador.

Os filhos do meu irmão quando ele ainda estava vivo formaram um grupo chamado Minhas raízes e aí eles vão pra Porto Velho, pra lá e pra cá. Eles ensaiam todo tempo... Ficaram ensaiando, ensaiando, foram pra Brasília, foi uma parte do grupo e a outra ficou ensaiando aí... Mas essa dança do seringador já é mais antiga. A dança do seringador é do nosso Amazonas, Uruapeara, que meu avô era o capitão... Lá que eles festejavam Nossa Senhora dos Remédios, aí ele tinha o gambá que eles tocavam... O que eles tinham lá eles fizeram aqui... O Maciel foi e se lembrou de inventar pras crianças... No CD do grupo “Minhas Raízes” têm uma música que é o meu irmão que canta a dança do seringador. Ele conta tudinho como era lá no Uruapeara. A pessoa fica bestinha de ver... Vão dançar disque essa noite aí no Festejo de São Pedro a dança do Seringador...

Meu avô e minha sogra dançavam era muito a dança do seringador. É bonito! Era a minha sogra que era a dançarina, ela que ia laçar o boi... A Isabel... Ela era do Amazonas mesmo. Nós tudinho morava, assim, vizinho, um pertinho do outro. Na dança do seringador a moça fica tentando laçar o moço boi e ele fica só desviando até ele ser laçado pela moça.

Nós era tudinho de lá do Uruapeara. Quando a gente morava lá, se juntava, fazia o Festejo de Nossa Senhora dos Remédios... Mas dava muita gente! Eles moravam em sítio assim, mas dava gente! Gente! Gente! Que aí do Madeira ia gente pra lá pro Uruapeara... Dava muita gente porque eles gostavam de assistir o Seringador, de pular e ver aquelas coisas todas que tinha... O mastro tudo enfeitado.

Eu nem reparei se aí nesse que fazem aqui tem, porque eu não vou pra lá. Eu nunca dancei seringador nem as outras danças que fazem no Festejo...

Eu nunca aprendi a dançar a dança do seringadôr. Eu ia em festa só pra assistir mesmo, ficava sentada lá só assistindo, eu e minha tia Tiliana, que também era minha comadre, a gente não dançava não, a gente ficava só assistindo, mas eu achava bonito. O pai velho, que é como eu e meus primos e primas chamava pro meu avô, participava das festas da comunidade, mas ele tinha também alguns costumes que ele fazia sozinho e só na nossa casa. Eu me lembro que quando eu era criança tinha vez que a noite ele se acocava no terreiro e começava a cantar uma música, eu me lembro um pedaço dela, ele sempre chamava a gente pra perto quando ia cantar mas a mãe velha, minha avó não deixava a gente ir pra perto dele, ele também chamava eu e a comadre Izolina, que é minha tia também, para ensinar a gente falar na língua que ele estava falando, mas a mãe velha dizia que não era para gente aprender não o que ele queria ensinar pra gente, mas eu ainda me lembro de um pedaço da música que ele cantava que é assim:

Uáiu Du pá Juruá vuá.

Uáiu Du pá Juruá vuá.

Kawahib Awinawa!

Kawahib Awinawa!

Iknikaro Rô! Ia Pô Pô.

Iknikaro Rô! Ia Pô Pô.

Kawahib Awinawa!

Kawahib Awinawa!

Eu não costumo cantar essa música não. Uma vez eu estava cantando enquanto eu estava me embalando com o Junior meu filho caçula, amamentando ele e cantando, quando nós morava numa casinha da comadre Vena que é a viúva do compadre Nanam. Aí o finado Adélio, Deus tenha a alma dele em bom lugar! Estava bem encostado na parede escutando! E eu não sabia e quando foi de tarde ele passou assobiando fififi fifi fififi fifi aí a filha dele perguntou: “Pai onde o senhor achou isso já?” Aí ele disse: “Eu passei aqui a dona Maria estava cantando.” Eu digo: - Mentira! Ai ele falou: “Foi verdade eu ia passando a senhora estava ai dando mamar pro bebê e estava cantando.” Ai fiquei pensando só comigo: - Mas olha! Também nunca mais! Eu quis saber de cantar mais essa música, porque eu fiquei com vergonha.

Aqui o que ficou das nossas tradições que veio lá do Uruapeara foi essa dança do seringadôr. Eles fazem pra lá essas festas deles, mas eu nunca assisti pra ver como é que estão fazendo aqui. Pra quem sabe dançar é bonito... Quando laça o boi que é engraçado. Na época do Festejo eu vou lá pra casa da Antônia de lá eu olho, mas eu não enxergo, eu vejo só um munderão de gente, não enxergo onde é que estão dançando, porque sou ruim da minha vista, eu só enxergo perna passando pro rumo...

Eu não sou boa das vistas. Eu estava usando óculos, mas quando fui ao médico ele falou pra mim... “A senhora não tem que usar óculos... Se a senhora usar óculos vai ficar cega mais depressa”... Foi a Dôra que comprou pra mim e dava bem na minha vista, mas eu via só de pertinho de longe não. Mas depois que o médico disse isso pra mim eu fiquei com medo. Mas ele falou que o meu caso é mais por causa da diabete. Então eu não posso operar, nem usar óculos. Esse médico que eu fui é lá de uma clinica que tem convênio com a associação Zequinha Araújo. Eu ia lá ao hospital das irmãs Marcelinas pra mandar fazer raspagem, mas antes eu fui lá ao médico da clínica do Zequinha e ele disse: “É, não tem que fazer, porque cega pra quem tem diabetes a pessoa cega fazendo a operação”. Aí eu não fui mais lá nas irmãs Marcelinas não. A prima Raimunda Mota ela mandou operar todos os dois olhos, mas ela não tinha esse negócio de diabetes.

É assim, mas quando eu vim do Uruapeara pra cá. Ah, meu Deus do céu, nós trabalhava muito em roça! Vixe Maria! Nosso meio de vida era a roça, nós plantava demais oh! Eu juro, nós fazia muita roça eu com o João. Nós dois, eu só não fazia era derrubar pau, porque nunca eu fui acostumada, mas esse negócio de roçar, plantar, cavar, encoivarar, tudo isso eu fazia. A gente plantava Mandioca! Macaxeira. Plantava muito, muito, muito mesmo! Mas foi mais difícil, quando o João quebrou a perna dele e depois colocou a platina no joelho dele... Ele é aleijado também, nós dois temos doença na perna... Ele caiu, bateu o joelho dele na ponta da prancha, que eu lavava roupa, e quebrou. Seu Zé trouxe ele com a perna pendurada lá do porto. A perna dele veio balançando. Ele tinha ido caçar e tinha matado umas caças, paca... Tatu... Cutia... Macaco tudo ele matou, porque era muito farto do primeiro pra cá. Aí eu disse: - Eu vou botar água aqui em terra mesmo pra pelar a paca. Mas ele disse: “Não, eu vou despelar lá na beira”...

Eu digo: - Vamos fazer assim: Eu vou botar água pra ferver e pelar tudo aqui. Agarrei uma panelona assim que tinha e enchi de água, botei lá no fogo, meti

lenha e deixei lá. Quando estava quase fervendo agarrei, pelei a paca mais que depressa, a cotia, tudo. Agarrei, pelei tudinho peladinho, aí chamei o João: “Ei João tá pelado já a paca vem partir aqui” Aí ele falou de lá: “Não velha, é pra partir no porto”. Aí eu falei: -Então carece tirar o barranco, porque é barranco esse porto de onde a gente morava, e eu tava insistindo pra fazer tudo lá em cima pra não ficar subindo e descendo barranco, mas ele disse: “Não velha, dá de estripar ele aqui na beira porque aqui não carece tá enchendo água, as meninas estão ocupadas.” Eu digo: - Mas tem água em casa! A bacia tá cheia e o tambor tá tudo cheio, depois a gente enche. E ele insistiu: “Não, lá é melhor!” Aí ele pegou botou numa baciona grande levou na cabeça e mandou a menina ir arrastando a paca. E seu Zé levou duas cotias, chegou lá ele sentou em cima da prancha e tirou tudinho as tripas da caça... Quando terminou ele disse: “Já”. Eu tava lá em cima do barranco, aí eu digo: - Ah, eu não vou agora pra lá não, só vou quando eu descer pra tomar banho. Acho que podia ser assim umas três horas da tarde ainda. Aí ele disse: “- Ah é? Então eu vou levar lá e venho, vou buscar uma vasilha pra pegar água e deixo água aqui pra ti no barranco e quando for seis horas tu toma banho aí porque vai tá tarde”... Eu digo é mermo... Aí ele vinha subindo... Quando ele saiu de cima da prancha... Ele mudou o passo e escorregou... Chega roncou o osso do joelho dele... *Troc...* Aí eu gritei: -Oh seu Zé, poxa vida!

-O que foi dona Maria?

- Seu Zé, pelo amor de Deus chegue aqui que o João quebrou a perna. Aí ele correu de lá.

- Cadê dona Maria?

- Olha ele ali, coitado, tá rolando pra se levantar, mas como? A perna dele virava pro outro lado.

Aí quando eu vi aquilo eu disse: - Oh meu Jesus Cristo, dai forças pelo amor de Deus! Aí não tinha médico, num tinha nada, negócio de posto, essas coisas... Eu fui, pisei um pouco de mastruz com cedro, quebrei um ovo, misturei tudinho aquilo numa vasilha, fiz aquele emplasto e emplastei. Depois eu passei a noite todinha fazendo velório pra ele... Ele aos gritos. Aí minha mãe foi pra lá pra dentro com a gente... Ela chegou lá nós passamos a noite todinha acordada e ele chorando com dor na perna sem ter recurso de nada, nem uma injeção... Nada... Nada... Aí ele dizia que ia morrer... Eu digo: - Tu não morre não, tenho fé em Deus que tu não morre não, tu ainda vai ficar bom, pra cuidar dos teus filhos, pra criar teus filhos.

Tenho grande fé em Deus, que Deus é pai, que tu não vai morrer. Passou o tempo; com um mês ele andou de novo, emendou o osso, porque eu botava banha de sucuri, que é bom. Tudo isso eu fazia e graças a Deus com um mês ele começou a andar, só que a perna dele era tesa, que nem a minha, não dobra, só dobra um pouco.

Aí quando foi um dia, ele já estava melhor pra andar e resolveu ir ao roçado.

- Maria, eu vou lá ao centro com a Rosa ver a roça, que já tá criando cerrado.

Eu disse: - O que tu vai fazer rapaz? Deixa tem roça pra nós tirar.

- Não porque eu vou lá, não sei o que.

Ele foi. Dando cinco horas da manhã eles levantaram e foram... E espera... E espera esse homem. Eu já desinquieta num podia ir por terra pra lá, porque era muito longe pra ir só eu. Aí espera, quando foi cinco horas da tarde ele chegou. A menina chorando na proa da canoa remando, era a Rosa, que estava com ele. E eu vendo ela trazendo a canoa e chorando lá da ladeira gritei: - O que foi minha filha?

E ela já foi dizendo: - Mamãezinha, o papai tornou cair e saiu do lugar a perna dele.

Já vinha inchado o joelho dele chega estava grosso. E agora pra subir? Aí eu chamei Seu Zé de novo, porque ele morava bem pertinho de nós... Aí ele veio, botou ele num carro de mão e trouxe. Aí eu escutei buzinar lá pra fora. Eu digo: - Mas aquilo parece buzinação da lancha! Aí a Rosa já estava maiorzinha e bateu pra lá.

- Mãe, eu vou ver se é mesmo.

- Mas como, menina, tu não sabe remar direito,

Porque estava tudono fundo já, era tempo de inverno que as águas sobem... E, assim mesmo ela foi pra lá. Chegou lá era lancha dovelho, Neves, um enfermeiro que andava por lá uma vez ao mês, aí o velho mandou chamar o João. Ele num queria ir. E eu digo: - Vai, vai, vai. Lá ele foi pra Porto Velho, quando foi bem com duas semanas ou uma semana, não me lembro bem a comadre Nilce, filha da tia Chiquinha, avisou pelo rádio pra mim que ele estava passando bem... Eu não fui com ele no dia que ele saiu daqui com o joelho machucado. Ele foi com Deus, pra lá tomaram conta dele.

Foi quando colocaram a platina na perna dele. Aí quando interou uns quinze dias a Nilcemandou avisar que era pra mim ir lá que ele já estava de alta... Que era pra pegar ele. Aí eu fui. Cheguei lá a comadre Tiliana disse: “Olhe, compadre, não é pro senhor ir, só é pra ir com uns vinte dias que é pro senhor voltar no hospital pra tirar o gesso e endireitar a platina, que tá torta a platina”... Aí eu fui num dia e voltei noutro porque ele queria ver as meninas, levei a Antônia e a Lurdinha, a Rosa e a Dôra que eram maiorzinhas ficaram... Quando foi noutro dia eu vim me embora. Antes de sair eu disse pra ele: - Tu fica aqui que eu num posso ficar por causa das meninas, que ainda são pequenas, elas estão só lá em casa. Ele disse: “Mas eu já queria ir pra casa!” Eu Disse: - Nada, rapaz, fica aqui, a minha tia ela é muito boa com a gente, ela vai te tratar bem. Ele ficou. Eu cheguei de manhã, quando foi no outro dia de noite o homem chegou. Ele fugiu. Veio embora, mas ele anda bem, só não pode carregar muito peso... Ele não esperou nada mais de tratamento, que quando procuraram ele já tinha vindo, mas só sei que ficamos os dois aleijados. Eu que tive esse problema nas pernas que apareceu quando as crianças ainda eram pequenas e ele por causa da queda em cima da prancha.

E foi assim. Quando ele chegou não foi mais trabalhar, ele levou mais de um ano sem trabalhar. Agora ele já é aposentado mesmo, não precisa está trabalhando. Quando eu vou lá converso com ele. Eu digo pra ele: - Rapaz pra que tu trabalha? Tu não tem necessidade de trabalhar, teus filhos tão tudo criado, tão tudo com mulher, as meninas tão tudo de marido. Ele fica enfezado e me diz: “Ai! Mas eu gosto de trabalhar”. Aí eu falo: - Então trabalha!

Então agora lá onde ele mora está uma beleza! A casa dele é bem aí na beira da estrada. E assim a gente vai passando. Mas tudo que nós tinha construído juntos não têm mais. Nós criamos muito porco também... Tinha tanto porco... Agora não tem mais. Ele acabou com tudo. Vendeu a canoona, a espingarda que ele tinha, vendeu as coisas dele tudo... Agora só tem uma que parece que tá até emprestada... Ele não podia ter nada que ele vendia tudo... Eu fico pensando nisso.

Assim eu vou vivendo por aqui no meu canto... Eu fui uma pessoa que nunca gostei de sair pra conversar, pelas casas dos outros, passear assim, nunca gostei, oh! Eu ficava em casa, as meninas que saiam. Eu nunca gostei de andar pela casa dos outros, conversando alegre, assim... Festejo... Eu ia em Festejo, na reza eu ia ...Rezava...Saia de lá vinha embora. As meninas queriam ficar pra dançar. - Quer ficar? Fique. Elas ficavam pra dançar, quando não as meninas vinham buscar elas lá

do Cuniã e elas iam pra lá dançar, eu ficava em casa nunca gostei de tá conversando! Assim, batendo papo. A menina que se admira, a Nina, vizinha da Cristina, minha filha que mora em Porto Velho... Porque quando eu estou em Porto Velho... Uma hora dessas, eu estou sentada lá na frente, num banquinho que a Maria, minha nora, fez embaixo do pé de jambeiro... Fico sentada lá... Aí o Julião, meu filho, vai pra lá comigo, porque ele trabalha de noite e de dia ele fica em casa... Ele me vê sentada e calada aí me diz: “Mãe o que a senhora pensa na sua vida?... A senhora é tão coisa. Porque a senhora vive assim?” Eu falo pra ele: - Meu filho, desde nova eu sempre fui assim...

Eu nunca gostei de tá conversando, assim, batendo papo. Quando eu morava com minha tia nós plantava e até fumava. Nós duas chegava do trabalho ia se arrumar. Pra nós todo dia era dia santo... Todo dia. Porque era nós duas sozinhas... E assim, a gente vivia pronta... Perfumada... Pra nós todo dia era alegre... Mas era só eu com ela. Ela era minha tia... Minha irmã e minha amiga. Era ela e eu. Só nós duas... Eu e a comadre Tiliana. Isso foi quando eu era moça, e depois de casada eu não saía, porque o João trabalhava em sorva e ficava três meses fora de casa... O meu divertimento era a roça... Sempre gostei de trabalhar na roça... Eu não gostava de bater papo com ninguém... Conversava, assim, às vezes, quando eu converso é com a dona Branca minha vizinha que sempre gostava de ir lá em casa, assim, dia de sexta feira, dia de sábado. Ela ia de tarde, conversava com a gente... A gente achava graça, porque ela contava aquelas piadas dela... Isso lá no Uruapeara. Pra cá pra Nazaré era a dona Valmira. Sempre eu ia até a casa da dona Valmira e ela ia lá em casa, a gente conversava, achava graça com ela, mas com outros? Não.

Eu saio por aí as mulheres pensam que eu sou soberba. Tem gente que me chama de exibida, mas não é exibição não, é porque eu não fui acostumada tá conversando, contando piada não. O meu jeito é um só... Quando eu estava na roça com o João... Às vezes, as meninas chegavam e de longe elas ficavam observando nós dois conversar... Aí elas chamavam.

-Mãe?

-Que é minha filha?

-Quem que tá aí?

- Só eu com teu pai.

-Conversando desse jeito? Como em casa a senhora não conversa?

- Ah, porque nós estamos trabalhando aqui e pra gente não se cortar, pra não se machucar a gente conversa pra ir entretendo o serviço e trabalhar ligeiro...

Elas diziam brincando: - Ah não, já é quando nós ficamos tristes, quando estamos trabalhando.

Eu falava pra elas: - Pois eu não, pra mim já é a maior alegria trabalhar... Era quando a gente conversava, eu e o João. Ele contava piada, achava graça, eu também.

Das coisas que já vi nem me espanto... Tem muita coisa que eu nem me espanto. Mas quem não é daqui só de ver um macaco já fica espantado. Aqui mesmo o que mais corre é macaco, ali pro canto, bem nessa baixa, perto de casa, aí é o Correnteza que chamam, porque no inverno fica grande e com uma correnteza forte... Rum... Tem uma cachoeira... A gente num pode nem dormir sossegada, porque é uma zoadá medonha... É *bei... Bei... Bei...*

Ah! Na mata eu já andei foi muito, vixi! Eu andava com o João na mata praí pra dentro. Nesse igarapé que tem ali, cansei de chegar lá quando eu andava com ele e ficar sentada lá no barranco espiando jacaré passar. Era cada jacarezão, cada monstro! E eu com o maior medo! E agora puraqué! Bem grosso aqueles puraquezão. Eu tenho dito pras meninas, se tivesse nesse tempo esse negócio de filmar, eu ia levar pra filmar aquelas coisas que eu via quando andava por aí. Pirarucu, aqueles monstros do pirarucu, boiando com os olhos que davam medo. Agora é engraçado falar disso, mas eu tinha medo. Eu ficava com medo, oh! Quando eu ia andar no mato com João eu ficava olhando... Eu ficava espiando a paca entrar no buraco, aquelas paconas! E eu parada, só olhando o jeito do João gritando e os cachorros indo, iam até botar a paca no buraco. Agora cava pra achar. Às vezes eu estava sentada lá: Aí eu via a paca e gritava: - João olha a paca lá.

Ele dizia: - Cadê?

Eu mostrava: - Olha vem saindo! Aquelas monsternas!

Vinham saindo, pulando do buraco, aí ele metia o cachorro de novo e eu ia, seguia atrás dele. Já gostava de caçar com ele pra mim ver essas coisas sabe...Cotia, tatu, paca, nambu. O cachorro avançava em riba do nambu, pegava, sacudia, matava e levava pra nós. Te juro! Tinha uns cachorros muito danados... Tinha coisa muito feia, maracajá, um gato do mato... Um dia nós andando assim ele disse: “Maria, espia uma coisa pra cima” - O que é? “Espia”. Eu espiei pra cima o maracajá chega estava sisudo olhando pra nós. - Valha-me Deus do céu! Deixa eu passar adiante...

Aqui, bem aqui nesse cercado perto da minha casa veio onça... Tem vez que ela passa aí... Um dia o João Saiu e foi embora pra roça... Não demorou escutamos o tiro... Bem aqui na beira do terreiro mesmo... Nós tinha porco e carneiro... E a onça vem atrás. Aí o João atirou e gritou pra lá.

- Ei, Maria!

- O que é?

- Vem aqui!

Eu fiquei me perguntando: - Que será? É bem veado, que veado sempre vem pro rumo daí dessa mata aí... Ele num disse não o que tinha atirado... Eu fui andando... Andando... Andando... Eu ia com menino no braço... Com a Julia que estava pequena ainda. Que eu fui olhar... Olha o estirão de onça! Uma maceta de onça que ele atirou. A bicha estava trepada lá na árvore, ele atirou que ela desabou no chão, aí deu outro tiro nela, de novo. Lá matou. Eu digo: - Ai meu Deus do céu!

Eu já vi muita coisa feia, colega, no mato. Cobra! Cada monstra da cobrona... Uma vez uma já matou um cachorro nosso. Eu andava na mata com o João mesmo que um homem... Eu gostava de andar no mato... Via Macaco... Cada macacão pulando assim dum pau pro outro... Eu ficava espiando... Ainda hoje nós tava comentando com seu Chagas aí... Ele perguntando pra mim: “- Dona Maria, a senhora já andou no mato caçando? Eu respondi -Vixe, acabei minha idade foi andando no mato com o João, matando caça, vendo os bichos que eu não podia ver... Rum!

Não podia ver aqueles bichos porque dava medo. Aqueles jacarés, cobras. Ver uma coisa dessas é pra ficar nervosa... Assim, no museu não né? Porque os bichos estão tudo presos... Mas assim, colega, no mato... Mas rapaz! Nós fomos caçar lá no Pirarucu... Caçar não, nós tinha ido tirar palha, aí o João me disse: “Tu fica aqui me esperando enquanto eu vou carregar palha” Eu digo: - Não, eu vou carregar contigo também! Lá nós fomos, quando passamos perto dum pau grandão que era um monstrão de grande! Começou a esturrar no toco do pau...

Aí nos ia passando perto dum pé do pauzão... Aí ele disse assim “o que foi que tu escutou aqui?”

Eu digo - Rapaz! O que é isso que tá falando pra aí?

- Não é nada não.

Eu digo - Eu tô escutando!

Aí ele falava: - Mas não é nada não.

- Mas eu to escutando rapaz me espera deixa eu passar...

Aí nós passamos, ele olhou pra traz e disse: “Maria, espia uma cara ali” Colega! Eu não pude me controlar, comecei a chorar, aí andei, andei, andei, e ele me dizia: “Espera, espera” só pra meter medo mesmo, chegamos mais adiante, nós espiamos não tinha mais não, só se escutava os gritos, parecia onça, mas não era onça não, pra mim... Sei lá que marmota era aquela. Nós viemos, quando chegamos lá na beira... Nós que chegamos à beira não demorou nós escutamos os gritos... Gritou... Gritou... E eu dizia o que é o que é João? Aí ele dizia “não é nada não... Não fica nervosa não”... Mas era coisa ruim... Bicho da mata mesmo que tem.

Uma vez ele foi caçar bem aí... Quando chegou em casa foi espantado: “Maria eu fui caçar lá embaixo da castanheira e quando cheguei lá eu escutei uma fala... Aquela fala pro lado de cima, como se fosse em cima das árvores”. Eu digo: - O que foi? Ele respondeu: “Eu não sei o que era não”... Eu digo: - Tu ficou nervoso? Ele respondeu: “Eu fiquei porque eu dei uma carreira e eu não enxerguei mais nem a popa da canoa, eu caí foi dentro da água e puxei a proa da canoa pra mim embarcar. Era uma coisa muito estranha!” - Eu digo: Onde foi isso? Ele falou: “Foi lá na castanheira, da tua mãe”. Quando foi no outro dia passou o dia todo com dor de cabeça, ele ficou assim... assombrado...

Essa castanheira que diziam que era a castanheira da minha mãe, onde apareceu a assombração para o João, é desde o tempo que ela morava lá. Antes da mamãe ir pra lá a castanheira já estava lá. É ali na ponta que fica bem perto do lago. Lá naquela ponta abaixo da casa de onde ela morava... É lá a castanheira que o João ouviu a assombração... Sei que botaram ele pra correr de lá. Nesse tempo a minha mãe morava lá fora, na beira do Madeira mesmo numa casa que tinha lá que era dela. Ela morava lá e nós morava aí na casa grande perto de onde a Antônia mora com o Manduca e os filhos. E aí pra trás era tudo mata... Quem veio fazer isso tudo que têm agora foi o João, ele é mateiro mesmo... Quando nós chegamos aqui ele entrava na mata e num tava perguntando se sabia ou não, ele metia a cara e ia mesmo. Ele sabe andar no mato.

Eu acho que o nome que dão pra essas coisas que a gente escuta e sente, mas não vê é assombração... Assombração! Porque dessa vez o João ouviu essa voz lá pro lado da castanheira, perto da casa da minha mãe, ficou foi dias assombrado, com dor de cabeça. Ele não andava mais, vivia triste, tristonho. A gente fazia graça pra ele, assim, ele não queria saber de nada só queria era ir pro mato. Aí foi um vizinho nosso lá, que é

até tio meu, que chamou e aconselhou ele, rezou na cabeça dele. Foi como ele largou do jeito que estava. Ele ficou assombrado, ixe, ele tem visto muita coisa. Eu quase não vi. Só da vez que estava com ele e uma vez aqui também... Bem aí nessa baixa. Nós vinha chegando da reza e eu vinha com a poronga, geraram bem atrás de mim. Quando nós passamos bem na tábuia que atravessa a baixada ouvimos alguém que perguntou pra nós: “Onde vocês vão?” Eu ainda voltei lá pra ver o que era, mas não via nada. A Lurdinha mais a Damiana, filha dela, gritaram pra mim não ir, mas eu fui assim mesmo. Eu disse: - Eu vou voltar pra mim ver o que é e elas disseram: “Não, não, rumbora”. Aí cheguei lá rodei tudinho por lá, espiano tudo por lá, focando a lanterna, mas não vi nada não. Elas ficaram em pé lá de longe espiano, mas eu passei o dia todo assim pensando, oh! Tristonha. Sei lá... Ali Sempre corriam atrás de um... Agora não que está tudo descampado tá bom! Mas quando era mata aí era muito munganhento esse pedaço daí da baixa aí do correnteza até na casa da ladeira perto do sítio. Eu nem sei explicar direito o que são essas assombrações. Ah eu nem sei... Eu acho pra mim que é alguma pessoa que morre. Algum espírito ruim. Só pode ser... Que seja assim... Sei lá, fez alguma maldade pro outro, que mata as pessoas... Acho que pra mim é isso que acontece.

Ah, hoje não tenho mais nada, mas vou passando... Vou passeando pelas casas das minhas filhas... Eu vou... Ando por aí por onde eu quero, daqui pra lá estou viajando pra lá com minha filha Auxiliadora, a Dôra... Agora estou com vontade de ir em Humaitá com meu enteado e minha enteada, o Raimundo e a Maria, filhos do João com a primeira mulher dele que morreu.

Eu tenho um sonho. Queria ir ao Uruapeara. Eu tenho até sonho mesmo que estou indo lá... Tem noite que, às vezes, eu sonho que parece que eu estou mesmo andando, assim, lá por esses lugares tudinho... Que nem lá no lugar da minha avó e lá no lugar que era do João que deixaram pra lá e que tomaram de conta. E eu sonho que estou andando lá pelo caminho... Eu vou direitinho... Quando é no outro dia eu me lembro tanto, oh!... Eu penso tanto, assim... Eu tenho vontade de ir lá... Eu até contratei com minha cunhada Raimunda Mota de ir com ela, mas foi o tempo que eu peguei começo de derrame e não fui mais não. Mas eu tenho vontade de ir lá só pra mim ver como tá por lá... A vontade que eu tenho é essa... Mas eu acho que não vou realizar não... Porque as meninas tudo tem marido não tem quem me acompanhe... Eu não vou também Sozinha... Os netos que eu criei tudo têm mulher... Não dá... Não tem quem me acompanhe.

Eu estou por aqui por Nazaré, esses tempos, tem aí no terreiro as minhas galinhas que estão cheias de pintinhos, também tem os patos. Eles ficam espalhados ciscando. A gente fica sentando aqui na porta e as galinhas e os pintinhos ficam tudo em cima piando e o galo vem e canta, é a maior coisa deles aí. Tem também os passarinhos que ficam cantando...

Aqui no terreiro tem o pé de mari-gordo, eu gosto muito dele, porque ele é tão engraçadinho! Tem o pé de caroeira, essa caroeira é uma árvore que dá uns caroços com uma massa é utilizada para fazer beiju, para preparar é preciso tirar o leite da castanha, colocar no sol pra secar depois bate pra quebrar o caroço e cair a castanha. Do primeiro lá no Uruapeara, quando não tinha massa de macaxeira faziam da massa dessa castanha o beiju, que é muito gostoso!

Me lembrei do pé de castanha sapucaia que tinha lá no Uruapeara. A castanha da sapucaia, o ouriço dela é pequenininho, bonitinho, a casca é molezinha... Quando eu ia com a comadre Izolina pegar no Comercial as coisas que o pai velho mandava eu já ia com a sacola pra pegar castanha de sapucaia, quando chegava em casa dava briga. Era gostosa que só!

Meu neto Clayton está aqui comigo esses tempos e meu filho Julião com a mulher dele e seus dois filhinhos chegaram agora para o Festejo de São Pedro. Eu ainda estou muito triste com a morte do meu irmão, Manel Maciel, que morreu há pouco tempo. O filho dele, o Timaia, vai continuar fazendo o Festejo e a reza que o pai dele fazia. O Clayton tá participando do jogo de bola que está tendo lá pro campo, brincadeira que faz parte do Festejo durante o dia. Eu sinto muita falta do meu irmão. Hoje a boca da noite eu vou para a casa da Antônia, minha filha, que mora lá pra frente perto da igreja São Sebastião, e na hora da reza eu vou por lá. Esse é o primeiro ano do Festejo sem meu irmão. Dessa vez, eu também vou espiar o Festejo.

Encontrando os caminhos da pajelança

Desde que iniciei os trabalhos de campo em Nazaré para a tese de doutorado, sempre tive como base para chegar e ficar na casa da Valderlurdes, conhecida por Lurdinha. Embora durante a estada na comunidade pernoitasse uma noite ou outra na casa de outras primas, ou ficasse na casa do tio João Lobato quando ia com um grupo maior.

Das filhas da tia Maria e do tio João Lobato, ela foi a última que entrevistei. Depois que entrevistei a Elzalina e a Antônia, que são suas irmãs, combinei com ela de entrevistá-la em Porto Velho, tendo em vista que na sua casa ela não tinha tempo. A convidei para ir em minha casa para que pudéssemos gravar a entrevista. Lá em sua casa ela aceitou, mas depois quando estava em Porto Velho, na casa da sua irmã Cristina, disse que não queria ser entrevistada, disse a ela que independe de ela dar entrevista ou não gostaria que recebê-la em minha casa. Ela aceitou o convite para ir em minha casa, mas foi preciso o incentivo da sua irmã que a estava hospedando para ela aceitar conceder a entrevista.

A entrevista com Lurdinha foi difícil, tive que me manter forte para passar para ela segurança quando começou a fazer desabafos de seus sentimentos diante das relações familiares e da sua condição de mãe que cria os filhos sozinha. Sua narração se deu entre um choro contido e um choro que rompe a contenção das emoções. As lembranças de tempos difíceis são colocadas por ela como importantes para se tornar a mulher forte e dona de si, que garante o sustento dos filhos.

Após ter ouvido a sua narração da mulher que enfrenta os desafios da vida, fiz algumas perguntas que tinham a ver com suas narrações, como por exemplo a questão de ter vivido na cidade e depois voltar para a comunidade que fez com que ela adentrasse para o seu universo das percepções de mundo a partir das vivências estabelecidas com o modo de vida tradicional na relação com os saberes vindos de fora. Foi a partir daí que o caminho de um modo de fazer pajelança foi mostrado ao tecer a rede das relações dos benzedores e curandeiros da comunidade.

2.2 VALDERLURDES

Valderlurdes Maciel dos Santos, tem 47 anos. Nasceu dia 18 de março de 1967, no Uruapeara/AM. Lurdinha, como é conhecida, é uma mulher forte, lutadora, corajosa, sempre pronta a receber seus parentes. Sabe brincar e sabe ser dura quando necessário. Mulher da floresta, da beira do Rio Madeira, habita o interior da comunidade às margens do lago Peixe Boi. Lago que carrega em si muitas histórias da família, espaço de habitação das mulheres e seringueiras mais velhas. É nesse espaço que Lurdinha se constitui coletivamente.

Cada um de nós assume o que a gente tem que assumir.

As minhas raízes estão em Nazaré, na beira do rio Madeira. Estou em Nazaré há 46 anos! Eu convivía com meus pais, com os dois, meu pai e minha mãe, mas infelizmente não deu certo. Eles dois juntos. Eu continuo batalhando a minha vida com meus filhos! Eu convivo em Nazaré há muitos tempos. Convivo com meu pai e meus dois filhos... A minha experiência de vida eu acho, assim, que não foi uma vida tão boa! Mas deu pra levar até hoje! A minha vida foi tumultuada por diversos negócios sobre doença, separação dos meus pais que aconteceu e depois foi mais problemas dos meus filhos, mas eu estou levando a vida como Deus permite! Pra mim é difícil falar da minha vida. Minha voz pesa e eu fico com vontade de chorar.

Então, eu não vivo assim... Pra dizer, assim, que eu vivo bem, mas eu vivo perto do meu pai. Meu pai e meus filhos são as coisas mais importantes da minha vida! Eu gostaria que todos os meus filhos vivessem perto de mim... Mas não é a vontade de Deus e nem a minha também! Então eu acho, assim, que a minha experiência de vida é uma vida tumultuada! A minha vida é cheia de problema. Resolvo problema pra cá, resolvo problema pra lá, e eu acho que no meio disso tudo, Deus está do meu lado! Me serve em tudo que eu preciso.

Eu gostaria de ter os meus filhos, o meu pai com a minha mãe perto de mim, mas não é possível deles serem perto de mim... Eu tenho muita fé em Deus que tudo se resolverá! E eu gosto, assim quando todos estão por perto... Depois que aconteceu essa separação da minha mãe com meu pai, eu vi que a vida não era como eu achava... Já foi uma experiência difícil pra mim, a separação deles dois... Porque pra

mim eu achava que uma separação era boa, mas é difícil né?! Eu gostaria que eles ficassem até velhinhos juntos, mas não foi da vontade de Deus e nem da deles! Deles conviverem juntos e meu pai reclama muito por isso! De viver sozinho lá! Eu fico até emocionada em falar disso. Mas, como meu pai sempre fala: “A gente vai levando a vida.”

A minha vida vamos supor, assim, não é só tumulto não. Tem, também, um pouco de experiência que eu já possuí! Fazem Quarenta e seis anos que eu vivo em Nazaré... E eu já convivi o bom e o ruim! Agora mesmo a separação da minha irmã foi outro pedaço tumultuado que a gente teve, mas Deus resolveu pra nós, está resolvendo! E eu acho que a minha experiência de vida é essa. Eu gostaria que meus filhos ficassem tudo do meu lado, mas nenhum quer... Né?! Infelizmente. Tenho só aqueles dois pra bater cabeça, o Marlon e o Pedrinho, mas pra mim Deus estando de frente comigo! Eu não me importo que o resto está por trás. Eu gostaria também de ter uma vida melhor, mas se não é da vontade de Deus, né?! Aí fazer o quê? E a minha vida é uma vida cheia de problemas com saúde também que eu também não tenho muita saúde, mas vou levando a vida e é isso. Não é fácil estar falando isso, tenho que me segurar pra não chorar...

Pra mim uma vida melhor é ter um pouco mais de conforto. E isso eu não tenho... Isso me deixa triste. Eu gostaria de poder ajudar meus pais, mas eu, também, não posso ajudar... Vendo a minha mãe nesse sofrimento dela com os problemas de saúde que ela enfrenta... Se eu pudesse tirar ela desse sofrimento eu tiraria, infelizmente, eu não posso. Era tudo que pedia a Deus que não deixasse os meus pais sofrerem, mas, infelizmente, é da vontade dele e não a minha. Eu tenho que me conformar. Vê meu pai e minha mãe sofrendo sem eu poder fazer nada para tirar o sofrimento deles, me dói muito. E também se eu tivesse uma coisa melhor pra dá aos meus filhos... Agora o Marcelo, meu filho mais velho, está enfrentando um problema... Eu tentei resolver de uma maneira, não deu certo, estive em Porto Velho com ele, mas tive sair de lá preocupada, eu fico aqui preocupada com ele... Eu tento segurar, mas tá tão difícil que o jeito é desabafar, colocar pra fora o que eu estou sentindo. É uma emoção muito forte. Estou com o coração apertado de deixar meu filho Marcelo na cidade, ele lá e eu aqui, mas tenho a certeza que Deus vai resolver tudo isso aí. Eu vivo assim, porque, Deus me ajuda viver com todos esses meus problemas, o da minha mãe, dos meus filhos. Eu pretendo viver assim criando forças para lidar com as dificuldades da vida... Tem dia que eu vivo bem, tem dia que eu

não vivo, agora com esse problema do Marcelo, eu fiquei muito nervosa, fiquei com ataque de nervos, mas eu tentei me controlar... A Cristina, minha irmã, que mora em Porto Velho, me ajudou muito e eu pretendo levar minha vida com aqueles dois filhos que estão comigo. Tudo isso pra mim é muito forte e o único jeito é desabafar com choro.

Eu tenho quatro filhos. É o Marcelo que é o mais velho, depois vem a Damiana... Aí vem o Marlon e vem o Pedrinho que é o caçula. Com o Marcelo, eu enfrentei e enfrento até hoje vários problemas, divido, ele não ter apoio do pai e ele me culpar por isso... É que ele nunca teve carinho de pai. Tem a Damiana, ela é uma filha muito boa pra mim... Só que a Damiana, ela é o tipo da pessoa que ela passa as dificuldades dela e não fala pra mim. Estamos enfrentando um problema sério com ela esses tempos porque ela e o Marido dela querem se separar. E é assim, eu faço o máximo pra, mim, entender cada um deles. Tem o Marlon também a gente vive passando um tumultuado com ele, com esse negócio do pai dele que não quer me ajudar, eu oro pra Deus todo santo dia! Pra ele me ajudar pra eu saí dessa. O Pedrinho é um menino alegre, graças á Deus! Não tem problema, até hoje ainda não me trouxe problema, e aí eu vou levando a minha vida com os meus filhos, desse modo, cada um com seus problemas, mas, eu tenho que pedir a Deus pra resolver pra mim e é o que eu faço todo santo dia. O Marcelo está com 32 anos, a Damiana está com 20, o Marlon está 15 anos, e o Pedro está com 12 anos.

Eu estava com dezesseis anos quando engravidei do Marcelo. Pra eu ter o Marcelo foi uma experiência meio tumultuada! É porque eu não esperava que fosse acontecer o que aconteceu na minha vida. Eu casei muito cedo, achava que a casa dos meus pais era ruim pra mim! Então eu casei cedo demais, não tinha experiência na minha vida de casada, passei um ano e sete meses com o pai dele, quando nos separamos, eu fiquei com dois meses de grávida e eu fui levando a minha vida e depois tive o Marcelo, fui trabalhar em Manaus e passei um ano em Manaus trabalhando pra sobreviver e criar ele e graças a Deus eu criei. A Damiana... Eu estava com 24 anos quando eu tive a Damiana, foi uma experiência também meio dificultosa pra mim, porque, eu já tava na casa da minha tia, em Porto Velho. Foi uma gravidez muito de risco que tive com ela e já não tinha o apoio da família, porque, ninguém queria que eu arrumasse mais filhos e mesmo, assim, eu insisti e arrumei elas duas, porque eram gêmeas. Criei uma e a outra não tive sorte de criar. Depois, veio a gravidez do Marlon, também, que foi super difícil, porque, ninguém

me apoiou, inclusive, o meu irmão Juliano até me expulsou de casa, mas mesmo, assim, eu criei meu filho... Está criado, depois engravidei do Pedro e foi na gravidez dele que o pai dele morreu, mataram ele. A gravidez do Pedrinho foi também uma gravidez muito complicada. Mas Graças á Deus! Deus me deu força e ele já está com 12 anos de idade e sempre a minha vida foi, assim... Tumultuada! Ninguém me apoiava quase ninguém, a minha família mesmo não me apoiava, mesmo, assim, eu agradeço a Deus, por isso, porque mesmo com minha dificuldade que eu passo, mas eu espero chegar lá, se Deus quiser eu chego lá!

Quando eu ganhei a Damiana, o pai dela estava pra cá pra Nazaré, e eu tive a Damiana em Porto Velho, quando eu voltei pra Nazaré em 2002 a Damiana estava com 4 anos de idade, aí eu me envolvi com ele de novo! Mas não fui morar com ele. Aí foi quando o do Pai do Marcelo me convidou pra ir embora pra Manaus, eu recusei! Porque, o pai da Damiana havia me falado que se eu saísse de Nazaré com outra pessoa ele me matava e matava ela! Então pra eu não ver a minha mãe mais desgostosa, mais do que ela já andava, eu recusei. Por causa, disso, não fui com pai do Marlon que também é pai do Marcelino, meu primeiro filho, só que eu pensei que não ia acontecer o que aconteceu! A gente teve uma relação e eu fiquei grávida do Marlon, e quando o pai da Damiana descobriu aí... A minha vida ficou pior do que já tava, mas mesmo, assim, eu superei! Conversei com ele, falei que a nossa vida não era de casado, a gente vivia uma vida, mas não era junta, ele vivia na casa dele e eu convivia sempre na minha! Porque eu sempre tive minha casa depois que assumi minha vida com meus filhos... Aí Quando passou, o pai da Damiana desapareceu de lá, fiquei só com ela, mas já grávida do Marlon. Foi o tempo que foi a separação dos meus pais, a minha mãe foi embora pra Cuiabá e eu não tive o apoio de ninguém. Voltei pra Nazaré... Aí o bucho foi crescendo e ninguém sabia que gordura era aquela, foi quando apareceu o Marlon. Depois quando o Marlon estava com um ano e dois meses, ele retornou de novo, o pai da Damiana, pra Nazaré, aí foi que ele pensava que o Marlon era filho dele, porque, a gente sempre tinha uma relação... Aí ele pensava que o Marlon era filho dele, só que o Marlon não era filho dele. Quando eu falei que o Marlon não era filho dele aí ele se sentiu muito magoado... Né?! E tornou desaparecer, e eu continuei ficando lá em Nazaré com eles dois, já tinha ganhado o Marlon. O Marlon já estava com a idade que estava aí foi quando o pai da Damiana foi entender que eu nunca tinha esquecido o pai do Marcelo, como de fato eu nunca esqueci ele! Aí ele voltou pra Nazaré de novo, o pai

do Marlon, e fez a proposta pra mim ir embora com ele, eu falei que eu não ia embora com ele não, porque, o pai da Damiana já tinha ameaçado de me matar! Então eu preferi assumir minha responsabilidade com o Marlon...

Criei o Marlon, mas só que agora depois de criar estão vindo as dificuldades maiores, porque, não quiseram aceitar ele no colégio, por ele não é registrado no nome do pai. Eu tentei conversar com ele, ele não quer conversar comigo, sobre isso aí. Mas isso já veio ser cobrado agora na escola, porque antes ele estudou sem problemas. Pois como estava dizendo, depois que o Marlon já estava com seis anos de idade, aí nós se enrolemos de novo, eu com o pai da Damiana, aí quando eu tava grávida dele de novo, aí a gente ficou junto já mesmo! Definitivamente! Aí quando eu tava com sete meses de grávida foi quando mataram ele, o Val, e aí eu fiquei só eu com eles três de novo, inclusive era a Damiana, que era a mais velha, já tinha o Marlon e depois veio o Pedro. Aí o pessoal fala assim: “Lourdes porque que tu teve quatro filhos e dois é dum pai e dois é do outro?”. Eu acho graça e digo: - Mas é que o intervalo foi esse daí! Sempre no intervalo se dá um jeito pra tudo.

Ainda no começo, quando eu saí de casa pela primeira vez, na época que eu fui morar com o pai do Marcelo a convivência dos pais com os filhos não era que nem hoje. Hoje o filho faz uma coisa o pai vai aconselhar e ele desobedece, antigamente não! Eu fui criada no ritmo de criação rígido. Aí eu achava, assim, que tudo que minha mãe falasse, quando eu queria sair de casa era porque ela estava me prendendo... Eu pedia pra mim sair ela sempre me dava um não! No tempo que eu conheci o pai do Marcelo a gente se noivou, passou cinco anos noivados, aí o casamento tava demorando e eu achava que se eu tivesse a minha liberdade, mais cedo, ia ser melhor pra mim, foi onde eu me ferrei. É bem verdade, que eu não saí casada debaixo da casa dos meus pais, mas logo em seguida a gente se casou! Eu achava que a minha liberdade ia ser melhor, mas foi mais difícil, aí eu já engravidei do Marcelo, já teve uma responsabilidade só pra cima de mim, porque quando eu ganhei o Marcelo a gente já tinha se separado! Não deu mais certo o casamento, a gente se separou e eu fui levar minha vida sozinha! Inclusive foi um tempo que eu morei com tia Chiquinha lá em Porto Velho, a tia Chiquinha era irmã da minha finada avó... Acho que fiquei uns seis meses morando com ela, depois eu passei a morar com a Nilce, filha da tia Chiquinha, também passei acho que um ano e pouco com a Nilce, foi quando eu voltei pra Nazaré de novo, que já foi pra mim ganhar o Marcelo. Então eu achava que a minha liberdade ia ser, assim, uma liberdade feliz!

Mas, não foi. Foi pior, porque, aí eu já fiquei com uma responsabilidade maior mesmo... Foi pior do que se eu tivesse na casa de meu pai! Porque aí a responsabilidade dum filho é uma responsabilidade grande... Todo mundo que já tem os seus filhos, todo mundo já sabe que é uma responsabilidade grande. E daí foi que eu fui pensar... Colocar aquilo na minha cabeça... Entender que uma responsabilidade é uma responsabilidade!

Quando a gente tem filho a gente tem que cair com a responsabilidade da doença, aí vem a responsabilidade da criação, educação, porque eu achava que era uma coisa tão fácil, mas não é! É difícil essa responsabilidade que a gente carrega nas costas, mas a gente procura ter que cair com tudo! Então eu achava que a minha liberdade ia ser melhor, mas não foi, foi, por isso, que eu saí debaixo da casa de meus pais. Eu achava que a minha responsabilidade, ia ser menos. Porque, eu ajudava minha mãe em casa, ajudava meu pai na roça, ajudava ela a cuidar das crianças e aquilo pra mim com 16 anos eu já achava que me prendia em casa aí achei que se eu saísse ia ter mais liberdade, mas eu me ferrei, foi pior do que se eu tivesse debaixo da casa deles, mas antes eu tivesse ficado lá mesmo. A mamãe sempre fala pra mim, que nós achava que se saísse de dentro de casa nós ia ser feliz... Bem verdade! Eu não tenho, assim, como dizer que eu não fui tão feliz. Fui. Eu fui feliz de sair debaixo da casa dos meus pais eu assumi minha responsabilidade! Tenho hoje a minha responsabilidade, eu criei aqueles quatro filhos com a minha responsabilidade mesmo sendo tumultuada, mas criei, Graças a Deus!

Eu estava com treze anos de idade, quando eu conheci o pai do Marcelo. Treze anos de idade... Só que nesses treze anos de lá pra cá, até eu ter o Marlon eu passei a ter muita experiência na minha vida... O que eu era e o que eu sou... Nesse ponto a minha experiência de vida foi maior! É assim... Porque naquela época que eu estava dentro da casa de meus pais eu não pensava, né?! Porque eu tinha comida, eu tinha dormida, tudo eu tinha junto com eles! Depois que eu saí de casa pra assumir minha vida de casada, já foi outra responsabilidade, então, depois que a gente se separou eu já assumi a minha responsabilidade, porque, eu já tinha um filho pra criar, e aí era levar pra frente a minha vida. Achei que a minha responsabilidade foi maior, por isso. Por causa que, a minha mudança de vida eu penso que foi porque eu não tinha mais o apoio dos meus pais. Eu já tinha que levar a minha vida

sozinha!!! Trabalhar pra mim dá o pão de cada dia pra ele e foi isso... A minha experiência de vida foi essa.

Quando eu estava junto com o pai do Marcelo o mais difícil foi ele não ter me ajudado, por causa que, ele num parava em casa... Quando a gente era noivo era dum jeito, depois que nos casamos ele mudou totalmente, porque, já não parava mais em casa pra me ajudar dentro de casa com a minha gravidez. Porque, foi muito difícil a minha gravidez, do Marcelo e ele já não me ajudava nisso, já não entendia, ele achava que aquilo era frescura! Que aquilo era palhaçada, que tudo aquilo que eu tava fazendo era pra ele ficar dentro de casa, mas não era. Foi, por isso, que eu me separei dele, porque eu não tinha apoio dele, nessa hora que era pra ele me apoiar, né?! Me ajudar na gravidez e ele não me ajudou, aí eu achei melhor viver sozinha e eu estou sozinha até hoje.

As minhas recordações boas das minhas experiências da minha vida foi que eu tenho os meus filhos! Eles são as coisas maravilhosas que eu tenho na minha vida... Meus pedaços bom que eu passei na minha vida de criança até agora! É agora que eu tenho a minha liberdade! Eu não tenho, assim, aquela responsabilidade tanto que eu tinha, tenho a minha responsabilidade com meus filhos, mas eu tenho a minha experiência de vida maravilhosa! Até agora Graças a Deus! Eu num reclamo do que eu já passei do que eu estou passando até hoje! Eu levo, assim, na esportiva, brinco! Tenho a minha liberdade de sair com meus amigos, quando chega a minha família em casa eu já tenho aquela liberdade de tratar bem! Né?! Isso aí pra mim... Eu já me sinto feliz, por isso, apesar de que a gente vive uma vida tumultuada de um lado pra outro mais dá pra levar! Graças a Deus! Eu acho que a minha experiência de vida é isso aí, minha responsabilidade com meus filhos. Cada um de nós assume o que a gente tem que assumir. Agora eu tenho minha casa própria! Graças á Deus! Porque era o meu maior sonho, era ter minha casa própria, porque, sempre os meus pais ficavam jogando na minha cara, que eu só vivia arrumando filho, botando dentro de casa pra eles cuidarem, e depois que teve a separação deles dois aí eu já tomei minha liberdade sozinha, eu já sei o que é uma responsabilidade, eu já sei como cuidar dos meus filhos, resolver os problema deles. Antes eu não sabia... Eu entregava tudo na mão do papai e da mamãe, né, o Marcelo foi eles que criaram pra mim... É a minha experiência de vida, é isso aí!

Quando nós éramos jovens dentro de casa, nós tínhamos nossa liberdade! Uma liberdade que não era, assim, solta, tinha que pedir dos pais para poder ir em

algum lugar. Nós íamos pros forró, nós saía pros nossos banhos e a minha mãe, ela nunca foi mãe de dizer assim: “Não, você não vai.” Ela não deixava nós ir sozinha, mas se uma pessoa de responsabilidade pedia pra nós ir, ela deixava, porque, antigamente era pedido, não era que nem hoje, que um filho fala: “Eu vou ali!” E vai! Não. E nós saía, mas com a Dona Valmira que era uma colega da mamãe que ela tinha, a gente ia pra Boa Hora! A gente ia pro tio Tarsilo lá na Boa Vitória, a gente voltava pros Festejos do tio Manoel, ia em Festejo lá em Papagaio! Em Santa Catarina! Tudo por ali a gente andava... Na nossa responsabilidade. Mas, quando ela falava: “Não vai.” Não tinha quem levasse. A minha juventude, Graças á Deus! Eu curti o que eu tinha de curti, da fase dos nove ano até o meu casamento foi uma fase que eu passei boa, Graças á Deus! Ela. A minha mãe era, e é até hoje, muito rígida, até hoje ela não mudou nada, quando ela fala que não quer uma coisa a gente tem que obedecer, mas o meu pai era mais legal do que ela. Meu pai deixava a gente sair mais, a gente trabalha mais! Mas, ele deixava a gente sair mais pras festas.

Nós passamos mais dificuldades com o papai porque ele bebia muito. Ele bebia demais, a gente quando ia pra festa a gente pagava mico, como diz o pessoal hoje, né?! Hoje eu acho graça lembrando isso. A gente tinha esse problema de ele beber muito quando ia pras festas, mas mesmo, assim, a minha juventude foi bonita! Graças á Deus! Eu tive muita liberdade com eles dois, mas a gente tinha mais liberdade, assim, quando eles saíam com a gente, mas quando a gente ia com outras pessoas era recomendado demais! Não deixava ir pra cá, não deixava ir pra lá... Todas as mães se preocupam, hoje em dia eu entendo a vida como é que é! Eu gostava muito de festa! Hoje em dia eu já não gosto, mas não sei se é por causa que os filhos cresceram, mas eu gostava de festa mesmo! Quando eu saía pra festa eu ia pra festa! Negócio de sair pra cá, sair pra li, não. Quando chegava ao salão de dança eu saía pra dançar! Meu negócio era me divertir! Eu gostava de me divertir mesmo. Agora já não, já não gosto mais de sair muito, mas mesmo, assim, ainda saio, uma vez outra pra mim dançar, pra mim beber e pra minha igreja. Uma coisa que Deus pôs no meu caminho foi a minha igreja. E eu me sinto bem lá! E isso, a minha juventude foi maravilhosa, por isso, de tudo teve um pouco, minha liberdade, depois veio meus filhos, veio minha responsabilidade.

Eu passei um tempo morando fora e vi a diferença de morar na cidade e morar em Nazaré. A diferença é que em Nazaré a gente tem a liberdade da gente! A gente pode dormir de porta aberta, pode dormir de qualquer jeito, a gente sai não

tem perigo na vida, senão, as cobras ou a gente vê uma onça na beira do caminho, essa é a diferença. A cidade já é diferente, por causa que, a gente tem que andar com atenção! A gente tem que dormir entregando pra Deus a vida da gente todo santo dia, porque, na cidade é diferente, não é que nem no interior. Eu, tanto faz no interior como na cidade eu dou meu jeito pra viver... Eu morei sete anos em Porto Velho, pra mim não teve dificuldade, a diferença foi só essa, porque no interior eu vivo tranquila! Eu saio de casa deixo os meus filhos, e se digo pra eles: - Vocês fiquem em casa. Eles não vão sair, eu chego eles tão tudo dentro de casa. Eu acho que se eu trouxesse meus filhos pra cidade, eu acho que ia ser outro modo, porque, se eu saísse pra trabalhar quando eu chegasse não encontraria um dentro de casa, na cidade é mais complicado!

Então a minha experiência foi essa, por isso, que quando eu ganhei a Damiana, quando ela estava com cinco anos de idade, eu já fui pro interior, porque, nesse período, aí, eu achei, assim, eu pensava, porque, eu via a situação da minha tia com os netos dela né?! Tendo as dificuldades dela lá com eles. Vi os problemas da cidade, os problemas de prostituição e de drogas, aí eu já fui vendo aquilo e vi que ali não dava pra mim morar mais na cidade, então, por isso, que eu procurei o interior. Eu vim morar no interior e já veio o tempo da separação dos meus pais, aí eu já fui tomar a responsabilidade de cuidar do meu pai. Graças á Deus! Eu criei a Damiana. O Marcelo ele já tinha ido embora pra Goiás, mas eu criei a Damiana e aconteceu dela ir embora de casa. Ela tava com dezesseis anos, não tenho problema, assim, de dizer: “Eu cheguei na minha casa não encontrei a minha filha dentro de casa, não. Era do colégio dela pra minha casa e, assim, todos eles... A minha experiência de vida foi essa, a mudança da cidade pro interior é isso aí.

Bom, minha atividade de Nazaré é trabalhar na lavoura! Cuidar das minhas coisas dentro da minha casa... É ajudar o meu pai no dia a dia! Ele também trabalha no campo, capinando roça... Trabalho com as minhas coisas dentro da minha casa, fazendo meus artesanatos que agora eu vou dar continuação nos meus artesanatos que eu tenho que construir... Fazer de novo pra ganhar mais um dinheiro. O meu dia a dia é esse dentro de casa... Zelar pela minha roça, cuidar do meu pai, trabalhar junto com ele, ajudar os meus filhos no que eles precisam! É... Negócio de estudo, casa... Meu dia a dia é esse.

O artesanato que eu faço é cortina da semente de seringa! Está com uns três anos que eu trabalho com isso, o pessoal procuram muito! Gosta muito das cortinas,

inclusive eu tenho acho que umas cinco cortinas pra fazer. Eu vou ver se eu dou conta de fazer, pelo menos a metade. Eu também vendo pro pessoal da UNIR, também! Da Universidade, porque quando eles vierem tenho que ter pelo menos com umas duas já preparadas pra eles. É esse aí meu artesanato. Eu faço isso daí.

Eu gosto de caçar, eu gosto de pescar eu gosto de andar em mato mermo! Eu sou mateira mermo! Não tenho vergonha de dizer, o pessoal fala, assim, “Lurdinha porque tu não tem vergonha de dizer que tu mora no interior”... Não tenho vergonha, disso, muito pelo contrário. Eu tenho muito orgulho de ser do interior! Eu gosto muito do interior, se hoje em dia eu não estou na cidade não é por dizer, assim, que eu não queira vim não, já achei muitas pessoas pra me ajudar aqui na cidade, mas eu gosto de viver é em Nazaré, porque é onde me sinto melhor. Na cidade eu passo dois, três, dias, mas eu já quero ir embora.

Eu me sinto melhor em Nazaré porque não tenho essa zonada que tem na cidade. Eu não gosto de bagunça. Eu me sinto bem do jeito que eu vivo. Chego do meu trabalho, tomo meu banho, às vezes, eu assisto minha televisão, às vezes, eu vou pra casa do meu pai... Eu me sinto melhor ali no meu cantinho, sossegada, sem zoada, sem negócio de bagunça, então, eu me sinto melhor no interior mesmo! Eu não nasci em Nazaré, nasci no Uruapeara e fui criada em Nazaré. Eu estou com 47 anos e eu me sinto bem vivendo em Nazaré!

Eu moro na beira do rio Madeira, mas eu não gosto de tomar banho nesse rio... Tenho medo até de pisar na água do Madeira. Eu já tomei banho no Cura Ressaca! Um igarapé que tem lá pro Culhereiro. Na beira do lago do Peixe Boi, eu também já tomei banho. Pulei muito ná’gua lá e já até bebi cachaça! Assim, de ir tomar banho e beber com os amigos e amigas. Mas na beira do rio não. Eu não suporto é pisar naquela água. Não sei. Eu não tenho preconceito da água, não é preconceito de nada. Eu tenho medo, meu role é outro; o que eu tenho mesmo é medo de pisar naquela água. A modo, Assim... Que se eu pisar naquela água um bicho vai me puxar, porque, a água lá do lago a gente vê o que está passando e lá no rio a gente não vê, devido a água que é muito barrenta... Aí se eu pisar naquela água o bicho vai me pegar, é o meu medo é esse daí. É engraçado falar isso. Meu medo é de tudo, do Candiru, que é um peixinho roliço e liso que entra dentro da gente e come tudo por entro, eu tenho medo, disso, Cobra Grande, que o pessoal vê aparecer no rio, aqueles botinhos, eu não suporto aqueles botinhos!... Eu tenho medo, eu tenho pavor! Daqueles botos.

Tudo. Tudo que for de boto... Se eu ando na canoa e eu ver uns botinhos daquele, pronto! Eu não quero mais remar, eu já quero ir embora... Eu fico triste, eu não tenho mais vontade de continuar a viagem, ou a pescaria, seja lá o que eu tiver fazendo... Eu tenho medo daquilo. Não tenho nada contra os botos, só que eu tenho medo. É porque tem o Boto Tucuxi, tem boto laranja! Tem os botos pretinhos, esse que anda no igapó que a gente vê ele boiando, é desse daí que eu tenho mais medo, porque, esses botos pretinhos que a gente fala, eles andam debaixo da canoa e levanta a canoa! É desses botos que eu tenho mais medo! Do Boto Rosa eu não tenho tanto medo, não, porque, longe a gente enxerga ele boiar, ele bóia diferente! O Tucuxi, também, o pessoal fala que o Boto Tucuxi protege a gente, mas eu não tenho muita certeza disso não. Não sei... Eu penso, assim, foi boto todos eles fazem mal. É porque o pessoal fala que o Boto Rosa ele encanta as pessoas, eu vejo o pessoal falar. A lenda de antigamente que o meu pai conta do Uruapeara é de que eles encantam. Já o Boto Tucuxi eles protegem. O papai conta que é assim, se eu estou no perigo com o Boto Rosa me atacando, vem o botinho tucuxi e tenta jogar ele fora pra me salvar, já esse outro boto preto que a gente chama, que vive no igapó boiando, assim, esse daí ele faz mal, por causa que, se ele vê o peixe na canoa, ele quer alagar a gente pra tirar o peixe da gente, é esse aí que é o meu medo deles. E daCobra Grande eu tenho medo, porque, a gente tinha uma Cobra horrível de mostra aí no rio Madeira! A gente não consegue se proteger dela, é por isso, que eu não piso na beira do rio, por causa disso. Meu medo é esse...

Bom... Depois que eu assumi a minha responsabilidade de mulher eu tento levar a minha vida... O pessoal fala: “É Lurdinha vive só na maré mansa, né?! Tranquila”... Eu me dedico aos meus filhos... Primeiro a Deus, segundo os meus filhos... Eu manejo bem a minha vida! Os meus problemas, as minhas dívidas eu já passei a administrar a minha vida pessoal que eu não sabia. Quando a minha mãe vivia em Nazaré os meus problemas eu jogava pra cima dela. Nunca tomei as minhas responsabilidades, assim, de uma comparação, faltava alguma coisa dentro da minha casa eu não sabia ir lá no supermercado comprar. Hoje em dia não, hoje em dia eu sei fazer, já sei dar o meu jeito. Se está faltando alguma coisa já sei falar no fiado, se têm um dinheiro eu mando as crianças ir comprar, eu já levo minha vida. Não é uma vida de dizer, assim, que é a melhor vida, mas também não é a pior. Eu tenho a minha liberdade de levar a minha vida do jeito que ela é! Eu sou uma dona de casa, eu não procuro fazer nada errado pra num cair na boca do povo, o

peessoal fala “Tú tem tanto problema e tu vive tranquila.” Eu sei dividir cada problema, e é cada problema, nossa! Eu tenho meu problema pra resolver com meus filhos, o do Marcelo eu tentei resolver ate um pouco, da Damiana tento resolver, tem outro problema do meu pai, eu ajudei bastante no problema que aconteceu com ele... Eu acho que a minha vida é assim! De cada um pouco eu sei levar!

Tem uma pessoa na minha vida que é especial pra mim. É o meu tio! O meu tio Manel professor, ele era um tio muito especial pra mim, o tio Maciel, mas tudo que eu precisava dele, assim, ele estava pronto pra me ajudar. Quando o Pedro sofreu um acidente... Ele foi o primeiro a me socorrer! Que eu tava passando pelo problema e eu cheguei e conversei com ele e ele falou que aquilo ia ser resolvido e foi resolvido, Graças á Deus! E era um tio que eu não esperava que ia deixar a gente tão cedo, mas que nem eu falo: -Não é da vontade da gente, né?! É da vontade de Deus. Era o tio pra mim que era tudo. De pessoa especial que eu posso dizer que tinha pra mim, era ele. Até hoje eu guardo a memória dele muito bem! Era um tio que ele era tudo pra mim, depois de Deus, ele era um tio maravilhoso. Minha recordação dele sempre é recordação boa... Que eu tenho dele, era o meu ídolo, era ele. É porque o tio Maciel ele podia ver a gente, assim, com problema, ele tentava ajudar a gente em tudo! Às vezes, a gente tava que nem quando aconteceu a separação da minha mãe com meu Pai. Ele ajudou a gente bastante! É... Assim, aconselhar, falar pra nós não entrar em depressão. Porque uma separação é muito difícil! Difícil mesmo, a gente já tava acostumado com eles, dentro de casa. Ele... Tentou resolver pra gente da maneira, assim, que ele podia! Com oração, aconselhando pra gente não errar mais que a gente já tinha errado. Então... Depois que ele se foi pra mim se tornou muito mais difícil! Porque quando eu tinha, assim, meus problemas, eu chegava com ele, conversava com ele... Ele sempre tinha uma coisa, assim, pra me orientar. Eu me emociono falando dele! É... Ele me aconselhava, orientava por onde eu ir, e por onde eu sair, então, pra mim era tudo, na minha vida, era ele... Maciel. Até hoje Graças a Deus! Eu nunca tive mágoa dele, sempre tinha alguém que reclamava dele por diziam que ele era rígido demais, mas comigo não, comigo ele sempre foi uma pessoa muito legal, Graças á Deus! E eu guardo a memória dele como se ele ainda tivesse vivo pra mim.

Sobre as atividades que eu participo da comunidade. Eu participo da reunião da EMATER, o administrador que convoca a reunião e a gente vai. Os eventos também que tem os que o Timaia faz! O filho do finado tio Manel Maciel, ele está

dando continuidade nas coisas que o tio gostava de fazer. Negócio de teatro, ele sempre faz, assim, os Festejos dele a gente participa bastante! É... Não tenho nada contra a comunidade não, muito pelo contrário, eu adoro muito a comunidade, tanto dos mais antigos aos mais novos, eu me dou muito bem, eu sei levar eles, às vezes, eu vou com o pessoal da EMATER ou da Administração, porque preciso deles e eles vêm com ignorância, aí eu já: - Opa, não é bem assim. A gente leva por aqui por outro caminho, então, tirando essas situações, eu me dou bem com a comunidade, Graças á Deus! Nunca tive atrito com ninguém, nunca briguei com ninguém, muito pelo contrário, quando eu preciso de alguma coisa que eu preciso de cada um deles, eles tão sempre prontos pra me ajudar.

Existe uma diferença dos mais antigos para os mais novos. É porque os antigos eles dão mais atenção pra gente, né?! A gente chega lá com o professor Artêmis, ele sabe dá mais explicação, já hoje as pessoas novas que entraram na EMATER, na associação e mesmo na administração, não é mais aquelas pessoa antigas. Eles Já não sabem explicar as coisas direito, uma comparação... Se eu preciso de um documento pra mim correr atrás na cidade já me dão diferente, não é igual os antigos. Os antigos, falam: “Olha se você vai por este caminho aqui que vai dar certo.” Mas, os de hoje, não... Hoje em dia eles só entregam: “Tá aí o papel!” E a gente se vira e não explicam nada pra gente, quando a gente chega na cidade, fica rodado... Sem saber por onde começar, e os antigos não. Os antigos eles tinham mais experiência na vida. É essa mudança de quem administrava a comunidade pra quem administra hoje que eu to falando... Muitos que estão na administração são da comunidade mesmo, o Jefferson, o Pedrão, também é filho de gente de dentro de Nazaré, mesmo, o Pedro Basto, como chamam! E o pessoal do posto de saúde também uns é de Nazaré e outros já vem de fora, né?! Calama, Papagaio, Santa Catarina! Dessas outras comunidades. Aí já não é mais aquelas pessoas que nem era, Dona Doca, Dona Margarida a Trindade, essas aí já era de dentro da comunidade né?! Já os outros não, os outros já são de fora, agora da EMATER também, não é, nenhum, é de Nazaré é tudo de Porto Velho. Então a diferença é essa daí, quando era o pessoal que nem era o finado tio Maciel, O professor Artêmio, o tio Otacílio também fez parte da nossa comunidade, muito, também, ele foi um administrador muito legal o tio Otacílio. Nunca veio com ignorância com a gente, que nem hoje em dia a gente vai lá na EMATER procura um documento, que nem agora eu trouxe um documento pra mim levar pro INCRA e tava errado o documento, aí a diferença

é essa daí... Eles não explicam nada pra gente, qual é o certo, qual é o errado, é essa a diferença, na nossa comunidade.

Antigamente a gente tirava o sustento era de roça, de milho, macaxeira, tapioca! Farinha!... Hoje em dia a gente não tira mais isso, aí. Hoje em dia já vem bolsa família, a bolsa da pesca! A gente recebe esse benefício da pesca. O INCRA já também ajuda a gente! O INCRA, a EMATER que agora também tem o apoio mulher, tem o... Como é que o nome?... O PRONAF A, que também é promovido para as mulheres, eles levam a cultura agora pras mulheres, negócio de horta, é granja... E corte de cabelo, tudo isso aí o PRONAF já leva pras mulheres... Então antigamente a gente achava que era mais difícil, mas era melhor! Porque era um trabalho que a gente sabia levar! E esse que eles tão dando pra gente hoje muita gente não sabe fazer, eu não, porque, eu trabalho na lavoura eu sei... É vamos falar assim... Administrar uma horta, administrar uma granja! Porque eu já tenho esse ramo de trabalhar na lavoura, mas muitos não têm... Eles acham difícil. É, por isso, que muitos não têm apoio nas áreas, por causa disso aí, porque, quando eles levam o PRONAF mulher pra lá o PRONAF A as mulheres acham difícil: “Ah, eu não sei mexer com galinha. Não sei mexer com uma horta, eu não sei mexer com corte de cabelo, não sei mexer com corte de costura. Aí esse modo da gente tirar o sustento da gente hoje em dia se tornou mais difícil, por isso.

Bom... O seguro da pesca é assim... Se tu mora no interior dez anos a colônia mulher que apóia as mulheres vão pra fazer uma seleção contigo e aquelas pessoas que são mais carente! Assim... Que tem bolsa família e a que tem a bolsa Futura vai ser selecionado, aquelas mulheres que tem mais prioridade de baixa renda, aí, então, que nem eu que pesco né?! Eu procuro meu alimento dali da mata aí eles dão esse apoio pra gente, mas só que é de ano em ano, não é, assim, de mês em mês não... Fica mais difícil por causa disso. Então, é por isso, que eles fazem o seguro da pesca e deixa pro complemento da bolsa família, nesse período aí... Pra gente tirar da bolsa família o alimento das criança. É isso aí.

A gente que mora no interior sabe remédio caseiro. Que nem a gente fala, remédio medicinal! A gente aprende a fazer mesmo pela natureza, esses remédios. Numa comparação... Se a gente tem uma dor de barriga a gente cura com chá e se for uma inflamação a gente cura com outros tipos de remédio! Que nem o unha do gato... A gente chama, é aquela Bôta! Também, que é um pau que a gente usa pra fazer asseio e pra beber. E tem também o hortelãzinho que serve pra dor de barriga,

aquela catinga de mulata pra banho, o pião pra fazer o rapé, e, assim, por diante, a gente vai levando a cultura, assim. A catinga de mulata é pra fazer banho pra dor de cabeça. Dos remédios que uso mais é o pau da bota e o coisa... O unha de gato. É o que eu uso mais. É, porque, mulher precisa de mais cuidados, né?! E aqui eu uso mais é esse... As crianças quando adoecem tomam o chá da guia da goiaba! Da azeitona! E uma batatinha também que a gente usa, ela é bem vermelhinha, também que a gente bate e põe no chá. É uma batata mesmo, lá no papai tem é muita... Ela é caseira mesmo. Então nossos remédios caseiros são esses daí, a gente usa mais. Mas quem conhece... Que nem meu pai e minha mãe, eles conhecem muito remédio! Assim, do mato, porque, eles já foram criados lá pro lado do Amazonas! Então lá tem mais planta medicinal do que pra cá pra Nazaré!

Quando uma criança adoece ou alguma pessoa adoece, a gente procura o posto de saúde. Mas tem casos que a gente trata em casa mesmo. Uma diarreia a gente trata com remédio caseiro né?! Uma desmentidura com os emplastos que são feitos assim: A gente tira o leite da súcuba, vai lá na árvore e tira a casca da árvore para tirar o leite e passa num pedaço de pano e emplasta. E as crianças que adoecem, assim... Negócio de comida, essas coisas, a gente já trata com chá da flor do mamão e da catinga de mulata! Aí vem o... Meu Deus! Esqueci o nome dele agora... O paregórico também caseiro, né?! Que a gente faz o chá, aí bebe... E fica bom... Sem precisar ir pro posto. Se a gente leva pra posto é quando é uma quebradura!

A gente leva pro posto de saúde quando é quebradura ou pra fazer exame mesmo que a gente não entende de tudo né?! A gente tem que procurar pessoas que entende mais do que a gente... Mas é assim, além da enfermeira e do médico, a gente procura o rezador. Em Nazaré só tem o meu pai e o Anauá de rezador. Da comunidade mesmo. As pessoas procuram o meu pai é direto, o Anauá também. O papai disse que a reza dele não serve para os filhos e para os netos. Aí minha neta adoeceu e tive que procurar o Anuá, porque, ela tava com quebrante... Não sei isso existe, mas como é tradição dos velhos a gente acredita. O quebrante é que a pessoa fica assim: Abre a boca, dá murrinha de febre, dor de cabeça, a criança chora muito com dor de barriga e, às vezes, fica diferente, já fica verde as fezes dela, aí os mais velhos falam que é quebrante. Eu não sei se isso aí existe, mas é tradição! A gente acredita. Aí a gente leva no rezador, o pessoal não chama rezador chama macumbeiro. É, mas tem o rezador e o consertador. O consertador tem mais do que o rezador. O consertador tem... Deixa eu ver, o Sabá que é o Babá daqui mesmo,

têm a Elza na, Boa Vitória, tem o seu Caíco aqui, mais em baixo, perto de onde morava a Julia, minha irmã... Na vila. Deixa eu ver quem mais... Tem a dona Doca lá perto da Elzalina que é a merma Elza, minha irmã, a dona Biata, também, perto da Elzalina, e é só. Tem também, o seu Adílio, mas aquele ali ele é rezador só para as doenças mais profundas. A gente procura ele quando é negócio de espinhela caída! E Mau olhado, é... Assim, o que os outros não podem curar aí vai lá com ele. Ele tanto reza como costura! Aquele a gente já procura pra doença mais forte, doença forte é com ele, o seu Adílio, e tem a, Dona Preta, também que é a curandeira do pessoal.

O pessoal vai muito ainda na Dona Preta. Vai, demais! Ela cuida de todos os problemas. Do feitiço! A doença dada por Deus. Ela quem cuida disso aí... Numa comparação, se eu tenho mal olhado eu tenho que ir com ela... A Dona Preta ela tira, se eu estou precisando, assim, vamos supor... A minha vida está tumultuada de problema!! Ela também que vai cuidar... A gente vai lá com ela, resolve pra gente... Os cabocos dela e daí por diante!...

A diferença de feitiço e a doença dada por Deus é assim:

A doença do feitiço é o seguinte... Uma comparação, assim, se eu me sinto com meu corpo mole, dor de cabeça contínua, tudo que eu faço num dá certo, isso aí já é uma macumba que o pessoal fala, né?! É a tradição dos antigos, também é a macumba e está escrito na bíblia que a macumba exista, só que eu não acredito. Eu não acredito que macumba existe. Agora o mal olhado eu sei que existe, o mal olhado eu sei que existe! Agora macumba existe, o pessoal fala que existe, né?! Só que eu não acredito na macumba. É esse aí que é meu problema viu?! Existir, existe, só que eu não acredito.

As doenças dadas por Deus são... Febre, dor de estômago, às vezes, também um derrame, também, que eu acho que é dada por Deus! Porque, eu não sei donde vem também, às vezes, uma paralisia infantil também, que a gente não sabe da onde vem... Talvez, seja dada por ele, né?! Porque não está escrito na bíblia se é dada por ele ou não, mas que vem... Então é dada por ele! Eu acho que são essas doenças aí que são dadas por Deus.

Lembranças da avó indígena

Antônia, também filha de Maria de Nazaré e João Lobato, irmã de Valderlurdes e Elzalina. Durante os dias que fiquei em Nazaré realizando as entrevistas entre dezembro de 2012 e janeiro de 2013, combinei a entrevista com a Antônia.

Acordei às 7h30 da manhã, Lurdinha acorda cedo, esse foi um dia que me demorei mais na cama, pois não havia dormido bem durante a noite. Pela manhã, cuidei dos afazeres domésticos. Na parte da tarde, fui para a casa da Antônia para fazer a entrevista. Gritei de longe por causa dos cachorros. Ela não estava, fui recebida por sua nora Júlia, esposa do Romário. Resolvi ir até a vila comprar umas coisas, no caminho a encontrei, estava vindo da casa do seu ex-marido, onde ela morava com ele e os filhos, com ela vinha o filho caçula. Ela vinha carregando umas panelas de alumínio grandes que tinha ido buscar. Falei para ela que ia à vila e voltava logo, ela concordou.

Quando retornei à casa de Antônia, ela estava estendendo roupas. Ao terminar foi me receber. Perguntei a ela se ia querer dar a entrevista, ela disse que sim. A casa onde ela estava morando é a casinha que era da mãe dela, a tia Maria. É uma casinha simples, de madeira, coberta de brasilite, quando a titia morava lá havia um banco de madeira na sala, uma rede com mosquiteiro e um colchão. Agora que a moradora é a Antônia, o ambiente interior da casa ficou com ares modernos. No cômodo central havia um sofá vermelho, uma cama de casal e uma de solteiro bem-arrumada. Do lado esquerdo fizeram uma puxadinha para acomodar o filho com a nora e atrás a pequena cozinha que se manteve com as partes de tábua e com o jirau tradicional.

Sentei no sofá e ela na cama de casal perto da cabeceira de frente pra mim, liguei o gravador e pedi para ela falar de suas experiências. Ela iniciou falando sobre suas atitudes tomadas na adolescência, que em sua autorreflexão foram atitudes irreversíveis na sua vida. A grande surpresa que tive com sua narrativa foram as lembranças dos fazeres/saberes de sua avó que ainda mantinha práticas da cultura material indígena.

Quando fiz a conferência de sua narrativa, ela já estava morando na sua casa, construída com material que é repassado pelo INCRA. É uma casa grande de assoalho alto, com uma sala, dois quartos grandes e cozinha. Apesar de ser uma casa de assoalho alto, Antônia sentiu medo de sua casa ser alagada no período da inundação de 2014, ela disse que todo dia pela manhã ela olhava o nível da água do igarapé Culhereiro que vem por trás da casa e já estava ficando preocupada, porque água subia de nível todo dia e estava chegando perto da casa.

Na conferência de sua narrativa ao perguntar dela, de onde ela achava que vinha todos os saberes da sua avó, ela olhou pra mim e com certa timidez disse: *indígena, né? Nós somos índios*. Essa tomada de consciência indígena por meio de sua própria narrativa me fez perceber que as narrativas poderiam no momento das conferências serem colocadas diante deles e como se fosse um espelho para se autorrefletirem e nela verem suas afirmações indígenas ou não.

Fiquei pensando nas panelas de alumínio batido que Antônia foi buscar na casa do ex-marido e lembrei que na sua narrativa ela fala que sua avó fazia panelas de barro. Vi nessas panelas a transição cultural e temporal das mulheres da comunidade. Uma imagem do processo de aquisição cultural não indígena numa duração que corresponde ao tempo da panela de barro ao da panela de alumínio batido, tempo que corresponde ao processo de catequização e de política de introdução do indígena na sociedade nacional, mas que não apagou a memória indígena. Embora sejam usadas as panelas de alumínio batido, foi possível vir à tona a memória sobre as panelas de barro feitas pela avó. Essa memória é a afirmação indígena de Antônia, pois a panela de barro está relacionada às mulheres indígenas que são as geradoras, são as mães, são a referência originária.

2.3 ANTÔNIA

Antônia Maciel Lobato nasceu e se criou em Nazaré, na margem esquerda do rio Madeira. Tornou-se mãe ainda menina. Hoje com seus filhos criados, tendo apenas um filho caçula que depende dos seus cuidados. É amorosa com os filhos e as filhas, mas sabe manter a firmeza necessária para criá-los. Tem 46 anos de idade e apesar do trabalho pesado na roça se mantém bonita e sorridente. É uma mulher da Amazônia, com seus saberes, beleza e muita força para vencer os desafios da vida. Vive dentro de um modo de vida tradicional, seu filho mais velho é o caçador e pescador da família. Dentro das relações entre pai e irmãs são feitas as trocas de caças e peixes. Juntos cuidam do pai e mantêm a ocupação tradicional do espaço territorial que vivem de forma compartilhada, onde fica o lugar das caças, das pescas, das plantas medicinais, do roçado e das moradias.

Eu vou começar falar da minha experiência de vida a partir da minha adolescência, porque eu fiz uma burrada na minha vida. Como se sabe, a família que eu faço parte é daquelas amazonenses. Eles são amazonenses, daqueles que não tem

experiência, assim, negócio de sentar e explicar as coisas para os filhos. Eles tinham vergonha de conversar com os filhos. Eram ignorantes mesmo. A minha mãe nunca sentou num banco de escola, que nem eu que não aprendi muito, mas uma experiênciazinha eu tenho pra mim orientar meus filhos.

Quando eu menstruei a primeira vez não foi feito nenhum remédio pra mim, como a minha avó fez pra minha irmã Lurdinha que é mais velha que eu. A neta da irmã da vovó tava contando de um remédio que a avó dela fez pra ela e perguntou da Lurdinha se a vovó tinha feito com ela também. Esse remédio é feito com o didal que coloca no dedo quando vai costurar, conforme me contaram é colocado água no didal e dado para a menina que está menstruando pela primeira vez depois esquentar a colher e encostar nos seios da menina, que é para regular a menstruação e para não crescer muito o peito. Isso aí a mamãe já não fez comigo, naquele tempo que a Lurdinha menstruou a minha avó estava perto de nós, e no meu tempo ela já não estava mais, ela morava aqui na comunidade, mas era separado da minha mãe, ela já não morava mais junto com a gente, e a Lurdinha era mais apegada a ela..

Eu fiz um escândalo! Quando eu menstruei a primeira vez. Porque eu não sabia, como sempre eu falo a mamãe nunca foi mãe, assim, de chegar e conversar assim, com nós não, naquele tempo era até difícil, os velhos chegar e conversar, assim, com a gente nera? Se a gente fosse fazer uma pergunta dessa, fazia era apanhar logo... Engraçado, mas era assim, agora não, as minhas meninas, quando chegava nos dez anos delas eu já ia sentando com elas e explicando: - Minha filha tem que ser assim, tu vai sangrar a primeira vez, mas não vai ficar com medo. E explicava pra elas, quando chegava no tempo delas, elas só me chamavam: "Mãe tá acontecendo do jeito que a senhora me falou". Aí eu falava pra elas: - Tá minha filha, é isso, é, assim, mesmo, a gente mulher é diferente do homem. Mas quando fui eu, fiz um escândalo na minha primeira vez quando eu menstruei... Aí depois do escândalo foi que a minha mãe me chamou dentro de um quarto, ainda queria me bater, não sei porque, sei que ela queria me bater, me trancou dentro de um quarto, aí queria me bater porque eu tinha feito escândalo, mas se eu não sabia como é que era. Eu tinha que pedir explicação dela, aí já foi a Lurdinha que me explicou depois, ela me chamou e falou pra mim o que estava acontecendo, ela sabia por que ela é mais velha do que eu dois anos, ela se formou primeiro do que eu e minha, avó, já que orientou ela e quando chegou pela minha primeira vez pra mim, minha mãe já queria me meter era a porrada logo. Eu acho engraçado agora que eu to contando.

Tá pensando que os amazonenses são fáceis? Os amazonenses são tudo, assim, ignorantes.

Pra mim o sangue é a vida da gente, a saúde, porque que nem agora quando to chegando no tempo da menopausa que nem o médico falou pra mim, tá aparecendo tudo quanto é doença em mim, eu quando era nova que eu tinha minha menstruação todos os meses que vinha normal eu não vivia só doente como eu vivo agora, porque agora a minha menstruação já não é mas como era quando vinha aquele sangue mesmo! Como da primeira vez, agora tá vindo já diferente. O sangue é a saúde, porque se a gente vê que ele está diferente, se tiver preto, liso, a gente já começa ver que tem alguma coisa.

Minha adolescência eu não sei nem o que foi, como eu estou falando que eu casei e arrumei filho tão cedo. Com 14 anos eu tive minha primeira filha. Eu saí de casa com 13 anos, eu nem tive uma adolescência como essas outras meninas tem, como minhas filhas, porque elas têm uma liberdade, mas eu nunca tive liberdade com a minha mãe, pra mim dizer, assim, que eu ia sair, eu não, nunca tive essa liberdade, minha adolescência era só mesmo estudo. Eu estudava e cuidava dos meus irmãos, eu era babá deles. Não tive uma adolescência, pra dizer que eu era feliz, não tive não, toda a vida foi sofrida.

Eu resolvi sair de casa por besteira mesmo. Quando a gente não pensa e os pais quando não orienta a gente, a gente faz burrada na vida. A gente faz besteira. Como eu estava falando, minha mãe nunca chegou pra conversar com a gente, pra explicar para nós: - A vida é assim. Quando a gente, às vezes, fazia, assim, alguma coisa que ela não gostava, ela não chegava para aconselhar que nem hoje eu chego e aconselho meus filhos e converso com minhas filhas. Ela não. Ela fazia era logo espancar a gente. Aí uma vez eu estava conversando com um rapaz e ela me viu conversando com ele e já foi me batendo, me bateu mesmo que deixou marca e a noite eu não conseguia dormir, aí eu pra me vingar dela saí de casa. Saí porque eu estava com raiva, quando eu me arrependi não tinha mais jeito, foi quando eu fui me embora, passei uns tempos longe dela.

Eu fugi de casa. Eu não planejei, assim, em fugir, mas porque eu fiquei com raiva mesmo, eu disse, assim:- Agora eu vou me vingar da minha mãe, agora eu vou sair de casa. Porque eu não tinha liberdade pra sair pra nenhum canto e eu fui me embora, passei uns tempos e quando eu voltei eu levei outra peia de novo. Eu faço é rir disso, agora! Mas na época não foi fácil não. Aí foi quando eu engravidei do meu

primeiro filho, o que morreu que hoje era pra está com 30 anos de idade. Ele nasceu morto, aí depois eu tive a minha segunda filha, aí depois eu tive meu outro filho, meu menino que era do mesmo pai dos outros, o Aparecido. Aí a mamãe fez até que eu deixei ele, ela fez de tudo pra eu deixar o pai dos meus filhos até que me separei dele, aí foi quando eu arranjei outro marido, o Manduca. Eu casei de novo, casei não fui morar junto com ele. Sai de um marido e já fui para outro e assim como eu não tive adolescência também não tive juventude. Eu não sei nem o que é juventude.

Minha juventude, assim, eu num tive. Eu já fui mãe cedo, fiz uma besteira na minha vida, mas não adianta dizer que to arrependida, porque que não adianta se arrepender do que se faz, porque não volta atrás mesmo, o tempo não volta atrás, se voltasse, talvez, hoje nem filho eu acho que eu não tinha, eu tinha aproveitado os meus estudos, é verdade, mas fazer o que?

Eu com 14 anos eu tive meu primeiro filho, com 14 anos não tinha experiência de nada, de mãe, nenhuma, mas, assim, eu fui levando a minha vida. Com 18 anos eu tive o segundo filho, o Romário, e, assim, por diante. Só que meu primeiro casamento não deu certo. Eu sofri um pouco de humilhação da minha mãe mesmo, da parte dela, do meu pai não que meu pai foi muito bom comigo, mas já minha mãe já era um pouco difícil de lutar com ela, mas, eu consegui superar. Graças a Deus! Não vivo bem, mas eu estou hoje criando meus filhos. Aí eu tive mais seis filhos. Eu tenho oito filhos e três netos. Tô muito feliz graças a Deus! Depois eu me casei de novo e não deu certo também, e tô hoje tentando levar minha vida sozinha com meus filhos, mas eu tenho fé em Deus! Que eu vou conseguir, eu sou, assim, eu trabalhei bastante na roça, não tive estudo, mas porque não aproveitei, que chance eu tive, mas a gente, como eu to falando, os pais da gente não orientava a gente naquela época aí eu acabei fazendo besteira. Eu sofri muito trabalhando na roça e agora não posso mais trabalhar, porque tenho problema de saúde e também não tenho estudo pra mim arranjar um emprego. Mas conforme Deus quiser, eu vou levando minha vida adiante.

Teve uns tempos que eu trabalhei em Porto velho e não deu certo também, voltei de novo pra cá pra Nazaré, trabalhei de prestadora de serviço no colégio aqui do Estado, antes já vinha participando bastante de voluntária nas atividades do colégio... Fiz o curso de higiene e manipulação de alimento e o de cozinha Brasil pelo SENAI por meio de uma parceria com Governo de Rondônia e o do Amazonas. Esse curso foi dado pelo SENAI no barco Sumaúma de Manaus que ficou atracado

aqui na comunidade por uns 15 dias, eu fiz esse curso porque eu já era merendeira na escola e era para nós da escola mesmo esse curso. Também teve outros cursos no barco abertos para a comunidade.

Eu estudei até a quarta série, aí depois de adulta, por esses tempos, eu estudei nos Saberes da Terra, agora, já, depois, está com uns cinco anos atrás. Eu estudei nos Saberes da Terra da 5ª a 8ª série, só que quando foi pra mim fazer a última prova foi o tempo que eu ganhei esse menino aqui, o mais novo, Pétros Gabriel, tirei esse nome de uma novela, pois é aí eu tive o meu filho e, por isso, eu não participei mais, eu fui pra Porto velho pra ganhar neném, aí quando já vieram fazer as provas mesmo final que era pra pegar o certificado e aí eu já não tava mais aqui e perdi o certificado da minha prova do 8º ano e eu não consegui mais pegar. Os outros que estavam estudando comigo, a, Juliana, a minha irmã, pegou. Ela estudou, terminou o estudo dela e eu não terminei o meu.

Hoje eu estou com 46 anos, mas eu num estou muito satisfeita, não vou dizer que eu não sou feliz, porque, se a gente não fosse muito doente eu seria mais feliz, mas graças a Deus eu vou levando a minha vida, estou vivendo aqui, agora meu filho mais velho, o Romário que morava com a Juliana, mulher dele, aqui comigo está morando na casa do meu pai que estava desocupada, eles tiveram um filho, o nome dele é Gabriel que está com 8 meses. E não vou me embora daqui também por causa do meu pai que está aqui no sítio dele lá pra dentro e não quero abandonar ele, mas quem sabe no futuro eu não tenho vontade de sair daqui também que nem os outros foram embora, os meus irmãos, mas até agora eu não tenho vontade de sair daqui não.

Depois que meu tio morreu a gente viveu uma situação difícil porque a gente já era acostumado com ele, o Professor Maciel, mas a gente vai levando como Deus quer, tem muita história pra contar também dele. Ele foi um professor exemplar pra nós e se hoje eu aprendi alguma coisa foi com ele. Ele se interessava pelos alunos, aconselhava a gente demais e não era como é hoje. Naquela época que ele era professor não era que nem agora, que nem hoje em dia a escola é tudo bagunçado. Os alunos não respeitam mais os professores, que nem antigamente nós respeitava os nossos professores. Hoje já não tem mais respeito, mas eu no que eu puder educar meus filhos, do jeito que eu puder eu vou educar, da maneira que eu fui, pois, eu não tive educação, mas eu tive criação, graças a Deus! Meus pais souberam me criar.

Vamos ver como é que vai ficar daqui pra frente, espero que fique melhor aqui nessa comunidade. Porque ao invés de melhorar está é piorando. Negócio de situação de escola, porque eu não tenho como levar meus filhos pra cidade e manter eles lá. E é, assim, nossa situação aqui, mas com fé em Deus a gente vai conseguir se Deus quiser! Nosso objetivo é pelo menos pra quando eu morrer, quando eu não tiver mais aqui entre meus filhos, eles tenham orgulho do que eu fiz por eles, porque graças a Deus! A gente aprendeu muito com o professor Maciel. Muito mesmo! E ele deu o máximo por nós aqui, e nossa família já tá, assim, os mais velho, que nem agora a minha mãe mesmo, só tem minha mãe e o outro tio, outro irmão dela, tio Chico, mas nossa família é muito grande nossa família de Maciel aqui em Nazaré, bastante mesmo, graças a Deus! E até que nós somos unidos um pouco com a nossa família também, tem meus irmãos ainda aqui também e eu acho que eles são unidos comigo, quer dizer, eu não sei se eles são unidos comigo, mas eu sou com eles.

Meu pai também já tá muito velhinho pra trabalhar. Ele é batalhador. Trabalhou na roça e hoje já está cansado também de viver trabalhando. Mas se Deus quiser a gente vai vencer nessa vida, e nós também trabalhava num sítio lá pra dentro. Nós andava, todo dia, nós andava 45 minutos, de lá pra cá, daqui pra lá, todo dia, a gente andava. É a gente já sofreu muito aqui nessa vida trabalhando em negocio de roça. Trabalhava muito mesmo, e hoje em dia a gente é isso, o que a gente tem é experiência de trabalho. É o que a gente tem graças a Deus, só não tem é sabedoria, assim, pra arranjar um emprego que nem outras pessoas que querem emprego na prefeitura, no Estado. Porque hoje em dia ninguém quer mais saber de trabalhar em serviço pesado, que nem trabalhava de primeiro, ninguém quer. Hoje em dia não tem mais roça, ninguém planta mais, eles já querem viver outros trabalhos, mexer com outros tipos de coisas, não querem mais trabalhar na roça, como a gente trabalhava, em serviço pesado. Os meus filhos não querem, o único que está aqui é o Romário, que ainda trabalha coitado, no serviço pesado, mas eu espero que esses outros pequenos não vão querer trabalhar que nem a gente trabalhava antigamente aqui, porque nós ralava muito, pra trabalhar com nosso pai, mas graças a Deus nós tinha de tudo.

Eram sete filhas mulheres na época que nós morava com o papai. Nós era só sete mulher, e nós não vivia bem! Mas a gente vivia mais ou menos, nunca faltou nada pra nós, aí depois meu pai e minha mãe não quiseram mais viver juntos. Eu não sei o que aconteceu com eles que se separaram, que até hoje eu não sei qual foi

o motivo da separação deles, aí depois que se separaram ficou mais difícil pra nós, foi o tempo que os irmãos foram tudo embora, só restou eu mais a Lurdinha já aqui no sítio com o papai. Ninguém quer vim morar mais pra cá com ele, e a mamãe também hoje se encontra na cidade, eu acho que ela não quer vir mais pra cá pra morar, mesmo que ela venha pra cá, também não dá mais pra ela viver aqui, porque ela só vive doente, mas a nossa família, nós era muito feliz quando a gente vivia com o papai e com a mamãe... Ao me lembrar desse tempo fico pensativa, vem aquela pausa, aquele silêncio, só pensando sem nada dizer... Mas ao voltar o pensamento para hoje a gente sabe que o futuro é o que não pertence pra nós...

As melhores lembranças que eu tenho é quando vivia todo mundo unido. Que nem nós que era muitos irmãos e a mamãe com papai ainda criaram também criaram nossos sobrinhos. Foram três, quatro sobrinhos, meus sobrinhos juntos com meus filhos que eles ainda ajudaram a criar. Eu achava que nós era feliz, Óh! Quando a gente via todo mundo junto ali, assim, no natal, ano novo, essas coisas, assim. É era nossa tradição, fazia a festa era a pior alegria! Que a gente tinha aí depois todo mundo foi pra um canto, já, agora que está voltando de novo, porque nossas famílias já estão se unindo, nossos parentes já estão voltando pra passar ano com a gente, ano novo e natal, essas coisas, mas nós passamos um tempo aqui que só era nós mesmos, eu com meus filhos e a Lurdinha, ela com os filhos dela lá e o papai, porque nós nunca saímos de perto dele, quer dizer eu nunca saí, assim, pra viver longe, a Lurdinha ainda passou uns tempos ainda morando com a tia Raimunda, morando lá em Porto Velho, eu não. Eu fiquei todo tempo perto dele, do papai e no tempo que o Maciel era vivo era muito bom, mesmo que a minha mãe já estivesse separada do meu pai, a gente ainda vivia bem, porque tinha o tio Manel junto com a gente, ele morava lá perto do sítio do papai, viviam cuidando um do outro lá. Ele morava pra cá pra traz com a gente, todo dia a gente se via e estava todo tempo vivendo junto, mas a gente tem que se conformar com o que Deus dá! O que fazer né? Mas quando meu tio era vivo a gente vivia tão feliz.

Os costumes que eu aprendi, da nossa tradição mesmo dos antigos foi do tempo da semana santa, guardar os dias santos que a gente guardava. Eu não aprendi muita coisa com minha mãe não. Porque a minha avó sabia fazer muita coisa, negocio de costume, assim... Ela era muito religiosa, minha avó, e minha mãe já não era, ela era diferente, minha mãe, mas eu aprendi um pouco do costume deles, e nós ia pra igreja todos os domingos e guardava os feriados, e os costumes também,

assim, negocio das nossas comidas eu aprendi um pouquinho também. Aprendi a fazer bolo na tradição da minha avó. Ela fazia aqueles bolinhos de polvilho de massa, eu aprendi também fazer o tacacá que ela mais gostava, a minha avó, eu aprendi um pouco porque eu via ela fazendo. Porque a minha mãe ela não sabia, ela não era boa nisso não, porque, sempre eu perguntei dela: - Mãe porque minha avó tudo ela sabia fazer e a senhora não sabe pra ensinar pra gente? É, porque minha avó ela sabia fazer coisas de barro, pote de barro, fazia prato, fazia panela, tudo ela sabia fazer, esses negócios de barro, artesanato, e minha mãe não sabe fazer nada. A minha avó fazia as coisas de palha, cipó, tudo minha avó fazia, fazia peneira, ela fazia aquelas esteiras pra gente dormir em cima. Eu lembro disso com alegria. Vejo agora como minha avó sabia fazer tantas coisas que era da tradição dos antigos.

Antigamente a gente não tinha colchão, essas coisas pra gente dormir, tudo era feito a mão, aí eles teciam aquelas esteiras de palha, ali que era nossa cama, forrava os pano por cima e dormia ali e tudo isso a minha avó sabia fazer e eu tinha vontade de aprender, mas e eu não aprendi. Essas coisas que nem ela fazia e eles eram acostumados fazia parte da tradição deles e eu achava muito bonito, a tradição da minha avó. Eu acho que essa tradição dela veio dos antigos, da mãe dela, dos avós dela. Ei! Eu acho que nós somos indígenas, nós somos índios não é? Eu acho que nós somos índios mesmo, já é uma mistura, eu acho, não sei.

Eu digo que nós somos indígenas por causa da cultura dos antigos, a cultura deles, porque o Maciel, meu tio, filho da minha avó materna, que ainda era um pouco mais inteligente que foi criado no Amazonas, ele fazia tanta coisa bonitinha, assim, artesanato e hoje os filho dele fazem. É ele levou a cultura dele pra frente, a origem dele mesmo, e hoje os filhos dele se orgulham do que aprenderam com o pai deles, e ele mesmo o, Maciel, falava que nós era de uma tribo de índio que ele até falava um nome, mas só que eu não sei, agora eu não sei como é que era, que ele até ficava falando pra nós que nós era índio, não tinha como nós negar, e o que ele aprendeu com a família dele, assim, quando ele veio lá do Amazonas ele já ensinou para os filhos, e hoje os filhos dele, eu acho que eles se orgulham do que eles aprenderam com o pai deles, a tradição deles, a cultura, mexem com cultura, essas coisas assim, artesanato, tudo eles sabem fazer os meninos do Timaia, eles são muito inteligentes, eu acho que da nossa família só nós mesmo daqui da família da mamãe que não aprenderam a fazer nada, só filhos. Eu acho graça, mas é verdade, a

gente não aprendeu a tradição dos antigos. É! Talvez os meus filhos aprendam um pouco também.

Aqui em Nazaré o meu dia a dia era, assim, de casa pro trabalho, do trabalho pra casa cuidando dos meus filhos. Eu trabalhava até pra sustentar o meu marido, por isso, que eu deixei ele, é minha vida era corrida, trabalhava na roça mesmo, que não vou dizer que não trabalhava, porque eu trabalhava era na roça mesmo, quando eu chegava em casa, pegava o caniço ia pescar, quando eu chegava da pescaria já tinha que voltar de novo pra roça, e era, assim, minha vida...

O trabalho da roça é pesado mesmo, só pra quem tem coragem de trabalhar. É roçar mato, depois derrubar, vai queimar, depois vai plantar as manivas, capina... O serviço da roça é ralado, é só pra quem tem coragem mesmo, porque, por isso, que eu estou falando que hoje em dia ninguém quer saber de plantar roça, porque é pesado é só pra quem tem coragem mesmo. Planta a mandioca e depois faz a farinha pra vender. A gente vendia farinha, até porque aqui o melhor produtor de farinha era o papai, quando ele era mais novo que garantia trabalhar junto com nós, ele era o melhor produtor de farinha, agora que não tem mais produção de farinha pra vender, já está muito velho também pra trabalhar e eu também já não garanto mais trabalhar na roça, assim, em serviço pesado.

Dos Festejo seu costume participar, até porque eu era membro da igreja, agora que eu estou afastada um pouco, mas eu vou voltar se Deus quiser! Tem o Festejo de São Sebastião agora dia 19 de janeiro, aí tem o Festejo de São Pedro 28 pra 29 de junho. Antigamente tinha o de Maria Auxiliadora só que pararam de festejar, porque era no mês de maio, agora os dois Festejos mesmo tradicionais daqui da nossa região e que é mais movimentado e era mais falado. Agora a festa da melancia acabou com o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré. Porque ficou próxima uma festa da outra. O pessoal vem pra festa da melancia, aí quando chega no dia da festa da nossa senhora de Nazaré, o pessoal que vinha já veio antes pra festa da melancia e aí não vem mais pro Festejo de Nossa senhora de Nazaré.

A festa da Melancia foi inventada pelo pessoal da EMATER e a festa de Nossa Senhora de Nazaré era da comunidade mesmo. O Festejo do São Pedro e de São Sebastião foi o professor Maciel que começou a fazer e já o Festejo da Nossa Senhora de Nazaré da Igreja matriz lá de fora, lá da Igreja mesmo de Nazaré, foi o dono daqui do lugar, o seu Eduardo Costa. Porque antes aqui esse lugar era ele que era o dono e quem morava aqui trabalhava pra ele, na sorva, na seringa e nos outros

trabalhos. Seu Nanam, chamavam pra ele de Nanam. Era ele que era o dono do Festejo, daí quando ele faleceu, antes dele falecer ele entregou pro Professor Artemis tomar conta mais o Professor Maciel, aí depois foi chegando mais gente, já foram tomando a frente, aí sabe que o Maciel não era dessas pessoas que gostava de tá se misturando com muita gente, aí ele já foi saindo de lá e construiu a igreja aqui dentro, São Sebastião, mas ele começou o Festejo de São Sebastião lá dentro do outro lago do peixe-boi.

Era lá no lago do peixe boi que era o Festejo, lá era comunitário. Era reza, depois da reza ele fazia pé de moleque pra dá com Nescau, que naquele tempo era assim, nera? Que não tinha aquele negócio de refrigerante Didio, era nescau com pé de moleque que ele servia, na tradição dele, mas era bonito, e sempre ele falava que ele ia voltar a fazer como ele começou a festejar. Ele ia terminar, assim, mas foi o tempo que ele faleceu, aí já ficou o Timaia, o filho dele, mas não era como era quando ele era vivo, o Festejo de São Sebastião. Eles ainda festejam, mas não é mais como o Maciel fazia, ele era bastante religioso, e se dedicava bastante a igreja. Agora modificou, eu acredito que aqui dentro mesmo modificou. Na igreja de São Pedro onde ele e a gente frequentava toda terça e sábado a gente estava na igreja, agora é até difícil abrir a igreja. Lápra fora, na igreja lá de fora, é bem difícil eu ir lá.

O Festejo de São Sebastião é dia 19 de janeiro, só que é comunitário só é reza, aí depois tem o leilão. Começou, assim, depois, começaram com negocio de dança, festa a parte do Festejo, mais que começa só depois do leilão. O Timaia disse que esta querendo voltar a fazer o Festejo de São Sebastião do jeito que o pai dele fazia quando ele começou na tradição dele, só mesmo reza e o leilão. Eu não sei como que vai ficar. E o Festejo de Nossa Senhora Maria Auxiliadora era no mês de maio que tinha também, era reza, naquele tempo era na luminária, a gente tirava aquele bucado de pau, aí partia pra colocar as velas nas cabeças dos paus, pra iluminar o arraial, aí depois terminou, ele mesmo terminou, o Maciel como não fez mais, não Festejou mais, agora o Festejo de junho é o Festejo mais bonito que tem aqui, tem, porque, começou também com reza e a procissão era de canoa no rio, aí depois pararam, gora já é mais um negócio de boi bumbá, é quadrilha, só essas coisas, assim, não é mais como era antigamente, eu achava que antigamente era mais bonito a tradição. Era a reza que começava na igreja, depois ia lá pelo rio com os barcos enfeitados, aí depois voltava de novo pra igreja e ficavam sentados contando histórias, não existia maldade que nem hoje, hoje em dia se a gente for pra

uma festa aí fora é só pra vir de lá corrido com briga com gente que não gosta mais de festejar, só estraga a festa. Eu acho no meu entendimento que era mais bonito, assim, antigamente...

Antigamente, o Festejo de São Pedro era só um dia mesmo. Era tudo só no dia do Festejo, a reza e a festa era num dia só. Agora já é a reza e o leilão num dia e a festa dançante, brincadeiras, negócio de boi, quadrilha, essas coisas, já é no outro dia. Dura uns três dias, mas dedes antigamente até hoje sempre foram nove noites de rezas, a novena sempre foi nove noites de reza e depois no dia do santo mesmo, do padroeiro, tinha a reza e a festa e agora já tem as brincadeiras deles que eles inventam, esse negocio de boi. Mas todo mundo tem seu jeito de gostar. Eles acham bonito, mas só que vem bastante gente de Porto Velho pra aí, é bonito, eles acham bonito, eu não, o que eu participo mais é da igreja mesmo que ainda vou pra igreja... Eu acho que a maioria é mais gente de fora do que daqui mesmo.

Eu acho que aqui, depois que Nazaré cresceu mais um pouco mudou tudo. Mudou negocio da educação, religião, mudou bastante, porque quando a comunidade era pequena aqui, não tinha muita igreja de evangélico, só era a nossa igreja católica, e dia de domingo estava todo mundo na igreja, todo mundo reunido, participando, agora não, é dividido, é um pouco pra um canto, é um pouco pra outro. Na parte da educação melhorou, mais ainda enfrentamos alguns problemas como a falta de professores, porque os professores vêm de fora. Agora temos uma escola grande que tem a partir do 5º ano ao ensino médio completo, e inda assim há problemas de falta de professores. Antes de ter essa escola do Estado tinha que estudar por meio “Do Saberes da Terra” Minha menina estava estudando por meio desse projeto que é aquele projeto ribeirinho que tinha antes, mas eles passam dois anos pra sair de uma série pra passar pra outra, a Roniara, minha filha, ela já deve está com uns dois anos que ela estuda e ainda não saiu a formatura dela. Esse curso funciona assim: São 15 dias de estudo e 15 dias eles ficam sem estudar, às vezes, até mês, eles passam até de mês sem estudar aí eu acredito que aqueles que aprenderam quando voltam a estudar já esqueceram.

Eu não acho que, melhorou não, a educação, porque, no meu tempo a gente estudava e era direto e a gente aprendia, a gente se interessava mesmo e hoje em dia não, eu tenho os meus meninos, os meninos da Lurdinha mesmo ela mesmo sabe, o filho dela está o que? Na 3º, 4º série, parece, manda ele lê pra vê se ele sabe lê, eu acho que não melhorou não, agora esse colégio daí do ESTADO, melhorou, mais

ainda não está tudo resolvido, como o caso de professores, porque, o professor que vem de fora, vem de Porto velho, eles não se acostumam aqui não, e aqui não tem professor daqui mesmo que esteja com capacidade pra lecionar, o único , eu acho que tem formação pra lecionar é o Timaia, filho do finado tio Manel professor.

Eu acho, assim, no meu entendimento, a criação, assim, antigamente a gente respeitava os pais, amanhecia tomando bença dos parentes, os mais velhos, a gente considerava, e hoje em dia não, hoje em dia as crianças não tão nem aí, não respeitam mais ninguém, não respeita mais pai, não respeita mais mãe, e isso, eu tive graças a Deus! Eu não tive, assim, educação de leitura, porque, eu não participei muito dentro de escola, mas a criação que minha mãe me deu sobre isso, de saber respeitar os próximos, eu tive. E é isso que eu tento fazer com meus filhos também, porque é bom respeito, respeitar as pessoas mais idosas de que a gente é bom.

Antigamente aqui, logo quando começou esse negocio desse colégio daí, quando o governo entrou aqui dentro acho que tinha uma base de umas 40 famílias, agora eu não sei nem quantas famílias a gente tem aqui, tem gente que eu nem sei da onde foi que varou, que eu nunca nem vi, é engraçado isso, mas não conheço mais muita gente que mora aqui. Na última vez que eu embarquei pra vim pra casa eu vinha viajando e vinha tanta da gente desconhecida, que eu não sei da onde é aquele povo. Eu não conheço não, ali pra ali pra trás pro lado ali do Culhereiro do Cura ressaca, já tem casa ali que eu nem sei quem é aquele povo, sei mais não, tem muita gente de fora já aqui. Com a construção do novo colégio veio ainda mais gente. Com esse crescimento de Nazaré muda nossa relação com as pessoas. Eu acho, acredito que sim. Porque, antigamente quando tinha só nós aqui da mesma comunidade, os antigos aqui, a gente podia deixar a casa a vontade, dormir a vontade, as crianças podiam brincar, sair e chegava a hora que a gente bem entendesse, hoje em dia não, hoje em dia, eu pelo menos não confio de mandar meus filhos de noite ir lá na frente e voltar, não confio mais não, porque tem muita gente de fora, e tem muita coisa que não presta aqui, esse negocio de drogas essas coisas, que o pessoal estão usando aí, e antigamente não tinha essas coisas... Nazaré cresceu e depois ficou destruída com a inundação em 2014, aí muita gente que veio pra Nazaré por causa da escola a metade foi embora, gente da família mesmo que já era daqui foi embora, porque ficou com a casa destruída e perdeu tudo e preferiu ir morar alugado na cidade e tentar a vida por lá.

Uns tempos atrás em cada localidade tinha um escola para as crianças e agora não, agora como aqui virou distrito vem só vem pra cá. Aqui passou pra distrito e é só aqui agora que funciona a escola, que nem ali no canto da Boa Vitória, no tio Tarcilo, não tem mais escola ali, não funciona mais, e agora que funciona esse colégio do Estado essas outras localidades até do Papagaio pra cá, vão vim tudo pra cá! Antes eu estava preocupa com a vinda de muita gente pra cá por causa da escola, por causa que eu estava com medo de invadirem o lote do papai, pois a escola fica dentro das terras dele, que ele cedeu para ela ser construída, além disso, com a vinda de muita gente vindo de fora pra cá vem muitas coisas que não presta. Na época quando começaram a construir o colégio eu falei logo pro Romário: - Meu filho, se nós não fizer uma casa ali em cima pra agüentar o lugar do papai aqui mais dia menos dia vão tomar tudo isso daqui dele. Nesse tempo ainda não tinha feito minha casa aqui onde estou morando agora, morava lá na casa que era da mamãe na beira do igarapé correnteza que se acabou com a inundação. É eu estava falando pro Romário assim: - Se nossos irmãos fossem unidos, se eles gostassem de vim pra cá, a nossa família, ixé! Aquele lugar ali não ia nem dá pra acomodar o tanto de gente que tem, mas não querem, e essa frente aí subindo nessa ladeira aí onde eu fiz minha casa e estou morando, se não tivesse feito, outro vinha fazer. E se não fizer casa aí no restante das terras do papai perto do colégio, pode esquecer que isso aí vão tomar tudo dele, porque o pessoal tão de olho aqui nesse lugar aqui pra cá pra dentro.

Lá na casa da mamãe que agora se acabou porque ficou debaixo d'água e depois que secou não prestou mais, foi um lugar que fiquei depois que eu me separei. Fiquei lá até terminar a minha casa, quando eu morava lá criava galinha no terreiro e agora aqui no terreiro da minha casa também tenho minhas criações, tem as galinhas, os pintinhos, os galos... Vivo minha vida por aqui tranquila, eu, meus filhos, perto da minha irmã e do meu pai, um cuidando do outro. No tempo da inundação que ficou difícil fiquei com medo da água chegar aqui, pois estava vindo aqui por trás por causa da água do Culhereriro que subiu demais, a água estava tão podre que matou até plantas que não morria com água. Uma das minhas filhas que estava grávida teve que vim ficar abrigada numa tenda da defesa civil com o marido dela, mas ela só dormia lá e passava o dia aqui comigo. Ficou muita gente aqui na escola nova. Foi muito triste.

Agora todos já voltaram para suas casas, estão esperando o governo resolver a compra da terra para fazerem suas casas, pois corre o risco de inundar outras

vezes. O pessoal do governo veio aí com papai e ele teve que vender um pedaço da terra dele, mas acabou nem recebendo o valor que tinha sido acertado para ser pago, ficou no prejuízo. Até agora não começaram a construir a nova Vila que é para ser nesse pedaço de terra que foi o retomou e indenizou, assim, sem pagar o valor de todo o trabalho do meu pai. Não sei como vai ficar essa situação, pois o impedimento que houve pelo ouvi falar para fazerem a vila lá é porque está próximo a uma reserva ambiental. Enquanto nada se resolve estamos todos da comunidade retomando nossas vidas do jeito que é possível.

Reescrevendo em colaboração tradições vindas dos antepassados

A entrevista realizada com a Elza se deu no mesmo período que entrevistei suas irmãs e seu pai. Havia ido para a comunidade com propósito de restabelecer as relações de parentescos e realizar as entrevistas. Fui para Nazaré dia 18 de dezembro, era a primeira vez que estava indo para ficar mais dias em campo, as outras duas vezes que fui, ficava só nos dias do Festejo. Dessa vez, estava indo pra ficar mais dias, como era período de festa natalina e ano novo, eu não tinha certeza se ia ficar até as festas de passagem de ano, deixei para decidir quando eu estivesse lá. Acabei ficando até o dia 6 de janeiro de 2013 e tive a oportunidade de perceber a importância de entrevistar a Elzalina, Elza, como é chamada pela família.

Eu não tinha planejado entrevistar a Elza quando fui para o campo de pesquisa, porque eu já havia entrevistado a Maria, mãe dela e decidido entrevistar o João Lobato, pai dela, que é o centro da narrativa de Maria, as duas irmãs, Antônia, e Lurdinha, porque as tias são bastante presentes na narrativa de sua mãe, e seu primo Timaia, liderança cultural. Havia percebido a relevância dessas pessoas na passagem das tradições vivenciadas no ambiente familiar e no espaço coletivo da comunidade, por meio da entrevista de Maria e nas minhas observações feitas nas duas vezes que fui para os Festejos de São Pedro.

A rede de entrevistados estabelecida pelas idas anteriores a campo e pela entrevista gravada com Maria não me levava a Elza. Mas no campo fazemos novas descobertas. Elza foi para mim uma grande surpresa, eu já a conhecia desde que ela era menina, pois somos primas, mas por não convivermos próximas uma à outra, eu não tinha conhecimento de seus dons de cura. Fiquei sabendo porque no primeiro dia que

cheguei carreguei de mau jeito junto com minha prima Lurdinha um saco de rancho, no desembarque da bagagem, meu braço começou a doer e com o passar dos dias comecei a piorar, foi quando me disseram que a Elza pegava desmentidura, mas quando ela chegou a ver meu ombro, numa visita que lhe fizemos, ela disse que não era desmentidura, era carne rasgada. Foi aí que percebi que, para o trabalho de tradição oral, ela não poderia deixar de ser entrevistada, pois tão jovem era uma mulher guardiã de tradição. Aguardei o dia do almoço familiar que ia acontecer na casa da Lurdinha juntamente com o pai delas que mora próximo.

Nesse dia, fui visitar o Timaia, nosso primo, pela manhã e quando cheguei de volta na Lurdinha, a Elza e sua família já haviam chegado. Ela estava lá para casa do pai dela e o marido dela com os filhos estavam na casa da Lurdinha. A Antônia estava esperando terminar de assar a carne e o frango para levar uma parte para ela almoçar junto com o pai e a irmã, Elza, na casa dele. Depois do almoço fui tomar a benção do tio João Lobato e aproveitei e fiquei lá conversando com eles, foi quando perguntei da Elza se ela poderia me dar uma entrevista.

A convidei para irmos para a parte de trás da casa onde tem uma pequena área e expliquei a ela sobre a minha pesquisa e lá mesmo a entrevistei. Além do interesse em saber como ela desenvolveu o seu dom de cura, também me interessava saber sobre sua experiência de menina que fugiu de casa com o namorado. Havia ouvido uns casos acontecidos na comunidade, e fiquei sabendo que ela havia fugido de casa quando era nova. Este costume ainda hoje é praticado com mais frequência na época dos Festejos. E se tornou até comum.

Interessei-me pelo assunto por achar que é um jeito de as meninas decidirem sair de casa e começar a assumirem suas vidas ao lado de um homem. Pois elas, em sua maioria, tornam-se esposas de seus namorados com quem fugiram e depois se conciliam com a família. Também, não vou negar que estava curiosa por saber da emoção dessa ação que no primeiro ato é transgressora e posteriormente passa por uma transição até se tornar uma convenção social, pois a menina na maioria dos casos volta depois de um tempo para receber a benção dos pais.

No começo da entrevista, Elza estava nervosa e tímida, por um momento achei que ela não ia conseguir falar nada. Mas apostei tudo e deixei na mão dela para ela dar o passo inicial. Quando pensei que ela não ia conseguir iniciar sozinha uma narrativa, ela falou uma frase sintetizando sua vida que envolve seu marido e seus filhos. A partir dessa frase fui puxando os fios da história de sua vida. Eu também estava nervosa,

talvez, porque eu na condição de prima fiquei sem jeito de me colocar como pesquisadora diante dela. Mas aos poucos conseguimos estabelecer um diálogo.

O tempo todo eu queria saber sobre seu dom de cura e sobre suas experiências de fugir de casa, fui escolhendo o jeito de suscitar o assunto. Quando ela falou sobre seus amores e desamores é como se estivesse contando algo que estava guardado lá no fundo da maleta, já que nossos avós em vez de baú tinham maleta e nela que guardavam as roupas e objetos de recordação. Cada vez que falava de um assunto que para ela era íntimo, ou que não costuma falar, como no caso da origem indígena, deixava escapar um sorriso de timidez ou de certo interdito.

Do meio para o fim da entrevista, as crianças entraram na casa e ficaram correndo, falando alto, gritando e depois ficaram curiosas em saber o que eu e Elza estávamos fazendo, foram nos espiar e ficaram alvoroçadas. A parte final da entrevista foi bem conturbada pelo barulho das crianças, mas era dia de festa, de encontro familiar, não tinha como conter a algazarra das crianças, e como a Elza mora em outra comunidade iria ficar difícil ir até a sua casa para entrevistá-la, porque precisaria de uma rabeta ou vuadeira com um piloto para me levar até lá. E isso não seria possível, pois os conhecidos viviam ocupados e não ficaria bem pedir para um estranho. Sendo assim, fizemos a entrevista nesse ambiente.

A conferência da sua narrativa foi em sua casa em Boa Vitória onde vive meu tio Tarcilo, irmão paterno da minha mãe. Ele além de ser avô do seu marido também é considerado tio dela por afinidade, pois seu pai foi casado com a irmã da sua avó materna e com isso foi construída uma relação de parentesco por afinidade que não impede haver casamentos entre si.

As duas filhas da Elza, a mais velha e a caçula ficaram por perto durante a conferência da narrativa, fiquei com receio de ler a parte da narrativa que ela fala sobre seu amor ao primeiro homem com quem se envolveu, achei que ela iria pedir para suprimir essa lembrança, mas foi mantida. No momento que fiz a leitura do trecho que ela menciona o homem mais velho que foi seu primeiro amor, sua filha mais velha a olha com certa surpresa, mas sem reprovação. Foi um momento bonito a leitura de sua narrativa, ela ouviu em silêncio como se estivesse revivendo cada uma das lembranças, não conteve as lágrimas ao se emocionar com as lembranças da infância transcritas na narrativa.

2.4 ELZALINA

Elzalina Maciel dos Santos, filha de Maria Maciel e João Lobato, tem 35 anos de idade. Apesar da sua timidez o fio de histórias de sua vida foi tecendo a narrativa de como foi se descobrindo, menina-mulher, mãe e guardiã de tradição.

Eu tenho dificuldades de falar sobre minha experiência de vida. Ah! Meu Deus do céu! Não sei como falar... Não sei dizer... Tudo pra mim é bom... Junto com meus filhos com meu marido. E com o sofrimento que já sofri também. Tudo o que eu vivo é bom. Tudo! A vida que levamos, né!?... O dia adia. O nosso trabalho que levamos... Nosso dia a dia de trabalhar na roça né. Nós plantamos melancia lá no roçado que nós temos lá em cima, na Boa Vitória, onde moro. Depois vamos vender em Porto Velho. Disso, a gente se mantém.

Tenho quatro filhos, três meninas e um menino. Moro na Boa Vitória, uma localidade antes de Nazaré, aqui no rio madeira. Mas vim morar em Boa Vitória depois de me casar com esse meu marido que estou agora. Antes eu morava em Nazaré. Minha vida foi sempre trabalhar na roça, mas já vivi na cidade quando eu arranjei meu segundo marido eu morava no Candeias do Jamari, na BR 364, depois de Porto Velho. Passei dois anos e meio morando no Candeias daí eu me separei e vim morar aqui junto com meu pai de novo daí foi quando eu arrumei outro marido que morava lá em Boa Vitória.

Eu gosto do meu jeito de viver. Eu acho que minha origem é indígena. Minha vó, minha Bisavó, acho que com certeza elas são dessa origem. A minha mãe também e meu pai... Parece que tem essa origem também. Acho que eu sou enrolada assim com os índios. Eu acho que o que temos de indígena está no nosso modo de trabalho na roça... Tirando mandioca e fazendo farinha.

Eu tive uma infância maravilhosa! Sinto saudade dessa época. Quase não tem como falar de alguma coisa ruim. Por causa que meu pai fez de tudo por nós, criou nós levando a gente pra trabalhar na roça junto com ele. Tudo que ele fazia a gente que ajudava. O meu último irmãozinho, o Julião, que era pequeno nesse tempo não podia ajudar ele. Nós mulheres que ajudava. Trabalhando na roça, fazendo farinha, roçava junto com ele. É... Foi assim. Não tem como falar mal do meu pai, por que pra nós... Pra mim principalmente! Ele me criou do melhor jeito que podia... Trabalhando na roça... Foi assim... E não foi ruim.

Eu ajudava meu pai na roça, mas também estudava. Na escola era meu tio Manel, irmão da minha mãe, que era o professor. Ele inventava muita brincadeira. Era brincadeira de roda nesse tempo. Era de correr pulando com o saco... Num tem daqueles brincadeiras de correr pulando com o saco? Pois é, a gente fazia essa brincadeira ... Era muita brincadeira que meu tio inventava. Ele inventava brincadeira de pular corda, era um bucado de coisa, aquela brincadeira de bétis, essa brincadeira precisa de 4 jogadores, duas pessoas de cada lado, numa certa distância, uma na frente, com um taco feito de um pedaço de pau, a outra atrás para jogar a bola para o lado adversário. Quanto mais longe jogar a bola melhor. A bola tem que derrubar a lata ou garrafa. Por isso, que quando a bola vem do lado adversário tem que ser jogada longe. As duas pessoas de cada lado são trocadas, o que joga a bola vai pra frente com o taco para rebater e do frente vai pra trás. Quando a bola é rebatida, o que rebate a bola sai correndo de um lado ao outro do campo para cruzar os tacos com o outro que é seu parceiro, aí assim é feito um ponto. Quem joga a bola tem que correr atrás da bola e pegar bem rápido para tentar derrubar a lata ou garrafa ou acertar quem rebate a bola que estão com os tacos fora da área. Quem consegue marcar 25 pontos ganha. Todo dia quase ele inventava uma brincadeira diferente pra nós. Era assim... Mas além das brincadeiras que ele fazia na escola tinha as nossas brincadeiras mesmo que era a ciranda, daquelas cirandinhas de roda que agente cantava assim: Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, meia volta vamos dar. E aí continuava cantando o verso: O anel que tu me destes era vidro e se quebrou; o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou. E na parte final a gente falava o nome de uma pessoa para entrar na roda: Senhora dona Elza faz favor de entrar na roda, diga um verso bem bonito e dê adeus e vá embora. E, nisso, começava de novo a cantiga e ia chamando as pessoas pra entrar dentro da roda. A gente ficava só esperando chamar o nosso nome. Era divertido.

Na minha época tinha bastante criança em Nazaré. Desse pessoal muitos depois de casados foram para Porto Velho... Já desbandaram tudo. Uma que eu sei que ficou aqui depois de casada é só a filha da dona Irene que mora ali na vila... Só ela que mora aí da minha época. O resto foi tudo pra Porto Velho morar em outros lugares por aí que eu não conheço.

Eu saí de casa tinha 14 anos, já saí pra viver com um homem mais velho que eu. Mas isso aí é muita história pra contar. Foi assim, logo no começo minha mãe descobriu o que estava acontecendo... Ela não queria que eu me casasse porque eu

era muito nova pra ter filho né?!... Sei que ela não queria que eu ficasse com esse homem... Foi o tempo que eu fui pra casa da tia Nilce, prima da minha mãe, que mora lá no município de Candeias do Jamari. Passei uns tempos pra lá... Aí tornei voltar pra casa do meu pai e foi nesse tempo que eu casei com um homem mais velho do que eu, Manoel Gomes, que chamavam de Picica, aqui as pessoas sempre tem um apelido, o dele era esse, não sei porque, pois geralmente quando alguém quer se intrometer na vida do outro, dar algum palpite sem ser pedido, a gente fala que a pessoa quer meter picica. Bom, sei que minha mãe não queria e me tomou dele. Aí eu fui me embora de novo pra lá pra cidade, para Porto Velho, passei um tempo morando com a Rosa, minha irmã. Aí de lá eu tornei voltar de novo. Foi quando conheci o pai das minhas filhas, sem ser esse que eu to agora. Aí minha mãe também não queria que eu ficasse com ele. Aí ele me pediu pra ficar comigo e minha mãe não queria, mas eu assim mesmo fui morar com ele no Candeias, passei uns dois anos... Dois anos e meio morando pra lá. Foi o tempo que a minha menina nasceu, a Erica, aí não deu certo também voltei pra casa do meu pai. Ele veio atrás de mim de lá pra cá. Ainda passamos acho que uns três meses morando junto aí eu engravidei dessa outra minha menina, a Eliene, e daí não deu certo mesmo. Dessa vez quando eu vi que as coisas estavam ficando difícil mandei ele embora e fiquei um tempão morando com meu pai aqui em Nazaré de novo... Ajudava ele no trabalho aqui e fiquei com as minhas filhas. Foi o tempo que eu conheci esse outro meu marido que até hoje eu estou com ele já fazem 12 anos. Tive um casal de filhos com ele... Um menino e uma menina, e até hoje eu estou com ele, graças a Deus.

Essa é a história com os maridos que começou com esse homem mais velho de uns 70 anos e eu com 14 anos, mas eu me relacionei com ele porque eu gostava dele mesmo. A gente se conheceu aqui. Ele morava aqui na vila de Nazaré. Eu me encantei por ele. Coisa de menina mesmo. Eu acho que ainda passei um ano, mais ou menos, com ele. Aí foi o tempo que a mãe foi me dar conselho pra mim não ficar mais com ele. Aí eu fui e deixei dele. Mas só que ele era pra mim um grande amigo! Nunca tive raiva dele. Nós conversávamos como dois amigos. Ter raiva dele eu nunca tive. Ele morreu e eu não tive nenhum motivo para ter raiva dele... E nós se falava... A gente tirava brincadeira um com o outro. Ele me chamava de Euzinha. Só de Euzinha que ele me chamava. E até hoje, às vezes, quando eu estou sozinha eu fico me lembrando... Ele foi meu grande amor! O amor que eu tive na vida. Ele era carinhoso comigo. Só que ele era assim... Ele tinha bastante ciúmes, porque naquele

tempo eu era nova tinha de 14 pra 15 anos, aí foi mais o ciúme dele que me deixou assim... Desgostosa dele. Mas fora isso, eu não tive raiva dele não... Até hoje eu não tenho. Deus tenha a alma dele em um bom lugar. Ele já tinha uns 70 anos era pai do Anoá, que até falam dele no Cd minhas raízes: “Quem gosta de ouvir histórias em Nazaré é com o Anoá”. Pois é, o Anoá era filho dele. Eu não me importava com a idade dele. Tu é doido eu amava demais aquele homem! Até hoje quando, às vezes, eu me lembro dele assim... Eu digo: - Meu Deus como é que pode?... Eu tive esses meus maridos... Assim... Mas nunca eu gostei como eu gostava dele.

Eu me aproximei do Manoel Gomes, por meio da Antônia, minha irmã. Era ela que me dava os recados dele, mas foi eu que me iludi! Por que ele ficava me falando que queria que eu cassasse com ele. Aí uma vez ele veio aqui na casa do papai me pediu pra namorar... Aí a mamãe não queria. Ficou brigando comigo. Ela fazia tanto escândalo. Uma vez ela ia morrendo por causa de mim. Aí eu falei assim: - Não. Pra ela ficar continuando assim, desmaiando toda hora. Eu vou deixar ele de mão. Eu fui e deixei... Ainda passei uns dois anos, mais ou menos, com ele. Aí ela foi e me tomou dele. Não quis mais que eu ficasse com ele e para me afastar dele me mandou pra Porto Velho, passar uns tempos lá morando com a Rosa. Foi o tempo que eu voltei pra casa e conheci o pai das meninas... Mas não deu certo ficar com ele também, mas dessa vez foi por causa dele. Ele é que não tinha responsabilidade comigo. Aí foi assim... Até que encontrei esse marido que estou com ele agora.

Depois do Manoel Gomes eu tentei viver com o pai das minhas filhas. Quando conheci ele eu gostava dele e mesmo não sendo pedida dos meus pais por ele, eu fui com ele mesmo assim. Ele me roubou. Sai fugida lá da casa da tia Nilce. Minha mãe não sabia que eu tinha esse caso com ele. Aí a tia Nilce foi e mandou uma carta pra mamãe avisando que eu tinha fugido... Ainda apanhei da mamãe. Ela me deu uns tapas na cara ainda. Aí eu falei pra ela que eu não ia deixar ele não, porque eu gostava dele... Foi isso que aconteceu... Tu é doido eu sofri demais com essa mamãe. Meu pai nem tanto. Que meu pai ele todo tempo foi desse jeito carinhoso com a gente. Agora a mamãe não. A mamãe é daquelas antigas mesmo... Daquelas carrasca mesmo... Até hoje! As meninas falam pra mim... – “Elza tu ainda tem medo da mamãe?” Eu respondo pra elas – Não. Eu não tenho medo dela não. Respeito ela. Mas medo dela não tenho não. Só respeito né!

Apesar da dureza da minha mãe eu aprendi muito com ela. Aprendi a cozinhar... Aprendi essas coisas que ela ensinava pra gente... Fazer as coisas dentro

de casa, mas também outras coisas como pescar... Às vezes, caçar! Dentro do mato. Só que desde quando eu fui morar com esse rapaz que estou agora... Eu não ando pescando! Caçando! É até difícil eu ir. Mas, tudo o que a minha mãe me ensinou, graças a Deus eu sei fazer. Até caçar eu aprendi com a minha mãe. Quando ela ia caçar levava a gente. Ah! Era divertido! Fico até sorrindo quando me lembro disso, às vezes, quando ela não ia, ela mandava o Julião ir comigo. O William. Esse William aí que veio passar o natal aqui com meu pai esse ano, meu sobrinho. A gente andava... Andava no meio desse mato aí caçando... Só nós dois, às vezes... Ah, mas a mamãe é tudo que eu tenho na minha vida! O que eu sei hoje foi minha mãe que me ensinou.

Quando eu ia caçar ia só com os cachorros mesmo. Não atirava não. Pra matar os bichos metia o machado no buraco do pau... Chegava lá metia o machado pra cima! E tirava o bicho de dentro do pau. Quando o buraco era na terra a gente cavava. Agora atirar eu não aprendi não. Só quem aprendeu a flechar e a atirar foi a Cristina. A Cristina, minha irmã, sabe. Agora eu assim... Eu nunca aprendi não. Nunca... Porque eu, às vezes, saía com o papai assim pra roça... Eu tinha medo do tiro... Quando ele via uma caça ele atirava e eu tampava meus ouvidos pra não escutar. Até hoje eu tenho medo. Eu não tenho coisa de tá atirando assim não. Não tenho coragem não de tá matando os bichos assim.

Eu cresci assim e tenho orgulho, na hora que falei das minhas lembranças sobre o jeito que eu caçava sorri não por achar engraçado, mas porque é uma lembrança gostosa. Eu sou tímida e não costumo falar das minhas intimidades, nem sobre as minhas origens indígenas... Por que tem gente que fica mangando. Mas eu gosto de ter essa origem indígena. Às vezes eu fico assistindo a televisão e vejo aqueles rapazes assim todo maqueado, todo pintado. Aí eu acho aquilo tão lindo! Aqueles brincos que eles usam aquele cocar que eles põem na cabeça. Eu acho tão bonito aquilo. Às vezes, eu fico falando pra Erica, minha filha mais velha, que eu bem que queria ser assim como eles, mas ela fica brigando comigo quando falo isso... É eu sou toda besta pra essas coisas assim. Fico admirada com a cultura indígena.

Tenho admiração pela cultura indígena e vejo que muitas coisas que sabemos dos conhecimentos tradicionais vêm dela. Algumas coisas eu aprendi outras não, mas não sei porque herdei um dom de cura, pegando as pessoas desmentidas que me procuram. Só não conheço muito é sobre remédio feito de plantas. Eu não sei não...

Minha mãe me ensinava bastante, mas eu nunca aprendi essas coisas assim de remédio caseiro. Às vezes que me ensinam um remédio... Como o chá do crajirú, o sumo dele é bom, o do algodão roxo também é bom pra inflamação no útero. Só essas coisas assim que eu sei... Agora remédio assim do mato eu não aprendi fazer. Pra mim todo remédio é de farmácia. Se não for da farmácia meus filhos não ficam bom, mas tem algumas doenças como o quebranto que a criança pega por causa de um mal olhado, ou porque alguém ficou agradando ela cansado, que só rezadeira sabe curar. Quando meus filhos eram pequenos eu ia atrás de rezadeira. E depois eu comecei a pegar desmentidura. E puxar barriga de mulher quando está grávida, eu também sei...

Eu comecei a pegar desmentidura e a pegar barriga de mulher grávida quando eu fui uma vez numa curandeira lá pra boca do Culhelheiro, um lugar que tem aqui em Nazaré. Aí ela falou pra mim que eu tinha chance de pegar desmentidura e rezar em criança. Só que eu ainda num experimentei foi rezar em criança... Mas se eu for querer fazer eu sei. Até pegar em menino que vem nascendo eu acho que se eu for pegar eu acerto. Mas não sei da onde veio essa origem que foi passada pra mim, assim de quem da família. Eu tinha essa menina pequena a, Auxiladora, quando eu comecei pegar desmentidura, eu mesma pegava a desmentidura dela. Dos meus filhos tudinho, eu passei a pegar desmentidora. Depois que comecei a pegar desmentidura era até difícil eu andar atrás de rezadeira, mas ainda ia.

O nome da mulher que falou que eu podia pegar desmentidura, rezar em criança, e pegar barriga de mulher grávida é Maria, ela também é rezadeira. Ela falou pra mim que a minha guia que andava comigo é a índia guerreia... Só que eu não quis não. Eu não quis começar pegar caboco, essas coisas assim, eu não quis não. Mandeí afastar de mim. Aí foi quando ela falou que eu tinha dom de pegar desmentidura e rezar em criança... Só que eu ainda num experimentei rezar em criança assim, mas eu acerto. Eu confirmei que dá certo quando eu pego desmentidora pegando a minha própria meninazinha, a Auxiliadora. Eu rezo nela, às vezes, quando ela tá doente assim. Eu rezo e pego desmentidora nela. Todos os meus meninos. O Angelo, meu filho, eu também pego. Quase todos aqueles meninos dos meus cunhados quando são pequenos eu pego desmentidora deles.

A minha mãe disse que eu tenho esse dom por causa dos meus antigos, avós, bisa avó, que às vezes sabiam fazer esse tipo de coisa. Com certeza eu peguei o dom

deles. De fazer essas coisas assim, mas ela não falou quem era da família que tinha esse dom, só falou que era uma tia minha, mas eu não perguntei que tia era, se era por parte de pai ou de mãe. Ela só falou que tinha uma tia minha que era parteira, rezava em criança, fazia de tudo. Eu só sei que herdei esse dom da cura.

Foi assim...

Afirmação na negação

João Lobato me conhece desde criança. Na época que minha mãe se separou de meu pai, quando eu ainda tinha nove meses de nascida, segundo conta minha mãe, o tio Manel, irmão da tia Maria, foi nos buscar na cidade para morarmos na comunidade. Minha avó me contava que o tio João Lobato sempre quando caçava uma paca mandava um quarto pra mim, isso me fez construir uma imagem afetuosa sobre ele. Lembro dele quando fui a Nazaré com minha avó aos dez anos de idade, mas sem retomar uma proximidade. Depois que retornei adulta não havia ainda restabelecido as relações parentais com ele. Somente em 2012 quando fui com a Lurdinha, sua filha e fiquei um tempo maior na comunidade e ficando no espaço ocupado por ele e seu núcleo familiar que restabeleci o parentesco e a afetividade com ele.

No segundo dia da minha estada na casa da Lurdinha fui visitar João Lobato, que na época morava próximo a sua casa. Ele perguntou para Lurdinha quem eu era. Na vez anterior que eu fui na comunidade eu lhe fiz uma visita rápida, mas ele não estava lembrando meu nome e de quem eu era filha. Após a atualização da sua memória sobre mim ele pegou seu cavaquinho tocou e cantou uma modinha e em seguida me ofereceu um café.

Lurdinha voltou para sua casa e eu fiquei conversando com ele sobre o Uruapeara, pois falei que tinha ido lá e ele quis saber quem ainda vivia lá e como estavam as coisas por lá. Tocou e cantou mais uma moda com seu cavaquinho e falou que quase havia casado com a senhora que eu falei pra ele que tinha ficado na casa dela quando estive no Uruapeara, não casou porque era prima dele e porque havia deixado em Nazaré a mãe de seu filhos todos pequenos, então, resolveu voltar para casa e criar seus filhos. O dia estava avançando, não quis empatar seu dia, despedi-me e voltei para casa da Lurdinha.

Todos dias ia visitá-lo e tomar sua benção, pela manhã ou no final do dia após sua chegada do roçado. Num dos dias que o visitei estava com emplasto de súcuba no

ombro que ele havia dito para a Lurdinha fazer para mim, por causa da dor que eu estava sentindo. Ele disse que eu podia tomar banho, pois o emplasto só ia sair quando tivesse tudo sarado. Gravei a entrevista com ele no dia 22 de dezembro de 2012.

A entrevista se deu sem pressa para terminar. O centro de suas preocupações é a situação de suas terras ocupadas por ele e o seu núcleo familiar de forma tradicional e que vêm sendo requisitadas pelo ESTADO. Na época da entrevista estava descontente com a construção da quadra de esportes da escola, pois em sua concepção ele havia doado uma parte de suas terras para construir a escola, e a quadra adentrou numa área que não correspondia à parte doada. Sua narrativa teve essa questão da terra e a necessidade de ter uma companheira como eixos.

Perguntei a ele sobre sua origem indígena, ele apontou a família da sua ex-mulher Maria de Nazaré como indígena, mas se distingue dizendo que a sua não é. Na sua negação está sua afirmação no gosto pelo trabalho na roça e por toda a sabedoria que carrega em si. Sua narrativa mostra o contrário da sua negação.

Na conferência de sua narrativa, em 2015, as preocupações referentes a sua terra aumentaram, havia acontecido a inundação e o Estado havia requerido outra parte de sua terra para construir a vila, propôs uma indenização irrisória, de longe acompanhei a articulação com as lideranças da comunidade para propor um novo valor de indenização, a proposta melhorou, mas ficaram pendentes alguns acordos que haviam sido feitos.

Segundo as informações que consegui quando voltei à comunidade em 2015, a vila ainda não foi construída porque há uma reserva ambiental nas proximidades. Essa reserva é uma estação ecológica, no entanto, é possível perceber conforme sua narrativa e as de Maria de Nazaré, Valderlurdes, Antônia e Elzalina que antes da criação da referida estação ecológica havia ocupação tradicional na área que se sobrepõe à reserva ambiental.

A Estação Ecológica Cuniã fica no lado leste, cujo acesso é o rio Madeira indo pelos igarapés Aponiã e Capitari e os lagos: Peixe Boi, Barrinha e Pau do Arco. Essa unidade é de proteção integral com permissão para o uso indireto de seus recursos naturais para pesquisa científica, visitação para fins educativos. Criada em 27 de setembro de 2001 pelo Decreto Federal n.º 27 ESEC CUNIÃ¹³.

¹³ Fonte: <http://ppbio.inpa.gov.br/stios/cunia> (acesso em: 30 de janeiro de 2016).

Essa Estação fica entre a terra de João Lobato e a reserva extrativista Cuniã habitada por populações tradicionais. Em Nazaré, também há famílias que ocupam o espaço onde vivem de forma tradicional, mas a categorização oficial do lugar que está fora da atual Estação Ecológica é a de PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável. O problema é que sem toda essa institucionalização a comunidade tinha sua maneira tradicional de ser sustentável que vem sendo destruída por projetos como os da construção das Hidrelétricas, que também é categorizada pelas políticas governamentais como projeto de desenvolvimento sustentável, e ao adentrar para as áreas de uso tradicional se deparam com as proibições de ocupar seus lugares.

João Lobato mora mais afastado da casa de sua filha, saiu da casa que morava, vendeu alguns gados que criava, mas ainda numa forma não predatória e embora os criasse para venda, quando mandava matar algum, fazia sua divisão entre o seu núcleo familiar como se tivesse dividindo uma caça. Vi isso quando estive lá em 2014, após a descida das águas da inundação num período de escassez.

A casa onde morava e a área de pasto, de pouca extensão faz parte da área que foi repassada ao Estado, agora ele está mais perto de seus atuais roçados e se dedica a produzir farinha para seu consumo. Suas filhas também quando querem tiram mandioca do roçado e produzem suas farinhas e gomas para fazer tapioca. Quem mais o ajuda no roçado é a Lurdinha e seus filhos.

Depois da inundação em 2014, ele ficou sensibilizado com as condições em que seus conhecidos ficaram, sendo alojados na escola. Os conhecidos mais antigos iam passar o dia no seu quintal, segundo ele, passavam o dia sentados debaixo das sombras das árvores. Ele comentou que não queria mais ver aquele pessoal novamente nas condições em que ficaram e que não se importava de fazerem suas casas na área que ele repassou para o Estado, só estava descontente com a falta de valorização que o governo deu ao seu esforço e trabalho.

Após o pagamento da indenização, segundo ele, de forma incompleta ou insuficiente, suas preocupações aumentaram, ele sente-se enganado pelo governo e isso o deixa cada vez mais descontente. Adoeceu, ficou um tempo na cidade e agora está de volta à sua casa e ao trabalho no seu roçado. Sempre sonha com um homem todo de branco e acha que ele é o seu anjo da guarda, antes de tomar alguma decisão espera algum aviso passado em seus sonhos. Continua morando sozinho e quando recebe uma visita de seu agrado toca suas modinhas no cavaquinho.

No dia da conferência de sua narrativa em junho de 2015, antes de poder ter um tempo dele, participei da plantação de umas manivas junto com ele, Lurdinha e seus dois filhos. Quando cheguei, já havia cortado as manivas e enquanto ele e o Marlon cavavam as covas, a Lurdinha e o Pedro jogavam as manivas e as enterravam. Deixei meu material na sombra e fui participar da plantação. Após o término do trabalho que não demorou muito tempo, pois era um pedaço pequeno de roça, ele me chamou para entrar e tomar um café. Perguntei dele se eu podia ler a sua narrativa para ele ouvir, ele disse que sim. Escutou em silêncio como se tivesse se transportando para as suas lembranças presentes em sua narrativa, nas partes engraçadas ele dava risada. Ficou muito satisfeito com o resultado da transcrição.

A placa na entrada de seu sítio indicando sua propriedade é a representação da demarcação do seu espaço territorial. João Lobato tem enfrentado problemas com o Estado, por causa de novas organizações espaciais na comunidade de Nazaré. Primeiro ele cedeu uma parte para a construção da escola e ficou contrariado porque achou que a quadra da escola passou da área que ele tinha cedido. Depois em 2014 com a inundação da comunidade teve que passar mais outra parte da sua área para o Estado para a construção da nova vila. Houve o repasse de uma indenização que para ele não foi satisfatória. A vila não havia sido construída até o final de 2015, agora no início de 2015, alguns moradores começaram a construir casas na área que corresponde à vila, mas de forma desordenada, segundo ele fora da área que foi delimitada e isso está gerando conflitos entre ele e as pessoas que estão entrando fora do limite da área.

A área correspondente à construção da nova vila fica no lugar onde está a casa em que João Lobato morava, da qual ele havia se mudado e dado para o irmão do marido da filha dele, Cristina, que ficou lá morando por uns tempos e fazendo roçado e depois o Romário, neto de João Lobato, passou a morar lá com sua esposa e filho que nasceu em 2015.

Durante a escrita da tese, João Lobato construiu uma casa com arquitetura tradicional, fez roçados próximo ao lago do Peixe Boi na área em que antes haviam morado as duas mulheres mais velhas da família de sua ex-esposa Maria de Nazaré, depois ele mesmo com sua ex-esposa quando ainda eram casados, onde viveram por um tempo com seus filhos, nessa área também morou por um tempo o Manel Maciel cunhado de João Lobato, todas essas informações podem ser vistas com detalhes na narrativa de Antônia e Maria de Nazaré.

2.5JOÃO LOBATO

João Lobato, filho de Romualdo Ribeiro dos Santos e Joana Lobato dos Santos, nasceu dia três de junho de 1933 no Uruapeara, antigo seringal, Humaitá-AM. Vive desde a década de 60 na comunidade de Nazaré, às Margens do rio Madeira, RO. Ocupa de forma tradicional com seu núcleo familiar um espaço territorial afastado da vila. A Vila foi destruída por uma inundação que foi para além de todas as outras experiências de enchentes vivenciadas pela comunidade, as destruições das casas e das plantações e todo ambiente foi causado pelas hidrelétricas no rio Madeira. Um pedaço do seu lote foi requerido pelo ESTADO para fazer a nova vila. Depois de muita resistência foi indenizado, mas não recebeu todo o valor acertado.

Então, eu estou bem, agora o que eu estranho é que eu não tenho uma pessoa, pra viver do meu lado, pra nós conversar quando eu chegar a noite...

Então, pois é... É assim oh! Meu nome é João Lobato dos Santos, eu cheguei aqui em Rondônia em 1960, eu e minha família. Dai eu fiquei rolando pra cá, rola pra co lá, comprei umas terras lá pra dentro no lago do peixe boi. Mas, daí nós não se demos lá, nós voltamos pra cá pra onde nós estava em Nazaré. Um dia eu falando com o finado Nanan, que era o dono, o Eduardo Costa. Aí eu perguntei, pra ele: “Seu Eduardo esse lugar pra cá tem dono?” Ele disse: “Não. O meu é dai do igarapé correnteza pra cá. Pra lá do correnteza pra lá, não tem não dono. Dono é aquele que tiver coragem de fazer.” Aí eu digo: “Ah! Então é comigo mesmo, vamos fazer!” Aí seu Nanan me falou: “Então faça... Faça lá!”. E aí que eu vim... Daí, eu comecei a trabalhar nesse sítio em 1970... Nesse terreno aqui... Oh! Lá do correnteza pra cá onde está aquela casinha lá embaixo é tudo eu que comecei a abrir... De lá, passando por onde foi feita a escola até aqui onde eu moro foi tudo meu trabalho.

Depois que derrubei e construí minha casa foi o tempo que eu comprei umas cabecinhas de gado, botei por aqui... Carneiro, bode... Esses trens aí... Ficamos pra cá trabalhando. Foi o tempo que a Maria foi embora, e fiquei sozinho... Aí fiquei meio desgostoso. Eu digo: - Eu vou é sair fora... Eu vou é mimbora! Eu fui é pra Humaitá e fiquei lá um bocado de dias. Depois eu estive pensando lá no Humaitá. Eu digo: - Quer saber eu vou voltar pra minha casa estou sendo é besta. Aí vim... Comecei a trabalhar de novo nas coisas aqui. E até agora eu estou trabalhando aqui

fazendo roçado, fazendo farinha, essas coisas. Eu trabalhei pra criar esses meninos todinhos! Até quebrei minha perna, trabalhando aqui nesse terreno velho, mas até hoje eu estou aqui. Fazem 54 anos que eu estou morando aqui...

Quando foi um tempo eu ia passando ali num escorrego d'água ali adonde o INCRA estava marcando a terra do finado Nanã. Aí eles perguntaram, assim, pra mim: “Seu João o que o senhor ta fazendo aí, todo o dia o senhor passa aqui?”... Aí eu digo - Rapaz eu roçando um terreno pra fazer uma roça.” Aí esse homem me disse: “Seu João eu vou falar uma coisa... Quando o senhor achar uma semente em cima da terra, meta no chão... Meta no chão que daqui um tempo pode até que o governo precise dessa terra aqui aí ele vai indenizar e é muito dinheiro. Porque o senhor tem muita plantação!!!” E aí passou aqui o INCRA e perguntou pra mim assim: “Seu João tem a plantação aqui?” Eu digo - Eu tenho... Só de açaí eu tenho cinco mil pés, plantado. Seringa eu tenho 500 pés. Pupunha, eu tenho mil e 200 pés de pupunha, cupuaçu, eu tenho 1500 pés... Os pés de cupuaçu estavam tudo aí dentro da mata, mas agora está tudo no limpo agora. Ele ficou admirado quando falei das plantações e disse: “Ah, é muita coisa, e olha isso aí dá um dinheiro grande, né?” Eu digo: - É... Tá certo... E aí ele continuou falando: “O senhor sabe que homem que trabalha é desse jeito. O senhor tem 42 anos que ta aqui, né?” Naquela época era 42 dois anos e aí confirmei que sim, foi quando ele me disse assim: “Então o senhor é o dono mesmo, não tem quem se meta aqui com o senhor... O senhor que é o dono... É o chefe daqui... Porque por aqui nesse trecho de Nazaré, não tem uma pessoa dessa que tem o tanto que o senhor tem de plantação. Aqui não tem nenhum... Nenhum. Gado o senhor tem?” Eu digo - Rapaz, agora eu tenho 16 bois já no pasto. Aí ele disse: “16?” Eu respondi sim e aí ele me disse: “Olha, tudo isso aí vai lhe ajudando um pouco.” Eu fiquei muito confiante no que esse homem me falou.

Eu trabalhei muito e estou aqui vivendo no meu lugar, mas depois de tanto trabalho o governo vem atrás das minhas terras, primeiro para a construção da escola e agora para fazer a nova vila depois que o pessoal teve que sair de suas casas no tempo que subiu demais as águas e elas tiveram que ficar tudo aí na escola. O governo precisou pra fazer esse colégio aí do ESTADO, mas não me pagaram nada... Com tudo isso, eu dei pra eles fazer esse colégio. Agora essa parte onde fizeram a quadra pra cá... Eles não falaram comigo. O administrador entrou aí como dono. E fizeram isso aí e até hoje tá aí... Oh! Como todos estão vendo eu não ganho

nada com isso aí! Fiquei trabalhando 42 anos de graça pra eles lá... E não ganhei nada, até hoje não estou ganhando nenhum centavo daquele terreno. E agora com o pedaço de terra que o governo precisou para construir a nova vila também não recebi todo o valor completo. O que foi acertado é que iam me pagar era 80.000,00 mil reais e só me deram 30.000,00 mil reais, 54 anos de trabalho pra ser enganado pelo governo. E das plantações que eu fiz também não tive como levar pra vender em Porto Velho, porque a gente sai no prejuízo. Se você vai vender uma frutazinha é por nada que o cara compra. Uma vez eu meti cinco sacos de cupuaçu para vender lá em Porto Velho e quando chegou lá o cara queria me pagar cinco contos num saco... Cinco reais e eu não quis não... Aí eu juntei e mandei o dono do barco jogar ná'gua... Porque o valor que o cara queria me dar não dá nem pra pagar o frete. E nisso vai todo o trabalho sem ter retorno.

Ano passado eu chamei uma pessoa pra tirar um açaí aqui pra mim... A pessoa veio, num dia tirou 30 latas e essas 30 latas ela levou e não falou comigo, vendeu e deu 330 contos tudo, mas não me deu nada, ficou me devendo esse dinheiro, mas nem veio aqui para me falar alguma coisa. O prejuízo é esse que eu tenho... Oh! Eu tenho mais de 500 reais jogados fora aí, desse pessoal que me empresta dinheiro, ou empresta uma coisa, e aí desse jeito vai. O que é que eu posso fazer? Não posso fazer nada. Então, é desse jeito... Mas eu vivo tranquilo aqui Graças a Deus! Porque tudo eu tenho na minha casinha. Minha casa velha... Mas é minha! Não devo um centavo pra ninguém. Eu digo que é velha, mas é só o jeito de dizer, porque ela não é velha não. Então, eu estou bem, agora o que eu estranho é que eu não tenho uma pessoa, pra viver do meu lado, pra nós conversar quando eu chegar a noite... Essas horas no final da tarde não tem com quem eu conversar... Quando eu tinha os bois ainda conversava com eles que ficavam tudo deitado lá na porta da minha outra casa onde eu morava... Agora eu estou morando aqui mais pra dentro perto das minhas roças, mais afastado do pessoal, porque eu gosto de viver assim. Eu só estranho de não ter uma mulher para viver comigo...

Não tenho uma pessoa pra fazer uma comida, um café, um negócio pra mim quando eu chego do trabalho. Então eu estranho por isso... Mas outras coisas não. Graças a Deus! Eu tenho saúde... Trabalho bem... E estou vivendo aqui mesmo, até que um dia em que eu ache uma pessoa pra comprar isso aqui... Aí eu vendo, né? E procuro outro rumo. Porque, eu sou sozinho, não tenho ninguém mais pra atrapalhar, os meninos estão tudo criado. Tão tudo dono de si. Pronto, e assim, estou vivendo.

Só me atrapalha é isso de não ter uma mulher, se tivesse uma pessoa pra viver do meu lado... Pra quando eu chegasse do trabalho tivesse um café pronto, um almoço, a janta, a roupa muito bem lavada, ajeitada isso aí... Ah! Pra mim era uma alegria... Mas, eu não tenho, então... Eu fico triste! Quando chega seis horas e olhar e não ter com quem conversar é de dar tristeza na gente. É coisa triste morar só... Mas, quando a sorte da gente é essa a gente vai levando... Então está bom. Pra mim está tudo bem... Não falta nada pra mim comer, tudo eu tenho aí...

De onde eu vim... Rapaz meu pai mesmo ele era do Pará... Meu pai, minha avó, minha mãe... Tudo é do Pará. Do Pará papai veio pra cá, pro Amazonas, pro Uruapeara... Aí chegando aqui fez aquele terreno grande lá... Nós se criamos lá. Depois... Fiquei trabalhando pro meu tio Tanagildo Lobato, que é meu parente, meu tio legítimo. Aí fui cortar seringa com ele. Comecei cortar seringa com ele com 12 ou 13 anos e eu só saí dele porque ele morreu... Se ele não morresse eu ainda estava lá no centro comercial trabalhando com ele... Mas ele morreu, né? Foi o tempo quando que eu saí com os trambulhão e andando por aqui... Mas se não fosse isso eu não estava aqui não em Rondônia... Eu estava era lá. Lá eu nasci... Me criei... Mas nós somos do Pará, não somos daqui não... Eu nasci no Uruapeara que fica no Amazonas, mas eu me considero paraense. O Paraense sabe como é! Ele trabalha, o paraense é nojento, ele gosta de trabalhar na roça... É que nem eu. Eu gosto de trabalhar assim na roça... Estando lá dentro da roça trabalhando... É que eu fico alegre e satisfeito. E é assim.

Papai fez o lugar lá no Uruapeara e hoje está por lá jogado... Morrero tudo, né? Inda Graças a Deus! Que eu estou vivo, com saúde... Aqui acolá aparece um parente, aparece outro, e assim, conversando, a gente vai. E é, assim, como estou falando... Se tivesse uma pessoa do meu lado... Ainda melhor era pra mim, ficava mais satisfeito, eu tinha com quem conversar... Eu tinha quem fizesse uma comida pra mim... Eu tinha quem fizesse uma coisa e outra. Eu não tenho nada não... Mas, porque eu não tenho uma pessoa pra zelar. Mas, se eu tivesse uma pessoa pra zelar eu comprava... Até eu tinha uma porção de coisa... Poder comprar eu posso. Eu tenho com que comprar... Agora comprar pra que? Jogar fora? Não. E é assim. O que eu tinha comprado foi boi, o dinheirinho que eu tinha eu comprava boi, mas tive que vender tudo, porque tive que passar a terra para o governo fazer a vila, aí fiquei sem nenhum boi, agora eu comprei uma televisão pra eu assistir um jornal, olhar

alguma coisa quando eu chego do roçado e só, eu não quero uma televisão pra mim ta de cara pra cima o dia todinho espiando! Não.

Antes eu comprava boi porque se eu vendesse um boi por dois mil contos pra mim já é uma grande coisa. Se eu vendesse dois era quatro mil... Mas agora eu vendi o pedaço de terra lá onde o governo disse que vai fazer a nova vila, mas não recebi todo o dinheiro, comprei uma vuadeira e já foi quase todo o dinheiro, não tenho mais gado e só estou trabalhando em roça pra fazer farinha, porque uma lata de farinha ta muito cara pra gente ta comprando. E, assim vai... O pouquinho que Deus dá é bom. Tudo o que Deus dá pra gente... É bom a gente agradecer a Deus o dia que a gente trabalha... Anoitece a gente já vai agradecer. Quando vai deitar a gente agradece pelo dia que Deus deu pra gente, pra trabalhar com saúde, não faltar nada, não passar fome. Tudo isso é coisa bonita que a gente pode louvar a Deus.

Olha! Jesus é que nem o criador do mundo, ele é que é o dono... A gente quando vê uma pessoa com o um sapato no pé bem bonito e os outros com a sandália... Diz que aquele cara ta de sandália ali... Olha... Ainda faz galhofa: “Rapaz aquele cara com a sandália no pé”... Mas ele pode bem ver que nós nunca nascemos com o pé no sapato. Jesus nasceu nu, pobreziinho... No meio do pasto... Lá no meio da estribaria. Que quando ele foi nascer... Que Maria teve o menino Jesus... O anjo desceu e falou que Maria ia ganhar um menino... Ninguém acreditava. Aí quando chega no dia ela falou pra José: “José arruma um canto pra mim que eu vou ganhar o menino” Aí José saiu pelas portas batendo... Tudo... Fecharam as portas... Não quiseram dá agasalho pra ele... Pra ela ganhar o menino... Aí ela foi na estrebaria no meio dos bichos... Aí ela ganhou lááá... No meio dos campos... No meio dos bichos... Ele colocou umas palhinhas... E ela ganhou o menino lá. Ele é que é o dono do mundo... Não é nós não... Então o pessoal... Se tem uma coisa melhor ele já fica com aquilo... Não é assim não... Eu ando em Porto Velho, eu vou pelo banco, eu vou por todo canto com essa sandália no pé... Não tem ninguém que diga: “Olha, o João chegou com uma sandália no pé.” Todos me agradam quando eu chego em Porto Velho... Dentro do banco ninguém fica reparando se estou só de sandália... Esse negócio de besteira... De querer andar todo nos pano, isso não vale nada não... O camarada diz: “A porque eu tenho um sapato novo... Tem uma roupa nova” Não... Eu não sou assim. Eu nasci nu... Eu não nasci com o pé no sapato e nem na sandália... Nasci foi nu... Tudo nós nascemos nu... Então isso aí é que nós devemos fazer e ver que Jesus nasceu nu. Ele não nasceu

vestido não... Nasceu tudo nu. E aí fecharam as portas e não deram agasalho pra mode agasalhar o menino...

Então nos tem o pecado, por isso... O pecado nós já tem... Quando nós nasce já nasce com o pecado... Por causa dessa usura que pessoal usa. E comigo não tem disso não... Pode chegar na minha casa eu tendo o que dar, eu dou de graça... Eu dou de coração... Eu faço tudo pela pessoa. Então se eu gosto da pessoa aí que eu faço mesmo... Aí vem o cara me empresta 100 conto, 200 reais... E não me paga ... Mas Deus dá mais pra mim aqui... Então eu sou desse jeito, eu não sou gente exibida. O meu pai me criou assim... Ele sempre me falava: “Meu filho quando você for dono da sua cara... Como o povo fala... Você saiba entrar e saiba sair.” É bonito quem respeita as pessoas mais velhas... E hoje eu fico olhando... É muito bonito ver... Mas tem gente que passa, assim, perto do outro parece um pedaço de pau, não fala com ninguém... Parece, assim, que todo dia tá se vendo... Às vezes, passa, assim, não fala com ninguém... Eu não!!! E qualquer pessoa que eu chego falo... Eu chego lá na boca do Jamari os guardas tão tudo lááá... Aquele monte de guarda... Eu chego lá entro e digo - Bom dia!!! Eles me respondem: “Bom dia. Tá bom?” Eu digo: - Graças a Deus. Tô bem... É isso mesmo, porque eles não são exibidos, são a polícia, mas eu falo com qualquer pessoa se me responder bem , se, não, eu já fiz a minha parte... É, assim, que eu faço...

Como eu tinha falado meu pai era do Santarém... Do Estado do Pará... Eu conheci a família do meu pai um tempo quando nós voltamos lá. Eu conheci eles lá... Tem um que agora eu acho que já até morreu... Tinha uma senhora lá por nome... Não sei nem como era o nome dela.... Eu já até esqueci... Ela era tia do meu pai... Eles estão por lá meus parentes... Os parentes dos Lobatos tão tudo por lá espalhado... Pro Pará, Santarém... Agora lá é cidade... Naquele tempo não... Naquele tempo era mato brabo era uma matona assim... Que nem aqui! Era sítio... E hoje o Pará é cidade grande. Lá onde nós morava. Eu acho que é, porque aquela mulher do INCRA que veio aqui é de lá e ela estava falando pra mim que lá não é mais como no tempo que nós morava lá... Diz ela, que tá ííí! Tudo diferente... Tudo é cidade.

Essa mulher que conversou comigo aqui na minha casa é uma mulher de lá do INCRA, ela sempre vem aqui comigo... Outro dia ela veio... O nome dela é Vânia... Ela é lá do Pará... Lá de Santarém... La no lugar onde vivia a família do meu pai de criação, o meu tio, tinha um igarapé que chama igarapé do Juriti... Era

que nem aqui, oh... Igarapé do Juriti... O Santarém... O Pará fica do outro lado assim, oh... Do lado de lá... De um lado é Santarém e do lado de lá é o Parázão... E ali é que nem aqui... O igarapé passava bem perto... O igarapé grande mesmo que nem assim... Lá os meninos entravam pra lá de noite iam matar paca de repente!... Matavam, duas, três, pacas e vinham embora... E a mulher do INCRA falou que agora ta tudo é fazenda por lá... Ela disse: “Eh, se tu for por lá você num conhece mais lá não, porque ali está tudo no meio da cidade agora.”

Na época queeu fui lá onde morava o pessoal do meu pai tinha os índios que eram os vizinhos lá... No tempo que eu fui lá ainda estavam lá... Nem sei qual era o nome daqueles homens lá que o papai gostava deles... Era um bucado de gente que tinha ali... Mas eu acho que a mulher lá do INCRA não sabe se os antigos não estão mais por lá... Se mudaram de lá ou se morreram... Ela não sabe... Só quem ainda dos antigos que tava por lá é o pai dela... Mas o pai dela não mora mais lá... Ele mora ali em Porto Velho já... Pai, mãe tudo moram aí já... Eles não moram mais lá no Pará... Eles tão tudo aí, ela me disse assim: “Eu fui levar papai lá... Mas ele não se deu mais não... Ele voltou porque está tudo diferente.” Agora só tinha uma casa lá deles lá em Manaus que ela falou que era uma casa grande mais o pessoal fizeram uma rua parece que pra fazer o estádio do jogo de agora de 2014 e aí pegou o terreno da mãe dela lá... E eles indenizaram a mãe dela... Diz ela que indenizaram com um bom dinheiro... Ela não disse a quantia, ela só fez dizer assim... Indenizaram lá o terreno com tudo... Deram um bom dinheiro pra ela... Aí tão tudo em Porto Velho já... Está fazendo nem um mês que ela veio aqui... Ela já veio duas vezes aqui comigo em casa... Ela conta tudinho como tá lá o negócio... Ela me disse: “Se tu for pra lá tu não conhece mais não. Ííí nem vai que tu não conhece”... Eu disse - Será? Ela: “Não, não vai que você vai ser bobo por lá que tu não conhece mais nada porque está tudo diferente...” Eu digo - Ah, sim... Lá eu tenho meus parentes pra procurar por lá, é fácil eu achar algum. Ela disse: “É... Mas está tudo difícil” Tá bom... Então é assim que eu falo é isso aí.

Eu não conheci meu pai, ele trabalhava pro meu tio Tanagildo Lobato... Meus tios me falaram que quando minha mãe me ganhou... Com três dias de nascido a minha mãe morreu de parto... E eles que me criaram... Eu conheci já meus tios como meus pais. Meus pais legítimos mesmo que eu conheci foram eles que me criaram. Meu tio Tanagildo Lobato é que era meu pai... Agora meu pai mesmo!Que me fez eu não conheci não... E nem minha mãe... Minha mãe morreu... Quando foi

com três dias de nascido eles me pegaram e me criaram... Aí trabalhei com eles na seringa.

O nome da minha mãe Legítima era Joana Lobato dos Santos. E o da minha mãe de criação era Giminiana dos Santos... Foi essa outra mãe que me criou... Foi ela que eu conheci como minha mãe. E aí como eu já disse com doze ou treze anos eu fui trabalhar na seringa... Cortar seringa no Centro Comercial. Eu trabalhei muitos anos lá com ele... Eu saí de lá porque ele morreu... Senão, eu não estava nem aqui em Rondônia, eu tava era lá...

Meu tio Tanagildo Lobato sempre ia levar mercadoria para o Pará. Olha, nós trabalhava e quando era esse mês de Dezembro, 31 de Dezembro, ele ia embora levar a mercadoria... Os produtos pro Pará... Ele ia buscar a mercadoria de ano em ano... Pra nós trabalhar na seringa... Era muita gente... Eram setenta sacas de seringa... Lá no comercial... E ele ia de ano em ano buscar mercadoria quando era no fim do fabrico que ele ia levar o produto pra pagar e trazer mercadoria de novo...

Ele só comprava lá no Pará... Tinha aquele Navio grande, Leopordo Perez e o Lobo da Armada... Antigamente, não tinha esse motorzinho como agora... Só eram esses navios grandes que viajavam no Madeira... Agora que já tem esses barquinho aí... Naquele tempo não tinha não... Era navio mesmo... Augusto Monte Negro, Leopordo Perez, Lobo da Armada, só esses três barcos que vinha do Pará pra cá... Daqui até Porto Velho eles vinham... Levavam os produtos tudinho pra lá... Castanha, borracha e aí eles levavam pra pagar mercadoria e pra trazer mercadoria de novo... Quando chegava mês de Maio começava o fabrico... E nós trabalhava até! Dezembro... Trinta e um de dezembro pra eles levarem o produto... Só levava nesses barcos... Só quem pegava era esses barcos grandes que pegava o produto, não tinha barco pequeno aqui naquele tempo só era grande... Era muita... Muita borracha!

Sobre descendência indígena quem tem é a família da Maria. O velho Antônio Maciel o avô da Maria ele era índio legítimo mesmo... Ele era índio... Então a Maria tem o sangue de índio... A família dela todinha... A Chiquinha, a comadre Tiliana... Os que já morreram como o Pedro Maciel, o Raimundo... E tudo era assim... Agora a velha Adelaide aquela mãe da Chiquinha... Já ela não era índia. (origem indígena) Ela já não tinha o sangue de índio... O velho Antônio Maciel que era índio e casou com ela. É que nem agora lá no Ipixuna que estão casando já o

civilizado com os índios, aí estão misturando tudinho... Assim foi naquele princípio...

O Antônio Maciel casou com ela, a tia Adelaide... E ele era índio. Agora eu não sei de que tribo ele era. Ele é lá do Pará também... De Santarém. O Antônio Maciel, ele era de lá daquela tribo dos índios, agora não sei do qual dos índios lá não. Eu não conheci o lugar dele... Só sei que ele era de lá do Pará... Sei que é de Santarém, mas eu não sei de onde era. Eu não sei o lugar, mas era naquele rumo de Santarém na estrada indo pro Pará. Ele morava naquele rumo de lá... E ele era índio mesmo... É por isso, que a Maria tem sangue de índio.

A família dos Maciel são tudo índio... Meio indiado... São tudo assim... Não vê o Manoel Maciel! Ele não botou o nome de Taiguara no filho dele! Taiguara era um índio... É índio... Taiguara Ehh! Aí se lembrando... Ele colocou o nome do filho dele como dos tempos dos índios... Agora eu me esqueci de perguntar é de qual negócio era o nome dele, de qual povo indígena, porque têm tantos.

Quando eu casei com a Maria eu fui pedir ela pra casar do velho Antônio Maciel... Ele que criou ela... O velho um velhãozinho... Seu Antônio Maciel, ele era bem gordão... Velhão forte o pai da Chiquinha que era tia da Maria... O pessoal naquele tempo, antigamente eram umas pessoas fortes e hoje o pessoal dagora já nasce é doente... Não tem mais como era antigamente, como era aquele povo... Que era um povo sadio que viviam por dentro da mata trabalhando e hoje o cabra quando dorme todo embrulhado quando é amanhã já está doente... Naquele tempo não... O camarada entrava pra dentro da mata pra trabalhar na seringa era a noite todinha cortando seringa amanhecia o dia aí era aquele pizeiro e todo mundo era sadio. Hoje é difícil o cara que quer trabalhar...

Hoje não tem mais trabalhador não... Só tem gente vagabundo. Com o jeito do velho Antônio Maciel... Rapaz! Por aqui não tem uma pessoa que se compare ao jeito dele. Ah! Ele gostava de trabalhar na roça. Eu conheci ele depois dos filhos dele já estarem tudo grandão... Tudo grande e quando eu me criei também... Aí quando eu conheci ele... Ele já tava velhão... Ele foi criando essa gente, esse pessoal... A dona Preta que era a mãe da Maria... Quando eu me formei eu já conheci a dona Preta já velha meio usada... Aí eu morava perto deles e só sei que deu é que se ajeitemos eu com Maria, casei com ela... E eu fui pedir ela do velho e ele era bom com a gente aquele velhão... Ele era assim meio índio, mas ele era uma pessoa legal... Ele gostava de trabalhar na roça e depois ele passou para ser

trabalhador do campo, como chamam agora o pessoal que trabalha na roça. Não é assim que falam?

O velho Antônio Maciel era índio mesmo lá do Pará... Agora eu não sei de que tribo ele era não... Ele falava a gíria assim que nem os índios mesmo... Conversava com os índios na gíria que a gente não sabia nem o que era... Aí depois que ele ia explicar pra gente o que era que estavam falando. Ele chegava assim no meio dos índios e falava as coisas tudo na gíria com eles lá do Uruapeara, lá no Canavial, onde é a aldeia dos índios, né. De primeiro, o avião chegava lá no Canavial... Agora não sei se ainda vem aí no meio dos índios, mas antigamente vinha um pessoal e sentavam o bicho lá, o avião sentava lá numa ilha que tem... Fica bem confronte, assim, a aldeia deles... Lá é bonito...

Da parte do meu pai e da minha mãe tinha negócio disso não... Meu pai era Brasileiro legítimo mesmo... Mas disque o brasileiro é o índio, né? Os índios que são os brasileiros legítimos, mas nós esquecemos disso... Nós brasileiros que somos os índios... Agora meu pai não tem sangue de índio não... Como brasileiro podia ser índio legítimo, mas sendo de outro jeito.

No tempo que eu morava lá no Uruapeara... Eu gostava do forró... Comigo era no forró... Onde tinha forró eu ia lá... A gente quando é novo faz cada besteira! Cada bobagem... Eu gostava da festa e da mulherada... Da meninada... Escapei de casar com a minha parente, aquela minha prima legítima... Escapei... Passou bem pertim... Eu não casei com ela porque eu não dei mesmo ouvido pra ela, mas, se não, eu tinha casado com ela... E até hoje ela ia ta comigo, porque ela ainda está viva, não ia me deixar e eu não ia está só. Acho que ela não ia me deixar não que nem a Maria, que foi minha mulher, fez... Aquela outra Maria minha parente legítima... Eu não casei com ela por que eu não dei mesmo pra casar com ela... Mas eu fiquei meio, assim, me balançando e eu digo: - Não vou pedir ela em casamento não. Porque se eu pedisse, o velho, pai dela dava... Aí eu tinha casado, nera... Mas aí eu não quis não... Hoje em dia ela é a mulher do Joaquim Moraes. Ela era filha do Izaías da família dos Trindades, eu não casei com ela, porque o pessoal dizia que era pecado casar com prima legítima, naquele tempo o pessoal respeitava as pessoas. O marido dela é filho do Chico, Chiquim Moraes... Ele já namorava com ela naquele tempo... Esse menino lá... Mas se eu metesse mermo a cara pra frente iihih... Eu tinha jogado ele fora...

Ela pode contar isso também... Eu ainda passei, assim, bem perto pra casar com ela... Isso foi antes de casar com a Maria que foi minha mulher. Depois nós viemos pra cá pra Nazaré e quando já tinha as meninas, minhas filhas, eu dei uma viagem no Uruapeara, aí cheguei lá a Maria, minha parenta, ainda estava solteira e aí ficou doidinha pra casar comigo, mas eu já estava com a outra Maria... Eu digo: - Vou fazer isso não. Fiquei pensando que eu ia deixar a Maria aqui com as crianças... Elas estavam tão pequenas... Pensei... - Se eu casar com essa mulher aqui vai dá confusão. E aí a outra tá pra lá e as crianças estão tudo piquinininha... Não. Eu vou acabar de criar elas.” Eu criei meus filhos e não fui mais lá no Uruapeara, porque se eu fosse voltar... Era capaz de nós ter se enrolado um com outro... Eu num voltei mais não... Fiquei pra cá pra Nazaré aí foi o tempo que ela casou com o Joaquim... Eles moraram um tempo no Humaitá, parece... Depois desceram pra lá pro Uruapeara...

Um tempo eu fui em Humaitá aí falaram “A Maria mora ali” Mas eu não quis nem ir lá... Eu não fui lá não... Foi até a Cila que falou... Ela disse: “Olha rapaz a Maria tá ali... Quer ir lá na casa dela?” Eu digo - Não, não vou não. E a Cila falou de novo: “Vamos lá” eu digo “Não, não vou” Eu não fui e a Cila é que queria que eu fosse lá... -Não, não vou não. Não vou lá com ela não, porque o marido está lá e já são casados e pode acontecer qualquer coisa... Eu quero é ficar fora disso, Deus me livre! Aí ficou assim... Mas quase que eu caso com aquela mulher... Escapô... E ela não é bonitinha não! Ela é meia feinha... É meia morena ela...

Não que eu não goste de mulher morena. Olha aí oh! Eu acho bonita, assim, cada uma tem um jeito... Tem umas brancas... Tem uma meia morenada... Tem uma bem preta... Bem cabelo luar. Quando eu fui pra Porto Velho eu vi uma mulher que a bicha tinha um luar!... Preta!... Preta! Que só o diacho! Eu fiquei olhando e pensei - Ei que aqui tem raça de gente preta mesmo! Ali perto do Cai N’água, na beira do rio Madeira, é um lugar que vai um bucado de gente lá, oh!... Eu gostava daquelas meninas, quando eu ia lá dançava era forró com elas... Eeiitá!... Até hoje eu gosto de forró. Agora eu não danço aqui por que as mulheres não sabem dançar... Elas sabem pular que nem macaco...

Lá no Amazonas a gente dança mesmo agarrado e aqui não tem mulher não... Só tem aquelas menininhas que pra gente dançar tem que agarrar pelas ureias, pra pular... Lá no Amazonas não, lá tem cada mulherona que agente dança... É! Mas aqui é difícil... Essas mulheres daqui não... Não topam... Essa mulher que cozinha

aqui pra mim é grandona... Mas as outras tudo são piquinininha, Iiih!!!... Mulher aqui de Rondônia não dança, elas querem pular... Ôh... Eu nunca tinha visto... Lá pra minha terra não tem assim... Lá a gente dança com mulhé! Agarrado com a mulher... E pra cá já vê os homens já dançar pulando... Os homens dançam meio como mulher... É pulando no salão que nem macaco...

Lá no Amazonas é dança mesmo de o cara dançar mesmo... Eu entrei na igreja quando eu estava com dez anos... Quando eu entrei assim pra rezar... De dez anos pra cá eu nunca mais fui numa igreja... E até agora eu não vou... Sabe por que eu não vou à igreja? Eu vou falar uma coisa... Por que se eu chegar à igreja e vejo tanta mulher! Aí eu fico espiando, assim: - Aquela mulher tão bonita... Oia! A bunda daquela mulher como é bunduda.” E então eu não vou não... Porque é pecado e não vou lá pecar... No forró não, eu chego lá, Eitá! E aí eu vou dançar mesmo... E aí da o piseiro!!!!... Eu gosto, assim, e na igreja, não, se eu for lá na igreja eu vejo tanta mulher e eu fico falando besteira...

Diz que tem pecado... Será que tem pecado no mundo? Eu acho que não tem não. Eu sei que inferno não tem... Tem inferno? Têm não... O inferno é aqui na terra mesmo... O que o cara faz aqui na terra mesmo ele paga... Dizem, assim... O cara quando morrer vai pro inferno, mas não tem nada... O inferno é aqui na terra... O camarada faz aqui e aqui mesmo ele paga... É que nem a gente compara com a mentira. Se uma pessoa conta uma mentira pra gente... E a gente fica acreditando naquela mentira dele... Tem uma hora que a verdade cheega! Aí que você vai ver... Como qui é a verdade... É por isso que o povo diz... Que a mentira tem a perna cumprida... E a verdade tem a perna curta... Custa a chegar... E quando ela chega vem contar tudo... É direitinho, assim. A pessoa conta pra você uma coisa, assim, quando ela está dizendo Mentira! Ixi! Aquilo espalha pra tudo canto... Tudo o que você topa é a pessoa falando aquilo... E a verdade vem atrás... Quando ela chega a mentira já anda muito longa... Aí que vai ver o que é a verdade.

É, assim, como diz o povo, o cara vai morrer e poder ir pro inferno... Mas não vai não... O inferno é aqui na terra... Ele faz aqui mesmo ele paga. Então é assim, eu que digo: - Só quem sabe é Deus... Mas ninguém não... Deus é quem sabe o que é o inferno... Como dizem na reza que no nono dia Deus desceu no inferno. Aí que eu não sei, se ele desceu pra vim na terra, ou se ele andava na terra mesmo... Naquele tempo ele andava na terra e depois que ele subiu ao céu... Até hoje ele está lá... Ele que é o dono. Nós não somos o dono do mundo... Tem muitos caras que

falam cada besteira... Não vê os crentes, só eles que tem salvação... O católico não tem não... Contam uma besteira... Afinal, que eu não sei a religião que está certa... Eu não conheço isso não... É o que eu estou falando que eu entrei na igreja quando eu estava com dez anos... Assim mesmo, porque, o papai e a mamãe mandavam nós ir lá... Aí depois que eu saí já... – Aaah! Quando me chamam: “Ei vamos lá na igreja?” Eu digo - Bora, mas eu não vou... Não vou, por isso... Que chego na igreja eu vejo tanta mulher... Pouta merda! É cada mulher bonita que eu fico falando besteira... Chega até eu sonho com isso.

Sabe essa noite eu tive um sonho... Sonhei que tinha uma cobra que ela enrolou na minha perna, oia! Eu ia andando com um cachorro aí eu chamei o cachorro e ele ficou parado, eu chamei: - Bora, umbora, umbora... Aí o cachorro foi cheirar a cobra quando eu vi! Ela pulou na venta dele e ele saiu gritando... Eu digo: - Pouta merda! Aquilo foi aranha ou foi cobra... Que eu fui olhar! Vi a cobra e fui chegando, assim, pra agarrar um pau pra cacetar ela e ela pulou de lá nim mim... Aí se agarrou nas minhas pernas... Ela tinha aquele engrulhido... E eu querendo tirar e pegar ela, mas ela entrou num buraco... Ainda meti a mão pra ver se cavava, assim, pra tufar a terra, mas não vi mais a cobra... Sei que ela agarrou nas minhas pernas... Eu vejo dizer que quando a gente diz que sonha com cobra... Disque é a mulher que está querendo a gente... Quem sabe não vem alguma... Ih! Mas se vinhesse, poxa vida! Como eu estava achando tão bom... Aí eu ficava alegre.

Eu sonhei essa noite com esse negócio, mas sonho outros tipos de sonhos também, assim, outras besteiras... Ah! Se eu for contar... Uma vez eu sonhei que eu estava vendo a mamãe... No sonho a mamãe chegou perto de mim, ela vinha me abraçar e eu estava chorando me abraçando com ela... Aí quando eu me acordei eu ainda estava até chorando... Eu levantei, assim, fiquei lembrando o sonho... Parece que eu estava vendo ela, assim, perto de mim... Aí eu fiquei, assim... Pensativo...

Doutra vez eu sonhei que eu saí numa canoa e saia beirando, assim, o rio... Saia beirando o rio. Eram seis horas da manhã... Eu vinha praiando aí encostei num porto e subi pelaquele porto, aquele caminho... Quando eu cheguei lá em cima eu andei pra frente num vi mais caminho, aí eu dobrei, assim, tinha um caminho no meio do serrado, aí na minha frente tinha um galo que cantava. Ouvi aquele galo cantando e disse: - Pra cá tem gente. Aí eu entrei praquele caminho e fui me embora e vareei numa casa bonita! Numa casa grande, assoalhada de madeira... Aí eu me encostei na casa e fiquei olhando, assim, e pra frente era tudo bonito... Umas árvore

uns arvoredos bonitos assim... Aí na hora que eu cheguei lá... Chegou um senhor de idade já... Chegou com um prato com comida, assim, e disse: “Olha aqui que eu trouxe pra você comer” Nessa hora que eu peguei o prato que eu fui dobrando, assim, pra botar em cima do assoalho da casa que eu estava encostado, que eu virei de volta não vi mais o velho... Aí nessa hora veio três meninos... Três crianças chegaram, assim, perto de mim, e disseram: “Oh”... E, sim, antes do velho sair ainda disse pra mim: “Se você precisar de alguma coisa você fala comigo que eu lhe dou tudo o que você quiser” Aí eu fui virando pra deixar o prato aí não vi mais ele e chegaram as crianças perto de mim e falaram a mesma coisa: “Se o senhor precisar de alguma coisa... O senhor pode dizer que nós lhe ajuda... A nossa casa é ali oh.” Eu olhei pra onde as crianças mostraram e vi tudo bonito aquele arvoredado... Aquelas três crianças saíram... Aí não comi não e fui procurar o prato não vi mais prato... Voltei pra trás... Quando eu cheguei lá na frente que eu vinha voltando eu encontrei o homem de novo... Ele vinha tudo de roupa branca e falou comigo, assim: “Se já vai?” Eu digo - Já. Aí ele disse: “Então eu vou com você.” Aí ele saiu me acompanhado... Chegando lá na frente passando do outro lado do caminho. Aí tinha uma casa aí ele falou assim pra mim: “Olha lá está ela ali” Aí eu olhei era uma mulher e na ilharga dela tinha três crianças... A mulher estava com um vestido comprido lá pelos pés, estava mesmo, assim, na minha frente... Aquela mulher estava me chamando... Eu olhei bem pras crianças e continuei indo com o velho... Tinha um barranco e quando eu fui descendo o barranco eu me escapuli e me acordei... Acordei e fiquei pensando: - Mas como é que a gente sonha cada coisa...

A mulher do sonho que eu falei era branca e a roupa dela era toda branca e as três crianças na ilharga dela... E tinha esse homem que vinha comigo... Eu vinha na frente ele vinha atrás de mim e ele disse: “Oh, lá está ela ali.” Aí que eu olhei ela estava, assim, perto da casa dela... Ela e as crianças... Ela acenava com a mão pra mim... Quando eu acordei fiquei pensando: - O que será isso? As crianças do sonho eram tudo, assim, pequenas... De cinco anos... Três anos... Já eram até criadas... Tinha um maiorzinho que era um menino e tinha duas meninas, mas tudo com uma roupinha, assim... As meninas com a roupa comprida lá no pé... Eu vi a mãe delas... Eu acho que era mãe delas... E tinha aquele senhor que ia à frente dela... Bonito aquele lugar onde eles estavam... Eu não sei o que era não esse sonho, falei dele pro pessoal e eles disseram, assim: “Rapaz é o anjo da guarda pra quem tu reza.” Como eu tenho umas rezas, o pessoal diz que é o anjo da guarda que me

mostra a mulher no sonho... Aí eu digo: - É quem sabe também? Que por todo canto que eu ando graças a Deus nada me ofende...

Antigamente, eu tinha uma oração que eu rezava... O cabra podia vim na minha direção, mas se eu enxergasse ele aí longe... Eu pegava um pedacinho de pau, um galhim de árvore e botava na minha frente e pronto ele não me enxergava, mesmo passando perto de mim, eu na frente dele e ele estava vendo uma árvore grande no meu lugar... Era oração de são João que fazia isso, mas eu deixei, não usei mais não... Minha oração é a oraçãozinha mesmo que eu inventei... Eu rezo essas oraçãozinhas e aí pra mim fica tudo bem... Ando por dentro das matas, vou caçar e andar, mas Graças a Deus! Nada! Nada me ofende... Ninguém me ofende, eu sou, assim, como eu estou falando... De o cabra querer tomar o que é meu de aparecer como fosse o dono e querer mandar de vim querer me dizer: “Ah, fulano é o dono.” Mas eu não aceito não. Ah, não... Eu quero é ver o cabra que entra aqui!

A reza que eu faço é assim:

Com Deus me deito,

Com Deus eu me alevanto,

Com a graça de Deus e o divino espírito santo.

E aí eu ofereço pra Santa Maria mãe de Jesus e depois eu ando por todo lugar e nada! Graças a Deus! O povo gosta de mim e nada falta pra mim... Eu fiquei mesmo foi sem entender esse negócio do meu sonho que eu contei ainda agora. Eu fico só pensando em tudo o que eu vi no sonho e querendo saber o quer dizer cada coisa, o galo cantando, o velho que encontrei no meio do caminho todo de branco, aquela casa grande e bonita, o lugar tudo limpo, aquela bandeja de comida que o velho me levou e eu não comi porque tanto a comida como o velho desapareceram, o que o velho e as crianças me falaram: “Oh, o que você precisar fale comigo que eu dou tudo o que você quiser.” Aquelas meninas que me olhavam. Aquele lugar tudo limpo, tudo bonito, aqueles arvoredos por baixo tudo limpinho, que as crianças apontaram dizendo que era o lugar onde elas moravam... O que eu mais queria saber é quem é o velho todo de branco que eu encontro no caminho e diz que vai me acompanhar e no caminho me mostra o lugar onde mora a mulher com o vestido branco e as crianças na ilharga dela... Eu penso, mas não consigo saber quem é esse velho no meu sonho... Eu esqueci de perguntar o nome dele... Eu enxergava bem as crianças e o homem, ele era de idade já... A mulher eu não achei ela parecida com ninguém que eu conhecesse... Não, eu não espiei bem pra ela não... Só vi a roupa

branca... O vestido comprido e as crianças e ela de lá acenando pra mim... Ela tinha o cabelo comprido... Ela era meio embranquecida... A roupa dela era toda bonita... E no fim ainda tem um barranco que eu escorreguei quando eu fui descendo e que fez acordar...

Quando fui lá em Porto Velho, conversando por lá contei pra um homem sobre esse velho de branco do meu sonho e ele falou assim: “Ah, esse é o anjo da guarda que você tem... Cê tem? Cê reza?” Eu digo: - É eu rezo e pro anjo da guarda. Aí o homem confirmou: É seu anjo da guarda que mostra essas coisas.” Aí Eu disse: Será? Ele confirmou: “É! Anjo da guarda... Ele mostra.” Eu digo: - Ah sim... Aí ele me falou: “Você é bem encaminhado!” Eu respondi: - Graças a Deus. Eu sou assim...

Eu trabalho e não gosto de está parado não... Gosto de está Trabalhando! E graças a Deus! Eu tenho saúde... Outro dia apareceu umas dores em mim, assim... Mas aí isso é coisa que a gente passa mesmo... Aquilo é um fase que a gente passa... E Graças a Deus eu estando com saúde eu trabalho... O trabalho não me cansa... Como diz a modinha do povo... Me cansa é pensar!

Eu nasci lá no Uruapeara e me criei lá... Mas como eu já disse meu pai é do Pará... Eu tenho os meus documentos tudo como do Pará. Minha mãe, minha avó eram tudo paraense... Tem os meus documentos aí. Da minha infância o que eu tenho pra falar é que eu trabalhava na seringa. Quando foi um dia estava lá no mato cortando a seringa aí eram umas nove dez horas da noite... Eu tinha que ir pra festa de sete de setembro... Eu tinha que ir, porque não conhecia esse madeirão não... Eu queria conhecer esse rio Madeira, aí tinha uma festa pro lado de lá e eu tinha minha irmã, Lurdes, que morava lá, eu ia pra lá... Eu saí nove ou dez horas da noite pra cortar a estrada da seringa... Quando eu estava lá no mato aí vinha aquele bicho andando... Eu pensei que era o cachorro... Quando acaba não! Quando parou, assim, que eu olho com a lamparina uma onça Mostra!!!... Bem perto de mim, assim, só abanando o rabo...

E eu fazia Ei bicho!

Ei bicho!

Ei bicho!...

Ram... Ela nem ligava...

Ei Bicho...

E ela nem ligava... Ficava só abanando o rabo...

Virgem Maria!

E nesse tempo essa onça tinha matado um homem lá no seringal lá mesmo... E fiquei lá nesse lugar onde tinha os antigos que cortavam lá... Quando a gente ia extrair o leite da seringa tinha um pau que botava pra subir na seringueira... Eu agarrei um pedaço de pau daquele e joguei nela... A bicha fez aquele ronco pra aparar o pau e eu sai pra trás e ela saiu atrás de mim correndo e eu correndo... Correndo e ela em cima de mim rasgou a minha calça todinha... Só não me pegou porque Deus não quis mesmo! E eu subi num pau, mas o pau era muito pequeno... O pouco que fiquei me aguentando no pau já me ajudou, eu lá no pau e ela embaixo rosnando e quando ela se alevantava pra mim pegar eu levava a faca de seringa pro rumo dela pra riscar a cara dela, pra ela parar de pular... E o rapaz que trabalhava perto de mim estava por lá por onde ele tirava o leite da seringa... Eu gritando... Gritando... Ele respondeu lá pra onde ele estava... Aí eu chamei e ele veio... Mas eu pensei que ele estava com a espingarda... Ele não estava... Aí ele varou lá comigo... Aí ele disse: “Cara o que é isso?” Eu disse - Olha aí a onça! Ele disse: “Vamos embora desce que eu vou furar ela.” Ele saiu com um toco de uma faca... Eu digo: - Rapaz eu não vou descer não que tu só tá com um toco de faca! Chega eu estava tremendo de medo, mas aí o pessoal lá tiram aquelas lasca de pau pra fazer astes para pegar o pirarucu... E tinha aquelas lapas de pau, assim, eu peguei uma daquelas... E ele focou a lamparina e a bicha estava sentada, quando foi pra furar ela... No que ele meteu a faca, assim, Ram... Ela só fez pular de banda e não pegou nela não... Também ninguém num viu mais nem nada! Ela sumiu e eu fiquei com medo...

Naquele tempo com naquele negócio daquele bicho o papai mandou eu sair de lá... Eu passei foi tempo longe... Uns três meses... Aí que eu voltei de novo pra cortar seringa... Mas eu fiquei com muito medo! Ele foi pro Pará e trouxe uma espingarda para mim, aí quando ele trouxe a espingarda aí sim foi que eu fui continuar cortar, porque estava com a espingarda e levava toda noite pra mata. Nessa época eu tinha dezoito anos, mas eu comecei a cortar estava com treze anos de idade... O nome de lá do lugar é Centro comercial... Que era do meu pai de criação Tanagildo Lobato... Lá tinha muita estrada de seringa, era setenta estradas de castanha ih!... E nós tinha um motor desse arquinédio que ele comprou quando foi pro Pará; agora não tem mais desse motor... Se tiver é só lá pro lado da Bolívia, mas agora aqui não tem não... Esse arquimédio era que nem uma vuadeira, nós botava ele num batelão... O nome do batelão era Florinha... Era um batelãoção...

Nós ajuntava os ouriços de castanha de cada castanheira que tudo junto dava duzentas medidas... Duzentas medidas nós enchia de castanha aquele batelão e levava dez, doze medida de castanha... E nós botava o motor na popa e o bicho quando puxava a correia nele, o bicho ficava gemendo ali, mas quando o bicho pegava força! Hum... O bicho espalhava água e nós ia lá no paiol deixar... Era o dia quase todinho nós andando pra deixar castanha no paiol... Aí do Centro Comercial... Deixava lá dentro do Uruapeara, o paiol grande era lá. A gente descarregava tudinho e no outro dia nós voltava pra casa pra pegar castanha de novo pra levar pra lá... E aí juntava tudinho lá no paiol e quando era 31 de dezembro meu pai descia pro Pará... Aí que ele ia levar o produto pra pagar conta e comprar mercadoria de novo... Ele só fazia compra lá no Pará, aqui não tinha esse negócio que nem tem agora de marreteirozim... Não tinha não! Barco naquele tempo não tinha, só tinha era esses navios... Augusto Monte Negro, Lauro Sodré, o Lobo da Armada e Leopoldo Peres... Eram esses navios grandes que tinha.

Esse motor arquimédio que eu falei era do mesmo feitio... Só que ele era de rebocar esse batelão grande... É tipo uma vuadeira... É o arquimedi... Ele tem muita resistência dá dez dúzias de castanha nele... Ou HP 10 mil HP... Aquele estrondava... É mesmo que essas vuadeiras agora que é de motor 90 que usa agora... É mesmo assim... Só que nós andava com ele na popa do batelão pra carregar castanha... Um batelãozão que o bicho vai lá... Pega castanha que só o troço... Nós enchia até o pau! De castanha. Oh... A medida é assim... Agora não tem mais como tinha antigamente... Uma medida era duas latas de cinco galões, que vamos dizer, de querosene... Eram duas latas dentro de uma caixa. As caixas vinham com mercadorias... Então aquela caixa ali que eram colocadas as duas latas... Aquilo era a medida de uma terça... Aí nós media cinco terça daquela que eram uma equitolite é uma caixona grande assim que pega... A gente enchia aquela equitolite, oh, aí passava aquela régua por cima daquele pau quando a caixa sentava passava assim reto... Aí a gente despejava naquela caixona... Eu sei que a gente media cento e tantas equitolites de castanha que dava pra encher muito, ixi! Dava pra encher um batelãozão de pesar umas 10 toneladas... É, assim, oh!

Naquele tempo vinha essas latas como vem agora de 20 litros e era tudo encaixotado... Aquilo ali era uma terça... Na hora de pesar a castanha perguntavam: “Quantas terça de castanha você tirou?” Aí a gente dizia tirei vinte terça. E tinha outra caixa era uma quarta... Como chamam essas caixinhas de sabão que vinha...

Antigamente tinha sabão borboleta que vinha naquelas caixinha... Mas, eram dez litros que pegavam nela... Era uma quarta... Como a gente compra agora de dez litros de farinha. Lá pra nós lá pro Amazonas não era assim não... “Eu quero uma quarta de castanha ou de farinha que era dez litros... Era assim que era lá.

Quando eu vivia lá no Uruapeara ixi! Eu gostava de um forró que só... Dançava! Aquelas meninas... Eeeita! Éh! Puxei pro lado do meu avô!!! Namorava com aquelas meninadas de lá... Feio eu não era... Era bem bonito... Agora já tô feio... Mas, naquele tempo eu era bonitim... Ram!

As músicas que tinha nos Festejos que nós dançava... Rapaz! Lá era tudo modinha antiga... Daquelas modinhas velha de antigamente. Eu me lembro, ixi! Eu com esse parceiro Tarcilo, enteado da Chiquinha que era tia da Maria minha ex mulher... Nós dois, tanto dançava como brigava e bebia cachaça! Era eu e esse Tarcilo, rum... Esse Tarcilo era um perigo! Seu Manel, pai dele, uma vez acabou o cinturão na costa dele, que a fivela passou perto de mim eu disse assim: - Viiixi! Pouta merda! Quase pega em mim seu Manel... Esse Tarcilo era perigoso! Agora o irmão dele o Capuxo... O Manel, Manelzim, ele era mais calmo... Mas esse Tarcilo, ah! E hoje coitado já está, assim, velho...

A gente quando é novo a gente não pensa... Hoje o Tarcilo é professor, tem muita coisa... Tem o dinheirinho dele, o carro dele, tem tudo. Éh... O cara que não pensa quando é novo... Tinha que pensar pro lado da velhice... Pode prestar atenção, quando o cabra é novo ele não pensa em nada. Só pensa naquelas besteiras... E quando vai ficando mais idoso ele vai pensando nas coisas... Olha eu falo um coisa! Se eu não jogasse fora o que meu pai me deu, eu tinha comprado Porto Velho tudim... Naquela época eu pegava 120 mil, era milhão naquele tempo! Cansei de chegar com 120 mil, um monte de dinheiro... O que é que eu ia fazer com aquele dinheiro? Ia beber cachaça andar pelas festas... Sendo besta com os amigos e por lá acabava tudo. E aí? Eu ganhei o que? Agora depois deu passar a pensar um pouco... Agora que eu já tenho essas coisinhas... Então eu não tenho nada não... Eu sou um bobo velho... Agora que eu tenho um dinheirinho guardado... Mas é bem pouquinho...

Vou afinar aqui meu cavaquinho e cantar umas modinhas do tempo das festas lá do Uruapeara:

Tá sobrando mulher eeeeeh

Tá fartando cruzeiro
O cara eu não arranjo nada
Só porque a mulherada
Não dão bola sem dinheiro
Tá sobrando mulher eeeeeh
Mas, tá fartando cruzeiro
Ôh cara eu não arranjo nada
Só porque a mulherada
Não dão bola sem dinheiro
Ai meu bem vou me acabar
Agora mesmo eu vou pra lá
Eu brinco no batuque noite e dia
Mas, o meu dinheiro é pouco pra orgia
Eu brinco no batuque noite e dia
Mas o meu dinheiro é pouco pra orgia...
Tá sobrando mulher eeeeeh
Mas, tá fartando cruzeiro
Ôh, cara eu não arranjo nada
Só porque a mulherada
Não dão bola sem dinheiro
Tá sobrando mulher eeeeeh
Mas, tá fartando cruzeiro
O cara eu não arranjo nada
Só porque a mulherada
Não dão bola sem dinheiro
Ai meu bem vou me acabar
Agora mesmo eu vou pra lá
Eu brinco no batuque noite e dia
Mas, o meu dinheiro é pouco pra orgia
Brinco no batuque noite e dia
Mas, o meu dinheiro é pouco pra orgia...

Eita que dou gargalhadas lembrando desse tempo bom...

Essa música tocava de primeiro no forró... Vai aí mais umas:

Só vou pra casa quando o dia clarear
Eu sou do samba, pois o samba me criou
Se por acaso encontrar o meu amor
Diga pra ela que eu não vou não vou
Eu sou do samba rasgado
Do samba bem ritmado
Que faz a gente cansado é batucar
Eu sou do samba rasgado
Do samba bem ritmado
Que faz a gente cansado é batucar
Só vou pra casa quando o dia clarear
Eu sou do samba, pois o samba me criou
Se por acaso encontrar o meu amor
Diga pra ela que eu não vou não vou
Eu sou do samba rasgado
Do samba bem ritmado
Mas que faz a gente cansado é batucar
Eu sou do samba rasgado
Do samba bem ritmado
Que faz a gente cansado é batucar.

Eu não me lembro do nome dos cantores que cantavam essas músicas não, eles são tudo cantor antigo, acho que até já morreram, eu só aprendi a cantar e canto aqui com meu cavaquinho. Vou cantar mais um pouco:

Vou cair na gandaia com a minha dendeca
Mas eu vou mostrar pra essa gente como se fosse um som na discoteca
Vou cair na gandaia com a minha dendeca
Mas eu vou mostrar pra essa gente, como se fosse um som na discoteca
Vem vem vem o menina vem comigo dançar
Vamos curtir esse som brasileiro não sou do estrangeiro eu sou do Pará
Vem vem vem o menina vem comigo dançar
Vamos curtir esse som brasileiro não sou do estrangeiro eu sou lá do Pará

Lara lara rarara, lara lara rarara
Lara lara rarara, lara lara rararê
Vou cair na gandaia com a minha dendeca
Mas eu vou mostrar pra essa gente como se fosse uma discoteca
Vou cair na gandaia com a minha dendeca
Mas eu vou mostrar pra essa gente como se fosse uma discoteca
Vem vem vem o menina vem comigo dançar
Vamos curtir esse som brasileiro não sou do estrangeiro eu sou lá do Pará
Vem vem vem o menina vem comigo dançar
Vamos curtir esse som brasileiro não sou do estrangeiro eu sou lá Pará.

Essa música da Dendeca eu sei que era do Genival Santos. Eu cantava ela lá no forró! Tem também essa que eu gosto de cantar:

Sabiá lá da gaiola furou um buraquinho,
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava tanto do bichinho,
Chorou, chorou, chorou, chorou
Sabiá lá da gaiola furou um buraquinho,
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava tanto do bichinho,
Chorou, chorou, chorou, chorou
Sabiá fugiu do terreiro,
Foi sentar no abacateiro
E a menina que gritava
Vem cá, sabiá, vem cá
A menina gritou chorando,
Sabiá estou te esperando,
Sabiá respondeu de lá,
Não chore que eu vou voltar...
lara lara lara lara...
lara lara lara lara...
Sabiá lá da gaiola furou um buraquinho,
Voou, voou, voou, voou

E a menina que gostava tanto do bichinho,

Chorou, chorou, chorou, chorou

Sabiá lá da gaiola furou um burquinho,

Voou, voou, voou, voou

E a menina que gostava tanto do bichinho,

Chorou, chorou, chorou, chorou

A menina gritou chorando,

Sabiá estou te esperando,

Sabiá responde de lá,

Não chore que eu vou voltar...

A menina gritou chorando,

Sabiá estou te esperando,

Sabiá respondeu de lá,

Não chore que eu vou voltar...

Lara lara lara lara...

lara lara lara lara...

Tudo isso iam cantar no forró... Pro pessoal dançar... Lá no Amazonas era assim... Eu não sei que eram os cantores, mas eram essas músicas que cantavam nas festas e aí a gente aprendia, a gente cantava e o pessoal dançava. Pra cá o pessoal num gostam disso...

Vou cantar uma valsa que é pra nós terminar:

Senhora milagrosa, que nos fazeis vencer

Nas doces maravilhas de uma vida tão celestial

Bendito o vosso culto, que nos faz viver

Amparai no bem, para vencer o mal,

Senhora, Santa boa, de divino amor,

Que ampara sua providência de quem crê,

Dai-nos carinhos imenso

Aliviai, Senhora a nossa dor.

Vossa imagem, que sublime é,

De crença funda, inalterada, sã,

Expressão do Amor, e grande fé,

A divina folha que deleita nossa alma cristã.

Ó Santa que tanto amais,

É belo que nos é caro,

Peço vós que nos amparais

Nossa Senhora do Amparo

Brilhando em teu Santo Amor

É que nos eleva aos filhos seus,

Aos pés do amor que dá vida

E aos divinos braços paternais de Deus.

Aos pés do amor que dá vida

E aos divinos braços paternais de Deus.

Lára Lára Lára...

Lára Lára Lára...

Pronto!

Me alegre e dou risadas... Relembrando o tempo das festas no Uruapeara com essas músicas...O pessoal lá dançava valsa... Marzuca... Essas coisas... O pessoal daqui não dança isso não... Porque não sabem... Acho que não sabem... Não sei. Aqui eu danço valsa, xote! É comigo mesmo... Agora, se eu achar uma dona que dance xote eu vou longe... Agora se eu não achar não tem como dançar...

Hoje em dia vivo só aqui na minha casa, mas de vez enquanto aparece um conhecido, um parente que vem da cidade em tempo de Festejo, trazem as amigas e amigos deles e ficam aqui em casa. Eu fico animado e canto umas modinhas pra eles que eu mesmo invento. Canto tocando o meu cavaquinho:

Lá vem ela

E lá vem ela toda sorridente

Ela vem pra festa

Vem dançar com a gente (2x)

Tô de olho nela

Ela tem que ser meu par

Vou mostra pra essa gente

Pois sabemos merengar

Chega pra cá menina vamos dançar

Menina dança comigo que eu quero te conquistar

Vem cá comigo que comigo que eu quero te conquistar

La rá lá lá lá rá

La rá lá lá lá lá rá

La rá lá lá lá lá rá

Vou terminar com essa modinha que inventei rapidinho na vez que minha sobrinha, o marido dela, o filho, um amigo e uma menina que veio com eles. Eu cantei na hora que estavam saindo:

Não me deixa

La rá rá la rá rá rá

Não me deixa

Não me deixa

Não me deixa não

Não, não me deixa não

Mas se você soubesse quanto vale um bem querer

Quando eu fico sozinho eu fico pensando em você

Mas se você soubesse quanto vale um bem querer

Eu fico olhando não vejo mais você

Não me deixa, não me deixa não

Tu me leva contigo e me tira da solidão.

A cultura viva

Cheguei à casa de Timaia que fica na segunda parte da vila em torno da igreja de São Pedro, atrás da escola municipal com o nome do seu pai “ Escola Municipal Manuel Maciel Nunes” e ao lado da mini-usina termelétrica movida à diesel, que fornece energia para a comunidade, apesar da grande hidrelétrica construída no rio Madeira. Cheguei, bati palma. Sua esposa Aleíta e um dos seus filhos estavam na sala. Perguntei se o Timaia se encontrava, ele veio logo se aproximando e dizendo para eu entrar. Cumprimentei sua esposa e seu filho e seguimos para parte de trás da casa, espaço da cozinha com um canto que na época servia de oficina de produção do boi Curumim, depois foi construído o galpão do Instituto Minhas Raízes e os figurinos passaram a ser produzidos lá.

Quando saí da casa da Lurdinha estava chovendo e formando um tempo para uma chuva maior, e assim que iniciei a entrevista ela desabou. Antes de começar a gravação da conversa com Timaia expliquei pra ele todo o processo de como iria trabalhar a narrativa e depois perguntei se gostaria de fazer parte com sua narração, ele concordou e iniciamos a gravação. A conversa foi muito agradável ao som da chuva.

Em sua narrativa é possível sentir a cultura tradicional viva, principalmente em suas músicas que cantam o lugar onde vive. Timaia é formado em Letras e escolheu viver na comunidade e dar continuidade com o trabalho de fortalecimento cultural da comunidade. Seu núcleo familiar é empenhado em manter a dança do seringador e a brincadeira do boi Curumim com personagens das divindades locais como a rainha do lago do Peixe Boi. Mantendo junto a velha guarda formada pelo grupo musical do tempo de seu pai.

Com a atuação de educador, Timaia procura envolver as crianças e os jovens nas atividades culturais para que os mesmos sintam-se orgulhosos de sua cultura na contramão das drogas e na afirmação de seus modos de vida às margens do rio Madeira, e com isso mantém a cultura local em movimento e viva no dia a dia da comunidade, apesar de toda a destruição causada pelas hidrelétricas.

A conferência de sua narrativa foi ao ar livre próximo ao igarapé Correnteza, começando umas cinco horas da tarde e pegando o cair da noite. Deixei a última música para ele conferir em casa, porque estávamos sendo atacados por carapanãs alteradas geneticamente em laboratórios e soltas para combater os mosquitos *Aedes aegypti*, informação que temos em Porto Velho.¹⁴ Para as comunidades às margens do rio Madeira e para as que foram deslocadas pela empresa hidrelétrica para as agrovilas, a proliferação desse carapanã transgênico interferiu em suas vidas. A partir das seis horas da tarde não conseguem mais ficar fora de suas casas.

¹⁴ Essa informação sobre esses mosquitos alterados geneticamente confirmei lendo o Jornal da Usp de janeiro de 2016, numa matéria sobre o Zika vírus. Na matéria, um especialista esclarece a informação de que a soltura desses mosquitos transgênicos criados em laboratório de pesquisa teria aumentado a incidência do Zika vírus em vários Estados brasileiros, o que não procede. O entomologista Paulo Roberto Urbinatti, do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, diz que não existe nenhuma pesquisa científica comprovando a associação dos mosquitos geneticamente modificados com os casos de microcefalia. De acordo com a matéria do jornal: “Contrariamente aos boatos que ocorrem na internet, Urbinatti reforça que os mosquitos transgênicos foram criados para combater o *Aedes aegypti* em cidades pequenas onde foram soltos na natureza.” É citada a cidade de Juazeiro, no interior da Bahia, onde segundo a informação passada, houve o controle do vetor e, conseqüentemente, da transmissão da doença (Jornal da USP, de 26 a 31 de janeiro, p. 3).

No mês de julho presenciei essa situação no Bom Intento, entre Manicoré e Humaitá, na aldeia Mura às margens do rio Madeira, no sul do Amazonas, lá ninguém saía de casa após as seis horas, os que saíam para pescaria saíam de calça comprida e blusas de mangas e ainda assim eram atacados por vários mosquitos. Em Nazaré, às seis horas da tarde, as casas eram fechadas e cada um procurava encontrar um jeito de afastar os carapanãs, poucas pessoas circulavam à noite, somente durante o festival cultural que os da comunidade e os de fora ficaram no espaço onde estavam acontecendo as apresentações.

Ainda no mês de agosto de 2015, num evento de lançamento da cartografia social da comunidade de Jirau, que fica próxima à Hidrelétrica em Jaci-Paraná, os moradores da comunidade registraram suas insatisfações com a proliferação desse mosquito e disseram que eles estavam atrapalhando suas vidas, pois depois das seis da tarde ninguém mais saía fora de casa.

Em Porto Velho, esse método da alteração genética de mosquitos para combater os que transmitem malária foi realizado pelas Hidrelétricas, para combater o mosquito da malária que passou a se reproduzir em maior quantidade após a formação dos lagos causados pelo barramento do rio. E isso tem gerado conflito entre as comunidades que estão nas proximidades desses lagos com a empresa Hidrelétrica. Eu, que estive em Nazaré antes desses mosquitos, vi que depois houve, sim, alteração na vida da comunidade, pois esses mosquitos tornaram-se um tormento para a comunidade inteira.

Nessa semana das conferências das narrativas, Timaia estava voltado para a preparação do Festival Cultural que iria acontecer no último final de semana do mês de julho. Eu ia à Porto Velho, depois à Manicoré e voltaria a tempo para o festival. Mesmo Timaia com tantas coisas para resolver dispôs do seu tempo para ouvir sua narrativa e sugerir alguns ajustes por questão de mudanças de contextos de aliados às ações culturais da comunidade.

Senti a perda da riqueza da oralidade na passagem para a escrita ao lidar com as músicas presentes nas narrativas, pois ficaram somente as letras, não consegui transpor o tom, o ritmo, a intensidade da beleza contida nelas. Foi um bonito encontro e apesar dos limites da escrita, sua narrativa traz toda a força que ele carrega para manter vivas as tradições culturais repassadas por seu pai, trazendo a herança indígena para sua arte de fazer e de ser “um menino raiz” da beira do rio Madeira.

2.6TIMAIA

Timaia dos Santos Nunes, nasceu em Porto Velho, sua mãe teve que vir para a cidade, por isso, seu nascimento fora da comunidade de Nazaré onde foi gerado e criado. É do ano de 1974. Tornou-se um Educador cultural, mas antes de tudo é o portador de tradições repassadas pelo seu pai e com um jeito de xamã de seu clã se fortalece nas histórias dos antepassados para manter viva a espiritualidade das manifestações culturais que chegou até ele por meio do seu pai Manuel Maciel Nunes que foi um grande líder cultural na comunidade.

...Enquanto tiver gente para brincar para cantar... A gente vai continuar fazendo isso, está no meu sangue eu não posso fugir.

Olha, eu posso começar falar, mais ou menos, baseado no meio que a gente vive. Nesse meio cultural e artístico que a gente faz parte, que eu digo que foi o que o pai, que incentivou aqui em Nazaré. Acredito, que ele não só como educador, mas como parte da comunidade, quando veio lá do Amazonas, lá do Uruapera, trouxe esse monte de coisas da cultura de lá, não só pra nossa família, mas também para inúmeras pessoas mais antigas. Ele acabou envolvendo essas pessoas de uma forma geral, aqui nessa comunidade. Então, assim, até de onde eu comecei a me entender acredito que dos dez anos até aqui, desde quando eu não participava ativamente, mas eu assistia eu via o pai incentivando a fazer as festas dentro das tradições...

Desde criança eu assistia os eventos aqui na comunidade. Esses eventos envolviam as pessoas mais velhas, eu me lembro, que eles faziam os tapiris nos Festejos e faziam esse teatro regional, com os mais antigos, a gente era criancinha, a gente assistia os eventos religiosos, as procissões de barco, assim, um monte de coisa que acabavam envolvendo a comunidade. Então, assim, hoje a gente começa olhar para trás e ver o que se perdeu e o que agente ainda pode fazer pra manter isso vivo.

Então, assim, como a gente gosta muito de música que também tem um pouco de dança, a gente acaba se envolvendo mais, por isso; a nossa família, basicamente, ela é envolvida com isso... Qual que é a nossa intenção, assim, eu pelo menos, penso que temos que manter a nossa identidade cultural, é claro que as transformações vão vir naturalmente, mas, o que for possível pra gente guardar a

identidade, ainda! A gente está fazendo o máximo pra manter, sabe por que? Porque ao manter nossa identidade estaremos forte sendo nós, mas na hora que a gente perder essa identidade, a gente vai ser só mais um boneco servindo pra bater fotos... Entendeu! Então, assim, acho que essa coisa de identidade está na alma da gente, sabe! Nossos pais trouxeram e a gente procura manter isso vivo o melhor possível, e a gente, às vezes, eu e o Túlio, meu irmão, que estamos mais a frente disso, a gente tem se esforçado muito pra não fugir muito sabe. A gente é cobrado, é pressionado, quantas vezes, assim, as pessoas de fora não entendem o que a gente faz. Eles chegam, por exemplo, a gente tem a brincadeira do boi e que a gente procura manter uma identidade de brincar! Se divertir! A gente não tem a intenção de dar aquela super produção, aquela coisa toda, mas, às vezes, por exemplo, as meninas, que participam, os atores mesmo que participam, de repente, a cunhã poranga, chega e diz: “Poxa, eu queria vestir aquela roupa, aquele fantasia, assim, porque eu vi na televisão lá em Parintins”... Entendeu? Então, a gente acaba tendo que saindo um pouco da nossa rotina, mas não fugimos do que a gente brinca e se diverte.

Sempre eu digo quando vamos ensaiar, assim, - Olha! Vamos nos sentir como se tivéssemos dançando numa festa tradicional onde nós estamos apenas nos divertindo, fazendo uma ciranda, brincando, cantando, não fugir da nossa brincadeira. Por isso, outras pessoas tem me questionado: “Ah, porque não faz isso, assim?” E eu sempre respondo que não fazemos como eles sugerem porque a gente tem um ritmo próprio aqui do boi.

Já chegou outras pessoas falando que isso não é boi... Um fala que é ritmo maculêlê, outro fala que é andino, outro fala que é ritual... Entendeu? Eu simplesmente falo, assim -É, assim que o pessoal gosta de se divertir, esse ritmo é o que pessoal se sente bem. Então, as pessoas que tocam, faz as batidas do boi, é a forma que eles se distraem, é a forma que eles brincam, nem eu que sou baterista, toco um pouco de percussão, não fico querendo colocar um ritmo dentro do que é tido como certo... Pra mim é assim: - Tá dando certo, tal, é o ritmo tal... Eles estão se sentindo bem, então, é assim, que nós vamos fazer, e a gente, às vezes, é criticado, por isso, porque não fazemos o bumba meu boi do Maranhão, ou o boi bumbá de Parintins. Não, nós temos a nossa brincadeira e acabou-se, entendeu, então, assim, a nossa resistência maior é dessa forma, até quando nós vamos nos sentir bem pra fazer isso, pra continuar essa coisa que é nossa; até o próprio seringador mesmo, o seringador também já teve, críticas desse tipo, porque as

peças acham que é Carimbó, a maioria das peças acham que é Carimbólogo quando a música entra, apesar de que a gente, já repetiu, várias vezes. Alguns acham que é o Carimbó e outros acham que já mudou um pouquinho também. E mudou realmente, mudou um pouquinho, mas, assim, a gente mantém como uma brincadeira ainda, uma diversão que é nossa, não é feita pra dança coreografada, é uma brincadeira natural, assim, como o boi é também, uma diversão, um momento de entretenimento pra as peças se identificarem também.

Acredito que ainda não tem nem 40% ainda de reconhecimento as nossas brincadeiras culturais que a gente faz aqui, mas, talvez, até através das próprias peças que brincam, o seringandô, hoje, já, estão vendo com outros olhos. Então, nós já estamos mais ou menos colocando essa brincadeira, mais além. Nós estamos com oito anos com essa brincadeira que começou na escola depois a gente colocou no grupo Minhas raízes, antigamente eram só os mais velhos que dançavam o seringador, agora já tem outras peças jovens de 20 anos de idade em frente que estão brincando também, então assim, eles já começaram a ver que isso é uma coisa interessante, para nós e para os outros e embora tenha outros ritmos, outras músicas, outras influências, e tanto nós como os outros achem interessante também, nós não abrimos mão do nosso ritmo, da nossa música, do nosso jeito de brincar. Então, estão conseguindo separar isso, conseguindo enxergar, que até então o pessoal não estava nem ligando, era uma vez ou outra que se interessavam.

Na escola, tanto nós como outros que estão vindo trabalhar aqui na comunidade estamos agora mais do que nunca fortalecendo as atividades culturais, nós fundamos uma estrutura justamente para isso, para poder mostrar, criar um ambiente para fortalecer todas essas manifestações que tem na comunidade, tanto dentro da música, como na dança. Cada um com suas músicas próprias, de identidade, como as danças também, dentro da comunidade, o teatro regional, também que é uma coisa totalmente desconhecida, ainda não mostramos nem uma vez fora daqui, aliás teve uma vez que os meninos montaram, eles mesmo montaram na cidade o grupo cidadeiros.

Cidadeiros são os meninos que saem do interior, que saíram daqui e foram para a cidade, então eles mesmo que formaram o grupo deram essa denominação de cidadeiros. Eles formaram um espetáculo mostrando a vida real desde quando eles saem daqui, quando eles tem influência, lá na cidade. Na realidade foi uma comédia, eles tem feito as suas brincadeiras, lá, de forma que foi interessante demais o

espetáculo deles lá, só que aí não foi a frente porque, alguns desistiram, na época tinha o apoio do pessoal aqui do Eco Madeira também, quando o Tino estava. O Tino é uma pessoa que começou a fazer alguns trabalhos com projetos aqui e se tornou amigo nosso. Depois que o Tino saiu desse projeto Eco Madeira não tivemos mais apoio logístico, aí não foi a frente, mas era bem interessante.

Então, hoje, o Instituto Minhas raízes, vem para poder trabalhar essa valorização, mas a gente enquanto família, a gente fica feliz, porque sabe que está tendo uma resposta, as crianças, os jovens, os meninos aqui da própria família, os meu filhos, todos eles já tem visto bem em mente a importância da nossa cultura, assim, é claro que eles ouvem as suas músicas, esse ritmo que tá vindo agora, o arrocha! Eles curtem o arrocha e tal, mas na hora de fazer a brincadeira com o povo, então eles buscam a nossa cultura, eles fazem música de boi, toadas. Eles fazem as suas músicas regionais, tem as músicas tops, mas na hora de dançar o carimbó, de fazer o teatro, eles buscam o lado regional, eles já estão partindo pra esse lado, assim, então é muito legal.

Eu acredito que consegui entender o valor cultural do que fazemos porque aprendi com meu pai que observava tudo isso. Eu consegui entender a tempo isso, ainda bem, porque as pessoas que faziam essas brincadeiras com naturalidade, não tinham essa observação que o pai tinha, de enxergar a coisa pelo valor cultural. Eu me lembro que ele estava, já meio doente, quando eu perguntei pra ele: - Pai, por que as pessoas deixam morrer tão fácil as coisas assim? Que nem o seu Venâncio, ele que fundou o boi aqui, a brincadeira do boi, ele ficou desanimado e passou uns dois anos aqui sem brincar, assim, aí o pai falou: “Porque não sabem o valor que tem isso. Eles não conseguem enxergar o lado artístico, o lado de animação, eles se deixam levar muito fácil por outros eventos de fora.” Aí até me lembro que ele falou, assim: “Olha, observa, que quando a televisão chegou e botou um monte de coisas...” Aí ele começou a falar das mudanças... Me lembro que a festa de São Pedro que era nos barquinhos, todo mundo... Cara! Uma semana antes o pessoal já todo mundo organizando suas rabetinhas, e ajeitando e preparando e tal, hoje em dia: “Ah! Vou nada e tal.” Ninguém, está nem aí pra nada, entendeu, então, assim, meu pai conseguia enxergar esse valor cultural que tinha de identidade.

Eu consegui entender a tempo, e a gente consegue fazer essa análise do que mudou, do quê que está levando essas pessoas se distanciarem, e trabalhar em cima de um método que não fuja do original, claro, que, às vezes, a gente é obrigado que

nem já falei, a criar possibilidades para que as pessoas não vá, então assim, quando eu vejo o negócio fugindo, crio uma coisa mesmo fora do comum para poder não deixar escapar sabe, só que é algo que não faz a gente perder o sentido do original. Mas, às vezes, a gente é obrigado a fazer uma coisa do tipo, pra continuar, sabe? Senão morre, que nem a própria brincadeira do boi mesmo.

O boi ficou dois anos sem se apresentar, porque tinha muitas pessoas, já de certa idade que brincavam, aí depois que chegou a televisão, veio a novela, é isso, aquilo, eles literalmente abandonaram, poxa vida, aí eu consegui, naquela época ver que estava surgindo um novo grupo, eu consegui entender que as crianças, elas são mais responsáveis para essas coisas, porque está na alma delas a brincadeira, a diversão e tal, e eu consegui entender:- Poxa, eu vou fazer, eu vou criar, vou mudar o nome desse boi, vou colocar “Boi Curumim”, até pedi autorização do seu Venâncio - Posso continuar o boi? E posso colocar um nome nele? E ele disse: “Pode continuar.” Até o convidei uma vez, ele até brincou.

O boi passou a ser assumido por mim. Pensei:- Então vou colocar nome de “Boi Curumim” que é o boi da meninada. Fui convocando as crianças, começando de novo, colocando personagens e tal, até tem personagens próprios, tem aqui a padroeira que é um personagem próprio, o rezador, alguns personagens que a gente vai colocando da nossa região, e chegou a um ponto que as crianças agora, elas que já convidam, eu que sou puxado por elas, antes dos ensaios eles já estão perguntando: “Quando é que vai começar?” E tal e tal, já faz essa mobilização, tem hora que a gente tem que começar a inventar algumas coisas que é pra não deixar fugir as nossas brincadeiras.

Bom, é interessante mostrar também o valor que tem essas nossas manifestações culturais para fora, assim, as outras comunidades, até isso foi muito legal, porque, essa festa folclórica de São Pedro, uns dois anos atrás, até as próprias pessoas da comunidade não conseguiam diferenciar, qual que é a festa religiosa, qual que é a cultural e qual é a política, por exemplo, aqui a festa da melancia, é a festa maior que tem hoje, só que é uma festa política, é uma festa de produtores e tal, tem envolvimento de outras coisas que é um produto diferente, o Festejo de São Pedro antes era junto com o festival folclórico, mas agora é separado, tem os dias só da festa religiosa com as ladainhas e os leilões e festival cultural com as apresentações culturais, as músicas e danças e o Festejo de São Sebastião que também é festa religiosa, elas tem umas diferenças de umas pra outra, é claro que

tem umas que tem as mesmas coisas, como forró, mas o pessoal já estão começando a entender isso, e é legal, porque a partir desse momento de que nós temos essa mostra de manifestações e tal.

As outras comunidades que participaram de nossas festas culturais, por exemplo, São Carlos, Papagaios que já estiveram presentes com quadrilhas aqui apresentando, e tal, eles conseguem entender, e querer fazer uma coisa desse tipo também nas suas localidades, assim, como o grupo “Minhas Raízes” tem se tornado uma referência para as outras comunidades. Pelo menos antes da inundação em 2014, antes de ser destruída, São Carlos, tinha um grupo que estava tentando criar uma rádio comunitária própria, desse tipo feito por jovens, eles também já tinham o sarau deles que eles organizam, lá também, pra mostrar a cultura deles, entendeu, agora não sei como está, mas eu dei essa comunidade como exemplo, para mostrar como que as pessoas das outras comunidades vão tendo contato com esse trabalho que nós fizemos aqui e já estavam levando isso pra outras comunidades mostrando que é interessante, essas coisas.

É preciso ter algum tipo de trabalho para poder desenvolver dentro da comunidade para os jovens, as crianças e os adolescentes não se envolverem com coisas que possam lhes prejudicar, como o caso das drogas. Isso é uma coisa que a gente se preocupa muito aqui, eu pelo menos, me preocupo com o lance das drogas, porque já está em todo canto, mas se a gente ter algumas atividades, fazer algum trabalho para pelo menos tentar associar as pessoas de alguma maneira, podemos fazer com que os jovens se envolvam com a valorização cultural e isso é um trabalho interessantíssimo que o Instituto Minhas Raízes procura fazer aqui em Nazaré.

Tem uma experiência, assim, que eu presenciei, foi em 2010. Tinha um grupo de rapazes, que o pessoal falava que eles se drogavam, parece que um já era até foragido, era uma base de quatro irmãos, e aí eu me lembro que quando a gente ia ensaiar o boi eles se excluía, sabe? Eles ficavam sempre separados do pessoal, e foi uma das piores fases que o boi passou, porque não tinha os velhos que faziam os personagens principais, como o pai Francisco, a Catirina, o Cazumbar, o Lalá, não tinha pessoas quase, estava, assim, de baixa, aí eu lembro que eu estava, assim, olhando de cima do palco enquanto a gente estava ensaiando e eles ficavam sempre num cantinho, assim, da arena, e o pessoal ali e tal, e eles toda noite eles estavam lá no ensaio, aí eu tive a ideia de convidá-los pra ver se eles não queriam fazer parte

dos personagens que estavam faltando e tal e tal, dois deles toparam na hora, sabe aquela animação, aquele negócio, e ele foi lá e a gente passou como era que era pra fazer, a menina fez o figurino, deles e num demora estavam todos eles dentro da brincadeira, entendeu, então, assim, aquilo para mim, foi um negócio muito louco, porque, a gente estava precisando e eles também estavam precisando, eu acho, entendeu, eles deixaram de se excluir, demora eles estavam tudo brincando no meio do pessoal, já interagindo com todo mundo, sabe, então, assim, na prática a gente vê que esse trabalho é um trabalho muito importante para gente, porque, a gente acaba mostrando que além de nós ter o nosso valor cultural, aqui tem pessoas que aderem, acabam também proporcionando, valorizando também, o que a gente faz.

Às vezes, nós somos muito criticados, assim, por alguns que falam: “Ah, querem se mostrar.” Até, o primeiro secretário de cultura, o Chicão, quando não conhecia nosso trabalho não entendeu que estávamos nos propondo, mas depois ele tirou as dúvidas que ele tinha sobre nosso trabalho, porque ele mesmo veio aqui, viu a nossa rotina, viu como que é o negócio. O Chicão está aqui hoje, inclusive está no meio da brincadeira também, quando ele era secretário de cultura ele inicialmente fez algumas críticas ao nosso trabalho, talvez, por influência de outras pessoas, sei lá, ele já chegou com uma idéia formada sobre nós, mas depois que foi aos poucos conhecendo o trabalho do Instituto Minhas Raízes foi se tornando nosso aliado, inclusive agora que ele não está mais no cargo de secretário da cultura e está sendo o atual diretor da escola estadual daqui está envolvido nas atividades culturais conosco.

Apesar de algumas vezes as pessoas não entenderem como fazemos nosso trabalho, com todas as dificuldades, a gente se mantém firme. Eu procuro não me importar com a falta de compreensão, até mesmo, porque se eu quisesse ficar rico, não era em Nazaré que eu estava, apenas estou fazendo uma coisa que eu gosto e que eu vou deixar de fazer só se eu ficar doente. Eu vou morrer fazendo isso, porque, eu gosto de fazer isso, enquanto tiver gente para brincar para cantar... A gente vai continuar fazendo isso, está no meu sangue eu não posso fugir.

Falando, assim, da minha infância, eu acredito que a maior parte das coisas que eu fazia que é uma coisa em comum de nós beradeiros, ribeirinhos, que a gente fazia muito, que não existe mais hoje, dificilmente se ver, que é aquelas brincadeiras de roda que a gente cantava a música da ciranda; de escorregar na beira do rio; de pular n'água. Todas essas brincadeiras são comum pra nós beradeiros. Falando,

assim, particularmente, mesmo, pro nosso lado de família, formou-se um lado muito religioso, a gente participava muito disso, talvez, por causa do pai, ele sempre estava envolvido com as atividades religiosas... Então, a gente acabava se influenciando mais para o lado religioso, tinha o grupo de jovens, até na igreja mesmo em eventos, a gente sei lá, de alguma maneira se envolveu mais pra esse lado, assim, a nossa família, mas tinha as outras coisas, as outras atividades que a gente fazia em comum com as outras crianças, com os jovens, como no caso as brincadeiras.

Na nossa infância tinha as procissões que a gente acompanhava com nossos pais, mas tinha outras coisas que era de criança mesmo, sei lá, me lembro que a gente saía, para passarinho. A gente fazia aqueles mutirões de criança com baladeira, a gente levava sal, farinha, para assar os passarinhos, eu fico é rindo me lembrando disso, a gente fazia tipo excursão, assim, pra ir pescar, fazia grupinho de crianças com canichinho ali no Culhereiro, nessa época a gente morava lá pra frente, a gente ia lá pra trás naquele igarapé, quando não a gente achava aquelas lagoazinhas fechadas, que tinha traíra, jeju, aí a gente fazia... Quando criança a gente fazia algumas coisas desse tipo, que eram corriqueiras da época. Essas eram as brincadeiras dos meninos, já das meninas era, a brincadeira de casinha, claro que a gente brincava, às vezes, também de casinha. Essas latinhas a gente juntava, fazia joguinho de lata, pra brincar, a gente fazia muito isso também...

Eu tenho outras lembranças da infância, mas não estou conseguindo me lembrar agora. Tem uma coisa assim... Talvez, não seja a mais especial, mas pra mim foi essencial, assim, em que, sempre quando eu vou ler um livro eu me lembro, disso, o pai ele me incentivou a ler... Eu sou ligado, apaixonado em cordel e até estou criando tipo uma coleção em cordel, para falar as nossas lendas e tal, tudo em cordel, até escrevi um livro já, um deles para leitura infantil. Eu me lembro que o pai trazia cordel para casa, e no cordel na parte de trás do livrinho tinha a relação de todos eles da coleção, toda mesmo, assim, e eram centenas de cordéis, toda viagem que ele ia receber o salário dele, ele trazia aquele monte.

Eu me lembro que eu tinha um monte de cordel, assim, quando não gibis, mas eu gostava mesmo era de cordéis, então, até hoje, quando eu vou fazer uma leitura, a primeira coisa que eu me lembro é daqueles livros, e isso influenciou acredito até o meu gosto, porque, todos os textos que eu faço para teatro ou livrinhos, tudo que eu faço, assim, tem aquela coisa de rima. Eu rimo muito fácil nas músicas também, acredito que tudo foi influência de leituras de cordel. Então, assim,

é uma coisa que eu me lembro que foi ótimo para mim. Acredito que o gosto pelas letras, foi isso também, gostava muito. Engraçado, que o pai era muito religioso e ele não me influenciou a de repente ler só leituras bíblicas, ele poderia trazer livros bíblicos, e tinha muitos na época que os seminaristas ficavam na nossa casa, porque teve uma época que os seminaristas que eram daqui da comunidade quando vinham de férias ficavam aqui em casa e eles traziam muitos livros bíblicos... Mas, o pai me deixou bem à vontade para que eu tomasse gosto pela leitura de cordel.

Tem algumas lembranças, que, por exemplo, que era da nossa rotina no passado, como a grande enchente na década de 80, se eu não me engano. Eu me lembro que era um sufoco, era um desespero das famílias e tal em relação às enchentes, porque era perigoso, eram animais que apareciam, jacaré, cobra... Eu me lembro... Essa já é uma lembrança triste que eu já não gosto de lembrar, que eu ia morrendo afogado já em frente ao banco escolar. O pai fez um banco escolar. Na época eu me afoguei, caí da canoa, me afoguei bem na frente assim, então, as enchentes grandes não trouxeram uma lembrança legal pra gente, mas, assim mesmo, a gente se divertia.

O banco escolar foi criado pelo meu pai na época, não sei se foi em 1980 quando teve a última enchente grande, assim, teve uma enchente que matou as plantações do pessoal, aí pessoal começou a sair fora. É interessante essa história. O pessoal começou a ir embora, aí o pai na época era funcionário federal, ele ganhava bem, me lembro que ele ficou triste, vendo as pessoas conhecidas, parentes, e tal, começarem a sair, então, falou: “Poxa eu preciso fazer alguma coisa.” Foi quando ele teve a ideia de fazer o banco escolar. Até hoje eu converso com o Túlio a respeito disso, então, foi uma coisa provisória, justamente, uma coisa pra aquele momento, então ele pegou um dinheiro, uma boa parte do dinheiro dele, investiu no banco, comprou perfumes, lembro que tinha um grupo de seminaristas que cuidavam, cada um de uma coisa, mantimentos, alimentação, roupas. Ele empregava lá e vendia, a pessoa podia fazer um empréstimo para plantar e começar tudo de novo, porque a enchente matou muitas plantações que morrem com muita água como a banana. Essas plantas que morrem com muita água, morreram tudo. O pessoal começou a se desgostar, aí deu certo que um bocado deles, claro que um bocado foram, mas a maior parte deles começaram a fazer o empréstimo e começaram tudo de novo, a plantar, a depositar o dinheiro e tal, o pai fazia muito bem organizado. “Guri” era o nome da moeda que meu pai criou na época do banco

para investir na recuperação das plantações que morreram na enchente que se eu não me engano foi na década de 80. A moeda própria.

Eu tinha uma faixa de dez a doze anos, não entendia muito bem, sobre isso não, mas eu sei que era muito bem organizado. Tinha uma porcentagem de juro lá, a pessoa podia depositar, podia emprestar, eu sei que ele fazia um negocio muito interessante, ele investia, gerava uma renda, fazia de alguma maneira esse dinheiro multiplicar, para poder aumentar, e dava certo. Me lembro que o pessoal não precisava de pouca grana não, mas eu não conseguia entender, porque, eu era criança na época, mas hoje pensando, assim, nas coisas que aconteciam, vejo que foi uma coisa muito bem organizada. Eu contei uma vez para um pessoal de São Paulo, que vieram aqui na comunidade e eles falaram até que o pai foi visionário.

Depois que eu contei a história do banco escolar para o pessoal de São Paulo que esteve por aqui e que disseram que o pai tinha sido visionário, eu comecei a entender. Eu não sei bem, mas me lembro que eles usavam um, por exemplo, uma cabecinha do guri, parece, não sei exatamente. Eu não sei como é que funcionava, isso, eu sei que tinha uma identidade, eu não sei se funcionava só com uma identidade, não sei se eles pegavam a moeda ou se eles pegavam dinheiro comum mesmo, eu não sei, eu vou procurar saber porque a gente vai fazer um museu, eu vou até atrás, tem gente que tem ainda dessa moeda “Guri” o seu Artemis, ali, quando o pai saiu de Nazaré, quando nós fomos para Itapuã, o seu Artemis ficou e o pai passou para ele ficar responsável, ele sabe como é que funcionava isso direitinho. É! Ele com certeza explica melhor... Tem também outras pessoas que sabem disso, acho que a dona Dora, mãe da Leita, minha esposa, deve saber como é que funcionava isso. O que eu me lembro é que o papai também fazia, assim, às vezes, a pessoa não tinha o dinheiro, mas ela trazia um saco de farinha, e meu já depositava o valor para a pessoa, entendeu? Hoje falam de economia solidária, e o pessoal aqui já fazia isso aqui.

É, uma coisa de louco! Porque funcionava tudo certinho. Tudo, porque, o pai planejava muito bem tudo o que ele fazia. Eu me lembro que esse Raimundo, aqui, ele está até doente, o filho da dona Dora, ele era uma das pessoas de confiança do pai, assim, trabalhava até um desses meninos, assim, um ficava só com as roupas, com o perfume, outro ficava só com a mercearia, e outro ficava só com outra coisa também. Parece que vendiam... Não me lembro, mas eu sei que tinha três ou quatro quartinho, assim, e tinha um que mexia só com a papelada do dinheiro. Eram quatro

jovens, se eu não me engano, mas era tudo bem organizadinho, tudo, os juro, tudo certinho, tudo funcionou, aí depois quando o menino falou “Ele era um visionário” e tal, a gente conversando sobre isso, aí depois eu fui me tocar - Rapaz! Ele fez um negócio que era provisório só pra resolver aquele problema do êxodo que estava acontecendo. Esse foi o momento de crise. Depois que realmente passou a crise foi quando ele achou a necessidade da gente estudar, porque não tinha mais estudo pra nós, só tinha até o 4º ano, aí a gente foi para outro lugar. Foi quando começou a parar mais as enchentes, e tal.

Depois de ter passado tanto tempo e a comunidade ter melhorado muito o pesadelo voltou e tirou nossa alegria. Em 2014 o pesadelo voltou a ser uma realidade, ainda pior de como foi antes. Essas enchentes para mim tem uma memória ruim mesmo, negativas, que eram tidas como coisas do passado mesmo, mas não imaginava, que viesse a ter outra cheia grandiosa! Talvez, pra mim não teve um impacto tão grande como teve para as outras pessoas, mas mesmo assim, a gente sofreu muito com isso, porque a gente vê parente, a gente vê amigo da gente, perdendo tudo e numa situação até de depressão dos mais idosos e uma coisa, assim, que a gente já tinha esquecido e derrepente apareceu do nada e muito rápido e que sei lá veio átona como um monstro...

Entre a grande cheia que tivemos no passado e a grande inundação que tivemos em 2014 há muita diferença. Apesar de que na década de 80 ela tenha sido uma enchente grande... Eu lembro que meu pai ele fez uma casa bem alta, assim, com o assoalho bem alto mesmo. Nossa e não chegou assim a alagar, mas chegou perto, que inclusive, se eu não me engano foi a única casa que ficou lá, mas ela foi muito diferente, por que? Porque o pessoal, conforme enchia o pessoal tinha tempo de colocar as marombas, aquelas travessias de madeira, de mudar, de uns ajudar os outros, e também os bens materiais não eram tanto.

Enfim, esse pessoal estava acostumado com o sistema normal da enchente, que apesar de ser grande, pelo menos não teve esses grandes prejuízos materiais e a comunidade também era menor, não tinham a estrutura que tinha até antes dessa destruição. A gente vê que Nazaré foi uma comunidade bem organizadinha, até a enchente, toda na calçada, bonitinha, iluminação, antes na última enchente antes dessa que teve em 2014, não tinha calçada, na época, tinha uns caminhos. As pessoas se estruturaram para ter uma condição de vida melhor e isso foi tudo por águas abaixo. Naquele tempo eu me lembro que a comunidade estava se estruturando

ainda, algumas coisas ainda estavam chegando, por exemplo, a energia, estava chegando, a televisão nem existia, então, assim, dessa vez a cheia causou um prejuízo maior, porque o pessoal, naquela época, eles estavam, preparados para uma coisa natural, e agora não foi uma coisa natural.

Antes as casas que não eram alagadas recebiam os parentes e conhecidos, um ajudava o outro, tudo se resolvia entre a comunidade mesmo, e dessa vez não tinha como ninguém ajudar ninguém, porque todo mundo tinha sido afetado, estava todo mundo tentando salvar alguma coisa, não teve como um ajudar o outro.

Dessa vez foi tudo diferente! A escola estadual é enorme, tinha condições de ficar muita gente nessa escola, mas, a pausada no igarapé impediu o deslocamento, antes não tinha isso, cara, na enchente, essa pausada veio desde de lá do lago, passou até depois da usina e não tinha como se locomover, então, as pessoas queriam ir pra lá, mas como iam carregar suas coisas se ali também no igarapé Correnteza estava um lago enorme? A dificuldade que tinha para ir até a terra firme, impediu muitas famílias irem pra lá. Boa Vitória que era outra comunidade estava cheia de gente e muitos quiseram vim pra cá pra escola do estado e não puderam.

Tudo foi transformado tudo mesmo. Não ficavam essas pausadas nesses igarapés e lagos, agora você vai dizer que a Usina não teve impacto? Que não teve impacto da Usina hidrelétrica? Então tudo modificou se fosse falar tudo o que mudou após essa inundação ia ser uma relação enorme de coisas que a gente não consegue se lembrar. Então, assim, não é normal o que aconteceu em 2014. Naquele tempo quando teve a outra grande enchente a comunidade era realmente pequena e até mesmo a questão de solidariedade era bem maior que antigamente, não tinha esse papel de administrador, de presidente da associação, era o pessoal mesmo que se ajudavam entre si, e eles tinham essa coisa que era diferenciado de hoje. Não tinha aquela coisa de cada grupo por si, ou cada pessoa para si, então era, uns ajudando os outros, mas dessa vez não teve quem escapou...

Eu fico vendo as coisas que aprendi a dar valor junto com o pai. Pra ver, eu fico pensando, tem uma tradição que eu continuo até hoje, que é o momento cívico, que é uma das coisas, assim, que Nazaré é destaque até hoje, por preservar essa coisa. Sempre quando a gente vai fazer essa atividade cívica, eu acho interessante, porque, o pai, ele não levava pra esse lado de nação, ele tinha sim um jeito de ser cívico... Por que muita gente fala em valor cívico, fala logo em descobrimento do Brasil, falam logo em muitas histórias de heroísmos, claro teve muitas coisas que

marcaram, todo esse amor que nós temos, teve muita gente que morreu por isso, mas nós temos nosso valor cívico aqui também, os nossos personagens, a nossa forma de educação, então, assim, sempre, quando a gente, eu, particularmente, eu consegui entender também isso, que eu estava falando antes, era exatamente o que o pai falava, por que esse valor cívico da própria comunidade também, porque é nós que moramos aqui, se a nossa educação não funcionar é nós que vamos sofrer, então até hoje quando eu faço um trabalho desse tipo eu sinto que estou fazendo minha parte para manter a valorização cultural das atividades que eram feitas no tempo do meu pai.

Nós temos a alvorada no 7 de setembro, que a gente nunca falha, não deixa de fazer de jeito nenhum. Nós chamamos alvorada, porque é uma coisa feita muito cedo e é feita com algum tipo de instrumento, no nosso caso da alvorada de 07 de Setembro, fazemos com a fanfarra, que é o despertar para aquele momento importante na comunidade. Então naquele dia todo mundo já acorda cedo, porque sabem que nós vamos passar em todas as casas. E a gente, as crianças, os pais, tal, eles até hoje ainda contribuem, com a participação, de alguma maneira, é porque eles conseguiram também entender que isso tem um valor, tem um valor muito grande, não só pelos heróis da pátria, mas também, principalmente, porque, somos os personagens da comunidade.

Eu estava me lembrando que antigamente quando as coisas eram muito mais precárias os desfiles eram uma coisa belíssima, sabe, assim, muito padrão mesmo, assim, eu lembro quando o pai fazia reuniões, fazia mutirões, fazia bingos ou leilões, ou alguma coisa para arrecadação, a comunidade participava em massa, e era, assim, os pelotões de destaque eram muitos chiques mesmo, muito bonito mesmo, sabe, assim, isso é uma coisa que nós regredimos hoje, apesar da participação que nós temos grande, mas, hoje, eu acredito que devido ao assistencialismo, esse egoísmo também fez as pessoas se acomodarem um pouco. Antes de chegar a televisão eu me lembro que os mutirões eram muito maiores, tinha participação total. Agora não, agora vai falar assim: - Vamos fazer um bingo para comprar os shorts para as meninas do pelotão. Não sai, esperam da secretaria ou o diretor que se vire, isso foi uma coisa que regrediu, mas eu acredito que é muita influência de fora...

Para eu falar da minha personalidade mesmo, eu tenho que falar uma coisa, que eu não gosto muito nem de comentar, que é a forma como fui educado pelo meu

pai. Eu acredito que a educação que eu tive foi rígida, a criação que o pai deu não só pra mim, mas pra todos os outros irmãos foi rígida. Até hoje, quando a gente senta e começa a conversar, a gente começa a lembrar de coisas, assim, que eram necessárias para gente... Tipo, às vezes, a tinha correções fortíssimas do pai, tipo mesmo na fala mesmo, tinha coisas que ele falava que eram fortes, depois, às vezes, a gente começa a se lembrar que eram necessárias, e reconhecemos que valeu a pena para a vida da gente, até mesmo porque ele tinha uma atitude dura com a gente e logo em seguida ele fazia outra coisa, que já, incentivava a gente. Então assim, a forma que fomos educados pelo nosso pai é uma coisa que foi marcante na nossa infância, particularmente, para mim, porque todos os valores que eu tenho hoje não foi ninguém que me passou não, foi ele mesmo.

Todos os valores eu aprendi foi com o meu pai e os defendo para serem mantidos. Na própria escola eu me lembro que uma vez eu discuti com uma professora, discuti feio, por causa disso, porque me chocou sabe... Eu já não aguentava mais ficar calado, ela era até adventista, a professora, ela falou assim “Por que tu vai nessa porcaria de desfile, se isso não representa nada”, não sei o que e tal, eu fiquei muito mais magoado, porque eu sempre que estava mais a frente dessa atividade. Ela é pedagoga, aí eu lembro que eu falei mesmo assim pra ela: - óh, professora, antes de você falar alguma coisa, você tem que procurar saber qual o valor que tem isso para cada pessoa... Se você não tem esse valor como é que você vai passar isso para os seus alunos. Ela ficou assim sem jeito:- Ah, não sei o que. Falou umas besteiras lá, ela tinha chegado aqui acho que fazia uns cinco anos só que ela estava aqui, falei assim: - Acho que você estudou e como educadora jamais pode passar isso para os alunos... Independente de você ter a sua religião ou não, acho que você está enganada... Me desculpe, mas isso tem um valor sim. Aí comecei a falar um monte de besteira pra ela sabe... Eu acredito que a maioria dos educadores hoje eles perderam os valores e quando perde os valores não tem mais respeito, não respeitam mais a identidade. Estão nem aí mais, principalmente, no interior quando chegam professores de fora, eles acham que sabem tudo, que podem passar por cima de tudo, que aquela vida da comunidade, sei lá, chamam até sem cultura, às vezes, acabam até excluindo mesmo.

Tem muita coisa, que aqui na própria escola, tá aí um exemplo, bem próprio, tem coisas que aconteciam que não acontecem mais hoje, por quê? Porque é um que é evangélico, outro que não vê mais importância, nisso e naquilo, por exemplo, o dia

do índio, eu me lembro que era lembrado na escola. O pai fazia várias coisas, eram cartazes, era comemoração, era umas coisas, assim, hoje em dia na escola municipal que tem o nome do meu pai “Escola Municipal Manuel Nunes Maciel, as datas de comemorações importantes ninguém mais está nem aí, sabe, então, assim, são coisas que mudaram, e esses valores eu acredito que onde eu estiver eu vou praticar. Eu trabalhava na escola do município e antes de sair do Município para passar para a escola do Estado eu já até conversei com o pessoal da secretaria de educação - Olha, nós queremos um teatro regional aqui dentro funcionando. Eu já fiz um pequeno projeto de como funciona isso, no mais educação, e a gente vai querer algumas coisas da nossa localidade aqui dentro e eles tão apoiando, vamos ver até onde vai isso, então assim, porque eu acho que acima de tudo, além de todo conhecimento que tem, das faculdades, de tudo, poxa, a gente tem nossa vida particular, a gente tem nosso conhecimento...

As atividades específicas na escola do Estado ainda não estão funcionando, por que elas vão ser realizadas por meio do projeto mais educação, mas a escola só pode ter esse projeto após os três anos e agora neste ano de 2015 que ela vai completar. Ainda, assim, estamos fazendo algumas coisas. Realizamos a 1ª Feira gastronômica. Foi um evento cultural muito bonito, eu quase chorei de alegria ao ver gente de outras comunidades dançando o seringadôr, como era jovens eu fiquei pensando que eles iam ficar com vergonha de dançar, mas quando a Leita, minha esposa, fez o convite todo mundo queria, chega o espaço foi pequeno pra dançar o seringadôr. Na feira também teve a apresentação da dança do carimbo, teve um grupo grande de carimbo e a questão mais importante que não foi só com o pessoal que já conhecia foi com pessoal das outras comunidades.

Eu acho importante quando vem professores trabalhar nas escolas daqui ou mesmo pesquisadores fazer algum trabalho aqui, desde que considere o valor da nossa cultura. Quando eu participei de uma mesa redonda lá na Universidade Federal de Rondônia, eu falei sobre isso, poxa, é muito estudo é muita formação é muita coisa, mas de que maneira que a universidade vai contribuir com isso, de que maneira? Qual a parceria que ela vai dar a comunidade pra desenvolver um trabalho de reconhecimento cultural, porque eu prezo muito, por isso, sabe, bastante mesmo, e eu sou capaz de discutir com qualquer um por causa disso, assim, e já discuti várias vezes. O pessoal das hidrelétricas, quantas vezes a gente já deu uma regaçada, assim, por causa disso, sabe, e a gente vem perdendo, então, assim, a maior coisa

que eu prezo hoje, assim, na minha vida, quando se fala, em família, em pessoal mesmo, é essa educação que eu tive do meu pai sabe, da minha mãe também, mas meu pai era mais preocupado em ensinar o valor das atividades culturais, sempre ele estava ali e até o final sempre estive mais perto dele do que os meus outros irmãos.

A minha mãe já era mais caladona, meu pai chamava ela de Pirahã. A minha, mãe, ela não era muito ativa assim para a dança, pra essa coisa cultural que a gente é envolvido, era mais caseira mesmo, aquela coisa mais afetiva, assim, de filho e mãe, era muito, assim, apoiava sempre, claro. Ela tinha mais cuidado pessoal com a gente, o pai já não tinha esse cuidado, assim, tipo, ir para as festas que a gente tocava para nos esperar. Eu me lembro que a gente tinha a banda, chamada, “Filhos de Nazaré”, era os cinco irmãos, todos nós tocávamos na banda e eu me lembro que ela passava a madrugada todinha ali sentada esperando a gente e o pai não ia não, isso, ele, já, dificilmente, fazia. Ela já era mais aquela coisa de vigiar a gente, sabe... Nesse tempo que a gente tinha a banda, nossa! Nós tocamos aqui em Nazaré, nós tocamos em São Carlos, nós tocamos várias vezes também, mais o tempo que fomos morar em Itapuã, eu aprendi a tocar bateria, a Tânia tocava guitarra e cantava, e o Taiguara tocava baixo, o Teimar teclado e o Túlio também tocava teclado.

Passamos seis a sete anos lá para Itapuã. Eu não lembro o ano que a gente saiu de Itapoã, óh, sinceramente, eu não me lembro, o ano, e exatamente a data, eu sou péssimo de data, mas eu me lembro que nós estudamos só até o 1º ano do segundo grau lá, porque o ensino médio estava, assim, querendo começar, ainda, foi quando nós viemos para Porto Velho, eu terminei o ensino médio aí os meninos ficaram lá e eu vim embora pra cá com ele.

O pai, voltou bem antes de mim para Nazaré, ele não aguentou ficar em Itapuã, por que foi na era paulista, é ruim que eu não me lembro de data, mas teve a era paulista, que foi no tempo do governo de Jerônimo Santana, aquela época que teve uma reviravolta na comunidade, o pai falava que foi a maior intervenção negativa que teve na comunidade, foi essa que teve da era Jerônimo Santana aqui, assim, do ponto de vista social, já econômico foi o melhor, assim, o pessoal que fala, ele que fez escolas, trouxe posto de saúde, a energia começou, e começou chegar televisão na comunidade. Do ponto de vista econômico foi bom, agora do ponto de vista social meu pai contava que ruim, talvez, foi por causa disso que ele voltou, ele não aguentou ficar muito tempo em Itapuã, ele veio embora, porque ele veio uma vez de passeio, antes dele voltar definitivamente, ele veio de passeio, a escola, a

igreja Nossa Senhora de Nazaré que é a matriz, ele falou que ela virou essa coisas de estender roupas dentro. Virou depósito, não funcionava mais, não tinha mais nada, definitivamente, acabou tudo, a biblioteca, tudo... Tudo. Aí o pessoal da comunidade mesmo fez um abaixo assinado para trazer o pai de volta, eles queriam trazer ele de volta, fizeram um abaixo assinado apertaram o administrador e ele procurou o pai, aí contou a situação como é que estava e tal, foi dessa vez, que o pai veio dá uma olhada e voltou chocado, óh.

O pai gostava demais daqui, tanto é que, quando o pessoal fez o apelo, ele veio embora, ele veio na frente, aí começou tudo de novo, cara! Eu me lembro que ele formou um grupo de jovens e tinha uma biblioteca lá na frente. Eu estou fazendo o registro desses lugares, eu estou pegando as fotos, por exemplo, eu peguei a foto do banco escolar e estava gravando na madeira. Eu estou pegando essas fotos antigas, pirografando nas plaquetinhas, tem foto do tempo dessa biblioteca que ele fez com os meninos. Nós estamos querendo com esse trabalho fazer um museuzinho, a gente está querendo fazer um memorial, sabe...

Quando o pai retomou os trabalhos aqui na comunidade, os jovens tinham os seus canaviais, o pai fez um meio sustentável de vida, eles criavam galinhas de monte mesmo, tinha muitos ovos, essa era a sustentabilidade... Era uma coisa de louco, assim, logo quando ele chegou já começou essas atividades de novo. Não sei quanto tempo ficamos fora daqui... Por que, assim, óh, quando nós saímos daqui para Itapuã, os meninos não voltaram mais, só quem voltou foi eu com o pai, todos eles ficaram, morando em Porto Velho, a gente se reunia uma vez ou outra para tocar quando a gente tinha a banda, sempre a gente estava tocando nos Festejos.

Eu fiquei acho que uns dez anos fora de Nazaré, depois que terminei o ensino médio eu vim embora morar com o pai. Eu acho que o pai ficou uns seis a sete anos, mais ou menos, fora da comunidade, porque, eu me lembro que logo quando eu terminei o fundamental logo em seguida ele veio embora para Nazaré. O pai estava com a gente em Itapuã, uns três anos, eu saí de lá com o 4º ano, aí eu fiz o 5º no seminário... Nós passamos uns três anos foi... O pai não aguentava ficar muito tempo fora de Nazaré, não, ixe, ele não aguentava, não. Ele sempre foi louco por aqui, ixe, quantas vezes, depois que a gente estava em porto velho, a mãe discutiu com ele por causa disso...

Olha acima de tudo eu me assumo como um beradeiro, uma pessoa que tem os nossos costumes, que tem a nossa identidade, a nossa vida que eu não troco

jamais, por qualquer outra, mas a gente entende que veio de descendentes indígenas, o pai sempre falava isso, ele colocava sempre essa ideia de valor, de que, independente da formação que eu consiga, um dia ter ou não, a gente tem acima de tudo esse valor, que a gente trouxe da nossa identidade, saber o que nós somos, o que nós representamos, acima de tudo! Então, assim, independente de onde eu esteja da formação que eu vou ter, ou não, o mais importante é a nossa identidade. Eu consigo entender mais claro isso, hoje...

Olha, o pai me falava que ele era Parintintin, não sei se realmente era. Ele falava isso, por que ele conviveu parece que foi dois ou três anos com a tribo, e tinha um que era parente dele, eu não me lembro bem, assim, não, mas ele falou que conviveu, até falava um pouco, o pai falava um pouco de Parintintin. Eu não sei onde está, mas tem um registro que ele fez de algumas expressões, eu não me lembro como era que eles falavam não, era uma coisa que eu tinha, era para eu ter aprendido um pouco isso dele, Ele sempre comentava das danças, as palavras que ele aprendeu, ele falava algumas frases, me lembro quando ele falava do seringadôr mesmo, algumas brincadeiras, assim, ele começava a falar um bocado. Aí ele falava que era a origem dele, que ele vinha dos Parintintin, até chamava a mãe de Pirahã, falava que ela era Pirahã. A referência mais próxima que meu pai tinha era dos Parintintin, porque foi com eles que ele conviveu, mas o bisavô dele materno vem do Pará do território dos Munduruku.

É invocado que até o ritmo do seringadôr mesmo, até hoje quando a gente toca o seringadôr, o pessoal percussionista, profissionais, pessoal que a gente sabe, eles acham estranho, porque é invocado, por ele ter um ritmo misturado, uma mistura de ritual indígena com o ritmo negro do tipo capoeira, essas coisas, é invocado mesmo, é um ritmo estranho, eu me lembro quando o pai começou a ensinar o meu filho Tanisson, o meu filho do meio, o Tanisson errava, ele dizia: “Não é assim não, não é assim não!” Ele era bem rigoroso, ele falava assim: “É assim!” E, ele começava a tocar e falava: “É, assim!” Até ele assimilar, porque é um ritmo esquisito, ele é quebrado, parece, sei lá, é até ruim de acompanhar, aí ele falava: “Era assim que os índios tocavam!” Eu estou sorrindo, porque é engraçado o jeito que ele falava, mas a gente vê que a gente começa a se identificar a partir daí, porque eu gosto tanto de música, a gente vê tanta coisa bonita, quantas manifestações, não tem por aí, assim, instrumentais, a coisa mais linda, né...

Tem inúmeros tipos de instrumentos, de percussão, de sopro, de corda, mas a gente acaba gostando daquele que é nosso, né, que a gente se identifica mais, claro que a gente usa também outros instrumentos pra compor, mas a gente não deixa de tocar aqueles que fazem parte da nossa vida... Ah! Eu gosto, dessa referência indígena, eu gosto mesmo sabe, falo, assim, mesmo de coração mesmo! Porque é a gente, né, não só na música, mas em todos os sentidos de manifestação que a gente faz, e é interessante, porque, nem todo mundo aceita isso, né? Eu repasso para meus filhos a nossa referência indígena, ah! Com certeza, não só para os meus filhos, mas para os meninos do grupo “Minhas Raízes”, todos eles.

Eu acho! Com certeza! Que meus filhos vão assumir as referências indígenas, ainda mais do que eu. Porque eles, eu acho que eles são como é que eu posso dizer, sei lá, de alguma maneira, eles por serem jovens têm uma influência muito maior do que vem de fora e mesmo, assim, eu vejo que eles conseguem passar por cima disso melhor que eu. Por exemplo, eu não gosto muito de tecnologia, não sou muito ligado a um bocado de coisa e eles já são, entendeu, mas nem por conta disso eles deixam de lado a nossa cultura, se eles virem um grupo tocando ali uma música de boi ou de alguma coisa, eles vão lá e tocam lá no meio e tal, entendeu...

Tem uma música que expressa bem esse sentimento de valorização do que somos, o nome dela é “Menino raiz”, porque é como se uma criança tivesse feito essa música falando da importância que ele tem pra ele mesmo, por ser um menino enraizado na cultura dele: “Ser criado no meio da mata, de um belo como uma cascata, menino raiz, menino feliz, tenho a certeza que sou, que sou feliz por inteiro, vence todos os banzeiros, foi tudo que eu sempre quis, mas que tudo que eu sou, eu sou feliz, porque, sou uma jóia preciosa, desse povo cachoeira, desse povo Rio Madeira.” Não sei, eu gosto de relacionar a cachoeira às músicas que fazemos, porque ela não se acabou, está na nossa memória, por isso, que eu sempre coloco povo cachoeira, povo rio Madeira, e tal. A música está sempre na primeira pessoa, porque é uma criança que está cantando a importância dela para si, ela também nunca foi cantada ainda, vamos trabalhar ainda essa música. Ela é bem pequeninha:

“Tenho a certeza que sou, que eu sou feliz por que sou uma jóia preciosa, desse povo cachoeira, desse povo rio madeira, criado no meio da mata, belo como uma cascata, menino raiz, menino feliz, tenho a certeza que eu sou, que eu sou feliz por inteiro, venço todos os banzeiros, foi tudo que eu sempre quis, mas que tudo que

eu sou, eu sou feliz por que sou uma jóia preciosa, desse povo cachoeira, desse povo Rio Madeira.” Bonita ela!

Eu tenho um trecho de uma música que eu fiz, assim, que marcou bastante para mim, foi uma expressão de sentimento na época, até hoje. Essa música surgiu assim, foi fruto, de um grande desabafo, principalmente, também porque é uma música de emoção, ela surgiu a partir da relação mesmo de sentimento, é a música “Sou da beira”, ela fala daquele momento, assim, de muita enganação, muita coisa... Aí, assim, deu uma certa raiva... A música fala: “Sou da beira, eusou, sou filho, eu sou, da mata, do lago, do rio que secou...” A melodia é assim: “Sou da beira eu sou, sou filho eu sou, da mata, do lago, do rio que secou.” Essa é a melodia dela. Acho que essa música tem uma letra que ficou marcada, uma das que eu fiz que eu considero muito, não pelo fato da letra, porque a letra é um muito valor pequeno e tal, mas, assim, pelo momento e pela razão que foi colocado nela.

Vou cantar ela toda: “O sapo na mata se põe a cantar, avisa o canário que foge do lar, é fogo é queimada, um tanto de dor, do gato do mato, da flor que secou, os peixes pulando na beira do rio, surgiu desespero a represa se abriu, da beira eu sou, sou filho eu sou, da mata, do lago, do rio que secou (Bis) Da beira eu sou, sou filho eu sou, da mata, do lago, do rio que secou.”

Tem uma música que nós fizemos em 2012, pra rio + 20. Nossas letras são expressões muito simples... A gente não se preocupa em ter expressões, cheias de palavras difíceis... A música é: “A canção desse rio” Foi a Tailene, filha do meu irmão, Taiguara, que cantou. A música fala assim: “A canção! Desse rio, é levar a navegar todo mal que ele sentiu, essa dor se seguir, segue o homem sem nadar, sem sonhar, segue sem resistir, rio que sustenta a vida e traz cantigas, fazendo a alegria ribeirinha, o povo que planta nesse chão, mata que vive da cheia traz farturas e tantas riquezas, bichos, plantas que brotam na mesa do homem o pão... O importante é lembrar que ela tem o seu valor e aprender a preservar o que Deus criou, natural é respeitar, parte dela também sou, consciência mesmo é cultivar o amor”

A música “A canção”... Em 2015 foi apresentada na festa de comemoração de dez anos do grupo “Minhas raízes”, mas foi feita para apresentar na rio+20 em 2012. Nós fomos lá, mas nós ficamos naquelas barraquinhas fazendo apresentações, não participamos das outras atividades. Eu não sei nem dizer por onde andamos, nós rodamos tanto ali, tinha um que tinha aqueles movimentos, aquele pessoal dançando, os chineses, os coreanos, acho que era na cúpula dos povos. Nós também

fomos naquele espaço dos poderes, que o pessoal ficava passando, quem passava os seguranças faziam as vistorias. Nós fizemos lá também, foi bonito, nós fizemos bem na frente, assim, e daí essa outra da cúpula dos povos, foi legal, a gente se juntou com outro pessoal, as manifestações foram legais. A gente não ia mais pra rio+20, olha! Por causa disso o grupo quase se acabava, nossa! Foi, assim, a gente não ia mais, três meses antes esse Chicão que era o secretário da cultura do Estado que tava organizando a ida dos representantes de Rondônia. O governo autorizou, tava tudo certo pra gente, aí quando chegou um dia antes, um dia antes eu tava em Porto Velho, eu fui pra assinar minha frequência e ele ligou falando que tinha 10 vagas, se nós quisesse ir, aí o que aconteceu, o Túlio já falou assim, que era pra aproveitar a oportunidade.

Eu fui mesmo para a Rio+20, assim, por causa da oportunidade, o evento e tal. Cara! Na hora, assim, me deu vontade de ir, oh, aí o que aconteceu, eu peguei os meninos que estavam tudo lá em Porto Velho, a família bem dizer todinha, foi, aí tinha uma de São Carlos, de fora mesmo, foram uns três. Só, rapaz! Quando chegou aqui, os meninos tudo, os pais, foi uma revolução, porque a gente foi e tal, aí teve alguns que saíram. Ficaram, assim, porque, eles queriam ter ido também, né, acharam que eu levei só a família, acharam que rolou muita grana. E pra nós vir de lá? A gente foi de van, olha! Só daqui até lá, o cara fez um apelo pros colegas que a gente tava sem dinheiro pra alimentação. Dizem que era lá pela SEDAM essa ida para a Rio+20. Essa secretaria mexe com meio ambiente. Rapaz! Só sei que o cara disse que não tinha dinheiro para a alimentação, mas foi bom, foi ralado, mas foi uma experiência. A gente tinha duas agendas, aliás, tinha uma agenda que era a mais importante, mas a gente chegou um dia depois. Aí depois lá a gente teve que achar o espaço, nós fizemos uma apresentação lá nessa cúpula dos poderes e na cúpula dos povos fizemos duas vezes. A gente fez a música para apresentar aí depois ficou com ela guardadinha, ensaiada, e tal, aí depois a gente achava que nem ia mais, aí um dia antes, nós fomos informados das vagas e nós fomos, assim, de última hora. Eu acho é graça disso.

A repercussão da nossa apresentação foi boa, não só a música que fizemos especialmente para apresentar lá, mas todas as nossas músicas que apresentamos, o pessoal gostou, porque era uma coisa diferente, né, bem nossa, daqui da região amazônica. Nós não chegamos a fazer a apresentação que a gente tinha com os representantes dos países, essa que nós perdemos que era a mais importante, porque

estava na programação oficial. Nós ainda ficamos lá uma semana. Ixe, tinha muita discussão, muito movimento... Mas a gente fazia a nossa apresentação depois ia embora.

Vou falar um pouco agora das interferências culturais nas nossas músicas, nos nossos ritmos e danças...

Pois é, vou falar de uma das músicas e uma manifestação de dança que a gente faz aqui em Nazaré, que é o seringandô. Então, assim, uma das músicas que é uma reapropriação do clássico para nossa cultura é a “Barca Bela, que ela é mais ou menos assim: “Pescador da barca bela, onde vai pescar com ela, pescador da barca bela, onde vai pescar com ela, é tão bela, é tão bela, é tão belo o pescador, pescador do rio Madeira não tem barco e nem as velas, só tem remo e uma canoa, dentro dela a malhadeira, bem na polpa, um rabeta, faz a grande barulheira, bem na polpa, um rabeta, faz a grande barulheira.” Essa música é uma das músicas mais antigas, e quando o pai começou a cantar seringador além da outra que ele cantava, que é mais tradicional, ele cantava essa. Aí um dia durante a minha faculdade de Letras eu descobri que esse texto é um texto de Almeida Garrett, aí eu fui associar isso, eu fui me lembrar: - O meu pai que era indígena, que tinha essa relação toda indígena, ele passou um tempo quando ainda era adolescente ele foi estudar no Pará no internato dos padres, e teve contato com outras referências culturais. Ele me falava que teve contato com muitas manifestações artísticas de música de teatro, danças, principalmente, música, teatro era muito forte na escola, então aí ele, fez algumas adaptações.

Descobri que a música de Camões da letra, “A Barca Bela”, é uma música de Camões, e aí o pai transferiu a melodia e adaptou a letra, pra um seringadô, e colocou mais letra, pra que fosse, então assim, é muita louca a mistura de influência musical que tem na nossa história, na tradição até hoje, mas eu acho que predominou a nossa tradição, a letra da “Barca Bela é um texto enorme, mas ele pegou só o refrão que é “Pescador da barca bela, onde vai pescar com ela, pescador da barca bela, onde vai pescar com ela, é tão bela, é tão bela, é tão belo o pescador...” Aí as estrofes que ele foi passando, fazendo outras estrofes que tem a ver com realidade nossa. A melodia eu acredito que era uma valsa, assim no ritmo de valsa “Pescador da barca bela”, eu acho que era alguma valsa, algum ritmo mais de orquestra, de alguma coisa, assim, só que ele colocou a melodia pra um ritmo

mais para o seringadôr que é parecido com o carimbo, assim, acho que o ritmo ele mudou e a melodia ele conservou.

Ah, no seringador, assim, que a gente observa tem esse ritmo de ritual indígena, essa coisa bem forte presente, aquele Tum... Tumdumdumdo carimbo faz tutiquetungue, que é mistura também com um pouco de candomblé, e a capoeira tamtidumdam.. Tamtimdamdam, aí mistura um pouco de tudo, isso é muito louco!

Na “Barca Bela” o pai já adaptou, os ritmos que predominam é o carimbo, esse ritmo afro, tipo mistura de candomblé e tal, mas uma coisa, assim, que eu acho que a gente tem, que eu tenho, assim, pra mim, a minha observação que eu faço da relação com a minha tradição, essa parte musical que eu conservo até hoje e eu gosto de conservar, isso, porque, o pessoal, quem é músico fala que as notas menores falam muito com o coração e as notas maiores elas não falam muito com o coração, elas falam muito com a razão, e, assim, eu me identifico muito com as notas menores, inclusive a “Barca Bela” É uma música que está em nota menor, as músicas de boi que eu faço, as toadas de boi, todas elas basicamente começam em notas menores, porque, assim, eu gosto muito de expressar meu sentimento, de uma coisa real, eu acho que as notas menores da música elas falam mais da nossa realidade local, o coração, o sentimento mesmo, elas não são muito razão, não, sabe, então eu me identifico muito, então a “Barca Bela”, é uma das músicas, assim, então, o pai nas músicas que ele cantava, a maioria das músicas eram notas menores, acho que até isso, assim, eu assimilei e hoje nas músicas de boi, qualquer música que eu faço é em nota menor, olha essa: “Sou da beira eu sou” Ela começa numa nota menor.

Notas musicais, a menor e a maior, uma do coração a outra da razão...

Uma nota menor, ela já tem uma espiritualidade, os músicos falam que é uma espiritualidade chorona, justamente, porque fala com o coração. Eles falam que as maiores já são uma coisa mais animada, mais razão, e a menor não, é uma coisa mais emoção. A nota menor é uma coisa, que vai pra interiorização e a nota maior é exteriorização, por exemplo, uma música de boi em nota menor que eu gosto muito é a: “Brincar de boi, é ter paixão no coração é ter valor a tradição se entregar de corpo e alma, sentir que o corpo é uma canoa, que balança nesse rio, a correnteza do ar espalhando, misturando vai ganhar o som Brasil, sinta o som, sinta a força do batuque pra essa terra de emoção, vem pra ilha do boi bumbá, e se banhar nas tardes de calor, vem ressoar vendo o tambor.” Essa é nova, mas é bem por aí, já a maior ela

tem “Alô, alô, chegou a hora, chegou a hora do auê, canto eu, canta meu povo, quero ver, cantar você.” Ela começa numa expressão diferente.

Por aí dá de tirar, essas notas menores, a gente associa, a gente assimilou, uma coisa até espiritual eu acredito, assim, eu me lembro que tem um depoimento do pai, logo que as lideranças começaram a se manifestar, veio o pessoal daquela ONG internacional, a WWF e fez uma filmagem com ele, e eles falavam justamente, sobre isso, assim, eles fizeram uma pergunta desse tipo pra ele: “O quê que você acha que é um artista, um cantor? E nós até colocamos essa fala dele no começo daquela música “Saga beradeira”, onde ele diz “Todo cantor ele tem uma inspiração de Deus, mesmo que a letra não seja uma grande importância, mas ela é uma inspiração.” Então é bem por aí mesmo, cada um tem uma inspiração diferente para cada realidade que ele sente, seja emoção, seja o coração, e a música ela por si própria ela retrata isso, entendeu, então, assim, é uma definição que o grupo “Minhas Raízes”, tem em si. Eu acho que não tem nenhum estudo, nem um tipo de pesquisa em relação a nossa musicalidade, mas se tiver um dia, com certeza eles vão perceber, a pessoa que saca de música que tem uma formação, ela vai identificar. A primeira coisa que ele vai identificar, principalmente, é essa identidade, que a gente tem com as notas menores.

A música “Eu sou da beira” É justamente, uma nota menor: “Sou da beira eu sou, sou filho eu sou, da mata, do lago, do rio que secou”, Tem também uma que foi feita em homenagem a dona Preta. É essa aqui: “Nasceu o menino na esteira de palha, dizem que o Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou.” Olha... Eu acho para mim, sinceramente, que a dona Preta é o maior patrimônio histórico vivo, dessas comunidades aqui adjacentes. Eu não sei de São Carlos pra cima, mas de Calama até São Carlos, eu acredito que ela seja uma grande referência... Eu não sei exatamente, explicar, como, mas eu sei que a importância dela desse, lado assim, talvez, até espiritual, de as pessoas acreditarem e por realmente, terem acontecido coisas fantásticas, assim, de cura mesmo.

Eu já fui lá na dona Preta me tratar. Ixe, nossa, a última vez que eu fui fazer um tratamento foi porque entrei em depressão forte, assim, e eu me lembro, que foi uma coisa para mim, sabe, depois eu vou falar como é que surgiu essa música que eu estou cantando aqui. Eu até tive lá duas vezes com o pai quando ele tava muito mal, e só acompanhando e tal, de repente eu me deparei conversando com os guias dela, entendeu, então, assim, é uma coisa espiritual de crença mesmo, por quê?

Porque os guias dela são os Botos, são os Tucuxis, então, assim, as pessoas da comunidade... Essas pessoas que passam por lá, elas acreditam, tipo assim, quando eu falo, assim, na música: “Nasceu o menino na esteira de palha...” Dizer que “O Boto a parteira ajudou” É porque os guias delas, eles acham que eles tão ali pertinho quando a mulher está grávida, eles estão ali ajudando de certa maneira, entendeu, então quando eu falo, assim, “O Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade...” Então, eu to demonstrando que eu tenho essa crença, assim, de que realmente eles estão por ali de alguma maneira ajudando. O povo, as pessoas que vão lá na dona Preta tem essa crença, acreditam, então, eu me deparei conversando com os guias dela, parecia que estava com uma pessoa que a muito tempo que já conhecia, conversando com a maior naturalidade, brincando, ela fazendo perguntas, “professor” me testando, sabe, os guias dela e a gente ali na maior naturalidade, ali, sabe, parece, assim, que já os conhecia...

A partir dessa minha experiência com a dona Preta eu fiz uma música, porque, eu sempre quis fazer uma música em homenagem a ela. Tem uma música que a gente canta que é assim: “Tinha um menino que só vivia assim, aluado” Aí “Dona preta sabe benzer...” Ela está no primeiro CD das “Minhas raízes”, só que essa música não é nossa. Essa música é do Binho, que é um cantor de Porto Velho e eu queria muito fazer uma música nossa mesmo.

Queria fazer, sempre tive vontade de fazer uma homenagem pra ela. Aí eu tenho uma mania de pescar para o lago sozinho, aí uma tardezinha eu sai... Eu sou muito esquecido das coisas, sabe, principalmente datas, eu sou péssimo de datas, e melodia também, aí, puta merda, eu tenho que fazer uma música para dona preta, quando a gente sai, eu não sei porque, sempre que saio assim sozinho, aqueles Botos Tucuxis, já, começam a boiar, eu não tenho mais medo, assim, porque eles não vão me fazer mal, quantas vezes que já atravessei esse lago sozinho de noite e eles saem boiando, faz aquele esturro baixo dele e vai me acompanhando, quando eu estou facheando, eles vem me acompanhando... Já os tenho como amigos.

Ah, como eu estava contando, um dia eu estava aqui nesse primeiro lago do Apuniã, nesse primeiro, aí saiu na minha mente uma melodia, e eles, os botos, começaram a boiar, aí eu, puta merda, eu tenho que fazer uma música de homenagem, assim, queria tanto que surgisse uma melodia, aí saiu essa melodia, aí eu fui cantando, fui cantando até quando sai no outro lago que é o Peixe Boi, lá, para eu não esquecer a melodia, sabe. Depois, falei para mim mesmo - Não tem jeito eu

vou esquecer essa melodia, não posso esquecer essa melodia. Aí eu fui. Foi quando eu fiz esse trecho, eu fiz esse trechozinho aqui oh: “É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá” Aí tá, saiu a melodia, me senti satisfeito e disse para mim mesmo: - Vou pegar um peixinho. Fiquei pescando, pesquei a tardezinha, fiquei facheando a noite toda cara! De manhã cedinho que eu vim, cheguei em casa e dormi, acordei era umas 10:00 horas, peguei o violão... Acredita que a primeira melodia que veio na mente foi essa que eu criei lá no lago. Aí, eu só fiz fazer terminar a letra, e pegou mesmo a melodia, ficou na minha mente, uma coisa, que a gente fica pensando... Eu fico pensando, porque, eu já perdi muita letra, música de copiar mesmo, estou aqui fazendo e tentar fazer uma música e copiar mesmo a letra toda ela e fazer a melodia, daqui a pouco, quando é amanhã eu já esqueci a melodia aí a letra fica lá, por que eu perdi, porque, a música é a melodia, a letra qualquer um faz, uma letra de uma música, mas a melodia não é assim não, não é atoa que sai não, e essa foi a única que eu consegui gravar na mente, assim, de primeira...

A música em homenagem a dona Preta é bem pequena: “Nasceu o menino na esteira de palha, dizem que o Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou, (bis) Chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou, É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. Mamãe me disse que naquela noite houve alarido na beira do rio, todo de branco subia o barranco, pulavam n’água e boiavam no rio, (bis) todo de branco subia o barranco, pulavam n’água e boiavam no rio”. Quer dizer, eles subiam como gente, depois, pulavam n’água e se transformavam em Boto novamente.

Essa música, nós nunca cantamos em show. Na época o Túlio virou evangélico e começou a ficar fanático, aí, olha o conflito religioso dentro do grupo, falei - Túlio tem uma música em homenagem a Dona Preta e tal. Aí ele começou, sabe, a dar umas tiradas. Eu falei - Será que não era bom gravar essa música e tal. Ele falou: “Ah, esse tipo de música, assim, não sei o que e tal” Aí eu me toquei, e nunca a gente cantou essa música, assim, em show nenhum.

Sobre nossos nomes: “Por incrível que pareça a escolha do nome de todos os meus filhos foi o pai que escolheu”...

Pois é, o nome do meu pai é Manoel Maciel Nunes, da minha mãe é Alvina dos Santos Martins, e os meus irmãos são, o Taiguara, Teimar, Túlio, Tânia e

Tamires. Os meus filhos são seis, três homens e três mulheres, são eles: Taisson, Tanisson e o Talisson, a Talita, a Talia e a Taís. O nome da minha esposa é Alaíta Desmarestes Passos.

Olha, por incrível que pareça a escolha do nome de todos os meus filhos foi o pai que escolheu, todos eles, tem até um que ele ficou chateado porque era pra ser Tamisson e na hora eu escutei Tanisson, aí ele falou “Não era Tanisson era Tamisson!” Aí ele ficou chateado. Eu falando isso, fico rindo, porque é engraçado, é bom de lembrar essas coisas do meu pai. Ele escolheu todos os nomes com “T”. Foi ele que escolheu os dos meus filhos, porque eu sempre ficava mais perto. Quando A Leíta ficava grávida ele já ficava escolhendo nome, meus irmãos e minhas irmãs com certeza se eles ficassem próximo, ele tinha escolhido também, só que mesmo assim, eles escolheram os nomes dos filhos deles também com “T”. Tem a menina que canta que faz solo a Tailene, tem a Tailane, o Tales, Taiane... Os filhos do Taiguara são o Tailon, a Tailane e a Tailene. Aí da Tânia tem o Tales e a Taiane, e a da Tamires, a outra minha irmã, ela tem os traços indígenas bem forte, quando ela era pequena, chamavam ela de índia, até hoje chamam ela de índia, os filhos dela são Teinan, Teilan e Tauã.

Agora vou cantar umas músicas

Vou cantar umas músicas novas, olha, a nota menor de novo “Vem pra beira do rio, vem pra beira do rio, vem pra beira do rio, lugar melhor nunca se viu, navegar nas ondas de canoa. Eu vou nadar lá nas praias do Madeira eu vou. Vou até Cuniã de voadeira, eu vou, ôôô... E a tardezinha vou cantar para apreciar o entardecer, fazer melodias até anoitecer, vem para beira do rio, vem pra beira...” Essa é uma das novas, tem uma assim também: “Sobe no compasso do banzeiro xúá xúá, xúá xúá, deixa o banzeiro, deixa o banzeiro te levar, moça linda sobe a correnteza sorrindo, tem no rosto a expressão de um povo ribeirinho, a magia do povo daqui, encanto de Boto Tucuxi, tem banzeiro que é raia vem com sucuri, xúá xúá, xúá xúá, xúá, xúá.” Essa nós já cantamos nas últimas apresentações, é legal com os meninos, por que eles fazem um coral por trás... Ela não tá no CD, mas ela já foi cantada num show.

Depois de tudo que falei, posso deixar como mensagem uma coisa bem minha, que em todo lugar que eu chego eu sempre falo, sobre isso, que não é só fora para professores, que falo, mas também para as crianças... Eu sempre falo muito sobre isso, às vezes, eu acho até enjoativo, mas, assim, eu acho importante falar

sempre que - Não é o fato da gente morar aqui no baixo Madeira, no interior, que a gente deve se sentir menorizado, que nós temos, sim! Capacidade de fazer uma faculdade, de ter uma boa formação e também sem perder a nossa identidade, e também poder de alguma maneira contribuir futuramente com as nossas crianças, eu sempre motivo muito esses jovens, essas crianças a fazerem isso...

Sobre os tempos da sorva e da seringa

Dona Veneranda, de filha de seringueiro, passou a ser a esposa do patrão. Em sua narrativa traz uma memória saudosa do tempo do trabalho com a sorva e com a seringa, relacionado por ela como tempo de grande movimento na sua casa, onde os homens que trabalhavam para seu marido iam pesar os produtos da sorva e da seringa, receber seus saldos e fazer suas compras.

O jeito que ela foi contando do tempo da sorva e da seringa foi me entrelaçando na sua narrativa, porque todos da minha família materna trabalharam para seu marido. Ela me surpreendeu quando olhou para mim e falou: “até teus avós, Márcia, trabalharam com nós”. E em seguida me perguntou: “Teu avô quem era?”. Eu achei que era só um recurso para ela continuar falando e fiquei calada, aí ela me fez a pergunta novamente: “Quem era teu avô, Márcia?”. Aí eu respondi: –O meu avô era o seu Manuel Carmelino. Ela sabia quem era meu avô, mas ela queria que eu falasse o nome dele e a partir daí teceu a rede dos homens da minha família que trabalharam para ela e seu marido: Manuel Carmelino, meu avô materno, o irmão dele, o Benedito, os filhos deles o Capucho e o Otacílio e seu enteado Manel.

Ela também mencionou minha avó, perguntou por ela, eu disse que ela havia falecido, ela lamentou e continuou perguntando sobre meus parentes. Eu não me retirei da sua narrativa, pois me senti parte dela de forma direta, escolhi manter as perguntas que ela me fez e as minhas respostas.

Dona Vena, como é conhecida na comunidade, é uma mulher que sabe ler e escrever e que viveu e usufruiu dos tempos áureos da exploração da sorva e da seringa. A leitura e a escrita adquiriu desde criança quando ia para a escola com seu vestidinho de Alfacinha com listinha de paninho grosso, franzidinho com a manguinha, curtinho, como ela lembra: “bem arrumadinho”. E o usufruto dos bens de consumo modernos vindos de Manaus, a metrópole Amazonense erguida pelo

ouro preto, a borracha vinda dos seringais, foi adquirido pela posição de esposa do patrão.

As imagens da infância de dona Vena são de uma vida simples, com desafios, mas cheia de beleza, trazem as imagens afetivas que ela tem reavivadas na lembrança do fogão de lenha, do cheiro da fumaça, da espera da chegada do pai da estrada de seringa enquanto fazia o fogo para fazer o café, após sua chegada da escola, da comidinha que era sempre um peixinho que ela preparava até o pai chegar com seu tapequeiro no paneiro cheio de leite. O tapequeiro, um encauchado de borracha, que é a herança indígena adotada pelos seringueiros para carregar leite da seringa ou de sorva.

Dona Vena foi a última pessoa a ser entrevistada em Nazaré, sempre que eu passava em frente a sua casa tinha vontade de ir até lá, mas não tinha coragem, porque eu não tinha nenhuma proximidade pessoal com ela. Sabia que ela era a viúva do seu Nanan, o antigo patrão do seringal, sabia que ela era madrinha da minha prima Lurdinha, mas não sabia como chegar até ela. Um dia, resolvi bater na sua porta e conversar, disse quem eu era e ela ficou feliz em me receber na sua casa, perguntou por todos da minha família, lamentou os que já haviam morrido e mandou lembranças para os ainda vivos. Essa visita que eu lhe fiz foi no período que fiquei de dezembro a começo de janeiro de 2012 em Nazaré fazendo entrevistas, mas não a entrevistei dessa vez, apenas fiz um primeiro contato.

Fiz a entrevista com dona Vena em dezembro de 2013, quando fui com o objetivo de conhecer melhor a forma de ocupação tradicional feita por tio João Lobato e seu núcleo familiar. Havia ido outras três vezes na comunidade, em janeiro para o Festejo de São Sebastião, no meio do ano para o Festejo de São Pedro e o Festival Cultural, e em agosto para a festa da melancia, mas nenhuma dessas vezes tive tempo de parar na casa da dona Vena, também ainda não tinha decidido se ia ou não entrevistá-la. Até que, dessa vez, resolvi entrevistá-la por ela ter ocupado um lugar social de poder econômico na comunidade e ter estabelecido relações de compadrio com a família de Maria de Nazaré, eu sabia que sua história seria relevante para entender as relações do tempo do seringal e também me interessava pela sua experiência de vida, por ser uma pessoa mais velha que vivenciou outros tempos em Nazaré.

Num primeiro momento, quando a convidei para ser entrevistada, ela disse que não gostava de dar entrevista, porque sempre aparecia um pessoal na casa dela

filmando e perguntando as coisas e ela estava sem paciência para isso. Expliquei para ela que não era nada ligado a jornais ou a outra divulgação na televisão, expliquei como se dava um trabalho de História Oral e ela concordou em me conceder a entrevista. Sei que a minha relação de parentesco com as pessoas que trabalharam para seu marido interferiu também na sua decisão de autorizar que eu gravasse a conversa com ela.

Assim como entrevistei dona Vena por último, também fiz por último a conferência da sua narrativa, mas dessa vez foi porque do período que fiquei lá entre 7 a 12 de julho de 2015, ela esteve fora e chegou somente um dia antes de eu ir embora. A conferência foi feita na sua casa nova, apesar de adoentada estava feliz, disse que se sentia melhor na nova casa que comprou porque podia ver o movimento das pessoas que passavam para a escola e a cumprimentavam. Seu filho, já adulto e com necessidades especiais, que antes vivia só dentro de casa, pois havia uma escada muito alta que dificultava o deslocamento dele e dela, estava se socializando mais, passou a sair para passear pela comunidade e depois retornava a casa. Essa foi uma novidade que todos comentaram quando cheguei.

Durante a leitura da narrativa da dona Vena, ela foi interagindo com confirmações e com comentários recontando tudo. Eu a escutava e continuava a leitura. Fomos interrompidas pela chegada de dois homens e uma mulher adventista, estavam visitando as casas para falar de sua missão denominada de “Humanista”. Eles passavam nas casas deixando um livrinho com ações embutidas de suas doutrinas religiosas, estavam num grupo grande distribuídos em grupos menores e ofereciam atendimento médico. Percebi que era uma ação de retomada da igreja protestante da comunidade, que havia sido destruída pela inundação, estavam oferecendo uma assistência social como estratégia para recuperar os convertidos e conseguir novos.

Depois da saída dos protestantes, continuamos com a conferência. Ela ficou admirada com a narrativa e falava afetivamente: “Ôh! Minha filha é isso mesmo”. No término da conferência, eu pedi que ela assinasse a carta de autorização do uso da entrevista, ela demonstrou receio, pedi-lhe que chamasse alguém da sua família para ouvir a leitura da carta de sessão, ela chamou sua sobrinha que estava passando uns dias em sua casa. Li a carta para as duas ouvirem, ela mostrou certa insegurança na hora de assinar, disse que não tinha entendido, expliquei novamente, sua sobrinha perguntou se ela tinha entendido, ela disse que sim e depois assinou. Esse momento

de ter que assinar um documento sempre é um momento de precaução, porque essas pessoas têm receio de assinar papel, algumas tiveram experiências de ser enganadas e outras, como no caso da dona Vena, sabem das implicações burocráticas de uma assinatura.

No outro dia, domingo, quando eu estava indo para o porto esperar o barco para voltar para Porto Velho, ela também estava indo com sua filha e neta, que moram na cidade e tinham ido visitá-la, eu a acompanhei indo pelo trapiche feito de tábuas que liga a parte da frente e a de trás da vila, fui segurando o seu braço para apoiá-la, no caminho ela falou para sua filha que eu tinha ido na casa dela e tinha tido a paciência de escutá-la e escrever uma história sobre ela bem bonita. Sua filha me olhou meio agradecida e meio interrogativa, então expliquei a ela sobre minha pesquisa e disse que, depois que tudo estivesse pronto e apresentado na universidade, deixaria com elas uma cópia do trabalho, ela entendeu e concordou.

Dona Vena disse que ficaria à espera de sua história escrita, nos despedimos, ela ficou no porto com a filha e a neta, e eu fui pegar uma assinatura de autorização de uso de entrevista específica sobre a inundação de 2014 e que seria publicada na revista eletrônica *Humanidades*, com intuito de fazer conhecer a condição desumana em que as pessoas das comunidades às margens do Rio Madeira haviam sido colocadas durante a inundação.

Nesse período da conferência das narrativas a comunidade ainda estava em fase de reconstrução, pois os moradores que tiveram suas casas inundadas ficaram aguardando a construção da nova vila e, como viram que nada iria acontecer, resolveram arrumar suas casas, alguns estavam fazendo uma nova pintura para dar uma nova vida para suas moradias e para a comunidade. A vida estava se reerguendo pela própria força de vontade dos moradores que decidiram ficar em Nazaré.

2.7 VENERANDA

Veneranda Gomes da Costa; nasceu 10 de julho de 1939, no Amazonas, numa colocação chamada São Sebastião de Manencia. Filha de Raimundo Gomes e de Maria Madalena Ferreira. Veio para Rondônia, para a Boa Hora, às margens do rio Madeira, ainda pequena com sua mãe e seu pai. Dona Vena por ter sido esposa

do patrão das estradas de sorva teve a oportunidade de usufruir das mercadorias de luxo vindas de Manaus, na passagem da década de 50 para 60. Ela ainda vive na comunidade de Nazaré, poucos sabem da sua importância histórica. Ouvir sua história foi uma viagem no tempo de muitas histórias da comunidade que se inter cruzam com a sua, até a história da minha família.

A vida era dura, mas a gente vivia conformado...

Bom! Eu não morava aqui não. Eu morava lá do outro lado do rio Madeira, em Boa Hora. Morava com meu pai, lá! Estudava pra cá pra Bora Velha, meu pai era seringueiro e eu morava com ele. Depois me noivei e na idade de 15 pra 16 anos me casei.

Vim pra cá, pra Nazaré, me casei, nesse tempo era Território Guaporé depois que passou a ser Estado de Rondônia, vai mudando as épocas. Cheguei aqui em Nazaré só tinha uma casinha lá na ponta, lá na pontinha! Aí fora, na beira, que antes era chamado de Boca do Furo. Tinha só uma casinha e tinha uma casa grande já começada pra terminar, quando eu me casei. Aí foi quando meu marido mandou terminar a casa e nós passamos pra dentro. Porque nós morava na casinha pequena, que a mãe dele morava também, com ele. Ele também sempre fazia viagem e ela ficava sempre só, a velhinha, a mãe dele, minha sogra, mas não tinha nada aqui. Tudo era mato, frecharal, piriquizal, tudo era esquisito mesmo, tudo triste, não tinha futuro de nada. A gente via, assim, que não tinha futuro de nada! Era uma tristeza. Aí foi indo, foi indo, e foi abrindo, aí meu marido foi mandando limpar, chegou um homem aí, e meu marido foi mandando ele limpar e foi roçando e tanta da coisa! Isso aqui antigamente o meu sogro que comprou de outro homem. Eu não conheci meu sogro, foi ele que abriu o lugar. Passa o rio lá fora, lá na frente, aí abriu de lá do rio a boca do furo para ligar um igarapé que tinha aqui pra dentro ao rio. Abriram disquete de enchada, pra fazer esse furinho. Foi aberto e aí foi pra cá, chegando num sítio aí pra dentro. Foi o tempo que meu sogro morreu. Eu não conheci ele, quando me casei o pai do menino aqui do meu filho, já era um senhor de 30 e poucos anos.

Aí bem! Depois que fizeram o furuzinho, que foi aberto a enchada, deram o nome para o lugar de Boca do Furo. A boca do Furo foi aberta lá na frente até vim trazendo pra cá. A água do igarapé que tinha aí pra trás imendou com o furo e

chegou até o rio Madeira. Quando eu vim morar com meu marido ele já trabalhava em negócio de andar de canoa remando, assim, andando pra lá e pra cá vendendo as coisinhas, comprando besteira, mercadoria, pra vender. E nós vivia, assim, mas não tinha outro futuro de nada. Aí ficamos. Aí começou a limpar, começou a chegar uma pessoa, ficou com um pedacinho de terra, fez casa perto de nós, com pouco, mais outro vizinho, foi roçando, foi limpando, foi ajeitando mais, aí passou, passou... O meu marido comprou uma novilha, comprou a novilha, botava lá na corda, mandava o senhor lá sempre pegar a novilhinha, botar pra ali, botar pra acolá, e torna e vira, aí cresceu, ficou uma vaca! Aí comprou um garrote pequeno, assim, pra ser par da vaquinha, aí foi crescendo, crescendo, botando pra ali, pra acolá, no fim! Formou um campo. Formou um campo de lá de fora até aqui! Perto aqui, na terra firme. Aí ele fez um cercado grande, mandou fazer pagando gente pra ali, pagando pra acolá! Aí fizeram cerca com arame e tanta coisa! Pra formar a conversa nós já tinha pé de 40 e poucas cabeças de gado.

Nós fomos lutando... Lutando aí meu marido largou a vidinha de andar de regatão, assim, pra cima e pra baixo. Ele tinha comprado um motor e andava nele. Era um motor que chamam de selfe, acendiam o fogo com o maçarico no motor, chega ficava a cabecinha encarnada do motor aí depois pegava no volante rodava e o bicho fazia *tum, tum, tum* começava a força e saía, pra sair batia a tampa três vezes *tem, tem, tem*; aí o bicho ia andando era para parar batia uma vez *tem* parava. Aí depois ele se aborreceu do bichinho e tirou a máquina do selfe e fez um batelão, foi e comprou outra máquina yanmar não sei de quantas forças, depois pegou o batelão escangalhou pra lá. Aí pulou pra dentro de casa não quis mais andar e acabou comprando um barquinho e deu o nome de Adelson pra ele, porque é o nome do nosso filho.

Primeiramente, eu tive uma filha... Eu vim pra cá em 56 ou 57 eu ganhei a primeira filha que foi a, Áurea, passou 57, passou 58, em 59 eu ganhei o Adelson, também, esse meu filho aí que mora comigo. Bem, aí meu marido tava com o regatão pra cima e pra baixo e depois botou um comerciozinho dentro de casa, e esse comerciozinho foi crescendo, crescendo, o pessoal foi chegando tudo ajudando. Nessa época já começaram a trabalhar tirando Sorva, aqui pra dentro, pra cá, aí já começaram a tirar sorvinha. O regatão já chegava aqui na beira, já levava aquelas coisinhas. Meu marido comprava mercadoriazinha, botava em casa, fez uma prateleira, tanta coisa, aí parou de viajar, mas tinha outro, o amigo dele, que fazia

viagem no barcozinho daqui pra Porto Velho. Era o Artemis que fazia essas viagens ele começou a trabalhar com gente aqui e andava já no barquinho Adelson II, para ver como meu marido tinha fiança nele, como não estava viajando mais era o Artemis que cobrava frete, coisas de passageiros e quando estava parado em casa ele era o escriturário do meu marido, tirava as contas do pessoal que trabalhava tirando sorva, via quem tava devendo e quem tava com saldo, aqueles que ficavam saldando ele já entregava a conta com saldo na mão para o freguês. Ele fazia as viagens duas vezes na semana e não empata dele fazer os escriturários.

Começou a chegar gente, aí começou a chegar morador, e foi, e o comerciozinho foi animando, tanta da coisa, até teus avós, Márcia, trabalharam com nós. Teu avô quem era? Quem era teu avô, Márcia? “O meu avô, era o seu Manuel Carmelino.” Manuel Carmelino! E tinha o irmão dele o Benedito, e os filhos deles o Capucho, Otacílio, todos da tua família e outros e outros, que moram ainda por aqui e trabalharam com nós. O comércio foi aumentando, foi aumentando, quando eles saviavam, que eles levavam pro centro, as mercadorias, pra tirar Sorva, era mercadoria, por acolá! Que nem fazia falta que se tirava de dentro de casa, tua avó, Márcia, ainda conta isso, cadê tua avó? “Minha avó já morreu já.” - Ôh, meu Deus! Já morreu? Mas o Manelão é o teu pai? “Meu tio.” Pois é, o Manelão vai falar tudo confirmando o que eu estou falando é só perguntar para ele. O Manuel, teu avô, pai da tua mãe, trabalhou também comigo, com nós aqui, o Manelão, teu tio, irmão da tua mãe, trabalhou com nós, o Pedro Maciel, irmão da tua avó, trabalhou aqui com nós. Seu Verão trabalhou com nós, o Venâncio, aqui, o Felisberto Brandão, Pantoja! Edir, Manoel Passos, não vou mais nem contar quem foi que trabalhou com nós aqui pra tirar Sorva.

Era Sorva demais que o pessoal tirava, quando chegavam, a gente recebia muito bem eles, eu e meu marido, dava café pra eles, dava pinga, meu marido pegava daquelas caixonas de bolacha Maria que vinha de Manaus e botava pro pessoal tomar café outro já queria era pinga pra esquentar o coro pra subir o barranco e trazer aqui em cima a sorva pra pesar na balançona, eram blocos de 60, 70 quilos de dois homens pegarem pra pesar, pesava a sova de cada um: “Fulano cadê quanto que é?” uns tinha dez quilos, outros tinham 12 e iam pesando: - Tantos kilos, tantos kilos, já? Agora seu fulano. Eram tudo marcado com seus nomes os blocos de sorva, era uma animação danada.

Quando o pessoal chegava do Centro com as sorvas botavam pra terra e era aquela animação! Aquela alegria, compravam as coisinhas ainda levavam para casa quando terminavam, quando passava uns dois dias eles vinham de novo e faziam viação grande, farinha, tudo eles levavam pro centro. Pirarucu, tudo eles levavam pro centro. Isso que eu to falando que é soviar. O Manelão vai contar isso é só perguntar dele. O Manelão, o Capucho, tudo contam. Nessa época tinha uma mulher aqui que chegou do Marmelo, nós tinha uma escola que tava desocupada, aí o Nanan, deu pra eles morar lá, a família dos Garcias, que era a mãe do Biti, do Dival, a Marieta, tudo aí ficavam em casa. Aí o Nanan, sustentando, nós sustentando, aguentando pra ali, aguentando pra acolá, aí deu uma máquina de costura nova, pra ela costurar pra fora, costurar pra nós. O meu marido era uma pessoa que ajudava as outras pessoas, o menino vai contar, o Manelão, o Capucho, que também é teu tio, essa gente vai te contar como era antigamente. O seu Benedito, irmão do teu avô, chegava aqui em casa, o seu Manuel, tudo tomava café aqui em casa, com nós, comia alguma coisa com nós quando tava com fome, nós tratemos muito bem as pessoas aqui no tempo do meu marido, minha filha!

Nós fomos pessoas que nós tivemos coração bom. E até hoje eu tenho, mas tem muita gente por aqui que nem liga pra mim, nada mais, outros, ainda, ligam, e, assim, deixa pra lá. Pois é, aí nós fomos levantando a vida, fomos levantando a vida, aí foi o tempo que meu marido faleceu e depois chegou a época que Jerônimo Santana veio se candidatar pra governador e depois que ganhou as eleições no governo dele fez um levantamento aqui, isso foi em 1988 que ele fez, aí, olha, colocou posto, colocou escola, colocou vuadeira novinha! Colou com a casqueta e o motor a vuadeira, colocou máquina de moer cana, máquina de moer milho, tudo ele colocou, uma casa de farinha equipada! Muita coisa. Colocou energia pra nós nesse levantamento que foi feito. Aí o negócio melhorou mais, foi melhorando, foi melhorando, foi melhorando, aí já colocou aqui outro nome. Já matou o nome de Boca do Furo, colocou vila de Nazaré! Aí desse tempo pra cá foi, Vila de Nazaré, até agora é Vila de Nazaré, aí foi chegando gente, dali, e dacolá, foi fazendo casinha pra ali, casinha pra acolá, aí foi aumentando tudo devagar, tudo devagar. A enfermeira que tinha, ela aplicava injeção nas pessoas lá na Boa Vitória, não sabia bem nem nada, aquela Doca, o lugar de atendimento era nunca casinha apertada.

Pois é, foi o tempo que o Jerônimo Santana teve aí fazendo palestra, falando, perguntando as coisas, aí todo mundo fez pedido de escola, fez pedido de posto de

saúde, aí foi que ele alevantou o postinho de saúde, aí a Doca entrou dentro pra trabalhar, a Doca foi a primeira enfermeira que teve aqui em Nazaré. Aí o negócio foi melhorando devagar e cada vez tá melhorando mais, e agora o INCRA deu o assentamento pro povo aí, pro pessoal, então tá tendo casas boas, outros tem vuadeira, outros tem roçadeira, outros tem tanta coisa, pelo assentamento, porque o INCRA deu pro povo algumas coisas.

Eu moro aqui esses tempos, desde 56 que eu moro aqui, Graças a Deus! Mas eu to feliz, Graças a Deus! Porque eu to com essa idade de 76 anos que eu completei no dia 10 de Julho. Eu estou com toda essa idade, mas eu estou feliz, porque, eu estou conversando bem, eu ando bem ainda, dentro de casa, Graças a Deus! Eu vivo doente da minha perna, do meu joelho, os médicos estavam achando que era aquela tal de osteoporose, mas eu fiz os exames lá em Porto Velho e não deu nada não, eu penso que é reumatismo mesmo, estou passando um monte de pomada de todo jeito é tanta coisa que eu passo, sebo de carneiro que é bom, passava banha de galinha quando estava inchado, agora a andiroba eu passei uma ou duas vezes, porque a andiroba é quente aí parei, porque agora estou sentindo umas quenturas nos meus pés, mas estou melhorando devagar, já estive pior, ainda estou cheias de problemas na minha saúde, na audição, to ruim da minha vista, é uma fumaceira só na vista, pressão alta, mas eu vou em frente até quando Deus quiser! Estou tomando as medicações todas e estou melhorando. Eu ainda faço tudo dentro da minha casa, assim, mesmo, eu lavo as minhas vasilhas, lavo roupa, faço minha comida, faço tudo ainda aqui, assim, devagarzinho, tem dias que eu fico aqui cachingando, mas eu vou, ainda faço, escrevo, leio bem ainda, com 76 anos, sem óculos sem nada, não é uma força? E me sinto feliz.

Hoje eu sou aposentada! Graças a Deus! Pelo soldado da borracha, lá no INSS, como diz o outro, estou conformada, Graças a Deus, eu estava esperando que Deus me desse mais uma benção! E ele me deu recebi um dinheiro que estava acumulado e era direito dos aposentados como soldados da Borracha receber, e como recebo pelo meu marido, eu pude pegar esse dinheiro e comprar outra casa melhor pra mim, uma casa grande e bonita, agora eu estou mais satisfeita. A vida da gente é a melhor coisa que a gente tem, é uma vida longa, pois é, eu estou com 76 anos, até um tempo desse eu ainda ia pescar! Desçia barranco, mas agora não vou mais pescar, porque o barranco ta muito liso. Ainda crio umas galinhazinhas, uns pintos, boto galinha pra deitar pra ali, e arreio o pinto pra acolá com galinha, não

faço tudo minhas coisas, por causa do meu joelho, mas ainda leio. Eu estou no fim dessa vida, mas quando eu vou em Porto Velho eu ando as quedas com minha filha comprando rancho no supermercado, vou lá não sei adonde, levo o isopor, sei comprar carne, sei comprar frango, sei ajeitar as coisas, vamos pra cá, vamos pra colá, vamos na farmácia comprar medicamentos. Eu ainda tenho meu juízo bom! Tem gente que tem uma idade de 50, 60 anos e não sabe mais de nada! Tem mulher que não sabe se movimentar pra nada não.

Graças a Deus! Que Jesus é muito bom com a gente, todo o dia eu oro e peço ao senhor: - Senhor me dá força! Dá-me paciência, me dá tranquilidade pra minha vida senhor! Até quando o senhor quiser. Minha vida está em tuas mãos senhor. Eu falo, assim, - A minha vida e a do meu filho está em tuas mãos senhor. Quando eu saio daqui, eu recomendo minha casa: - Senhor toma conta da nossa casa, que essa casa é tua, nada é meu senhor, tudo é teu, apenas tomo conta, não tenho nada aqui não, tudo é teu senhor, alguma coisa que falhar aqui, mexerem em alguma coisa minha, senhor, tu é quem resolve, porque és tu quem toma conta da nossa casa, é nossa casa senhor, porque tu és nosso pai, tu és quem cuida de nós. Jesus é quem cuida de nós, ele é nosso pai verdadeiro.

Então nós temos aquela confiança e esperança mais na nossa vida, pois é! Eu vivo aqui, tem vez que me dá vontade de ir embora, imagino, assim, eu não posso trabalhar, não posso fazer nada, a dificuldade aqui é a gente não ter o que quer comer, tem as comidas, mas não tem os outros alimentos, como uma fruta, as coisas, assim, um mamão, uma coisa pra tu tomar um suco, uma coisa diferente, a gente não tem. Na cidade é melhor. Eu já to pensando que queria era ir embora daqui pra cidade, porque, aqui não faço nada, e o Dalto, meu filho, também, não faz, mas fico pelo menos lá, espiando pro mundo lá, e a gente só vive doente, meu filho, só vive doente, também aqui. Outro dia eu levei ele daqui passando mal daqui com os pés inchado, todo inchado, a barriga, estava com uma tosse, era tanta da coisa, com essa arrumação, passei 10 dias no hospital, lá no João Paulo, lá com ele internado, de lá foi transferido pro hospital de Base.

Passei quase 10 dias com meu filho no hospital lá em Porto Velho. Ele foi pro oxigênio, cheio de aparelho, tanta da coisa, água no pulmão, pneumonia, coração, pressão, tava todo lascado, aqui, meu filho. Chega eu chorava quando eu via meu filho doente aqui aí eu disse: - Vou me embora, vamos embora pra, Porto velho, que lá tem recurso. Fui com ele pra, Porto Velho, Graças a Deus! Tá aí

melhor, Graças a Deus! Deus é tão bom, que eu pedi tanto do senhor, falei assim - Senhor será que o senhor não deixa eu levar meu filho pra casa, senhor comigo? Eu chorando, dizia: - Só tu mesmo que tem o poder senhor. Jesus não é grande?! Poderoso?! Senhor eu quero levar meu filho pra casa senhor, meu filho que me acompanha com nós senhor lá em casa. Graças a Deus! Meu filho só batia os olhos, assim, passou três dias ou quatro dias? Lá numa sala, na cama, só batendo os olhos, assim, cheio de aparelho, aparelho no dedo, aparelho por todo canto, na cabeça, tudinho os aparelhos nele, tomando oxigênio, lá, com aquele negócio no nariz, tava todo bichado! E eu falava: - Seja a tua vontade senhor e chorando eu falava: - Não é a minha vontade não é a tua. Pois é, assim a vida da gente! Temos que pedir a força de Deus.

Mas como eu tava falando antes, o negócio foi melhorando, até acontecer a inundação do ano passado que acabou com tudo ali na frente, até o posto de saúde acabou tudo, foi tudo pro fundo, a água chegou aqui no pé dessa terra firme, chegou até essa igreja aí de São Pedro, aqui pra trás nem todas as casas foram alagadas, assim como a minha que não foi, a água chegou varrendo só atrás, mas na frente não entrou água nenhuma, ainda assim, algumas foram alagadas, porque veio água lá do Culhereiro. Eu não estava aqui, mas eu ainda vi que não veio água no colégio, o pessoal se amontoaram um bucado no colégio, outro bucado ficaram ali na casa de uma menina que a água não alagou, ficaram em barracas, as escolas, até a pousada do Timaia ficou tudo cheio. Agora que estão começando a se recuperar de novo, já estão levantando as casas, já estão pintando, já ajeitaram os pisos que estava tudo fofado, essas paredes tudo quebradas, já ajeitaram umas e estão reformando outras, mas ficou uma lástima mesmo!

Aqui em Nazaré antes da inundação estava mudando pra melhor. O governo, os prefeitos, o INCRA, estavam fazendo tudo aqui em Nazaré. O colégio, um municipal tem outro acolá que estadual. Já tinha mudado muito! De uns tempos pra cá antes da inundação tinha mudado muito, tinha até pousada. Tudo tinha aqui, comércio, hospital, aí bem dizer pra nós, era posto, mais era mesmo que hospital, porque tinha clinicogeral, que atendiam alguns dias aqui, naquele outros tempos, não tinha. Com a destruição do posto ficou tudo sem nada, mas agora tá começando já arrumaram lá e o atendimento está voltando. Antes os médicos vinham, faziam todos os exames nas pessoas, tinha vuadeira pra levar a gente pra, Porto Velho, e

depois vim de volta, mas agora eu não sei como está não, porque quando eu vou em médico, minha filha me leva no posto de saúde lá em Porto Velho.

Eu estou aqui ainda pelejando com a vida, já tive vontade de ir embora, tinha hora que eu chorava pra ir embora, porque me via só mais meu filho, porque não aparece ninguém e também não tem alimentação que a gente quer, mesmo a gente tendo dinheiro, tem vontade de comer as coisas de comprar pra comer, né, não tem. Agora esse ano de 2015 que eu mudei de casa que fica mais no caminho onde as pessoas passam, sempre passa alguém me cumprimenta, para pra falar comigo e tem uma serva de Deus, que está vindo aqui cuidar de mim, ela vem pela manhã faz as coisas tudo aí pra mim, pela manhã, faz o café, o almoço volta pra casa dela e depois volta a tarde. Ela está cuidando de mim. Agora eu estou me cuidando e melhorando aos poucos e estou animada com a minha nova casa.

Eu tenho o título de propriedade daqui. Eu tenho o título de propriedade desde dali daquele cruzeiro até aqui a Correnteza, esse igarapé que tem aí. A propriedade que eu tenho é de quarenta e pouco hectares de terra aqui. Eu tenho o documento que tem os metros, tem as distancias, fala tudo, a margem esquerda do igarapé Culhereiro que começa ali no Cura Ressaca, pra cá que vem, o lago do Peixe Boi, tá tudo arquivado no meu papel, tem a gleba Rio Preto incluído nesse papel também. Eu tenho a carta de ocupação, tem LO, tudo. Os documentos que tenho. Dessa terra aqui, aí o governo, o prefeito, tudo é metendo as coisas aqui e nada de me indenizar. Não Sei o quê que vão fazer comigo. Fico pensando nisso. No fim vai ser de graça pra eles, tudo. Tão tomando tudo aqui, nenhum vem resolver nada comigo aqui, nem fala nem nada. Não sei como que vai ser com essa propriedade. Estou dessa idade não sei o quê que vão fazer comigo, to esperando. Aí como eu ficava mais sozinha na outra casa, tinha dia que eu estava alegre, tinha dia que eu estava triste, tem dia que eu chorava, tem dia que eu não sabia o que fazer... Agora eu continuo tendo as minhas preocupações com a situação dessa propriedade, mas estou me sentindo melhor.

Quando eu estava na minha outra casa eu vivia pensando: - Será que a gente vai terminar o resto da vida da gente aqui? Não sei não, o que eu vou fazer? Vender a casa, vender o pedacinho de terra aqui, alguma coisa? Mas agora que eu passei para outra casa que eu comprei estou mais animada um pouco, porque eu estou num ambiente melhor, estou mais confortável, tá tudo bom aqui, mais silencioso pra mim, o pessoal está mais atencioso, tem os alunos que estudam aí nessa escola, tem

aluno pra droga aqui, de manhã e de tarde, agora eles estão de férias, mas quando estão aí é uma alegria. Tem os alunos das comunidades aí de fora que passam aqui pelo caminho pra irem pra outra escola lá de dentro, vem um cardume danado tudo de sombrinha! Um bucado vem pra estudar aqui em Nazaré, de manhã eles passam, meio dia, quando é uma hora da tarde passam de novo! Quando é cinco horas passam tudo de novo ele cardume tudo de sobrinha, tudo bonitinhos! Rapazinhos, moças, mulheres casadas que estão continuando os estudos. Eu vejo os estudantes tudo animados na garra estudando, mas eu digo que é melhor estudar aqui que vão na pernada e lá na cidade que é só de ônibus, naquele sufoco, aqui nessa casa é bom. Então agora eu estou mais animadinha um pouco, porque eu já vejo gente passar pra lá e passar pra cá e ali na outra casa eu quase não via, recebo visitas e ali na outra casa eu quase não via ninguém, porque era mais escondido.

Sobre meus avós, eu não sei. Eu sei que minha avó era do Ceará, meu pai também. Quando ele veio do Ceará pra cá pro Amazonas, era rapazinho. A minha mãe era Amazonense, também. Nasceu no Amazonas, a minha mãe e eu. Eu não sei de qual lugar eram, nem avó, avô, por parte de mãe, eu não sei de onde eram. Não conheci eles não. Como eu tinha dito no começo, eu morava lá em Boa hora, mas não nasci lá. Nasci no Amazonas lá em Manensia, no Amazonas, Manesia fica na beira do rio e São Sebastião é a colocação pra dentro. Vim meninazinha, ainda, pequena pra cá. Eu vim para Boa Hora, mas meu pai e minha mãe. Eu era pequenininha, ainda, quando eu vim pra cá, pois é, agora a minha filha nasceu, em Porto Velho, o Adelson também nasceu em Porto Velho. A Áurea nasceu na maternidade, Darcy Vargas. Naquele tempo lá era a maternidade. Agora o Adelson, nasceu em casa com a mamãe e a parteira, porque não deu tempo pra ir pra maternidade.

Pois é, eu Morava na Santa Maria de Boa Hora, meu pai cortava seringa lá e eu e meus irmãos morávamos com ele, porque a minha mãe deixou meu pai foi embora e nos deixou, eu estava com seis anos de idade, outro com três e o outro quatro, não sei quanto. E quando ela nos deixou levou nossos registros de nascimento, disque, para depois vim tomar nós do papai e botar nós para estudar na escola, mas ela foi pro seringal, não sei para onde e nunca tomou, só sei que por causa disso eu nem sei que ano mesmo que eu nasci, porque meu pai diz que eu sou de 39 e minha mãe diz que eu sou de 40. Foi o tempo que eu cresci e meu pai tirou um novo registro e colocou que o ano do meu nascimento foi 1939. Aí um tempo

depois quando eu já estava casada, já tinha filho, tinha tudo aí que ela voltou do seringal e soube que eu estava na maternidade, que eu já tinha a primeira filha, que eu tinha me casado, foi quando ela foi conversar comigo e disse que eu era de 40 e não de 39, aí eu disse pra ela: - Não tem mais jeito não já tem o registro com o ano de 1939, e está em todo canto, até na minha carteira de identidade, então não tem mais como mudar, deixa assim mesmo.

Minha mãe deixou meu pai e nós continuamos nossa vida lá na Boa Hora. Eu vinha de lá todo dia estudar aqui na Bora Velha, tem a Bora velha que fica lá para o Centro e tem a Bora Nova, que é aqui na frente na beira do rio para onde eu vinha todo dia estudar. Meu pai para a estrada cortando seringa e quando eu voltava da escola, já era doze horas da manhã, por aí, assim, pra uma hora da tarde, que eu chegava em casa e meu pai ainda não tinha chegado. Aí eu ia fazer fogo. Nesse tempo, era fogão de lenha mesmo, fazia fogo, fazia café, botava o bulezinho de café lá na beira do fogo, cuidava em alguma comidinha pra fazer. Nós tínhamos pirarucu, às vezes, algum peixinho pra fazer, pra cuidar, aí, daí a meia hora meu pai chegava, com o baldão cheio de leite, aquele tapequeiro cheio de leite no panelo! Chamavam tapequeiro, porque era encalhado de borracha e colocava leite dentro e não vazado, era tipo um saco de borracha, assim, como tinha pequeno tinha grande também, antes eles compravam aquelas fazendas de listão para fazerem as sacas de fundo redondo aí botavam naqueles fornos, naquelas luminárias, defumavam e encapavam aquele pano e botavam no sol uns três dias quatro, aí tiravam daquela luminária e ficava o saco encauchado com aquela borracha que era pra eles levarem farinha. Enchia de farinha e levava pro centro amarrado pela boca pra não molhar na chuva por aí. Ficava bom, eles passavam o tempo comendo farinha lá e não molhava não. E meu pai também usava o tapequeiro para carregar leite, ele amarrava bem na boca e botava dentro do panelo e pronto.

Pela manhã meu pai ficava tomando café, eu ia fazer fogo lá no buião, butar caroço tudo, chega a fumaçava se espalhava... Aquela fumaça grossa, cheirosa! Aí ele terminava de tomar café, e ia defumar borracha, botava o leite na bacia e defumava. Aí meu pai defumava a borracha e quando ele vinha de lá que ele ia comer, e eu também, lá pras duas horas da tarde queeu mais o meu pai íamos almoçar. O pessoal por aí quase tudo foram seringueiros. Cortavam seringa antigamente, teve o tempo da guerra, em 1940 não foi? Depois terminou a guerra... Acabou que alguns morreram, antes disso, outros depois, foi assim. A vida era dura,

mas a gente vivia conformado, as casas de, primeiro, eram de palha! As paredes de palha, quando a gente chegava da escola tirava o vestidinho enfiava na parede. A casa, o assoalho era de paxiúba. Ah, nesse tempo eu estava com nove a dez anos, por aí, assim, já estudando! Já tava bem entendida, eu ia com os outros moleques que moravam lá perto de nós, lá no Centro e outros que vinham mais pra cá, nós vinha tudo pra cá estudar, quando era na hora ia todo mundo de volta. Era, assim, era tudo animado.

Naquele tempo, nossa roupa era de alfacinha, de listinha, assim, eu tinha dois vestidinhos, sabe como era pobrezinho antigamente. Quando um vestidinho estava limpo, o outro estava sujo, aí vestia um e lavava o outro. Alfacinha era o nome do pano, de listinha, assim, paninho grosso. Ovestidinho era franzidinho com a mangueira, curtinho, bem arrumadinho, ia com ele pra escola, a gente colocava os livros dentro de uma saquinha de pano, amarradinha com um cordãozinho, botava aquilo no braço e ia embora... Aí quando era de madrugada que meu pai levantava pra fazer café eu também me levantava, aí eu pegava um pedacinho de pirarucu, lavava bem lavadinho, aquele pedacinho, assim, bem lavadinho, espremia, lavava, sabrecava na brasa, bem sabrecadinho! Chega ficava vermelhinho! Aí colocava na saquinha, botava um punhadinho de farinha, levava também pra merenda, quando era na hora da merenda eu ia na casa da mulher onde eu tinha deixado. Quando eu chegava, lá, deixava na casa de uma mulher, e falava: - Olha, meu saquinho de merenda fica aqui. Aí eu deixava lá, quando era na hora da merenda eu ia lá e pegava, às vezes, convidava uma ou duas pra comer comigo, aquele pirarucuzinho, salgado, comia, bebia água, entrava de novo pra sala de aula, quando eram onze horas, nós saía. Era assim, a vida. Era dura, mas era, isso mesmo, era tudo conformado.

Nos dias de sábado, meu pai ia pra lá pra dentro, e eu ia com ele. Os cavalos iam lá pra dentro pra trazer a borracha, ia até no derradeiro Centro! Os cavalos iam buscar borracha, aí eu ia também com o papai pra lá pra dentro. Depois ele ia deixar a borracha para pesar lá na Bora Nova, aí ele comprava viação pra nós, comprava um kilinho de açúcar, meio kilinho de café em grão, uma garrafinha de querosene, uma barrinha de sabão, um kilinho de pirarucu, um kilino de arroz, essas coisinhas! Ele comprava, botava tudo dentro do paneiro, nós íamos embora pra casa, aquilo era pra passar uma quinzena, pra nós comer. A vida era dura, mas a gente era conformado. Todo mundo, aquelas mulheres! Iam pro mato, me chamavam pra ir

com elas, eu trazia aquele feixezinho pequeno e elas amarravam pra eu trazer pra mim. Elas tiravam lenha cortando com machado, aquelas mulheres danadas! Que gostavam de tirar lenha, as lenhas eram só São Mulateiro, uma árvore, que dava lenha boa, aí elas faziam aqueles feixezinhos, eu trazia e vinha com elas pra casa.

Naquele tempo era fogão a lenha. Ninguém não tinha fogão a gás mesmo, não tinha gás, não tinha geladeira, não tinha freezer, não tinha nada, já no fim! Quando eu casei, que eu já vim ter uma geladeira, o meu marido, comprou de Manaus, pediu uma geladeira e um fogão a gás. Cama, eu já tinha também, naquele tempo, era colchão de capim, os colchões, mas eu já tinha, depois foi indo, foi indo, meu marido, comprou uma cama boa pra mim e um colchão de mola, mas só quem tinha mais essas coisas era eu! Freguês, por aí, ninguém não tinha nada não. Aí foi continuando o trabalho de Sorva, desse pessoal, como eu to dizendo, foi aumentando, foram trabalhando, aí eles encomendavam pro meu marido tirar a máquina de costura que vinha de Manaus pra vir no regatão, espingarda nova, eles encomendavam para pagar com Sorva, aí todo mundo bamburrou com as coisas, geladeira, todo mundo pedia, as coisas de Manaus, que vinha pelo regatão. Aí eles pagavam com Sorva, tiravam Sorva para pagar as coisas, todo mundo quase tinha máquinas de costura. Essas mulheres por aqui, não ficavam sem máquina de costura, tinha máquina de pé, tinha máquina de mão, era uma alegria! Todo mundo tinha as coisas, colega!

Aí foi chegando as famílias desse pessoal aqui do Uruapeara, chegou gente de Itacoatiara, chegou gente do Marmelo, isso, logo no começo que eu to falando. Foi chegando, foi chegando, foi chegando, ainda, tem gente do Marmelo, por aqui, ainda tem gente do Uruapeara, por aqui, outros foram embora. Com a abertura da estrada que vai para Humaitá, alguns foram embora. O tempo que a estrada foi cortada aqui, aí foram embora pro Humaitá, um bocado deles. Desse pessoal, que vieram do Marmelo e trabalharam aqui com nós. Eita! Foi muita gente que trabalharam aqui, colega! Era uma animação danada! Era alegre! Todo Mundo. Hoje eu to vendo a vila, a comunidade, eu acho esquisito, porque, eu vejo tanta da gente e eu não vejo alegria, o pessoal tudo de portas fechadas, os comércio tudo simples. Naquele meu tempo era pouca gente, mas era mais animado, não sei, porque, mas acho que era por causa do movimento que tinha dentro de casa, não faltava freguesia, não faltava gente trabalhando com a gente! Mas, é, assim, mesmo, é tudo,

assim mesmo, a gente vence a vida da gente, sempre com aquela fé, com aquela esperança em Deus.

Quem ainda me ajudava em alguma coisa de vez enquanto eram os filhos da Lurdinha, minha afilhada, filha do João Lobato e da Maria Maciel. Quando eu estava lá na outra casa eles que me ajudavam, a mãe deles mandava, os filhos dela virem aqui comigo, o Marlon e o Pedro. Quando eu precisava que alguém compasse água pra mim eles iam. Porque essa água do Rio Madeira, não presta pra nós beber, não tem como beber essa água.

No tempo que o Marlon andava lá pela minha outra casa eu falei com ele assim: - Olha quando tu tiver tempo vem aqui, que agora tu é meu chapa! Tu vem aqui, meu filho, diz pra tua mãe, a Lurdinha. Ela não vem aqui, vive ocupada, também, quando ela está desocupada, ela vem aqui, passa meia hora comigo conversando, aqui, nós almoçamos, conversamos, mais só quando ela está de folga, quando não está trabalhando.

Eu sou da igreja do Sétimo Dia, sou, adventista, mas não tem disso não, qualquer igreja eu congrego. Essa daqui é assembleia de Deus, aqui do lado de casa, tem a Deus É amor, lá fora, pra Vila, tem Assembleia grande, que é a matriz lá e tem essa daqui que é a também assembleia de Deus, mas no dia que eu posso, eu me arrastando, eu vou escutar, eu vou ouvir o culto, aqui, ouvir a palavra de Deus, a palavra do senhor. Eu já fui católica, sim. Hoje sou adventista, mas eu vou pra frente da igreja católica, aí, eu assisto o arraial daí da católica, tudinho, eu assisto, não tem nada não.

A minha filha ela também é do mesmo jeito e ela é da igreja Quadrangular, ela congrega lá, mas não tem disso não, ela chega aqui, se tiver, assim, negócio de arraial, ela está na frente da igreja católica conversando com qualquer pessoa católica, minha filha, pra ela, também não tem disso não. Olha! Vou dizer uma coisa, nós somos só uma pessoa, o que nós temos é Jesus, ele está em todo canto, então! Por que eu vou dizer: - Não vou pra aquela igreja, porque, Jesus não está lá. Não, eu vou pra ali que ele está. Ele está em todo canto, então, nós devemos está é ouvindo a palavra dele e cantando louvor pra ele também, tudo isso. Eu aqui em casa quando eu to sozinha aqui, que eu estou meia triste, eu estou fazendo minhas coisas, eu estou cantando louvor para o senhor, quando acaba, eu bato palma e digo: - É, pra tu senhor esse louvor que eu cantei, te exaltando, estou te botando nas alturas, Glória Deus Senhor!

Eu louvo ao senhor todo dia aqui na minha casa, eu não vivo na igreja todo dia não, mas eu louvo ao senhor aqui na minha casa, eu durmo com minha bíblia na cabeceira da minha cama aberta. Antes eu leio um versículo, aí coloco ela abertinha aqui perto de mim, durmo com ela abertinha aqui no salmo 91. Leiam o versículo 91. Eu tenho muita bíblia que eu leio é muita coisa, aonde fala do senhor eu digo: - Deixa eu ver como é. Eu leio catecismo de católico, leio todos, onde está a palavra de Deus, eu leio. Nossa Senhora, mãe de Jesus, eu leio, ela. Eu aprecio. Levo tudo numa fé! Não descreio de nada não, pra mim é tudo numa fé! A mãe de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, eu tenho o catecismo dela que me deram, eu leio tudo direitinho...

Muito obrigada, pela oportunidade. Eu peço a Deus que eu seja feliz e vocês que vieram conversar comigo também, pra nós vencer a nossa vida, com toda fé e esperança com nosso Jesus de Nazaré. O nosso Jesus de Nazaré é forte, eu tenho pedido tanta da coisa de Jesus e eu tenho alcançado, Graças a Deus! Jesus de Nazaré é nosso pai verdadeiro.

3. URUAPEARA

Antigas cartografias marcam o lago Uruapeara como território dos Kawahib, ainda hoje além da população formada no antigo espaço de seringal, habitam às margens do rio Ipixuna, que tem ligação com o lago Uruapeara, os Parintintin que fazem parte do tronco linguístico Tupi Kawahib e os Mura Pirahã que se mantêm nômades e falam uma língua isolada.

O nome Uruapeara, segundo os moradores antigos, vem de Uruapeara e nasce de uma narração que ganhou variações. Uma das últimas versões que ouvi foi a de que quatro mulheres portuguesas vieram tomar posse do seringal do marido de uma delas, que havia morrido. Adentrando caminhos fluviais antigos, a viúva, suas irmãs e seus tripulantes vararam no lago Uruapeara à noite, amarraram o barco num galho de árvore e viram o galho afundando e levando junto o barco, imediatamente os tripulantes desamarraram o barco do galho. No outro dia, pela manhã, avistaram um senhor indígena na região que sabia falar com os não indígenas, falaram para ele o que havia acontecido, ele explicou então que era o Peara, chefe dos Uruás. Uruá é um grande caramujo e Peara seria uma nomeação indígena dada ao chefe, o maior dos Uruás, muitos ainda acreditam que esse Uruá ainda vive no lago e dizem que não podem matá-lo, pois, senão, o lago seca, outros acham que o Uruá cresceu demais e saiu para o Rio Madeira que é o rio maior.

O lugar onde se encontra a localidade Traíra da família da minha avó e outras localidades onde realizei as entrevistas e vivenciei as experiências de campo correspondem à cabeceira do lago Uruapeara. As localidades foram nomeadas pelos mais velhos que lá habitaram na época do seringal e repassaram para as outras gerações. Estas localidades são: Vista Longe, Graciosa, Paciência, Traíra I, Traíra II e Jamari. A Vista Longe, depois dos mais velhos morrerem, foi dividida em várias partes entre os filhos, o lugar onde fica a igreja às margens do lago agora é Santa Cívita e envolve todas as pessoas das localidades próximas que são católicas numa comunidade religiosa. Apenas a localidade Jamari não faz parte dessa comunidade, porque a pessoa que vive no lugar atualmente é evangélica.

Do lado do lugar onde fica a igreja e a escola do primeiro segmento do ensino fundamental e a sede social da comunidade religiosa Santa Cívita fica o lugar São Miguel onde mora a dona Laura, seus irmãos Januário e Francisco, lugar que fazia parte

da Vista Longe e seus pais passaram para eles. Para o lado de trás da Vista Longe depois do pasto que pertence a dona Laura e seu marido, fica a localidade Vista Alegre que ficou para a Dona Maria, irmã da dona Laura.

Após a localidade São Miguel, ao lado, fica a localidade Graciosa onde mora seu Manel Benigno e dona Judite, que foi herdado do pai do seu Manel, nesse lugar tem a casa deles e a do Orildo, filho deles, mais adiante tem a localidade Paciência dividida em duas partes, uma para as margens do lago que pertence a filha da finada Maria Trindade que era tia da dona Laura. A outra parte para o lado de trás era da Dona Branca e seu Benedito, mais conhecido como Nascimento, que hoje pertence a Odo, filho deles.

Do outro lado do igarapé Água Fria, que passa ao lado da Vista Longe e deságua no lago Uruapeara, fica o lugar que o Pedro, primo da minha mãe, mora com sua família, lugar que está interligado a Traíra I. Depois do lugar Vista Alegre fica o lugar Jamari. Mais para dentro para o centro onde fica um castanhal encontra-se o lugar Rosário que também faz parte das heranças da família dos Trindades da Vista Longe, nesse lugar a minha tia Cila, irmã por parte de pai da minha mãe, herdou um lugar, mas, segundo ela, por ser distante de água preferiu não morar lá, no tempo em que viveu com seu marido e seus filhos no Uruapeara, morava entre a Vista Longe e a Vista Alegre, onde hoje é o pasto.

A Traíra II foi herdada por Raimunda Mota, sobrinha da minha avó, mas ela passou para seu primo, enteado da tia Cila. Mais à frente do outro lado do lago fica a localidade Cabeceira onde morou uma irmã do avô do Pedro e da minha bisavó, no ano de 2011, uma das primas do Pedro ligada à família que vivia na Cabeceira havia retornado para o lugar, mas depois foi embora.

Na mesma margem que fica a localidade Cabeceira, em frente à Vista Longe, fica a localidade Tocador onde havia estradas de seringais, e nas suas proximidades fica o Comercial onde ficava o barracão do seringal, e o Varre Vento, nesses três lugares não habita mais ninguém. Mas lá no Tocador há umas plantações de jerimuns feitas pela Tina, esposa do Pedro. E toda a área é percorrida por pescadores e coletores de castanha locais, essa aérea sofreu incêndios acidentais.

Na frente da Paciência, há uma localidade que chamam de Ponta, porque fica numa ponta de terra às margens do lago. Na frente tem a casa da Maria que é viúva de um Antônio Maciel, que era sobrinho do avô materno da minha mãe, que também se chamava Antônio Maciel, ela mora com seu filho Benedito. Nas proximidades da sua

casa têm as duas casas de suas filhas e para o lado de trás, do outro lado de um pequeno igarapé, tem a casa de uma outra filha dela, a Ana, que numa das viagens dela para Porto Velho, para ver uma das suas filhas, que estava perto de ganhar neném, ela foi na minha casa comer um peixe assado.

Depois da casa da dona Maria Maciel, há a casa da dona Raimunda que é esposa do enteado da tia Cila, os quais fazem roça na Traíra II, dona Raimunda tem um netinho que é filho de um Parintintin com sua filha, eles não ficaram junto e a criança ficou com a mãe e a avó materna. Mais adiante, no fim da ponta de terra perto da curva do Lago para ir emendar com o rio Ipixuna ficam mais duas casas.

Atrás da casa que era do seu Nascimento, que agora é a do Odo, no lugar Paciência, há uma casa do outro lado de um igarapé pequeno, mas embora eu tenha ido lá com dona Judite não me atentei para saber a qual família estão ligados.

Essa parte da Ponta para onde mora a Maria Maciel e outras famílias é como se fosse outra aldeia. Embora eles façam parte da mesma comunidade religiosa que o pessoal ao entorno da Vista Longe, frequentem as celebrações na igreja, o Festejo de São Raimundo e a Ladainha de São Miguel na casa da dona Laura. Percebi que independente da comunidade religiosa há duas comunidades de afinidades.

Da casa do Orildo, em Graciosa, à casa do Irlei conhecido por Maga, no Jamari, é uma comunidade, onde as famílias têm um vínculo de afinidade mais estreito, estão sempre juntas nos puxirum, na brincadeira de bola, nas trocas. Fazem parte dela a família do Orildo envolvendo sua esposa, filhos e seus pais, dona Judite e seu Joaquim. A família da dona Laura, envolvendo seu marido Walter, seus irmãos, Francisco e Januário, sua irmã Maria. A família do Pedro envolvendo a Tina, sua esposa, que é irmã da esposa do Orildo e suas filhas e seu filho. A família do Maga envolvendo sua esposa Edilene e seus filhos e filha.

As famílias que moram na Paciência estão entre a comunidade ao entorno da Vista Longe e a Ponta, mas interagem mais com as famílias ligadas a do Orildo, dona Laura, Pedro e Maga.

Essa divisão não implica separação, uns vão nas casas dos outros e na realização do Festejo de São Raimundo, todos, exceto o Magalhães daquela parte da cabeceira do Lago, dividem as tarefas e fazem as comidas para compartilharem durante o festejo. Magalhães não participa das partilhas das festividades religiosas, mas participa das partilhas do Puxirum, e também oferece Puxirum. Essa forma de organização do espaço lembra as aldeias nos territórios indígenas.

A Lei Municipal n.º 223/2001 dispõe da criação do distrito de Auxiliadora, situado na margem direita do Rio Madeira e dá outras providências. No seu parágrafo único do 1º Artigo da referida lei, são relacionadas as comunidades compreendidas ao referido Distrito, as quais são: Santa Luzia, Fortaleza, Panorama, Santa Fé, São Raimundo, Laranjal, Escondido Saúva, Vista Alegre, Terra Preta, Pau Queimado, Tarumã, Jacundá, Santa Bárbara, Cristo Rei, Castanhal, Santa Cecília, Santo Antônio, Novo Centenário, Floresta, Canavial, Ipixuna, Palhalzinho, Comercial, São Francisco Água Fria, Vila Garcia, Perseverança, Varador do Mergulhão, Val-de-vez, Meditação, Santa Maria, São Domingo, Tapuru, Trapixo, Miriti, São Salvador.

Nas comunidades mencionadas no parágrafo único da Lei Municipal de criação do Distrito de Auxiliadora não é mencionado o Uruapera como comunidade, mas todas as que foram mencionadas estão nas margens do Lago e a que se aproxima mais da área correspondente às localidades onde se encontram as pessoas que entrevistei, é o Comercial vindo de Auxiliadora, que fica do lado direito e do lago esquerdo, em frente ao lugar Comercial fica a Vista Longe. Nos dados encontrados no site do IBGE Uruapera é relacionado com um dos Distritos de Manicoré, havendo dessa maneira contradições nas informações cruzadas com o Decreto de Criação de Auxiliadora.

Na minha primeira ida ao Uruapera pedi para minha tia Cila me falar o nome das comunidades que faziam parte de toda a comunidade do Uruapera, que envolvem o rio e lago Uruapera e o Ipixuna. Ela foi me falando, tomando como referência o rio Madeira: Antes de entrar para o Rio Uruapera ainda no rio Madeira tem o Bom Futuro que fica em frente ao Acará.¹⁵ Ainda no rio Madeira nas proximidades da entrada para o rio Uruapera fica o distrito de Auxiliadora que é um espaço urbanizado, com supermercados, atendimento de saúde, escolas, ruas, lojas, hotel e sedes de administração pública.

Entrando no rio Uruapera do lado esquerdo até chegar à cabeceira do lago há várias localidades que são mencionadas por tia Cila. Jacundá, Santa Maria, Santa Bárbara, Bom Conselho, Cristo Rei¹⁶, Castanhal, Santo Antônio, Centenário e outras localidades menores, uma delas, onde mora a mulher que até 2013 fazia panela e outros

¹⁵Na localidade Acará tem um lago, mencionado na música do seringador, meu tio, Manel Nunes, que cita como lugar onde ficavam os Torá. Era também uma localidade que Francisca e Izolina iam em festa.

¹⁶ Lugar onde os alunos do segundo segmento e ensino médio de toda a comunidade do Uruapera estudam.

utensílios de barro, depois entra para o rio Ipixuna, onde há uma casa ou outra de forma esparsa, algumas abandonadas¹⁷, até chegar na comunidade Floresta.

Entrando no Ipixuna, tem o espaço do seringal e dos territórios indígenas, onde é área de andança dos Mura Pirahã, e a Terra Indígena dos Parintintin no Canavial, mas antes de chegar lá passa pela Floresta e pela localidade Pasqualine.

Seguindo o rio Uruapeara, sem entrar no Ipixuna, chegamos à região da cabeceira do lago e indo para além da cabeceira há a localidade São Francisco¹⁸. Do lado direito do lago Uruapeara em frente ao Centenário há o Igarapé Terra Vermelha e na passagem pela Cabeceira e por outros igarapés que formam em outros tempos os varadores para o rio Madeira.

Conhecendo novos parentes

Durante a estada na casa do Pedro, primo da minha mãe, na nossa ida ao Uruapeara no mês de fevereiro de 2013, tive o feliz encontro com dona Maria e sua família. Num domingo Pedro, sua esposa Tina, suas filhas, Manu e Têco e seu filho Uil foram conosco até o lugar Canavial, onde fica um território dos Parintintin, eu não sabia que lá ia conhecer novos parentes.

Pedro havia prometido esse passeio desde a primeira vez que fomos ao Uruapeara, em setembro de 2011. Mas foi dessa vez que ficamos na sua casa que ele nos levou. Os planos do Pedro eram primeiro nos levar na casa da prima dele e da mamãe, a Leonora que mora no rio Ipixuna, na localidade Pasqualine, antes de chegar na aldeia. Como neste mesmo domingo sua prima com seu marido resolveram também visitá-lo, aconteceu um desencontro, assim, Pedro foi direto para o Canavial. Na volta passamos pela casa deles e também visitamos duas tias do Pedro por parte de mãe que são da família Teixeira, a mãe do Pedro é Teixeira e o pai dele Nunes, primo da minha finada avó.

Enquanto percorríamos a imensidão de água até chegarmos à aldeia não cabia em mim tanta surpresa e alegria de enfim conhecer o Canavial de que minha

¹⁷ Logo na entrada do rio Ipixuna há uma casa que foi abandonada pela família, porque o filho deles foi comido pelo Jacaré, caso mencionado na narrativa da Edilene.

¹⁸ São Francisco é um lugar antigo ainda habitado, segundo dona Judite fica longe tanto da beira do rio Madeira como do Lago Uruapeara. Para se deslocarem para pegar embarcações para irem para Humaitá andam longas distâncias, ainda assim, os jovens continuam fazendo como os do tempo de seringal, andando longas distâncias para irem em festas. Em setembro quando estava lá na casa da dona Judite passou uma turma de meninas e meninos adolescentes e jovens que estavam indo para o Cristo Rei a pé para participarem de uma festa.

avó falava tanto. O Canavial sempre foi o espaço em que ficavam os indígenas, após a chegada dos seringalistas e dos seringueiros, na memória da comunidade do seringal antes havia muitos indígenas, ainda hoje as comunidades que se constituíram no Uruapeara se referem ao Canavial como o lugar que tinha “muito índio brabo, mas hoje já estão tudo civilizados”. Queria muito conhecer o lugar e os Parintintin que vivem lá.

Quando chegamos em frente à aldeia, antes de chegarmos ao Porto ao avistar seu José Parintintin, Pedro logo gritou: “U! Parente!”. Seu José Parintintin olhou, o reconheceu e respondeu. Ao enconstarmos ao porto, os dois conversaram tirando brincadeiras um com o outro, como acontece entre os conhecidos. Pedro falou para sua filha que é a cacique nos buscar no porto por causa dos cachorros. Ao chegar à casa para onde fomos levados, ficamos meio acanhadas, eu e a mamãe, e a Tina fez a intermediação das apresentações de ambas as partes, foi quando nos descobrimos parentas da Dona Maria Luíza conhecida pela comunidade do seringal como Maria Pojó.

Maria Pojó contou do tempo da infância, falou das relações estabelecidas com a avó e as irmãs da avó da minha mãe, falou de todos os mais velhos da família e da comunidade que fez parte antes de ir para a aldeia. Após os reconhecimentos de relações de parentescos, entre minha mãe e ela, fomos almoçar. O almoço tornou-se uma comemoração do encontro, foi servido à mesa, frango e arroz, mas o prato principal foi o macaco no leite da castanha e para finalizar um vinho de cupuaçu no leite da castanha. Envoltos no clima familiar propus uma entrevista com Dona Maria, não podia perder essa oportunidade única, suas filhas, a professora e a cacique gostaram da ideia e a motivaram.

A professora nos levou até a escola e nos deixou à vontade. A entrevista com dona Maria Luíza Parintintin foi inusitada. Da primeira palavra de dona Maria até o fim da entrevista foi uma descoberta sobre as histórias e tradições do espaço do seringal e da aldeia. Ela sem nenhuma timidez compartilhou o seu saber. Após ela ter criado seu enredo, fiz algumas perguntas puxando os fios de sua memória para tecer as histórias da origem indígena de minha família. Conversar com ela foi como desenrolar uma linha para tecer um marico que não era mais tecido, falar uma língua que não se falava mais, foi mesmo saber de uma história indígena que não se falava mais na minha família quando eu nasci.

A conferência da narrativa com Dona Maria Parintintin se deu em setembro de 2015, quando fui ao Uruapeara fazer as demais conferências. Dessa vez eu fui até a aldeia com dona Judite e dois de seus netos. Ela queria ver se conseguia mel com dona Maria para fazer um xarope para mandar por mim para seu filho que está em Humaitá. Fomos pela manhã umas sete horas da manhã, o motor da rabeta falhava de vez em quando, por isso, fomos devagar. Chegamos lá dona Maria e seu José Parintintin haviam ido pescar. Quem nos recebeu foi a Benedita, a cacique da aldeia. Dessa vez minha relação com ela e sua irmã, que é professora, havia se estreitado, pois depois do nosso primeiro encontro na aldeia havíamos participado de um encontro de articulação indígena em Humaitá.

A cacique disse que era melhor eu ficar para ir outro dia, pois quando seus pais saíam para pescar só vinham na metade da tarde, ficavam pescando praticamente o dia inteiro. Resolvi ficar, dona Judite e seus netos foram embora.

Passei o dia com a cacique colocando os assuntos de articulação indígena em dia, fui ao rio com ela e sua filha caçula, lavar louça e tomar banho. Acompanhei a preparação do almoço em sua casa e a das merendas, fomos visitar sua irmã, andamos pela aldeia, até seus pais chegarem.

Quando seus pais chegaram junto com a outra filha da cacique, que é uma cunhantã de uns dez anos aproximadamente, os cumprimentei, seu José e dona Maria ficaram surpresos ao me ver, a neta que estava com eles vendo sua irmãzinha toda próxima de mim também se aproximou. Sua mãe ficou em casa descansando, seu pai foi lavar a canoa e eu fui com a cacique ajudá-la a tratar os peixes pescados por seus pais.

Ao voltar do porto, dona Maria estava sentada na porta da sua cozinha, sentei no assoalho perto dela e disse que tinha ido levar a história dela que ela tinha contado para que visse como tinha ficado. Ela mostrou-se interessada, perguntei se poderia ler para ela naquele momento, ela disse que sim. Li a narrativa e ela ouviu com satisfação, depois pedi seu auxílio para verificar a escrita das palavras na língua dos Parintintin, ela chamou a cacique para me ajudar. Terminamos a conferência, sua filha a partir da autorização da sua mãe assinou a carta de sessão. Logo em seguida chegou a hora da janta.

Sentamo-nos no assoalho em círculo para jantarmos eu, dona Maria e sua neta que havia ido pescar com ela. Os outros já haviam jantado. Comemos uns

carazinhos cozidos, fritos e assados, acompanhados de farinha e arroz, mas eu preferi comê-los apenas com farinha d'água que é feita na própria aldeia.

À noite ficamos na sala conversando, eu estava deitada na rede e seu José havia acabado de me avisar para tomar cuidado com caba e levei uma ferrada, ele disse para sua filha pegar um remédio para passar em cima da ferrada. Além de estarmos conversando também estávamos assistindo a uma novela que estava sendo transmitida na época, com temática bíblica, nesse dia estavam ansiosos para ver a passagem das pragas de jias que haveria no Egito. Assim que terminou a novela fomos todos nos deitar. Tinha ouvido a cacique falar com seu pai sobre irem bem cedo para um puxirum, aí disse que queria ir também, eles se admiraram de eu querer ir.

No outro dia cinco horas da manhã nos preparamos para irmos para o puxirum, fomos eu, seu José, a cacica e sua irmã Rosa. O Puxirum era de uma das famílias dos Teixeiras, fiquei pensando qual seria a relação que os Parintintin haviam estabelecido com eles, quando chegamos lá as duas sobrinhas das Parintintin foram tomar bença, elas estão passando aqueles dias na casa da avó materna, porque sua mãe estava para a maternidade na cidade, foi quando soube que seu irmão era casado com uma das filhas daquela família dos Teixeiras.

Havia algumas pessoas da comunidade Floresta que fazem parte da família dos Teixeira trabalhando no puxirum, não conhecia nenhuma delas. O Puxirum como é de costume foi animado com muitas brincadeiras e risadas, trabalhamos das 7:00 às 11:00 hs da manhã, tivemos um intervalo para merendar bolo de macaxeira com café, no término dos trabalhos ninguém mais estava aguentando o sol quente. Fomos para a casa da mãe do dono do puxirum, onde nos foi servido o almoço farto.

Depois do almoço nos demoramos um pouco mais na casa da família que era dona do puxirum, conversando e descansando, aos poucos as pessoas que moram na Floresta começaram a se despedir e ir embora, logo nos despedimos também, ganhamos bolo de mandioca, eu ganhei para mim e também para dona Judite, pois a mãe do dono do Puxirum é comadre dela. Vendo essa relação de compadrio entre as duas lembrei-me que na narrativa de dona Maria ela fala de uma avó que é da família Teixeira. Percebi que, além do seu filho ser casado com uma Teixeira, ela também tem uma ligação de parentesco com eles.

Voltamos para a aldeia, tomamos banho no rio, descansamos e depois segui viagem de volta com seu José, dona Maria, um neto deles adolescente acompanhado

do padastro. Seu José e dona Maria iam pernoitar em Auxiliadora para pegar um barco pela manhã do outro dia para irem para Humaitá, o neto e seu padastro estavam indo para trazer de volta a rabeta. Deixaram-me na Floresta no barco de um comerciante que mora perto da casa da dona Judite, encostaram a rabeta na ilharga do barco e pediram para me darem carona, a esposa do comerciante disse para eu subir, uma das senhoras estavam lá no barco, dona Maria nos apresentou e disse que nós éramos parentas, soube que ela era filha de uma das irmãs da minha bisavó. Ficamos contente com nossos parentescos. Dona Maria e os demais seguiram viagem, eu fiquei. A esposa do comerciante é filha da senhora para quem fui apresentada, dona Judite havia me falado que nós duas éramos parente, mas ainda não havíamos tido oportunidade de conversarmos. Fiquei sentada num banco aguardando eles terminarem de fazer suas vendas de mercadorias.

Havia um movimento de pessoas no barco fazendo compras de alimentos, como arroz, óleo, frango congelado entre outros gêneros alimentícios. Vi que comprem no sistema de anotar a compra no caderno para pagar depois. Enquanto estávamos lá passou o barco com os alunos que estudam na comunidade Cristo Rei, onde há as escolas do segundo seguimento do ensino fundamental e ensino médio, com algumas modalidades vídeo-aulas. Nessa comunidade chega a rede de energia elétrica e os alunos conseguem acesso à internet na escola. É lá que as pessoas das demais comunidades vão fazer ligações telefônicas num telefone público.

No final da tarde ao pôr do sol saímos da comunidade Floresta, paramos em outra localidade, um senhor de idade foi comprar uma botija de gás. Sua esposa também idosa e meio adoentada foi até o barco e ficou conversando comigo. Depois de atendê-los fomos embora. Chegamos ao porto da casa deles, a noite havia caído, estava tudo escuro, a esposa do comerciante, minha parenta, pediu para um dos seus filhos acompanhar-me com a lanterna até a casa da dona Judite, chegando lá o agradei e entrei na casa.

Dessa vez fiquei na aldeia como parenta, fui convidada para voltar mais vezes. Durante minha estada lá eu e a cacique planejamos para quando eu terminar o doutorado, desenvolvermos alguns projetos, dentre eles, a retomada da produção da panela de barro com as mulheres da aldeia e as mulheres do espaço de seringal, também fui convidada por ela para fazer parte do movimento de mulheres indígenas em Humaitá, ela, sua irmã, que é professora na aldeia e a nossa parenta Munduruku que mora em Humaitá haviam conversado entre elas sobre a possibilidade de me

convidarem para realizar algumas oficinas de formação política para as mulheres indígenas. Fiquei animada com as novas demandas de articulação das mulheres indígenas em Humaitá e nela ver caminhos para retomar algumas tradições no Uruapeara como no caso da produção de panela de barro. Despedi-me com uma indicação de voltar em 2016 para participar de uma festa tradicional a convite da cacique.

Nessa minha participação no Puxirum entre a família Teixeira e os Parintintin confinei minha percepção de que as relações de parentescos sanguíneos e afins se cruzam entre o espaço da aldeia e o espaço do seringal.

3.1 MARIA LUÍZA PARINTINTIN

Maria Luíza Parintintin, também conhecida como Maria Pojó, quando criança seu pai de criação lhe deu esse apelido por ela gostar de comer um pássaro chamado Pojó. Nasceu em 1949, completou 67 anos no dia 6 de março de 2015. É casada com José Parintintin. No Uruapeara fez parte da comunidade do seringal e depois se tornou uma Parin-Tim-Tim. Sua narrativa a constitui como uma guardiã de histórias e tradições dos dois espaços, do seringal e da aldeia.

Antes de eu morar com os indígenas eu era da família dos Nunes, porque foi essa família que me criou. A minha descendência vinda da família dos Nunes era Tapuia, porque a minha avó Antônia, dizia que a descendência deles era Tapuia, porque eles eram morenos... E da minha família pernambucana é pernambucano mesmo, minha vó era do Piauí da cabeça seca e também era
morena.

Desde os treze anos de idade, fui parteira e até hoje com 67 anos ainda sou. Já fui enfermeira, concerto desmentidura, faço remédio caseiro, como a garrafada, que a gente coloca algumas plantas medicinais juntas numa garrafa, para curar alguma doença, faço xarope pra curar tosse que é muito bom, ele leva andiroba, mel, copaíba, limão, casca de manga e a mangaratia, às vezes, eu faço pra mim mesma quando estou ruim da gripe e tossindo muito. Sempre cuidei de muita gente, já tratei de muita gente dentro desse lago do Uruapeara. Eu fui enfermeira geral, tratava de malária e todas as doenças que eu tenho conhecimento... Eu tratava do pessoal

egraças a Deus, nenhuma pessoa morreu durante os sete anos que eu fui enfermeira. Ninguém morreu na minha mão, curei a saúde do povo tudo, quem eu cuidei até hoje estão vivendo.

Casei com dezessete anos com um indígena, o nome dele é José Parintintin, vivi junto com os índios, aprendi muitas coisas da cultura deles, me dei bem, Graças a Deus, até hoje eu tô feliz de ter casado com ele! Antes de eu me casar e vir pra aldeia eu morava na Vista Longe, aqui mesmo no Uruapeara, perto dos meus parentes que moravam lá, minha tia Adelaide no Traíra, a tia Vêrgilha que morava lá para dentro do lugar que chamam Centro, lá pro lado dá Ribanceira, a tia Marsíles que morava lá no Sempre Serve, a minha avó por parte de mãe e a irmã dela que morava, entre a Povoação e o Castanhal, duas localidades antigas aqui do Uruapeara. Minha avó parte de mãe era a Angélica Assunção e por parte de pai era a Antônia Nunes, irmã da tia Adelaide Nunes que era lá da Traíra. A família da minha mãe morava para um lado e a do meu pai para outro lado.

Eu tive minha família de sangue e a de criação, tinha uma parte ligada a família de Teixeira e a outra parte a família de Nunes. O nome da minha mãe, que me teveera Jardelina, ela era pernambucana. Ela e a minha vó por parte de mãe eram lá do Piauí, e meu avô por parte de mãe era pernambucano, minha mãe era pernambucana e piauiense, então eu tenho sangue de piauiense e tenho sangue de pernambucana e também considero que tenho sangue de cearense porque a família da minha avó que era mãe do meu pai de criação era Cearense.

O nome do meu avô por parte de mãe era Antônio, não sei como era o sobrenome dele, porque minha mãe só puxava pro nome da mãe dela... O nome da minha avó era Angélica. E por parte de pai o nome do avô era Custódio Teixeira e da avó era Antônia Nunes... Eles viviam aí pro rio Ipixuna. Eu fui criada por um tio meu, que era o Carlos de Andrades Pinto, e a minha mãe era Rosa de Andrade Pinto, fui criada por eles na Vista Longe, agora botaram o nome desse lugar de SantaCívita, que é onde tem a igreja, mas lá era o lugar do meu pai e eu morava lá, pra lá que eu me criei. Assim, eu fui parte dos Nunes. Eles foram a minha família. Eu morava lá com a minha mãe, meus irmãos tudo e meu tio, o irmão do meu pai, Lucilo de Andrades Pinto, nós morávamos lá com meus irmãos, até hoje ainda tão morando... Tem um vivo no Humaitá que o nome dele é Manoel de Castro, ele também é parente dos Nunes. A tia Adelaide, a tia Vêrgilha, a tia Marzília, minha vó

Antônia, todas eram irmãs e da família Nunes, parentes do pai dos meus irmãos de criação.

A minha vida quando eu morava lá na Vista Longe, era boa! Quando eu morava com meu pai de criação, graças a Deus! Eu era feliz, meu pai era o único negociante que tinha dentro do rio Uruapeara, depois de muitos anos... Quando meu pai morreu aó comércio já ficou com meus primos Manuel de Castro e Chico de Castro, que passaram a negociar. Porque do primeiro aqui dentro do Uruapeara era muito difícil, não tinha negociante! Às vezes, tinha também o Tanagildo Lobato e o irmão dele Crisoldino, que também eram negociantes, que eu conheci durante a minha vida até hoje... Agora hoje em dia não, já tem muitos negociantes de todos os trabalhos, da castanha e outros que o pessoal faz... Já tem dois desses mercados e até supermercado já tem aqui dentro do Uruapeara, de primeiro não tinha não! Tu ia na boca do Uruapeara em Auxiliadora na remada pra ti comprar um quilo de açúcar, era muito difícil... Os produtos eram muito barato, naquele tempo que me criei era mirreis, cinco mirreis era muito dinheiro pra eles, mas o que eles ganhavam só dava pra coisa de quantidade muito pequena, então se você ia comprar cê comprava umas duzentas gramas de café, trezentas gramas de açúcar, era assim, meia barra de sabão, duas caixas de fósforo, pro cara trabalhar quinzena! Meia garrafa de querosene, já viu uma coisa dessas!? De primeiro era assim, agora eu num sofria essa situação porque meu pai tinha comércio... Mas muita gente aqui no Uruapeara se criou com garapa de cana, pois é, eles foram criados assim. Olha um negociante que tem agora ali, o Ariovaldodo mercado flutuante, ele se criou com garapa, desde pequenininho, nasceu e o pai comprava um quilo de açúcar! Para passar um mês com aquela criança!... Sustentando aquela mulher de resguardo e aquela criança, já pensou uma coisa dessas!? A mulher de resguardo não podia tomar a garapa da cana, que era fervida pra adoçar o café... É, era muito triste a vida de primeiro, hoje em dia não, tá tudo fácil, motor!? Só quem tinha era meu pai e era uma voadeira, que chamavam de primeiro deavoador! Agora que é a voadeira.

Hoje em dia já tem vários tipos de motor, mas antes, motor de centro ninguém num tinha... Desses que fazem as viagens com passageiros pra cá. Eles conheciam as lanchas brasileiras que vinham... O velho Alípio que tinha uma lancha também era quem vinha dentro do rio Uruapeara, de primeiro não se via barco entrar como entra agora toda semana. Hoje em dia está tão fácil! A vida tá boa. Tem gente que diz “Ah tá ruim, tá tudo muito caro”, mas tá fácil, tudo tem, de primeiro você

não via rádio, era muito difícil, quem tinha rádio aqui que eu conheci dentro desse rio Uruapeara era o Tanagildo Lobato, e meu pai, que me criou e o Dico Neves, eu conto no dedo das mãos, essas três pessoas dentro desse rio Uruapeara que tinha rádio... E aquilo era no maior cuidado com aquele rádio pra crianças não mexerem. E não era a pilha, era a bateria que usavam de primeiro...

Hoje em dia tá fácil, muito fácil, porque hoje tudo a gente vê... Ixe! Eu conto pra minhas filhas das minhas tias, tia Adelaide, irmã do meu pai de criação, eu cansei de chegar lá na casa dela quando ela estava na beira do fogo abanando, aquela latinha dela fazendo o cafezinho dela... De primeiro não se via casa de madeira. De primeiro, a casa que moravam era tudo cercada de palha com o piso de terra batida... Até a casa do meu pai que era na vista dos outros era rico, porque era comerciante, o piso da casa dele era de terra batida. Ali onde a gente morava nunca vi casa cercada de tábuas, só era cercada e coberta de palha no chão mesmo, na terra pura. Só que a gente batia bem, batia igual o piso! Mas era difícil pra gente... Hoje em dia não, hoje em dia é tudo casa de britilite, casa de telha, forrada de tábuas, feita de piso, tudo é em alvenaria... Hoje em dia é bem difícil ter uma casa de palha, só aqui na aldeia que ainda tem a escola e a minha casa. A minha casa é coberta de palha, cercada e assoalhada de madeira. Ela é coberta de palha porque eu não gosto de britilite. Jesus! Nasceu num presépio de palha! Então a palha é abençoada, o Britilite é muito quente viu! Não tenho inveja da pessoa que tem sua casa coberta com britilite... “Eu tenho minha casa de Britilite, minha casa é de alvenaria, minha casa é disto.” Não. Eu quero minha casinha forrada de tábuas, coberta de palha, Porque, Jesus! Nasceu no presépio que era de palha, então é uma vida boa pra nós viver numa casa coberta de palha, né! Morar como Deus nasceu, porque o Britilite é muito quente pra quem sofre de pressão alta, quem sofre de colesterol fica agoniado com tanta quentura e a quentura faz mal.

Falei no começo que sou parteira desde aos treze anos de idade. Eu fui enviada por Deus! Olha vou contar como foi que eu comecei a ser parteira, vou contar bem direitinho, eu gosto de explicar pras pessoas bem explicadinho, porque a pessoa vai seguindo ali aquele caminho que eu tô ensinando. Eu era uma menina de treze anos, tinha uma mulher que era parenta do meu parente, então aquela mulher foi dar a luz à aquele bebê... Ela coitada passou onze dias com dor pra ganhar aquele bebê, ela não pôde ganhar aquela criança, nasceu só esse braço esquerdo da criança... Aí essa mulher estava toda roxa, toda inchada! Bem, quando foi nesse belo

dia que eu fui lá ver ela com meu pai, meu pai foi aplicar uma injeção de óleo arconfurado nela, pra vê se ela tinha força de resistir, pra vê se tirava aquela criança. A criança estava morta dentro dela... Aí eu por ali brincando com as outras meninas... Menina de outro tempo não sabia o que era maldade, não sabia por onde nascia criança, como é que aquela criança vinha! Ninguém num sabia... Bem, aí quando foi naquele dia, eu fui lá. Deixaram a porta, assim, aberta, as parteiras, tinha umas onze ou doze parteiras lá, as velhas antigas e eu que era uma criança, era dona Anésia, a dona Joaninha, a dona Siurinha, a dona Adélia, a velha Izibina, era uma porção, sei que era umas onze... Os nomes das outras até me esqueci, dona Mercedes e minha madrinha Santana... Eu sei que era uma porção e que eram onze mulheres, bem, aí eu fui lá espiar na porta, ela levantou a cabeça, estava deitada a coitada, toda roxa! Levantou a cabeça e disse: “Aí minha amiga eu vou morrer mana, eu não posso ter meu filho”, - Filho? Por onde nasce? Falei só comigo no meu coração... Eu olhei pra ela, estava só um braço da criança! Eu estava em pé na porta, aquilo, a modo, que foi subindo do meu pé, senti assim: Siil, subindo... Aquela voz me disse: “Vai tirar a criança dessa mulher, vira ela de cabeça pra baixo sacode ela. O braço vai recolher e essa criança vai nascer na tua mão”. Aí eu fiquei pensando, parece que nem fiquei em mim, a modo, que me deu aquele passamento assim... Eu fiquei, num sei como eu fiquei... E aquela voz veio e disse: “Vai, faz o que eu tô te mandando”. Eu gostava muito daquela senhora o nome dela era Helena, era mulher do Luiz Pinto, eu gostava muito dela e ela gostava de mim...

Acho que foi Deus que mandou o Espírito Santo pra mim fazer aquilo, né! Aí eu cheguei lá e disse: - Mana eu vou te salvar, vou tirar esse teu filho de ti, peguei ela... A modo, que eu tinha uma força tão grande, ela era uma mulher bem maior de tamanho e peso, do que eu, mas suspendi ela assim mesmo de cabeça pra baixo e dei três sacolejos nela, sacudi e o braço da criança recolheu. Aí aquela voz disse: “Pega, ajeita bem a criança que ela vai nonascedor e você vai tirar essa criança. Assim mesmo eu fiz... Ajeitei a criança bem ajeitadinha, dei três sacolejos nela, como a parteira faz; eu dei aqueles três sacolejos e a cabeça da criança saiu e eu tirei... Aí quis dar um passamento nela aí eu passei um remédio nela mais que depressa, puxei ela muito bem, ajeitei ela, a mãe do corpo dela, fechei as cadeiras dela, tirei a placenta da criança, coloquei a criança lá e sai, e ela disse: “Mana me põe na minha rede”. Eu agarrei... Forrei a rede dela, botei ela na rede, puxei ela, aí eu gritei: Ei venham cá mulherada, traz um leite com canela não sei com o que e dá pra

essa mulher que ela tá pra ter um passamento... Aí minha madrinha, que ajudou meu pai a me criar, disse: “Minha filha tu é uma jovem o que você tá fazendo aí!? Eu disse:- Eu já tirei a criança, eu já fiz o parto da mulher.Tá aqui venham ver!Eu tirei o menino, ele estava morto, quando eu tirei o menino veio aquela voz e disse: “Ah, você vai ser parteira todo o tempo da sua vida até você morrer...Desde lá até hoje eu sou parteira, tiro criança posicionada de todo jeito, eu conheço a criança que tá no bucho da mãe, eu conheço a criança quando é homem, quando é mulher, se ela tá em pé, se ela tá sentada, do jeito que tiver, eu já tirei.

Ali em Manicoré eu fui pra lá com meu esposo, porque eu estava doente e fui lá me tratar, aí tinha uma Mura que estava com cinco dias que não tinha conseguido ter o filho, estava na mão do médico, aí veio outra enfermeira que era conhecida nossa, porque trabalhava aqui na aldeia com a gente, que disse pra meu esposo: “Seu Zeca, mas a dona Maria não é parteira de lá do canavial?” Ele disse: “É”. Aí ela disse: “O senhor não quer deixa ela dá uma espiada nesta minha paciente que tá sofrendo com dor e já está com cinco dias e não ganha essa criança?”... Aí ele disse: “Ela vai!” Aí, eu fui lá,coloquei ela na cama, e vi que a criança estava enviesada, eu agarrei, puxei a criança, endireitei, coloquei no nascedor e disse: - Olha vai com teu médico e quando for oito horas da noite você vai ganhar, pode marcar no relógio e essa criança é uma menina. Ela disse: “A senhora sabe?”. Eu disse: - Eu sei, vai nascer oito horas e é uma menina e foi dito e feito. Lá numtinha carro pra levar essa mulher, meu marido mais o marido dela levou ela pela chuva mesmo. Foram carregando aquela pobre mulher na chuva, quando chegou oito horas em ponto a criança nasceu. O medico perguntou: - “Quem foi que fez isso em você? Ela disse: “Foi a parteira e ela me disse que era menina e é menina e a hora que ela marcou eu tive! Aí ele disse: “È?”. Pois, você vai chamar essa sua parteira, pra ela vim aqui comigo pra mim saber como é que foi que ela aprendeu isso. Aí a Suze veio de lá e disse: “Dona Maria o médico disse que é para a senhora ir lá com ele, que ele quer saber como é que a senhora sabe arrumar a criança para nascer.” Aí eu disse: -Tu diz pra ele que a escola que ele estudou eu não estudei, a minha foi outra diferente... Mas a menina nasceu com um problemazinho, não podia fazer cocô e nem mijar...Aí o médico disse que não sabia o que era que a menina tinha, mas que era para esperar pra ver se ela ia fazer xixi e cocô quando completasse oito dias. Aí eu falei: - Mas como uma criança vai ficar oito dias assim?Aí foram lá comigo aí eu ensinei um remédio: - Olha tu faz um chá de cominho com erva doce e dá pra neném... Pode

fazer! Ela fez e a menina fez o cocôzinho dela e o xixi. Ficou boa, e eu disse: - É só isso o problema, agora sua filha tá sadia, ela não tem doença nenhuma... Pode tratar dela que ela vai ficar uma criança sadia... E foi. O médico escrevia pra mim porque queria que eu fosse trabalhar com ele dentro do hospital, mas eu disse: - Vou nada largar minha casa, minha comunidade, porque meu povo também precisa de mim, e lá eu sou tudo pra eles... Aí não deu certo não, ele queria que eu fosse, mas eu disse: - Eu não vou não.” E, assim, eu tenho ajudado muita gente, não sei quantas mil crianças já tirei da barriga da mãe para o mundo.

Eu casei com dezessete anos. Conheci o meu marido muito antes de a gente se interessar um pelo outro. Ele era filho de criação do meu tio que me criou. Nos conhecemos desde pequenos, mas só depois nós casamos. Ele não morava com o povo dele, depois quando ele ficou rapaz que ele veio embora pra cá com o pai dele... Deu volta, volta, aí a gente se encontrou denovo, começamos a namorar e casamos. Aprendi muitas coisas com meu sogro e minha sogra. Meu sogro me contou muitas histórias. O velho gostava de contar histórias de como era a vida deles do primeiro, ele contava muita história. Muitas mesmo, e eu aprendi com eles e ficava feliz, ele era muito bondoso, tanto ele como a velha, gostavam muito de mim...

Eu me acostumei com a cultura tradicional deles. Aprendi muita coisa, aprendi a fazer abano, aprendi a fazer esteira, peneira, tudo eu acostumei, falei na língua como eles falavam. É muito bonita a língua deles. Eu conversava na língua com eles, com aqueles que sabem falar na língua. Minhas filhas não sabem falar na língua, mas o pai delas está procurando ensinar pra elas. Agora eu aprendi porque eu tinha que aprender a falar na língua, pois o velho falava bem pouco o português, ele falava mais na língua, e aí ele queria conversar comigo e como é que eu ia conversar com ele? Eu sabia poucas pronuncias da língua deles e ele não falava em português... Aí eu disse:- Quer saber eu vou aprender a língua... Aí comecei a escutar eles falar e perguntava o que era e eles iam me dizendo e dessa forma, eu fui aprendendo, rapidinho eu aprendi... Foi bom pra mim, porque eu comecei a conversar com eles, ele me batizou na língua deles, ebotou meu nome na língua deles de *Marihi*, que significa Maria.

Eu aprendi com o velho, a chamar os nomes dos bichos, as pronuncias que eles falavam. Paca é *karubaruhu*, peixe é *pirá*, todo peixe, é *pirá*. Aí tem *piabuhu* que é jatuarana, tem o tucunaré que é *parirá*, tem o cará que é o *acaraí*, tem a traíra

que é o *pirahu*, o porquinho é *Katituí*, o porco grande é *tanhahu*, macaco é *Kaíteí*, o macaco barrigudo é *kaírana*, o macaco katingola é o macaco *kuchiú*, *djajuí* é aquele macaco zogue, e *tyhu* é aquele macaco cipa... Tudo isso! São os nomes dos bichos, tem também a cutia que é *akutyuhu*, e o Tatu que eu acho que é tatu mesmo, porque eles chamavam desse mesmo jeito... Agora tem *inhãbutiwa* que é a galinha, e *inhãbukorõ* que é o nambu, o Jacu que é o *jakupenby* daquele pequeno e *jacupenbuhu* daquele grande, agora Mutum é Mutum, porque não tinha outro nome, *Jaguara* é a onça... É o *piraputu* que é o boto... Agora o peixe-boi que eu também tô esquecida do nome dele na língua, mas é, assim, tudo eles vão falando na língua deles, mas eu compreendo tudo que eles falam, eu compreendo, entendo tudo, agora só que já tô velha aí me esqueci de muitas coisas, né. Ah, lembrei, mais de algumas coisas, a farinha eles chamam uí... Uí é a farinha, mandioga é a mandioca, em português falam mandioga, mas na língua mesmo eles chamam I'pim.

Quando eu vim pra aldeia quem me ensinou como a mulher tinha que ser na tradição dos Parintintin, foi a minha sogra. Ela era muito legal comigo e me ensinava tudo, igual a uma mãe pra mim. Ela gostava muito de mim. Falando na vó dos meus filhos lembrei que pravó, assim como eu também sou vó é dhiari... Avô é amonhangá, pai é apinhangá, mãe Nen'he, tia jhadyhyn tio é dtuturaga e irmão é kuwraga... É tudo assim...

Antes de eu morar com os indígenas eu era da família dos Nunes, porque foi essa família que me criou. A minha descendência vinda da família dos Nunes era Tapuia, porque a minha avó Antônia, dizia que a descendência deles era Tapuia, porque eles eram morenos... E da minha família pernambucana é pernambucano mesmo, minha vó era do Piauí da cabeça seca e também era morena. Tapuio somos nós da família da minha avó e das minhas tias, ixe! Cansei de beber café lá bem sentada na terra com a minha tia Adelaide, eu conto pras minhas filhas! Ixe! Eu já contei muito isso pra elas. Eu ia mimbora daí da Vista Longe pra ir pra lá pra Traíra, eu fugia lá para casa da tia Adelaide. Eu gostava daquela velha! Deusulivre! O sangue corre pela veia, somos parentes mesmo. Quando meu pai de criação foi me buscar eu tinha 4 anos de idade. Ele foi me buscar e depois quando eu tinha 10 anos foi o tempo que minha mãe morreu, ela morreu nova, tinha 35 anos. Aí pronto! Eles ficaram como meus pais. Aí quando dava saudade da tia Adelaide eu ia lá pra Traíra e o papai ia me buscar que ele ficava com ciúmes de eu ficar lá, aí a tia Adelaide brigava com ele: “Olha já Chial o que tu tem de tá escasseando a cunhantã que ela é

nossa parenta, nosso sangue! Não pode escassear ela não e não quero que judie dela, deixa a cunhantã vim pra cá ela gosta de tomar café com farinha na beira do fogo comigo.” Ela chamava Chial pra ele, os dois eram primos irmãos um para o outro. Eram primos legítimos mesmo.

Eu gostava dum café com farinha da tia Adelaide, ah! Eu ia pra lá era tucumã era tudo e eu queria saber te ta lá comendo com minha tia. Tinha as filhas dela, a Tiliana, não sei se ela lembra de mim, tinha a Pretinha, a Biluca que é filha da Tiliana, tinha também o Pretinho que era filho dela com o Sabá Pinto, irmão do papai, eu não sei quantos filhos a Tiliana teve com o Sabá Pinto, depois ele casou com a Dila, era filha do Sabá dos Santos. Eu sei que ia pra lá pra Traíra e ficava lá com eles brincando, ave Maria! Também tinha os filhos da Preta Maciel, a Maria e a outra que eu gostava dela abessa, nós era amigas e primas, ela morreu, mataram ela no garimpo lá pra Rondônia, a Aristótes, era tão bonita aquela mulher! Ela morava com as irmãs, tinha uma vida tão boa, pra que ela largou aquela vida pra ir para o garimpo? Ai meu Deus a sorte que a gente traz é triste. Quando a gente nasce do ventre da mãe da gente já vem com aquela sorte. Ela teve uma sorte triste. Também tinha os irmão dela, o Manel Maciel, o Pretinho que o nome dele era João, mas nós só era chamado por apelido mesmo dado pelos nossos pais ou pelos nossos avós. Mas quando! Depois que eles foram para Rondônia e eu vim para a aldeia nós não nos vimos mais. Eu cheguei nem a conhecer os filhos desse pessoal. A minha família é grande.

Memórias sobre outros tempos

Na primeira viagem que fiz ao Uruapeara em setembro de 2011, foi quando conheci seu Benedito, mais conhecido por Nascimento. Num primeiro momento, não fui apresentada a ele, eu apenas o vi. Estava na casa da Dona Maria, onde fui hospedada e um dia estava na cozinha coberta de palha e de meia parede, anexo da casa, que por não ser toda fechada podemos ver quem passa no quintal, havíamos terminado de almoçar e ainda estávamos à mesa conversando quando vi um homem carregando no carrinho de mão um senhor que ia sentado, era seu Nascimento, que estava sendo levado por seu filho à casa da sua filha. Seu filho foi até a porta da cozinha disse boa-tarde e pediu água da Dona Maria, ele bebeu e levou para o pai e seguiu viagem.

Com o passar dos dias eu, a mamãe, a tia Cila e a Janice, minha prima, fomos visitar uma família que mora numa localidade chamada de Jamari onde no tempo dos antigos tinha a festa do Seringador. Contam que lá que começou essa dança. No inverno para chegar até lá vamos de canoa, porque o igarapé fica transbordando e no verão vamos andando. O igarapé que, segundo seu Manel Benigno, chama-se igarapé da água fria, ele é um igarapé que vem dos castanhais e deságua no lago Uruapeara e passa em frente ao lugar Jamari, no lugar onde estamos hospedadas e na frente da casa do Pedro, primo da minha mãe, como estávamos no mês de setembro, era possível ir andando nesses lugares.

O chão cheio de folhas e naquela época ainda com alguns pedaços fofos, quando pisava nas folhas tinha a impressão que debaixo da camada de folhas tinha água, mas é bem isso mesmo, como no inverno enche tudo, depois que a água seca ficam alguns peixes presos nas poças, nos troncos de árvore e por baixo das camadas das folhas. Minha mãe falou que nessa época o pai dela pegava muito peixe que ficava preso.

Chegamos ao Jamari, conheci o João Irlei, conhecido por Magalhães, primo da mamãe, e sua esposa Edilene e toda a família, entre eles, o seu pai, que é o seu Nascimento que estava na rede atada na cozinha, na parte onde ficam a mesa e uns bancos encostados na parede, é um espaço grande e arejado coberto de palha, onde se recebem as visitas também. Os melhores espaços das casas para ficar são os cobertos de palha, pois a telha de brasilite esquentava muito.

Seu Nascimento estava bem-humorado, fomos apresentados um ao outro. Minha mãe se apresentou a ele e falou de quem era filha, ele lembrou-sedo meu bisavô e da minha avó e avô. A mamãe falou a ele que eu queria saber qual era a origem do meu bisavô, perguntou dele se ele sabia se meu bisavô era indígena. Ele disse sorrindo que o pai dele chamava meu bisavô de *caboco* e dizia que ele era Tupinambá. Ouvi com atenção ele contar que meu bisavô foi amigo do seu pai e que eles chegaram a viajar juntos. Mas fiquei sem entender porque seu Nascimento se remeteu aos Tupinambá, pois até aquele dia ainda não tinha me deparado com o registro histórico da migração de um grupo do povo Tupinambá para a região atual do Pará. Sabia apenas que era um Povo do litoral, na época fui buscar informação na

internet¹⁹. Somente depois vi que no Mapa de Curt Nimuendajú é marcado com a datação de 1639 um território denominado Tupinabarana, compreendido ao lado direito do rio Amazonas de onde desemboca o rio Madeira até a boca do rio Tapajós ligando esse território aos Maué com a datação de 1762, e Munduruku com a datação de 1639, e do lado esquerdo do rio Amazonas chegando ao rio Madeira incidindo em território de ocupação Mura com a datação de 1667. Depois também conheci alguns Tupinambá de Olivença em ações de luta política de autodemarcação de seu território, havendo entre nós uma proximidade por sermos povos que são tidos por alguns estudos históricos que dizem que não existimos mais.

A terceira vez que vi seu Nascimento foi em janeiro de 2012, quando fui para o Festejo de São Sebastião, embora eu tenha ido exclusivamente para o Festejo, antes de ir me alojar na casa de apoio na comunidade Centenário, onde estava acontecendo o Festejo, fui visitar a Dona Maria na Boa Vista e Edilene no Jamari. Dessa vez fui de rabeta porque estava tudo cheio. Chegando lá no Jamari, vi rapidamente seu Nascimento.

Somente em fevereiro de 2013 que entrevistei seu Nascimento. Fui com a mamãe no final do dia da sexta-feira para o Jamari, um dos filhos e a filha caçula do Magalhães e da Edilene foram nos buscar de rabeta, dormimos lá, passamos osábado com eles e à noite o Magalhães foi nos deixar na casa do Pedro, onde estávamos hospedadas. Entrevistei seu Nascimento numa sexta-feira à tarde, ele estava na sua rede atada na cozinha, de lá escutávamos as conversas das pessoas que estavam trabalhando na casa de farinha. Tinha hora que as conversas vindas de lá ficavam mais altas do que a voz do seu Nascimento.

A entrevista foi realizada de forma insistente, seu Nascimento não estava num dos seus melhores dias. Ele ficou incomodado com minha insistência em querer saber da vida dele. Mesmo que soubesse do incômodo que eu estava causando eu continuei perguntando, indagando sobre o lugar onde nasceu e se criou, sobre sua infância, sobre sua experiência de pescar e caçar. Tinha hora que ele respondia bem, outra hora respondia contrariado, outras horas fazia de conta que não

¹⁹ De acordo com as informações do Wikipedia os Tupinambá situavam-se na região do Nordeste e Sudeste. Ainda hoje vive um grupo indígena que se define como Tupinambá de Olivença. Segundo consta nos registros encontrados <http://pt.wikipedia.org> os Tupinambá são considerados os antepassados de todos os tupis que habitavam o litoral brasileiro no século XVI. Conheço pessoalmente alguns Tupinambá de Olivença e a luta do Povo na autodemarcação de seu território.

tinha ouvido e não respondia. Quando eu via que ele estava enfezado eu procurava fazer algum comentário amigável, aí ele se desemburrava novamente, por exemplo, na hora que ele parou mesmo de responder e me ignorou, eu perguntei seu nome completo e idade, aí ele falou, eu enfatizei sorrindo para ele:– Nossa o senhor já viveu muito! E ele desfez o rosto fechado e falou: “É já comi muita farinha”. Aproveitei que ele tinha voltado a falar e tornei a querer saber um pouco mais do universo cultural dele. E assim a narrativa dele esticou mais um bocadinho.

Se eu fosse transcrever todos os gestos do seu Nascimento durante a entrevista seria escrito um texto só com os gestos. Alguns deles eu traduzi para a narrativa escrita, outros não foram necessários por ele ter verbalizado o que tinha expressado no gesto, por exemplo, quando ele ficava calado, me ignorando, ele dizia em seguida que já havia falado tudo o que tinha para falar.

Senti-me muito incomodada com a minha própria insistência em instigar seu Nascimento a falar, mas ao mesmo tempo sei que não teria outro jeito de fazer essa entrevista, e no fim de tudo quando a narrativa estava transcrita achei que foi válida tanta insistência, e de tanto pensar na maneira dele se expressar vi que o seu jeito ranzinza, seu incômodo, seu mal-estar estomacal, faz parte do modo dele estar e ser naquele momento da existência dele. Não tinha como ser diferente.

Reverendo seus gestos durante a sua entrevista fiquei desesperada com a incapacidade de transpô-los para a narrativa escrita, porque nem sempre a linguagem do gesto se encontrava com a palavra falada. Na impossibilidade de torná-los de forma integral parte da narrativa, resolvi descrevê-lo aqui no espaço de contexto das entrevistas.

Iniciei a entrevista pedindo para seu Nascimento falar sobre a sua experiência de vida, ele fica alguns minutos calado, dá de ombro e solta um riso curto e irônico diante do pedido que lhe fiz para ele, que já vivenciou tantas coisas, e agora diante desse pedido se vê na impossibilidade de falar de uma imensidão de experiências.

Se embalando lentamente na rede, empurrando com um lado da mão e com o outro lado segurando um porretinho de pau improvisado de um galho de árvore. Com ele ora empurrava a rede, ora batia no assoalho. Esse porrete media o nível de tolerância dele às minhas perguntas. Mesmo com sua expressão inicial de achar que não tinha como explicar o universo de suas experiências, ele falou, fez umasíntese,

falou da experiência do trabalho e das dificuldades enfrentadas nas relações estabelecidas no sistema do seringal.

Diante das outras perguntas em que busquei suas percepções de mundo, ele respondeu falando de suas práticas da pesca, da caça e das relações sociais, e passava sempre a ideia de que já tinha falado o suficiente. Quando eu tentava adentrar no assunto ele expressava impaciência ou mesmo nem chegava a compreender o que eu tinha falado e eu repetia.

Pelo que pude interpretar dos gestos de seu Nascimento, para ele não tinha sentido eu perguntar como era que ele diferenciava um peixe do outro só pela forma que cada um boiava, e depois de ele ter me falado que pescava, caçava desde criança, e que desde menino trabalhava no seringal, para ele parecia um absurdo eu insistir perguntando sobre as coisas que ele conhece do rio, do lago, do igapó, e ele tinha razão em achar que eu estava sendo óbvia, pois na tradição oral é preciso vivenciar as coisas não apenas ouvir como são feitas.

Diante das minhas insistências ele me respondeu: “Pois é, eu já falei tudo que já foi passado, sobre peixe, sobre caça, sobre tudo”... Depois disso, a batida mais forte do seu porrete no assoalho mostrou que sua paciência havia se esgotado. Eu ainda precisava saber seu nome completo, idade, essas coisas, ele me respondeu contrariado, depois disso pediu da neta que ia passando um copo de água. Bebeu rápido a água e tossiu, perguntei a ele se tinha se afogado, ele disse que não e disse “A modo que estava entalado”. Falou que sentia isso constantemente, durante a entrevista havia notado esse incômodo na garganta e também no seu estômago. Algumas vezes durante a entrevista ele passou a mão no estômago, perguntei a ele se sentia alguma dor e ele disse que não.

Após a pausa para a água perguntei ainda porque o chamavam de Nascimento, já que ele havia dito que seu nome é Benedito, então ele contou que é porque nasceu no dia de Natal, aproveitei e perguntei sobre as festas, contou até certo ponto depois já deu a entender que estava achando desnecessárias as perguntas que se seguiam, embora me respondesse, o seu gesto de levantar os braços e cruzar debaixo da cabeça demonstrava a posição de quem estava deixando o tempo passar e esperar terminar algo que gostaria que acabasse logo. Entendi a mensagem e tratei de não insistir mais.

O tempo da nossa conversa foi permeado por momentos em que seu Nascimento era generoso comigo e me contava um pouco das suas lembranças e me

dava a oportunidade de conhecer um pouco mais da percepção do espaço vivenciado por ele, e por momentos em que ele se incomodou com as minhas tentativas de saber mais e respondia de forma contrariada. Mas eu acredito que sua impaciência não pode ser entendida como mau humor, mas como um incômodo a sua própria condição de ter que permanecer numa rede, levantar e se locomover curvado e com todo o seu esforço que resta para se sentar no assoalho e fazer suas refeições.

Presenciei o momento do seu almoço sentado junto com sua neta no assoalho, percebi que a interação com sua neta foi agradável para ele. Sua neta que na época tinha dez anos de idade serviu sua comida e sentou ao seu lado para ganhar alguns pedaços de peixe, pois ele almoça antes de todos da casa e, assim, ela faz uma merendinha antes de almoçar com os demais. Entre um pedaço ou outro de peixe que ela ganhava do avô eles sorriam entre si.

Gravar uma conversa com seu Nascimento foi difícil, penso que para nós dois. Para mim que fiquei ofegante cada vez que ele me dava pistas e me levava a querer saber mais, e para ele por achar que o que ele tinha falado era o suficiente para eu saber de tudo. Eu quis muito entrevistar seu Nascimento por ele ser idoso e ter no tempo de menino e rapaz conhecido meu bisavô. Minha esperança era que na sua história de vida tivesse alguma pista a mais para montar o quebra-cabeça da origem indígena do meu bisavô. Mas não era só o interesse em buscar elucidações sobre minhas origens, mas também registrar as percepções que seu Nascimento tem sobre si e sobre o espaço vivenciado por ele. Mas seu Nascimento precisava de outro tempo para contar, eu precisava permanecer mais tempo lá, sentar no banco da cozinha perto da sua rede e a cada tarde saber um pouquinho da sua experiência, da sua percepção. Mas eu não tive esse tempo e tive que criar um espaço para ele contar com as condições do humor do momento. O tempo da narrativa dele foi ele que instaurou, pois por mais sintética que fosse a sua fala, foi a partir da primeira pista dada por ele que fui querendo saber mais.

Eu cutuquei o máximo que pude o seu Nascimento, ele se aborreceu, mas como não se aborrecer com alguém tão “importa vida”, como me chamava a minha avó, quando eu perguntava algo nos dias em que ela não estava para muita conversa. Eu insisti em saber mais até onde ele permitiu. Não foi fácil. Eu respirava fundo e tomava coragem para indagar mais um pouquinho e ele, do jeito dele, falou até quando quis, até me ignorar e não dar mais nenhuma palavra, se emburrar de vez. E nem por isso eu deixei de admirá-lo.

Na época da entrevista seu Nascimento era franzino com uma aparência fragilizada, mas um temperamento forte e ainda tinha suas vaidades. Fiz a entrevista com ele numa sexta-feira à tarde, porque sábado ia viajar para Humaitá para receber sua aposentadoria, ia junto com o filho que o carrega para os lugres que ele quer ir. Nesse dia bem cedo de manhã Odo já estava cuidando da aparência do seu pai, cortou o cabelo, fez a barba e arrumou a bagagem dele. Seu Nascimento que escolheu a roupa que queria levar e a que vestir para a viagem. Almoçou cedo, ainda eram umas onze e meia do dia quando foi para fora do Jamari, pois o barco não entra no igarapé, passa só lá fora no lago. Ele pegou o porrete dele e foi sozinho até o rabeta, chegando lá seu filho o ajudou a embarcar, na saída ele acenou para todos. Eu o acompanhei com o olhar e fiquei orgulhosa da sua determinação.

Por não poder estar onde os outros estavam, na roça, na casa de farinha na pesca e na caça, parecia que tinha se abandonado à rede e nela esperava o tempo passar, mas, não, ele estava atento a tudo. Da rede escutava as conversas nos dias de trabalho na casa de farinha, via chegarem da roça, acompanhava a circulação na casa e interagia quando pessoas da sua família estavam entre ele, no espaço da casa onde permanecia durante o dia, sabiadas horas marcadas pelo canto do galo no terreiro, ralhava com os cachorros quando avançavam nas visitas e ao anoitecer se recolhia ao seu canto para dormir e no outro dia voltava a se embalar na sua rede na cozinha de onde acompanha todo o movimento da casa. Levanta-se da rede só para casos extremos de suas necessidades, mostrando ainda alguma forma de autonomia no cuidado de si. Essa rotina é quebrada quando resolve passar um ou mais dias na sua casa onde mora o Odo seu filho solteiro e quando ia à cidade de Humaitá resolver questões da sua aposentadoria.

Em setembro de 2015 quando retornei ao Uruapeara, seu Nascimento havia falecido, segundo sua filha ele faleceu em 2014 no período da grande inundação, quando a água estava chegando perto da escada da porta da frente da sua casa, antes deles terem que se transferir para uma casinha improvisada de assoalho alto para passar a inundação.

Sua filha ainda estava abatida, como uma tristeza no seu olhar, ela e seu marido quiseram ouvir a narrativa de seu Nascimento. Li, eles se surpreenderam com os conhecimentos que ele deixou registrado, sorriram da observação que ele fez sobre os peixes do tempo dele e os de agora, dizendo que o tempo dele era de fartura e agora as pessoas comem uns peixinhos só pra chupar. Os dois sorriram e Dilene

falou, ele sempre falava isso mesmo. Perguntei se eu podia manter a narrativa dele na pesquisa, eles disseram que sim e sua filha assinou a carta de sessão.

Achei que ia conseguir encontrar seu Nascimento vivo para ler a sua narrativa para ele ouvir e ver se ia gostar. Mas não cheguei a tempo. Eu tenho pra mim que ele ia gostar. Temos agora a sua narrativa que o manterá vivo na memória escrita de tempos do seringal, de tempos da fartura e de dificuldades, tempos de mudanças onde passou a experimentar a liberdade de trabalhar e comprar de quem quisesse e da sabedoria sobre os peixes, os bichos do mato, das matas e dos rios, conhecimento que ele começou a adquirir desde curuminzinho.

3.2 BENEDITO

Benedito Moraes dos Santos, seu Nascimento. É assim que é chamado, porque nasceu no dia do Natal. No dia da entrevista sua idade era 76 anos de idade. Nasceu se criou na localidade chamada de Água Fria, um dos centros de estradas de seringas em que se formou uma comunidade que faz parte do Uruapeara. No fim da vida vivia entre sua casa e a casa da filha. Passava o tempo dentro da sua rede, embala-se lentamente empurrando a rede com uma das suas mãos e com a outra segurava um pedaço de pau que bate no assoalho... Passava a maior parte do tempo abandonado na dispersão dos seus pensamentos, os problemas na sua saúde comprometiam algumas vezes o seu humor, mas ainda assim, ao insistirmos ele, compartilhou seus saberes. Faleceu em 2014 no começo da inundação desastrosa que desalojou as famílias e matou as plantações, os peixes e os bichos do mato. Morreu devido aos problemas de saúde que já tinha, mas num tempo em que o espaço em que ele vivia também experimentou muitas mortes causadas pelas hidrelétricas no rio Madeira. No retorno para a sua conferência sua filha disse: “Ele morreu quando a água estava chegando na escada de casa.”

Eu comecei a trabalhar na seringa desde os 12 anos de idade, mas pescar parece que é desde os cinco anos que eu comecei... Era de caniço, era de flecha, era facheado.

Ah!... Minha vida Já foi sofrida! No próprio tempo em que me criei, como diz o ditado, era o tempo da fartura, mas também era o tempo da

escravidão. Dinheiro, isso era difícil... E mercadoria era todos os anos que faltava... Quando não era açúcar era café, quando não era café era sal, era querosene... De tudo a gente sofria na vida... O pessoal passava um bucado mal, quer dizer, nem todos passavam mal. Quem trabalhava mais que podia guardar mercadoria guardava mesmo... E os que não podiam? Compravam só mesmo pra se manter... Hoje não. Hoje as coisas são muito melhor... Naquele tempo o patrão humilhava os fregueses. Os patrões eram aqueles que vendiam mercadoria pra gente e os fregueses eram os seringueiros.

Ah! Rapaz aquele que devesse num saia e não comprava o que queria comprar. Só comprava pela metade. E hoje não, o patrão da gente é a gente mesmo. É o dinheiro da gente agora, porque a pessoa compra de quem quer. Se quiser comprar dum compra, se não quiser, compra de outro. Ninguém vai dizer: - Ah você tem que comprar de mim. Não. Ninguém trabalha mais em propriedade de ninguém. Todos têm suas propriedadezinhas. E ninguém mais trabalha com negócio de patrão... Não tem esse negócio de dizer - É trabalho na propriedade do fulano tenho que vender minha produção pra ele... Aí não dá...

Ah! Mas eu nasci em Água Fria... Lá era um centro, foi onde eu me criei. Centro era um lugar onde ficavam as estradas de seringa, mas era uma comunidade também. Hoje em dia tá reduzida em nada... Só tem três casas, parece. Naquele tempo não. Era uma comunidade cheia de casa... Era uma vila de casa. Íiii era grande o espaço de uma casa pra a outra... Lá de casa dava bem uma hora e meia da primeira a derradeira... E hoje! Hoje tem só uma comunidade pequena. Dividiram e formaram outra comunidade, mas também não tem ninguém... Saíram tudo... Tinha é muito um bucado de nego, mas agora só tem cinco casas. Parece que lá mesmo onde eu nasci e me criei só tem três casas. A vida lá era assim como é agora mesmo.

Na minha Família era um bucado de gente que tinha... Tinha um bucado, em casa mesmo eram quatro irmãos por tudo. Duas mulheres e dois homens. Era José, Maria, Geralda e eu. Eu era o mais velho. Agora só tem três vivos. O nome da minha mãe era Raquel e o meu pai era Serafim. Mas da onde eles vieram... Ahaa... Agora aí eu não sei. Meu pai era descendente de Santarém... Mas nasceu aqui no Amazonas velho. O pai dele e a mãe dele era de lá de Santarém, é só disso que eu sei. Agora a mamãe eu não sei da onde ela era. Assim, sobre a origem da minha família eu não sei não. Quando meu pai e minha mãe vieram pra localidade onde eu nasci, eles eram casados de novo, tinham acabado de casar, a mãe do meu pai só

teve ele, depois o pai dele morreu e ficou só a mãe dele. Sei que meu pai num conheceu lá o lugar da onde o pai dele veio... Só sabe que a família dele era de lá de Santarém.

Aqui tinha o velho Antônio Maciel que veio lá de Santarém, ele era do tempo do meu pai, eram amigos, eu não me lembro bem, mas acho que meu pai dizia que ele era Tupinambá. Eu acho que eles trabalharam junto quando eram solteiros... E depois de terem família moravam tudo longe um do outro. O velho Antônio morava aqui pra Traíra e o papai morava lá pro Centro. De lá aqui é longe, umas quatro, cinco horas de viagem. Quando eu morava lá no Centro, já existia o Jamari, Vista Longe, esses lugares pra cá, já existiam... Mas eu só já vim pra cá depois de grandão, já menino Velho. Quando eu trabalhava no comercial, o velho Antônio Maciel, trabalhava de assalariado e eu trabalhava de seringueiro. É que ele trabalhava por conta da casa fazendo viagem... Remando batelão aí no igarapé e no rio. A diferença era que ele trabalhava por conta do patrão e eu cortava seringa. Esse velho Antônio Maciel gostava de enganar os capitães que chagavam aqui nas embarcações. O capitão falava pra ele: “Ei caboco traz um jabuti pra mim.” Ele dizia que ia levar, mas primeiro tinha que dar uma garrafa de cachaça para ele, Rum... Ele tomava a cachaça, mas num levava era nada o Jabuti... Meu pai que contava que o velho Antônio Maciel, fazia isso, eu me ponho a rir disso, o capitão ficava lá esperando esse jabuti e nada.

La onde nós morava tinha muita criança. Era pra ter porque tinha muito morador... Eu tiro por aí. Mas nós tinha a hora de brincadeira e tinha a hora de trabalho. As cuhantãs brincavam de boneca e os curumins de flechar, pular, balar, jogar bola... As brincadeiras hoje em dia é só bola. Do primeiro tinha bola, mas era aquela brincadeira dirrepente e agora esse pessoal sai pra li pra bola, final da tarde e já chaga só oito horas da noite. ... E é todo dia... Não é: - Vou hoje amanhã não. Naquele tempo não. Tinha o dia para jogar bola e as famílias no dia-a-dia, umas plantavam, outras cortavam estrada de seringa, pescava e pronto. Era o trabalho que tinha.

Eu comecei a trabalhar na seringa desde os 12 anos de idade, mas pescar parece que é desde os cinco anos que eu comecei...Era de caniço, era de flecha, era facheado. Eu ia pescar com meu pai, com meus irmãos e com meus primos. Olha!Pescar, eu fui toda minha vida, agora que eu não pesco. Porque eu não posso.

Tinha pescaria e caça grande... A gente matava de dois, três, pirarucu por semana, dois, três, pirarucu por dia! Anta, porco, veado, macaco, tudo o que era caça que eles matavam. Só não matava quando não ia atrás. Aquele tempo era fartura. Agora que as pessoas comem esses peixinhos só pra chupar. Naquele tempo só comia era coisa boa. Era carne, era peixe graúdo. Pirarucu, aruanã, tucunaré, jatuarana, pacu, só os peixes bom mesmo! Caça era de todo tamanho, de toda qualidade, de pena, de pelo, de tudo. Era toda qualidade de bichos de pena, desde a nanbu ao marreco, os de pêlos... Engraçado isso, mas era toda qualidade de macaco... Tudo que era qualidade de bicho. Tinha também os tatus que tem aquela casca, mas não é bicho de casco e nem de pêlo, rum... Sabe lá de que é aquela vestimenta dele, parece uma escama.

Para caçar o tatu é a mesma coisa das outras caças. Os cachorros que caçam que pegam os bichos... E os donos dos cachorros matam a caça com chumbo na espigada... Mas é o cachorro que acha a caça. O cachorro caçador acha é tudo. É paca é tatu e cutia, é tudo. Eles acham a caça e o dono é que mata. Esse é o jeito para caçar. Para pescar a gente tá enxergando o peixe boiar e já sabe que peixe é só pelo jeito que boiou. A gente que já é acostumado na vida... Conhece todos os sintomas da mata e do rio. Mas agora eu cheguei numa idade que eu não estou pra conversar porque minha cabeça não presta mais... Eu tô conversando depois eu não sei o que eu falei mais. Tudo o que eu tinha pra falar eu já falei. Já falei tudo que já foi passado, sobre peixe, sobre caça, sobre tudo...

Meu nome é Benedito Moraes dos Santos. Tenho 76 anos de idade. Comi muita farinha, mas hoje eu tô comendo pouca, isso é um modo de dizer que já vivi muito. O nome da minha esposa era Benedita ela era da família dos Lobatos misturado com Teixeira. Faz 30 e poucos anos que ela faleceu... Eu sou chamado de Nascimento por causa do natal. Eu nasci dia de festa. Mas eu não era muito de ir à festa.

As festas aqui não eram animadas, não era em toda festa que eu me influía de ir não. Também dançava pouco. Não era muito chegado pra dançar não. As festas de antes eram igualmente agora mermo, só a dança de agora que tá diferente das danças antigas. E os instrumentos também. Naquele tempo só era pau e corda. Violino, cavaquinho, bandulino, essas coisas, sanfona, tudo isso. Só era pau e corda! E hoje são outros instrumentos... É só teclado e não sei mais o que... Agora dança... Tinha uma porção de qualidade. Era valsa, xote, mazuca, também dançavam frevo, sei lá...

Era uma porção de frescura... Tinha até quadrilha. Agora... Aqui quase já num tem gente pra ir pras festas, quando tem festa aqui já vem gente de Manicoré, de Porto Velho, de Humaitá, do Madeira. E antes pra fazer uma festa só era gente daí do Centro mesmo. Dava pra fazerem festa de duas noites. Era conforme quisesse. Até uma semana tinha festa... Eu acho graça quando me lembro disso. Era um povo animado e não tinha confusão. Beber cachaça só bebiam os velhos... Rapaz não bebia cachaça. E hoje os velhos já num bebem e já quem bebe são os curumins. Mulher até que tinha, mas não eram só as solteiras. Tinha muita família aqui que iam para as festas.

As festas não eram só na época dos Festejos dos santos. Faziam festa era atoa mermo... Dia de Sábado ou outros dia... Era o dia que queriam dançar formavam uma festa, não tinha data não.

Mas já tá bom, já chega de falar, já estou ficando agoniado, vou parar de falar porque a minha garganta tá forçando a modo que tô entalado e ainda tem o meu estômago que não tá bom.

Entre o trabalho e a narração

Entre silêncios e risos de timidez nasce a narrativa de Edilene. Foram dois dias na sua ilharga acompanhando, conversando, trabalhando junto, para enfim conseguirmos fazer uma suspensão no tempo dos trabalhos para um momento dela narrar sua experiência de vida e eu me colocar a escutar.

Na manhã do dia 22 de fevereiro de 2013 a Dani e o irmão dela, filhos da Dilene, foram nos buscar de rabeta na casa do Pedro, primo da minha mãe. A distância não é longa, mas nessa época o deslocamento é pelos caminhos das águas.

Chegamos ao Jamari, a família estava na casa de farinha trabalhando. Seu Nascimento, pai da Dilene, estava na rede. Durante os dois dias que fiquei lá além de entrevistar Edilene também entrevistei seu Nascimento e o Maga, seu marido. Acompanhei os trabalhos de preparação da farinha d'água, da goma de fazer beiju de tapioca, do tucupi e do tacacá. Foi lá que vi pela primeira vez colocar peixinho frito e salgado no tacacá no lugar do camarão, que fica muito gostoso.

Percebi que ia ser difícil conseguir um tempo para entrevistar a Edilene. Procurava estar sempre por perto dela lhe auxiliando nos trabalhos, ia para a

beira do igarapé com as baciadas de louças para lavarmos, com os peixes para tratar, até fui com ela ver as esperas de peixe.

Na manhã em que eu estava tratando peixe com a Dilene na prancha da beira do igarapé, primeiro ela me alertou sobre os muçuns que vinham por baixo da prancha para comer as vísceras dos peixes, já fiquei assustada, pois o bicho parece uma cobra, aliás pode até ser um peixe-cobra. Depois eu e ela indo ver as esperas de peixe quase nos alagamos, nesse dia eu pensei que ia morrer. Pois lá têm muitos jacarés, cobras e botos e por pouco não nos alagamos, porque eu me bati num galho de árvore, mas depois nós duas conseguimos nos equilibrar rápido. Nessa época as árvores ficam dentro d'água. Minha mãe foi correndo pra beira do igarapé, porque se assustou com meus gritos. Ficamos um tempo nos recuperando do susto enquanto continuávamos a tratar os peixes.

No segundo dia, era sábado, dia que ela faz uma limpeza geral na casa, tinha muitos serviços, me disponibilizei a cuidar da casa e a dobrar as roupas, assim, ganhamos tempo para a entrevista. A casa da Edilene e da sua família é grande e bonita, fica nas proximidades do igarapé, mas numa parte alta²⁰, tem uma varanda grande, uma sala, de um lado de um corredor estreito dois quartos e de outro mais dois, no final do corredor outro quarto. Eles são uma família grande, são três filhos rapazes e uma menina de dez anos de idade.

Na parte da tarde de sábado, segundo dia que eu estava lá em sua casa, fomos para o seu quarto e realizamos a entrevista. Ela ficou tímida e custou a tomar coragem para falar alguma coisa. Edilene está sempre cuidando de algum serviço de casa ou da roça, cuidando dos filhos, ajudando o marido e aquela situação de estar separada dos demais, fechada num quarto e ainda para falar de si, era inusitada para ela. Antes de entrarmos para o quarto ela havia feito um leite para o marido que havia acabado de chegar da pescaria, avisei a ele que iríamos ficar um tempo no quarto para fazermos a entrevista, avisei seus filhos também, mas ainda assim eles foram espiar na janela, rir baixinho e cochicharem. Depois de tantos tumultos e um tempo de silêncio e risos de timidez ela começou a falar, fiz algumas motivações e ela descorreu sobre seu dia a dia como mulher.

Após a entrevista, fomos para o espaço onde estavam os demais, uma família que mora para o rio Madeira e está para dentro do castanhal tirando castanha, estavam lá

²⁰ Nas cheias comuns no tempo do inverno a água não chegava até a casa, mas em 2014 a sua casa foi para fundo.

fazendo uma visita. Toda época de castanha essa família vai para o castanhal, no lugar chamado Rosário, que é da família deles, tirar castanha para vender e depois voltam para a casa. A conversa estava animada e como é de costume quando os parentes e conhecidos se encontram um faz mangova do outro e riem bastante.

No final da tarde receberam a visita do primo do Maga com um casal de filhos e sua esposa. Depois à noite, o Maga foi nos levar de rabeta, estava uma noite bonita a lua estava refletindo e clareando nosso caminho na água.

Em setembro de 2015 fiz a conferência de sua narrativa, tanto ela como seu marido, que estava por perto fazendo uma ponta de arpão, se surpreenderam com os conhecimentos femininos presentes em sua narrativa. Ela estava passando por uma fase de tristezas porque seu pai morreu e porque seus filhos estão estudando, dois no período do dia e um no período da noite, o marido está trabalhando longe e ela fica grande parte do tempo só em casa, se queixou disso quando estive lá. A leitura da sua narrativa lhe deu um ânimo naquele dia.

3.3 EDILENE

Edilene Texeira de Morais nasceu no Uruapeara dia 9 de setembro de 1976. É uma pessoa alegre e afetuosa que luta junto com seu marido no dia a dia pelo sustento da sua família. Apesar de tanto trabalho que faz parte de sua rotina, está sempre sorridente. Com seu jeito tímido, dizendo que não tinha muita experiência para contar revelou seu modo de significar seus espaços vivenciados.

Sempre eu gosto de ajudar, eu podendo fazer eu faço, eu podendo roçar eu roço também. Eu já não roço muito por causa que a gente em casa tem muito o que fazer.

Eu vou começar a falar sobre o trabalho na roça. Eu trabalho em roça, só que eu não sou muito fã de roça, eu trabalho porque é o jeito, mas não que eu goste muito. Eu não sou muito fã não, mas eu trabalho, porque no interior, a gente sobrevive mais é dessas coisas assim de plantar roça pra fazer farinha, porque aqui é difícil, negócio de emprego, é dificultoso, e aí, a gente tem que se forçar a trabalhar nisso. Além da farinha tem a castanha que coletamos para vender. Esse tempo de inverno é o tempo de trabalhar na coleta da castanha... Sobre outras coisas assim, a gente não sobrevive,

porque não tem outro trabalho, é difícil. Eu digo que trabalho na roça por que é o jeito, por ser um trabalho muito puxado, mas eu gosto de plantar as coisas pra depois a gente colher o alimento da gente... Tem também a pesca que faz parte da nossa alimentação.

Sobre outras coisas, da vida na cidade e da vida aqui eu vejo que aqui tem mais liberdade. Eu morei na cidade num tempo, mas lá a gente não tem aquela liberdade, como aqui. Na cidade facilita mais, porque tem emprego com outras formas de trabalho, mas não é como aqui no interior, porque pelo menos aqui, de fome a gente não morre, porque aqui a gente faz farinha, pelo menos farinha a gente come com peixe. Não é como na cidade que se a gente não trabalhar, a gente não come...

Eu nasci e cresci aqui no Uruapeara. Eu lembro da minha infância e o que nunca esqueci foi que eu gostava muito de brincar. Quando a gente ia pro colégio, brincava de bola com as minhas colegas, eu gostava demais dessas coisas, assim, só que agora depois de casar, eu não joguei mais bola, ainda mais depois que eu engordei mais um pouco. Eu não garanto correr... Não posso ficar correndo muito que me cansa...

Quando eu era solteira eu tinha muita vontade de sair e ir para as festas... No meu tempo de solteira, o papai não deixava... Eu tinha muita vontade, mas só ficava guardando a vontade, porque ele não me liberava, pra sair... Quando ele ainda estava vivo ele falava da Dani? Minha filha, ele falava que eu ficava deixando a Dani sair... Aí eu dizia pra ele - Não, mas ela tem vontade, assim, como eu tinha vontade de sair, ela também tem. Porque, no meu tempo, eu via todas as minhas amigas sair e eu ficava lá dentro de casa. Eu só saía com ele e só ia pra onde ele ia. Só era mesmo com ele que eu saía pra algum canto.

Só era eu, minha vó, ele e meu irmão, porque quando a minha mãe morreu a gente ficou pequeno aí minha vó ficou comigo e meu irmão. Ficamos só nós quatro morando juntos, depois minha avó morreu e ficou eu meu irmão e meu pai, aí depois eu casei, ficou só eles dois, lá na casa que eu morava com eles...

Eu não lembro quando minha mãe morreu, porque quando ela morreu eu era muito criança. Eu lembro bem pouco dela, eu tenho bem pouca lembrança dela. Eu acho que eu tinha uns três ou quatro anos e o Odo tinha dois anos. Eu não sentia tanto a falta da minha mãe, porque eu num lembrava muito dela... Se fosse agora no meu tempo de grande, talvez, eu lembrasse mais e sentisse muita falta dela. Porque assim, uns tempo assim, quando eu lembrava dela eu até chorava, ainda mais na hora da gente tá doente, que é a mãe da gente que socorre, porque a gente chama muito pela mãe. Lembra muito

da mãe da gente, né? Porque, quem trata; quem cuida da gente é a mãe, aí, pelo menos nesse momento, assim, eu me lembro dela...

A minha vó foi uma velha mais dura... Eu acho que ela não era muito como mãe da gente mesmo, mais carinhosa, amorosa... Ela não era muito não... Mas ela ficou fazendo a vez da minha mãe, ela não era, assim, tão coisa, mas, pelo menos, tava fazendo a vez da minha mãe, estava lá comigo. Aí depois que ela morreu, ficou só eu e o papai mesmo e o Odo, pra mim ficou mais ruim. Porque, por mais que seja o pai, mas óh, é tão chato morar só com homem embaixo de casa.

No meu tempo de eu ficar ainda moça, a minha avó era viva ainda... Ela morreu eu já tinha acho que uns quatorze anos, por aí... Treze, quatorze, nem estou lembrada também, mas eu tinha essa idade por aí... Ela dizia pra mim, não ir pro porto, não mijar em cima de bicho, porque o dizer dos velhos era assim: Que se fosse mijar em cima de bicho ele emprenhava e judiava... Como os Botos que ela dizia que eles judiavam da gente, que num podia ir pra beira do igarapé, do lago, do rio, menstruada... Porque os Botos judiavam. E, assim, eu tinha aquele medo, porque ela ficava falando, metendo na minha cabeça, aí eu me perguntava: - Será que ele faz mesmo alguma coisa? Ela também dizia assim, “Óh, num pode mijar em cima dos bicho”, diz que bicho emprenha a gente! Já pensou? Um bicho fazer isso? Os bichos que ela falava que não podia mijar em cima deles são os tracuá, essas coisas assim... Ela dizia que num podia... Aí, eu não sabia mesmo e acreditava. Tracuá é um bichinho, uma formiga, assim, que fica andando, aonde a gente mija, eles gostam muito de ficar por lá, andando... Minha vó me falava essas coisas, mas ela não me ensinou, assim, como a gente podia fazer pra se cuidar. É muito chato a gente se criar, sem a mãe da gente, as outras pessoas é que me davam conselho e me ensinavam.

A minha vó, num foi muito, assim, de me ensinar a fazer as coisas, se eu sei agora um pouco, foi porque depois de eu casar, que minha sogra, que é muito legal, foi boa comigo. Ela pra mim é mesmo que ser uma mãe, ela me ensina mesmo em tudo. Me ensinou e com ela eu aprendi mais as coisas, porque, se dependesse da minha vó, ela não me ensinou, não me ensinava como fazer isso e aquilo... Basta dizer que quando eu vim morar com o Maga, eu não sabia fazer, um beiju... Foi até vergonha, né? Porque eu não sabia fazer, um beiju, porque ela não me dava aquela dica. Não me lembro se ela me passou algum ensinamento tradicional, assim, se ela falou alguma vez alguma coisa pra mim eu não to lembrada. Porque eu sou esquecida.

Quando eu vim morar com o Maga, meu marido, eu tava com 15 anos de idade, eu era muito nova. Tava com 15 anos e quando eu tive meu primeiro filho eu tava com 16 anos. A gente se conheceu aqui mesmo! Eu vim aqui onde era a casa da família dele e a gente se conheceu aqui na casa dele mesmo. Veio eu e minha colega nem sei como foi pra mim vim pra cá? Eu mais as meninas lá da dona Maria, irmãs do Bené, que moram lá perto da casa do meu pai. A gente veio aqui e desde essa vez eu e o Maga já começamos a se gostar. Aí desde essa vez a gente passou uns anos namorando e aí ele foi e me pediu pro papai, o papai não deixou, ele não deu nem resposta pra ele. O Maga queria que eu fugisse com ele, aí eu disse: - Não vou não, se tu quiser se casar comigo tu fala com o papai. Me pede primeiro! Aí se ele não deixar eu vou contigo, e, assim, a gente fez. Ele foi lá falou pro meu pai, mas meu pai não deixou não, até isso! Nem resposta pra ele deu. Aí depois disso, eu vim um dia aqui na casa dele pegar uma blusa com as irmãs dele. Porque eu com as irmãs dele quando era assim tempo de aula que a gente estudava! Elas vestiam minha roupa eu vestia a delas e, assim, a gente ficava trocando roupa e aí eu vim aqui pegar uma blusa e dessa blusa eu já fiquei. Engraçado, fiquei rindo agora que estou lembrando isso.

Eu vim pra cá pra casa do Maga pegar uma blusa e até hoje estou com ele. A primeira vez que a gente se viu foi um dia de domingo eu acho. Eu num to lembrada do que eu e minhas amigas viemos fazer, eu sei que eu vim aqui na casa do Maga, porque era, assim ,difícil eu sair e nesse dia eu nem sei como o meu pai deixou eu vim, porque ele não deixava. É impressionante! A gente se conheceu se gostamos e a gente tá junto até hoje. Tivemos esses filhos, cinco filhos, aí um já foi pro quartel passou um tempo em Humaitá, por causa disso e agora está trabalhando em Porto Velho no Estado de Rondônia, e os dois tão comigo. O primeiro é o Diglei, o segundo, é o Manuel Valdomiro, o terceiro, é o João Marx e a quarta é a Maria Daniela. E tem a menina que eu perdi. Ela nasceu morta.

Depois que eu vim morar com o Maga, a minha sogra me ensinou fazer as coisas que eu não sabia fazer. Ela me ensinou fazer beiju e aquele pé de muleque, que a gente faz de macaxeira. No meu resguardeela me ajudou bastante, porque, assim, eu tive meu primeiro filho, eu não sabia como era que se resguardava, aí ela me ensinava tudo. Ela fazia as coisas pra mim igual uma mãe mesmo. Eu não tenho queixa dela. Ela ainda fazia comida pra mim, lavava minhas roupas, levava comida pra mim debaixo do musquiteiro pra mim não sair e não pegar nenhum vento. Ela tinha o maior cuidado comigo e ainda me ensinou a fazer todo tipo de beiju e várias coisas que eu não sabia

fazer e eu aprendi com ela já, como torrar farinha que eu também não sabia torrar. Eu vim de lá da minha casa bem dizer sem saber fazer nada, sobre essas coisas que eu falei, mas dessas outras coisas, por exemplo, eu já tinha responsabilidade de casa, porque minha avó não alimpava a casa, era eu que alimpava, eu lavava roupa até dela, só foi mais sobre essas outras coisas mesmo, assim, porque casa era eu que tomava de conta lá, se dependesse dela ela não alimpava a casa. Ela ficava até braba! Porque todo dia eu ia passar pano e ela dizia: “De novo molhar essa casa, vai apodrecer as tábuas.” Aí meu avô dizia: “Deixa ela limpar a casa, porque tu não passa pano deixa ela limpar”. Ela até ficava chateada.

Eu faço tudo em casa e também trabalho na roça, mas não costumo andar sozinha no mato não, só se for com outra pessoa. Isso aí eu não vou nem... Até ali pra roça já fiquei com medo de capinar, porque a gente já matou duas cobras lá capinando, aí eu fiquei até com medo. Eu vou pro mato quando a gente vai pra roça tirar mandioca, às vezes, eu também vou para o castanhal... Faz tempo que eu não vou, mas antigamente, logo que eu vim com o Maga, logo não, eu já tinha os meninos. Nós ia aí pra esse castanhal pra onde a Amélia da família dos Trindades tira castanha. Aí pra dentro tem esse lugar que a Amélia tira castanha, tem o lugar da dona Tila e o lugar da dona Cila que foi destribuído pelos velhos, pais da dona Laura que mora ali pra frente no sítio São Miguel que era o lugar dos pais dela. Esse pessoal é tudo família. O Maga tira castanha no lugar docunhado dele, aí eu ia com ele tirar castanha também pra lá, agora que faz tempo que não vou mais, porque os meus meninos cresceram aí eu quase não vou, mas quando eu tava com eles pequenos eu ia pra ajudar ele trazer castanha, porque é distante pra vim de lá do castanhal pra cá, aí eu tinha que ir pra dar uma força pra ele... Também ajudei a tirar palha! Tirar pau pra fazer a nossa casa, eu ajudei ele bastante nessa casa aqui também, porque, ele era sozinho, meus meninos estudavam e, às vezes, de tarde ele trabalhava e eles não estavam aí era preciso eu ta com ele aqui ajudando. Sempre eu gosto de ajudar, eu podendo fazer eu faço, eu podendo roçar eu roço também. Eu já não roço muito por causa que, a gente em casa tem muito o que fazer. Eu to sozinha, a Dani ainda ta pequena e nem todas as coisas ela pode me ajudar.

Sobre negócio de remédio caseiro que eu sei é o mel de abelha, que esse daí eu já tenho mais entendimento... O que eu faço pra mim tomar de remédio caseiro é só um chá que, às vezes, a gente tem problema de malária, pois aqui já deu muito caso de malária e a gente faz um chá, disque é pra da cor pra não voltar mais. É uma misturada de picão, boldo e a raiz do açáí e é pra dar cor, o pessoal mais velho fala que é pra dar

cor, eu não sei, eu faço, assim, porque, me ensinam aí eu vou fazendo, mas eu acho que sim, porque eu fazia e os meninos melhoravam, parecia que dava até mais cor neles, porque disque é bom pra anemia. E pra quando estão com diarreia aqui eu faço pra eles tomar é a guia da goiaba com a casca da azeitona e a casaca do caju. Uma vez o Maga nem alevantava já tava jogado na cozinha parecia que tava morto aí veio derrepente a lembrança desse remédio, aí eu fiz a guia da goiaba, misturei esses chá travosos e dei pra ele, quando foi no outro dia ele já tava bonzinho e é isso que eu sei. Sobre as outras coisas, xarope pra tose, misturada que a gente faz de casca de pau, casca de jatobá, Jucá, súcuba, folha de japana, a batata de mangarataia é muito pra tomar pra tose, isso é o que eu to lembrada.

Eu nunca tomei chá assim pra quando eu estava de resguardo, o que eu tomei foi antes de eu ter esse meu menino, o segundo. E aí apareceu o sinal em mim uns dias, uma semana antes de eu ter ele. Eu sentia aquilo que descia, mas tipo uma água, aí parteira lá do Centro que era nossa parteira daqui do Uruapeara, do interior, ela trouxe uma folha pra fazer uma misturada pra mim dar, porque ela falou que era frio que tava causando aquilo, aí ela trouxe umas folhas de lá que era uma misturada pra mim lavar minhas pernas e tomar. O que eu to lembrada era aquele cipó alho, a folha de cipó alho e parece que algodão roxo, eu não sei nem qual era a outra coisa, porque era assim com uns tempos eu lembro e me esqueço e já faz tempo, o menino que eu tava grávida dessa vez, ele já tem dezessete anos. Só que depois do primeiro banho que eu tomei com aquelas folhas já me deu dor à noite pra ter ele já.

O parto dos meus dois filhos mais velhos foi com parteira e os outros dois mais novos eu tive na maternidade lá em Porto Velho, mas porque a gente estava morando aqui em Porto Velho. Só que eu era acostumada a ter filho aqui no Uruapeara com a parteira, cheguei lá em Porto Velho, aí já queria ter em casa, o pessoal me disse: “Não tu tem que ir pra maternidade, porque aqui não é como no interior não. Aí eu ia já pra ter eles na maternidade.

Eu sei que os partos com parteira é diferente dos partos no hospital. Porque se a gente tiver pouca dor eles dão aqueles soros com algum remédio que eles colocam dentro que é pra dar mais dor. E aqui, assim, as parteiras também fazem chá, mas é quando a gente ta com dor que elas fazem um chá com a pimenta do reino, pra tomar pra dar força, pra gente ta com mais força pra ter a criança.

Meus partos com parteiras foram fáceis, porque do primeiro filho que eu dizia que ia passar mais ruim, foi fácil, não foi difícil tanto assim. Agora mais difícil foi duma

menina quando eu tive lá que quase eu morro. Eu tive dor dela antes do tempo pra meter ela... Aíao invés de eu ir pro hospital fui procurar ajuda com uma mulher que pegava barriga, a gente não sabia onde era o hospital, foi logo quando a gente tinha chegado lá em Porto Velho, e a gente não sabia como era que fazia para ir pra maternidade e o pessoal que morava por lá que já conheciam as coisas, ao invés de dar alguma informação, falar pra gente como é que era pra levar pra maternidade, não me avisaram nada, aí tinha uma mulher lá que ela era disque rezadeira e nesse tempo a gente ainda acreditava nessas coisas, a gente pegou foi lá, antes disso, minha cunhada me indicou a casa dela e aí eu fui lá pra ela puxar minha barriga, porque eu sentia umas dores na barriga aí a minha cunhada disse: “Olha Dilene, ali tem uma mulher que puxa barriga da gente.” Aí eu peguei e fui lá.

Quando eu cheguei lá na mulher que puxa barriga, ela me disse: “Olha eu pego criança, se tu quiser ter teu filho aqui, eu sou acostumada pegar criança.” Ela até falou a quantia de criança que ela tinha pegado, e aí eu fiquei confiando nela. Aí um dia eu tava lá em casa e senti uma dorzinha, comecei sentir uma dor, corri pra lá pra casa dela. Pedi pro Maga me levar lá, mas só era apenas pra ela pegar minha barriga, não pra mim ter a criança, porque ainda não tava no mês de ganhar, porque o mês que era pra mim ganhar era em janeiro, aí isso foi em dezembro, aí nós fomos lá, aí ela me levou pro quarto pra pegar minha barriga, depois ela disse que eu ia já ter a criança aí mandou o Maga ir buscar a roupinha logo que eu já ia ganhar neném, aí ele correu, pegou a bicicleta e foi pra casa. Ela morava lá no bairro pro lado do Ulisses Guimrães e a gente morava no bairro Mariana, aí ele foi pra lá pegou as roupas e levou aí quando ele chegou lá eu já tava aperreada! Pra ganhar o neném, aí ele me ajudou, eu fazia força e nada, ele entrou pra dentro pra me ajudar, nesse dia foi o jeito ele tá comigo lá, ele disse que nunca tinha se achado nisso, mas naquele dia, foi o jeito ele tá comigo... Eu fazia força, fazia força e nada. Ela mandou fazer um chá pra mim de canela que eu não sabia nem pra que era bom... Fizeram o chá e levaram pra mim. Eu tomei esse chá, mas eu não pensava que era para aumentar a dor, eu confiei, aí tomei e depois a dor apertou mesmo, foi nessa hora que o negócio pegou pro meu lado! Que quase eu morro. Eu fazia força parece que aquilo estava engatado na minha barriga. Eu até me lembrei da minha mãe, porque a minha mãe morreu de parto aí eu achei que também ia morrer do mesmo jeito que ela. Eu digo - É agora que é minha hora. Aí eu estava lá me vendo com dor e chamei pelo Maga. Eu falava pra ele - Vem me dar uma ajuda... Me ajuda! Me ajuda que eu não to aguentando mais! Aí eu pegava nesse coisa da cama, na cabeceira dela, e fazia força,

força! Que quase eu morro, oh, dessa vez eu quase morri, fiz tanta força que chega fez uma bola de sangue no meu olho.

A criança não resistiu, ela morreu. Aí até que Deus teve compaixão de mim, porque só Deus mesmo. Eu sei que eu consegui ter a criança, mas ela nasceu morta. Era uma menina, foi antes do Marquinho. Ela até completou 15 anos em dezembro já. Aí dessa vez quase eu morro. Desses dois zinho aqui, o Marquinho e a Dani eu já sabia como fazer, porque me disseram como é que era pra ir pro hospital aí eu peguei já fui, tirei até minha carteira, porque me disseram que tinha que ter a carteira pra mim ir pra maternidade pra ganhar neném. Aí pronto! Do Marquinho pra Dani eu já ia pro hospital pra fazer pré natal. E quando já era dia de ganhar me levavam para o hospital. Talvez se eu fosse pra maternidade dessa vez da menina que eu perdi, quem sabe ela nem tivesse morrido. Eram oito meses que eu estava de grávida! Porque era em janeiro que eu ia ter ela e acabei tendo em dezembro.

O primeiro parto, quando lembro eu fico até achando engraçado o meu jeito. Me deu uma dor, assim, parece vontade pra ir na privada, quando senti aquela dor, assim. O Maga nem estava, ele cortava seringa pro centro. Eu ficava aqui com a mãe dele. Aí eu sentia aquela dor. Tava no mês e chegou o tempo de ganhar e aí sentia a dor e ia pro banheiro, toda vez que vinha aquela refega, aquela dor eu ia pro banheiro, era arriscado até eu ter a criança na privada. Aí eu corria pra privada aí lá passava! Chegava lá, a modo assim, que aquela dor aliviava, depois vinha de novo... Ainda bem que parece que o Maga chegou ou tinha chegado eu num to lembrada. Eu sei que quando atacou a dor mesmo ele foi buscar essa dita parteira que me pegou. Que fez o parto. Desse mais velho e desse outro. Aí foi buscar ela que morava no Centro, era distante ainda, até que ele chegasse lá pra voltar era arriscado até eu já ter a criança ou ter acontecido alguma coisa comigo de vim a passar mal. Ele foi pra lá buscar ela. Ela chegou e não demorou muito a dor aumentou mesmo! Só que não foi assim difícil! Muito não. Foi rápido pra mim ter ele... Quando deu a dor mesmo! Já foi pra mim ter. Não foi tão difícil, assim.

Quando a parteira chega ela vai só lá pra debaixo do mosquiteiro, a gente fica debaixo do mosquiteiro, no interior é ruim, por isso. Porque desses meus dois filhos foi o tempo do meu resguardo até eu quarentar! Assim, quase até oito dias, era no quarto debaixo do mosquiteiro, e o restante dos dias até completar quarenta dias, tinha que tomar vários cuidados. Era muito ruim ficar os oito dias sem tomar banho, sem poder sair debaixo do mosquiteiro o tempo todo. Isso era a minha sogra que fazia, ela não deixava eu sair nem pra fora, quando ela via um ventinho ela já dizia: “Vai pra dentro.

Não vem provento” Aí eu entrava e assim era na hora de ter a criança, a gente ia pra debaixo do mosquiteiro e a parteira ficava lá com a gente acompanhando quando a dor aumentava mesmo e ela via que já era pra nascer ia pra frente da gente pra pegar o bebê. Ela puxava, ajudava a puxar um pouco, mas não, assim, amassando a barriga da gente. Quando era de noite ela levava uma vela, pra acender e alumiar. Levava a tesoura também pra baixo do mosquiteiro pra quando nascer a criança cortar o umbigo. Aí depois que a gente tinha a criança ela mandava aí fora amornar uma água e trazer lá dentro pra banhar a criança. A criança era lavada e a gente só se limpava, não podia tomar banho, às vezes, eu fico pensando que no interior é tudo coisa, não deixam a gente se assear, como na cidade que a gente acaba de ter a criança e vai tomar banho. Vai pra baixo do chuveiro tomar banho fica tudo limpinha! É muito diferente, oh!

Eu estranhei muito quando fui pra lá pra maternidade de Porto Velho. Porque lá é de outro jeito. Aqui enquanto não interassem os oito dias não tomava banho, as mulheres mais velhas não deixavam, Deus me livre! Que aquilo ali é uma coisa nojenta, mas pra obedecer a minha sogra eu fazia do jeito que ela dizia, eu tinha que obedecer ela, porque ela era mais velha, já tinha tido filho e já sabia como que era, e eu não sabia também como é que fazia, eu ficava cumprindo o que ela dizia pra mim. A gente só se alimpava, Deus me livre! Não gosto nem de falar. Na cidade não, eles deixam tomar banho, ficar lá por fora. Desses dois que eu já tive pra lá foi diferente, não foi como era aqui. Porque, eu tive na maternidade e já tomava banho e ia pra casa e já fazia minhas coisas e ficava fora do mosquiteiro mesmo.

Quando eu era solteira eu pescava só eu de canoa, agora! Depois de uns tempos pra cá que eu vi que o jacaré pegou um menino, eu não gosto mais nem de sair só eu. Eu não tenho coragem de ir só de canoa nem aqui perto do porto de casa pra ver a malhadeira. E de primeiro eu não era assim. Quando eu era solteira eu saía lá do porto de casa ia mimbora pescar de caniço, sozinha! Eu não tinha medo e agora eu fiquei traumatizada, por causa desse jacaré que comeu um menino aqui no lago, por isso, eu não tenho mais coragem, porque sempre quando eu vou pescar, assim, acontece alguma coisa. Um tempo desses nós fomos pescar ali com a Dani, nessa ponta aí do igarapé quando era tudo mato ainda, a gente ainda nem morava aqui era pra li a nossa casa, aí nós tava pescando lá quando eu vi a rama mexeu bem forte! Eu disse - Dani, minha filha, isso é jacaré, vamos embora. Aí nós saímos de lá e viemos embora e é por isso que eu não gosto de pescar sozinha.

O Maga disse pra mim, assim: “De tanto tu ter medo que tu vê as coisas.” Cobra, daqui pra li eu to vendo. Teve uma terça feira eu fui tirar mandioca, eu tava roçando, assim, lá tirando mandioca, que eu olhei pra cima num estava uma cobra em cima da minha cabeça! Eu digo - Ainda bem que a gente já ta terminando de tirar essa mandioca, porque, se não, eu não ia arrancar mais não. Aí quando isso me acontece fico olhando e não faço nada! Eu nem mato porque fico com medo, nervosa e num mato a cobra. Ainda bem que quando eu to aí o Petoca também tá aí ele mata. Aí o Petoca ainda deixou essa. Ela tava lá no galho com a cabeça bem em cima da minha cabeça. Aí eu falei - Petoca olha uma cobra! Meu Deus! Aí o Maga disse: “Isso é de tanto tu ter medo” Aí o Petoca foi ver a cobra, ela desceu e saiu andando no chão. Aí o Maga disse: “Mata essa bicha Petoca!” aí o Petoca falou: “Deixa ela ir simhora, deixa.” Até que ele resolveu matar ela. E assim, nós tava lá na roça ele matou logo duas, só dessa perigosa mesmo. Desde desse dia eu num fui mais pra roça! A roça ta pra lá no mato. Eu sou assim, se eu ver uma coisa que me assusta eu num tenho nem vontade mais de ir lá.

Eu sei reconhecer algumas coisas da natureza. Como alguns cantos dos bichos e também quando eu to lá no porto fazendo alguma coisa e se tiver silêncio e eu vê uma onda eu já penso - Ou é peixe ou é boto. Se tiver uma malhadeira por perto e eu ver um banzeiro aí eu fico atenta e olho pra ver se as bolinhas da malhadeira estiverem afundando eu já chamo alguém pra ir ver de perto, porque sozinha eu não tenho coragem de ir. Quando a malhadeira tá com as bolinhas afundadas ou é boto, ou peixe, ou alguma outra coisa, porque se o rio está silêncio e derrepente vêm uma onda é porque é alguma coisa se movimentando debaixo da água, mas às vezes, quem não ta acostumado nem vê nada... Porque não é como o rio aí fora que o vento quando ta forte as ondas são grandes! E a gente já sabe que num é bicho é onda do rio mesmo, ou do mar!

Sobre os gritos e cantos que vem do mato alguma coisa dá de saber o que é. Que nem o macaco, que nem nhambu. Hoje a prima do Maga que ta aqui, a dona Nilce estava perguntando pro meu irmão, o Odo: “Que bicho é esse que ta cantando” E o Odo falou que era macucáua. A macucáua, o nhambu, o macaco, a arara, o papagaio, o piriquitinho, todos esses a gente já conhece... Cada um tem o seu modo de cantar, de gritar, não sei nem dizer o que eles fazem mesmo, se cantam ou se gritam. Sobre esses bichos que vivem mais dentro do mato eu também conheço um pouco, como a onça que eu já escutei esturrar. Eu aqui em casa, ela esturrando pra li pra outro lado. Isso daí, mais ou menos, eu já tenho a base. Mas dentro do mato, quando estou lá eu ainda não

escutei, porque se eu escutar uma coisa que eu nunca ouvi gritar, eu posso até correr pra casa.

A Macucáua, ela assobia. De manhã, pra li pro rumo do mato ela tava âm, âm, âm... Também tem uma onça preta que imita o assobio da Macucáua, a onça preta ou o maracajá, que é um gato do mato, eles imitam parecido a macucáua, às vezes, eu até penso que deve ser algum maracajá ou onça que esteja por aí pela beira imitando, porque eles imitam igual e a bicha já a nhambu é diferente, tem outro assobio, mas fino, mas esse daí eu não sei imitar. O Maga quando escuta ela cantar ele já diz que vai lá matar, às vezes, ele mata, outras, vezes não.

Eu não sou de ficar saindo para o mato. Quando eu vou para o mato eu vou com o Maga pra pegar só mesmo as castanhas. Aí a gente vai lá pro mato e também quando vou pra roça buscar mandioca. Só uma vez que a gente foi lá pra dentro desse castanhal que a Amélia tira castanha que é lá mesmo pra dentro do Centro lá que a gente foi, pra donde é esse castanhal da dona Cila também, que fica pra mesma parte de lá. A gente foi tirar óleo de copaíba, chegou lá furou a árvore e não saiu o óleo. Dessa vez que a gente foi atrás de remédio. Tem outro pau também, o Ixi que é remédio, mas eu não vou atrás quem vai é o Maga. O Ixi a gente tira a casca pra remédio. Eu vi a dona Maria que mora pra li, pedir pra mim tirar umas cascas pra ela, pra ela fazer remédio nem sei pra que é, deve ser pra infecção, eu ainda não tomei esse tipo de chá.

Tem a Copaíba, que eu sei bem que é pra ferida e pra tomar, assim, também quando ta com tosse, pinga ela no café pra tomar! E quando tem algum golpe passa o óleo dela em cima, sei que é remédio não sei pra que mais, disque até para evitar a malária é bom tomar as gotinhas no café também. Sei que é procurada, o mesmo que a andiroba, também ela é muito procurada. Eu sei que até pra tosse tanto uma como a outra são boas, o Maga ta tossindo aqui aí já diz: “Passa andiroba na minha goela aqui.” Pra puxar as pernas quando o frio entranha, eu acho que é boa sim. Eu acredito que ela seja boa, porque um dia desses eu tava com minha perna fria! Fria! Eu peguei, esfreguei andiroba e parece que tava só esquentando! Eu acho que sim. E pra tosse também é boa, pra tomar ela pingado num chá. O Maga tem uma fé na andiroba, quando ele tá com tosse ele já manda fazer o chá do eucalipto e pinga a andiroba pra tomar, pois é, tem o eucalipto também que é bom pra chá, pra combater a febre. Mas o eucalipto não é daqui. É a mãe do Maga que manda pra mim quando tem uma oportunidade. Quando ela vem trás de lá de Porto Velho.

Eu não gosto de tomar banho caindo ná'gua pra nadar. Depois de eu ver esses tipos de jacaré eu não entro mais ná'gua... Quando eu era solteira eu gostava de pular muito ná'gua, mas depois de uns tempos pra cá, como eu tava dizendo, esse jacaré que pegou um menino pra li quando ele tava tomando banho no porto da casa dele, isso me deixou traumatizada. Até os meus meninos eu não gosto que eles estejam muito ná'gua. Às vezes eles caem ná'gua, mas é de teimosice não que eu goste. Ainda mais que o Maga atirou um domingo de noite, porque ele boiou. Ele era muito grande! Agora que eu fiquei com medo! Como tem fera braba no fundo das águas, assim como tem em terra, tem no fundo...

Quando eu era solteira, Ah, eu gostava de pular ná'gua com as minhas colegas, porque no porto de casa onde eu morava era limpo, lá nós pulava ná'gua. Eu gostava muito! Minha vó chamava, eu até achava que minha vó era tão ruim, porque ela dizia assim: “Olha! Tomara que o jacaré te pegue.” Ela falava desse jeito pra mim. De tanto que eu ficava desobedecendo ela pulando ná'gua. Aí ela dizia “Tomara que o jacaré te pegue sua corna!”

As minhas experiências de vida são essas, nasci por aqui mesmo pelo Uruapeara, fiquei um tempo em Porto Velho e depois voltei pra cá de novo com meu marido e meus filhos. Vamos vivendo nossas vidas. Não sei contar a história de onde veio minha família parte de pai e mãe, às vezes, o pai antes de morrer ficava falando aí, mas sobre os pais dele, da mãe dele, dos parentes dele, mas ele num explica bem. A família dele morava pro Centro aí pro lado de dentro. E da parte da minha mãe moravam na Floresta aí no Ipixuna, um lugar que tem aqui no Uruapeara. Mas antes disso, os mais antigos eu não sei de onde são. Sei bem que minha mãe era de lá do Ipixuna, porque minha avó era de lá, aí minha mãe já nasceu aí no Ipixuna e depois ela veio morar aí onde meu pai morava. E o papai nasceu, acho que pra lá mesmo pro Centro. De lá depois que ele casou com a mamãe ele veio morar praí também.

A nossa vida é trabalhando pra manter a vida, as coisas são difíceis, mas, ainda assim, eu tenho meu sonho. O sonho que eu tenho aqui no interior é ter minha casa de alvenaria... É desde Porto Velho que eu tenho esse sonho, ainda um dia desse eu tava até falando pro Maga na cozinha do forno, onde a gente faz farinha, eu falei pra ele: - Um dia eu tenho fé em Deus que eu realizo meu sonho! Eu estava esperando que meu filho que foi para o quartel não desse baixa, para passar a receber a mais, e talvez, ele poderia me dar uma força pra realizar meu sonho que é fazer minha casa com cerâmica, porque desde quando eu morava em Porto Velho que eu tenho esse sonho. Mas meu filho não

conseguiu ficar no exército e agora ele está trabalhando em Porto Velho, ele disse que assim que ele começar a receber o salário dele vai mandar algum dinheiro pra ajudar a gente.

Sobre os outros sonhos que sonhamos quando dormimos eu não tenho como falar deles, porque eu sonho de noite quando é de manhã que eu quero contar eu não lembro. Eu esqueço tudo na hora, eu não sei por quê? Aí eu não tenho lembrança de que sonhei um sonho que eu fique lembrando... Eu só me lembro de um sonho que sonhei agora essa vez que o Maga foi pro Porto Velho. Eu tava aqui na cama, nessa noite eu custei a dormir, eu não sei o que estava acontecendo. Eu estava deitada aqui, mais acordada do que dormindo. Aí nessa hora, eu escutei e entendi o Maga me chamar assim “Amor” Aí eu ouvi e queria ir lá na varanda olhar, mas eu digo - Não, ele não tá aqui. Aí o sonho que eu lembro é esse daí.

O Maga tem esse modo de falar, assim, eu entendi bem a voz dele aqui no musquiteiro que eu olhei cadê? Engaçado isso, eu não sei por que eu ouvi aquela voz tipo, assim, falar. Eu não sei. Outros sonhos eu não me lembro. Tem um que eu até falo pro Maga, que, às vezes, eu sonho também é tendo neném aí eu fico feliz disque dando de mamar pro bebê. Disque eu fico muito feliz! Aí quando eu acordo depois desse sonho e vejo que não tem a criança eu me conformo fazer o que? Eu sei que não é verdade. Oh, esses sonhos aí, também sempre eu tenho.

Às vezes, eu fico falando que eu tenho vontade de ter uma criança aí o Maga diz: “Rum! Deus já deu essa honra e se num tem é porque ele num quer mais que tivesse.” E mesmo eu penso que eu ficava muito ruim na gravidez, aí eu fico com vontade de ter uma criança, mas eu já penso na hora de ter, porque quando eu ia ganhar neném me dava um nervoso! Nervoso! Que eu tremia e a minha pressão chegava até subir. Aí por causa disso, que eu já me operei, eu tava até falando pro Maga que se num fosse esses problemas que tive eu não ia me operar não, tava como uma mulher que eu conheço, cheia de filho! Eu falo, assim, mas eu sei que é difícil no interior pra gente ter um monte de filhos, porque, às vezes, a gente num tem nem como dar o que eles querem! Por mais que sejam poucos, mas a gente tem vontade de dar o que os filhos da gente precisa e não pode. As condições pra gente ter um monte de filho é pouca. Aí ver a criança tá precisando daquelas coisas e a gente não poder dar, mas onde mermo! Não! Botar a criança no mundo pra tá sofrendo. Às vezes a gente não tem aquele sustento pra dar o que a criança quer, Deseja ter. Às vezes, eu fico pensando aqui que meus filhos tem vontade de ter isso, aquilo, mas como? O Petoca até hoje tem um sonho de ter um

teclado, até hoje ainda não conseguiu, porque, ainda não deu. E, às vezes, a gente fica com dó de ver eles querer e não poder.

Às vezes eu fico meio tímida... Eu vejo o Maga, fala tanto, aí eu digo: - Porque que eu sou assim? Até lá na igreja, o Maga me fala: “Ah, porque tu tem que pegar a bíblia e ler lá na frente.” Mas como? Eu fico meio nervosa. Aí ele diz: “Ah, mas tu tem que se libertar disso.” Aí eu vejo que ele fica bem conversando não tem dificuldade nenhuma pra falar. O que eu tenho pra contar é mais da família e de onde eu moro. É isso.

Sabedoria vivenciada

No mesmo dia em que cheguei na casa do João Irlei e sua família, realizamos a entrevista à noite, após a janta. A partir da sua sabedoria, explica com uma filosofia própria a relação do homem com a natureza de formas interligadas. O universo da mata e dos rios é instaurado em sua narrativa.

Após um dia inteiro de trabalho, João Irlei estava disposto a conceder a entrevista que se deu na área da sua casa, com o barulho do motor de luz ao fundo. Arrumamos o ambiente da entrevista e depois ele se pôs a falar de suas experiências de vida.

Retornei para fazer a conferência da sua narrativa em setembro de 2015, havia feito a entrevista em fevereiro de 2013. Dessa vez meu lugar de hospedagem foi na casa da dona Judite e seu Manel Benigno, pois dona Judite já havia falado que da próxima vez que voltasse ao Uruapeara era para ficar na casa dela, pois ela também era minha parenta. Tinha apenas uma semana para fazer as conferências, todo dia ia fazer uma. Como a casa que eu estava fica na beira do lago e o Jamari lugar onde mora o João Irlei, chamado por todos de Maga, ficava para o lado de trás, resolvi esperar os seus filhos que todo final da tarde vão jogar bola no campo ao lado da casa do Orildo, na mesma localidade onde fica a casa de dona Judite e seu Manel Benigno.

A filha e os dois filhos do Maga estavam junto com um neto da dona Maria que me hospedou a primeira vez que fui ao Uruapeara. Eles demoram a voltar para casa, saímos no breu da noite de vuadeira do porto da casa do Orildo, mas nesse tempo temos que desembarcar no porto da casa do Pedro, pois não tem mais como entrar de vuadeira para o Jamari, fomos andando aos trancos e barrancos, foi um desafio para mim andar no caminho à noite, atolando-se nas parte encharcadas do caminho e atravessando por

cima dos paus no igarapé. O pessoal estava sem lanterna e eu havia emprestado uma pequena do foco fraco da Neta, filha do Orildo, mas foi o que me ajudou a andar pelo caminho. Os meninos foram solidários e me ajudaram a transpor alguns trechos mais difíceis.

Quando chegamos lá a Edilene e o Maga se admiraram por eu ter enfrentado o caminho à noite. Maga foi até o igarapé e voltou com uma traíra e a Edinei fritou para nós. Depois de eu tomar banho e vestir roupa limpa comemos e conversamos um pouco. Após nossa refeição fomos nos deitar. Fiz a conferência da narrativa do Maga pela manhã, antes de começar seus afazeres, ele precisava resolver várias coisas antes de voltar para o trabalho na draga de extração de ouro lá nas proximidades do Bom Intento, na aldeia que eu fui em julho. Ele disse que havia me visto na comunidade Fortaleza onde fui com os Mura no dia do campeonato de futebol. Ele disse que eu passei bem perto dele, mas ele não falou comigo, porque podia ser alguém muito parecida comigo e ficou com receio de me cumprimentar.

Esse período no Uruapeara está mais escasso de peixe do que as outras vezes nessa época. Ele também não estava mais trabalhando no transporte dos alunos para a escola no Cristo Rei, por isso saiu para trabalhar no garimpo, mas o que faz é para manter as despesas da casa. Ainda assim foi atencioso com minha presença e sentiu-se orgulhoso com sua narrativa, também ouviu a leitura da narrativa de sua esposa e de seu sogro que havia falecido, enquanto fazia umas pontas de arpão e umas alças de Envira para seus paneiros novos.

A conferência de sua narrativa foi gratificante, ele a recebeu dando grande importância. Fiquei emocionada com suas palavras de agradecimento não só pela sua narrativa, mas de todas as que foram construídas em colaboração. Eu fiz questão de dizer que eu tinha aprendido muito com eles e que as narrativas são resultado do trabalho feito junto.

3.4JOÃO IRLEI

João Irlei Lobato dos Santos, também conhecido por Magalhães, nasceu em 23 de dezembro de 1969, filho de Maria Cila Nunes Lobato e Raimundo Gonçalves dos Santos. Tem o dom da palavra e por meio da sua experiência de vida construiu o saber das suas tradições e do conhecimento bíblico. Apesar de não comungar da mesma religião que a maior parte das famílias que moram nas proximidades do

Jamari, o lugar onde vive, ele se mantém ligado a sua comunidade por meio dos puxirum, das afinidades e dos parentescos.

... Uma coisa eu digo, o suor da gente é sagrado...

É! Tudo começou assim! A gente nasceu e se criou aqui nesse nosso ambiente que temos nessa maravilha! Mas só que num determinado tempo existiu um grande problema, com nosso produto aqui, como todo mundo é conhecedor. Esse problema foi com a borracha... A gente nasceu e se criou vendo o trabalho da seringa e o meu pai é que começou a nos levar para o seringal... A gente começou a trabalhar de sol a sol pra poder ser sustentado por aquele produto que a gente fazia e vendia pra sobreviver, mas com um determinado tempo... Ah... O tempo foi passando e aquilo não era mais o suficiente, por causa da queda da borracha e o que aconteceu? Nós tivemos que partir desse local pra procurar outro meio ambiente de vida, porque a borracha começou a cair e desvalorizou e já não dava pra gente sobreviver no mesmo meio ambiente, mesmo que a gente também trabalhasse com a castanha... Depois da seringa vinha a castanha... Mas ainda, assim, não era o suficiente pra gente se sustentar e aí a nossa família foi crescendo e a gente foi saindo dessa tribulação procurando meio pra gente sobreviver porque aquilo ali não era mais adequado pra gente sobreviver daquele produto e aí a gente foi pra Rondônia.

Mas acontece que lá em Rondônia a gente trabalhou conseguiu alguma coisa que precisava tava levando a vida lá, mas eu tive que voltar pra cá pro nosso lugar. O caso de eu ta aqui, em primeiro lugar foi a vontade de Deus que me fez retornar de novo, mas segundo, foi meu pai que pediu pra eu voltar, porque eu já sabia o trabalho que a gente tinha aqui... Eu fui obrigado a pedir as contas pra voltar de novo pra cá. E quando voltamos pra cá foi difícil foi! Por causa que a gente teve que trabalhar sol a sol. Como até hoje é, mas há quatro anos era muito mais difícil... Hoje vemos que está mudado. Está mudado por causa de muitos projetos que abriu e a gente pode ter mais um assopro pra sobreviver. E isso tudo foi uma história! Desde a minha infância, porque sofri pra percorrer esse tempo da minha juventude que trabalhei muito, não tinha outro serviço, só com seringa. Porque, eu sei cortar seringa desde menino. Nos meus nove anos de idade que eu comecei ir para a estrada com meu pai e meu irmão. E essa mesma história que eu conto todos os moradores daqui podem também passar e contar.

E até quando eu me ajuntei com minha esposa o trabalho ainda era a seringa. Hoje ela caiu. Caiu muito, mas hoje em dia ela tornou a suspender! E tem projeto bom sobre essaretomada da seringa. Mas só que ainda não me cadastrei por causa que não deu, por causa que ano passado eu trabalhava transportando as crianças para a escola. Abriram essa vaga de carregar os alunos, fazer o transporte deles para a escola, aí não entrei nessa área de me cadastrar pra ter também essa oportunidade de está associado. Eu tinha esperança de me associar também, porque tinha muito projeto bom que envolvia a produção da borracha, mas quando foi agora o preço da borracha caiu de novo aí não me associei mais. E o que eu vi do passado sobre a borracha modificou também, com a retomada da borracha o preço pra quem é associado parece, se eu não me engano era 100,00 reais, mas agora teve outra queda, mas ainda tem gente que está conseguindo se manter nesse trabalho, mesmo que complementa com outras atividades.

No tempo que eu trabalhava nessa atividade de extrair o leite da seringueira para produzir a borracha era 1 cruzeiro. Aí passou pra um real... Quando o real apareceu era 2,75 cruzeiros por um real e nesse período aíque me ausentei da seringa e fui pra Rondônia trabalhar lá oito anos e voltei. E quando eu voltei de lá ainda trabalhei na seringa! E hoje apareceram vários trabalhos pra gente trabalhar.

Então, pra mim mudou, muitas coisas na minha vida. Sendo que quando eu comecei a trabalhar foi com seringa e, por isso, que eu não desfaço da seringa, porque foi aonde eu me completei, eu e minha família. Porque a gente tem que se lembrar do que Deus criou. Tudo o que Deus dá pra gente pouco ou muito tem que ser bem vindo e bem arrecebido. Então hoje eu posso falar sobre o trabalho da seringa, a roça que a gente também trabalha... Esse serviço que a gente desde sempre trabalha aqui no interior, mas é dado, tudo por Deus, então a gente não pode olhar para traz e dizer – Ah! Isso não dá. Não dá pra nós sobreviver, porque Deus sabe o que faz. Eu agradeço ao meu Deus por hoje eu conseguir... Ter já na minha juventude conseguido o que eu precisava até essa idade que vou fazer que é 43 anos. Pra mim as coisas mudaram e Graças a Deus! Eu me sinto feliz nessa situação.

Pois é então o meu retorno pra cá foi em primeiro lugar a Deus e segundo lugar porque meu pai implorou muito pra que eu voltasse, mas toda às vezes que ele dizia para eu voltar eu sempre ficava com essas histórias dizendo pra ele que daqui eu já tinha ido e sabia que aqui era muito trabalhoso. Tinha muita dificuldade pra gente sobreviver, mas tinha outra coisa também que fazia eu não querervoltar, o motivo que vem puxando afundação do nosso lugar que se refere a documentação. Eu não sabia quem tinha o

documento desse lugar, então eu não queria vim e ter conflito com meus vizinhos, com alguém que viesse a dizer que era dono daqui, mas Deus dá sabedoria pra gente lutar com o que pode conseguir. Então eu abandonei meu serviço lá pedi as contas pra vim pra cá e aqui hoje estou. Eu tive que ir três vezes ao INCRA, porque aqui encheram muito a minha cabeça com conversa, pra me deixar mais abatido ainda do que eu já tava quando tinha falado pro meu pai quando ele disse que queria que eu voltasse. Porque lá em Rondônia eu trabalhei com meu suor comprei o meu terreno fiz minha casa, e tava no que era meu, porque eu tinha visto minha força que eu tinha derramado e não estava querendo deixar tudo e vim pra um lugar sem ter segurança.

Quando nós chegamos aqui os caras estavam dizendo que tinha que pagar mil e pouco de imposto, naquele tempo era muito e da onde que eu ia tirar? Aí eu não fui me apoiar em ninguém não eu tive que ir lá no Humaitá, no INCRA, conversei com eles lá e o homem que me atendeu disse que o nosso lugar tava cancelado, porque não tinha ninguém dentro, aí eu fiquei me perguntando - Mas como que não pode de não ter ninguém se eu estava falando com duas pessoas, duas autoridades de lá que trabalhavam dentro do INCRA e estavam me dizendo que tava cancelado? Aí eu perguntei pra eles por que estava cancelado? Porque eu estava no que era meu que eu tinha nascido e me criado e estava com a minha família, constituindo família, aqui mesmo tinha nascido e me criado e tava naquela idade e não tinha me afastado daqui. Ele perguntou qual era o lugar e eu falei que era o Jamari, eu disse pra ele: - Claro que eu tinha se ausentado, mas meu pai ficou aí, como é que o lugar estava cancelado? Estava isolado? E aí ele pegou o mapa apontou e falou: “Aonde é o teu lugar fica nesse igarapé que tem a igreja ali né? Eu digo, - Pois é, repara o mapa, aí pegaram o mapa e viram: “Não ta certo é aqui mesmo, Jamari.” Eu digo - É Jamari mesmo há muito tempo atrás! Agora me digam uma coisa, vocês que são trabalhador que medem a terra, retatalha a terra, e vocês vem me dizer que o nosso lugar tava cancelado, tava no isolamento, não tinha ninguém, por que? Vocês não foram lá até onde é o lugar. Então a gente só pode afirmar uma coisa quando a gente vai lá e vê com os próprios olhos da gente aí pode falar porque isso aí vocês erraram e aí ele disse “Não, mas, tudo bem, agora tu vai voltar quando a que manda aqui chegar.” Que era a dona Terezinha, que ela era uma autoridade lá, daí eu digo:- Tudo bem.

Quando chegou o tempo marcado eu voltei lá no INCRA, aí ela já estava a mulher que era a responsável lá, aí eu falei pra ela -Querida que passasse pro meu nome o lugar, transferir pro meu nome, que era do meu pai e ela me disse: “Olha, só meu

querido não tem mas como tirar documento nenhum, por que a terra é da união”. Eu não entendi quando ela me disse que não tinha como tirar documento nenhum, aí eu digo:- Não, eu quero fazer um acerto com vocês, porque me falaram que aquele lugar tá cancelado por que ninguém pagou, mas a partir do momento que ajeitarem pra mim, fizerem os novos documentos o acerto que eu quero fazer com você e que daqui pra frente nos vamos ser X tanto eu com vocês tanto vocês comigo. Lembrando que antes ninguém passou lá pra cobrar imposto, então, por isso, que ninguém pagava, então eu quero fazer um acordo... Ela repetiu: “Mas não tem como meu querido, não tem mais como a gente tirar documento nenhum.” Aí eu respondi: - E agora como é que eu vou viver? Eu to com minha família lá e alguém vai querer entrar e pegar e meter a mão em tudo que tiver? Como é que eu vou ficar lá? Ela disse: “Não você tá lá, você tá limpando o lugar você tem casa? Então o lugar é seu. O que vai vigorar de agora em diante vai ser assim, você fazer sua casa, limpar e cultivar o lugar e o lugar é seu. Mas mesmo assim, eu insisti com eles, eu digo: - Não, mas isso daí pra mim não quer encaixar direito não, eu tenho que levar uma coisa, assim, e no papel assinado por vocês, porque quando alguém um dia vim querer criticar comigo eu tenho como apresentar esse papel como uma forma de autorização de vocês daqui. E foi o que ela disse: “ Olha, então tu vai na contabilidade lá tu dá os dados tudinho desde o dia e a data do teu nascimento e como é que tu viveu, como é que é lá, quantos vocês são. Aí depois tu traz aqui pra mim. “Preenche lá e trás pra mim.” Daí foi a hora que fui lá, fez tudo isso e cheguei e entreguei pra ela. Daí ela fez uma assinatura lá, dela e me deu o comprovante. E... Eu digo: - E agora como é que eu faço? Então quer dizer que eu não posso mais tirar documento do lugar? Ela disse “Não o seu documento é esse aí, então você, lá manda e desmanda.” Só que acontece que o meu povo, a minha família parece que não acreditara no que eu falei, porque não foi ninguém que me contou eu fui lá três vezes com eles lá do INCRA.

Quando eu morava lá em Rondônia o meu patrão era o gerente do INCRA e ele me explicava tudo direitinho igualmente como a responsável do INCRA em Humaitá, com quem falei e me explicou. Então se ela é uma autoridade e me falou isso, eu confio nela, por causa que, não tem outro meio. E como eu estava conversando com meus irmãos, conversando com meus primos. Eu digo - Oh! Vocês sabem que eu sou sol a sol aqui, meti o peito e alimpei, Graças a Deus! To cultivando o lugar, mas se um dia alguém quiser encrencar comigo eu não vou lutar contra ninguém não. Eu só quero é paz! Mas uma coisa eu digo, o suor da gente é sagrado e pagando a minha indenização

eu saio sem briga... O que eu não vou também deixar de graça, porque a gente é sol a sol aí lutando pra depois deixar de mão beijada. Então, é isso que eu conversei com meus irmãos e com meus primos: - Não colega, porque o lugar ta aí e é claro que se alguém chegar e pedir alguma coisa, eu não vou dizer que não, mas em primeiro lugar, o cara tem que ter autorização! Porque se você está no seu local você é o cabeça você tem que ser considerado. E aí só vai ser permitido tirar ou arrancar qualquer coisa com a autorização daquele que ta aí, então, isso, eu comuniquei com eles, contei tudo direitinho como é que foi. Então eu to tranquilo, porque ninguém vem criticar comigo e eu sou bom com todo mundo e todo tempo eu estou encontrando amigo como agora a pouco tem um pessoal aí que veio aqui na minha casa, Graças a Deus! Não fica sem gente aqui. Isso é uma grande alegria que trago comigo e agradeço, só tenho que agradecer a Deus, porque por onde eu já andei Graças a Deus! Todo mundo gostou de mim e, assim, eu to pronto pra receber qualquer pessoa que vim, porque, eu tenho isso, não só pra mim, mas também pra amparar quem precisar de um abrigo.

Agora aqui, esse lugar, era o seguinte, vem de uma descendência... Aqui era da mãe da avó do meu pai. E eles eram dois, vamos dizer que ficou aqui, os velhos morreram e eles ficaram, o meu pai e a irmã dele, mas com um determinado tempo ela se afastou daqui, passava muito mais lá pro lado do lugar que chama de Castanhal do que aqui. E meu pai permaneceu sempre aqui e todos se afastaram, morreram os velhos e ele ficou... E dele gerou as descendências que somos nós. E da minha tia também que são os meus primos, mas só que meus primos abandonaram aqui... Se eu fosse do mesmo modelo deles, do mesmo pensar, isso aqui, tava uma floresta como ali pro outro lado, não existia mais casa, nada, porque desde o tempo que saíram daqui não era pra ter nada mais. Mas a gente tem que preservar o que Deus nos dá! Então tudo foi assim, meu pai foi ficando, foi ficando... Depois que eu levei ele pra Rondônia, lá pra Porto Velho, porque ele estava doente. Foi quando ele fez o pedido: "Oh, Maga nunca abandona aqui" Então, a gente procura contar uma história profunda pra num ficar em conflito. Pra sempre ser ligado na verdade e ter um ponto de referência pra gente se basear. Então, hoje a minha família é muito bem entendida, a gente conversa bacana e a gente se entende. E Graças a Deus! Nunca houve um problema entre nós.

Ah ta! Isso aqui oh... Era, vamos dizer só era esse quadro onde está minha casa que era limpo, para os lados e para trás, era tudo mata, assim, só aqui onde está a casa e nessa direção da casa, onde era o caminho do porto que era limpo, a gente num enxergava pra lá pra onde era a nossa velha casa antigamente, ninguém enxergava nada.

Num determinado tempo a gente foi abrindo, depois que eu me passei pra cá, aí eu alimpei. Há muita mudança e diferença, todo mundo que chega aqui se admira, por isso, porque viu nos velhos tempos como era e que as coisas mudaram, porque era só um fechado. Era um ambiente, assim, florestal que era fechado... Tá certo que o cara não vai vim desmatar as árvores grandes, como tem castanheira aí, têm umas do tempo dos antigos, essas caem sozinhas de velha. Nós não vamos desmatar tudo, mas a gente tem que sair do fechado também, né? Então, é por isso, que muitas vezes desses antigos que chegam aqui eles se admiram, por causa que viram a coisa muito mudada. Antes era Festejo que tinha aqui. E muitos dizem “Colega! Mas como foi para isso ficar desse jeito?!”

O Festejo que tinha aqui parece que era de Nossa Senhora do Remédio. E aí muitos tempos atrás eu não me lembro, mas pelo que o papai com a mamãe me contava, vinha muita gente pra cá. A mamãe contava, assim, que era como sempre costume de fazer Festejo aí por aí a fora, eu não sei contar por causa que antes que a gente não tinha aceitado a Cristo na nossa vida, a gente andava em pizeiro, a gente contava que era assim Festejo onde levantavam o mastro e faziam aquela reunião pra se ajuntar aquele povo... Tinha festa! Dança! Rezavam pra adorar aquele idolo ali... Então era honra desse tipo de coisa aí. Hoje em dia nada disso existe mais aqui depois que eu passei a tomar de conta desse lugar.

Apesar de não existir mais nada aqui desse Festejo que faziam aqui no lugar que eu moro, no Jamari, o pessoal ainda fala que aqui foi onde começou a dança do Seringador. Com certeza! Foi. Mas isso aí, muitas vezes, a população, diante dos olhos dela, era uma coisa muito esperta, muito elegante. Por causa que chamava a atenção do povo. Pegavam o gambá que chamam pra um tambor cumprido de madeira, eram dois assim, eles butavam um couro de veado na frente dele e começavam a bater. Existia o dançador e a mulher que ia laçar o boi. E aí o cara tocava lá os instrumentos e batiam naquele gambar e começavam a pular lá os dois ao redor e povo ficava admirado... Chamava a atenção de muitas pessoas. E isso aí existiu mesmo. O seringador ainda existe por aí nessas festas que tem como ali na Floresta, ali pro lado de baixo, nessas pequenas comunidades, existe muito ainda. Só que agora depois de certos tempos eu não sei contar mais, porque não sei se ainda é como era, porque eu não entro mais nessas reuniões.

Eu vou contar um pouco da minha infância. Eu desde o começo. Desde o princípio que eu gostei muito de jogar bola, brincar de bola, mas no meu tempo de

infância mesmo... É até difícil contar! A gente gostava de andar pra bater peixinhos pela beira desse igarapé, era assim: A gente andava com meu primo com as flechinhas, a gente fazia as flechinhas e saía pra bater os peixinhos que tinha pra gente comer assado. A gente também brincava de casinha e pulava n'água e depois de nós crescermos, na idade de seis anos a gente começou a brincar de bola, era o que mais rolava era a excursão da bola, nós brincava muito, não tinha momento, eu cresci e me entendi e sabia que estava fazendo, e era abola que chamava a atenção.

Eu nasci e me criei aqui fui aprendendo a viver lidando com a mata, o rio, os lagos, os igarapés, com a natureza. O rio é o seguinte, a gente acha maravilhoso! Acha muito lindo! Mas existe também um período que ele leva a loucura pra gente dentro dos nossos olhos. Porque, tem coisas que chamam a atenção da gente, mas tem coisas que ele faz a gente ficar meio pensativo. Porque tem muitas coisas perigosas aí. Espantosa! Eu me lembro que quando eu era pequeno eu tinha medo de sair na canoa pra ir pescar. Eu era pescador desde pequenininho, mas, só que a mamãe brigava comigo para não ir pescar sozinho aí eu perguntava pra ela: - Porque mãe a senhora briga? Eu perguntava isso quando não sabia, não entendia a preocupação dela, ela sempre me respondia quando eu perguntava por que ela estava brigando pra mim não ir pescar: “Não meu filho, por causa, que tem muito jacaré, tem sucuriçu por esse rio a fora aí.” E aquilo eu fazia de conta que pra mim era um nada! Mas depois que eu fui crescendo eu fui vendo e fui compreendendo, porque realmente o que a mamãe dizia se cumpria, porque eu vi com meus próprios olhos. Um tempo eu tava no galho do pau pescando, assim, o galho quebrou comigo lá, isso foi nesse tempo agora, eu estava esperando o peixe, o galho quebrou eu caí dentro d'água, eu olho, assim, e a minha canoa tava meio, assim pro lado, um pouco afastada, e o jacaré vinha de lá pra cá e eu sem nada na mão, e aí o jacaré vinha no meu rumo e aí eu tive que me livrar na árvore aonde eu estava, subi e fiquei na árvore! De lá eu peguei um galho do pau e fui para a minha canoa. Então, só aí eu imaginei como era tão perigoso! Não era aquela coisa que só ao ver e dizer, é muito lindo! A gente tem que ter o cuidado também.

O rio é muito lindo, tudo o que Deus criou é lindo, mas a gente tem que ter cuidado, porque ele diz “Vigiai!” Então é isso que me surpreende mais e não é só esses monstros dos bichos que a gente vê, às vezes, tem coisa pequena que deixa a gente nervoso! Como a Arraia, os outros peixes que mordem. A gente pode ter uma surpresa no momento que for matar a piranha, o mandii, o surubim, esses peixes tudo são perigosos, porque se a gente não tiver o máximo de cuidado! Se a gente não tiver

conhecimento, não tiver cuidado, a gente pode meter o pé no fundo do rio, do igarapé e pode pegar numa arraia, pode ta enxergando e não conhecer e pisar em cima dela e ela fura, você vai sofrer. A piranha é outra coisa, se você não conhecer dá o dedo vai tirar o pedaço do seu dedo, o mandii também, se ele furar na sua mão você vai ficar horas gritando com dor e fora os monstros né? Porque o jacaré ele come, sucuriçu também come. Então, essas coisas a gente, de uns certos tempos a gente vai se acostumando, porque a gente vai aprendendo a lidar com essas feras. Essas coisas que fazem o mal pra gente.

Nós que nos criamos nesse meio da mata e dos rios aprendemos a conhecer as coisas desse meio ambiente. É o seguinte! Em primeiro lugar Deus criou a natureza e deu o controle pro homem sobre tudo. Então, a gente vai aprendendo a ver que não é normal que o peixe venha até a face da água pra gente conhecer... É diferente o movimento que o peixe faz na água e o movimento que um bicho faz. O peixe ele tem o banzeiro conhecido e já um bicho desses que é uma fera é dotro jeito, vamos dizer o jacaré ele sai do nada pra você. Você ta aqui na beira e ele ta vendo o teu movimento, você não ta enxergando e ele vai mergulha numa certa parte, assim, põe só o fucinho de fora com aquela telinha ali que é os olhos dele e você não vai perceber. Isso é quando a pessoa não tem experiência, por exemplo, ta n'água, "Ah! Eu vou pular n'água mesmo. Essa pessoa não tem experiência de nada. Eu como já tenho experiência, nós que moramos aqui, dizemos: - Oh, cuidado! O certo é tomar banho em cima da ponte, essas pranchas que a gente faz pra lavar as coisas e tomar banho, por causa, que o bicho ta só de lá te olhando, mergulha e quando bóia já é perto. Já o peixe não. O peixe ele faz zuada, a gente vê quando o peixe ta comendo, quando ele vem em cima da água, tudo a gente conhece tudo é fácil da gente conhecer, agora o bicho ele é caçador igual nós, ele fica observando, ele atrai, ele fica ali reparando só pra dá o bote. Porque um bicho pra pegar só se for na surpresa mesmo, a traição. Porque um bicho grande desse é perigoso, agora existe uma coisa que pra gente não é confiável, é a sucuriçu...

A sucuriçu é a mesma sucuri. Ela tem um assobio, eu nunca vi ela assim grande do jeito que aparece na televisão, mas eu já assisti uma vez no globo repórter, o cara fazendo uma reportagem sobre esse bicho, ele tem um assobio e esse assobio vem e se você tiver em canoa pequena ele te pega e joga o laço por cima e aí num tem como tu escapar. Tu cai n'água ele te joga mesmo e aí é aonde ele vai te apertando vai te quebrando todo, então desse aí tem que ter cuidado e ele não faz banzeiro nenhum ele sai em cima de você. Então existem essas feras e a gente vai tendo conhecimento de

como se comportam pra quando vê saber como se livrar delas. Além dessas feras tem esses outros bichos como o boto. Esse boto grande faz banzeiro grande, esse daí num tem como prever o aparecimento deles, eles vem embalados lá do fundo, só se a gente olhar pro fundo e aí agente vê, mas eles fazem banzeiro grande. Fora o jacaré, o jacaré ele vem macio também, ele vem manso, aí você não vai enxergar ele, só se tiver em alerta. Porque ele também vem que nem um caçador.

Olha! Uma vez pescando eu e meu pai ele em terra, assim, lá no baixo, lá fora! Assim pescando e eu também estava perto de um pau grande, uma tronqueira de um pau grande tinha caído e tinha uma galhada lá. Eu pisei dentro do laço de uma sucuriçu grossa, media mais ou menos uns dois palmos de largura, por isso, que eu digose o bicho tiver a caça é muito perigoso, mas se ele não tiver caçando ele não é perigoso, porque eu fiquei no meio da roda dele, tava espichada pra um lado e fez a roda dele pra outro lado e eu pisei dentro da roda dele, olhando pro peixe com o arco e flecha armado pra flechar, que eu fui olhar pra água assim, eu vi aquele monstro do bicho e ele pra lá com a cabeça pra outro lado, aí eu pulei fora, ele nem se mexeu, ficou lá, eu chamei meu pai e meu primo, lá, o bicho ficou, nós fomos embora.

Agora vou falar da mata. Eu já andei muito em mato, andei muito e não tinha hora não. Andava de noite, andava de dia. Saia oito horas da noite pra cortar seringa. É espantoso também, têm várias coisas, pássaros que a gente pensa que é um bicho grande e dá susto, você se assusta. Vários gritos que você pensa que é um bicho selvagem mesmo e que se a gente for escutar fica com medo mesmo, mas não é bicho selvagem não é pássaro.

Vamos falar sobre pássaros. Pássaro é conhecido, só a coruja ela tem um monte de canto! E ela grita, ela assobia, ela faz igualmente a onça. Quantas e quantas vezes eu num respondi pra ela, gritando *Uuuudo* jeito que ela faz que é igualmente uma pessoa. Eu escutava o grito aí eu parava e gritava, ficava calado aí tornava a gritar daí ela respondia. Aí tem umas que assobia, tem umas que fazem igualmente onça, um esturro meio rôco, mas isso a gente vai acostumando, porque a primeira vez que a gente vai ver a gente se assusta por causa que nunca viu, mas aí vai se acostumando.

Agora a onça eu já vi muita onça. Eu já vi muito! Eu saía cortando seringa só com a faca na mão, altas horas da noite, onze horas, dez horas da noite e a lamparinhona na minha cabeça, lamparinas, até hoje tem uma aí, como eu estava dizendo, a onça esturrava como assim aí o outro lado na minha frente. Mas é, por isso, que eu digo, Deus é muito misericordioso, ele dá coragem. Eu não tinha medo não. Eu nunca

encontrava! Quando eu estava cortando seringa, só escutava os esturros dela. Já num dia pescando, eu estava lá ajeitando o peixe veio aquele bicho por de trás mim correndo, *AAAooooouuu*, passou pelo meio da minha perna caiu n'água. Era um Jacuraru, mas só que eu estava tão intestido no peixe ali, eram duas jatuaranas que se espalharam, uma correu pra um lado e a outra correu pra outro lado. E eu escutei parece um pé por trás de mim pisando. Que eu fui olhar, assim, ela tava sentada numa distancia pouca de mim! Uma onça pintada atrás de mim. Minha canoa estava um pouco afastada de onde eu estava e minha espingarda estava dentro dela e eu estava com a flecha. Assim, do jeito que estava espichando o arco com a flecha, assim mesmo eu fiquei e pensei - Vai me comer! A onça estava uma distancia pouca de mim e ela pula sete metros. Aí eu fiquei ali na minha. Eu fui, fui, fui virando pra ficar frente a frente com ela, mas pensando: - Se tu deixar eu ficar de frente contigo eu vou te dar uma flechada. Aí eu fui, fui olhando pra ela e andando de costas até chegar na canoa, foi, foi, foi, e ela não saia do lugar dela aí ela lambia a pata chegarregaçava! Deus me livre, colega! Aí quando eu do nada, assim, corri e peguei a espingarda já fui engatilhando pra atirar quando eu vi, ela já ia lá longe colega! Ela pulou atrás do pau e eu não vi mais.

A primeira fera que existe e é traíçoeira é a onça e ela se astreuve com qualquer um homem, porque ela é fera. Mas também existe coisas espantosas que faz você ficar rodado! Percebi isso. Eu já escutei, eu não vi, mas já escutei uma Curupira, agora só que esse tipo de animal eu não posso dizer como é, não tenho como determinar - Olha é a Curupira, porque ou é um homem ou é um animal, eu não sei, mas só sei dizer que existe, porque eu já escutei. Escutei ela bater pau e já vi o pé! O pezinho dela é pequeno do tamanho do pé de uma criança. Essa daí leva a pessoa pra muito longe, faz o cara rodar, ela faz com o cara o que quer. Isso eu nunca vi, mas a gente tem essas histórias pra contar na vida da gente que já se passou.

O pé da Curupira é todo de uma criança! Tem os cinco dedos certinhos. Tem o dedo grande e todos os outros. E outra coisa que o calcanhar dela é pra frente e é só já um pé, com os dedos pra traz e o calcanhar pra frente. Caçando com seu menino aqui pra trás, muito longe daqui, eu e seu João Marx, eu na frente e ele atrás, chegamos ao final de um braço que tem esse igarapé que passa aqui em frente de casa, o Jamari, pra lá assim, no final é um buraco grande cheio de areia, lá tem tudo quanto é lugar de pé de bicho. Aí lá aparentava o pezinho dela. Pezinho mesmo! Só que o pé tava pra trás de nós. Vindo no sentido daqui da onde a gente mora. Eu disse: - Rapaz vamos embora! Aí nós saímos de lá de onde nós tava e viemos embora dando a volta pelo outro lado.

Um amigo meu, o filho desse seu Chagas, ele rodou aí. Tava eu com essa Dilene ajuntando castanha, aí ele passou perto de nós e disse: “Maga eu vou ali, mas eu vou só aqui perto de vocês e já venho mimbora.” Foi com o cachorro dele. Aí umas dez horas nós viemos embora eu com a Dilene, ele ficou pra lá, o cara ficou pra lá olha! Muito tempo. Quando foi umas quatro horas da tarde eu pensei que o cara já tinha subido pra casa dele, o rapaz já vinha quase morto varando aí: “Maga eu rodei perto, rodei lá no caminho perto de vocês eu não sei o que aconteceu e agora que eu vim varar e bem pertinho do caminho! Não conseguia varar e só varei nesse horário.” Isso aí é uma fera que a gente pode dizer que existe e por causa dela não é confiável você andar só na mata. E outra coisa também que nós leva a temer, até mesmo, porque nós seres humanos somos falhos, mas a gente põe Deus em primeiro lugar na nossa vida que ele nos livra desses perigos. É a cobra. A cobra, Deus me livre! Então, existem essas experiências nossas aqui no mato que já temos conhecimento porque nascemos e se criamos aqui.

Eu já conversei muito com esses meus amigos, que eu tenho conhecido esse pessoal que vem aí de São Paulo, a gente leva horas conversando, eles fazendo pergunta assim, vendo como é que é. Mesmo agora lá conversando com a mulher do pastor e o pastor dizendo: “Maga eu tenho medo de andar de barco, eu ando de avião, mas não ando de barco, porque é perigoso, eu não sei, eu não gosto de andar na água eu não gosto de ir pra esses interiores, porque é muito perigoso, tem jacaré, tem cobra tem onça.” Aí eu modifiquei o que ele falou, falei ao inverso dele, me colocando na situação de como é pra mim quando estou na cidade, eu disse assim: - Pois é, o que vocês pensam o mesmo caso eu poderia pensar do lugar onde vocês vivem, porque o ambiente de vocês também é estranho pra mim, assim como, o ambiente de lá onde nós moramos é para vocês. Vocês gostam de andar de avião, eu não, nunca andei e eu tenho medo. Lá onde eu moro, Graças a Deus! A gente não vê bandidos, marginal, o tanto que matam aqui, vocês não vêem as feras que tem lá no nosso ambiente também, então, é desse modelo, assim, como tem coisas lá onde eu vivo que vocês têm medo, que são arriscados, aqui onde vocês vivem também tem outras coisas que dão medo e que são arriscadas. A gente leva horas conversando com ele. A lição que a gente leva desse meio ambiente é essa: - Não é aconselhável a pessoa dizer “Não, eu vou entrar na mata e vou fazer o que eu quero, eu vou cair n’água aqui e vou fazer o que eu quero.” Não é confiável, o certo é obedecer ao que mora no local, que está dentro do ambiente, fazer pergunta pra ter experiência também.

Eu só tenho de agradecer a tudo, em primeiro lugar a Deus de ter a oportunidade de ta conversando, de ter esse diálogo onde eu estou contando sobre as minhas experiências de vida, porque é muito gostoso! É muito saudável a gente ter esse diálogo com as pessoas. Deus é misericordioso, que trouxe também os parentes que a gente não conhecia; não que a gente tivesse isolado, mas em primeiro lugar trocamos ideias e conversamos isso faz bem pro meio ambiente da gente.

Com certeza tudo o que eu falei está autorizada pra outras pessoas saberem, porque é assim, a gente não pode autorizar uma coisa que é desacreditada, mas uma coisa que já aconteceu, o que a gente já viveu, a gente pode falar. Existe uma coisa que eu vou contar aqui bem curtinha: - O cara chegou pra fazer uma pesquisa sobre estrada de seringaaí ele quis fazer uma experiência pra ver realmente quem habitava aquele meio ambiente aí ele perguntou: “Rapaz você é seringueiro mesmo?” A pessoa entrevistada respondeu: “Sou”, aí o pesquisador disse: “É mesmo! Rapaz me diga uma coisa, o que seringueiro faz? O que ele precisa pra colher a borracha?” Aí ele foi só com o bico de caneta escrevendo o que o seringueiro falou: “Olha em primeiro lugar, você precisa da coragem. Em segundo lugar, você tem que ter o seu facão do lado, você tem que ter o seu calçado pra andar na mata de noite. Em terceiro lugar, vem o material que pertence ao trabalho na estrada que é a faca. O cara mete num pau pra cortar aí tem um negócio dobrado que é a rapadeira pra rapar, aí vem a lamparina que o cara pode colocar na cabeça.” Ele foi dando os detalhes todinho: “E vem o balde, vem as tigelas que o cara prega”. Aí os cara que também trabalharam com a seringa tudo apoiaram ele. E ele continuou explicando: “Aí a gente colhe o leite” naquele tempo era tudo defumado assim, “Aí a gente vai pega um pau comprido vai principiar a borracha, faz o rolo e vai defumar”. Aí os cara todos apoiaram ele. Então, essa é uma história profunda e verdadeira porque, o cara conta uma história a partir do que ele viveu e com certeza ele vai autorizar a sua história ficar conhecida por outras pessoas, por causa que, o cara tá no meio ambiente e isso já aconteceu na vida dele. Então é dessa maneira que a gente pode ter os detalhes com as outras pessoas, pra contar o que a gente já viveu. Como é muito bom relembrar o que já se passou, só é estranho a gente relembrar coisas que já foi ruim na vida da gente, mais uma coisa que foi legal é bom de lembrar. É bom a gente se lembrar desse velho passado.

Eu fui buscar no fundo pra saber como que era a família, quem era a mãe, quem era o pai, quem era bisavô, a minha avó, porque a minha avó eu conheci, então foram me dizendo sobre a mãe da minha avó, mas só que não contaram da onde era a terra

natal deles pra chegar nesse ponto até onde nós estamos. Se alguém me perguntar da onde eu venho, quais as minhas descendências, eu não vou saber dizer. Porque esse tipo de conclusão eu não tenho, porque, existem os brancos, né? Existe as tribos dos indígenas, então aí a gente pode também vim duma tribo dessas, por isso, eu não tive essa lembrança de perguntar pros meus pais, porque hoje em dia...Vamos dizer, conversando um pouco sobre área indígena, hoje não há mais diferença! Porque, antes eu conhecia uns aqui pra dentro. Tinha uns que eram os bichos mesmo! Vamos dizer eles não sabiam se aproximar das outras pessoas que não fosse do povo dele. Eles eram brabos e não podiam, assim, topar com gente que eles se escondiam ou então matavam. Hoje em dia você conversa com os caras eles são sabidão! São pessoas que você diz - Não é o que era antigamente. Então, por isso, que eu não tenho como dizer, por causa, que pra o que era no passado, hoje há mudanças...

Eu não tenho nem como explicar, mas pro que a gente vê hoje, se misturou um grupo, não de sangue e sim de cultura, mas sabemos que índio é índio! Eu não sei nem explicar se eu sou da veia desses índios mesmo ou se venho do grupo dos brancos mesmo. Bom, no modo de vida nós vivemos aqui ligados a natureza. A gente vê que muitos por aqui são tímidos e eu não sou, gosto de debater com o pessoal que vem de fora a partir dos meus conhecimentos. Pelo o que eu conheço do ambiente que eu vivo eu tenho como debater como se fosse uma pessoa estudada. Pelo que a gente vê a maioria das pessoas são tímidas, caladas, que não se comprazem com aquele tipo de pessoa que mostra o semblante alegremente. Eu não sou dessas pessoas. Quanto mais eu vejo pessoas mais eu quero ter intimidade com a pessoa e quero ter um diálogo profundo pra mim ter conhecimento e também gosto que a pessoa conte um pouco da sua história pra mim também saber, conhecer quem a pessoa é. Então eu me sinto num período desse feliz, por isso. Eu acho estranho alguém chegar e dizer: “Rapaz olha, eu fui à casa do Maga, mas o Maga é muito fechado, o Maga é um cara que ele não gosta de conversar. O Maga que não dá atenção pra gente.” Eu vou falar uma coisa, eu agradeço a Deus por me dá entendimento, inteligência, porque estudo eu não tenho, mas a sabedoria de Deus, está a cima de todas as coisas, então se o dom vem de Deus, a gente só tem que agradecer a ele.

Então é como eu to te dizendo aí eu não posso te explicar, porque em primeiro lugar a gente não pode fazer um estudo disciplinado sobre o que vem desde o princípio e pra mexer com muitas coisas da profundidade do quem que é do quem que era, o que a gente foi, eu não passei por esse canal, não tive estudo, pra dizer assim, é como eu

acabei de contar a minha história foi corrida. Mas hoje eu recebo o privilégio que eu só tenho que agradecer a Deus mesmo. Aí eu pergunto a mim mesmo: - Mas da onde que eu achei essa sabedoria de receber o povo, o meu povo próximo, se eu nunca estudei, vamos dizer, nunca tive uma sabedoria humana aqui pra eu ter contato e ter diálogo com as pessoas, isso eu vejo em mim mesmo e agradeço a Deus, só tenho que agradecer a Deus.

Olha quanto mais o meu adversário me contar detalhes do ponto de vista dele, por mais que eu não concorde com o que ele tá falando, pra mim é importante ouvir o que ele tá falando pra mim aprender com aquela pessoa, quando a pessoa é calado não vai aprender nada. Ele vai guardar dentro dele a mágoa que tem, porque ele não bota pra fora o que está pensando, o que tá sentindo, aí ele num vai saber o que a pessoa tem. O meu mestre de obra lá em Porto Velho disse assim pra mim: “João o que tu acha de lá de onde tu mora?” Eu disse:- Seu Raimundo é legal demais lá, é maravilhoso! Ele disse: “Mas tem uma coisa que tu ainda não percebeu.” Aí eu falei: - Como? Aí ele disse: “Olha a pessoa que mora no interior ele num vive não ele só vegeta.” Aí eu fiquei sem entender e perguntei: - Como assim? Como é que você me diz isso, lá a gente vê todo mundo, a gente vê barco, a gente vê avião passar por cima, eu comecei a contar os detalhes pra ele. Aí ele me pegou e me pegou direitinho mesmo! Ele tornou a dizer: “Não, porque, o seguinte lá ele não aprende nada.” eu ouvi isso e disse: - Como seu Raimundo?E disso gerou um debate.

O seu Raimundo disse assim: “Não sabe por que o povo do interior eles não vive eles só vegetam? Porque eles não conhecem nada.”Aí ele começou a pegar em coisas pequeninhas, por isso que eu digo - A pessoa quer estar lá em cima, mas quando acaba ele tá lá em baixo. Ele disse “Quer ver uma coisa? E aí pegou o torquês, ele me pegou por isso, ele me perguntou: “Oh, tu conhece o que é isso? Ai eu falei ”É um alicate de amarrar ferro. Mas ele falou “Não, não é um alicate, isso se chama torquês” E depois apontou pra outra coisa e perguntou o que era. Eu olhei e disse é um cambito de ferro, ai ele disse: “Não é um pé de cabra.” Eu digo: Ah é? Pegou um plumo e disse: “Tu sabe o que isso?” Eu digo é um plumo. E ele disse que não, falou assim: “O nome desse pedacinho de pau é nos que é o guia do plumo. Achei engraçado, ele fez isso pra mostrar que eu não sabia o nome das ferramentas.

Eu fiquei pensando que eu tinha muito que aprender, pra poder trabalhar como auxiliar dele. Mas sabia que com certeza se ele viesse onde eu vivo ele também não ia saber de muitas coisas que eu sei e foi o que eu falei pra ele. Daí a gente teve

igualmente uma entrevista. Ele contanto pra mim e eu contando pra ele, assim também eu tive essa entrevista com o pastor e a mulher dele, eu disse para o pastor - O mesmo que é vocês sem conhecer nada lá no nosso ambiente, assim sou eu na cidade de vocês, também num conheço eu fico perdido se eu for sair por aí na cidade. Da mesma forma vocês se entrarem na mata onde eu estou vocês vão ficar perdidos, porque vocês não conhecem nada lá. Cada um tem o seu conhecimento. Por isso, que Deus diz “Ninguém é mais do ninguém.” Então, são esses os detalhes do que eu tenho pra dizer e agradecer, por essa oportunidade de estar conversando. Foi muito legal! Eu aprendi uma coisa e sou grato a Deus. As pessoas falam: “Ah Maga! Você fala bem.” A mulher mesmo diz... Eu digo sabe por que. Porque os seres humanos que passaram a existir foi Deus quem fez. Porque ele é amor, então se eu vivo em amor com meu Deus, eu vou ter amor por todas aquelas pessoas.

Ritual de rememoração

Antes de fazer a entrevista com Lauralisce, a conhecida dona Laura, havia participado da Ladainha para São Miguel que ela realiza no mês de setembro de 2011, no dia 29 que é o dia do santo. Ela e sua irmã Maria reúnem os parentes e afins para fazer essa ladainha, porque ela era feita por seus pais. O santo fica ao centro do altar, mas na parede tem a foto dos seus pais que acaba estando ali no altar também. Na ladainha há um ritual de rememoração dos seus pais, pois, como elas disseram, fazem tudo do jeito que eles faziam. Depois no momento da transcrição da entrevista incluí uma conversa que gravei com ela e sua irmã sobre a ladainha.

Fiz a entrevista com dona Laura no dia 26 de fevereiro de 2013. Nesse dia minha mãe não havia dormido comigo na casa do Pedro, tinha na noite do dia anterior ido para a casa da Edilene, no Jamari. Não dormi bem, pois fiquei preocupada com ela, tive sonhos fortes, com água parada, cobra, perigo. Minha avó apareceu no sonho como protetora, ela matou uma sucuri. Acordei cedo, tomei café, fui para o porto lavar louça e tomar banho, demorei-me por lá. Depois me arrumei e atravessei para o outro lado onde mora dona Laura, fui com a Têco, pois a Tina, sua mãe, já havia atravessado com o Uil e a Manu. Tina foi visitar a irmã Vanda que é casada com o Orildo. Levou para ela pupunha e um pedaço de jerimum. A Têco, como é afilhada da dona Laura, levou uma vasilha com pupunhas para ela.

Ao atravessarmos o igarapé e subirmos em terra encontramos Tina, dona Laura e Vanda, as duas que estávamos indo encontrar, estavam no pasto pegando esterco para seus canteiros onde plantam cheiro-verde, pimentas, chicórias, outros condimentos e plantas medicinais. Depois de juntarem os estercos a Tina foi com a Vanda para casa e eu fui com a dona Laura.

Passei o dia até a noite com dona Laura. Eu a acompanhei fazer mingau de banana comprida no leite da castanha para o seu marido, seu irmão, o Orildo e o Eduardo, filho do Orildo e da Vanda. Eles estavam fazendo a cerca nova para o pasto. Fui com ela levar a merenda deles. Voltamos para casa e ela foi preparar o almoço.

O almoço ainda estava sendo preparado quando seu Januário, irmão da dona Laura, e o seu Walter, seu marido, chegaram. Seu irmão foi preparar um suco de cupuaçu com leite de castanha, batido no liquidificador. Foi a primeira vez que experimentei esse suco com leite de castanha, gostei muito. Seu Walter ficou conversando comigo enquanto o almoço ficava pronto.

Depois do almoço dona Laura atou uma rede na sala para mim. Seu Walter já havia subido para descansar e seu Januário já havia ido para seu quarto que fica na parte de baixo. Dona Laura continuou mexendo para o lado da cozinha, seu marido a chamou para ir deitar-se um pouco, ela subiu. Fiquei me embalando e escutando o estralar das sementes de seringa ao cair no chão até dormir. Quando acordei todos haviam voltado a trabalhar. Seu Januário estava roçando com a roçadeira, seu Walter vinha chegando com um pano de ouriços vazios para alimentar o fogo do fogão à lenha e dona Laura juntando varetos para queimar e aproveitar alguns galhos para fazer lenha.

Demorei-me um pouco mais na rede olhando para o lago e esperando uma oportunidade para pedir para fazer a entrevista com dona Laura. A esperei entrar na cozinha para deixar as lenhas e conversei com ela sobre a possibilidade de entrevistá-la, ela mostrou-se tímida, queria se esquivar, mas acabou por aceitar. Subimos para outra parte da casa, ficamos numa varandinha de frente para o lago. Começamos a entrevista.

A entrevista com dona Laura se deu com minhas motivações. Fiz perguntas abertas sobre suas experiências femininas, de infância, mocidade e idade adulta. Ela foi falando conforme essas motivações. Depois fomos à casa do seu irmão Chagas, com quem ela já havia falado sobre meu pedido de entrevistá-lo.

Fiz a conferência de sua narrativa em setembro de 2015, assim que cheguei do Uruapeara, pois ela iria para lá naquela semana. Antes de começarmos a conferência ela me ofereceu os biscoitos feitos com a massa trazida do Uruapeara com café que estavam

servidos para duas amigas que tinham ido visitá-la, acrescentou mais biscoitos e comemos. Depois comecei a ler a narrativa e ela ficou atenta e mostrou-se satisfeita. Confirmava em voz baixa o que ia lendo e sorriu expressando afetividade e saudade ao tempo das cantigas de rodas que reconstruímos juntas.

3.5 LAURALISSE

Laura Lisse Pinto da Trindade, nasceu dia 4 de março de 1951. Vive em dois tempos, o da cidade e o das margens do lago do Uruapeara. Com o ensino da costura dado pela mãe não costura apenas roupas, mas também as relações na comunidade. Depois de muito que indaguei foi falando sem adentrar muito no seu rio de histórias, ainda assim, emergiram algumas lembranças. Senti uma emoção especial no refazer da sua memória sobre as cantigas de rodas ao continuar cantando as cantigas iniciadas por ela para incentivá-la a relembrá-las. Ao restituí-las na narrativa senti que é uma memória que é tão dela e tão minha.

É maravilhoso! Viver aqui no Uruapeara, no lugar que foi dos meus pais.

Nasci e me criei aqui, sou muito feliz com isso, com minha família. Fui embora daqui com 19 anos, porque precisei mesmo, trabalhar para ajudar meus pais. Eu vi o sofrimento que era manter a vida aqui, porque hoje, Graças a Deus! É mais fácil as coisas, mas antigamente, era muito difícil! Meu pai cortava seringa e tirava sorva, porque no inverno era um trabalho e no verão era outro. Verão era seringa e inverno era a sorva. Era muito sofrido! Aí eu precisei ir pra cidade pra trabalhar pra ajudar eles. Fui pra lá construí uma família, Graças a Deus! Arrumei um emprego, mas depois que eu me aposentei, Graças a Deus! Eu voltei pra cá pro Uruapeara. Porque aqui é minha terra Natal. Eu amo o sítio! Quando eu estou lá na minha casa em Porto Velho, eu lembro a cada minuto daqui. E jamais vou me esquecer, porque foi aqui que eu nasci e me criei. Meus pais, nossa! Eu lembro demais deles. É maravilhoso! Gosto muito daqui mesmo.

Eu ensinei meus filhos a gostarem daqui do sítio que era o lugar dos meus pais. Hoje, Graças a Deus, tudo é mais fácil, mas antigamente era muito difícil, porque pra você chegar aqui o barco era tão pequenininho! Dava até medo de cruzar o rio Madeira, mas hoje, Graças a Deus! Nós temos um transporte bom pra chegar, é barco! Mas é uma

coisa boa, porque antigamente era muito difícil! E as tradições daqui continuam. A gente jamais quer que terminem. Dentro dessas tradições tem a ladainha para São Miguel feita todo o dia 29 de Setembro, meus pais faziam essa ladainha e agora eu e meus irmãos continuamos fazendo aqui em casa.

Quando eu me entendi já tinha a Ladainha pra São Miguel. O que eu sei é que era do tempo dos meus bisavós, aí ficou pros avós dos meus pais, que agora que meus pais são falecidos, nós estamos dando continuidade, pra manter a tradição. A ladainha e tudo aqui do interior, são coisas que me lembram muito eles, e jamais vou deixar de fazer essa ladainha! Enquanto em vida eu estiver, vai continuar se Deus quiser!

A minha irmã, a Maria vem pra cá comigo e me ajuda a preparar tudo, no dia de fazer os biscoitos, ela chega e já vai preparando a massa. Nesse ano de 2011, além dela veio também a minha prima Cila e uma conhecida nossa, a Nilce que é irmã dela por parte de pai. Todo ano tem gente pra me ajudar vem a minha comadre Tina a Vanda que é irmã dela. A preparação dos biscoitos de massa salgados e doces para oferecer depois da ladainha, conforme a tradição é um trabalho coletivo entre as mulheres da família e as mais próximas.

Da mesma maneira que eu penso que fazer a ladainha é uma forma de manter a memória dos nossos pais a minha irmã Maria também pensa, ela diz a mesma coisa que eu: “A gente faz a ladainha porque a gente se entendeu foi com os nossos pais, mandando a gente rezar pra São Miguel, era todo ano a gente reunido, então depois que eles se foram a gente vai continuar fazendo... Tenho fé em Deus que enquanto a gente existir não vamos abandonar, porque isso é uma coisa que recorda muito a eles.”

São Miguel é o padroeiro do sítio, aqui onde eu moro, esse nome foi dado pelos meus pais a esse lugar que era deles e nós ficamos cuidando, por isso, que a gente manda rezar a Ladainha. Nós fazemos pedidos para São Miguel, como sempre, todo ano a gente pede muita saúde e paz pra todos nós na família, toda a comunidade e todos que aqui vem nos visitar, a gente pede muita paz, saúde e felicidade, e eu não sei se é a fé, mas parece que tudo que a gente pede é atendido, com os poderes de Deus! A gente é atendida, Graças a Deus.

Sempre são os homens que puxam a reza em latim quando não é o Paulo Teixeira lá da Floresta é o Calendário que é daqui mesmo da comunidade e é o professor aqui da escola. Sempre são eles dois, nesse ano de 2011 o professor não está porque foi resolver umas coisas em Humaitá, aí seu Paulo puxou sozinho a ladainha. Pra responder sempre são as mulheres, aqui quem puxa a resposta é uma senhora, a

dona Maria Aparecida. É ela que sabe responder, aí ela começa e a gente já pega também junto com ela, mas, por exemplo, eu não sei responder sozinha, eu não sei não.

Depois da ladainha a gente serve os biscoitos salgados e os doces. É colocada uma mesa separada só para os mais antigos, aqueles que ainda eram do tempo dos nossos pais. Então a gente coloca aquela mesa lá fora, pra quatro pessoas, que são quatro homens, os que têm mais experiências, aí já a turma maior passa para a outra mesa lá na cozinha. É muito bom, porque era assim que eles faziam. A mesa só dos mais antigos e a outra é só mesmo de quem gosta da bagunça. No tempo dos meus pais era assim, aí Graças a Deus! A gente faz assim todo ano, do jeito que nossos pais faziam e aí a gente recorda muito deles.

Eu fico pensando se vai ter alguém da nossa família pra continuar essa ladainha depois que a gente se for. Porque eu não vejo mais nenhum se interessando, assim, dos nossos filhos ou netos, nenhum tem interesse, até, porque, eles não moram mais aqui. Eu não sei se vai ter alguém da família, depois que a gente partir que vai querer se interessar e continuar. Mas hoje foi maravilhoso! Até porque a gente se reúne e conversa com aquelas pessoas antigas do nosso tempo de jovens. Como diz a minha irmã Maria, “Dá mais saudade das coisas passadas. A gente recorda muito, isso é muito bom.”

Eu lembro quando eu morava aqui junto com meus pais. A minha mãe cortava seringa quando meu pai ia trabalhar em outro lugar tirando sorva nos altos, era ela que cortava as seringueiras, mais perto, para tirar o leite. E Deusulivre! Meus irmãos eram todos crianças, eles pescavam pra gente, era uma vida muito sofrida! Hoje, Graças a Deus! Eu fico até feliz de ver que está tudo mais fácil. É maravilhoso! E a vida é, assim, ela continua. Meus filhos gostam muito daqui, Graças a Deus! Meu marido também, assim como ensinei meus filhos, ensinei ele a gostar daqui, tanto que quando chaga o tempo de eu voltar para Porto Velho, eu falo em ir embora e ele já fica preocupado, porque ele gosta de estar aqui, isso é maravilhoso! A vida aqui é tudo pra gente. E é isso, as coisas da vida são assim.

Nossa! Eu me lembro do meu tempo de criança aqui, a gente brincava demais! Era muito bom. Muito bom mesmo! Às vezes, dizem que no interior não tem infância, eu tive infância sim! Nossa, era maravilhoso! Tudo bem que a gente trabalhava, mas tinha os momentos de brincar. Uma comunidade ia à outra comunidade, a gente trocava os domingos, um domingo na Floresta e o outro domingo o pessoal da Floresta vinham pra cá pra nossa comunidade. A gente jogava muita bola na praia no verão. Daqui pra li

eu pegava uma peia, porque eu gostava muito de estar dentro d'água, o papai não deixava, ele não gostava que pulasse ná'gua, porque tinha muito jacaré, mas sempre eu escapulia e estava lá. Graças a Deus! Foi uma infância maravilhosa! Era difícil, porque pra gente ir pra escola, pra ficar alfabetizada, tinha que ir de canoa e era um pouco distante, era outra comunidade bem distante da nossa. E hoje, Graças a Deus! É tão fácil que o barco vem pegar na comunidade e leva na escola. Antigamente, não era assim não, era no remo mesmo, mas ainda assim, eu tive uma infância muito boa, Graças a Deus!

Além de jogar bola nas parias no tempo do verão a gente também brincava de outras brincadeiras que faziam parte do nosso dia a dia. Ah, Ixi Maria! Tinha as brincadeiras de roda de se esconde, antigamente, hoje já não existe mais essas brincadeiras, porque o pessoal já não liga mais pra isso, mas antigamente tinha. A gente pulava muito n'água aqui na frente de casa. Eu brincava muito de boneca, porque eu tinha muitas bonecas. Meu tio Mario Breves tinha um barco, que ele viajava de Manaus até aqui, comprava castanha e borracha. Toda vez que ele vinha trazia uma boneca pra mim. Eu tinha muitas bonecas. Eu gostava muito de brincar de boneca, nossa! Era maravilhoso Mesmo! Como é bom me lembrar desses momentos.

Tinha também as cantigas de rodas. Eram tantas que nem me lembro mais de todas.

Tinha uma que era assim:

Ai, eu entrei na roda

Ai, eu não sei como se dança

Ai, eu entrei na "rodadança"

Ai, eu não sei dançar

Ah! Era muito legal! Mas faz muitos anos e eu não me lembro como é mais não ela toda. Hoje a Gente não vê mais as crianças brincarem de roda, mas eu sei que tinha uma assim: - Ô flor o linda flor, ô flor vem cá senhora dona menina faça o favor de entrar na roda diga um verso bem bonito e dê adeus e vá embora. E aí ia cantando esse refrão e a pessoa entrava no meio da roda e contava um verso.

Tinha também outra que eu me lembro que é aquela:

O cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada
O cravo ficou doente
E a rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar
A rosa fez serenata
O cravo foi espiar
E as flores fizeram festa
Porque eles vão se casar

Ai meu Deus! Era um tempo tão bom! Eu me surpreendo em relembrar essas cantigas que a gente cantava quando era criança, como essa que eu estou me lembrando agora:

Fui no Tororó beber água não achei
Achei linda Morena
Que no Tororó deixei
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
Oh ! Dona Maria,
Oh ! Mariazinha, entrarás na roda
Ou ficarás sozinha !
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar !
Por que eu tenho o fulano
Para ser o meu par !

Nossa! Era tudo de bom! Fazem muitos anos, muitos anos! A gente vai esquecendo se não for alguém que ainda saiba e cante com a gente e ajude a lembrar, como agora, a gente acaba não lembrando mais. Se a gente visse as crianças brincando

aí não esquecia, mas hoje a gente não ver mais, eu não vejo mais por aí as crianças brincando de roda, mas no meu tempo a gente brincava e era maravilhoso!

Naquele tempo também tinha a brincadeira da pata cega. Essa brincadeira era assim: A gente amarrava um pano na vista de uma pessoa e depois rodava, rodava, ela pra ela ficar meio tonta, e perguntava: “Pata cega de onde tu vem?” Aí ele tinha que dizer de onde vinha. Aí quem estava rodando ela perguntava o que ela queria e ele dizia, depois a gente se espalhava e ela tinha que pegar algum de nós, a gente tocava nela, fazia barulho e saía de perto, ela tinha que saber nosso rumo só pelo barulho, a gente ficava gritando pra ela: - Nem me pega pata cega. E aí ela ia só pelo rumo até que ela conseguia pegar alguém e quem ela pegava virava a pata cega. Aonde que se vê mais essas brincadeiras! De jeito nenhum!

Aqui a gente brincava muito mesmo, mas hoje é tudo diferente, as meninas nem pensam mais em brincar. Nós brincamos muito, aí depois eu fui crescendo e tinha vontade de ir às festas que tinham aqui no Uruapeara, mas o papai não deixava nós ir. A gente só ia pras festa no meio do ano e no final do ano. Só. Era difícil, viu. Hoje, Graças a Deus! É tão bom, porque os pais levam os filhos pras festas todos os sábados, se for possível. No nosso tempo era muito difícil mesmo.

No meu tempo de moça era muito difícil, porque a gente não tinha essa liberdade que tem hoje de sair... A gente tinha vontade de sair para as festas, mas jamais podia sair. Os pais eram muitos rígidos antigamente. Na minha primeira menstruação eu me assustei. Naquele tempo, nossa! Quando a gente menstruava pela primeira vez, era difícil! Porque, a gente nem sabia o que era. Eu fiquei o dia todinho sem levantar, porque eu não queria que me vissem... Deus me livre! Pra mim foi o fim. Eu não sabia o que era, porque naquele tempo a mãe não conversava com a gente sobre esse assunto. Quando eu vi me assustei e não tinha pra quem falar. Porque eu tinha medo de falar pra minha mãe. Até que a minha irmã foi conversar comigo e perguntou o que era. Eu chorei muito pra falar, aí que ela foi falar pra mamãe. Depois que a minha irmã falou pra mamãe é que ela foi dizer pra mim o que era, mas foi difícil, nossa! Ela me deu um chá de uma planta que chamavam de mutuquinha que era para normalizar a menstruação pra não ficar muitos dias menstruada, era também pra dor de cólica. Minha mãe fez o chá pra mim e até que era tudo direitinho a minha menstruação. Durante todo o período que eu estava menstruada, ela não me deixava ir até a beira do rio pra tomar banho, só mesmo em terra, iam pegar água pra mim tomar banho em casa.

A gente não ia até a beira do rio tomar banho, porque os Botos malinavam da gente. E era verdade mesmo! A gente não podia ir. Malinar é encantar. Os Botos encantavam as pessoas. Eu via a minha amiga que era minha prima como ela ficava. Ela estava menstruada e foi buscar água na beira do rio e o Boto encantou ela. O Boto se transformava num homem e ela ficou louca, louca! Queria ir embora com ele. Precisava ver! Eram sete homens pra segurar ela e ela era uma pessoa bem magrinha e ficava com uma força terrível. Porque os Botos tinham malinado dela. A gente sabia que era o Boto que tinha encantado ela, porque ela transformava a voz dela rapidinho e fumava o cigarro com o a parte do fogo pro lado da boca!E fumava rapidinho! Ficava um monte de boto lá em frente da igreja ali na Vista Longe, eles ficavam toda hora pulando nas alturas! A gente chamava o nome dela e ela falava que não era aquela pessoa e dizia o nome dos Botos, que era os Dois de Ouro, era um bucado de nome que ela falava, era cada nome diferente. Quando chamavam o nome dela aí respondiam: “Ela não está aqui é o fulano!” E na frente da casa o que tinha de boto! Era direto, seis horas, meio dia, era demais botos lá. Era muito difícil, a gente tinha medo e, por isso, respeitava. Respeitava e não ia mesmo pra beira do rio enquanto estivesse no período da menstruação, porque acontecia.

No meu tempo de moça era muito difícil namorar. Eu lembro de uma pessoa que a gente trocava bilheitzinho, carta, mas a gente não podia sair. Nossa! Quando?Que uma pessoa pegava um na mão do outro naquele tempo. Jamais! Não podia. Eu lembro que quando a pessoa que estava querendo namorar com a gente chegava em casa a mamãe mandava fazer o café e ela e o papai iam pra sala, quem conversava com a pessoa era o papai, não nós. Jamais! Eu até lembro de uma vez que eu fui servir um café, pra essa dita pessoa e ele colocou um bilhete no pires embaixo da xícara. Aí depois eu fui pegar a xícara aí tinha um bilheitzinho, mas era difícil antigamente, difícil mesmo.

Quando eu saí daqui que eu fui viver a minha vida, já trabalhando pra ajudar o papai e a mamãe, ajudar minha família aqui. Aí pronto já toquei por conta mesmo. Fui pra trabalhar em casa de família em Humaitá, depois fui pra Porto Velho. Graças a Deus! Eu agradeço, por isso, porque foi lá que eu consegui fazer um concurso e passei e tive um emprego público e hoje nele me aposentei, Graças a Deus! Mas nunca abandonei aqui o sítio, jamais, todas as férias eu estava aqui, junto com o papai e a mamãe. Eu acho que eu tinha 23 anos, por aí assim, quando eu fiz o concurso pra conseguir meu emprego público. Isso foi em 74, se não me engano. Naquele tempo

ainda era Território Federal por lá por Porto Velho. Nessa época eu não era casada, mas eu tinha um casal de filhos. A menina morava com a mamãe e o menino, eu estava esperando ainda meu filho, o mais velho dos meninos. O pai dos meus dois primeiros filhos era lá de Humaitá. O Walter, meu marido, veio depois, o nome dele completo é Walter Leite Lima, nós somos da mesma idade, eu completo ano em Março e ele em Abril. Eu já tinha um emprego público quando a gente se conheceu.

Todas as minhas férias, eu vinha pra cá para o Uruapeara. Ah! Naquele tempo trabalhar em casa de família era muito sofrido, porque não é igual hoje que ainda tem um salário mínimo, ou até dois salários. Naquele tempo trabalhava, dormia, morava na casa da patroa, pra ganhar, não sei nem quanto, mas era bem pouquinho, mas tudo que eu ganhava era dividido aqui com meus pais, Graças a Deus, eles estavam em primeiro plano, eu não deixava sobrar, eles entravam no meu orçamento. Eu nunca deixei sobrar dinheiro pra ajuda eles, Graças a Deus, sempre ajudei. O quanto eu podia eu ajudava.

Eu aprendi tudo com meus pais, o respeito, a dignidade, tudo. Nossa! Meu pai sempre dizia “Eu não tenho herança pra deixar pra vocês, mas a educação se aprende em casa.” Isso ele sempre falava. Aprendi como respeitar as pessoas e ser uma pessoa que tenha dignidade. Nossa! A minha mãe e meu pai deram tudo pra gente, ensinaram tudo de bom.

A mamãe sempre ensinava mesmo sobre remédio caseiro, mas eu não era muito de aprender essas coisas não, mas ela me ensinou a costurar também, a fazer o básico. Sobre os biscoitos de polvilho, que é a massa da mandioca, que passa por um processo de lavar até ficar branquinha e daí sai o polvilho para fazer os biscoitos, tanto os doces como os salgados eu aprendi, mas fora isso, eu não aprendi muita coisa não. Minha mãe sabia muitas coisas, mas eu aprendi só o básico que deu de aprender. Esses biscoitos eu aprendi, porque eles são feitos desde o tempo das mulheres mais velhas e fazem parte da nossa vida tradicional. Pra eles serem assados, a gente coloca nas assadeiras, que é uma forma grande de barro. A gente antes preparava a massa nos aguidás que são de barro na forma redonda, como não essas coisas de alumínio e de plástico era ele que a gente usava, depois colocava a forma no fogão de barro. Mesmo que hoje em dia a gente tenha forno de fogão a gás a gente assa os biscoitos no modo tradicional, como as mulheres mais velhas faziam, coloca na assadeira de barro, põe no fogo do fogão de barro, põe uma flande de alumínio tampando a assadeira e coloca em cima as brasas. Aí a assadeira fica como um forno e aí com a flande e as brasas em cima os biscoitos assam rapidinho!

Tem uma mulher na outra comunidade, que ainda fazia panelas, formas, aguidás e outras vasilhas de barro e a gente comprava dela, até um tempo desses, era só encomendar dela que ela fazia. Mas depois que a cobra picou ela e matou o marido dela ela não fez mais não. Quando ela já estava se recuperando da picada da cobra o marido dela também foi picado por uma cobra, ela não morreu porque foi logo para Humaitá e foi medicada e ele parece que demorou pra ir, eu não sei como que foi, só sei que ele morreu. Acho que o nome da comunidade deles é Santa Maria

Sobre os remédios caseiros até que eu uso uns chás caseiros, eu uso sim. Uso o chá e o lambedor que faz xarope do Jatobá. Uso um bucado de remédio aí, uixi amarelo, casca da castanheira, casca da copaíba, tudo isso a gente faz remédio. O xarope é pra bronquite e tose braba e a casca da copaíba serve como antiinflamatório. O uixi, a copaíba, a unha de gato, são antiinflamatórios. O iuxi também serve pra gastrite, casca do uixi com a da castanheira.

Eu tive cinco gravidez e seis filhos, porque os meus caçulas são gêmeos, só que um faleceu na hora de nascer. A mais velha é a Raimunda Célia, o outro é o Hariston e os dois últimos são o Emerson e o Herlison. Quase todos os meus partos foram normais, só o último que era de gêmeos que um foi normal e o outro foi cessaria que faleceu porque passou da hora de nascer, ele estava de atravessado e só colocava a mão. A minha primeira filha nasceu aqui no Uruapeara com parteira. Meu Deus do céu! Tero primeiro filho, assim, em casa foi difícil, olha, difícil mesmo! Acho que os outros partos no hospital foram mais fáceis, só é ruim porque eles cortam a gente e a gente fica toda acabada, pensando bem, eu só achei o parto normal difícil, porque era a primeira filha. Entre o parto em casa e no hospital a diferença é que no hospital eles dão ponto e em casa se precisar cortar não tem como dar ponto. Mas, Graças a Deus! Mesmo sendo a primeira filha, foi normal o parto. Até quando eu tive o primeiro lá na cidade eu nem gostei muito, por que eles cortam, eles nem tinham muita paciência, cortam logo, não esperam muito. Aqui não, fazem o possível pra dar tudo certo. A parteira que fez o parto da minha primeira filha foi até minha tia, Maria Trindade, irmã do meu pai.

As parteiras fazem aquela massagem na barriga e dá chá da raiz da chicória que é pra dar dor. Eu me lembro. E dá mesmo, por incrível que pareça, depois ainda veio o caldo da caridade com bastante pimenta do reino e alho pra dar dor também. Foi difícil mesmo. Depois que a criança nasce corta o umbigo direitinho, coloca ao lado da mãe. Dá um banho com água morna que já tem tudo preparadinho. Graças a Deus! Deutudo certo nesse meu primeiro parto. O resguarde, nossa! Oito dias sem sair debaixo do

musquiteiro, isso é difícil, olha, oito dias. A dieta alimentar é só galinha caipira, com caldo e pirão escaldado de farinha seca, era tudo assim, mas depois que eu fui pra cidade não fiz mais nenhum resguarde desse jeito. Jamais! Nunca. Só no da primeira filha, porque eu estava aqui na casa da mamãe. Lá na cidade não tinha dessa não, era totalmente diferente. Não tinha como, já trabalhava fora, eu tinha casa pra tomar conta, não, num dava não. Na cidade também você ganha a criança no outro dia eles dão alta pra ir pra casa aí você toma conta de tudo. Parto normal, Graças a Deus, você não sente muita coisa, aí já vai fazer tudo em casa.

É maravilhoso! Viver aqui no Uruapeara, no lugar que foi dos meus pais. Eu jamais trocaria o sítio por lugar nenhum. Até quando a minha família que mora fora, aí pra Belém, chamam pra ir lá, eu não tenho vontade de ir não. Eu penso aqui no Uruapeara. Tudo pra mim é o interior, gosto muito daqui. Eu não sei se os outros meus irmãos pensam assim, mas eu acho que sim, porque tem irmãos meus que ficam aqui também. Todos que vem pra cá ficam felizes de estar aqui. Eu espero poder ficar aqui muitos e muitos anos. Porque, eu estando aqui a lembrança dos meus pais permanece junto comigo, pra mim eles ficam satisfeitos, porque eu estou aqui. E é bom demais, nossa!

Da época dos avós até agora

Estava na transição do final do dia para o começo da noite quando fomos à casa de seu Francisco, conhecido por Chagas. Ele já estava nos esperando, cumprimentei ele e sua esposa que estava na cozinha. Gostei de ver as lenhas arrumadas ao lado do fogão de barro, vistas do canto da sala onde eu estava, entre esses dois compartimentos não tem parede divisória, havendo divisão apenas do quarto. Parte da entrevista foi à luz de lamparina outra parte à luz do motor à diesel.

Seu Chagas é do tempo da minha mãe, mas ele viveu toda sua infância e cresceu lá na comunidade, ele marca na sua narrativa a temporalidade do *tempo dos avós até agora*, tempo esse que ele conviveu muito mais com os mais velhos, inclusive com meu bisavô. Traz para o tempo do agora a memória dos mais velhos tornando-se ele mesmo responsável em dar continuidade ao Festejo de Santo que ele frequentava desde criança.

Ao perguntar sobre sua origem, remonta uma descendência de um avô possivelmente Português e uma avó Paraense. Perguntei dele sobre meu bisavô, ele deu

uma risada e disse que lembrava sim dele, em seguida descreveu seu comportamento o caracterizando como indígena. Foi uma entrevista muito agradável, gostei da constituição da imagem que ele fez do meu bisavô. Perguntei da sua esposa²¹ se gostaria também de ser entrevistada, ela sorriu e disse que não. Conversamos um pouco de forma descontraída, eu, dona Laura, seu Chagas e sua esposa e logo fomos embora, ainda voltei para a casa do Pedro.

No retorno para Humaitá o barco foi cheio, havia muitas pessoas mais velhas que estavam indo receber suas aposentadorias. Os conhecidos e os parentes se encontraram e a roda de história se fez. Seu Chagas lembrou de uma cantoria, chamada por eles de Chola, que um irmão falecido da minha mãe cantava quando bebia. Os homens e as mulheres ficaram ao seu entorno quando cantou, minha mãe chorou, a esposa de seu Chagas disse: “Tu tá fazendo a mulher chorar.” Ela sorriu e todas as pessoas da roda de conversas riram juntos. Essa cantoria foi inserida em sua narrativa transcriada.

Na semana em que estive em 2015 no Uruapeara para fazer as conferências da narrativa, ele estava para Humaitá na casa de lá onde sua esposa passa a maior parte do tempo. Sábado chegou na vuadeira do barco que veio deixá-lo no porto da dona Laura. Falei com ele rapidamente, disse que já ia embora quando a vuadeira do barco voltasse buscando os passageiros. Falei que tinha a narrativa dele para apresentá-lo, ele disse que não podia ser naquela hora, porque tinha trazido umas galinhas e ia logo fazer um cercado para colocá-las. Disse a ele que não tinha problema, combinei de mandar impressa a narrativa por Dona Laura para ele ler e ver o que estava bom e se tinha algo que quizesse tirar ou acrescentar, e depois mandar por ela para mim. Ele concordou. Nos despedimos. Dona Judite já estava chamando-me para esperar a vuadeira voltar.

²¹Na viagem que fiz em setembro de 2015 para fazer a conferência das narrativas, uma pessoa da comunidade falou que dona Maria, esposa de seu Chagas é de lá do Bom Intento, onde houve a retomada Mura. Gostei de saber dessa informação e na próxima vez que a encontrar procurarei falar com ela sobre esse assunto.

3.6 FRANCISCO PINTO DA TRINDADE

Francisco conhecido por Chagas; nasceu no dia 23 de novembro de 1946. Ele quando menino bebeu conhecimento na vivência com os mais velhos, traz em sua narrativa e aponta meu bisavô como indígena. Foi passado para seu Chagas o Santo São Raimundo que era festejado por um dos mais velhos da comunidade que veio a falecer e por seus filhos não quererem dar continuidade na realização do Festejo, a viúva repassou para ele o santo e todo o mês de agosto ele realiza esse Festejo e rememora o antigo dono do santo. Por meio dele tive acesso a uma imagem indígena do meu bisavô e o mundo dos mais velhos da comunidade.

Era inverno e verão eu trabalhando...

Eu nasci, me criei e permaneço aqui. Quando eu me entendi, era o auge da borracha. Na produção do verão era a borracha, que por sinal eu cortei 34 anos, direto! Aí pela parte do inverno vinha a sorva e castanha. Minha família também plantava roça, mandioca, milho, banana e assim a gente vivia. Eu saí daqui para Humaitá, tenho casa lá... Eu saí, na época, porque não dava pra todo mundo sobreviver da produção daqui. Aí eu me casei, saí, fui trabalhar por lá, depois voltei, e to aqui! Pretendo ficar aqui até quando Deus permitir.

O nome do meu pai era Isaías Mota Trindade e da minha mãe era Diomicília Pinto Trindade. Ela era conhecida por Dolores, mas o nome dela era Diomicília. Meu avô paterno era chamado de Secundino Trindade e a minha avó Raimunda Mota Trindade. Os avós maternos eram Manoel de Andrade Pinto e Merandolina Carapi.

Os meus avós maternos eu não conheci, só os paternos. Por sinal, a gente na época morava na Várzea, não era aqui o nosso lugar, onde eu moro, a gente morava aqui na baixa, e as enchentes grandes a gente ia lá para os meus avós, lá onde tava a menina agora, tirando castanha, a Amélia. Só que ali era bonito demais! Desulivre! A gente ia e passava o inverno para lá. Meus avós eram como se fossem meus pais. Se fosse preciso castigar eles castigavam e meu pai não impedia, porque eles estavam fazendo a coisa certa. Naquele tempo já viu como é que era, se você fizesse algo que não agradava ia pra peia! E aí a gente ficava lá até a descida das águas, aí retornava para cá. Depois que nós abrimos um lugar na terra firme. A minha avó quando eu me entendi ela já não tinha mais visão. Ela perdeu a visão dos dois lados.

Mas dentro da casa dela ela fazia tudo, ela conhecia a gente sem ver a gente, se você falar ela já conhecia quem era. Agora meu avô não ele não tinha problema de visão, eu não lembro a idade que eu tinha, mas eu já tava bem rapazinho quando meu avô morreu. Ele era novo ainda quando morreu.

Na época era o seguinte, tinha as tradições que é as que eu venho tentando manter. Na época tinha os negócios dos Festejos que eram a nossa tradição aqui, porque o católico sempre tem um santo pra se apegar... Aí a gente festejava o dia dos santos, e eram muitos bonitos os Festejos. Até hoje fazemos o Festejoda Santa Civita que é a padroeira daqui da comunidade. E foi, assim, eu conheci tudo a tradição. Naquele tempo era, assim, tinha os Festejos e os modos da pessoa ir vivendo com muito respeito. Todo mundo se respeitava, principalmente, as crianças com os mais velhos. Não é que nem hoje que um avô não pode falar com um neto que já fica revoltado. Naquela época os avós da gente eram mesmo que ser um pai, ou a mãe.

Quando eu me entendi, os Festejos eram os da Nossa Senhora dos Remédios, que era lá onde mora o Maga, no Jamari, e Nossa Senhora do Rosário que era lá onde mora a Amélia e aí vinha. Mês de junho que era o de São João e Santo Antonio, aí quando era janeiro era o de São Sebastião, que até hoje permanece, é um Festejo muito grande de três noites. Hoje vem gente de todo lado, até de Manaus vem gente aí passar o Festejo, de Porto Velho e Humaitá. E as festas não acabaram, o pessoal continua. É São Sebastião, São João, Santo Antonio e aqui tem o de São Raimundo também que era lá onde mora o Maga, mas como eles são evangélicos não deram continuidade. O compadre Raimundo morreu aí a mana Cila veio e pediu pra mim continuar com a irmandade, aí eu trouxe para cá. A festa já é aqui agora, no mês de agosto. E o da santa Civita é de 31 pra primeiro de janeiro. Desses Festejos que tinham noutro tempo, alguns o pessoal já parou de fazer, mas a maior parte continua.

No Centenário, é o lugar que tem o Festejo antigo que até hoje permanece. Na época quando começou o Festejo de São Sebastião o lugar não se chamava Centenário, era Povoação, depois que o lugar fez 100 anos mudaram o nome para Centenário. Que nem aqui que o lugar era São Miguel, a comadre Laura até mandou botar a placa "Sítio São Miguel", Mas agora a comunidade já é Santa Civita. A Vista Longe, sempre foi aí do lado de São Miguel onde tem a igreja. Lá sempre foi Vista Longe. Essa parte do lugar Vista Longe o meu avô deu para um

primo da minha mãe fazer casa pra ele passar com a família dele o tempo da internada. Eles chegaram e aí ficaram, como nós perdemos o título do lugar, a Minha mãe falava que foi traça que destruiu, naquele tempo tinha aqueles baús e a traça entrou por baixo, meu pai comprou dele, porque eles começaram com muita confusão e aí meu pai comprou o que era nosso!

Quando foi em 1978 o meu irmão veio de Manaus, o que era militar na época, até hoje é, só que agora é reformado, aí o papai pediu pra ele procurar esse documento, porque naquele tempo era feito por Manaus. Aí ele foi e achou tudo em arquivo e aí ele mandou tirar uma segunda via. Depois de um tempo quando eu cheguei ao INCRA pra resolver de novo outra situação do lote, o cara perguntou, porque meu pai tinha comprado o que já era nosso! Eu expliquei para ele que foi porque a gente tinha ficado sem o documento. Esse nosso lugar aqui é titulado, tem o título definitivo. Acho que por aqui é o único... Agora a Cabeceira, a Traíra eu não sei se tem documento, como é que tá a situação desses dois lugares... Mas antes era titulado o lugar Traíra e o lugar Cabeceira. Porque eu lembro muito bem que eu tenho uma cópia do mapa que vem junto com o título da terra da gente, aí vem dizendo tudinho os lugares que eram titulados. Traíra era titulado, agora não sei por onde ficou o título, se deram fim, se tá atrasado, porque lugar hoje com menos de 100 hectares a taxa de pagamento foi extinta, não paga mais taxa. Inclusive o nosso aqui foi assim. Nós pagamos parece que até... Não sei se foi em 2000, parece que não, acho que já vai ser antes, começou não vim mais a cobrança do lugar aí me afobei, porque, os documentos desse lugar é tudo comigo, que meu irmão deixou. Aí eu fui ao INCRA, não encontrei, fui a Receita Federal aí encontrei a informação de que o lugar com menos de 100 hectares tinha sido extinto o pagamento da taxa. Procurei saber disso e a gente não paga mais nada.

Em termos de trabalho, desde a época do meu avô até agora, como eu tinha começado a falar a gente trabalhava, por exemplo, com a castanha, que nem o meu avô que tinha um castanhal muito bom, e de lá tirava castanha para vender. A pessoa que comprava vinha de Manaus que era o Horácio de Carvalho, ele era o patrão de todo mundo aqui dentro que tirava castanha. Agora a seringa não, a seringa cada freguês, que era o seringueiro, tinha o seu patrão que comprava a sua borracha. Aí chegava o inverno que era tempo de trabalhar na sorva. A sorva a gente vendia para qualquer pessoa que chegasse com um preço melhor. Depois a seringa foi praticamente extinta, o pessoal parou de cortar. Agora começou essa associação dos

seringueiros aqui no Uruapeara, inclusive eu não sou associado, porque já me aposentei, e disseram que não podia ser sócio quem fosse aposentado, mas eu corto seringa até agora! Aqui no sítio quando é no verão eu corto, e, assim, continua. Hoje já são poucas pessoas que cortam seringa. Agora castanha não, a castanha as pessoas continuam tirando castanha. E agora tem muita castanha. Já a Sorva foi extinta. Aqui ninguém mais trabalha com sorva.

Hoje em dia não tem mais quem compre a sorva, mas a seringa ainda tem gente que compra, tem! Aqui tem a Associação, no Centenário, também, quantas toneladas você levar, eles compram! Por aqui o pessoal tão tudo associado! Só os aposentados que não, mas cortam por conta. Eu mesmo corto por conta e não vendo a minha seringa para pra associação, vendo para o Careca que é o Erivaldo, que tem um comércio aí, porque a associação é o seguinte: Ela paga um preço, por exemplo, ela paga R\$3,00, mas fica uma parte que o subsídio. Fica não sei quanto lá que eles recebem depois. No meu caso não, eu vendo melhor o preço, porque eu não tenho subsídio pra receber, por isso, que eu vendo para o Erivaldo.

Esse trabalho com seringa eu faço desde menino. Ah! Lembrando do meu tempo de menino pra falar a verdade, se teve cabra que apanhou mais em tempo de menino fui eu! Agora que eu estou me lembrando desse tempo estou rindo muito, porque hoje eu vejo que eu era meio safado, eu apanhava por causa das coisas que eu fazia, mas era bom! Era aquela união, nós éramos nove irmãos, hoje nós somos em oito, mas não tinha negócio de ficar brigando irmão com irmão não, porque se brigasse já viu como é que era! E festa... Se a gente ia numa festa, por exemplo, era só pra brincar no terreiro. Os pais da gente nos levavam naqueles Festejos no mês de junho, mas a gente não ia pra sala de Dança não. Depois da reza todo mundo ia brincar! Meu tio Alímpio tinha um cafezal muito grande e quando ele fazia a Festa de São Pedro lá na casa dele a gente ficava brincando no cafezal... Hoje não existe mais esse cafezal.

O lugar do meu tio onde ele fazia a Festa de São Pedro e onde tinha o cafezal que a gente brincava ficava ali na Paciência, aonde morava seu Nascimento. A gente ia pra lá, com nossos pais que iam para a festa e se juntava pra brincar e passava o tempo todo brincando, a gente amanhecia tudo sujo de ficar brincando no meio do cafezal, ninguém brigava! Hoje é muito diferente, hoje, às vezes, você vai num Festejo, aí vê menininho! Já tá lá no meio do pessoal, dançando, e aquele negócio todo. Dançando não! Porque hoje o pessoal não dança mais, não se agarra mais pra

dançar! Hoje é um negócio de um pro lado, outro pra outro... Naquele tempo não, naquele tempo você dançava mesmo! E era agarrado ali com a mulher pra dançar. Hoje é tudo diferente...

Tenho minhas lembranças de brincar no seringal, mas comecei a trabalhar cedo. Ah! Eu cedo saí de casa, não mandado embora não. Fui trabalhar. Com 11 anos eu saí de casa, pra cortar seringa, sozinho! Com sete anos eu cortava com meu irmão, aí quando eu tinha 11 anos ele foi embora pra Manaus e eu fiquei. Aí fui trabalhar sozinho... Mas nunca me separei do meu pai, o saldo do meu trabalho era passado para o meu pai. Trabalhei com meu pai até com 21 anos, quando eu me casei. Ajudei em casa até eu me casar. Eu tenho um irmão que mora em Porto Velho que diz assim: “Rapaz! Você foi um irmão que ajudou a criar nós!” O mais velho era eu, e era inverno e verão eu trabalhando. No verão cortando seringa, no inverno trabalhando em sova, só que eu não tinha nome na conta, era no nome do meu pai, ali o saldo que eu tirava era na conta dele. Ele que se quisesse me dar alguma coisa me dava, se não quisesse, não dava, aí, com 21 anos eu me casei, foi quando ele me chamou e falou: “Meu filho, agora você vai tomar conta da sua família.” E continuou falando: “Agora nós vamos trabalhar separado... Já tem o Homero e o Mário, que são maiorzinhos e agora eles vão trabalhar comigo e você vai trabalhar pra sustentar sua família.” Aí, foi assim.

O nome da minha esposa é Maria Marques de Souza Trindade. Ela não morava aqui na região do lago do Uruapeara, ela morava lá no rio Madeira, mesmo. Aí eu fui trabalhar num seringal chamado Nazaré, que era dos Sodré, aí comecei a andar pelo Madeira, em festas, e comecei a ver ela por lá e fomos se conhecendo aí começamos a namorar, até que eu pedi pro pai dela pra casar com ela. Assim, nós casamos e estamos com 47 anos de casados. Temos sete filhos, cinco mulheres e dois homens. O mais velho é Francisco Vagner, o outro é Francisco Kennedy, a minha filha mais velha é Maria Ivaíze, a outra é Maria Ivana, aí vem a Rosenilda e a Rosiane, e depois a minha caçula que é a Ivone. Eu não sei bem a data de nascimento dos meus filhos, mas acho que a minha caçula tem uns 32 anos e a mais velha tem 42 anos.

Antes de casar, eu lembro como era meu tempo ainda meio novo, meio rapaz. Eu saía pros Festejos, era muita diversão! Eu lembro que eu trabalhava muito, mas quando chegava sábado, que eu ia para os Festejos, era muito bom! Graças a Deus! Nunca briguei com ninguém! Nunca, nunca! Nunca! Onde eu chegava era

bem recebido. A gente festejava o aniversário da minha irmã, que também é minha comadre, a Maria Conceição, dia 8 de dezembro, só que não era nessa casa, era em outra casa, de frente pro rio. A gente matava porco no dia do aniversário dela. A noite tinha festa. E eu lembro muito desse tempo, assim, era um tempo muito bom! Não tinha esse negócio de você ir em festa e estar brigando com os outros, que nem tem hoje. Eu mesmo não ando mais em festa, mas quando vejo já chega à notícia: fulano brigou pra lá... Aquela coisa toda. No nosso tempo não tinha disso não.

Do tempo que eu vivo aqui eu tive a oportunidade de conhecer os mais velhos. Eu me lembro do pessoal mais antigo, da tia Adelaide, eu chamava tia pra ela, porque a gente chamava todos de parentes, era parente pra cá era parente pra ali... Por isso, nós Chamávamos tia Adelaide pra ela... Aí o tio Antonio Maciel, que era o marido dela, aquele pessoal tudo, era um pessoal legal, Deusulivre! Eu fui um menino danado em casa, mas quando eu saía por aí todo mundo gostava de mim, porque eu era cheio de presepada. Conversava, contava piada, e coisa e tal, e todo mundo gostava de mim.

O pessoal ali do Jamari, eles eram ainda descendentes de escravos. Os antigos de lá eram aqueles pretinhos mesmo, da cabeça seca mesmo! Era a dona Rufina, a mulher mais velha da turma de quando me entendi. E hoje já não tem mais nenhum deles, morreram tudo. Já estão os netos, esses dias um neto dela, o Mauro, andava por aqui. Lá na Traíra também, a tia Adelaide era bem moreninha, tinha o tio Antônio Maciel, aí lá na Cabeceira, mais na frente, tinha também a tia Bini que eu conheci, o nome dela era Benedita, mas a gente chamava pra ele de tia Bini. Aquele pessoal eu conheci tudo. O Manuel Nunes... Eraesse o pessoal daqui.

Aqui a gente chama as famílias pelo sobrenome. Eram os Nunes, lá na Cabeceira, inclusive aqui tinha a tia Adelaide que era irmã do Manel Nunes, ela era Nunes Maciel, porque era casada com Antônio Maciel e eram lá da Traíra e o irmão dela era Almeida Nunes, que era lá da Cabeceira. Era assim. Agora lá no Jamari... Sabe que eu não lembro como era o sobrenome daquele pessoal lá, da dona Rufina. Não lembro mesmo. Lembro que era um pessoal engraçado, eles eram bem pretinhos e trabalhadores! Deusulivre! Naquele tempo a gente plantava muita roça pra fazer farinha e vender e eles trabalhavam aqui com meu pai. Já pensou! Duas da madrugada eles chegavam pra ralar mandioca na mão! Uma hora dessas assim, no começo da noite que a gente estava terminando de tirar mistura, tirar goma. Era um pessoal muito trabalhador! Com aquilo eles iam se mantendo, eles compravam

açúcar, café, uma roupa... E era assim, porque eles eram uma família muito pobre, pobre demais. E aí foi e foi, aí já depois de muito tempo a dona Rufina se aposentou e aí melhorou pra eles. Foi o tempo que os meninos foram crescendo, os filhos, depois os netos dela, aí começou a melhorar, mas Sofreram muito!

Desse pessoal antigo tem o Antonio Maciel, marido da tia Adelaide. Nossa! Eu me lembro como ele era. Olha! Sinceramente, hoje, quando a gente ver que a pessoa é índia e diz pra ela que ela é, ela pode até aceitar. No outro tempo você dizia: - Ah, fulano é índio, ave Maria! Ninguém queria! Hoje o pessoal já anda correndo é atrás pra saber, pra fazer um DNA e tal. O seu Antônio Maciel, eu não sei... Mas tenho quase certeza que ele era meio, assim... Como é que chama? De algum povo indígena. Agora a gente não sabe qual deles, né, mas basta dizer que quando ele se danava pra virar índio, ele chegava num lugar, num bar, ele calçava o chinelo ao contrário! Aquilo era safado, aquilo era cheio de presepada! Ele virava índio, ele cortava bem a gíria, aí pronto! Davam calçado pra ele, davam água de coco, depois ele achava graça. Era assim! Ele fazia essas coisas, mas ele nunca falou, nem nós não perguntamos de qual povo ele era, porque como eu falei, naquela época era ruim, a gente não sabia e quando sabia não falava... Agora não, o pessoal não esconde. Olha ali no Canavial onde tem os Parintintin, a Maria era daqui do nosso meio, ela não é índia, mas é casada com índio e vive lá dentro da tradição deles. Já a minha descendência, por parte de pai, é cearense. Meu pai era filho de cearense. Por parte de mãe, minha mãe era paraense, paraense pura mesmo!

Não lembro muito bem da origem dos meus avós, mas pelo que eu sei o meu avô paterno ele era descendente de português, já casou com a minha avó que também devia ser descendente de português, porque o sobrenome dela era Mota e quem tem esse sobrenome sempre tem português no meio. A minha avó materna era Paraense e o meu avô era cearense puro, porque o pai dele era cearense. Eu ainda conheci o meu bisavô. Essa minha avó que era paraense ela não tinha feições indígenas. A minha avó ela não era, como diz, assim, preta, ela era uma mulher morena, mas o que provava mesmo que ela era paraense, porque o paraense não esconde, é que ela era uma pessoa do sangue forte, do mesmo jeito que foi a minha mãe. A minha mãe parecia muito com a minha avó e as duas eram paraenses.

Meu avô cearense era bem claro, dos olhos amarelinhos... Mas no jeito de falar, de vez em quando ele falava umas coisas que para nós era engraçado ele falava arribado, como era outra coisa que ele dizia: Melhargá, ele costumava dizer pra

gente assim: “Meu filho, tu estás se entretendo aí!” e a gente achava graça! E cochichava - O vovô falou “entretendo” e caia na risada. Depois a gente foi estudar um pouco, aí que fomos ver que a palavra é assim mesmo: “entretendo”. Ele falava o certo mesmo. Eu não estudei, só fiz até a quarta série, mas, Graças a Deus! Eu escrevo, leio, sei as quatro operações de conta. Hoje já não se faz mais conta no lápis, já é tudo na máquina, mas eu não, eu vou no lápis ainda.

Sobre as histórias dos antigos a única que eu sei e vejo o pessoal aqui falar é a história do nome Uruapeara, porque disque foi que acharam uma casca de um uruá aqui na boca do rio Ipixuna. Os antigos acharam e era muito grande, então eles acharam que deveria ser o peara dos Uruá. E aí botaram o nome desse lugar aqui de Uruapeara. No Uruapeara, tem várias localidades que antes eram seringais, hoje é um destritoe envolve até a parte onde vive os Parintintin e os Pirahã, porque pega além do lago do Uruapeara, também vai lá pelo rio Ipixuna.

Peara pra nós é grande e o grande é o que comanda os menores, e aí botaram o nome daqui de Uruapeara. E esse nome de Uruapeara tá longe demais! Nossa senhora! Você chega o cara pergunta: “Você mora onde?”. - No Uruapeara. Muita gente conhece esse lugar. É difícil ter uma pessoa vim cá e não gostar daqui... Porque no Uruapeara tem muita gente que tem vindo aqui, e não vem só uma vez não! Vem, gosta e volta de novo! É difícil uma pessoa vir aqui e sair dizendo: “Não, fui ao Uruapeara e não gostei.” É difícil. Eu não lembro se já vi alguma pessoa falando, isso.

Esse tempo todo que eu vivo aqui eu nunca vi nada que me assustasse nessa mata. Não, na mata eu nunca vi, não. O que eu vi e o que eu lembro até hoje, foi quando eu fui para Parintins, e de lá de Parintins eu fui pra fazenda do meu tio, aí de lá eu resolvi ir pra Barreirinha, que era outro município. Hoje lá é cidade. Aí eu fui trabalhar numa prefeitura lá, a gente morava num galpão e quando era a noite todo mundo saía. O gerador lá era desligado dez horas. Todo mundo saía, ia pras casas das namoradas e tal, e ia chegando aos poucos... Uma noite eu cheguei, abri o galpão, todo mundo dormia em rede, eu fumava na época, aí eu arriei a minha rede, acendi um cigarro e fiquei ali, quando eu dei fé aquele negócio pintou na minha vista, assim... Que eu olhei tinha uma mulher sentada comigo na rede. Ela estava sentada de costa pra mim, pelo que vi da costa dela, ela não estava de roupa não. O Cabelo dela era amarelo. Eu enxergava, assim, a parte do ombro dela. Ela era branca. Aí eu fiquei lá, não podia me mexer de jeito nenhum, porque a gente fica

paralisado quando uma coisa assim acontece, mas aquilo não demorou não! Quando aquilo se mexeu eu despertei, assim, e não vi mais nada. Foi o que eu vi, durante a minha vida! No mato eu trabalhei muito, mas nunca vi, Graças a Deus! Eu nunca vi não, negócio de bicho, de visagem que o pessoal diz que tem... Eu nunca vi não. Aqui eu moro sozinho, a minha mulher vem de vez em quando ela não vem sempre aqui não. Moro aqui só eu e Deus, nunca vi nada não!

As histórias que meu pai contava era de caçada, porque naquele tempo ele caçava muito. Meu pai com os outros, né, naquele tempo o pessoal caçava mais, mas ele mesmo dizia pra mim: “Meu filho, eu cacei demais e nunca vi uma onça! No mato.” Meu pai caçava muito com o pai dele aí quando meu avô morreu, meu pai dizia: “Hoje eu passei lá em tal canto, assim, onde eu passei com papai, me senti e pedi que ele aparecesse pra mim, que eu tinha coragem de falar com ele, mas ele não apareceu não”. É que nem eu com ele, eu vou te falar uma coisa, o meu pai era um pai e um amigo. Eu senti demais, porque a gente quando é muito próximo do pai da gente a gente sente demais quando ele morre. Eu senti demais! Quando ele morreu eu estava em Humaitá aí eu vim pra cá. Eu cheguei aqui ele tinha morrido, peguei a canoa e saí. Tinha hora que eu chorava, tinha hora que eu achava graça, porque ficava me lembrando por onde a gente andava, eu com ele. Nós num se deixava não. E meu pai conversava muito comigo! Era um pai que se eu tivesse meio encrencado com mulher... Porque eu tinha umas confusões com mulher, ave Maria! Mas ele nunca chegou em cima de mim... Ele me chamava e a gente conversava, ele me explicava como que eram as coisas, como que era pra fazer, porque a minha mãe era braba! Ela partia logo para a ignorância, e ele não. Eu senti muito. Senti demais! Até Hoje. Faz muitos anos que ele morreu, mas até hoje parece que eu to vendo ele. Lá na minha casa em Humaitá tem a foto dele. Dele e da mamãe lá na estante. Quando é de manhã eu levanto e vou passar a mão naquela foto, eu sei que não voltar, mas pra mim a modo que eu to vendo eles pessoalmente.

O que eu tinha pra falar era isso. Estou muito feliz por estar aqui conversando, contando a minha história de vida e falando do tempo dos antigos. De ter visto a Nilce e a filha dela voltando aqui da onde ela saiu. Espero estar vivo quando voltarem para conversamos mais. Pra lembrar do tempo dos antigos vou cantar uma música que o tio da Nilce que é neta da finada tia Adelaide, cantava:

Adeus Palmeiras, Adeus. Eu vou partir.

Adeus Palmeiras, Adeus. Até um dia.

Adeus Palmeiras, Adeeeus, adeus a minha favela. Pode dizer para aquela ingrata que eu parti pensando nela.

Eu vou pro Ipixuna, eu vou bancando o granfino, eu não troco samba pelo amor de Maria.

Oriente-se por acaso, paciência não me agradar, você tenha paciência e um dia eu vou voltar.

Ipixuna corre pra baixo, no meio faz um remanço quem têm seu amor ausente, tem um coração que não descansa.

Veem meu amor consola essa dor, essa dor no meu coração que eu já não posso mais suportar.

Veem meu amor consola essa dor, essa dor no meu coração que eu já não posso mais suportar!

Essa música era do Manel Lotero e o Raimundo irmão da mãe da Nilce cantava para as namoradas dele. Nem era pra fazer ela chorar. Mas é bom quando tá todo mundo junto para lembrar dos tempos passados que a gente chora e rir também. Essa música é uma chola, o nome é chola, porque a pessoa vai cantando improvisando.

Os lugares do saber fazer das tradições

A entrevista de dona Judite, prima da minha mãe, foi ao ar livre na sombra de uma árvore. Ela estava sentada num banco de madeira fixo naquele lugar. Nesse ambiente foi se tecendo a história de vida de uma guardiã de tradições entoada pelos cantos dos pássaros.

Conheci a dona Judite em setembro de 2011, na primeira vez em que fui ao Uruapeara junto com minha mãe Nilce, minha tia Cila, irmã da minha mãe, e os meus primos, Adelson e Janise, filhos mais velhos da tia Cila. Em 2011 e 2012 durante nossa estada de 20 dias na comunidade, fomos eu e minha mãe visitá-la, por ela ser prima por parte de pai da mamãe,²² pois é costume visitar todos os parentes. Se numa ida à comunidade um parente ficar sem ser visitado é tomado como ofensa. Em 2011 foi a primeira vez que fui ao Uruapeara e a mamãe estava retornando depois de adulta. É por esse motivo que a dona Judite faz referência a ela

²²Mais tarde em outras viagens ao Uruapeara ela e minha mãe estavam encontrando parentescos maternos também.

durante sua narrativa, por estarem se reencontrando depois de tanto tempo. Tanto em 2011 como em 2012 e 2013 tive contato com dona Judite nas atividades tradicionais da comunidade.

Em 2011 além da visitas feitas em sua casa, também estivemos juntas em atividades coletivas como a do puxirum, na ladainha de São Miguel oferecida por dona Laura, também fomos eu, a mamãe e seus netos a convite dela na comunidade onde mora a única mulher que naquela época ainda fazia panelas e outros utensílios de barro, entre eles, os que fazem parte da preparação dos biscoitos tradicionais para as ladainhas, as alvoradas e os puxirum.

Em 2012 retornei ao Uruapera junto com Lucas e Tanan, meus filhos, Iremar, o pai deles, Guilherme, meu sobrinho, minha amiga Cristiane e sua filha Rana e a Jeise, filha de nosso amigo Joeser. Iremar é Historiador, Cristiane é da história oral, Jeise estava no começo de seu curso de antropologia. Fomos para acompanhar o Festejo de São Sebastião na comunidade Centenário e eles me ajudaram nos registros, ficamos na casa do Orildo, filho da dona Judite, como ficamos os dias do Festejo na comunidade Centenário tive pouco contato com ela.

Em 2013, fui com a mamãe em fevereiro no período da coleta da castanha. Ficamos por 15 dias. Nos primeiros dias nos dedicamos à coleta e quebra de castanha eu e a mamãe, para trazermos para casa. Nos outros dias me dediquei a realizações de entrevistas. A entrevista com dona Judite foi feita depois de sete dias que eu estava na comunidade, foi no dia 25 de fevereiro de 2013 à tarde. Fui visitá-la junto com a mamãe com a intenção de entrevistá-la. Após o repouso da tarde no intervalo do almoço, eu e a mamãe saímos da casa do Pedro e sua família, onde estávamos hospedadas, e atravessamos de canoa o igapó formado no período em que a água do lago sobe.

Chegamos na casa da dona Judite estavam ela e seu filho Benedito que estava passando as férias em sua casa. Ela menciona esse filho na entrevista, ele deu baixa do quartel após completar seu tempo de serviço. Seu filho quis que víssemos os álbuns de fotos das suas missões realizadas no período de serviço no quartel, olhamos algumas, depois ficamos, eu, a mamãe, dona Judite e ele conversando sobre vários assuntos, até que tomei a iniciativa de perguntar para dona Judite se poderia me dar uma entrevista, expliquei do que se tratava, ela ficou pensativa e olhou para seu filho, ele a encorajou dizendo: “Vá mamãe não é difícil não! É só responder o que ela lhe perguntar”.

Dona Judite escolheu um banco que fica no seu quintal entre as árvores, ao lado da sua casa. De lá ela ficou de frente para o lago e eu de costa para poder filmar sua entrevista, pois estava sem meu gravador. Durante a entrevista os passarinhos cantaram e as galinhas com seus pintinhos ciscavam por perto. Pedi para dona Judite iniciar sua narrativa por onde quisesse, o tempo escolhido para iniciar foi o tempo que seu marido ficava dias fora no trabalho com a extração de sorva e ela assumia a responsabilidade de manter-se com seus filhos.

Conforme ia narrando sua experiência de vida a instigava a falar mais puxando os fios da sua narração, indagava sobre as brincadeiras, as localidades onde viviam, das festas, das relações sociais, dos remédios tradicionais. Esses fios narrativos pararam de se desenrolar quando perguntei de onde vinham seus avós. Ela me respondeu “Ah, isso daí eu não sei!”. Mencionou o Ceará como lugar de origem do pai e do avô paterno.

Dona Judite marca os lugares dos antigos seringais e os que vivenciou na infância, o que ela passou a viver depois de casada, os dos conhecidos e dos parentes. Atualiza o conhecimento sobre os remédios tradicionais, marca um tempo dos antigos e o de agora de acordo com suas relações estabelecidas.

Em setembro de 2015, fiz a conferência de sua narrativa na casa que era de sua mãe e agora de suas irmãs em Humaitá. Ela estava lá para ir ao médico fazer uns exames, fiz a conferência num dia e no outro ela foi para Porto Velho, ia para casa da dona Laura que estava agendando seus exames em laboratórios particulares, pois pelo sistema único de saúde ia demorar muito. Como eu não sabia se ela iria chegar ao Uruapera antes de eu voltar, resolvi fazer logo sua conferência.

Soube que a dona Judite estava em Humaitá porque eu estava na casa da tia Cila e ela me falou, meu primo me levou até a casa onde ela estava. Eu tinha ido lá uma vez em 2011, quando sua mãe ainda estava viva, mas não acertava ir novamente sozinha. Quando cheguei lá sua irmã e sobrinha estavam na porta, perguntei por ela, a chamaram. Ela me viu e ficou surpresa, convidou-me para entrar. Meu primo foi embora, eu entrei, a cumprimentei e disse que havia ido para lhe mostrar como tinha ficado sua história. Ela me convidou para irmos para o fundo do quintal.

No fundo do quintal sob a sombra li sua narrativa, ela ia confirmando e comentando. Terminei e perguntei o que ela tinha achado ela respondeu: “Tá muito bom.” Ela me falou da sua mãe que havia falecido no período de um ano e meio que

ficamos sem nos ver. Eu disse que não, lamentei por não ter feito isso. Estava escurecendo ela me convidou para entrar na casa. Ficamos na cozinha chamei seu filho Benedito e na presença li a carta de sessão, perguntei dela se ela autorizava sua narrativa fazer parte da pesquisa, ela disse que sim, pedi para ela assinar, aí ela pediu para seu filho assinar com a assinatura dele. Depois chamou suas duas irmãs me apresentou a elas como parente e disse que eu tinha escrito uma história dela bem bonita. Suas irmãs quiseram ver. Mostrei a elas a filmagem da entrevista, ficaram alegres. Assim que terminei de mostrar para elas a filmagem da entrevista, meu primo chegou para me buscar. Despedi-me delas agradei a dona Judite e disse que ia aguardá-la no Uruapeara.

Fiquei uns dias em Humaitá para encontrar com a família Mura e fazer a conferência da Ester Mura, que estava faltando e acabou dando tempo da dona Judite ir em Porto Velho, voltar e irmos juntas de barco, sua filha e seu filho foram nos deixar no barco, ficaram lá até a hora da partida, na despedida recomendaram sua mãe aos meus cuidados. Durante a viagem ela disse que eu ia ficar na casa dela. Com isso não fiquei na casa do Pedro, fui apenas um dia visitar sua família, ele ainda não havia chegado, mas fui bem-recebida. Tina disse que achou que eu não ia lá. Passeio dia todo lá, almocei com sua esposa, seus filhos e seu sobrinho que está passando uma temporada por lá e tomei um delicioso suco de Puruí. Pedro chegou no dia em que vim embora de lá, nem conseguimos nos falar.

3. 7JUDITE

Judite Sena Nunes, nasceu no Baixo Igarapé, uma localidade com estrada de seringa no Uruapeara. É do dia 1 de maio de 1950. Filha de Euclides Nunes Rodrigues e Geralda Sena da Oliveira. Judite é uma das mulheres mais velhas do Uruapeara, guarda com ela os saberes passados pelos mais velhos, gosta de receber os parentes em sua casa e de ir para a roça. É muito ativa, vive fazendo uma coisa ou outra, ralando uma castanha, fazendo um mingau, um bolinho, limpando a casa, lavando roupa e se molhando na prancha na beira do igarapé,

ainda assim, não deixa de estar presente nas rodas de conversas nos dias que as mulheres se encontram no final da tarde.

Desde os dez anos que eu trabalho em roça e gosto da roça...

Eu já lutei muito quando o Manuel, meu marido, ia para o centro tirar sorva. Ele ficava tirando sorva e eu ficava aqui com meus meninos. Eu ficava até de nove meses só eu e Deus aqui com eles. Eu dava conta da minha casa, eu dava conta de pescar, eu dava conta de cortar essas seringueiras que tem aqui por perto de casa. E meus filhos ficavam aqui comigo, mas também eu nunca me arrependi de nada. E hoje eu to aqui e me acho feliz nesse lugar. Eu já criei meus filhos, e eles foram tudo embora, e agora eu to aqui só eu com o meu marido e me sinto tão bem aqui nesse lugar. Pra mim o meu trabalho me faz tão bem. Os meus filhos já mandaram eu deixar de trabalhar em roça, mas eu não quero deixar, eu quero continuar trabalhando na minha roça, porque na minha roça eu tenho de tudo, uma massa, uma farinha, uma tapioca. Pra mim é uma maravilha, isso é o que eu falo para eles quando eles vem me dizer que eu não preciso mais ficar trabalhando na roça. Eu gosto de ir pro mato, gosto de tá, assim, no mato, trabalhando. Tem aquela cozinha de forno ali pro Jará onde tem as roças, mas eu me sinto tão bem de tá lá naquela cozinha, que é uma casa de farinha, eu me sinto bem mesmo lá porque eu gosto de trabalhar.

Não nasci aqui nesse lugar que eu moro. Eu nasci lá no Baixo Igarapé em frente ao lugar que morava meu Tio Manel Carmelino, onde nasceu a filha dele mais nova, a Nilce, que é minha prima que brincava comigo de casinha. O lugar que eu nasci fica lá pro lado do Comercial, abaixo do Comercial, que é aqui mesmo no Uruapera, mas lá para o outro lado. Lá no Comercial era uma comunidade, tinha muito peixe lá e muita estrada de seringa e o patrão de lá era o seu Tanagildo Lobato, e lá onde eu morava, no Baixo Igarapé, era o pai da Nilce, o tio Manuel Carmelino, ele que tomava de conta de lá para o patrão.

O nome do meu pai era Euclides, mas a gente só chamava Emiliano pra ele, porque todo tempo só chamavam ele por esse nome e a mamãe é a Geralda. Meu pai era o Euclides Nunes Rodrigues, e a minha mãe era a Geralda Sena da Oliveira. A origem deles, eu não sei. Ah, isso daí eu não sei... Nunca perguntei e eles nunca me falaram nada, se fosse agora, os meninos querem saber até quando e como foram

feitos... Eu nunca perguntei, eu sei que o pai do meu pai ele veio lá de onde é aquela cidade lá da falta de água, Ceará, o meu pai e o meu avô eram cearenses.

Quem me deu esse nome foi meu pai mesmo, porque ele tinha uma irmã que o nome dela era Judite, aí ele disse: “Ah eu vou botar o nome da minha filha como o nome da tia dela, Judite” e aí botouesse nome aí, Judite. Eu gosto do meu nome, porque quase não tem esse nome por aqui, mas eu já vi na televisão a novela Rei do Gado que uma empregada tinha o nome de Judite. Lá em Humaitá tem uma Judite também.

Olha, a minha infância ela foi boa, porque nós se criemos tudo lá, pra nós não tinha saída de lá, agora quando nós saímos de lá, foi porque o meu avô que veio buscar nós daí, pro meu pai trabalhar lá com seu Idemê Brasil, lá no Mirari. Eu brincava muito e gostava muito, nesse tempo não tinha essas bonequinhas que a gente compra pronta aí nós fazia de guia de embaubeira, as nossas bonequinhas, tinha uma frutinha que a gente se pintava com ela e também pintava tudinho as nossas bonequinhas, eu não me lembro o nome dessa frutinha, mas ela dava grudada nos galhos do pau e a pintura dela demora a sair, ela era cor de violeta. Nós fazia aquelas casinhas, pra nós botar as nossas bonequinhas, nós tinha aquelas panelinhas, aí os meninos iam matar aquelas piabinhas pra gente fazer almoço pra eles almoçar, aonde nós tava brincando, na nossa casinha.

As crianças da minha época que brincavam comigo eram minhas primas e meus primos, tinha vez que iam as meninas da minha tia Diquita, a Iraci, Odete e a Maria, aí ia essa minha prima a Nilce, tinha vez, que o Tarcilo tava lá com o tio Manuel, era ele o Benedito e Felisberto que brincava com nós, eles matavam os peixinhos e nós ia cozinhar nas nossas latinhas que eram as panelinhas. Esse Benedito que brincava com a gente, não é o filho do tio Manel Carmelino, era outro primo meu, filho do tio Raimundo Tavares.

Os vizinhos eram o tio Raimundo Tavares, o tio Zé Lotério e o tio Manoel Carmelino, que era o pai da Nilce, e nós que morava lá. O tio Manel Carmelino morava de um lado do igarapé e nós de outro. O tio Raimundo Tavares morava mais pra dentro onde tinha um igarapézinho chamado Suvaco, que coisa né um igarapé chamado suvago já? Era lá que ele morava, e os outros moravam tudinho perto dele.

A relação entre a vizinhança era muito boa, ninguém discutia com ninguém, e todo mundo era, Graças a Deus, todo mundo era amigo, todo mundo era vizinho bom. Nós vivia bem, porque, nós não ia discutir com ninguém, né, e quando um

precisava do outro ele servia, e quando o outro precisava de nós também nós prontamente servia a pessoa.

Nesse tempo que nós tava lá nós tava tudo pequena, e aí nós ia em festa com a minha mãe lá no barracão dos Cacará onde tinha o Festejo, mas só pra nós dormir, porque nós ainda não dançava, a Nilce também ia com a mãe e o pai dela. Eu lembro que os adultos dançavam, eles iam pras festas, as crianças dormiam e eles iam curtir pra lá a festa... Iam dançar.

O trabalho era com a castanha e com a seringa para fazer a borracha. E quando matava uma caça todo mundo participava daquela carne e daquele peixe... Também era muito farto pra lá, farto! Farto! Farto! Mesmo, tinha toda a qualidade de peixe. O peixe que a gente queria comer a gente comia, porque tinha muito pra lá, desde o pirarucu, tambaqui, tudinho, todos os peixes.

Conforme eu fui crescendo eu aprendi muitas coisas com a minha mãe, eu não aprendi a leitura, porque eu não tive essa oportunidade, porque no tempo que nós tava pequeno, nós não tinha como ir para escola, porque não tinha professor lá onde nós morava, mas eu desde os dez anos que eu trabalho em roça e gosto da roça, e do que a minha mãe sabia ela ensinava pra nós, leitura eu não tenho não, mas o trabalho de casa e da roça pode me botar que eu garanto. Ela me ensinou primeiramente a trabalhar na roça. Com dez anos eu comecei a trabalhar em roça, me ensinava cuidar em peixe, a limpar quintal, lavar uma roupa bem lavada e espanar a casa, tudo isso, ela me ensinou. Comida também, me ensinava a assar o peixe, lavar bem o peixe, colocar o limão pra tirar o pitiú do peixe, eu fazia ele cozido, quando tinha pra fritar, era o frito e quando tinha pra assar, era assado.

Minha mãe ensinou a fazer comida direito, pra não deixar queimar, pra não fazer a comida salgada, tudo isso ela ensinava nós. O peixe assado eu preparava, assim: Nós colocava aqueles ouriço de castanha e deixava queimar até ficar só aquela brasa pra não ter fumaça e não feder o peixe, aí retalhava o peixe e nós colocava quando tava só a brasa, porque se colocar antes o peixe fica fedendo com a fumaça do ouriço. Colocava o peixe em cima dos paus mesmo. Eu também aprendi a fazer pé de moleque, torrar tapioca no forno grande na casa de farinha, fritar o bolinho na frigideira, tudo isso ela ensinou pra nós.

A minha mãe fazia bolinho também na forma de barro, fazia naquela merma! Naquelas que as mulheres mais velhas usavam e a gente também ainda usa. Ela fazia o fogo e colocava o flande em cima do torrador de barro e as brasas em cima

do flande. Era a minha tia Diquita quem fazia o torrador de barro, eu não aprendi a fazer, mas tem a dona Rosa do seu Candinho que ela sabe fazer. Quando eu fui de lá do lugar que eu morava quando era criança, lá do Baixo Igarapé, eu tava com uns dez anos. Fui morar lá no Mirari, com a minha mãe, com meu pai e meus irmãos. Ficamos morando lá e com uns dezoito anos eu sai de casa para casar.

Na minha adolescência quando eu comecei a menstruar minha mãe me fez um remédio com a guia da goiabeira e com a guia do cajueiro branco. Que é pra gente não ficar menstruada muitos dias. Com esse remédio eu ficava só com três dias menstruada, e com quatro dias eu tomava banho. Durante a menstruação a mamãe não deixava nós tomar banho, nós não olhava nem na beira do rio, ela tinha medo de bicho assombrar nós. E quando nós ia tomar banho, nós ainda tomava banho em casa, porque ela não deixava nós ir pro rio. Ela tinha o maior cuidado comigo e minhas irmãs. Era medo dela parece, agora essas meninas andam bem menstruada por aí.

Quando eu vi o sangue da minha menstruação... Ah! Eu chorava. Quando eu fiquei a primeira vez menstruada eu chorava demais, aí eu falei pra mamãe que meu bucho tinha furado, porque apareceu aquele negócio no fundo da minha calça, aí a mamãe disse que não, que não era pra mim me assustar que não era o que eu estava pensando. Eu menstruei com treze anos. Aí a mamãe me chamou lá pra dentro, ajeitou bem meu forro e explicou tudinho. Ela disse, “Minha filha isso daí não é nada demais, isso daí você põe o forro no fundo da sua calça. Eu vou fazer um remédio pra você e com três dias você vai ficar boa.” Aí ela me ensinou como fazer, com três dias, pronto! Não aparecia mais sangue.

Depois que eu casei mudou muita coisa na minha vida. Mudou mermo, às vezes, a gente fala assim, - Ah quem dera que a minha infância voltasse de novo, mas infelizmente não volta nunca mais, como diz o Padre Luiz, “Nunca mais volta”, porque eu, Graças a Deus, que não to arrependida, porque eu tenho meus filhos, tenho meu marido, tive a minha mãe até por esses tempos, mas agora ela não está mais, tenho os meus irmãos, Graças a Deus, vou passando... Ainda não to arrependida. Esse Padre Luiz que eu estou falando ele era daqui de Humaitá e ia de mês em mês celebrar missa lá na Cabeceira. Faz ano, o Benetido e o Raimundinho, meus filhos, eram tudo pequeno. Ele passava lá em casa e gritava pros meninos: “Êh, acordem vão tomar banho pra nós ir na missa.” Eles, olha! Pro igarapé, tomavam banho mudavam de roupa e nós ia pra missa. Nesse tempo a dona

Benedita Nunes ainda morava lá na Cabeceira. Ih, eu ainda conheci bem a Dona Benedita, eu casei lá na Cabeceira!

As coisas que eu senti mais que mudou na minha vida depois que eu me casei foi a responsabilidade que eu passei a ter... Porque vamos dizer, assim, em festa eu não ia mais, porque quando eu vivia com a mamãe ela deixava nós ir. Depois de casada eu tinha aquela grande responsabilidade com meu marido, e se chegasse alguma pessoa me convidando pra ir para alguma festa eu não podia dizer que ia, porque eu tava no domínio dele. Lá com a mamãe não, a gente se pegava com outra pessoa pra vir pedir a gente e a gente ia, tinha vez que ela deixava, tinha vez que ela não deixava mermo! Ela dizia: “Ah, já foram, vão trabalhar!” Mas, aí com marido nem que outra pessoa venha pedir ele não deixa. Algumas vezes, em algum Festejo que nós ia junto. Eu tinha meus filhos pequenos e não gostava de ficar perambulando com eles, eu ficava em casa com eles dormindo, preferia ver eles bem agasalhadinho na rede deles. Aí por isso era difícil eu ir para as festas com meu marido.

Eu tive doze filhos, morreram seis e tem seis. Tem o Benedito que é esse daí que é sargento e esses dias tá aqui passando as férias, tem o Raimundo, tem a Sirlei, tem o Orildo, tem o Emanuel e tem a Cândida. Desses, só o Orildo que mora aqui perto de mim. Os outros seis morreram tudo pagãozinho, era eu tendo e eles morrendo, uns não viam nem a claridade do dia. Coitadinhos morreram logo. Todos os meus partos foram normais com parteira. É! Teve uma menina que eu tive até só. Eu e Deus. Foi só eu, Deus e Nossa Senhora, o Manuel foi buscar a parteira e quando chegou a criança já tava rolando aí na cama. O trabalho da parteira é puxar, é ver se a criança tá no nascedor, isso daí que é o trabalho da parteira, fazer algum chá pra ajudar a gente, ela dá banho, corta o umbigo, embrulha e põe no braço da mãe a criança.

Eu entendo de certos remédios. Remédio de mato eu não sei, mas agora de casa, eu sei. Bem, esse hortelãzinho é bom pra criancinha pra tomar o chá, pra vamos dizer, pra uma dor de barriga, pra cólica. A salva de marajó com água inglesa, aquele que as mulheres de resgarde tomam é bom para a criança que nasce e tem aquela cólica, aí é só fazer o chá da salva de marajó e botar um pouquinho da água inglesa e dá pra criança que é bom que só pra barriga. Agora tem também o banho pra dor de cabeça, a japana branca com o hortelão grande, a gente descasca um limão e espreme aquele caldo pra pessoa banhar que é bom pra dor de cabeça,

não precisa ferver é só misgalhar na água. E tem também o banho fervido, com vindicá, folha de limão é muito bom pra dor de cabeça também, eu tenho uma fé mais nesses remédios caseiros do que nesses da farmácia; a castanha de cumaru batido na cachaça é bom pra dor de cabeça também. Esse camuru é uma fruta que eu tenho aí no meu quintal. Pra tosse é xarope de jaramacaru, japana, mangarataia, mel de abelha, tudo isso aí é bom a gente fazer aquela misturada pra tosse, e é bom mastruz também, tudo isso aí é bom pra xarope, pra gente beber pra tirar a tosse da gente. Tem também pra picada de cobra que é essa planta que fica grudada no pau, ela parece um tajá, ali na castanheira tem é muito, bem ali pra perto da casa do meu filho Orildo, aqui do lado, tem é muito, essa tal de guaribinha, que tem aquela frutinha pequena. A gente descasca bem, rala e põe na picada de cobra que é um santo remédio com fé em Deus.

Eu aprendi esses remédios tudinho com a minha mãe, era, assim, a vovó ensinava pra mamãe e ela já passava pra nós, ela dizia: “Olha minha filha esse remédio é bom pra gente fazer e dá pra as crianças”, aí ela mandava eu fazer, eu ia fazer e dava certo, dava para as crianças. Tinha a comadre Clara que mora prali a menina dela tava com dor de barriga, a Nara, aí eu disse - Comadre, mana, é bom a salva de marajó com a água inglesa, dê pra ela que ela fica boa, e ela deu umas duas vezes aí passou a dor da barriga dela que é essa cólica que dá na criança.

Eu ensinei esses remédios pras minhas filhas e pra minha nora que mora aqui perto de mim. Ensinei pra elas o remédio pra mulher menstruada. Se a mulher menstruada tiver com muita dor, aquela cólica que dá é só tomar a salve de marajó, que serve para cólica de criança de mulher menstruada. Essa minha nora uma vez ela só faltava morrer de tanta cólica, aí eu fiz uma litrada pra ela, ela bebeu, também com a, Graça de Deus, parou a cólica! Tem gente que quando a menstruação vem dói que só a barriga, aí é só tomar a salve de marajó.

Eu vivo aqui a muitos anos, mas nem sei que ano era, nem lembro mais quando vim morar pra esse lugar. Foi depois de casada, eu já tinha um filho quando eu vim pra cá. O nome daqui é Graciosa. Na Paciência morava dona Branca, que hoje é do Odo, filho dela e do finado Nascimento que morreu já agora em 2014. Maria Trindade, o seu Isaias, a Comadre Tila, a comadre Cila, filha do primeiro casamento do tio Manel Carmelino, a comadre Cila lá do Jamari e o compadre Duquinha que era marido da comadre Maria Trindade. Cada qual tinha o seu pedacinho de terra. Na Vista Longe, Lá no Rosário, ali o São Miguel, tudo isso. Lá

na Traíra. Ixe! Lá, já morava o seu Antônio Maciel lá na Traíra. Avô da Nilce. Quando eu vim morar pra cá, seu Antônio Maciel, morava pra ali pro outro lado, onde ainda tem gente morando pra lá, pra ir pra lá vai por terra mesmo, se quiser, é perto daqui. Naquele tempo seu Antônio Maciel trabalhava pro seu Tanagildo Lobato, ele era assalariado, ele que andava em mandatos, naquelas canoas cheias de produtos...Pois é, nesse tempo moravam tudinho lá a dona Adelaide e os filhos deles, a Tiliansa, a tia Chiquinha, tudo moravam lá.

Tá bom! Eu já falei muito. Estou por aqui pra quando quiserem saber mais.

O tradicional e o Moderno

Quando convidei seu Manel Benigno para ser entrevistado; foi como se ele estivesse esperando ser convidado. Durante a minha primeira estada no Uruapeara demorei para falar com ele, sempre o via de longe quando passava no quintal da sua casa. Sempre o via dentro do lago lavando ou desalagando sua canoa. Um dia minha mãe perguntou-me se eu já tinha parado na sua casa para conversar com ele, eu disse que não. Ela recomendou que eu fizesse isso, pois ele já havia perguntado sobre mim para ela. Num dos dias que íamos passando ele estava na porta de sua casa, então o cumprimentei e conversei um pouco com ele. O dia que fomos visitar dona Judite ele não estava, por isso, ainda não havíamos nos falado. Ele vive voltado para o comércio e com isso não tinha o encontrado no puxirum e em outras idas na casa de farinha.

Não vi nenhuma menção de parentesco entre seu Manel e minha família, mas ele conheceu minha bisavó e meu bisavô e vivenciou uma infância em comum com meus tios. Na primeira vez que fomos ao Uruapira lembro que ele nós falou que minha mãe era umas das herdeiras verdadeira do lugar Traíra. Dizer que ela era herdeira verdadeira da Traíra estava ligado mais a legitimação de pertencimento de ser do lugar do que a posse da terra em si. Isso baseado no conhecimento que ele tem da nossa família. Esse reconhecimento coletivo faz se necessário para quem pretende voltar a viver num dos lugares que são referência de espaço ocupado pelos mais velhos, mesmo que hoje lá seja uma modalidade de assentamento diferenciado, eles ainda mantêm a concepção de passagem da terra de geração em geração.

Me aproximei mais dele no período que fui fazer as entrevistas. Ele foi o último que entrevistei, ele ficou um pouco nervoso no começo da entrevista eu também. Mas logo ele foi se mostrando mais descontraído. Sua narrativa traz presente a relação entre

seringueiros e os indígenas, o tempo dos longos dias de trabalho na mata aos novos tempos em que alguns homens passam temporada no trabalho do garimpo sem fazer roças ou outros trabalhos e no inverno ficam sem fonte de rendas. Na relação entre seringueiros e indígenas presente em sua narrativa configura uma linguagem cultural e a relação com a natureza.

Como comerciante acredita que a abertura da estrada trará a rede de energia elétrica e mais desenvolvimento para a comunidade. Pelo que entendi de sua narrativa e de outras conversas estabelecidas na vivência com ele, seu entendimento de desenvolvimento é ter acessos de transportes, escola, saúde, movimento de mercadorias, comercialização, manter a vista das casas para o lago limpas tirando as árvores que impedem sua visão, os caminhos roçados, energia, uso de equipamentos tecnológicos, melhorias da vida, sem destruir o mundo da pesca, da caça e demais atividades tradicionais. Mas ao vê-lo na espera da estrada e da energia elétrica de certa forma me entristeci, pois o dito desenvolvimento das políticas econômicas governamentais não vê a coexistência do que para eles é progresso com os mundos tradicionais ainda vivenciados no Uruapeara.

Na conferência de sua narrativa em Setembro de 2015, apesar da experiência vivenciada em 2014 ainda estava na expectativa da chegada da estrada e da rede de energia. Após terem vivenciado a destruição que o dito desenvolvimento econômico causou em suas vidas. Em que as pessoas ficaram fora de suas casas em balsinhas de dragas de garimpo, ficaram sem suas plantações e sem água potável, tinham que ir longe buscar água que não tivesse podre, durante todo o período da inundação. Segundo a própria família de seu Manel Benigno, ele ficou muito triste ao ver tudo inundado, todos perdendo suas coisas, ficou um tempo sozinho na balsinha, sua esposa estava para Humaitá, somente quando ela chegou conseguiu convencê-lo a ir para casa do filho que ficou com a água na porta, mas não chegou a ir para fundo. Ele não queria se alimentar e ficou mufino. Ainda assim, estava a espera do desenvolvimento.

Na última estada no Uruapeara para realizar as conferências da narrativa fiquei em sua casa e tive a oportunidade de estreitar minhas relações com ele. Aproveitávamos os horários das refeições e a noite para conversamos. Ele e dona Judite me perguntavam como tinda sido nas casas que eu tinha ido, eu contava para eles do meu dia. Um dos assuntos que costumava a debater com ele era sobre o preconceito que as pessoas tinham consigo mesma em não querer serem indígenas. Durante a minha estada lá numa dessas conversas ele disse que meu avô era Munduruku mesmo, porque os pais do João

Irlei, lá do Jamari o conheciam e falavam que ele era e eles mesmos tinham vindo do mesmo lugar.

No último dia que conversamos antes de vim embora de lá, eu perguntei dele como eu poderia definir o lugar onde eles viviam, se seria um seringal, um assentamento, ou o que? Ele sorriu e disse: “Coloca aí que é uma aldeia”. Depois sua esposa comentou sobre os ananãs que haviam ficado verdes quando ela foi à Humaitá e amadureceram quando ela estava fora. Aí ele falou: “Ta vendo essa linguagem é tudo que a gente aprendeu com os índios, ananã é como a gente aprendeu chamar com os índios para abacaxi.” Depois ele se remeteu a uma passagem de sua narrativa em que ele fala da onça que tinha ido buscar o índio que era sua embiara, dando como exemplo de mais uma palavra que aprenderam com os Parintintin.

Continuando a conversa sobre o assunto indígena ele me contou uma história: “Uma vez um conhecido que era estudado e vivia por aqui, estava vindo pra cá de barco e uma pessoa falou mal de índio perto dele, aí ele pegou e mostrou um livro que ele tinha que dizia que todos os brasileiros eram índio e mostrou para a pessoa que estava desfazendo dos índios. Eu cheguei a ver esse livro ele me mostrou aqui. Esse livro ainda deve existir, se eu me lembrasse o nome dele eu ia te falar pra tu ver esse livro.”

Por meio dessa conversa confirmou-se ainda mais a intelectualidade de seu Manel. Fiquei com vontade de continuar o debate e perguntar novamente como ele se via diante disso, mas penso, que seu pensamento já está expresso. Em sua narrativa ele se remete a descendência portuguesa, mas nessa conversa é possível formular a concepção de que mesmo descendente de portugueses, ao serem brasileiros são indígenas. Queria ter apresentado essa formulação a ele, mas logo em seguida fui para o porto e embaquei na vueadeira para chegar até o barco.

Despedi-me e disse que iria mandar as cuias que ele encomendou como presente numa das noites que eu falei que havia ido em fevereiro de 2015 e comprado uma cuinhas com grafismos no Pará. Ele contou que a minha avó tinha umas com uns desenhos que ela guardava dentro da maleta dela e só tirava para tomar tacacá nelas, um dia ele pediu uma dela e ela o ralhou, pois tinha muito ciúmes de suas cuias e aí disse que eu bem podia mandar uma cuia com desenhos para ele. Agradei a ele e a dona Judite pela hospedagem, ela foi comigo até o porto, logo a vuadeira chegou, abracei dona Judite e embarquei.

3.8MANEL

Manel Benigna Pinto; nasceu em 1944, dia 23 de outubro. Filho de Maria José Benigno dos Reis e Raimundo de Castro Pinto. Avós maternos: José Demétrio dos Reis e Rosa Benigna dos Reis. Avós paternos: Manuel de Andrades Pinto e Merandulina Clara Pinto. Seu Manel tem um jeito sério, mas fala de forma extrovertida, conta das fases difíceis do tempo do trabalho com a sorva considerando sua importância, enfatizando o mérito de suas conquistas.

Isso aqui onde eu vivo é pequeno, mas foi uma herança que meu pai deixou pra mim, então é por isso, que eu estou aqui até hoje.

Bem! Eu vou começar a falar desde o tempo que eu me entendi. Eu nasci e me criei aqui no Uruapera. Saí muitas vezes daqui também, para Manaus, Porto Velho, para todos os cantos, mas só que eu nunca me acostumei fora daqui. Eu já tive condições de morar na cidade, porque minha mãe morava lá. Mamãe tem um terreno bem grande lá em Manaus e queria que nós tudo morasse na ilhargá dela, mas só que eu também, fui uma pessoa que nunca me acostumei com nada na cidade; quando eu estava lá eu ficava pensando de ficar e também ficava pensando de vim pra cá. Isso aqui onde eu vivo é pequeno, mas foi uma herança que meu pai deixou para mim, então é por isso, que eu estou aqui até hoje. Eu vou bem ali, no Humaitã numa quinta-feira quando é num sábado, uma hora dessa, a noite, já to quase chegando de volta aqui, o meu clima não é pra cidade.

Do tempo que eu era criança pra agora houve um tempo muito difícil, tanto para mim como para os outros também, pelo menos esses lugares por aqui não tinha vista que nem hoje, só era aquela varedinha, o cara ia se empurrando pegando em espinho para varar para chegar na beira do rio, na beira da terra, e aí a gente ficava escondido aí no meio do mato, os bichos por aí cantando, e não era só eu aqui em casa era em todo canto. Esses lugares velhos, todos cerrados, hoje tá um brinco que todo mundo se incentivou a limpar seus lugares. Evoluiu, uma coisa tão bonita que ficou. Hoje todo mundo tem zelo. Hoje esse nosso lugar aqui agora que tem vista, que tá tudo limpo, muita gente já quis comprar. Sempre no tempo de menino eu dizia para minha mãe: - Mamãe quando eu ficar grande eu vou limpar esse lugar, porque eu não me acostumo a morar no meio do mato, mas naquele tempo todo

mundo pobrezinho, minha mãe cortava seringa aqui, papai saía pra trabalhar, eu era pequeno e ficava junto dela, às vezes, eu ia com ele, e isso daí era tudo quanto era pai de família que saía, era muito difícil.

Hoje eu vejo o pessoal que casado não sai de perto da família, já vive em casa. Eu pra construir alguma coisa, passava até final de mês aqui para esse mato tirando sorva, porque as coisas eram difíceis. Antes o pessoal, uns dormiam na rede, uns dormiam na cama outros era tudo ali em cima do pau, não tinha condições para comprar uma rede, os pais de família. Roupa? Pelo menos eu cansei de ver essas pessoas mais antigas que já veio pela minha frente com as roupas, assim, tudo, remendada! Com um lado de um pano e do outro era outra fazenda, ninguém sabia qual era a própria fazenda que foi feita a roupa. Bem, isso aí acontecia em todo canto, o pessoal cortava suas estradas de seringa por aqui que era o seu sustendo. Mamãe ficava cortando aqui, papai cortava mais um pouco lá para as estradas de sorva e de seringa, e a gente ficava se mantendo daquilo. Por aqui era tudo esquisito! A gente comprava as coisas tudo no saquinho. A cuia era as vasilhas que a gente usava, a cozinha pra comprar sal, açúcar, café, hoje existe cuia, às vezes, pra tirar a massa do forno, porque o plástico não presta pra fazer isso, porque esquenta muito.

Dentro de uns 20 anos pra cá as coisas foram mudando. Antes todo mundo cortava seringa, todo mundo vivia dentro dos seringais que tinha por aqui, o Comercial, o Baixo Igarapé, por aqui essas estradas tudo acomodava gente, tinha seringueiro trabalhando. Hoje o seringal é tudo no mato que ninguém não quer cortar seringa. Todo mundo fica enganando os olhos com aquela graminha de ouro, no verão e quando é um tempo desse, começo de ano, o pessoal tá tudo atrás de trabalho e não tem. Aí fica passando ruim, quem já tem um trabalhinho não que vai direito nele, quem não tem fica rodado por aí. Do tempo que eu era criança, daí pra cá a gente veio também melhorando a situação, aí foi o tempo que eu tive já força pra trabalhar, fui trabalhando, trabalhando, depois eu constitui família, já criei tudo os meus filhos, mandei eles tudo pra estudar fora em Manaus, teve só esse Orildo que não quis largar da gente e ficou por aqui, ainda arrumei uma vaga na escola agrícola em Humaitá, pra ele estudar, mas ele não quis ir, mas ele não é todo burro, porque ele sabe assinar o nome dele. Na época que eu era menino se tivesse a facilidade que tem hoje, eu também sabia muito bem ler e escrever, talvez, eu não vivesse ainda aqui. Então, sempre eu aconselhei meus filhos, dizendo, assim,

botando eles pra aprender, estudando. Eu dizia pra eles: - Vai meu filho, vá para seus estudos. Botei o Benedito com o Raimundo pra estudar em Manaus, o Benedito é sargento. Eu dizia pra eles: - Sabendo vocês podem fazer riqueza. Eu não tenho nada pra deixar pra vocês, se não o meu sacrifício de botar vocês pra estudar, isso é uma lembrança que a gente nunca esquece. Então eu tenho orgulho Graças a Deus! Porque eu não sei nada, mas meus filhos tudo tem um saber, tudo são sabido, tão tudo agasalhado, cada qual tem seu trabalho.

Então hoje as coisas estão muito fácieis. Essa coisa de roupa velha acabou, se ela fura um buraquinho: “Ah, eu não quero mais essa aqui” joga fora “Eu quero aquela outra, então eu vou lá pra cidade comprar outra”. O cara chega na cidade, já vai escolher aquela roupa cara. Porque eu vi um sobrinho meu comprar uma calça que custou 230 contos, digo: - Rapaz eu com um dinheiro desses comprava umas 5 calças sociais pra mim e ainda sobrava dinheiro. Ele achou graça. Eu nunca tive luxo com nada. Bem eu na realidade eu já estou com 68 anos, mas nunca me deu vontade de sair daqui, eu vivo aqui, vivo bem graças a Deus, antes deu se aposentar eu vivia bem e hoje eu vivo melhor, porque nós temos o que comer, tem o que beber toda hora, tem algum dinheirinho que sobra por aí, e aí a gente vive uma vida mais ou menos, Graças a Deus! Então no tempo que foi preciso deu sair daqui eu nunca saí, agora que tá difícil deu sair, porque as coisas tudo melhoraram.

Teve um tempo que nessa comunidade ficou só eu aqui, o finado Nogueira e o Nascimento, pra li pra Paciência, um lugar que fica bem ali na frente. O Nascimento, pai da Dilene, que morava bem aí logo, e o Raimundo Maciel do outro lado do rio. Ficou essas três famílias, o pessoal foi tudo morar para cidade. Uns diziam que não vinham mais, saiu disconjurando daqui, mas a gente nunca deve se orgulhar porque vai voltar pro prato que comeu, não presta o cara cuspir no prato e jogar fora que ele mesmo vem ajuntar. Hoje todo mundo, os que foram, os que estão vivos já voltaram, os que morreram ficaram pra lá. Mas agora tá mais evoluído aqui comparando com o tempo que era só os velhos, hoje pelo menos tá uma lindeza! A população cresceu um pouco, mas o pessoal aqui nesse centro tinha tudo saído, não tem mais ninguém quase, porque saíram para mandar ensinar os filhos na escola, porque a gente sai é mais pra mandar os filhos pra estudar, e o trabalho da gente é mais pra mandar educar os filhos, então o pessoal saíram daí para fazer isso, os lugares tão tudo aí, mas não tão abandonado porque de vez em quando os donos vêm, passeiam, e cuidam um pouco. Pois é então a realidade é essa daí, hoje todo

mundo tá rico, porque tem saúde, e porque o cara olha pra cá vê um fardo de açúcar, olha pra casa do vizinho vê dois, três fardo de arroz, de feijão. O cara olha e fala: “Empresta aí 100 contos” e outro fala: “Oh, 100 conto ficou pra brinquedo.” Aí o cara empresta 100 conto e ainda diz: “100 conto dá?” O bicho mete a mão no bolso, “pega!” por isso, que eu digo que aqui ficou uma coisa muito boa, o motor vai toda hora passando para cima e para baixo, das 3 horas da madrugada você não dorme mais com o barulho de rabeta, quando dá por aqui por trás eles passam bem aí nessa baixa, e é grito é conversa, é amizade, passa o cara chama, vão passando gritam para mim, é aquele barulhão. Então, Graças a Deus! Deus limpou tão bem o caminho para nós, e esse caminho tá indo pro bem.

Eu acho é muita graça quando eu lembro do tempo de criança, porque eu era malino que só! Pois é o no tempo de criança, quase todo mundo andava sem roupa, quando vestiam calça em mim eu tirava fora, porque não me acostumava, era nós aqui, o Crismino lá na Traíra onde moravam a família do Antônio Maciel e da Adelaide Nunes, os filhos deles, o Manuel, o Mazinho, o Raimundo, também era do mesmo jeito que eu. Então calça pra gente não servia... A gente ficava era nuzão. Era a gente e as meninas também, naquele tempo tinha pouca maldade, sempre teve maldade, mas naquele tempo, criança daquele tempo não tinha maldade, hoje não, criançinha pequena, se uma mulher tiver de mau jeito aí, um curumim pequeno ele já tá se ajeitando para vê se alcança a vista dele alcança alguma coisa, mas é atoa, naquele tempo não, a mulher tirava a roupa aí oh... Calcinha que era bom não tinha, as mulheres pulavam ná’gua, junto com os tudo grande e eles faziam de conta que não existia nada. Eu pelo menos vim vestir roupa quando eu estava com 12 anos de idade, ainda, porque, um velho me botou pra correr, ele disse que se eu não vestisse minha calça ele ia me capar, fiquei com medo dele, caí ná’gua atravessei lá pro outro lado, lá pra onde o Rola mora, pra lá também desceu eu mais um parente meu com medo do velho, ele era feio que só a desgraça!

Pois é aí era muito menino naquele tempo, assim, andando sem roupa, era difícil também andar calçado, sandália que também chamam de chinelo, naquele tempo a gente chamava perereca, sei lá como era e nem todo mundo podia comprar, o pessoal andava mais era descalço, roupa que era bom era mescla que era a roupa melhor que existia, uma fazenda bem grossa que o pessoal comprava para trabalhar. Quando o cara via o cara com uma calça nova daquela, ele ficava todo admirado: “Rapaz o fulano tá com uma calça de mescla, puta merda! Isso custou muito caro.”

e, assim, todo era mundo pobrezinho, uns tinham outros não tinham, às vezes, cedinho chegavam com aquelas vasilhinhas abertas de açúcar, café pra gente arrumar. Naquele tempo emprestavam as coisas um para outro, até hoje existe o empréstimo, você vai pro banco fazer o quê? Empréstimo, pois é, hoje em dia você não empresta mais de ninguém, você empresta do banco, propriamente aqui mesmo a gente, às vezes, a pessoa, ele pode ser rico, pode ser pobre, ele pode ser o que for, mas lá um dia ele vai emprestar do outro, o cara pode ser farinheiro, ele pode todo dia trabalhar com farinha, mas lá um dia que ele não tem, aí ele vai emprestar do vizinho dele, porque, ele tá com a massa na mão, mas tem um dia lá ele pode se ver sem farinha: “Ah, rapaz essa semana não deu de fazer, eu vim aqui emprestar aqui 1 litro, 3 litros, 5 litros”. Conforme ele quiser, pois é, era mais difícil no tempo que eu era menino, mas assim mesmo foi um tempo divertido.

Quando eu era menino, Deusulivre! Eu brincava e malinava! Eu era malino que só eu, malinava dos outros, apanhava, pintava o sete. As nossas brincadeiras era com flechinha, flechando peixe, eu com esse meu primo aí, o compadre Chagas, a gente se criou junto, brincava com pião, negócio de papagaio ninguém nem conhecia, aí era só as brincadeiras que a gente usava, era essa baladeira, matar passarinho, só que a gente matava e não estragava, matava e comia tudinho, a gente ia matando e as meninas iam fazer; o negócio das panelinhas era as latas de conserva que fazia, a gente fazia aquelas casinhas de palha, e cada qual tinha a sua mulher, era engraçado. Naquele tempo a gente era tudo menino, aí fazia aquela panelada de bichinho cozido, assado, sabrecado, de todo jeito, era as brincadeiras que a gente tinha era assim, brincadeira só normal mesmo, era muito fácil nossas brincadeiras, pois é a gente brincava também de roda, chamavam, as brincadeiras de roda, pelo menos no tempo do mês de maio, começa amontoar aquele monte pra brincar, de roda e aí brincava também de touro. A gente passava era hora brincando, rodando, brincando cada qual queria saber uma cantiga. Todo mundo sabia aquela arrumação, hoje até existe ainda essas cantigas de roda, a gente até escuta no rádio, esses dias eu estava escutando: “Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar” Aí tem uma também que escutei um tempo aí no rádio, não to lembrado bem, assim eu sei ela cantando junto com a minha mulher, a Judite: “Ele vai ele vem bacurau, no buraco do pau bacurau, ele vem ele vai bacurau, no buraco do pau.” Tinha tudo isso, as meninas inventavam, aí tinha uma música que elas cantavam que só me vem na memória um pedado que é

assim: “Mês de maio tem uma roseira, que dá flor na primavera” É bonita! Essa cantiga, aí a gente formava aquele monte, era gente pequena, era grande, fazia a roda bem grande; acabavam de rezar as novenas e aí a gente ia brincar até meia noite. Era uma brincadeira danada! As moças também brincavam, tinha muita moça, muito rapaz e a meninada no meio. Pois é, no tempo que eu me criei, era assim, eram as brincadeiras, sempre foi bonito, sem maldade, sem nada, os meninos desde pequenos gostavam de brincar de lutar.

Eu não estou lembrado mais como é que as cantigas de roda todas que a gente cantava porque é muita coisa que a gente brincava no tempo de eu menino, até a própria modinha que eu gostava de cantar muito em festa muito depois de grande eu já quase não levo direto, tinha que me lembrar, mas uma hora dessa eu vou me lembrar de alguma modinha a mais, de algum verso, talvez, eu me lembre depois, porque, às vezes, a gente tá com o ouvido cansado já quando chega nessa idade e aí a gente tem que esperar para ir se lembrando devagar, mas eu não vou deixar de se lembrar para ti dizer...

A brincadeira do touro havia assim umas perguntas feitas ao touro e ele respondia: “Com que se prende o touro, com uma chavinha de ouro, e se quebrar? Tenho dinheiro pra pagar.” Essa brincadeira era assim: Alguém que se fazia de touro, corria em cima do cara, a gente fazia um circulo e quando ele vinha toda a força para abrir uma brecha pra ele sair tinha que apertar bem a roda pra ele não sair, quando ele conseguia romper a roda e varava acabava a brincadeira. Essa brincadeira era só com os meninos. As brincadeiras só das meninas era brincadeira de roda “Ciranda, cirandinha vamos todo cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar”. Às vezes elas convidavam nós, mas as meninas não gostavam tanto de nós meninos, porque nós era tudo atentado no meio das meninas, era aquela coisa, mas na hora que elas queriam fazer bem grande a roda, a gente ia pro meio, elas chamavam nós, aquele que começava com sacanagem, davam um cascudo, botavam pra fora, pronto! A gente se agarrava naquela brincadeira danada era bem bacana.

Eu gostava muito era de cantar em festa. Eu com o compadre José Purara. Meu Deus! Quando tinha festa eu já perguntava para ele: - Umbora na festa compadre Zé? Ele era meu compadre, gostava muito de tocar, tocava um cavaquinho, tocava um violão, cantava. Hoje em dia ele já morreu. Na época que a gente era novo nós ia para festa dançar mesmo! Ninguém brigava com ninguém só

dançava, dançava mesmo até o sol raiar. Eu gostava de ir em festa era mais quase só pra mim cantar, porque eu sabia tanta modinha na minha vida, modinha do Teixeira eu sabia quase tudinho elas e aí eu ia, porque gostava muito era só de cantar. Quando eu chegava nos cantos o pessoal já me conhecia e dizia: “Ei fulano umbora, vem cantar pra gente, acompanhar aqui” Era aquela coisa, e aí eu ficava só perdendo o meu tempo, porque em vez de eu ir namorar eu ficava era cantando para os outros namorar. Eu dou é risada me lembrando disso.

Ah! Eu cantei muita música. Um tempo desse veio um compadre meu para cá, ele vem só para nós tocar, vamos tocar ali na sede. É o Chiquinho Nunes, ele é tio dos reis do cobra do forró que toca em Porto Velho, ele também desde novo tocou, ele toca e canta, seresta, tudo, modinha ele canta. Ele nunca ficou sem violão, então com essa vinda dele aqui para gente tocar durante o dia todo, mandei matar umas galinhas caipiras para gente almoçar e o pau quebrou até sete horas da noite, foi melhor do que a gente achava que ia ser. Era pirarucu, era outros peixes assados, apareceu tanta comida! Era muita gente, desulivre! Era uma animação, o pessoal lá de baixo também veio. Pois é, ali tem o pandeiro, o Orildo tem um violão, eu só não tenho nenhum instrumento porque eu sou sem vergonha eu não me lembro de comprar. Se não fosse isso, eu tinha pelo menos um cavaquinho para divertir.

Deixa eu vê se me lembro uma modinha bem fácil, eu gostava de cantar com o compadre José, mas só cantava essa música, eu aprendi primeiro e ensinei pra ele: “Mangueira na hora da minha despedida, todo mundo chorou, todo mundo chorou, mangueira tu é emoção da minha vida, mas oh! Mangueira no meu coração ficou, ai mangueira.” Aí que nós gostava: “Mangueira na hora da minha despedida, todo mundo chorou, todo mundo chorou, mangueira tu é emoção da minha vida, adeus mangueira no meu coração ficou, ai mangueira, arararara, o mangueira.” Eu nem sei de quem é essa música, eu aprendia essas modinha na festa, os outros cantavam, quando eu chegava em casa a minha cabeça era tão boa que quando eu era mais novo, que o cara cantava só uma vez eu aprendia a letra, essa modinha eu vi cantar lá no Jacundá um cara estava cantando.

Nas festas, primeiro só era pau e corda não tinha esse negócio dessa barulheira desgraçada de hoje. Era cavaquinho, violão, rabeca, pandeiro, essas coisas, assim, só era esses instrumentos. Agora sanfona sempre teve, clarinete, saxofone, também, isso aí. Eu dançava em Manaus também, saia pro clube pra dançar, e até lá a gente foi aprendendo modinha, com as pessoas e nós ia pra festa só

cantar e fazia forró. O clube que eu costumava ir era lá na Aparecida, no clube social, era pra lá que nós ia pra aprender a dançar, porque lá era o salão de dança e se a gente não soubesse dançar tinha mulher para ensinar a gente, ou homem ensinando mulher, a gente aprendia a dançar bolero, samba canção, forró, toda qualidade de dança, pois é, lá eu aprendi uma porção de dança. Eu ia nesse clube, eu, uma irmã minha que mora em Manaus e duas irmãs da finada Luzia Alecrim, a Dinair Castro Pinto e a Olga que também era Pinto e a Raimundinha, minha irmã. Quando eram umas dez horas eu chegava lá, eu ia aprender, porque eu não sabia dançar, elas não, elas já sabiam aí caíam no forró lá. Nessa época eu morava lá em Manaus com a mamãe. No tempo que eu fui pro exército lá, aí eu fiquei em Manaus, passando tempo depois eu vim pra cá foi em 62 e não voltei mais. Aqui eu comecei a desmatar esse lugar aqui, tirar o mato tudinho e fazer uma barraquinha, aí depois foi limpando, limpando, hoje ele tá bonito, fiz um campo de futebol e o meu bar. Aqui não tinha um filho meu que me ajudasse roçar um bocado de mato, ajudar a desmatar aqui, e nem fazer esse campo de futebol. Quem fez esse campo de futebol aqui foi eu e um neto meu, o Vítor. Nós fizemos porque não tinha campo. Ele é filho da Sirlei, lá do Humaitá, minha filha, pois é ele foi cabo lá em São Gabriel da Cachoeira, agora ele está passando uns tempos por aqui de novo, não quis mais ficar pra lá, veio pra cá foi subir no é de açazeiro só para cair e quebrar a perna, ele fez a cirurgia no hospital lá de Porto Velho, Rondônia, agora ele tá aí andando, mas ainda tomando cuidado para não forçar muito a perna. Quando ele morou aqui ainda menino, ele me ajudou muito até que fizemos esse campo e hoje tem aí pro pessoal brincar.

Vivendo aqui aprendi a conhecer a mata, o lago e o rio. Ave Maria! Na mata eu conheço tanta da coisa que eu não sei nem dizer. Eu só fiquei com medo na mata de duas coisas, um avexame que eu tive com uma onça que queria me comer. Eu matei uma e se eu não tivesse matado ela tinha me comido, e a outra coisa foi um bichinho que eu nunca vi na minha vida, o bicho gritava parecia que era uma coisa tão grande e o bicho era, assim, do tamanho de um porco, mas brabo! Era uma qualidade de onça branca, era aquela arapucaia. E aí floresta já viu! A gente escuta cantiga, e vê movimento de tudo quando é pássaro na natureza. Nós também matava muita caça por lá. Trabalhei muitos anos em sorva também, comendo piquiá, carne de porco, carne de macaco barrigudo, eu mais as outras pessoas, pois é, aí tirava

castanha, sorva, mas madeira foi que eu nunca gostei de tirar foi madeira, agora sorva eu gostava, todo dia trepava no pau, todo dia todo dia.

Aquela arapucaia, a onça branca que parece um porco, que era horrível de brava, a bicha botou mesmo pra comer nós. Eu matei ela, e essa que eu sofri o avexame com ela era uma pintada quando eu dei com ela, ela tava, assim, uns dois palmos longe do meu cacanhote que é o calcanhar, estava atrás de mim, aí eu pulei pra frente atirei, ela caiu, quando eu dei fé aquilo passou, assim, na minha cara, era outra onça, ela caiu numa pequena distancia de mim, com essa que fui ter um avexame desgraçado, se não tivesse um pau, uma árvore bem grande lá, tinha me comido, mais eu rodei atrás do toco daquele pau que chega ficou limpinho aquele chão, umas duas vezes eu bati nela com a coronha da espingarda, porque ela quase pegava na minha cara. Eu dei quatro tiros nela, naquele tempo a pólvora preta aí ficava um fumaceira e ela ficava atordoada, na conta dos quatro, acertei um nela, tinha um pau caído lá aí eu fui me virar pra me defender, bateu na minha perna eu caí e ela pulou por cima de mim aí eu só fiz rolar no chão e atirei, ela deu um terrível de um miado, entrou debaixo de uma palha, pensei que ela tinha morrido, mas rum... Ela correu foi embora só tava o sangueiro lá. Eu levantei tremendo de medo, tremendo mesmo, parecia, assim, que ela tava ainda junto de mim, aí eu corri pra beira de um igarapé que tinha, gritei para essa gente, aí eles foram lá comigo eu tava tremendo e aí me perguntaram: “Que foi rapaz?” Eu não sabia mais nem falar, falando tremendo de medo pois é, medo, medo, Deus me livre! Naquele tempo o couro da bicha dava dinheiro, aí nós fomos buscar a outra lá que eu tinha matado, mas a segunda que eu matei era uma onça monstra! Deus é pai, ainda fiquei uns 15 dias, assim, com medo de entrar na mata, mas o jeito que tinha que era ir trabalhar, eu ia, mas a modo pra mim que só era onça que ia vendo na mata, mas Graças a Deus! Não foi aquela que me matou, agora depois daí eu já matei um bocado dessas, por que eu tinha que caçar, aqui acolá elas botavam para trepar num pau, aí era suçuarana, era pintada, o que eu topava ia matando, pois eu fiquei foi com raiva porque queriam me comer, pois é, aí eu matei mesmo.

Vou falar uma coisa a onça pintada ela não tem medo de nada não, se ela te ver e tentar te comer, você pode está no meio de duzentas pessoas ela vai. Ainda mais se ela deixar um sinal na pessoa. Uma vez ela mordeu um índio que trabalhava com o compadre Cicílio, que morava bem aí logo, ele trabalhava extraindo sorva, copaíba, aí o índio foi trabalhar com ele quando ele chegou lá no mato e foi tirar a

sorva, que ele desceu da árvore, a onça tava bem lá sentada e foi partindo para cima dele. Como era de dia ele andou dando uma lutada com ela andaram se esfregando e ela deu umas duas arranhadas nele, aí ele cortou um lado da orelha dela, cortou que ela se afastou ele correu para o varador quando ele pensou que não a bicha vinha mesmo que um cavalo atrás dele correndo atrás aí ele chegou no tapiri onde ele morava e subiu pro pau e ela tê pêi pra dentro d'água veio bater na beira, já sem orelha! Se ela fosse outro bicho ela não vinha mais. Aí ele ficou lá em cima do pau se vendo de dor, porque onde ela mete a unha sai a carne e vai levando, aí ele ficou lá em cima do pau até o pessoal chegar, quando o pessoal chegou ele gritou aí curaram por onde ele estava arranhado e era um sangue danado, arrumaram a rede dele no meio de to mundo lá e botaram ele lá, foram fazer comida, jogaram um baralho, mas estavam cansado e foram logo dormindo e quando se acordaram foi com os gritos do índio, a onça foi direito nele. Ela meteu o dente na guela dele que veio com queijo tudinho e aí matou ele. E corre e pula... A bicha correu! Aí o finado tio Raimundo Lago: “Colega essa onça vai comer a gente aqui.” Aí todo mundo procurou ficar num lugar alto, uns subiram no tapiri outros subiram no pau. O tio Raimundo lago tinha uma 16 e aí pegou uma balona, assim e se trepou num pau que tinha lá perto do igarapé. A prancha deles era lá e ele se pôs lá na dúvida, ele nem tava sabendo pra onde ela tinha corrido. Ele ficou lá trepado e o pessoal tudo calado. Eles tinham largado o índio lá e num demora eles escutaram, tchepou, tchepou, era onça que vinha cruzando o igarapé pra buscar o índio! A imbiara dela. Quando ela chegou embaixo da árvore que o tio Raimundo tava trepado ele aluminou e a bicha parou. Ele largou-lhe a bala na cabeça, pá! A bicha tchepou dentro d'água. Ele gritou o pessoal correu lá e acabaram com a bicha. Um lado da mão dela deu 1kl e 300 g, aí tiraram o coro dela... Enterraram o índio. É ela não tem medo quando ela ta afim de comer ela come mermo, não é como a onça suçuarana que se esconde por de trás do pau pula num cara, às vezes, pega um cachorro as traição. Essa onça pintada ela pega o cara de peito a peito mesmo! Pode perder ou ganhar, mas ela vai. Mas a que ia me matando ela queria me pegar por trás, acho que não pegou porque eu estava com a espingarda na costa.

A onça voltou para pegar a imbiara dela, essa é uma palavra da língua dos Parintintin, que quer dizer a presa da que a onça matou seja bicho ou gente. Eu sei falar muitas palavras da língua dos Parintintin, basta dizer que a maior parte das palavras que a gente fala é dos índios. Eu já vivi junto com eles no tempo que eu

trabalhava no mato tirando sorva. Eles são muitos bons com a gente, mas se a gente for bom com eles. Se a gente for ruim com eles, rum, eles escondem a comida para não dar pra gente, mas se for bom com eles, eles tiram da boca para dar para a pessoa. Até hoje eles gostam de mim. Sempre eu vou lá no Canavial, na aldeia deles, lá com o compadre Zé, mas hoje não tem mais aqueles índios brabos. Eu me lembro que aqui na Traíra tinha o velho Antônio Maciel que era Munduruku, a dona Rufina lá do Jamari era de lá de onde ele veio também, ela que falou que ele era Munduruku, o pessoal lá do Jamari eram também. Agora essa parte ali da boca dos Jauarí deram tudo para os índios, tem ali os da aldeia Baiêta, são tudo Mura. Ali para detro tinha uma festa de São Tomé. Eu cheguei a ir lá nessa festa.

Nesse tempo aí a gente demorava fora de casa. Eu saia daqui de casa passava uns 9 meses aí no Ipixuna, 6 meses, 4 meses, mas o mínimo era 5 meses que eu passava trabalhando para criar meus filhos, porque depois que a gente tem família, a gente tem trabalhar para sustentar. E eu sempre tive muito amor nos meu filho, Graças a Deus! O que Deus me deu consentimento de criar eu criei, Nasceram foram 13, mas era, assim, quando tava com 1 ano de idade aí morria, se criaram só 6, a mulher tinha doença no útero, aí eu levei ela no médico, o médico passou remédio aí ela ficou boa Graças a Deus! Depois de tomar os remédios do médico, ele teve os dois últimos que completaram os seis, é a Cândida e o Bebé, eles estão vivos até agora, Graças a Deus! Pois é, a vida do interior é cansada.

Sobre o lago e o rio. Bem, aqui no rio, principalmente, aqui na beira do lago, disque tem muito bicho aqui, mas se tem a gente não vê bicho ná'gua, o que tem muito é jacaré, mas jacaré todo mundo vê. Agora, eu vi uma cobra lá onde tem um flutuante entrando logo no Cristina, eu vi uma cobra meio grande lá e era umas 23h30minhs da noite ela estava boiada no rio, tava só os pedaço lá boiado, mas Graças a Deus não vejo nada de mais. Não tenho andado de noite, mas quando eu andava de noite por aí por todo canto nunca vi nada, eu via muito jacaré, depois que começaram a matar jacaré até os jacarés sumiram, tem muito é boto, porque o boto ninguém pode matar, né, que o bicho é velhaco e não tem como matar ele mesmo!

Pois é, mas aqui no rio, o pessoal que morava aí um bocado já morreram, um bocado ainda estão vivos, uns largaram seus lugares e agora voltaram tudo, todo mundo tem casa aí, daqui uns dias, talvez, até seja uma felicidade para todo mundo, ter um variante que a gente chama para estrada, que vai varar por aqui por trás para ir pro Humaitá, aí vai melhorar muita coisa, mas hoje, Graças a Deus, o que tem na

cidade um pouco já tem por aqui também, aí vai evoluindo devagar. Eu tenho um genro ele comprou um computador para filha dele a, Renata, aí ele me disse: “É Manel comprei uma maquina dessa pra tua neta” Eu disse - Ta bom. Aí ele continuou falando: “Daqui uns dias vai ter lá também”. Eu respondi pra ele: - Vai ter? Digo já tem meu irmão! Até o Orildo, meu filho, tem um, o Pedro, que mora pra li pro outro lado tem outro, lá pelos colégios do Cristo Rei, por tudo quanto é colégio já tem. Aí ele disse: “Será rapaz?” Eu digo, vai dá uma olhada lá. Aí ele respondeu: “Rapaz então tá muito bom lá!” Ele é italiano, não come peixe quase, porque ele não sabe tirar a espinha.

Eu fico só prestando atenção, não falo nada fico só olhando, porque, às vezes, a pessoa vê uma coisa e fica dizendo que vai comprar, eu não falo nada, fico só que nem papagaio, que presta atenção em tudo depois que ele vai falar. Assim eu faço, primeiro fico só prestando atenção, aí depois é que eu vou vê o em que eu vou empregar naquilo, porque eu não sou homem de fazer barulho não, fico só prestando atenção no que vai acontecer.

Tem gente que começa poupopopou que eu vou comprar isso, comprar aquilo. Eu não, quando eu digo eu vou comprar, eu já vou para comprar mesmo, não vou fazer promessa não, se eu disser eu vou comprar esse frizer e compro. Já comprei três, comprei uma para mim, comprei uma pro Orildo, porque toda vez as crianças do Orildo vinham pelo meio da chuva ou no sol quente pegar água aqui, aí fiquei pensando, aí eu disse: - Vou comprar uma geladeira pro Orildo, comprei aquele frizer e tá lá. Falei pra ele: - Tá aí isso é para as crianças deixar de tá andando pela chuva e sol quente. Tá lá. Tem aquela que nós já tinha e agora comprei uma grande. Agora eu quero comprar um motor de luz de novo, se Deus quiser! Porque eu não sei quando vai passar isso por aqui, essa energia, ainda estou esperando um que prometeu de dá pra nós, mas até agora ainda não chegou. Pois é, mas estamos esperando toda hora, quando chegar aí vai melhorar ainda mais.

Mas aqui na nossa comunidade, tá quase todo mundo por aqui, todo mundo vive bem, ninguém vive falando da vida de ninguém, só das namoradas mesmo que a gente tem tô falando, assim, brincando. Aqui tem uns vizinhos muitos bacanas com a gente, aqui o que a gente tem muito é brincadeira, o cara chega começa a brincadeira com um com outro aí vai passando o tempo, aí os meninos da bola chegam pra se entreter aí não dá nem tempo, às vezes, de conversar nada, dia de dormindo eles aparecem por aqui. Aí vão jogar sinuca, bebe um pouco, bebe

cerveja, bebe cachaça, bebe aquele conhaque, aí vai passando aquilo é de repente, sabe só uma brincadeira, ninguém vê ninguém querendo brigar com ninguém, falando da vida do outro, faz de conta pra mim que não existe, somente as brincadeiras, às vezes, tem umas pessoas que chega querendo puxar assunto da vida dos outros, eu já digo: - Colega aqui em casa eu não gosto de falar da vida do outro, sou bem sincero eu nunca gostei disso aí, chego e já digo: “Colega, olha! Eu não gosto dessa arrumação, às vezes, o cara vem bem aí e escuta e vai dizer: “Rapaz o cara tava falando da vida do outro, tava falando de mim lá” Aqui na minha casa ninguém faz isso, fala brincadeira, vamos brincar tudo bem, mas ninguém tem nada a ver com a vida de ninguém. Então se o meu filho tem o que comer ali tudo bem, se ele não tiver eu vou lá perguntar tem comida ou não tem? Então leva para você, negócio de sentar pra conversar, que tem gente que já vai sentando pra conversar pra tratar da vida alheia, pô é muita sacanagem, eu acho muita sacanagem, mas aqui Graças a Deus! Ninguém tem esse costume.

Sobre as minhas origens eu sei que meus avós maternos eram todos portugueses, o sobrenome Benigno é português, mas eu procurei saber mais sobre isso, mas não consegui saber mais nada. Agora, meus avós paternos eram cearenses. Eles eram lá do Ceará.

Ser indígena no espaço do seringal

Não fiz uma entrevista propriamente dita com o Orildo, gravei uma conversa com ele não muito prolongada, ainda na primeira viagem ao Uruapeara em Setembro de 2011. Como tivemos uma proximidade por causa do puxirum do Pedro, e das nossas idas, ao Jará onde fica a casa de farinha e também por minha tia Cila ser madrinha dele, as aproximações se estreitaram, pernoitamos e passamos um dia na sua casa. Por essa proximidade gravei uma conversa com ele sobre os modos de vida que ele faz parte.

Antes de gravar a conversa com eles, pude perceber por meio das conversas na casa de farinha a história da relação dos seringueiros mais velhos com os indígenas. Os conflitos causados pela construção do espaço de seringal em cima do território indígena é sintetizado numa história que ele conta sobre o seringueiros com os indígenas, ele se reverte a um dos mais velhos que um dia atirou num indígena que estava em cima de um pé de açazeiro: “ O índio tava trepado no

açazeiro aí o velho atirou, o índio caiu de lá de cima no chão, a mulher dele que tava embaixo do açazeiro esperando, pegou ele colocou nos braços e foi levou ele embora.” Ele também chegou a comentar sobre os Juma do Marmelo: “Os Juma do Marmelo deixavam os rastros dos pés deles, eram enormes, mas não mexiam com ninguém”.

Ouvindo o que estavam falando dos tempos em que os seringueiros se deparavam com os indígenas que antes da chegada deles viviam livres em seus territórios, fiquei pensando, como as pessoas do seringal viam nesses indígenas a figura do selvagem e disputava o espaço com eles e ao mesmo tempo os modos de vida que repassaram para seus filhos é indígena.

O Orildo é uma pessoa que se constitui trazendo a memória dos ataques dos seringueiros aos indígenas e ao mesmo tempo recebe os elogios por ter habilidades indígenas. Assim, como Orildo conta do indígena atirado por um seringueiro também recebe a referência indígena por sua comunidade, pela sua habilidade com as flechas: “O pessoal me chamava de Pirahã, porque eu sou bom pra pescar com flecha. É muito difícil eu errar uma flechada, sabe?” Viver no seringal pode ser estar nesses dois mundos e pode também ser um modo de ser indígena. Essa é uma questão a ser pensada a partir da sua narrativa, da narrativa de seu pai Manoel Benigno e das outras pessoas que foram entrevistadas.

A conferência de sua narrativa em Setembro de 2015 em sua casa foi coletiva, estavam presentes, sua esposa, seus três filhos, sua filha e seu sobrinho. Perguntei se eu poderia começar a leitura ele disse que sim pois sua vida era um livro aberto, todos deram risadas, comecei a leitura, todos ficaram atentos escutando, nas partes engraçadas havia uma gargalhada coletiva. Nesse clima de descontração terminei a conferência, ele assinou a carta de sessão e logo em seguida fiz a conferência da narrativa da Vanda, sua esposa. E depois fomos almoçar.

3.9 ORILDO

Orildo Nunes Pinto, tem 40 anos de idade, nunca morou fora da comunidade, circula na cidade apenas para resolver questões burocráticas e fazer compras. Mantém a família usando os recursos naturais sem destruí-los. É extrovertido, gosta de receber bem as pessoas em sua casa.

Eu nasci aqui, me criei aqui, Graças a Deus! Construí minha família, hoje a gente vive tudo aqui, numa boa, Graças a Deus, sem problema. A única coisa aqui, que perturba é quando a gente tá doente, porque não tem médico pra socorrer a gente, mas tem Deus no céu... Porque com fé em Deus a gente fica bem. E pra sobreviver também que é mais difícil, porque a gente tem que pegar no pesado, quando a minha mulher trabalha ali na escola, tinha o salário dela e ajudava, agora é só o meu ganho de serrar madeira para fazer casa, roçar mato, roçar de facão, tudo a gente faz... Faço também algum trabalho de carpintaria e vender também alguns peixes quando dá, mas isso é difícil, trabalho mais com moto serra, também a mulher ajuda muito no trabalho de torrar farinha, Graças a Deus! A gente vive tranquilo, o único problema é quando ta doente mesmo, que a gente fica preocupado... Mas, logo, logo, meus filhos, a minha mulher, meu pai, minha mãe se recupera, aí fica tudo bem de novo... Então é isso que acontece. Aqui é um lugar bom Graças a Deus! Tem muito peixe! Caça! Quando a gente ta enjoado de comer peixe, caça do mato, a gente compra frango, carne de boi aí vai passando... Graças a Deus... Não falta nada em casa.

Também tem as outras atividades que fazemos que faz parte do nosso modo de vida no dia a dia. A gente faz roça, torra farinha, faz milharal, pesca, caça, joga bola. Todo ano a gente faz essas atividades aqui, tendo saúde a gente vai em frente, com fé em Deus e nossa senhora! E agora também, ultimamente, teve a retomada do trabalho com essa seringa, que estava dando seis reais o quilo, então, pra gente era uma ajuda porque todo pouco é muito pra gente. Todo pouco é muito! Então, a gente estava sem trabalho por aqui, aí veio o incentivo pra gente voltar a trabalhar com a seringa. Voltaram a comprar borracha e a gente estava animado cortando seringa também... Era seis reais o quilo, então a gente pensou que ia em frente, eu acho que todos nós estávamos cortando aqui no Uruapeara, pra gente foi uma boa. Então, a gente esperava que fosse pra frente, melhorasse a situação. A partir de Janeiro, se Deus quiser! Tem a castanha também, que é trinta reais a lata, e aí a gente vai passando... Devagar vai indo. Nós esperamos em Deus que esse retorno do trabalho com a seringa fosse pra frente pra melhorar as coisas também, mas eu mermo parei, porque abaixou o preço, tá 1,50 e aí não tem como... Mesmo assim, ainda tem uns continuam cortando. A associação continua, mas com esse preço baixo como é que o cara vai contar?

Nasci e me criei aqui no Uruapeara. Meu pai, minha mãe e meus irmãos, tudo nasceram aqui. Meus irmãos foram embora para estudar, hoje eles tem o trabalho deles na cidade de Manaus, tem um que se aposentou agora, que é sargento do exército, só eu

mesmo que fiquei aqui, trabalhei um tempão ali na dona Laura de caseiro, com minha carteira assinada por nove anos, aí depois eu parei, acertamos, Graças a Deus! E aí eu fiquei trabalhando, assim de diária mesmo, e agradeço a Deus por tudo que ele me deu. Agora estou com saúde, Graças a Deus! Então é isso que a gente pede a Deus, que ele dê saúde... O resto é conversa!

Meus irmãos saíram daqui para estudar e já ficaram morando pra cidade, porque arrumaram emprego lá, eu não quis sair e fiquei aqui no trabalho da roça. A gente faz farinha pra vender e pro nosso sustento. Pra vender é mais difícil. Não adianta fazer muita farinha pra vender, porque o pessoal aqui quer pagar muito barato a farinha, aí quando a gente vai pra cidade, a gente faz, assim, um saco, dois sacos, pra vender de cinquenta reais a quarenta e cinco reais, mas a gente não sobrevive assim, de vender só farinha mesmo... Nós fazemos farinha mais pro mantimento da gente, pra gente comer que a gente faz. Além da farinha que a gente torra, sai também, a tapioca, o beiju, que a Vanda faz e é só isso mesmo, tapioca, o beiju e a farinha mesmo que faz parte da nossa alimentação.

Eu nunca sai daqui porque eu gosto daqui, meu pai vive aqui com a minha mãe e eu construí minha família aqui, então, Graças a Deus! Não foi preciso eu sair pra ir trabalhar pra longe, porque aqui mesmo a gente passa, Graças a Deus, não passa como rico, mas não falta nada pra nós comer e beber... Pra comer e beber tem muito, Graças a Deus! Meus pais estão aposentados e já estão velhos também... E eu não saio daqui, porque quem dá de comer pra eles, sou eu. Eles têm o dinheiro deles pra se manterem, mas eu to falando, assim de alimentação nossa, do peixe e da caça, porque sou que pesco e caço para minha casa e para a deles. Aí se eu sair, já fica difícil, assim, pra alguém, tá matando alguma caça, dando, direto pra eles e mermo ainda não foi preciso, meus filhos estudam aqui, tem até o ensino fundamental, e ainda não foi preciso, mas eu acho que um dia vai ser, porque eles também vão dar continuidade nos estudos e aqui não vai ter um estudo suficiente pra eles também, os estudos aqui é meio fraco e no futuro se quiserem algum emprego melhor também não tem. Até agora dá de ir passando até se, Deus quiser, terminar o estudo aqui pra eles, pra depois ir pra cidade, porque lugar a gente tem pra ir, tem meus irmãos, que tem casa em Manaus e em Humaitá. Então eu não saí daqui, porque eu gosto daqui mesmo, e meus filhos ainda estão estudando, mas quando terminar os estudos aqui, aí eu acho que vou ter que ir pra cidade, não sei pra onde, pra Manaus, Porto Velho, pra algum lugar aí...

O que eu gosto daqui é o do lugar mesmo, que é um lugar bom. A gente mora sossegado, dorme até de porta aberta, se for preciso, porque não tem violência e é assim do silêncio. Até porque quando eu chego à cidade, a gente fica com medo do que acontece, porque tem muita violência e aqui não. É um lugar bom, Graças a Deus! Sem violência e, é por isso, que gente gosta daqui... Eu gosto também daqui, porque a gente joga bola todo dia... Pra gente é um prazer, estando com saúde, nossos colegas vive tudo aqui também jogando bola... E é um prazer a gente tá todo dia jogando bola aí, brincando, apostando refrigerante, porque sem apostar os meninos não gostam mais de brincar, tem que apostar refrigerante, então é, por isso, que eu gosto daqui, do silêncio e por não ter violência, Graças a Deus! Vivemos aqui sem violência...

Nós vivemos bem entre as famílias daqui até ali no Jamari, onde mora o Maga... Nesse pedaço que mora eu com minha mulher e meus filhos, meus pais, dona Laura, dona Maria, lá para o outro lado o Pedro que é casado com a irmã da minha mulher e mais pra lá o Maga com a família dele. Eu acho pra mim que daqui pralí, até no Maga, a gente é bem unido, por que a gente vive sem problema, agora, pralí pra ponta, como a gente chama pra lá, é mais diferente... Mas isso foi porque eles queriam que essa igreja aí, a Santa Cívita que tem aí na Vista Longe, um lugar onde sempre teve a igreja, eles queriam que fosse já passar pralí, pra onde não é um lugar da missão... Então eu acho que isso não pode acontecer em comunidade, o que pode acontecer é a gente ser unido e tocar o barco pra frente, não querer ser, às vezes, rígido com as pessoas, querer ser brabo! Com relação às outras coisas, Graças a Deus! Todo mundo é na paz, só isso aí mesmo que tem essa parte dessa desunião... Mas, isso aí a gente não liga não.

A maior parte das pessoas que vivem aqui são daqui mesmo. Eu acredito que tem muitas pessoas daqui que hoje se formaram, vamos dizer em médico, professor, as coisas já, assim, mais grande! Tenente, Sargento, que nem meu irmão... São tudo pessoas que vão daqui. Até a gente tava comentando que se o pessoal que saiu daqui voltasse tudo, o peixe e a caça não daria mais, por causa que era muita gente que era daqui. A gente tava fazendo essa brincadeira, mas tem mesmo muita gente na cidade que é daqui, do Uruapeara, do interior... Mas, Graças a Deus! Quando voltam são a mesma pessoa... Então, é isso que a gente quer mesmo, que volte na boa e não faça como um ou outro que vai daqui e quando volta não conhece mais a gente. A gente acha é graça dessas pessoas assim. Mas tem muitas pessoas que vão pra cidade e quando voltam não ficam diferentes, chegam aqui e são as mesmas pessoas, Graças a Deus! Não muda nada, então é isso que a gente espera do povo que foram daqui.

A minha infância foi boa graças a Deus! Por causa que antes não tinha o que tem agora. Pois bem, antes não tinha uma televisão, não tinha o freezer. Vamos dizer, não tinha o computador pras crianças ficar ali ligada, antes só era lamparina, que eu acho que muitas pessoas conhece o que é lamparina. A mamãe fazia aquelas lamparinas de lata de leite ninho, aí ficava alumando, porque ficava muito escuro. Então eu lembro que antes não tinha esse estudo que tem agora, aqui, meus irmãos saíram daqui de casa com, dez anos pra Manaus... Porque não tinha estudo. Eu acho que a minha infância não foi muito boa não, por causa que, eu não aprendi na escola... Então, é por isso que, hoje eu pego no pesado, porque eu não tive estudo, que nem meus irmãos tiveram, porque naquele tempo não tinha o estudo que tem agora aqui... Hoje não os alunos saem daqui, eles já vão pegando algum trabalho na cidade, por causa do estudo que já tem aqui, e antes não, antes era até a quarta série e acabou, já era! Então, eu acho que a minha infância, não foi boa não, por causa, assim, do meu estudo, que eu não aprendi, mas não era que nem agora é aqui, que, Graças a Deus! A infância das crianças é melhor, por causa do estudo que tem. Aí hoje eles, Graças a Deus! Tem uma água gelada pra tomar, tem uma televisão, pra assistir e antes não tinha isso, quando eram seis horas, a gente tava já indo pro mosquiteiro, que era antes o mosquiteiro, não existia nem cama. Antes era uma palha assim que os velhos teciam e chamavam de esteira. Muitas pessoas conhecem o que era... Principalmente, as mais idosas e hoje não, tem já uma cama, um colchão pra deitar, antes a casa não era de madeira como é hoje, antes era uma casa de pachiúba, cercado de palha, hoje não... Graças a Deus! Ta tudo moderno e daqui pra melhor, se Deus quiser!

Rapaz a parte boa da minha infância é que eu apanhava demais! Eu acho graça disso, quando meu pai me pegava, Deus me livre! Eu acho que eu não tive infância boa não... Pra mim não... A melhor parte é essa aí, quando eu saía da peia do papai com a mamãe, porque eu era muito quieto! Eu aprontava várias coisas. Olha! Não tem a brincadeira de boi? Pois é, o pessoal brincava aqui e a única coisa que eu apruntei foi meter um pau nos olho da pessoa que tava fazendo a Katirina, era até a esposa de seu Lourival do seu Raimundo Pinto. Na brincadeira de boi a Katirina é a mulher do vaqueiro, ela fica grávida e deseja o boi predileto do patrão e faz o marido que era o vaqueiro de confiança do patrão matar o boi pra satisfazer seu desejo. Pois é, agora eu acho graça, mas na época meu pai me pegou e quase me mata de tanto bater. É meti um pau no olho da Katirina que, chega ficou bem vermelho, olha! Aí, eu saía aprontando, saía matando os pintos dos mais velhos, saía flechando a galinha dos outros, saía

jogando cachorro dentro do chiqueiro de porco, pra ver como eu era santo, e aí eu chegava, só dava pra quem? Pra mim, mas eu não estou arrependido do que eu fiz não... E hoje, Graças a Deus! Eu não sou mais o que eu era e meus filhos, Graças a Deus! Nenhum puxou pra mim, óh... Porque eu jamais quero que meus filhos façam o que eu fazia... Ave Maria! O que eu fazia era muito cruel! Brigava demais na escola, eu dava! Apanhava! Chegava em casa e ainda apanhava do papai pra quebrar meu galho. Então é isso... Eu estou contando isso e estou só rindo, porque agora é engraçado falar dessas coisas que eu aprontava. Eu brincava muito de bola, mas qualquer coisa a gente tava brigando. Aquela briga de colégio mesmo, mas não dava pra outro, só dava pra mim mesmo, era eu chegar em casa, que a professora mandava dizer pro papai... Aí eu já entrava na peia... Mas Graças a Deus! Eu estou vivo até hoje... Sem problema...

Eu tinha muitos amigos e só eram amigos que nem eu, só amigo que gostava de brigar. A gente não estudava de primeiro... A gente não estudava nem no colégio sabe! A gente estudava dentro da igreja... Aí tinha uma professora, a professora era Raimunda, ela quebrava a régua na nossa cabeça... Aí uma vez, nós derrubamos até uns santos por lá, brigando... O santo caiu de cabeça na terra, uns até quebraram. Eu quebrava a perna do óculos da professora... Eu virava mesmo o zezu na escola... E aí meus amigos eram quase tudo que nem eu... Assim, traquino mesmo! Como diz a minha mãe, mas Graças a Deus! Chegamos a conclusão que eu melhorei, se não, se eu brigasse, como eu brigava antes, eu acho que hoje eu não estaria mais nessa terra não, nesse mundo... Mas Graças a Deus! Hoje sou outra pessoa já.

Pois é, é isso que acontece... Hoje Graças a Deus! A gente vive na paz, tem os meus amigos, meus colegas, todo mundo gosta, assim, de mim, porque eu gosto de adomar as pessoas, mas se fosse como antes... Ave Maria! Queriam era distância de mim!

Era uma diversão pra mim, ir com o papai pescar... Na verdade a gente saia de madrugada pra pescar umas quatro e meia da manhã e eu ia dormindo na polpa da canoa, por aí. Quando eu era moleque, quando eu via peixe eu ficava querendo flechar, mas só o papai que queria flechar, aí eu ficava, assim, preocupado, eu digo, - Pô, será que um dia eu vou aprender a flechar? Mas aí eu cresci mais, aí eu cheguei até matar ainda, trinta e cinco jatuaranas de flecha, aí quando eu chegava aí na beira o pessoal tudo me chamava de Pirahã, que é um povo indígena que vive pra cá pro lado do Ipixuna. O pessoal me chamava de Pirahã, porque eu sou bom pra pescar com flecha. É muito difícil eu errar uma flechada, sabe? Depois que eu cresci pratiquei bem, assim, a

flechar mesmo! E quando eu vejo um peixe, é muito difícil eu errar ele, tem que vir comigo mesmo, oh, aquele peixe. Eu não gosto de pescar de caniço, e nem de outra coisa não, não é a minha praia, só mesmo flecha. Flechar jatuarana, tucunaré... Com outras coisas eu não gosto de pescar, eu preciso de caniço, porque, às vezes, não tem como pescar de flecha, mas a minha praia mesmo é a flecha! E aí eu não uso malhadeira, não uso espinhel, só na flecha mesmo e gosto de flechar jatuarana, quando é tempo delas...

Rapaz, aqui tem várias festas, de vários santos. Aí tem a festa de nossa senhora do Rosário, que tá chegando aí, dia doze de Outubro se, Deus quiser, tem aqui na comunidade Santa Cívita, tem ali no Centenário a de São Sebastião, que é dia dezanove de Janeiro, ele é o padroeiro daqui do Uruapeara. Dá muito gente, lá nas duas noites de festa, dá gente mesmo! E não tenha quem não goste de vim no Festejo de São Sebastião, porque é a melhor festa que tem dentro do Uruapeara, é a do São Sebastião, então as pessoas se aproximam muito aqui do Uruapeara e tem pessoas que não querem nem voltar mais para as suas casas, por causa do lugar que é um lugar bonito, as pessoas se encantam em ver as paisagens, então tem muita gente de fora que vem aí na festa e não quer mais ir, por causa das coisas que tem aqui que elas acham bonito.

O Festejo é assim, Tem leilão... Tem as bonecas vivas que eu chamo, as bonecas vivas são as crianças, o pessoal que tá organizando o Festejo pede dos pais os filhos para ser boneca viva para arrecadar dinheiro, a que arrecada mais dinheiro pro santo fica em primeiro lugar, aí elas também ganham um prêmio, tem bingo, tem a cerimônia do gambá que chamam. Agente bate o gambá nos Festejos, na verdade eu até também bato o gambá aqui na Cívita no Festejo de São Raimundo no mês de Agosto. Nesse Festejo pessoal me chama pra bater gambá aí eu vou, tem a dança do seringandôr, que é de lei ter mesmo o nosso seringandôr, em todas as festas quase tem...

Pra gente é um prazer ter essas festas aqui no Uruapeara. Que desde muito tempo, tem essas festas aí... A gente vai lá também curtir a bagaceira... Tem duas noites de festa, tem muita dança, muita mulher e a gente chega lá e se anima com tanta mulher, até eu ainda agarro alguma por lá, ainda, a Vanderleia sempre tá por aí no pescoço, mas não tem boca não, aqui e acolá eu dou uma fugida, por aí também. Estou falando isso só na brincadeira pra gente rir um pouco. A gente na verdade, vai pra lá trabalhar vendendo churrasco. Eu estava até pensando em comprar uma casa lá de um cara pra eu ficar lá pra fazer churrasco no tempo do Festejo, mas resolvi comprar uma barraca que é melhor, porque aí eu posso levar para outros Festejos. Estou criando uns porcos aí pra

fazer churrasco pra vender lá no Festejo de São Sebastião, se Deus Quiser! No ano de 2013 eu não fui vender nada lá, porque a gente estava organizando melhor as coisas. Vem muita gente aí nas duas noites de festa e mesmo que dê bastante gente com barraco vendendo as coisas, todo mundo consegue vender bem, dá três mil reais, dois mil e quinhentos de venda de churrasco. Um ano eu fiz um barraco lá, eu fiz dois mil em duas noites, vendendo churrasco, refrigerante, cerveja e outras coisas também... Dá bem dinheiro lá. Então, a gente espera esse dia chegar pra gente tá lá novamente, se Deus quiser!

Eu participo dos Festejos desde criança, mas só que quando eu era criança, eu só ia pra apanhar pra lá. O pessoal me batia demais pra lá, porque eu era muito pra frente e hoje não, Graças a Deus! Hoje eu vou curtir mesmo pra lá, com a minha menina, minha mulher e meus meninos... Nesse tempo todo participando dos Festejos eu nunca fui dos que dançam o seringadôr. Eu nunca dancei a dança do seringador não, mas se for pra dançar, a gente dança, porque a gente também entende.

Eu vivo aqui desde quando eu nasci aprendi a viver com o que a gente produz na roça, e o que a gente tira do rio e da floresta, mantendo o meio que a gente vive e da onde tiramos nosso sustento. O meu nome completo é Órildo Nunes Pinto, mas o pessoal me conhece por Nunes ou por Pinto, minha família é grande, Graças a Deus! Na verdade eu tenho muitos parentes também em Porto Velho, porque a família dos Pinto é uma família grande, Graças a Deus! É uma família limpa. Pra mim foi um prazer falar do nosso Uruapeara e saber que muitas pessoas poderão conhecer nosso lugar por meio do que eu falei, lá em Porto Velho mesmo tem um monte de gente que me conhece... Tem até, aliás, uma professora, que mora lá, a Ivanete, que eu estudei muito tempo com ela... Então se esses conhecidos e essa professora ver o que eu falei, sei que eles vão gostar.

A mulher de fora que se torna de dentro

Os contextos de produção da narrativa de Vanderléia, mencionada no contexto da narrativa da dona Laura como Vanda, irmã da Tina, foram os mesmos do Orildo, seu marido. O que se diferencia é a narrativa que apresenta suas especificidades do lugar da mulher que vem de fora e torna-se da comunidade não apenas por meio do casamento, mas também pela aquisição dos modos de fazer tradicionais repassados pelas mulheres mais velhas.

Vanda com jeito tímido se apropria da fábula do príncipe encantado para falar da sua história com seu marido. Por meio da fábula sintetiza seu encontro, seu amor e sua vida ao lado de seu amado. A narrativa de Vanda é curta, mas dá conta de apresentar uma percepção sobre a comunidade.

3.10 VANDERLÉIA

Vanderléia Maria Castro da Silva, é do ano de 1973, nasceu no Estado do Maranhão e migrou com a família para o Estado de Rondônia e posteriormente para o Uruapera no Estado do Amazonas, onde formou família, agregou os valores culturais e vive até hoje. Vanda soube entrar e fazer parte dos modos de fazer e ser das tradições e é reconhecida pelos seus fazeres do trabalho na roça e das comidas tradicionais, mesmo vindo de fora, tornou-se de dentro.

...Me apaixonei e eu e o Zeba ficamos juntos. Com uns cinco anos a gente casou, aí veio vindo os filhos...

Eu vou falar um pouco sobre a minha vida. Eu vim de muito longe, para uma terra muito distante que é aqui o Uruapera. Eu vim do Maranhão. Morei um tempo em Porto Velho, aí vim passear aqui junto com a família da esposa do meu irmão que são daqui, e aí eu achei meu grande amor, e por aqui eu estou... Construí uma família e aqui estamos vivendo, felizes para sempre! Como diz a história. Ficou engraçado o jeito que eu contei esse começo da minha história, mas é assim que eu vejo que as coisas aconteceram. Foi como essas histórias que a gente escuta contarem. Pois é, aqui, meus filhos já estão grande, já me ajudam, minha primeira filha é do ano de 1996. Antes de eu me casar, morava eu, a minha mãe, meus irmãos, todos juntos num lugar ali pra dentro, para o Jará, onde hoje é a casa de farinha e as roças. Minha mãe, que hoje não é mais viva e meus irmãos foram todos embora, só ficou eu, porque eu não quis ir embora pra lá para onde eles foram. Minha vontade foi ficar aqui morando mesmo, porque eu gostei da terra, gostei das pessoas, fiz amizade com todo mundo... E aí, passou um tempo, minha irmã veio morar aqui, aí eu fiquei mais ainda feliz, porque aí não tinha mais como dizer que era só eu que morava aqui, da minha família. A minha irmã mora ali pro lugar da família do marido dela, agora tem ela, meu cunhado, meus sobrinhos que fazem parte da minha família...

Bom, eu cheguei aqui em 1992... Aí fiquei solteira um ano, e como já contei, já me apaixonei e eu e o Zeba ficamos juntos. Com uns cinco anos a gente casou, aí veio vindo os filhos, aí o quê que a gente poderia fazer? Era continuar a vida, né? A gente não ia se separar e deixar os filhos, passou, passou o tempo... Aí eu arrumei um trabalho ali no colégio. Fiquei muito feliz quando estava trabalhando nesse colégio daqui da Santa Cívita, porque tinha alguma coisa pra fazer fora pra ajudar na renda. Mesmo que eu não dependesse só dele, pois, também tenho meu trabalho na roça, o que deixava feliz também nesse trabalho eram as crianças, porque eu gostava muito das crianças lá da escola e elas gostavam de mim, que eu sei...

As crianças da escola onde eu trabalhava gostavam muito de mim e é, por isso, que eu passei um ano sem trabalhar, porque meu contrato não tinha sido renovado, mas depois renovaram e eu continuei a trabalhar de novo... Teve gente que se inscreveu mais não conseguiu a vaga, porque eu era prioridade, porque a vaga era pra quem tinha mais ano de trabalho e pra quem fosse da comunidade e já tivesse trabalhado na escola. Então continuei trabalhando, mas quando foi em 2013 não renovaram meu contrato e contrataram outra pessoa que também é daqui da comunidade. Na época que eu trabalhava no colégio eu fazia a merenda das crianças e limpava à escola. Além de fazer esse trabalho eu continuava ajudando meu esposo na roça, onde a gente faz uma farinha, e vende pra comprar alguma coisa. Eu não esperava só do meu salário. Agora que eu não estou mais nesse trabalho continuo fazendo o que eu já fazia na roça, porque sim, eu aprendi a fazer tudo sobre roça...

Eu me casei com uma pessoa daqui do Uruapeara aí eu tive que aprender a fazer as coisas que eram feitas aqui. Eu não sabia fazer nada que as mulheres daqui faziam, aprender com elas foi uma experiência boa, por causa que, tudo que eu quis aprender eu aprendi. Eu me esforcei e aprendi, por exemplo, eu não sabia fazer farinha, eu ajudava, mas eu nunca tinha ido para o forno pra torrar farinha... E um dia eu disse: - Ah! Eu vou tentar fazer e aprendi. Agora eu faço farinha direto; torro tapioca, faço beiju, tudo isso que eu nunca sabia fazer, eu aprendi... Tudo de roça que os velhos sabiam, eu sei fazer...

Sobre as festas que fazem parte da tradição daqui eu também passei a fazer parte. Botei meus filhos na irmandade. E tinha que fazer a comida pra dar pro pessoal e a gente fazia pra dar livremente, não era pra vender, era pra dar! Pro pessoal encherem o bucho! Então a gente fazia a janta, o café da manhã com biscoito doce, dos tradicionais. Tudo de roça a gente dava e era uma experiência

muito boa. A irmandade é assim, quando tem uns Festejo dos santos, por exemplo, o da santa Cívita, aí a irmandade dela que é formada por pessoas da comunidade, trabalham na festa e oferece as comidas. Nós temos que botar um dos nossos filhos pra ser juiz da festa ou então do mastro, aí a gente tem que fazer aquela festa! Do momento que a gente mete o filho na irmandade, que ele sair juiz, a gente já tá com o compromisso, de dar o almoço, a janta e o café, e principalmente, o que o santo precisa que é vela, e arrumar a igreja pra ficar enfeitada e tudo mais...

Para quem não sabe o que é mastro, é um pau que é erguido uns dias antes do dia do santo padroeiro do Festejo, nele tem as nossas produções, banana e outras coisas que a gente planta. No último dia do Festejo o mastro é derrubado.

Das coisas que eu aprendi, além de torrar farinha foi o biscoito de massa de mandioca, que é feito desde o tempo das mulheres mais velhas, eu posso dizer, que realmente eu aprendi só... Porque só me deram as dicas. Foi uma das mulheres mais velhas que me deu as dicas de como fazer, a dona Dolores, ela dizia assim pra mim: “Minha filha, quando a pessoa é interessada já basta ela olhar que aprende, porque num adianta a gente olhar e num ir fazer e só ta esperando pelos outros. Se tu quer aprender, tu faz a massa, aí tu aprende... A gente erra uma vez, torna a fazer de novo que a gente um dia acerta”, assim, foi pra mim aprender a fazer do biscoito doce, eu não sabia aí ela me ensinou, me deu as dicas e eu fiz, aprendi, pronto...

Para fazer os biscoitos, principalmente, o doce, tem que ter o polvilho seco, os ovos, a manteiga, o leite, a erva doce, tudo isso leva no doce. Tem um jeito diferente de fazer, que é na fôrma, tem o fogão, só que a gente só assa aqui na forma de barro, que é coberto com o alumínio em cima, com o zinco, pra poder botar a brasa em cima, que é pra assar... Do jeito que coloca o biscoito doce pra assar é também como faz o biscoito de sal, só que ele leva menos coisa, leva só castanha, leite, óleo e só. Essa fôrma de barro é feita por uma mulher que mora em outra comunidade, só ela que faz essa fôrma e outras panelas de barro. Todas mulheres das comunidades daqui do Uruapeara vão lá comprar dela, mas agora ela não está fazendo mais, ela levou uma picada de cobra e quando estava se recuperando o marido dela também foi picado por cobra e morreu e depois disso, ela disse que não ia mais fazer as panelas de barro.

Bom! O meu dia a dia aqui é assim... Durante a semana eu trabalho, de manhã eu vou pra minha roça, eu vou fazer... Eu vou capinar, vou por uma mandioca ná'gua, quando num é por uma mandioca n'água, é lavar uma massa, mas

minha vida é na roça... Não é todo dia, mas quando a gente vai trabalha bastante... Antes quando eu trabalhava na escola eu ia pra roça pela manhã e à tarde eu ia pro colégio, dá uma hora até as cinco horas da tarde. Eu fazia a merenda e só vinha de lá, quando eu deixava tudo limpo. Isso era a semana toda. Hoje meu trabalho é na roça e quando meu marido sai pra vender as coisas durante os Festejos do Uruapeara e das outras comunidades eu vou junto com ele. Dia de sábado pela manhã, a gente fica em casa arrumando a casa, lavando uma roupa, varrendo o quintal e domingo, é o lazer. Antes quando tia praia dia de domingo a gente sai com as colegas, pra conversar, bater uma bolinha, ir pra praia quando tá no tempo de sair as praias aí na beira do lago, e aí, chega a segunda feira de novo, e começa a mesma rotina... Mas dia de domingo tem a celebração, primeiro vamos à celebração pra depois irmos aos outros bate papos. Sei bem que agora a paria nem está saindo como antes, depois da inundação a água do lago não quer baixar a forma como baixava do primeiro. Mesmo, assim os meninos e as meninas estão indo agora lá pra Floresta no Ipixuna para brincarem de bola pra lá. E a gente sai de vez enquanto pra visitar um parente ou um conhecido, ou mesmo pra ir a Auxiliadora resolver alguma coisa.

Eu tenho cinco filhos, a Ketlen, Bruno, Eduardo e o Wesley. Até agora, Graças a Deus! Eu não tenho o que reclamar dos meus filhos, por causa que, eles me ajudam bem. Minha filha ela não gosta muito de roça, mas em casa é uma bela menina, quando eu chego, tá tudo arrumando e a comida pronta. O que ela gosta de fazer é ir pro colégio, estudar... Mas os outros me ajudam bastante, na roça, Graças a Deus! Que eles são uns meninos obedientes. Eu agradeço muito a Deus e peço que ele faça com que eles sejam sempre assim... Cresçam não me dando dor de cabeça.

Eu gosto muito de morar aqui, a minha vontade é morar aqui até quando não tiver mesmo mais estudos para os meus filhos, aí a gente vai ter que procurar viver na cidade pra eles estudarem, porque o estudo hoje em dia, é a coisa mais importante. É importante para os filhos da gente, eu não tive essa oportunidade, mas eu quero que eles tenham essa oportunidade de estudar, para um dia eles serem alguma coisa na vida. Bom... Eu quero que eles cresçam e se formem em alguma coisa pra não ficarem aqui só trabalhando na roça, não. Eu falo pra eles, assim: - Meus filhos vocês tem que estudar para um dia vocês serem uma coisa boa... Pra vocês serem um médico, um professor, serem o que vocês quiserem pra me ajudar um dia, quando eu tiver mais velha, porque não adiante vocês, tarem aqui, terminar a aula de vocês e ficarem aqui na roça, trabalhando. O quê que vai importar? Eu só

quero que vocês, aprendam bem as coisas, que é pra um dia a gente ter orgulho de vocês.

Bom... Se eles se formarem e quiserem ficar aqui... Aí vai ser o critério deles, por causa que, eu não vou obrigar eles não quererem ficar aqui na terra deles, mas eu tô lutando para eles estudarem e ter um futuro melhor. É só o que eu desejo pra eles, que eles estudem e tenham um futuro melhor, porque o que eu sei eles já sabem mais do que eu, então, o que eu sei não vai dar mais pra ensinar alguma coisa pra eles... Por que eles já sabem.

Eu só sei dizer que eu sou feliz aqui com minha família, com meu sogro, minha sogra, minha irmã que mora ali, meu marido, Graças a Deus! Nós somos felizes e eu espero em Deus que nós continuemos assim sempre, unidos e felizes, que é o que importa! E que a gente tenha muita saúde, muitos anos de vida...

4. HUMAITÁ²³

Humaitá é um município do Estado do Amazonas, mas geograficamente fica mais perto do Estado de Rondônia. Saindo de Porto Velho para Humaitá gastamos em média três horas de viagem. Todas as vezes que fui para o Uruapeara, fui de carro ou de ônibus até Humaitá para de lá pegar o barco, mas antes parava na casa da minha tia Cila e na ida ou na volta ia visitar minha tia-avó Maria e me encontrava com a família Mura.

Cada vez que fui ao Uruapeara ia notando que Humaitá era um espaço de vivências das famílias que vivem no Uruapeara e das que se deslocaram de lá. Durante todas as viagens feitas de barco sempre há pessoas que vão e que vêm do Uruapeara para o Humaitá, e de Humaitá para o Uruapeara. A dona Maria e seu Joaquim que me acolheram em sua casa na minha primeira ida ao Uruapeara são dessas pessoas que vieram lá, passaram a morar em Humaitá e passam temporadas no seu lugar lá no

²³De acordo com os dados oficiais Humaitá foi inicialmente em 1888 a sede da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Beem de Humaitá. Tornou-se distrito com a denominação de São Francisco do Rio Madeira por meio da Lei N.º 686, 02/06/1985, subordinado ao Município de Manicoré. Pelo Decreto n. 95-A de 10 de abril de 1981 foi criada a Comarca de Humaitá e em outubro de 1894 delegada a categoria de cidade. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun> . Mesmo com todas as leis e novas criações de espaços e os etnocídios e genocídios, Humaitá continua sendo um espaço indígena.

Uruapera. O maior fluxo de pessoas indo e vindo é no final do mês para receberem suas aposentadorias, seus salários e as bolsas do programa do governo Federal, e no período de Festejos dos santos, principalmente o Festejo de São Sebastião que acontece no mês de janeiro, na comunidade Centenário.

Humaitá é o espaço onde se dão as relações de afinidades e parentescos, pois as pessoas que vêm do Uruapera para fazer tratamento de saúde, fazer algum documento no cartório, receber sua renda mensal, fazer compras ou mesmo passear, ficam na casa de um parente sanguíneo ou de afinidade, mãe, pai, irmã, irmão, tia, tio, prima, primo, compadre, comadre, afilhado, afilhada, ou algum outro conhecido, assim, também acontece quando os que vivem em Humaitá vão para o Uruapera. Na primeira fase de trabalho de campo vivenciei a aproximação com os Mura sendo convidada para os almoços e ganhando presentes indígenas, e na casa da minha tia Cila sempre tive a sensação de estar em casa ouvindo falar de meu bisavô e degustando os sabores das nossas comidas tradicionais, onde iam se revelando uma cultura alimentar indígena.

Durante a pesquisa às vezes no trajeto feito de lotação de táxi indo de Porto Velho à Humaitá coincidia de viajar junto com algum morador de alguma comunidade aos arredores de Humaitá que me contava sobre suas realidades, ou com algum professor universitário disposto a conversar sobre as problemáticas da região. Numa dessas viagens tive a oportunidade de conversar com um morador da comunidade Lago do Antônio e com um jovem professor de engenharia ambiental no campus da UFAM.

No decorrer da viagem eu e o professor de Engenharia Ambiental fomos conversando sobre os problemas ocasionados pelas hidrelétricas na Amazônia, a plantação de soja e demais projetos desenvolvimentistas. Eu com o discurso de resistência, ele com o discurso técnico, embora ele tenha demonstrado admiração pelo recente projeto de engenharia da ponte no rio Madeira, na travessia do rio para a estrada de Humaitá, substituindo a balsa, mostrou-se sensível às problemáticas enfrentadas pelas populações amazônicas.

Por estarmos falando das consequências dos projetos desenvolvimentistas na Amazônia o senhor do lago do Antônio se sentiu a vontade para comentar o problema que a sua comunidade estava enfrentando com pescadores predadores que estão pescando peixes pequenos de toda espécie, principalmente pirarucu, e segundo ele, são pessoas que vivem na própria comunidade de Santa Luzia que vão pescar badeco, que são peixes de até 5 quilos, pescam de 50 badeco, pegam também com a malhadeiras os bichos de cascos, que são as tartarugas e tracajás. Pedi autorização dele para falar sobre

o que ele estava nos contando no Programa Vozes da Amazônia que nós do Instituto Madeira Vivo realizamos aos domingos na rádio Caiari em Porto Velho, o qual se propõe ser um observatório da violação dos direitos na Amazônia. Ele autorizou e se mostrou satisfeito por ter sido ouvido.

Durante as passagens pela casa da minha tia Cila, após o almoço ela sempre atava uma rede para mim onde eu descansava e continuava conversando com ela que ficava na sua rede também se embalando enquanto falávamos dentre de assuntos familiares, momentos bons da vida que envolvia suas idas ao sítio da minha mãe e outras antigas lembranças. Foi num desses momentos que pela primeira vez ouvi alguém da família falar com mais convicção que meu bisavô materno era indígena. A tia Cila é mais velha que a mamãe, e por isso, tem mais memória dos tempos antigos da vida no Uruapera. Indaguei pra ver se saía alguma história que me fizesse saber um pouco mais sobre meu bisavô e enquanto embalava-me a ouvi contar que os homens mais velhos do Uruapera eram como esses velhos que vem da aldeia nos dias atuais para Humaitá, o meu bisavô e um parente dele eram do mesmo jeito que os indígenas que ela conheceu no tempo do seringal no Uruapera. Contou um pouco da relação dos indígenas com os homens do seringal, mencionou a relação de amizade e do aproveitamento dos seringueiros em relação aos indígenas, deu um exemplo, de uma vez que teve um Festejo e um indígena que estava lá bebendo com os seringueiros falou, enquanto bebiam, que sabia que o compadre dele ia lá roubar a castanha dele. E a assim as pistas da história indígena começaram a ser tecida.

A casa da tia Cila foi o espaço de conhecer pelos nomes e sabores das comidas indígenas, farinha de tapioca, açaí, bolinhos tradicionais de goma, bolo de macaxeira, bananas cumpridas verdes fritas, bodó de trigo, que não específico da Amazônia, mas lembra minha avó fazia pra gente merendar, peixe frito, cozido e assado, embora também fosse servido o frango, carne bovina, arroz, macarrão e feijão, as minhas opções eram pelo peixe com a farinha. Numa das merendas da tarde experimentei tomar chá de cidreira com leite e tapioca, senti um sabor do tempo do seringal. Na sua casa foi também espaço de estreitar relações de parentescos, com a própria família dela e outros com quem ela estabelecia relações.

Humaitá é uma cidade urbana às margens do rio Madeira já compreendida no sul do Amazonas. Com estabelecimentos que atendem as necessidades urbanas, porém numa das minhas estadas na cidade me surpreendi por perceber no bairro onde mora minha tia uma característica temporal amazônica de parar para descansar no intervalo

do almoço que vai do meio dia às 14h00min em que os estabelecimentos comerciais ficam fechados. Dessa vez ao tentar colocar carga no celular deparei-me nesse intervalo de tempo com o mercado e outras lojinhas por perto fechadas.

Observei ao andar pelas ruas e frequentando a praça da beira do rio Madeira em frente à catedral, onde foi feito uma academia ao ar livre, com uns banquinhos e uma passarela para caminhar mais próximo ao rio. Um lugar bem agradável, bem frequentado a noite para o usufruto do espaço, onde fui algumas vezes com Jéssica, filha da minha prima Auxiliadora, que na época tinha 12 anos de idade, outras vezes sozinha e sentia-me bem ao notar olhares de simpatia amazônica.

Nas proximidades da praça há o porto de embarque e desembarque de pessoas e cargas que chegam e saem da cidade via fluvial, seguem trajetos terrestres ou abastecem a cidade, como no caso das várias sacas de açaí que vem das comunidades. Esse novo porto foi construído em 2011 e na inauguração sofreu o impacto dos descarregamentos pesados e da aceleração dos desbarrancamentos causados pelo aumento da força dos banzeiros vindos da movimentação das intervenções feitas no rio Madeira, como no caso das Hidrelétricas em Porto Velho e Jirau, com isso, foi logo interditado para reforçar as estruturas voltando posteriormente o funcionamento.

Em Humaitá, mesmo não conhecendo as pessoas algumas falavam comigo, nas ruas e nos lugares públicos. A forma acolhedora das pessoas me olharem, a linguagem e os rostos amazônicos faziam sentir-me mais na Amazônia do que em Porto Velho. Num dos passeios no começo da noite na praça uma mulher ficou conversando comigo de forma simpática, ela nem me conhecia, mas só de ter me chamado de *mana* já gerou uma aproximação. Sinto falta disso no espaço urbano de Porto Velho, principalmente após chegada de tanta gente de fora que vieram para trabalhar nas hidrelétricas, são tantos rostos estranhos. Embora, haja os lugares em que pessoas locais ou não compartilham vivências culturais amazônicas, são pessoas engajadas em movimentos culturais e políticos que formam um grupo, na contramão de uma cidade que faz parte da Amazônia e na área urbana nem parece que é. Por, isso me sentia muito mais em casa estando em Humaitá do que estando em Porto Velho que a cada dia que passa se torna um caldeirão de dissolução do local.

Humaitá também faz parte dos espaços de circulação das pessoas ligadas ao Uruapeara e passaram a ter vínculos em Porto Velho. Entrando nessas vivências de circulação conheci os pais do Pedro, primo da minha mãe, que moram em Porto Velho. No início de Maio de 2013 na casa dos pais do Pedro, tratamos sobre o imposto do lugar

Traíra, pois seu pai, primo da mina finada avó, é o responsável legal pelo pagamento do Imposto das localidades ligadas a família que não são desmembradas, Traíra, I, II, Cabeceira, Tocador, Varre vento, entre outras, e deste a época dos mais velhos o imposto é dividido entre os herdeiros desses lugares, que passa de geração em geração. Foi lá nesse encontro com Pedro que fiquei sabendo que sua filha ia participar de um desfile em Humaitá, ele me contou todo orgulhoso que ela havia sido selecionada no desfile que aconteceu na Escola, lá no Uruapeara, na localidade Cristo Rei. Disse que ele mesmo havia feito os adereços indígenas para ela, cocar de pena de arara, brinco, arco e flecha. Comprometi-me com ele de fazer o registro da participação dela, e na comemoração do aniversário de Humaitá quando aconteceu o desfile desloquei-me para lá. Fui dia 14 de Maio achando que ia ser no dia 15, conforme Pedro havia me dito, mas ainda no táxi/lotação fiquei sabendo que a festa de aniversário do município iria começar naquela noite e o desfile seria nesse primeiro dia da festa e no segundo dia, seria apenas a premiação.

Assim que cheguei liguei para o número da Izonilda, filha do Pedro, para saber sobre o desfile, mas quem atendeu a ligação foi sua irmã mais nova, Izangela conhecida por Têco, ela me falou que a Izonilda, que prefere ser chamada por Kika, já havia ido para o local do evento e ela estava se preparando para ir, pedi para me esperar para eu ir junto com ela. Pedi da Auxiliadora para deixar sua filha, Jéssica, ir comigo, pois sabia que ela estava querendo ir. Na saída a tia Cila fez várias recomendações à Jéssica, para não sair de perto de mim e a alertou sobre os perigos, falou de casos que tem acontecido de meninas serem violentadas sexualmente e encontradas mortas, lá mesmo na cidade de Humaitá.

Passamos, eu e Jéssica na casa onde estava a Izangela que estava linda com um vestido preto com brilhos, fomos andando até a Rodoviária, onde estava montado o espaço da festa. Enquanto não começou o desfile, ficamos andando pelo espaço onde estavam os estandes de vendas e mostras culturais. Depois, quando iniciou o concurso de músicas de composição original ou de cantores locais, nos aproximamos para apreciar, fiquei o tempo todo atenta nas duas meninas que estavam comigo, Jéssica com 12anos, Izangela com 15. Encontramos dona Lindaura, irmã de criação da tia Cila e ficamos conversando.

A irmã e os primos adolescentes registraram o desfile da Izonilda com suas máquinas fotográficas e seus celulares, ainda assim, fiz os registros da participação dela, conforme havia me comprometido com o pai dela, a visitei no camarim para lhe dar um

abraço, ela ficou feliz em me ver. Achei que o desfile ia ser mais simples e apenas com as características indígenas, mas foi um desfile nos moldes capitalistas das grandes cidades, embora entre o figurino esporte e o de gala tenha havido uma das fases do desfile em que cada uma das meninas representou uma região da Amazônia, houve bastante investimento nas vestimentas, a menina que representou a cultura mato-grossense impressionou com seu vestido, carregando elementos culturais, na frente uma sucuri atravessada e a costa do vestido se transformava numa grande arara azul com asas acopladas ao braço, que possibilitou uma performance impressionante.

Além do Mato Grosso houve a representação do ouro antes da chegada do europeu no Brasil, a menina estava com vestido social tons de ouro e fios de ouro feitos de tecido do mesmo tom, ligadas de forma delicada ao vestido e aos braços, dando elegância para a performance. Houve uma representação de uma narrativa indígena que conta sobre uma filha de um cacique que havia decretado a morte de todas as crianças que nascesse na aldeia e quando sua filha engravidou teve que aplicar a lei para o seu próprio neto. Ela estava com uma indumentária que lembra as guerreiras da mitologia medieval, com símbolos da morte na armadura e um bastão sagrado, foi apresentada como Iansã que é um dos orixás presente no candomblé, nessa representação coloca-se a fusão da narrativa indígena com a religiosidade afro. Teve também, a Maria Bonita, que fez uma performance autêntica com sua espingarda.

A filha do Pedro representou a moça indígena com figurino de Kunhã puranga de boi bumbá, cocar vermelho, brinco e caneleira com penas artificiais, arco e flecha pequeno fixo nas costas e vestido de algodão cru com grafismos indígenas. Eu esperava que ela, uma Kunhã puranga da beira do lago do Uruapeara, fosse usar os adereços naturais feito pelo pai que ela usou no desfile na comunidade e que fosse fazer uma performance com o arco flecha. Ao contrário ela escolheu uma performance de top model.

Houve também, a representante da cultura paraense com vestido charmoso e a barquinha como adereço cultural, o desfile de traje regional foi encerrado com a representação da cultura do Estado do Acre, que valorizou a saga do seringueiro e trouxe como adereço a bandeira do Estado. Enquanto todas as luzes focavam as belas moças que desfilavam elegantemente no palco, algumas Cunhantãs e Kunhãs Tenharin e Parintintin acompanhadas de seus familiares assistiam as apresentações acanhadas e despercebidas meio a multidão... A apuração do desfile demorou, já era quatro da

manhã quando as princesas e rainhas foram coroadas, Izonilda não foi uma delas, mas não perdeu seu brilho e sorriso de Kunhã puranga.

Foi na participação de um evento escolar que me deparei com uma narrativa que é tomada pelas pessoas de Humaitá como referência a origem da cidade. Fui com a Auxiliadora na escola da Jéssica ver a sua apresentação numa atividade escolar. Ela foi narradora da peça “Mágico de Oz”. A peça foi readaptada e o foco foi para as habilidades pessoais que cada personagem queria adquirir, com uma mensagem de incentivo para os alunos desenvolverem suas habilidades. Houve várias atividades, peças e fantoches, por meio, delas foram apresentados os dados do regimento escolar. Estavam presentes, uma supervisora pedagógica da Secretaria de Educação e uma equipe do governo do Estado do Amazonas. Era uma reunião com a comunidade escolar para prestar conta da gestão.

Dentre as atividades houve uma apresentação teatral sobre uma narrativa indígena²⁴ sobre a mangaba. A narrativa trata sobre um indígena que morreu numa guerra e a lua o transformou num pé de mangaba quando o enterraram. Um dia uma indígena desesperada porque seu amado estava doente e quase morrendo, foi recomendada por uma indígena mais velha a pegar a folha da mangabeira, fazer o chá e dar para seu amado. Ela fez isso, e seu amado ficou bom e toda a aldeia Festejou. Fiquei surpresa com a apresentação dessa narrativa, porque eu não a conhecia e porque estava sendo apresentada na atividade escolar, que mostra sua importância na cidade.

A narrativa da Mangaba significa a cidade de Humaitá como a terra da mangabeira. A forma de representar o indígena foi uma reprodução do estereótipo passado pela mídia, o índio de sainha e a índia de sainha e bustiê, os dois com penacho na cabeça, dançando circularmente batendo a mão na boa e fazendo uuuuuuuu, e a narrativa foi colocada na categoria de lenda, ainda assim, percebi sua presença no ambiente escolar como um momento de referência da presença indígena e que mantém no subterrâneo a memória de que aquela cidade se mantém território indígena, pois mesmo com todos os estereotípicos a força da oralidade que traz à tona uma narrativa indígena se manteve na apresentação teatral.

Quando cheguei à casa da tia Cila, fui à busca de mais informações na internet sobre a narrativa da mangaba, a busca levou-me para um capítulo do livro “Princesa do

²⁴ Vejo nessa narrativa uma força simbólica no coração do indígena que se transforma numa árvore frutífera com folhas que curam e dão a vida, por isso, a chamei de narrativa indígena, sem me preocupar com as classificações que distinguem uma narrativa entre lenda e mito.

Madeira: Os Festejos entre populações de Humaitá-AM”, uma dissertação de mestrado desenvolvida por Terezinha Corrêa e publicada em 2008, pela Humanitas, o capítulo se intitula “A “Princesa” e a mangaba.” Para mim foi uma achado, os dois primeiros parágrafos do capítulo a autora fala da sua da sua degustação da mangaba, da descoberta narrativa da mangaba e da sua interpretação:

1. “Humaitá é igualmente conhecida como “Terra da mangaba” fruta típica da região, que era encontrada ao longo do rio Madeira, mas que, atualmente, está restrita à mata. Há um ditado que diz: “Quem come mangaba não vai embora de Humaitá” ou “Quem come mangaba aqui se acaba”. A fruta lembra uma manga pequena e, após prova-la em forma de doce que me foi oferecido achei o gosto semelhante ao da cajá-manga. 2. Num dos livros de escola da terceira série, o de estudos sociais soube da “lenda da mangaba”, que relaciono como parte das tensões nas relações sociais de Humaitá. [...] (CORRÊA, p. 221, 2008)

Nesse trecho também é marcado a presença da narrativa num livro escolar, o que indica a apropriação oficial para torná-la um ponto de referência de origem da cidade, mas criando um distanciamento, como se estivesse falando de um indígena de outro lugar. Além desse livro, encontrei também uma postagem no blog de Valéria Macoli, postada em 09 de Setembro de 2010 às 20h17min. Que remete a narrativa ao Nordeste:

“A mangaba é um fruto do Nordeste que foi adaptado facilmente nos campos naturais do município devido às condições naturais propícias. Sua produção chegou a ser grande no passado, motivo pelo qual Humaitá passou a ser chamada Terra da Mangaba. Da mangaba se faz saborosos licores, geleias e compotas. Atualmente as poucas mangabeiras que existem produzem muito pouco. Conta a lenda que um índio muito corajoso chamado Djaí, lutou inúmeras vezes para defender a natureza e protegeu principalmente a seringueira que os homens brancos estavam destruindo. Numa dessas lutas foi ferido e morreu, sendo abençoado pela lua. Do seu coração brotou a mangabeira que se tornou uma árvore sagrada para os índios, dando frutos doces e polpudos, cujo leite se parece com o látex. Um dia uma jovem índia chamada Ytaciara estava desesperada para salvar Koara, seu grande amor, que estava para morrer. Uma velha índia ensinou Ytaciara a preparar um chá da folha da mangabeira para o seu amado. Ao tomar a chá Koara sobreviveu e todos conheceram o poder de cura da planta”.

O que me chamou a atenção é que nessa versão os nomes das personagens são apresentados e que embora a fruta seja remetida ao nordeste os elementos são da Amazônia, o látex que é retirado da seringueira remete a vinda dos nordestinos para a Amazônia, para trabalhar na produção da borracha no período da segunda guerra mundial. Comparando as três versões da narrativa, a da apresentação teatral, a do livro e a do blog, percebi que na primeira e na segunda a fruta é local e a narrativa significa a origem de Humaitá como terra da mangaba, na terceira a fruta vem de fora e torna Humaitá a terra da mangaba. Na minha interpretação a mangaba é o

próprio símbolo da ocupação dos Mura no rio madeira e seu processo de aniquilamento pela colonização. Que antes ocupavam todo o madeira e depois se fragmentaram, se introduziram nos modos de vida das comunidades que foram espaços de seringais, mas diante da morte do povo, alguns grupos retomam suas referências Mura no interior da floresta Amazônica, às margens de algum lago ou rio.

O encontro com a narrativa da mangaba foi uma pista que me levou a perceber uma forma de ser mantida a referência indígena de Humaitá. E na conversa com Joabi Mura no dia posterior para fazer a conferência de sua narrativa, comentei com ele sobre essa minha descoberta e disse que só não sabia ainda de qual povo indígena era e imediatamente ele respondeu que é do povo Mura e me mostrou um projeto de filme-curta metragem proposto pelo Centro do Menor de Humaitá, ligado a diocese.

Joabi Mura me contou que um produtor cultural que se identifica como Mura elaborou um projeto de um filme de curta metragem com a história da mangabeira que é dos Mura e, por isso, levou o projeto a ele, para convidá-lo a fazer parte do filme. Disse que tinha o projeto e perguntou se eu queria uma cópia, eu disse que sim e salvei o documento no meu arquivo do noot book. Dentro do projeto há uma variação da narrativa onde a guerra dos Mura contra os colonizadores e o processo de integração na sociedade nacional é mencionado de forma direta:

“Diaí, guerreiro Mura, que lutou diversas vezes para defender suas terras da invasão d’outras tribos, encontra agora, um adversário cruel e letal: **A civilização**. Desiludido, o grande guerreiro Mura, vendo que havia perdido seus irmãos de tribo para o processo de “cabloquização”, morre nos campos gerais. Para compensar tamanha dor de Diarrí, a lua, o abençoou transformando o em uma árvore frutífera arredondada, com sabor doce e polpudo com um leite parecido ao látex e sagrado pelos índios. Nasce a mangabeira. Certo dia uma jovem índia estava desesperada para salvar Koara seu grande amor, remanescente da tribo de Diaí, que estava para morrer. No auge do desespero a índia apaixonada resolveu implorar ao espírito de Diaí que a ajudasse, lamentando-se nos pés da mangabeira. O espírito de Diaí se materializa na árvore sagrada e entrega as folhas da mangabeira. A índia então compreende o gesto de Diaí e procura uma anciã da tribo que lhe ensina a preparar um chá que salva o seu amado”. (projeto do filme de curta metragem sobre a história da mangabeira)

Na justificativa do projeto de captação de recursos para a produção do filme “A lenda da mangaba” é feita uma contextualização histórica que se apresenta como a “ótica de quem foi invadido” Onde é mencionado o autor que a torna a narrativa da mangaba parte da literatura:

“A presente obra cinematográfica apresenta a partir da ótica daquele que foi invadido, suas reações, seu olhar sobre o mundo, até então novo, um olhar de questionamento sobre um espaço que era seu e que fora tomado de uma hora para outra com tamanha violência. Baseado na obra de José Maria Viana de Souza, “**A Lenda da Mangaba**”, o curta-metragem, procura retratar a partir de uma narrativa teatral a luta desse povo com suas angústias, suas dores, alegrias e sofrimentos. Os elementos apresentados na obra é a expressão da cultura humaitaense”. (projeto do filme de curta metragem sobre a história da mangabeira)

Percebi que desde o primeiro momento que tomei conhecimento da narrativa da mangaba fui encontrando variações, que embora acrescentassem novos elementos e suprimissem outros, a referência indígena se mantinha mesmo quando apropriada como uma versão oficializada e estereotipada, como no caso da peça representada na escola. A circulação dessa narrativa possibilitou que ela fosse assumida por pessoas que se identificam como Mura. Fiquei pensando que de alguma forma essa narrativa foi filtrada do universo indígena e sua circulação proporcionou uma variante traduzida em forma de obra literária e acabou por retornar aos Mura atuais e daí seguirá seu trajeto de significações.

Em 20 de Maio de 2013 quando estava junto com seu Nelson Mura procurando articular a liberação de um carro para irmos para o Itaparnã fui até a sede administrativa, para falar com o administrador da Fundação Nacional do índio - FUNAI, o Ivan que o conheci em agosto de 2012 na festa de formatura em administração do Valmir Parintintin. Chegando lá topei com seu Nelson Mura, que estava de saída e me falou que não tinha conseguido carro, me despedi dele e disse a ele para fazer a tomada de preço do combustível e fiquei de ligar pra ele depois para saber se tinha conseguido carro.

Na frente da FUNAI avistei o Augusto Cassupá, um velho conhecido e quando estava falando com ele vi do outro lado da área o Daniel Parintintin, que havia viabilizado minha aproximação com os Mura do Itaranã, o cumprimentei e fui com Augusto Cassupá na sala da administração falar com a pessoa que estava respondendo na ausência do administrador. Saí e do lado de fora na área da frente, retomei a conversa com Daniel Parintintin e Augusto Cassupá. Lembramos, eu e o Augusto, do tempo que eu trabalhava no Conselho Indigenista Missionário e ele trabalhava na FUNAI ele era casado com Lurdes Karitiana e sempre ia ao CIMI, atualmente, os dois são separados. Augusto Cassupá falou que por esses tempos foi visitar o Abiraí Aikanã²⁵, seu parente,

²⁵Abiraí Aikanã, não demorou muito para falecer, seu Clóvis depois de um ano voltou para casa e em Dezembro de 2015, veio a falecer.

lá soube que ele estava doente e soube também, que seu primo Clóvis Cassupá estava preso, pediu para que eu mandasse notícias sobre ele quando voltasse a Porto Velho.

Com Daniel Parintintin conversei sobre o projeto dele de História Oral que ele queria fazer para o TCC dele. Ele falou das dificuldades enfrentados no curso pela falta de orientação após a conclusão do módulo do curso de pedagogia. Falou-me também de seu interesse em buscar editais de captação de recursos para ele realizar os registros da linguagem oral do seu povo. Trocamos algumas idéias. Nisso, chegou de moto outro indígena fui apresentada a ele por Augusto Cassupá e Daniel Parintintin, eu vi que havia o visto antes, mas não falei nada, Augusto Cassupá pediu a ele para me levar até a diocese, pois eu estava indo atrás de documentações sobre os Mura. No caminho expliquei a ele que estava fazendo uma pesquisa com os Mura, e que eu também era Mura, falei que não tinha nada oficial na FUNAI, mas eu achava que não precisa da FUNAI para uma pessoa se identificar como indígena, ele concordou comigo dizendo: “É, não precisa da FUNAI para dizer que é indígena”, nisso, avistamos o Joabi Mura que estava trabalhando na construção de uma casa, ele me disse “Olha ali tem um Mura quer falar com ele? ”Eu disse: - Eu já o conheço, conversei com ele sábado na casa dele.”

Não chegamos nem a parar a moto seguíamos enquanto ele me contava que fez o reconhecimento da família do Joabi Mura e que iniciou os trabalhos para a demarcação da terra deles, que ele era o presidente da associação dos povos indígenas de Humaitá, cargo, que agora é ocupado por Joabi Mura e disse que estava indo embora trabalhar no museu da imagem do índio em Goiânia, disse que sua esposa estava fazendo tratamento de câncer no hospital de Goiânia e não tinha como ficar longe dela, por isso, estava indo pra lá, disse que estava indo triste por não ter conseguido demarcar a terra dos Mura e a de outro povo indígena. Olhou para mim e lembrou que havíamos nos visto outra vez em Humaitá, ele me perguntou: “Você não é esposa do Iremar?” Eu respondi: - Sou. Ai ele disse: “Mas você tem uns parente aqui né? Que eu lembro que uma vez vocês vieram pra cá e ai ficaram lá”. Eu disse que sim. Ele falou: “Eu sabia, porque eu te olhei e fiquei lembrando”. Sorrimos. Ele me deixou em frente ao centro do menor, já era 11h40minhs da manhã, desci da moto e conversamos mais um pouco, ele disse seu nome. Ele se apresentou como Sateré, me deu o número do telefone dele para eu ligar se precisasse, eu o agradei e fui rápido falar com dois rapazes que estavam fechando a porta do Centro do Menor, pelo jeito eram seminaristas, pedi licença, me apresentei e pedi informação do arquivo da diocese, eles disseram que era para eu ir à cúria da

diocese e me apontaram onde ficava, localizei o espaço, mas eram 11: 50hs, estavam fechando, voltei as duas horas da tarde.

Enquanto esperava a hora de abrir a Cúria fiquei na sombra observando tudo ao meu redor: a vuadeira que passava ao longe no rio Madeira, um ou outro pedestre que passava na rua entre o rio e a catedral, duas moças turistas que no sol quente tiravam fotos, rapazes que se reuniam num canto da praça em suas mobiletes e motos, estudantes, do colégio das irmãs salesianas, conversando, a algazarra de passarinhos numa pampola. Quando vi já era duas e cinco, fui até a Cúria, me deparei com uma senhora no corredor, perguntei onde era a secretaria, ela me indicou a secretaria da igreja, mas expliquei que eu queria falar com alguém de lá mesmo da Cúria, ela perguntou do que se tratava, fiz uso da minha ligação de estudante da Usp, falei que era pesquisadora, doutoranda de História Social e que estava fazendo um levantamento de documentações do final do século XIX e início do XX, referente ao Madeira, ela me olhou com uma expressão de dúvida e sem resposta disse para eu entrar na sala a frente e dizer para a pessoa que estava lá o que eu queria.

Expliquei novamente o que queria à mulher que me atendeu educadamente e disse que não tinham um arquivo com documentações antigas, que precisaram para a comemoração dos 50 anos da diocese e não encontraram nada. Falou que tinha dessa época só os batistérios, mostrei-me interessada, mas ela disse que não tinha nada além dos nomes dos pais e da criança batizada, eu insisti: -Mas posso encontrar alguma informação ligada as missões feitas no rio Madeira, nesse período, porque estou procurando vestígios sobre a ocupação indígena no rio Madeira. Aí ela disse: “Mas não tem o nome das etnias”. Então insisti, mas deve ter em algum lugar alguma documentação dessas missões na diocese. Ela disse que só se fosse nas paróquias antigas. Perguntei sobre os bispos, sobre os padres antigos, ela disse que os dois bispos antigos morreram, e que os padres antigos, um tinha ido para Lábrea e outro para Manicoré, mas eu poderia tentar falar com frei Bernardino da paróquia São Francisco, me deu o número da paróquia para tentar marcar uma agenda e me informou que iam ter uma reunião no outro dia e que se eu quisesse poderia tentar falar com ele depois da reunião, me deu o número dela para eu informar se estaria lá para falar com ele. Agradei a atenção dela e sai.

Vim andando pela rua das flores para casa da tia Cila, no asfalto no horário do sol mais quente, em plena duas e meia da tarde, sem árvores para fazer sombra na rua. Havia apenas sombras das próprias casas onde no decorrer do trajeto vi dois senhores

idosos com rostos indígenas a descansar...Olhei para eles... Estavam a olhar para bem distante dali. Passei também em frente a uma casa com jambeiro na sua frente que um homem estava numa rede a se embalar. Mais adiante vinha outro senhor também com feições indígenas, fez um aceno de cumprimento para mim, correspondi com o mesmo gesto, ele falou olhando para mim e sorrindo: “Olha chega ela vai rosada!” Sorri e segui meu caminho, mas na frente, já quase chegando à casa de minha tia, vinha um senhor numa bicicleta, também de rosto indígena, estava com blusa de meia com manga cumprida, calça comprida, bota de borracha e uma roçadeira nas costas, passou com rosto todo sorridente e seguiu...

Andei mais um pouco e cheguei à casa da minha tia... Estava tocando no rádio um trecho de uma música: “Saudosa maloca, maloca querida” sorri pela coincidência da música com meus pensamentos. Minha tia estava dormindo numa rede que ela ata todas as tardes após o almoço na puxada de palha feita como anexo da casa, o lugar mais fresco a tarde, onde fica a mesa de refeições, tanque de lavar roupa, um jirau para lavar louça e outro para tratar peixe, um fogão de barro para usado principalmente para assar peixe e uma churrasqueira pequena para assar carne. Embora, aja a sala de visitas e a sala de jantar é na puxada de palha que acontece os grandes encontros da família.

Durante os 12 dias que fiquei do mês de Maio em Humaitá não consegui nenhuma documentação de arquivo sobre os Mura. Seu Nelson Mura também não conseguiu liberação de carro da FUNAI para ir para aldeia, com isso também não fui. Foi nesse período que entrevistei a tia Cila, o tio Antônio, seu esposo, e a minha tia avó Maria Duarte. Também me aproximei mais de Joabi Mura e do cacique Nelson Mura, numa das visitas a eles ganhei um pedaço de paca, como acontece entre os parentes na aldeia, a tia Cila gostou de preparar a paca para comermos. Essa prática de trocas faz parte das tradições das aldeias e demais comunidades das beiras dos rios e lagos da Amazônia.²⁶

Não encontrei documentos de arquivos sobre os Mura em Humaitá, mas encontrei, os Mura na articulação política para demarcar sua terra no Itaparanã; encontrei a narrativa indígena da mangaba nos espaços institucionalizados como apropriação de origem da cidade; encontrei as relações de parentescos e afinidades entre famílias do espaço de seringal; encontrei memórias indígenas emergindo nos lugares

²⁶No livro “Isso tudo é encantado” (2013), o termo putauaé recuperado. Esse termo diz respeito as trocas indígenas de carne de caça ou pescado.

menos esperados, como o caso do dono de um dos arquivos que fui procurar documentação.

Ainda em Maio 2013, dia 24, um dia facultativo por causa da visita do governador, a cidade e as instituições governamentais estavam mobilizando a população do município para recebê-lo. Parecia um feriado, assim mesmo resolvi ir a um cartório da cidade. Chequei lá e falei com um dos funcionários sobre meu interesse em visitar o acervo documental do cartório, ele me informou que só o tabelião poderia autorizar e que o mesmo não se encontrava e possivelmente nem iria aparecer naquele dia por causa da chegada do governador, mas me deixou a vontade caso eu quisesse esperá-lo. Resolvi esperar.

Depois de um tempo de espera chegaram dois homens bem vestidos, um mais novo e outro mais velho, eram da PETROBRÁS e estavam querendo falar com o Tabelião. Foi quando um dos funcionários avisando que tinha uns representantes da PETROBRÁS querendo falar com ele e ainda a tempo o funcionário que me atendeu, acrescentou: “Tem uma historiadora também”. Graças aos representantes da PETROBRÁS as chances de falar com o tabelião naquele dia aumentaram. Após mais um tempo de espera o tabelião chegou e entrou para sua sala para atender os representantes da PETROBRÁS, demoraram e quando saíram foram resolver alguma coisa fora do cartório, o tabelião me cumprimentou e perguntou o assunto que eu queria tratar com ele, disse que estava atrás de alguma documentação sobre os Mura, ele me disse que conhecia há 40 anos todo o seu arquivo documental e sabia que não tinha nada sobre os indígenas no seu arquivo. E afirmou de forma incisiva “Até mesmo porque os Mura tinham desaparecido e só apareceram novamente, após a criação da Trans Amazônia”. Disse que se o esperasse ele ia me mostrar algumas referências bibliográficas, eu disse que ia esperá-lo.

Voltou para o Cartório as 13h00minhs, entrou para sua sala e depois de alguns minutos avisou aos demais que não ia atender mais ninguém e acrescentou: “Somente a moça que me esperou” em seguida me chamou. Entrei em sua sala, o cumprimentei e o agradei por me receber, expliquei que estava querendo encontrar documentações referentes a ocupação dos Mura no rio Madeira correspondente ao século XVIII e XIX, ele voltou a dizer que os Mura tinham desaparecido e só ressurgiram após a construção da Trans Amazônia, mencionou um escritor conhecido, Vitor Hugo, autor de “Os Desbravadores” Volumes um e dois. Já conhecia os livros e visto que trata das missões da igreja católica junto aos povos Indígenas do Rio Madeira.

O tabelião para mim se tornou uma incógnita. Ele começou a falar da documentação referente a venda de escravos e da procura de universidades e de pessoas de outros arquivos por causa dessa documentação, falou das colaborações em pesquisa e sua frustração por seu cartório nem ter sido citado em algumas que colaborou, depois começou a falar da sua mãe de forma emocionada, contou que sua avó tinha sido violentada por um pacificador do seu povo que era o Mura, se referiu ao pacificador com rancor. Falou que sua mãe saiu da aldeia com dez anos de idade e mais tarde formou sua família. Começou a chorar e disse que foram muitos discriminados, porque sua mãe e seu pai tinham tuberculose e, por esse motivo, foram excluídos até da família dos seus pais, segundo ele, seus tios davam volta para não passar pelo caminho perto de sua casa e depois um de seus tios vendeu o terreno onde ficava a sua casa. Após ter narrado essa memória foi até o banheiro e se recompôs, voltou, pediu-me desculpas, eu disse que ele poderia ficar a vontade e contive a minha surpresa com a revelação inesperada.

Após a sua narração disse que pretendia ir ao lugar de onde era sua mãe para descobrir que são seus parentes para fazer um exame de DNA para comprovar que era Mura. Em seguida começou a relatar algumas ações que participou da justiça rápida em comunidades às margens do rio Madeira no Estado do Amazonas. Primeiro me perguntou se eu sabia o que era uxi, eu disse que eu tinha uma ideia, aí ele pediu pra eu dizer qual era a ideia que eu tinha, falei que o uxi que eu conheço é como se fosse um limo que fica na água de lagos e que gruda na pele quando a gente entra n'água. Ele disse que era isso mesmo e me explicou que o uxi se forma da decomposição de vegetação no fundo dos lagos. Contou que uma vez viajou com uma equipe de pesquisadores para uma comunidade e uma jovem pesquisadora teimou em mergulhar num lago, mesmo que ele tenha advertido sobre os perigos de jacaré e cobras e quando ela saiu da água e entrou no barco ele a avisou que a costa dela estava cheia de uxi e ela pediu assustada para ele tirar, achando que era algum bicho. Penso que ele me contou essa história para testar meu conhecimento e mostrar o dele, para dizer que os pesquisadores de fora, em alguns casos, desconsideram o saber local.

O tabelião continuou a conversa demonstrando como seu saber tradicional aprendido com sua mãe Mura o ajudou no seu trabalho. Deu o exemplo, de uma senhora negra que precisava fazer o registro de nascimento depois de idosa, mas não sabia nem o ano que havia nascido. Então, ele utilizou uma técnica, que segundo ele, era dedução de anatomia física baseada no conhecimento tradicional e de fenômenos naturais e

sociais guardados na memória coletiva. A primeira é feita a partir de um teste na orelha, segundo ele, é possível deduzir a idade da pessoa apertando sua orelha, se estiver muito mole é porque já é de muita idade. Ele utilizou essa técnica e a complementou com uma informação da memória de um fenômeno natural. A senhora disse ter nascido num mês em que choveu muitos dias sem parar e ele se lembrou desse fenômeno e o relacionou ao mês de maio e ao ano que aconteceu tal fenômeno de chuva contínua. A partir daí deduziu o ano de seu nascimento e sua idade, que depois foi confirmado com a idade do seu primeiro filho. Ele deduziu a idade da senhora a partir da idade que as meninas das comunidades indígenas e tradicionais começam a ter filhos e juntou a todas as outras deduções e chegou a uma estimativa do ano e data de nascimento da senhora, tudo, conforme ele disse, a partir de conhecimentos tradicionais. Após ter apresentado esse relato, concluiu dizendo: “- Tudo isso eu aprendi com minha mãe”.

Eu não tive acesso a documentação do arquivo, mas obtive informações de pontos de localização de mais uma comunidade Mura, além de ter me deparado com uma pessoa, que está em busca das reafirmações de sua origem Mura. Conforme a pesquisa que o tabelião vem realizando, sua mãe saiu de uma aldeia Mura que para chegar até lá vai pelo rio Madeira, depois entra no rio Preto e vai para o lago do Xadá até chegar à Boca do lago Jacaré. Disse, que pretende chegar até a aldeia de onde saiu sua mãe, mas não pretende dizer sua pretensão, assim que chegar na aldeia. Ele está indo desconfiado dos próprios possíveis parentes, porque obteve informação de que esses Mura dessa localidade não são confiáveis e também por achar que não irá encontrar alguém do tempo da sua mãe, pois ela é de 1911, saiu de lá com dez anos de idade e foi para Manicoré, chegando a Humaitá em 1971. Diante de todos esses dados ele tem a intenção de chegar até a localidade onde há essa aldeia Mura que ele supõe que sua mãe veio e encontrar alguém da sua idade para fazer o exame do DNA para ele ter certeza se é ou não MURA.

Fiquei com algumas dúvidas em relação ao Tabelião, porque primeiro ele desabou diluindo em emoções ao narrar uma memória de sua avó e da sua mãe Mura, assume-se como Mura e ao mesmo tempo diz não confiar nos seus próprios parentes. Depois obtive informações de alguns conhecidos que ele atende mal as pessoas, uma conhecida indígena também disse que havia visto uma atitude dele nada agradável com um indígena em seu cartório. Fiquei pensando por que ele está em busca da reafirmação de sua origem Mura e destrata os indígenas? Fiquei sem entender a contradição da imagem que eu construí com as que as outras pessoas tinham sobre ele. No dia mesmo

da minha conversa com ele, diante da sua memória apresentada a mim, perguntei se ele poderia me dar uma entrevista. Achei que poderia ser importante registrar a sua memória que retrata a exclusão e discriminação de muitas famílias indígenas na cidade, mas como havia o evento de recepção do governador que ele iria participar ficamos de marcar para outro dia. O tempo passou eclodiram ataques de não indígenas a indígenas na cidade e acabei não realizando a entrevista com o tabelião.

A cidade de Humaitá que vivenciei foi as das relações que estabeleci com minha família e conhecidos do espaço do seringal e com as redes sociais e políticas indígenas o que me fez ver a cidade como uma aldeia urbana. No dia adia na casa da tia Cila e na relação que ela estabelece com os parentes e conhecidos percebi a predominância dos sabores, dos fazeres e dos saberes amazônicos. Os sabores amazônicos estavam nos alimentos que eram preparados e colocados a mesa durante as refeições. Os fazeres estava no preparo dos alimentos, no trabalho que começava cedo do dia e no descanso na maior parte da tarde na rede se embalando ou esticados na cama ou outro canto da casa. Os saberes estão em toda parte, num catolicismo herdado da colonização, mas com interferências do modos de vida da Amazônia, no tomar e dar a benção, nas recordações dos velhos tempos e nas relações de mãe, filhos e netos, esposa e marido, nas brincadeiras que quebram a rigidez dos dogmas.

Do cotidiano vivenciado na casa da tia Cila e das observações feitas na rua e no contato com outras famílias, percebi vários elementos que podem caracterizar Humaitá como uma grande aldeia. Vendedores de peixe que passam nas portas das casas todos os dias e em situações ocasionais os vendedores de caça do mato que saem no carrinho oferecendo, homens debaixo das sombras das árvores vendendo peixe dentro de uma bacia de água, a troca de peixes e caça entre parentes e conhecidos próximos e a predominância de rostos indígenas da população local. Vi uma cidade indígena em que seus habitantes se distinguem dos indígenas que vem das aldeias, mas praticam a putaua social do cotidiano entre famílias com vínculos de parentescos sanguíneos e afinidades.

Nessa Humaitá também há uma predominância do catolicismo que está presente na conduta familiar e na predominância das igrejas católicas. No espaço que interagi me deparei com oratórios na esquina de um quarteirão e na rua das flores por onde mais andei, porque é uma das avenidas principais e que interliga o rio com vários bairros, nessa rua percebi imagens de santos nas fachadas das casas, dentre elas uma que representa a imagem de uma das nossas senhoras que acabei por não identificar qual delas e a de São Sebastião. Apesar da predominância do catolicismo há a presença das

igrejas evangélicas onde algumas famílias indígenas que vivem na cidade se inserem, como no caso da família do Joabi Mura.

Até Dezembro de 2013 a imagem que eu tinha construído de Humaitá era de uma aldeia urbana, mas depois dos ataques etnocêntricos ocorridos na cidade provocados pela incitação de grupos anti indígenas que se aproveitaram da situação de medo e fragilidade da família dos três homens desaparecidos que reivindicavam suas buscas na Transamazônica instaurou-se numa cidade com predominância católica e presenças evangélicas em plena passagem de dias de celebração cristã uma cena que remonta séculos anteriores. Houve a aglomeração de um grande número de pessoas não indígenas que queimaram a sede da FUNAI, os carros, o barco e a casa de saúde onde ficavam indígenas em tratamento, os quais foram retirados pelo exército a tempo e levados para o quartel, queimaram também a sede da associação dos Parintintin, além da terra indígena dos Tenharin ter sido invadida por moradores de comunidade de Matupí no limite do território indígena, dentre eles gente que veio de fora e juntos queimaram as casas de cobrança de pedágio²⁷, dentre outras casas nas proximidades da estrada. Foram dias de esvaziamento da cidade, de clima de terror, os indígenas das aldeias tanto os Tenharin que foram acusados pelo sumiço dos três homens como os de outros povos, dentre eles, os Mura, encontravam-se em situação de risco na cidade.

A cidade ficou por dias cinza e com as ruas vazias, os Tenharin ficaram reclusos mais cerca de 15 dias no quartel até serem conduzidos para suas aldeias. Os Mura da cidade também foram para sua aldeia. Após algum tempo a sede da FUNAI foi restaurada, mas nem toda a logística de transporte e saúde indígena foi recuperada, os Tenharin ainda estão buscando meios para provar sua inocência. Após esse conflito, logo veio a inundação que tirou muitas famílias de suas casas e trouxe grandes perdas materiais. As marcas do ataque etnocêntrico e da inundação persistiram durante o ano de 2014, em 2015 algumas marcas foram cobertas com tinta fresca, mas o ambiente de tranquilidade não tinha voltado, para os indígenas circular nas ruas, frequentar espaços públicos, andar a noite tornou-se atividades que devem ser feitas com muitas precauções, para os não indígenas que também foram afetados pela inundação, no período que as águas sobem ficam apreensivos em passar pelo que passaram em 2014.

²⁷ A cobrança do pedágio era forma que os Tenharin encontraram de conseguir alguma indenização pelos danos causados a eles pela construção da Transamazônica na década de 70 que passou por cima do cemitério de seus antepassados e causou muitas doenças e mortes. As consequências dessa rodovia acontecem ainda hoje. O dinheiro dos pedágios era dividido entre a comunidade e era utilizado para comprar medicação, pagar faculdades de alguns estudantes, dentre outras despesas.

Uma mudança visível na cidade é o aumento da vigilância tanto durante o dia como a noite. Antes não se via com muita frequência viaturas policiais nas ruas.

Memórias afetivas

Queria ter entrevistado Maria Duarte desde a dissertação por ela ser irmãpaterna da finada Francisca e de Izolina e também vim de espaços de seringais, embora não seja do Uruapeara. Maria Duarte passou um tempo na casa de seu filho que morava em frente a casa da minha avó, quando eu tinha 18 anos de idade e morava junto com minha avó. Depois seu filho se mudou de lá, hoje é separado da esposa que vivia na época e após outra separação mora com sua mãe em Humaitá.

Nosso vínculo se manteve, o tempo passou e minha avó adoeceu, não teve mais condições de morar sozinha, foi passar uma temporada na minha casa, junto com meus dois filhos e o pai deles, após um tempo sem as duas irmãs se verem, consegui contato com ela e fui buscá-la na casa de sua filha em Porto Velho, onde estava passando uns dias, fui buscá-la para comer um peixe assado em casa conosco, as duas prolongaram o tempo à mesa conversando e comendo peixe assado.

Passamos um dia agradável. As duas falaram de muitos assuntos entre elas. Foi a última vez que elas estiveram juntas. Passou anos, minha avó veio a falecer, não conseguimos avisá-la, posteriormente, depois de uns meses, fomos na casa de outra filha dela para visitá-la, choramos, eu, ela e minha mãe a perda da minha avó. Mesmo após a morte da minha avó continuamos a visitá-la quando vamos a Humaitá de tempo em tempo, algumas vezes, passa ano, outras vezes, demora menos. Cada vez que vamos lá ela nos recebe com emoção.

A primeira vez que fui à Humaitá eu tinha uns 13 anos de idade, mas não lembro de tê-la conhecido. Lembro dela da vez que passou um tempo na casa do seu filho. Desde quando a conheci me afeiçoei a ela por ser muito amorosa. Com o falecimento da minha avó me afeiçoei ainda mais a ela, pois suas feições lembram as da minha avó. Decidi entrevistá-la, por achar importante o registro de sua experiência de vida para a reconstrução das memórias relacionada as vivências às margens do rio Madeira e por ela fazer parte das redes de relações de parentescos ligadas a minha avó.

A sua entrevista no dia 25 de maio de 2013 na sua casa em Humaitá. Passei a manhã inteira e o começo da tarde com ela. Conversamos sobre sua saúde, pois durante a semana ficou na casa de uma de suas filhas, porque estava adoentada. Tia Maria

Duarte é uma pessoa afetuosa comigo e com toda a família quando vai a sua casa visitá-la. Ela ficou feliz quando me viu chegar.

Antes de começarmos a entrevista fiquei a observar a tia Maria e sua netinha de aproximadamente cinco anos de idade, que na época morava com ela. Sua netinha falou algo em voz baixa com ela, eu perguntei o que foi. Tia Maria diz que ela perguntou como ela tava e fala com afeto sobre a preocupação que sua netinha tem com ela. Na semana anterior ela e as duas netas ficaram na casa de uma de suas filhas, pois estava adoentada, mesmo ainda estando com dor num dos braços já voltou para casa com suas netas, porque se sente mais a vontade em sua própria casa.

Expliquei a ela sobre os motivos de querer entrevistá-la e perguntei se poderia me dar a entrevista. Arrumei os equipamentos para gravar e filmar a sua fala e quando estava tudo pronto disse para a ela que poderia começar a falar da experiência de vida dela por onde ela quisesse. Ela ficou me olhando em silêncio com uma expressão atenta e amorosa, pensa por um instante e começa a falar. Num primeiro momento, não olha para mim, mas logo vira seu rosto para minha direção e continua sua narração em voz e corpo, tranquila, pausadamente e imersa em suas lembranças, despertando no ir e voltar ao tempo de sua memória.

Durante a entrevista tia Maria falou simultaneamente com o corpo e a voz, o gesto não estava separado da voz, não houve momentos em que no lugar da palavra estivessem apenas as gesticulações, isso me fez sentir presa na hora da escrita, pois ouvi-la e vê-la falando simultaneamente em duas linguagens a da voz e a do gesto, me fez perceber com mais intensidade as perdas da riqueza da expressão da narrativa oral quando é transposta para a narrativa escrita.

Apesar de todo o esforço para recuperar essa perda na transcrição, ha sempre um limite entre o oral e o escrito. Fiquei o tempo todo atenta ao conjunto de sua fala, gestos e expressões, via quando por um minuto ela se desligava daquele espaço que estava e ia com seus pensamentos para o espaço da sua memória interna, como se estivesse se transportando no tempo e o seu rápido despertar olhando bem para mim e levando seu corpo para minha direção para escutar o que falava com ela entre uma imersão e outra no tempo de suas recordações.

Durante a entrevista suas duas netas, a pequena na época com aproximadamente cinco anos de idade e a outra maiorzinha de nove anos ficaram ali por perto brincando e assistindo televisão, a mais velha quando chegou o horário de ir para escola se arrumou e foi. Como toda avó ralhou com a mais velha para não passar entre nós duas durante a

entrevista, também fez recomendações para a mais nova não pular na cama do pai e não fazer barulho. Mesmo ralhando ou chamando atenção ela se referiu as netas com muito afeto, o que indica que são muito apegadas umas as outras.

Assim, se deu o ambiente da entrevista com o som da televisão ao fundo, o barulho do movimento na rua das motos, carros, busininha de vendedores ambulantes e falas de pessoas, com direito, ainda, de uma visita de umas de suas filhas que foi verificar como ela estava e pausa para eu contribuir com a preparação do almoço.

Maria Duarte teve um início de fala continuo curto e depois continuou falando conforme os estímulos por meio de perguntas referentes as suas experiências de vida, seus saberes tradicionais, seus deslocamentos geográficos e sobre elementos que indicassem suas referências indígenas, mas o que fez fluir esses estímulos foi a pergunta que fiz referente a sua infância: - Tia de que a senhora brincava quando era criança? Essa pergunta fez com que ela entrasse no tempo originário de si, ela fazia um movimento de interiorização ao narrar a infância e a partir desse tempo da infância foi possível refazer a narrativa de experiências de vida, trazendo junto sua percepção das passagens de tempo históricos, sociais, políticos, culturais de suas épocas vivenciadas e reatualizadas no seu tempo de recordação.

Depois de um tempo gravando sua entrevista, na segunda parte quando retomei a gravação ela me olhou e disse: “Parece que tu não é ciumenta, né, Márcia? Eu sem entender a observação, perguntei, por que, foi quando ela disse: “Porque eu não tive cuíra essa noite.” Nunca tinha ouvido essa palavra e acabei por descobrir mais uma palavra do vocabulário amazônico. Ela olhou para mim e disse:” Parece que tu não é ciumenta, porque eu dormi bem essa noite, não tive cuíra nenhuma” Pedi a ela que me explicasse o que significa “cuíra” ela me olhou com seujeito meigo e disse: “É quando a gente não consegue dormir a noite, fica aperriada e quando é no outro dia chega uma pessoa aí a gente sabe que ela é ciumenta, porque tivemos cuíra durante a noite.Mas a gente não participa nada para pessoa, mas já ficamos sabendo que ela é enjuada”.

Fiquei achando que esse termo “cuíra” fosse resquício de alguma língua indígena, fiquei com ela na cabeça. Depois de um tempo minha amiga Tainá do Pará que é remanescente da cultura marajoara, usou o mesmo termo comigo. Aí vi que o termo faz parte da linguagem amazônica e provavelmente venha do tupi que compõe o nheengatu, língua que foi criada pelos Jesuítas a partir do tupi e do português e com influências de outras línguas e serviu para catequizar e para capturar indígenas para vender como escravos pelos bandeirantes ou outras categorias de caçadores de

índigenas, mas com o decorrer do tempo deixou de ser língua de colonização para se tornar língua de resistência indígena dentro dos processos de retomada indígena de comunidades da Amazônia e outras localidades do Brasil, que perderam sua língua materna e nasceram num contexto em que a língua falada era o nheengatu e que marca a diferença com a língua e cultura não indígena.

No contexto da fala de Maria Duarte é uma marca da linguagem amazônica e que remete para um sentido cultural específico da espiritualidade, pois a *cuíra* anuncia como é interiormente o visitante que chegará ao outro dia, avisa que vai chegar uma pessoa ciumenta, enjoada, ou seja, alguém que pode não ser uma visita agradável, que por meio da *cuíra* deixa a pessoa que vai recebê-la preparada para sua chegada. Saber que não fui essa pessoa indesejável, me deixou muito tranquilizada, pois em outras palavras, minha tia, disse que tenho uma boa espiritualidade, ou no mínimo que minha companhia para ela é agradável.

Conforme as perguntas que foram feitas num tom de intimidade e dentro dos códigos da linguagem amazônica, como, por exemplo, as expressões: *um'um*, *unrrum*, *ainda mais*, *bom!* *Por que já*, *por que então*, interjeições familiares que contribuíram para abrir caminhos para as histórias contadas. Maria Duarte foi narrando sua história com tranquilidade por meio de palavras e gestos que acompanhavam simultaneamente sua fala. Na passagem para do oral para o escrito muitos dos gestos não precisaram ser traduzidos porque os sentidos estavam simultâneos com o da fala.

Senti que possivelmente essa entrevista foi importante para a tia Maria Duarte, como significação de parentesco sanguíneo e afetivo com as irmãs paternas. Percebi que foi uma oportunidade de ter suas experiências de vida e sua percepção de mundo registrada como parte do conjunto de memórias de ocupação das margens do rio Madeira e para contribuir com a garantia do seu lugar de filha do Antônio Maciel no mesmo patamar que suas outras irmãs e irmãos por parte de pai, um desejo que se transparece ao lembrar do encontro passageiro com seu pai e irmãs paternas numa noite do Festejo de uma santa.

A conferência de sua narrativa foi em Março de 2015, fui as nove da manhã para casa dela e a duração da leitura da narrativa de forma pausada, com paradas para merendar e para almoçar foi até as 14:00 hs. Ela havia sofrido três ataques cardíacos durante o ano de 2014, ainda estava adoentada, sua neta menor não estava mais com ela, por causa das suas condições de saúde, só estava o seu filho e sua neta maior.

Havia combinado com o Iremar, pai dos meus filhos, para assar uma jatuarana na casa da tia Cila e na hora do almoço levasse para lá, assim ele fez, mas na hora de almoçarmos ela disse que não podia comer Jaturana por ela ser remosa, ela comeu um pedaço de frango assado com arroz. Eu, Iremar, Tanan e sua neta comemos a jatuarna. Mesmo ela não podendo comer da jatuarana com a gente, ela estava feliz por estarmos com ela.

Após o almoço ainda faltava encerrar a conferência estava fazendo num ritmo que não a cansasse. Ela ficou o tempo escutando a leitura da sua narrativa e ainda me ajudou a explicar melhor algumas coisas que não estava bem explicadas e quando li um trecho que tinha uma ideia pejorativa sobre os Mura, ela não quis manter na narrativa e disse que não era preciso falar daquele jeito e disse que era para tirar. Tirei bem satisfeita. Apesar de estar adoentada e exerceu sua autonomia na construção da sua narrativa.

No final da conferência ela me agradeceu por eu ter achado importante sua história de vida, eu disse a ela que quem agradecia era eu, por ela ter tido paciência de contar sua experiência de vida, falar dos seus saberes, de me receber e depois de ouvir eu ler sua narrativa e fazer as intervenções. Ao me despedir abraçando-as e pegando na sua mãe e pedindo a benção ela olhou para meu anel de tucum, perguntei se ela tinha achado bonito ela disse que sim, eu tinha dois, coloquei um no dedo dela e fiquei com outro. Em nossas despedidas ela sempre diz para não esquece-la e enquanto vamos saindo ela vai mandando lembranças para as sobrinhas e os sobrinhos e a irmã Izolina.

4.1 MARIA DUARTE

Maria Duarte da Silva, 88anos, nasceu em Bom Futuro dia 30 de abril, no ano de 1926. Filha de Elvira Duarte da Silva e de Antônio Maciel. Seu olhar luminoso e sua afetividade no decorrer da sua narração de experiência de vida, transcenderam as dores físicas da idade. Colocou-se a narrar imersa no tempo das suas recordações. Em sua face se expressava a emoção de cada recordação, ora se estampava o riso em todo o rosto, ora esse riso facial ia se desfazendo e aos poucos sua expressão ficava séria, mas no último momento independente da lembrança ser de momentos contentes ou descontentes o que prevalecia era o riso singelo e a

tranquilidade... Sua história me fez pensar numa geração que poderia ser chamada de “filhos dos desaldeados” para entender o sentido disso, basta adentrar em sua narrativa.

Minha vida foi trabalhando o tempo todo. Pra comer, beber, me vestir... Pra me sustentar.

Minha vida foi trabalhando. Eu comecei desde a idade dos nove anos ou um pouco mais. Comecei em casa, eu fazia um serviçinho leve pra minha mãe. Daí com 15 anos lá eu fiquei gestante de uma filha. Com cinco anos a menina morreu de sarampo, aí eu fui tocar minha vida. Tive que enfrentar a vida... Fui trabalhar... Trabalhava na casa de um e de outro. Fui ama desse velho Manel Neves, daqui dum lugar que nós morava... O lugar é o Bom Despacho! E de lá Deus abençoou que eu arrumei esse casamento e com esse homem eu fiquei até o derradeiro dia de vida dele, ajudava ele trabalhar no campo, nós vivia de lavoura e aí minhas filhas foram chegando e ajudavam ele e eu a trabalhar, assim, foi indo, graças a Deus, que elas tiveram sorte de se amparar!

Depois que eu fiquei viúva fiquei morando só aqui nessa casa, depois veio duas meninas pra morar comigo. Eu vivia com essas duas netas, a menorzinha agora não está mais comigo, porque em 2014 eu fiquei muito doente, tive três derrames e aí a mãe dela teve que vim buscar ela, porque eu não tive mais como cuidar dela. Ela é a mais inteligente que a outra... É. Quando ela estava comigo ela me via adoentada aí já ficava perguntando como eu estava. Um dia ela estava me vendo adoentada aí ela se levantou e disse: “Tu tá melhor vovó?” Ela perguntava. Ela se preocupava comigo. Deusulivre! Ela perguntava assim: “Vovozinha tu tá doente vovozinha dói tua cabeça?” Ela passava a mão, assim, na minha cabeça: “Dói aqui vovó?” Depois ela saía e ia brincar, brincava, brincava, aí ela tornava a perguntar... Eu achava bonito aquele jeitinho dela de se preocupar comigo.

Eu sou aposentada e vivo, assim, doente, mas trabalhar eu trabalhei muito mesmo. Graças a Deus meus parentes são muito bom comigo. As minhas filhas sempre vêm me visitar, e toda vez que elas vêm, trazem remédio e as coisas pra mim. Eu tenho a minha filha Maria Jose que mora parede com parede comigo, ela nunca me abandonou, desde o tempo que ela era casada. Depois ela se separou do marido e ela veio de Manaus morar comigo, ela veio com três vinhos que são muito

boas comigo. Já passamos por muitas dificuldades... Já moramos até em casa alugada... E, foi isso.

Eu tenho um filho que vive doente em Porto Velho, já se operou e o sofrimento dele ta, assim... Voltou pra mesma coisa, continuasempre doente, ele e a mulher dele. E eu me preocupo muito com ele também. E o outro filho caçula ficou separado da mulher e agora to com essas duas meninas, filha dele em casa, e, assim, vou levando a vida até quando Deus quiser.

Minha mãe nasceu e se criou lá no Bom Futuro. Eu também nasci e morei em Bom futuro... A minha mãe se criou lá e aumentou família, mas nunca foi casada. Eu vivi em Bom Futuro até o acontecido de quando a menina morreu, minha primeira filha, e aí eu fui tocar minha vida trabalhando na casa dos outros. Eu tinha ido pro Caiari! No interior aí pra baixo, no rio Madeira, não sei se é perto de um lugar chamado Três Casas, ou se é mais embaixo, mas é assim... Aquela vilazinha. Minha vida foi trabalhando o tempo todo. Pra comer, beber, me vestir... Pra me sustentar. Irmãos eu não tinha, só era eu minha mãe e duas irmãs. Foi o tempo que ela morreu, uma foi morar com a madrinha dela, e a outra também foi tocar com a vida dela.

Da onde eu me lembro. Eu vivia em casa com minha mãe, e quando ela ia trabalhar eu fazia um serviçinho de casa, limpando casa, capinando e varrendo o terreiro... E quando não fazia direito as coisas a mamãe metia a peia. Eu acho é graça agora que estou me lembrando das peias que a minha mãe me dava quando eu não fazia as coisas direito. Eu só gostava de limpar a casa, limpar o terreiro, lavar vasilha que tinha para lavar, minha roupa mesmo quando eu era pequena não sabia cuidar, eu era da idade dessazinha aí, minha neta Alaíde que agora tem onze anos de idade. Mas só fazia alguma coisa se me mandassem, criança sabe como é. Eu digo criança porque eu era de menor... E eu gostava mesmo era de brincar.

Eu gostava de brincar e muito! Me entertia nas brincadeiras, e, ainda mais, que lá onde a gente morava a vizinha tinha duas sobrinhas, que eram do tamanho dessas minhas netas que moram comigo. Ah, pra mim se eu brincava o dia todinho, era melhor... Estudo não tinha... Mas depois que eu me casei continuei trabalhando. Era assim. As brincadeiras que eu brincava era a de fazer aquele bonequinho de pano, que a gente faz, costurava, botava algodão dentro do pedaço de pano pra formar aquele boneco. Aquele boneco de pano que a gente faz, deixa os braços, assim, de fora, quando não deixa os bracinhos separados, a gente prega. Tudo nós

fazia, e nós brincava, mermo! Era só essa a nossa brincadeira. Porque a minha mãe não deixava a gente brincar de outras coisas.

A mãe da gente era muito carrasca com a gente. Assim mesmo eu gostava de pular n'água. Ah! Eu gostava. Às vezes, minha mãe dizia assim: “Que Deus o livre quando um candiru entrar em tu, não vem gritando para o meu lado” O que mais tem na beira do rio é candiru, um peixinho gosmento que entra na gente e come tudo por dentro. Engraçado que mesmo a mamãe nos fazendo medo, a gente fazia um escorregador no barranco, nós fazia aqueles alisados no barranco, a gente vem assim e escorrega, té bei! Pula dentro d'água. Minha mãe ainda me botou pra correr de lá bem umas três vezes... Mas era bom pular n'água, Deusulivre, mas era bom... Era assim...

Daquele tempo de quando eu era criança eu não me esqueço da minha tia. Ah, da minha tia, irmã da minha mãe, a Chiquinha, minha irmã, parte de pai, ainda conheceu ela, mas eu gostava daquela minha tia, tia Adelina, eu gostava mermo, tinha vez que eu pedia da mamãe pra mim ir dormir na casa dela. Eu dormia na casa dela, oh, mas eu adorava, sabe quando a gente tem um parente que a gente gosta? Ela era muito paciente, agora o marido dela que era enjoado. Ainda bem que ele passava o dia trabalhando...Ele chegava ralhando. Eu faço é rir agora que estou me lembrando dele ralhando com a gente. Porque, às vezes, a gente ficava na beira do rio, assim, no interior onde a gente mora a água é cheia lá da beira rio, tinha que ir até o rio encher as vasilhas e a gente pegava aquela água dos baldes ficava tudo seco em casa, porque a gente só usava a água e não colocava outra, ele ficava brabo, era eu e a comadre Dejanira, a filha da minha tia, nós duas era só de um tamanho, eu mais velha do que ela um ano e nós se pegava nós duas, rum... O marido da minha tia brigava, mas não tinha nada, quando era no outro dia... A merma coisa, a gente fazia tudo de novo.

Essa minha tia Adelina veio morrer já depois de muito tempo aí no Ramal em Porto Velho, um lugar que ficava perto do porto dos barcos. Nesse lugar tinha um poçoão imitando um lago, perto da rua Norte Sul. A Chiquinha morava por lá, morava uma porção de gente conhecida. Era lá que mora a família do pai da primeira filha da Nilce da Chiquinha. Eu conheci os velhos, o pai e a mãe dele. A gente foi morar pra lá... Uma pessoa da nossa família que morava pra lá mandou uma carta chamando a gente, mas eu não gostei de lá, porque, era muito ruim morar

alugado naqueles quartinhos que pareciam umas gaiolas. Lá nesse lugar tinha um barracão de pesar borracha.

Eu cresci com minha mãe. As coisas que ela me ensinou foi lavar roupa, cuidar de casa, zelar as coisas... Minha mãe me disse: “Aprende! Que eu tenho pra te ensinar é isso. Lavar roupa e cuidar de casa. Lá um dia tu te casa ou te amiga e como tu vai viver sem fazer nada?” Dessas coisas de comida eu aprendi só tratar o peixe e ticar e quando era para cozinhar eu sabia preparar a água para botar no fogo. Se era assado eu fazia assado. Quando é peixe assado na brasa, a gente bota os tijolos e depois bota aquelas grelhas de ferro, quando num tem a gente corta aquelas varinhas e bota pra fazer na grelha... Lá no interior que não tinha tijolo a gente usava tora, pedaço de bananeira. Fazia todo de pau e botava assim... Aí trançava... Acabar espalhava o peixe em cima... Como era peixe de escama e graúdo, assim, a gente não fazia enrolando na folha de bananeira. É só peixe pequeno que a gente faz enrolando na folha da bananeira. Lá era. Essa forma de fazer o peixinho enrolado na folha da bananeira, que é a talde muqueca que chamam.

Os peixes que a gente enrola na folha de bananeira é a sardinha, cascudinho, chora, só... A gente tempera o peixe com cheiro verde. A gente corta o cheiro verde, o tomate e a cebola. Aí a gente passa e mistura com colorau... Quer dizer, a gente passa o sal primeiro, antes de agasalhar na folha, né. Depois de agasalhar, a gente passa a primeira camada de tempero. Aí bota tempero... Se levar mais outra camada de peixe torna passar outra camada de tempero... Depois coloca por cima que é pra poder dobrar a folha. Aí quando a brasa já tá espalhada coloca em cima da trempa pra assar.

Os bolinhos de massa que eu sei fazer são, assim, na frigideira. Prepara a massa mistura com sal e açúcar. Temperado aí vai tirando com a colher e vai botando dentro da frigideira. Faço também beiju, a gente misgalha bem a massa, a goma, põe o sal, bota a frigideira pra esquentar e a gente forra com a goma. Quando a gente vê que já tá bom a gente vira. Quando a gente vê que já tá assado a gente bota no prato. Depois limpa a frigideira e torna de novo formar outro beiju de tapioca e, assim, vai. Lá onde eu morava a gente só fazia desses mesmos, os de goma e desse de trigo que a gente tira com a colher e vai despejando.

As frutas que tinha era açaí, cacau, araçá. Araça é bom pra fazer suco, né? Aí vem a goiaba, cupu, laranja, lima, tangirina, tem o limão também. Tudo que nós plantava. Do mato mermo era só o açaí... Do mato... Açaí, araçá... Cacau...

Tucumã... E tinha aquele outro, o patoá, tudo isso. Se vinha aí fora ainda tem a coisa... A abacaba que eu tinha esquecido de falar... Tem também o abacaxi... Né? Ah! No interior é muito bom tem muita fruta... Gosto de lembrar essas coisas boas. Quando eu digo aí fora é como se eu estivesse lá no centro, onde ficavam as estradas de seringa e fosse aí pro Bom Futuro. O centro ficava pra trás do Bom Futuro, nós moramos lá só um tempo, depois saímos de lá porque era ruim de serviço.

Não morei com meu pai porque ele era casado com a mãe da Chiquinha, minha irmã parte de pai que desde quando a gente se conheceu eu me apeguei muito a ela. Eu só vi meu pai uma vez! Uma única vez... Lá num Festejo de Nossa senhora de Nazaré que eles foram lá no interior onde nós morava e a casa do meu tio era bem perto onde festejavam... Dessa vez, que eu conheci ele. E a Chiquinha que implorou pra eu ir com ela, a minha mãe não deixou, mas por mim eu tinha ido. Eu queria ter ido com ela. Eu fiquei assim... Querendo ir com as minhas irmãs. A Tiliana era tão bonita! Eu lembro que ela penteava aquele cabelo dela e ficava muito bonito, e a Chiquinha sempre gostou de se ajeitar até depois de velha ela se ajeitava bem. A Preta também tava toda ajeitada. Lá nessa noite do Festejo estavam todas elas, a Preta, a Tiliana e a Chiquinha, a primeira da frente que foi falar comigo foi a Chiquinha, depois a Preta e por último a Tiliana.

Eu não me lembro quantos anos eu tinha quando aconteceu o encontro com minhas irmãs. Não sei. Só sei que eu já era moça. Moça nova. Quando a gente se encontrou no Festejo da santa... Parece que a gente se conhecia. Eu não sei se a Tiliana já conhecia o homem, pai do dono do Festejo que tomava conta do Festejo, o nome dele era José Pequeno. Eu não sei se ela se informou com ele, eu acho que ela deve ter se informado, porque ela disse “Nós viemos porque eu queria te ver Maria”. Aí eu fiquei com elas tudo junto, nós ficamos a noite todinha lá no Festejo... Ah! Mas eu chorei, chorei por causa das minhas irmãs... Minha mãe não deixou eu ir com elas... Depois eu só voltei a ver elas novamente quando eu vim aqui em Humaitá... A Maria morava numa rua aqui perto, logo aí de frente com uma igreja... Quando elas foram lá já tinham casado também. Nesse tempo eu não tinha mais filho pequeno.

Sobre o meu pai eu não sei dizer nada, porque como eu estava dizendo eu vi ele na noite do Festejo. E a conversa com ele foi tomar bença... Ele pegou na minha mão... Pronto. E, assim mesmo no Festejo, porque, nem lá em casa ele foi. Por parte da minha mãe também não sei muita coisa porque eu nem conheci minha avó. Eu sei

bem que a gente é misturado. Uma vez eu tive conversando com seu Antônio Arimã da FUNAI – Fundação Nacional do Índio... Seu Arimã contando que uma porção tiraram registro... Fizeram pra eles documento de indígena, né... E esses que tiraram registro foi pro bem deles... Porque, os outros ajudaram... E eu estava em Porto Velho... Eu queria vim... Mas um filho meu não quis que eu vinhosse. Eu disse - Tu não quer que eu vá, mas eu sei bem que nós tem sangue com eles. Ele disse: “Eu não tenho”. Eu disse: - Eu tenho. Eu não vou dizer que não tenho, porque minha mãe dizia que era a avó dela que era indígena. Mas também não sei qual povo, só sei que o rio que a gente vivia era o rio Madeira. Esse rio que passa aí em frente.

Nós morava na margem do Madeira. E lá onde nós morava no Bom Futuro era uma vila. E naquele tempo andavam muito, assim, daquelas canoas que chamam ubá... Essa ubá eles faziam de uma avezezona de pau. Acho que só faziam cortar ali a tronqueira, toravam ali e só faziam cavar e andavam naquilo. E tinha uns brabos. A mamãe fechava todinha a casa e prendia nós dentro do quarto. Era mermo. Agora não. Agora não são mais assim. Não são mais aqueles. Mas de nós termos sangue nós tem. Isso eu sei.

Eu lembro que a mamãe corria lá do trabalho dela. Ela era empregada do dono de lá do lugar que a gente morava. Ela trabalhava de lavadeira e na casa também. Quando viam parece que avisavam... Ela corria e vinha ver aí em casa. Era quando ela trancava toda a casa e botava nós pra dentro do quarto. Mas, a gente enxergava quando eles baixavam no rio... Eles vinham em duas, três ubás, vinham um monte! Eles chegavam na canoa e quando vinha baixando no rio, assim, a gente não enxergava porque a canoa vinha de longe. Parece que o pessoal quando via de longe já conheciam, né, que eram os índios que estavam vindo? Mas, a mamãe dizia que não era pra nós sair. Que era pra ficar lá no quarto. Eu via eles pela brecha, porque no interior as casa é tudo de paxiúba ou de palha e a nossa era de paxiúba. Do barracão mermo a gente via eles na nomeio do rio. Eles vindo com aquelas faias de um lado e de outro, vinham sentados, porque tinha banco na ubá.

Agora eu fico pensando e me lembrando... A gente não enxergava eles direito, assim de longe na canoa deles. Não dava pra ver eles não. Nós tinha medo deles. Eram uma porção. Tinha uns brabos, né, outros eram mansos. Eles pediam. Eu sei bem que minha mãe contava que eles pediam roupa e negócio de alimentação... E os donos da casa davam. Não davam muito, mas davam. Quem podia dar mais, dava mais, quem não podia dava o pouquinho que tinha. Nós tinha

medo deles porque tinha uns que eram brabos. Mas o que eles faziam? Aí é que eu não sei. Eu sei bem que a mamãe dizia que tinha os brabos. Mas hoje eu acho tão bonito aqueles vestuários, desulivre, quando passa na televisão chega eu vou pra frente espiar. Eu acho bonito é a dança deles.

Eu vejo. Ííí... É difícil eu perder até essa zinha, minha neta maior a Laís, me chama: “Vovó venha ver que a senhora gosta” Eu chego é eles naquela rodada! Estão com aqueles penachos na cabeça aquelas roupas, assim, e as penas. E tem outros que vão com aqueles arcos na mão. É eu acho é bonito. Eu digo mermo, mais antes eu fosse uma índia, devia ser lá de dentro mermo. Ao menos assim, quem sabe eu tivesse melhor de situação. Que um vai ajudando o outro, né? Eu digo mermo, não é querer desfzer dos outros, mas os índios são mais educados. Eles falam com gente... Não tem pavulagem com eles, depois que a gente se torna conhecido pronto, toda vez que a gente se encontra eles ficam alegres e recebem bem a gente. Agora tem gente que fala mal de índio e que não tem nem merda pra cagar e só quer ser. Eu conheço gente que não tinha nada, andava com umas roupinhas velhas e agora melhorou um pouquinho, já anda mais arrumado e quando vê a gente finge que nem conhece. É disso que eu to falando, dessas pessoas que são assim.

Eu não sei de onde vieram meus avós e bisavós, o que eu tenho pra dizer é que o nome completo da minha mãe era Elvira Duarte da Silva. Do meu avô ela dizia que era Manoel Duarte. Agora o outro eu não sei. O outro sobrenome. O da minha avó era Gertrudes Duarte da Silva. Já da minha bisa avó eu não sei. Eu não conheci não minha bisa avó. E eu já to dizendo esses nomes da minha avó e do meu avô porque a mamãe falava pra gente. Não conheci nem meus avós, nem bisavós... Eles já tinham morrido quando eu nasci.

Meu nome completo é Maria Duarte da Silva. E o homem que eu vivi junto até a morte dele é Manuel Ferreira da Costa. Eu conheci esse homem que eu casei lá no Jurará, que era um igarapé e uma vilazinha. Antes de casar com ele na igreja eu já tava com ele dois anos... Foi o padre Chiquinho, um que andava com uma bata preta, que foi por lá pelo lugar onde a gente morava, chamado Laura Brasil e casou a gente. Ele foi e ficou por lá nesse lugar da Laura Brasil, ela era a dona do seringal, era viúva e não queria que ninguém que trabalhava pra ela não fosse casado na igreja. Casei e fiquei com meu marido até ele morrer. E a mãe dele não queria!!! Ela não queria que eu casasse com ele, porque eu era mãe de filho. Porque eu tinha tido uma filha antes de conhecer o filho dela, a menina que eu tive quando eu tinha

quinze anos e que morreu com cinco anos de idade. E o outro filho dela se agarrou com uma viúva! Ela tinha cinco filhos. E ele criou tudinho! Os cinco. Quando foi depois de terem grande não sei o que houve lá, eu sei dizer que um quis cacetar ele com o pau e se ele se fizesse de doido tinha apanhado. O enteado ia meter a peia nele... E eu pelo menos não levei nenhum, né? Eu tinha tido uma filha, mas Deus já tinha tirado. A minha sogra era Cearense... Ela e o filho.

Eu me criei no Bom Futuro e depois... Espera aí que vou relembrar cada lugar por onde já morei... Eu nasci e me criei no Bom Futuro. Aí quando eu já tava grande eu fui pro Marmelo com a minha prima, fui com minha prima, filha da tia Adelina, passear lá pro Marmelo... De lá do Marmelos aí a minha tia Consuelo foi lá atrás de mim, porque ela soube que eu tava na casa de uma mulher que era família estranha... Aí ela disse que vinha me trazer e me trouxe lá pro Guandomar... Morei pro Guandomar com a minha tia. Esse lugar também era às margens do Madeira, era um lugar bonito. Lá tinha um salão coberto todo de telha, alto, quando alagava ficava a água tudo por debaixo. Essa minha tia que foi me buscar pra morar com ela era parente do meu pai. Ela era dona do seringal, o marido dela tinha morrido.

Lá pelo Guandomar passava o rio Madeira. E de lá nós viemos aí pro Descanso. Foi onde a Chiquinha, minha irmã parte de pai, com o pai dela e as irmãs dela foro lá no Festejo. Era Descanso o nome do lugar. Nas Margens do Madeira também. Do Descanso nós moremos num lugar chamado por Porto Novo. Mas, eu ainda tava com a minha mãe. Foi antes de me casar. Era também na Margem do Madeira. E era lago pra trás... Tinha o lago para o lado de trás e tinha, assim... Como diz o outro, a vila de casa aí. Era longe... Daí nós viemos aí pro Caiari. Do Caiari foi que fui morar com aquela mulher do seu Luiz Neves quando eu fui ser Pajem do Manelzinho Neves, eu cozinhava e lavava roupa... E aí foi o tempo que nós começamos a se gostar... Eu e o Manuel, com quem me casei depois. Nós andava aí por perto e passamos a se gostar... E a mãe dele não queria, não queria, não queria... Aí nós fomos numa festa na casa do finado João Machado... O filho dele era casado com a minha cunhada e aí nós fomos nessa festa na casa do seu João Machado... E de lá nós fugimos...

Antes de eu ir trabalhar lá para o Bom Despacho e conhecer o homem que me casei eu ainda estava morando com minha mãe. Aí já depois a minha mãe foi morar no São Joaquim, adiante do Bom Despacho. Ela era lavandeira, cozinhava lá na casa Palmeira. E de lá que eu comecei a trabalhar também... Foi quando eu fui

morar na casa dos Neves. Nesse tempo que eu tava morando aí no São Joaquim com minha mãe, a família do meu marido ainda não tinham chegado aí no Bom Despacho. E só depois quando eu fui trabalhar na casa dos Neves é que eles já estavam morando lá. E de lá a gente começou a andar em festa... Aí quando foi nessa noite que teve a festa, nós viemos embora!

La do Caiari, fomos para o Juma da Laura... Tem dois Juma um daqui de perto do Humaitá que o dono é o velho Portiga e tem o Juma de lá da dona Laura que era o Juma Brasil. Praí que nós viemos. É acima de Carapanatuba. No Madeira também. Nós quando tava no Carapanatuba eu já tinha a Raimunda e a Maria. A Maria tava com dois anos e a Raimunda com seis meses. Eu já tinha a Raimunda e a Maria. Nós já tinha morado aí no Juma. E a velha não gostava de mim... Não gostava... E ele sempre ia lá passear na casa dela. Quando chegava lá que ela começava a falar... Quando passava dois dias... Nos três dias ele já chegava de volta. Vinha embora, porque, a mãe dele vinha com conversa fiada com ele. E ele não gostava. Vinha embora. E, assim, nós ficamos... Graças a Deus... Mas o que derrubou ele foi ter se metido com outra mulher quando nós viemos morar em Humaitá.

Quando nós chegamos aqui pro Humaitáque ele parece que começou a passear pra li pro lado da Bonifácio e pra lá tinha umas meninas solteiras... Ele se engraçou duma pra lá aí já num parava mais em casa. Aí depois me disseram que disque ele tava gostando de uma mulher pra lá. Foi o tempo que ele se aposentou. Aí foi que inflamou tudo mermo. Se aposentou e depois de ele receber o dinheiro dele não me dava nenhum centavo... E o que ele comprava tudo era escondido. Foi quando eu disse assim: - Como é que é? Se é pra viver assim... Você passe pro seu quarto. Foi o tempo dele sair... Demorou... Demorou... Eu agarrei tirei o mosquiteiro dele e joguei no quarto dele... Era nessa casa mermo que eu ainda moro... Só que tem que era pequena... Botei o mosquiteiro dele num quartinho assim que tinha na frente...

Tinha os meus netos que moravam comigo e saíam aí na rua fazendo campanha prum candidato... Trabalhou a menina da Deca... Trabalhou a Maísa... Trabalhou os dois netos... Que quando minha filha Maria de Nazaré morreu eles ficaram aqui que ela me entregou eles pra mim cuidar... Era quatro que trabalhava na política... E nesse tempo foi o Álvaro que ganhou pra vereador... Aí ele perguntou o que é que nós queria... Eu disse: - Num sei... Eu queria uma casa... Aí

quando ele andava fazendo o cadastro... Pegando o nome das pessoas... Ele prometeu de ajudar... Eu disse que queria que arrumasse minha casa, lá a Maria José disse que queria uma casa também, ela morava alugado ai perto de casa. Lá o pai dela não queria que ela morasse longe... Disse que era pra dizer pra ela que não quisesse a casa... Que ela vinhesse morar aqui... Fizesse uma casa grande e dividia no meio. Ai foi indo até que ele venceu ela. Ai o Álvaro, que foi o candidato eleito pra quem meus netos trabalharam, concordou em fazer só uma casa e ai foram trabalhar na casa pra ela passar pra dentro... Foi assim...

Voltando a falar do tempo quando nós tava no Juma que a velha, mãe do meu marido, não gostava de mim, ela veio ainda onde eu morava... Veio mermo na cara de pau ai em casa. O Manuel chegou um dia... Ele chamava pra mãe dela, a velha, ai ele disse: “A velha ta na casa do Matias”, que é meu cunhado... Ai eu disse assim – Ela ta passeando? Ele disse: “Tá”. Ela disse que domingo vem passar o dia aqui em casa”. Eu digo - Aqui em casa? Mas ela não gosta de mim como é que ela vem aqui pra casa?! “Deixa ela vim tu arecebe ela bem que eu vou caçar, vou pescar lá no lago Apuí pra quando ela chegar ter comida”. Ai quando foi domingo ela veio. Veio ela e as duas filhas dela. A filha dela mora até ali em frente ao Estádio. Daí nós fiquemos bem!

...Sim ela chegou eu recebi ela bem... Ela agradou a Maria... Agradou a Raimunda e daí nós fiquemos bem! Ai passou o dia que ela disse que ia passar e nesse mesmo dia que ele veio ai pra casa quando foi de tardezinha ela foi embora pra casa do outro filho dela. Ela também não gostava dessa outra nora que era viúva... Ai ela foi embora... Foi embora lá pro Jarará... Depois já correu o boato que parece que era pra eles irem buscar ela. Lá o velho Matias foi com ele... Trusseram ela... Ela ficou na casa do velho Matias... Passou uns tempos na casa do Matias depois ela foi lá pra casa. Depois arrumaram uma morada pra ela do tamanho, dessa minha, assim, onde eu moro. Era um barracãozinho. Embaixo pesava borracha. Ai ela ficou lá bastante tempo.

Foi... Ai foi quando ela veio de lá. Ela veio e depois que saímos daí da Laura, viemos sair da colocação de onde nós morava e viemos morar pra uma colocação mais em cima. Ai chegou o Dão, a mulher do Dão é irmã do meu finado marido, e disse que se fosse, a modo assim, quisesse morar pra trabalhar pra viver só de plantio tinha um terreno lá devoluto, se quisesse ele arrumava pra gente. Ai nós fomos já pra lá junto com a velha. Era acima do Juma. Era do Juma mermo. Tinha o

Camujá e tinha o Canta Galo. Nós fiquemos no Canta Galo. Era bom pra gente plantar! Sinceramente tudo o que a gente plantava dava. Era no rio Madeira também, esse lugar. Era bonito ali, ficava mermo na margem do rio Madeira. Eu sei que a reza acontecia todo ano lá... Todo ano o Dão festejava. Festejava Nossa Senhora da Santa Rosa e São Raimundo. Que era a promessa do filho dele... O mais velho. De lá nós viemos foi mermo praí, tudo perto. Quando era serão de tabaco nós ia pra lá ajudar e no dia que caia pra arrumar tabaco lá em casa ai iam pra lá ajudar nós. A gente arrumava o tabaco assim: Era aqueles folhão assim, mermo que tajazão que tem aquelas folhas largas, a gente quebra no meio, estica assim no chão e depois enrola. E assim foi... Ai a velha caiu doente, ela morava com o genro dela. Ele trouxe ela aqui pro Humaitá... Nesse tempo o hospital era lá na frente, perto do rio, ela veio se tratou, mas não ficou mais boa. Ai ela piorou... Piorou!... Morreu... Mas aquela que foi... Sem mentira nenhuma, quando foi entre véspera de morrer ela mandou chamar o Manduquinha, meu marido.

Mandou chamar e também mandou chamar o outro genro dela, Chico Prestes... Quando foi de tarde ele veio ficou por ai... O Manduquinha foi ai de casa também e ela disse que era pra mim ir. Ela só vivia já dentro do quarto deitada e sentada. Sem mentira nenhuma, da cintura pra baixo, a velha tava inchada... A coxa dela era aquela enormona, o pé dela... As partes dela... Que tava enorme... Pra parte de cima tava magro... Magro! Ela sentou na rede e disse: “O Mandunquinha já chegou?” Ele disse já senhora... “E o Chico?” E Chico também tão tudo ai. Ela disse: “Chama eles aqui” Eu fui e chamei. Entraro falaram com ela... Entraram o genro, o filho e as filhas. Ai ela olhou assim pra cara do filho dela, o meu marido... Ela disse: “Olha eu pedi a presença de vocês aqui pra vocês”... Ela começou com o Manduquinha... Ela chamava pra ele de Duquinha: “Olha Duquinha eu vou te fazer um pedido pela derradeira vez... Você encurte mais o vício da bebida porque você ta muito inchado no vício da bebida... O que você faz é pouco... O que você ganha... E ainda diveide com a bebida isso não é papel de um pai de família... Você cuide direitinho da sua família... Você devia ver... A sua família ta grande” Esse ano eu tava criando a Sebastiana... E a Maria, minha filha mais velha, chorava, chorava, por causa dela... E eu não chorei um pinga de lágrima nem quando ela morreu... Menina aquilo ficou tudo guardado... Aquelas ruindades que ela fazia comigo. Deus me perdoe. E ela continuou a falar: “Você capriche... Você nunca abandone sua esposa com seus filhos ou boa ou ruim, mas é sua mulher, mãe dos seus filhos... Se

abandonar só por morte”. Ai ela virou pro meu lado e disse a merma coisa que falou pra eles só não falou negócio de bebida, mas ela deu conselho pra viver bem... “Como é bonito uma pessoa viver bem em companhia, como é bom, toma conta das tuas filhas” Porque eu tinha mais era filha, seis filhas... Ela disse: “Toma conta das tuas filhas que mais adiante vão te ajudar. Elas é que vão olhar por ti”. Ai foi a merma história que falou pro filho dela, falou pra mim... O outro filho dela não estava presente, porque ele estava longe.

E quando foi o dia que ela morreu... E quando foi nessa noite que ela fez a fala era um negócio de umas seis horas da tarde e quando foi de meia noite em diante ai pronto ela piorou... Piorou... Piorou! Morreu. Também ela abençoou todo mundo... Sim e nesse tempo a Maria, minha filha mais velha, já era moça e ela parece que cismava que a Maria namorava com o cumpadre Osmar... O cumpdre Osmar era casado lá no Juma. Ele morava no Juma e no tempo que nós morava no Juma ele não saia lá de casa só vivia lá... Ele era meu cumpdre, ele era padrinho do Chico, desse meu filho que mora em Porto Velho. Ai essa velha disque ela falou... Disque não, que ela falou mermo... Que a Maria namorava o cumpadre Osmar, que ela tava namorando com homem casado. Ai contaro pra Maria... Ah! A Maria ficou com raiva! Passou uns tempos que ela não tomava bença da velha e nem falava com ela. Eu ainda andei ralhando ela... Aconselhando ela: - Se é que era verdade que ela não tinha nada de namoro com ele. Deixa que a velha falasse... Mas ela me disse: “Ah, mas eu não me esqueço”. Ai quando foi nessa noite, sem mentira nenhuma! A derradeira foi a Maria... Ela chamava a Maria de Mariazinha... Nós tava tudo lá... Ela disse assim: “Cadê a Mariazinha?” Eu disse ta aqui. A Maria não dizia nada. Eu disse ta aqui. “Eu quero falar com a Mariazinha” Ai eu disse: Maria tua vó quer falar contigo Maria. Ai ela passou por mim e disse: “O que essa velha quer recomendar” Nada ela quer conversar contigo. Ai ela tomou bença... A rede atada mermo assim! E ela sentada... O musquiteiro suspenso, que no interior é assim é o musquiteiro e aquele paredão de rede... Ai ela disse: “Deus te abençoe minha filha. Tu ta bem?” A Maria respondeu: “Eu to”. Aí a vó dela continuou falando: “Mariazinha, me perdoa minha filha, eu falei de ti uma calunia. Eu disse que tu namorava com homem casado... Eu peço que me perdoe. Tu me perdoa pela última vez?”. E a Maria calada. Ai eu falei pra ela: - Rumbora menina responde pra tua avó... Resolve... E a velha falou de novo: “Me perdoa Mariazinha... Mariazinha tu me perdoa pela última vez? Ela disse: “Ta perdoada” Ai eu fui e disse: - Não, não

diga assim, diga, Deus e nossa senhora lhe perdoe, que por mim ta perdoada. Eu sei que por fim ela abençoou a Maria e disse pra ela obedecer o pai dela: “Seja uma filha obediente com seu pai e com sua mãe”.

Ela ficou sentada... Tava de fazer dó! A derradeira coisa que ela pediu pra Maria foi: “Mariazinha pede pra tua mãe fazer uma Xícara de café pra mim. Ela falou pra mim... Quando a Maria falou do pedido da avó dela eu disse baixinho e abismada: - Meu pai do céu, eu não tenho coragem de negar esse café... Eu fui lá levei aquele café. Sem mentira nenhuma, ela pegou aquela xícara de café e bebeu tudinho. “Ah agora sim, estou satisfeita, o café tava muito bom”. Ela botou a Xícara, assim, eu peguei ai fiquei de pé lá espiando, ai ela pediu pra deitar ela. Deitou. Também pronto! Ela já foi virando pra trás. Não sentou mais e quando foi já pro lado de meia noite ela foi piorando e morreu e sabe por que ela pediu esse café de mim? Eu digo, assim, que foi porque quando eu fui morar com o filho dela, ela dizia que ela não precisava de mim pra tomar uma xícara de café. Ai eu fui e disse: - A senhora disse que não precisa de mim pra pedir uma xícara de café, mas na hora da sua morte a senhora vai precisar! A senhora vai ver uma coisa... Quem é que ta errado se é eu ou a senhora, mas na hora da sua morte a senhora vai pedir essa xícara de café de mim. Ela deu uma risada e disse que ela achava muito me chamar pra pedir uma xícara de café. E chamou né? E bebeu esse café.

Mas não foi eu que fiz o café. Foi, foi nada! Porque eu não tinha coragem de ir pra cozinha sozinha, o filho dela que disse que ele ia fazer, ele fez e me deu pra levar pra ela. Mas basta dizer que foi eu que levei na xícara e ela pegou da minha mão, nué? Por isso, que eu digo, a gente tendo razão, a gente recebe a decisão nem que seja na hora da morte. Ela disse que não precisava de mim nem na hora da morte... Pra pedir uma xícara de café, mas ela pediu... Na hora da morte...

Pois é, é isso que eu tenho pra contar. Agora eu vivo aqui na minha casa só com uma das minhas netas, e o pai dela, pois a minha neta menor foi com a mãe dela. Minhas filhas vêm me visitar. Quando eu fico muito ruim vou para casa da Lúcia, minha filha, mas não fico muito tempo lá, porque gosto de ficar na minha casa. Daqui de Humaitá eu não tenho história do lugar pra contar, só uma que eu ouvi dizer que é a história que meu neto veio me perguntar para o trabalho do colégio dele que eu falei pra ele que dizem que é ali debaixo da catedral tem uma serpente lá embaixo. Eu não sei contar a história, é só assim que eu sei, porque foi, assim, que os antigos contaram. Disque, lá debaixo tem uma serpente e, é por isso,

que não para de cair o barranco naquela imediação. E é mermo, que ali cai... Cai... Cai mermo! E agora faz muito tempo que eu não vou mais ali pelo porto, mas aquela caída vem... Vem... Vem mermo que meu Deus do céu! E agora fizeram um aterro cobriram de terra ficou bonito. Uma vez o Alminho, marido da minha neta Maisa, que eu criei, veio pra cá e me disse: “Vamos dona Maria lá na praça passear” Eu disse: - Não. Eu vou entrar pela catedral, mas ali na beira eu não vou não. Ai ele perguntou: “Por que a senhora não quer ir vó?” Eu não fui e não deixei minhas duas netas irem. Num vê ai pra baixo! Que já afundou...

Ai pra baixo, no Espírito Santo, uma comunidade na beira do rio Madeira, que a terra afundou na noite de uma festa. Ali pra baixo no beradão! Quando é de madrugada, disque o barco passa lá e disque o galo ta cantando. Escutam bem quando o galo ta cantando no fundo... Mas, isso quem contava era os antigos e ainda hoje contam, assim como essa história da serpente que disque vive debaixo da catedral aqui em Humaitá. Esse pessoal que contava a história de que tem uma serpente debaixo da catedral, são esse antigos... Já morreram. Só sei assim. Como eu falei pro meu neto, foi D. Miguel que disse que tem uma serpente lá dentro da igreja. Ele falou mermo! Tava só nós da legião de Maria quando ele falou. Deus me perdoe, mas eu não acredito. Eu não acredito e ao mesmo tempo eu quero acreditar e num acredito. Porque ficar ali debaixo, no centro da terra...

Tudo que contei foi de coração mermo! Não tenho mais nada pra contar.

História de vida como cura

A primeira vez que fui à casa da tia Cila eu tinha 13 anos de idade, quando eu fui na sua casa em Humaitá com meu tio Benedito. Ela é irmã por parte de pai da minha mãe, do tio Benedito e do tio Edson que é tido como morto, pois ele trabalhava em balsas de rebocar cargas de Manaus para outras cidades e chegou até nós só a notícia de que ele havia morrido afogado.

Depois de ter formado família passei a ir mais vezes em Humaitá visitá-la. Aos poucos após idas e vindas de filhos, sobrinhos e netos entre a casa dela e da minha mãe, as duas famílias foram estreitando os laços afetivos. Os meus laços de afetividade com ela se intensificaram após minhas passagens por sua casa, que foi minha base em Humaitá quando ia para o Uruapeara durante a pesquisa. Foi nessas estadas em sua casa

que me dei conta da importância de entrevistá-la, por ela ter vivenciado o Uruapeara e poder falar de como se organizava a vida por lá.

Realizei sua entrevista em maio de 2013. Ela falou de lembranças dolorosas e conforme foi contando parecia que estava arrancando cascas de feridas ainda não cicatrizadas. No decorrer da narrativa foi se dando um processo de dores revividas que ao final alcançam uma superação. Enquanto estava narrando uma experiência específica que lhe causava tristeza, expressa em seus gestos e olhar, eu fiquei ali de frente para ela, olhando-a e ouvindo-a, torcendo para que ela atravessasse aquele momento narrativo difícil, não procurei querer saber mais, apenas escutei. Senti que mesmo sendo dolorido falar de certas experiências ela transpareceu força no final da sua narrativa, como se contar sua história de vida tivesse tido um efeito de cura para ela.

A conferência da sua narrativa se deu em junho de 2014 em sua casa. Era começo da noite, ela estava dentro do seu quarto, bati na porta, ela disse para eu entrar. Entrei, percebi que ela estava fazendo suas orações, perguntei se estava atrapalhando, ela disse que não, falei que estava com sua história de vida no papel e perguntei se ela queria que eu lesse para ela. Respondeu-me que sim. Convidou-me para ir até sua cama, deitei de bruço ao lado dela e comecei a ler sua narrativa, ela escutou com interesse, e nas passagens que ela percebia que eu havia trabalhado textualmente o que ela tinha falado, ela dizia: “É isso mesmo que eu quis dizer.” No final ela estava com uma expressão de satisfação e de renovação pessoal, disse que tinha gostado muito e que nem lembrava que tinha falado tantas coisas para mim.

4.2CILA

Cila Trindade dos Santos, nasceu em 1947 na localidade Centro Comercial que faz parte do Uruapeara. Em maio de 2014 completou 67 anos. Sua narrativa representa caminhos percorridos por muitas mulheres que nasceram em comunidades as margens de rios e lagos da Amazônia e é levada a se deslocar para a cidade. Cila, narra uma memória de resistência diante de tantos desafios que enfrentou na vida desde criança e diante das condições que foram sendo colocadas a ela encontrou uma maneira de existir e se sentir vitoriosa.

Minha vida não foi muito boa, mas graças a Deus eu venci!

Eu não sei como começar a falar sobre a minha experiência de vida. Não sei se é para falar já depois de casada, nem sei o como é que fala da experiência de vida. Se falar de experiência de vida for falar do que eu vivi, da minha vida... Ai eu tenho como falar... Assim, do que eu vivi mermo! Do tempo da juventude... Que eu acho que eu nem tive isso, eu acho. Lembrar desse tempo pra mim é difícil...

Ah Jesus! Eu não sei como começar. É, vou começar do meu tempo de jovem...

Minha vida não foi muito boa... Num tive aquela juventude! Feliz, assim, de ter muita coisa, de ter me divertido! Até porque eu me criei mermo sem mãe e sem pai, né. Minha vida não foi muito boa, mas graças a Deus eu venci! Pronto, aos poucos vou entrando nessas minhas recordações doloridas.

Quando me entendi eu já estava moçazinha! Foi quando eu já sabia o que queria da vida... Que era ter uma vida melhor. Eu lutei muito por isso. Eu tive dificuldade porque muitas coisas acontecem quando a gente é nova e mora com pessoas que não consideram a gente como a família mermo... Como uma comparação, a minha vida como filha de criação da tia Maria, que era como filha dela de verdade, né, porque ela me criou, mas o tio Benedito, marido dela, eu considerava, assim, como tio, mas ele quase num me considerava... Então, foi meio difícil... Foi mesmo uma fase muito difícil na minha vida, que apesar de eu ter superado é uma lembrança triste pra mim. Mas isso graça Deus eu venci. Venci!

Eu gostava muito de ir pra festa dançar... Eu pensava de ter uma vida sem casar cedo, né? Queria levar minha vida mais longe... Queria estudar, assim, como uma das minhas tias e depois meus irmãos que também foram estudar em Manaus... Mas eu não tive essa oportunidade. Ai foi o tempo que nós se casamos, eu e o Antônio. Casei com 17 anos. E... Graças a Deus o meu casamento foi bom. Fui vivendo a vida, assim, levando uma experiência de vida familiar... Lutando... Trabalhando... Nós sempre vivemos uma vida de luta, porque nossa vida sempre foi de luta! Pra conseguir alguma coisa... Com a luta a gente vence. Com muita dificuldade pra criar os filhos... Mas a minha esperança era sempre de levar aquela vida que fosse melhorando... E querer para os filhos, principalmente, uma vida melhor.

Tem muitas vezes que eu penso assim: - Tive dez filhos e, muitas vezes, fiz isso sem pensar, nem pensei no projeto de vida deles, porque muitas vezes a gente fala que as meninas de hoje tem filhos sem pensar... Hoje em dia ta acontecendo isso, as meninas novinhas tão botando filho no mundo e nem pensam no que elas tão fazendo. Então eu penso que um dia eu fiz isso também. Eu nem pensei no que eu tinha pra dar pra eles, um bom futuro, coisas boas, mas graças a Deus, o que eu pude dar pra eles eu dei, eu dou. E... Nós Vencemos! Passamos aqueles anos lá no Uruapera, trabalhamos por lá... Plantando... Mas uma coisa que eu sempre tinha no meu pensamento... Eu sempre quis sair com eles de lá, porque eu não queria que eles ficassem como eu, sem estudar... Sem aprender nada... Eu queria que eles aprendessem alguma coisa... Se dependesse de mim mesmo eu acho que não tinha nenhum filho que não fosse formado... Assim... Eu queria que fossem todos formados e tivessem trabalhando na educação... Como professor, diretor, porque acho que na Educação tem muita coisa boa, não é só sala de aula também né? Mas nem todos quiseram... Mas graças a Deus! Isso aí eu consegui... Graças a Deus, eu agradeço muito a Deus por isso, porque eu lutei por isso, uma coisa que eu fiz foi isso.

A minha experiência de vida foi, assim, de mudar a vida deles pra não ser que nem a minha. Estudar e ter um emprego e não ver eles, assim, trabalhando no mato passando noites de sono para sobreviver. Isso aí foi uma experiência de vida que eu quis e consegui chegar lá porque graças a DEUS não tem nenhum sem ter seu trabalho e na bandidagem fazendo coisas erradas... Graças a DEUS, eu olho assim e vejo... Agora cada um tem seu trabalhozinho de pouco, mas tudo tem seu emprego... Tudo estão vivendo a sua vida... E do seu jeito... Não tem nenhum rico, não tem nenhum tão sabido, mas também não tem nenhum burro, assim, de dizer que não saiba nada, né?! Todos eles sabem o seu pouco e ta servindo pra isso. Pra mim, ver meus filhos com seus empregos cuidando de suas vidas é uma superação de todas as dificuldades que eu passei e do que eu não pude ser quando eu era jovem.

Hoje estamos aqui juntos e chegamos onde nós estamos... Graça a Deus, eu pensava, assim, de nós dois ficar na idade juntos, eu e o Antônio... Os filhos casados e nós junto ainda e até aqui estamos... Graça a Deus, eles estão levando a vida, todo mundo ta levando sua vida... Não foi fácil, mas chegamos. Me sinto satisfeita por termos chegado até aqui. Agora eu já penso é na situação deles como pai e mãe... Já

me preocupo com o jeito de viverem... Já criando os filhos... Já educando os filhos deles, já também da maneira deles, que muitas vezes, eu já até estranho muitas coisas que eles fazem pros filhos, porque, muitas vezes, eu não fazia com eles. Fico preocupada com o modo que criam os filhos deles. Mas, cada um tá levando a sua vida do seu jeito, né... Uma coisa também que eu respeitei muito sobre isso daí... Eu respeito muito...É o jeito de cada um!Cada um do seu jeito, porque são diferentes. É difícil ter uma pessoa do mesmo jeito da outra... Eu ser do meu jeito e querer que tu seja do meu Jeito. É diferente, né!? Tu tem teu jeito e eu tenho meu. Olha, eu tenho uma nora... A Ivonete, ela é muito diferente de nós porque ela é outro tipo de gente...Ela é muito diferente do nosso jeito. No começo eu estranhei muito... Mas também eu nunca demonstrei que eu não gostasse, né... Eu gosto muito dela... E respeito o jeito dela... Eu nunca desconsidereei ela...Nós já até conversamos sobre isso. O jeito dela é esse e a gente tem que respeitar. Minha maneira de ser é assim... Respeitar o jeito das pessoas... Eu não gosto de ficar querendo que um seja como o outro... Mesmo os próprios filhos, porque, os filhos da gente eles saem tudo diferente um do outro... Nascem da gente e a gente cria o filho... Um monte de filho, mas um é diferente do outro... Ai nós vamos ter que gostar do jeito que eles são... Porque tem família... Muitos pai e mãe que tem esse jeito de gostar mais daquele filho que faz mais o gosto dela. Às vezes, ela gosta mais daquele que faz mais o gosto dela. Já eu não. Eu sou diferente, eu gosto de tudo eles, do jeito que eles são eu gosto. Às vezes, principalmente aquele que é mais difícil é que eu luto mais por ele, porque, ele tá mais afastado e a gente tem que lutar mais é por aquele. Então, é assim... Meu jeito é esse...

Eu não sou pessoa, assim, de tá andando pela casa dos outros, conversando... Eu não sou de conversar muito... Mas agora só que é assim... Quando eu posso ajudar as pessoas eu ajudo. Aqui eu moro nesse pedaço e pensa que eu conheço a casa desse povo aqui nesse bairro Matinha? Eu não conheço não! Eu sei quem são os donos das casas, eu sei o nome dos donos... Mas eu não vou lá na casa deles...Tem casa assim que eu nunca entrei... Porque nunca teve necessidade de eu entrar mesmo, né!... Nas casas que eu já entrei foi pra fazer uma visita pra um doente... Às vezes, fazer uma visita, às vezes, um velório, mas a onde num foi preciso eu entrar mesmo... Sair, assim, pra ir lá naquela casa só por ir... É difícil. A casa mesmo que eu vouaqui no rumo é a casa da comadre Maria e do seu Ivo, nessas daí sempre eu vou...Eu sempre gosto de visitar eles.Mas é difícil sair de casa pra

mim tá pelas casas dos outros. Eu gosto de visitar quando estou fazendo algum trabalho comunitário. No tempo que eu trabalhava na comunidade da igreja católica e que eu era da legião de Maria... Que eu era não, eu ainda sou, mas eu não tô participando como antes, esses tempos eu nunca mais pude mais ir... O tempo que eu participava mermo! Ah eu visitava esse povo por aqui tudinho! Chegava de tarde nós saia fazendo os trabalhos... Ia visitar as famílias...

No tempo que eu era ministra da eucarística... Dia de domingo eu ia levar as hóstias pra distribuir pros doentes...Durante a semana eu ia visitar as famílias e onde tinha um doente eu ia aos domingos levar a hóstia...Agora nunca mais eu fiz isso. Eu não pude mais tá andando... Mas é assim, pra mim... Mas todo mundo me conhece aqui, todo mundo me gosta e eu também gosto de todo mundo... Nunca Graças a Deus, nós tivemos de viver com confusão com vizinho... Nunca ninguém falou: “Ela ta fazendo fofoca”... “Tá falando mal de nós”... Confusão com vizinho...Não. Nunca!... Nunca! Faz 20 anos que estamos aqui nesse lugar que moramos e com 31 anos que nós estamos aqui no Humaitá... De quando nós viemos do Uruapeara com os meninos tudo pequeno.

Eu quando cheguei aqui em Humaitá, trabalhei!...Lavava roupa pra fora... Lavei roupa pra fora 13 anos!Nesse Humaitá... Foi trabalho duro... Lavava um monte de roupa pra esse povo... O Adelson, meu filho mais velho, trabalhava no seu Dionísio... O Antônio trabalhava nessas firmas por ai... No período que meu marido ficava fora trabalhando eu ficava só eu com os filhos e dava comida pra eles...Lutemos muito. Graças a Deus eu consegui.

Estudar! Nunca pararam de estudar, porque a gente lutava mermo naquela época. Eu digo sempre - hoje é tão bom porque tem o governo que dá lápis, dá lapiseira, dá farda, né, dá caderno, dá tudo! Aqui. Naquela época não tinha nada disso, a gente trabalhava pra comprar tudo mermo, desde a farda... Era para isso que eu trabalhava... Lavava roupa...Vendia churrasquinho na beira da rua... Lá na frente da casa da tia Maria eu vendia churrasquinho toda noite... Porque lá tinha mais movimento, naquela tinha um chapéu de palha do seu Chinha que era um vizinho dela da família dos Relvas, daqui mesmo de Humaitá. Fazia churrasco ia vender... Bolo... Tudo eu vendia... Que era para dar o conforto deles, comprar pelo menos o lápis a lapiseira, roupa... Calçado... A farda... Sandalinha... Nunca ficaram sem estuar por falta disso...Quem me acompanhava nessa época era o Raimundo, meu filho que é o terceiro filho, a gente voltava três horas da madrugada, mas nos finais de

semanas, de sexta até domingo. A luta foi muito grande... Não foi fácil não... Mas Graças a Deus, nós conseguimos... Todos eles estudaram... Assim vamos levando... Não foi fácil não... Mas Graças a Deus... Não sei até quando nós vamos lutando... Todo mundo tá com seus filhos, com mulher... Marido... E nós dois, eu e o Antônio, estamos aqui...

Nasci lá no Uruapeara... Lá no comercial... No comercial num lugar que era do seu Tanagirido Lobato, que era patão do papai. Lá que eu nasci. Ah! Eu me lembro daquela época de quando eu me dei conta de mim mesma... Que eu já tava grande... Eu me lembro que eu já morava lá no Rosário. Lá do comercial eu não lembro de nada não. Quando minha mãe morreu eu estava com um ano... Ela morreu lá no Centro Comercial mermo... Ainda quando ela morreu nós tava lá ainda... E eu estava com um ano. E de lá quando ela morreu já o papai trouxe nós pra tia Maria... Me entregou pra tia Maria e os meninos ele entregou também pro nosso avô... Ai nós viemos morar ai no Rosário já...

Eu me lembro de uma parte da minha vida de quando eu era pequena... Eu estava dizendo pro Antônio - Tem coisa que a gente grava assim desde pequeno na cabeça, que a gente não se esquece, né?... A primeira coisa, assim, que me lembro é que a tia Maria era solteira. Quando a minha mãe morreu a tia Maria tava lá com meu avô, ela era solteira, quando ela casou eu já tava que nem esse Lucas, meu neto de cinco anos de idade, eu acho. Porque eu me lembro dessa parte ai... Quando o tio Benedito veio buscar ela... Eu acho graça agora lembrando disso, mas ainda lembro como eu me senti quando minha tia foi embora e eu fiquei... Eu fiquei rolando no chão... Na beira d'água... A modo que eu to vendo até a árvore que tinha lá, onde eu fiquei chorando... Porque ela não queria me levar... Não me levou... Ela me deixou lá com meu avô e minha avó... E eu fiquei rolando no chão... Chorando pra mim ir mimbora com ela... Essa é a parte que eu me alembro... Ai daí vai... Com o tempo parece que passa aquilo que a gente não a alembra mais, né? Passa e a gente deixa pra lá.

Me lembro já depois quando já tinha o compadre Raimundo, o primeiro filho da minha tia, e ele tava grandinho... Nós andava pelas roças com ele... Um dia ele caiu lá de uma escada grande da casa do meu avô... Era alta aquela escada... A gente passava o dia embaixo e o assoalho era lá em cima... De noite a gente dormia lá em cima... Ai eles atavam lá na beira do assoalho, no alto... Meus avós coisavam, quer dizer, pegavam um bucado de banana e atava, assim, na beira do assoalho, e a

escada passava bem perto do cacho de banana... Ai ele foi subir... Ele tava pequeno mermo ainda, eu acho que não tava do tamanho do Lucas não, esse meu neto de cinco anos... Tinha acho que uns dois anos pra três aninhos... Ai ele foi subir pra tirar banana e escapoliu da escada grande... Caiu embaixo... Machucou mermo! A cabeça dele... Assim na parte de trás da cabeça. Quase ele morre! Eu lembro dessa parte também... Essa outra parte eu me lembro bem... Nós correndo no caminho... Eu com uma babá dele... Atrás do tio Benedito... Correndo no caminho gritando na mata... Nós fumo embora pra dentro da mata... Foi assim... Aquilo ia passando... Já me lembro disso ai... Já me lembro de outras coisas... Agora lembro bem mermo depois que eu já tava grande ai se mudamos de lá... Viemos morar ai pra Paciência... Onde a tia Maria morava... Onde a comadre Lindaure tem casa agora... Ai já se mudamos mermo... Nessa época a comadre Lindaure já tava também... Ela nasceu já ai... E dai eu já lembro bem... Que nós fumo pra lá... Era eu com a tia Maria e o compadre Raimundo, filho dela... Era nós três! Tia Maria tomava conta de nós dois. Quando o compadre Raimundo nasceu eu ainda tinha acho bem uns cinco anos... Quando a comadre Lindaure nasceu eu já tava com 12 anos... Uns 10 por ai... Desse tempo já pra cá eu já me lembro bem o que nós passamos.

Eu lembro que... Quando o papai ia me ver... Depois que eu cresci, assim, que eu era novinha... Toda vez que ele ia lá pela casa da tia Maria... Ele levava alguma coisinha pra mim... Ah! Eu ficava tão alegre quando ele chegava... Ai eu ficava com vergonha e me escondia dele... Ele chegava... Eu escutava que era a fala dele... Tia Maria dizia: “Lá vem o compadre Manel”... Eu corria pro quarto... La me escondia dele... Eu ficava animada com a chegada dele, mas ao mesmo tempo ficava com vergonha dele. Eu me lembro disso com muita saudade do meu pai. Nessa época eu acho que eu tinha mais ou menos uns oito anos ou uns dez anos por ai, eu já tinha mermo und dez anos pra lá... Eu me escondia dele no quarto... A tia Maria me chamava... Até... Deuso livre... Quando ia os três duma vez ai que eu tinha vergonha... Às vezes, o compadre Manel, o Tarcilo, meus irmãos, iam também por lá, eles já estavam rapaz tudo lá... Ah! Eu me escondia deles... Tinha vergonha deles... Deuso livre... Eles chegavam... Tinham castanha eles tiravam... Acabavam... Eles vendiam... Repartiam... Às vezes, eles levavam alguma coisa pra mim lá... Seja dinheiro, ou seja, alguma coisinha que eles compravam pra me dar de presente... Ah! Eu ficava era alegre! Deuso livre... Depois que iam embora eu ia chorar!

Quando eles iam embora eu chorava... A melhor coisa pra mim era quando eles iam me ver, mas quando eles iam embora eu ficava muito triste.

E ai assim fomos, algumas coisas eu vou me lembrando aos poucos. Ai depois foi o tempo que eles se mudaram pra lá para Rondônia... Ai eles foram lá em casa no Uruapeara... Não me lembro se a Chiquinha, que era a mulher que ele casou depois da minha mãe, foi daquela vez! Não me lembro se ele foi só e me trouxe ou se ela foi também... Eu sei que nessa época ela já tinha se mudado pra lá pra Rondônia, no Cuniã e depois que mudamos pro Madeira abaixo do Bom Ceará que acima de Boa Hora já em frente a Ponta Alegre... Sei que a Chiquinha já tinha tudinho eles... A Nilce, o Edson, que a gente chamava de Roxinho e o Benedito, que era o mais criança. Esses são meus irmãos por parte pai. Ai eu vim com ele pra lá pra onde eles moravam... A Nilce já tava grandinha, deixa eu me lembrar direito, ela tava assim que nem... Por aqui meu Deus não tem uma meninazinha pra comparar com ela... Eu sei que pra mim a Nilce era mais clara... Naquele tempo que ela criança... Acho que é porque ela era criança ainda. Era mais clara, assim, e a modo que o cabelo dela era mais louro... Mais loirinho... A modo que era mais vermelho... Eu lembro dela nessa época, mas a modo que ela era diferente... Ai passou muitos anos depois pra mim ver a Nilce... Vixe. Mas, esse ano que eu fui lá morar com eles... Passei um ano... Com o papai... Com a Chiquinha... Tudo... Eles moravam no Cuniã depois do Cuniã nós viemos pra lá pro Madeira, porque o Cuniã fica bem pra dentro onde tem o lago do Cuniã.

Passamos aqueles anos lá para onde eles moravam, todos juntos. Ave Maria! Era tão bom, a gente vivia tão bem! A gente era tudo pequeno... Nós se juntava e ia brincar... Parece que eu to vendo o jeito do Benedito! O Roxinho! Sinto saudade deles, nunca mais vi o Benedito, e o Roxinho sumiu e veio só a notícia que ele tinha morrido. Parece que eu to vendo quando ele era pequeno... Era assim... Ele era que nem esse Tiago, meu neto... Grandão... Ele era grandão. Gordo! Só que ele era bem moreno. Esse compadre Manel que era filho só da Chiquinha também era grandão... Parece que eu to vendo o jeito dele. Nós brincava... Brincava! Que Desulivre! Quando chegava aquelas horas... Seis horas o papai chamava nós... Tivesse quem tivesse... Ele butava nós pra rezar o anjo do senhor... Era toda seis horas!!! Às vezes, a Chiquinha ficava achando graça... Às vezes, nós tava com vergonha por ali, mas nós ia... Ele fazia nós ir... Ela ficava se acabando de rir lá pra cozinha. Quando o pessoal sabia que nós tava com vergonha de rezar eles riam... Mas nós ia... Não

tinha jeito não. Eles botavam na gente pra rezar o anjo do senhor. E era, assim... Eu me lembro desse tempo com alegria.

Ah! Essa reza do anjo do senhor quem me ensinou foi meu avô... Era desde o tempo de quando eu era criança também quando a gente ainda tava na casa do meu avô por parte da minha mãe... A gente rezava o anjo do senhor todas seis horas. Com a tia Maria também... E aí eu fui pra lá com eles, com meu pai e a Chiquinha e era a merma coisa... É... A gente reza assim: - O anjo do Senhor quem me ensinou a Maria e a ela concebeu o Espírito Santo. Ave Maria... Es aqui a escrava do senhorfaça segundo sua palavra... O verbo divino se fez carne e habitou entre nós... Ave Maria cheia de graça senhor é convosco bendito sós vós entre as mulheres... Bendito ao fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte amém... Glória ao pai ao filho e ao espírito santo amém... Como era no princípio agora é sempre amém. É só isso daí mermo, mas parece que ainda faltou!...- Ave Maria e a ela concebeu o Espírito Santo... Deixa eu me lembrar... - Es aqui a escrava do senhor, faça segundo a sua palavra... O verbo do senhor se fez carne e habitou entre nós...

Isso aí era a reza das seis horas...Todas seis horas nós ia rezar isso daí... Tomava bença...Não falhava não. Todos os filhos respeitavam. Esses dias eu tava dizendo que aqui em casa também era assim... Depois que eu me casei e tive meus filhos... Todas seis horas nós ia rezar... Quando era seis horas tomavam banho e rezava o anjo do senhor... E aquele que me fazia raiva de dia que não tinha como apanhar ia apanhar tudinho... Tomavam bença aí eu dava em cada um uma surra de palmatória... Eu acho graça quando me lembro disso. Mas era toda noite... Agora nem rezar a gente não reza mais às seis horas... Mas o papai desulivre! Tempo de semana santa o papai não comia nadinha... Ele só tomava um café de manhã e ia tomar um chá de tarde... Só lendo a bíblia... Lia a bíblia e explicava, às vezes, chamava nós pra explicar...Lia a bíblia... Quando era de tarde tomava chá... Rezava... Oferecia... Do primeiro tinha muitas coisas diferentes... As famílias eram diferentes.

Sobre as nossas brincadeiras era assim, a gente ficava brincando de pampam... De roda... Era Pira... Aquelas brincadeiras de se esconde... De bola... De tudo a gente brincava. Eu gosto de me lembrar desse tempo das brincadeiras, mas ao mesmo tempo, bate uma saudade... O Papam é a mesma brincadeira do se esconde que é assim: - Vamos se esconder e eles ficam aqui... A gente fecha os olhos com as

mãos e fica contanto pra depois ir procurar até encontrar... Quando a gente chega, assim, numa comparação se eu ficar aqui nesse pau com os olhos fechados enquanto eles estão se escondendo aí eu vou ter que procurar... Se eu achar eles antes de chegarem onde eu tava contando, aí eu ganhei, não sei já como é que diz quando a gente volta e bate lá no pau onde a gente estava contando até todos se esconderem, eu não me lembro mais... Aí se eu não conseguir achar eles antes e eles chegarem primeiro do que eu lá onde eu estava contando, eles ganham... É... Mas ave Maria! Aquilo era uma brincadeira que todo mundo gostava... Não faltava aquela também... A pata cega... Essa é a brincadeira que amarrava o pano na cara e saía procurando o soutro, sai sem ver nada com o braço esticado tentando apaupar alguém. Vai por ali... A gente passava pertinho deles e não conseguia pegar... A gente brincava muito... Desulivre. Quem ensinava essas brincadeiras já eram os adultos, eles que ensinavam essas coisas assim... Aí a gente ia vendo os outros e ia aprendendo. Os adultos iam brincar e os maiorzinhos iam brincando também...

Aquela época tinha muita brincadeira... Agora o pessoal já não brinca mais... Brincadeira de boneca... Nós fazia aquelas bonequinhas de pau... Ninguém tinha boneca mermo... Naquela época ninguém tinha como comprar, né? Fazia aquelas bonequinhas de forquilha, assim, daqueles pauzinho que a gente tirava aquelas forquilhas... Fazia aqueles bracinhos tudo igual uma boneca mermo... Cortava aquele pau para fazer a boneca... Aí cortava aqueles retalhos de pano metia naquelas forquilhas... Amarrava... Fazia vestidinho... Aí nós brincava, às vezes, o dia todinho eu com a prima Benedita, que nós se criamos junto... Mas nós brincava o dia todinho, eu e ela!

Nós ficava nesse negócio de brincar de fazer comida... Tem aquela palhinha seca que tem aquela folhinha bem fininha! Parece arroz... Nós tirava aquele bucado mermo! Enchia aquelas vasilhas. Aquilo era nosso arroz... Nós ia fazer arroz... Nós ia fazer comida... Era de folha de pau... Era de fruta mermo... Era de goiaba... De ingá... Essas coisas... Frutas que a gente comia... Nós fazia que era nossa comida... Butava naquelas panelinhas... Butava as bonecas pra dormir que era nossas filhas... Olha, nós brincava o dia todinho! Quando era de tarde, mora dessa, assim, no final da tarde, ela ia me levar lá na casa da tia... Lá em casa... Na Paciência, lugar que a tia Maria morava. Aí nós passava indo e voltando... Era engraçado, ela chegava lá me deixava e depois tinha medo de voltar ... Aí eu ia deixar ela de novo... Aí chegava lá eu tinha medo de voltar só... E quem acabava me deixando era dona

Branca que já ia me deixar lá em casa porque a luz do dia estava acabando e já tava escurecendo o caminho...Nós ficava nessa arrumação... A tia Maria dizia “Bom agora sei que é... Que elas ficam nessa agonia e do meio pro fim anoitece e num se aquietam” Ai às vezes, a dona Branca ia me deixar ou a tia Maria ia deixar ela. Eu gosto de me lembrar disso. E era assim... Nós brincava muito...

As brincadeiras de roda eram essas que nós brincava aqui em casa. Eu não me lembro mais muito dessas brincadeiras, o Antônio é que deve lembrar... O Antônio tem que se lembrar das coisas porque ele já era mais velho do que eu nesse tempo... Eu só me lembro dessa mermo que nós cantava... Como era que começava meu Deus? Tinha essa, assim, - *Ôh flor...Ôhlinda flor... Ôh flor vem cá.Ôh flor o linda flor olê... Olê... Olê... Olá! Senhora dona da casa dê licença de eu entrar... Ai vinha a senhora e respondia...“Diga um verso bem bonito e diga adeus e vá embora”*. A gente falava e a outra pessoa respondia e ai vinha outra e já entrava pra fazer essa coisa também. Tem muita brincadeira de roda, só que eu não me lembro mais... Não me lembro mermo! Essa cirandinha também... Tinha uma que estou me lembrando agora:

*A canoa virou
Por deixá-la virar
Foi por causa da Maria
Que não soube nadar
Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar
Eu salvava a Maria
Lá do fundo mar
Seu eu fosse um peixinho e soubesse nadar
Levava Maria nas ondas do mar
Ela é de ouro pra te navegar...
Latinga... Latinga... Latinga... Lá lá...*

Tem outra palavra também que diz... Mas eu não me lembro mais... Tinha uma também assim - *Constância meu bem Constância... Constância meu bem querer... Jurei para ter Constância... Constância até morrer*. Eu não sei mais, me esqueço do resto tudinho, mas é bonita essa daí... Ainda diz os versos também, mas eu não me lembro mais não. Me esqueço... Tem muita... Muita! Muita! Brincadeira

de roda que eles brincavam comigo, desulivre! Mas eu não me lembro mais não. Tem uma que diz... Não sei como já que é... - *Abre a porta deixa eu entrar... Três, três passará... Carregada de filhinho dê licença de eu passar*, mas eu já num sei como é não... Eu me esqueci, mas tem muita... Muita brincadeira de roda nesse tempo que eles brincavam... Eles brincavam mermo! Era gente grande mermo, Ixe Maria! Todo mundo que era grande brincava... Esse Antônio... Brincavam muito... O Cumpadre Bardo!... Ele também gostava de brincar junto com a gente.

O Cumpadre Bardo era o marido da cumadre Cilinha... Daquela mulher que é mãe da Helena, Magalhães. Ele era pai do Magalhães... Aquele que mora lá no Jamari, ali era o lugar dos pais dele, que agora ele ta tomando de conta. O compadre Bardo com esse Antônio desulivre! Viviam mermo como dois irmãos... Mas naquele tempo tinha muita coisa assim, se juntavam pra brincar mermo... Eles no final de semana se ajuntavam pra fazerem festinha pra brincar, dançar... No interior, era assim, porque não tem outra coisa mermo que não fosse isso aí...

Na época que a Tia Maria casou e não me levou com ela quando foi embora... Ela tava morando na casa da cunhada dela... Lá na Terra Firme, onde era a Povoação que agora botaro de Centenário. Ai depois passou uns tempos... Acho que ela não chegou passar um ano na casa da cunhada dela, ai ela voltou de novo pra morar com nós, na casa do meu avô, lá no Rosário... Ai foi o tempo que ele morreu... A minha avó morreu primeiro ai ficou só o meu avô e ela continuou morando lá na casa... Ai depois que ele morreu deram para ela a Paciência que era a parte dela... Que ele deixou... A parte dela era aquela. Já o Rosário era do compadre Duquinha... Ai nós mudemos lá pra Paciência e ai depois dessa vez... Eu não saí mais dela...

A Paciência fica lá onde a comadre Lindaure fez a casa dela... Lá perto da casa da dona Branca que era a da Benedita que era a minha prima com quem eu brincava, ela que era esposa do Nascimento, mãe do Odo e da Dilene que é a esposa do Magalhães... Dali do lugar que era da tia Maria e agora a Lindaure, que é filha dela, fez casa, de lá passando pela casa do Nascimento, indo lá pra casa do José, meu enteado, tudo aquilo é Paciência. Lá do Nascimento até ai perto do cumpadre Manel dos Santos... È! A casa da cumadre Lindaure fica pra lá pra Paciência, lá que era deles lá, do meu avô que passou pra tia Maria. Ai nós ficamos... Moremos pra lá muito tempo... Íi... Porque nós só viemos embora mermo de lá... Depois que eu casei e morava na Vista Longe. Eles moravam lá. Eu morei lá, mas não fiquei com

nenhum lugar não, o lugar que ficou pra mim era bem pra dentro, era uma ponta de castanhal, uma ponta de castanha lá pras matas mermo, que era a parte da minha mãe e eu não quis ficar lá.

Eu me lembro do tempo que vivia no Uruapeara, dos mais velhos de lá, mas não me lembro dos meus bisavós... Só conheci mermo a minha bisavó e ainda, assim, malmente eu lembro da minha avó, a minha avó parte de mãe né?... Agora parte de pai eu só conheci meu avô...Ele também, já velhinho! Mas eu conheci ainda ele. Conheci meu avô de parte de pai, conheci minha avó parte de mãe, assim, me lembro dela malzinho mermo. Parece que eu to vendo o dia que via ela... Que elas se vestiam mermo assim... Que de primeiro as velhas se vestiam assim com aquela saia lá abaixo do joelho... Cumprida, aqueles casaquinhos com a manga bem cumprida. Pois é, do jeito que a dona Adelaide, mãe da Chiquinha, se vestia, a minha avó se vestia também...Era aquelas saias descendo lá na beira dos pés...Cumprida e os casaquinhos com aquelas maguinhas cumpridas, me lembro que tinha aqueles folhinhos, assim, na beira das blusinhas delas... Quando não, era daquelas blusinhas que tinha um folhinho, assim, na beira também, na altura dos quadris... Eu me lembro dela assim malzinha... Agora do meu avô eu me lembro muito bem dele, ixé! Quando ele morreu eu já tava grande, já tinha bem uns 12 anos quando meu avô por parte de mãe morreu...Eu já conheci bem ele mermo... Agora bisavô eu num cheguei a ver... Não me lembro mais...

O nome da minha avó por parte de mãe era Raimunda Mota dos Santos, eu acho que a Raimunda Mota era filha das primas da minha avó, só podia ser. Do meu avô era Secundino da Trindade. Meu bisavô por parte de mãe parece que era Joaquim Lobato!... Parece que ela, a minha avó, era Lobato da parte do velho...E a velha era... Não sei meu Deus o nome dela... Eu não me lembro mais o nome da minha bisavó...Domercilha... Não, Dormecilha, era o nome da tia Dolores... Não me lembro o nome dela mais não. Agora dele era Joaquim, parece... Não sei, não tenho lembranças dos meus bisavós. Não me lembro não. Não sei da onde que vieram de que terra que eles vieram, se eram de lá mermo... Não me lembro...Não sei direito, mas acho que meu avô por parte de mãe era da família dos Breves, eu não sei nem da onde que ele veio... Não sei se era de lá mermo?!!!

Da parte do meu pai também só conheci meu avô mermo... Meu avô Leupoldino que era pai do papai... Agora avó eu não conheci não. Olha! Eu não sei nem o sobrenome do meu avô parte de pai, só que o nome dele era Leopoldino.Sei

bem que as minhas tias, irmãs do meu pai, eram da família dos Lobos... Mas era por parte da mãe. Lobo é da família da finada Belém. A mulher que ele casou depois da primeira mulher dele morrer, a que era minha avó, já a dona Belém não era mais nada pra mim.

Meu avô Leopordino casou com a Dona Belém ai teve um bucado de filha! Ah... Nós temos um bucado de tia ainda... Eu com a Nilce, elas estão por ai. A Nilce deve tá lembrada da tia Augustinha... Ela se lembra eu acho... Da tia Paulina... Não sei se ela conheceu a tia Paulina. Ela conheceu sim... Sei que elas tão por ai... Tão tudo espalhada por ai... Eu me lembro bem delas... A tia Augustinha... A tia Paulina... A tia Augustinha parece que já até morreu... O compadre Manel, disse que ela tava doente... Ele disse isso no tempo que nós fomos até pra lá com a Nilce, no ano passado... Ele disse que ela tava ruim... Eu até disse pra Nilce... A tia Augustinha ta é ruim... Não sei se ela morreu. E... Eu sei que por parte do papai... Ele tinha um bucado de irmã: É a tia Augustinha, tia Paulina, tia Rainha, a tia Adelina, a tia... Como era o nome da outra? Tia Maria... O tio Orelhano, ele só tinha um filho, esse ai também já morreu... .

O nome do meu pai era Manel Carmelino dos Santos. A mãe do papai mermo era a Maria Carmelino... Mas era a dona Belém que era a mulher do pai dele... Eu acho que ele não era casado com a mãe do papai não. Ela só teve filho com ele mermo... Eu não sei se a Rosa que é a mãe da Maria do gitinho... Era irmã do papai por parte de mãe e de pai... Essa Maria do Gitinho era sobrinha do papai... Ela era filha dessa Rosa Carmelino, que era irmã do papai... Não sei se ela é filha do mesmo pai, sei que o papai e o tio Benedito eram... E essa Rosa Carmelina eu não sei... Acho que era, né... Sei que meu avô casou com a finada Belém e ai que ele teve esses outros filhos com ela.

Eu não sei se o sobrenome da mulher do meu avô, Leopoldino, era Belém, sei que chamavam ela assim... Sei bem que ela é da Família desses Lobos... Eram até parente ainda do seu Bezerra ... O pai do Bezerra parece que era sobrinho dela. Eles só chamavam Belém pra ela... Parece que eu to vendo ela também, assim, uma velhinha. Ela usava até essas roupas cumpridas também... Manga cumprida... Saia cumprida... Ela era assim meia alta... Clara... A gente conheceu ela já tava com cabelinho branco... Foi até no ano que eu vim com o papai ai pra Rondônia, pra onde ele tava morando com a Chiquinha, nós paramos por lá pela casa dela. O Aldaberto parava por lá tudo... Nós passamos uma tarde todinha na casa deles, a tia Paulina até

veio com nós pra cá. Faz tempo que eu não vejo ela. Outro dia! Faz bem uns quatro anos que eu vi a Paulina na rua das Flores, falei com ela lá na rua das Flores...

O papai nasceu acho que lá mermo no Uruapeara! Se criou lá mermo. A tia Maria que sabia das coisas... Não sei se o Antônio sabe. Isso aí eu não sei... Se a minha avó parte de pai era de lá mermo... Sei que... Eu não me lembro mais dela não... Acho que morava por lá mermo. Porque a tia Maria dizia que ela ia embora lá pro Rosário... Eu acho que ela morava lá por perto porque a tia Maria dizia que ela ia e passava a boca da noite toda lá na casa deles, passava lá toda boca da noite pra conversar lá no Rosário... Passava até tarde. Às vezes, já tavam querendo dormir... Aí a tia Maria que dizia: “A gente ficava querendo dormir e nada da tua avó ir embora”. Aquela tia Maria!!! Disque ela com o papai o tio Benedito, e essa finada Rosa... Eles brincando falavam que ia chover para mãe do meu pai ir embora... Porque ela ficava conversando com a mãe velha e o pai velho, nós chamava pra eles de mãe velha e pai velha, pro vovô e pra vovó... Aí eles ficavam conversando... E nada de eles irem embora e nada de eles irem embora! Aí disque a mãe velha dizia “Uuu!!! Dona Maria parece que já vai chover táformando a chuva e tá chuvendoando”... Aí disque ela olhava e dizia: “É nada! É vento na castanheira”. A tia Maria contava isso e eu ria. Aí disque era assim... Até que ela ia embora... Iam tarde já dormir... Diz a tia Maria que toda noite! Ela ia pra lá... Essa aí era a mãe do papai que ia lá para casa dos meus avós paternos, porque moravam tudo por lá por perto. Ela ia pra lá e eles ficavam brincando... A tia Maria com o papai... Desulivre, ela com o papai pareciam dois irmãos mermo...

Depois que a mamãe morreu, disque não sei quem foi que disse pro papai... Que o papai podia bem casar com a tia Maria, porque a tia Maria tomava conta de nós... Tava acabando de criar nós... Aí o papai disse: “A Maria pra mim é como irmã minha.” Ele gostava muito dela, mas como uma irmã mermo, como mulher, não. E nem ela também, Ave Maria! Pra ela também ele era como um irmão... Ele que levava elas nas festas... O pai Velho só se confiava nele... Levava elas nas festas e trazia: “Tar hora maner! De chegar aqui com elas”. Diz ela que, às vezes, chegavam! Se arrumavam, davam duas três dançadase já tava na hora de voltar. O papai chamava... “Irmã Maria tá na hora de vorta”... Vinham... Iam só andar mermo... Mas era assim, dava a hora tinha que chegar na hora... Tinha que cumprir as ordens do velho. O pai velho confiava nele que deusulivre, era mermo que ser um filho. Agora a mamãe, a tia Maria disse que a mamãe, que desulivre, brigava com o

papai, porque ele era assim todo calado... Pra ele falar era difícil. Ele era calado! O papai era assim como o cumpadre Capucho... O Bendito... O Benedito é assim calado, né?... O papai era calado. Era difícil pro papai conversar... Só quando ele tava bêbado, quando ele bebia, ai ele falava... Aperriava a Chiquinha, aperriava a Chiquinha E deusolivre a Chiquinha com ele...

Mas como eu tava falando... Ai disque a mamãe brigava com o papai porque ele era muito calado. Pois é, ai a tia Maria dizia que a mamãe se agoniava com o meu pai e disque ela dizia pra ele: “Deus podia ter dado língua era para o Jacaré, que ele tem vontade de falar e não pode porque não tem língua e o Mané tem língua e não fala porque não quer! Ele podia ter tirado a língua do Mané e dado pro jacaré, porque o Mané num fala porque não quer”... E ele nem...Ficava só escutando... A tia Maria ficava braba com ela e dizia: “A Izaber atoa briga com o Mané.”... E ai a mamãe falava “Rum... Só vive tudo calado não conversa!” E era assim...Mas o papai era bem calado mermo, era difícil ele conversar, só quando ele bebia... Já o titio era mais coisa um pouco, falava mais, mas não era também muito não. Ai eu acho que puxei mais pro lado do papai também, assim, pra mim conversar, não tenho muito assunto não.É difícil. O cumpadre capucho também... O Tarcilo não, ele já saiu mais diferente, ele conversa mais, conversa, conversa, que ave Maria! Já o cumpadre Mané também não. O Benedito também é bem calado.

Quando a minha mãe morreu o cumpadre Manel e o Tarcilo já estavam grandinho. O Tarcilo Já tava rapazinho assim... O cupadre Manel era o mais novo dos homens... Eu que era mais nova que o Tarcilo e ele, mas antes de mim ela tinha perdido um nenem... Parece que antes do compadre Manel, morreu a primeira filha, Já tava grande já, a tia Maria disse que falava que só ai depois ela teve o compadre Manel e depois que ela teve um aborto ai que ela teve eu...Ai o Manel já tava rapazinho, o Tarcilo também já tava todos dois rapazinho já... Quando ela morreu, a mais criança era eu mermo que tava com um ano. Foi ela que pediu pro papai que não era pra ele sair de perto do pai velho enquanto ele tivesse vivo... Que era pra deixar os meninos ficar com ele e sempre acompanhar eles... E eu, ela tinha me dado pra tia Zizinha ... Essa que ta viva ainda... A única que ta viva ainda em Manaus, ela era minha madrinha, ai ela disse que era pra ele me dar pra ela, só que nesse tempo ela era bem novinha , ela tinha 15 anos ainda, ai foi o tempo que ela foi embora pra Manaus e não pode me levar,ai o papaime deu... Me entregou pra tia Maria tomar conta de mim.E os meninos ficaram por lá. O papai sempre trabalhou nessas coisas

de aviado pro pessoal do finado Tarnagirdo... Ele era aviado deles lá... Deusulivre, ele era o homem de confiança deles lá...Ai ele trabalhava e só ia, assim, final de semana que ele ia pra lá. Todo final de semana ele ia pra casa do meu avô. Passava o final de semana lá, comprava as coisas... Comia... E ai vinha embora... Ai foi o tempo que ele casou com a Chiquinha...Depois que ele casou... Já trouxe os meninos, foi o tempo que o pai velho morreu...E ai o Tarcilo e o Cumpadre Manel...Ainda moraram em Manaus... Passaram um tempo em Manaus... Que o pai velho botou eles pra estudar em Manaus... Eles estudavam lá e moravam na casa de um tio que nós tinha lá em Manaus, irmão do meu avô...Ainda passaram parece que dois anos em Manaus... Ai depois que eles voltaram já estavam rapaz mermo... Foi o tempo que o papai casou ai levou eles com ele. Ai ficou só eu com a tia Maria de novo.

Os meus irmãos estavam tudo grande... Ai foro viver a vida deles lá... Deusulivre! O Tarcilo com a Chiquinha não se davam muito bem. O cumpadre Manel com a Chiquinha deusilivre! Os dois viviam como mãe com o filho mermo, mas o Tarcilo não era muito coisa não... Ele era muito mal criado. Ele não gostava que a Chiquinha rachasse come ele... Ela falava com ele e ele respondia... E era assim... Mas ele gostava dela também...Só era, assim, aquele tipo de gente que sempre responde as coisas. Já o cumpadre Manel não, por mais que ele não gostasse das coisas ele num respondia não, ele se dava mais bem com ela do que o Tarcilo que era asssim, todo coisa mermo... Mas ele gostava também dela, respeitava ela, mas só que ele gostava de responder... Até com o papai mermo ele era desse jeito... Com o tempo eles casaram...O tempo que o Tarcilo fugiu com essa Lúcia...Foram embora ele e a Lúcia não sei nem pra onde, pro lado ai pra cima do Cuniã... Não sei nem pra onde eles foram de noite... Fugiram... E haja o papai e o titio andando atrás do Tarcilo de noite... Por esse igarapé, lago do Cuniã... Até que acharam...Ave Maria... Deu um trabalho danado...

A Lúcia, minha cunhada, ela era de lá do Araçá de lá de dentro do Cuniã. Eu não sei qual era o sobrenome da família dela... Sei bem que a mãe dela era dona Francisca e o pai era seu Fábio.Seu Fábio e dona Francisca... Mas eu não sei de qual família eles eram não...Eles não queriam que o Tarcilo cassasse com a Lúcia... O Tarcilo bebia muito...Tanto ele como o cumpadre Manel... Ficavam porre... Brigavam na festa...Deusulivre! Eram levados que só... Ai eles não queriam... Seu Fábio não queria mermo que ela cassasse com a filha dele... Mas ela casou... Tão

vencendo...Aos trancos e barrancos ainda tão até hoje ai... Ele aprontou um bucado com ela, mas ela venceu.

Depois desse tempo que eu fiquei morando com meu pai, a Chiquinha, meus irmãos e os outros filhos da Chiquinha, eu voltei para o Uruapeara e logo eu casei com o Antônio, mas ele não foi o meu primeiro namorado.Falo isso rindo, porque falando disso agora que estou tanto tempo casada é engraçado. Eu namorava, mas quando eu ia em festa não tinha negócio de namorado... Namorava com um... Namorava com outro... Dançava com um... Dançava com outro...E era assim... Às vezes, eu com Antônio nós ia pra festa... Namorando... Disque ele era meu namorado, mas logo ele ganhava o mato bebendo... Bebia que só ele...Só chegava e passava e já vinha porre... Vixe!E quando ele chegava no salão eu tava era dançando com outro já... Ora mais!...Mas ai foi... Até que acabamos casando, não teve jeito...

Eu conheci o Antônio lá mermo no Uruapeara... Ele era de lá... Era irmão do marido da Tila... Ela era minha irmã que casou com irmão dele e eu casei com ele, os dois irmãos casaram com as duas irmãs... Porque a Tila também era filha da irmã da minha mãe e da tia Maria e ela também morreu ...Quando a mãe da Tila morreu ela ficou com cinco anos... Ai foi a tia Maria que criou ela também... Ai foi o tempo que eu cresci...Porque quando a mamãe morreu a Tila já tava grande já era mocinha... Ela se alembra bem... Ai foi o tempo que a Tila casou com o Chico, o irmão do Antônio, quando eu já tava mocinha ela deu pra me casar com esse Antônio... Eu sei bem que ela que fez tudo pra mim casar com ele ... Sei bem que eu acabei casando...

Diz o Antônio que ele tava com nove anos quando eu nasci, disque ele se lembra bem de quando eu nasci...Disque eles moravam no Comercial...Nesse tempo estudavam lá...Ai ele se lembra... Disque a tia dele que dizia que não era pra eles irem pro lado da casa do papai... “Não vai pro lado da casa do Carmelino que lá a mulher dele ganhou neném... Tá de nenen novo” Disque ele tava com nove anos. Ele se lembra bem de quando eu era pequena... Eu me lembro dele quando ele já tava rapaz... Já tava rapazinho e já tinha namorada... Eu era novinha ainda... Ai ele teve até um filho com uma mulher lá... Eu já tava nesse tempo lá pro lado do papai... Eu tava lá com o papai quando eu voltei que ele já tinha esse filho com essa mulher que ele namorava... Tinha tido esse filho com ela... Eu voltei lá do papai...Eu tava com 15 anos... Ai ainda passei mais um ano ai... Quando Casamos eu tava com 17 anos...

Comecei a sair, assim, para ir nas festas... Ai aconteceu de eu começar a namorar com o Antônio... Ai com 17 anos nós casamos, eu tinha 17 anos e ele tinha 26 anos.

Olha! Pra falar a verdade eu casei mermo porque eu tinha que casar... Casei sem amor mermo... Muitas vezes dizem assim: “Ah! Porque casamento que não tem amor mermo não dá certo... Não, às vez dá...Porque eu não tinha aquele amor! Não era apaixonada! Não tinha aquele amor por ele não. Eu fui mais que influenciada... Desulivre... Falavam pra mim casar com ele porque ele era solteiro... Não tinha mulher ... Era bom... Não sei o que... Era tanta da coisa...Eu graças a Deus hoje ele tá comigo e o que ele pôde me dar ele me deu...Carinho... Compreensão... E eu fui aprendendo a sentir amor por ele.

Antes de começar a namorar com o Antônio eu namorava, mas não era assim namorado mermo. Pra falar a verdade namorado que eu tive pra namorar mermo... Assim tempo... Assim que nem namorei com o Antônio, antes dele, foi o filho do finado Tanagirdo, o Onofre... Lobato... Eu gostava dele assim também... Mas depois foi o tempo que chegou uma professora lá no Brigadeiro pra dar aula ai ele começou a namorar com ela também... Ai quando eu soube eu não quis mais ele... Não quis mais... Ai foi o tempo que eu comei já a namorar com o Antônio, ai foi quando nós casamos...

Quando eu comecei a falar da minha experiência de vida, eu disse que passei muitas dificuldades porque não fui criada por meu pai e por minha mãe. Eu falei isso, porque eu vejo que até hoje em dia, como diz o ditado... Até os próprios pais já não respeitam as filhas... Muitos já querem se aproveitar... Isso, já aconteceu comigo também... Eu já passei por problema assim também... Porque muitas vezes as pessoas... Em casa mermo não procuravam respeitar a gente... Queriam abusar... Isso pra mim era uma dificuldade maior mermo! Isso é uma coisa que graças a Deus eu agradeço... Porque Deus me ajudou mermo! Que eu venci isso daí... Que eu lutei e eu venci... Mas se eu fosse mais coisa mermo...Desulivre! Tinha acontecido dentro de casa, comigo junto com a tia Maria dentro de casa... Mas eu lutei muito com isso... Essa foi uma dificuldade... Porque pai é pai... Mãe é mãe... Irmãos... Toda a família... Passar pelo o que eu passei não foi fácil não... Agora dela não... Da tia Maria eu não tenho nada que reclamar. Ela não coitadinha... É difícil falar sobre isso, mas eu falo de cabeça erguida. Às vezes, eu penso assim... - Muitas coisas que tá acontecendo as pessoas falam “Ah, que agora que a situação é essa.” Não!É que muitas vezes, vem é de muito tempo mermo...Vai é da pessoa... Eu fico pensando

sobre isso...Por causa de tudo isso que eu passei eu temia em não poder criar meus filhos ai uma coisa que eu sempre pedia... Depois que eu casei... Que eu tive meus filhos... Via eles assim... Não sabia como diz o ditado... Eu ia tendo e não sabia o que eu ia fazer com eles... Mas uma coisa eu sabia... Eu queria tudo de bom pra eles...Uma coisa que eu pedia mermo e eu agradeço pra Deus até hoje...É isso!...E Deus ouviu minhas preces... Porque eu queria que ele me deixasse eu criar meus filhos tudinho... Eu não queria que eles se criassem, assim, sem mãe como eu me criei não...Eu queria que eu criasse tudinho sem deixar eles nas mãos dos outros... Queria eu mesmo criar e deixar tudo criado. E graças a Deus eu criei tudinho... Já estão tudo criados e tem até os netos que já estão quase tudo criados... Então isso foi uma benção que Deus deu pra mim... Porque por mais que sejam tudo bom pra gente, mas eu acho que num é como a mãe... Pai... Que nem a gente, né... Eu fico pensando muito e se lembrando de tudo isso.

Eu tive o Adelson com 17 anos. Eu casei com 17 anos... O casamento foi em Fevereiro...Se juntamos e casamos no civil... Fizemos o contrato no civil... Mas ninguém nem recebeu o papel... Os papeis vieram pra cá e a gente nem recebeu... Ai num valeu... Depois casamos no católico em Maio lá na igreja Divino Espírito Santo, onde é o Centenário...Casamos em Fevereiro... Quando foi em Abril eu apareci grávida do Adelson...Eu tive ele em Dezembro... Eu tava com 17 anos quando eu tive ele... Dezesete anos!!!Ai quando ele tava com um ano e cinco meses eu apareci grávida da Janilse... Aí!!!! Eu digo – Agora sim! O Adelson ainda tava pequeno... Eu sofri muito quando a Janice nasceu... O Adelson tava bem pequeno ainda... Chorava... Mas graças a Deus que passou o tempo... Melhorou... Depois foi de dois em dois anos... Dos outros... Fui tendo os outros filhos de dois em dois anos... De dois em dois anos eu tinha um filho até que chegou na Jeise... Eu tive dez filhos. Eu tava com 37 anos quando eu tive a Jeise... A derradeira já... Graças a Deus, ai eu não tive mais. Só agora que eu tava fazendo um tratamento com o doutor, Nilton, que ele disse que com 38 anos eu já tava pegando já a menor pausa... Fui terminando de ter filho já perto do risco de gravidez, né, porque ele disse que nos 40 anos já ta entrando em risco de gravidez...

O Adelson foi o primeiro filho que eu tive, depois do Adelson vem a Janice, ai da Janice vem o Raimundo, do Raimundo é a Auxiliadora, da Auxiliadora é a Socorrinha, essa que faceleu... Que morreu com 13 anos... Depois da Socorrinha vem o Enildo, ai do Enildo vem a Civita, da Civita foi a Eliene, ai da Eliene que é o

Zé Antônio, do Zé Antônio e a Jeise... A derradeira...O Zé Antônio interou dois anos em abril e eu tive a Jeise em Julho. A Jeise com o Zé Antônio já foi aqui em Humaitá que nasceram... Todos foram parto normal... Mesmo estando aqui em Humaitá eu não fui para o hospital. Os partos eram tudo em casa. O do Zé Antônio foi a dona Mocinha que assistiu comigo, ela era parteira já preparada, né... Foi ela que assistiu comigo. Da Jeise foi a dona Nega que também era parteira antes, já era preparada também, elas eram daqui de Humaitá e tinham a carterinha de parteira.

Ah! Parto em casa eu não sei...Acho que é melhor do que no hospital...Porque a gente ali fica a vontade... Em casa a gente fica andando... Andando... Andando... Pra se coisar... Porque quando vai ver que não aguenta andar mermo, né? Que a gente vai bater na parteira...Mas não é bom não... Acho que em casa é melhor porque não tem esse negócio de ta dando ponto, né?Cortando a gente! Lá no hospital cortam e dão ponto. Aqui não... Parto normal não precisa isso não. Tem normal mermo...As parteiras só ajudam... Graças a Deus, até hoje meus partos tudo foram bom... Nenhum que desse problema... Nem no interior nunca tive dificuldade, graças a Deus...

A preparação que as parteiras fazem pro parto é assim... Elas botam a água no fogo pra amornar... Preparam tudo, a tintura que é o metíolaite, o álcool, algodão, como lá no interior num tem aquelas coisas que usam no hospital, então elas, queimavam o algodão na vela e queimavam os umbigos. Aqueles esparadrapos...Essas coisas assim... Elas pegam aqueles paninhos...Lá no interior é assim... No interior a gente lavava aqueles paninhos... Arrumava aqueles panos tudinho... Antes de ganhar lavava tudinho ...Tudo bem lavadinho...Passava... botava dentro daquelas caixas... Agasalhadinho...A gente separava tudinho... Aqueles cordão dos umbigos... Tirava aqueles paninhos fininhos... Assim bem limpinho... Lavava fazia aqueles paninhos que era para amarrar o umbigo... Elas arrumavam tudinho ali... Quando chegava a hora de ganhar... Botava água no fogo... Já botava o álcool... Já pegava a tesoura... Aqueles cordãozinho... E a vela pra queimar pra queimar o cordão do umbigo... Sei bem que quando a gente acabava de ganhar a criança elas arrumava tudo... Arrumavam a gente né...Se despachava do resto... Ai já agasalhava a gente na rede... No outro canto... Ai elas iam cuidar da criança... Cortar umbigo... Dar banho...Ai vestia a criança...Às vezes... Tinha muitas que quando era de noite fria, assim, elas não gostavam de dar banho...Podia fazer mal...Elas só faziam limpar a criança tudinho com o pano... Limpavam tudinho... Elas cortavam o

umbigo... Ai no outro dia de manhã que elas vinham dar banho...Quando era de noite assim... No outro dia elas davam banho... E era assim... E às vezes, elas vinham dar banho, dois três dias... Em casa... Porque no interior a gente fica debaixo do musqueteiro e só com quatro dias, saia do musqueteiro.Ai as parteiras vinham dar banho... As parteiras mermo vinham dar banho...Durante os quatro dias, as parteiras levavam água debaixo do musqueteiro pra mulher se assear. Ai depois de quatro dias a gente já tomava banho... Em casa assim... Porque até os oito dias a mulher fica sangrando mermo como uma menstruação, né, ai a gente não ia no porto porque a pessoa não pode ir no porto, disque por causa dos bichos, não sei que... Tomava banho em casa mermo... Mas depois dos oito dias... Eu pelo menos, depois dos oitos dias... Dos quinze dias eu até me esquecia que tava de resguardo. Eu sei que é assim... Sei que graças a Deus, eu tive dez filhos e não tive nenhum problema de nada... No meu parto... Na gravidez...Meus filhos eram tudo grandão... Cada uma da enorme da criança que eu tinha!...Que deusulivre!... A tia Dolores que se admirava de mim: “Tem mulher quando tem filho... Ta de resguardo, deusulivre, fica pálida?... A Cila não. Ela fica corada... Rosada! Parece que não ta nem de resgarde!”. Eu falo isso com orgulho, porque eu nunca fiquei assim ruim, não... Porque graças a Deus não foi difícil pra ter os filhos... Difícil mais, foi depois de terem grande.

Durante o resgarde, enquanto a gente tivesse menstruada não podia ir até o porto por causa dos botos disque!... Aqui no interior as mulheres quando estão menstruada não vão no Porto. Agora! Parece que num ta mais assim não. Porque aqui no Humaitá não tem isso mais. A mulher sai do resgarde... Quando sai do hospital, com dois dias ta bem na rua andando.Mas no interior como os Botos são brabos se a gente fosse pro porto menstruada ele fazia a gente ficar doida. Disque é assim... O Boto olha pra mulher... Coisa, assim, menstruada... Ele assombra, né... Ele faz a mulher ficar doida... Quando, às vez, não faz mal pra ela, faz pra pessoa que vai atrás... Principalmente, assim, pros homens, às vezes, vão no porto ver a criança... Quando vai... É assim... Mas eu acho que agora não tem mais essas coisas não...

Sobre as mulheres ficarem grávidas dos Botos, isso eu nunca ouvi falar. Agora deles irem em casa... Se virar em gente assim e se coisar, Boto com as mulheres e as bota atrás dos homens... Disque é...O seu Nonô contava... O pai do Antônio... Que disque tinha um irmão dele... Era o irmão dele... Quase! Que ela, a

bota, leva. Disque lá duma casa onde eles moravam na Vista Longe. Ali onde é o São Miguel mermo... Naquela frente perto da casa da Laura. Ali onde tem rio... Ali Fica tudo cheio... Ai ele morava disque sozinho lá...Disque ele ficava lá ai começaram a notar que disque ele tava ficando pálido! A modo, sem cor... Sem coragem...A modo, triste... Aí disque os outros começaram a reparar... “O que tá acontecendo com fulano? Ele tá assim meio não sei como... Tá, a modo, triste... A modo, pálido! Parece que ele não dorme”. Aí disque começaram a prestar a atenção... O que tava acontecendo com ele... Ele dormia sozinho disque na casa... Ficava ali na beira do barranco mermo... Ai disque quando foi uma bela noite eles foram ver: “Rumboraver o que ta acontecendo com ele” Aí disque eles foro... Foro... Ai disque quando foram assim chegando perto... Eles viram quando...Aquele vurto a modo saiu assim da casa... E correu e se jogou ná’gua... Ai disque caiu ná’gua e disque, saiu boiando lá fora...Ai disque: “Rapaz aqui tem alguma coisa... Isso é Boto que tá de coisa com ele” Aí foro prestando atenção... Foro prestando atenção...Quando foi nessa noite... Disque tavam lá olhando ai eles viram quando ela saiu da água... E entrou na casa... Eles estavam escondidos... Deixaram ela entrar, que quando ela entrou dentro do quarto eles entraram... Que ela já estava com ele no braço! Aí disque dessa vez se eles não fossem ela tinha levado ele pra água...Porque quando ela deu com eles ela jogou ele e varou pela janela! Pulou dentro d’água. Ele se espantou... Ele tava dormindo! Quando ele se espantou ai acordaram e disseram pra ele... Contaram pra ele ...Ele tava todo liso!Tava todo liso! Dela pegar ele. Aí disque ele perguntou o que que era... Aí eles foro contar. “Vem cá vem ver” Ela tava boiando lá fora... Braba! Disque ela boiava lá fora disque braba! Aí pegaram ele naquela merma hora e levaram ele de lá. Se não tivessem feito isso... Se não fossem atrás ela tinha levado ele... Já tava com ele no braço. Disque ela era uma mulher bonita que só! Disque...

Assim, muita gente conta história desses bichos que disque viram homem e vão dançar nas festas...Dançam... Não sei se é verdade mermo...Mas tem essa lenda... Sei que tinha uma vez uma mulher lá do Uruapeara que ficou doida. Ela se chamava Nerci, ela endoidou lá... Disque...Era os Botos... Sei dizer que ela ficava doidinha, ela... Pulava... Pulava... Não tinha quem pegasse ela menina! E aí ela dizia que tava enchergando os Botos que tavam lá querendo levar ela...E se ajuntava lá aquele monte de homem fazia aquela força segurando ela... E os botos boiavam

mesmo ai perto. Diziam que era os Botos mesmo que queriam levar ela...Sei que afinal eu não sei se era verdade mermo... Sei bem que ela custou muito ficar boa.

Pois é, eu sei que é assim... É muita coisa que a gente passa...Fiquei até emocionada e agradecida de contar tudo isso.

As lembranças das travessuras no seringal

A entrevista com tio Antônio, marido da tia Cila, em maio de 2013 se deu na mesma semana que fiz a entrevista dela. Durante a entrevista com tia Cila ela dizia: “O Antônio que lembra mais coisas do que eu”. Quando ela ouviu ele cantar um trecho de uma música ela disse: “Olha ai eu não falei”. Estávamos na área lateral de fora e uma hora fomos interrompidos por um carro de som que estava divulgando e fazendo a chamada para o Festejo de Nossa Senhora Maria Auxiliadora, aproveitei para lhe perguntar se ele havia ido alguma vez nesse Festejo e ele começou a falar dos Festejos que ia nas paróquias de Humaitá, o que foi posteriormente inserido nas narrativas durante o processo de transcrição.

A narração de Antônio Pinto traz a experiência do trabalho na extração do leite da seringueira e da sorveira, mas as lembranças das festas, das bebias, dos namoros, das travessuras são as que fluem. Ele gostou mais de falar das travessuras, mas também traçou as relações de parentescos das famílias do Uruapeara por meio dos casamentos estabelecidos.

Na conferência da sua narrativa em setembro de 2015, enquanto eu fazia a leitura ele sorria das passagens de travessuras que ele havia narrado. Tio Antônio tem como ocupação sua vendinha na parte da área da frente da casa, passa a manhã e a tarde atendendo as pessoas que vão comprar bombom, pirulito, dindim, esquine, pipoca doce, e outros docinhos, sua maior clientela são as crianças, mas também vez ou outra aparecem adolescentes e jovens. Nisso ele se distrai durante o dia, fechando para almoço, para a cesta da tarde e para a merenda.

No período da conferência andava meio desanimado por causa do problema da sua vista, com isso, a leitura da sua narrativa foi um momento de descontração para ele.

4.3 ANTÔNIO PINTO

Antônio de Castro Pinto; nascido em 20 de maio do ano de 1938, às oito horas da noite, conforme está no seu registro de nascimento. Nasceu no lugar Vista Longe, no Uruapeara. Antônio traz presente as redes de parentescos que vão emaranhando-se umas as outras, rememora os causos da vida no trabalho com a seringa e a sorva e os desafios de sair do espaço da floresta e dos rios para construir uma vida com a família na cidade.

O trabalho do cara que mora no interior era cortar seringa, tirar sorva, tirar castanha, o trabalho que fiz muito, foi isso aí. Eu não sabia trabalhar noutra coisa não, meu trabalho só era esse daí mermo. Quando eu cheguei aqui em Humaitá, ah! Eu num sabia fazer outra coisa, ai eu fui aprendendo...

Vou começar a contar uma história que aconteceu com a gente no trabalho, de certas paragens!!! Eu queria contar uma coisa de quando a gente trabalhava, assim, pelos matos com os colegas. Aconteceu de espocar uma garrafa de pólvora no meio de nós. Parece que eram oito pessoas e na hora que aconteceu esse negócio a gente estava brincando de baralho lá onde nós trabalhava tirando sorva. Nós tirava aquele bloco de sorva e espalhava tudim, assim, naquelas carreiras e aproveita pra sentar em cima pra ficar jogando baralho. Parece que eram umas oito pessoas que tava lá jogando baralho depois do trabalho e ai o Raimundo Bardo, marido da comadre Cila Nunes lá do Jamari, tava fumando e tinha uma garrafa de pólvora que tinha ficado de um ano para o outro por lá pelo mato e ainda tinha uns dois dedos de pólvora ou mais na garrafa e dum ano pro outro, ninguém nem sabia se tinha aquela garrafa. Ai nós tava jogando baralho e ele fumando cigarro e metia o cigarro na garrafa, soprava a fumaça e botava o dedo na boca da garrafa, até que uma hora ele meteu o cigarro na garrafa, pólvora logo, né, ai caiu brasa pra dentro da garrafa, menina de Deus! Deu semelhante tiro que foi um tiro grande mesmo! Uma garrafa daquelas de vidro, explodiu que a bicha espalhou vidro pra todo lado e cortou nós. Cortou seis pessoas, eu e mais cinco. O José Maciel que nós chamava pra ele de Purara, ele ficou com o lado esquerdo da custela dele cravado de golpe... Ele saiu se alimpando e com a camisa cheia de sangue! Teve uns que quase varava pro bucho deles os pedaços de vidro... O Raimundo Bardo cortou tudo mesmo, ficou o gorpão

muito grande! A cara dele ficou... Mais tudo queimada! Eu também fui atingido pelos vidros, ainda tenho sinal pelo ombro esquerdo, foram cinco gorpinhos, o maior foi o do ombro, teve um quase em cima do meu olho em cima da sombrancelha e uma bem em cima do meu nariz, que só cortou mauzinho, também pegou pela minha testa os pedaços de vidro...

Tinha um caboclo, o Pedro, ele era Parintintin, meu tio Carlos Pinto mandou batizar ele e deu pra ele o nome de Pedro, ele era do Canavial, uma terra indígena que tem no Uruapeara, ele se criou pelo nosso meio, junto com nós, foi o Paulino que era pai do Zeca Parintintin que vendeu ele pro meu tio, naquele tempo eles vendiam crianças, vendeu por 40 cruzeiros pro meu tio Carlos, sei bem que tinha nove anos o indinho e meu tio criou ele, quando ele saiu de lá já estava rapazão mesmo, foi trabalhar com os lobatozada e depois veio pra cá pra Humaitá. Ave Maria! Ele chamava mano pra nós, ele se criou com a gente e nós chamava pra ele de mano Pedro. Deusolivre! Ele com nós e nós com ele. Ele gostava de nós e nós gostava dele. E na hora que explodiu o tiro ele queria cair dentro d'água, porque ele pensava que tinham atirado de dentro do mato. Pensava que tinha sido tiro de espingarda, o tiro foi muito grande e a gente não sabia de onde tinha saído e ai todo mundo ficou com medo. Esse caboclo gritava e correu por igarapé.

Nós era uma porção! Mas não tava nós tudo na da explosão da garrafa, nós era bem uns dez, mas num tava tudo na hora, tinha uns caçando e só tava nós lá, e ai que quando explodiu essa garrafa, menina de Deus! Foi aquele alvoroço!!! Tinha o João Lobato, ele tava também, aquele que casou com a Maria Maciel e hoje ta lá em Nazaré em Rondônia, também pegou vidro nele. Saiu cortado, ele, eu, José Maciel, um que a gente chamava João Macário, quem era o outro meu Deus? Foi uns cinco, seis, que saiu cortado, agora o mais doente foi o Bardo, quase ele morria, ele ficou pulando mermo, assim, como um bicho cacetado! Pulava... Ai o João Lobato pegava ele suspendia ele e falava “Meu mano! Meu mano!” falava pra ele: “Meu mano vai morrer!” E tal e ai eu já saí aos gritos e já deu aquele negócio aqui na minha testa, eu pensei que fosse um tiro de espingarda, porque foi um tiro grande mermo! Aquele negócio tudo na minha testa saindo sangue, eu disse: - Se foi o chumbo... Vou morrer! Porque pegou na minha cabeça. Eu acho é graça agora que eu to me lembrando disso... O finado Dorval que era marido da minha irmã caçoava de mim, disque eu saia aos tombos... Disque com aquele negócio que tava pegado o tiro na minha cabeça e eu já ia morrer... Contando agora é engraçado. Ainda foi o alvoroço!

Ai quando o Pedro esse índio que trabalhava com nós correu, tinha um pau na beira do rio, ele já avoou n'água para atravessar para o lado do igarapé, porque, ele pensava que iam dar outro tiro, e o José Maciel saiu aos gritos também correndo pro lado do barraco que tinha lá, amarrado com a toalha, a camisa dele grudada, assim, na costela dele, mas ficou num sei quantos golpes na costela dele! Mermo pinhado! Um lado dele cortou todinho do braço dele ficou um gorpão danado, ai o João Lobato também se cortou e o Raimundo Bardo ficou caído mermo lá!!! E o meu irmão tava caçando com o Cecílio um que trabalhava com nós, era ele e mais outro, eles eram três, diz eles que escutaram o tiro muito longe, aquele tiro monstro! E ai eles ficaram se perguntando: “O que será que foi aquilo?” Ai eles vieram embora, diz o Manoel dos Santos que já veio desconfiado com aquela arrumação: “Que diacho que aconteceu?” Ai disque quando eles chegaram perto o índio que escutou a zoada deles correu logo lá pra beira... E todo assombrado gritou pra eles: “Meu mano, aconteceu um desastre!!!” O caboclo disse pra eles e a perguntaram dele: “Rapaz o que é que aconteceu?” E nesse tempo o José Maciel com o Mané dos Santos eles tinham tido uma teima lá, ai eles já pensaram: “Minha Nossa Senhora! Vai ver eles já se atiraram ai com certeza.” E ai perguntaram: “O que foi rapaz?” Ai ele disse: - Aconteceu um desastre meu mano! Tão tudo queimado... Que eles foram mais que depressa e chegando lá nós tava tudo jogado lá. Ai quando foram perguntar como foi que aconteceu aquilo ai viram que foi a garrafa de pólvora que tinha espocado, mas tava ali pinhado de vidro mesmo! Assim... Mas foi um tiro muito grande! E ai nessa hora nós tinha apanhado açaí, nós ia fazer açaí, tava tudo de molho os açaí nos coisas que era pra nós fazer açaí, ai larguemos tudo e não fizemos nada! Era umas quatro hora da tarde nós fomos deitar, se agasalhar pra no outro dia nos baixar. Nós tudo ferido já, no outro dia... Nós tinha um batelão grande que era coberto, arrumemos as bagagem tudo, largamos sorva, largamos tudo e viemos baixando...

A gente andava de remo dois dias pra varar no Ipixuna grande onde dava pra pegar barco, mas também não tinha nesse tempo, nós viemos de remo mermo! Ai nós varamos... Passamos nuns tapiris dumas pessoas que tavam lá, tava uma família do Chico da Vieirazada lá. Paramos lá; ai umas mulheres vieram espiar na beira e falavam: “Ah! Esse ai não vão escapar.” Que era o Bardo, diz ele que ele estava bem escutando; “Esse daqui coitado, esse aqui vai morrer! Antes de chegar lá, vai morrer.” Ele tava com a cara mermo toda queimada! Mas diz ele que tava com

aquilo só queimado mermo, e tava sabendo que ele não ia morrer, que ele não tava se sentindo muito doente, só tava queimado mermo! Ai as mulheres diziam “Ah! Esse aqui vai morrer, possa ser que chegue vivo lá”... Era longe... Ai pronto... Dormimos lá naquela noite e baixamos, Viemos embora ai pra boca do Ipixuna...

Quando nós chegemos na boca do Ipixuna peguamos um reboque de um motorzinho que tinha lá que nos trouxe até uma certa parte, ai nós viemos no remo. Sei que nós passemos oito dias pra nós chegar ao Uruapeara, ai no rio mermo! Chegemos todos já melhor um pouco, mais tudo ainda abatido. Ficou pra lá sorva, desde desse tempo. Foram buscar a sorva depois de muitos dias!!! E o Bardo velho ficou por baixo! Até que ele ficou bom, mas melhorou. Eu sei que foi um alvoroço, eu contei isso pro Otacílio, meu cunhado, uma viagem quando fomos lá na casa deles, na Boa Hora, mas esse Otacílio achava graça... O Binho, filho dele que ria, quando eu contava isso pro Binho, diz ele que a modo que tava vendo nosso jeito, o tiro que deu, mas foi grande o tiro de pólvora! Eu sei que nós ficamos todos queimados!!!... E ai ficou pra lá a sorva e depois que foram buscar... Também desde esse tempo eu nunca mais fui pro lado de lá, desde esse tempo e pra lá ficou tudo... Eu sei que foi um alvoroço danado!!!

Sofremos muito... Ave Maria!!! Essa explosão e toda essa nossa viagem vindo todos feridos, aconteceu lá no Uruapeara, lá no rio Ipixuna. Muita gente ficou sabendo disso. Isso andou muito longe essa notícia dessa garrafa de pólvora que espocou em nós. E numa viagem, não sei onde eu tava, meu Deus? Tavam conversando sobre isso, dessa garrafa de pólvora que tinha espocado no meio de nós, ai eu tava escutando eles tarem conversando, tavam falando: “Mas rapaz! Disque foi um tiro muito grande, que queimou um bucado de gente, mas só que não morreu ninguém, quase morre mais não morreu, teve um que ficou mais doente mais não morreu, ficaram tudo bom, tudo cortado, mas tudo bom.” Eu tava escutando e ai fui lá pra perto, eram uns conhecidos, ai eu disse: - Rapaz eu tava esse dia. Quando eu disse, ah! Foram procurar saber como era que tinha acontecido, ai eu contei tudinho como é que era o negócio. Ai eu contei pra eles: - Rapaz foi um alvoroço mermo! Sem pensar, que ninguém pensava que tinha pólvora naquela garrafa, já pensou?... De um ano pra outro, como é, logo pólvora... Tava dentro da garrafa fechada, quando ele abriu a bicha caiu pra dentro a brasa, foi só um tiro, espocou, Ave Maria!!! Não morreu ninguém, mas o Bardo quase morria mermo, ficou doido! Ficou um pedaço sem sentido, ficou mermo, rolava prum lado que nem um tatu

cacetado! E ai ajuntaram ele, levantava ele e caia de novo, gritava!!! Ai meu Deus! Deus me livre e guarde! Nós sofremos demais aquele dia, ai nós viemos baixando todo mundo e pra lá ficou.... Ai da vez que eu contei isso pro Otacílio lá quando fomos lá na Boa Vitória, já depois que a gente já morava aqui em Humaitá, não faz muito tempo que eu e a Cila fomos lá. E o Binho ria, eu tava lá ralando mandioca com ele, ah! Mas esse Binho ria tanto... A modo o Binho tava vendo, disque...

Eu me lembro também quando a gente era novo, tudo solteiro, a comadre Tiliana, a Chiquinha... Elas já eram de mais idade, mas nós andava junto nas festas por ai... Vixe! Cansemos de ir passear lá pro Ipixuna eu com elas. A comadre Tiliana tinha um namoro com aquele Antônio Teixeira que depois foi marido da Nifa, ela é filha de uma das irmãs da finada Adelaide, mãe da Chiquinha, nós ia pra lá pro Ipixuna. Pra lá nós passava o domingo, eu ia e voltava com eles... Eu acho muita graça me lembrando disso, a Maria Maciel numa viagem também tava com nós, e com a comadre Tiliana, mas ela não se achegava muito, o João Teixeira marido daquela Raimunda da comadre Santana, eles dois eram primos, nesse tempo ele era solteiro e queria namorar com a Maria! Mas ela não tava querendo muito, ela era meia braba. Ai nós fomos já pros caminhos pra lá e ficamos por lá, o Antonio Teixeira com a comadre Tiliana! E eu com a finada Dora, que era mãe do José do Rosário, que eu se chegava com ela também por lá, e o João chegou pro lado da Maria Maciel.

Se separamos, uns foi prum lado outros pro outro, ai paresque que o João foi se sair com a Maria, a Maria quebrou um galho de pau, deu uma pisa nesse João... Era grito pra lá, um baque pra lá, ai lá se vem a Maria já braba! Com esse João: “Esse apresentado!” Num sei o que, sei que ele se saiu lá com ela; ai ela meteu o pau nele, ai foi embora...Ai nós viemos embora, eu e o compadre Antônio viemos embora... Quando falar com a comadre Tiliana ela deve se lembrar dessa presepada ainda lá, com certeza ele deve lembrar... Ah! Mas eu achava graça e perguntava: - O que foi Maria? E ela falava: “Ah! É o João esse apresentado! Ele pensa que a gente ta de coisa com ele... Porque a gente dá confiança pra ele, ele já quer se sair já demais! Dei lá umas lapadas nele e quebrei um galho de pau e dei uma surra nas costa dele.” Ave Maria!... Engraçado!!! Cada brincadeira por lá que nós brincava... Era muito animado!!! A Tiliana já era muito mais velha do que eu, quer dizer muito, muito! Não. Coisa pouca. Eu que ainda tava mais novo, eu, o Bardo, Antônio Teixeira, nós tudo somos duma mesma idade, agora elas já era de mais idade um

pouco, a Tliana e a Chiquinha, mas não era muito não... Essa Maria Maciel que eu to falando é a irmã do Manel Maciel, ela é filha da Preta... É, esse tempo a Maria tava mais nova mesmo, mais nova que eu pouca coisa, mais era. Sei que o João pegou uma pisa de pau dela lá no mato... O João Teixeira era engraçado!!!!

Ah! Nós ia em festa... Ah! Mas isso ai era direto. Nós ia com elas, eu, Raimundo Bardo, Raimundo Pinto, quem era outro? Dali da Cabeceira, João Lobato também tava lá, finado Cecílio, que era parente lá dele também, nós se juntava e ia pras festas, ah, mas isso ia era todos os fins de semana, num tinha esse negócio não de ficar sem ir em festa, mas também era só fim de semana que tinha festa no interior, fim de semana que sempre tinha festa. Isso ai ninguém falhava... Tinha as festas mermo que ficava, assim, todo tempo. Assim que como a de 7 de Setembro, que era uma das festas de costume, que tinha todos os anos. Essas de costume ai num falhava...

No Comercial tinha a festa de 7 de setembro e todos os anos nós ia nessa festa. Vinha de lá de pés! Longe que só num sei o que... Mas assim mermo nós ia. Eu vinha de lá da Vista Longe eu vinha aqui no Val Paraíso, aqui no Madeira em festa... Eu vinha com algum conhecido, uma vez eu vim até com o Carmelino mermo. Numa viagem nós viemos, com meu tio que era o finado Manoel Pinto, nós viemos de lá pra pegar o Carmelino lá no Baixo Igarapé, que era pra nós vir aqui pro Val Paraíso na festa. Aí neste tempo eu era novo ainda, tava mermo bem novo! Eles eram mais de idade, só era eu mermo mais de novo, eu tinha, nesse tempo vergonha de beber na frente deles.

Eu bebia, eles também bebiam, deusolivre! Eu bebia, mas bebia escondido deles, não bebia na frente do velho, meu tio, finado Manoel Pinto; Ai quando nós chegemos, veio eu, eles de lá e mais outro cara. Eles num tinha achado bebida pra trazer, cachaça, nesse tempo era a bebida, só pura cachaça. Eu tinha escondido uma garrafa, mas eu tinha botado dentro da minha sacola, e vinha escondido que era pra mim num mostrar, porque eu tinha vergonha de beber perto dele, do velho Manoel Pinto... Ai quando chegou lá numa paragem! Onde tinha um compadre dele, nesse tempo o Antônio Pinto era ai em Palhalzinho, era como quem vinha do Comercial e ficava lá no meio do Virgem... Tinha uma varada que passava lá por dentro, era longe mermo, era lá dentro do igapó mermo. E quando ia pro Comercial que passava por aquelas colocações assim, que tinha Palhalzinho, Boa Esperança, tudo por lá tinha essas colocações, ai o Manoel Pinto e um colega dele iam conversando, o

colega dele na popa, ele no meio e outro na proa da canoa, iam pro Comercial, pra nos ir pro Baixo... Quando chegou no Palhauzinho ele falou: - Rapaz quem sabe o compadre Antônio Pinto num tem cachaça, vamos lá com ele!” Lá, encostaram... Ai chegou lá num tinha não... Lá eu disse já pro outro que tinha ficado na canoa comigo: - Rapaz eu tenho uma garrafa de cachaça aqui na minha sacola, mas não quis dizer, porque, eu tenho vergonha do tio Manoel Pinto... Ai ele disse: “É mermo tu tem mermo? Ai eu respondi: - Eu tenho. Também ele não escutou nada... Saiu em terra e foi embora pra lá. Chegou lá e contou por velho Manoel Pinto, que eu tinha a garrafa de cachaça... Ai foi embora: “Rapaz o homem não tem não! Veio animado! Já veio animado de lá... O velho Manel Pinto, que aquilo comigo, era mermo que colega! Mas é que eu tinha vergonha dele, era meu tio e tal, ai ele disse: “O velho num tem não, sacana! Mas lá no Comercial nós compra, lá tem! Viemos embora, mas chegou numa certa paragem parece que ele não aguentou, que a vontade era demais! Ai ele me disse: “Antônio!?” Eu respondi - Que foi? Ai ele falou: “Rapaz me conta uma verdade, eu sei que é verdade! Não pode me negar.” - Que foi? Eu já sabia o que era. Ai ele disse: “Tu tem uma garrafa de cachaça em tua sacola?” Eu disse: - Eu tenho! Pois é, eu sei que o Antônio Monteiro que chamavam de Mandurão pra ele”; o nome dele é Antônio, mas chamavam pra ele de Antônio Mandurão, “O Mandurão já me disse que tu tem, tu já disse pra ele, já sei que tu bebe, já vi tu beber”... Eu acho graça lembrando disso, a ele disse: “Vamos beber quando chegar no Comercial eu compro outra pra nós. Lá tem”... Já com vergonha tirei a garrafa da bolsa já dei pra ele, ele abriu, ai beberam lá pra proa!... E depois ele me disse: “Tá bom! Pode beber o teu lá pra traz, só quero que você não me falte com o respeito, que eu sei que tu bebe mermo! Tudo bebe, mas não me faltando com o respeito tudo bem”... Eu já por ali com vergonha, bebi logo meu trago também pra lá pra trás... Ai depois que nós começamos ai pronto! Ai acabou a vergonha. Chegamos lá no Comercial, ele comprou num sei quantos garrafas de cachaça lá, parecesque bem umas cinco... Chegamos no Baixo o Carmelino tava lá! Já tava também com outro tanto, ai pegamos ele, parece que já era bem uma duas horas da tarde quando nós saímos de lá.

A Chiquinha já tava pra lá, com o pessoal lá do Val Paraíso, a festa era lá na casa do tal Pedro Leão, que chamavam pra ele de Pedro Binga, ai chegamos, encostemos na beira, a gente ia por terra, chegemos na beira já era mesmo tarde! Ai já tavam mermo bêbado, ai eu disse: - Agora assim, lá eu botei a sacola deles no

meu ombro e vamos embora o Carmelino na frente que sabia do caminho e vamos e vamos, quando vimos já tava anoitecendo. Eu digo agora sim! Atravessamos uma ponta que tinha e do outro lado já era o Madeira, estava escutando a zoadá da festa já, e fomos e fomos e anoiteceu. Até! Que nós conseguimos a varar na beira do Madeira e de noite já, bem umas sete horas da noite. Ai tudo molhado, tudo cheio de lama, chegamos na casa da Lurdes, onde a Chiquinha tava, a Chiquinha tava lá.. Ai chegamos lá chamamos: Ai quando as mulheres viram falaram: “Ah! Agora que vocês vem chegando. Ah! Minha nossa senhora! Tudo bêbado, ah! O Mané Pinto vem no meio”... Chegamos lá tinha janta, nós jantamos, ai mudamos a roupa pra ir pra festa!

O pessoal foram pra festa, mas o Carmelino já tava em borra merma! Ai ficou um pedaço deitado depois se acordou! E fomos embora pra lá... Só eu mesmo de mais novo no meio deles, chegamos lá não tinha nem colega meu por lá, mas por lá merma eu fiquei com eles... Quando foi no outro dia de manhã a festa tinha que virar pro outro dia e ai eles num quis vir naquele dia, digo:- Agora sim! Ai digo, eu tinha acertado com o papai de voltar no outro dia... Eu tinha ido com o Manoel Pinto, porque ele não deixava nós ir com todo mundo... Ai eu disse: - Mas rapaz, eu queria ir embora. Ai ele disse: “Que nada rapaz! Chegando lá nós vamos lá com o Lulu”... Lulu era como o meu tio Manoel Pinto chamava pro meu pai. Ai ele disse: “Eu digo que nós ficamos, porque a festa num vai acabar agora! Amanhã nós vamos. Amanhã nós vamos sair daqui cedinho! Cedo nós tamos lá”... Ai eu falei pra ele: - Então, se o senhor garante ir lá comigo enfrentar o velho... “Não, vamos lá sim, vou te levar lá!”... Assim fizemos, passamos outra noite de festa lá... Nesse tempo tava a comadre Cila, essa que é a comadre Cilinha, tinha outra irmã dela, a Carola, tudo tavam lá também, tavam lá com a Chiquinha. Ai estivemos até outro dia cedo ainda e viemos embora, chegamos lá meu tio veio ai por casa me deixar pra depois ele ir pra casa dele. Chegamos lá ele contou pro papai, mas eu tava com ele não tinha problema ele deixava. Diz pra ele: “Rapaz num deu de nós vir, nós vinha, mas queriam que nós ficasse e tal... Ai eu falei pra ele pra gente ficar por lá mais uma noite”... Quando no outro dia também já saímos, era dia de sexta feira! E nós chegamos domingo! Passamos dois dias pra lá, meu tio tinha falado: “Ah, hoje ainda é domingo, amanhã é segunda feira, amanhã é que começa a trabalhar”... Pois é, ai pronto! Quando eu queria ir em festa eu ia lá com ele pra ele me pedir pro papai

pra me deixar ir... Tinha o Zé Alegário também, ele gostava que eu andava com ele nas festas.

Ah! Mas de primeiro as festas eram muito boas pra gente andar, andava era longe! As vezes andava só eu, porque só era eu mermo que andava, o Chico, meu irmão, já tinha mulher; eu andava só eu, mas eu passeava era longe! Pras festas, eu andava de canoa mermo! Ia embora...Lá da Vista Longe vinha ai no Castanhal! Nas festas que tinha. Só eu vinha de canoa de noite... Uma viagem até me alaguei, naquela noite fiquei com medo, me alaguei no meio do rio de noite. Olha! Sozinho lá no meio do rio, numa canoa. Ai essa gente eles iam num barco e eu num quis puxar a canoa pra dentro do barco, quis segurar disque na proa do motor. O motor do Adalberto era motor de força, ai eles queriam que eu embarcasse, eu digo: - Não rapaz eu vou aqui mermo, não vou demorar não, vou segurar aqui, logo eu solto. Rãm... Quando eu quis soltar a canoa não deu tempo, a bicha alagou... Ahaaa colega! Olha eu aperreado, ai umas meninas viram e deram alarme! Ai eles deram a volta lá em cima no motor e eu puxei pra beira, puxei pra beira, até que eu encostei ai eu saltei em terra! Puxei a canoa pra beira, ai vieram no barco, voltaram, gritavam, alumiavam por lá, eu quieto... - Num vou responder não... Tinha duas primas minhas no barco, tinha o Antônio Linhares, era o Biró, tudo tavam lá nessa coisa, o compadre Sabá Nunes, ai focavam e as meninas diziam que eu tinha morrido: “Morreu”... Ai os outros perguntavam: “Quem era?” Ai elas disseram que era eu, ai ficou ruim, mas o Biró sabia que eu vinha segurando na popa do barco e ai falava: “Eu sabia! Mas eu ainda disse praquele sacana pra ele subir pro barco...! Mas ele não morreu não!” Estavam tudo porre... Ai eu encostei na beira e deixei eles irem embora, ai eu fiquei lá quieto... Eles rodaram... Focaram por lá! Num me viram: “Ah, ele saiu em terra. Ele num ta por aqui não.” Ai embarquei na canoa e eles foram embora. Eu saí em terra e disse comigo mesmo: - Vou mimbora também.

Dessa vez que eu me alaguei a canoa virou e o remo ficou embaixo da canoa, num perdeu, ai quando eu virei a canoa o remo tava lá, eu disse: - Mas olha! Ai eu só fiz pegar o remo, tirei a água da canoa e fui me embora... Cheguei lá tavam lá na festa, já logo em cima, a festa, nesse dia era Festejo de Santo Antônio, e no outro dia era Corpo de Cristo, mas iam dançar até meia noite, da meia noite pro dia não iam, porque já era Corpo de Cristo, no outro dia. Pois é nós teimemos pra ir pra festa e acabei me alagando e nem dancei nada, porque tava todo molhado quando cheguei lá...

Quando cheguei lá onde tavam já tudo lá pro Festejo de Santo Antônio... O cumpadre Sabá Nunes tava lá num barco, no regatão dum que chamavam Zé Pertini... Ai de longe eu escutei a fala dele, falando com Zé Pertini: “Rapaz! Nós tamos tudo por aqui tudo sobressaltado! Com o que aconteceu com um parente nosso, eu num sei se ele morreu, eu acho que não, nós olhamos tudo por lá e num vimos, ele deve ter saído por terra e num quis falar com nós”... Eu ainda escutei a conversa e vim encostando devagar... Vi que era ele que tava encostado ao motor: Eu digo: - Eu não morri não rapaz!... Ai ele disse: “Rapaz pelo amor de Deus! Onde é que tu tava?” Eu digo: - Eu tava lá, eu não respondi pra você, porque eu não quis, cadê os outros? “Eles estão ai pra terra! Rumbora lá! Eu disse: - Eu já vou é mimbora, já era bem umas três da madrugada, isso. Eu digo: - Já vou colega, porque to todo molhado! Ai ele disse: “Que nada!” Ele chamou o Biró. O Biró veio de lá... Eles viajavam no barco do Adalberto, do irmão lá do Biró, ai ele disse: “Rapaz! Aqui te umas roupas... Ele vende, mas tu veste uma depois nós tira e põe ai mermo! Eu digo: - Não num quero não rapaz, se besta! “Não, borá vestir uma calça dessas, tem camisa aqui, tu veste depois nós agasalha ai de novo”... Eu digo: -Não, não, não vou não colega, vou lá só espiar e já venho! E cadê as meninas?” Tão aí, tava a Alvina, irmã da Maria Maciel, do Raimundo Grosso, filhas do finado Fidal e da tia Ana Castro. A Sebastiana, a irmã dela e mais umas duas lá. Ai eu digo: - Cadê as meninas? “Tão em terra. Rapaz elas tão lá, elas pensam que você morreu.” Eu digo: Morri nada, to é bem vivo! “Vamos lá com elas”... Chegemos lá, Tavam lá... Quando me viram disseram: “Rapaz pelo amor de Deus! Pra que tu fizeste uma coisa dessas? Você num sabe como que nós ficamos”... Eu digo: - Não, mas não me aconteceu nada e eu já vou mimbora. Elas disseram: “Tu já vai?” Digo: - Já! Amanhã eu tenho que chegar cedo lá em casa...

Eu embarquei na canoa e vim mimbora de lá da onde estava acontecendo a festa e que o pessoal queria que eu ficasse. Isso já era umas quatro e meia quando amanheci aí no Mundego ai na boca do Ipixuna! Ai fui lá na venda onde a gente comprava com o papai, eu tinha até que levar uma farinha pra lá. Ai eu comprei a farinha e fui me embora... Cheguei lá e num disse nadinha pro papai que eu tinha me alagado, fui com a farinha e a minha roupa tava enxuta mermo! Tinha molhado tudo a sacola... Cheguei em casa, deitei, fui dormir. De tarde eu me acordei... Tinha que ta pro Centro onde nós trabalhava, onde cortava seringa, quando foi umas quatro horas eu fui mimbora... Foi, eu e mais outro colega, ai num disse nadinha para o

papai sobre a alagação... Quando foi a boca da noite chegaram, o finado Cecílio com Antônio Nunes, a Alvina morava com eles, chegaram, perguntaram por mim, eu já tinha ido embora. Ai eles contaram... Contaram pro papai que eu tinha me alagado de noite, ai que ele foi saber. Quando foi no outro dia quando eu cheguei perguntaram lá em casa... Conteí como que foi, mas foi bom que não aconteceu nada... Não morri... Eu acho é graça agora...

Essa Alvina que eu estou falando, era irmã da Maria do Grosso, da mulher do finado Raimundo Maciel, chamavam pra ele Raimundo Grosso; a Sebastiana que era mulher do Guanabara, irmã dela também; a Sebastiana, mulher do Guanabara, ela morava com a Cecília que criou ela desde pequena, depois ela foi embora. A Cecília era mulher do Antônio Nunes, ela era professora... O Antônio Nunes, que morreu, pai do Tito, os que moram no Castanhal... É tudo parente... É tudo parentada...

Eu nasci na Vista Longe mesmo. Lá onde é o lugar da Igreja Santa Cívita, hoje. Eu nasci lá... Minha família era a dos Castros, minha mãe, era da família de Castros e meu pai era dos Pintos. Minha mãe era Vitória, que era família dos Castros e meu pai era Lucílio da família dos Pintos. Eu conheci só meu avô por parte de mãe e o avô parte de pai também... Por parte de vó num conheci nem uma nem outra, nem por parte de mãe, nem por parte de pai. Conheci só os avôs. O Chico Pinto, por parte do papai e o velho Manoel Castro que era pai da minha mãe, esses ai eu conheci... Esse velho, Manoel Castro, é até meu padrinho, ele era meu avô e era meu padrinho... Lembro dele é bem ainda... Vixe! Quando ele morreu eu já tava grande, grandinho, e agora o, Chico Pinto, também, quando morreu, meu avô, também tava grande; agora as vós, não vi nenhuma nem outra; a vó era finada Dondom, que era mulher do Chico Pinto e a mulher do velho Mané era Raimunda, Raimunda Almeida de Castro, estas ai num me lembro delas, quando eu me entendi elas já tinham morrido...

Eu não sei da onde vieram meus avós... O meu avô da parte de mãe, não sei que qualidade de gente ele era, ele não era amazonense! Era outra qualidade de gente, acho que ele era descendente de Português, ele era todo vermelhão, não era gordo, era meio magro. Ali era um mestre de obra, fazia tudo de madeira, era carpinteiro, chamavam mestre Castro pra ele. Eu sei que ele era daquela gente que gostava de falar Raio! Não sei o que “Que diabos de raio”. Agora o meu avô da parte de pai ele era amazonense, mermo! Era puro amazonense do Amazonas. Meu

avô parte de mãe não era Amazonense, mas a mãe dele, que era a minha bisavó, era amazonense também, do Amazonas... Num sei que lugar que eles eram... Sei bem que eles moravam tudo por aqui pelo Amazonas mesmo... Da parte dos Castros, moravam no Araçatuba, abaixo do Castanhal, abaixo do Bom Conselho, daí do Araçatuba que já bem pra Boca do Jacundá, aí embaixo já. Agora os Pintos, moravam lá nas cabeceiras do Uruapeara, eles moravam lá, tem os terrenos deles lá, tudinho, os terrenos eram dos Pintoçadas, lá pro lado do Ribanceira, do Santo Antônio. O lugar Ribanceira era lá pra dentro dos igapó, entra pras cabeceiras dos rios e aí vai pra lá para Santo Antônio, Ribanceira, pra lá pra Tapiú, Palhalzinho, tudo lá era dos Pintos, tinha uma parte lá que o nome era Sempre Serve, lá era o primeiro lugar dos Pintos velhos mesmo lá e na Ribanceira eram dos velhões mesmo! Até pro lado de São Miguel, onde mora a Luralice, tudo era dos Pintoçadas, aí onde mora o Cabeça, o Manel marido da Judite, lá onde ele mora era do pai dele, do Raimundo Pinto, tudo era família de Pinto aquilo, lá! Graciosa, São Miguel, Vista Longe, tudo ali os Pintos moravam... Era um bucado de irmão... Eles eram bem uns cinco irmãos, a família dos Pintos...

Os mais velhos não contavam as histórias dos mais antigos. Não cheguei a escutar essas conversas, porque, eles não conversavam sobre isso, mas tinha muita gente que sabia, pelo menos o papai com certeza sabia como que era, mas nunca conversou isso comigo, não sei como é, como foi quando eles chegaram... Num sei da onde vieram? Como foi que começou as coisas deles... Eu fico pensando sobre isso, mas só vem um silêncio... Era, assim, mesmo...

Eu nem lembro direito das brincadeiras do tempo quando eu era criança. Mas era só brincadeira, mermo, de roda, assim... Nossa brincadeira de menino era com baladeira, desse estilingue, negócio de flechinha pra flechar, de pião! Era essa a nossa brincadeira... E também brincava de roda, se ajuntava aquele bucado de gente pra brincar! Eu nem me lembro mais como era essas brincadeiras... Tinha muitas brincadeiras que eu nem sei mais como era... Engraçado... Não me lembro mais como era não... Brincava era assim, passava tempo de fogueira, passava fogueira, tinha aquele monte de gente passando fogueira nas festas! Assim, aquela meninada, ixi! Mas se ajuntava aquele monte... De primeiro, os meninos, só iam pra festa dançar, só quando tava grande, agora não, qualquer menino se mete nas festas. De primeiro, não, ia brincar com os outros colegas, até quando dava sono! Aí ia dormir... Quando amanhecia o dia todo mundo ia brincar de novo! Agora não,

menino pequenino já ta se metendo nas bebida por ai junto com os outros, aquela folia medonha... Tão querendo brigar e aquela coisa!!! Do primeiro, não! Do primeiro, tinha isso não. Era todo mundo brincando no terreiro... Só podia se meter no meio dos outros, depois que fosse maior de idade...

Eu não me lembro mais nem das músicas que cantavam de antes... Aquelas cantigas de rodas... Tinha muitas, mas não me lembro mais não... Me esqueci mermo! Tinha aquela que começava cantando ciranda cirandinha... Não me lembro nem como era que começava bem... Nem daquelas músicas que eles cantavam de antes... As antigas mermo. Eu sei que a gente brincava muito! De roda. Mas eu não me lembro como eram as músicas que a gente cantava. Das músicas que cantavam nas festas, tem muitas que eu me lembro... Tem aquela do Teixeira que cantavam de antes, aquela musica legal. Eu sabia tanto daquelas músicas! Agora me esqueço, tem poucas que eu me lembro, não me lembro mais de todas... Tem aquela do Rei do Baralho, aquela era legal, aquela música do Teixeira... Mas eu me esqueço. Acho que eu não me lembro mais daquelas musicas não. Tinha outra também, aquela “Coração de Mãe.” É Coração de Mãe, ai tinha resposta do “Coração de Mãe.” Não sei como já é a outra... Sei bem que é quase só um jeito, mas num me lembro daquela do Teixeira e das outras já antigas também que eu cantava.

Sempre quando estou, assim, pensando, eu me alembro, depois eu me esqueço... Um tanto me lembro, um tanto não me lembro muito, os versos como é que canta, aquela do Teixeira que cantava: “Eu fui o rei do baralho, homem de mal intenção, jogar carta e beber cana era minha inclinação, chegava em mesa de jogo, já ia de prevenção, virava o chapéu pros olho e misturava o carvão, roubava uma carta ou duas, botava uma no chão, butava outra no bolso tava feita a tapição”... Ainda tem a continuação: “Um dia minha filhinha me agarrou pela mão, papai você me acompanhe a uma apresentação, me levou numa igreja onde reza a devoção, me apresentou para o padre que me fez a confissão... Daquele dia pra cá tenho deus no coração!!! Nunca mais peguei baralho me livre da tentação...” Acabou... Só me lembro bem dessa... Outra num me lembro mais não... Ali tinha música colega! As músicas do Teixeira eram tudo bem versada! Eu tinha um livro nesse tempo que chama Cancioneiro, um livro de música que vinha. Uma época que o Manel de Castro viajava pra Manaus, no tempo que começou saí essas músicas do Teixeira, eu disse pra ele trazer um livro pra mim que tinha 40 e não sei quantas músicas, nesse tempo, ainda, ele trouxe aquele livrinho, eu aprendi quase

tudinho aquelas músicas! Mas, eu a modo, não sabia da toada, mas eu ia, ia, até! Que eu aprendi, mas pensa que eu me lembro? Me lembro de algumas, assim, aos pedaços, nem tudo... Eram bem versadas e também bem engraçadas... É tem horas que fico me lembrando delas... Difícil me lembrar de todas... Só essa daí mermo que eu cantei que eu me lembro um pedaço...

Pois é, eu cresci lá na Vista longe. Fui pra lá quando eu tava bem novinho, mermo! Bem pequeno, com uns oito anos, mais o menos, quando eu fui pra lá, aí eu fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo... Lá mermo. Aí fiquei naquele meio, ia pra lá pro lado da Ribanceira, que nós chamava, porque um tempo na Ribanceira e outro na Vista Longe. Tempo de verão nós morava na Ribanceira e tempo de inverno no lugar Vista Longe. Alagava, lá na Ribanceira e nós vinha prai pra Vista Longe. Quando o Adelson, meu filho foi passear lá no Uruapeara em 2011 ele foi pescar com o Orildo, filho do Manel cabeça e da Judite, lá pro lado de lá, quando ele foi pro Uruapeara com a mãe dele, a tia dele, a irmã e a prima dele. A Ribanceira é pra lá do lugar Traíra, que era da finada Adelaide, ixi! Lá pra dentrão da mata mermo! De lá da boca da donde a gente encosta pra lá da Cabeceira do lago mermo pra lá. É mais de meia hora pra gente andar por terra pra chegar lá... É longe... Lá nós trabalhava e lá que nós morava, moramos um tempão lá... Mas, eu nasci na Vista Longe mermo! Nasci e fui... Fui crescendo... Ficando por lá mermo. Primeiro, nós moramos lá onde chamava o, Sempre Serve, lá nós passamos pouco tempo, tavam tudo pequeno ainda...

No tempo que eu morei no Uruapeara, eu só fazia esses trabalhos de fazer no mato. O trabalho do cara que mora no interior era cortar seringa, tirar sorva, tirar castanha, o trabalho que fiz muito, foi isso aí. Eu não sabia trabalhar noutra coisa não, meu trabalho só era esse daí mermo. Quando eu cheguei aqui em Humaitá, ah! Eu num sabia fazer outra coisa, aí eu fui aprendendo... Trabalho mermo quando eu comecei aqui na cidade foi de ajudante, porque, eu não sabia fazer outra coisa mermo... Trabalhei em firma um pouco de tempo, mas só de ajudante, nunca trabalhei de outra coisa, porque, eu não sabia mermo. Saber! Meu saber era muito pouco, coisa de estudo mermo, eu estudei a carta do ABC e uma cartilha, nem terminei uma primeira cartilha, foi isso aí e pronto! Num estudei mais nada... Nunca sentei num banco de uma escola. Estudava com uma pessoa que ensinava pra gente, um velho que nos ensinava. Papai até pagava ele, também um tempo ainda estudei

no Comercial com uma professora que tinha, a gente estudava numa casa velha lá. Estudei poucos tempos também...

Nesse tempo eu tava com nove anos. Foi o tempo que a Cila nasceu, eu tava com 9 anos de idade e morava lá no Comercial. Eu estudava lá, quando ela nasceu. Eu morava com uma tia minha, lá, aí ela disse que não era pra nós ir pro lado da casa da finada Izabel que era mãe dela. Minha tia falou que lá onde o Carmelino morava, a mulher dele tava de resguardo e não era pra gente fazer zoadá, aí nós ia pra lá, passava caladinho, pra não fazer zoadá, sei que ela tinha nascido. Nesse tempo eu tava com 9 anos de idade, quem é que pensava que depois dela grande a gente ia se casar. Engaçado, isso. Nem pensava. Eu me lembro benzinho quando ela nasceu eu tava com 9 anos de idade já, tava começando a estudar lá... Depois disso, eu continuei lá mesmo, não sei pra morar pra longe não, todo tempo foi por lá mesmo no Uruapeara. Quando não era prum lado era pro outro... Viajar, também eu viajei pouco. Eu fui pra Manaus eu tava com 19 anos... De lá nunca mais eu fui, viajava embarcado no barco do Jorge. Eu dei duas viagens só, e foi o tempo que o papai precisava de gente pra trabalhar aí eu fiquei.

O homem era doido pra que eu fosse viajar com ele, o nome dele era Jorge, viajava num barcão. O dono do barco me disse: Ôh, rapaz, porque, que tu num vai lá, você num falou pra teu pai que tu queria ir?" Eu disse pra ele: - Rapaz, só se você falasse com papai. Aí chegamos lá e ele falou com papai, mas o papai precisava de mim, daí, disse que num dava de ir, porque, nós ia subir pro alto pra tirar sorva. Aí ele ainda tentou convencer o papai: "Mas rapaz, por que, num deixa teu filho tal, viajar?" Mas ele num deu jeito de ir... Quem sabe se eu tivesse continuado viajar num tinha aprendido mais alguma coisa... O cara era doido pra me ensinar pra eu ajudar ele no negócio da máquina do motor lá, mas, eu num fiquei... Aí pronto! Só isso, mesmo que viajei.

Quando eu saí do Uruapeara pra vim pra cá. Já tava com 43 anos, quando eu sai de lá pra vim pra cá. Quando eu vim lá do Uruapeara, já tavam tudo, os filhos, só faltava a Geise e o Zé Antônio, que ainda num tinha. O Zé Antônio e a Geise foi nascido aqui os outros tudo já vieram de lá do Uruapeara... Eu tinha 26 anos, quando eu casei com a Cila. Eu tava com 26 anos de idade e ela tava com 17 anos de idade. Eu era nove anos mais velho que ela...

Depois que a gente veio morar pra Humaitá foi a mesma coisa quase. A diferença foi, porque, eu saia pra trabalhar e a Cila ficava em casa com os nossos

filhos... Quando eu cheguei trabalhei três meses aqui, logo em Humaitá mesmo e não precisei ficar longe de casa, depois sai passei dez meses lá pra Vilhena. Trabalhava na Gutierrez, na firma, mas, todos os fins de mês eu vinha. Ai depois que sai lá de Vilhena, vim pra Porto Velho trabalhar três anos, também, em Porto Velho. Hora! Que depois que nós viemos de lá, ai trabalhava em alguma coisa por aqui, passou um tempo trabalhava na cerraria, 05 anos; trabalhei naquela firma, Queiroz Galvão, também trabalhei cinco anos aqui na estrada. Ai que nós já tava aqui nessa casa, ai melhorou mais! Ai foi o tempo que os meninos também já tavam trabalhando e melhorou mais... Mas no princípio logo no nosso começo aqui, nós num passamos mal não, porque Graças a Deus! Do que eu cheguei aqui eu fui logo arranjando trabalho...

Todo mundo se admirou, porque, quando eu cheguei aqui eu num sabia quase nada, mas, tinha uma coisa, eu não sabia trabalhar no leve, mas no pesado eu era acostumado trabalhar, qualquer trabalho que vinha eu topava, inclusive, trabalhava de ajudante nas firmas, todo mundo gostava, eu trabalhava direitinho mermo, oh! Trabalhei quase 15 anos; 5 na Queiroz Galvão, 4 na Gutierrez, 9 anos trabalhei em firma, depois trabalhei 5 anos na cerraria, trabalhei também 5 anos por ai, depois trabalhava, assim, de vez em quando, Trabalhava com alguém, por aqui, trabalhava em negócio de guarda, assim, vigia. Eu trabalhava com a Leonêis uma comerciante, mulher do Raimundo Teixeira, eu trabalhava com o Zé Carmelo, tudo, isso, eu trabalhei por ai tudinho! Trabalhei no banco Bradesco, ainda trabalhei um tempo lá também; o compadre Joaquim trabalhava lá e quando eram as folgas dele, ele me chamava pra ir trabalhar... Trabalhava de vigia, eu só vigiava o banco mermo, só ficava de noite, vigiando lá dentro do banco, só isso...

Quando chegamos mermo aqui em Humaitá, nós não tinha casa. Nós moramos, primeiro, na casa do Manoel de Castro, que o José, filho dele, tinha uma casinha, ai nós moramos com eles lá uns três meses, depois nós passamos pra morar lá com o Chico, meu irmão, lá com a comadre Tila; depois nos alugamos uma casinha bem no Escurrega, ai aonde desce, do lado aqui tinha uma casinha de palha, coberta de palha. Morava lá, naquela casa, passamos um tempão lá, depois dela nós viemos pra cá pra essa daqui, esse lugarzinho aqui, havia uma casinha. Ai viemos morar pra cá... Esse lugar aqui a Cila no tempo que eu tava pra Vilhena, ela se virou por aqui, foi lá com o homem pra medir o terreno, ele veio medir, esse terrenozinho, aqui, era só uma mata isso daqui! Era mata mermo, eu tava pra lá pra Vilhena

quando ela veio pra cá medir o terreno, até o marido da minha sobrinha foi que fez esta casinha. Ai eles vieram alimpar pra cá. O meu irmão veio ajudar eles, alimparam, quando eu cheguei já tava armado a casinha aqui, ai ajeitamos tudo, ai eu voltei de novo, que quando eu cheguei de novo ela já tinha se passado pra cá. Quando eu cheguei de lá, ela já tinha se passado pra cá, já tinha ajeitado tudo, o compadre Domingos, marido da minha sobrinha, Flaura, foi ajeitou pra nós, ele tinha comprado a madeira, que eu tinha deixado o dinheiro, quando eu cheguei ela já tava aqui! Ai melhorou mais depois de nós estar na nossa casa! Ai foi tempo que eu fiquei trabalhando mermo e os meninos também trabalhavam, ahaha, ajudou muito! O Adelson trabalhava nos Neves e o Raimundo trabalhava na cerraria... No tempo quando nós ainda não tinha nossa casa nós moramos também uns três meses com a dona Maria Trindade, a irmã de criação da Cila...

Lá em Vilhena eu trabalhava de ajudante também, na firma da Gutierrez. Trabalhava com negócio de fazer asfalto, essas coisas, na rua, fazer terraplenagem, essas, coisas... Trabalhei um tempo lá de ajudante, agora em Porto Velho trabalhei de vigilante. Trabalhava de vigilante, mas era mais era no campo, assim, no aeroporto trabalhei seis meses no aeroporto de vigia, de vigilante lá quando estavam fazendo aquela pista de lá do aeroporto. Eu mais outros dois, nós era seis que ficava lá. Era uma vida muito boa para mim... Isso foi em 85, quando eu trabalhei em Porto Velho... Agora, eu fui lá pra Vilhena em 80, nós chegamos aqui em 82, 83 eu passei em Vilhena, 85, eu já tava em Porto Velho trabalhando lá na Gutierrez.

Quando trabalhava em Vilhena, trabalhei na abertura das ruas na cidade memo. Nesse tempo a cidadezinha era bem pequenininha, a gente enxergava de um lado pra outro, a cidade, assim, por cima. Nós tava trabalhando fazendo o asfalto na rua, da cidade mesmo. Sei que nós chegamos, lá, passou um ano e pouco, só, ai acabou a obra de lá e nós viemos pra Porto Velho; ai ficamos em Porto Velho, mais três anos, eu trabalhei mais três anos lá em Porto Velho... Eu fico lembrando que quase num parava aqui em casa. Logo que nós chegamos aqui em Humaitá, só vinha mermo fim de mês e voltava, vinha e voltava...

Sobre as famílias lá do Uruapeara. Ah! Eu conheci quase tudo! Daqueles, dos Teixeira, dos Nunes, dos Almeidas, dos Pintos, que era nossa família mermo. Naquele meio lá tinha a família dos Almeidas, tinha aqueles gonçalvezadas, esses Gonçalves, ali pra baixo eu conhecia, mas, num conhecia bem! Porque ficava mais pra longe. Agora, ali, os Teixerada, eu conhecia bem! Os Nunes, moravam tudo

perto mermo, conheci tudo eles, desde os antigos, dos primeiros! Ai depois eles foram morrendo, foram morrendo...

As famílias, eram, assim, cada uma morava, numa localidade. Os Almeidas moravam mais pro, Centenário, pra baixo. Ai pro lado do Castanhal, nesse meio, da Araçatuba, os Almeidas moravam, agora, os Teixeiras, moravam ai pro lado da Floresta, pro Ipixuna, que chamam, ai os Nunes ai pro lado da Cabeceira, mermo, Cabeceira do Lago do Uruapeara, mermo. Primeiro, tinha, a Cabeceira, Vista Longe, esse meio ai tudo tem nome, né, Traíra, Cabeceira, que era onde tinha o barracão, da Vista Longe já vinha pro São Miguel, a Graciosa, onde o velho Cabeça tá; ai vinha pro, Paciência, pra donde a dona Trindade morava... Por ai tudo eram esses nomes. Cada um tinha um nome. Tinha o Jamari, lá pra dentro, o Rosário! Por lá tudo! Onde esses dai moravam...

Os Neves moravam ai pro lado dos Castanhal! Quer dizer, tinha os, Neves, ai do Castanhal e tinha o Neves, mermo! O Dico Neves, que era que tinha venda lá no Centenário, ele morava lá na Povoação, ao redor da igreja... Lá em cima! Os Castros ficavam aqui pro Araçatuba e os Pintos lá pro Cabeceira, mas ai já era tudo misturado já! Já tava tudo junto, Castro e Pinto, tudo misturado, um tanto pro lado do Cabeceira, outro tanto pro Araçatuba. Nesse tempo já tava muito espalhado, já, tinha muito Castro já pelo lado de dentro, outros mais pra fora, era assim... Misturou tudo... Agora os Teixeradas que sempre foram tudo separado das outras famílias, moravam tudo no mesmo lugar, eles sempre casavam, Teixeira com Teixera, mermo! Parente com parente. Ai não saiu quase lá do Ipixuna, não, naquele meio era só eles, lá, no trecho dos Teixeradas!!!

Os casamentos era de uma família com outra, só os Teixeiras eram, assim, que casavam entre eles mermo. Agora os outros não! Sempre era com Castro, outros era Pinto, outros eram Nunes, agora os Teixeira, era só quase família com família. Era difícil ter um que casasse com outra família. Era só eles lá, casava primo com primo era, assim... Os Pinto, casaram com os Castros, isso daí, ainda tem os Nunes, que eram os filhos da dona Mazilis que era irmã da tia Adelaide, família de Nunes. Ai os meus tios que também eram da parte de pai, de avô, de pai, que eram irmão do meu do meu pai, mas era por parte só de pai mermo, que era filho da velha, Mazilis, que era irmã da dona, tia Adelaide, esses daí, uns casaram com os Almeidas! Outros casaram com os Nunes! Eu sei que é misturado. Os Pintos e os Castros, também casavam com eles mermos. Não eram casados, assim, família com família não...

Alguns tinham na família de Castro, uns poucos deles eram casados primo com primo, também, meus primos, Adalberto, era casado com uma prima dele, com, a, Maria Linhares, e o Chico Linhares, era casado com uma prima dele, com, a, Lurdes, filha do velho Manoel Castro, eles eram primos legítimos!!

Dos Nunes, hoje, da família dos Nunes, quem é parente, eram quase todos! Porque, eles são, Nunes e Almeidas. E a minha família também, minha mãe também é Almeida, por isso, que é parente, quase todos eles são parentes... Desses, acho que só o compadre Manoel Nunes e também tem os filhos dele, o Pedro, que ainda ta morando lá no Uruapeara e os irmos dele, também são parentes, ainda, os meninos todos, por parte do Manoel Nunes, também são Almeidas. Tem a Antônia Nunes, acho que ainda mora aqui em Humaitá e a Ducarmo, que já morreu...A Antônia é filha do Manoel Nunes filho, da Beni Nunes, que era mãe do compadre Manoel Nunes, ela, a Antonia Nunes, é era irmã do compadre Manoel Nunes, o pai do Pedro... Parece que só ta ela e o compadre Manoel Nunes vivos. Parece que vivo dos irmãos, a Antonia e o compadre Manoel Nunes que ainda tão. O Chico Nunes, já morreu, o Sabá Nunes, já morreu, a Ducarmo Nunes, já morreu, o Raimundo Nunes, já morreu, tudo eles eram irmãos... Agora só tem eles dois...

As famílias se misturaram tudo, olha o caso do Manoel Maciel, ele era meu primo por parte, já, do pai dele, que era meu tio... O pai dele era o Chico Castro que é meu tio legítimo! Irmão da minha mãe, e era pai do Manel Maciel, com a Preta Maciel... O Sabá Pinto, que era meu tio também teve filho com a comadre Tiliana. Ele tem um filho com ela, o, Raimundo, que mora lá em Porto Velho, ele que é filho do Sabá Pinto... Ele se parece com o pai dele, só que o Sabá Pinto era magro! E o Raimundo é barrigudo... Teve Maciel que casou com Maciel também, mas também casou com os Nunes. O Macielzinho, o Raimundinho Maciel, casou com a Maria que era filha da tia Vergília, eles eram primos, também...

É, assim, as famílias que foram se casando entre os Nunes, com Maciel, os Pintos, os Castros... Dos Castros, pelo menos me lembro bem, teve o Adalberto que casou com Maria, casaram primo com primo. O Chico que casou com a Lurdes, também, Francisco e Lourdes também eram primos... O Chico Linhares que era o Francisco Linhares de Castro casou com a Lurdes Lobato de Castro, o pai da Lurdes que era Lobato. A Maria com Adalberto a mesma coisa, Adalberto também é de Castro, aqueles eram primos legítimos mermo! E agora esse Maciel com a Maria também, a Maria Maciel, ele Raimundo Nunes Maciel e ela Maria Nunes Maciel,

eram legítimos! Acho que minha irmã, também casou com primo. Depois que o Raimundo Maciel morreu a Maria Maciel casou com o Chico Nunes, mas ela foi a primeira mulher do Raimundo Maciel, o Macielzinho que chamavam, era o mais criança deles tudo parece... Ela era filha da tia Vergília, irmã da comadre Cila...

O Antonio Maciel, marido da Adelaide Nunes, eu conheci bem. Ixi! Conheci muito! Tio Antonio Maciel... Tia Adelaide... Ainda lembro bem deles... O tio Manoel Nunes também. que era irmão da tia Adelaide, a Bini Nunes, que era da família dos Almeida, que era tia da minha mãe... Pois é... Conheci tudo esses antigos...

Nesse tempo agora fica passando esses carros de som chamando para a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, aqui em Humaitá. Aqui eu não fui em nenhuma vez nessa festa. Em Humaitá, os Festejos que eu costumo ir é só mesmo a de Santo Antonio, Santa Ducarmo, Imaculada e São Francisco. No Festejo de São Domingos Sávio eu fui só uma vez, São Sebastião, acho que num fui nem uma vez também, as que eu acostumo ir são as de São José, nessa sempre é de costume ir, acho que praquelas outras de lá, acho que Nossa Senhora Aparecida fui uma vez, uma ou duas...

Ali na esquina tem um oratório de São João! É do menino que fez... O Sérgio, aquele Sérgio Farias, sargento Pinto. Ele mandou fazer pra botar o São João. Festejam ai todos os anos. Esse ano se o ginásio já estiver pronto é capaz de ser ai dentro, a missa dele deve ser bem bonita, mas eu não sei se vai ta pronto... Ixi! Todos os Festejos ai a gente vai lá... Ai tem o dia que dá missa mermo! Tem o dia do arraial, é engraçado, dançavam quadrilha, ai, era tão bonito isso aí! Eles queriam chamar pra tocar aquele, tambor, o gambá, lá do Uruapeara, contudo lá, mas ainda não foi possível. Eu queria que eles trouxessem que era pra mim ver, era tão legal; mais não... Eles disseram que iam arrumar, num sei, sei que nunca mais eles falaram... Mas eles tinham dito que iam trazer o gambá daqueles do serigandor, que bate lá o tambor, mas, nunca chegou esse dia deles trazer isso...

Quando eu morava lá no Uruapeara eu via eles tocar o gambar. Todos os tempos a gente ia assistir, São Sebastião, Santo Antônio, tudo ia assistir, negócio desses gambar!Serigandor... De primeiro, Foi lá no. Jamari, onde hoje mora o, o Magalhães, ali, era um festão muito bonito! Faziam lá, tinha duas festas, de Santo Antonio e Nossa Senhora dos Remédios é era uma festa muito grande! Lá... E lá pra baixo tinha no Castanhal, tudo tinha Festejo de Santo Antônio... Tinha a festa de

dança, Ahaaa, a festa pra lá era dança direto, a noite todinha de dança! Era naquelas ramadonas! No chão. Tinha delas, era bem certinha! Que chega a bicha voava poeira... A ramada é onde tem a dança, é um salão, assim... Lá eles chamavam ramada. Fazia aquelas casonas, assim, pra gente dançar dentro. Era legal! Aquelas coisa lá, dancei muito aquelas coisa lá... Lá no Jamari, mermo! Era aquela grandona, no chão mesmo, varriam a bicha ficava brilhando, dançavam lá... Eita chega eu acho graça de alegria lembrando desse tempo...

E eu me lembro que o velho, Antônio Maciel, que eu tava falando dele ainda agora, que ele cantava essas folias também do Seringador. Eu me lembro que ele cantava assim, essas folia do Serigandor e muitas coisas... Eu me lembro que ele cantava e tinha outros que cantavam também. Tinha um cara que cantava lá também... O Manel Teixeira, o Mané Teixeira, era outro dos antigos, eles cantavam esse negócio dessas folias, assim... Pra rezar, assim, essas ladainhas, tinha um bucado deles que rezava. Tinha, um tal, de João Miranda, aquele que era o chefe, pra rezar, as ladainhas, tudo ele que botava pra rezar, quando ele era forte, era só ele que tirava as ladainhas nessas rezas de santo...

O Antônio Maciel, ele era tipo, assim, os índios, chamavam pra ele, Tapuio! Mas ele era diferente, porque muitas vezes, num falava igual os índios, ele tinha aquele cabelo liso, dele, só sei que dona Marziles só chamava pra ele Tapuio... Ele não se importava não... Era acostumado... O pessoal que falava que ele era Tapuio, pelo jeito dele, assim, mas, eu nem sei que Tapuio faz, pra dizerem que ele era Tapuio. Eu num sei de que família que ele era, ele era da família dos Maciel, Mas ainda tinha outro negócio da família dele, me esqueci já como é que era nome da outra família... Nem sei bem se que quando ele chegou no Uruapeara, ele chegou sozinho ou tinha a família dele. Não sei isso daí. Quando eu me entendi, eu já conheci ele já com a Tia Adelaide e já tavam já de idade, já tinham os filhos, os primeiros filhos, tudo grande! Já me entendi vendo eles já juntos, e, assim, ele morreu... Junto com ela mermo. Não morreu separado, viveu junto... Lá naquela, Traíra velha! Eles viveram muito tempo! Eu me alembro bem dele, lá, lembro dos filhos dele tudo. Eu não me alembro bem do que chamavam de Izolino, eu não me lembro bem, dele não. Do Pedro Maciel, o Raimundo, a Comadre Tiliansa, a Chiquinha, me lembro deles tudo...

Me veio agora a lembrança da minha mãe. Eu nasci em casa mermo. Nesse tempo num tinha hospital, as parteiras que assistiam os partos em casa mermo. A

minha parteira foi até uma tal de Rozinda? Era ela que era a parteira da finada mamãe, desde o principio, até, eu , ainda foi essa parteira. Eu nasci com a tal de Rozinda, que assistiu meu nascimento. Dona Rozinda, era uma parteira boa... Lá tem esse negócio de mãe de umbigo... Porque a parteira que pega a gente, faz o parto, a gente toma bença, de quem corta o imbigio da gente... É! Eu até tomava bença dessa minha mãe de imbigio... Foi eu e ai já foi outro meu irmão que ela pegou, foi desse, ai que minha mãe morreu, de resguardo, desse meu irmão, ele ficou, mas já, morreu também... Na hora do parto ele não morreu não, ele ficou, morreu já depois de grande. Ele ficou bem pequenininho, com 17 dias quando a nossa mãe morreu... Depois de 17 dias ela morreu, ela tava boazinha! Ela foi sair pra pegar umas roupas, porque vinha formando uma chuva, um temporal, ela tava de resguardo, tava com 17 dias e logo 17! Todo 7 disque pra mulher é arriscado no resguardo. Disque a minha mãe tava só em casa, num sei como é que foi, disque tava uma mulher com ela em casa mas, num tava na hora que ela sai pra recolher umas roupas. Ia formando uma chuva e ela foi tirar os panos que tava no sol, ai pegou o vento, disque, dessa hora, adoeceu, ela estava com 17 dias de resguardo ai passou mais uns dias ai ela morreu...

Eu tava com dois anos quando minha mãe morreu... Eu me lembro mauzinho dela!... Pois, eu me lembro, disso ai! Me parecia um sonho... Uma horazinha! Que eu me lembro... Como era ela... Ela usava sempre um vestido xadrez. Eu me lembro benzinho! Uma hora parece que via ela, com aquele vestido, mas eu já tava com dois anos, nesse tempo que ela morreu, depois disso, não me lembro mais de nada! Nem do dia que ela morreu eu não me lembro... Eu nunca sonhei com ela, porque eu não lembro nem bem como era ela, me lembro só, dessa vez, tipo um sonho, mas a modo, que eu só vi a roupa dela... O vestido dela e xadrez!... Até porque, pelo menos agora, estes tempos nunca mais sonhei nem com outras coisas... De primeiro, a gente sonhava... Mas agora é difícil eu sonhar... Eu sonho, mas, depois eu esqueço e num lembro mais...

Os comedores de Chibé

As pessoas que entrevistei de Nazaré, Uruapeara e Porto Velho assumem suas referências indígenas de forma menos direta, seus modos de ser indígenas estão na percepção da natureza e na forma como organizam suas vidas tecidas nas narrativas. As pessoas que entrevistei que fazem parte da família Mura do Rio Itaparanã e a que entrevistei em Manicoré, afirmam-se Mura, pois estão no processo de retomada indígena. Suas conceituações sobre o que é ser indígena resultante das discussões políticas entre os demais indígenas da região contribuem também para confirmar que as pessoas que vivem nas comunidades resultantes dos espaços de seringais estão inseridas num modo de ser indígenas, pois todas são comedoras de chibé de farinha de mandioca.

5.ITAPARANÃ

A terra onde vivem famílias Mura ligadas ao primeiro cacique, Nelson Mura e famílias Apurinã ligadas a esposa do segundo cacique Raimundo Mura, irmão de seu Nelson, encontra-se em duas situações jurídicas. De acordo com os documentos que o seu Nelson Mura mostrou-me, um emitido pelo INCRA e outro pela FUNAI, atualmente a terra Mura está na condição de assentamento, mas é uma área reivindicada pelos Mura como terra Indígena.

Conforme o documento do INCRA –foi emitido título definitivo n. 4 (15) 82.02/1007, conforme processo n. 0895/82 – PF/Humaitá/AM alínea. A Nelson Praia Belém o imóvel denominado fazenda 3 irmãos com área de 97,4366 hectares. O documento da FUNAI de Humaitá é uma declaração sob n. 040/2007 com data de 31 de julho de 2007 na qual Nestor Odicio da Silva Filho declara que: “A aldeia Itaparanã da etnia Mura localizada na BR 230, km 90, sentido Humaitá à Lábrea está em processo de reconhecimento pela FUNAI para posteriori demarcação e homologação”.

Na narrativa do Joabi Mura fala do início das atividades para formação do grupo de trabalho que seria responsável em fazer os estudos e os processos para a demarcação da Terra, mas segundo ele não houve continuidade. Em 2013 elaboramos um documento para enviar a FUNAI a nível Federal informando a situação da comunidade e solicitando informações sobre o processo de pedido de estudos para a demarcação da terra Itaparanã. O documento foi lido e assinado no encontro de articulação indígena em Humaitá em setembro de 2013 dos Povos Indígenas do Sul do Amazonas, Rondônia e noroeste de Mato Grosso e encaminhado para a FUNAI de instância regional e federal. Não soube se houve alguma resposta desse documento. Após este, outros documentos foram encaminhados pela própria comunidade.

Um dos últimos foi respondido em 2014 informando quais as terras indígenas estavam incluídas nos grupos de trabalho da FUNAI e que somente na conclusão desses estudos iriam iniciar novos grupos de trabalho. Fizemos outro documento em resposta denunciando situações de invasões na área que estão reivindicando. Segundo eles há estradas vicinais atravessando a área e a chegada de moradores não indígenas que estão abrindo lotes na área que corresponde à reivindicação de demarcação, os quais podem solicitar titulação da Terra Legal, projeto do governo Federal de regularização de terras.

Fui apenas uma vez na aldeia Mura do Itaparanã, mas foi muito rápido, havia ido como Iremar, aliado do Movimento Indígena, deixar uma das filhas de Nelson Mura e

seus netos, na época do ataque etnocêntrico em Humaitá. Seu Nelson estava apreensivo por seus familiares que estavam na cidade e ficou satisfeito quando viu sua filha e seus netos chegando e perguntou pelos demais, demos notícia e lhe asseguramos que estavam bem. Ainda deu tempo de entrarmos na sua casa construída por ele do jeito que ele fala em sua narrativa, é pequena e tem um compartimento em cima e o pouco que ficamos conversando senti um ambiente acolhedor. Enquanto conversamos as crianças e o Iremar foram buscar tucumã, havia muitos naquele período. Seu Nelson gostaria que ficássemos, mas estava no cair da noite e precisávamos ir, pois de lá iríamos direto para Porto Velho. Diante do clima de tensão nem íriamos parar em Humaitá.

Depois da minha ida na aldeia, recebi na nossa casa em Porto Velho a família do seu Raimundo Mura, ele, sua esposa, sua filha e seus netos, dois meninos e uma menina com meses de nascida. Seu neto, mais velho, de cinco anos de idade estava internado para fazer uma cirurgia no estômago. As semanas que ficaram lá estreitamos nossos laços de afinidades e nos tornamos uma família Mura. A nossa casa é um espaço sempre aberto para recebê-los e eles lá na aldeia Itaparanã estão à espera da nossa visita.

Mais dados sobre a comunidade podem ser encontrados na narrativa do Seu Nelson Mura e do Joabí Mura.

Guardião de tradições

No dia 18 de maio de 2013 fui à casa do Joabi Mura fazer a conferência de sua narrativa e tive a feliz surpresa de encontrar seu pai, Nelson Mura, que, ao me ver conversando com seu filho, ficou por perto e entrou na conversa. Gostou de saber que eu estou registrando as suas histórias e da minha identificação Mura. A entrevista com ele se deu já emendada com a conversa que ele iniciou, sobre os conflitos entre os seringalistas e os Juma, que na sua narrativa aparece de forma detalhada. Ele começou a falar sobre as ocupações e conflitos indígenas no rio Itaparanã, mas o gravador não estava ligado, então, aproveitei que ele estava querendo falar e liguei o gravador e pedi para ele falar sobre sua experiência de vida. Foi uma longa entrevista que aos poucos foi ficando densa, carregada de conhecimentos e reflexões sábias de um ancião Mura.

Seu Nelson Mura é um dos caciques da comunidade formada por sua família, que vive parte no rio Itaparanã na Transamazônica e parte na cidade de Humaitá. Ele é convertido à religião evangélica, é um pregador do evangelho, mas, ainda

assim, carrega em sua memória modos de fazer e ser que ele relaciona à cultura Mura passada pelo seu pai. Suas reflexões num primeiro momento parecem inocentes, mas não são, elas são filosóficas, são grandes ensinamentos de um sábio.

Sua entrevista causou uma forte interferência em mim que estava em busca não apenas de entender o processo de retomada territorial e afirmação Mura da sua comunidade, mas também buscando pessoalmente essa referência Mura. Nesse sentido, ele representou para mim não apenas um colaborador da minha pesquisa, mais do que isso, ele é um ancião portador de grande sabedoria que ouvi como uma aprendiz Mura. A entrevista com ele se deu pelo meu próprio interesse em querer conhecê-lo, registrar sua experiência de vida e entender o processo de retomada Mura de sua comunidade e se deu no encontro ocasional na casa do seu filho.

Para mim seu Nelson Mura se tornou uma referência de sabedoria, suas reflexões são importantes para pensar sobre as experiências de famílias indígenas que se constituíram dentro de modos de vidas não indígenas e ao mesmo tempo mantiveram uma forma de ser indígena. De suas reflexões a que mais me faz pensar sobre a minha própria significação indígena é a que ele diz que é preciso nascer alguém da família para retomar as tradições, ele não fala com essas palavras, mas diz, ao seu modo, que para retomar a pajelança “é preciso nascer alguém na família que mexa com isso, assim”, como seu filho Joabi que é o “rapaz da cultura”.

Ele diz que tem que nascer a pessoa que vá desempenhar algum papel na cultura e a família tem que ajudar ela a se formar para desempenhar o papel que, ao nascer, trouxe o interesse consigo. À primeira vista essa visão pode ser entendida como um determinismo, mas, se prestarmos bem a atenção, vemos que mesmo que seu Nelson Mura acredite que cada pessoa já nasce com um interesse de desempenhar um papel específico, essa pessoa não está pronta, tem que ser formada e incentivada pela família. Essa reflexão me fez pensar sobre a minha busca de reafirmação de ancestralidade indígena. Fiquei pensando que essa é uma boa explicação para eu entender porque sou a pessoa da minha família que se identifica e assume de forma direta a afirmação indígena e está em busca dessa história familiar, que por muitos anos foi apagada. Quem sabe eu seja a pessoa na minha família que nasceu para fazer isso, e o incentivo da minha mãe para estudar e a criação que tive da minha avó tenham me preparado para desempenhar esse papel? Pode ser!

A construção da narrativa em colaboração apresentada aqui é resultado do interesse do seu Nelson em querer afirmar-se Mura e garantir a demarcação da terra

Mura no Itaparanã, que se aliou ao meu interesse político e pessoal em contribuir com a garantia dos direitos dessa comunidade. Seu Nelson atualizou em sua narração seus conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em geração somados com os conhecimentos adquiridos na vivência com outros povos indígenas, com as informações trazidas por pesquisadores e funcionários da FUNAI e demais organizações não governamentais e das suas próprias interações na relação construída no espaço urbano. A resultante narrativa foi impulsionada pelo interesse mútuo de afirmação Mura.

Depois de estar no trabalho de transcrição da entrevista do seu Nelson Mura, tive mais um encontro com ele na festa tradicional dos Tenharin, onde o presenciei cantando uns cantos que aprendeu com seu pai. Aproveitei para gravar as duas cantigas que cantou durante a festa e mais algumas narrativas de encantados que ele quis me contar. Nas cantigas e nas narrativas dentro de sua narrativa vi elementos presentes também presentes em outras narrativas indígenas e fragmentos de linguagem indígena, como o caso de animais que ficam em formas de objetos debaixo d'água e todas as outras mudanças de formas entre seres da terra e do fundo das águas. Foi fundamental esse registro posterior à realização de sua entrevista. Na transcrição essa segunda parte de gravação foi incluída dentro da narrativa.

Na época da realização da entrevista com seu Nelson Mura eu ainda não estava inserida na comunidade, aos poucos fomos construindo uma relação de maior confiabilidade, afetividade e afirmação Mura em comum. O convite feito por seu filho, Joabi Mura, para participar da festa tradicional dos Tenharin em 2013, onde duas Mura casaram com não indígenas dentro do ritual indígena, foi um sinal de confiabilidade, aos poucos fui tornando parte da família Mura do Itaparanã e uma referência política para a comunidade.

Em outubro de 2013 também participei do encontro do movimento indígena “Morogita/Kagwiva do Brasil” onde se reuniram representantes dos povos indígenas de Rondônia, Sul do Amazonas e Noroeste de Mato Grosso. Neste encontro fui apresentada pelo Joabi Mura às lideranças Mura do Rio Capanã Grande e de outras comunidades nas proximidades do Rio Madeira. Durante o encontro as lideranças Mura vindas do Capanã e outras localidades não estavam se manifestando, por esse motivo, eu junto com o Joabi articulamos uma reunião com os Mura, nessa reunião no horário noturno após as atividades do encontro, estiveram os representantes das comunidades Mura, Joabi não pode participar, pois estava ocupado com

encaminhamentos da coordenação do encontro junto com a equipe de coordenação, mas seu Nelson esteve presente, dessa reunião resultou a articulação para que no outro dia do encontro um representante de cada comunidade Mura fizesse uma fala para expor as problemáticas enfrentadas em suas comunidades, o que foi acordado com a coordenação do evento. Dessa maneira, foi garantido que a demanda dos Mura fizesse parte do relatório do encontro.

Essa mediação que realizei me legitimou ainda mais como Mura entre os demais Mura do Itaparanã e Capanã Grande. Outros acontecimentos de encontros indígenas contribuíram com o estreitamento da minha relação com os Mura, atualmente, minha casa em Porto Velho é ponto de apoio quando os Mura do Itaparanã precisam vir fazer tratamento de saúde em Porto Velho. Nos tornamos uma família. Seu Nelson Mura me chama de minha filha e eu o considero meu pai cultural e mesmo ele sendo evangélico consigo sentir sua força espiritual indígena por meio dos seus cantos.

A conferência da sua narrativa foi demorada e intensa, ele ouvia, comentava, acrescentava, se animava e se impressionava por eu ter passado para escrita tudo o que ele tinha falado. Ele dizia: “Mas tu é danada, não deixou escapar nada”. Não só ele como o Joabi ficaram fascinados com a escrita de suas narrativas. Na finalização da conferência que durou das quatro da tarde às dez da noite, fez parte também o momento de comermos umas tapiocas preparadas pelo Iremar. Meu filho Tanan também acompanhou toda a conferência, ele tinha que conhecer o cacique Mura do Itaparanã.

5.1NELSON MURA

Nelson Praia Belém Mura, filho de Ambrosina Praia Belém e Elídio Porfilho Belém. Nelson Mura carrega consigo uma grande sabedoria. Sua idade em março de 2014 era setenta e dois anos, nasceu no ano de 1942. Ele é um dos caciques dos Mura do rio Itaparanã. É o elo do que ficou do conhecimento repassado pelo seu Bisavô-Mura com a geração dos seus filhos. Apesar do contexto de vivência com os seringalistas e seringueiros, chegou até ele pistas dadas por meio de elementos que se mantêm de uma linguagem e cosmologia indígena que apontam para possíveis

restituições. Seu Nelson Mura é um dos últimos dos anciões guardiões da tradição de uma família Mura que se dispersou no contexto do contato de extrema violência dos colonizadores contra os Mura. Sua luta agora é pela demarcação da terra, no Rio Itaparanã, e mais do que isso, manter viva a tradição cultural repassada pelo seu pai. Seu pai mesmo não se dizendo Mura, lhe ensinou um modo de viver que lhe dá suporte para a reconstrução de uma identificação Mura.

Nós ficamos aí na margem direita do rio Itaparanã todo tempo no castanhal São João... O papai morreu e nós ficamos aí trabalhando. Ficamos bem dizer com o homem que era nosso patrão... Trabalhando com ele até que eu saí e fui trabalhar para outros lugares... Saí com vinte e oito anos de idade, fui trabalhar já lá pro lado de cima, para o Ituxi no rio Ciriquiqui que é alfuente do Ituxi, fui trabalhar com extração de sova e depois eu voltei pra casa, no castanhal do Maguari no Itaparanã. Meu sentido era aí a donde tinha ficado a minha família. Ai já tinha esse castanhalzinho que a gente comprou... Onde eu queria que fosse incluído no estudo para a demarcação do nosso território de ocupação. Eu queria que fossem lá pra filmar, porque sei que isso aí é bom para o trabalho que tem que ter pra demarcação, fazer o registro de onde nós andamos e do que nós temos nesses lugares. Foi o que falaram pro chefe da FUNAI, quando veio um pesquisador para ver a situação da nossa terra.

Eu sei que pra poder vim a demarcação tem que ter os pesquisadores pra ir ver onde nós andamos, ali aonde tem os nossos entes sepultados, né... E ai mostrar - Aqui nos moramos tantos anos... Ali moramos mais outros anos. Porque nós moremos sempre assim... Moremos de tempo em tempo só num canto... No igarapé nós trabalhava no inverno, no verão passava na beira do rio, num lugar chamado Abacaba. E aí nós fiquemos, depois surgiu a estrada, e nós mudemos a moradia pra beira da estrada. Foi no tempo que veio surgir a demarcação de terra do governo... Ai nós nos metemos pelo meio também, tanto que o INCRA deu um lote pra nós, um pra mim, outro pro meu irmão. A Nilce, minha filha, tem outro, o do Joabi não tá bem tirado, o dele não, ta lá na beira da estrada, aí onde nos estamos... É acima da aldeia o assentamento que o INCRA deu lote pra nós.

Eu conversei com o engenheiro que estava trabalhando pra gente, mas ele morreu... O Genésio! Finado Genésio que parece que ia encontrar com nós, ai ele disse que ia lá pra Porto Velho, na volta ia lá com os Tenharin e de lá já ia com nós

pra baixar no rio Itaparanã, mas aí na ocasião que ele foi pra Porto Velho, lá teve o aniversário do irmão do chefe dele e na volta, de lá pra cá, o carro bateu na camionete e ele morreu... Aí os documentos que já estavam tudo iniciado ficou parado... Isso também atrasou o estudo da demarcação da nossa terra. Ele era da FUNAI de Brasília e veio para tratar sobre a demarcação de Terra indígena.

Primeiramente pra nós veio o Rômulo, o Rômulo que foi lá com nós... Nós fizemos reunião, tinha o povo daqui de Humaitá que disseram que são Mura. Um deles é o Zacarias, que disse que também é índio Mura... Aqui em Humaitá tem muita gente que diz que é Mura. A Erlean, que é a dona do supermercado Neves, um supermercadogrande que tem bem aí perto da casa do meu filho Joabi, ela é filha de Mura, do Zacarias. Ele também estava lá na reunião com os Mura... Ele participou da reunião, mas depois ele parou, não foi mais. Eu disse: - Se você quiser parar, pare, porque nós vamos lutar... Não se incomode, não, que você tá seguro. Porque, ele tem lote lá também no Riozinho. Nós pedimos a demarcação, pra segurar pros nossos familiares no futuro, para não ter tanto perigo de acontecer o que aconteceu com os Juma, né! Que quase ficou sem ninguém do povo. Nós não estamos fazendo que nem eles... Mas se chegar e matar uma pessoa aí pode contar que vai ter um confronto muito forte. Porque lá pro rio eles fazem muito medo pros Apurinã. Porque eles estão lá... Quem tá lá é o Antônio Justo genro do José Pedro Nascimento, ele é Caxarari, mas documentou como Apurinã porque morava no meio deles, ele que é o pai da Graça, esposa do meu Irmão Raimundo Praia Belém... O Pedro e a família dele são do povo Apurinã.

Daí como eu estava dizendo, nós, Mura, fiquemos aí no rio Itaparnã trabalhando, né. E aí eu vim pra cá e abri outro castanhal que se chama Maguari. Depois foi o tempo que eu arrumei outra família. Por isso, abri outro castanhalzinho pra outra família, que é esse que nós temos e mudemos pra perto da estrada. A primeira família ficou no seringal do Santo Elias e eu vim pro Maguari com a outra família, aí pra perto da estrada. Daí com essa segunda família que eu formei nós trabalhamos... Trabalhamos... Trabalhamos... Aí surgiu a estrada... Aí foi que nós viemos pra estrada que é onde a gente já estava morando quando passou o INCRA. Eu fiquei conversando com o menino que era pesquisador da FUNAI lá de Brasília, numa reunião que ele fez com a gente, sobre a situação da nossa terra, e ele disse "Não, mas o INCRA não empata nada não, o governo desmarca tudo e demarca de novo se for preciso... Isso aí não é problema".

Nós estamos aí pelejando junto com o outro cacique, meu irmão mais novo, pra ver como vai ficar a situação da nossa terra. Eu queria a ajuda dos parentes... Eu queria arrancar terra não só pra nós da nossa família, mas também para os próprios Mura que quiserem, aqueles que estão na cidade e não tem terra. Se eu topar com algum Mura sem terra eu vou dizer pra ele - Ah, vamos lá pra minha aldeia, lá tem terra. Aí colocava ele e a família pra fazer a roça deles, ou para tirar óleo de babaçu e andiroba... Porque, às vezes, nós temos aí, mas num sabemos tirar o óleo de babaçu ou fazer a tiragem de óleo da andiroba, de um jeito menos trabalhoso, pra fritar as coisas. Nós sabemos tirar leite da castanha pra fazer o óleo, de um jeito tradicional, nós tiramos, assim: Fazemos aquele leite bem grosso. A gente rala e espreme, né, aí bota pra ferver. Quando ferve aparece o óleo em cima, aí nós tira com a colher até ficar só a água, aí já separa num canto... Fica só óleo puro.

Para tirar o óleo da andiroba, existe outro jeito. A andiroba é diferente, vai pro sol... Depois a gente cozinha ela, passa uns 18 dias, mais ou menos, um mês... Até um mês serve, aí vai cortar ela e tirar a massa e botar no copo... Fica um bucado de massa... Machuca bem com a mão... Aí vai pra alguma lata, duas latas, três latas, conforme, o tanto de óleo que for. Aí vai pro sol e faz, tipo assim, um bico, bem no meio, que é pra escorrer o óleo, de uma banda e da outra, escorre bem naquele meinho, né, aí acaba e bota uma latinha para aparar todo dia, bota no sol e apara um pouco. Vai botando no vaso, quando dé fé enche o litro até ficar aquela massa seca, quando fica seca, aí pronto acaba o óleo, mas é no sol que é tirado e tira muito, às vezes, enche quase um quartil de óleo daquela massa, quatro quartil dá um litro, a medida era uma latinha de leite condensado, tem vez que enche quase 20 litros por dia, mas, é assim, com paciência e com sol na lata mermo, tirando aos poucos... Mas tira tudinho a andiroba...

Eu tenho sede de plantar andiroba. Tenho umas plantas das que já tá dando, mas é pouca... Bom é muita... Dois mil pés, né? Eu falo sempre pro meu irmão - Vamos plantar açaí, vamos plantar andiroba, vamos plantar castanha... Eu tenho castanha... Tem uma castanheira é bem perto de casa, eu plantei essa castanheira quando eu fui fazer a minha casa. O pé era pequeno, agora já tá dando. Vou aprontar a casa e o pessoal diz: "Você não tem medo?" Eu digo - Não, porque se for pra gente morrer debaixo de uma castanheira a gente morre. Elas são muito fortes, a castanheira é forte, e assim, vou ficar por aqui, se eu vê que tá caindo ouriço em

cima aí eu tenho que tirar a casa, mas não derrubo a castanheira, não, se for preciso eu saio.

A castanheira dura mil anos. Tem castanheira que conheço desde quando eu cheguei com 10 anos e eu vi essa castanheira, e já era grandinha... E agora passo por lá e tá quase do mesmo jeito num lugar chamado Castanheira, mermo. Lá tem duas castanheiras, uma perto da outra, mas não engrossa ligeiro não. O negócio custa... A valí se for vê lá no Santo Elias... Lá a gente tinha uma castanheira que nós chamava pra ela, vovó... A castanheira era grossa... Mais grossa, grossona mermo! Chega o tronco dela dava aquela rompera medonha... Ela tinha pouco galho, já estava velha mermo... Por isso, nós chamava pra ela de vovó, ela dava ouriço pequeno, mas a castanha era grandona... Não sei se a vovó do Santo Elias morreu... Eu não estou trabalhando mais pra lá, por isso, eu não sei. Mas a castanheira era chamada de vovó. Em 2014 o meu genro, Antônio Marroque, ligou pra mim com uma animação porque encontrou a castanheira vovó e tava dando fruta!

Pois é, nesse terreno lá do Santo Elias a gente tem um igarapé muito bom, tem muito açai... Se chama São João, o nome do igarapé, tem outro camarada que vendeu lote nessa área pra mim, vendeu pra outras pessoas também, nesse igarapé, ele vendeu para o Sebastião Demétrio, hoje em dia o Sebastião Demétrio não tá, ele tá vendendo pra outras pessoas lá, pra parente meu mermo, parente da minha ex-mulher... Da primeira mulher... Aí já tá sendo tudinho de lá mermo do povo conhecido da gente. O igarapé todinho. É isso que eu queria... Ir nesses lugares todos. No tempo do inverno dá pra ir lá dentro, tem motorzinho de popa pra ir lá... Tem o outro castanhal... No Santo Elias que eu fiz depois que o papai morreu... Eu comprei Santo Elias, aí abrimos o porto Nova Esperança e Água azul, também tinha outro portinho chamado Macaco Prego, que é o derradeiro porto que era castanhalzinho, aí depois que eu vim, peguei e entreguei pro meu genro, e a minha filha tá lá, fez uma casinha boa no porto... Lá no castanhal, só pra segurar mermo, agora todo inverno eles vem quebrar castanha aí. É um ramo de vida né?! Todo inverno eles vem. O ano que dá mermo castanha, a gente tira muito, eu já tirei até 400 latas de castanha de lá... Sai de lá do Santo Elias para onde nós estamos vivendo hoje... Chegamos até aqui, e estamos por aqui pelo Itaparanã. Aí lá vem o estudo das crianças... Foi isso que trouxe nós pra cá pra cidade... Acho que surgiu a nossa apartação, por isso, porque nós ficamos uns longe dos outros, eu mais a mulher.

A mulher ficava aqui na cidade e eu ficava lá na nossa terra, aí parece que vai acabando o amor, acho, não sei, o que vai fazer? Mas acho que deve acabar, né? Porque o homem é acostumado perto da mulher e a mulher perto do homem... Mas foi surgindo a necessidade dos estudos das crianças... Foi indo... Foi indo... E os meninos estudando... Os meninos estudando, né... Eu dou graças a Deus, por isso, porque eles aproveitaram. Hoje em dia, a Josevânia, a Estefânia e a Geovânia tem estudo. A Geovânia tem faculdade de administração; tem a Estefânia que já tá na faculdade e tem a Janilse que tem magistério, ela é professora na aldeia, e que também pode tá fazendo uma faculdade e fazer pesquisa. Elas aproveitaram.

Nós somos de família pobre mermo. Não vou dizer que temos tantas coisas, só foi que houve interesse tanto de mim que nem dela... Não posso dizer – Ah, ela não me ajudou, ajudou sim! Só sei explicar que era um sofrimento, você sair de perto do seu marido pra ficar num canto, era um sofrimento pra mulher e pro homem também, nós se arrisquemos a isso, mas foi uma vitória, né. Estou satisfeito pelos filhos... Porque se eles aproveitarem mesmo... O que eles podem ter é responsabilidade, honrar nosso sacrifício, que fez surgir até uma apartação. Mas, eu estou satisfeito, alegre... Mas não é bom viver sem família, não... Porque tem que ter uma pessoa pra cuidar da gente. Até agora não achei, tem que esperar mais, né?

Meu plano para a terra dos Mura lá onde nós estamos é reflorestar o que tá devastado. Eu tenho plano, assim, de reflorestar com castanheira, com andiroba, com açaí. Esse é o meu plano, reflorestar com planta que tem lá, que se crie, né, como sova... Tem sova, tem sovinha, tem patauí, tem abacaba, plantas que são de lá e que a gente pode plantar que dar. Tem as madeiras, tem a andiroba mermo, e a castanheira... Tem outras coisas que nem aquariquara, a cariúba, itaúba, argelin e cedro, são madeiras boas. A quariquara e cariúba também têm caroço e dá fruto. A fruta da quariquara não tem que tirar a fruta da azeitona. É docinha e a gente come.

Tem o meu pedido, para minha família que não é pra deixar a área virar um campo de criar gado, não, o meu plano é de ela ser reflorestada. O que posso deixar colocado pros meus filhos, é o que digo pra eles – Meus filhos, vocês plantem um pé de planta... Você comeu uma fruta... Uma goiaba, põe o caroço dentro bolso, quando chegar lá, planta... Mais adiante, vai ter uma goiabeira... Tu come um aratincum, planta, e assim, com um pouco mais tá reflorestado, a pessoa vai lá e vai ver que tem todo tipo de planta, por onde ela andar vai achar planta, abacaba e outras plantas que tem lá... Tudo isso é meu plano que eu tenho, sobre a reserva, é isso, reflorestar e

não de devastar. Pelo menos lá já pode ser visto o começo de reflorestamento... No Itaparanã, a gente já tem um pedacinho reflorestado, o que tem de pé de cupuaçu já dando sombra... Tem um caminho por baixo, assim, das plantas, a gente fica na sombra... É tão bom...É muito bom estar perto das plantas... Lá eu sinto um conforto, parece que eu estou perto dumas irmãs... Porque as árvores, elas se dão com o nosso corpo, o oxigênio dela serve muito pro nosso corpo, aquelas folhas, aquelas árvores, aquelas sombras, são muito maravilhosas.

Eu sou muito grudado com as árvores, e, é, por isso, que eu tenho vontade, de que, se por acaso, for demarcado a área, que os parentes que quiser ficar lá pode ficar... Mas, desde que, roce e depois refloreste com outro tipo de planta, e mais adiante, eles vão achar pronto do jeito que eu estou achando, porque toda vida eu tinha esse plano, plano de fazer um pomar... E fazer uma casa de dois andar, uma lá em cima, vamos dizer, no quarto, abrir uma janela do lado... E de lá, olhar, assim, e vê as plantas...Tudinho...No meu pensamento, é assim: - Não deu pra fazer pomar de laranjeira, né, mas deu de cupuaçu. O cupuaçu não cresce muito... Mas, ele cresce grandinho, um pouco... Se deixar mais alto um pouquinho... Minha casa ficou cercada de castanheira e açazeiro os cupuaçú ficaram mais longe. E agora tem andiroba, lá tem tudinho... Lá tem a casinha que eu fiz, já com dois andar, né, que é um andarzinho... A casa pequena lá em cima e a casa maior embaixo. Meu irmão também fez do mesmo jeito, tem o andarzinho lá em cima também... A dele é mais diferente da minha...

O jeito que construímos nossa casa é astúcia nossa mermo, do povo Mura... O povo Mura é astucioso pra trabalhar de carpintaria... Eu sei fazer canoa... Faço remo, faço paneiro, vassoura, só o balaio que não teimei pra fazer, mas o meu filho, Nelsinho, faz, a mulher dele também faz, eles fazem balaio e fazem anelzinho de coco... E lá nos temos muito babaçu, nativo, mermo, às vezes, a gente pensa de derrubar de perto de casa, porque junta muito morcego, aí a gente tira de perto de casa, mas no meio da reserva tem muito babaçu. Meu irmão tem um pé perto da casa dele... Mas, dá... Dá... Dá... Tá lá um monte de pé de babaçu grande e filho. Pra quem tem terra boa é só plantar, né. Esse aí é meu plano sobre a aldeia, que tá sendo preparado para muitos parentes... Porque quando o pesquisador que eu conheci, disse pra mim que tem Mura que só tem quatrocentos hectares de terra demarcada... Eu achei pequeno, porque terra indígena, só com quatrocentos hectares demarcado, para o povo é pouco... Aí eu digo que isso é um pensamento que faz até vergonha,

fiquei sem acreditar que está sendo demarcado só quatrocentos hectares de terra pra viver... Uma reserva só de quatrocentos hectares? Eu perguntei e ele respondeu, “Tem”... Ele falou, “Tem terra até de quatrocentos hectares que foi demarcado pro povo Mura”. Portanto, aqueles que estão longe um do outro...Pode vim pra nossa reserva porque eu quero ver ela povoada...

Quero que meus parentes, quando quiserem venham para minha aldeia. - Vamos embora pra lá para o Itaparanã, porque lá tem terra, lá tem caça, lá tem todo tipo de caça... Tem a anta, tem a paca, tem o tatu, tem a cutia... Tem as cobras também, tem a onça, tem o maracajá, tem o maracajá preto e o maracajá pintado, que tem, né... Paca tem muito, nesses tempos vai dar muita paca. O Joabi foi uma vez nesse período e matou nove, o meu irmão foi ano passado, ele matou quatorze pacas numa noite... Quatorze pacas... Não matou mais porque acabou a munição... Se não tinha matado mais, diz ele que naquele dia tinha paca na beira do igarapé e não era pouco... O menino que estava com ele matou, parece, que sete e ele matou, parece, que mais sete...

A gente caça de muita quantidade quando tem, mas come tudo lá mesmo na aldeia. Come lá mermo! Lá mermo a gente come assado... Come cozido... Frito! Agora essa parenta, ai, a esposa do meu filho, Joabi, inventou o negócio de cozinhar na banha, no óleo, né, eles lá só comem no óleo... Mata uma paca e cozinha tudinho no óleo... Fica comendo devagarzinho...Vai lá... Só tira um pouco, bota em outra vasilha e venha... Ai meu menino que é adotivo, que tá lá na aldeia, ele derrama um litro de óleo na paca e cozinha dentro... Fica molhezinha... Gostosa que só não sei que... O óleo é desse mermo de soja que é usado, mas, outro dia, esse meu filho, ele matou uma anta ai fez na banha da anta... Frita e deixa lá dentro, fica tipo mixira. A mixira frita é feita assim, pega a carne e bota na banha... Guarda até o outro ano, se for preciso. Meu pai ele fazia desse jeito: Ele cozinhava a carne... Ainda batia o paneiro, assim, botava a carne lá dentro do paneiro e pendurava pra escorrer tudinho... Ela ficava bem enxutinha, quando estava bem enxutinha, ele botava na banha bem quente, ai botava dentro... Ela fritava e ficava bem frita e colocava depois dentro da lata com a banha e fazia a mixira... Dura de um ano pro outro... O ano todo durava...Tudo isso, meu pai fazia, meu pai matava peixe-boi de arpão... Tinha vez, que ele matava de dois peixe-boi duma vez... Ele gostava. Era pescador.

Nós todos somos pescadores, tanto eu como meus filhos dependemos da pesca. Quando a gente arpua o pirarucu ele bóia, lá! Uma vez eu arpuei um pirarucu,

ele boiou numa distancia grande... Ele boiou de lá pra cá... Eu remei, remei, remei... Ai ele soltou borbulha...Eu já ia lá perto... Ele soltou borbulha, lá na frente... Eu arpuei bem, assim... Deu bem no meio da costa dele... É a gente aprende a calcular.Aprendi a flechar desde criança, eu via como meu pai fazia. Depois eu cresci e sabia fazer como ele.Aprendi a flechar tracajá.

Uma vez, dei duas flechadas e acertei foi dois bicho de casco... Um foi uma tartaruga e outro foi o tracajá... Foi a derradeira flechada que eu dei... Eu vim até pra cá pra Humaitá... Ai me chamaram: “Vamos fazer uma pescaria?”, - Vamos... Peguei as flechas... Tinha duas flechas... De bordão também pegava... Ai de bordão não deu nada. Ai eu cheguei num canto que tinha tartaruga e tracajá... Eu subi lá pro olho do pau...Peguei a flecha daquela distancia que eu estava e tome no bicho... Ai ele levou a flecha pro fundo e eu pá, peguei outra flecha... Que eu olhei a tartaruga estava boiada, assim, de banda... Ai, eu me virei um pouquinho... Soltei de novo! Acertei bem na costela dela. Ela estava de banda... Eu dei bem assim... Duas flechadas, ai eu disse - Se eu flechar desse jeito ai pronto, acaba mermo, né? Mas só foi esse dia... Nunca mais flechei, viu... Desse tempo que eu flechava peguei tanta tartaruga... Ai chegou o rapaz que estava comigo, nessa hora que a tartaruga bateu, lá, a flecha desarmou logo, ai o outro boiou... Desenrolando...Ai o rapaz foi pegar o tracajá e eu a tartaruga...Era uma macetona!...Grande o tamanho da bichona...

Na minha infância eu quase não gostava de brincadeira... Tinha sempre esse negócio de Festejo, mas nós não tinha festinha... Festa da cultura do povo Mura. Bem que a gente podia ter tido, se meu pai tivesse feito. Nós ia nas festas dos outros, nas festas de aniversário, festa do santo Antônio, às vezes, de são Francisco, são Raimundo... A festa nossa que meu pai fazia era a do São Raimundo. Ele festejava, às vezes, havia dança, às vezes, havia só comida. Sobre festinha, assim, cultural, em quem veio brolhar esse interesse já foi no Joabi, por isso, que eu digo, eu não cuidei da cultura, mas já brolhou nele, no Joabi. Ele gosta muito da cultura, ele é o rapaz da cultura, mermo. O Nelsinho, já não... Só o Joabi, mermo. Isso que eu digo! Nós vamos resgatar nossa tradição, conforme, o nascimento das pessoas que trazem consigo o interesse, para cada parte cultural. Com a pessoa nascendo na nossa família, nós temos que ajudar... Na nossa família eu acho que o Gabriel, filho do Joabi, vai puxar pro assunto do pajé... Eu tenho pra mim... Meu menino que morreu, o Zacarias, ele também estava muito virado pro lado da pajelança... Ele acreditava.

Agora da cultura é o Joabi mermo, só falta ele começar as atividades pra nós resgatar a nossa cultura, a nossa dança, por exemplo.

Dos Apurinã eu sei que a dança é chiguiné, que dança com a mão, assim, por cima do ombro, né, vai lá e coloca as duas mãos, uma em cada ombro e segue um atrás do outro dançando. Dos Muras eu não sei, porque nunca vi o papai fazer festinha da cultura dos Mura, eu estou dizendo que o papai era desligado da cultura dos indígenas, o pessoal tudinho chamava ele de Mura velho. O pessoal chamava, mas ele não se considerava não... Isso que ficou mais fracassado em nós, mas nós estamos sendo reconhecido...Nós fomos representados no dia vinte e nove de Julho de 2002, de Julho, na assembleia dos Parintintin que teve lá no Traíra, lá foi que nos fomos ser representados, nossa etnia, na assembleia dos caciques dos caciques, né. A Estefânia foi apresentada, o Joabi foi apresentado, cada qual teve oportunidade de se apresentar... Foram muitos representados, os katuquina, agora que lembrei, tem katuquira lá no Itaparanã...Essa minha esposa disse que ela era katuquina, eles são misturados e já tem outros da família que estão procurando saber de qual etnia são... Meu genro depois que ele soube que a gente resgatou aqui, ele mexeu lá pra saber quem era ele, né, ai, diz ele, que é de uma etnia que não estou lembrando o nome agora... È quase que nem Zoró, mas num é zoró, não, ele sabe muito bem, eu me esqueci... Eu falei com ele: “È, pois, eu sou... A minha avó era” O pai num era, o avô não era, não, a vó que era. Isso que ele fala... O meu sogro era Katuquina. O meu genro é de uma etnia que é lá pra cima... Quer dizer que a avó dele era, o avô que não era. Meu genro, esposo da minha filha, Francisca, do primeiro casamento, ele disse “qual é a etnia que carrego?”...Caçou, né, procurou, “Vou ver que índio eu sou também”, porque é tudo mais índio aqui no Amazonas. Olha lá tem os katuquina, tem o Chicó, que é bem da minha idade, ele, que tá lá no Itaparanã, eu digo que ele é katuquina, ele é tio desse meu genro, o Toinho. Agora a minha neta, arranjou um filho com um Apurinã. Ela tem uma filhinha toda Apurinanzinha, toda, toda... Essa, ai que é bem índia mermo, mas os outros parece com os Muras mermo. Ela diz que essa meninazinha apurinanzinha é lá de outra pessoa, ai eu digo - Mas rapaz esse Apurinã te enganou mesmo não foi?! Ela é a Franciane, ela tinha três filhos, mas agora nasceu mais uma meninazinha, ela tem dois casais... Os Muras são diferentes... Meu neto diz “Aqui é Mura! Aqui é Mura! É, Nilson, o nome dele, ele faz com braço o gesto de forte e fala “Aqui é Mura!”Tem uma porção de rapazinho novo, lá na área. Tem netos e ainda tem mais duas crianças na aldeia.

Eu não sei explicar, qual é diferença que os Mura tem, assim, no jeito né, mas tem uma diferença. Não sei o que houve, se espalharam e foram buscar já um jeito diferente, é isso que eu vejo nos Mura. Que nem nós que fomos criados com o Daniel, né. O Daniel é filho de português, muito diferente o jeito deles, aí nós só naquele meio aprendendo. Ali eu vi os Apurinã, mas nós não tratamos de entrar no meio deles, não. Quando tinha festinha deles... Meu pai ficava de fora, por certo... E aí ninguém aprendeu esses costumes de dança tradicional, perdeu mermo, mas se nosso pai tivesse cuidado, “Não, a gente perdeu a nossa dança tradicional, mas nós vamos se acompanhar com os Apurinã e quando for na hora da dança, nós dança tudo né”... Meu pai era diferente... Ele não quis saber, porque muitos não ligaram, não só ele, teve um Mura que esteve aqui hoje e que comeu aqui com a gente, que ele é Mura... Ele é uma pessoa que sabe da história dos Mura, que sabe dizer se a mãe, o pai, é Mura, é o Domingos Sávio, porque ele se criou aí pro lado do Madeira, ele conhece o lugar, Três Casas, e pra lá para o Uruapeara, onde teve seringal, pra onde tem Mura também, conforme, o Domingos Sávio, ele foi criado para lá para essa região que tinha Mura, o pai dele me disse, “Eu sou Mura”. Esse pessoal é da família dos Passos. Conversei com ele, pouquinho tempo, era pra nós continuar conversando, mas nunca mais se encontramos pra ele me ajudar a resgatar o povo Mura daqui, o povo da parte do meu pai. O Zacarias disse que é Mura também, aí nesse meio tem também os Torá. Eu conheço Torá! Eu conheço um aqui em Humaitá, ele é cego, ele é Torá. Tem o Sebastião que é Torá, também, tem o menino, que foi sogro do Pedro Góes, ele é Torá... Eles não têm aldeia, eles vivem, assim... Os Munduruku agora têm até a terra que vai ser demarcada, lá no Marmelo. Os Torá estão aí pelo meio dos outros, mas parece que eles nem ligam para retomar a terra deles, eles são índios, mas não ligam...

Como eu tinha falado eu não ia muito para as festas que nós também chamamos de brincadeira, que são mais para os adultos, mas as brincadeiras de criança eu gostava. A brincadeira de criança era brincadeira de roda, aquela “ciranda cirandinha vamos todos cirandar... Aquelas brincadeiras que tinham sempre, essas eram as brincadeiras, era desse jeito, a brincadeira do escondido que as crianças sempre têm. Brincadeira de bola... Nunca brinquei muito não, mais eu gostava de bola. Gostava, iiii... Quando eu era criança fugia para brincar de bola, quando meu pai não queria deixar eu sair, eu escapulia, agora a brincadeira de roda eu gostava demais... Eu brincava com as cunhantã e os curumim... Aquelas

brincadeiras de roda, né, eram assim: “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar. O anel que tu me deste era vidro e se quebrou o amor que tu me tinhas era tão pouco e se acabou”. A gente fazia aquela rodada e cantava... Era muito animado. Eram as brincadeiras que nós tinha, era brincadeira de roda... A gente aprendia essas brincadeiras com alguma outra criança que já sabia... Nas brincadeiras sempre tinha uma Mura, no meio, chamada Felicidade, que era filha de uma madrinha minha, ela era maiorzinha, ela que inventava mais e nos ensinou a música da ciranda, cirandinha.

A minha madrinha era Mura! Olha, nós vivia que nem sabia que era índio, era Mura mais nem sabia se Mura era índio. Meu pai dizia: “Essa aqui é Mura, o marido dela é, ela é, aquela é” Mas, ele não dizia que ele era... Pra você vê como era, né? E o Zé Mario, primo da minha mãe, que disse “Tudo é parente de vocês, da mãe de vocês”, portanto, a ciranda, lá em Manacapuru eu acho que ela é do povo Mura... Agora eu fiquei pensando se a brincadeira de roda que a gente cantava a música da cirandinha se tem alguma coisa a ver com a ciranda lá de Manacapuru. Porque tinha sempre brincadeira de ciranda, que agora eu me alembrei... Até me recordei... Por isso, que é bom da gente conversar sobre a brincadeira, só assim, eu lembrei que nossa brincadeira era essa de brincar de roda, que pra mim vem ser brincadeira dos indígenas, né? Que nem o Chiguiné dos Apurinã é segurando na costa e vai dançando... Já os Parintintin é roda, os Tenharin também é roda, e nós era com a cirandinha, a nossa cultura que nos tinha pra aprender era essa brincadeira da ciranda, que nós era acostumado a brincar.

É muito forte a dança em roda e eu estou pensando que pertence ao povo indígena, que agora eu me lembrei que gostava de brincar de ciranda quando eu era pequeno, a ciranda cirandinha! Fiquei pensando – Será que a gente gostava de brincar essas brincadeiras de roda porque mesmo sem a gente saber tinha relação com as danças indígenas que são em rodas? Como a ciranda cirandinha, que eu já cantei, e como a cantiga *Tanta laranja madura maninha que cor são elas? Elas são verde amarelas... Vira fulano cor de canela... Desvira fulano cor de canela...* Ia dançando e virando aí depois ia desvirando de novo... Isso aí eu nem me lembrava... Caiu na mente agorinha. Era uma coisa que um ia aprendendo com outro né... Se hoje as crianças brincar como no tempo da cultura... Isso aí pode gerar um grupo da laranja madura né? Se começar ajeitar... Porque dessa daí pode vim outras músicas... Um pouco mais tem um grupo grande...

Em Manacapuru a ciranda é uma dança. E eu penso que já foi que pegaram dos povos indígenas, isso aí. O Joabi disse que é dança nordestina, mas se for ver, lá no meio dos nordestinos tem indígena também. Sei que sendo dança de roda, pode ser indígena... O jeito de dançar aquela ciranda de Manacapuru é um ritmo indígena, porque roda e faz movimento, meio assim pra cima e pra baixo. É dos povos indígenas isso aí... As pessoas dançam pegadas uma na outra e tãtã e vai embora rodando. Eu não sei da onde vem a ciranda, mas sei que a tradicional tem roda, nessa que eu vi tinha. É quase que nem a brincadeira dos Tenharin que dançam só ou em pares, dançando em roda. Agora a dos Apurinã que é diferente, bota a mão em cima da costa um do outro, aí segura e vai embora. Só não estou lembrando a música deles.

A brincadeira da meninada no terreiro era ciranda... Os dias que estavam juntos, principalmente, no domingo, que estavam tudo junto, ficava aquela rodada de meninos. A gente brincava da ciranda, brincava de levantar peso no braço, carregar o camarada, assim, no braço, botava um ali e outro aqui, e ia levando no braço... Essa era a brincadeira da cadeirinha... Sei que eram essas as brincadeiras, ciranda, cadeirinha e do escondido, que eu estou lembrando agora.

O escondido já é outra brincadeira... Aquilo é uma brincadeira, mas é uma cultura, porque do escondido é que vem o jeito de tratar de guerrear, né... É! A brincadeira, é assim, fica todo mundo escondido. Parece que não tem fundamento ficar escondido, mas, quando é pra guerrear fica todo mundo escondido também, quer dizer, é uma brincadeira que serve para uma coisa séria, que é a brincadeira do escondido, pois já é um treino, bem dizer, pra ganhar, né, porque fica o camarada escondido pra um pegar o outro e quando passa perto grita errr, vai pra cima da pessoa e assusta. A pessoa vai passando perto e não vê. Ela é pega de surpresa pra aprender a se esconder. A brincadeira do escondido que nós brincava, era assim: “Umbora vê! Fecha os olhos, bota a mão na cara”, a gente botava uma mão em cada olho e ficava sem enxergar nada, aí todo mundo se escondia... O camarada tinha que acertar pelo rumo, ficava olhando por ali... Olhando pra lá... Olhava... Às vezes, acertava o rumo, às vezes, não. Era desse jeito quando ia passando perto da pessoa acertava o rumo, aí ele pulava “ali”... Porque se assustava, tinha vez que não, que a pessoa via, antes e não se assustava. A maioria se assustava com o camarada, e quando via pulava.

Eu fico pensando que a brincadeira do escondido ela é um treinamento... Pra quando precisar se esconder! Nós indígenas não somos fácil, pra se esconder é rapidinho, eu sei, porque já andei com os parentes índios. Eles somem que a gente nem vê... E não diz pra onde vai, ainda tem mais essa... Não diz... Não diz... E essa cultura agora para o branco é muito ruim né! O camarada sai e não diz nada, tem que ter cuidado, mas que fique com cuidado, que não fique, ele vai embora. O Raimundo, uma pessoa que eu conheço, nem parece que ele é índio, ele parece branco, o jeito dele é que revela que ele é índio. O jeito dele é que fala que ele é índio mermo, porque já tem aquele costume, ta no sangue... Ele some e não fala nada. A minha mãe mermo dizia assim “Olha meus filhos”... Pra gente se esconder quando escutasse alguma zuada... E qualquer zuadinha a gente tava escondido... Ninguém via a gente não. Lá no povo Pirahã é assim... Eu conversei com a enfermeira ela disse que chega lá nos Pirahã não vê um... Porque é da cultura dos povos indígenas. Ai depois eles vem chegando... Agora o que é aquilo? Porque ta com medo de ter alguém armado e querer atacar eles... Ai eles ficam escondidos... A gente tem esse costume né... Porque ta no sangue da gente... Tem que se prevenir... Olha primeiro com um olho... Se tiver uma brecha... A gente brecha...

É que nós temos a cultura que, bem dizer, pros brancos é roubo, né, pra nós não, é. Pra nós é a cultura indígena... Pegar as coisas que acha, que vê... Isso ai tá dentro da cultura do indígena. É porque é um costume de quando viviam aqui, só índio mermo, então não tinha nada de ninguém, ninguém roubava nada, pegava qualquer coisa, porque estavam fiado que tudo caia dali da árvore, né, tá aqui... Vem pra cá... E isso tá no nosso sangue... Mas agora, depois que os índios começaram a ter problemas com os brancos, eles já tem aprendido muitas coisas... Já tem vergonha, Já tem medo, e já sabem que para o branco, se pegar alguma coisa que tá no terreno dele, ou deixado em algum lugar é roubo, agora se pegar alguma coisa já mostra pra pessoa, né. É, mas ainda tem aquele ditado: Perdido é do achado, né. E tem outra, “Quem perdeu é relaxado”. Então-se... Venha pra cá! Uma certa vez um pessoal ai pro Maici fizeram umas canoas e deixaram ai os Pirahã carregaram. Ai os brancos vieram na FUNAI, foi pra questão e ai o advogado perguntou, “Mas aonde foi que vocês fizeram essa canoa?” Ai eles ficaram “Ah, mas nós fizemos lá...” Ai o advogado continuou, “Na terra dos indígenas... Vocês fizeram as canoas, mas a madeira era deles... Vocês roubaram a madeira deles... Se não tivessem pegado a madeira deles não tinham feito a canoa”... Os Pirahã ganharam a questão.

De conhecimento cultural dos Mura, mesmo vivendo entre os brancos, meu pai ainda repassou algumas coisas, como, por exemplo, a construção da Ubá, tem aquelas histórias que ele falava pra mim sobre o passado, e também o conhecimento de fazer as flechas e de como flechar. Meu pai fazia flecha de todo jeito... Fazia flecha pra flechar tracajá... Flechar peixe... Tem a flecha que a gente chamava de sararacão, pra uma, e pra outra chamava sararaca. E tem a flecha de taquara que é diferente da Sararaca no gomo. A taquara já num desarmava, né... Ela é inteiriça, é com um bico aqui na ponta...Ela entra e fica... Já o sararacão e sararaca pequena, elas desarmam... A Flecha cai... Desarma e o bicho vai embora e a flecha fica. A sararacão, é de flechar peixe e a sararaca pequena, é de flechar o tracajá.

A sararaca pequena desarma quando bate, vamos dizer que é como um encaixo com um biquinho... Faz um biquinho aqui e tora aqui, ai bloqueia encaixando, rosqueando. Então aquilo quando bate desarma, fica grudado no peixe, ai quando é grande o peixe, ele vai embora e a linha da flecha fica lá desenrolando... Ai a pessoa pega e vai puxar. O sararacão é quando é curto...É encaixado também, coloca e enrola... Pega um pedaço de linha do tamanho de uma braça ai enrola, depois arma lá na frente... Ai é só flechar, quando flechar desarma... O feixe sai correndo... E a flecha por cima é que chamam encaixo. A taquara, o feixe é embutido do mesmo jeito das duas, da sararacão e da sararaca pequena, só que nela põe o bico que é de flechar peixe também. A taquara só muda isso ai... Todas tem ponta se é de osso... Se é de paxiúba ou de taboca... Já a taquara a diferença é que pra flechar o peixe tem o ferrinho lá na ponta ai deixa um ganchinho, às vezes, dois, de um lado e de outro, ai quando flecha aqueles ganchos passam pro lado de lá e fica rodando a flecha, porque fica um gancho no bico outro na linha. A parte que fica encaixada na flecha de taquara é o virote, o dito gomo. É bom pra flechar pacu! Eu flechei uma vez e varou três pacus de uma vez só...Facheei todos os três com essa taquara...A taquara vara logo, a outra não, quando bateu desramou... Já entrou só o bico... A gente faz de ferro o bico da flecha de taquara, meu pai fazia, eu também sei fazer...

Eu sei fazer tudinho o que meu pai fazia. Nós fazemos remo de diferentes qualidades... Tem o remo que se chama tarubá e tem o que faz redondo... Um é o remo que faz em forma de rabo do peixe boi, quando a gente rema com ele faz o movimento igual a do rabo de peixe boi, vai descendo pra cá e vai...E tem o remo pacu, que chamam, que é o que bate e faz, pou, pou, de um lado pra outro, pra

frente, imitando o rabo do pacu batendo na água, esse remo faz o remado diferente. E tem a tarubá que é parecido com aquele do branco, que são dois, um do lado e do outro, puxando pra trás. A tarubá, é tipo uma faia... Faia que faz igual quando o peixe nada, com o movimento da cabeça pra cima e o rabo pra baixo e depois a cabeça pra baixo e o rabo pra cima. Ele é quase, tipo, uma faia, só que é compridinho, é diferente. O nome tarubá, eu acho, que é parte da linguagem indígena do meu pai... Já o nome, remo, eu não sei. Tem o remo que ele é como o rabo de peixe boi, que o camarada achou o jeito de fazer... Eu acho que ele via como o rabo do peixe boi fazia, porque é muito largo o rabo do peixe-boi... Ai o camarada achou de fazer o talho do mesmo jeito. A gente aprendeu, também, outro tipo de remo, que faz o pescoço certinho, do jeito do rabo... Já faz do tipo que não é o rabo de peixe boi, tem quase um biquinho... Tem um biquinho certinho que é pra remar com um tipo de canoa, que meu pai chamava de montaria, é outra diferença, esse remo...

Meu pai chamava montaria, uma forma de canoa que ele tinha, que era feito de casco. Na linguagem do branco a ubá é canoa. Para o branco o casco é a própria ubá. Mas para nós, vamos dizer, que a diferença é que a canoa é toda de madeira. Mas o casco é um casco inteiriço, mas, ele é bem talhado... Já a ubá não é bem talhada. Eu fiz uma ubá, para o dia da inauguração da casa cultural, que foi lá nos Parintintin... Eu levei uma... Foi uma ubazinha de madeira pequena... Acho que tá lá ainda. Eu acho que a gente devia fazer várias ubás do jeito que eu fiz para os Parintintin, porque é uma coisa que a gente deve fazer muito, porque eu acho que vende?! Porque comprem pra amostra né? Como artesanato mermo. Eu só fiz essa ubá pequenininha, mas bote eu ainda faço... Eu faço bote do jeito de um motorzinho. Eu não faço a ubá tradicional, só faço casco, faço canoa de montaria, né, como meu pai fazia... Ubá eu só sei fazer pequena, porque grande fica muito ruim de andar. É bom só pra remar pra baixar, pra subir não é não, a gente acha que a canoa fica melhor. Eu tenho canoa...Graças a Deus, eu tenho canoa. ...Eu fiz a minha... Ai Tem a do meu irmão também.

Tem a ubá que é feita com um pau inteiro. Tira cavado feito a proa assim... Ai vem a canoa, né... Que o papai chamava de montaria... A Montaria eu acho que é essas que monta as falcas que são tábuas que monta e remontada, batida e a montada. A montada pequena é pra pescar e a batida tem muita tábua, se tiver caverna faz a batida. A garité faz com a caverna também, é motanda. O meu pai

fala, “Minha montaria”... Tem a montaria, tem o casco, né, que chamam, a canoa, a ubá e, ainda, tem a casqueta... A casqueta é feita de casca mermo de jatobá, né... As casquetas pros branco é de alumínio! Dos brancos, né, pros indígenas as casquetas são de casca de pau... Não é casca de alumínio não, é de casca de tauari, casca de jatobá, cajá, quando tá maduro. Ali tira aquela casca deles, eu mermo nunca fiz, mas meu pai disse que ele conseguia, ele sabia tirar a talha tudinho... Ai vai batendo...Batendo até tirar... Ai depois de tirar... Bota tipo uma caverna dentro... Que é pra ela não fechar, né! Ai nodeia, por ali, vai costurando... Fura um buraquinho... Amarra com cipó. E era com cipó! Não era com prego não. Fura o buraquinho e depois tapa, e ai pronto,quando nodeia por todo canto, fica tipo uma caverna dentro...

A ubá não é casqueta. A casqueta é casca de jatobá, agora á ubá e feita de pau inteiro, cavado mermo, de cima em baixo, da árvore... Tem uma ubá lá numa praia no rio Itaparanã que eu vi de Itaúba... Na boca do igarapé Castanhalzinho. A minha madrinha disse que essa ubá era dos Juma. Ela era grande... Ali no verão é bom de ver onde ela tá... Quando eu vi... Ela estava uma grande parte pra fora...A proa dela é mais larga do que essas canoas feitas hoje em dia, e mais caída um pouco, aquela ubá dos Juma é uma itaubeira, grossa, que estava boazinha, quando eu vi.É, por isso, que eu digo, que os Juma não eram dai... Pra mim, eles eram do rio Madeira. Do Madeira eles vararam pra lá pro Itaparanã. Eles atingiam aqui o Ipixuna, lá no Riozinho mataram gente. O Zacarias sabe do confronto que eles tiveram com os brancos. Nesse confronto, morreu branco e morreu índio... Ele Sabe. Lá tem canto que morreu gente... Índios mataram e enterraram ai no Riozinho, lá perto do Itaparanã... Sabe a donde que era o confronto? No barreiro, lá tiveram... No Rio Branco e no Riozinho... Eles sabem... O Zacarias sabe... Eu disse, - Rapaz, quando vim as pessoas pra fazer estudo da nossa terra, nós temos que tá tudinho pra contar por onde vivemos até chegar onde estamos. Vamos andar por esses cantos e mostrar como foi... A donde foi que andamos, pra poder provar que é terra indígena né?! ... Mas a terra indígena já viu... Se for ver a ocupação indígena... Daqui de Humaitá pra Lábrea é tudinho... Se for fazer direitinho... É tudinho... Terra indígena.

Pra todos esses riozinhos tem índio.No Riozinho... No Ipixuna, ai passa lá no rio do igarapé preto, também tem... Ai vai lá para o Itaparanã, pro Asuã... Lá, também tem índio... E vai praqueles igarapé tudinho... Tudo aqueles igarapé tem índio... Tudinho... Tudinho... Até Lábrea, no Passeata, que é um riozinho também,

tem os índios isolados...O menino que trabalha com índio isolado, o Rogério, ele sabe sobre os isolados, lá.Ele que tá aí fazendo um trabalho com eles... Ele falou comigo que nós ia dá uma andada aí... Nós estamos querendo ir até lá na Terra Baixa,que fica perto da cachoeira de cima no rio Itaparanã, pra vê se tem vestígios, que com certeza tem vestígio lá.O lugar se chama, Terra Baixa, lá, no Estirão do garapezinho chamado Lameiro. Lameiro é um garapezinho e Estirão é rio, chama Estirão porque pega o igarapé Lameiro, tem o igarapé bem no fim assim... E do lado fica a Terra Baixa. Quando nós chegemos lá, tinha um roçado grande, a capoeira, só os pau seco... Tinha sido queimado... Mas não tinham plantado, não. Só tinham tocado fogo pra fazer o roçado...Mas não plantaram... Mas, tá lá a capoeira, é lá, que apareceu os camaradas. É nesse meio aí que esses isolados estão... Nesse lugar apareceu uma pessoa que ninguém entendeu quem era. Ela ia baixando no meio do rio, sentada no meio da canoa. Entrou no igapó e se escondeu. Isso foi antes de 2002, foi em 90, mais ou menos.

Meu pai aprendeu muita coisa com o avô dele. Ele não teve como aprender nada com o pai dele, porque ele morreu. O pai dele morreu e minha avó ficou com o irmão do pai dele... Do meu avô, né... O meu avô não era pajé, meu bisavô que era... Acho que meu avô era como meu pai, não tratava de negócio de pajelice com meu bisavô... Ele era índio, mas não era, assim, que nem meu bisavô que era pai da minha avó... Porque os Mura vem do lado da minha avó parte de pai... O pai do meu pai eu num sei quem era. Agora da minha avó eu sabia... Eu sei que era indígena... Meu pai é Mura, por causa da mãe dele. Eu não sei se era, por isso, que meu pai não ligava pra cultura dos Mura... Não ligava, não. Também não ligava pros crentes, não... Ele dizia que era católico.

Pois é, meu pai falava sobre o meu bisavô que era pajé,ele disse que meu bisavô tinha mulher, produziu filho, tinha terra... Família tudinho... Mas quando anoitecia ele dormia lá no porto de uma ilha que tinha... Lá ele atava o musquiteiro dele, no pelado mermo, sem casa, sem nada. A pessoa podia ir lá de noite olhar que ele não estava na rede. E chegava, às vezes, de madrugada fedendo a cachaça... Ai então-se ele contou pro meu pai... Porque meu pai era daqueles netos chegados, ali ligado com o vovô. Ai ele falou “Meu filho”. Ai contou tudinho que ele era encantado numa grande serpente... NumaCobra Grande né? E que ele não ia durar mais muito tempo, não... Porque enquanto ele estava vivo aqui no nosso mundo ela estava crescendo lá no mundo dos encantados. Na água, né... O próprio tempo que

ele morresse pra cá ai não crescia mais... Ele falava pro meu pai... Meu pai antes de falecer contou essa história do meu bisavô, pra mim...

Eu escutei meu pai contar, pra mim, as histórias do meu bisa avô... Conforme, meu pai, meu bisavô lutava com a linha n'água e no ar... Das nuvens pra baixo ele mexia... Depois eu ouvi falar que o Santanás, das nuvens pra baixo faz chover...Faz trovão... Faz tudo... Meu bisavô fazia isso...Se ele entendesse de que uma pessoa não ia viajar... Não viajava não... O papai falou que um camarada teimou com meu bisa avô... O camarada foi pra fazer um tratamento e depois que acabou já queria ir embora... Meu bisa avô, disse, “Não você não vai não”...Ai o camada, disse “Eu vou”. Queria descer avexado, né... “Não você não vai não”... Assim que ele saiu azulou o tempo... Baixou um temporal muito grande...E ele voltou... Dormiu... No outro dia ele disse que ia viajar de novo. E meu bisa avô tornou a dizer “Não você não pode viajar ainda, não”. Ele saiu de novo, porque era teimoso... Voltou de novo... Ai no outro dia ele pediu mais uma vez pra viajar... Ai meu bisa avô, disse, “Hoje você pode viajar”. Ai viajou... Foi embora com o dia bonito... Ele era muito assim... Macumbeiro, como o povo diz, né... Ele era poderoso... Meu bisa avô... Mas morreu do jeito que ele falou... Ele disse que foi outro curandeiro que matou ele... No vê que meu pai disse que ia levando ele pro cagador porque ele estava com diarreia... Meu avô estava agarrando meu bisa avô pelo braço... Foi lá pro cagador, né... Diz ele que quando ele ia chegando perto do cagador parece que deram foi um tapa nele...O velho caiu com todo corpo!... Ficou gemendo e ai falou “Ah! Meu filho”.Disse, “Ah! Desgraçado!” Até ele falou, assim... Disse, “É meu filho, agora não tem mais jeito não”. Ai contou tudinho... Disque ai em cima entre a terra e o céu é cheio de linha de encantando, tudo entrelaçada, aqui em cima... Oh... E ai outro pajé que ia lá ao mundo dos encantados levou uma navalha... Lá ele cortou a linha do meu bisa avô... Quando cortou a linha de lá, ele caiu... Porque ele era firmado com aquelas linhas... Ai ele gemeu... Ficou gemendo... Ai falou, “Agora eu vou mermo. Não tem mais jeito não”. Mas o velho já tinha falado pro papai que não ia durar mais muito. Agora ele era muito chegado a coisas de pajelança... E tem minha avó que ainda lutava, assim, com algum pouquinho de remédio, de alguma coisa. Mas o meu pai era desses, que largou tudo pra lá.

Tem uma coisa ainda pra falar sobre meu bisavô pajé. Ele operava. Uma vez o padraço do meu pai adoeceu... Tava comendo na mesa ai derrepente ele fala: “ai,

ai!” E começou a gemer... Ai o velho baixou a sessão. Era flecha dos encantados. Ai ele chupou em cima da dor e tirou uma pedrinha. O papai disse que tem pedra de toda cor, tem rosa, tem verde, tem branca. Ele tirou aquela pedra botou num vidro e parou a dor. No outro dia de novo, ele foi lá e chupou... Eram outros encantados que flecharam. Agora como foi que começou esse negócio dessas flechadas? Meu pai disse que, às vezes, aparece uma enfermidade na gente e a gente nem sabe de quê... Que nem apareceu no tio do meu pai, que também era padrasto dele... A explicação que ele deu é que tinha um buraco grande e tinha um pau que derrubado por cima desse buraco ai eles aproveitaram e começaram a cagar lá e num era que ali era uma casa dos encantados de cobra... Ai os encantados ficaram com raiva porque tavam fazendo isso na casa deles. É mermo que nós índios quando alguém faz algum mal pro nosso povo, como, por exemplo, na época do contato, os brancos iam lá matavam as pessoas da aldeia e ai os que escapavam iam para o caminho e ficava esperando os brancos preparados pra se defender, por isso, alguns brancos eram atacados, porque primeiro outros brancos já haviam atacado os indígenas. Assim, foi eles... Atacaram a família do tio do meu pai... Ai o velho baixou a sessão e começou a matar esses encantados, mas agora repara como é que ele matava... O papai dizia que o cavalo marinho saia zuando que nem um motor pelas nuvens... Levava pra cima... Ia buscar o camarada e levava num sei pra donde... Diz o papai que fazia igual um motor to to to to.... Quando chegava em casa, diz ele, que o cacete dos encantados para matar era daqueles jamaru cumprido... Diz o papai que escutava... Tá! E depois aquele gemido cumprido... O encantado morria... O camarada que era encantado lá do buraco, né. Ai matou aquele primeiro e com pouco tempo o velho matou a família tudinho! Ai o tio dele ficou bom... Era uma família de cobras encantadas... E ele só ficou bom depois que matou a família toda dos encantados...

Eu vi na bíblia que o inimigo tem esse poder das nuvens pra baixo ele faz coisas...Ai eu fiquei pensando – Meu pai do céu! Mas será que meu bisavô mexia com as coisas do inimigo? Isso ai eu não sei, mas se era?... Só sei que ele ta na água, ele não morreu não. Ele continua vivendo, porque sempre eu ouvi falar que o cacique da tribo depois de velho vira um bicho. Ai meu pai me falava isso sobre meu bisavô. Ai eu digo que meu bisavô virou um bicho... Virou uma cobra mermo. Ele era encantado mais fez filho na mulher dele. A minha avó, filha dele, não era encantada não, mas era curandeira.

Meu pai dizia que não podia comer piranha e mutum... Se comesse mutum e comesse piranha aparecia um bicho... Via marmota... Mas depois que nós chegemos aqui pra fora ele se esqueceu, porque ele não prevenia mais a gente não, mas lá dentro ele não comia não. É mermo que uma vez eles se acharam num canto... Eles tiravam breu e pegaram um casco aí o tio dele falou “Meus filhos vocês tratem esse jabuti, bote pra cozinhar, mas não vão assar o casco, porque se assar o casco vai queimar e vai vim bicho... Era o titio Manel e ele, meu pai, aí inventaram de assar o casco... Aí ficaram por ali por perto do fogo e resolveram brincar... Quando dê fé o casco tava queimando... Tiraro e jogaram no mato, esconderam tudindo, mas o velho sentiu lá dentro... Quando ele vinha ele sentiu e disse: “Rapaz vocês queimaram o casco num foi? Aí eles ficaram por ali... “Eu senti lá no caminho agora o resultado é que o bicho vai aparecer” Aí deram a derradeira carga de breu aí foi o tempo só deles comerem e escutaram o grito bem longe... Mas eles tinham um batelâzinho aí atravessam um igarapé grande e foram se amoitar lá do outro lado e ficaram vendo lá onde tava o fogo... Daqui um pouco anoiteceu e o bicho veio chegar já tava noite. Diz o papai que eles viam o vulto passar perto do fogo, na brasa... Já tinha rilfe nesse tempo... Já usavam rifle aí o velho disse: “Rapaz eu vou atirar” aí ele ficou esperando passar o vulto quando o vulto passou ele atirou e o bicho gritou bem forte... Diz o papai que quando atirou torou no meio o grito... Parou na hora... Não gritou mais... Aí de manhã eles foram lá, caçaram a bala, mas não acharam a bala não. Acho que pegou no bicho, mas ele foi embora. Era um bicho... Gritava alto... Meu pai achou que já tavam mexendo com oMapinguari, eles tinham isso com eles... Não sei o que era, mas meu pai disse que existe o tal do manpiguari, né? Devia ser ele, mas eu não sei, tem gente que diz que já viu... Meu pai disse que esse lugar que eles estavam era chamado Terra Geral, um lugar onde não existe fonte de água... Diz eles, que andavam dias e dias e não achavam água não... Eu não sei nem pra onde é, porque aqui pro rio Purus a gente acha água por todo canto.

Os Apurinã tem um medo... Uma vez quando eu vivia com a minha primeira mulher a gente morava perto de Apurinã aí ela tava contando que os Apurinã contaram para ela que tem uma mulher que disque é sogra da uã, vira um bicho... Uã é uma coruja... Aí uma vez eu sai e aí escutei... Eu pelejei... Pelejei... Até que sai pra dormir pra outro canto pra sair de debaixo daquele bicho que tava cantando...

A minha mãe também não falava de qual etnia ela era. Agora é certo que ela era do Município de Manacapuru, onde tinha muitos Mura. E como o meu pai falou que o Zé Mario, que era primo dela, era Mura, eu posso dizer que ela é Mura. Ela é da costa da Pratari... No Solimões. Eu falei com meus primos lá... Eu fiz uma viagem lá em Manacapuru... Eu falei com o Jorge... Falei com dois primos, meu assim... Eles olharam pra mim e disseram: “É Praia mermo!” Porque eu pertencço pros Praia, pro lado, da minha mãe... Belém é do meu pai... Eles são que nem eu, mas parecem mais com meu irmão... Meu irmão parece mais indígena... O pessoal é que diz assim, “Rapaz teu irmão parece com índio... Mas tu não parece não”. Mas eu sou filho do mesmo pai e da mesma mãe. Não podem dizer que eu era filho de fulano de tal... Eram três irmãos, filhos só de um pai. Todos três eram diferentes um do outro... O Antônio Belém, também era diferente.

O nome do meu pai era Elídio Porfilho Belém. E da minha mãe, era Ambrosina Praia Belém. Eu não conheci meu avô, eu sei que o nome dele era Alfredo, mas não sei o nome completo, o da minha avó eu sei que era Maria Passo Belém. Minha avó parte de pai... Agora avó por parte de mãe eu não sei não. Meu avô por parte de mãe era Vidal Praia. Já Meu bisavô, parte de pai, que era pajé, o pai da minha avó paterna. Mas eu não sei o nome dele não. Só sei que ele era pai da minha avó, mãe do meu pai. A minha avó por parte de pai era Mura. Já a minha mãe era filha de índia, mas era misturada. Parece que o pai dela ou o avô dela era cearense... Agora a avó dela que era indígena... Tanto que ela saiu branca, minha mãe era bem clara, ela era da cor de uma menina que eu tenho, a Estefânia... Da cor do Joabi, também! Era de cor branca, mas ela era indígena, era Mura, porque nasceu na terra dos Mura e tinha um primo Mura, é isso que eu quero saber direito com os com os Praias, né, eu vi que eles são indígenas, mermo, também, são tudo indígenas... Eu não conheci o pai da minha mãe porque ela foi criada com o tio! Meu pai também não conheceu o pai dele, porque o pai dele morreu e o irmão ficou com a mulher, o tio dele, né, que ficou com a mãe dele.

Minha família foi se formando e de alguma forma alguns conhecimentos tradicionais foram sendo repassados, dos que eu já falei, ainda, tem o conhecimento dos remédios tradicionais, aqueles que a gente chama de caseiros... As vó que conhece né? Eu também conheço umas árvores que são remédios, planta que a gente vê, como o jambo que é remédio medicinal, manga é medicinal, essa bicha, como é? Azeitona. Ela é medicinal, é uma planta muito boa... A gente bebe o capim santo,

ele é calmante, né, vem a mucuracaá, que é uma planta também muito boa pra beber um chá, pra alguma coisa, pra suar. Agora virando pra mata, a gente tem o espinho da mambaca, ela é boa pra hemorragia... A gente queima aquele espinho, e pisa... Amassa com um pauzinho numa vasilha... Se tá com hemorragia a pessoa bebe. Mambáca é uma árvore de espinho, mas tem o palmito dela que serve pra diarreia... Só que o palmito prepara diferente do espinho: - A gente ferve aquele palmito, tira aquela água, aquela aguazinha saloba, tipo um soro, acho que é muito bom o chá do palmito da mambáca, é como soro caseiro, acho que não tem diarreia que aguente não. Segura a gente né!

E dai vem a Mirapoama pra fortalecer o homem. Ela é um viagra, bem dizer... É uma árvore também, mas ela não fortalece o homem só pra mulher, não. Ela fortalece o corpo todo. Eu já tomei uma vez e não tinha nem mulher. Eu disse - Vou experimentar pra ver se funciona mesmo. È certo que mexe... Mexe... Acho que o homem deve aproveitar mesmo? Mas eu fiquei suando, suando com força mermo, parece que eu criei força sabe? Sei que eu achei bom tomar esse chá da marapoama. Tomei muito já. Só que tem que ter a mulher, né, pra ficar melhor... Eu gastei no trabalho, no outro dia suei muito trabalhando, mas foi bom, porque serve pra dar força, né. E tem a saracura, também um remédio pra malária, pro fígado, ela cura a malária, se tomar direitinho cura mermo, e tem o cipó cravo, o cipó cravo é bom também, um santo remédio. Nós temos tudo lá. Daí vem o unha de gato, ai tem a casca do iuxi, também que é bom pra inflamação de mulher. A casca do iuxi puro mermo. O iuxi verdadeiro, aquele amarelinho, a casca dele é muito bom pra inflamação de mulher, às vezes, do útero, né, é muito bom, e o unha de gato é pra tudo isso, ele não é fácil não, esse unha de gato, vou dizer que vai ser um remédio muito famoso aqui no nosso Amazonas, porque tem muito mermo...

Na nossa reserva vai ter muito unha de gato. Lá é roçar o roçado, e nascer mais dele. Se for vê lá na nossa aldeia tem muito mermo. Tinha um pé de unha de gato que quando eu cortei ele estava grande, cumpridão, bem grande mermo, ai eu cortei ele, mas ele brolha, eu garanto que aonde eu cortei ele já brolhou de novo... Já tá grande de novo, esse unha de gato. E tem esses remédios, assim, que sempre tem, como, o carauaçu que é outro remédio pra diarreia, tem muito remédio pra diarreia... O carauaçu é bom... A azeitona é boa... A casca dela, que a gente descasca, bota na água e ferve... Com pouco tempo tá travoso. Tem o olho da goiaba, que é bom pra dar apetite. Muita gente acha que o olho da goiaba só é bom pra diarreia, mas, não.

Serve para tirar o fartio... Aquela falta de apetite. Uma vez eu estava com malária... E ela causa fartio, viu!

Da vez que tive malária e fiquei tomando chá de folha de goiaba, estava comendo todo tempo bem, parecia sabe que eu nem estava com malária... Não me abateu não a malária não... De jeito nenhum, porque eu estava comendo bem, né, quando eu vim aqui na cidade fiz exame e foi quando vi que estava com malária... Mas eu não fiquei abatido não, tomei o remédio e pronto, não deu fartio em mim... E ainda tem mais essa, que o remédio não me abateu não, assim, pra ficar mole, com tatontismo, não deu não. Eu fui da aldeia pra cidade de bicicleta, não deu nem dor de cabeça. Cheguei na cidade, fiz o exame e deu malária. Eu estava preparado, primeiro que eu estava comendo bem porque não tinha fartio, porque estava tomando o chá do olho da goiaba. Tem o limão! É bom pra 21 qualidades de enfermidades... Olha ele serve pra diarreia, já misturado com a goma da macaxeira. O chá de limão é bom pra vômito e pra diarreia também, ai vem pra sarar golpe, né, agora, é doído, eu sei que os meninos achavam que era judiação, mas quando eles pegavam um golpe, os meus filhos, eu passava o limão... O menino gritava que só não seio o que... Mas eu passava, assim mermo, e o golpe não inflamava. Remédio bom o limão! Pra gente comer também é bom... Muito gostoso, né, a limonada é muito boa, então, se bater no liquidificador ai que fica gotosa mermo.

Ai tem muito remédio que agora eu não estou lembrando. Tem o carauaçu que é da beira de rio e de lago. Tem o tucunaré invira, também é outro remédio bom pra diarreia. Tem a paracanaúba que é boa também pra malária e também pra fazer curativo. Também tem o pau lombrigueira, mas esse, eu não conheço não, é difícil, mas tem lá pro Itaparanã... Tem gente que conhece, tem na beira do rio, uma vez uma camarada me mostrou, mas eu não vi mais...

Ensinaaram para meu pai, ele estava todo cheio de ferida... Parecia que estava leproso... Ai ele foi se consultar e falou pro médico que coçava muito os ferimentos e ficava escorrendo água... Ai o médico disse que era cifra... Naquele tempo davam o nome de cifra no sangue, hoje deve ter outro nome né? Naquele tempo tinha nome de cifra, cifra no sangue, não sei, ai ele indicou, lá o camarada já veio com a indicação que era meio remédio caseiro... “Você conhece paracanaúba?” Ele disse: “conheço”... “Eu vou arranjar uma garrafa de vidro pra colocar a paracanaúba pra tomar com o elixir jurubeba que naquele tempo tinha... Agora que eu não vejo, mas

tinha. O médico recomendou para o meu pai “Você toma o elixir e a paracanaúba, a bicha amarga! Ai ele ensinou como tirar a casca e botar pra ferver e depois engarrafar e colocar no sol, ai ia tomando, assim, mas tem que beber e tomar banho com a garrafada da paracanaúba. Ai ele tomou o elixir e a paranacaúba... Aí pronto, acabou. A pele dele ficou limpinha... Só com a paranacaúba e o elixir. Mas tem que tomar o elixir certo, porque tem o elixir palegórico e o elixir jurubeba, tem outros elixir também. Mas esse é de jurubeba. A jurubeba mermo é boa. A raiz dela. Ai vem a raiz da tiririca também que é boa pra anemia, a raiz do açaí que também é remédio para anemia. Tem um monte de remédio que a gente vê, agora só falta descobrir a forma de por em pratica, né?

É muito boa a medicina tradicional. Tem um remédio que eu chamo de remédio do índio. Esse é um remédio da minha autoria... Eu descobri esse remédio depois que aceitei Jesus, porque depois quando a gente aceita Jesus acaba com negócio de reza né... Tem uma inflamação que dá na perna da gente, que é chamada de vermelha. Tem também a inflamação da mordida de cobra, que tem que ter um remédio, mas ai agora crente como é que vai fazer? Ninguém ia rezar... Ai deu uma enfermidade no meu pé, tive uma picada de cobra e fiquei com vermelha. Ai eu ia lá no mato tirava o olho da banana braba... O miolinho mole né... Tirava amarrava em cima, pegava uma invira, amarrava bem e ia dormir. E no outro dia amanhecia seco aquilo, porque essa vermelha dá uma meladeira. Todo dia eu fazia isso, e ai a casca do ferimento saia... Adeus aquele coro. A vermelha queima na pele, mas com o remédio pronto... Tá seguro. Qualquer parte do corpo pode botar que sara mermo, eu digo com certeza porque eu já fiz. Você não precisa mais ir atrás de benzedor. Acho que esse ai é o remédio que nós povos indígenas usava quando pegava um arranhão e, às vezes, inflamava.

Na nossa cultura dos Mura teve esse conhecimento da palha da banana braba, o olhinho dela, como remédio muito bom pra vermelha, que chamam. Parece que vem aparecendo o remédio, né... Isso ai ninguém me ensinou... Fui eu que pensei, eu tirei duma coisa pra outra, porque tem a capeba que é uma folha redonda que fica grandona... Ela também é boa pra vermelha, o camarada tá com vermelha ai pra cuidar põe a folha da capeba no fogo, escalda, ela assim, em cima do fogo... Ai passa no sebo de Holanda, molinha e bota em cima, acaba com ela, mata ela também, por isso, daí que eu tirei a ideia de usar a palha da bananeira, ela verdinha é bem friinha. E quando a gente estava no mato tirando sovinha... Ai virava ferida,

assim, às vezes, virava ferida e eu não queria perder dia de trabalho. Ai eu já sabia da palha da bananeira e tirava a palha da banana, já não era o olhinho fino, porque não ia aguentar... Tirava a palha nova, aquela folha mais forte... Ai eu dobrava e botava a espora de um jeito pra não machucar o ferimento, porque a espora usa aqui no pé e pega o ferrão bem onde estava ferido. Ai eu metia o remédio por baixo, botava a calça aqui por cima e prendia... Amarrava e cortava sova, trabalhava o dia todinho, não inflamava não, e em pouco tempo estava sarado... Não inflamava. Essa palha da banana é muito bom pra inflamação, pra coisa séria mermo... Porque vermelha dá febre, dá íngua, dá tudo né.

Eu inventei esse remédio da folha da bananeira para curar a vermelha, porque a gente não ia mais pra benzer né. Às vezes, a gente tinha que remar longe... Eu remava era dias pra ir atrás de uma pessoa pra rezar pro talde quebranto, depois que eu aceitei Jesus, como meu salvador, eu não fui mais atrás de reza... O meu filho, primeiro, o Nelson e a minha filha, Janilse, foram benzidos, eu levava eles longe pra benzer.... Eu levava o dia todinho, pra chegar ao lugar que ia benzer meu filho mais velho, o Nelson, Pro tal de vento caído, quebrante, todos eles pegavam essas coisas. Já o Joabi e a Estefane, não pegaram mais, acabou o quebrante. Não pegou quebrante mais neles, graças a Deus, por isso, eu acredito que basta a crença da gente, a fé da gente numa pessoa que a gente pode confiar, acontece isso, nem é preciso sair de casa, às vezes, eu já tenho dito isso para as pessoas.

Uma vez eu vim de Lábrea pra cá só eu de pé até o 100... Até no Itapanã, eu vim... Vim... Vim... Até que eu cheguei... Sai de Lábrea, andei e cheguei outro dia no Mucuin, no outro dia cheguei no Ançuã, cheguei meio dia no Ancuã. Ai eu já não vinha andando o dia todo, só andava um pedaço pra não maltratar, né, cheguei no Açuã tinha uma criança doente... Torta, era a tal de convulsão que chama né... Ela estava toda tortinha, espumando pela boca, ai a mãe disse: “Olha seu menino o senhor reza?” Eu disse: Não. Rezar... Sei rezar não, mas orar eu sei. “Então ora na minha filha”, mas sabe o que tinha acontecido comigo? Eu trazia só uma calça e uma bermuda, a minha roupa estava lá na minha casa no rio Itapanã e aqui na cidade eu tinha roupa também, ai o que aconteceu, o flechequer da calça se estragou, eu estava só de bermuda, ai veio na minha mente - Não sou eu que curo, quem cura é Jesus, vou pedir pra ele, vestido de bermuda mermo. Ai, li a bíblia, cantei um hino e orei na menina, a criança estava com forte febre, quando terminei de orar, mais ou

menos, com um minuto, a mulher disse, “A menina tá suando e a febre já passou”. Ai eu disse, - Tá bom. Falei pra a mãe da criança: - Mas, eu na fiz nada não, quem cura é Jesus. Disse que ela podia confiar que do mesmo jeito que eu confiei que o Senhor Jesus curava, ela podia confiar e só ela mesma podia orar na filha dela, que não precisava chamar ninguém, ai ela ficou pensando e eu perguntei se ela aceitava Jesus. Ela não quis. Tá bom... Mas, ela ficou com a fé foi em mim, pra vê como ainda é como aquele tempo velho né, ai ela ficou foi com a fé foi em mim, ficou me tratando muito bem, mas é assim mermo, de primeiro a pessoa honrava muito quem fazia isso, mas eu disse pra ela - Eu não faço não, eu pedi e Deus fez, ele pode. Você pode pedir também e ele vai fazer, todos têm a capacidade de pedir com fé e nós vemos o resultado. Às vezes, a diferença daquele tempo é só isso, porque, a gente tem fé mais numa pessoa que tem poder de ressuscitar os mortos. Deus ajuda os cegos e a gente pede dele. Ele que tem esse poder, nós apenas pedimos, então, isso se torna mais fácil do que aquele tempo que era preciso andar atrás do benzedor... Agora a gente pode ter esse Deus na hora que nós vamos meditar e quando a gente lê a bíblia...

Na Bíblia está escrito que Jesus falou, “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos, aonde estiver duas ou três pessoas reunidas em meu nome, ali eu estarei no meio deles”. Reuniu no nome de Jesus, ele está ali, ai fica fácil de pedir, né, quer dizer, que não precisa a gente remar muito, às vezes, eu falo sobre a dificuldade de se consultar com os médicos, hoje nós indígenas sabemos os remédios tradicionais, né, e sabemos os remédios pedidos de Deus, não é preciso que a gente vá até ao hospital, onde é preciso fazer uma ficha, às vezes, tem outro na frente, a pessoa tá cheia de dor, ai vai esperar, porque tem que esperar mermo, porque não chegou na frente. Com Jesus é diferente... Na hora que você clama você pode se reunir ou só você ou mais alguém, além, do doente, mas quando você se reúne tem você que clama e tem o enfermo ali, já são duas pessoas, ele com fé pra receber, você com fé pra pedir, e quando terminamos de orar, o enfermo tá sarado, não é preciso nós ir atrás de Jesus, ele vem. Ele promete... “Eis que estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos, aonde estiver duas ou três pessoas reunidas em meu nome, ali eu estarei no meio deles”.

Eu tenho uns sonhos... Outro dia eu sonhei com as pessoas ressuscitando... Eu também estava subindo pra esse lugar que pessoas estavam indo... Também já sonhei uma vez com avião: Pra mim, eu estava acordado, mas estava dormindo... Ai

disque que vinham uns aviões... Uns três aviões que vinham do nascente pro poente... Ai disque eu estava em pé no meio do terreiro... Ai eu saia e só ouvia aquela zuada no meio... Bruummmmm... Ai eu fui olhar... Eu fui olhar eram três aviões... Ai, passou o primeiro... Passou o segundo... E o terceiro...Assim, lá em cima... Eu fiquei olhando eles ali na minha frente... E vi espocarem bem em cima... Lá em cima, eles espocaram...Quando espocaram... Saíram, assim, três anjos, um seguiu pela minha frente, outro seguiu por trás e outro veio bem no meu rumo... Ele veio chegando... E foi chegando e diminuindo, e eu querendo pegar, e peguei... Quando eu peguei ficou aqui na minha mão... Ai parou esse sonho e já veio outro que tinha meu menino e a minha menina, a Nilce e o Nelsinho, eles eram pequenos, nesse tempo, ai chegaram e eu olhei pra eles e vi que eles estavam lá perto de mim... E bem no meio dos dois tinha um macaco... Ai o macaco caiu se entortando todinho... Escumando e a menina foi querer pegar e eu me assustei, e fui tirar o macaco de perto dela. Quando eu peguei nele saiu um passarinho da minha mão. Ai eu abri a mão e só estava uma capa, assim, uma capa de guardanapo, desses de pegar bolo, só estava um papel daquele na minha mão. Ai eu me acordei... Nessa hora que eu estava acordando uma mulher chegou gritando dizendo que o irmão dela estava atoadado num canto, e foi assim que eu me acordei... Com ela falando que o irmão estava atoadado...Atoado é quando a pessoa tá com espírito. Bem na hora que o avião vinha caindo em cima de mim e os anjos apareceram e ai já apareceu meus filhos e aquele macaco se entortando, foi quando a Raimunda chegou comigo: “A irmã Lucimar e o irmão Chiquinho Dantas tão atoadados”. Ai, eu me acordei com essa arrumação de ela chegar atarantada.

Iiii... É muito sonho. Uma vez eu tive um sonho que assucedeu mermo. Foi um sonho que tive com um grande tufão de fumaça... Quando foi três horas da tarde eu vi um barco, que nós chama de recreio, que pegou fogo. Ai eu vi aquele tufão do mesmo jeito do sonho, do mesmo jeito...Eu vi aquele recreio pegando fogo cheio de borracha. Eu sempre sonho... Eu sonho muito. Às vezes, é bom, às vezes, é ruim e eu oro a Deus, porque o sonho sempre avisa alguma coisa. Tem sonho que é certo, é por isso, que eu acho que os pajés sonham muito... E por causa dos sonhos que eles adivinhavam muitas coisas... Viam pessoas... Viam como ia acontecer as coisas.

Eu tenho um sonho que eu não esqueci.É um sonho que sonhei andando em rio. Uma vez eu sonhei que eu tinha matado uma pessoa... E ai eu fiquei com medo e comecei fugir da polícia. A polícia começou a me perseguir... Eu comecei a fugir,

mas só que tinha uma moça que me acompanhou... Uma meninona... E eu naquele sonho...Fiquei com medo. E aí essa menina atrás de mim e eu me escondendo da polícia, eu digo, - meu pai do céu! Ai pensava em matar ela - Vou matar essa menina, quem sabe não vai me descobrir. Eu queria me esconder, né, mas não matava a menina não, não teve jeito de matar ela não, e ela me acompanhando. Ai, depois quando aquela menina deixava de me acompanhar apareceu dois meninos... E dessa vez eu cai na água... Eu cai na água com os dois meninos, um do lado e outro doutro... Os três anadando... Nadamos um estirão grande de rio, aí paramos, quando paramos os meninos me largaram de mão e eu cheguei com um velhinho, cheguei contando que eu tinha nadado um estirão grande de rio, nadando pelo rio danado... Ele disse, “É isso mermo, eu também já fui cafonista”. Ele só fez dizer que tinha sido cafonista, que deve ser algum nadador. Nessa hora eu atravessei pro outro lado do rio... Atravessei pro outro lado, e quando atravessei encontrei duas meninas conhecidas minha, lá do Tapauá mermo. Elas estavam se amarrando e eu disse, - O que é isso? Eu cheguei lá devagarzinho... E perguntei - Porque estão fazendo isso? Ai uma delas disse, “Olha, nós vamos voar, nós se amarramos e vamos voar”. Só sonho mermo né? Ai eu disse tá bom, então vou voar também com vocês. Ela disse, “Não, só se você tiver fé que pode voar” - Ah é por fé é? Se for por fé eu vou mermo! Eu disse pra elas. Eu todo animado assim! Ai eu digo “Vou voar também” Ai elas voaram, depois que elas voavam, pulei com fé, elas disseram que era fé que tinham... Eu saí voando... Voei... Voei... Voei... Voei... Voei, mermo... Esse sonho é comprido, hem. Aí, saí do outro lado, quando cheguei do outro lado, as meninas sumiram... Ai apareceu um roçado... Um roçado grande... Eu vi parece que tinham plantado naquele dia... Daí surgiu um bucado de caba, caba! Ai eu rasguei no meio daquelas cabas e nenhuma me ferrou... E depois, eu me acordei. Eu me acordei meio afobado por ter passado por meio de caba, né, elas estavam tudo voando e nenhuma me ferrou... Esse sonho que eu não me esqueço dele e tem mais outros... Se eu for contar é muita história...

Eu sonhei um sonho uma vez também, que foi que eu estava deitado numa rede de peito pra cima, era, assim, num canto assim... Ai tinha atado a rede e eu estava lá de peito pra cima, sem blusa. Ai disque chegava um camarada com uma faca pra me matar. O camarada já tinha furado um pessoal por lá... Ai lá se vinha aquele camarada e me topou ali... Ele pegou e tacou a faca e bipe... Tacou a faca e eu peguei, assim... Empurrando pra cima... Ele empurrou pra dentro e quando ele

empurrou, eu fui morrendo e fui me acordando... Acordei com uma dor onde ele estava enfiando a faca... No sonho eu fiz força, mas aí eu fui morrendo, fui morrendo... Quando eu morri, eu me acordei... Aí quando tinha acordado eu pensei, - Ah! Eu não morri não! Foi um sonho. Esse sonho mesmo pequeno, eu não me esqueço dele.

Mas tem mais sonho. Sonho de revelação e arrebatamento... Da vinda de Jesus, já sonhei umas três vez mais ou menos, que ia ser arrebatado, aí teve um estrondo... No sonho dá aquele estrondo e quando abro os olhos já estou lá em cima, no terraço... Dessa vez, quando eu cheguei ao terraço só topei com Jesus, mas não vi minha família aí eu perguntei, - Senhor! E minha família? E meus filhos? Porque eu já estava lá e queria saber deles, aí Jesus disse, “Eles também vem, mas eu vou reparar que horas”. Aí ele virou de costa e eu me acordei. Eu tenho falado pros meninos que eu vou fazer a passagem primeiro do que eles... Que eu vou na frente, porque eu tive esse sonho desse jeito... Porque não estavam lá comigo. Foi só eu que fui. Eu fico pensando nesse sonho... Depois do sonho eu pensei bem por que a família, nem os filhos estavam comigo. Era um terraço muito grande, era um céu mesmo lá, quando olhei eu pensei - Pode ser muito bom o céu, porque a palavra de Deus diz que haverá um novo céu e uma nova terra. E eu sonhei bem, assim, e fiquei pensando no que eu tinha falado - Senhor. Só tratei ele de Senhor, “E minha família e meus filhos?E ele disse “Estão vindo aí”...

Eu quero que o povo vá lá pra aldeia...Eu vou convidar um irmão da igreja pra ir pra lá. O Iranildo...Lá tem muita terra... Eu falo pros meus filhos! Nós andamos na terra e vocês escolhem um canto bem bom assim! Vocês que tem família daqui mais um dia, vocês vão sentir necessidade de ter um lugar... Porque vão casar... Aí vai precisar fazer casa...E aí vai crescendo a família e forma uma aldeia só duma família... Dum filho... Agora tá ali comigo um só dos meus filhos... Ali eu comecei só eu e meu irmão, agora se eu for colocar meus filhos tudinho, com neto e bisneto, eu fico cercado, vamos dizer, daqui pra frente vai produzir... Olha aí minha filha caçula, é uma murazinha lá do Manacapuru... Da ciranda... Essa minha filha caçula é adotiva,mas a mãe dela não gosta que eu fale que ele é adotiva... Mas ela é, e tem que ficar sabendo né? Eu posso amostrar o pai dela... O pai dela é um soldado... Ele queria ver ela, mas a mãe dela, a minha ex-esposa, nunca deixou ele ir ver a filha... É escondida a menina... Por mim, ele poderia ter visto, ela... Mas ele não viu... Ele era um camarada que estava enchendo a mulher de filho... Era três

filhas com ela, tudo fêmea... Ai a mulher estava buchuda e arranjou um negócio de um namoro com um irmão da igreja. Ai o camarada disse, “Olha, vou dizer uma coisa pra você... Eu quero você... Quero me casar com você... Só tem uma coisa... Essas duas que você tem ai eu quero... Mas essa do bucho não quero não”. Pra ver... Se eu fosse ele, era diferente... Era mais fácil eu não querer as que já estavam grandinhas, mas a do bucho, uma criancinha, né... Pois, ele não quis não... Ai a Ivanda pediu dela. Por lá pelo culto pediu a menina...Nós já tinha o Josué, que é adotado e hoje já é casado... Era uma hora da madrugada e ela não tinha chegado, eu já estava preocupado e já chateado, porque quando a gente fica preocupado dá raiva, né? Eu estava deitado... Isso foi lá em Manacapuru, nós estava numa casa que nós dormia num colchão na sala. Eu estava deitado e estava até preocupado... Ai ela chegou com a menina uma hora da madrugada. Chegou tão alegre! Dizendo, “Nelson olha aqui o que nos ganhamos!” Eu digo, - Eu não quero não!Eu disse, né, e só fiz virar e dormi logo. Essa menina chegou, ai foi atado uma redinha pra ela... Dormiu, a noite, não deu nem um piu. Quando foi de manhã eu fui agradecer a Deus por ela... Graças a Deus, tá aí, agora tem essa filhinha... .

A minha esperança que eu tenho é que essas histórias que eu contei ajude na demarcação da nossa terra. Fazer o registro dessas histórias é muito bom tanto para minha família como para toda a minha etnia. Temos que conservar nossa etnia, porque mais pra frente, se a gente não conservar vai desaparecer. Nós temos que ver os que nascem, nós temos que fazer, conforme, a advogada falou, “Isso é muito bom pra resgatar”... Ela disse, assim, “Olha tem que resgatar, porque tá fracassada né!?” O sobre nome, tem que ter Mura, quando nascer as crianças... Fulano de tal Mura, ou, então, fulano de tal, tal, Mura. Pode ter outros sobrenomes, mas tem que ter o Mura ali dentro... Se pudesse colocar o Mura na frente colocasse, mas, se não, colocasse no fim...Mas tem que ter o Mura! No nome de todas as crianças pra poder resgatar a etnia, se não vai acabar, a advogada falou isso, “Se acaba seu Nelson” Olha agora do jeito que tá... Tá, bem dizer, acabado, porque o sobrenome esta longe, não tem Mura no meio, né... Se num for falado o nome da etnia ela desaparece.

Tem mais coisas pra contar, mas é que a gente não se lembra tudo, assim, não... Mas o que eu quero deixar registrado aqui é que é muito importante demarcar nosso território.Eu sei que, pra isso, seria importante, incluir no estudo os lugares por onde já moramos, andar lá pelos lugares que eu falei... Santa Eliza... Nova Esperança... Lago Azul...Macaco Prego!...Abacaba... Tem outro lugar que nós

moremos que eu não tinha falado ainda, se chama, Vertude... Fica abaixo das cachoeiras... Lá que eu morei com a primeira mulher, com a primeira família... Onde tem esse pessoal da família dela morando agora. Nós podemos até ter uma aldeia lá no Vertude, né? Porque eu morei dias, anos nesse lugar. Foi lá que, eu e minha primeira mulher, se apartemos... Entreguei pra ela, o lugar... Ela ficou pra lá e eu fiquei pra cá... E também entreguei o castanhalzinho, que é pra ela viver né... Então eu digo que dei assistência pra ela, por isso, porque eu não fui ficar afobando ela... Procurei já outro meio aqui no Maguari pra viver já com outra família... Abri o Maguari quando arrumei minha segunda família. Tem também esse lote dado pelo INCRA... Eu e essa segunda mulher nós apartamos também e aí esse terreno aqui da cidade é dela... Ela ficou com o terreno da cidade, que era nosso, e eu com o lote de lá... Mas ela querendo ir pra lá, pode ir... Se ela quiser escolher um canto pra lá, pode escolher...

Nós precisamos da demarcação da nossa terra, incluindo os lugares de nossa ocupação no rio Itaparanã. Tem que ser a terra grande... Porque, terra pequena fica só com o lote e pronto... Mas aí cadê os animais... Porque eu também luto a favor dos animais... Nós precisamos do nosso alimento... Se tirar a mata acaba com eles... Era isso que eu queria acrescentar no que eu já tinha falado. Se tirar a mata acaba com os animais... Nós precisamos deles, porque é uma parte dos nossos alimentos... Se não tiver mata grande pra eles viverem e se reproduzirem o que nós vamos poder comer? Carne de dez quinze reais o quilo? Vendido na cidade? Enquanto, nós podemos comer uns cinco ou seis quilos de carne, por cinco reais, né, que é o tanto que custa um cartucho, cinco, quatro, real... É só o que a gente gasta pra ter cinco quilos de carne... Às vezes, mata uma antazinha, dá uns cento e pouco quilos, né... Nós comemos a carne de caça de todo jeito, cozida, frita, guisado, batido, que chama, bem dizer, moído né. Ah! Mas o batido de uma carne de anta é muito bom! Bate bem miudinho em cima de uma tábua né... Fica bem molezinha, porque fica moída, né, aí põe tempero e vai comer... Se não, faz a mixira quando tem gordura...

Nós também comemos peixe amuquinhado. Pra nós amuquinhado é o peixe com escama, porque, o assado sem escamas, não é amuquinhado, é outro jeito de assar... Ah! Mas amuquinhado eu gosto muito... Pra amuquinhar o peixe a gente assa em cima da brasa... Faz o moquém... Quando fala moquém é pra fazer o amuquinhado no peixe... Já o Joabi já aprendeu fazer de outro jeito... Ele faz a poqueca, mas de outro jeito... Nós fazia diferente... A minha vó fazia a poqueca na

palha da banana, o Joabi já faz naquele plástico de alumínio... Já fica diferente o gosto, porque a poqueca feita na palha de banana fica com o gosto da palha da banana... Fica muito bom aquele gosto... Porque a gente enrola e assa, né, e fica cozido por dentro... Essa é a poqueca... O moqué, vamos dizer, enfia uma forquilha ali e outra aqui... Assim de um lado e de outro, aí estiva, coloca os pauzinhos da travessa e põe em cima a carne ou o peixe aqui, querendo faz baixo ou alto... Pra assar com muito tempo... Quando é alguma coisa grande, como, um quarto de anta, tem que fazer alto... Fica queimado por fora, mas fica bem, assadinho, por dentro...

Uma vez nós fizemos um cochão de anta... Até o Valmir Parintintin, que era o chefe da FUNAI de Humaitá, disse que ia pra lá... Nós ficamos esperando ele ir. Ele teve a sorte que tinham matado uma anta... Ele disse que ia numa segunda-feira... Domingo, foi matada a anta...Ai eu assei o cochão de anta... Mas ele não foi... A anta estava gorda...Ai nos quase num comemos, porque era muita carne... Fizemos a carne da anta amuquinhada, dentro fica bem assadinho, bem branquinho... Bem alvinho... Um assado que cozinha por dentro a carne. Pode tá queimado por fora o coró, que não queima por dentro... Como é gostosa aquela banha que fica no couro. Além da anta a gente assa a paca também, não é só cozida que a gente come a paca, a gente também assa no moqué, estando enrolado, pode colocar em qualquer canto, porque assa ligeiro... Tem uns parentes que coloca na cinza, também, é bom, porque assa tudo de uma vez, por causa da quentura da terra e a quentura de cima. Ai tira, tá bom... Cozindinha, também é muito bom... Tem, assim, também a macaxeira assada na cinza... Lá nós temos também, macaxeira, ela é muito boa assada. O milho do mesmo jeito, pode assar ele com a palha, né, porque, ainão suja ele de cinza... Já descascado suja o milho... Com a casca na hora de descascar sai à sujeira.

Pois é, nós estamos aí numa terra indígena que nós ficamos desde a década de 40. Eu penso, que chegamos nessa região logo em seguida dos Juma...Essa região que nós estamos é território indígena... Agora o que acontece... Os Juma chegaram mais ou menos aí em 40... Eles desceram o Ipixuna e subiram o Itaparanã em 1940... Nós chegamos em 42. No ano que eu nasci chegamos na boca e ficamos no Itaparanã também. Então-se ficaram, aí... Depois que já tinha cinco anos eu ouvi minha madrinha contar... Era até uma madrinha minha que falou pra mim que viu uns índios entrando no Itaparanã numa ubá... Ela, disse, assim... “Uma vez nós

vinha subindo o Ipixuna e vinha uma ubá cheia de índio” Eu digo que era os Juma. E eles entraram no Itaparanã... E depois que eles entraram no Itaparnã, eles vinham ai no Madeira... Eles eram daqui do Madeira... Não sei de onde eram... Eles varavam ai, às vezes, eles matavam gente lá no Assuã... Eles vinham e matavam gente ai no Riozinho... Morriam também... O Zacarias que é veterano dessa região, ele disse que uma vez teve um confronto... Morreu um branco e um índio, num barreiro que tem ai... Na beira do Riozinho... Ele conta, essa história... Isso ai é um parente que fala... Ele tá na merma terra que nós... É o pai da Eleandra que eu falei logo no começo... Ai tem essa história... Porque quando varou essa estrada aqui... Que cheguemos aqui foi que eu ouvi falar no rio Machado... Meu pai falava muito nesse rio Machado... No Acará... No rio Acará! Borba... Humaitá, mermo... Manicoré... Itaquiatiara. Ele falava até! No Solimões... Ele andava por todo canto... Ele andava embarcado... Não sei como era... Ele falava em tudo isso... Ele não ficava parado não... É, por isso, que fiquemos pra cá por Itaparanã... Nós fiquemos ai e tivemos conhecimento, já de outros conflitos que aconteceram... Nós já estava ai no Itaparanã no tempo que mataram os Juma...

Houve um confronto com os Juma em 64... Mataram quarenta e quatro Juma... O povo branco... Eles estavam no igarapé... Nós morava no São João... Até hoje nós temos ponta de castanha lá, eu tenho... A minha primeira família mora lá... É isso ai que eu queria que fosse documentado... Se nós fosse até por lá, por esses lugares, filmando, tirando foto... Até Vertude, até onde eu já morei... Primeiro eu morei lá na Vertude... Depois que eu já era homem com família abri fiz casa lá na Virtude... Abaixo da cachoeira... Mas a nossa família morava no Abacaba, também... No inverno nós morava pro Santa Eliza, que é dentro do igarapé São João... Enquanto os Juma moravam sempre no igarapé da Onça e São Miguel... Eles sofreram... No meu conhecimento, os Juma foram massacrados, quando a gente já estava ai... Nós estava no São João e eles estavam no Igarapé da Onça... Mas já tinha confronto dos antigos... Dos seringueiros dentro dos seringais e com os castanheiros abrindo castanha... Eu soube dessa história que teve confronto desde os antigos... Nesse tempo, estava tento confronto entre seringueiros e castanheiros com os indígenas por todos esses rios. Desceram indígenas pela cabeceira dos Caxarari... Desceram no rio Itaparanã de balsa até sair no rio pra ficarem na boca de Extrema... O confronto que tiveram ai na boca da extrema do Acre foi grande... Depois desses confrontos muitas famílias indígenas se dispersaram. Eu conheci seu Eduardo, ele

era filho do Seu Miguel. Seu Miguel baixou com esses dois filhos, eles eram Caxarari... Estão lá... Tem um pessoal lá deles, no rio Ipixuna, mas não se chamam mais de Caxarari não... Tem família do povo Caxarari, no rio Ipíxuna... Lá no Itaparanã... Lá no Tapauá... Mas eles nem ligam mais pra etnia deles... E hoje em dia o Povo deles tem terra demarcada, né?

Eu falei que meu pai não ligava muito para a cultura dos Mura, mas eu guardei na minha memória, as músicas e as histórias que ele contava. Tenho pra mim que foi o que ficou da cultura do povo Mura, nas coisas que eu aprendi com meu pai, mesmo tendo patrão português, com quem a gente conviveu muito tempo, e foi só aprendendo o jeito dele de ser. Tem o cântico da cutia e da Cainãã Canairi. É tudo curtinho... O cântico da cutia fala que o Joaquim é cutia... É assim...

Joaquim é cutia... Tucumã é uça... Jauari... Tucumã... Piquiá...Joaquim é cutia... Tucumã é Uça... Jauari... Tucumã... Piquiá...

Quem me ensinou essa música e a outra que eu vou cantar, foi meu pai, mas ele não me falou o significado das palavras, não. Sei que cada palavra, dessa, tem um assunto, né?Pra mim uça era um jeito de falar onça, pode ser outra coisa, eu não sei. Só sei que meu pai cantava essa música, e ele deve ter aprendido quando tinha alguma festa cultural. Ele aprendeu e eu aprendi. Ele deve ter aprendido com povo dele né?A outra música é...

Mura Murã... Mura Murã... Cainanã Cainari... Caracapitu... Tam... Tam... Tam... Cainãã Cainari... Ela é assim: cainãã cainari... Cainãã cainari... Caracapitu Tum... Tum... Tum... Cainãã cainari... Cainãã cainari... Caracapitu... Tum... Tum... Tum... Caracapitu... Tum... Tum... Tum...

Dessa eu tenho uma explicação, é assim, *Carapitu!* É um cântico de uma corujinha, vamos dizer, que ela faz, *curucututu...* Mas, aí na música fica *Caracapitu!* Imitando o som desse canto da coruja. Pois é, é o cântico da corujinha que é *caracapitu!*... E pode ser um sapinho, também, né? E *cainãã*, é uma linguagem que se encontra com o som *tum... Tum... Tum...* Né, que é tipo uma música de acompanhamento... Vamos dizer que tudo tem uma música, né?Então, tem essa música do *Tum... Tum... Tum... Tum* que é pra acompanhar o cântico do *Cainãã cainari... Caracapitu...*

Esses dois cânticos são da cultura e elas são uma linguagem e por ser uma linguagem eu fiquei pensando que pode ser a imitação do canto de um sapinho e da corujinha, né?... Essas músicas ele contava, sobre elas, e cantava em alguma

reunião, mas contava, assim, como um, causo, que se passava, né. Meu pai não ligava pra ser Mura, não... Ele não ligava pra ser índio... Ele era índio... Mas, nem ligava, pra isso. Mas, ainda, assim, aprendeu essas músicas que devia bem ouvir nas reuniões que tinham no tempo que ele era pequeno, né... E ele via tudinho e aprendeu... Meu pai aprendeu muita coisa...

Eu cantei no casamento da minha neta e da minha sobrinha, na festa tradicional dos Tenharin o cântico da cutia e do Cainãã cainari. O casamento delas na cultura dos Tenharin para nós significou uma forma de melhorar nossa cultura... Porque, a gente estava com os brancos todo tempo... E agora, nós estamos aprendendo os valores culturais dos indígenas, estando junto com os parentes. Eu acredito que se ninguém da minha família, não se dedicar na cultura dos povos indígenas, nós nunca vamos alcançar a nossa. Então-se, nós temos que caminhar junto com os parentes... Nós caminhando junto... Nós vamos chegar lá na nossa também, né? Primeiro nós vamos ter uma ajuda deles... Vamos dizer, eles aqui, no caso, estão fazendo uma festa tradicional, e nós estamos, aqui participando, assim, como outros parentes também vieram de seus territórios participarem, como, no caso, de uns parentes Parintintin, que também estavam na festa... Depois nós vamos pra outro canto, já vão saber da gente, vão saber que nós somos os Mura que estavam na festa tradicional dos Tenharin... Que nem tem outro povo lá pra debaixo... Quando a gente chegar lá e conversar com eles... Nós já vamos ver que eles vão ter outro Jeito diferente, né?...

O casamento indígena é muito sério, e é uma segurança. Conforme, conversei com os Tenharin, eles disseram que é muito sério e o casal tem que ser honesto. Pelo menos, eles não se apartam, né? Eu vejo que aqui os Tenharin, não tem negócio de briguinha não... Não tem teiminha... Nunca vi não... E se eles tiverem alguma teima em algum debate... Em alguma reunião... Fica só lá, aquilo acabou... Não tem esse negócio de dizer que vai ficar relatando, não... Aquilo foi um debate e pronto acabou-se. Isso aí é uma coisa que a gente tá aprendendo bem também com os povos indígenas. Aqui as crianças não mexem em nada, também... Pode deixar as coisas... Tá aí minha bolsa ficou, lá, onde está minha rede, ficou aberta... Pode deixar aí... Não mexem não. Eu já tenho andado por aqui por essas aldeias, e vejo que eles não mexem. Não são pessoas que quando a gente chega e deixa as coisas e já vem mexer... Tem gente que vai logo mexer né? E eles, aqui, não. É diferente... Não mexem não. E, assim, a gente vai andando, na aldeia dos parentes e vai

aprendendo o jeito dos povos indígenas e fortalecendo o nosso jeito de ser indígena, também... Vai fortalecendo a nossa cultura como brasileiro, puro, né... Que é pra gente crescer. Então, o casamento da minha neta e da minha sobrinha na tradição dos Tenharin, foi um modo de fortalecer mais elas e nós, como indígenas.

Na cultura dos povos indígenas existem diferentes tradições de casamento, cada povo tem a sua... O meu pai falava numa tradição de casamento que eu não sei se era Mura... Ele falava que era de uma etnia, mas eu não sei de qual era... Mas, o casamento era assim,- O noivo se deitava por cima da noiva, agora não sei que jeito que era, porque meu pai não falou... Sei que falava que depois que o noivo se deitava por cima da noiva, vinha os outros índios e deitavam por cima... Ai vinha outro e se deitava... Vinha outro e se deitava... E iam se deitando um por cima do outro, até a noiva gemer! Quando a noiva fizesse, “Hu’m!” Ai, já estava casada. Meu pai falava nessa cultura... Agora repare bem...Uma mulher vai aguentar uns 200 kilos pra poder dar um gemido, eu digo que ela vai ficar forte, né?... A mulher aguenta peso né?... Eu acho que já é um preparamento no casamento dos povos indígenas, pra mulher aguentar peso... Carregar alguma coisa... Carregar menino... Carregar tanta coisa... Pular de todo jeito, né? Eu acredito que esse casamento de ela gemer com o peso é um fortalecimento pra ela... Meu pai falava dessa tradição de casamento, mas ele nunca disse que era o casamento do povo Mura... Falava que era uma tribo que casava, assim, desse jeito... Se ele tivesse dito “A nossa tribo” Ai, eu já sabia o certo... Mas ele não falava assim...

No caso da minha neta e da minha sobrinha, foi elas que quiseram casar na tradição indígena, mas teve primeiro um motivo... Pra casarem, assim, porque na cultura indígena, não tem problema ser menor de idade. Minha neta, a Raiana, teve como casar, porque, ela está casando com 15 anos, vai completar em setembro, se fosse, na cultura não indígena, era preciso aumentar a idade, né?... A Raiana, ainda vai completar 15 anos, mas o rapaz pejejou que queria casar logo... Ele queria ter mais alguma consideração com certeza né?...Não sei quem falou pra ele de que no casamento indígena não tinha problema de ser menor de idade... Sei que ele veio falar comigo, que queria casar na cultura indígena... Aqui já tem até branco casado na cultura... Tem branco que se dá aqui com os parentes, ai pedem para casar na tradição deles... E, eles fazem o casamento deles na cultura do povo... Mas é gente que eles conhecem e tem confiança.

Na noite antes do dia do casamento nós fizemos uma reunião com a família toda, junto com os noivos, para dar conselhos para eles. O conselho foi mais pros dois que já são casados... Porque a minha sobrinha e o noivo dela, já viviam juntos... Eu estou falando, assim por cima... Então o casamento, indígena foi pra eles se apurarem... É pra ver se tomam jeito na vida... Mas, não foi nós que dissemos para eles se casar na cultura indígena, não, foi que eles que se animaram e quiseram casar de novo... Conquanto que pro pai dela é ruim de sair de lá da aleia pra vim pra cá, mas ele veio... A gente pode dizer que foi uma coisa muito importante pra ele vim aqui... Foi, por isso, que fizemos uma reunião só nós da família, para conversar sobre os problemas e aconselhar. Minha ex- mulher falou a parte dela eu falei, também...

Esse momento de conversa que tivemos entre família, foi muito importante. Teve o momento de fazer os casais pensarem bem no compromisso que estavam assumindo, diante da comunidade indígena, pra eles pensarem bem, pois o casamento indígena é coisa muito séria, não pode casar e depois dizer que não quer mais, por que a comunidade vai cobrar, não pode ficar se apartando e voltando, não. Tem que ser sério. Na minha época, meu casamento não foi indígena, eu me apartei numa boa com a minha ex-mulher, porque nós primeiro se ajuntamos, ela era mais nova do que eu 12 anos...Eu disse pra ela, logo no começo,- Olha... Eu sou mais velho do que tu, eu já tinha 28 anos e ela tinha 16 anos, por isso, que eu disse, - Não vai me trair não, por favor, se, tu ao menos pensar, em me trair... Fala pra mim... Não é preciso nem me dizer que quer me trair não... Só basta me dizer,“Olha não tá dando mais certo.” E aí nós se larga numa boa. Não tem problema. Agora se você me trair e eu chegar a pegar... Eu falava doidice pra ela... E dizia que da mesma maneira ela poderia fazer comigo se ela descobrisse que eu estava traindo ela. Então nós tinha um trato desde o nosso começo de casamento... Depois nós com 14 anos que estava junto, se casamos...Passemos, vinte anos juntos de casado. Aí chegou esse ponto de ela falar que não dava mais certo, né... Nós se larguemos numa boa... Eu não tenho queixa dela... Ela foi uma mulher muito forte... Foi uma mulher muito trabalhadeira... De criar as crianças tudinho... Nós somos pobres... Mas temos filhas formadas... Elas aproveitaram... Se fosse dois doidos não tinha feito isso, né... E, graças a Deus, as crianças aproveitaram... Pelo menos a menina que fez faculdade, né... E as outras são tudo formada... Terminaram o segundo grau. A Estefânia é formada... A outra é formada pra professora... A Jeofânia... A que têm dois

filhinhos... Já experimentou três vezes a faculdade, mas não completa os estudos dela.

Das minhas filhas só a, Nilce, que mora lá na aldeia, ela tem casa na cidade também... Mas, ela é mais da aldeia de que as outras... As outras não. Elas têm parado mais na cidade do que na aldeia. Tenho um filho que mora lá na aldeia, também, tem meus netos, meu irmão tem casa na cidade, mas mora lá na aldeia, ele vem na cidade só resolver alguma coisa e fica pouco tempo na cidade. Passa dez dias e vai embora, às vezes, passa só cinco dias.

Como eu estava dizendo, a reunião com a família uma noite antes do dia do casamento foi tipo de reconciliação... Porque houve perdão ali. Na nossa reunião teve perdão... Eu pedi pra eles se declararem um pro outro, qual era a queixa um do outro... Não é fácil enfrentar um casamento indígena... O jeito é diferente, mas eles fizeram tudinho direitinho... Dançaram também, do mesmo jeito dos Tenharin... O Magno, não se recusou de jeito nenhum...

Eu acho que os Tenharin receberam bem esses dois casamentos das meninas Mura, mas com a exigência de não haver separação, porque é como as araras ficam juntos até a morte. E aí na cultura não é pra se apartar. Mesmo que os noivos das Mura não sejam indígenas eles aceitaram. Os Tenharin acham que não é muito certo né... Mas pode... Eles recebem... Em muitos povos indígenas tem casamento de indígena com não indígena, mas para nós indígenas o filho vai ser indígena. No casamento das meninas deu tudo certo, fizeram o ritual direitinho. Que eu saiba não houve nenhum problema. Os Tenharin receberam nós muito bem... Eles procuram ajudar o impossível a gente... A merma coisa nós... Por isso, que nós estamos por aqui com eles... Eu achei muito bom o Joelson, noivo, da minha neta, falar na festa, depois do ritual do casamento, ele falou que nós fazemos parte da família... Ele fazendo parte da família Mura e nós, família Mura, pertencendo a família dos Tenharin... Agora ele tá ligado a nós e aos Tenharin... Gostei muito da fala dele, por a gente vê que agora ele ama os índios, não é só uma índia, não, que ele ama... Agora ele pertence a família. Pra poder chegar esse ponto...

Pois é, agora estamos tendo o apoio dos nossos parentes Tenharin para nós Mura fortalecer politicamente e culturalmente. Eu cresci vendo os deslocamentos dos indígenas e fazendo esse mesmo movimento com minha família. Hoje que eu estou entendendo o que estava acontecendo e vi que nós fomos afastados do rio onde estava os parentes do meu pai e da minha mãe e fomos criados no meio dos brancos

aprendendo o que nosso patrão nos ensinava... Mas assim, mesmo ficou algumas histórias que meu pai me contou, que estão ligadas ao mundo indígena. Vou contar mais duas histórias que eu me lembro para encerrar:

Meu pai contava uma história de lá de onde ele morava né... Que aconteceu isso com um homem... Ele contou que o homem flechou um Boto... E aí estava parado num canto e chegaram aqueles dois homens na canoa e chamou ele, né... Disseram que ele fosse lá num lugar... Ele embarcou na canoa e quando chegou mais na frente eles disseram “fecha os olhos”. Ele fechou os olhos e quando abriu já estava nessa cidade... Os homens levaram ele prum hospital. E lá nesse hospital ele topou o homem que estava com o bico que ele flechou na costela...E eles falaram: “Olha tá aí, é pra você tirar esse bico aí, se ele morrer você não vai mais voltar.” Aí o homem fez a operação, né... Ele fez a operação e como o homem que era o Boto que ele feriu, ficou no estado bom, aí trouxeram ele de volta... Quando eles iam chegando... Andaram e mandaram ele fechar os olhos e quando abriu de novo os olhos, já estava na canoa dos homens e logo estava na canoa dele. Isso foi um acontecimento sobre o encantado.

Tem também esse outro caso que eu vou contar, que aconteceu aqui no Itaparanã mesmo... De um rapaz que de tanto andar pescando, topou uma onça no meio da queimada e meteu jumbo nela, né... Atirou... Atirou... Atirou, nela... Mas num matou... Ele achou que tinha matado, não sabia que não tinha matado e foi atrás... Porque a onça sumiu... E quando ele foi caçar no outro dia, que chegou, lá estava... O bicho morto, mas já era um boto... A onça depois de morta se transformou no Boto... Não era uma onça mais... Aí o que aconteceu... Ele adoeceu e quase morreu... Mas ele atirou numa onça e no fim estava atirando num Boto... Quem foi ofendido foi o Boto, que morreu e o rapaz quase morria, também... Ele atirava e não via ninguém, não... Só que houve essa transferência... De onça pro Boto... Quer dizer que ele atirou na onça e quem morreu foi o Boto... Porque o Boto estava encantado numa onça. Isso aconteceu, aqui, no Itaparanã. Esse aí eu digo que ele era Parintintin ele já morreu e foi enterrado lá no Siriquiqui... Hoje lá é terra indígena.

Meu pai falou que andou pra um lugar chamado Faros...Lá tem um povo que só luta com negócio de umbanda... Meu pai morava de um lado e o Faros era do outro... E aí um dia teve um camarada que quis ir com meu pai numa festa lá em Faros... Lá as mulheres eram assim, bonitas... Tinha mulher bonita... Tinha menino

também...Elas faziam as brincadeiras delas, e um dia esse camarada foi pra lá com meu pai... Meu pai era conhecido delas... Amigo delas, mas esse camarada que foi com ele lá, pela primeira vez, disse que ia se dar bem lá com as mulheres... Chegando lá na festa, estavam dançando e o camarada começou a querer acochar a mulher que estava dançando com ela. Queria namorar a mulher... Ficou querendo beijar ela, mas ela não queria... E aí o que ela fez? Ela não estava querendo, aí foi e pegou uma ponta da palha da biqueira da casa... Pegou e quebrou, assim, e sacudiu a palha... Aí o homem não pôde mais andar e começou a peidar...É muito engraçado isso que aconteceu com esse camarada. Ele não podia nem andar porque dava um passo e pum... Peidava... Ele andava e se peidava e aí ficava parado... Aí ia dar um passo de novo e pum... E aí o que fez o rapaz? Ele foi andando e se peidando até chegar perto do meu pai...Aí meu pai falou pra ele: “Rapaz eu não disse pra tu não mexer com as pessoas daqui. Eu disse que elas não são fáceis. Esse pessoal não é fácil não. Aqui elas são pessoas que não mexem com ninguém, mas ninguém pode vim mexer com elas... Eu te avisei e você não me ouviu, mas eu vou pedir pra ela desfazer, isso”.Foi lá falou com ela: “Fulana faz isso não... O rapaz é novato”. Mas, ele queria namorar ela a força e aí ela, disse, “Se for pra ele não mexer mais comigo eu vou desfazer”. Ela foi lá e pegou a palha quebrou e fez do mesmo jeito que tinha feito antes e ele parou de peidar, mas também depois do que ele tinha passado, foi dormir... Não quis mais nem dançar... Pra ver como são as coisas né?!

Então-se, existe muitas coisas nesse mundo... Meu pai morou perto desse lugar.Em Faros. Eu não sei nem adonde é... Só sei de ouvir falar. Sei que ficava do outro lado de um rio e só tinha uma travessia. Mas lá o povo não era fácil... O papai dizia que elas faziam jacaré pra pegar a pessoa que elas queriam. Faziam de cera de abelha e virava jacaré e caba mermo! Faziam o jacarezinho, né, amassam a cera e deixava da forma do jacaré ou da caba... Ia amassando, assim, com as pontas dos dedos... Quando elas estavam namorando e ficavam com ciúmes do namorado, porque via eles mexerem com outra mulher... Elas faziam o jacarezinho de cera de abelha... Jogava no rio e falava pra ele, “Olha vá lá e pega fulano e trás pra mim”. Falava, pro jacaré, e quando ele batia na’gua... Virava um jacarezão mermo. Aí o jacaré chegava lá fazia o que elas tinham mandado. Elas mandavam o jacaré pra Judiar da pessoa. E a caba elas mandavam era pra matar a pessoa. Mandavam a caba ferrar dentro da guela da pessoa... Na hora que ela ferrava, a pessoa morria com a

ferrada.O papai disse, que lá em Faros, não era fácil não, porque as pessoas lá são muito feiticeiras.

É bom cantar as músicas que eu aprendi com meu pai e contar as histórias que aprendi com ele pra fortalecer a nossa cultura Mura, porque nela tem o conhecimento indígena, eu não sabia, mas agora eu sei.

Mura, Murá... Mura Murá... Cainanã Cainari... Cainanã Cainari...

Um trabalho coletivo entre parentes

Lá na comunidade do Uruapeara, de onde veio a minha avó, eu vi que chamam de puxirum a reunião das famílias para trabalhar no roçado de uma família, a qual no final oferece um almoço para quem fez parte do trabalho coletivo. É assim que eu estou chamando os trabalhos para a construção da narrativa do Joabi, pois desde o início foi um trabalho coletivo entre parentes. Quem me levou até o Joabi e me auxiliou na filmagem da entrevista foi o Daniel Parintintin e depois, além do processo colaborativo que se dá em História Oral, houve um fazer entre o Joabi Mura que se colocou a narrar, eu que sou Mura que me coloquei a escutar e o Daniel Parintintin que estava ali sendo o meu condutor até os Mura de Humaitá e contribuiu na operacionalização da filmadora enquanto eu realizei a entrevista.

Havia planejado uma ida ao município de Humaitá para procurar algumas instituições, como cartórios antigos e a arquidiocese para verificar se tinha alguma documentação em seus arquivos sobre a ocupação dos Mura no rio Madeira. Tendo em vista que na redefinição do campo de pesquisa achei necessário entender um pouco o processo de ocupação desse povo que teve o rio Madeira como território tradicional e resistiu ao avanço das frentes colonizadoras via rio Madeira até quando viram que sua gente estava prestes a ser aniquilada, pelos colonizadores da Amazônia.A partir dessa redefinição passei a buscar a memória de ocupação desse rio onde se formaram as comunidades que surgiram de seringais constituídos às suas margens.

Um dia antes de viajar para Humaitá liguei para um amigo que é professor de ciências sociais no campus da Universidade Federal do Amazonas em Humaitá e na época era vice-coordenador do Núcleo de Estudos Afro e Indígena da Amazônia. Falei do meu interesse de pesquisa. Para minha surpresa seu núcleo de estudo estava desenvolvendo um projeto de pesquisa com povos indígenas que vivem na cidade e haviam localizado uma família Mura.

Eu tinha a informação da existência de alguns Mura na cidade de Humaitá e até havia conseguido o contato com um amigo indígena de alguém que poderia me levar até eles, mas ainda era uma coisa que estava muito distante de mim. Com a conversa com meu amigo professor, senti as possibilidades de encontrá-los mais palpáveis e acertei de encontrar com um indígena no núcleo de estudos. Segui viagem entusiasmada com esse encontro.

Chegando a Humaitá, no dia 19 de novembro de 2012, procurei o campus antigo da UFAM onde fica o Núcleo de Estudos Afro e Indígena. Estando lá meu amigo entrou em contato com Daniel Parintintin que fazia graduação em pedagogia na UFAM por meio de um convênio com a prefeitura e o campus da Universidade Federal do Amazonas, e também era colaborador do projeto de indígenas na cidade. No encontro com Daniel Parintintinele me identificou logo como indígena, após sermos apresentados um ao outro, a primeira coisa que ele perguntou foi se eu era parente, eu sorri e disse que sim, ele perguntou de qual etnia eu era, então, tive que explicar minha identificação indígena e minhas deduções de descendência Mura por parte de pai e Munduruku por parte de mãe. Eu sempre fazia essas explicações antes de me assumir politicamente como Mura sem negar as possibilidades das ascendências Munduruku.

Eu diria que o Daniel Parintintin me identificou como parente desde o momento que me viu, e por isso mesmo que naquele momento eu não tenha tido como dizer qual meu povo, sem antes fazer as explicações referentes a minha descendência, ele de imediato passou a me ver como parente. Combinamos de ir até a casa da família Mura no outro dia pela manhã.

Conforme combinamos cheguei ao outro dia às oito da manhã no mesmo núcleo de estudos que nos encontramos no dia anterior, chegando lá todas as operadoras telefônicas estavam fora do ar e não consegui me comunicar com Daniel Parintintin, para dizer que eu tinha chegado no local combinado. Fiquei preocupada de ele não ir, pois ele era na época presidente da associação indígena lá de Humaitá e poderia ter de resolver algo que aparecesse de urgente, após meia hora ele chegou.

Chegamos em frente à casa da família Mura e o Daniel Parintintin foi adentrando devagar no quintal um pouco acidentado. Em frente ao terreno passa a rua asfaltada, no canto direito há uma tarberninha, mas não tinha ninguém, e do lado esquerdo estava sendo construída uma casa. A casa onde moravam fica na parte de baixo do terreno, onde é plaino. Antes de chegar à casa maior, no canto direito tem uma casinha que depois fiquei sabendo que era do pai do Joabi Mura. Descemos um pouco

mais o barranco e Daniel bateu palma, ninguém apareceu, então, Daniel desceu mais um pouco e chamou por Joabi, ele respondeu e disse que era para descermos.

Entramos na casa de madeira, passamos pela sala e fomos direto para a cozinha onde Joabi Mura, que eu ainda não conhecia, estava sentado à beira de uma mesa trabalhando com o notebook. Parou o que estava fazendo e nos recebeu. Daniel me apresentou a ele como parente, ou seja, como indígena. Explicou que eu queria falar com um Mura, Joabi sorriu. Comecei a falar do meu interesse de pesquisa, ele pediu só um tempinho para ver se tinha salvado o currículo dele que estava fazendo. Depois voltou a conversar conosco.

Um dia antes da entrevista, numa conversa rápida fiquei surpresa por Joabi ser evangélico e, ainda assim, manter as histórias da pajelança na sua memória, ainda que a religião impeça que ela permaneça sendo praticada. O dilema estava posto, ele mantinha a memória de pajelança do bisavô, mas por ser doutrinado entende que ela não pode mais ser praticada, embora faça questão de frisar que acredita que o bisavô era encantado e que ele era um pajé do bem. Ao chegar até a cozinha onde fomos convidados para sentar e conversar vi a bíblia aberta ao lado do notebook e fiquei me perguntando qual seria o grau das interferências da doutrinação cristã em sua cultura.

Quando perguntei se ele poderia me dar uma entrevista gravada ele disse que não sabia se podia, porque ele teria que falar primeiro com o pai dele, mas seu pai que é o cacique tinha saído para resolver problemas referente a sua aposentadoria. Ele concordou que eu voltasse à tarde para ver se seu pai já tinha chegado. Perguntei se eu poderia gravar e filmar a entrevista na parte da tarde, expliquei os procedimentos da entrevista, da produção da narrativa e conferência onde eles poderiam acrescentar ou retirar algo, autorizar ou não o uso da entrevista. Ele disse que sabia como funciona, porque ele e Daniel fazem parte da direção de uma organização indígena e, por isso, já sabem lidar com essas coisas burocráticas. Estando tudo entendido entre nós nos despedimos e acertamos de voltar às três horas da tarde.

No horário combinado eu e o Daniel Parintintin chegamos e o Joabi Mura estava com a bermuda e camiseta do trabalho. O cacique ainda não tinha chegado, mas diante da explicação dos procedimentos que deixou claro meu compromisso de voltar para a conferência, Joabi Mura concedeu a entrevista que foi feita no quintal em frente à casinha do seu pai. Foi uma conversa descontraída, livre. Daniel Parintintin filmou e eu conduzi a entrevista de forma aberta deixando que Joabi Mura falasse livremente até dar por encerrado o seu eixo narrativo, a partir daí fiz uma pergunta aberta sobre a infância

que sugestionou a recordação do tempo de criança no contexto da vida de sua comunidade familiar que me levou a instigá-lo a falar mais. Na parte final da entrevista passei a trocar ideias sobre estigmas dados aos indígenas, senti que estávamos ali de igual pra igual numa produção coletiva de um fazer indígena, me senti indígena junto com eles. Percebi que se sentiram parte do que estava sendo produzido. Neste dia meu pensamento foi de não querer perder esse foco do olhar indígena no decorrer da pesquisa.

Na despedida o Joabi Mura me convidou para ir até a sua aldeia, eu disse que ia só se me aceitassem como Mura, ele respondeu: “Você já foi aceita”. Abraçamo-nos amigavelmente, senti que naquele dia nascia uma parceria. Antes de ir embora tirei foto de seus filhos brincando de bola no quintal. Tiramos fotos para marcar nosso primeiro encontro. Despedimo-nos todos com o sorriso no rosto de identificação e satisfação com o nosso puxirum.

Fiz duas conferências da narrativa do Joabi, a primeira dia 17 de maio de 2013 a qual foi para além da leitura da narrativa, comecei com alguns pontos que queria retomar com ele como a questão da sua visão sobre a entrada da igreja nas aldeias, tendo em vista que ele apresentou na sua entrevista uma visão crítica sobre a catequização da igreja católica como fator negativo para os povos indígenas. Eu queria entender como ele consegue distinguir o papel da igreja católica no passado e o da igreja evangélica no presente. Essa provocação gerou uma longa conversa e troca de ideias, entre eu, ele e seu pai que chegou quando estávamos conversando. Passei o dia com eles, após a troca de ideias sobre o papel da igreja e as políticas governamentais voltadas para os povos indígenas, retomei aos pontos que não foram entendidos na transcrição da entrevista. Toda a discussão foi inserida posteriormente de forma transcrita na narrativa.

Ao encerrar essa primeira conferência da entrevista com o Joabi seu pai ao entrar na conversa foi falando sobre os conflitos que ele presenciou dos castanheiros com os Juma, povo indígena reduzido a uma família após fortes confrontos com não indígenas intensificados com as frentes extrativistas. Naquele dia mesmo gravei uma entrevista com ele.

Almocei junto com a família presente na casa do Joabi, ele, seu pai, a esposa, seus filhos, a irmã e sobrinha. Com a presença da visita de um Tenharin. Fiquei junto com eles até aproximadamente umas quatro da tarde.

Após o encontro para a conferência da entrevista com o Joabi, tive o encontro com toda família Mura em 2013, no meio do ano, na festa tradicional dos Tenharin, a convite do Joabi para presenciar o casamento da sobrinha e da prima que casaram com noivos não indígenas no ritual tradicional dos Tenharin. Também nos encontramos no encontro de povos indígenas de Rondônia, Sul do Amazonas e Noroeste de Mato Grosso, no mês de outubro de 2013, mas o que fez nos aproximar mais e nos tornar uma família foi a ação etnocêntrica contra os Tenharin em dezembro de 2013 em Humaitá, devido à culpabilização dada aos Tenharin pelo desaparecimento de três não indígenas na transamazônica. Isso gerou uma ação de ódio numa parcela populacional de não indígenas contra os indígenas que se encontravam na cidade de Humaitá, independente de serem Tenharin ou não, caso que repercutiu na mídia oficial e em alguns blogs de maneira etnocêntrica contra os Tenharin, mas que afetou os demais povos da cidade de Humaitá e dos territórios próximos.

Nesse contexto de conflitos, a família Mura se sentiu insegura na cidade e sem apoio institucional, pois a sede da FUNAI tinha sido desestruturada com os ataques. Foi quando resolvemos, eu, mais três aliados ir até Humaitá e deslocá-los para a localidade segura, uma parte junto ao pai Nelson Mura e a outra parte junto a mãe que vive em outra área, pois ela e seu Nelson Mura são separados.

Eu não me encontrei com o Daniel Parintintin quando fui fazer a conferência da entrevista com o Joabi, a informação que o professor que coordenava o projeto de indígenas na cidade de Humaitá com o qual ele colaborava, foi que ele havia desistido do curso de pedagogia que estava cursando na época e que ele não tinha aparecido mais. Na época que ele me levou até os Mura havia me dito que estava com dificuldade de acompanhar o curso, pois os professores depois dos encontros presenciais não davam continuidade na orientação dos estudos. Depois no meio do ano quando fui ao território dos Tenharin para a festa tradicional eu o encontrei na aldeia do cacique Domingos Tenharin. Ele estava trabalhando de brigadista. Tinha uma equipe atuando lá na aldeia, dessa equipe a Ester Mura, filha do seu Nelson Mura, também estava fazendo parte. Os brigadistas são contratados temporariamente pelo ICMBIO – Instituto Chico Mendes para a Biodiversidade, para atuar em áreas de risco de incêndio na prevenção e no combate durante o verão, quando ocorrem muitas queimadas na Amazônia e que, às vezes, precisam ser controladas. Ficamos felizes em nos revermos, mas conversamos pouco, porque minha visita nessa aldeia foi rápida e eu ia voltar para a outra aldeia onde estava acontecendo a festa tradicional.

Daniel Parintintin deu início ao puxirum e eu junto com as famílias Mura demos continuidade, aos poucos fui inserida na família e na comunidade Mura.

Na segunda conferência, em março de 2015, a família do Joabi estava abrigada na casa de sua mãe em Humaitá, pois sua casa havia sido atingida com a inundação de 2014. Quando cheguei toda família ficou feliz, foi um encontro familiar. A conferência se deu entre 15:00 às 19:00 horas, envolvendo leitura da narrativa, café, conversas com os demais da família, descontração e articulação política.

Em setembro de 2015 encontrei mais uma vez a família do Joabi, fui convidada para almoçar com eles, nesse almoço estava o segundo cacique, seu Raimundo Mura, irmão do seu Nelson Mura. Depois do almoço, Joabi Mura convidou-me para ir à conferência indigenista realizada pela FUNAI com a participação da articulação indígena. Essas conferências a nível local e regional aconteceram no período do meio do ano a novembro, a regional envolvendo uma parte do sul do Amazonas, onde estão incluídos os Mura, iria acontecer em outubro de 2015 em Lábria, mas não pude ir, houve também ade nível federal em Brasília, mas também não consegui ir, fui apenas um dia na que estava acontecendo em Porto Velho com os Povos Indígenas de Rondônia no mês de outubro.

Nesse dia do almoço na casa do Joabi ele mostrou-me a borduna e o arco e flecha que ele havia confeccionado para levar para as conferências, ganhei dele um cocar de pena de curuiquinha, fizemos o registro eu, ele e seu Raimundo do nosso encontro, depois eles me perguntaram se eu poderia fazer parte da associação do Povo Mura do Itaparanã, eu disse a eles que ainda não era possível, pois precisava primeiro terminar de escrever a tese de doutorado, eles concordaram e perguntaram-me: “Mas depois da tese?” Eu respondi que depois da tese iremos conversar. Ficou indicado nesse encontro a necessidade do meu envolvimento maior nas articulações políticas junto a comunidade do Itaparanã.

5.2 JOABI MURA

O nome que recebeu foi Joabi Ferreira Belém... Belém é o sobrenome que foi dado ao seu pai e Ferreira dado a sua mãe. Ferreira foi um erro do cartório e Belém pode ter sido dado por um missionário, mesmo não sabendo a origem desse sobrenome, ele foi o escolhido para identificar o seu clã. Nasceu no ano de 1978,

sua idade em março de 2015, quando foi feita a conferência de sua narrativa, é 36 anos, no papel de liderança política luta pelos direitos de seu povo e como transmissor da sua história reafirma a identidade étnica repassada a seus descendentes. Compartilhar com ele esse momento de afirmação da memória de ocupação dos Mura me fez afirmar-me Mura também.

Nós Mura na realidade começamos a procurar saber como fazer para nos declaramos indígenas recentemente. Agora em 2015 está fazendo quinze anos que aceitamos a identificação Mura...Nós Mura, segundo conta o meu pai, que meu avô contava pra ele e meu bisavô contava para meu avô, somos originários daqui do Madeira mesmo, do rio Juarí e da região de Manicoré... Mas, com a invasão dos espanhóis no sul do Amazonas houve a quase dizimação do povo Mura que morava na Bacia do alto-Madeira e aí meu bisavô migrou! Migrou para o rio Solimões que è hoje onde tem uma concentração grande de Mura ainda e de lá pro rio Purus entrando para o rio Itaparanã que hoje é a onde a gente mora. Essa é a atual localização do povo Mura dessa região aqui. Têm outros parentes nossos também que moram no rio Juarí, região de Manicoré.

Ah... Mas nossa experiência de vida, assim, foi...

A gente cresceu meio na civilização não indígena... Nós não morávamos na aldeia, ficamos assim como aconteceu com a maioria dos povos indígenas. Se repartiram, foram cada um pra um lugar. Tanto que as comunidades Mura hoje são muito pequenas e as terras indígenas são reduzidas, porque elas se repartiram muito. Antigamente eles ocuparam uma região bem grande, mas naquela época ocupavam por aldeias. Hoje são grupos pequenos, como nosso grupo que é de oito famílias.

A gente cresceu no meio da sociedade não indígena... Assim na sociedade do branco não conhecendo muito a nossa cultura, as nossas tradições, a gente conhecia pelo que meu avô e meu pai contavam...Sabemos do que meu avô contava para meu pai de como fazia ritual, porque meu Tataravô era pajé... E, por isso, a gente cresceu sabendo dos rituais. Inclusive, quando eu era pequeno, às vezes, eu passava por um ritual feito para as crianças que cometiam alguma coisa que não podia... Esse ritual que a gente praticava era chamado ritual Gurugel. Era Gurugel o nome do ritual que era tipo uma punição às crianças que eram desobedientes. Ele deixou de ser feito eu acho que há uns 15 anos. Ele era o terror das crianças, lembro que ainda participei dum, fico rindo agora que estou contando, mas ele causava muito medo mesmo...

Era os parentes nossos lá de Tapauá que faziam. Eu era criança, quando nós estávamos de passagem por lá. Eu fiquei muito com medo, mas depois eu descobri que não era nada de sobrenatural, era eles que se vestiam igual um gorila... Um macaco... Tinha um rapaz que se vestia de uma roupa de macaco, uma roupa que eles fizeram que parecia um macaco. E aí ele aterrorizava as crianças, eles tipo encenavam. Era um ritual para amedrontar as crianças desobedientes. Era tudo combinado, eles faziam uns barulhos feios lá... Uns esturros né, aí o pessoal já estava esperando e falavam que estava chegando o gurugel que ia punir as crianças. Aí ficava aquela choradeira e as mães abraçavam os filhos. Todo mundo entrava na cena. Os homens saíam das casas ficavam só as mulheres com as crianças. E era uma gritaria lá pra fora, era tipo um combate, ninguém via só escutava a gritaria. Aí eles falavam que tinham vencido o combate e o bicho tinha ido embora. Quando acaba, depois que a gente descobriu que nem era. Na realidade era mais um ritual meio folclórico. Na realidade todo ritual é assim, é uma representação cênica, não envolve mais o lado espiritual como era os rituais de pajelança do meu bisa avô.

Eu soube que eles faziam esse ritual todo ano, mas pra nós ter o conhecimento de que era uma brincadeira cultural, foi só depois de adulto. Era tipo assim, o pessoal tem uma comemoração no final de ano e faziam algo pra punir a desobediência das crianças toda aquela data, assim, de final de ano, não tinha data certa quando que vinha, mais todo ano vinha. Era assim que eles falavam... Mas quando eu era criança, eu achava que era o espírito da floresta que vinha e tentava levar as crianças, mas na realidade, não era. Não sei se com os ancestrais acontecia isso, daquele jeito. Meu pai conta que meu avô contava pra ele que vinham bichos da floresta durante o ritual de pajelança feito pelo meu tataravô, mas eu nunca tive a experiência, só experiência, assim como essa, do gurugel.

Nós crescemos ouvindo as histórias que foram repassadas desde o meu tataravô até o meu pai, mas foi ao rumo de 1999 que procuramos a FUNAI e ela foi lá à nossa comunidade. Após, esse contato com a FUNAI foi que pela primeira vez, assim, que a gente decidiu assumir mesmo, como é que se diz? A identidade indígena. A gente sabia que era indígena, falava que era, mas não lutávamos pelos nossos direitos, não buscava melhoria pra comunidade. A gente achava que se assumir como indígena ia tirar nossa independência. Porque a gente se acostumou a viver da maneira que o não indígena vive, de forma independente, mas isso causou muitos problemas, porque aconteceu a evasão da comunidade, muitas pessoas

migraram para a cidade aí ficou com menos pessoas ainda. Repartimo-nos, uma parte dos nossos parentes saiu do rio Itaparanã e foi morar lá na boca do rio Ipixuna pegando o rio Purus, mas já na boca do Ipixuna, no município de Tapauá. Também teve muitas doenças epidemiológicas, como malária e outras que causaram muitos óbitos. Aí depois de 2000 pra frente a gente começou conhecer a política indígena, como funcionava, quais eram nossos direitos. Mais até hoje, dez anos depois, ainda é meio difícil a gente aceitar algumas coisas da maneira que funciona o movimento indígena, porque não estávamos acostumados. Mesmo que a gente saiba que é o melhor para os povos indígenas, existe uma barreira bem grande ainda pela parte de alguns parentes.

Com o conflito que teve dos espanhóis e dos nossos parentes Munduruku, com nossos ancestrais que eram os habitantes pioneiros da região aqui, houve a saída das suas terras de origem. Saíram da terra tradicional, a qual, hoje é ocupada por mais populações indígenas que naquela época não eram existentes. Estes moravam mais longe, chegaram já muito depois quando havia quase acontecido a dizimação dos povos indígenas da região, que era o povo Mura da região do sul do Amazonas, mas, assim, hoje a gente tem um modo de vida totalmente diferente. A gente luta em busca do resgate cultural da nossa língua que não falamos mais. A gente nem conhece mais a nossa língua, são poucos que ouvimos dizer que conhece a língua dos Mura; que a gente saiba nenhum fala, não conhece o idioma, porque com esse contato foram ficando aculturados, foram deixando os costumes tradicionais e passando para uma cultura não-indígena, e aí foi mudando e perdendo muitas coisas que hoje a gente não pratica, mas algumas coisas ainda ficou. Alguns costumes, algumas práticas, como o artesanato, construção de canoas que naquela época era chamada de ubá. Isso ainda ficou; só fez evoluir e agora a gente já faz canoa parecida com a do não indígena. Antigamente a gente era mais rustico e agora melhorou muito... Agora a gente tenta é conciliar os costumes tradicionais da comunidade com os conhecimentos tecnológicos e científicos da sociedade não indígena. Estamos lutando pela nossa terra que ainda não é demarcada e esperamos que consigamos o mais breve possível...

Muitos parentes nossos se repartiram. Alguns moram na cidade, outros, moram na aldeia e tem os que moram pra outros lugares do interior também, assim, na área rural, mas a gente tem tentado sobreviver. É muito difícil, só basta ver a história do povo Mura, quem conhece sabe que foi uma história só de sofrimentos,

de grandes guerreiros que lutaram até o último para conseguir sobreviver numa sociedade que impôs sua cultura aos povos indígenas, com doenças, com costumes diferentes, chegando ao ponto de o povo indígena ter que se render para poder sobreviver. Não foi fácil, mas a sobrevivência do povo indígena Mura dependeu muito dessa rendição, dessa maneira de aceitar a cultura e procurar outras regiões pra viver, porque, senão, hoje não existiria Povo. Nem iam ouvir falar de nós Mura.

Depois de tudo que passamos a gente vai lutar pelos nossos direitos, tentar melhorar para nosso povo desenvolver em nossa comunidade com atividades voltadas à cultura indígena mesmo... Sempre visando à preservação, como extrativismo vegetal que é o buriti, o açaí, a castanha, a andiroba e a copaíba. Voltar esses costumes que além de gerar renda não degrada o meio ambiente, não destrói. Meus parentes gostam e visam essa forma de desenvolvimento. Sempre meu pai fala muito sobre preservação! Preservação! E, às vezes, eu fico até brincando com ele, mas eu sei que é assim mesmo que a gente tem que fazer. Temos que preservar para poder no amanhã a gente ter um futuro...Porque hoje eu estava olhando como já está aparecendo as consequências causadas pela devastação da natureza. Quando eu estava na aldeia esses dias... Lá onde a minha mãe mora o poço que nunca tinha secado, secou. Os igarapés estão secos, tem uns que nunca chegaram a vasão de água e agora a água fica só escorrendo, só aquela trilhazinha pequena. Nunca chegou a esse ponto, e a gente fala assim: - Ah! Que na Amazônia nunca vai acabar a água... Mas só basta ver hoje nas regiões que a gente morava a dez anos atrás, a cinco anos atrás mesmo, como é que já tá o ambiente, como é que tá o nosso clima, como é que tá o impacto causado pela invasão do homem branco na floresta. A destruição da floresta tem causado muitos problemas e nossos filhos e nossos netos é que vão sofrer o impacto de frente. Essas mudanças no meio ambiente, agora nos últimos anos aumentaram, mas ao invés de secar encheu foi demais. Essa é uma das razões que mais tem feito a gente lutar pela nossa terra. Para garantir o futuro do nosso povo, para não chegar a acabar; ser extinto mesmo ou perder a identidade e se misturar realmente...Porque se acabar a identidade indígena só vão lembrar como se fosse uma lenda a existência do povo Mura do sul do Amazonas, do alto-Madeira.

Hoje os lugares onde vivem os Mura que eu conheço são aqui em Humaitá, sul do Amazonas, Manicoré que é médio-Madeira, Manacapuru, Iranduba e Cacau Pereira. Esses lugares todos são habitados por Mura... O Iranduba já é no rio Negro, quase em frente à Manaus, aí tem o Novo Airão que fica cento e sessenta

quilômetros de Manaus, mas é no município de Manacapuru que a maioria da população que habita lá, é indígena, e de descendência Mura, os costumes lá, a maneira de o pessoal falar, a forma que valorizam a cultura, é um exemplo de como deveria ser as cidades que se originaram de Povos Indígenas. Eu acho que Humaitá e os outros municípios deveriam copiar a maneira que eles vivem, porque eles respeitam a origem. Eles divulgam a origem indígena na sala de aula, no ensino fundamental, eles ensinam a história do povo indígena. A cartilha de ensinamento é tudo baseada na história do município mesmo, que é a história do povo Mura, a origem dos Mura, como eles chegaram... Muitos antropólogos acreditam que os Mura migraram até da Colômbia, da Bolívia, que era tão grande a nação dos Mura que eles habitavam não só a foz do Madeira, mas também ultrapassavam os limites do nosso país, muitos acreditam assim, né, eu não duvido, porque como se relata, nós éramos muitos. Pena que a gente não pode contar sobre os outros lugares que os Mura habitaram, porque a gente só sabe contar do lugar de onde a gente veio, da onde a gente morava, do avô, da avó. E assim, não tinha como contar quantos era, mas estima-se que fossem muitos... Muitos indígenas mesmo, mais de dez mil a população que morava no Madeira...

Nessa região do Madeira, que hoje é Porto Velho já em Rondônia eu ainda não ouvi dizer que tinha Mura. Que eu conheço são só os Mura que habitavam a região de Manicoré, na região do Humaitá, no rio Novo Aripuanã. De Madeirinha pra cima era tudo habitação dos Mura e Muduruku. Nessa época, eles brigavam mesmo um com o outro por causa de território. A população era grande, as duas populações eram grandes, na realidade, cada um queria mais espaço, e aí ficava aquele atrito que eu acho que nem precisava ter essa guerra toda, porque é muito grande a região. Hoje se mora só no município de Humaitá mais de cinquenta mil habitantes e o pessoal não briga por causa de terra... Quer dizer, tem alguns que brigam. Naquela época era meio diferente, um não podia pescar na área que era do outro que já tinha guerra. Mas dessa habitação dos Mura na região de Porto Velho eu não conheço não. Já conheço, assim, que era os Karipuna o povo que era o mais antigo lá, até que eles ficaram muito conhecidos na minissérie Med Maria, porque foram eles que tiveram mais atrito ali com o pessoal que tava fazendo a ferrovia, a estrada de ferro... Nem os Karitiana eu não ouvi falar... Dos Karipuna e os Cassupá que eu ouvi falar mais, aí depois que eu soube dos Cinta-Larga, os Uru- Weu- Wau- Wau, os Karitiana, tem também os Arara que são de Rondônia, mas eu nunca tinha

ouvido falar, assim, de que tinha Mura pra lá, mais como os antropólogos falam que veio Mura até do Peru e da Colômbia... Acho que habitavam o rio inteiro.

Então é isso aí um pouco da experiência do povo Mura, o que eu tinha para dizer era isso. Eu sou Joabi Mura, sou filho do Cacique Nelson Mura e a gente já mora nessa região do Humaitá já bastante tempo... Lá onde é a nossa aldeia mesmo antes de sair a estrada nós já estávamos lá, mas a estrada saiu a pouco tempo e nós... Eu falo nós, porque foi meu povo, mas eu ainda era muito pequeno quando aconteceu a dizimação dos parentes que viviam próximos a nossa região de onde a gente mora... Nós ficávamos no mesmo rio dos Juma e fomos meio como testemunha do que aconteceu ali com os parentes Juma por causa da construção da BR 230, sentido Humaitá-Lábria, é a mesma Trans Amazônica, que causou quase a dizimação deles e agora estão restituindo a família novamente.

Esse lugar que eu vivia quando eu era criança faz parte do nosso território que tá pra demarcar. Ele faz parte do limite de demarcação, toda a região; tem cemitérios, tem onde foi enterrada irmã minha e também onde foram enterrados parentes meus, primos, parentes próximos que foi enterrado lá, os castanhais por onde trabalhávamos e até hoje a família ainda cultiva, uns estão lá em Tapauá, junto com meus irmãos que moram pra lá, toda a área que a gente sempre andou, sempre viveu a vida inteira lá está incluído no processo de identificação para a demarcação. Uma luta grande porque a gente não briga só com o governo pra demarcar, mas sim, com as pessoas que entram no nosso território. Tem os conflitos com fazendeiros que, às vezes, chega a entrar no território, mas, uma coisa que é muito interessante que está acontecendo com a gente, é que quase não tem fazendeiro perto da nossa área a ser demarcada. Tem apenas dois fazendeiros lá perto que ficam na beira da estrada, mas nem vai pegara terra deles, porque tem a área de conservação entre nosso território e as fazendas, e isso evitou muito a invasão de mais madeireiros, porque teve uma época que invadiram tudo, mas depois abandonaram, pois, viram que não dava muito lucro, porque além da estrada ser dificultosa o Ibama estava pegando muito em cima. É isso, ajudou a gente porque quanto menos conflito tiver melhor é para identificação da nossa terra, mas a área maior que estamos reivindicando não tem conflito, nem tem morador, só é mesmo o rio que os pescadores e caçadores entram, o que é uma coisa que a gente já tentou barrar mais a gente não quis dar de frente mesmo ainda, mas precisamos fazer isso, porque já

sentimos muito a diferença do rio, a escassez do peixe, a própria caça, do que era pro que é hoje.

Nós daqui do Itaparnã estamos lutando pela demarcação da terra, mas assim, sabe o que a gente ver... Eu to até falando com o papai sobre isso... A gente viu que houve uma freada na solicitação de demarcação de terras e a gente ta até querendo mandar pra Brasília um documento. A gente quer alguém que possa nos apoiar, porque como evadiu muito lá na aldeia a gente ficou meio preocupado com a questão de o pessoal vim pra iniciar as conversas para a demarcação da nossa terra e achar que não tem como fazer uma justificativa suficiente pra demarcar a terra. Nos estamos lutando para que nossos parentes lá de Tapauávenham, até eles vinham, minha irmã vinha pra morar com o marido, minha outra irmã que tem uma família bem grande também vinha. Eles querem vim pra resolver tirar o documento indígena deles que eles não tem. Nós estamos querendo criar melhores condições para as famílias ficarem na aldeia para garantir que quando vierem fazer o laudo dê certo, porque se tiver poucas famílias na aldeia pode ser que não achem justificativa para demarcar a terra aí gente ainda vai ter que esperar por vários anos até que abra outro processo.

Então nós estamos querendo lutar pra incentivar as famílias na aldeia, né, dar apoio pra eles, porque tem uns lá, seis, sete, oito famílias fixas, aí estamos querendo que essas famílias tenham estrutura pra ficar na aldeia, porque se for a equipe pra fazer a demarcação, porque hoje se cinco família for pra cidade resolver alguma coisa, fica pouca gente na aldeia, por exemplo, se o papai sai e meus tios também pra resolver alguma coisa na cidade aí não fica quase ninguém. Das famílias que estão na aldeia, só o meu outro tio que quase não sai, aí, tem também os Apurinã que moram lá, mas não é os Apurinã que estão reivindicando a terra, é o Mura aí se o pessoal que faz o laudo forem lá e chegar lá estão só os Apurinã daí atrapalha, porque tudo isso vai pro laudo. Eles vão registrar “Não, chegamos lá não tinha ninguém, encontramos uma ou duas famílias lá”. Isso daí eu acho que prejudica a gente. Por isso, que nós precisamos ter apoio para melhorar as condições lá da aldeia para as famílias não precisarem sair da aldeia pra vim para a cidade.

Eu tive orientação de um rapaz de uma ONG aí que luta pra demarcação, ele falou pra gente que se a terra não pegar área de conflito é muito melhor. Aí a gente viu que no nosso documento nós fomos orientados a colocar todos os conflitos que tinha, aí colocamos. Nós estávamos ameaçados e mesmo sem documentos nós

colocamos que os madeireiros tinham invadido lá, e tinham mesmo, mas já tinham ido embora, e tinha mesmo, então, vai ver que é por isso, que nenhum da equipe da antropologia queria vim pra cá, por medo de conflito, medo do varejo querer matar eles, medo de ter problemas sérios lá, porque os recursos que eles pagam, pelo que me informaram, é pouco e em área de conflito não é qualquer um antropólogo que aceita, entendeu.

A identificação quanto menos atritos tiver é mais fácil das terras sair, porque? Porque a equipe de antropologia vai lá, né, e quando chega faz o levantamento antropológico. Por isso, temos que garantir a permanência das famílias Mura na área, senão o pessoal lá dos fazendeiros vão lá na hora de fazer o levantamento e consegue o documento comprovando que morava lá tempo antes, isso é mentira, mas só que sabe como é hoje, conseguem documento, né. Porque apareceu um cara lá que conseguiu o documento daquela terra tudinho, aí fala que era herança de família, eu disse - Que herança? A gente mora aqui desde que abriu essa estrada e nunca vi teu parente aqui morando, alguém aqui, como tem alguém aqui que é teu parente, como é? Ainda bem que ele foi embora, não deu certo não. Lá tem muita gente que vendeu as terras. Bastante gente vendeu e bastante gente compraram, gente que tava grilando nossa terra ... O pessoal que comprou que perdeu. Mas essa demora de vim a equipe para fazer o estudo da demarcação tá deixando a gente preocupado... Porque tá chegando gente querendo ocupar nossa área.

A nossa área a ser demarcada fica na Br 230, sentido Humaitá-Lábrea, no quilometro noventa. Lá no rio Itaparanã. O nome da aldeia foi dado por causa do rio Itaparanã e a terra também vai ter o mesmo nome, se for demarcada, quando for demarcada, que vai ser! Na verdade, o nome do rio Itaparanã é rio das Pedras, porque Ita é pedra em tupi, acho que foi os Juma que deram esse nome, porque tem muitas pedras, corredeiras e cachoeiras no rio.

Na época que eu era criança eu não sabia que era Mura o papai sempre comentava que a gente era indígena, mas ele nunca era de conversar muito e também naquele tempo, pelo o que eu lembro e pelo o que vejo hoje, se falassem que a gente era indígena era de forma negativa e para nós era vergonhoso, e por isso, a gente tentava não comentar sobre o assunto. Eu sempre fui assim, tinha vergonha de dizer que era indígena. Nós até ficava brincando um com o outro, mangando, chamando pro outro de índio, mas, assim, nós não tinha conhecimento...Eu nem

sabia direito que era indígena, não tinha certeza de que origem a gente era. Depois ao longo dos anos que a gente foi tendo conhecimento, meu pai foi falando mais e aí que a gente chegou, a saber, a nossa origem, porque meu avô tinha contado pro meu pai e depois meu pai contou pra nós...

Eu cresci mesmo na minha aldeia... Lá e aqui, depois dos oito anos eu vim para a cidade, ficava um ano aqui, passava um tempo lá, tanto que atrasou e muito os meus estudos porque eu ficava muito tempo pra lá e pra cá, e naquele tempo era muito difícil né? Não tinha escola na minha comunidade, teve uma vez que minha mãe conseguiu escola pra lá, mas a gente tinha que levar o material a pé daqui a 90 km... Aconteceu isso, da minha mãe carregar livros e cadernos na cabeça, isso ela sempre conta, mas foi uma infância, que eu considero muito boa, porque eu gosto muito de tá lá na floresta, no mato, no rio, pescando... Eu sempre fico um tempo por lá, agora, estes tempos que estou aqui, mas quando estou lá eu não tenho vontade de vim pra casa, porque fico lembrando a época que a gente era criança, da época difícil que a gente passou, e, ao mesmo tempo boa, porque eu fazia coisas que eu gostava. Mas era muito difícil porque foi feita a estrada e nós ficamos já na beira da estrada mesmo... Foi muito difícil pra gente... Moramos um tempo em Lábrea também, passamos um tempo lá e depois voltamos para a aldeia e ficamos sempre assim: - A gente ficava no mato e na cidade... Depois que foi o tempo pra estudar mesmo foi que a minha mãe ficou mais na cidade que lá na aldeia, meu pai que ficava direto. Mas nesse tempo lá ainda não era considerada comunidade indígena, nós só morávamos lá com a família e depois uns foram indo embora para a boca do rio Ipixuna, e era muita dificuldade com as doenças da malária, eu tive muita malária, quase morri várias vezes, assim, de malária, mas depois a gente conseguiu superar e passou o tempo e nós não pegamos mais malária. Parece que cura realmente, mas a gente sofreu viu. Essa foi a parte ruim da minha infância, o que eu tenho de bom dessa época são só as experiências da floresta mesmo, da aldeia...

La onde eu morava quando eu era criança nunca teve muita criança. Tinha crianças mais não morava no mesmo lugar, quer dizer, morava no mesmo lugar, mas em localidades diferentes, por exemplo: A gente morava num lugar aí outro morava mais embaixo, meia hora no rio, outro num determinado quilometro na estrada, mas sempre era bem povoado. Eu tenho um tio que, se eu não me engano, ele tem doze filhos, crescemos tudo junto, a gente brincava muito de caçar, de pescar, de imitar bicho, esses negócios, era muito legal, chega eu dou risada de alegria quando me

lembro dessas coisas. Eu lembro como uma época muito boa. A gente ficava esperando chegar o sábado... Porque meu pai sempre ia com a gente nuns parentes nossos que a gente tinha e voltava só no domingo. Eu ficava esperando a semana inteirinha pra chegar o sábado pra ficar com meus primos, a gente ficava lá o dia todinho tomando banho no rio, brincando, correndo, só a turma que era pequena né. E era bem legal, mas nunca foi, assim, de morarmos próximo, só em épocas da castanha, que aí se juntava todo mundo pra ir pros castanhais. Aí faziam aquele monte de tapiri pra gente se abrigar provisoriamente, era quando ficava todo mundo lá, mas morar assim em comunidade tudo junto, na época de criança, nunca aconteceu... Que eu lembre não. O pessoal sempre trabalhou com extrativismo, meu pai e nós junto com ele ficava muito em localidades diferentes, separadas e aí se juntava só em época de caçada e em época de trabalhar no extrativismo.

Nessa época que a gente trabalhava com extrativismo nós tínhamos os patrões. Naquele tempo era patrão né, a gente trabalhava mais na sova, não era seringa, era sova e castanha... Quando era a época da castanha, trabalhava na castanha, quando acabava a castanha ia para sova, que, às vezes, durava o verão inteiro, às vezes, não... Depois que acabava a época da castanha e da sova a gente cultivava a roça só para comer mesmo, a farinha produzida nunca foi para comercializar, sempre foi assim, agora que de uns tempos pra cá que foi mudando a visão de fazer farinha para sobreviver, para vender, mas antigamente não tinha essa visão, só era para comer mesmo. Tudo era para comer. A caçada era para comer, até a produção do extrativismo era só para comprar comida mesmo.

Vivíamos como extrativistas e nem lembro bem como começaram a querer a descobrir de qual etnia nós erámos. Eu não lembro direito essa parte. Sei que o papai sempre falou que nós erámos Mura, lembro que a gente teve contato com a FUNAI. Ela esteve lá com a gente, conversou, esclareceu, se não me falhe a memória, ainda não perguntei para o meu pai sobre isso, mas quando ele falou que nos erámos indígenas mesmo, ele já se declarou Mura, mas, se eu não me engano, a confirmação foi com os parentes nossos que tinha lá pro Juarí, porque meu avô era de lá do Juarí... Aí o pessoal encontrou uns parentes pra lá, acho que foi até o pessoal da FUNAI mesmo que encontrou... Aí só confirmou que o Juarí era o lugar de origem dos Mura. Meu pai sempre contava as historias de lá, e aí foi que ajudou na identificação, mesmo porque eu mesmo não tinha ideia.

Quando a etnia do meu povo foi reconhecida eu tinha uns vinte e dois anos, mais ou menos. Agora eu já tenho trinta e seis. Eu falo para meus filhos que nós somos indígenas. Eu conto pra eles a história do meu bisavô, inclusive, a minha filha sempre me chama e pede pra mim contar de novo as histórias que eu sei do meu bisavô. Mas eu falo que não dá pra contar naquela hora que ela tá pedindo, mas sempre eu conto. Eles ficam interessados em saber, mas tem muitas coisas que não sabem, porque ainda são novos pra saber e aí eu falo que tem que deixar mais pra frente, quando a gente tiver todo mundo reunido ao redor da fogueira, porque contar aqui na cidade não tem graça, falo pra eles. Algumas coisas do meu bisavô, dos costumes que ele fazia meu pai sempre conta também, e eles têm conhecimento e têm orgulho de ser indígena. O pessoal nem acredita quando eles falam que são, acho que levam na brincadeira, não sei, mas alguns acreditam, porque sabem que são meus filhos e bastante gente me conhece e sabe que sou indígena... Mas, se olhar pra eles pensam que não são... Mas eles falam que são. Recentemente nós descobrimos que a mãe deles também é indígena.

Numa reunião com os Mura do Capanã e do Baiêta, depois do encontro dos povos indígenas do Sul do Amazonas, Rondônia e Noroeste de Mato Grosso, que aconteceu aqui em Humaitá em 2013, um parente lá do Baiêta disse que conhece a mãe dos meus filhos. Quando finalizou o encontro nós Mura nos reunimos no barco onde estava os Mura que vieram do Capanã e do Baiêta, lá a gente conversou sobre os lugares por onde nossas famílias haviam passado aí foi quando o cacique lá do Baiêta falou que a mãe da Any, minha esposa, é de lá e que ele é primo dela.

Essa parte das histórias que meu pai contava do tempo do meu Tataravô eu não sei se poso contar, porque não falei com meu pai, mas ele era pajé. Meu Tataravô dominava muitas coisas, ele dominava a arte do encantamento. Hoje o pessoal conhece algumas histórias de lendas, né, mas o meu avô ele constatava e declarava que ele era um encantado, que ele podia se encantar em um animal que era uma cobra, aliás, o que aconteceu foi assim: - Ele ia andando e caiu, aí disse que ia morrer, porque outro feiticeiro tinha matado ele, um outro pajé... E aí ele contou tudo...Foi quando descobriram que ele era encantado, que ele se transformava em uma cobra. Ele nunca dormia na casa dele. Toda noite ele pegava a ubá e ia para uma ilhazinha que tinha no meio do rio Solimões, e lá ele tinha uma ocazinha, ele entrava pra lá e o pessoal ia vê e só estava a canoa encostada e não tinha ninguém. Era pequena a ilha, olhavam e não o encontravam... No outro dia ele chegava

normal, toda noite acontecia isso, ele fazia pajelança, rituais de cura, trazia animais da floresta, nos rituais ele invocava outros animais, todos eles entravam pelo meio do pessoal reunido na oca, e passavam, circulavam e iam embora, todos os animais, onça, cutia, tudo... Meu pai sempre contava isso desde que eu era pequeno. Eu era muito pequeno ele contava essas histórias do meu Tataravô. Ele morreu ainda era novo, porque, às vezes, a gente fala que é velho depois dos 90 anos, por isso, eu digo que ele ainda era um pouco novo... Tanto que meu pai não chegou a conhecer mais ele, só o meu avô que tinha lembranças dele e contava... Tem muitas outras coisas, assim, que eu sei sobre ele, mas eu não sei se eu posso contar sem meu pai autorizar... Mas tem muitas histórias que meu pai conta do meu bisavô. Hoje eu vejo muitas lendas contadas que são parecidas, assim, não da mesma maneira, mas parecidas... Algumas coisas outras não.

Antigamente tinha muitas crenças diferentes, eu não duvido porque eu conheço muita coisa assim espiritual... Por isso, que quando eu conto, conto como se eu acreditasse mesmo, porque eu acredito, porque, às vezes, a gente tem até temor de contar porque acha que as pessoas vão achar que é mentira, mas da maneira que meu pai me contou, assim mesmo eu conto, e conto como aconteceu mesmo... Muita gente não conheceu os pajés tradicionais. Hoje vê só em cinema, mas meu bisavô tinha um domínio espiritual muito grande, se ele falasse que alguém ia morrer, morria, se ele falasse não vai pra tal canto a pessoa não ia. Sempre ele era consultado antes de irem para algum lugar. Tinha aquela consulta e se ele falasse que podia ir, iam, se ele falasse que não, não podiam ir. Para quem têm entendimento na área do sobrenatural sabe que as coisas são meio assim mesmo, às vezes, tem gente que não conhece e não acredita né. Eu entendo assim, hoje a gente não segue mais a cultura de rituais, esses negócios, porque aceitamos a religião que no caso é do não indígena e que vem de Cristo dos judeus. Hoje somos evangélicos e acreditamos totalmente diferente, acreditamos que existe a parte sobrenatural, mas, assim, um sobrenatural que não faça mal pra ninguém, como o meu pai conta do meu Tataravô, eu acredito muito, porque ele não era pajé do mal, feiticeiro do mal, porque toda cultura, todo povo acredita em algo, crê em algo, conhece Deus de várias maneiras, né, como na língua indígena só basta ver as pronúncias do que é falado que é Deus. Cada povo indígena tem um nome para Deus, mas é o mesmo Deus verdadeiro que a gente conhece, que quase todo mundo crê e acredita. Por isso, hoje é diferente, a gente já é evangélico e crê em Cristo, crê em um Deus, crê

na salvação da humanidade por intermédio da fé e estamos vivendo diferente, não tentando buscar os rituais, mas querendo buscar a tradição, mas as tradições mais voltadas para cultura, na parte de costume e artesanato...

È isso aí que eu tinha pra falar a respeito de experiência religiosa, da cultura, da crença, da pajelança, do que a gente aprendeu, porque hoje a história indígena na verdade ela é uma história contada só de boca pra boca, e conforme são contadas muitas coisas mudam, evolui e, às vezes, aumenta, às vezes, diminui, mas nunca finda sendo exata, não é como os outros povos antigos mais tradicionais, aqueles que tinham tudo escrito, como os Maias e outros povos do Oriente, como no caso dos judeus, eles tem a história deles toda escrita, por isso, que hoje a gente sabe da história deles. Na verdade o indígena não tem escrito no idioma a história dos antigos, desde os primeiros antepassados, elas foram passadas oralmente, e isso aí que faz com que mude muito a história, só que quem pode ter toda a certeza é o criador, porque nós mesmos... É meio difícil saber de tudo que aconteceu.

Sobre o papel da igreja no enfraquecimento da cultura indígena, e a questão da política de Estado referente aos Povos indígenas, eu acredito assim... Vou começar pelo governo, pelo Estado. Eu acredito que hoje ainda a política do governo ainda continua querendo tirar a identidade indígena... Aculturar o índio totalmente. O índio é um legítimo brasileiro, mas a política é pra ele se tornar como um cidadão sem nenhum diferenciamento. Eu acho por uma parte, até bom, o índio ser totalmente independente, mas, assim, o que o governo ainda tenta muito fazer é que o próprio índio esqueça o direito dele e esqueça a tradição. Sabe por que eu falo assim? É meio polêmico eu falar, isso, porque, o que hoje a gente ver na mídia, é mostrar aí o povo, a Amazônia em geral como se fosse só índio que andasse nu ainda... Ele só mostra a imagem do índio quando ele está pintado e de cocar. Não mostra a imagem do índio quando ele tá sem a caracterização, porque, lá pra fora eles querem mostrar o índio daquele jeito, mas na realidade não querem que o índio viva dessa maneira. É, eu vejo, assim, dessa maneira, que o governo tem tentado evoluir mesmo pra chegar a um ponto de explorar as riquezas das terras indígenas e tirar os direitos dos povos indígenas... A mineração em terra indígena é o patrimônio do nosso Brasil... O patrimônio indígena que tá lá na aldeia, que são os minérios hoje, né, aí vem uma política como esse projeto de Lei de legalização que vai tirar a autonomia dos indígenas. E mesmo que o governo decida que tem que consultar o próprio índio, mas, com consulta ou não, eles vão tirar o minério lá na terra indígena

e a porcentagem de milhões dos povos indígenas. O que acontece, nós temos exemplos de outros países que aconteceu assim, entendeu, chega lá tira toda a riqueza da terra. Tira todo o minério, toda a madeira aí depois que não tem mais nada aí “Ta aqui, oh, agora a terra é de vocês” Legaliza a terra porque hoje diz que a terra é da união, a terra é do governo, mas lá no Equador, por exemplo, lá os índios tem registro de terra, títulos definitivos...

É, antigamente lá no Equador a terra era do governo, depois eles legalizaram a terra pros índios, mas não tem nada lá, tem o que? As terras. Foi tirado o petróleo, foi tirado o ouro, o diamante, o que tinha na terra, aí não tem nada... Fizeram aquela rendazinha, aquela porcentagenzinha pros índios, mas as comunidades continuam na mesma miséria, com a diferença que está poluído os rios, poluída a terra, não produz agricultura adequada, porque, ficou poluído o solo, doenças que apareceram na comunidade, na população indígena, sofrem com doenças que não existiam, que apareceram por causa da contaminação da água, da contaminação do solo e o índio continua na miséria do mesmo jeito com as terras sem nada. Esses exemplos, hoje o Brasil tá pegando. E, nós povos indígenas, muitos estamos ficando calados, porque, depois que tirarem toda a riqueza da terra indígena, pra que vão querer a terra agora. Nem as nações unidas, o governo, as nações que se reuni pra preservar, pra manter a floresta do nosso Brasil, do nosso Amazonas, depois que não tiver mais nada porque eles vão querer dar apoio.

Sabemos que hoje há uma política do Brasil contra os povos indígenas e a política a favor dos povos indígenas, deixa muito a desejar. Hoje a população indígena, assim, na realidade, ela só escora pra ir sobrevivendo. Não existem projetos que realmente tragam benefício às causas indígenas, por exemplo, o governo faz lá uma escola, mais não tem professor adequado, o governo faz lá um posto de saúde, mais não tem profissional adequado, não tem equipamento adequado para ter uma educação e saúde preventiva.

Nas comunidades indígenas eles contratam agentes de saúde, alguns profissionais pra área de saúde, primeiro, lá a maioria não tem nem um ensino fundamental, segundo, não tem capacitação pra trabalhar como um profissional que trabalha na área de educação e saúde, pra essa área preventiva... Aí o que acontece... O governo diz: “Ah, mas tem agente de saúde nas aldeias” Aí o que acontece, a CASAI – Casa de saúde indígena, continua cheia de paciente, o hospital continua cheio de paciente... Porque não trabalha numa área que realmente seja preventiva,

que é importante. Ai o governo investe numa coisa e esquece outra... Ai falta profissional, falta material adequado...

O governo também poderia investir em outros projetos que realmente trás benefício para a valorização da cultura, a valorização dos costumes tradicionais, a valorização de apoio aos jovens e aos adolescentes, em projetos de artes de culturas, valorizando a dança tradicional, mesmo indígena, valorizando as cênicas dos rituais, fortalecer os rituais que são contados pelos mais velhos; incentivar os jovens a participar das cênicas, do teatro, porque, senão, com o enfraquecimento cultural entram coisas que vão prejudicar as comunidades, como entrou a bebida alcoólica, entrou a droga nas aldeias, tudo isso já teve acesso às comunidades indígenas, mas qual o papel do governo lá ? Chega lá no bar o juizado, a justiça e fala “Olha coloca uma placa” *“É proibido vender bebida alcoólica pra índio”*, isso se torna um impacto mais negativo ainda, porque, além de ser uma placa discriminatória o índio vai comprar bebida do mesmo jeito... Ele não compra pela frente, mas compra por trás no bar. O cara ainda vai levar lá na aldeia se for preciso, a bebida, pra ele. Vai parar a bebida? Vai parar a droga? Não vai. Isso daí é uma das coisas que o governo precisa investir nas comunidades indígenas... Investir mais, melhorar mais, esse impacto é negativo. Por isso, que eu falo, assim, que ainda hoje o governo continua massacrando as famílias, antes eram os soldados que matavam, hoje não, vai matando aos poucos.

Sobre as igrejas. A igreja fez um grande impacto na situação indígena. Isso não é só minha opinião, mas na história a igreja foi quem mais matou índio. A igreja ela matou muitos indígenas, ela impôs os costumes que não era dos povos indígenas, sem eles entender... Porque nós como brasileiros indígenas nós temos o direito de escolher, se nós quisermos seguir uma religião, acreditar em Deus, que não é do nosso povo, de nossos costumes, mas a gente precisa entender o que é e decidir se a gente quer ou não. E não chegar e ser imposto: “Vocês tem que ser isso tem que ser dessa religião, por que, se não, vocês vão morrer” Porque foi assim que a igreja vez, ela obrigava a se batizar e os que não aceitavam eram mortos, acusados de bruxarias de outras coisas, assim, os pajés foram os que mais foram mortos, assim, né. Queimados em fogueiras, enforcados, porque eram considerados que eram demoníacos. O índio era considerado sem alma, como animais selvagens e na época do contato o que mais prejudicou, foi esse contato de opressão em cima dos povos indígenas, isso ai foi o que ajudou muito na dizimação de muitos povos indígenas.

Hoje a igreja tem uma postura diferente, mas não tira a culpa do que foi cometido no passado. Até mesmo, porque, ainda continua acontecendo casos absurdos. Não valorizam o direito de escolhas e de respeito dos povos indígenas; eu acho, que é preciso entender que um povo que não é aculturado, que não entende o português, esse não tem como entender pra fazer uma escolha, agora o povo que já entende, que conhece, ele mesmo decide escolher algo, e ai, nesse caso, eu acho que não tem interferência nenhuma, mas, hoje isso é muito visado. Aqui na região do sul do Amazonas são poucas comunidades que tem acesso a igreja evangélica... No baixo Marmelo, ali, o povo são tudo católicos, assim, em quase toda aldeia tem uma capelinha católica, o padre vai lá e reza uma missa, né, aqui pra BR, o povo Parintintin é católico também, as festas comemorativas que tem lá é de Festejos de santos, eles não fazem mais a festa tradicional deles... Não fazem mais não. Eles fazem agora Festejos de santos... Os Tenharin, não, eles mantêm a tradição, fazem a festa tradicional e lá não é católico, lá eles são evangélicos, mas a dominação é deles mesmos, a bíblia é traduzida na língua deles, o novo testamento que é mais fácil de compreensão e eu não vejo ninguém oprimido lá, não. E outra coisa também, os missionários correm de lá, porque é fácil chegar e impor algo, mas quando é cobrado algo... As próprias lideranças evangélicas me falaram que eles aceitam lá os missionários irem pra lá, mas ai tem que apoiar a comunidade. Quando chegam aqui na cidade querem hotel, viagem pra Brasília, tudo tem que dar, se não, eles não aceitam não... Ai ninguém vai... Ninguém quer...

Sobre a tradução da bíblia para a língua indígena. Eu entendo que não é uma estratégia de evangelização. Na realidade tudo se baseia em estratégia, mas é uma maneira de fazer a pessoa ter acesso a algo na língua dele mesmo, mas ai tudo vai do principio da escolha, né, tem milhares de exemplares lá numa aldeia que eu conheço, mas poucos pegam pra ler. Você publicar algo, você fazer algo não quer dizer que você ta impondo algo a alguém, ai o que eu vi lá, né, é uma experiência muito boa, eu to admirado da maneira que eles fizeram, porque, eles não deixaram ninguém oprimir eles... Quem fez isso, foi um missionário que até morreu, ficou lá vários tempos e foi embora, porque os missionários chegam lá, mas são os índios quem impõe as regras deles, “É assim do meu jeito”, então, todos tem acesso, ler quem quer, não vejo aquele negócio de chegarem lá e dizer para o cacique ou a liderança que fulano de tal tem que fazer isso, fazer aquilo, não. Tem a igreja deles

lá vai quem quer. Eu acho que é até menos evangelizado que na não indígena, porque na não indígena tem a evangelização mais forte...

Hoje eu me identifico como Joabi Mura, mas meu nome completo é Joabi Ferreira Belém... Belém é o sobrenome que foi dado ao meu pai e Ferreira já é da minha mãe, que na verdade este Ferreira nem existe, foi um erro de cartório que colocaram no meu sobrenome, porque meu sobrenome mesmo da minha família é Marques, mas, foi colocado, assim, Ferreira e nunca foi endireitado e aí ficou assim mesmo, só quando passou para os meus filhos que eu já tirei pra colocar o da minha esposa, aí optei tirar o que não é legítimo, deixei o legítimo que eu não sei da onde veio, mas, é o que identifica o nosso povo, no caso, o nosso clã. Ninguém sabe de que clã mesmo a gente se originou, então, decidimos usar o sobrenome Belém pra ficar como identificação, porque hoje a base de identificação mesmo, é o sobrenome, Ferreira, Andrade, todo mundo tem um sobrenome que identifica a origem daquela família, tem deles que até repetem o sobrenome, né, às vezes, a pessoa tem o mesmo sobrenome, mas nem é parente, mesmo assim, sempre ajuda a identificar e separar o clã que antigamente era separado por nomes de animais, rios e localidades, mais hoje não, hoje, é assim, já é o sobrenome que identifica mais a gente.

Como eu falei a origem do sobrenome Belém é desconhecida, meu pai que entende. Ele fala que na época do contato os padres batizavam porque achavam que o índio não tinha alma, que não tinha direito a salvação, por isso, pelo catolicismo eles batizavam e davam um sobrenome aos indígenas para identificar as famílias e impedir que cometesse pecado, por exemplo, eles achavam que sem o sobrenome não iam identificar o clã e, às vezes, casavam um com o outro que podia ser parente, aí para identificar colocavam sobrenome, pra ficar como na cultura mesmo de Portugal que é uma cultura diferente que só se identificava assim, mas que hoje nós adotamos a mesma forma de identificação. Toda a população, inclusive, a do Brasil todo, já adota. Muitos indígenas também adotam, são poucos os que têm só o nome da etnia, só os tradicionais mesmo que usa a etnia como sobrenome, mas a maioria não usa mais, até mesmo porque tá misturando, indígena casando com não indígena aí já pega um sobrenome de carona né. Inclusive, os Mura e os Muduruku também, eles quase todos tem sobrenome não indígena. É assim que se originou nosso sobrenome Belém. É muito raro alguém ter esse sobrenome, são poucos que a gente já ouviu falar, eu ouvi falar de uma pessoa aqui no Humaitá, mas eu nem confirmei

se era verdade, porque é muito raro. Eu acho que alguém deu esse sobrenome homenageando alguma coisa, não sei se é Belém lá de Israel da banda de lá ou se é Belém aqui do Pará sei que alguém colocou esse sobrenome em nós, acho que para homenagear a cidade de Belém... Eu acho assim.

É a partir do sobrenome da cultura do branco que a gente passou a se identificar, mas, até hoje ainda é muito forte os costumes e nossos traços indígenas, porque uma coisa muito interessante é que tem duas coisas que identifica o indígena, que o pessoal conhece, é a fisionomia do rosto e costumes tradicionais indígenas, tanto que o pessoal até já ridicularizou algumas coisas, porque tem até um ditado que falam quando, por exemplo, vê uma pessoa fazer uma coisa meio, assim, como é que se diz? Falta de higiene... Aí já falam que “parece índio”. Então, isso tá ridicularizado, às vezes, a pessoa fala bem assim: - Ah! Fulano é índio! Aí ele olha assim e diz: “Rapá, mas não é índio não”, aí vê ele fazendo alguma coisa que é anti-higiênico, aí fala: “Rapá! Mas é índio mesmo olha aí, olha como ele tá comendo com a mão”. O pessoal, sempre fala assim, então, é por isso, que eu sempre falo para os meus filhos que isso é muito visado e, por isso, tem que acabar porque não precisa ser mal-educado, não precisa ter falta de higiene pra se declarar como indígena. Por que na realidade um indígena vivia da maneira que vivia, de maneira mais rustica, porque ele não conhecia, não tinha conhecimento e na natureza não tinha poluição como tem aqui na cidade. Lá na natureza a criança podia brincar no barro que não encontrava nenhuma doença, agora aqui na cidade... Aqui é diferente, é outro ambiente, hoje em dia a gente tem que se cuidar porque até ratos tem pelas aldeias, pois já tá muito avançado a poluição. A população cresce, e começa a poluir. Mas tem gente que sabe que comer com a mão é um modo indígena de comer, meu pai come com a mão até em restaurante, em qualquer canto, ele não tá nem aí, agora a gente já acostumou de outra maneira né! Mas na nossa casa a gente come a vontade! Mas, isso é um exemplo de que para o pessoal já ficou ridículo, é só observar pra vê que muita gente fala, até, às vezes, o próprio indígena fala.

Eu vejo que a população não indígena ver nos indígenas uma civilização que tá atrasada, né. Os não indígenas acham que estão num certo passo da evolução. Eles acham que é evolução, mas quando a gente tá na natureza, o nosso pensamento, a nossa visão é totalmente diferente da visão urbana da cidade, por exemplo, eu tiro, assim, por mim, eu falo, assim pros meus filhos, que a minha mente, a minha

memória veio abrir mesmo, eu acho que eu já tinha uns treze, doze anos de idade, menos que isso.

Eu não lembro das coisas, eu lembro muito pouco... De seis anos de idade eu lembro de coisas importantes, como o ritual Gurugel, que eu já falei, eu lembro de uma pescaria que meu pai fez que eu fui até acompanhado pelo Manoel Mineiro, naquela época, lá embaixo, eu lembro de algumas imagens, assim, mas eu não lembro de partes pequenas da minha infância.

Eu lembro o tempo que a gente passou lá em Lábrea, que eu fui com a minha mãe até limpar uma roça. Eu me lembro dessas partes, mas outras coisas importantes, assim, ficaram pra trás, mas eu lembro do dia que eu estava na cidade que naquele dia, assim, eu comecei a entender as coisas. Parece que naquele dia que eu comecei a pensar as coisas, que eu ia andando na rua, clareou, assim, que eu parei, eu comecei a pensar, daí pra trás muitas coisas eu não me lembro, mas essa parte, assim, eu lembro.

Eu falo que quando a gente mora diretamente na natureza, na aldeia, a nossa mente ela não é aberta pra essas coisas, assim, a nossa visão não é urbana da cidade, de evolução de crescimento financeiramente, entendeu, essa parte de exploração financeiramente de progresso, de correr atrás de dinheiro de recurso.

Eu falo que quando a gente mora diretamente na natureza, na aldeia, a nossa mente ela não é aberta pra essas coisas, assim de evolução financeira, a nossa visão não é urbana da cidade, entendeu, essa parte de exploração financeira de progresso, de correr atrás de dinheiro. Nossa visão é de viver em harmonia, é aquela visão harmônica. E aquele pensamento harmônico de estar na natureza, de ta vivendo bons momentos com os filhos, com a família, com os familiares aproveitando tudo o que tem de bom lá, de manhã cedo os passarinhos cantando... O banho no rio, no igarapé, tudo isso é uma parte que a gente não esquece, é muito bom, é a parte melhor, assim, que eu acho de ta lá dentro.

O que incentiva eu estar no ambiente urbano, é eu ta na busca de melhoria lá pela minha comunidade, pela demarcação da terra pro meu povo, pra conseguir projetos de sustentabilidade, de transporte, porque, hoje nós dependemos de tudo da cidade, da tecnologia do transporte, de carro, que antigamente a gente andava a pé quando precisa sair pra cidade. A gente precisa buscar semente pra algum tipo de cultura, da área da agricultura, pra plantar lá na nossa aldeia também, melhoria pra qualidade de farinha, transporte pra comercialização da farinha. Porque nós vivemos

lá na aldeia, mas nos necessitamos de algo também pra melhorar nossa vida. Não tem como nos viver hoje primitivamente se evoluiu as coisas. Não tem como nós fazer mais uma faca de pedra, né? Um machado de pedra, né? Se nós temos na cidade é melhor levar uma de ferro que é melhor. Não tem como nós pegar a farinha e armazenar em paneiro, que essa farinha dá pra armazenar na sacaria de plástico que mantém a farinha sequinha. Embora para comercializar seja mais prático vender a farinha armazenada nas sacarias de plásticos, a gente sabe que a farinha enrolada na folha que chamamos de Pariri é muito gostosa, porque fica o gosto da palha, isso foi bem lembrado pelo meu tio Sebastião, irmão e filho de criação da minha mãe.

Então muitas das coisas que esse impacto que a sociedade não indígena trouxe; essa evolução que a sociedade não indígena trouxe para a sociedade indígena, muitas coisas são boas também... Por conhecermos não podemos mais ficar sem, não conseguimos mais regredir, a viver daquela maneira que vivia, né.

Mas se nós hoje não estivéssemos tido apoio dado pela FUNAI e mesmo por parceiro, por instituições, pra índio estudar, pro índio buscar capacitações, melhoria, hoje era pra nós ta pior do que era antes, porque, evoluiu tudo e como é que a gente ia conseguir continuar trocando 1kg de ouro por um espelho, né, igual a história conta que antigamente o português chegava com o espelho e trocava pelo ouro com o índio. “Olha essa rocha velha aí que você não usa, essas pedras aí vamos trocar por esse espelho que isso aqui é raríssimo”, dá o espelho pro índio que não tinha quase valor nenhum e levavam o ouro, que era muito valioso pra ele, pro índio não tinha valor nenhum que ele não sabia o que é que era, mas aí eles enganavam, né. Até hoje tem um colega meu que bagunça comigo, ele é muito brincalhão, ele fala: “Né, rapaz tu me entrega esse kg de ouro. Tu quer trocar 1 kg de ouro por um espelho?” Ele brinca. Ele é muito brincalhão, conta cada história pra mim...

Isso era o que eu tinha pra dizer da experiência do povo Mura. Foi muito importante expressar um pouco da nossa cultura, do nosso modo de vida, de viver das experiências passadas e presentes que a gente tem vivido.

Nascimento da tomada de consciência Mura

Fui apresentada a Estefânea Mura na semana que estive na Terra Indígena do Povo Tenharin durante a festa da Mbotava entre os dias 16 a 20 de julho de 2013, eu e meu amigo Joeser havíamos chegado na Terra Indígena no dia 17, segundo dia da festa,

fomos muito bem recebidos, ainda no primeiro dia da nossa chegada, seu Domingos Tenharin, meu conhecido desde quando eu tinha 18 anos de idade e trabalhava no Conselho Indigenista Missionário em Porto Velho, nos convidou para conhecer sua aldeia que é a primeira chegando dentro do território demarcado dos Tenharin. Foi nessa visita à aldeia do seu Domingos Tenharin que conheci Ester Mura que estava fazendo parte da equipe de brigadista responsável pela prevenção e controle de incêndios.

Eu ainda estava me aproximando da família Mura do rio Itaparanã. Tinha entrevistado apenas o Joabi Mura. Das filhas de seu Nelson eu tinha visto a Ana que morava com o Joabi e estava presente no dia da entrevista que fiz com ele. Lá na terra dos Tenharin conheci mais duas filhas de seu Nelson, além da Ester, a Josefânia e a Nilce, mas não houve uma aproximação minha com elas. Com a Estefânia foi diferente, ela foi receptiva, atenciosa, e não se negou a se aproximar de mim.

Estefânia não ficava o tempo todo na festa porque estava a trabalho na outra aldeia. Numa das noites que ela dormiu no local onde a família Mura estava alojada, depois da pausa da festa para recomençar ao amanhecer do outro dia com os tocadores da flauta de taboca, a convidei para gravarmos uma entrevista, num primeiro momento ela demonstrou insegurança, mas aceitou conversar comigo, desde que eu fizesse alguma pergunta, insisti que ela comesse a falar a partir de sua experiência de vida, ela perguntava como começar a falar a partir da experiência de vida dela. Insisti até que ela começou a falar de um tempo em que viveu com o pai e uma parte de seus irmãos indo para os castanhais aprendendo os conhecimentos da floresta. Essa lembrança é apresentada por ela como referência para o que ela se tornou. No decorrer da sua narrativa vai traçando o processo em que sua consciência de ser Mura foi se despertando.

Durante a entrevista ela foi contando de si aos poucos com uma mistura de timidez e certo receio. Nossa amizade, nosso parentesco por afinidade, nossa confiabilidade foi sendo tecida junto com sua narração e minha dedicação em ouvi-la. Conversamos de igual para igual, ela falou do interesse em escrever um livro sobre a história do seu pai para entender melhor sua origem, eu a incentivei a dar continuidade no seu projeto.

Conversamos como duas irmãs e reconhecemos o modo de ser Mura uma na outra. Essa ligação foi gerada pela admiração que temos em comum por seu Nelson Mura, ela filha que cresceu com ele recebendo seus ensinamentos, mas que não entendia como depois de um certo tempo da vida já não eram apenas moradores da floresta e da

beira do rio, eram Mura, isso tornou seu pai alguém que ela não conseguia mais entender, mas nem por isso deixou de amá-lo e de buscar decifrar suas histórias. Eu que havia recém conhecido seu Nelson Mura, seu pai, por quem logo passei a ter tanta admiração, por tê-lo visto cantar pela primeira vez cantando *Kainã Kainari*, por ter uma entrevista meses antes da Mbotava e ficado na sua companhia em alguns momentos e após ter gravado uma conversa sobre as músicas que ele havia cantado durante o dia fui conversar com Ester. Me encontrava realizada por estar diante de um ancião Mura e foi conversando sobre essa admiração e valoração ao seu Nelson Mura que eu e Ester nos identificamos uma com a outra.

À medida que eu ia falando para Ester dos conhecimentos, da sabedoria que via em seu pai ela me olhava com gratidão por eu ver em seu pai um sábio e ao mesmo tempo se dava conta da sabedoria que, às vezes, não era vista com tanta importância pela Família. É como se a partir do meu olhar sobre seu pai ela conseguisse decifrá-lo melhor. Ela chegou a dizer: “É preciso alguém de fora dar valor pra gente começar a ver também a importância”. Em alguns momentos da nossa conversa ela mencionou as características físicas da mãe de seu Nelson e a comparou comigo. Indicando que ela já sabia de mim por meio do pai.

A conferência de sua narrativa foi em sua casa em Humaitá em setembro de 2015. Ela não estava mais morando na terra indígena Tenharin, pois seu contrato de brigadista havia encerrado. Disse que sua experiência nesse trabalho a fez perceber a necessidade de evitar incêndios florestais e resolveu tentar fazer alguma coisa para ajudar. Foi quando começou a fazer a graduação de Agronomia no campus da UFAM em Humaitá, está no quarto período, mas no momento encontra-se parada em casa por causa da greve e aproveitando para cuidar do seu pai que está na sua casa se recuperando da cirurgia que fez na hérnia.

Seu pai acompanhou a conferência inteira. Enquanto estava lá seu Raimundo chegou para fazer uma visita ao seu irmão, mas logo foi embora, pois ia ainda naquele dia para a aldeia. Fechamos a conferência, conversamos mais um pouco, um dos assuntos foi o nascimento do filho da Ana Mura, seu terceiro filho. Despedi-me pois estava começando a chegar o fim do dia e o bairro que ela mora é longe do bairro que minha tia Cila mora, onde eu estava, além disso, precisava estar de volta até as 19 horas pois ia sair para me encontrar com uma parenta Munduruku. Estefânea Mura chamou um moto táxi, logo ele chegou nos despedimos e saí.

5.3 ESTEFÂNIA MURA

Estefânia Marques Belém Mura; é de Humaitá, em junho de 2013, época da realização da entrevista, tinha 31 anos. Foi registrada com um ano depois do nascimento, no registro nasceu dia 28 de janeiro de 1982, mas ela é de outro ano. Aos poucos foi falando de si num tom tímido, mas de confiança compartilhada. Na época estava trabalhando na equipe do Pré-fogo na terra indígena Tenharin, na Transamazônica. Em setembro de 2015 quando fez a conferência de sua narrativa estava cursando o 4º período de Agronomia no campus da Universidade Federal do Amazonas/UFAM da cidade de Humaitá/AM.

[...] Nós que convivemos com o papai sabemos fazer muita coisa, assim, de mato...

Eu não sou muito boa nas palavras não. Eu tenho uma paz, assim, que eu acho que vem do tempo que vivi no mato com meu pai. Esse tempo é uma referência pra minha vida, foi uma época que eu fiquei, assim, quase dois anos só com o papai e meus dois irmãos, em que ele me levou pros castanhais e, por isso, eu tenho essa referência. Dá a impressão que esse tempo que eu fiquei só com eles mudou o meu futuro. Eu lembro bem! Na minha cabeça agora... Antes eu tinha só a impressão que esse tempo era uma referência pra mim, mas depois que trabalhei como pré - fogo, eu vejo que é bem mais importante esse tempo que vivi com o papai aprendendo as coisas com ele. Essa referência que eu tive nessa época, agora tá bem... Bem nítida mesmo.

Essa época que eu passei nos castanhais, no mato mesmo, com meu pai, que eu passei o ano todinho no fabrico de castanha. O trabalho no mato, o aprendizado que você faz no mato é muito importante para saber como se virar quando falta água, por exemplo. A experiência que meu pai passou em relação a certas plantas... Como lidar com a própria mata né?! E isso, me faz mais próxima da natureza... E está me ajudando bastante hoje no meu trabalho.

O trabalho que eu fiz de pré fogo para mim foi muito importante. Pré fogo, são agentes multiplicadores de informações pra prevenção do fogo, tipo assim, como a gente... A gente pode explicar como fazer os asseiros, se você for fazer uma queimada controlada, e também formas de como evitar um incêndio e orientar pra

não fazer queimada... É um contrato federal, pelo IBAMA. Eles contrataram a gente por cinco meses. Foi depois desse trabalho que resolvi fazer o curso de Agronomia, vi que era importante estudar para poder colaborar em alguma coisa com as comunidades.

Os conhecimentos que eu aprendi com meu pai e me ajudaram no meu trabalho, são sobre as plantas que a gente pode comer se você se perder no mato. As frutas que você vê o macaco comendo, se pode comer todas elas. E cipó. Tem vários tipos de cipó que são, cipó que dá água em lugar que não tem água, cipó de fogo também, pode tomar também leite de amapá se você tiver com bastante sede. Amapá é uma árvore grande que solta um leite igual ao leite de vaca... Leite normal mesmo, depois, de um tempo que eu vim descobri que levanta pra curar bronquite e asma... São coisas que eu aprendi. A gente conhece o cipó de fogo que tem água pela cor dele. Ele é, assim, um pouco mescladinho. Mas falando, assim, eu não lembro bem como ele é. Só conheço quando eu encontro ele andando no mato mesmo.

Eu tinha onze anos quando fiquei morando com o papai. A gente morava lá no lugar que o papai mora, onde estamos reivindicando para demarcar como terra indígena. E aí a minha mãe na época de aula dos filhos mais velhos ela veio pra cidade pra botar os meninos pra estudar, e aí o papai não quis ir junto e ficou lá. Aí a gente ficava nesse meio termo, mamãe pra cá e papai pra lá, e eu gostava de ficar com o papai, e era qualquer final de semana, eu, com papai, aí teve uma época que a mamãe teve que viajar pra Manaus, aí ela levou as minhas três irmãs menores e o papai ficou com nós três maiores... Eu, Joabi e o Zacarias, que morreu, nós três ficamos com papai. E os outros já tinham casado, os outros dois mais velhos, e a mamãe levou a Josefânia, a Jeó e o Josué que na época ainda eram crianças pequenas, aí papai ficou com três e mamãe ficou com três. Nessa época que eu achei, assim, porque eu olho pra minhas irmãs hoje e vejo que elas são totalmente diferentes e eu acredito que foi esses anos que eu passei com papai que fez a diferença entre eu e elas hoje!

Papai disse que eu sou meia macho fêmea! Mas eu não sou macho fêmea, assim, só gosto de fazer coisas que eu vi ele fazer e que eu admirava. E as minhas irmãs, não, elas gostam de fazer as coisas que mamãe faz, nós que convivemos com o papai sabemos fazer muita coisa, assim, de mato e elas num sabe

e eu sei, porque eu andei com o papai! Eu acho que é nesse ponto aí que eu sou bastante diferente, mas eu não deixo de ser mulher...

Minha infância tem pontos bons e ruins. Eu lembro que eu gostava muito de brincar... Brincar. Gostava de brincar de bola, de futebol, de pula-pula, de pular corda, de papagaio, de pião... Gostava de brincar de tomar banho de rio. O que eu mais gostava era de tomar banho de rio.

La onde a gente morava era seringal e o papai nunca gostou de deixar a gente sair pra brincar longe... A gente brincava de fazer coisinha de barro, brinquedinho, a gente tirava barro do fundo do rio e fazia brinquedinho e botava junto da porta pra secar, e de escorregar também na lama. Tinha uma argila que era muito boa, e eu me lembro muito bem da minha parte de criança lá que a gente amava escorregar. Era bem longo, assim, e era pura argila mesmo. Hoje não tem mais lá... A gente ia pescar também, pescar eu não gostava muito não... Pescava muita gente e tem que ter muita paciência pra pescar, eu nunca tive, eu nunca tive paciência. O meu irmão gostava de pescar, o Joabi, ele gostava de pescar e caçar. Toda vez de madrugada ele saía, pescava bastante, pescava bastante peixe, assim, ele focava com a lanterna e flechava. Ele começou a caçar desde os nove anos naquela mata. O Joabi, ele era um menininho sequinho quando ele ia mesmo pra caçar, mais ou menos, essa fase que lembro.

Na cidade as brincadeiras eram de brincar de bola, de queimada, de pula-pula, de elástico, de pincho... Essa brincadeira de pincho a gente faz um quadrado na terra, faz cinco quadradinhos nele, a gente coloca garrafa, tampinhas de garrafa no meio e fica um tanto pro lado um tanto pro outro e quem derrubar primeiro corre pra depois vir botar cada tampa no lugarzinho. Era pincho que a gente brincava.

Eu falo que eu não vivi minha fase de adolescente, que nem eu vejo as minhas sobrinhas, as minhas irmãs caçulas viviam na fase de adolescência, assim, atrás de namorado. Eu não vivi a fase de correr atrás de namorado, nunca corri, porque eu acho que eu aumentei uma fase de brincadeira de infância. Eu lembro que os meus peitos já estavam nascendo e eu andava só de calcinha na rua, a minha tia que me brigava, porque, ela morava aqui, a gente veio pra cá pra cidade e ela casou aí e ela me brigava, a mamãe ia trabalhar e ela dizia: “Ester esses peitos crescendo e tu andando pelada na rua”... Mas, eu sempre gostei de ser menina mesmo! Na cidade nós brincávamos entre irmãos e primos, ou entre vizinhos...

Na minha família começaram a falar que a gente era Mura, foi... Há tempos o papai falava, mas a gente não acreditava não. Ele falava dos antepassados, por isso, que teve uma época que eu queria escrever da onde eu tinha vindo mesmo! Pra saber mesmo qual era a raiz da nossa família. Mas, assim que o papai fez a reunião com a gente e falou que nós éramos indígenas, da etnia, Mura... Eu não lembro, acho que já era adolescente, já tinha uma faixa etária de anos... Era quase jovem já, tinha uns dezessete, dezesseis anos, ou acho que era dezessete pra dezoito... Num lembro, sei que pra mim não faz muito tempo não, porque eu consigo lembrar, assim, vagamente... De como o papai falou pra gente...

Teve uma época, assim, que teve a treta na minha família, teve uma treta entre marido e mulher, mas foi antes desse movimento aí de a gente saber que era indígena. Aí confundiu tudo a cabeça do povo... O papai trouxe uns representantes duma outra etnia nessa reunião, teve várias reuniões, mas eu não dava credibilidade. Eu não prestava atenção. É estranho, porque tem certas coisas que na minha fase de jovem que eu não lembro e lembro mais da fase de criança, essa fase de quando veio a história toda. Eu lembro de ter várias reuniões em vários lugares, mas eu não prestava atenção, eu só vim prestar atenção a pouco tempo, assim, quase depois que a vovó faleceu. Pra mim não tinha fundamento. Eu acho que era isso que eu achava: - Essa história é sem pé sem cabeça. A gente vivia lá no mato, mas a gente não se via como indígena... Ninguém olhava pra gente como se fosse... A gente vivia ali na beira do rio, da estrada, como um monte de gente que tem pra lá... Quando teve essas reuniões tinha representantes indígenas... E foram eles que disseram, eles faziam reunião da família e diziam várias coisas, assim, mas eu não lembro. Eu lembro de dois lugares que eles fizeram reunião, foi na casa do Joabi e outra lá na casa do tio Praia, mas eu não lembro do assunto, não lembro...

Antes da vovó, mãe da minha mãe morrer, eu perguntava um tanto de coisa pra ela, né! Porque, ela era a de mais idade de todas as mulheres, aí ela falava dos antepassados dela, e eu perguntava quem era o pai da mamãe! Porque o pai da mamãe era um e ela era casada com outro homem, eu ficava perguntando, perguntando, perguntando... Mas aí ela foi dizendo da onde ela era, só que aí ela já era outra etnia, já era Apurinã com Paumari... Aí ela sempre falava e eu fui acreditando: - Posso não ser de uma, mas sou de outra, então, eu sou índia de qualquer forma! Sou de uma ou sou de outra. Do papai eu ainda perguntei, algumas vezes, a história dele, mas eu nunca entendi as histórias do papai... Eu nunca entendi

direito. Ele dizia que quem era Mura era minha avó e meu avô eu não sei o que ele era, ele falava do meu tataravô do meu bisavô, do avô dele, mas das histórias que ele ouvia da mãe dele ou do pai dele, quando a minha vó morreu ele era muito pequeno. Ele dizia que tinha cinco anos, mas ele lembrava como ela tinha morrido, ficou registrado na cabeça dele.

O papai disse que ela morreu dentro de uma rede debaixo de um mosqueteiro. Ele disse que ele acordou de manhã e foi chamar ela e ela tava lá, não respondeu... Ele disse que eles moravam num lugar que ficava próximo a um rio, aí ele disse que ele foi pra beira do rio chamar alguém...Aí eu não sei se alguém veio ou não. E o vovô, e os outros dois irmãos, por que eles eram só três irmãos, um já faleceu e ficou só ele e esse meu tio que tava aqui, que é o caçula, e outro meu tio, só era eles três. Quando ele conta é só assim: - Ele foi lá e viu a mãe dele, ele disse que não sabe o que os dois irmãos dele estavam fazendo quando ele viu que a vovó tava falecida numa rede.

Eu Não conheci a minha avó paterna. Ela que o papai disse que era Mura, era minha vó paterna. Já a minha vó materna era Apurinã com Paumari, já era lá de Lábrea. Por que o papai viajava muito, ele dizia que o vovô era pescador e aí ele vinha pra cá pegava o madeira descia o Purus e ia... E foi pra lá que meu pai conheceu a minha mãe.

Quando foi falado pra família sobre essa questão de serem Mura, muitos duvidaram, por não ter uma base concreta. Então, duvidaram. Depois foi acertando devagarzinho, olha que já faz mais de dez anos que a gente ta nessa retomada e ainda tem alguns da família que está aceitando, mais aos poucos... Estão aceitando devagarzinho por falta de conhecimento do passado. Eu acredito que foi isso, porque a gente ficava com muita dúvida e ainda tem dúvidas... Até, porque, o papai era muito novo e aí a gente num sabe se ele lembra bem... Mas o meu tio é diferente, ainda não conversei com ele, mas ele é bem diferente na fisionomia mesmo, acho ele muito diferente do papai. Eu acho que ele é todo mais, assim... Mais bravo... Mais diferente... Eu acho papai lindo né?! Sou suspeita, mas é pela fisionomia do meu tio que a gente pode ver que ele parece mais indígena. Talvez, os dois sejam diferentes na fisionomia porque o papai disse que o meu avô era moreno e a minha avó era branca. O papai disse que ela parecia com a minha filha, aí eu digo - Mas pai como que o sinhô tinha cinco anos lembra que a minha filha parece com minha avó? Ele disse assim: - “Mas eu lembro que a minha mãe era baixinha e branca... Tua

filha parece com a bisavó dela, minha mãe, tu mesmo parece com tua avó” E aí ele vai acreditando e vai passando pra gente né?! E a gente vai acreditando também, é só, assim, que a gente vai...

Hoje a nossa família já encara diferente o que papai fala. Agora já se une pra falar de um tema só de um assunto só, até mesmo, para procurar as histórias antigas para se confirmar cada vez mais, porque, senão, a gente vai fica, assim, sem saber da onde veio... Eu acredito que seja assim...

Sonhos... Ah! Teve uma época que eu parei de sonhar. Eu sonhava em constituir família... Falar dos meus sonhos me deixa pensativa... Pois sonhava em ter minha casinha, sonhava em ter um emprego e depois de ter minha casinha na cidade eu queria estar lá na aldeia, mas com conforto... Ainda sonho... Tinha um sonho de plantar um bananal... Eu gosto muito de banana. Parei de sonhar pela situação mesmo.

Hoje eu me sinto Mura... Mura... Mura! Me aceito... Ainda mais agora que descobri que as Mura são bonitas, me aceito sim... Os Mura são guerreiros! Eu acho que a gente tem um pouco de guerreiro no sangue e é, por isso, que a gente não desiste. Por um momento eu não procurei muito saber da história dos Mura... Só teve uma época que eu fui pesquisar, pesquisei lá na biblioteca... Ai eu encontrei a história, mas, assim, foi bem pequena... Não tem muita história na biblioteca sobre os Mura... Eu encontrei uma história sobre traição, porque o povo Mura sumiu... Dispersou... Pelo o que eu encontrei... A causa foi que aconteceu uma traição...

No livro que encontrei na biblioteca daqui de Humaitá dizia que o povo Mura, eles eram guerreiros, eram caçadores, pescadores e que tinham sido traídos pelos Munduruku. Eu lembro que na época eu era amiga de uma Munduruku, eu fiquei com o pé atrás, eu ri um pouco agora que falei isso, mas é sério... Eu fiquei mesmo. Ai por causa que eles tinham se aliado com os não índios e disseram onde os Mura estavam, né?! Pra se defenderem, então foi uma traição. Com isso, o povo não índio matou quase todos que fugiram. Ninguém viu mais os Mura. Agora eu estou trabalhando com outro Munduruku, eu fico com o pé atrás do mesmo jeito, parece que ta no sangue, eu acho! Eu acho que é o conhecimento do que eu vi no livro, sei lá... Eu sei que eu fiquei com o pé atrás, fiquei desconfiada.

Sobre sonhos de sonhar quando dormimos daqueles que a gente sonha mais de uma vez e fica pensando... Acho que eu tenho uns três sonhos, assim... Eu vou contar...

Eu tenho um sonho que dá impressão de que é lá no rio Itaparanã, porque entra, assim, num braço de rio... Aí chega me arrepia... E tem uma praia, assim, branquinha de areia branca, só que nessa praia ela é como se fosse três praias, assim, aqui passa água aí praia, ali passa água e praia de novo, como se fosse ondas de praia e lá trás tem umas casas, mas umas casas altas como se ali enchesse, e esse sonho eu acho que sonhei com ele umas quatro vezes... Eu não lembro mais do que acontece, mas o lugar era esse que eu sempre sonho.

Um outro sonho também que eu sempre sonho é com uma árvore, uma árvore grande, parece castanheira... Parece amaumera... No sonho é uma árvore de copa bem grande que os frutos dela não são frutos são pedras preciosas... São pedras preciosas e de lá de cima e em baixo caíam aquelas pedras preciosas. Só é ela de árvore e em baixo é só um campo, assim, lindo... Lindo... Verdinho... Verdinho... Eu sempre estou lá em baixo dela com o meu marido e aí eu fico... Teve uma... Uma vez eu sonhei só vendo o lugar, a outra vez eu sonhei juntando pedra, mas, assim, eu juntava pedra, mas caía pedra de todos os tamanhos. Eu sonhei juntando umas cinco pedrinhas aí eu botava na minha mão e falava assim: - Olha amor já dá pra gente construir a nossa casa! E aí eu acordava.

Um outro sonho... Que eu sonho bastante também é ultrapassando tipo um bueiro por baixo de uma cidade. Nesse sonho sempre tá eu, a mamãe e minha irmã mais velha... São os três sonhos que mais a gente ultrapassa e atravessa a cidade por baixo de tubulações... Tipo de bueiro e sai onde não é cidade, sai onde tem aquelas coisa, assim, tudo de cascalho como se fosse uma... Num sei... Se fosse uma estrada grande, assim, sem uma cascalheira, como se fosse uma cascalheira. Só são esses três sonhos que eu lembro que mais sonho, que se repetem várias vezes, em várias fases da minha vida, esse da praia eu já sonhei quando eu era criança ainda lembrei, porque eu já sonhei e uns tempos desses sonhei de novo.

No sonho das praias eu lembro que chega canoas, mas eu não sei quem era... Não fico com medo... Eu fico feliz, porque parece uma coisa, assim, tão linda que, às vezes, até falo, assim: - Será que esse lugar que eu sonho é o lugar que o papai fala que tem aí pro Itaparanã? Porque meu pai tem vontade de morar pras cachoeiras lá pro Itaparanã, lá pras cachoeiras. Ai eu fico imaginando: Será que vai ser igual meu sonho? Na minha cabeça só... Que eu fico imaginando essas coisas: - Será que vai ser igual meu sonho lá naquelas cachoeiras, será que naquelas terras tem areia também, porque a gente passa por lá, mas a gente nunca subiu, assim, só

uma vez que a gente ficou bem pertinho para assar um peixinho lá, e aí eu fico lembrando quando ele fala isso, mas não falei pra ele não ainda...

No sonho que tem a árvore que os frutos são pedras preciosas o meu marido com quem eu vivo está no sonho e é para ele que eu falo que as pedras que eu pego dá pra gente fazer nossa casinha. Eu e ele estamos a sete anos juntos, eu sonhava em formar minha família e ter meus seis filhos! Eu já pensei ter seis filhos, mas parei em três... Não dei conta não de mais três... Minhas pernas começaram a encher de varizes aí eu falei: - Não dou conta não de criar... Ter mais barriga... Ai eu parei.

Meu marido mora e trabalha numa oficina em Humaitá. Nós temos três filhos, duas meninas e um menino. O meu menino tem seis anos de idade e as minhas meninas, uma tem quatro e a outra tem três.

Acredito que tudo bem! As pessoas saberem da minha experiência de vida.

6.MANICORÉ A TERRA DE MANI

Em julho de 2015 decidi conhecer Manicoré antes de fechar os trabalhos de campo, porque ele foi mencionado na maioria das narrativas tanto as do espaços de seringais quanto as de retomada Mura. Cheguei até o Barreto Mura por meio da indicação de Joabi Mura e Marcos Mura que é chefe de rádio de comunicação com as terras indígenas na regional da FUNAI de Humaitá.

Minha ida a Manicoré foi para estabelecer redes de comunicação com os Mura e conhecer o lugar que teve ligação política com o lugar Uruapeara, além das menções feitas em algumas narrativas. Nãoconhecia ninguém lá. As imagens que eu tinha de lá é que na época do seringal era um lugar mais urbanizado, com estrutura política, lugar de passagem para resolver questões burocráticas, de trabalho e passeio de pessoas que viviam no Uruapeara e que é a terra dos bacurau, que segundo meu tio João Lobato as pessoas que vivem em Manicoré são chamadas de bacural porque lá tinha muito esse pássaro, ele contou que quando o barco encostava lá as pessoas subiam para terra por uma escada enorme que tinha no porto para pegar bacural.

Antes de seguir para Manicoré passei por Humaitá/AM que faz parte do trajeto da viagem, parei na casa da tia Cila, irmã da minha mãe. Nessa viagem levei meu filho mais velho, Lucas Mura, para vivenciar a relação com outros Mura e para me auxiliar na pesquisa de campo. Saímos de Porto Velho no dia 14 de julho de 2015 às 16:00 horas numa lotação de táxi saindo da rodoviária. Chegamos em Humaitá aproximadamente umas 19:00 horas. Foi uma surpresa para minha prima, primo, tia e tio a nossa chegada, pois eu não tinha avisado que ia. No momento que chegamos também estavam chegando meu tio e minha tia que estavam para a casa de farinha. Como todas as outras vezes fomos recebidos com alegria.

No dia 15 pela manhã eu e o Lucas fomos ao porto marcar nossa passagem de barco para Manicoré e procurar o Joabi Mura para conseguir com ele algum contato de Manicoré. Indo para o porto passei pelo lugar onde fica a casa do Joabi e sua família que havia sido abandonado no período da inundação no ano de 2014. Vi que a casa nova construída na parte da frente, que é mais alta do que a parte de trás, onde era a casa antiga estava sendo habitada.

Na volta do porto parei lá e fui atendida pela Ani, a esposa do Joabi, ela me convidou para entrar e disse que tinham se mudado na noite anterior e ainda estava organizando as coisas. Falei para ela que estava indo para Manicoré e queria falar com o

Joabi para ver se ele tinha algum contato de lá, ela ligou para ele que estava na FUNAI procurando apoio para ir buscar seu pai, Nelson Mura que estava para Tapauá na casa de seus outros filhos e havia feito uma cirurgia da hérnia. Falei com ele e combinei de encontrá-lo na FUNAI.

Ao chegar na FUNAI encontrei nossos conhecidos do povo Tenharin que ficaram contentes em nos ver e perguntaram se íamos para a festa da MBOTAVA, festa tradicional que devido ao etnocentrismo que sofreram em 2014 por serem acusados sem provas pelo assassinato de dois não indígenas na Transamazônica, tendo como consequência a prisão de seis lideranças Tenharin, dentre eles o cacique que ficou responsável em fazer a festa, pois cada ano é um clã do povo que a realiza. Eu, meus filhos e o pai deles havíamos sido convidados para essa festa, por termos uma relação de proximidade afetiva e política com eles, mas como não havia data prevista para a festa, porque dependiam da liberação do juiz para o cacique ir para a aldeia realizar a festa, não tive como me programar, falei para eles que não iria porque estava indo para Manicoré encontrar-me com os Mura. Eu e o Lucas não fomos para a Mbotava, mas o Tanan e o Iremar, pai dos meus filhos, foram.

Depois de cumprimentar os Tenharin comuniquei ao segurança que precisava falar com o Joabi, ele pediu para que eu aguardasse um pouco e adentrou na sede da FUNAI e logo retornou à portaria dizendo para eu entrar. Entramos eu e Lucas. Encontramos o Joabi que me apresentou o Marcos Mura chefe da STL da região do Capanã, e outras aldeias do rio Marmelo e Madeira da jurisdição do Núcleo da FUNAI de Humaitá. Fomos para a cozinha onde estava mais reservado, apresentei o Lucas e conversamos sobre as situações políticas e culturais.

Naquele momento estava acontecendo um problema político na FUNAI. Segundo Marcos Mura estava ocorrendo um conflito entre os indígenas do baixo Marmelo como os Tenharin da parte de cima do rio Marmelo. O motivo foi a falta de comunicação da FUNAI entre estes indígenas para haver uma parceria no projeto de pesca turista dos Tenharin. Por esse motivo, as comunidades indígenas do baixo Marmelo não permitiram a passagem das lanchas dos turistas na parte do rio que está dentro de seus territórios.

O clima estava tenso, Marcos Mura disse que ele como chefe de CTL – Chefe da rádio da FUNAI que se comunica com as aldeias, não foi informado sobre a ida da polícia federal para área de conflito. O cenário descrito me remeteu a uma imagem construída a partir dos relatos historiográficos do enfrentamento dos Mura com as forças

armadas das frentes colonizadoras que se deram ao longo dos séculos XVIII e XIX no rio Madeira. Segundo Joabi Mura e Marcos Mura um indígena havia sido apreendido e apanhado da polícia federal.

Nas palavras de Joabi Mura o cenário do conflito se deu da seguinte maneira: “A polícia desceu pra lá e houve o confronto da polícia com os indígenas no meio do rio. A polícia nas lanchas e os indígenas nas canoas. E a polícia ainda soltou bomba de gás lacrimogêneo nos indígenas.” De acordo com Joabi Mura e Marcos Mura os demais indígenas que habitam as margens do Marmelo estão revoltados porque a FUNAI não comunicou nada para eles sobre o projeto de pesca turística dos Tenharin durante a conferência indígena e posteriormente ao retornarem para suas aldeias se depararam com os turistas querendo passar pelo território deles com as lanchas e eles não permitiram, porque estão reivindicando uma porcentagem do recurso do projeto, pois envolve seus territórios e como não houve uma mediação da FUNAI, nem a negociação entre os indígenas, eclodiu o conflito. Pelo que foi falado o chefe regional da FUNAI havia se deslocado para o local para mediar a situação de conflito.

Depois de me colocarem a par do conflito que estava acontecendo conversei com eles sobre meu interesse em ir até Manicoré e de lá chegar até a alguma aldeia Mura. Marcos Mura me passou o contato da Glade Mura e do Barreto Mura para que eu pudesse procurá-los ao chegar em Manicoré. Depois disso ele se retirou para dar andamento em seus encaminhamentos do seu trabalho e eu e Lucas continuamos as conversas com Joabi Mura.

Aproveitamos para falar das nossas articulações políticas voltadas para sua comunidade no Itaparanã e enquanto isso, o Lucas aplicou um rapé Huni Kuin no Joabi Mura a seu pedido, pois ficou interessado quando apresentei a ele o aplicador de rapé que eu levava comigo, tendo em vista que ele ainda não conhecia o rapé desse povo indígena. Ao tomar o rapé olhou para mim e perguntou se o Lucas estava sendo preparado para pajé. Sorrimos, pois apesar da pajelança fazer parte da história da família do Joabi Mura eles optaram por não retomá-la devido à religião evangélica que adotaram.

Ficamos um tempo falando na crença dos espíritos evocados por meio da pajelança, eu e Lucas falamos que acreditamos nesses espíritos, Joabi disse que também acredita mas de outra forma, ele estava se referindo as revelações no contexto evangélico. Após essa conversa dei um pouco de rapé para ele e combinamos de sua

família ir até a maloca querida que é a nossa casa em Porto Velho, para fazermos juntos uma atividade cultural. Depois disso nos despedimos.

Voltamos à casa do Joabi para entregar a bicicleta que sua esposa havia nos emprestado para ir até a FUNAI, a agradecemos e retornamos para a casa da tia Cila. Chegamos na hora do almoço, sentamos à mesa a convite da titia, do titio e da prima e do primo. Enquanto almoçamos fomos falando das atividades que fizemos e das nossas pretensões de ir a uma aldeia Mura e já acertamos de meu primo nos levar até o porto na hora do embarque. O restante da tarde foi muito corrido, preparamos a bagagem e antes de sairmos a tia Cila ainda preparou uma merenda para nós. Logo chegou a hora de irmos, meu primo Adelson chegou do trabalho e nos levou, nos despedimos e a titia fez suas recomendações para irmos com cuidado e mandarmos notícia.

Seguimos viagem pelo rio Madeira. Fomos no barco “Vovó Ana” saímos às 18:30h. A tripulação do barco é chefiada pela própria dona Ana com quem conversei e pedi referências de lugares de hospedagem. Chegamos em Manicoré pela manhã entre 10:00 horas e 10:30. Ao desembarcarmos pegamos um carro e pedi que o motorista nos levasse num lugar que tivesse uma hospedagem com preço acessível, boa qualidade e com segurança. Ficamos na pousada “Curupira”. Na recepção a moça que nos atendeu nos informou que se fôssemos almoçar tinha que fazer logo o pedido antes da cozinha fechar, pedi uma caldeira de tambaqui. Subimos nos acomodamos e depois descemos para o almoço. Após o almoço descansamos e às 14:00 horas fomos atrás dos contatos passados pelo Marcos Mura.

A acolhida da Glade e do Barreto foi muito boa, apesar de estarem em plena fase de cadastramento do senso escolar que demanda muito trabalho. No primeiro encontro com eles nos apresentamos como Mura, falamos da nossa atuação política nas lutas indígenas depois falei da minha pesquisa de doutorado e do interesse pessoal e acadêmico em ir até uma aldeia Mura. Barreto se comprometeu em nos encaminhar para uma aldeia. Combinamos de voltar no outro dia pela manhã para conversarmos mais e para realizar uma entrevista com um dos dois coordenadores ou com os dois.

Passamos o restante da tarde andando pelas ruas vendo os rostos, os movimentos e os olhares curiosos sobre nós. Durante a noite saímos para ver o movimento da cidade que durante o dia e a noite é tranquila. Os transeuntes são simpáticos e não sentimos nenhum estranhamento ao andar à noite na cidade. Em todos os lugares fomos bem atendidos.

Manicoré não tem estrada de ligação com outra cidade, para chegar até ela só via fluvial e aérea. A pousada onde ficamos não tem portas na parte da recepção, embora fique um segurança de plantão à noite no lugar, ainda assim, um pousada sem portas não seria possível em Porto Velho. As pessoas com quem conversamos nos disseram que não tem problema de roubos, assaltos e criminalidade na cidade, mencionaram uma única tentativa de assalto ao Banco do Brasil planejada por ladrões de outra cidade que vieram de avião fretado e se hospedaram na mesma pousada que nós. Enquanto estavam na pousada foram presos porque o piloto do avião que fretaram os denunciou.

No dia 17 fomos pela manhã no Núcleo de Educação Escolar Indígena, mas a Glade e o Barreto estavam para uma reunião com a secretária de educação, ficamos aguardando retornarem. Ao retornarem conversamos um pouco e combinamos a entrevista para o período da tarde, aproveitei para tirar cópia do material sobre a conferência indígena que a Glade havia me passado. Passamos também na biblioteca Municipal onde encontrei alguns materiais importantes para a pesquisa, o livro sobre o histórico da cidade e o quadro da imagem de Mani de autor anônimo. Visitamos também o mercado Municipal de vendas de peixe que fica de frente para a rua principal e com os fundos para a beira do rio. As 11:30h retornamos ao Núcleo de Educação Escolar Indígena conforme a Glade combinou para que ela pudesse nos levar num restaurante que ela disse ser bom e com preço acessível, segundo ela os professores indígenas quando vão para a cidade só almoçam lá.

Chegamos lá no Núcleo de Educação Escolar Indígena, estavam fechando a sala e embora a Glade e o Barreto não pudessem almoçar conosco nos deixaram no restaurante. Era um dia de sexta-feira e como o Barreto é protestante tinha que resolver todas as coisas antes das 18:00 horas, depois desse horário não pode mais fazer nenhum trabalho, porque sua religião não permite. Glade estava resolvendo questões familiares no intervalo para o almoço.

Retornamos ao Núcleo de Educação Escolar Indígena às 15:00 horas, realizei a entrevista com o Barreto em 20 minutos cronometrados pela Glade que não deixou passar nenhum minuto, pois o Barreto tinha que sair para fazer as compras de mercado para casa antes das 18:00 horas. Após a entrevista Barreto nos disse que não havia conseguido contato com o cacique da aldeia que ele gostaria que fôssemos, por ser uma referência cultural de aldeia Mura, por esse motivo, nos encaminhou para a sua aldeia onde seu irmão Paulo Barreto é cacique. Na entrevista ele contou um pouco da luta da sua família para se manter no lugar e ser reconhecido como Mura. Todos os

encaminhamentos foram feitos, nos despedimos e saímos apressadamente, pois a Glade deu a ideia de embarcamos no barco que ia sair às 18:00 horas e já ia dar 17:00 horas.

Por coincidência o barco era a o da “Vovó Ana” que estava retornando para Humaitá. Fomos até o barco e informamos para a dona Ana que íamos fechar nossa hospedagem e embarcar com ela. Fizemos tudo em uma hora, a pousada era perto do porto. Às 18:30h do dia 17 estávamos deixando Manicoré que nos acolheu tão bem para seguirmos para Bom Intento conhecer uma aldeia Mura.

O encontro do quadro de Mani e depois um livro de autor local se referindo a origem indígena de Manicoré, me fez fazer a leitura do lugar como a terra de Mani.

Mani (Fig. 2) pintura encontrada na biblioteca pública do Município de Manicoré que representa a deusa Mani venerada pelos Anicorés.

Mani a kunhãmuku puranga, moça bonita, venerada pelo seu povo Anicoré, que, ao fazer a passagem para o mundo dos espíritos, tornou-se um ser protetor invocado pelos Anicoré, os Mani mimbira, filhos de Mani; Tupana, deusa dos Anicoré, que originou o nome Manicoré. Essa é a referência do nome do Município

de Manicoré, apresentada por Octavio Mello que estuda topônimos Amazonenses e que eu transpus de uma linguagem totalmente ocidental para uma mais amazônica de onde nasce essa narrativa.

Na biblioteca Municipal de Manicoré este quadro de um autor anônimo, fotografado por Lucas Maciel Ferreira (Mura), com a imagem da Mani, toda enfeitada e iluminada que abre caminho na floresta, sendo venerada pelo seu Povo. A presença de Mani marca a força espiritual da mulher indígena, tendo em vista que Manicoré é território daqueles que deram origem ao nome do Lugar, o povo Anicoré e dos demais povos indígenas, os Mura, os Torá, os Tenharin, Parintintin, Munduruku e os Pirahã, que retomaram em Manicoré suas territorialidades.

A força estampada na pintura de Mani está presente na expressão das mulheres indígenas. Percebi essa força e autonomia nas mulheres de fases indígenas em Manicoré. Vi que as mulheres mais velhas são bem ativas, as vi andando de moto pela rua com toda facilidade e sorriso estampado.

As mulheres administram seus negócios, transitam com filhos e bagagens em direção ao porto, circulam pelas ruas apressadas ou devagar sabendo aonde ir. A presença dessas mulheres como executoras, administradoras e funcionárias foi notada na pousada que embora seja de propriedade de um homem é tomada de conta pelas mulheres, cuidam da portaria, da hospedagem, do restaurante e dão conta de interagir com os hóspedes. Nas bancas de venda, nos estabelecimentos de fornecimento alimentar, música e bebidas também foram encontradas mulheres que estavam na administração. As mulheres em Manicoré são bonitas e comunicativas com predominância de feições indígenas.

Na secretaria de educação Estadual e Municipal, na biblioteca Municipal, no restaurante, na conveniência onde fui tirar xeróx, na pousada e nas ruas elas roubam a cena. Nos lugares que os homens estão presentes a atuação é conjunta, como pude perceber no Núcleo de Educação Escolar Indígena do Município, onde Glades e Barreto, ambos Mura, trabalham conjuntamente para garantir a efetivação de uma educação escolar específica e diferenciada para as escolas indígenas.

Também presenciei essa ação conjunta entre homem e mulher num restaurante que almocei, onde o marido e a esposa estavam dividindo as atividades com o auxílio de outras mulheres. Os poucos dias que passei por Manicoré, transitando nas ruas e indo em lugares institucionais e de entretenimento social, passando em frente das casas, recebendo as informações delas nas instituições e nos

estabelecimentos comerciais e até mesmo com a senhora que aproveita a sombra da árvore na frente da sua casa na beira da rua, e na imagem da filha com sua mãe idosa na sala da casa no final da tarde, em todas as cenas cotidianas que visualizei na cidade percebi a força e o poder de Mani presente nas mulheres manicorenses.

Segundo registros históricos feitos pelo escritor local Arindal Vinicius da Fonseca Reis em seu livro “Nosso Chão” (s/d, p. 21-28) Manicoré nasceu no ano de 1797, por determinação de Resolução Provincial, assinada pelo então Governador da Província do Grão-Pará. Dom Francisco de Souza Coutinho. O lugar foi fundado por degredados portugueses e habitantes da região. De acordo com o autor, foi criado um povoado denominado de “CRATO”, localizado na confluência do Rio Jamari com o rio Madeira, nas palavras do autor por “ser um lugar belo de grande fartura e estratégico, oferecendo ainda o fator principal, ser importante polo propício a facilitar nossas transações comerciais com as províncias do Pará, Mato Grosso e Góias, além da segurança da soberania Portuguesa e salvaguarda das nossas fronteiras entre o Brasil e a Bolívia.” (REIS, s/d, p. 21). Sem dúvida, que a localização do Município foi estratégica para o controle político das províncias e posteriormente o município nas relações políticas com o ESTADO. Uma província em 1797 na confluência do Jamari com o rio Madeira controlava a formação da resistência dos povos indígenas locais, como no caso dos Mura, que habitavam essa região e resistiam a efetivação da política de integração na sociedade nacional.

Conforme é mencionado no Histórico feito por Reis (s/d, p. 21) foi determinado por Dom Francisco de Souza Coutinho, que no povoado de Crato, fosse criado um presídio para onde seriam deportados os presos, criminosos que atentassem contra os interesses da coroa portuguesa e outros que caíssem no desagrado do governo. No contexto político da formação de novos espaços e populações na ótica civilizatória, dentre os tidos criminosos estavam incluídos aqueles que resistiam ao domínio colonizador, como exemplo tem a informação dada pelo referido autor: “Inclusive dizem os antigos, que um dos presos importantes que cumpria sua pena naquele presídio, foi um dos defensores da cabanagem, o Cônego Batista Campos...”(REIS, s/d, p. 21). Por essa informação é possível deduzir quantos anônimos da população dentre os Mura que segundo a historiografia realizaram seu último levante contra as frentes colonizadoras participando da cabanagem, foram aprisionados por resistirem ao regime civilizatório para a nova população em formação.

Nos dados encontrados no site do IBGE é informado sobre as modificações ocorridas na formação administrativa de Manicoré²⁸ que em 1911 era constituído de dois distritos, Manicoré e 2º distrito e nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920 o município aparece constituído de 7 distritos, os quais são: Manicoré, Capanã, Carapatuba, Curucã Matuperi, Uruá e Uruapeara. O último se refere ao espaço de seringal onde se formou minha família materna que atualmente faz parte da jurisdição do município de Humaitá. O Município de Manicoré, deste período até os dias atuais, passou por novas readequações territoriais, tendo parte do território desmembrada a favor do Município de Auxiliadora em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional nº 12; mais tarde passa por outra divisão administrativa por meio da Lei Estadual nº 96, de 19-12-1955, perdendo outra parte para o Município de Novo Aripuanã, sendo assim, o Município é constituído do distrito sede. Mantendo essa divisão territorial com última datação em 2009.

Manicoré foi criado como espaço de formação de uma nova população composta por remanescentes indígenas da região e por migrantes advindos de outras regiões do Brasil. Somente após várias epidemias sofridas pelos habitantes do arraial Aguirre que localizava-se numa vasta área de várzea e, por esse motivo, foi transferido para outra margem, em frente à foz do Rio dos Anicorés, onde localizava-se em épocas remotas o aldeamento do povo indígena Anicoré, que segundo registro histórico veio formar a cidade.

Nesse histórico apresentado no livro “Histórias do nosso chão” e nos dados históricos encontrados no site do IBGE a referência indígena encontrada se refere ao povo denominado de Anicoré de onde deriva o nome do Município, no entanto, se for considerado que a confluência do Jamari com o rio Madeira situada no Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú adaptado pelo IBGE com base no mapa que criou em 1944 com consultas feitas ao que foi criado em 1943 para o Museu Goeldi, Manicoré está situado num espaço territorial dentro de uma representação cartográfica totalmente diferente da atual, onde é mencionada a presença de diferentes povos indígenas dentre eles os Mura, os Torá, os Kawahiwa e Munduruku, Onicoré e Torá/Matanawi.

²⁸Fonte: www.cn.m.org.br

Os Onicore está marcado abaixo da Capaná (1714) entre duas marcações de presença dos Torá (1691-1714). Onicore pode ser a nomeação de um rio ou o mesmo que Anicoré, como pode ser observado abaixo:²⁹

Fig. 3 Recorte mapa – demonstração do Povo Onicore/Anicoré

De acordo com Rodolho Pinto Barborsa em seu artigo “A Cartografia do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú In Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú (2002, p. 19), a base planimétrica dos mapas originais de Curt com as atuais, verificam-se algumas discrepâncias no traçado dos rios, linha de costa e limites. Conforme lembra o referido autor, no início da década de 40, quando Curt elaborou os mapas havia pouca documentação cartográfica abrangendo toda a área por ele estudada e que lhe servisse de base para compilar o tema.

Recorte do mapa de Curt Nimuendajú onde é possível visualizar como se configurava área correspondente a região de localização da atual cidade de Manicoré:

²⁹Nesse link da biblioteca digital Curt Nimuendajú: http://biblio.wdfiles.com/local--files/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg é possível visualizar o mapa.

em Manicoré de 1991 a 2010 aumentaram. Em 1991, 313 pessoas se identificaram como indígena, em 2000, 803 pessoas, em 2010, 2.551. De acordo, com a conversa que tive em Manicoré com a coordenadora pedagógica e o coordenador administrativo do Núcleo de Educação Escolar indígena na Secretaria de Educação Municipal, no dia 16 de julho de 2015, esse processo de identificação indígena é recente e se deu por meio da articulação política de retomada indígena, processo em que os dois que se assumem como Mura fizeram parte.

Em conversa com a coordenadora pedagógica do Núcleo de Educação do Município de Manicoré adquiri um material da I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré. A temática da conferência foi “Produção Simbólica e Diversidade Cultural”. O palestrante foi Emerson Parente. Essa conferência é apontada pelos coordenadores do Núcleo de Educação local como um marco referencial na articulação política dos indígenas em Manicoré, nela foram registrados os relatos do movimento indígena do Município a partir de 1990.

Os tópicos dos relatos registrados na I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré foram: Histórias e Relatos, Abordagem Antropológica, Histórico do Movimento Indígena da Região de Manicoré, Cultura Indígena de Manicoré.

No tópico Histórias e Relatos é apresentado um dado tomado como histórico no ano de 1983 que se refere à atuação do Missionário da igreja católica Pe. José Salgues da comunidade Nossa Senhora do Uruapeara, o qual durante sua missão evangelizadora identificou os problemas enfrentados pelos moradores das comunidades com as quais atuava, os quais foram: exploração do trabalho escravo; exploração dos recursos naturais e dos meios de manutenção dos sustentos das populações locais; a apropriação e domínios de terra e a repreensão dos valores éticos etc. Pelo que é possível entender esse levantamento de diagnóstico apresentado pelo Missionário contribui com a mobilização de retomada indígena e luta por seus direitos.

Na abordagem antropológica foram apresentados dois quadros de questões para reflexão: Num quadro estava a pergunta sobre “O que é ser índio?” Seguida de algumas afirmações colocadas para reflexão: Índio é um ser primitivo que mora na mata; vive isolado e anda sem roupa; é se autorreconhecer; valorizar e preservar seus conhecimentos e cultura; fazer valer seus direitos; respeitar e preservar seu habitat. No outro quadro estava a pergunta “Por que e para que ser índio?” Em seguida algumas possibilidades de respostas: Benefício previdenciário; atendimento

mais fácil; oportunidade; fazer tudo como índio. Dessas questões são construídos os seguintes posicionamentos:

1. O índio culturalmente é conhecido pela sociedade como cidadão que vive nas margens dos rios, que mora e vive em sociedade, que se organiza em grupo para determinadas atividades.
2. O índio é o ser humano que mais contribui para a preservação do planeta e da biodiversidade (terra, floresta, animais, rios, peixes, plantas...) por ser a principal riqueza que ele considera para sua sobrevivência e de sua população.

Sobre o histórico do movimento indígena da região de Manicoré foram apresentados os dados referentes à quantidade de povos indígenas identificados, seus espaços habitacionais, suas características culturais, seus meios de sustentabilidade, suas formas de organização e suas conquistas políticas.

De acordo com as informações registradas na I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré, atualmente no município existem 07 povos indígenas identificados: Mura, Torá, Tenharin, Apurinã, Parintintin, Munduruku e Pirahã, todos com suas características próprias. Estes povos habitam em 40 aldeias, sendo 30 no Município de Manicoré, 10 no Município de Humaitá e 07 delas do povo Pirahã. As características culturais são definidas de acordo com a peculiaridade de cada povo, a maioria não fala a língua própria, e muitos não mantêm parte de sua cultura.

A perda linguística e cultural é colocada pelos participantes da I Conferência Municipal como consequência da imposição da civilização que se deu por meio dos constantes contatos e convivência com outras realidades não indígenas, fazendo uma ressalva ao povo Pirahã, o qual segundo os referidos participantes, mantém seus costumes, culturas e tradições por não conviverem diretamente com a sociedade não indígena e por serem um povo nômade e tradicional. Além dos Pirahã os Tenharin também foram considerados como um povo que procura manter sua cultura e tradições.

Os meios de sustentabilidade apresentados na conferência foi o extrativismo que pelo meio do qual os povos indígenas retiram da própria floresta seu sustento. Nesse sentido, as atividades sustentáveis basicamente voltadas ao extrativismo foram a coleta da castanha, do Açaí, produção da borracha, uso do cipó e demais

matérias retiradas da natureza para a produção de artesanatos, extração de óleos vegetais, mel de abelha, produção de farinha, derivados e outros.

Na conferência a cultura indígena de Manicoré é diferenciada de acordo com o modo de viver, considerando as peculiaridades étnicas e culturais de cada povo. No aspecto da organização social, afirmou-se que todos os povos vivem em grupo, em espaços de aldeias e na organização de trabalhos coletivos denominados por puxirum. No aspecto linguístico os povos mencionados como falantes de sua língua própria foram os Tenharin, Parintintin e Pirahã. Da mesma maneira, nos aspectos dos rituais/dança e produção de artesanato somente estes três povos foram mencionados. Em relação aos hábitos culturais todos os povos foram mencionados como seminômade, que desenvolvem pinturas, gostam de andar, partilhar, de assar seus alimentos, comer chibé de farinha, pirão, vinhos, fazer caçadas, pescaria com flechas e têm suas histórias.

Os marcos do movimento indígena de 1990 apontados foram:

1992 – Início do trabalho da FUNAI Brasília com equipes de antropólogos, os quais iniciaram o processo de estudo de identificação para o reconhecimento e levantamento antropológicos das áreas e dos Povos que habitavam as terras. Esse acontecimento é atribuído à articulação das comunidades que buscavam seu fortalecimento social por meio da participação nos encontros, reuniões, seminários e outros movimentos indígenas na Transamazônica.

1996 – Houve novamente a visita da equipe da FUNAI Brasília em Manicoré para a conclusão dos estudos de identificação, onde a equipe técnica da FUNAI, tendo a menção de uma pessoa chamada Eliane, que possivelmente coordenava as atividades de estudos. De acordo com os registros a referida equipe visitou e se reuniu com os representantes do poder público do Município, prefeito, promotor, juiz e outros. Como resultado, houve a portaria de regulamentação de 05 áreas indígenas Mura de Manicoré, terra indígena Pinatuba, terra indígena Ariramba, terra indígena Garrota, terra indígena Lago do Jauari, terra indígena Capanã, publicadas no Diário Oficial da União. Neste item também é observado que as comunidades já se organizavam buscando um melhor atendimento na área de saúde, educação, organização e outros.

1999 – Criam-se os DSEIS para trabalhar a saúde indígena específica (FUNASA). Essa data é colocada como um marco da primeira reunião dos povos indígenas na cidade de Manicoré (Centro catequético - N. S. D) para a discussão

sobre saúde indígena específica para os povos indígenas de Manicoré. Conforme é observado nos registros, as comunidades continuam discutindo essas questões.

2000 - Conforme os registros feitos foi um ano de conquistas de uma política específica no campo educacional e de saúde, assim também, como foi o ano de fortalecimento do movimento por meio da criação da organização dos povos indígenas da região de Manicoré – OPITTAMPP. Dentre as políticas específicas de garantia de direitos indígenas foram mencionadas a realização da primeira etapa do curso de formação de professores indígenas em Autazes, onde 08 indígenas de Manicoré participaram, tal curso fez parte da efetivação da legislação estadual de educação escolar indígena. Outra conquista mencionada foi a implantação do subdistrito de saúde indígena de Manicoré por meio do convênio COIAB/FUNASA com uma equipe multidisciplinar para atender os indígenas.

2001 – Foram apresentados resultados importantes da articulação indígena, os quais foram: Demarcação e homologação das 05 áreas indígenas Mura de Manicoré; Implantação da FUNAI em Manicoré – PIN/ Manicoré – CTL; Reconhecimento da educação diferenciada pelo prefeito NENA, que criou a coordenação de educação escolar indígena de Manicoré, por meio do decreto de lei Nº 057/2001 05 de março de 2001.

Na finalização dos registros feitos na I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré foi apresentado um resumo do resultado da luta indígena entre 1990 a 2013, onde consta tudo o que foi apresentado durante a conferência, acrescentando-se as seguintes informações: Funcionamento de aulas nas escolas em todas as aldeias no segmento infantil, fundamental e tecnológico; a contratação de 74 professores; 1.028 alunos indígenas atuando em sala de aula; 76 serviços e transportes escolares; formação de professores (PIRAYAWARA); Indígenas universitários do curso de pedagogia; 03 escolas indígenas em fase de construção; 02 unidades básicas de saúde indígena (pólo base); Sede de trabalho da saúde em Manicoré com equipe multidisciplinar (profissionais); AIS em todas as aldeias.

Ainda como resultado da política indígena local é enfatizado o fortalecimento das comunidades e populações indígenas, a qual possibilitou as seguintes resultados: Instituição municipal com uma política indígena concreta discutida com os índios; Funcionamento dos órgãos que trabalha com a questão indígena (OTTAMPP, FUNAI); Espaço para divulgação da cultura indígena local;

Apoio técnico/cultural; Estrutura física de escolas; Cursos superiores para indígenas em diversas áreas.

A mensagem final registrada na conferência foi “Considerando que a diversidade cultural é o maior patrimônio da população brasileira, a influência-civilização é o fator que mais fragmentou a cultura indígena em nosso Município. Hoje a cultura indígena é fator de discriminação daqueles que desconhecem seus próprios valores.” (I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré, Secretaria Municipal de administração, Decreto Municipal nº 292/2013 de 28 de junho de 2013).³²

Com base nos relatos dos indígenas registrados na I Conferência de Cultura de Manicoré, é possível perceber que mesmo havendo o reconhecimento de que apenas três dos povos indígenas que estão fazendo parte do movimento de afirmação, cultura, território e territorialidade indígena são mencionados como praticantes da língua materna e das suas tradições ritualísticas, não houve a desqualificação dos demais povos que também fazem parte desse movimento por não terem marcados esses atributos culturais específicos.

A definição do ser indígena envolve todos os povos, pois o que está sendo tomado como referência é o modo de ser indígena na relação com o seu meio natural. Assim, aqueles que perderam sua língua materna e seus costumes mais específicos das tradições dos antepassados por fazerem parte do movimento de retomada indígena souberam junto com os demais construir uma concepção do ser indígena que seja comum a todos. Dessa forma, viver às margens dos rios, se organizar em grupo, fazer puxirum, preservar a natureza, viver dos recursos da natureza por meio do extrativismo familiar, gostar de andar visitando os parentes e percorrer sua área territorial independente das divisões políticas do espaço feita pelo ESTADO³³, partilhar, gostar de assar seus alimentos, fazer moquéim, comer chibé de farinha, pirão, tomar vinhos das frutas, fazer caçadas, manter suas histórias, são os atributos culturais em comum tomados como referência para a reafirmação indígena.

³² <http://www.diariomunicipal.com.br/aam/materia/913577> (acessado em 07/08/2015 as 00:26 hs)

³³ Por meio das vivências compartilhadas com as comunidades percebi que seus deslocamentos e vivências dos lugares não correspondem as fronteiras criadas pelo Estado, se prestarmos a atenção aos deslocamentos e circulação dessas pessoas, nos daremos conta que suas experiências de idas e vindas de um lugar para outro, de passar temporada num lugar e noutro, fazem parte da dinâmica das andanças nômades indígenas em territórios de circulação dos lugares habitados, de acordo com as estações da natureza.

Tomando os atributos culturais apresentados pelos indígenas na I Conferência Indígena em Manicoré como referências para a afirmação do modo de ser indígena, minha família materna advinda do Uruapeara para Humaitá/AM, Nazaré e Porto Velho/ RO, vive o modo de ser indígena. Apesar das linhas de algodão tecidas pelos antepassados que nos ligavam a algum povo indígena específico, Mura, Munduruku ou algum outro das margens dos rios de Santarém/Para de onde veio meu bisavô, terem sido puídas pela imposição cultural não indígena, fio de memória que vem sendo novamente tecida por meio dos fragmentos dos cantos e das histórias que emergem nas narrações dos tios, tias, primos, primas, avó e mãe.

7.TERRA INDÍGENA JAUARI – ALDEIA BOM INTENTO

Bom intento fica às margens esquerda do rio Madeira, sentido Manicoré a Humaitá, ela faz parte da terra indígena Lago do Jauari. De acordo com as informações passadas por Barreto Mura em sua entrevista que realizei em Manicoré no Núcleo de Educação Escolar Indígena, a Terra Indígena Lago do Jauari tem 05 aldeias, 03 às margens do rio Madeira e 02 às margens do lago Jauari.

Sáimos de Manicoré com o bilhete do Barreto, irmão do seu Paulo Barreto, que é o cacique da aldeia. O barco passou na aldeia na madrugada, estava tudo escuro. Ao nos prepararmos para desembarcar havia um casal de idosos que iam desembarcar também, mas num porto antes do qual nós íamos ficar. O senhor Ubirajara Mura perguntou-me o que eu ia fazer na aldeia, disse que eu e meu filho somos Mura e íamos conhecer a aldeia. Ele disse que o lugar que íamos ficar era o lugar onde ficava a escola e que ia ser importante eu conhecer lá e fazer algum trabalho.

Seu Ubirajara Mura disse que estava esperando a equipe da FUNAI para tratar de umas questões internas da aldeia, no intuito de reivindicar melhorias. Perguntei se tinha como ir à localidade que ele mora por terra de lá de onde íamos ficar, ele me disse que não tem caminhos por terra, porque tem muitas cobras, o deslocamento de um lugar para outro era só por meio do rio. Em seguida desembarcou com sua esposa e depois que a vuadeira (lança fluvial de alumínio) voltou nos levou até o porto do seu Paulo Barreto. Eu fiquei com medo de desembarcar, porque estava escuro, fiquei pensando que não conhecia ninguém da

comunidade, podia ter cachorros e não sabia se as casas eram distantes da beira do rio. Quase desisti de desembarcar, mas Lucas me encorajou e tomou a frente colocando as coisas na vuadeira e me ajudando a desembarcar.

Quando chegamos ao porto subimos na prancha, jirau que fica em cima da água que serve para lavar roupas e tomar banho. Olhei para o barranco e vi uma escada grande, não tínhamos lanterna, o rapaz da voadeira foi gentil e iluminou a escada até terminarmos de subir. Assim que chegamos em terra logo avistamos um homem no meio do caminho se aproximando, era o cacique Paulo Mura que estava indo ver quem tinha chegado. Ele nos iluminou com a lanterna, me apresentei a ele e disse que tinha um bilhete do Barreto de Manicoré para ele. Fomos conduzidos até sua casa, lá eu entreguei a ele o referido bilhete que explicava quem éramos e com as recomendações do irmão sobre nós para o cacique. Depois de ler o bilhete ele chamou sua esposa para ver onde ia nos acomodar, íamos ficar na sala, mas como tinha muito carapanã e não tinha cortinado, foi sugerido que ficássemos na secretaria da escola que segundo eles era forrado e tinha menos carapanã. Seu Paulo nos levou até lá. Em pouco tempo estávamos acomodados em nossas redes e eu me tranquilizei.

Pela manhã fomos para a casa do cacique, fomos convidados para tomar café e conversamos mais sobre a nossa ida até a aldeia. Vimos que na casa moravam bastante gente, os filhos e uma moça com sua filha pequena e seu marido, que foi dar aula na escola e inserida na família. Há bastante movimento na casa com os próprios moradores. O cacique marcou a reunião com toda a comunidade para a segunda-feira para nos apresentarmos e propormos as atividades na escola com os alunos. Passamos o sábado e o domingo interagindo com o cotidiano da família do cacique.

Nos dias que fiquei na aldeia não me preocupei em fazer perguntas apenas vivenciei o cotidiano. Vivenciando a vida de Mura. Sábado tarde da noite fomos convidados pelos jovens para irmos com eles numa caçada na praia do outro lado rio. Fomos em duas rabetas, de kunhãs/mulheres, eu, a filha kunhãmuku/moça do cacique e duas professoras não indígenas, a que mora com a família do cacique e a que mora na casa dos professores e o restante do grupo eram os rapazes/apigaua/homens, o marido da professora que mora na casa do cacique e os Mura. Foi uma experiência única.

A caçada Mura na madrugada requer muita experiência para atravessar o madeirão de rabeta, para percorrer a praia, se livrar dos jacarés e saber cacetar os marrecos. A caça não é feita com espingarda ou outra arma de fogo, ela é feita com pedaços de pau resistente que eles preparam em forma de cacete especificamente para essa forma de caça.

Andamos uma longa distância na praia iluminando o caminho com lanternas, os caçadores se distanciaram, eles têm muita habilidade para focar a lanterna apenas uma vez e seguir rumo à caça e cacetá-la. O sentido de localização é bastante apurado, pois embora o grupo tenha se afastado a longa distância do lugar onde as duas rabetas ficaram atracadas eles souberam onde estavam. A caçada para eles na praia, pelo que percebi, serve também como passeio onde os casais de namorados vão passear, pelo que ouvi falar, também é um ponto de encontro com outras famílias que vão para a praia. É como se fosse uma praça de encontro. Embora haja o grupo que fica acompanhando mais no entretenimento e o grupo que se afasta do barulho para a caçada.

Foi uma grande emoção atravessar o rio Madeira de rabeta tarde da noite na ida e na madrugada andar na praia atentamente para não pisar em lugares moles que afundavam na lama e para não cair nas valas e não ir para o rumo que os jacarés estavam esturrando ferozmente.

Depois de percorrermos uma longa distância na praia nos batendo por causa dos carapanãs³⁴ e atentos a todos os riscos possíveis, voltamos em direção ao lugar onde estavam as rabetas, foi quando ouvi bem alto os esturros dos jacarés que pareciam que estavam prestes a surgir diante de nós. Foi só neste momento que vim distinguir que não eram os meninos que vinham na frente que estavam fazendo o som e de fato os próprios jacarés. Tanto na ida como na volta olhava para aquela imensidão de água em largura e profundidade e ficava pensando que nós estávamos ali tão pequenos diante de tanta imensidão e ao mesmo tempo em que me achava sem juízo de estar ali totalmente vulnerável, pois se chegássemos a naufragar não teríamos chance de escapar, imagino eu que não, mas ao ver tanta coragem, naturalidade e euforia nos demais eu me coloquei a vivenciar tudo aquilo e viver aqueles momentos como Mura junto com outros Mura.

³⁴ Esses são os carapanãs alterados geneticamente que se reproduziram de forma descontrolada e têm tirado a tranquilidade das pessoas que vivem às margens do rio Madeira. Lá na aldeia Bom Intento a partir das seis horas da tarde não é mais possível ficar na área que as pessoas ficam durante o dia na beira do rio, pois não é apenas um carapanã que ferra a pessoas são muitos ao mesmo tempo.

Domingo fui com o pessoal para a comunidade não indígena, Bom Intento Fortaleza, para assistir o campeonato de futebol. Estavam duas famílias Mura lá, a do cacique e a de outra aldeia Mura. O irmão da esposa do cacique formou um time com os meninos da aldeia, mas eles perderam no campeonato. Nesse período a atividade de garimpo está em alta ao entorno das comunidades. No rio Madeira se concentram várias dragas e os garimpeiros de diferentes comunidades vão em grande quantidade nas atividades de entretenimento. Sábado eles foram para a aldeia jogar bola com os meninos e no domingo estavam no campeonato. Segundo me informaram havia um time lá do Uruapera participando do campeonato, olhei mais não reconheci ninguém, não havia nenhum dos meus parentes e conhecidos de lá, devia ser um time de alguma comunidade das que eu não cheguei conhecer as pessoas.

A presença dos garimpeiros nos eventos, como no caso do campeonato, é uma atração para o pessoal das comunidades. O bar que fica na comunidade que aconteceu o campeonato estava cheio de garimpeiros e eles eram os consumidores prioritários das bebidas alcoólicas. Nessa comunidade vi cunhantãs/meninas novas grávidas e outras com namorados, isso parece ser comum naquela localidade. Não vi com agrado a presença dos garimpeiros. Conversando com uma das cunhantãs da aldeia ela me disse que seus pais não estão mais deixando ir para a praia para atividade das caças juvenis, porque está ficando perigoso. Segundo ela, umas meninas que estavam lá pegaram uma carreira de uns homens estranhos. A ouvi contando-me esse acontecimento fiquei pensando que a atividade de garimpo próximo a aldeia e a outras comunidades pode ser responsável por esse acontecimento devido à interferência deles nessas localidades, tendo em vista que os garimpeiros vêm de diferentes comunidades não indígenas, tendo também aqueles das próprias comunidades próximas. Lá da aldeia estava o cunhado e um dos filhos do cacique trabalhando no garimpo, pois nesse período essa é uma atividade de geração de renda.

Passamos a tarde na comunidade Bom Intento Fortaleza que não é indígena, mas parece uma aldeia, as pessoas todas têm feições indígenas. O lugar é alto e bonito e tem uma igreja católica onde a padroeira é a Nossa Senhora da Saúde, inclusive uma das mulheres mais velhas da comunidade estava muito doente e se caso ela não tivesse uma melhora não iria haver o Festejo que estava com a data se aproximando. Fui até o bar atrás de água e guloseimas com o Lucas, a Mirela de uns

cinco anos de idade, sobrinha da esposa do cacique, e a Cessi, filha de outra família Mura. Foi quando vi o movimento no bar de muitos homens e sua maior parte do garimpo. Quando acabou o jogo embarcamos na rabeta e fomos embora. Andar de rabeta no rio Madeira pegando o vento no rosto nos faz sentir livre.

Domingo à noite a juventude foi novamente para a caçada na praia, mas eu não quis ir, estava cansada e também tinha me dado por satisfeita com a primeira experiência. Vi também que era uma atividade de jovens e quis deixar o Lucas vivenciar esse momento com outros jovens Mura sem a minha presença.

Na manhã de segunda-feira, 20 de julho de 2015, antes do cacique ir para Manicoré, houve a reunião com a comunidade para nos apresentar e propor atividades na escola com os alunos.

Na terça-feira iniciamos nossas atividades de vivências indígenas com os alunos da manhã e da tarde. Pela manhã são alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, os curumins e cunhantãs gitinhos, os pequenos das séries iniciais. Eles estavam na expectativa da nossa entrada na sala de aula. Apresentamo-nos para eles, cantamos as músicas “Kainanã Kainari” e “José é cutia” que eu aprendi com seu Nelson Mura da aldeia Itaparanã, dançamos o toré pisa ligeiro com eles também.

Na hora que eu cantei a música do “José é Cutia” as crianças riram muito, porque tinha um José na turma, mas eu soube trabalhar isso para que não se tornasse uma situação de constrangimento para o José, mostrei a importância da música perguntando pra eles quem conhecia as frutas e os animais que faziam parte da Música, perguntei quem conhecia tucumã, piquiá e cutia, o nome Jauari e José, eles responderam animadamente que conheciam aí enfatizei que a música era Mura e cantava as coisas que fazia parte da cultura Mura e a principal identificação foi o Lago Jauari que é o nome da terra indígena onde eles vivem.

Na terça-feira, 21 de julho de 2015, à tarde fomos realizar as atividades com os alunos adolescentes e jovens. Nos apresentamos, li um poema “Três Poemas para Sepé Tiaraju” de Graça Graúna encontrado na revista LEETRA de escritores indígenas. E a partir dele falei da importância da resistência e espiritualidade indígena. Com eles tive mais dificuldade de acessá-los, mas vi que deixando o Lucas, que é jovem conduzir as coisas, havia mais possibilidade deles se envolverem, foi o que aconteceu, Lucas os convidou para dançar um toré, explicou a eles o sentido e ensinou a cantar a música do pisa ligeiro. Eles estavam desconfiados

inicialmente, apresentaram-se timidamente como Mura, mas aos poucos se envolveram.

Na quarta-feira pela manhã houve a ação da equipe de saúde na escola com toda a comunidade. Enquanto a equipe vacinava e pesava as crianças e adultos, realizamos no corredor da escola as pinturas com jenipapo com as crianças e os demais presentes que quiseram. Na parte da tarde as pessoas da comunidade que se interessaram procuraram o Lucas para ele fazer neles o grafismo indígena.

De sexta-feira a terça-feira foram dias intensos de vivência Mura, todos os dias tinha peixe fresco do rio Madeira, no almoço e na janta, além do peixe experimentamos a carne dos pássaros e do marreco. A maior parte dos afazeres eram feitos pela manhã, as crianças vão para a escola, os rapazes vão pescar, as mulheres vão cuidar do almoço e dos outros afazeres domésticos. Nos dias que fiquei lá o ponto de encontro para o descanso, as conversas, as brincadeiras das crianças, o jogo de dominó era a sombra das árvores às margens do rio.

As atividades de musicais, dança e pintura com jenipapo foram desenvolvidas em sala de aula como atividade da educação escolar específica e diferenciada. Tais atividades foram bem aceitas pelos alunos e pelos demais da comunidade, apesar de alguns das outras aldeias terem ficado um pouco arredios, mas a família do cacique se envolveu intensamente, os meninos foram coletar o jenipapo e aprenderam a fazer a tinta com o Lucas e todos se pintaram. Ficaram animados e disseram que irão desenvolver essas atividades nos próximos eventos culturais da escola e na data do “dia do índio”.

Conforme a entrevista que fiz com o Barreto a imagem que a sociedade passa sobre os Mura é muito ruim, como se fossem os piores e são responsabilizados por tudo o que é negativo. E por esse motivo há uma dificuldade de trabalhar a afirmação Mura com as crianças. Percebi que os adolescentes e jovens durante as atividades na escola ficaram um pouco desconfiados, mas ainda assim, houve participação, principalmente na dança. Com relação às crianças elas aprenderam rapidamente as músicas cantadas com elas e logo após a primeira atividade estavam falando entre elas os cumprimentos que ensinamos em nheengatu: “Puranga Ara” Bom dia. E a tarde “Puranga Karuka” As cunhantãs da tarde também estavam falando em nheengatu esses cumprimentos.

Uma das coisas marcantes que o Barreto, irmão do cacique, falou é que os não indígenas falam que os Mura vivem como ribeirinhos, em relação a isso eu diria

que é o inverso, são os ribeirinhos que vivem como indígenas e a principal diferença entre os que se dizem ribeirinhos e os que se assumem como Mura é que depois de um longo processo de integração na sociedade não indígena essas comunidades do Amazonas que fizeram a retomada indígena, dentre elas, a do Bom Intento, tiveram a coragem e deram o grande passo de se assumirem como Mura e isso é uma grande conquista política. Falo isso tendo como parâmetro as duas comunidades de que faço parte, a do Uruapeara no Amazonas e a de Nazaré em Rondônia que vivem dentro dos mesmos padrões culturais da comunidade do Bom Intento, pesca, caça, roçado, entre outras atividades e não se assumiram como nenhum Povo indígena, embora alguns da minha família dizem que suas origens são de indígena, admitindo que meu bisavô falava na língua indígena.

Conforme as informações que adquiri no Núcleo de Educação Escolar Indígena em Manicoré, a retomada Mura no Município, tanto na cidade como nas comunidades foi iniciado em 1992. É a partir desse ano que começa a luta de retomada Mura e em 1996 se inicia o processo de demarcação das terras indígenas, dentre elas a Terra Indígena Lago do Jauari da qual a aldeia Bom Intento faz parte.

No final da tarde de quarta-feira agradecemos a esposa e a família toda do cacique pela acolhida e informamos que íamos pegar o barco da madrugada da quinta-feira, escrevi uma carta para o cacique agradecendo por ter me recebido, pois ele havia ido para Manicoré na segunda à tarde depois da reunião com a comunidade onde fomos apresentados, deixei meu colar de presente para ele e dei algumas lembrancinhas para a esposa e filha do cacique.

Eu e Lucas fomos para a beira do barranco olhar o cair da noite com os últimos raios do sol espelhado no rio Madeira, nos despedimos daquele lugar onde vivemos dias Mura com os outros Mura. Na última noite que ficamos na aldeia a filha do cacique, a professora que mora na casa do cacique, o professor indígena que também é o que dirige os cultos, estavam na igreja protestante que há na aldeia, vendo uns vídeos de hinos e ensaiando. Depois se juntaram a nós na sala da casa do cacique onde todas as noites se reúnem para assistir televisão enquanto o motor de luz a óleo diesel está ligado.

Comunicamos a todas e todos, inclusive aos professores não indígenas que estavam presentes, que íamos embora de madrugada, ficaram sentidos com nossa partida, a esposa do cacique disse que íamos fazer falta. Sentimos que foi

estabelecido um vínculo afetivo entre nós. Disseram que ficarão esperando nosso retorno. Sabemos que nossa ida nessa aldeia ampliou nossas relações Mura.

Partimos no dia 23 de julho de 2015, às quatro da manhã. A mesma vuadeira que foi deixar o cacique Paulo Barreto, que estava de retorno, foi a que nos levou para o barco, agradei rapidamente para seu Paulo pelos dias que ficamos na aldeia, nos despedimos e partimos, rumo a Humaitá para de lá irmos para Porto Velho e depois seguirmos para Nazaré onde ia acontecer o Festival Cultural organizado pelo meu primo, Timaia, motivo pelo qual não ficamos mais dias na aldeia Bom Intento.

7.1 BARRETO MURA

É uma liderança do Povo Mura, professor indígena formado pelo curso de Magistério específico e diferenciado, é um intelectual indígena que atua na garantia de uma educação escolar indígena específica e diferenciada como instrumento de reafirmação indígena das crianças e jovens Mura. Ele se apresenta dessa maneira:
- “Meu nome é Antônio da Silva Barreto, o da minha mãe é Maria da Silva Barreto e do meu pai, falecido, era Pedro da Silva Barreto. Eu nasci em 1974, hoje tenho 43 anos e pertencço ao Povo MURA, nasci na terra indígena que hoje é demarcada”.

... Vale apenas hoje a gente continuar lutando.

Eu me chamo Antônio da Silva Barreto, faço parte do povo Mura, mas as pessoas daqui me conhece mais como Barreto mesmo. Atualmente, sou coordenador do Núcleo de Educação Escolar indígena, desde 2009 que eu estou aqui nesse setor. Na Educação Escolar Indígena é sempre um desafio pra gente fazer valer o que está garantido na constituição.

Vou falar da nossa História Mura. Começo falando da nossa geografia que é um dos grandes gargalos de complexidade Geográfica, por exemplo, o povo Mura não está só no rio Madeira, mas também nos afluentes desse rio. A gente compreende historicamente por que os Mura estão ainda hoje nas cabeceiras de rios. Estão, porque a História coloca as pressões que sofreram e que fizeram com que fugissem em busca de sobrevivência.

Hoje em Manicoré temos cinco terras indígenas Mura. Elas estão demarcadas e homologadas: A terra indígena Rio Manicoré, a Terra indígena Pinatuba, Terra indígena Lago Capanã Grande, Terra indígena Ariramba e a Terra indígena Vale do Jauarí. Essas cinco terras já são realmente homologadas, mas nós temos outras que estão em estudos, ainda em fase de identificação. A nossa luta de retomada Mura inicia-se em noventa e dois, na verdade, hoje a grande História dessa retomada começa de um padre que passa lá por dentro do lago do Jauarí. Ele andou por lá e viu como é que o povo era na vivência, ele via o sofrimento, o descaso dos governantes, as opressões dos fazendeiros que se achavam “donos das terras”, eu falo “donos das terras” entre aspas, porque eles não são. Eles oprimiam as pessoas com trabalhos pesados, escravos. Lá onde nós estamos, por exemplo, no Bom Intento, onde é minha aldeia, lá meu pai trabalhou a vida inteira em seringal, ele era obrigado a entregar a produção para aquele patrão e pagar o preço que ele bem entendia.

Meu pai era obrigado a vender a mercadoria com preço que o patrão bem entendia, ele e as outras famílias que eram roçadores de campo de gado dos fazendeiros e passavam a semana toda no campo para ganhar o que comer. Então, isso foi considerado um trabalho escravo. Com a vinda desse padre foi possível essa situação chegar ao conhecimento da FUNAI de Brasília, porque ele gravou os relatos, escreveu a denúncia, levou para Brasília e entregou na FUNAI. Através da FUNAI uma equipe veio fazer a pesquisa no local. Na verdade, isso foi em 1992. Eles chegaram e fizeram os primeiros contatos e depois retornaram em noventa e seis, quatro anos depois e aí já veio um grupo com uma antropóloga, já vieram pra fazer a demarcação de terra e a partir daí começa o grande conflito. As pessoas não indígenas começam a ver os índios diferentes e recorrem as autoridades e todo mundo se manifesta e começa a ser preso. Então foi, assim, um momento mais difícil que a gente viveu foi nesse processo de identificação até vim realmente a demarcação e chegar a ser feita a retirada dos posseiros.

Eu na minha terra cheguei a ter que comparecer perante delegados, não fui preso, porque felizmente a gente sempre trabalhou com a dignidade, fez sempre as coisas certas, mesmo tendo os nossos direitos a gente tinha cuidados para não avançar certas coisas pra não abusar do poder que a gente tinha, mas, foi sofrido. Por exemplo, o meu pai foi um dos que iniciou o processo de identificação e reivindicação da demarcação da terra, mas ele veio a falecer e não teve a felicidade

de gozar dos momentos de realmente ter a terra livre dos índios! Ele veio a falecer durante o processo quando ainda estava acontecendo o conflito todo. Então, assim, a gente percebe que muitas lideranças que já foram, já fizeram a passagem, deixaram esse legado de luta!

Os Mura aqui na nossa região na verdade é considerado como um dos piores índios; não sei por que isso? Mas, o Mura parece ser a pior classe! Há tudo bem tem ali outros índios. Os não indígenas falam: “Ah, não tudo bem é índio.” Mas quando se trata do Mura parece que estão falando das piores classes do ser humano. Tudo o que é negativo, os não indígenas jogam para o Povo Mura, então essa imagem ela dificulta a gente hoje a trabalhar o resgate e a colocar na cabecinha do aluno e dos nossos filhos que ser Mura é uma identidade! É uma identificação que tem que ser respeitada, mas a imagem que eles recebem da sociedade é uma imagem muito negativa como se fossemos os piores seres humanos, por isso, é difícil desses alunos se verem como Mura: “Como assim ser Mura?” Então, assim, nesse processo de afirmação Mura, nós ainda vamos lutar muito! Para nós garantimos uma identidade Mura numa sociedade futura. Nossos filhos de hoje, na verdade, estão crescendo com vergonha de ser Mura. Vai ser um processo muito longo para construirmos uma imagem de afirmação, de orgulho de ser Mura, devido ser negada essa identidade diante de uma imagem muito negativa construída pela sociedade.

Apesar de todo o processo de negação social feito ao Povo Mura conseguimos fazer algumas retomadas. Em 1996, começa o processo de demarcação, em 1999 veio na verdade, o reconhecimento a garantia do atendimento a saúde indígena. Foi quando a COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, que cobre aqui o distrito de Manicoré por ser parte de Manaus, implantou a saúde indígena. Foi o primeiro momento da COIAB em assumir a saúde indígena e todas as aldeias foram contempladas com agente de saúde. Nesse período os povos indígenas da região passa ter o maior e os melhores atendimentos dos que já existiram na saúde indígena dentro do movimento.

Os Mura são a população que realmente predomina! Nessa região de Manicoré ele é a maior população, sendo que no Rio Madeira mesmo, o maior município que mais tem Mura é o município de Autazes, lá é que mais se concentra Mura. Diante dessa predominância Mura em Manicoré a saúde indígena vem como uma conquista com a luta dos Mura que geralmente eram a maioria nas reuniões de articulação indígena. As cinco Terras Indígenas demarcadas foi uma luta dos Mura e

a gente dentro dessa luta tem como conquista a saúde indígena. Depois da Saúde Indígena, vem a Educação Escolar Indígena que foi uma conquista alcançada após um seminário que houve aqui em Manicoré. Foi uma luta, mas veio o reconhecimento da Educação Escolar Indígena com a formação de professores indígenas. Nós também conseguimos articular uma organização política que foi formada por sete povos indígenas, essa organização é a OPITTAMPP, ela é formada pelos povos indígenas: Torá, Tenharin, Apurinã, Mura, Mundurucu, Parintintin e Pirahã, então ela, na verdade, é uma organização que também engloba o Município de Humaitá dentro do rio Marmelos, esse rio faz a divisão entre os dois municípios, de um lado é Humaitá e do outro é Manicoré, então esses outros Povos, como o caso dos Pirahã, ele já pertence a Humaitá, mas fazem parte da nossa organização, mas, assim, de todo esse tempo de existência da OPITTAMPPate hoje foi o povo Mura que teve sempre o privilégio de manter os coordenadores que passaram pela OPITTAMPP, porque os outros povos não sei por que, pois isso não foi discutido em regimento, mas sempre nas assembleias a maior população que estava lá eram Mura e, por isso, votaram no Mura, os outros povos que tiveram presenças menores nunca tiveram forças para eleger um coordenador, mas isso se dá porque alguns povos que pertencem a Humaitá, por exemplo, o Povo Tenharin, fazem parte da organização de lá. A concentração dos nossos irmãos Tenharin fica já na Transamazônica, eles tem outra organização e não fazem parte da nossa aqui em Manicoré, portanto, os Mura sempre predominaram na OPITTAMPP e a manteve.

Hoje a gente tem uma dificuldade na nossa organização por causa da entrada da política partidária no movimento. Fomos nós mesmos que abrimos esse espaço achando que isso poderia contribuir pra gente conquistar mais do que a gente já tinha conquistado, mas depois percebemos que a pior escolha que a gente fez foi abrir espaço para entrar o partidarismo na nossa organização. O partidário já estava dizendo que é partido que é pra dividir e isso realmente aconteceu, pois o atual coordenador que é político partidário não teve sabedoria para manter essa unidade, porque a OPITTAMPP chegou a executar recursos altos do PPTAL – Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal, que foi desenvolvido por meio de um convênio que a OPITTAMPP fez com a FUNAI. A gente comprou barcos, compramos sede, nós tínhamos estações de radiofonia nas comunidades, a gente desenvolveu vários projetos, ou seja, nos já recebemos cerca de mais de 300 mil reais para projetos e depois por uma questão de desunião mesmo

a gente deixou que isso se perdesse, ou seja, a nossa força política ela foi afetada gradativamente e foi regredindo, ou seja, nós não cuidamos para que fosse mantida a sustentabilidade da organização para que continuassem atuando nas comunidades. Atualmente, a OPITTAMPP está lá num prédio abandonado, agora funcionam algumas coisas na sala do vereador que é o atual coordenador hoje, mas as comunidades não têm mais acesso a esse espaço e nunca mais se reuniram, ou seja, o movimento perdeu essa força que tinha, mas, ainda assim, o Mura sempre foi essa referência, mesmo negativa.

Eu não entendo, não sei se os outros Mura dos outros lugares da Amazônia são como os daqui de Manicoré, mas na minha opinião, nós somos muitos passivos, nós não temos essa maneira que os outros povos tem, muitas vezes, a bravura de chegar diante das autoridades, de se reunir, se pintar mesmo e dizer: - Vamos para luta! Vamos mostrar nossa cara! Vamos... Não o Mura é passivo e, muitas vezes, a gente admira nossos irmãos Tenharin, porque eles vêm em poucos aqui em Manicoré para reivindicar seus direitos, mas quando eles vêm para cá, são poucos aqui, mas quando chegam eles reúnem prefeito, reúnem secretário, e por quê? Porque eles têm uma característica diferente da nossa, e embora a gente saiba que para se identificar como índio a gente não precisa andar pintado, não precisaria se toda a sociedade não indígena fosse consciente, mas para um olhar primitivo precisa ser do jeito que eles imaginam o índio, se estiver na cidade e se vestindo como eles não é mais índio. Dentro desse olhar é entendido que para mim ser índio, eu tenho que andar caracterizado, então, por isso, que quando os parentes sabem que vão se reunir com as autoridades não indígenas eles vem de lá de seus territórios todos pintados, aí as autoridades sabem ouvir o cara, mas quando vem eu que sou Mura da região aqui, bem vestido eles olham e pensam: - Ah, não vou ouvir, porque não é como os outros índios.

A sociedade não indígena não respeita os Mura como respeitam os outros povos indígenas, então eu penso que nós precisamos resgatar essa cultura, essa forma de agir, porque a História me diz lá pela Muhraida, um romance que trata sobre a forma como os Mura foram perseguidos pelas frentes colonizadoras e como eram guerreiros, esse livro foi apresentado por uma professor com quem estudei no Magistério Indígena. Foi nesse livro que eu vi que nosso povo Mura era bravo! Ele tinha na verdade outro comportamento que nós hoje não temos mais, então, é preciso realmente de ser trabalhada essa caracterização da cultura, mas a onde

buscar? Como conscientizar? Tem que começar na escola a gente aprendeu que o governo usou a escola como uma arma poderosa para acabar com a nossa existência e nos temos que ser inteligentes em usar a mesma arma, quer dizer, através da escola nós também vamos nos fortalecer, é, isso que está sendo trabalhado, essa conscientização dentro da escola indígena. Por isso, a insistência de nós termos professores oriundos da cultura dos Mura, porque, na verdade, os Mura não falam mais a língua materna, nós não temos mais isso nem para resgatar. Nós temos que nos fortalecer através dos históricos existentes da nossa bravura Mura, através do diálogo e pela nossa identidade mantida, portanto, essa é uma das ações que nós estamos trabalhando nas comunidades.

A retomada Mura inicia em Manicoré em 1992 com a luta pelo reconhecimento do Povo Mura, porque até então não existia Mura em Manicoré. Por isso, que o ex prefeito quando ele falava no seminário que não tinha índio, só existia índio no rio Marmelos, ele estava, na verdade, avaliando pelo que ele via, pois ele como político corria essa beirada do rio Madeira todinho e não via índio! Ele não via, porque, não existia reconhecimento, quer dizer os índios estavam lá escondidos, existiam, mas estavam vivendo lá como ribeirinhos e depois que aparece esse padre como eu estava dizendo, ele começa a mostrar para eles que a cultura deles era indígena, que eles tinham o direito de serem reconhecidos como povo indígena e reivindicar a demarcação de seu território e a partir daí tudo foi se abrindo um pouco e foi fortalecendo a nossa retomada.

No lago do Jaurí, foi o berço dos Mura. Os Mura estavam concentrados aí no lago do Jaurí, aí nesse processo de estudos para a demarcação das terras Mura descobriram outro grupo, os Torá que é um grupinho que tem nessa região, também descobrem outros Mura no Capanã Grande que até na época que eles se identificaram como Mura, ainda tinha índios que falavam algumas línguas, que embora não fosse a língua dos Mura era língua indígena, o nheengatu, mas esses índios na verdade morreram e a gente não teve oportunidade de gravar nada, de colher nada, nosso professor do magistério indígena sempre dizia que esses mais velhos eram uma biblioteca que se foi, a gente não aproveitou para registrar os conhecimentos deles e hoje continua ainda morrendo nossos velinhos e muitos professores nas comunidades não estão fazendo o registro do conhecimentos deles, mesmo que a gente da coordenação do Núcleo de Educação Escolar Indígena tenha trabalhado nisso, mas muitos não tem interesse de está escrevendo as histórias que

esses mais velhos contam das suas experiências de vida. Então, isso é uma perda muito grande pra nossa afirmação de identidade, porque esses homens que estão morrendo com 70 anos, eles ainda têm muito que contar, tem coisas pra nos dizer do que nós não conseguimos ver.

O processo de identificação Mura se deu por parte das próprias comunidades. A antropóloga visitou essas comunidades e foi perguntando, foi levantando os questionários para saber as raízes das famílias e eles disseram: “Nós somos índios” até que quando aconteceu o processo na minha família nós nos assumimos como Mura e ainda, assim, eu não sei por que deixaram a gente fora da lista das famílias Mura que iam ficar na área demarcada. Quando chegou a lista dos que tinham que sair da área nós vimos que estávamos incluídos entre eles, ou seja, nós naquela luta intensa! Vínhamos sofrendo pressões e denúncias por conta dos posseiros e quando chegou a lista das famílias que eram considerados posseiros e o aviso de que tinham tantos dias para saírem da terra nós estávamos incluídos nessa lista. O que mais nos chocou foi que naquele momento minha família já havia perdido o chefe que era o meu pai e a gente se indignou, porque ele tinha sido um dos que tinham lutado pela demarcação da terra. E depois de tanta luta o nome do meu pai e meu irmão como chefe de família, porque eu ainda não tinha família, então era meu pai que estava lá como chefe de família estava na relação dos posseiros, você imagina o desespero, a gente chorava, por duas coisas, uma é que a gente já tinha assumido que era indígena e aí os próprios posseiros ficaram rindo da nossa cara: “Tai vocês vão ter que sair da terra também, olha só o que vocês fizeram.”

Quando aconteceu do nome do meu pai sair na lista dos posseiros que tinham que sair da área que foi demarcada como Território do Povo Mura, eu vim aqui em Manicoré para saber o porquê isso tinha acontecido. Cheguei o pessoal estava fazendo fila para receberem o pagamento da indenização, inclusive a indenização nossa também estava lá. Aí eu cheguei lá com um rapaz da FUNAI que estava lá com o pessoal da polícia federal e aí eu disse pra ele: - O que está acontecendo? Aí ele disse: “Olha, infelizmente o nome da sua família está no meio aqui” Eu disse: - Não, isso não pode acontecer! Aconteceu algum erro, alguma coisa. Aí ele disse: “Não, mas não foi feito esse trabalho aqui veio de Brasília, não foi nós que inventamos.” Ainda assim, eu disse: - Me mostra o processo, me mostra o valor da indenização, eu quero saber disso tudo! Aí eu fui ver lá o valor da indenização, na época tinha 4 mil do meu pai e 2 mil do meu irmão, aí eu disse: - Não, parceiro,

vocês só vão tirar nós de lá se for mortos! Nós não vamos sair de lá, nós somos índios! Ai foi que eles tiveram que devolver a lista para ser refeita em Brasília e de lá veio outro documento dizendo que as famílias que estavam lá fizessem outro documento reconhecendo a gente para não nos tirarem a gente de lá. A gente não quis receber o valor da indenização, deixamos pra lá, eles arquivaram.

Para nós da minha família além de ter sido difícil a luta pela demarcação da terra ainda tivemos que enfrentar mais a dificuldade de ter que ser reconhecido pelas outras famílias depois da demarcação da terra. Foi difícil para gente passar por esse constrangimento e, por isso, que vale apenas hoje a gente continuar lutando. Toda essa luta tem que ser contada para nossas crianças, para os alunos, eles tem que ter acesso a essas informações, porque, senão, não vai valer tanta luta, porque eles não vão poder valorizar e vão achar que ter o território demarcado e ter a afirmação de ser Mura não foi uma conquista e vão dizer: “Não, isso aqui nós conquistamos foi fácil.” Por isso, nós temos que escrever nossas Histórias, isso, tem que ser trabalhado nas escolas, é desse jeito que vamos resgatar nossa História e nosso orgulho de ser Mura!

A aldeia onde vive minha família e onde hoje meu irmão mais velho é o cacique é a aldeia Bom Intento, ela fica às margens do rio Madeira e faz parte da Terra indígena Lago do Jauari, nessa terra se concentra cinco aldeias, três nas margens do rio Madeira e duas que pertence ao lago mesmo, já na terra firme. O lago do Jauari é imenso! Dentro do território tem duas escolas uma na aldeia Bom Intento e outra que é anexo lá no Jauari. Teve que fazer um anexo da escola lá, porque é longe para os alunos irem e voltarem de lá para a aldeia Bom Intento. Então isso que eu falei é um pouco da nossa história de retomada Mura em Manicoré, depois dessa retomada nossa luta de reafirmação de identidade continua, assim também como continua a luta para demarcar outras terras Mura na região.

8.MEMÓRIAS SOBRE OS MURA

Conheci dona Almira no contexto dos eventos culturais em Porto Velho. Foi em Nazaré na preparação para o festival cultural do ano de 2013, que estabeleci uma aproximação maior com ela. Vivenciamos os dias de preparação à realização do festival e voltamos no mesmo barco para Porto Velho.

Durante o retorno de barco interagimos no espaço festivo na parte de cima, onde vendem bebidas e lanches ao som de músicas dançantes. Nesse ambiente sentada no assoalho da lateral esquerda do barco tive contato com as imagens dos Mura que causavam assombro aos moradores de Calama com suas visitas, trazidas pelas memórias de infância de dona Almira que morou em Calama, antiga localidade às margens do rio Madeira, acima de Nazaré, nas proximidades do limite com o Estado do Amazonas. Neste momento, a convidei para me conceder uma entrevista. Depois de alguns encontros marcados e desmarcados foi realizada a entrevista e suas lembranças sobre a imagem dos Mura, da sua infância, das viagens no barco pesqueiro do pai descritas em nossa viagem de Nazaré a Porto Velho foram retomadas em sua entrevista.

Em outubro de 2015 realizou-se a conferência da sua narrativa na Maloca querida, espaço de moradia meu e da minha família e de vivências amazônicas/indígenas coletivas. Conciliamos a conferência da narrativa com sua visita a maloca querida. Durante a leitura fomos fazendo alguns ajustes e no final tomamos um café com bolo de macaxeira. Ela não pode demorar-se muito, porque tinha outro compromisso. Ela que é letrada não teve nenhuma reclamação sobre o texto e gostou da resultante subjetiva da sua narrativa.

8.1ALMIRA

Almira dos Santos Lopes; nasceu no dia 26 de julho de 1956, é administradora de profissão, como ela diz, mas sempre conviveu no meio cultural e se intitula como produtora cultural. Por meio da narração de suas memórias me desloquei a um tempo dos encontros e conflitos entre a população utilizada para a formação dos novos espaços na Amazônia e os povos indígenas que se viam na posição de defender seus territórios e ao mesmo tempo se colocavam a conhecer e a tomar para si as novidades trazidas por esses novos habitantes que chegavam. Pude tocar por meios de sua recordação nas imagens quase que física daqueles Mura descritos em sua narração.

**Tenho maior carinho, assim, pelas minhas origens, por tudo que nós vivemos.
Sempre que eu tenho oportunidade eu volto para essas bases para me
armazenar dessas energias boas.**

O que eu mais tenho na memória é a vinda da minha família de Manaus para Rondônia, que para mim é uma memória saudável! Ela se deu de uma forma inesperada, não foi planejada, mas foi, assim, muito positiva para minha formação e pra formação da minha família, para unidade da minha família. A forma que a minha família veio para cá foi muito interessante. Eu sou filha de um pescador e de uma professora, a minha mãe deixou toda a sua vida profissional e familiar em Manaus, eu tenho por ela a maior admiração! Eu não sei se no momento eu posso chamar de um jeito heroico, irresponsável, apaixonado, não sei do quê que eu chamo, mas foi positivo, não importa o que ela tinha pensado naquele momento para pegar e vim pra cá pra, ela já era mãe do terceiro filho, nunca saiu da capital pra lugar nenhum, e assim pra época da década de 50, Manaus já era uma capital avançada em relação ao estado de Rondônia. E ela casou-se com meu pai um pescador. Enquanto ele estava na região do Amazonas estava tudo muito bem, ele estava próximo de casa, quando um belo dia ele resolve vir para explorar os pescados do estado de Rondônia, que era uma novidade naquela época para cá, pois os pescados de Manaus do Amazonas, daquela região até Belém já estavam meio que saturados pelo fato de já ter muito armador de pesca trabalhando naquela região, aí ele resolveu vir para cá, e nessa vinda pra cá ele só voltava em casa de 6 em 6 meses ou de 4 em 4 meses e os meios de comunicação que tinha pra se comunicar naquela época era o telégrafo e o rádio. Não existia, o telefone fixo, telefone celular, e os correios, também não, então como que ia mandar uma carta se estava no rio, como ia mandar um aviso de rádio se também estava no rio, não tinha como fazer essas coisas. Quando meu pai chegava às localidades, naquela época os distritos eram chamados de localidades e era onde tinha um telégrafo, aí ele passava um telegrama para casa.

Por causa do tempo que meu pai passava para Rondônia no seu trabalho de pesca minha mãe resolveu ir embora pra perto dele, ela disse: - Eu vou me encontrar com meu marido e vou pra lá e falar com ele, porque ele está passando mais tempo em Rondônia do que no Amazonas. E, assim, a nossa vinda pra cá para Rondônia se deu ainda criança. Tinha uns navios, naquele tempo não tinha tanto problema como

temos hoje nos rios, a navegação era muito livre, tinha uns navios aqui de três andares! Tinham quatro navios grandes, Leopoldo Peres, Lobo D'Almada, Augusto Monte Negro e outro que me falha a memória. Eram navios grandes, tinha primeira, segunda e terceira classe, tinha cinema, tinha cassino, era uns transatlânticos, e nós viemos num desses navios para Rondônia, mamãe não sabia nem o que era Porto velho, não conhecia não, embarcamos no navio e ela veio grávida de oito meses do meu irmão, o Tatá, meu irmão, foi o primeiro rondoniense que nasceu na família.

Quando chegamos ao porto de Calama, a minha mãe avistou um barco de pesca e disse: “É o barco do meu marido, pare!” O navio não tinha como ancorar na localidade, porque não tinha porto, eles ancoravam em três localidades vindo de Manaus pra cá. Os municípios que tinham porto para ancorar o navio eram: Manicoré, Humaitá e Porto velho. E quando minha mãe avistou o barco do meu pai acionou todo mundo desse navio, mas não era possível ancorar, porque era num localidade que não tinha porto, mas acho que o pessoal se sensibilizou com aquela mulher com um monte de criança, grávida com uma barrigona! Dizendo: - Eu quero parar aqui, meu marido e tal. E foi assim que nós chegamos a Calama. Foi a primeira localidade que nós conhecemos em Rondônia.

Eu confesso que pra mim aquela idade que eu tinha não foi chocante a minha vinda para Calama. Não foi uma mudança social radical, porque criança tem uma forma de se adaptar muito rápida as situações, então eu acho que foi chocante, talvez, ou emocionante pra minha mãe, eu nunca conversei com ela para saber qual foi o sentimento que ela teve, acho que foi mais de alegria por ter encontrado o esposo, do que o choque social. Esse choque social veio depois ao enfrentar o cotidiano da vida lá em Calama, onde tivemos dificuldades como falta mesmo de dinheiro! Em Calama tinha muitos pescadores, ali. Não posso nem dizer que era uma colônia agrícola, porque faltava tudo ali, não tinha nada! Eles sobreviviam ali da pesca, tanto que meu pai fez uma base lá, o barco do meu pai pegava de 25 a 30 funcionários, sei bem eles não eram funcionários, porque naquela época, não existia um regime de trabalho, contratava os que trabalhavam ali, e essas pessoas tinham família na vila, então, por isso, que a base passou a ser Calama, porque a maior parte desses funcionários, desses colaboradores do papai estavam nessa vila.

Quando começou aquelas dificuldades no cotidiano em Calama faltavam gêneros alimentícios, era um negócio, assim, atípico, você ter dinheiro, mas você não ter um açougue, não ter um mercado, você passava necessidade, aí passamos a

viver a vida cotidiana daqueles moradores dali, porque para comer só era o que eles comiam, pois viviam da pouca caça, era uma comunidade que não tinha energia elétrica e em consequência disso, não tinha como armazenar essas caças, então era assim tão primitivo, porque caçou aqui, matou uma caça, então, - Vamos distribuir! Ou salgava, também não dava pra salgar tudo muito tempo, e por isso, era uma sociedade muito coletiva, pela escassez, matavam uma caça e dividiam. Quando eu falo primitivo é no sentido de que não tinha outras formas de armazenar as carnes que não fosse do modo tradicional.

Na nossa família não tinha um caçador, nós éramos crianças que vivia ali com a mamãe, não tinha os parentes, nada, ninguém que fizesse pela gente, então a gente vivia das benéficas dos nossos vizinhos. Calama era uma comunidade muito bonita nela a minha mãe trocava experiência com os moradores de lá, mamãe ensinava o que tinha aprendido em uma cidade mais evoluída e nessa troca de experiências, nós fomos conquistando essa vizinhança, aí minha mãe passou a ensinar muitos a ler, a escrever e a bordar, minha mãe vinha, assim, de uma civilização européia, requintada! Ela tinha bordados bonitos, tinha louças bonitas, cristaleiras, essas coisas que aqui era novidade, mas tudo isso aí foi deixando de ter sentido, conforme a gente ia se adaptando aquela vida tão simples daquela comunidade. Essa foi uma das experiências da minha infância mais bonitas que eu vivi, tanto eu como meus irmãos. Vivemos em Calama, mas por causa da condição social do meu pai, nós tínhamos direito a aula particular, e outras regalias que as crianças não tinham por causa da criação numa comunidade muito pobre, e assim nós passamos a viver essa experiência em Calama, fazendo, como eu já te disse, essa troca de experiências...

Eu não tive choque ao vim de Manaus para Calama, choque mesmo eu tive foi quando sai de Calama e vim pra Porto Velho, aí sim eu já tinha uma noção do que seria essa mudança de hábitos. Viemos para Porto Velho porque naquela época lá em Calama o ensino era até a 4ª série para passar para a 5ª série, naquela época, se fazia exame de admissão ao ginásio, aí lá não tinha como fazer, lá só tinha até a quarta série, aí nós viemos para Porto Velho, mas uma coisa era Calama que foi, assim, uma experiência muito rica de aprendizado, de vivência em comunidade de igreja, era uma vida muito tranquila. Quando viemos para Porto Velho eu já vim com dez anos aí foi um choque, assim, foi um choque muito grande! Eu tinha dez anos e já tinha noção do que era a vida. Nós viemos para Porto Velho, por causa da

condição de ter que continuar a estudar, em Calama tinha muitas crianças que vinham para Porto Velho estudar porque elas tinham parentes aqui, nós como não tínhamos viemos morar aqui com nossa família. Para o meu pai a base do trabalho dele com a pesca continuava ser Calama, isso não interferiu em nada na nossa vinda para Porto Velho. Lá em Calama ele arregimentava os trabalhadores para trabalhar para ele, até mesmo, porque essa mão de obra ele não teria aqui em Porto Velho. Calama continuava sendo a base, porque lá estava mais perto dos rios e dos igarapés que ele fazia as pescas, os trabalhadores dele todos tinham família lá.

O barco de pesca do meu pai era um barco grande, que pra ter uma ideia era um barco que cabia muito peixe, eu fico pensando hoje como tinha pescado naquela época, os tambaquis eu me lembro, não é história de pescador! O papai soltava umas redes no rio que tinha 100 a 200 metros de rede e selecionava o pescado, porque esse pescado do meu pai não ficava em Rondônia ele voltava para Manaus, pra serem vendidos, então meu pai passava dois três meses no rio quando ia para Manaus para vender esse pescado, eram oito e dez toneladas hoje onde que se vê isso? A média dos tambaquis era 30 a 40 até com 50 kg, onde se vê isso hoje? Aí foi diminuindo, foi diminuindo, foi ficando escasso por conta dessas coisas que a gente sabe, desses fenômenos naturais, e também por conta do homem, dos pescadores que pescavam demais, não se tinham noção naquela época do que seria o mês de entre safra, comer ova de peixe era a coisa mais natural do mundo, quantos milhares de peixes não se comia naquelas ovas! Hoje tem essa noção, de preservar de esperar crescer pra mais tarde comer... Não se tinha essa noção, na realidade essa agressão ao meio ambiente desde que Brasil é Brasil se pratica. Hoje eu tenho essa consciência - Poxa! De quantos milhares de pescados naquelas ovas que a gente comia, que seria pescado depois.

Quando nós chegamos a Porto Velho alguns anos atrás nós fomos morar no local mais próximo do rio. Papai comprou uma casa no bairro Triângulo, na beira da linha férrea, pra que? Porque facilitava ele ancorar o barco, quando vinha para Porto Velho. Em Porto Velho mais tempo que ele ficava eram 15 dias a 20 dias. Ficava organizando as coisas, abastecendo o barco para voltar para mais três a quatro meses de pesca. Ao chegar a Porto Velho o choque foi, porque nós vimos de uma comunidade de beradeiros, morando no lado do rio em Calama, a sociedade era muito diferente. Aqui a gente veio conviver com uma classe de funcionários que habitavam a linha férrea, até o km 3 onde é a Vila da Candelária, tanto de um lado

como do outro era habitada pela aquela classe, pela segunda classe dos funcionários da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, e era assim, uma sociedade totalmente diferente daquela que a gente conhecia, fomos viver e habitar com os negros, todos os negros ali que vinham ou eram descendentes dos Barbadianos, dos ingleses, e não era nem a primeira classe dos trabalhadores, nem era os técnicos, era o que eles chamavam de os caçapos, os que trabalhavam ali eram os funcionários braçais mesmo, da estrada de ferro, aí foi quando a nossa convivência social passou a ser com eles.

A convivência com sociedade de trabalhadores da Ferrovia Madeira Mamoré teve uma grande influência na nossa formação social, mesmo, porque foi a primeira sociedade que passamos a conviver em Porto Velho. Depois fomos pra escola aí convivíamos com outras sociedades, mas a primeira convivência, assim, foi com eles, aí passamos a ouvir muitas histórias, com isso aquela visão de mundo ampliou-se a partir daquela convivência do que se ouvia. Eu sempre fui de escutar, assim, muitas histórias dos mais velhos, nunca tive muitos amigos da minha idade, fui uma criança que desde Calama eu nunca tive esse interesse de convivência com outras crianças, eu sempre gostei de ter amizade com pessoas mais velhas do que eu, os meus amigos todos eram pessoas maduras, porque eu gostava dessa experiência de ouvir histórias. Esse ouvir histórias teve uma influência decisiva na minha formação, ter essa visão de mundo a partir das histórias que se ouve: - Meu Deus! Isso existe no mundo! Essa Inglaterra e tal o que esse povo vem fazer aqui e tal, aí se vai a partir das histórias que eles vão contando vai se imaginando, a partir dessas histórias contadas...

Senti na pele mesmo! A minha vinda para Porto Velho. Essa transição foi muito rígida, mas essa formação de conhecer outras raças, outros povos, outros costumes, baseados nisso de ouvir mesmo, naquela época não tinha tanto acesso a informações... O acesso era o rádio, mas foi assim, o mais bacana quando viemos para Porto Velho, foi poder sair nas férias de barco com meu pai. Eu acho até que isso aí fez eu e meus irmãos estudar muito para sermos uns estudantes por merecimento, para isso, tínhamos que ter notas boas pra ficar logo de férias, porque a gente queria era se livrar da escola para voltar pro rio. Eu gostava muito de ficar no rio, então tinha que ficar três meses no rio, rio abaixo e rio acima com o papai pescando, mas ele montou, assim, tipo uma espécie de uma sala dentro do barco. O barco tinha dois andares, tinha uma sala dentro do barco, tinha dois camarotes que

eram bem confortáveis para gente, porque ficávamos muito tempo no rio, três meses, naquela época as escolas davam três meses de férias para os alunos, então, quem passava logo de primeira, ficava três meses no rio, aí ia e voltava para aquelas comunidades, Calama, São Carlos, Humaitá. Lá em Humaitá já era uma cidade, nossa! Ir pra Humaitá era um luxo, íamos até mais longe íamos até Manaus de barco conversando, e voltava-se a fazer esse caminho que fizemos já quando crianças e voltamos a fazer na adolescência, era muito prazeroso, e era na companhia do papai! Por causa desse tempo junto com o papai nós desenvolvemos um gosto muito grande pela leitura, pela literatura. Por isso, o nosso acesso para o conhecimento era só livro, meu pai era, assim, um devorador de livros, até hoje eu tenho um costume de infância que não me deixa! Eunão troco comprar revistas por qualquer meio de informação, por mais avançado que seja hoje a tecnologia, mas eu tenho a mesma mania de comprar revistas, chegou final do mês, recebeu o dinheiro, a primeira coisa que faço é ir à banca de revista, vê o que saiu de novidade.

Comprar e folhear revistas são hábitos de infância. Todo final de ano eu me desfaço de um monte de revistas. Eu compro, porque eu gosto de comprar revistas, eu gosto de ter revista que é até uma coisa hoje em desuso... Tem uma banca que eu compro muito na praça e a dona da banca ela dizia pra mim: “Mas Almira você é uma das poucas pessoas que vão numa banca comprar revistas, quando ela me falava isso eu sorria, até hoje eu tenho esse hábito, eu gosto de ficar folheando depois volto para as matérias, gosto de todo tipo de revistas, mas tem algumas revistas que acho mais interessantes, aí fico folheando, depois volto, até uso das matérias de revistas pra me aprofundar naquele conhecimento que eu tenho a partir daquela matéria, eu parto da revista e vejo o assunto: - Opa! Mas, aqui tem um site que eu quero me aprofundar. Porque a matéria na revista é resumida, mas hoje elas trazem lá um site que se você acessar você tem informações mais profundas sobre aquele assunto, mas a base pra mim hoje são as revistas, sei que está em desuso, mas eu não abro mão delas.

Na vivência de barco com meu pai como venho dizendo a música foi marcante pra mim. Ocontato foi por meio do rádio e da vitrola do meu pai. Na época se ouvia muito rádio e também tínhamos dentro do barco uma vitrola com um móvel, e papai quando ia a Manaus comprava vinil dos bons, aprendi a ouvir clássicos, e não era nem só clássicos naquela época, pois já tinha a interferênciadados pescadores dele que frequentavam as festas da vila e ouviam as músicas populares,

e, assim, aprendemos a gostar de todo estilo musical, nós aprendemos a gostar de todo tipo de música, como eu estava dizendo a pouco, eu gosto de música, e papai sempre dizia, assim, antes de observar uma música no rádio, observe a letra, ele dizia assim: “Tem coisas que não interessa ouvir”. Papai já falava de list, uma seleção de músicas, naquela época, porque tinha coisas que já faziam pra vender mesmo, que era só pra bater palma, não tinha assim uma essência. Ele dizia: “Toda letra musical vocês observem tem uma essência boa que fala de coisa boas, humanas, que falam muitas coisas boas da natureza, das pessoas. Observem primeiro a letra, depois vocês se apropriem com a musicalidade, os arranjos musicais para aprender a interpretar.”

Papai nos ensinava a fazer uma interpretação auditiva de instrumentos. Eu nunca tinha visto na minha vida um bamdolim, ficava imaginando como que era esse instrumento, salvo assim algumas revistas, mas de pegar nunca vi, uma harpa, e todos os instrumentos eu ouvia, o papai decifrava eles pelo som, aí ele dizia: “Nessa música tem esse instrumento tal” E eu ficava encantada nos sambas que tinha a cuíca, eu achava assim que a cuíca pelo som maravilhoso que ela tem era um instrumento fantástico! - Essa cuíca é grande! Nada. Quando eu fui ver como é a cuíca, eu pensei: - Isso que é cuíca? Tão simples. O que é legal de você aprender essas coisas de forma auditiva é que você cria uma imaginação muito fértil, sua imaginação fica muito fértil, porque você não tem acesso a visão das coisas, aí quando elas são auditivas você tem acesso a imaginação e com a imaginação você vai até onde quer.... Você dar a conotação que você quiser pra ela. Você faz uma viagem, compartilha e você ouve, você não está vendo, mas fica imaginando... Depois mais tarde você vai ter conhecimentos das coisas como realmente elas são, a matéria.

Eu e meus irmãos, todos nós aprendemos a distinguir os sons dos instrumentos. Papai fazia inclusive uma liçãozinha, ele perguntava: “Que instrumento é esse agora? Que instrumento está lá no fundo, que tem esse barulho, assim?” E ele repercutia o som na voz que era pra gente ter essa, ligação com o quê ele tava querendo que a gente dissesse e ele dizia: “Lembra daquele instrumento que faz esse barulho, assim, oh?” Papai era um boêmio, uma pessoa assim muito culta, apesar da pouca instrução, ele não foi de estudar, mas era, assim, uma pessoa muito culta de literatura. Acredita! Quando eu fui fazer o meu primeiro curso que foi administração, aliás! Antes disso, nas escolas não se falava em fichamento, e papai

já fazia fichamento de livros naturalmente, cara! Aquilo era muito bacana, ele não falava a palavra fichamento, mas quando nós líamos as literaturas papai já dizia: “Cadê um caderno gente, cadê as anotações?” Ele perguntava quem era o autor, editora daquele livro, o ano que ele tinha sido publicado, e depois nós tínhamos que fazer um resumo, esse resumo era pra saber mesmo se nós tínhamos lido, o que era legal era que o papai respeitava muito o resumo de cada um de nós, o resumo de cada um claro que é uma coisa individual, cada um dava a sua interpretação. Cada um fazia o seu resumo daquilo que entendia, ele salvo aquelas coisas técnicas que era editora, o autor, ele tinha muito respeito pela nossa interpretação, ele dizia que cada pessoa é muito diferente uma da outra: “O resumo de vocês, salvo aquelas coisas técnicas o nome dos personagens, a cidade em que se dava e tal, a emoção que você via nos personagens era única, 10 a 15 pessoas podem ler um livro e cada um vai dar uma interpretação diferente.” Papai já fazia isso, e ele só estudou até a quarta série e tinha tantos conhecimentos.

Na nossa vivência ainda em Calama eu tenho na minha memória umas imagens dos índios que iam à vila. Quando nós chegamos a Calama tinha uma aldeia muito próxima da vila, e que eles faziam tipo, assim, quase como uma invasão na vila. Eles vinham! Saíam de lá da aldeia e vinham para a vila e tinha um fato interessante, quando nós chegamos lá o primeiro medo que nos impuseram a mim e a minha família, foi aos índios, isso por causa da minha mãe que ficava só ela e as crianças. As pessoas diziam: “Dona Luzia a senhora não abra as portas porque quando os índios vêm invadem tudo e inclusive levam as crianças.” Era o medo que minha mãe tinha era disso: “Alguém, poxa! Levassem minhas crianças e tal.” E minha mãe era uma mulher muito simples, mas era uma mulher muito sábia, nessa situação ela disse: “Não, mas por quê? O quê que eles querem na vila?” Como era muito próxima essa aldeia que ficava no Maissi, hoje está mais próximo ainda de Calama, porque aquela invasão territorial ela foi se expandindo, eu acho que hoje que o que divide lá o município de Calama e o distrito de Maissi é um rio que corta ali. Então minha mãe tomou a seguinte decisão: “Não, mas eu vou ter que estabelecer uma relação bacana com eles, porque eu vou viver aqui, não vou sair daqui não, nem vou perder meus filhos.” Então, a minha mãe passou a ver o quê que eles gostavam o que interessavam a eles, observou quais eram as coisas que eles se apoderavam dos pertences das pessoas ali que eram coisas que atraíam os índios, coisas que eles não tinham nas aldeias, era pente, era bijuterias, era roupas coloridas,

era fivelas para cabelo, espelhos, e a minha mãe passou a ter essas coisas para oferecer para os índios.

Quando meu pai ia pra cidade ele comprava objetos muito coloridos, sempre muito coloridos que atraíssem os índios, pois gostavam das cores, e a mamãe já os colocavam em lugares que eles pudessem pegar, então eles vinham, não sei, não tinha data certa, mas eles vinham sempre, periodicamente eles apareciam, quando eles vinham mamãe já deixava na frente da casa, deixava de uma forma que eles pudessem pegar e levar os objetos, aí depois eles passaram a ter uma relação saudável com a nossa família por conta disso, porque eles sabiam que sempre que chegavam lá tinha alguma coisa, muito embora, a gente não tivesse, assim, uma relação de diálogo com eles, mas a gente tinha através dos objetos uma troca interessante, que aí depois quando eles vinham passaram a trazer coisas da aldeia e isso era legal! Traziam uma macaxeira, traziam umas espécies de pão que eles faziam lá, aí depois até falavam como faziam aquele pão, conservavam dentro de um buraco. E, assim, eles estabeleceram com a nossa família uma relação de troca, o que era legal, muito embora, tivesse essa troca, mas não tivesse diálogo, de conversar, de virar amigo, não existia isso, mas existia uma relação de confiabilidade, eles confiavam na gente, e a gente deixava as nossas portas abertas, porque nós sabíamos que não íamos ter problemas com eles, que nenhum de nós ia ser carregado por eles ou flechado. Aquela comunidade tinha com eles uma relação de medo! O que os Índios faziam nem era invadir, era de uma forma muito espontânea, viam umas roupas estendidas nos varais, nas cercas das casas iam levando de uma forma muito ingênua, assim, sem maldade, sem malícia, e nós, nossos pertences eles levavam o que queriam. A mamãe deixa exposto, assim, a nossa casa era com a varanda e mamãe deixava sempre exposta lá as coisas e eles passaram a vir e trazer algumas coisas como agrado pra gente. Tivemos uma convivência boa com eles, depois passamos a conhecer alguns que vieram a morar na vila, passamos a ter uma relação.

Os índios que iam lá na vila o pessoal dizia que eram os Mura. Depois do Maissi tinham várias outras tribos, acho que umas duas ou três tribos ali, tinham os Mura, esses eu lembro bem, tinha aqueles outros que habitavam a região mais descendo, que não me lembro mais como se chamavam, eu tive depois uma relação com os Karitiana, mas não foi de lá, já foi aqui em Porto Velho. Nas aparências deles eram muitos parecidos, os cabelos escuros, estatura mediana, inclusive eles

comparavam a gente com eles, porque a gente era muito magro e eu não sei por que a gente era tão magro! Eu achava bonitas aquelas mulheres, tudo com perna grossa, os braços fortes! Achava elas bonitas! Umas mulheres bonitas, os cabelos bonitos, aí eu queria ter um cabelo daquele, sempre tive os cabelos enrolados e eu queria ter os cabelos lisos que nem o delas, já que maioria dos índios tinha cabelos lisos, eram uns cabelos lisos bonitos! Usavam adereços, mas já usavam as roupas da parte de baixo, os homens usavam calção e as mulheres os saíotes, ou eles já pegavam na vila panos e já enrolavam neles, mas as mulheres logo no início sempre estavam despidas da cintura pra cima, o que tinha muito era adereços, colares, tinham umas pinturas nos rostos, que eu acho que já eram umas pinturas, assim, com aquele material que o índio usa que já fica muito tempo, tipo o jenipapo, outros que já fica muito tempo. Eles tinham umas marcas, eu comparo hoje com umas pinturas Incas, pois achava os traços tão perfeitos, assim, tipo dos povos Incas, assim, os traços, nos braços, nas pernas.

Ficaram apenas as imagens da memória da minha infância sobre esses índios, porque não tem fotografia, mas ficou assim na memória, lembro que tinha umas pinturas que elas não tinham um colorido muito forte, porque eu acredito que era umas pinturas que devido o tempo elas iam se desgastando e ficavam como se fossem uma tatuagem que com o tempo foi perdendo as cores, eles tinham muitas nas pernas, nos braços. Os homens tinham muito nas costas, umas costas bonitas, as mulheres tinham as pinturas no rosto e no braço, já não estou me lembrando muito bem... Mas ficaram na memória algumas imagens, lembro que eram grafismos, por isso, que eu digo, parecia, assim, pela memória, parecia assim muito com aqueles grafismos dos povos Incas, os traços, os grafismos, as pinturas não tinham formas de animais, eram geralmente grafismos.

Os adereços que os índios que iam na vila usavam era os colares. Usavam muitos colares de dentes, umas cordas e umas sementes, tem uma semente que eu me lembro muito que eles chamavam de tento uma vermelhinha, essa eu me lembro que ficava muito bonita, nas pulseiras e principalmente nos colares, era uma semente que parecia com aquela semente da fruta do guaraná, muito bonita, eles usavam muitos colares com essas sementes, tinha um barulho, não sei como chamavam essa semente, mas nós chamávamos de tento.

Eram muitos os colares, as mulheres usavam tanto aqueles colares que quase não aparecia o corpo, os seios quase não apareciam por conta dos colares, as

mulheres usavam muito essas sementes, já os homens usavam mais os dentes, nos colares e inclusive nos tornozelos, eu me lembro que tinham uns homens que usavam uns dentes muito grandes, não faço nem ideia que tipo de animal era esse com os dentes tão grandes, nunca vi, assim, um animal com os dentes tão grandes, e os homens usavam mais os dentes, e eu achava bonito também os saíotes das mulheres, que era tipo um tear, e nesse tear que era feito por um material tipo aquelas palhas de peneira, tinha um grafismo trabalhado naquele cós, das saias e também eu acho que eram lideres, os que usavam uns cocares muito bonitos e na barra desse cocar na frente, também tinha esse mesmo tear que era da barra dos saíotes das mulheres.

Eu acho que as lideranças se distinguiam dos demais por um tipo de tear, um trabalho muito bonito. Eu ficava encantada de ver como que eles conseguiam tecer de forma tão bonita. Depois voltei outras vezes lá e via nas casas os adereços indígenas, vi esses adereços outras vezes voltando a Calama no baixo Madeira, esse artefato que uma vestimenta, uma indumentária deles, eu passei a ver essas coisas que eram usadas pelos índios nas casas como objetos decorativos, lá na vila, eu me lembrava bem de como eram usados esses adereços por aqueles índios que iam à vila e eram temidos por aquela comunidade...

Meu pai era de Manaus, na realidade ele era de uma comunidade fruto de Manaus, ele era de Terra Nova, hoje lá é um município. A minha mãe também nasceu em Terra Nova, mas veio cedo para Manaus, pra estudar e meu pai continuou lá, meu pai sempre na realidade teve muita ligação com a natureza, porque ele já vinha de uma família de pescadores, meus avós, a mãe do meu pai era uma índia, meu pai era filho de uma índia com um caboclo, os traços do meu pai era moreno, fisionomia mais afinada por causa do pai dele, não cheguei a conhecer minha avó, só conheço do que ouvir falar, nunca vi nenhuma fotografia dela, mas os traços dela estão nas minhas tias, todas elas tem um traço indígena assim muito forte, por parte do papai, já da minha mãe não, porque a minha avó era filha de amazonense casada com nordestino, meu avô por parte da minha mãe era cearense.

O nome completo do meu pai era Ademar Pereira Lopes e da minha mãe é Luzia dos Santos Lopes. A família do meu pai já era mais local, na realidade, tinha por parte bem os portugueses, que vieram pra cá para a Amazônia e depois casaram com os bisavós que já casaram com o pessoal do Amazonas, mas a origem mesmo da família do meu pai era portuguesa, o bisavó dele veio de Portugal e casou com a

minha bisavó que já era da região. Já os da parte da minha mãe, os que moravam em Manaus, por parte da minha avó, tinha uma descendência européia, apesar de já morarem em Manaus.

Eu acho que o relato é esse. Mas falando um pouco mais, o que eu sempre friso é que eu sou, assim, uma pessoa muito voltada pra essas atividades culturais, comida regional, os gostos pelas músicas, pela literatura, eu costumo preservar muito isso na minha família. Ai depois eu casei com uma pessoa daqui, uma pessoa rondoniense, mas eu tenho esse pé muito voltado no passado, porque eu acho que ele foi muito importante na minha vida, tanto que é que eu preservo isso dentro da minha casa. Eu já tenho filhos casados com pessoas do sul, de outros Estados, eu tenho neto que é filho de paulista, eu tenho uma neta que filha de uma gaúcha, e assim minha família foi crescendo, mas eu sempre preservo na minha casa, essa nossa cultura, eu faço questão de nos domingos na minha casa, no natal, nas datas festivas, de nós comermos nossas comidas típicas. Na minha casa não falta açaí, não falta peixe assado, esse é um prato que em casa que não falta, posso até comer outra carne durante a semana, mas nos finais de semana, não falta tucumã, não falta banana, não falta farinha, porque isso é uma forma de você preservar as suas origens, tanto é que os meus netos aprendem a gostar de comer o que eu gosto de comer.

Meu primeiro neto é paulista, filho da minha filha com um paulista, o Dante, a parte que ele mais gosta do peixe é o olho, ele não dispensa, ele já briga logo: “Se tiver um tambaqui assado, sabe que tambaqui só tem dois olhos, um é meu outro é da minha avó.” O olho do peixe é a parte, assim, mais gostosa. Chupar uma cabeça de um peixe assado é um dos prazeres maiores que eu tenho! E aí tem lá sempre um que diz, assim: “Almira você come muito devagar.” Ai eu digo: - Não, porque o beradeiro pra comer bem o peixe ele tem que comer devagar, nunca vi ninguém chupar uma cabeça de peixe com pressa, pra chupar bem o miolinho! Então essas coisas eu procuro preservar na minha casa, porque são referências das origens que eu tenho e que eu gosto muito! Tenho maior carinho, assim, pelas minhas origens, por tudo que nós vivemos. Sempre que eu tenho oportunidades eu volto pra essas bases para me armazenar dessas energias boas.

Eu sou muito ligada ao meu passado, ao que vivi com minha família desde a minha infância, tanto que eu me casei, mas continuei preservando o nome dos meus pais. Sempre usei o nome dos meus pais. Eu sou administradora de profissão, mas

sempre convivi no meio cultural, sempre me intitulei como produtora cultural. Sempre tive esse pé na cultura desde sempre, desde criança sempre tive esse pé na cultura, então até cheguei a exercer a profissão de administradora, porque a gente tem que ter profissão, tem que trabalhar para criar filhos e manter a família, mas o que eu ainda tenho vontade é de voltar para essas minhas origens, produzir documentários, ainda com esses povos que ficaram lá para Calama, para o baixo Madeira, nos lagos onde eu viajei com meu pai. Sempre tive essa vontade de fazer essas produções e fazer esses vídeos, esses resgates culturais dessas comunidades, eu tenho projetos para isso.

Meu pai tinha um diário de bordo aonde ele narrou sobre todos os igarapés, rios, localidades e pessoas. O meu pai escrevia diariamente num diário de bordo quando ia para o rio. Ele escrevia todos os relatos, todos os dias ele escrevia, e minha mãe escrevia o relato de cidade, morava aqui e escrevia, por exemplo, as novelas, o meu pai tinha conhecimento das novelas de rádio, a partir do que minha mãe ouvia e escrevia para ele, quando ele chegava à cidade ele acompanhava na rádio com ela as novelas que estavam passando, mas o meu pai já sabia o que tinha acontecido na novela, porque naquele período que ele não estava, ela ouvia e escrevia pra ele. Quando o papai chegava todos nós tínhamos acesso aos diários dele onde ela relatava com aquela caligrafia linda, maravilhosa, que era fácil de entender, porque tinha pouquíssimos erros ortográficos, dado ao fato dele ler muito, então era perfeita sua caligrafia.

Hoje se fosse publicar esses diários de bordo, meu irmão, Tatá, tem vontade de editar um livro com esses relatos do papai, e se for publicar mesmo, pouca coisa seria acrescentada, dada a tão boa ortografia que tinha, e eu atribuo isso ao fato de ele ler muito. Uma das coisas mais fantásticas da minha vida! Foi ler os diários de bordo do meu pai, porque foi por meio deles que passei a ter a experiência de conhecer a partir do que o outro te conta. Então, quando eu descia o rio eu já conhecia, aquele lago por onde ia passando, eu reconhecia: - Ah! Eu já vi no diário do meu pai. Ele descrevia as fases da lua, a influência que essa lua tinha sobre os pescados, sobre a época certa de pescar, ele era muito ligado nessas questões da natureza, as estações do ano, isso era muito forte, pois tínhamos muito bem definidas duas estações, o inverno e o verão e ele controlava isso pelas fases da lua...

O diário do meu pai era uma coisa fantástica! Nele também estão registrados os nomes dos compadres, os batizados das crianças, o nome desses afilhados, as

festas das localidades, pois as pessoas eram muito ligadas a festas religiosas, cada localidade tinha seu padroeiro, Calama, por exemplo, o padroeiro de lá é São João Batista, eu fiz a primeira eucaristia ali. Eu me lembro que aquela frente era muito bonita naquela igreja, mas era muito bonita! No diário do papai tinha a medição das distancias dos lugares que ele ia, mas naquela época não se media por km, não tinha essa medida de tantos km de localidades e tal, pelo fato de ser rio, mas tinha, assim, quantas horas de localidade para localidade, porque o meio de transporte só era o barco, então por isso, assim, tinha tudo muito preciso, que hoje quando eu volto a alguma dessas localidades eu confiro no relógio, ele marcava quantas horas de cada um para cada um, hoje está mais alterado dependendo do rio cheio ou do rio seco ele tinha precisamente a distancia.

Nesses relatos de bordo do meu pai é possível precisar coisas que hoje eu já não tenho mais tanto na memória, como a questão dos indígenas, porque meu pai, ele tinha um relação muito boa com os eles, pois ele pescava nos lagos que era de propriedade das terras indígenas, e meu pai sempre teve essa relação muito boa, uma ligação com a natureza. Esses relatos de bordo ficam com a minha mãe, ela os guarda até hoje, claro que alguma coisa se perdeu, porque molharam no barco, mas tem muita coisa boa! O meu irmão Tatá já começou a digitar alguma coisa desses diários. Nessas leituras do diário, que são vários e vários cadernos, do papai, ele tinha um grande conhecimento e uma grande relação com esses povos todos, porque vêm desde Manaus até Porto Velho os lugares que ele percorria.

São essas memórias que tenho, falando delas lembrei de uma música do Laio, que foi um compositor muito bom daqui de Rondônia, o nome dele era Francisco Lazaro dos Santos, mas conhecido popularmente por Laio, ele cantava uma música que fala dessa volta à beira do rio....

II PARTE

ENTRE PERCEPÇÕES

Eles não param de entoar seus cantos, um após o outro, conforme ouvem o iniciando resposder a seus chamados. Assim que um xapiri termina a sua melodia, recua enquanto o outro começa a fazer soar a sua, e assim por diante, sem descanso. Suas palavras vindas das árvores de cantos dos confins da terra, nunca têm fim. Porém, para que o jovem xamã possa obeter tão belos cantos é preciso, como eu disse, que os xapiri substituíssem aos poucos sua garganta pela deles. De outro modo o iniciado continuaria cantando tão mal quanto os brancos. Tudo isso é tão difícil quanto aprender a desenhar palavras em peles de papel. A mão fica dura no começo, o traço muito torto. É mesmo medonho! Por isso, é preciso afinar a língua para os cantos dos espíritos tanto quanto é preciso amolecer a mão para desenhar letras. (Davi Kopenawa)

9.NO MODO DE VIDA NÓS VIVEMOS AQUI LIGADOS À NATUREZA³⁵

As narrativas dos espaços resultantes dos seringais, do assentamento do INCRA em comunidades às margens dos rios e das rodovias, de terras indígenas demarcadas ou em reivindicação e espaços urbanos onde vivem pessoas advindas de seringais e aldeias, apresentadas neste trabalho estão interligadas por meio da relação específica que cada comunidade estabelece com a natureza. Os modos de vida destas pessoas, fundamentados em suas percepções de mundo, foram repassadas de geração em geração, num contexto de constantes desterritorializações causadas pelas políticas de Estado para a ocupação do espaço Amazônico, ação enfrentada pelas resistências dos povos e populações envolvidos nesse processo em manter suas vidas ligadas à natureza, como aponta o título. Essa percepção vem dos diferentes conjuntos narrativos resultantes das conversas gravadas somados às vivências nas comunidades. Ao percorrer essas narrativas, é possível encontrar os sentidos que as pessoas estão dando ao falar de suas vidas inseridas na compreensão que elas têm sobre seus modos de vida. Inicialmente, serão alinhavados alguns aspectos retirados das narrativas, posteriormente, seguirei costurando as vivências que compartilhamos.

A afirmação: “No modo de vida nós vivemos aqui ligados à natureza” nos possibilita tomá-la como uma categoria de análise advinda das narrativas, sem deixar de considerar que pode ser uma reapropriação das formas de categorizar dos pesquisadores, ao adotá-la para expressar suas percepções advindas da própria compreensão local sobre como interpretam a si e a seus mundos. De toda maneira, é importante registrar que vivenciando algumas experiências nas comunidades não vi essa expressão no dia a dia, tudo acontece na vivência, fazendo as suas atividades do dia a dia que estão ligadas às suas práticas culturais. Mas isso não tira a legitimidade das colaboradoras e colaboradores e não impede que essa categorização seja uma ferramenta para organizar as idéias sobre como vivenciam seu dia a dia de uma forma que seja demonstrado como para essas pessoas tudo está interligado à natureza. Sendo assim, a denominação “modo de vida” será adotada para uma possível interpretação sobre essas comunidades.

³⁵Título retirado da narrativa de João Irlei.

É possível perceber que, quando as colaboradoras e colaboradores falam como vivem, remetem-se à situação emocional, familiar, econômica, cultural, territorial, de parentesco, de identificação das relações que estabelecem com o lugar, com as pessoas, com a natureza. Começando pelo João Irlei, de quem adotei a frase “No modo de vida nós vivemos aqui ligados à natureza” e, a partir desta afirmação, foi possível entender que sua percepção diz respeito à sua autodefinição diante do mundo que ele constitui. Ao buscar a história de sua família, procura saber de onde vieram e, ao se deparar com um esquecimento sobre a origem dos avôs e bisavós ao mesmo tempo com uma formação cultural indígena e não indígena, traz presente o modo como vivem: *Eu fui buscar no fundo pra saber como que era a família, quem era a mãe, quem era o pai, quem era bisavô, a minha avó, porque a minha avó eu conheci, então foram me dizendo sobre a mãe da minha avó, mas só que não contaram da onde era a terra natal deles pra chegar nesse ponto até onde nós estamos. Se alguém me perguntar da onde eu venho, quais as minhas descendências, eu não vou saber dizer.* Nessa busca, vê-se diante da definição histórica social dos brancos como diferenciação aos indígenas, mas pelo que é possível entender ele não opta por nenhuma das duas: *Porque esse tipo de conclusão eu não tenho, porque, existem os brancos, né? Existe as tribos dos indígenas, então aí a gente pode também vim duma tribo dessas, por isso, eu não tive essa lembrança de perguntar pros meus pais,* continuando sua autorreflexão baseia-se na própria relação dele dentro do espaço de seringal com o indígena que teve seu território ocupado pelos que formavam a população dos seringais, comparando e diferenciando-se daquele indígena não aldeado que teve a intervenção do seringal em seu território com o indígena atual aldeado com quem estabelece relações sociais: *Porque hoje em dia...Vamos dizer, conversando um pouco sobre área indígena, hoje não há mais diferença! Porque antes eu conhecia uns aqui pra dentro. Tinha uns que eram os bichos mesmo! Vamos dizer eles não sabiam se aproximar das outras pessoas que não fosse do povo dele. Eles eram brabos e não podiam, assim, topar com gente que eles se escondiam ou então matavam. Hoje em dia você conversa com os caras eles são sabidão! São pessoas que você diz - Não é o que era antigamente.* Ao se remeter ao indígena do passado e o indígena do presente, distingue-se daquele do passado e se aproxima do que está no presente por ver proximidades culturais que o caracteriza como indígena e ao mesmo tempo como “sabidão”, ou seja, vê nesse indígena atual a aquisição dos conhecimentos não

indígenas mantendo-se indígenas e mantendo relações sociais com os que vivem nos espaços dos antigos seringais e com a sociedade não indígena da cidade.

Ao não saber de onde vem sua família e ao identificar que tem um modo de vida ligado à natureza como os indígenas, mesmo não afirmando, admite a parte indígena na sua constituição, mas ainda com a incerteza sobre sua origem: *Então, por isso, que eu não tenho como dizer*, ele apresenta essa dúvida, mas sabe da sua proximidade com os indígenas atuais: *por causa, que pra o que era no passado, hoje há mudanças...* e sabe também que mesmo não tendo uma história alinhavada na oralidade passada de geração a geração: *Eu não tenho nem como explicar*, sabe que resulta da história do contato entre indígenas e não indígenas, ele tem essa consciência: *mas pro que a gente vê hoje, se misturou um grupo, não de sangue e sim de cultura*, porém acaba, talvez sem saber, atualizando o discurso histórico social das misturas culturais, mas essa visão resulta das relações sociais entre não indígenas e indígenas em que foi inserido e traz presente a divisão de espaço territorial mantido no lugar em que vive apesar das relações sociais mantidas entre eles que são do espaço do seringal e os indígenas que estão na terra demarcada: *mas sabemos que índio é índio!* e acaba por se manter entre os não indígenas e os indígenas: *Eu não sei nem explicar se eu sou da veia desses índios mesmo ou se venho do grupo dos brancos mesmo*. E mesmo se vendo entre mundos consegue estabelecer uma especificidade que se aproxima do indígena e se distingue do não indígena, mas sem se autodefinir como parte nem de um nem de outro: *Bom, no modo de vida nós vivemos aqui ligados a natureza*. É o modo que vivem ligados a natureza que o situa num lugar, num espaço, num modo de vida. João Irlei se afirma no modo de vida coletivo, pois não diz: “No modo de vida que eu vivo”, ele diz “Nós vivemos.” Nesse sentido, o pertencimento coletivo está ligado a esse modo de vida que ele se refere.

No contexto de desterritorialização vinda do tempo dos desaldeamentos dos quais seus antepassados fizeram parte, a relação com a natureza aparece como resistência, repassada de geração em geração e por meio das ancestralidades na prática cultural da nomeação das coisas, da prática dos trabalhos coletivos, no fazer dos biscoitos tradicionais e das comidas, nos Festejos, nas ladainhas, na caça, na pesca, no conversar, no viver na e em comunidade. Manter e lutar pela vida nesse espaço da floresta, do rio, da natureza é a resistência e o que diferencia do não indígena. E pode ser entendida como uma maneira de ser indígena, mas as

categorizações feitas pelo próprio ESTADO sobre o indígena, o negro e o branco, que se coloca no papel de definir e legitimar o que é e quem é indígena impedem aqueles que se identificam com um modo de ser indígena mesmo não tendo como definir de qual povo, porque seus bisavôs e bisavós já vieram de processos de desterritorializações, de desaldeamentos, sendo tirado dessas pessoas o direito de memória ancestral, mas, ainda assim, esses bisavôs e bisavós, muitos deles desconhecidos pelos bisnetos e bisnetas, cumpriram seu papel de repassar uma memória ancestral por meio de um canto que foi guardado na memória e já estava em vias de desaparecimento, como o canto trazido por Maria de Nazaré em sua narrativa, o qual era ouvido por ela quando seu avô, que é meu bisavô, cantava de cócoras a noite no terreiro; por meio da memória de um rio, de um lago, de uma bebida tradicional, de um modo de fazer os biscoitos de massa de mandioca, de fazer as panelas, as fôrmas, os aguidás de barro, que chegam até os bisnetos, bisnetas, nos últimos suspiros de vida, mas ainda com tempo para serem retomados na prática ou apenas como lembrança. Como será? Vai depender das novas gerações.

A memória ancestral que chegou até os bisavôs e bisavós foram repassadas para os avôs e avós, para os pais e as mães, mesmo que algumas práticas como o fazer do tarubá, bebida fermentada de mandioca oferecida nos puxirum (mutirão para fazer roçado) no tempo dos mais velhos estejam atualmente só na memória, ou restrita no interior de alguma família, pois na última viagem ao Uruapeara, em setembro de 2014, um jovem de vinte e poucos anos mencionou que sabia o que era tarubá, pois sua avó Judite fazia para ele tomar. E outras que estão deixando de ser praticadas como o fazer das fôrmas, aguidás, panelas e outros utensílios de barro, que no momento não se sabe se haverá um retorno ou não dessa prática, mas, ainda assim, essa memória ancestral vem sendo repassada por meio do modo de vida das pessoas que vivem no Uruapeara e em Humaitá, Nazaré, Porto Velho, é repassada pela forma que *vivem o modo de vida*.

Francisco que é do mesmo espaço vivenciado pelo João Irlei fala das relações com os mais velhos na sua infância: *Do tempo que eu vivo aqui eu tive a oportunidade de conhecer os mais velhos. Eu me lembro do pessoal mais antigo, da tia Adelaide, eu chamava tia pra ela, porque a gente chamava todos de parentes, era parente pra cá era parente pra ali... Por isso, nós Chamávamos tia Adelaide pra ela... Ai o tio Antonio Maciel, que era o marido dela, aquele pessoal tudo, era um*

peçoal legal, Deusulivre! Este: a gente chamava todos de parentes, é entendido na vivência com a comunidade ainda nos dias atuais independente dos parentescos sanguíneos, apesar de que os parentescos sanguíneos estão muito entrelaçados formando ao invés de uma árvore genealógica uma floresta genealógica entrelaçada pelos cipós de afinidades, conforme demonstra representação³⁶ feita a partir das narrativas, principalmente a de Antônio Pinto:

Figura 5: Floresta genealógica das famílias do Uruapera

No Uruapera participei de dois puxirum, mutirão para fazer roçado, um na primeira vez que fui lá com a minha mãe, com a irmã da minha mãe e com a minha prima e meu primo em setembro de 2011 e outro na última vez que fui sozinha fazer as conferências das narrativas em setembro de 2015. O primeiro foi entre as famílias do espaço do seringal e segundo foi entre famílias do seringal e famílias da terra indígena Parintintin, que envolvem uma família dos Texeiras que vivem nas proximidades do território indígena onde houve umas uniões matrimônios que se mantiveram e outras que se desfizeram, independente disso, os filhos dessas relações são os vínculos entre as famílias que mantém trocas e solidariedades.

Nessa última ida ao Uruapera, fiquei um dia e uma noite na casa de uma família Parintintin na aldeia e, na manhã do segundo dia da minha estada, lá fui com uma parte da família para o Puxirum da família Texeira que tem uma filha casada com um Parintintin e junto dele tinha já duas filhas e um filho que nascia naquela

³⁶ Elaborada por Lucas Ciola.

semana. Na parte da tarde voltei para o espaço do seringal e no percurso fui apresentada a pessoas que estavam no puxirum que são ligadas a minha família e também ligadas a família dos Parintimtin. O que eu havia percebido na minha primeira vivência com a comunidade se confirmou. Saí de lá certa de que somos uma floresta genealógica e que, embora haja um limite divisor entre espaço de seringal e aldeia, todos se relacionam como parentes sem deixar de haver as diferenças entre as partes.

Em Porto Velho, as mulheres mais velhas que foram colaboradoras da minha pesquisa de mestrado e suas narrativas estão sendo retomadas para a pesquisa de doutorado, expressam uma memória afetiva do tempo que viviam com suas famílias e demais parentes às margens do lago Uruapeara. Izolina recorda do tempo bom e do difícil: *Tenho saudade do que já se passou! De quando eu vivia perto dos meus irmãos, da minha irmã... Já perdi todos os meus irmãos de pai e mãe, com quem me criei. Hoje vivo com minhas lembranças do tempo bom e do tempo difícil.* Embora no tempo que vivia perto dos irmãos e das irmãs tenha enfrentado dificuldades, esse tempo é lembrado como bom e o tempo fora do seu espaço afetivo após a morte de seus irmãos e irmãs com quem se criou é vivenciado no presente como tempo difícil. Entrevistei Izolina depois do falecimento de Francisca, sua irmã. A primeira entrevista que realizei na pesquisa para o mestrado foi com Francisca e em sua narrativa resultante dessa entrevista ela também traz uma recordação de pessoas de seu tempo que compartilharam vivências num espaço afetivo: *Outro lugar que nós vivemos antes da ilha era lá no Comercial. Lá tinha muita gente, era povoado, mas agora está tudo abandonado [...] Morreram tudo aquele pessoal.* Também menciona a dispersão da comunidade afetiva que faz parte ao se deslocarem do lugar de origem em comum: *O último que eu não sei se ainda é vivo é o Manel Nunes que mora aqui na Esperança da Comunidade. Nunca mais tive notícias dele, mas era muita gente que vivia ali...*

Voltar ao lugar de origem e ver que as pessoas de seu tempo morrerem traz uma imagem de desaparecimento do lugar que era vivenciado coletivamente com essas pessoas falecidas tanto do lugar afetivo como o lugar físico. Na fala de Francisca é expresso um sentimento de uma geração que vê um mundo do qual fez parte em desmoronamento, mas, nesse limiar da morte e da vida, as outras gerações vão criando formas de manterem essas relações estabelecidas pelos mais velhos sem deixar de se apropriarem dos novos contextos de interação com a cidade. Como no

caso do Orildo: *Eu vivo aqui desde quando eu nasci aprendi a viver com o que a gente produz na roça, e o que a gente tira do rio e da floresta, mantendo o meio que a gente vive e da onde tiramos nosso sustento.* Que é da atual geração dos adultos que formou família e mantém suas vidas no modo de vida ligado a natureza. Em outro contexto histórico e social, mas praticando as mesmas atividades de sustento da vida que foram praticadas pelos mais velhos, aprendidas pelo pai e passadas para ele.

Nessa geração que vivenciou ainda criança o deslocamento com seus pais do Uruapeara para Nazaré e que teve a experiência de viver na cidade de Porto Velho, vimos a escolha de se manter nos espaços comunitários junto a seus núcleos familiares, sem abrir mão das tecnologias modernas, como no caso da Vanderlurdes: *Eu me sinto bem do jeito que eu vivo. Chego do meu trabalho, tomo meu banho, às vezes, eu assisto minha televisão, às vezes, eu vou pra casa do meu pai... Eu me sinto melhor ali no meu cantinho, sossegada, sem zoadas, sem negócio de bagunça, então, eu me sinto melhor no interior mesmo! Eu não nasci em Nazaré, nasci no Uruapeara e fui criada em Nazaré. Eu estou com 47 anos e eu me sinto bem vivendo em Nazaré!*

Essa tranquilidade de viver com o núcleo familiar longe da cidade também se expressa visivelmente na narrativa de Antônia: *No tempo que o Maciel era vivo era muito bom, mesmo que a minha mãe já estivesse separada do meu pai, a gente ainda vivia bem, porque tinha o tio Manel junto com a gente, ele morava lá perto do sítio do papai, viviam cuidando um do outro lá. Ele morava pra cá pra traz com a gente, todo dia a gente se via e estava todo tempo vivendo junto, mas a gente tem que se conformar com o que Deus dá o que fazer né? Mas quando meu tio era vivo a gente vivia tão feliz.*

Para Antônia essa tranquilidade da vida com seu núcleo familiar foi afetado no tempo da inundação causada pela intervenção de hidrelétricas no rio Madeira:

Vivo minha vida por aqui tranquila, eu, meus filhos, perto da minha irmã e do meu pai, um cuidando do outro. No tempo da inundação que ficou difícil fiquei com medo da água chegar aqui, pois estava vindo aqui por trás por causa da água do Culhereriro que subiu demais, a água estava tão podre que matou até plantas que não morria com água. Uma das minhas filhas que estava grávida teve que vim ficar abrigada numa tenda da defesa civil com o marido dela, mas ela só dormia lá e passava o dia aqui comigo. Ficou muita gente aqui na escola nova. Foi muito triste. (Narrativa Antônia)

A experiência da inundação causada pelas hidrelétricas construídas no rio Madeira em 2014 passou a fazer parte das narrativas de vida das pessoas que fazem parte das comunidades às margens do Rio Madeira. O tempo da inundação foi o tempo em que as pessoas perderam suas casas, suas plantações, muitos animais da floresta e os de criação doméstica. Foi a destruição da natureza que é fonte de vida para essas pessoas. Apesar dessas pessoas que vivem nas comunidades às margens do rio Madeira e do lago do Uruapeara terem suas vidas atravessadas pela inundação de seus espaços de vida, elas não abriram mão de viver neles e alimentados pelas tradições deixadas pelos mais velhos reconstróem suas vidas.

Antônia, traz presente em sua narrativa a memória dos Festejos dirigidos por seu tio e sua continuidade mantida por seu primo, marcando as mudanças de um tempo para outro dessas tradições:

Era lá no lago do peixe boi que era o Festejo, lá era comunitário. Era reza, depois da reza ele fazia pé de moleque pra dá com Nescau, que naquele tempo era assim, nera? Que não tinha aquele negócio de refrigerante Didio, era nescau com pé de moleque que ele servia, na tradição dele, mas era bonito, e sempre ele falava que ele ia voltar a fazer como ele começou a festejar. Ele ia terminar, assim, mas foi o tempo que ele faleceu, aí já ficou o Timaia aí, o filho dele, mas não era como era quando ele era vivo, o Festejo de São Sebastião. Eles ainda festejam, mas não é mais como o Maciel fazia, ele era bastante religioso, e se dedicava bastante a igreja. Agora modificou, eu acredito que aqui dentro mesmo modificou. Na igreja de São Pedro onde ele e a gente frequentava toda terça e sábado a gente estava na igreja, agora é até difícil abrir a igreja. Lá pra fora, na igreja lá de fora, é bem difícil eu ir lá. (Narrativa Antônia)

O próprio Timaia que herdou do pai a tradição dos Festejos de santos percebe as mudanças que aconteceram no envolvimento da comunidade nos Festejos: *Desde criança eu assistia os eventos aqui na comunidade. Esses eventos envolviam as pessoas mais velhas, eu me lembro, que eles faziam os tapiris nos Festejos e faziam esse teatro regional, com os mais antigos, a gente era criancinha, a gente assistia os eventos religiosos, as procissões de barco, assim, um monte de coisa que acabavam envolvendo a comunidade. Então, assim, hoje a gente começa olhar para trás e ver o que se perdeu e o que a gente ainda pode fazer pra manter isso vivo.*

Timaia, como um portador de tradições culturais, apesar de perceber as perdas que houve nas práticas tradicionais de sua comunidade entende a dinâmica de passagem de geração para geração e as relaciona a autenticidade dos modos de suas vidas mantendo suas diferenças em relação aos outros de fora da comunidade: *penso*

que temos que manter a nossa identidade cultural, é claro que as transformações vão vir naturalmente, mas, o que for possível pra gente guardar a identidade, ainda! A gente está fazendo o máximo pra manter, sabe por que? Porque ao manter nossa identidade estaremos forte sendo nós, mas na hora que a gente perder essa identidade, a gente vai ser só mais um boneco servindo pra bater fotos... Entendeu! Então, assim, acho que essa coisa de identidade está na alma da gente, sabe! Nossos pais trouxeram e a gente procura manter isso vivo o melhor possível...

O sentido de ser da beira do rio é afirmado na música “Eu sou da beira” de Timaia: *Sou da beira eu sou, sou filho eu sou, da mata, do lago, do rio que secou e da música que ele fez para a curandeira da beira do Madeira: Tem também uma que foi feita em homenagem a dona Preta. É essa aqui: “Nasceu o menino na esteira de palha, dizem que o Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou.” Olha... Eu acho para mim, sinceramente, que a dona Preta é o maior patrimônio histórico vivo, dessas comunidades aqui adjacentes.*

Ser da beira conforme as músicas “Sou da Beira” e a que foi feita em homenagem a dona Preta, é ser filho da mata, do lago e do rio que sofre as modificações ocasionadas pelos impactos ambientais advindos de fora da comunidade. É também acreditar na curandeira, no encantamento dos Botos é manter a tradição da parteira para trazer ao mundo as crianças da comunidade, com o auxílio dos remédios tradicionais, tudo ensinado pela curandeira, pois é ela que recebe os espíritos do Boto para ensinar os remédios de cura, mesmo que também façam uso da medicina clínica.

Manter-se nesses espaços de vida às margens dos rios, dos lagos, igarapés entre as florestas é um ato de luta para manter seus modos de vida tradicionais e se apropriar dos recursos tecnológicos e científicos vindo das cidades, isso não quer dizer que estão abrindo mão de suas tradições, essas pessoas escolheram manter suas vidas em seus territórios culturais mantidos de geração em geração dentro das perspectivas constituídas na relação com a natureza e o mundo dos espíritos.

Seu Francisco lá do Uruapeara mesmo dizendo que nunca viu nada que o assustasse na mata, não escapa da experiência de se assombrar:

Esse tempo todo que eu vivo aqui eu nunca vi nada que me assustasse nessa mata. Não, na mata eu nunca vi, não. O que eu vi e o que eu lembro até hoje, foi quando eu fui para Parintins, e de lá de Parintins eu fui pra fazenda do

meu tio, aí de lá eu resolvi ir pra Barreirinha, que era outro município. Hoje lá é cidade. Aí eu fui trabalhar numa prefeitura lá, a gente morava num galpão e quando era a noite todo mundo saía. O gerador lá era desligado dez horas. Todo mundo saía, ia pras casas das namoradas e tal, e ia chegando aos poucos... Uma noite eu cheguei, abri o galpão, todo mundo dormia em rede, eu fumava na época, aí eu arriei a minha rede, acendi um cigarro e fiquei ali, quando eu dei fé aquele negócio pintou na minha vista, assim... Que eu olhei tinha uma mulher sentada comigo na rede. Ela estava sentada de costa pra mim, pelo que vi da costa dela, ela não estava de roupa não. O Cabelo dela era amarelo. Eu enxergava, assim, a parte do ombro dela. Ela era branca. Aí eu fiquei lá, não podia me mexer de jeito nenhum, porque a gente fica paralisado quando uma coisa assim acontece, mas aquilo não demorou não! Quando aquilo se mexeu eu despertei, assim, e não vi mais nada. Foi o que eu vi, durante a minha vida! (Narrativa de Francisco Pinto da Trindade)

O contato do seu Chagas com a visagem o deixa estático sem ação como se saísse de si, a maneira que descreve a mulher em forma de visagem mostra que seu contato com a visagem é como se fosse físico, mas numa outra esfera que por um tempo o deixa paralisado. Esse tempo de contato não tocado, mas visualizado, com a visagem é interrompido pelo movimento da própria visagem que ao se mexer na rede faz Chagas voltar em si.

Maria de Nazaré caracteriza a assombração assim: *Eu acho que o nome que dão pra essas coisas que a gente escuta e sente, mas não vê é assombração... Assombração! [...] Eu nem sei explicar direito o que são essas assombrações. Ah eu nem sei... Eu acho pra mim que é alguma pessoa que morre. Algum espírito ruim. Só pode ser... Que seja assim... Sei lá, fez alguma maldade pro outro, que mata as pessoas... Acho que pra mim é isso que acontece.*

Chagas consegue ver e descrever a presença feminina que o assombrou e se refere a ela como: “aquele negócio” e “aquilo”. Demonstra que ele não consegue definir o que é aquela presença, embora ele saiba que não é uma presença do mundo dos vivos e sim dos mortos. Maria de Nazaré mesmo dizendo em sua narrativa que é uma coisa que não tem explicação, consegue fazer uma conceituação, diz que é uma pessoa que morre, em outras palavras, é do mundo dos mortos, um espírito ruim. Chagas sente e vê a presença do espírito do mundo dos mortos, enquanto Maria de Nazaré diz que os espíritos dos mortos são sentidos e ouvidos, mas não vistos. Embora, haja essa diferenciação em relação ao contato com os espíritos apresentado por Chagas e Nazaré, os dois revelam uma percepção de que entre vivos e mortos há uma relação. Essa relação é compreendida dentro dos contextos dos modos vidas em que essas pessoas vivem relacionadas com a natureza, onde tudo é espiritual.

O modo de vida ligado à natureza das comunidades resultantes dos espaços de seringais é o ponto de ligação com as comunidades indígenas em retomada que se reafirmam como Mura. Joabi Mura traz presente na sua narrativa a dificuldade de manter uma organização social cultural específica que os se diferenciassse dos não indígenas, estando inserido na sociedade denominada por ele de “sociedade do branco”. E ainda, assim aponta a memória dos seus antepassados que foi repassada por seu avô como vínculo a uma diferenciação indígena e não indígena que se respalda a distinção deles enquanto indígenas diante da relação com a sociedade não indígena: *A gente cresceu no meio da sociedade não indígena... Assim na sociedade do branco não conhecendo muito a nossa cultura, as nossas tradições, a gente conhecia pelo que meu avô e meu pai contavam...Sabemos do que meu avô contava para meu pai de como fazia ritual, porque meu bisavô era pajé... E, por isso, a gente cresceu sabendo dos rituais.* É essa memória dos antepassados que permite à família do Joabi vincular seu modo de vida ligado à natureza ao modo de vida indígena e, a partir daí, se afirmarem Mura. Joabi também traz uma lembrança de um ritual praticado numa das comunidades de seus familiares por onde passou: *Inclusive, quando eu era pequeno, às vezes, eu passava por um ritual feito para as crianças que cometiam alguma coisa que não podia... Esse ritual que a gente praticava era chamado ritual Gurugel. Era Gurugel o nome do ritual que era tipo uma punição às crianças que eram desobedientes. Ele deixou de ser feito eu acho que há uns 15 anos. Ele era o terror das crianças, lembro que ainda participei dum, fico rindo agora que estou contando, mas ele causava muito medo mesmo...*

Essa percepção do modo de vida ligado à natureza das comunidades que não se denominam como indígenas e se encontram às margens do rio Madeira e do lago do Uruapera e outros rios e lagos da Amazônia os liga às comunidades indígenas. Isso pode ser visto num trecho da narrativa de Barreto Mura: *A retomada Mura inicia em Manicoré em 1992 com a luta pelo reconhecimento do Povo Mura, porque até então não existia Mura em Manicoré. Por isso, que o ex prefeito quando ele falava no seminário que não tinha índio, só existia índio no rio Marmelos, ele estava, na verdade, avaliando pelo que ele via, pois ele como político corria essa beirada do rio Madeira todinho e não via índio! Ele não via porque não existia reconhecimento, quer dizer os índios estavam lá escondidos, existiam, mas estavam vivendo lá como ribeirinhos e depois que aparece esse padre como eu estava dizendo, ele começa a mostrar para eles que a cultura deles era indígena, que eles*

tinham o direito de serem reconhecidos como povo indígena e reivindicar a demarcação de seu território e a partir daí tudo foi se abrindo um pouco e foi fortalecendo a nossa retomada.

A explicação que Barreto Mura dá para o motivo de o prefeito de Manicoré ao qual ele se refere dizer que não via indígenas na beirada do rio Madeira reafirma a tese de que as comunidades às margens dos rios da Amazônia são formadas por indígenas que foram desterritorializados tanto na Amazônia, como no Nordeste e demais regiões do Brasil e se juntaram nos espaços de antigos seringais onde reativam constantemente seus modos de vida indígenas: *Ele não via porque não existia reconhecimento, quer dizer os índios estavam lá escondidos, existiam, mas estavam vivendo lá como ribeirinhos.*

O modo de vida dessas pessoas que fazem parte do Uruapera, de Humaitá, Nazaré, Porto Velho, Itaparanã e Bom Intento está ligado a relações de parentescos, ancestralidades, vivências com os vivos e os espíritos, os encantados, mundos da floresta, das águas, sentimentos de ser do lugar, de cantar o lugar, vida cultural, vivência nos sonhos ao dormir, festas, trabalhos coletivos e familiares, na roça, coleta de frutos, extrativismos, pesca, caça, nos diferentes tempos e espaços de deslocamentos, no tempo dos desaldeamentos, dos seringais, das comunidades extrativistas, das comunidades nominadas por ribeirinhas, do espaço urbano. Nesses espaços essas tradições interagem com as tecnologias modernas, ferramentas de trabalho, rádio, televisão, celular, internet, motor de luz; algumas delas mantidas a óleo diesel, outras contempladas pelo projeto “Energia para todos” e todas, seja as das margens do rio e das rodovias, rurais ou urbanas, foram devastadas em 2014 pela inundação causada pelas hidrelétricas construídas no rio Madeira e se encontram em fase de reestruturação e na luta para manter suas tradições culturais que garantem seus modos de vidas específicos.

A tese de que as pessoas que vivem nas comunidades às margens do rio Madeira e lago do Uruapera e outros rios e lagos da Amazônia, mesmo não sendo identificadas como indígenas e não estando em territórios indígenas demarcados pelo Estado, estão nesses lugares porque seus modos de ser estão interligados a esses espaços e não vão viver na cidade porque estão resistindo culturalmente e politicamente ao padrão de vida colocado por modelos de desenvolvimento que desconsideram suas vidas, se reafirma em todas narrativas apresentadas e será demonstrada a partir delas. Ao narrarem suas experiências de vida, as colaboradoras

e colaboradores conectaram-se às memórias dos antepassados, eles conseguiram puxar o fiozinho da memória ancestral para tecer suas próprias memórias, como disse Ailton Krenak na primeira vez em que conversei com ele pessoalmente em São Paulo, no intervalo da exposição de filmes produzidos por cineastas indígenas no evento “Aldeia São Paulo” que aconteceu no centro cultural Vergueiros em agosto de 2014. Nessa conversa, quando falei que estava pesquisando sobre a memória indígena da minha família, ele sabiamente me disse: “Não esqueça que a memória é um fio que nos liga aos antepassados.” Mais tarde, lendo seu livro, *Encontros Ailton Krenak* (2015) que é composto por uma coletânea de entrevistas realizadas com ele no decorrer de sua vida de atuação política, organizado por Sergio Cohn, vi o quanto estava presente isso em falas vindas de suas memórias e suas atuações, mas de forma concentrada na entrevista realizada por Karen Worcman, onde o entrevistado, Ailton Krenak, falou sobre *O rio de memória* onde ele se detém sobre as memórias de sua infância e como foi se constituindo como pessoa na relação com a natureza e na ligação com as memórias dos antigos, o que pode ser sintetizado no último parágrafo da entrevista:

Eu vou completar 54 anos, e quanto mais eu consigo contactar a memória, eu ligo com os antigos, que são os que eu reverencio, que são as memórias dos nossos antepassados. E eu vou viajando e entrando nos mananciais de visões que os nossos avôs, os nossos bisavôs, os nossos antepassados deixaram para gente. Aí é muito legal. Porque o igarapé que aquele menino bate peneira está ligado com o rio de memória muito grande, que é o rio de memória que os mais velhos foram contando para gente, compartilhando com a gente, ensinando. (KRENAK, 2015, p. 195)

Posso dizer que as narrações das colaboradoras e colaboradores que resultaram nas narrativas dessa pesquisa também passam por esse ritual de rememoração descrito por Ailton Krenak e também pude ver que, como ele no seu tempo de infância que batia a peneira naqueles igarapés para pegar peixe, as crianças lá no Uruapeara ainda hoje, os curumins e cunhatãs, passam seus tempos livres nas beiras dos igarapés com seus arcozinhos e flechinhos arpuando peixinhos como fizeram suas avós e avôs na infância. As cunhãs muku e os jovens Apigauas lá na aldeia Bom Intento, atravessam o Rio Madeira na madrugada para cacetar marreco nas praias como faziam seus antepassados; em Nazaré, os curumins ainda continuam passarinhando, balando e fazendo seus moquéns de passarinho. Os curumins e cunhantãs das beiras do Rio Madeira, nosso rio de memória, continuam

gostando de pescar seu peixinho para comer cozido, assado ou frito com farinha mesmo estando nas cidades como Humaitá e Porto Velho. Da mesma maneira, os adultos atualizam a memória dos mais velhos ao adentrarem nas florestas ou ao percorrer em suas canoas e rabetas os rios, lagos e igarapés. Tudo isso, ao meu ver e pelo que entendi do que Ailton Krenak e as narrativas desta pesquisa estão dizendo, faz parte de um modo de vivenciar a memória ancestral indígena.

O conhecimento sobre a natureza repassado de geração a geração

Como é indicado nas narrativas de Valderlurdes, Edilene, João Irlei, Nilce, Almira, Ester Mura e Joabi Mura, os conhecimentos de cura, de sons vindos da floresta, dos movimentos das águas, comportamentos dos animais, os espirituais, os de temporalidades, os de estratégia para lidar com a mata, os de tomada de consciência indígena e retomada territorial e cultural vêm da natureza e são repassados por seus pais.

Vanderlurdes para explicar de onde vem o conhecimento sobre os remédios feitos com plantas medicinais, diz que é um conhecimento aprendido por meio da natureza:

A gente aprende a fazer mesmo pela natureza, esses remédios. Numa comparação... Se a gente tem uma dor de barriga a gente cura com chá e se for uma inflamação a gente cura com outros tipos de remédio! Que nem o unha do gato... A gente chama, é aquela Bôta! Também, que é um pau que a gente usa pra fazer asseio e pra beber. E tem também o hortelãzinho que serve pra dor de barriga, aquela catinga de mulata pra banho, o pião pra fazer o rapé, e, assim, por diante, a gente vai levando a cultura, assim. A catinga de mulata é pra fazer banho pra dor de cabeça. Dos remédios que uso mais é o pau da bota e o coisa... O unha de gato. É o que eu uso mais. É, porque, mulher precisa de mais cuidados, né?! E aqui eu uso mais é esse... As crianças quando adoecem tomam o chá da guia da goiaba! Da azeitona! E uma batatinha também que a gente usa, ela é bem vermelhinha, também que a gente bate e põe no chá. É uma batata mesmo, lá no papai tem é muita... Ela é caseira mesmo... (Narrativa Valderlurdes)

Há duas classificações do remédio tradicional que vem do ensinamento da própria natureza, conforme Vanderlurdes: Os que são feitos das plantas caseiras e as do mato, ela apresenta as plantas caseiras que são unha de gato, hortelãzinho, catinga de mulata, pião, guia da goiaba, da azeitoneira e a batatinha vermelha.; e as do mato, como o pau da Bôta, ou seja, uma árvore chamada de pau da Bôta de onde é tirada pedaços de cascas da árvore para fazer banhos íntimos para infecção feminina. Mas é apenas esse remédio do mato do qual ela faz uso constante que é

mencionado, pois diz que quem conhece os remédios do mato são seus pais. Ao remeter esse conhecimento aos seus pais indica que é um conhecimento dos mais velhos, além disso remete esse conhecimento vindo da experiência da vivência dos pais no lugar de origem, que é o Uruapeara: *Então nossos remédios caseiros são esses daí, a gente usa mais. Mas quem conhece... Que nem meu pai e minha mãe, eles conhecem muito remédio! Assim, do mato, porque, eles já foram criados lá pro lado do Amazonas! Então lá tem mais planta medicinal do que pra cá pra Nazaré!*

Edilene que nasceu, se criou e continua vivendo no Uruapeara ao falar de seus conhecimentos diz: *Eu sei reconhecer algumas coisas da natureza.* Esses conhecimentos são os de identificação dos bichos por meio de seus cantos, e por meio dos movimentos feito na água:

Como alguns cantos dos bichos e também quando eu tô lá no porto fazendo alguma coisa e se tiver silêncio e eu vê uma onda eu já penso - Ou é peixe ou é boto. Se tiver uma malhadeira por perto e eu ver um banzeiro aí eu fico atenta e olho pra ver se as bolinhas da malhadeira estiverem afundando eu já chamo alguém pra ir ver de perto, porque sozinha eu não tenho coragem de ir. Quando a malhadeira tá com as bolinhas afundadas ou é boto, ou peixe, ou alguma outra coisa, porque se o rio está silêncio e de repente vem uma onda é porque é alguma coisa se movimentando debaixo da água, mas às vezes, quem não tá acostumado nem vê nada... Porque não é como o rio aí fora que o vento quando tá forte as ondas são grandes! E a gente já sabe que num é bicho é onda do rio mesmo, ou do mar! (Narrativa de Edilene)

Edilene traz sua interpretação dos cantos dos bichos e do movimentos das águas explicados no espaço doméstico e ao entrono dele.

João Irlei traz em sua fala um ensinamento sobre a sua leitura referente à natureza adquirido do lugar onde nasceu e se criou: *Eu nasci e me criei aqui, fui aprendendo a viver lidando com a mata, o rio, os lagos, os igarapés, com a natureza.* Ele nos diz para olharmos para além da beleza do rio para sabermos identificar os perigos: *O rio é o seguinte, a gente acha maravilhoso! Acha muito lindo! Mas existe também um período que ele leva a loucura pra gente dentro dos nossos olhos. Porque, tem coisas que chamam a atenção da gente, mas tem coisas que ele faz a gente ficar meio pensativo. Porque tem muitas coisas perigosas aí. Espantosa!* Ele faz essa recomendação tomando como base sua experiência de aprendizagem desde criança, quando ainda não conhecia todos os perigos encontrados na natureza e era alertado por sua mãe: *Eu me lembro que quando eu era pequeno eu tinha medo de sair na canoa pra ir pescar. Eu era pescador desde pequenininho, mas, só que a mamãe brigava comigo para não ir pescar sozinho aí*

eu perguntava pra ela: - Porque mãe a senhora briga? Eu perguntava isso quando não sabia, não entendia a preocupação dela, ela sempre me respondia quando eu perguntava por que ela estava brigando pra mim não ir pescar: “Não meu filho, por causa, que tem muito jacaré, tem sucuriçu por esse rio afora aí”. E aquilo eu fazia de conta que pra mim era um nada! O seu aprendizado sobre como interpretar a natureza se deu no decorrer da sua criação junto com a própria natureza: Mas depois que eu fui crescendo eu fui vendo e fui compreendendo, porque realmente o que a mamãe dizia se cumpria, porque eu vi com meus próprios olhos.

Nilce enfatiza a relação com a natureza por meio de um viés cristão que, embora seja a afirmação de um Deus único, traz presente a percepção espiritual sobre a natureza que ela atribui como um ensinamento passado pelo seu pai: *O que eu aprendi com o meu pai é que tudo vem de Deus. Às vezes, as pessoas falam assim: “Ah! Porque a força da natureza”... Mas o que eu sei, a minha crença é que a natureza é de Deus! Porque a natureza tem força? Porque a força é de Deus! Eu acredito na natureza! Acredito nas forças invisíveis, eu acredito no sobrenatural, mas porque provém de Deus! Eu acredito! Creio que é assim. Ele é o Deus de tudo! Tudo! Tudo pertence a ele, porque ele foi o primeiro e o único! As outras coisas que existem foram feitas por ele, foi pelo consentimento dele.* Dentro da afirmação de um Deus único é admitido a existência das forças invisíveis dos espíritos numa perspectiva indígena, como é possível perceber num outro trecho de sua narrativa: *Eu não desfaço de ninguém, mas também peço a Deus que ele nunca permita de eu ver as coisas, assim, que nem o irmão da igreja, que estava ali pro mato tirando madeira para fazer a igreja e aí ele viu um índio bem grandão! Aí ele perdeu o sentido, por causa que provavelmente era um espírito e natureza da gente não resiste quando vem a força do outro que vem da outra vida.* Essa perspectiva é entendida como indígena, porque o que está sendo colocada é a compreensão de uma realidade em que os espíritos vindos de outras vidas, que não são mais a física e sim espiritual, não palpável, apenas vista e sentida espiritualmente, interage no mundo dos vivos. Em outras palavras, vivos e mortos se encontram, em alguns casos havendo uma comunicação entre as partes e em outros casos havendo um impedimento de interação efetiva, mas que em todo caso acontece uma comunicação no sentido de que a presença daquele espírito vai ser comunicada aos demais e gerar interpretações sobre seu aparecimento, o que pode se caracterizar como um aviso, uma precaução, um impedimento. Enfim, o que a presença do espírito vai comunicar

depende dos suportes culturais invocados por aqueles que vivenciam essa experiência.

Ainda na narrativa de Nilce há uma demonstração do contato com espíritos do colonizador e espíritos indígenas por meio dos sonhos:

Eu já vi, mas, assim, tipo um sonho. Um dia eu estava aqui no quarto o Luiz saiu pra trabalhar, até eu estava vendo na televisão aquele homem, o Candido Mariano aí me veio na minha lembrança que era igual aquele homem que uma vez eu vi no meu sonho. Nesse dia eu dormi de tarde aí eu sonhei, não sei se eu sonhei, não sei o que foi aquilo ali eu via direitinho, assim um homem em cima de um cavalo, com um chapéu na cabeça e um charuto na boca e ele me mostrava, assim, uma pedra no dedo dele, uma pedra bem grandona, só que a pedra era verde, só que eu fiz todos os esforços pra mim sair daquele negócio ali! Foi dessa vez que eu escutei aquele negócio... Eu estava dormindo e me acordando e fui escutando aquele negócio, aquela coisa, assim, que eu fui me acordando e escutando aquela vozinha, assim, tipo de criança que falou *uiacunã chiuanãmã* escutei duas vezes, nesse tempo nem tinha essa área era só o quarto mesmo e aquela escada que tinha pra gente subir para a parte de cima da casa. Era na época que a mamãe morava aqui. (Narrativa Nilce)

Navisão o irmão da igreja de Nilce ao adentrar a mata para tirar madeira para fazer a igreja aparece a ele um espírito de um homem indígena, que é caracterizado como um índio bem grandão e no sonho de Nilce aparece a figura de um colonizador: *homem em cima de um cavalo, com um chapéu na cabeça e um charuto na boca e ele me mostrava, assim, uma pedra no dedo dele, uma pedra bem grandona, só que a pedra era verde* e ela também escuta uma voz de uma criança indígena. Sem adentrar para uma interpretação psicanalítica, pois a própria perspectiva de compreensão de mundo indígena configura o cruzamento dos mundos dos mortos e dos vivos, onde os espíritos se mantêm presentes para proteger, orientar, manter um vínculo com os ancestrais, nas duas demonstrações da intervenção dos espíritos existe o contexto da relação de evangelização e catequização, no que se refere ao irmão da igreja de Nilce está a situação material de fazer uma igreja evangélica e, no sonho de Nilce, está o do colonizador e o da criança indígena que vem por meio da voz numa expressão indígena. O que pode ser entendido disso são as dimensões espirituais vivenciadas por Nilce, a que vem da religião evangélica e as ancestrais que se revelam no plano dos sonhos e das resoluções práticas como o de tirar madeira na reserva do seu lote. Pode ser também uma maneira de se manifestar uma tomada de consciência indígena em meio às influências de uma história da colonização e catequização nas quais ela, sua família e seu meio social estão inseridos. A expressão na língua indígena não tem uma

tradução, mas pode ser sentida e entendida como uma linguagem espiritual indígena que não tem um significado em si, mas traz a força de uma consciência da relação com as espiritualidades das ancestralidades indígenas.

Outro aspecto de natureza que Nilce traz em sua narrativa é o ambiental que está também ligado ao espiritual. Ela se remete aos desastres ambientais como uma reação de Deus por meio da natureza: *Tudo isso que está acontecendo eu acredito que seja reação da natureza e porque a natureza ela é de Deus!* Nilce reforça uma percepção espiritual sobre a natureza e também critica a ganância humana como responsável pela sua destruição: *Agora essa ganância por dinheiro, essas coisas aí, está acabando com a natureza, eu não sou a favor da destruição das coisas, da cachoeira, essas coisas aí tudo eu acredito que tem um sentido das coisas. Como aconteceu aqui em Porto Velho que destruíram a cachoeira de Santo Antônio para fazerem hidrelétricas.* Nilce, traz exemplos de destruição ambiental e reação da natureza como reação divina que ocorreram e ocorrem na cidade onde vive e que afetam diretamente as comunidades de onde veio e onde vivem pessoas da sua família, Uruapeara e Nazaré.

Almira que se coloca em sua narrativa como alguém que vem de famílias com hábitos culturais europeus advindos das descendências maternas, acaba por revelar as origens indígenas de seu pai que vem ser as suas e que são repassadas pelas aprendizagens adquiridas com o pai:

meu pai sempre na realidade teve muita ligação com a natureza, porque ele já vinha de uma família de pescadores, meus avós, a mãe do meu pai era uma índia, meu pai era filho de uma índia com um caboclo, os traços do meu pai era moreno, fisionomia mais afinada por causa do pai dele, não cheguei a conhecer minha avó, só conheço do que ouvir falar, nunca vi nenhuma fotografia dela, mas os traços dela estão nas minhas tias, todas elas tem um traço indígena assim muito forte, por parte do papai, já da minha mãe não, porque a minha avó era filha de amazonense casada com nordestino, meu avô por parte da minha mãe era cearense. (Narrativa Almira)

A origem indígena, mesmo não sendo afirmada por ela, vem não só do pai vem também da mãe, já que sua avó materna era amazonense, no entanto, por atribuir costumes culturais urbanos e europeus a família materna, remete ao pai a origem indígena por meio da ênfase a sua forte ligação a natureza que foi utilizada por ele na sua atividade de pesca comercial.

Almira no decorrer da sua narração descreve suas experiências de viagens no barco de pesca do pai junto com os irmãos, mas destaca a experiência da leitura de

diário de bordo do pai como meio de contato ao conhecimento do pai sobre a natureza: - *Ah! Eu já vi no diário do meu pai. Ele descrevia as fases da lua, a influência que essa lua tinha sobre os pescados, sobre a época certa de pescar, ele era muito ligado nessas questões da natureza, as estações do ano, isso era muito forte, pois tínhamos muito bem definidas duas estações, o inverno e o verão e ele controlava isso pelas fases da lua...* Traz presente nesse trecho o conhecimento sobre as diferenças dos tempos das estações, e do melhor tempo para as pescarias por meio do entendimento das fases das luas. Almira tem contato com um conhecimento tradicional de relação com a natureza por uma outra via que é a vivência de percorrer o Rio Madeira no barco do pai junto com os irmãos entre uma vivência amazônica e uma vivência europeia vinda por meio dos livros e das músicas que teve acesso nas viagens com o pai durante as férias escolares, conforme descreve em sua narrativa.

Para Almira, os relatos de bordo do seu pai deram acesso a um mundo de conhecimentos indígenas com temporalidades que fazem parte dos modos de ser amazônicos:

Nesses relatos de bordo do meu pai é possível precisar coisas que hoje eu já não tenho mais tanto na memória, como a questão dos indígenas, porque meu pai, ele tinha uma relação muito boa com os eles, pois ele pescava nos lagos que era de propriedade das terras indígenas, e meu pai sempre teve essa relação muito boa, uma ligação com a natureza. [...] Nessas leituras do diário, que são vários e vários cadernos, do papai, ele tinha um grande conhecimento e uma grande relação com esses povos todos, porque vêm desde Manaus até Porto Velho os lugares que ele percorria. (Narrativa Almira)

Um detalhe singular presente nesse trecho é o trecho percorrido pelo pai de Manaus a Porto Velho, que é o mesmo trecho percorrido pelos Mura, registrado no Mapa do Curt Nimuendajú. A diferença é que, nos registros de Nimuendajú, o percurso dos Mura vai de Porto Velho ao Rio Negro, movimento que constrói uma imagem de agigantamento dos Mura, conforme explica Marta Amoroso em sua dissertação de Mestrado intitulada: “Guerra Mura no século XVII: Versos e Versões Representações dos Mura no Imaginário colonial” Ao analisar os diários de Ribeiro Sampaio e Alexandre Rodrigues afirma: “Atentemos que nos diários de Ribeiro Sampaio e Alexandre Rodrigues Ferreira os Mura ocupam um território fantástico, que vai do Rio Tocantins ao Solimões, entretanto pelos rios Madeira, Negro e Japurá” (AMOROSO, 1991, p. 111). Esses rios são marcados no Mapa de Curt Nimuendajú e parte deles foram ou estão retomados pelos Mura atuais. O mapa

pode ser tomado como referência para localizar e, em alguns casos, retomar antigos territórios.

Sobre a grande extensão da área de ocupação Mura marcada no referido mapa indo do ponto que é a atual cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, ao Rio Negro no Estado do Amazonas, pode ser considerado a andança nômade que faz parte da vida indígena antes dos aldeamentos, mas sem deixar de considerar um movimento de recuo num contexto de perseguição feita pela frente colonizadora nos séculos XVII, XVIII e XIX contra os Mura, conforme a expansão colonizadora via Rio Madeira, mas de toda forma não deixa de ser um registro da ocupação Mura nesses rios mencionados, dentre eles o Rio Madeira e o Rio Negro, que era o percurso da realização da pesca feita pelo pai da Almira, o que indica o contato dele com comunidades Mura e demais povos indígenas, como ela mesma indica: *porque meu pai, ele tinha uma relação muito boa com os eles, pois ele pescava nos lagos que era de propriedade das terras indígenas, e meu pai sempre teve essa relação muito boa, uma ligação com a natureza.* Quem sabe ele mesmo não era Mura como tantos outros que habitaram e habitam as margens desses rios, mas não se definem pela identificação Mura, embora estejam inseridos num contexto cultural indígena.

Ester Mura traz presente em sua narrativa o aprendizado dos conhecimentos sobre a natureza para manutenção da sua vida adquirido na experiência vivenciada na prática do dia a dia com o pai: *A experiência que meu pai passou em relação a certas plantas... Como lidar com a própria mata né?! E isso, me faz mais próxima da natureza... E está me ajudando bastante hoje no meu trabalho.* O trabalho que ela se refere é o de pré fogo que executou no ano de 2013 na terra indígena Tenharin: *O trabalho que eu fiz de pré fogo para mim foi muito importante. Pré fogo são agentes multiplicadores de informações pra prevenção do fogo, tipo assim, como a gente... A gente pode explicar como fazer os asseiros, se você for fazer uma queimada controlada, e também formas de como evitar um incêndio e orientar pra não fazer queimada... É um contrato federal, pelo IBAMA. Eles contrataram a gente por cinco meses.*

Por meio da vivência com pai, Ester Mura organiza e aciona conhecimentos sobre como se manter viva em situações de resistência ao se encontrar perdida dentro da mata:

Os conhecimentos que eu aprendi com meu pai e me ajudaram no meu trabalho, são sobre as plantas que a gente pode comer se você se perder no mato. As frutas que você vê o macaco comendo, se pode comer todas elas. E cipó. Tem vários tipos de cipó que são, cipó que dá água em lugar que não tem água, cipó de fogo também, pode tomar também leite de amapá se você tiver com bastante sede. Amapá é uma árvore grande que solta um leite igual ao leite de vaca... Leite normal mesmo, depois, de um tempo que eu vim descobri que levanta pra curar bronquite e asma... São coisas que eu aprendi. (Narrativa Ester Mura)

Esse conhecimento adquirido por Ester Mura só é ativado quando ela adentra no espaço da floresta: *A gente conhece o cipó de fogo que tem água pela cor dele. Ele é, assim, um pouco mescladinho. Mas falando, assim, eu não lembro bem como ele é. Só conheço quando eu encontro ele andando no mato mesmo.* O conhecimento tradicional sobre a natureza que corresponde à nomeação e ao uso dos elementos da natureza se mantém na vivência, Ester os aprendeu vendo seu pai mostrar cada coisa para ela percorrendo o interior da floresta e ela só atualiza esse conhecimento adentrando no espaço da natureza vivenciada.

Joabi Mura associa a necessidade de preservação da natureza à luta por direitos em praticar uma forma de desenvolvimento voltado para a cultura indígena. Seria uma forma de etnodesenvolvimento vindo da valorização de atividades autossustentáveis utilizando os recursos da natureza, que ele chama de extrativismo vegetal: *Depois de tudo que passamos a gente vai lutar pelos nossos direitos, tentar melhorar para nosso povo desenvolver em nossa comunidade com atividades voltadas à cultura indígena mesmo... Sempre visando à preservação, como extrativismo vegetal que é o buriti, o açaí, a castanha, a andiroba e a copaíba. Voltar esses costumes que além de gerar renda não degrada o meio ambiente, não destrói.* O extrativismo vegetal aparece na narrativa do Joabi como uma proposta de desenvolvimento para sua comunidade que vem de um modelo indígena para um desenvolvimento econômico considerando o modo de vida das comunidades indígenas, pois ele diz: *Meus parentes gostam e visam essa forma de desenvolvimento.*

Essa concepção de uso da natureza sem destruí-la vem dos ensinamentos tradicionais, passados de pai para filho: *Sempre meu pai fala muito sobre preservação! Preservação! E, às vezes, eu fico até brincando com ele, mas eu sei que é assim mesmo que a gente tem que fazer. Que pode ganhar força em propostas de políticas ambientais: Temos que preservar para poder no amanhã a gente ter um*

futuro... Porque hoje eu estava olhando como já está aparecendo as consequências causadas pela devastação da natureza.

Uma política ambiental pautada na própria experiência onde são percebidas as mudanças ambientais: *Quando eu estava na aldeia esses dias... Lá onde a minha mãe mora o poço que nunca tinha secado, secou. Os igarapés estão secos, tem uns que nunca chegaram a vasão de água e agora a água fica só escorrendo, só aquela trilhazinha pequena. Nunca chegou a esse ponto, e a gente fala assim: - Ah! Que na Amazônia nunca vai acabar a água... Mas só basta ver hoje nas regiões que a gente morava a dez anos atrás, há cinco anos atrás mesmo, como é que já tá o ambiente, como é que tá o nosso clima, como é que tá o impacto causado pela invasão do homem branco na floresta. A destruição da floresta tem causado muitos problemas e nossos filhos e nossos netos é que vão sofrer o impacto de frente.* A observação sobre as mudanças ambientais feitas por Joabi Mura, mostram efeitos diferentes no decorrer do tempo. Na sua primeira observação se refere a um tempo em que as consequências das devastações da natureza se manifestaram por meio da diminuição das águas nos igarapés e modificações climáticas. Isso como uma observação passada, a observação recente que mostra outro tempo de devastação da natureza são os transbordamentos das águas: *Essas mudanças no meio ambiente, agora nos últimos anos aumentaram, mas ao invés de secar encheu foi demais. Essa é uma das razões que mais tem feito a gente lutar pela nossa terra.*

A defesa da natureza como garantia de um futuro para o Povo Mura, um futuro de existência indígena: *Para garantir o futuro do nosso povo, para não chegar a acabar, ser extinto mesmo ou perder a identidade e se misturar realmente... Porque se acabar a identidade indígena só vão lembrar como se fosse uma lenda a existência do povo Mura do sul do Amazonas, do alto-Madeira.*

Joabi também traz um olhar a partir da sua vida na cidade projetando para o tempo que vivia no espaço da comunidade em contato direto com a natureza:

Eu falo que quando a gente mora diretamente na natureza, na aldeia, a nossa mente ela não é aberta pra essas coisas, assim de evolução financeira, a nossa visão não é urbana da cidade, entendeu, essa parte de exploração financeira de progresso, de correr atrás de dinheiro. Nossa visão é de viver em harmonia, é aquela visão harmônica. E aquele pensamento harmônico de estar na natureza, de tá vivendo bons momentos com os filhos, com a família, com os familiares aproveitando tudo o que tem de bom lá, de manhã cedo os passarinhos cantando... O banho no rio, no igarapé, tudo isso é uma parte que

a gente não esquece, é muito bom, é a parte melhor, assim, que eu acho de tá lá dentro.(Narrativa Joabi Mura)

Estando na cidade refere-se ao espaço da aldeia como espaço interior da vivência familiar e de tranquilidade. Em contraposição, a cidade é o espaço que não permite viver sem se preocupar em correr atrás de dinheiro.

Os conhecimentos tradicionais adquiridos sobre a natureza por meio da vivência com os mais velhos são saberes que fundamentam a luta por existências e garantia de modos específicos de vida. Como bem diz Eliane Potiguara em seu texto publicado na revista *Leetra Indígena*, nº 4 “Atinta na tradição oral e a escrita em língua indígena”. Neste texto ela está discutindo sobre a marginalização das culturas indígenas e a importância das ações de difusão sobre culturas protagonizadas pelos próprios indígenas como formas de sair da invisibilidade. Para essa reflexão que venho costurando sobre os conhecimentos sobre a natureza repassados de geração em geração, ressalto uma concepção que retiro de sua reflexão que é a de que o conhecimento tradicional é uma propriedade intelectual que pode ser tomado para a luta por garantia de direitos, tendo em vista que ainda em nossos dias temos que enfatizar essa reflexão nos meios sociais, nos midiáticos e nos acadêmicos, para desconstruir a imagem de inferioridade da cultura indígena construída historicamente por uma visão colonizadora ainda presente.

Eliane Potiguara traz presente em seu texto ações como a dos Povos Indígenas do Pará que se levantam contra a hidrelétrica de Kararaô, atualmente essa luta se desdobrou para os Povos do Xingu na luta contra a antiga Kararaô e atual Belo Monte e se estendeu para os povos do rio Tapajós de modo específico para o povo Munduruku que se encontram no enfrentamento com o complexo hidrelétrico Tapajós, entre outras ações trazidas pela autora como informações em rádios, vídeos, TVs Comunitárias, contrapondo-se ao que ele denomina como “aldeias globais”; pontua também ações de elaborações de cartilhas de alfabetização na língua materna, ou criação de sites para promover a cura de doenças ou comercializar a venda de produtos como o guaraná, por exemplo. A autora enfatiza que todas essas ações são feitas pelos Povos Indígenas “numa tentativa de sair da invisibilidade cultural, objetivando a tonificação daquele povo ou cultura, e no objetivo de expressar-se, seja na luta pelos direitos humanos ou trazer à luz do conhecimento oficial, científico, acadêmico, religioso a sua contribuição na história,

enfim o seu conhecimento tradicional, na realidade sua propriedade intelectual.” (POTIGUARA, 2014, p. 17)

Essa perspectiva de fazer valer os saberes tradicionais como formas de garantias de direitos foi colocada em prática pelos povos indígenas do Município de Manicoré, na primeira conferência da cultura indígena do referido município onde fizeram valer suas reivindicações por políticas governamentais diferenciadas de acordo com o modo de viver, considerando as peculiaridades étnicas e culturais de cada povo indígena.

De acordo com as informações registradas na I Conferência Municipal de Cultura de Manicoré, atualmente no município existem 07 povos indígenas identificados: Mura, Torá, Tenharin, Apurinã, Parintintin, Munduruku e Pirahã, todos com suas características próprias. Estes povos habitam em 40 aldeias, sendo 30 no Município de Manicoré, 10 no Município de Humaitá e 07 delas do povo Pirahã. As características culturais são definidas de acordo com a peculiaridade de cada povo, levando em consideração que alguns desses povos não falam a língua própria e muitos não mantêm parte de sua cultura simbólica e material.

Conforme consta nos registros feitos na I Conferência Municipal de Cultura, repassados pela vice coordenadora do “Projeto de Educação Escolar Indígena de Manicoré” a perda linguística e cultural foi colocada pelos participantes como consequência da imposição da civilização que se deu por meio dos constantes contatos e convivência com outras realidades não indígenas, havendo uma ressalva ao povo Pirahã, o qual segundo os referidos participantes mantêm seus costumes, culturas e tradições por não conviverem diretamente com a sociedade não indígena e por serem um povo nômade e tradicional. Além dos Pirahã, os Tenharin também foram considerados como um povo que procura manter sua cultura e tradições.

O meio de sustentabilidade apresentado na conferência foi o extrativismo apresentado como forma de como os povos indígenas retiram da própria floresta seu sustento. Nesse sentido, as atividades sustentáveis basicamente voltadas ao extrativismo foram a coleta da castanha, do Açaí, produção da borracha, uso do cipó e demais matérias retiradas da natureza para a produção de artesanatos, extração de óleos vegetais, mel de abelha, produção de farinhas e outros.

No aspecto da organização social, afirmou-se que todos os povos vivem em grupo, em espaços de aldeias e na organização de trabalhos coletivos denominados por puxirum. No aspecto linguístico, os povos mencionados como falantes de sua

língua própria foram os Tenharin, Parintintin e Pirahã. Da mesma maneira, nos aspectos dos rituais/dança e produção de artesanato, somente estes três povos foram mencionados. Em relação aos hábitos culturais, todos os povos foram mencionados como seminômades, que desenvolvem pinturas, gostam de andar, partilhar, de assar seus alimentos, comer chibé de farinha, pirão, vinhos, fazer caçadas, pescaria com flechas e contar suas histórias.

A definição do ser indígena envolve todos os povos, pois o que está sendo tomado como referência é o modo de ser indígena na relação com o seu meio natural. Assim, aqueles que perderam sua língua materna e seus costumes mais específicos das tradições dos antepassados por fazerem parte do movimento de retomada indígena souberam junto com os demais construir uma concepção do ser indígena que seja comum a todos. Dessa forma, viver nas margens dos rios, se organizar em grupo, fazer puxirum, preservar a natureza, viver dos recursos da natureza por meio do extrativismo familiar, gostar de andar no sentido de ir visitar os parentes e percorrer sua área territorial independente das divisões políticas feita pelo Estado, partilhar, gostar de assar seus alimentos, fazer moquéim, comer chibé de farinha, pirão, tomar vinhos das frutas, fazer caçadas, manter suas histórias, são os atributos culturais em comum tomados como referência para a reafirmação de identidade indígena.

Os atributos culturais apresentados pelos povos indígenas que participaram da I Conferência Municipal de Cultura, colocados como referências para a afirmação do modo de ser indígena, podem ser relacionados às narrativas apresentadas, pois nelas também estão presentes as formas de sustentabilidades baseadas nos conhecimentos sobre a natureza repassados de geração a geração, dessa maneira esses atributos englobam comunidades como o Uruapeara e Nazaré às margens do Rio Madeira, assim como famílias que habitam espaços urbanos como Humaitá e Porto Velho, pois suas vidas se organizam por meio desses atributos que caracterizam seus modos de ser indígenas.

Assim como tem os mistérios das águas tem os da terra

Na manhã do dia 26 de setembro de 2011, depois de sete dias da nossa chegada na casa do seu Joaquim e da dona Maria, que hospedaram minha tia, meus primos, eu e minha mãe na primeira viagem que fiz ao Uruapeara, a conversa

durante o café foi sobre os bichos grandes que existem nas águas. O assunto da conversa veio de um caso que nos contaram durante a visita que fizemos no dia anterior a comunidade Floresta no rio Ipixuna, que também faz parte do Uruapera.

Fomos à floresta eu, minha tia Cila, sua prima por parte de mãe, Laura, minha prima Janilse, meu primo Adelson e minha mãe, fomos visitar os parentes e conhecidos. Numa das conversas que tivemos, nos contaram que uma piranha preta mordeu uma menina que estava tomando banho no rio Ipixuna, um rio imenso de águas verdes. A senhora que era uma conhecida da tia Cila e da dona Laura contou que a menina começou a gritar, porque a piranha estava puxando o pé dela e sua mãe a puxou e a piranha arrancou um pedaço do seu pé. No outro dia durante o café da manhã na casa de seu Joaquim e de dona Maria, retomamos a história, falei que fiquei me perguntando que tamanho era aquela piranha. Foi quando minha tia Cila explicou que há vários tipos de piranha, existem as pretas, as brancas e as cajú. E no rio Ipixuna há muitas piranhas pretas e essa que mordeu o pé da menina devia ser grande. Ao fazer essa explicação minha mãe acrescentou num tom de brincadeira: “Assim como tem uruá, cobra e jacaré grande nesses lagos e nesses rios, deve ter piranha também”. Aí o seu Joaquim disse: “Muita gente fala assim chutando, mas eu falo, porque já vi”. Isso o motivou a contar algumas histórias:

Uma vez andando por esses rios eu e meu irmão fomos num lugar que diziam que aparecia umas cobras. Chegamos lá vimos dois buracos do tamanho do forno da minha casa de farinha. Ai eu e meu irmão cortamos uma vara bem grande e forte e a empurramos de longe para dentro do buraco, porque não podiam chegar perto. A gente pisava no chão e tudo era mole, era como se o chão balançasse, aí ele empurram a vara até ela cair dentro dos buracos e saímos correndo. Por isso, eu digo que os bichos grandes ficam nas profundezas das águas, porque se eles ficassem na superfície, não teria quem andasse pelos rios e por aí. (Anotação de caderno de campo, Uruapera, 2011)

Assim, uma história foi puxando outra. Depois que seu Joaquim terminou de contar essa história que vivenciou com seu irmão, minha mãe começou a contar um caso que aconteceu com seu irmão Tarcilo quando moravam no Cuniã, lugar para onde haviam ido morar depois de saírem do Uruapera:

Quando a gente morava no Cuniã o Tarcilo foi tirar seringa e quando estava lá sentiu um cheiro muito forte de enxofre, muito fedido! Aí ele subiu numa árvore e de lá viu uma tapirayauara, uma onça d'água que só vive no bamburral. Ele chegou em casa assustado que era um bicho fedido com uma bola no rabo. Aí o papai não acreditou, disse que ele estava com preguiça de tirar seringa. A mamãe que era madrasta do meu irmão, ficou braba com o

papai por ele estar desacreditando do que ele falou e disse que se tivesse acontecido algo com meu irmão meu pai teria acreditado. (Anotação de campo, Uruapeara, 2011)

Assim que minha mãe terminou de contar o caso acontecido com seu irmão, seu Joaquim foi logo explicando que a tapirayura é desse jeito mesmo como o irmão da mamãe descreveu e em seguida continuou contando outras histórias de bichos, dentre elas a daCobra Grande que vive no rio Ipixuna, ele disse que tem uma Cobra enorme na boca do Ipixuna que aparece na cabeceira do rio, mas a maior de todas é a que tem no lago do Muriti.

Terminamos de saborear o café da manhã com as histórias contadas do que já havia sido vivido e visto, não das lendas como os estudiosos costumam dizer. Essas histórias fazem parte do dia a dia, não estão no plano do sobrenatural são significadas nas experiências vivenciadas pela comunidade que as pessoas que as narram fazem parte. Essas histórias expressam a percepção que essas pessoas têm dos seres que vivem nas águas e nas matas e são repassadas nos momentos de encontros familiares, mesmo não havendo aquele momento que fica na imagem do lugar de contar história nas noites de luar ao redor de fogueira, isso ainda acontece numa alvorada de um Festejo quando os homens se encontram para cantar e tocar as músicas tradicionais, nos puxiruns que são mutirões de fazer roçado, nas casas de farinha e em outros lugares como numa mesa de café da manhã, de almoço ou janta, como acontecia na casa do seu Joaquim e dona Maria, mesmo que a noite fosse o horário de assistir o jornal e a novela, quando estavam em casa.

Nas narrativas, as colaboradoras e colaboradores também trazem presentes as percepções dos mistérios das águas e da terra, também de acordo com suas vivências. Ao adentrarem a mata para extrair o leite da seringueira, da sorveira, coletar os ouriços das castanhas, fazer seus roçados, caçar, coletar frutos, remédios tradicionais e matérias primas para produção de seus utensílios e moradias se deparam com os seres que habitam o interior da floresta e o fundo das águas.

Sobre os mistérios das águas

Assim como tem os mistérios das águas tem os da terra, como disse Nilce num dos momentos de contação de histórias na minha primeira ida ao Uruapeara. Esses mistérios da água podem ser visíveis ou invisíveis, podem ser, como disse

Maria de Nazaré, referente aos bichos que existem na mata, aqui nesse caso, nas águas. Sejam vistos ou apenas sentidos são sentidos espiritualmente, como é possível perceber nos trechos das narrativas destacados.

O trecho da narrativa da Valderlurdes traz uma percepção sobre a relação com as águas do rio que inicialmente causa um estranhamento para aqueles que constroem uma visão de que todas as pessoas que moram às margens do rio naturalmente têm uma relação harmônica com ele. Valderlurdes traz uma percepção da água do rio Madeira que é uma água barrenta, como uma água que esconde os perigos que nela existe: *Eu moro na beira do rio Madeira, mas eu não gosto de tomar banho nesse rio... Tenho medo até de pisar na água do Madeira*. Mas quando se refere a água do igarapé e do lago que é clara diz não ter medo porque consegue ver o que há nela: *Eu já tomei banho no Cura Ressaca! Um igarapé que tem lá pro Culhereiro. Na beira do lago do Peixe Boi, eu também já tomei banho. Pulei muito n'água lá e já até bebi cachaça! Assim, de ir tomar banho e beber com os amigos e amigas*. O medo da água barrenta não coloca a água clara como segura, a diferença é que na barrenta não consegue ver o que tem e na clara consegue: *Mas na beira do rio não. Eu não suporto é pisar naquela água. Não sei. Eu não tenho preconceito da água, não é preconceito de nada. Eu tenho medo, meu role é outro; o que eu tenho mesmo é medo de pisar naquela água. A modo, Assim... Que se eu pisar naquela água um bicho vai me puxar, porque, a água lá do lago a gente vê o que está passando e lá no rio a gente não vê, devido a água que é muito barrenta... Mesmo sabendo que na água clara pode ter bichos ela pode vê-los e evitá-los, na barrenta nem consegue imaginar o seu contato com a água, porque acha que não terá como se proteger: *Aí se eu pisar naquela água o bicho vai me pegar, é o meu medo é esse daí.**

O medo de colocar o pé na água do Rio Madeira poderia ser interpretado numa perspectiva bachelardiana, buscando uma psicologia das imagens dentro de uma poeticidade, tendo como referência o estudo feito pelo referido autor “A água e os sonhos” (2002); mas o que Valderlurdes traz presente não diz respeito a um devaneio poético como os de Edgar Poe, embora as águas do rio Madeira, assim como as água pesadas da metapoética de Edgar Poe também se componha daquilo que ele arraste da terra, não apenas disso, mas também, pois junto com os desbarramentos em suas margens vem tudo que há naquele pedaço de terra que desaba sobre suas águas.

O desbarracamento lembra a psicanálise poética das águas profundas e pesadas feita por Bachelard (2002) tendo como uma das matérias os poemas de Edgar Poe. A imagem das árvores, das roças, de toda a vida arrastadas para o Rio Madeira pode se expressar essa idéia do rio comandando a terra arrastando toda a paisagem para seu próprio destino que pode ser a morte causada pelas intervenções causadas pelas hidrelétricas, antes dessa intervenção a água para as pessoas que vivem às margens dos rios que sofrem intervenções destrutivas, era vida, oferecia o peixe saudável, a fertilização das plantações e as farturas nos diferentes tempos da natureza.: “Se a água é, como pretendemos, a matéria fundamental para o inconsciente de Edgar Poe, ela deve comandar a terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino. Em particular, uma determinada água, um determinado vale” (BACHELARD, 2002, p. 65), essa análise está relacionada a outra que se antecede, de que para Poe toda água primitivamente clara é uma água que deve escurecer no sentido de que “Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer”. Após fazer essa psicanálise das imagens poéticas, Bachelard (2002) ressalta “Ora, em *poesia dinâmica*, as coisas não são o que são, são o que se tornam. Tornam-se, nas imagens, o que se tornam em nossos devaneios, em nossas intermináveis fantasias. Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer.” (BACHELARD, 2002, p. 49). Assim Bachelard, ao considerar a água como matéria, diz que ela deve comandar a terra para trazer presente as imagens do poema de Poe que exemplificam a afirmação de que os vales mais claros se ensombrecem.

Embora a imagem percebida das águas do Rio Madeira que são as águas barrentas que carregam pedaços de terras com vegetações e bastantes troncos de árvores, que se distinguem da água clara, numa tonalidade preta, do igarapé correnteza e a do lago do Peixe Boi possa levar a relações poéticas ou a uma psicanálise das imagens, que poderia ser uma escolha de análise, mas, a meu ver, se afastaria muito da narrativa da colaboradora, pois ao falar do medo de colocar o pé ao rio Madeira traz presente a perspectiva cultural de como é significado o rio pela comunidade que faz parte. Valderlurdes diz que não é preconceito com a cor da água, não é por considerá-la suja, esse esclarecimento distingue-a de muitas pessoas que são de fora e que veem a água como suja, embora atualmente esteja com o alto nível de contaminação causada pelo aumento do nível da água após a construção de duas hidrelétricas, o que contaminou o lençol freático, fato constatado muito antes

da inundação por técnicos especializados que realizaram análises das águas dos poços de água que abastecem a comunidade de Nazaré, situação que se agravou após inundação de 2014 e que deixa a comunidade na condição de risco alimentar, pois os peixes do rio não são mais recomendáveis para comer e a água não pode mais ser bebida, ainda assim, não há a relação de nojo da água.

Ao dizer que não tem nojo da água Valderlurdes sabe que para os outros pode parecer estranho uma pessoa da comunidade ter medo da água do rio Madeira, ela tem consciência disso e diz: *É engraçado falar isso*, mas antes que alguém da própria comunidade possa lhe chamar de pávula por isso, ela explica o porquê de ela ter medo até colocar os pés no rio: *Meu medo é de tudo, do Candiru, que é um peixinho roliço e liso que entra dentro da gente e come tudo por dentro, eu tenho medo, disso, Cobra Grande, que o pessoal vê aparecer no rio, aqueles botinhos, eu não suporto aqueles botinhos!...Eu tenho medo, eu tenho pavor! Daqueles botos*. Esses bichos não são produtos da sua imaginação eles existem no rio, com alguns ela nem teve contato, mas sabe que existe porque outras pessoas da comunidade veem, como no caso da Cobra Grande: *E da Cobra Grande eu tenho medo, porque, a gente tinha uma Cobra horrível de mostra ai no rio Madeira! A gente não consegue se proteger dela, é por isso, que eu não piso na beira do rio, por causa disso. Meu medo é esse...* A Cobra Grande não é imaginária, sua existência é validada coletivamente. Essa validação é feita quando ela diz: *Cobra Grande, que o pessoal vê aparecer no rio*.

A diferenciação das águas parte da experiência pessoal e coletiva. Uma experiência que não é contemplativa e sim de interação. Ela não suporta colocar o pé na água do rio Madeira, ou seja, de entrar no rio, não fala de não olhar para o rio e nem deixa de navegar nele, quando vai para cidade. Quando se refere ao igarapé Cura Ressaca e ao Lago do Peixe Boi (os quais tem águas num tom meio pretas, a do igarapé mais clara e o do lago mais escura, mas comparada a água barrenta do Rio Madeira são claras), menciona-os como espaço de lazer, onde encontra os amigos para beber e se divertir. Não os menciona como uma relação de contemplação, embora haja um comportamento de atenção ao movimento da água: *a água lá do lago a gente vê o que está passando e lá no rio a gente não vê*. O sentido das águas significado a partir da experiência de Valderlurdes, pode ter a ver com a água e os sonhos, mas não com as imagens dos poemas de Edgar Poe analisadas por Barchelard (2002).

Cada pessoa da comunidade de Nazaré vai ter uma experiência com o Rio Madeira, com os igarapés e lagos, há os que terão medo e os que não terão de neles se banhar, mesmo sabendo dos perigos e da existência dos seres que vivem em suas águas, tanto os animais físicos como os espirituais, como no caso dos botos que são vistos por Valderlurdes na natureza física deles, mas sem deixar de ver o lado espiritual, como Timaia que também fala da existência física do boto, mas estabelece um contato espiritual com eles na inspiração da composição da música para dona Preta que é curandeira e incorpora os espíritos dos Botos para fazer as curas.

Valderlurdes fala do medo que tem dos Botos e descreve o comportamento deles: *Tudo. Tudo que for de Boto... Se eu ando na canoa e eu ver uns botinhos daquele, pronto! Eu não quero mais remar, eu já quero ir embora... Eu fico triste, eu não tenho mais vontade de continuar a viagem, ou a pescaria, seja lá o que eu tiver fazendo... Eu tenho medo daquilo. Não tenho nada contra os botos, só que eu tenho medo.* Assim como ele sentiu a necessidade de dizer que não tinha nojo da água e sim medo, também explica que não tem nada contra os botos e caracteriza o comportamento de cada um dos Botos que existem: *É porque tem o Boto Tucuxi, tem boto Laranja! Tem os botos Pretinhos:*

Os botos pretinhos são: *esse que anda no igapó que a gente vê ele boiando, é desse daí que eu tenho mais medo, porque, esses botos pretinhos que a gente fala, eles andam debaixo da canoa e levanta a canoa! É desses botos que eu tenho mais medo!*

O Boto Rosa: *Do Boto Rosa eu não tenho tanto medo, não, porque, longe a gente enxerga ele boiar, ele bóia diferente!*

Boto Tucuxi: *O Tucuxi, também, o pessoal fala que o Boto Tucuxi protege a gente, mas eu não tenho muita certeza disso não. Não sei... Eu penso, assim, foi boto todos eles fazem mal.*

Fala do comportamento dos botos, a partir da sua experiência pessoal e coletiva: *É porque o pessoal fala que o Boto Rosa ele encanta as pessoas, eu vejo o pessoal falar.* Parte do que as pessoas da comunidade falam, mas faz uso de uma categoria de análise que vem de fora, que classifica as narrações sobre os botos como lendas: *A lenda de antigamente que o meu pai conta do Uruapeara é de que eles encantam. Já o Boto Tucuxi eles protegem. O papai conta que é assim, se eu*

estou no perigo com o Boto Rosa me atacando, vem o botinho Tucuxi e tenta jogar ele fora pra me salvar...

O Boto Tucuxi e o Rosa aparecem como lendários por ter seus comportamentos espirituais, o do Rosa de encantar e do Tucuxi de salvar, explicados pelo o que seu pai conta de um tempo antigo de um lugar onde viviam e de onde vieram. Essa classificação de lenda pode ter vindo da experiência vivenciada na escola que traz aquilo que é vivenciado como crença viva de forma distanciada ou pode ter sido adquirida por outras vias, pois essa visão de fora chega à comunidade não só pela escola, mas também pela televisão, pelas interações na cidade ou até mesmo por pesquisadores ou outras pessoas de fora que vão até a comunidade. O comportamento do boto preto está mais nos aspectos físicos e são descritos a partir do contado que a colaboradora estabeleceu com ele: *já esse outro boto preto que a gente chama, que vive no igapó boiando, assim, esse daí ele faz mal, por causa que, se ele vê o peixe na canoa, ele quer alagar a gente pra tirar o peixe da gente, é esse aí que é o meu medo deles.* A maldade que ele atribui ao boto preto é mais física, pois ele vira a canoa para comer os peixes que estão na canoa. O medo não é de ser encantada, mas de ser alagada, cair n'água, se afogar, perder os peixes.

Timaia em sua narrativa traz sua experiência espiritual com os botos no lago durante a pescaria, mais uma vez a relação com o lago é de interação ao contrário do lago contemplado relacionado ao espelho: “O lago, o tanque, a água dormente nos detêm em suas margens. Ele diz ao querer não irás mais longe; tens o dever de contemplar as coisas distantes, coisas além! Enquanto corrias, alguma coisa aqui, já, olhava. O lago é um grande olho tranquilo. O lago recebe toda a luz e com ela faz um mundo. Por ele o mundo é contemplado, o mundo é representado.” (BACHELARD, 2002, p. 30-31). Embora o lago vivenciado por Timaia represente um mundo dos encantados significados culturalmente pela comunidade da qual ele faz parte, ele não é o lago da contemplação. A relação é outra, porém não menos poética que a imagem construída por Bachelard. Timaia também traz poeticidade na sua experiência com o lago Apuniã, mas com outra experiência cultural: *Ah, como eu estava contando, um dia eu estava aqui nesse primeiro lago do Apuniã, nesse primeiro, aí saiu na minha mente uma melodia, e eles, os botos, começaram a boiar;* o espaço do lago e a presença dos botos boiando são elementos que se apresentam num estado de encantamento que espiraram a canção: *aí eu, puta merda,*

eu tenho que fazer uma música de homenagem, assim, queria tanto que surgisse uma melodia, aí saiu essa melodia, aí eu fui cantando, fui cantando até quando sai no outro lago que é o Peixe Boi, lá, para eu não esquecer a melodia, sabe. Depois, falei para mim mesmo - Não tem jeito eu vou esquecer essa melodia, não posso esquecer essa melodia. Aí eu fui.

A canção, além de trazer poeticidade, traz também um modo de entender o Boto como ser encantado que encanta a cabocla que dele tem um filho: *Foi quando eu fiz esse trecho, eu fiz esse trechozinho aqui oh: “É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá”* O estado de inspiração parece ter sido suspenso para que fosse realizada a pesca, mas não foi: *Aí tá, saiu a melodia, aí eu disse - Vou pegar um peixinho. Aí eu fiquei pescando, pesquei a tardezinha, fiquei facheando a noite toda cara! De manhã cedinho que eu vim, aí cheguei em casa e dormi, acordei era umas 10:00 horas, peguei o violão... Acredita que a primeira melodia que veio na mente foi essa que eu criei lá no lago.* Não ter esquecido a melodia é visto por Timaia como algo encantado, ou seja uma intervenção do boto que o inspirou:

Ai, eu só fiz fazer terminar a letra, e pegou mesmo a melodia, ficou na minha mente, uma coisa, que a gente fica pensando... Eu fico pensando, porque eu já perdi muita letra, música de copiar mesmo, estou aqui fazendo e tentar fazer uma música e copiar mesmo a letra toda ela e fazer a melodia, daqui a pouco, quando é amanhã eu já esqueci a melodia aí a letra fica lá, por que eu perdi, porque, a música é a melodia, a letra qualquer um faz, uma letra de uma música, mas a melodia não é assim não, não é àtoa que sai não, e essa foi a única que eu consegui gravar na mente, assim, de primeira... (Narrativa de Timaia)

A música, que nasce da inspiração de estar no lago e ver os botos pulando, feita para a curandeira das comunidades às margens do Rio Madeira traz todo o sentido do mundo espiritual vivenciado pelo Timaia individualmente e coletivamente:

A música em homenagem a dona Preta é bem pequena: “Nasceu o menino na esteira de palha, dizem que o Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou, (bis) Chicória e alho, mingau de caridade, foi dona Preta que assim ensinou. É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. É filho da cabocla serena, filho do Boto e cabocla sinhá. Mamãe me disse que naquela noite houve alarido na beira do rio, todo de branco subia o barranco, pulavam n’água e boiavam no rio, (bis) todo de branco subia o barranco, pulavam n’água e boiavam no rio”. Quer dizer, eles subiam como gente, depois, pulavam n’água e se transformavam em boto novamente. (Narrativa Timaia)

Timaia atribui aos botos que estavam pulando no lago perto de sua canoa a inspiração da música que queria fazer em homenagem para dona Preta. Na música atualiza o conhecimento tradicional dos remédios utilizados pelas parteiras e das contações sobre o Boto e que são acreditadas como verdades pois são vivenciadas por ele e pela comunidade que faz parte.

Na narrativa de Edilene é expresso o medo de tomar banho caindo n'água, mas esse medo se dá após casada: *Eu não gosto de tomar banho caindo n'água pra nadar.* O medo vem da experiência vista: *Depois de eu ver esses tipos de jacaré eu não entro mais n'água...:* No tempo de solteira não tinha medo, pois não tinha visto nenhum caso de alguém ter sido atacada por Jacarés: *Quando eu era solteira eu gostava de pular muito n'água, mas depois de uns tempos pra cá, como eu tava dizendo, esse jacaré que pegou um menino pr'ali quando ele tava tomando banho no porto da casa dele, isso me deixou traumatizada.* Ter visto os jacarés ou ter sabido do caso do menino que o jacaré pegou a fez tomar consciência do perigo: *Até os meus meninos eu não gosto que eles estejam muito n'água. Às vezes eles caem n'água, mas é de teimosice, não que eu goste. Ainda mais que o Maga atirou um domingo de noite, porque ele boiou. Ele era muito grande! Agora que eu fiquei com medo! Como tem fera braba no fundo das águas, assim como tem em terra, tem no fundo...* Edilene toma consciência de que no fundo das águas, lugar que ela não vê, não vai, mas sabe pelo que dos animais que tem na terra, que tanto na água como em terras existem os perigos. O fundo das águas também é o espaço das feras brabas.

A consciência dos perigos existentes nos fundos das águas não fazia parte da vida solteira de Edilene: *Quando eu era solteira, ah, eu gostava de pular n'água com as minhas colegas...* Ela justifica a liberdade de pular n'água sem medo porque o porto da sua casa era limpo: *porque no porto de casa onde eu morava era limpo, lá nós pulava n'água. Eu gostava muito!* Por ser jovem não considerava a preocupação da avó que tinha mais experiência: *Minha vó chamava, eu até achava que minha vó era tão ruim, porque ela dizia assim: “Olha! Tomara que o jacaré te pegue”.* Ela falava desse jeito pra mim. Mas também esse modo de ser livre vem da sua juventude: *De tanto que eu ficava desobedecendo ela pulando n'água. Aí ela dizia “Tomara que o jacaré te pegue, sua corna!”* Somente após passar a ter a experiência de ver o tamanho dos jacarés capturados pelo marido e por ter sido colocada a parte sobre caso do menino que o jacaré pegou, passa a sentir medo de entrar na água e, como sua avó, também passa a se preocupar com os filhos que

pulam n'água. Quando eu estive no Uruapeara fiquei sabendo desse caso do menino que o jacaré pegou, um dia passando de rabeta com algumas mulheres pela frente do local onde o menino morava com sua família, disseram-me que o avô do menino havia dito que já estava na hora de sair da água e o menino teimou em ficar e, quando o jacaré o pegou, o avô não conseguiu fazer nada. Hoje a casa da família do menino está abandonada, pois foram para outro lugar. Lá no lago do Uruapeara tem muitos jacarés, é possível que o aumento deles e alguns casos de ataques deles seja ocasionado pela lei de proibição de matá-los e também pela diminuição de alimentos para eles, pois os peixes são divididos com os moradores das margens do lago. De toda forma isso indica um desequilíbrio ambiental.

João Irlei como as outras pessoas que nasceram no Uruapeara aprenderam a interpretar a mata e as águas no decorrer de sua formação como alguém do lugar. Esse aprendizado se deu por veio da experiência de quem nasceu e se criou no espaço da floresta e das águas: *Eu nasci e me criei aqui fui aprendendo a viver lidando com a mata, o rio, os lagos, os igarapés, com a natureza.* Nascer e se criar pode significar ser do lugar, entender os sinais da mata, dos rios da natureza, ter tido o tempo de seu crescimento para aprender a interpretar o mundo do qual faz parte e ter construído um conhecimento de uma geografia íntima, familiar, espiritual; e é com esse conhecimento que João Irlei alerta os de fora: *O rio é o seguinte, a gente acha maravilhoso! Acha muito lindo! Mas existe também um período que ele leva a loucura pra gente dentro dos nossos olhos. Porque, tem coisas que chamam a atenção da gente, mas tem coisas que ele faz a gente ficar meio pensativo. Porque tem muitas coisas perigosas aí. Espantosa!* O sentido singular que João Irlei está atribuindo para loucura, pelo que se pode entender, por meio da sua narrativa, pode ser o próprio espanto ao se deparar com alguma coisa espantosa, que pode como, por exemplo, um Jacaré, uma Sucurijú, bichos grandes e bichos pequenos que podem ficar despercebido na beleza do rio.

Nascer e se criar aprendendo a lidar com a natureza é aprender desde criança a se alimentar da natureza e ouvir os conselhos da mãe para tomar cuidado com o que se pode encontrar:

Eu me lembro que quando eu era pequeno eu tinha medo de sair na canoa pra ir pescar. Eu era pescador desde pequenininho, mas, só que a mamãe brigava comigo para não ir pescar sozinho aí eu perguntava pra ela: - Porque mãe a senhora briga? Eu perguntava isso quando não sabia, não entendia a preocupação dela, ela sempre me respondia quando eu perguntava por que ela estava brigando pra mim não ir pescar: "Não meu filho, por causa, que tem

muito jacaré, tem sucuriçu por esse rio a fora aí. ” E aquilo eu fazia de conta que pra mim era um nada! (Narrativa João Irlei)

João Irlei mostra que seu aprendizado foi se dando aos poucos conforme ia crescendo ia entendendo a preocupação da mãe, por meio da sua própria vivência com a natureza: *Mas depois que eu fui crescendo eu fui vendo e fui compreendendo, porque realmente o que a mamãe dizia se cumpria, porque eu vi com meus próprios olhos.* Ele se depara com o espantoso: *Um tempo eu tava no galho do pau pescando, assim, o galho quebrou comigo lá, isso foi nesse tempo agora, eu estava esperando o peixe, o galho quebrou eu caí dentro d'água, eu olho, assim, e a minha canoa tava meio, assim pro lado, um pouco afastada, e o jacaré vinha de lá pra cá e eu sem nada na mão, e aí o jacaré vinha no meu rumo e aí eu tive que me livrar na árvore aonde eu estava, subi e fiquei na árvore!* A própria natureza o ensinou a ser cuidadoso: *De lá eu peguei um galho do pau e fui para a minha canoa. Então, só aí eu imaginei como era tão perigoso! Não era aquela coisa que só ao ver e dizer, é muito lindo! A gente tem que ter o cuidado também.*

A perspectiva de ver a natureza como criação divina é ancestral para os indígenas e se mantém por meio de uma visão cristã que se atravessa na ancestralidade: *O rio é muito lindo, tudo o que Deus criou é lindo, mas a gente tem que ter cuidado, porque ele diz “Vigiai!”* João Irlei classifica como enlouquecedor e espantoso os monstros. Com o bem exemplifica com sua história contada a partir da sua experiência ao se deparar com os bichos grandes que deixam as pessoas nervosas e com os outros bichos menores que também podem causar riscos às pessoas: *Então é isso que me surpreende mais e não é só esses monstros dos bichos que a gente vê, às vezes, tem coisa pequena que deixa a gente nervoso! Como a Arraia, os outros peixes que mordem.* Isso é como se ele dissesse: – Prestem atenção, não é porque o animal é pequeno, é bonito, que não se deve tomar cuidado com eles: *A gente pode ter uma surpresa no momento que for matar a piranha, o mandií, o surubim, esses peixes tudo são perigosos, porque se a gente não tiver o máximo de cuidado! Se a gente não tiver conhecimento, não tiver cuidado, a gente pode meter o pé no fundo do rio, do igarapé e pode pegar numa arraia, pode tá enxergando e não conhecer e pisar em cima dela e ela fura, você vai sofrer.* Todo o saber adquirido durante sua formação recebida pelos mais velhos e pela própria natureza é compartilhado: *A piranha é outra coisa, se você não conhecer, dá o dedo, vai tirar o pedaço do seu*

dedo, o mandii também, se ele furar na sua mão você vai ficar horas gritando com dor e fora os monstros né? Porque o jacaré ele come, sucuriçu também come. Então, essas coisas a gente, de uns certos tempos a gente vai se acostumando, porque a gente vai aprendendo a lidar com essas feras. Essas coisas que fazem o mal pra gente.

O ensinamento continua: *Nós que nos criamos nesse meio da mata e dos rios aprendemos a conhecer as coisas desse meio ambiente*³⁷. João Irlei depois de adulto se tornou evangélico e mesmo que sua religião atual interfira na sua perspectiva de mundo ao dizer: *É o seguinte! Em primeiro lugar Deus criou a natureza e deu o controle pro homem sobre tudo.* Não recebe apenas influência da sua religião evangélica, antes houve a interferência do catolicismo e antes houve a ancestralidade indígena. É muito forte a perspectiva da aprendizagem com a própria natureza que se remete a uma vida indígena, onde o homem se coloca também como parte da natureza por meio da vivência construída com ela: *Então, a gente vai aprendendo a ver que não é normal que o peixe venha até a face da água pra gente conhecer... É diferente o movimento que o peixe faz na água e o movimento que um bicho faz. O peixe, ele tem o banzeiro conhecido e já um bicho desses que é uma fera é d'outro jeito, vamos dizer o jacaré ele sai do nada pra você. Você tá aqui na beira e ele tá vendo o teu movimento, você não tá enxergando e ele vai mergulha numa certa parte, assim, põe só o fucinho de fora com aquela telinha ali que é os olhos dele e você não vai perceber.*

Cada ser da natureza se apresenta de forma diferente ensinando o seu movimento a sua forma para aquele que nasce e se cria na natureza, por isso quem nasce e se cria longe dela tem que ouvir aquele que foi ensinado por ela: *Isso é quando a pessoa não tem experiência, por exemplo, tá n'água, "Ah! Eu vou pular n'água mesmo. Essa pessoa não tem experiência de nada. Eu como já tenho experiência, nós que moramos aqui, dizemos: - Oh, cuidado! O certo é tomar banho em cima da ponte, essas pranchas que a gente faz pra lavar as coisas e tomar banho...*

Quem tem experiência com a natureza sabe se proteger dos seus perigos: *por causa, que o bicho tá só de lá te olhando, mergulha e quando boia já é perto. Já o peixe não. O peixe ele faz zuada, a gente vê quando o peixe tá comendo, quando ele*

³⁷ João Irlei utiliza o termo meio ambiente mas a sua percepção não corresponde ao meio como metade. O ambiente entendido por ele, conforme pode ser compreendido em sua narrativa, é o todo em relação.

vem em cima da água, tudo a gente conhece tudo é fácil da gente conhecer, agora o bicho ele é caçador igual nós, ele fica observando, ele atrai, ele fica ali reparando só pra dá o bote. Porque um bicho pra pegar só se for na surpresa mesmo, a traição. Porque um bicho grande desse é perigoso, agora existe uma coisa que pra gente não é confiável, é a sucuriçu...Esse conhecimento não vem via cristianismo vem via ancestralidade indígena, é repassado pelos mais velhos não apenas por meio da oralidade, mas do fazer dessas tradições, pois as crianças aprendem a caçar e a pescar indo junto com os mais velhos ou sozinhos para as pescarias e para as caçadas. É um aprender fazendo, observando os movimentos, escutando os sons e sentindo os cheiros da natureza, e tudo isso vem da ancestralidade indígena.

Atualmente, as perspectivas indígenas de ver o mundo também entram em contato com as formas de conhecimentos por meio da televisão, pois nessas comunidades onde não chegam as redes de energia elétricas, cada morador adquire um motor de luz movido a óleo diesel, dessa maneira, à noite assistem aos jornais e novelas ou então têm acesso aos meios de comunicação modernos quando estão na cidade. Desse contato com a televisão vem a descrição que João Irlei faz da sucuriçu:

A sucuriçu é a mesma sucuri. Ela tem um assobio, eu nunca vi ela assim grande do jeito que aparece na televisão, mas eu já assisti uma vez no globo repórter, o cara fazendo uma reportagem sobre esse bicho, ele tem um assobio e esse assobio vem e se você tiver em canoa pequena ele te pega e joga o laço por cima e aí num tem como tu escapar. Tu cai n'água ele te joga mesmo e aí é aonde ele vai te apertando vai te quebrando todo, então desse aí tem que ter cuidado e ele não faz banheiro nenhum ele sai em cima de você. Então existem essas feras e a gente vai tendo conhecimento de como se comportam pra quando vê saber como se livrar delas. Além dessas feras tem esses outros bichos como o boto. Esse boto grande faz banheiro grande, esse daí num tem como prever o aparecimento deles, eles vêm embalados lá do fundo, só se a gente olhar pro fundo e aí agente vê, mas eles fazem banheiro grande. Fora o jacaré, o jacaré ele vem macio também, ele vem manso, aí você não vai enxergar ele, só se tiver em alerta. Porque ele também vem que nem um caçador. (Narrativa João Irlei)

A experiência vivenciada com a sucuriçu traz uma outra imagem diferente das que são passadas pelas informações que ele recebe por meio da televisão: em que ela é mostrada como um mostro que ataca. Para João Irlei a Sucuriçu só é um animal perigoso ao homem se ela estiver caçando, mas se não tiver não lhe fará nenhum ataque:

Olha! Uma vez pescando eu e meu pai ele em terra, assim, lá no baixo, lá fora! Assim pescando e eu também estava perto de um pau grande, uma tronqueira de um pau grande tinha caído e tinha uma galhada lá. Eu pisei

dentro do laço de uma sucuriçu grossa, media mais ou menos uns dois palmos de largura, por isso, que eu digo se o bicho tiver a caça é muito perigoso, mas se ele não tiver caçando ele não é perigoso, porque eu fiquei no meio da roda dele, tava espichada pra um lado e fez a roda dele pra outro lado e eu pisei dentro da roda dele, olhando pro peixe com o arco e flecha armado pra flechar, que eu fui olhar pra água assim, eu vi aquele monstro do bicho e ele pra lá com a cabeça pra outro lado, aí eu pulei fora, ele nem se mexeu, ficou lá, eu chamei meu pai e meu primo, lá, o bicho ficou, nós fomos embora. (Narrativa João Irlei)

Essa experiência da pesca com o pai e o primo é uma síntese da relação humana com a natureza sendo parte dela também. Assim como o peixe estava para ser arpuado pelo João Irlei para ser seu alimento, João Irlei poderia também ser alimento da sucuriçu, mas ela não estava caçando e nada fez a ele. Ele pode dizer que a Sucuriçu é a mesma sucuri e que ela só é perigosa quando está caçando, porque aprendeu isso com a própria natureza. Com isso, não estou dizendo que tudo é prático, mas que tudo é espiritual, essa aprendizagem ao mesmo tempo que é adquirida na vivência ela é ancestral, afinal: *tudo o que Deus criou é lindo, mas a gente tem que ter cuidado, porque ele diz “Vigiai!”*. Mas, antes da pregação evangélica, João Irlei ainda criança ia pescar sozinho e foi conhecendo a natureza e sendo alertado por sua mãe. Seu primeiro contato de aprendizagem foi com suas duas mães, a natureza e aquela que lhe trouxe ao mundo, somadas as experiências vivenciadas com o pai e demais parentes que foram lhe dando conhecimento.

Manel Benigno parece que vai desencantar às águas dizendo: *Sobre o lago e o rio. Bem, aqui no rio, principalmente, aqui na beira do lago, diz que tem muito bicho aqui, mas se tem a gente não vê bicho n’água, o que tem muito é jacaré, mas jacaré todo mundo vê*. Mas logo ele atualiza a narrativa da Cobra Grande, pois ele também a viu: *Agora, eu vi uma cobra lá onde tem um flutuante entrando logo no Cristina, eu vi uma cobra meio grande lá e era umas 23h30minhs da noite ela estava boiada no rio, tava só os pedaço lá boiado, mas Graças a Deus não vejo nada demais*. Diz que não tem visto mais nada, mas também informa que não tem andado à noite indicando que os seres assustadores da mata e das águas aparecem à noite, mas também afirma que mesmo quando andava à noite não via nada além dos jacarés: *Não tenho andado de noite, mas quando eu andava de noite por aí por todo canto nunca vi nada, eu via muito jacaré, depois que começaram a matar jacaré até os jacarés sumiram*. Mas admite ao mesmo tempo a existência física e a espiritual do boto, pois diz não poder matá-los: *tem muito é boto, porque o boto ninguém pode matar, né, que o bicho é velhaco e não tem como matar ele mesmo!* Dizer que o

boto é velhaco pode ser uma forma de admitir que ele sabe enganar o homem e dizer que *não pode matar mesmo eles*, pode ser uma compreensão de que eles têm algum poder. E não os matar pode ser uma forma de precaução, pois foi passado por meio da tradição oral que o Boto pode malinar, que eles se transformam em gente; em Nazaré, os mesmos Botos são os espíritos que curam incorporados na dona Preta, a curandeira das margens do Rio Madeira. Em toda a Amazônia, o Boto é visto como um encantado e nas próprias narrativas ele aparece em diferentes maneiras de encantamentos, mas eu vou falar disso mais adiante quando eu for tratar especificamente dos encantados, pois as narrativas, principalmente as do seu Nelson Mura, nos dizem muito sobre eles.

Maria Duarte traz presente em sua narrativa uma rápida menção às histórias de Cobra Grande presentes em todo o rio Madeira e estão relacionadas ao desaparecimento de comunidades: - *Aí pra baixo, no Espírito Santo, uma comunidade na beira do rio Madeira, que a terra afundou na noite de uma festa. Ali pra baixo no beradão! Quando é de madrugada, diz que o barco passa lá e diz que o galo tá cantando. Escutam bem quando o galo tá cantando no fundo...* Muitas histórias dessas são mantidas pelas tradições orais na Amazônia e podem ser uma forma de demarcar a presença de indígena nas margens do rio Madeira, antigos e atuais territórios de povos indígenas, dentre eles os Mura e Munduruku que disputavam em outros tempos território ao longo do rio Madeira, podendo essas comunidades formadas em suas margens além de serem resultantes dos espaços de seringais, serem também formadas por famílias Mura, Munduruku e demais povos da região que se distanciaram há três ou quatro gerações de seus territórios e das suas referências de parentescos daqueles que se mantêm nas terras indígenas demarcadas ou retomadas. Numa reunião que participei com os Mura do Itaparanã, Capanã Grande e Baiêta, um dos participantes que fazem parte do Capanã Grande disse que sua mãe havia lhe falado que ele era Munduruku. Ele me perguntou se sabia algo sobre os Munduruku, falei sobre os Munduruku do Tapajós.

Sobre os mistérios da terra

Os mistérios da terra mencionados nas narrativas e durante as vivências de campo estão predominantemente ligados à mata. Ao adentrar a floresta as pessoas entram em contato com o mundo dos animais e dos espíritos e constroem

experiências a partir da relação com esses seres. A narrativa de Maria de Nazaré traz esse universo das experiências humanas com os animais e os espíritos. Suas vivências com a mata estão relacionadas com o tempo que compartilhava a vida com o pai de suas filhas e filho: *Ah! Na mata eu já andei foi muito, vixi! Eu andava com o João na mata praí pra dentro.* O igarapé é significado por meio dessas experiências: *Nesse igarapé que tem ali, cansei de chegar lá quando eu andava com ele e ficar sentada lá no barranco espiando jacaré passar.* As lembranças dessas experiências registram um tempo em que havia os animais que surpreendiam pelo tamanho das imagens vistas por Maria e que não são possíveis de ser vistas por seus filhos, ela fala do desejo de ter registrado essas imagens: *Era cada jacarezão, cada monstro! E eu com o maior medo! E agora puraqué! Bem grosso aqueles puraquezão. Eu tenho dito pras meninas, se tivesse nesse tempo esse negócio de filmar, eu ia levar pra filmar aquelas coisas que eu via quando andava por aí.* O que é possível compreender dessa vontade de ter filmado esses animais para mostrar para as filhas é que com o passar do tempo tornou-se mais difícil para os animais chegarem a alcançar um tamanho muito grande, por haver mais circulação e depredação dos espaços habitados por esses animais. Maria de Nazaré fala abismada e admirada com o tamanho dos animais: *Pirarucu, aqueles monstros do pirarucu, boiando com os olhos que davam medo.*

Deparar-se com esses animais ao mesmo tempo lhe causava medo e lhe proporcionava uma aprendizagem para observá-los e interagir nas caçadas junto com pai de suas filhas e filho e com os cachorros: *Agora é engraçado falar disso, mas eu tinha medo. Eu ficava com medo, oh! Aí quando eu ia andar no mato com João eu ficava olhando... Eu ficava espiando a paca entrar no buraco, aquelas paconas! E eu parada, só olhando o jeito do João gritando e os cachorros indo, iam até botar a paca no buraco. Agora cava pra achar. Às vezes eu estava sentada lá: Aí eu via a paca e gritava: - João olha a paca lá. Ele dizia: - Cadê? Ai eu mostrava: - Olha vem saindo! Aquelas monsternas!* Maria de Nazaré nos permite entender os procedimentos da caça que para quem não teve experiência pode pensar que é o homem que é o caçador, que vai à mata e sozinho captura o animal. Mas aqui é possível perceber que há um trabalho mútuo e procedimentos específicos, por exemplo, para caçar uma paca. Conforme Maria de Nazaré, após o animal ser visto, o dono dos cachorros os segue gritando e eles acuam o animal ao entrar no buraco.

É preciso observação para ver o animal para depois acuá-lo com os cachorros até o buraco onde o animal caçado pode entrar, após entrar no buraco é preciso ter um terçado ou outro objeto que permita fazer uma escavação até o animal. Muitas vezes quando se entra na mata para fazer alguma outra atividade e os cachorros estão juntos com a pessoa, quando eles veem algum animal eles saem latindo e o acuando e a pessoa sai correndo atrás. Presenciei uma situação dessa em Nazaré quando Marlon, filho da minha prima Valderlurdes, conhecida como Lurdinha, foi mostrar onde era o lugar que a bisavó dele e a minha avó moraram e onde ficam as duas castanheiras antigas. Quando estávamos no local, os cachorros adentraram a mata latindo, Marlon disse que podia ser uma paca e queria ir atrás dos cachorros, mas, como eu não saberia voltar sozinha para a casa da Lurdinha, ele não foi.

As lembranças de Maria de Nazaré sobre suas vivências compartilhadas na mata com o pai de suas filhas e filho também é uma lembrança amorosa dos bons momentos que estavam juntos: *Vinham saindo, pulando do buraco, aí ele metia o cachorro de novo e eu ía, seguia atrás dele. Já gostava de caçar com ele pra mim ver essas coisas sabe...Cotia, tatu, paca, nambu. O cachorro avançava em riba do nambu, pegava, sacudia, matava e levava pra nós. Te juro! Tinha uns cachorros muito danados...* Nessa experiência da caça além de mostrar que o caçador do Nanbu era o cachorro, também mostra o jeito que o casal compartilhava afetos. Nos códigos culturais das aldeias e comunidades tradicionais a saída do homem junto com a mulher pode significar um gesto de intimidade entre os dois, nesse caso pode haver alguns tabus de uma menina ou mulher solteira ir sozinha com um rapaz ou homem para mata.

Assim como as pessoas adentram o espaço dos animais, os animais também adentram o espaço das pessoas: *Tinha coisa muito feia, maracajá, um gato do mato... Um dia nós andando assim ele disse: “Maria, espia uma coisa pra cima” - O que é? “Espia”. Eu espiei pra cima o maracajá chega estava sisudo olhando pra nós. - Valha-me Deus do céu! Deixa eu passar adiante...Aqui, bem aqui nesse cercado perto da minha casa veio onça... Tem vez que ela passa aí... Um dia o João Saiu e foi embora pra roça... Não demorou escutamos o tiro... Bem aqui na beira do terreiro mesmo... Nós tinha porco e carneiro... E a onça vem atrás. Aí o João atirou e gritou pra lá.- Ei, Maria!- O que é?- Vem aqui!* Ao adentrar no espaço da mata, o humano sabe que pode se deparar com um animal. Assim como homem pode esperar e observar o animal para torná-lo sua presa o animal pode tomar o

mesmo procedimento, não é à toa que existe o ditado popular: Um dia é da caça outro é do caçador. Quando o animal vem no espaço dos humanos ele se coloca no lugar do observador e ambos podem ser caçador ou presa.

Deparar-se com os animais aparece na narrativa de Maria de Nazaré como parte do cotidiano, numa ida para o roçado, como ela demonstra: *Eu fiquei me perguntando: - Que será? É bem veado, que veado sempre vem pro rumo daí dessa mata aí... Ele num disse não o que tinha atirado... Ai eu fui andando... Andando... Andando... Eu ia com menino no braço... Com a Julia que estava pequena ainda. Que eu fui olhar... Olha o estirão de onça! Uma maceta de onça que ele atirou. A bicha estava trepada lá na árvore, ele atirou que ela desabou no chão, aí deu outro tiro nela, de novo. Lá matou. Eu digo: - Ai meu Deus do céu!* A onça estava trepada na árvore e João Lobato poderia ter sido a sua presa, mas indo atento no caminho para a roça ele foi mais rápido que a onça. Em outros tempos como nos conta as narrativas ancestrais indígenas que fazem parte do modo de ver a relação dos animais e dos homens, a onça era humana e ao salvar um menino da copa de uma árvore e levá-lo para casa, adotá-lo e depois ter sido traída pelo menino que roubou o fogo e levou para seu povo, permaneceu em forma de animal e deste então passou a ser inimiga do homem. Essa narrativa compreendida pela antropologia como narrativa mítica circula entre os povos indígenas da América do Sul e está registrada nas Mitológicas de Lévi Strauss e ainda é presente na tradição oral dos povos indígenas.

Esse confronto dos homens com as onças está presente nas narrativas, principalmente de homens ou de mulheres contando alguma situação que envolve o homem e a onça, como esse trazido por Maria de Nazaré. Outras situações de confronto do homem com a onça aparecem nas narrativas dos outros colaboradores, como na de João Irlei, de João Lobato e de Manel Benigno.

A experiência de adentrar a mata é naturalizada como uma atividade social masculina, mas que pode também ser desempenhado por mulheres ocupando diferentes lugares, o lugar de esposa que acompanha o marido, ou lugar da mulher provedora da família na ausência do homem. Maria de Nazaré se compara a um homem por saber andar no mato, pois o mato é o espaço de perigo, dos seres da mata com os quais ela se assombra, mas também admira, tornando narração tudo o que registra com seus olhos, seu corpo, sua presença no espaço da mata: *Eu já vi muita coisa feia, colega, no mato. Cobra! Cada monstra da cobra...* Uma vez

uma já matou um cachorro nosso. Eu andava na mata com o João mesmo que um homem... Eu gostava de andar no mato... Via Macaco... Cada macacão pulando assim dum pau pro outro... Eu ficava espiando... Ainda hoje nós tava comentando com seu Chagas aí... Ele perguntando pra mim: “- Dona Maria, a senhora já andou no mato caçando? Eu respondi -Vixe, acabei minha idade foi andando no mato com João, matando caça, vendo os bichos que eu não podia ver... Rum!

Outras mulheres também falam sobre suas experiências no espaço da mata. As vivências femininas no espaço da mata estão relacionadas à coleta da castanha, da caça, da companhia ao marido, da aprendizagem repassada pela mãe ou pelo pai, entre outras relações. Izolina se remete à mata ao lembrar das estratégias feitas com a irmã para conseguir um dinheiro extra para comprar produtos adquiridos para se embelezarem:

Uma vez eu disse pra Chiquinha: - Vamos catar castanha daquelas castanheiras dali de perto do cafezal... Nós quebra e joga o ouriço n'água... Tava pertinho da água... Aí ela disse: - Vamos... Nós começamos a juntar castanha... Botava no peneiro... Enchia o peneiro e vinha deixar aí no cafezal... Voltava e ia buscar mais... Que quando foi a segunda viagem que nós fizemos ela ia pisando em cima de um monte... Era uma jibóia que uma enorme!... - Vamos matar, Chiquinha? - Eu lá vou matar esse bicho... Ela vai é pular na gente!... - Pois então, vamos embora. Lá nós fomos embora... (Narrativa Izolina)

No ato de pegar escondido os ouriços de castanha que seriam para somar com a renda familiar, elas encontram uma forma de adquirir os objetos de luxo desejados por jovens como elas. Nesse trecho da fala de Izolina são mencionados vários espaços, o das castanheiras, o do cafezal e o da água. Quando fui pela primeira vez ao Uruapeara junto com minha mãe, fomos nesse mesmo espaço coletar castanha. Conheci o espaço do cafezal, o da água e o das seringueiras. Relacionando essa minha vivência com as que a minha tia avó e minha avó tiveram, teci a percepção de que mesmo quando as mulheres não adentram muito na mata para coletar castanha elas experimentam a mata, deparam-se com cobras, podem ouvir o canto dos pássaros e grito dos bichos e precisam saber ler todos os sons, tomar cuidado, saber onde pisam. É preciso ter conhecimento sobre a mata. Da vez que eu e minha mãe, depois de umas cinco décadas que as nossamãe velha (minha tataravó) e suas descendentes coletaram castanha no mesmo lugar, ficamos quebrando castanha próximo do lugar onde havia sido a casa antiga da mãe velha, minha bisavó, e escutamos um assobio vindo da mata, eu fiquei quieta e minha mãe

também, estranhei, pois aquele assobio fazia até o vento parar, ficou tudo em silêncio dentro da mata. Dizem que quando fica tudo parado na mata é porque a onça está por perto. Depois, quando retornamos para casa do primo da minha mãe, ela perguntou a ele se havia onça preta por lá, ele disse que sim e perguntou o porquê, ela respondeu que achava que tinha escutado o assobio de uma; segundo eles, a onça preta imita o canto de pássaros. Minha mãe disse que não havia falado nada para não me assustar, mas eu tinha percebido que era um assobio estranho, mas como ela não tinha falado nada fiquei quieta e continuei a quebrar os ouriços de castanha. Mesmo eu não sabendo que poderia ser uma onça preta, senti que não era um canto de um pássaro e que algo na mata estava acontecendo, fiquei atenta.

Na continuidade das lembranças de Izolina sobre as vivências de coletar castanha com sua irmã para ajudar a mãe, aparece mais uma vez o registro de outra situação onde aparece a cobra: *Quando foi uma viagem a mamãe foi embora na frente pra roça... E nós ficamos... A Chiquinha disse: - A mamãe agora tá xingando nós... - Tá mesmo porque já faz hora que ela foi. Aí nós fomos, passamos debaixo de uma castanheira... O ouriço da castanha era bem grande! Lá ela disse: - Olha como está de ouriço de castanha chega tá alastrado!... Eu digo: É mesmo!... Vamos amontoar uns ouriços quando nós voltar nós leva. Lá quando eu fui... Quando escutei foi o grito... - Ai... Minha nossa senhora!- O que foi Francisca... - Uma cobra! Lá fui pra lá, era uma surucucu... Ela estava num monte dela assim... Enrolada. E ela foi pegar o ouriço de castanha que tava bem pertinho e ia pegando a cobra... Na primeira situação era uma jiboia, na segunda era uma surucucu, em nenhuma delas a Chiquinha, irmã de Izolina, mata a cobra: - Chiquinha, vamos matar essa? - Se essa que é venenosa mesmo porque é a surucucu... Lá nós fomos embora... Mas a mãe aparece como a figura da mulher corajosa que mata a cobra venenosa para eliminar o risco de uma delas vir a ser picada pela cobra: *Chegamos lá ela contou pra mamãe... E ela perguntou: - Cadê? Vocês mataram... -Não matamos não. - Vamos lá ver se ainda tá lá... A mamãe não tinha medo não. Chegamos lá, ela tava lá no montezinho dela... A mamãe cortou um pau, deu uma pancada bem no meio...**

Elzalina, filha de Maria de Nazaré, por meio do ensinamento recebido da mãe, na juventude vive a liberdade de ter a experiência das caças na mata junto com seu irmão e sobrinho, nesse caso não tem tabu de ela ir com o irmão e sobrinho para a mata: [...] *Mas tudo o que a minha mãe me ensinou, graças a Deus, eu sei fazer.*

Até caçar eu aprendi com a minha mãe. Quando ela ia caçar levava a gente. Ah! Era divertido! Fico até sorrindo quando me lembro disso, às vezes, quando ela não ia, ela mandava o Julião ir comigo. O Wiliam. Esse William aí que veio passar o natal aqui com meu pai esse ano, meu sobrinho. A gente andava... Andava no meio desse mato aí caçando... Só nós dois, às vezes... Elza marca a juventude quando ainda era solteira como uma experiência com a mata e a vida ao lado do rapaz com quem mora como uma restrição de andar na mata, mas deixando a entender que deixou de andar na mata como a mesma frequência de como andava quando vivia com os pais: Só que desde quando eu fui morar com esse rapaz que estou agora... Eu não ando pescando! Caçando! É até difícil eu ir.

Elzalina distingue a sua técnica de caçar da técnica do irmão e sobrinho: *Quando eu ia caçar ia só com os cachorros mesmo. Não atirava não. Pra matar os bichos metia o machado no buraco do pau... Chegava lá metia o machado pra cima! E tirava o bicho de dentro do pau. Quando o buraco era na terra a gente cavava. Agora atirar eu não aprendi não.* Ela vai junto com os cachorros e, embora ela não fale, é indicado que são os cachorros que aciam a caça no buraco dos paus e ela se utilizava do machado com instrumento para tirar a caça do buraco. Ela traz presente a irmã como a mulher que aprendeu a caçar com flecha e com espingarda: *Só quem aprendeu a flechar e a atirar foi a Cristina. A Cristina, minha irmã, sabe.* Associa a imagem de matar os bichos com espingardas como ato que ela não tem coragem de fazer: *Agora eu assim... Eu nunca aprendi não. Nunca... Porque eu, às vezes, saía com o papai assim pra roça... Eu tinha medo do tiro... Quando ele via uma caça, ele atirava e eu tampava meus ouvidos pra não escutar. Até hoje eu tenho medo. Eu não tenho coisa de tá atirando assim não. Não tenho coragem não de tá matando os bichos assim.* Pelo que ela diz, é o som e o ato de atirar que o assusta desde quando presenciava o pai atirar nos bichos.

O que entendi com essa distinção que a Elzalina faz do modo de matar os bichos é que o que é visto como crueldade por uma pessoa não é visto por outra pessoa, para ela é possível matar um animal com o machado, mas com a espingarda não. O próprio ato de caçar pode ser visto por pessoas que não fazem parte de comunidades tradicionais como ato cruel, mas a relação com a caça é outra. Caçar faz parte da tradição e tem que ser feito respeitando a mata, os animais e os dias em que se pode caçar. Timaia, meu primo em Nazaré, um dia me contou que um homem lá da comunidade não respeita nada. Uma vez ele foi caçar no dia dos

finados, que é um dia santo, disse que era besteira, voltou com o pé dele atirado por ele mesmo, o que foi interpretado pela comunidade como uma lição para ele não desrespeitar mais os dias santos. Tem também os vários casos dos caçadores que são assombrados ou se perdem na mata. Isso tudo mostra que a caça tem seu ritual e seus tabus. Além do mais, essa caça depois vai ser dividida entre o núcleo familiar e afins.

Nas vivências de caça apresentadas por Elzalina, a ideia de que a caça é apenas atividade masculina deixa de ser uma única maneira de entender as atividades do homem e das mulheres, embora haja uma convenção social de que a caça possa ser uma atividade masculina, o que faz Maria de Nazaré dizer que andava no mato como um homem, ela também é uma atividade aprendida pelas mulheres. Essa aprendizagem é passada pelas experiências de caça vivenciadas tanto com suas mães como com seus pais. Há as situações em que a mulher vai acompanhada pelo marido e o auxilia, há as que vão com a mãe ou com o pai, as que usam espingardas, as que usam machado e as que flecham e atiram. Cada uma das mulheres vai construir um modo próprio para capturar seus alimentos na mata, outras ainda não vivenciam o espaço da mata sem a companhia dos homens com quem vivem, como no caso da Edilene:

Eu não sou de ficar saindo para o mato. Quando eu vou para o mato eu vou com o Maga pra pegar só mesmo as castanhas. Aí a gente vai lá pro mato e também quando vou pra roça buscar mandioca. Só uma vez que a gente foi lá pra dentro desse castanhal que a Amélia tira castanha que é lá mesmo pra dentro do Centro lá que a gente foi, pra donde é esse castanhal da dona Cila também, que fica pra mesma parte de lá. A gente foi tirar óleo de copaíba, chegou lá, furou a árvore e não saiu o óleo. Dessa vez que a gente foi atrás de remédio.(Narrativa Edilene)

Edilene não vai para o espaço da Mata sozinha, mas aprendeu a interpretar os sons vindos da mata:

Sobre os gritos e cantos que vêm do mato alguma coisa dá de saber o que é. Que nem o macaco, que nem nhambu. Hoje a prima do Maga que tá aqui, a dona Nilce estava perguntando pro meu irmão, o Odo: “Que bicho é esse que tá cantando” E o Odo falou que era macucáua. A macucáua, o nhambu, o macaco, a arara, o papagaio, o piquitinho, todos esses a gente já conhece... Cada um tem o seu modo de cantar, de gritar, não sei nem dizer o que eles fazem mesmo, se cantam ou se gritam. Sobre esses bichos que vivem mais dentro do mato eu também conheço um pouco, como a onça que eu já escutei esturrar. Eu aqui em casa, ela esturrando pr’ali pra outro lado. Isso daí, mais ou menos, eu já tenho a base. Mas dentro do mato, quando estou lá eu ainda não escutei, porque se eu escutar uma coisa que eu nunca ouvi gritar, eu posso até correr pra casa.(Narrativa Edilene)

Os sons vindos da mata são decifrados por Edilene no espaço da casa que é o espaço da proteção. De casa ela escuta a Macucaia: *A Macucáua, ela assobia. De manhã, pra li pro rumo do mato ela tava ãm, ãm, ãm... Escuta a onça preta: Também tem uma onça preta que imita o assobio da Macucáua, sabe distinguir quando é a onça imitando a macucaia: a onça preta ou o maracajá, que é um gato do mato, eles imitam parecido a macucáua, às vezes, eu até penso que deve ser algum maracajá ou onça que esteja por ai pela beira imitando, porque eles imitam igual e a bichae* na experiência de ouvir e decifrar os sons, conhecimento fundamental para viver nesses lugares nas florestas e nas margens das águas, ela sabe do canto da nambu, mas quem vai buscá-la na mata para dele se alimentarem é o pai de seus filhos: *já a nambu é diferente, tem outro assobio, mas fino, mas esse daí eu não sei imitar. O Maga quando escuta ela cantar ele já diz que vai lá matar, às vezes, ele mata, outras, vezes não.*

Olhando mais uma vez para a experiência de Ester Mura com o pai no espaço da mata, podemos perceber no aprendizado prático que ela adquiriu de saber identificar o que pode comer e o que não pode no mato, como manter-se viva caso aconteça de se perder, a uma linguagem específica de uma tradição cultural relacionada a uma temporalidade: *Essa época que eu passei nos castanhais, no mato mesmo, com meu pai, que eu passei o ano todinho no fabrico de castanha. Aos remédios tradicionais: A experiência que meu pai passou em relação a certas plantas [...] pode tomar também leite de amapá se você tiver com bastante sede. Amapá é uma árvore grande que solta um leite igual ao leite de vaca... Leite normal mesmo, depois, de um tempo que eu vim descobri que levanta pra curar bronquite e asma.*

Todos os conhecimentos que Ester Mura adquiriu não são apenas teóricos ou técnicos, eles estão vivos e são significados ao adentrar no espaço da mata: *A gente conhece o cipó de fogo que tem água pela cor dele. Ele é, assim, um pouco mescladinho. Mas falando, assim, eu não lembro bem como ele é. Só conheço quando eu encontro ele andando no mato mesmo.*

O espaço da mata guarda os conhecimentos de uma linguagem cultural que, muitas vezes por não haver uma vivência coletiva desse espaço, deixa de ser repassado para as novas gerações. Vivenciei junto com meu filho Tanan uma experiência com minha mãe e um irmão por parte de pai dela, meu tio, em que

percebi como uma linguagem específica de nomeação das coisas dentro da mata foi sendo atualizada por minha mãe e meu tio. Estávamos passando uns dias no sítio da minha mãe na linha 45, área de assentamento nas proximidades da hidrelétrica de Samuel no rio Jamari construída na década de 50. Fomos eu, meu tio, minha mãe e meu filho caçula, que estava com 17 anos na época, pegar uns limões que tinham sido plantados pela esposa de outro irmão da mamãe perto do lugar onde ficava a casa deles quando moraram por lá um tempo. Colhemos os limões com cuidado para não espetar os dedos, pois segundo meu tio Capucho é bem remeço, inflama. Após a coleta dos limões, tio Capucho nos convidou para irmos ver os espinhéis, anzóis presos em linha de pesca e amarrada num galho de árvore ou em algum tronco, que eles também chamam de espera para peixe. Ao adentrarmos numa pequena restinga de mata nos deparamos de entrada com um tabocal, mas minha mãe e meu tio não fizeram nenhuma menção a elas, quem olhou com interesse para elas foi eu, por saber da importância que ela tem para os povos tupi kwaharib para confeccionar suas flautas. Andando mais um pouco, vimos flores aquáticas pequenas, uma espécie de vitória régia menores a qual, segundo minha mãe, seus botões só desabrocham meia noite; seguimos andando, meu tio foi olhar um espinhel, mas não tinha nenhum peixe nele, logo a frente havia um tronco de árvore caído que fazia uma espécie de ponte no igarapé, minha mãe disse que era um ótimo lugar para pescar, mas tinha muitas tracuás, formigas que tem uma ferrada muito doída e dá febre quando ferram as pessoas, mais adiante ela apontou um lugar do igarapé que segundo ela era bom para fazer um cacuri, que é uma barragem de palha feita para pegar peixe, depois continuando o caminho dentro da mata ela apontou para uns cipós que estavam entrelaçados numa árvore e perguntou para o irmão dela qual deles era de fazer vassoura. Meu tio logo explicou, disse que tem dois tipos de cipó, o *ambé* e o *titica*, com a *ambé* faz peneiro, faz vassoura, faz peneira e com o *titica* faz também vassoura e peneira, faz cadeira, faz um monte de coisa.

Fiquei impressionada com a língua que foi aparecendo na nomeação que eles foram dando para as coisas. Depois de um tempo, quando entrevistei minha mãe, retomei com ela essa experiência. Na entrevista ela explicou o contexto em que foi ensinado para eles como fazer um cacuri e como era feito:

tem um jeito de pegar peixe que eu já aprendi com meu tio Benedito, irmão do meu pai. Esse jeito é fazendo um cacuri que eles falam. Isso já aprendi com meu tio, com meus primos, comadre Mundinha, essa gente. Para fazer

um cacuri, a gente coloca a palha bem fechadinha pro peixe não passar, uma trançada na outra, assim, bem amarradinha, bem juntinha, bem forte pra que o peixe não passe, aí bem no meio vira a palha pra dentro da onde fizeram a cabeceira do cacuri, tanto de lá como daqui, por exemplo, faz uma cabeceira lá outra cabeceira aqui aí já vira as palhas pra dentro com as pontas pra dentro, só naquela porta que deixa que fica tipo uma portinha que a gente deixa pro peixe entrar, mas aí a gente já deixa a ponta da palha pra dentro, é uma palha trocada na outra, quer dizer que na hora que o peixe entrar nessa portinha ele passa pra dentro do cacuri, mas pra voltar ele não passa. Aí ele fica preso naquela coisa lá. (Narrativa Nilce)

Também perguntei novamente para minha mãe, no momento da entrevista com ela, sobre os cipós e ela além de repetir a explicação que ela havia feito também acrescentou ensinamentos sobre o uso dos cipós, mas esse é um conhecimento que está na sua memória, mas ela não pratica: *Também tem um tipo de cipó que dá água, é o cipó cravo parece que dá água... Sei que tem um tipo de cipó que eles cortam pra beber na mata, eu nunca tomei água dele, só ouvi falar mesmo.*

Essa experiência que tive de nomeação na mata com minha mãe, meu tio e meu filho, em junho de 2014 em seu sítio, coincidiu com o período que as mulheres Tenharin estavam em Porto Velho para dar apoio para os maridos e filhos que foram criminalizados pelo assassinato de três não indígenas na Transamazônica. Numa tarde de domingo em que elas estavam na minha casa compartilhando um peixe assado, comentei com uma delas sobre o nome dos cipós que minha mãe e meu tio falaram, ela disse que para os Tenharin esses cipós também têm o mesmo nome e também são utilizados para fins de produção artesanais, notei então que por mais que haja alguma especificidade no uso desses cipós nas famílias de seringais de onde vêm minha mãe e meu tio e as famílias indígenas que vivem em suas terras indígenas, há correspondências de sentidos culturais embutidos por essa linguagem de configuração do mundo da floresta. Isso me fez pensar que, embora haja um longo processo histórico de introdução dessas famílias que vivem às margens do rio Madeira em áreas que não são demarcadas como terra indígena, manteve-se uma linguagem específica que configura um mundo cultural do qual fazem parte. Encontrei os mesmos nomes dos cipós com as mulheres Tenharin, e, mais tarde, olhando algumas palavras em nheengatu, vi que existe a palavra *takua* que pode significar febre. Aí lembrei que *trakua* também está relacionada a febre. Fiquei pensando que os nomes que damos para coisas estão com os sentidos culturais e significados no próprio nome, como no caso do nome da formigatrakua.

A formiga trakua também aparece na narrativa da Edilene como um bicho que gosta de ficar nos lugares em que as pessoas urinam: *Ela também dizia assim, “Óh, num pode mijar em cima dos bicho”, diz que bicho emprenha a gente! Já pensou? Um bicho fazer isso? Os bichos que ela falava que não podia mijar em cima deles são os tracuá, essas coisas assim... Ela dizia que num podia... Aí, eu não sabia mesmo e acreditava. Tracuá é um bichinho, uma formiga, assim, que fica andando, aonde a gente mija, eles gostam muito de ficar por lá, andando. A trakua conforme o trecho da narrativa de Edilene era vista pelos mais velhos como um bicho capaz de gerar um filho num mulher.*

Não há dúvida de que essa percepção é indígena. Pois há várias histórias narradas nas barrancas do rio madeira, em aldeias e demais comunidades que mesmo não sendo identificadas ou autoidentificadas como indígenas vivem seus modos vidas indígenas. Dessa vez a trakua aparece como um bicho capaz de engravidar uma moça/ cunhã muku que pode marcar uma função de tabu para as meninas que não podem mijarem todo lugar e também se apresenta em forma de encantado, tendo em vista a capacidade de engravidar uma mulher.

Mais uma vez indo beber na fonte da narrativa de Maria de Nazaré, é possível adentrar na mata e sentir com ela os assombros que os espíritos e os bichos causam no espaço das florestas. Na companhia do pai das suas filhas e filhos no trabalho de tirar palha para fazer cobertura da casa, experimenta o contato com sons da mata que causam desespero por não serem reconhecidos como sons identificáveis:

[...] Nós fomos caçar lá no Pirarucu... Caçar não, nós tinha ido tirar palha, aí o João me disse: “Tu fica aqui me esperando enquanto eu vou carregar palha” Eu digo: - Não, eu vou carregar contigo também! Lá nós fomos, quando passamos perto dum pau grandão que era um monstro de grande! Começou a esturrar no toco do pau...

O assombro é experimentado por Maria de Nazaré e João Lobato: *Aí nos ia passando perto dum pé do pauzão... Aí ele disse assim “o que foi que tu escutou aqui?” Eu digo - Rapaz! O que é isso que tá falando pra aí?*

Mas João Lobato se afasta da experiência do assombro: - *Não é nada não.* Procura naturalizar o esturro como algo que não seja um fenômeno de assombro, mas Maria se mantém no lugar da assombrada: *Eu digo - Eu tô escutando! [...] - Mas eu to escutando rapaz me espera deixa eu passar...*

João Lobato deixa de sentir junto com Maria de Nazaré o assombro e o redimensiona fazendo brincadeiras para assustá-la ainda mais, gesto que pode ser entendido como brincadeira entre casal, de aproximação e mesmo de um jeito de descontração: *Aí nós passamos, ele olhou pra trás e disse: “Maria, espia uma cara ali” Colega! Eu não pude me controlar, comecei a chorar, aí andei, andei, andei, e ele me dizia: “Espera, espera” só pra meter medo mesmo.* Depois de sair daquela experiência de contato com um ser que podia ser um espírito ou um bicho ao chegarem à beira, que é o fim da mata e o começo das águas, os dois sentem juntos novamente o assombro, e mesmo João não querendo deixar Maria mais assustada, ela faz a leitura dos gritos como uma presença ruim: *aí chegamos mais adiante, nós espiamos não tinha mais não, só se escutava os gritos, parecia onça, mas não era onça não, pra mim... Sei lá que marmota era aquela. Ai nós viemos, quando chegamos lá na beira... Nós que chegamos à beira não demorou nós escutamos os gritos... Gritou... Gritou... E eu dizia o que é o que é João? Aí ele dizia “não é nada não... Não fica nervosa não”... Mas era coisa ruim... Bicho da mata mesmo que tem...*

A experiência de Maria de Nazaré junto com João Lobato atualiza a percepção sobre os espíritos que nela habitam. Todo o tempo que permanecem no espaço da mata fogem dos gritos que juntos procuram identificar se são dos bichos ou dos espíritos ruins. As referências que os dois buscam para identificar os gritos embasam-se nos sentidos culturais daquela comunidade que eles fazem parte, a maneira como entendem a mata e admitem a existência de seres espirituais na floresta. Também é importante perceber que somente após chegarem à beira do espaço das águas que os dois se sentiram seguros. Já ouvi algumas histórias de que os bichos, como no caso do Mapinguari, não atravessam às águas. Aqui nessa experiência de Maria de Nazaré e João Lobato o grito do espírito ruim os segue só até perto da beira d’água, mostrando que a percepção de que a água é protetora.

Nas vivências das mulheres no espaço da mata aparece recorrentemente o encontro delas com as cobras e cada uma reage de uma maneira, umas se afastam e a deixam onde estão e outras as matam. O que me chamou a atenção é que, embora também tenham se deparado na mata com as cobras, o confronto recorrente dos homens é com a onça. Fiquei me perguntando o motivo de as mulheres se deparam mais com as cobras e os homens com as onças, uma explicação possível seria de que os homens adentrem mais a mata e permanecem mais tempo na realização de

trabalhos com a seringa, com a sorva e outras atividades extrativistas e percorram distancias maiores dentro da mata para pescarem e caçarem. Isso é o que aparece em suas narrativas. De toda forma, mesmo que esse contato das mulheres com as cobras e dos homens com as onças se deem no dia a dia, no plano do palpável, do físico, a mulher e a cobra também aparecem nas dimensões simbólicas, como no caso da cunhada de Francisca que gerou um bicho e que, segundo a curandeira dona Preta (que ainda hoje existe), depois de enterrado viraria uma serpente e, ao se movimentar para o rio, causaria o desaparecimento da ilha, passagem que foi trabalhada no livro “Espaço Lembrado: Experiências de pessoas em seringais na Amazônia”. (2013), que resultou da minha dissertação de mestrado em sociedade e cultura da Amazônia e que posteriormente será retomado nessa tese para pensar a dimensão simbólica de demarcação da presença indígena no rio Madeira por meio das narrativas sobre cobras.

Adentrando a mata, depois de destacar passagens de algumas narrativas das mulheres sobre suas experiências nesse espaço, passo para as experiências dos homens:

João Irlei fala da sua aprendizagem de interpretação dos sons da mata: *Eu já andei muito em mato, andei muito e não tinha hora não. Andava de noite, andava de dia. Saia oito horas da noite pra cortar seringa. E é espantoso também, têm várias coisas, pássaros que a gente pensa que é um bicho grande e dá susto, você se assusta. Vários gritos que você pensa que é um bicho selvagem mesmo e que se a gente for escutar fica com medo mesmo, mas não é bicho selvagem não é pássaro.*

Na aprendizagem de interpretação dos sons da mata aprende que a coruja imita pessoas se comunicando na mata, pois quando as pessoas estão nesse espaço lá no Uruapeara e em Nazaré e outras localidades da Amazônia, uma grita para outra para poderem se situar e é esse grito que a coruja imita. E la também imita a onça, como diz João Irlei: *Pássaro é conhecido, só a coruja ela tem um monte de canto! E ela grita, ela assobia, ela faz igualmente a onça. Quantas e quantas vezes eu num respondi pra ela, gritando Uuuu do jeito que ela faz que é igualmente uma pessoa. Eu escutava o grito ai eu parava e gritava, ficava calado ai tornava a gritar daí ela respondia. Ai tem umas que assobia, tem umas que fazem igualmente onça, um esturro meio rôco, mas isso a gente vai acostumando, porque a primeira vez que a gente vai ver ai a gente se assusta por causa que nunca viu, masai vai se acostumando.*

No trabalho da extração do leite da seringa João Irlei conviveu com a presença da onça ouvindo seus esturros: *Eu saía cortando seringa só com a faca na mão, altas horas da noite, onze horas, dez horas da noite e a lamparinhona na minha cabeça, lamparinas, até hoje tem uma aí, como eu estava dizendo, a onça esturrava como assim aí o outro lado na minha frente. [...] Eu não tinha medo não. Eu nunca encontrava! Quando eu estava cortando seringa, só escutava os esturros dela.*

Mas é na pesca que vai se deparar com ela frente a frente: *Já num dia pescando, eu estava lá ajeitando o peixe veio aquele bicho por de trás mim correndo, AAAOOOOUUU, passou pelo meio da minha perna caiu n'água. Era um Jacuraru, mas só que eu estava tão intestido no peixe ali, eram duas jatuaranas que se espalharam, uma correu pra um lado e a outra correu pra outro lado. E eu escutei parece um pé por trás de mim pisando. Que eu fui olhar, assim, ela tava sentada numa distancia pouca de mim! Uma onça pintada atrás de mim.*

A forma que João Irlei escapa da onça demonstra suas habilidades indígenas. A partir da minha vivência entre o espaço do seringal, as aldeias e a cidade, percebo quesamente um indígena tem essa habilidade de escapar de uma fera: *Minha canoa estava um pouco afastada de onde eu estava e minha espingarda estava dentro dela e eu estava com a flecha.* A onça estava atrás de sua presa, o jacuaru que escapou por entre as pernas de João Irlei, no momento que ele estava prestes a flechar duas jatuaranas, ele estava pescando com uma técnica indígena de uma flecha e foi seu instrumento de defesa enquanto ia tomando distancia da onça sem virar as costas para ela, mantendo o controle de si e a observando: *Assim, do jeito que estava espichando o arco com a flecha, assim mesmo eu fiquei e pensei - Vai me comer! A onça estava uma distancia pouca de mim e ela pula sete metros. Ai eu fiquei ali na minha. Eu fui, fui, fui virando pra ficar frente a frente com ela. Ai eu digo em pensamento - Se tu deixar eu ficar de frente contigo eu vou te dar uma flechada. Ai eu fui, fui olhando pra ela e andando de costas até chegar na canoa, foi, foi, foi, e ela não saía do lugar dela ai ela lambia a pata dela, arregaçava! Deus me livre colega!*

Ambos, onça e homem estavam ali frente a frente, um dos dois seria presa um do outro, dessa vez nem um nem outro foi presa, houve ali um ato sagrado da floresta, os dois, onça e homem se encararam e a onça entendeu que naquele dia aquele homem não seria sua presa e retornou para o interior da mata: *Ai quando eu*

do nada, assim, corri e peguei a espingarda já fui engatilhando pra atirar quando eu vi, ela já ia lá longe colega! Ela pulou atrás do pau e eu não vi mais.

O homem sabe que a onça não tem medo dele: *A primeira fera que existe e é traiçoeira é a onça e ela se astreve com qualquer um homem, porque ela é fera.* Mas sabe também que no espaço da mata há outras existências que escapam do seu domínio de definição do que é que está na indefinição de ser bicho ou homem, podendo ser as duas coisas, mas que habita ali na mata e ao notar sua presença precisa fazer o caminho inverso para escapar de seus encantamentos:

Mas também existe coisas espantosas que faz você ficar rodado! Percebi isso. Eu já escutei, eu não vi, mas já escutei um Curupira, agora só que esse tipo de animal eu não posso dizer como é, não tenho como determinar - Olha é o Curupira, porque ou é um homem ou é um animal, eu não sei, mas só sei dizer que existe, porque eu já escutei. Escutei ela bater pau e já vi o pé! O pezinho dela é pequeno do tamanho do pé de uma criança. Esse daí leva a pessoa pra muito longe, faz o cara rodar, ela faz com o cara o que quer. Isso eu nunca vi, mas a gente tem essas histórias pra contar na vida da gente que já se passou. (Narrativa João Irlei)

O Curupira é descrito por João Irlei como uma existência nunca vista por ele, mas sentida e percebida pelos sinais e barulhos feitas por ele. Como aquelas misuras ou espíritos que Maria de Nazaré se refere em sua narrativa, que não podem ser vistas, mas que existem dentro da mata. A descrição que ele faz do Curupira apresenta alguns elementos em comum com as narrativas sobre os Curupiras que fazem parte do livro *Isso tudo é encantado* (2013), como no caso das cacetadas que ele ouviu: *Escutei ela bater pau*. Nos lugares onde se encontram comunidades indígenas e demais populações tradicionais, sempre tem alguém para contar da sua experiência ou de algum conhecido de se deparar com a Curupira³⁸. Esta constatação também é feita por Florêncio: “Dos homens mais velhos aos mais jovens, todos afirmam que já escutaram seu assovio ou o som das suas cacetadas nas sapopemas³⁹ ou sabem de colegas que escutaram” (FILHO, CARVALHO, 2013, p. 24-25)

³⁸Em algumas narrativas encontramos: O Curupira em outras A Curupira. Há uma variação de indicação de gênero feminino e masculino, mas independente da indicação de gênero a percepção é de que a ou o Curupira é uma entidade de proteção dos animais da floresta.

³⁹Conforme consta no livro “Isso tudo é encantado” (2013) na nota referente a sapopema em outras regiões do país fala-se sapopemba e corresponde a parte das raízes de algumas árvores, principalmente a espécie conhecida como samaumeira, que cercam o tronco; é aquela parte de forma achatada que fica acima do solo e que parece uma tábua. A palavra vem do Tupi, onde significa exatamente “raiz chata”. Quanto maior e mais velha a samaumeira, maiores suas sapopemas. Ao ser gopeadas a sapopema emite um som característico que se escuta longe. De acordo com o contexto do lugar das narrativas que fazem parte do referido livro acredita-se que o Curupira vive entre as sapopemas e que gosta de bater nelas com seu órgão genital que, acredita-se, é bem avantajado. Esses elementos apresentados no livro citado não

Na descrição de João Irlei oCurupira é um ser indefinível entre bicho e humano leva a pessoa para longe dentro da mata e o deixa sem orientação. Nessa indefinição está a percepção de nele haver formas de ser humana e bicho. A característica humana é deduzida pelos aspectos físicos marcas do pé: *O pé doCurupira é todo de uma criança! Tem os cinco dedos certinhos. Tem o dedo grande e todos os outros. E outra coisa que o calcanhar dela é pra frente e é só já um pé, com os dedos pra traz e o calcanhar pra frente.*

Apesar de João Irlei trazer o elemento físico para caracterizar a parte humana noCurupira, o pensamento transparecido em sua percepção na relação que estabelece no espaço da mata diz mais na minha percepção sobre a dele. Ele está o tempo todo procurando distinguir o humano e o bicho nos cantos dos pássaros. Depois ao se deparar com a onça ver nela o caçador que ele mesmo é. Seu recuo com o arco e flecha sem virar as costas para ela até chegar a canoa e pegar a espingarda pode ser entendido como o afastando do animal que ele pode ser na percepção da onça. Nesse recuo também está a imagem de uma passagem daquele indígena de arco flecha antes do contato com os não indígenas e o indígena que pega a espingarda após o contato se apropriando das tecnologias não indígenas. Dentro dessa percepção o animal para o qual ele não vira as costas, assim como não vira as costas para suas tradições, o indígena antes e depois do contato comportam-se nele. Ele pode ser percebido como um animal pela onça e ele pode ver a onça como caçadora, ele pode agregar no seu modo de ser o indígena de antes e o de agora no contexto do seu modo de vida no espaço do seringal.

Sobre aCurupira de acordo com as narraçõesque os mais velhos nos contam desde quando somos crianças corresponde com a descrição feita por João Irlei, para nós da Amazônia ela é um ser da mata que malina dos caçadores ou daquelas pessoas que estão andando na mata, geralmente quando caça para além da necessidade, ou simplesmente por estar caçando algum animal da mata. Na narrativa de João Irei os sinais doCurupira é visto por ele enquanto estava caçando:

Caçando com seu menino aqui pra trás, muito longe daqui, eu e seu João Marx, eu na frente e ele atrás, chegamos ao final de um braço que tem esse

estão presentes nas narrativas que fazem parte da tese, talvez por terem ao logo tempo se perdido, pois muitas das histórias passadas de geração a geração passaram pelo filtros dos tabus cristãos e acabaram por deixar de ser mencionados. Isso pode ter acontecido com a forma de como oCurupira é visto pelas pessoas das comunidades que fazem parte da pesquisa ou pode ser mesmo resultado da própria variação das histórias de acordo com cada comunidade narrativa.

igarapé que passa aqui em frente de casa, o Jamari, as características do lugar onde as marcas da Curupira é vista lembra os lugares encantados: pra lá assim, no final é um buraco grande cheio de areia, lá tem tudo quanto é lugar de pé de bicho. Ai lá aparentava o pezinho dela. Pezinho mesmo! Só que o pé tava pra trás de nós. Vindo no sentido daqui da onde a gente mora. Eu disse: - Rapaz vamos embora! Ai nós saímos de lá de onde nós tava e viemos embora dando a volta pelo outro lado. (Narrativa João Irlei)

Lugar encantado conforme a tradição oral das comunidades que fazem parte dessa pesquisa é um lugar onde aparece misuras, visagens, seres protetores, espíritos que cuidam da natureza, como no caso da Curupira, animais em forma de gente, ou gente em forma de animal. Esses lugares podem ser sagrados ou que apresentam fenômenos que vão para a compreensão espiritual. Nesse lugar onde foi visto as marcas do pé da Curupira é no final de um igarapé onde tem um buraco grande cheio de areia e que tem tudo quanto é marcas de pés de bichos. Essas características são comuns nas contações dos mais velhos sobre seres encantados, de visagens, de assombrações.

A outra situação que João Irlei, também conhecido por Maga se refere a Curupira é a do amigo que disse que ia caçar por perto, sem se afastar do lugar onde ele e sua esposa estavam coletando castanha: *Um amigo meu, o filho desse seu Chagas, ele rodou ai. Tava eu com essa Dilene ai ajuntando castanha, ai ele passou perto de nós e disse “Maga eu vou ali, mas eu vou só aqui perto de vocês e já venho mimbora.” Foi com o cachorro dele. Ai umas dez horas nós viemos embora eu com a Dilene, ele ficou pra lá, o cara ficou pra lá olha! Muito tempo. A pessoa que foi encantada pela Curupira, embora estivesse perto do caminho para sair da mata, não conseguia encontrá-lo, pois segundo fica subentendido na narrativa, a Curupira a deixou desorientada: Ai quando foi umas quatro horas da tarde eu pensei que o cara já tinha subido pra casa dele, o rapaz já vinha quase morto varando ai: “Maga eu rodei perto, rodei lá no caminho perto de vocês eu não sei o que aconteceu e agora que eu vim varar e bem pertinho do caminho! Não conseguia varar e só varei nesse horário.”* A indicação de que foi a Curupira que deixou o amigo de Maga desorientado foi dada pelo próprio narrador do acontecimento: *Isso ai é uma fera que a gente pode dizer que existe e por causa dela não é confiável você andar só na mata. E outra coisa também que nós leva a temer, até mesmo, porque nós seres humanos somos falhos, mas a gente põe Deus em primeiro lugar na nossa vida que ele nos livra desses perigos. [...] Então, existem essas experiências nossas aqui no mato que já temos conhecimento porque nascemos e se criamos aqui.* Na própria

narrativa de João Irlei está a afirmação de que a Curupira não é um ser sobrenatural como algo estranho ao mundo que as pessoas habitam é um ser que habita o mesmo espaço que o humano, por fim é caracterizada como uma fera e sua existência é conhecida por meio da experiência de andar na mata feita pelas pessoas que nasceram e se criaram na comunidade.

Na minha primeira vivência no Uruapera em 2011 quando tive a oportunidade de ouvir todos os dias uma narração das coisas vistas e vividas por seu Joaquim e por outras pessoas de sua comunidade que ele atualiza em sua memória, soube da experiência que o irmão da minha avó, o tio Pedro teve no tempo que esteve no seringal do Alto Rio Branco, onde trabalhava junto com seu pai, seringal que Izolina também se refere em sua narrativa.

Na manhã de 22 de Setembro de 2011 na casa da dona Maria e seu Joaquim após o café as mulheres iniciaram os serviços da casa, quando recebemos uma rápida visita de Dona Laura, irmã da Dona Maria e prima por parte de mãe da tia Cila, falamos da janta que eu, a mamãe e minha prima Janilse fomos na noite anterior na casa do Pedro, primo da mamãe. Falamos que comemos nanbu e mencionamos as histórias que foram contadas durante a janta. Dona Laura não demorou muito e foi para sua casa que fica para o lado da frente, as margens do lago, foi cuidar de seus serviços e nós continuamos o nosso. Eu continuei a limpeza da casa e Dona Maria, a tia Cila e Janilse foram para o porto do igarapé lavar roupa, a mamãe ficou comigo. Quando terminei a limpeza da casa e estava me preparando para ir para o garapezinho o Adelson, meu primo e seu Joaquim chegaram do trabalho que estavam fazendo de consertar a cerca. O Adelson preparou um pedaço de Araticum com leite e eu comi com ele, a mamãe também comeu um pouco. Foi a primeira vez que comi essa fruta, é muito gostosa, ela é azedinha parece o biribá, mas tem um azedo mais forte que dá outro gosto do biriba.

Depois eu e a mamãe fomos para o igarapé onde estavam as outras mulheres da casa. Enquanto dona Maria e tia Cila terminavam de lavar a roupa eu e a mamãe ficamos mais para baixo cavando e tirando as folhas do pequeno igarapé, para ficar melhor para tomarmos banho nele. A Janilse subiu primeira para casa, pois estava sentido a cabeça pesada e foi para a rede se deitar. Depois as outras duas subiram e eu e a mamãe ficamos mais um pouco para tomar banho.

Voltamos para casa o almoço estava quase pronto. Depois de me trocar fui para minha rede na sala, estava conversando com Adelson, logo nos chamaram para

almoçar. Nossos almoços eram sempre peixes cozidos, fritos e algumas vezes assados, todos servidos juntos. Nesse dia eram cozidos e fritos. O tempo da refeição se prolongava com as contações de histórias, dessa vez o tema das contações foram sobre pessoas que somem na mata, a primeira história contada por seu Joaquim e lembrada e confirmada por minha mãe, foi sobre a vez que o tio Pedro sumiu no mato:

Sumiço do Pedro no mato

Uma vez quando o Pedro trabalhava com o pai dele num seringal no Alto Rio Branco ele foi caçar e daí se perdeu no mato. Ficou uma semana perdido. Quando completou oito dias que ele tinha se perdido e estava perdendo a noção dos dias ai ele saiu numa capoeira. Ele tinha visto um claro, era uma roça, ai escutou o cachorro latir e o galo cantando ai ele foi no rumo. Era uma aldeia, era só índios que moravam lá. A sorte dele que ele falava uma língua indígena e ai ele saiu na beira e gritou. Vieram ver o que era e ele falou o que tinha acontecido. Esses índios já eram civilizados já entendiam a linguagem que o tio Pedro estava falando. A roupa dele estava com a roupa rasgada ele estava quase nu. Deram roupa para ele, ele tomou banho e deram comida para ele. Ai um índio foi deixar ele na colocação que ele estava, gastaram só um dia de viagem para chegar lá. Quando chegou lá estava todo mundo preocupado com ele, tinham saído pra procurar ele, já tinham falado para o patrão dele, mas não tinham encontrado ele. (Registro caderno de campo: Joaquim, Uruapera, 2011)

Nessa narração além de ser afirmada a ação da Curupira sobre o caçador, também há a os elementos que expressam a constituição do espaço do seringal e da aldeia, entre esses dois espaços a mata, espaço dos espíritos protetores dos animais, o caçador que é seringueiro, mas tem origens indígenas, sabe falar uma língua indígena, ao ter se perdido a noção dos dias encontra um rumo seguindo a clareira que leva ao roçado indígena escuta sons conhecidos, latido do cachorro e canto do galo, sons que também são ouvidos no espaço do seringal, encontra uma aldeia, faz uso da sua língua indígena para se comunicar com os indígenas, mas o reconhece como “civilizados”, por terem entendido sua linguagem e por não o terem matado, provavelmente vestiam roupa, pois deram roupa para ele, os elementos da civilização apontados são esses, pois nos espaços de seringais, lá mesmo no Uruapera, quando se referem a índios selvagens estão se referindo aos indígenas que não falavam o português, não vestiam roupa e quando se deparavam com um desconhecido, se escondiam, ou o matavam. Essa concepção de selvagem está presente de forma direta na narrativa de Francisca e de João Irlei. Para mim essa história do sumiço do tio Pedro no mato diz muito sobre a formação dos espaços: seringal e aldeia, das relações estabelecidas entre os habitantes desses dois espaços e do afastamento, diferenciação do seringueiro e do indígena e ao mesmo tempo do

encontro e identificação. De um lado o seringueiro mais inserido na cultura não indígena, falava português, vestia roupa, trabalhava no seringal, mas que tinha a prática cultural indígena, falava uma língua indígena e praticava a caça no mato. Do outro lado o indígena, no espaço da aldeia, que se depara com o seringueiro e estabelece comunicação com ele, entende sua linguagem, o acolhe dando roupas a ele e alimento e o conduz de volta para seu espaço. O contraste e o encontro se dá por o seringueiro saber falar uma língua indígena e os indígenas entenderem a linguagem do seringueiro, que é o português atravessado pelo tupi, presente ainda hoje na linguagem amazônica.

Essa linguagem amazônica que configura um mundo cultural está presente no conhecimento dos seres da mata dentre eles a Curupira percebido na vivência das pessoas com quem interagi e que fazem parte da comunidade de Nazaré. Em Julho de 2015 retornando de barco de Nazaré para Porto Velho, após o festival cultural que acontece todo ano nesse período realizado por Timaia, sua esposa Leíta, seus filhos, irmãos, demais familiares e amigos de Porto Velho que vão contribuir com a produção do evento cultural, tive a oportunidade de ter um momento de conversa com meus primos Túlio e Teimar sobre nossas infâncias. Era a noite e estávamos na proa do barco do segundo andar, eles contaram algumas histórias de assombração e de encantamentos, dentre elas a do cavalo que todos escutavam passar de madrugada, mas ninguém tinha coragem de sair de dentro de casa para olhar o que era, ficavam todos assombrados, porque pela manhã viam as marcas da pata do cavalo e não havia nenhum cavalo na comunidade. Túlio contou de uma namorada que uma vez pulou da janela de casa e ia se jogar dentro d'água e sua mãe consegue segurá-la a tempo quando já estava na beira do barranco e a menina disse para a mãe que era o Boto que a estava chamando. Em determinado momento eu me assustei porque estavam contando uma história de assombração e eu estava prestando atenção quando o Teimar mudou a voz e tocou em mim me assustou, rimos muito com meu susto. Nessa conversa o que mais me chamou a atenção foi eles contarem uma história sobre a Curupira acontecida recentemente em 2014 durante a inundação que ocorreu na comunidade.

Durante a inundação ocorrida em 2014 no rio Madeira que as comunidades afirmam ser causada pelas hidrelétricas e o governo e as hidrelétricas a justificam como fenômeno natural, segundo Túlio e Teimar houve o desaparecimento de um menino que é amigo da sobrinha deles, a filha caçula do Timaia, irmão deles, na

faixa etária de aproximadamente 17 anos. Todos estavam o dia inteiro procurando o menino, até no final do dia próximo ao igarapé Correnteza, que estava cheio, havendo apenas uma restinga de terra e mato, a sobrinha deles ouviu um assobio vindo dessa restinga e reconheceu que era o assobio de seu amigo e assobiou de volta e o menino retornou o assobio, havendo essa comunicação por meio de assobios entre os dois foi possível localizá-lo. Segundo ele, se perdeu ali naquele pedacinho de mata e não conseguia sair. As pessoas disseram que era aCurupira que tinha encantado ele. Esse lugar onde ele desapareceu nas proximidades do igarapé Correnteza fica em frente à casa que era da Maria de Nazaré que na época estava submersa pelas águas. É o lugar munganhento que ela se referiu em sua narrativa.

A memória oral sobre aCurupira também está presente na música do grupo Minhas raízes, grupo formado inicialmente por Timaia, seus irmãos Túlio, Teimar e Taiguara, seus filhos e filhas, sobrinhas, e algumas crianças da comunidade. Atualmente, mantém-se no grupo apenas Timaia, seus irmãos, filhos, filhas e sobrinhas. No primeiro CD do grupo que tem o nome “Minhas Raízes” faz parte do CD uma música sobre Curupiara:

Curupira

Curupira vem chegando, eu vi lá na capoeira.
Assustando todo mundo, vem atrás da fumaceira.
Joga a porronca menino que ela ta sentindo o cheiro.
Menino saiu correndo, foi correndo foi de beira.
Pego não pego menino foi parar no Culhereira.
Ele se perdeu na mata não sabe voltar ligeiro.
(Timaia dos Santos, Silvia Helena e Túlio Nunes,
CD 1 Minhas Raízes em cada som uma História – 2004).

O registro dessa música faz parte da atualização da tradição oral viva na comunidade, o temor aCurupira, a relação do gosto que ela tem pelo fumo são mantidos. A literatura Amazônica traz uma variação do registro da tradição oral sobre Curupira, são diferentes narrativas, mas a relação doCurupira com o caçador é mantida seja de oposição ou negociação.

Na revista do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas há um registro de uma narrativa sobre oCurupira que faz parte da tese de Jorge Tufic com o título “Literatura Amazonense: Uma Proposta de Linguagem (ensaio)” (1986), publicada na referida revista. O autor levantou a questão se há literatura amazonense e se propõe levantar a contribuição do lendário amazonense reunidos pelos etnólogos e

através de pesquisas nas áreas do Solimões, Amazonas e Rio Negro. Sua preocupação é perceber se há literatura amazonense ligada dialeticamente a uma realidade sócio-cultural própria da região, levando em consideração os contextos de produção e a partir daí discutir se há uma linguagem perdida considerando a cultura milenar e a relação entre os colonizadores e os povos indígenas, tendo em vista, para ele:

Essa cultura, antes do massacre de 300 anos ⁴⁰ valorizada e estudada pelos etnólogos do século dezenove, recolhida em parte no que ainda conserva de genuíno, transmite, sobretudo hoje, a certeza de que a literatura amazonense, riquíssima de motivos pitorescos, mistérios e riquezas naturais inesgotáveis, ainda não encontrou sua linguagem própria. Esse elemento regional inconfundível, esse “idioma” que os “nheengatus” empregaram para revelar a beleza e a sabedoria de seu mundo, continua desconhecido, quebrado que foi esse elo da corrente subjetiva entre o colonizador e o colonizado. Aquele, porque tinha necessidade de braços, e este porque seu mundo estava mais para o mágico, o analógico, do que para o lógico ou a lógica do branco. (TUFIC, 1986, p. 79-80)

Embora não pretenda discutir sobre literatura amazônica trouxe presente essa referência por concordar com a necessidade de recuperar na literatura amazônica o “idioma” do tupi mantido por meio do nheengatu e do tupi kawahib e outros subgrupos do tupi presentes na Amazônia, bem como do linguajar em português com interferências do tupi e possíveis línguas isoladas ou vestígios das que eram faladas por Povos Indígenas que não faziam parte do tronco Tupi, não como elemento pitoresco, mas como valorização da perspectiva da palavra, do falar, do entender o mundo, da literatura indígena presente não apenas nas terras indígenas demarcadas, mas também nas demais populações que habitam às margens dos rios e logos da Amazônia. Discordo da justificativa colonial dada pelo autor, pois à medida que afirmamos que o contato do colonizador com os Povos Indígenas se deu por necessidades de braços, estamos justificando todo o processo de genocídio e etnocídio indígena, mesmo que pelo contexto do uso do termo pelo autor, provavelmente não tenha sido esse, mas acho necessário enfatizar a diferença da perspectiva de leitura de mundo do colonizador e dos Povos Indígenas.

Além da citação da tese de Jorge Tufic publicada na revista de Literatura Amazonense, é relevante mencionar uma narrativa presente em sua tese sobre Curupira para demonstrar que mesmo, havendo o envolvimento da esposa e do

⁴⁰ Essa contagem tem com referência ao ano que escreveu sua tese que foi publicada na revista do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas em 1986.

filho do caçador -como acontece com amigo do João Irlei -, há um ensinamento do Curupira ao caçador, embora o último seja devorado, ficando quem sabe o ensinamento para outros caçadores.

Na oralidade alguns falam *o* ou *a* Curupira, na narrativa supracitada o gênero da Curupira vem no masculino. Nela, o Curupira tenta enganar a mulher do caçador devorado por ele, mas ela, mais esperta, consegue escapar com a ajuda do sapo. Nessa narrativa e na de João Irlei o ser Curupira é visto como um ser capaz de prejudicar as pessoas, que malina, as deixando perdidas na mata e também capaz de fazer o que quiser com as pessoas, como diz João Irlei que o denomina como fera, aconselhando que as pessoas não andem sozinhas na mata para não serem malinadas. O alerta feito por meio da tradição oral nos dias atuais no Uruapeara é de que se tome cuidado com o ser Curupira e em Nazaré, por meio da música, é um alerta para o menino, como se fosse um interdito para os meninos não fumarem sozinhos na mata e não esperarem anoitecer para não serem pegos pela Curupira.

Na música do grupo “Minhas Raízes”; no caso contado por João Irlei e na narrativa registrada por Barbosa Rodrigues, permanece um caráter de lição dada pelo Curupira ao caçador, mas há registros em literaturas recentes do Estado do Pará em que o Curupira pode ser não só protetor dos animais da floresta, mas também pode fazer acordo com o caçador de não fazer nada contra ele em troca de fumo. A relação do caçador e o ser Curupira sai da oposição e passa para a de negociação.

O livro *Isso tudo é encantado*, organizado por Florêncio Almeida Vaz Filho e Luciana Gonçalves de Carvalho (2013), apresenta narrativas retiradas da oralidade em que aparecem as relações de negociações entre caçador e Curupira. São exemplos as narrativas “O Curupira no caminho” e “Acordo com o Curupira”.

Na primeira, é possível ver um tempo mecânico, marcado mecanicamente pelo relógio que determina o horário em que o sujeito deve ir embora do bar para a casa, mas com outra temporalidade acontecendo, o Guilherme Floriano se refere ao tempo da cachaça, de quando ele tomava umas cachaças bem grandes, do encontro com os amigos que é interrompido pelo tempo do relógio para retornar a sua casa onde sua esposa lhe espera. Mas a hora marcada são seis horas, a hora em que não se pode estar ou passar em determinados lugares, como na mata ou perto dela, na beira de rio, lago ou igarapé, conforme nos é ensinado desde criança em casa por nossas famílias, nessas comunidades entre os rios e as florestas. Os dois lugares marcados que aparece o Curupira são desses lugares, na primeira vez o Curupira aparece no caminho onde tem

uma casinha, a bicicleta entra no mato e vai para o caminho. Na segunda, vez aparece bem no lugar onde tem uma samaumeira grande. Como na narrativa do João Irlei as características do lugar indicam os sinais do aparecimento de um espírito ou ser encantado. A forma que João Irlei descreve o lugar onde viu as marcas do pé da Curupira vai dando o sinal que ali é um lugar encantado, pois fica no final de um braço de um rio onde tem um buraco grande cheio de areia.

Na narrativa “Acordo com a Curupira” aparece a figura do Jurupari, que chega na beira do igarapé e vai até a Curupira que estava perto da sapopema, onde sempre batia pena. Há o duelo entre os dois seres, um que é da mata e o outro, que segundo narrativas indígenas faz parte do mundo no fundo das águas, aqui ele aparece na beira do igarapé e no espaço da mata de onde é expulso pela Curupira. No romance *Maíra* de Darcy Ribeiro (1993, p. 97, 101) Jurupari aparece no meio do funeral de um tuxaua do povo Marium. Depois de um dia e uma noite de funeral, aparece o Jurupari que amedronta as mulheres, pois não podem olhar o Jurupari ou serão punidas por ele e também por terão seus filhos maiores levados. No romance tudo é um ritual para marcar a passagem do menino para homem, onde é revelado a ele que os Juruparis são os próprios homens da aldeia e, após ser selado o segredo, voltam à aldeia para celebrar seu ritual de passagem.

Em *Vasos Sagrados*, Santos (2010) reconta algumas histórias indígenas, dentre elas a origem do Jurupari, que é um ente de origem mista e um legislador. De acordo com a autora, ele foi associado pelos missionários católicos ao demônio, como sendo um espírito do mal. Para ela, essa associação feita ao Jurupari “se dava ao fato de que, por se dizer que era filho de uma virgem e que trazia aos homens novas leis, ameaça a sabedoria da crença no Deus salvador cristão (de características aparentemente semelhantes às do filho do sol), que os religiosos sempre quiseram impor aos índios”. (SANTOS, 2010, p. 94) Essa deturpação aos encantados indígenas feita pelo cristianismo também está presente na imagem construída antes pela instituição igreja católica e atualmente também pelas Igrejas evangélicas.

Apesar das imposições do cristianismo os encantados se mantêm vivos. Na narrativa do acordo com a Curupira o Jurupari é um ser como a Curupira⁴¹, existe no espaço da mata e da água, pois estava na beira do igarapé e foi adentrando a mata até a

⁴¹ No livro “Isso tudo é encantado” (2013) Florêncio Almeida um dos organizadores do livro e autor das notas e texto de apresentação das narrativas contidas no referido livro, explica que, segundo os relatos que escutou, as pessoas se referem ao Jurupari e ao Mapinguari como se tivessem as mesmas características, ou como se fossem o mesmo ser terrível e perigoso. Segundo ele, as pessoas que ele ouviu usam mais o termo Jurupari do que Mapinguari. (FILHO, CARVALHO, 2013, p. 25)

árvore sapupema onde estava aCurupira. O seres da mata e das águas existem para as pessoas que habitam nas margens dos rios e nas florestas, nas vilas, nas aldeias, nas comunidades e até nos núcleos urbanos amazônicos. Esses seres espirituais estão inserido no mundo que os humanos habitam, uns apenas sentidos, outros vistos. Mesmo o João Irlei que é evangélico que incorporou outras crenças mantém sua crença na existência doCurupira: *“Isso ai é uma fera que a gente pode dizer que existe e por causa dela não é confiável você andar só na mata. E outra coisa também que nós leva a temer, até mesmo, porque nós seres humanos somos falhos, mas a gente põe Deus em primeiro lugar na nossa vida que ele nos livra desses perigos”*. Para ele a forma de se proteger daCurupira é se apegando a Deus, para os outros das outras narrativas do *Isso tudo é encantado*, é oferecido uma cachaça, um cigarro, ou pedem ajuda de outros animais da mata como a mulher que teve o marido caçador devorado pelaCurupira e escapou dela com a ajuda do sapo.

Além daCurupira os homens se deparam correntemente na mata com as onças. Assim como o João Irlei recorre a sua habilidade do homem da floresta para se livrar da onça com seu arco e flecha e sua espingarda, Manel Benigno também teve que ser esperto para escapar dela também:

[...] se não tivesse um pau, uma árvore bem grande lá, tinha me comido, mais eu rodei atrás do toco daquele pau que chega ficou limpinho aquele chão, umas duas vezes eu bati nela com a coronha da espingarda, porque ela quase pegava na minha cara.

Eu dei quatro tiros nela, naquele tempo a pólvora preta ai ficava um fumaceira e ela ficava atordoada, na conta dos quatro, acertei um nela, tinha um pau caído lá ai eu fui me virar pra me defender, bateu na minha perna eu cai e ela pulou por cima de mim ai eu só fiz rolar no chão e atirei, ela deu um terrível de um miado, entrou debaixo de uma palha, pensei que ela tinha morrido, mas rum... Ela correu foi embora só tava o sangueiro lá. (Narrativa Manel Benigno)

Manel Benigno apresenta duas espécies de onça, a pintada e a branca pequena, chamada de Arapucaia. Fala da brabeza da onça branca e de tê-la matado para se defender, menciona estar com outras pessoas, pois diz : *a bicha botou mesmo pra comer nós*, mas com a onça pintada o duelo foi só ele e ela; na sua narrativa, há o detalhamento desse duelo e o jeito que ele escapou da onça indica uma estratégia de sabedoria tradicional que também estão presentes em outras narrativas que fazem parte da tese e de outras que conheci vindas de diferentes lugares da Amazônia, dos espaços de seringais, de aldeias e demais comunidades às margens dos rios.

Nessas narrativas é apresentada uma estratégia para escapar da onça como fez Manel Benigno: ele se valeu de uma árvore bem grande, em torno dela rodou várias

vezes até ficar limpinho o chão, bateu duas vezes na onça com a coronha da espingarda, escapando dela pegar na sua cara, deu quatro tiros nela e a deixou atordoada com a fumaça, no quarto tiro ele a acertou, mas ao se virar para se defender tropeça num tronco de árvore caído e vai ao chão e a onça pulou por cima dele e ele só fez rolar no chão e atirar, ela deu um terrível de um miado, entrou debaixo de uma palha, ele pensou que ela tinha morrido, mas não... Ela correu, foi-se embora e deixou o sangueiro lá. Ele levantou tremendo de medo, ainda com a sensação que a onça estivesse com ele, aí correu para beira de um igarapé e chamou os outros homens e foram atrás para ver se a encontravam e tiraram o coro dela e da outra que havia matado, pois havia comercialização do coro da onça, embora ele justifique que matou as duas onças porque foi atacado, escapa com vida e aproveita para utilizar o couros delas para comercializar.

A luta de Manel Benigno não é uma luta em que o homem enfrenta de frente a onça, ele tem que contar com a sorte e a esperteza para escapar dela, dar várias voltas em torno da árvore, deixá-la desorientada com a fumaça do cartucho da espingarda e ser rápido, cair e atirar. Todas essas estratégias me fizeram lembrar de uma narrativa que conheci lá na Ilha de Marajó num trabalho sobre memória e identidade na Amazônia que desenvolvi por meio de um mini curso com os alunos da Universidade Federal do Pará, os quais são de espaço que atualmente se configuram politicamente como quilombos onde há memórias de vivências indígenas, a narrativa que estou me referindo foi apresentada por Marivaldo Alves dos Santos⁴², orientando da professora Antônia Fernanda de S. Nogueira da UFPA, Campus Breves. Sua proposta foi identificar na narrativa do Quilombo Maria Ribeira (Gurupá-Pará) elementos de origem indígena:

Um dos moradores do Miritituba era o senhor Tiago, ele era caçador e tinha costume de caçar nos dias de domingo. Certa vez, ele se arrumou para ir caçar em uma ponta de terra que ficava muito longe do local de onde morava com sua mulher e seus filhos, pois, sua esposa não queria que ele fosse pra esse local, mas ele insistiu tanto e foi sozinho, chegando em um certo ponto, ele avistou uma árvore grande caída, chegando para perto ele avistou um grande buraco de onde vinha barulho estranho, ele foi e avistou duas onças tapeúara, olhando direto para ele, ficou apavorado e com muito medo, porque, embora esse tipo de onça não suba em árvores. Elas andam de par para fazer revezamento. Quando uma presa sobe em árvore, elas só saem do local quando a presa desce e assim elas a devoram. Ele não podia, então, subir na árvore para fugir. Então pensando que iria ser devorado pelas duas feras e sem saber o que fazer, desesperado, Tiago lembrava intensamente de

⁴²Seu trabalho foi publicado na revista eletrônica Zona de Impacto ISSN 1982-9108. Ano 17, Volume 2 – julho/dezembro, 2015. p. 43-51. Dossiê: Identidades Marajoaras: Reflexões sobre quilombo, indianidade e história na região da Ilha do Marajó.

sua família e, em especial, de sua mulher que não queria que ele fosse caçar, então lembrou de todos os Santos e fez uma promessa para Nossa Senhora da Conceição, que se ele saísse vivo daquela situação nunca mais caçaria nos dias de domingo. Então, surgiu a ideia dele sair correndo e dando duas voltas nos troncos das árvores para tentar enganar as feras que de certeza iriam atrás dele. Correu, correu, até chegar à cabeceira do igarapé Gurupá-Miri, chegando lá, ele pediu água e comida na casa de uma senhora chamada Maria da Glória que também era escrava, depois de descansar por alguns minutos contou o que tinha acontecido com ele.

Devido ter saído correndo apavorado, suas roupas estavam todas rasgadas, então deram roupa para ele, em seguida ele retornou ao Miritituba, local onde estava sua família que já estava apavorada com sua demora para o mato. No início da noite chegou ao local onde sua família estava, contou o que aconteceu e convidou toda a família para ir o mais rápido possível para o casarão que ficava no local chamado de Nazaré, esse casarão era feito de barro, e pertencia à família da senhora Lipordina.

No momento da saída, uma senhora por nome Lucrécia, apavorada com a notícia, desatou a rede somente de um lado e a colocou no paneiro (objeto redondo, tecido de talas de Urumã). Estava com tanta pressa que saiu correndo, esqueceu que o outro lado da rede ainda estava amarrada, e a mesma puxava ela para trás, a senhora gritou apavorada por socorro, achando que já era a onça. Ao ouvir os gritos os homens voltaram para verificar o que estava acontecendo com a Lucrécia e perceberam que não era a onça, era somente a rede que ainda estava amarrada, então um deles avisou que não era a onça, era a rede que estava amarrada. Resolvido o problema seguiram viagem até chegarem ao Nazaré por volta das 22:00h. Em seguida, ouviram os estouros das onças da onde tinham vindo.

Ao amanhecer os homens se armaram com espingardas, rifles, facões e cassetes e foram até o Miritituba, onde ficava a casa do senhor Tiago, chegando lá não encontraram nada, foi aí que decidiram não morar mais em locais distantes e sim fazer suas casas uma próxima da outra, e assim, foi surgindo o vilarejo Guajará-açú (atual Maria Ribeira).

(Essa história foi contada pela senhora Maria Seara Serra, de 93 anos moradora do quilombo Maria Ribeira 15/11/2014 In SANTOS, 2015, p. 45).

Essa narrativa é uma explicação da origem da localidade Maria Ribeira que se afirma como Quilombo baseada numa história do Brasil sobre a formação dos Quilombos e na tradição oral local, especificamente do Gurupá, de acordo com o autor: “Os negros fugiam para as matas, se juntando com os indígenas em um local que com o passar do tempo se denominou de Quilombo, esses locais eram distantes dos engenhos, e também de difícil acesso” (SANTOS, 2015, p. 44).

Segundo Santos (2015) Os lugares denominados até os dias de hoje como Miritituba, Caridade, Capoeirão, Nazaré, Inácio, Velho Isídio, Felícia, Mariana entre outros locais, são os que hoje compõem o Quilombo Maria Ribeira. Estando em Marajó pude constatar que a presença indígena é invisibilizada e a política de resistência se dá por meio da formação de Quilombos, nesses quilombos há uma cultura indígena que se matem por meio da tradição oral como é possível perceber nas narrativas apresentadas pelos alunos que apresentaram seus trabalhos de final do curso de graduação oferecido pela Universidade Federal do Pará. Esses trabalhos

foram reunidos e publicados no dossiê Reflexões de Quilombos, indianidade e história na região da ilha do Marajó, na revista Zona de Impacto, julho/dezembro de 2015.

Dessas Narrativas trouxe a que envolve o caçador que escapa da onça que se utiliza também da estratégia de dar voltas em torno de árvore e também chega até a beira do igarapé, como o Manel Benigno, mas o que o livra não é apenas a esperteza nem a sorte, mas a proteção espiritual que esses homens devem ter se apegado.

Manel Benigno não chega a falar que se apegou a algum protetor espiritual, mas João Lobato, que também escapou de uma onça ainda jovem quando estava na mata para extrair o leite da seringueira, revela que tem uma proteção que o livra das coisas, mas isso ele não conta inicialmente quando narra sobre essa experiência com a onça, ele revela essa proteção posteriormente chegando a mais da metade de sua narrativa onde conta sua experiência de vida.

A bicha fez aquele ronco pra aparar o pau e eu sai pra trás e ela saiu atrás de mim correndo e eu correndo... Correndo e ela em cima de mim rasgou a minha calça todinha... Só não me pegou porque Deus não quis mesmo! E eu subi num pau, mas o pau era muito pequeno... O pouco que fiquei me aguentando no pau já me ajudou, eu lá no pau e ela embaixo rosnando equando ela se alevantava pra mim pegar eu levava a faca de seringa pro rumo dela pra riscar a cara dela, pra ela parar de pular... E o rapaz que trabalhava perto de mim estava por lá por onde ele tirava o leite da seringa... Eu gritando... Gritando... Ele respondeu lá pra onde ele estava... Ai eu chamei e ele veio... Mas eu pensei que ele estava com a espingarda...Ele não estava... Ai ele varou lá comigo... Ai ele disse: “Cara o que é isso?” Eu disse - Olha aí a onça! Ele disse: “Vamos embora desce que eu vou furar ela.” Ele saiu com um toco de uma faca... Eu digo: - Rapaz eu não vou descer não que tu só tá com um toco de faca! Chega eu estava tremendo de medo, mas aí o pessoal lá tiram aquelas lasca de pau pra fazer hastes para pegar o pirarucu... E tinha aquelas lapas de pau, assim, eu peguei uma daquelas... E ele focou a lamparina e a bicha estava sentada, quando foi pra furar ela...No que ele meteu a faca, assim, Ram... Ela só fez pular de banda e não pegou nela não... Também ninguém num viu mais nada! Ela sumiu e eu fiquei com medo... (Narrativa João Lobato)

João Lobato, não estava com arco flecha e nem com espingarda e a árvore que ele procurou para se refugiar não era firma e nem grande e ao invés de como os outros homens que se depararam com onça, andar em círculos em torno da árvore, subiu nela, mas ela se invergou, ficando numa altura baixa. A única defesa que tinha era a faca de riscar a seringueira e ao ver que a onça estava em seu calcanhar se valeu a virgem Maria. Ele não enfrentou a onça e nem tinha armas para se defender, só lhe restou fugir da maneira que podia e quando chega a ajuda do amigo ele também não estava com armas próprias para o enfrentamento com a onça. João

Lobato com suas crenças diz que a onça só não o pegou porque Deus não quis. Ele não atribui a sorte, mas a Deus o motivo de ter escapado da onça.

Essa crença cristã está presente junto com manifestações que se aproximam dos procedimentos ritualísticos indígenas e até mesmo afros: *Antigamente, eu tinha uma oração que eu rezava... O cabra podia vim na minha direção, mas se eu enxergasse ele ai longe... Eu pegava um pedacinho de pau, um galhim de árvore e botava na minha frente e pronto ele não me enxergava, mesmo passando perto de mim, eu na frente dele e ele estava vendo uma árvore grande no meu lugar... Era oração de são João que fazia isso, mas eu deixei, não usei mais não...*

A reza é para São João, mas o ritual é indígena, pegar galho de pau e colocar na sua frente para não ser visto, está muito mais para um pajé do que para um cristão: *Minha oração é a oraçõzinha mesmo que eu inventei... Ai eu rezo essas oraçõezinhas e ai pra mim fica tudo bem... Ando por dentro das matas, vou caçar e andar, mas Graças a Deus! Nada! Nada me ofende... Ninguém me ofende, eu sou, assim, como eu estou falando...* Não só como um pajé, mas como indígena ele pede proteção aos espíritos para entrar na mata, para nada de ruim lhe acontecer durante a caça. Digo isso, porque eu mesma fui ensinada na vivência nas comunidades que faço parte às margens do rio Madeira e nas aldeias que estabeleci relações de afinidades e parentescos, a pedir para entrar na mata, navegar pelas águas, pois tem os protetores das matas e das águas. Várias situações me fizeram ver no João Lobato um vestígio de pajé ou uma maneira de ser pajé, pois além dos rituais de proteção para se defender das outras pessoas e para entrar na mata, dos sonhos que descreve em sua narrativa com o homem que ele acha que é seu guia espiritual, também pelo que sua filha Vanderlurdes fala, um de seus netos e pelo que vivenciei na comunidade.

Em sua narrativa Valderlurdes diz que seu pai que é o João Lobato é rezador: *Em Nazaré só tem o meu pai e o Anauá de rezador. Da comunidade mesmo. As pessoas procuram o meu pai é direto, o Anauá também. O papai disse que a reza dele não serve para os filhos e para os netos.* Numa das vezes que fui para Nazaré e fiquei em sua casa, na chegada ao desembarcar eu a ajudei a carregar uma saca de milho, no momento que ergui a saca senti meu braço repuxar, dor no braço como se fosse uma fígada, na carne, mas não quis falar nada, pois não quis demonstrar fragilidade. No segundo dia que estava na casa da Valderlurdes tratada por Lurdinha por todos e todas da família e da comunidade, a dor tinha se espalhando para todo o braço e as pernas prejudicando a minha respiração, ela vendo meu estado atou uma rede para que eu deitasse e foi até a casa de seu pai João Lobato dizer que eu estava ruim, ao explicar a ele o que eu estava sentido ele recomendou que ela tirasse o leite

da súcuba, uma árvore que inclusive tem um pé próximo a casa dela. Ela tirou o leite da referida árvore, cortou um pedaço de pano no formato retangular, passou o leite no pano e grudou no meu ombro e disse que segundo a recomendação do pai dela não era para eu tirar e mesmo que eu tomasse banho só ia desgrudar quando a carne se juntasse. Como dizia minha avó, foi dito e feito. O emplasto de sucuba, como chamam o procedimento feito, só saiu quando eu não sentia mais dor e senti a carne juntar novamente. Foi por esse motivo, que eu soube que sua irmã mais nova a Elzalina pegava desmentidura e que havia sido o pai delas que tinha passado esse dom para ela, para depois ela repassar para seu irmão, segundo falou Lurdinha, João Lobato não poderia passar seus dons de cura diretamente para seu filho, para isso, foi preciso ele passar para sua filha mais nova para ela passar ao seu irmão. Depois que entrevistei a Elzalina ela fala de seu dom de Cura, mas não atribui ao seu pai o repasse do dom, ela diz ter herdado de alguma mulher mais velha da família. Em todo caso houve essa menção feita pela Lurdinha.

Em outra ocasião em uma viagem que fiz para Nazaré junto com o Lucas, meu filho mais velho, ele me disse que o filho da Antônia, minha prima, que é um rapaz que é casado e se tornou pai em 2014, disse para ele numa das vezes que saíram juntos para o mato, que uma vez uma mulher da comunidade sumiu e passaram dias a procurando até que vieram até a casa de seu avô, João Lobato e pediram a ele para ajudarem a encontrá-la e foi quando ele disse que eram para irem na direção contrário do por do sol que iam encontrá-la. Assim fizeram e a encontraram. Diante dessas informações e vivências próprias vejo no João Lobato um jeito de ser pajé, ele também um dia me disse que sabe fazer rapé de pião branco com tabaco, mas quando pedi para ele me ensinar disse que já tinha esquecido. Talvez, esse esquecimento, ou esse não querer ensinar fazer o rapé seja uma forma de não querer assumir ou dar continuidade na sua pajelança, ou pode ser porque tenha perdido o sentido para ele fazer esse rapé que segundo suas filhas e minha mãe eram feitos pelos mais velhos para curar sinusite, havendo também uma terceira hipótese que pode ser a de ele não querer me ensinar fazer o rapé por ter pessoas específicas a serem ensinadas essas tradições e eu não esteja dentro dessa especificidade, como um filho ou uma filha, neta ou neto, como pode ter feito no repasse de outros ensinamentos tradicionais.

Voltando ao assunto das onças e os homens, há um caso contado por Manuel Benigno em que a onça sai vitoriosa, nesse caso trata-se da onça pintada que

segundo ele é a mais perigosa: *Vou falar uma coisa a onça pintada ela não tem medo de nada não, se ela te ver e tentar te comer, você pode está no meio de duzentas pessoas ela vai. Ainda mais se ela deixar um sinal na pessoa.*

Para comprovar que a onça pintada é a mais perigosa, conta sobre o caso que ele testemunhou junto com os outros homens que estavam trabalhando no mesmo grupo na extração da sorva:

Uma vez ela mordeu um índio que trabalhava com o compadre Cicílio, que morava bem ai logo, ele trabalhava extraíndo sorva, copaíba, ai o índio foi trabalhar com ele quando ele chegou lá no mato e foi tirar a sorva, que ele desceu da árvore, a onça tava bem lá sentada e foi partindo para cima dele.

Como era de dia ele andou dando uma lutada com ela andaram se esfregando e ela deu umas duas arranhadas nele, ai ele cortou um lado da orelha dela, cortou que ela se afastou ele correu para o varador quando ele pensou que não a bicha vinha mesmo que um cavalo atrás dele correndo atrás ai ele chegou no tapiri onde ele morava e subiu pro pau e ela tã pã pra dentro d'água veio bater na beira, já sem orelha! Se ela fosse outro bicho ela não vinha mais.

Ai ele ficou lá em cima do pau se vendo de dor, porque onde ela mete a unha sai a carne e vai levando, ai ele ficou lá em cima do pau até o pessoal chegar, quando o pessoal chegou ele gritou ai curaram por onde ele estava arranhado e era um sangue danado, arrumaram a rede dele no meio de todo mundo lá e botaram ele lá, foram fazer comida, jogaram um baralho, mas estavam cansado e foram logo dormindo e quando se acordaram foi com os gritos do índio, a onça foi direito nele.

Ela meteu o dente na guela dele que veio com queijo tudinho e ai matou ele. E corre e pula... A bicha correu! Ai o finado tio Raimundo Lago: “Colega essa onça vai comer a gente aqui.” Ai todo mundo procurou ficar num lugar alto, uns subiram no tapiri outros subiram no pau. O tio Raimundo lago tinha uma 16 e ai pegou uma balona, assim e se trepou num pau que tinha lá perto do igarapé. A prancha deles era lá e ele se pôs lá na dúvida, ele nem tava sabendo pra onde ela tinha corrido. Ele ficou lá trepado e o pessoal tudo calado. [...] Eles tinham largado o índio lá e num demora eles escutaram, tchepou, tchepou, era onça que vinha cruzando o igarapé pra buscar o índio! A imbiara dela. Quando ela chegou embaixo da árvore que o tio Raimundo tava trepado ele aluminou e a bicha parou. Ele largou-lhe a bala na cabeça, pá! A bicha tchepou dentro d'água. Ele gritou o pessoal correu lá e acabaram com a bicha. [...] A onça voltou para pegar a imbiara dela, essa é uma palavra da língua dos Parintintin, que quer dizer a presa da que a onça matou seja bicho ou gente. (Narrativa Manel Benigno)

Essa é uma narrativa forte que traz o cenário dos dias que os homens adentravam na mata para trabalhar no extrativismo. Nela encontramos a figura do indígena da aldeia no espaço do seringal trabalhando junto com os seringueiros que vivem num modo de vida indígena, mas se distingue dos Povos Indígenas que estão no espaço das aldeias. Fala da sociabilidade entre os seringueiros que passavam o dia inteiro trabalhando e antes de dormir ainda jogavam baralho, das relações de compadrio, pois Manuel Benigno se refere ao seu patrão como compadre e também

de parentesco pois tio para Raimundo que sobe no pau com a espingarda para esperar a onça. Mas o grande ato se dá entre o indígena e a onça. Ele não se utilizou das estratégias que os outros que nos seus duelos com as onças escaparam, foi para o enfrentamento direito, cortou a orelha dela e tornou-se a caça dela. A onça pintada caracterizada por Manuel Benigno como a mais perigosa porque não tem medo de ir buscar sua imbiara no meio das pessoas. Aparece o Povo que o indígena fazia parte que é o Parintimtim que se encontram no espaço da terra indígena demarcada no rio Ipixuna e da língua deles que passa a fazer parte do vocabulário para no espaço do seringal. A onça não consegue levar sua imbiara, é morta e os homens tiram seu coró para venda. Essa história sintetiza a vida dos homens no Uruapera na época do seringal na busca do sustento para a vida no interior da mata sendo ensinado pela natureza como lidar com ela.

Eu acho que o nome que dão pra essas coisas... é assombração...

A definição que Maria de Nazaré dá para assombração é essa: “Essas coisas que a gente escuta e sente, mas não vê. Para exemplificar sua definição ela fala do assombramento de João Lobato, pai de suas filhas e filho e da vez que ela sentiu uma assombração no caminho indo para casa: *Bem aí nessa baixa*, lugar que é marcado por ela como lugar munganhento como será visto na apresentação do segundo caso de assombração.

O primeiro caso que diz respeito a assombramento de João Lobato:

Uma vez ele foi caçar bem aí... Quando chegou em casa foi espantado: “Maria eu fui caçar lá embaixo da castanheira e quando cheguei lá eu escutei uma fala... Aquela fala pro lado de cima, como se fosse em cima das árvores”. Eu digo: - O que foi? Ele respondeu: “Eu não sei o que era não”... Eu digo: - Tu ficou nervoso? Ele respondeu: “Eu fiquei porque eu dei uma carreira e eu não enxerguei mais nem a popa da canoa, eu cáí foi dentro da água e puxei a proa da canoa pra mim embarcar. Era uma coisa muito estranha!” - Eu digo: Onde foi isso? Ele falou: “Foi lá na castanheira, da tua mãe”. Quando foi no outro dia passou o dia todo com dor de cabeça, ele ficou assim... assombrado... (Narrativa Maria de Nazaré)

O que Maria de Nazaré está contando é que há situações em que o caçador é assombrado. Ficar assombrado para ela é quando a pessoa escuta, sente, mas não vê ou mesmo não consegue identificar quem é ou da onde é que vem a presença sentida e se espanta. Ao não identificar fisicamente o que é perde o sentido, ou seja, entra no estado de medo, fica desorientado, perde o rumo, fica no estado que João Lobato

descreveu: “Eu fiquei porque eu dei uma carreira e eu não enxerguei mais nem a popa da canoa, eu caí foi dentro da água e puxei a proa da canoa pra mim embarcar”...O sintoma de dor de cabeça apresentado pelo caçador após o contato com a assombração indica que ele ficou assombrado. Além da dor de cabeça Maria de Nazaré descreve um comportamento que confirma o assombramento de João Lobato: *Porque dessa vez o João ouviu essa voz lá pro lado da castanheira, perto da casa da minha mãe, ficou foi dias assombrado, com dor de cabeça. Ele não andava mais, vivia triste, tristonho. A gente fazia graça pra ele, assim, ele não queria saber de nada só queria era ir pro mato.* Esse comportamento do assombrado só é quebrado pelo pajé que aparece na narrativa de Maria de Nazaré como o tio dela que era rezador: *Ai foi um vizinho nosso lá, que é até tio meu, que chamou e aconselhou ele, rezou na cabeça dele. Foi como ele largou do jeito que estava.* Aqui podemos marcar a presença do pajé que fica quase invisível na comunidade, mas aparece nas horas precisas.

O lugar da assombração é marcado: “Foi lá na castanheira, da tua mãe”. Nesse lugar indicado como lugar de assombração há uma grande castanheira, fui lá conhecer, pois minha prima Lurdinha, filha de Maria de Nazaré e João Lobato me contou que a minha avó morou lá junto comigo quando era criancinha. Lá havia a casa da tia Preta irmã dela que criava também um neto e depois que minha mãe se separou do meu pai ela e minha avó foram morar também. Fui nesse lugar junto com o filho de 14 anos da minha prima Lurdinha, o Marlon enquanto estávamos lá entre a castanheira e o lago o cachorrinho dele que nos acompanhou começou a arranhar o chão e rosnar, nos entreolhamos e ai falei - Não estamos aqui para mexer com ninguém. Senti um pouco de medo e ao mesmo tempo fiquei segura de que nenhum espírito iria nos fazer algum mal, pois só podia ser o espírito de quem já tinha habitado lá ou mesmo meu avô materno que morreu afogado naquele lago, muito antes de minha avó ter morado naquele lugar. Uma moça que estava comigo marcando os pontos no GPS dos lugares com sentido simbólico/cultural para a vida da família do João Lobato e Maria de Nazaré, ficou muito assustada, mas nenhum de nós ficou assombrado, saímos logo de lá junto com o Marlon que foi atrás dos outros cachorros que estavam acuando alguma caça para dentro do mato.

Maria de Nazaré explica que a castanheira já existia antes de sua mãe morar no lugar onde apareceu a assombração para João Lobato: *Antes da mamãe ir pra lá a castanheira já estava lá. É ali na ponta que fica bem perto do lago. Lá naquela*

ponta abaixo da casa de onde ela morava... É lá a castanheira que o João ouviu a assombração... Sei que botaram ele pra correr de lá. Esse acontecimento com João Lobato ainda hoje é lembrado por sua família o que mantém o lugar como espaço de assombração, mas não o lugar em si, pois é a castanheira que é indicada como o lugar onde se manifestou a assombração. Uma castanheira que estava lá muito antes da matriarca da família, a mãe de Maria de Nazaré.

O segundo caso de manifestação da assombração acontece com a própria narradora Maria de Nazaré:

Bem aí nessa baixa. Nós vinha chegando da reza e eu vinha com a poronga, aí gemeram bem atrás de mim. Quando nós passamos bem na tábua que atravessa a baixada ouvimos alguém que perguntou pra nós: “Onde vocês vão?” Eu ainda voltei lá pra ver o que era, mas não via nada. A Lurdinha mais a Damiana, filha dela, gritaram pra mim não ir, mas eu fui assim mesmo. Eu disse: - Eu vou voltar pra mim ver o que é e elas disseram: “Não, não, rumbora”. Aí cheguei lá rodei tudinho por lá, espiando tudo por lá, focando a lanterna, mas não vi nada não. Elas ficaram em pé lá de longe espiando, mas eu passei o dia todo assim pensando, oh! Tristonha. Sei lá... Ali Sempre corriam atrás de um... Agora não que está tudo descampado tá bom! Mas quando era mata aí era muito munganhento esse pedaço daí da baixa aí do Correnteza até na casa da ladeira perto do sítio. Eu nem sei explicar direito o que são essas assombrações. Ah eu nem sei... Eu acho pra mim que é alguma pessoa que morre. Algum espírito ruim. Só pode ser... Que seja assim... Sei lá, fez alguma maldade pro outro, que mata as pessoas... Acho que pra mim é isso que acontece. (Narrativa Maria de Nazaré)

Embora Maria de Nazaré não fique com medo da assombração e tenha voltado para ver o que era, ela também, assim como João Lobato, ficou tristonha o que indica que de alguma maneira a pessoa tendo medo ou não ela é afetada pela assombração. A maneira como ela sente o contato com a assombração a faz concluir que: *Eu acho pra mim que é alguma pessoa que morre. Algum espírito ruim. Só pode ser...* Nesse caso de assombração apresentado por Maria de Nazaré quero destacar as modificações desse lugar *que foi munganhento* onde tinha mata e *sempre corriam atrás de um*, mas que deixou de ser como era depois que foi descampado: *Ali Sempre corriam atrás de um... Agora não que está tudo descampado tá bom! Mas quando era mata aí era muito munganhento esse pedaço daí da baixa aí do Correnteza até na casa da ladeira perto do sítio.*

O desmatamento apresentado em narrativas vindas do Estado do Pará que fazem parte do livro *Isso tudo é encantado* (2013) é apresentado como causa do afastamento dos bichos da floresta, nesse caso dos bichos encantados como o Curupira e o Jurupari. “Fugir da devastação da floresta e do crescimento das vilas é

uma característica que o Curupira compartilha com o Jurupari ou Mapinguari⁴³, porém estes preferem as partes ainda mais interiores da selva” (FILHO, CARVALHO, 2013, p. 25).

Na narrativa de Maria o desmatamento é apresentado como causa do afastamento das assombrações que também pode estar interligado aos bichos da floresta, no entanto, ainda no começo dessa reflexão sobre os mistérios da mata falei do caso contado por meus primos, do menino que ficou perdido numa restinga de terra e mato em Nazaré recentemente em 2014 no período da inundação. Esse lugar faz parte justamente do espaço munganhento que Maria de Nazaré fala: *Ali Sempre corriam atrás de um... Agora não que está tudo descampado tá bom! Mas quando era mata aí era muito munganhento esse pedaço daí da baixa aí do Correnteza até na casa da ladeira perto do sítio.*

Nas duas comunidades onde vivem parentes e conhecidos da minha família materna, onde vivenciei mais as tradições, é comum ouvir as histórias sobre assombrações, as antigas e as atuais, nas narrativas elas aparecem de alguma maneira, dentre as que foram mencionadas a de Chagas que foi visitado na sua rede por um espírito de uma mulher e as que ainda não haviam sido mencionadas como no caso da narrativa de Nilce que fala de um homem que havia morrido e assombrava as pessoas no lugar onde ela e sua sobrinha ia pegar gongo para fazer isca, mas é na narrativa de Maria de Nazaré que acontece suas maiores manifestações.

Nilce fala do medo que tinha do homem que fazia assombração *Nós ia pescar lá pra dentro do Cuniã. Eu tinha medo, assim, das coisas que contavam tipo lá no Cuniã, porque o pessoal contava de um homem que fazia assombração, embora ao atualizar essa lembrança traz para seu atual contexto de interação com outros conhecimentos como o da psicologia mas assim, hoje eu acredito, no que essas psicólogas, orientadoras falam que os pais têm que passar segurança pros filhos. Eu acredito que tudo que eu sou hoje foi resultado da grande segurança que meu pai passou pra mim e a mamãe também que era corajosa.*

A crença de Nilce na existência da assombração se mantém: *Só que tinha uma coisa que eu tinha medo, assim, é que lá mataram um homem aí o pessoal*

⁴³ Segundo nota do autor do texto de apresentação das narrativas que fazem parte do livro: “Isso tudo é encantado”. Os relatos que ele escutou, as pessoas se referem ao Jurupari e ao Mapinguari com se tivessem a mesmas características, ou como se fossem o mesmo ser terrível e perigoso. (FILHO, CARVALHO, 2014, p. 25).

falava que ele ficou assombrando lá o pessoal ai tinha gente que via ele, que escutavam o remoço dele, porque ele aparecia, num sei que, porém quando sua crença na existência da visagem não é atravessada pela ciência ocidental é pela visão cristã: só que hoje em dia eu vejo, assim, que eu não duvido da crença de ninguém, mas só que a palavra de Deus diz que a gente tem que ter medo dos vivos. Eu não vou dizer que não, mas não sei se os mortos fazem algum mal... Nem por isso, a sua experiência situada no contexto das crenças da comunidade que fez parte é substituída nem pela ciência ocidental ou pelo cristianismo: Ai a gente ia pegar isca para pesca, mas mesmo assim, a gente tinha medo, mas a gente ia lá pegar aqueles caroços de babaçu pra tirar o gongo pra nós pescar...

Mesmo ainda no contexto da vivência dessa experiência do medo de assombração havia uma interferência cristã, a diferença que era um cristianismo trazido pelo catolicismo e atualmente é um cristianismo evangélico, pois ela faz parte da igreja evangélica: *e eu confiava nas orações que meu pai me ensinava, na minha crença que eles me ensinavam de que por onde a gente anda Deus está nos guardando, protegendo e eu confiava nisso. Ai eu ia assim, com medo, mas mesmo assim nós íamos, entrava, chegava lá e pegava a isca e vinha pra canoa pescar...*

A existência do espírito do morto entre os vivos mesmo com toda a interferência cristã e conhecimentos da ciência ocidental está interligada a um mundo configurado por perspectivas indígenas habitados por humanos que também podem se apresentar em forma de animais, animais que podem se apresentar em forma de gente, espíritos protetores da floresta, nesse sentido essa crença de Nilce na visagem está neste contexto do mundo onde tudo tem um sentido espiritual, todo gesto, toda palavra, toda prática, todo ritual.

Até agora só quis enfatizar junto com as colaboradoras e colaboradores que um modo de vida ligado a natureza os conhecimentos sobre essa natureza são repassados de geração a geração e por meio deles aprende-se que assim como tem os mistérios das águas tem os da terra, esses mistérios da terra encontra-se de forma predominante no espaço da mata. Sendo assim, tudo está interligado.

Começando a entrar na discussão das categorias interpretativas desse mundo que estou me referindo, tais como mito, cosmologia, sobrenatural, natural, racional irracional, dentre outras criadas no espaço acadêmico chamo para junto de mim Florêncio Almeida Vaz filho que como eu também é filho da Amazônia e procura fazer uma leitura das histórias contadas pelas pessoas que habitam os espaços entre

a floresta e os rios da Amazônia a partir das suas próprias perspectivas de expressar a realidade, como explicações para a origem e a forma como se apresentam os fenômenos naturais e sociais hoje. Para ele as contações feitas por essas pessoas as quais denomina por “narrativas míticas” “trazem as suas perspectivas filosóficas sobre a vida, a relação dos vivos com os mortos e com a natureza” (FILHO, CARVALHO, 2013, p. 18).

Coloquei entre aspas “narrativas míticas” porque apesar de considerar todo o debate acadêmico sobre essa categoria, não estou distinguindo o que é e o que não é mítico, porque as contações que escuto deste criançaacontecera sempre com alguém da minha família ou pessoas conhecidas, estão presentes no dia a dia, nos contextos da vida, por isso correspondo com a concepção de que essas contações/narrações/narrativas⁴⁴, fazem parte de *derealidades das encantarias*, penso que esta categoria corresponde mais com as contações vivenciadas pelas pessoas que se colocam a narrar sobre seus mundos amazônicos. Porque como é possível ver na forma que foi apresentada a narrativa de Davi Kopenawa transcrita por Bruce Albert no livro “A queda do Céu – Palavras de um xamã yanomami” (2015) é possível falar de um mundo específico usando suas próprias palavras, foi o que Davi Kopenawa fez: “As palavras de Omamma e as dos xapiri são as que prefiro. Essas são minhas de verdade. Nunca iriei rejeitá-las. O pensamento dos brancos é outro. Sua memória é engenhosa, mas está enredada em palavras esfumaçadas e obscuras. O caminho de sua mente costuma ser tortuoso e espinhoso. Eles não conhecem de fato as coisas da floresta”. (KOPENAWA, 2015, p.15).

Eu sou filha da Amazônia, minha família materna formada por um bisavô que veio do Pará que pode ser Mundurucu ou outro povo indígena da região e chegando no Uruapera, onde vive o grande uruá que é o pëara dos uruás formou sua família que posteriormente por meio das águas do Rio Madeira habitaram espaços às margens desse rio, Também venho do povo Mura que ainda hoje ocupa às margens do Rio Madeira.

Venho desse contexto de desterritorialização, de catequização de introdução do indígena na sociedade nacional, mas eu fui criada pela mãe da minha mãe e com ela aprendi a ouvir os pássaros, a navegar no gapapé, de canoa, no lago do Peixe

⁴⁴Estou chamando contação o ato de contar as experiências na mata, nas florestas, em outros espaços vivenciais, experiências que dizem respeito a conhecimentos tradicionais passados de geração a geração. O termo narrativa está referindo-se às contações/narrações escritas.

Boi e no rio Madeira, aprendi a respeitar principalmente o boto, pois ela me protegia muito deles. Aprendi a respeitar as florestas, os rios, os lagos, os igapós, a comer os frutos amazônicos, a comer peixe assado com farinha. Por meio da minha avó sou reconhecida como parente no Uruapera e em Nazaré. Falamos o que é definido como língua portuguesa, mas temos nossas próprias nomações das coisas e também utilizamos a palavra da língua portuguesa para significar uma linguagem própria, por esse motivo, vou buscar até onde for possível as nossas próprias palavras para dizer desse modo de vida que é viver ligado a natureza que é um modo de vida que cada vez mais vem sendo desconsiderado pelas economias capitalistas, pela ciência tecnológica não indígena, contrária aos povos indígenas e demais populações tradicionais. Por isso, habitar às margens dos rios e lagos e saber lidar com a natureza é uma forma de resistência ao modelo de vida que vem sendo imposto desde os primeiros tempos coloniais aos nossos dias.

Florêncio Vaz Filho citando Brotherton(p. 289) afirma que os mitos amazônicos estão bem vivos após séculos de negação e desprestígio é quase um milagre. E aí estão com suas lições para sustentar “a resistência secular contra o imperialismo e a ganância econômica do Ocidente”. Em outras palavras digo que as *realidades das encantarias* mantidas nos modos de vida das pessoas que habitam entre os espaços das águas e florestas é a resistência secular a política de destruição desses espaços, desses modos de ser e viver. Faço uso também das palavras de Ailton Krenak sobre a aliança dos Povos Indígenas com os seringueiros que é denominada de Aliança dos Povos das Florestas⁴⁵:

Eu acho que o aspecto talvez mais generoso da Aliança dos Povos da Floresta é que não é uma aliança de interesses escusos, ela é uma aliança entre povos, povos que querem se proteger e que juntos querem proteger a floresta, querem proteger a natureza. Nós não fizemos essa aliança com os seringueiros porque nós somos obrigados ou precisamos, nós fizemos essa aliança porque nós queremos que os seringueiros avancem cada vez mais nessa compreensão que eles já mostraram que têm, de que a floresta não é um lugar onde passam, é um lugar onde eles vivem. [...] Esse povo não só tem alternativa como esse povo é o único que está propondo alternativas para aquela região da Amazônia. [...] Eu te digo o seguinte: não é por falta de passagem de volta que os seringueiros estão na Amazônia, o coração deles está lá. E eu acho que eles repetiriam tranquilamente aquela frase do nosso parente norte-americano: “enterrem meu coração na curva desse rio”. Eu

⁴⁵De acordo com a informação encontrada no artigo: O Amazonas na área Internacional da mitigação da mudança climática: mecanismos de mercado em pauta, de Thaís Berenice Brinezi (2014) O primeiro encontro nacional dos Povos da Floresta aconteceu em Rio Branco em Marco de 1989. Paralelo ao encontro nacional dos seringueiros, facilitando para que fossem reunidos seringueiros e indígenas do Acre, Amazonas, Pará, Amapá e Rondônia.(<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT7-30-12-20100813113317.pdf>) Acessado as 21 horas do dia 06 de janeiro de 2016).

acho que eles querem que o coração deles fique lá nos seringais, por isso não estão vindo para São Paulo. [...] (KRENAK, 2015, p. 63-64)

Essa fala de Ailton Krenak é uma resposta a pergunta feita por Beto Ricardo numa entrevista feita junto André Villas Boas a Ailton Krenak e Osmarino Amâncio, (seringueiro) realizada em 10 de maio de 1980 e publicada no livro “Encontros Ailton Krenak”.(2015) A pergunta foi:

Agora eu quero saber o seguinte, eu escutei muito lá no Acre, da parte dos seringueiros, que a vida deles na floresta é extremamente penosa... Eu entendo que os índios têm uma cultura milenar na floresta, estão acostumados a viver com ela, sem reclamar dela ser uma vida áspera; agora, eles reclamam muito da aspereza. Então, uma parte do que eu tenho que perguntar é para eles, mas para os índios que quero saber o seguinte: vocês vão amarrar seu burro numa aliança com uma categoria social que reclama tanto da aspereza da vida na floresta que, às vezes, eu fico pensando tanto que eles estão a fim de sair fora, como outras categorias camponesas que uma vez tendo reconhecimento, por exemplo, de direito territoriais e outras coisas, venderam e mudaram para a cidade. Então, como é que você sente de fato a presença e a consciência desses aliados?(KRENAK, 2015, p. 62)

Essa pergunta também aparece em forma de afirmação feita pela mídia oficial que passa uma visão negativa do movimento sem terra e por aqueles que são contra a reforma agrária. É comum dizerem que os colonos depois de terem suas terras tituladas vendem seus lotes e vão para a cidade, esse pensamento não considera os contextos em que houve casos dos colonos deixarem seus lotes e irem para os núcleos urbanos.

Em Rondônia, por exemplo, na década de 80 muitos assentados venderam seus lotes porque não tinham nenhuma infra estrutura para neles se manterem, não havia estrada, não havia posto de saúde e nem escola, muitos venderam seus lotes e se tornaram empregados dos fazendeiros, ou foram trabalhar em serrarias nos núcleos urbanos mais próximos. Esses colonos vão na década de 70 para Rondônia expulsos pelos latifundiários da região sul, de modo predominante do Estado do Paraná, foram atraídos pelas propagandas do governo Federal da época que dizia que a Amazônia era o Eldorado onde tudo que se plantava dava e que era espaço vazio que precisava ser ocupado. O incentivo de migração para Rondônia que se caracterizou como colonização recente, visava o desvio dos conflitos agrários na região sul. Tal situação de falta de condições para se manter nos lotes e produzir também pode ter ocorrido em outros assentamentos. Esse histórico foi levantado por mim na minha pesquisa de iniciação científica “Nas Catacumbas da Reforma

Agrária” no ano de 1998, pela Universidade Federal de Rondônia, sob a orientação de Francinete Perdigão.

Sobre a visão de que os seringueiros nordestinos não voltaram para sua terra por falta de oportunidade e que os mesmos poderiam abandonar a Aliança dos Povos da Floresta assim que tivessem outras oportunidades, a resposta dada por Ailton Krenak foi de quem sabe o porquê se vive na Floresta, embora ele esteja se referindo aos seringueiros especificamente do Estado do Acre, penso que essa leitura pode abranger os demais seringueiros e aqueles que são denominados por ribeirinhos. Somando com Ailton Krenak digo que mesmo havendo alguns seringueiros quando auge da exploração da borracha tenham desejado voltar para suas terras e tenham muitas vezes sido impedidos por seus patrões e posteriormente tenham envelhecido querendo retornar para sua terra Natal, a maior parte ao chegar na Amazônia estabeleceram relações hostis com os povos indígenas locais, aos poucos eles foram acionando um indígena dentro deles, pois estes também vieram de regiões de desterritorializações indígenas. Além da predominância de seringueiros nordestinos também houve os que estavam no processo de desterritorialização interna na região Amazônica, como no caso dos seringueiros que foram para os espaços de seringais no Uruapeara e de lá foram trabalhar em Nazaré na extração da sorva e leite da seringueira, dentre outras atividades extrativistas, no final da década de 50 e início da década de 60 no processo de decadência da borracha.

Há na Amazônia inteira os seringais que foram formados em antigos territórios indígenas onde houve a junção de nordestinos e demais pessoas advindas de outras regiões do Brasil e que posteriormente fizeram a retomada indígena, como no caso de retomadas Mura no Rio Madeira, dentre elas, a terra indígena Jauarí que foi antigo seringal dentro de território indígena e hoje é terra indígena Mura demarcado, terra indígena Baiêta no antigo seringal Val Paraíso, em processo de reivindicação de demarcação, terra indígena Capanã Grande, e demais retomadas de territórios indígenas no trecho entre Mancicoré e Humaitá, formado por Mura e Munduruku e no Rio Itaparanã, que também se encontram em processo de reivindicação da demarcação da terra, além das pessoas de Nazaré que foram entrevistadas nessa pesquisa e que reconhecem suas origens indígenas. Quero dizer com isso que os seringueiros não apenas aprenderam a defender a floresta com os indígenas, mas também muitos deles voltaram a ser indígenas.

10. DOENÇAS DADAS POR DEUS E DOENÇAS DADAS PELOS HOMENS

A percepção do povo indígena Kanamari de que há os frutos do céu e os frutos da terra, apresentada na etnografia feita por Araci Maria Labiak (1997) de um grupo local denominado Were Djapa - Gente da Queixada⁴⁶, do Rio Itucumã - afluente da margem direita do Rio Taruacá, também afluente da margem direita do Rio Juruá, no sudoeste do Estado do Amazonas me fez pensar que a explicação que Valderlurdes, da comunidade de Nazaré às margens do Rio Madeira, possa se aproximar dessa perspectiva.

De acordo com a etnografia sobre os Were Djapa, os frutos do céu são aqueles que não precisam de cuidados dos humanos. No Warapekom⁴⁷ são ofertados para as entidades os frutos da terra, que são aqueles alimentos cultivados pelos humanos, como no caso a caçuma, uma bebida feita de macaxeira que são oferecidos por meio das mulheres. Na festa Warapekom se dá a troca de alimentos entre humanos e entidades. Peda e Kohama, que são entidades dos Kanamari contribuem nesta troca levando para a festa a alimentação que está na floresta. Esses alimentos são a caça, a pesca e a coleta, que são classificados como frutos/warapekom que são os frutos do céu.

As trocas no warapekom não são apenas de alimentos: “Além dos alimentos coletados e dos cultivados, da manutenção das relações sociais condizentes com a sua organização, se dá também a troca entre energias da vida humana e da extra – humana.” (LABIAK, 1997, p. 6)

O Warapekom é analisado por Labiak (1997) enquanto um conjunto de festas em que estão representadas as relações dos Kanamari entre si, com seu meio ambiente e com os cosmos e em que ocorre a personificação de entidades e seu contato com os humanos, expressa a troca de energias entre as esferas do universo Kanamari. Esta troca representada nos “frutos do céu e “frutos da terra”, faz parte de um processo contínuo de renovação de sua vida.

Valderlurdes classifica as doenças dadas por Deus como as que não têm intervenção dos homens e as doenças dadas pelo homem são as que se originam dos

⁴⁶Queixada: Uma espécie de porco do mato.

⁴⁷De acordo com a etnografia feita por Labiak (1997), Warapekom é denominado como um conjunto de festas e designa também os frutos do mato, da floresta.

feitiços. Essa classificação que Valderlurdes faz entre doenças dadas por Deus e doenças dadas pelos homens está dentro da perspectiva da classificação dos frutos do céu e os frutos da terra feita pelos Kanamari, pois assim como as doenças dadas por Deus não têm intervenção humana as frutas do céu também não. A percepção de Valderlurdes sobre as doenças pode ser entendida como parte da comunidade que ela está inserida.

A doença do feitiço é o seguinte... Uma comparação, assim, se eu me sinto com meu corpo mole, dor de cabeça contínua, tudo que eu faço num dá certo, isso aí já é uma macumba que o pessoal fala, né?! É a tradição dos antigos, também é a macumba e está escrito na bíblia que a macumba existe, só que eu não acredito. Eu não acredito que macumba existe. Agora o mal olhado eu sei que existe, o mal olhado eu sei que existe! Agora macumba existe, o pessoal fala que existe, né?! Só que eu não acredito na macumba. É esse aí que é meu problema viu?! Existir, existe, só que eu não acredito.

As doenças dadas por Deus são... Febre, dor de estômago, às vezes, também um derrame, também, que eu acho que é dada por Deus! Porque, eu não sei donde vem também, às vezes, uma paralisia infantil também, que a gente não sabe da onde vem... Talvez, seja dada por ele, né?! Porque não está escrito na bíblia se é dada por ele ou não, mas que vem... Então é dada por ele! Eu acho que são essas doenças aí que são dadas por Deus. (Narrativa Valderlurdes)

Valderlurdes traz presente em sua narrativa uma concepção sobre as doenças que é compartilhada por sua comunidade, pois a partir da sua definição apresenta uma rede de curadores que são procurados pelas pessoas doentes. De acordo com sua definição aquelas doenças que eles não sabem de onde vêm e que não tem explicação humana dentro da percepção de mundo do qual ela faz parte, que é diferente da percepção da ciência não indígena, são as doenças dadas por Deus. Dentro da percepção que ela apresenta, em sua narrativa a paralisia infantil, dor de estômago, derrame, são doenças dadas por Deus, pois para ela não tem uma explicação de sua origem. A moleza no corpo, dor de cabeça, quando tudo dá errado na vida, é feitiço, doença dada pelos homens.

No trecho destacado da narrativa de Valderlurdes é possível perceber que ela procura conciliar o ensinamento bíblico com seus saberes tradicionais, procurando não os colocar em choque. Se refere a bíblia não para contestar a tradição, mas para confirmá-la: *Porque não está escrito na bíblia se é dada por ele ou não, mas que vem... Então é dada por ele!*

De acordo com a etnografia sobre os Kanamari toda doença é feitiço feito por um xamã de outro grupo:

Nos Kanamari qualquer doença está diretamente relacionada ao djo(h)ko/ feitiço, e neste caso, o sarampo era sua manifestação. O feitiço expressa a qualidade das relações sociais entre os grupos locais ou entre os Djapa. Sua manifestação através da doença evidencia a desarmonia social entre os grupos, causada por disputas territoriais, alianças ou casamentos desfeitos, disputas internas de lideranças, trazendo à tona relações sociais tensionadas. (LABIAK, 1997, p. 76)

Na comunidade de Nazaré, de onde fala Valderlurdes, a figura do pajé está na figura do curandeiro ou curandeira, rezador, rezadora. A existência do feitiço implica relações sociais tensionadas entre pessoas ou famílias diferentes. Nos casos de feitiços de que tomei conhecimento sofrido por pessoas que fazem parte da comunidade, estava envolvida a inveja por uma pessoa com saúde que vive bem com a família, que com esforço consegue ter uma vida bem estruturada, dentro do padrão da comunidade de ser bem-sucedido, que é ter uma boa canoa, um rabeta, ter sua casa, sua roça, seu motor de luz, sua produção, suas criações, conseguidas por meio do trabalho. Outro caso recorrente de feitiço diz respeito a ciúmes, geralmente envolvendo o ciúme de uma mulher por outra mulher por causa de um homem, que faz com que a mulher interessada pelo homem coloque feitiço na mulher com quem o homem está se relacionando. Não soube de nenhum caso de feitiço entre pessoas da mesma família, tomando como base a minha própria família que está ligada a comunidade de Nazaré.

O feitiço enviado por xamã inimigo de um grupo local caracterizado como uma guerra xamânica, aparece na narrativa de Nelson Mura ao falar do seu bisavô pajé. Na narrativa de seu Nelson, está presente uma guerra xamânica travada entre seu bisavô pajé e os encantados, onde também é possível perceber o ritual de cura de pajelança:

Tem uma coisa ainda pra falar sobre meu bisavô pajé. Ele operava. Uma vez o padraço do meu pai adoeceu... Tava comendo na mesa aí de repente ele fala: “ai, ai!” E começou a gemer... Aí o velho baixou a sessão. Era flecha dos encantados. Aí ele chupou em cima da dor e tirou uma pedrinha. O papai disse que tem pedra de toda cor, tem rosa, tem verde, tem branca. Ele tirou aquela pedra botou num vidro e parou a dor. No outro dia de novo, ele foi lá e chupou... Eram outros encantados que flecharam. (Narrativa Nelson Mura)

O padraço do pai do Nelson Mura havia sido flechado por encantados e, para curá-lo, seu bisavô que era pajé chupou em cima da dor e tirou uma pedrinha. Na etnografia sobre os Kanamari esse procedimento xamânico é apresentado: “uma vez localizado o mal, através da sucção, retira o djo (h) ‘ko nha, a sua pedra e inicia

o processo de retirada das pedras causadoras de malefício. Ao retirar também por sucção cada pedra maléfica, o xamã provoca o vômito seco.” (LABIAK, 1997, p. 138) O que há de comum entre as duas práticas xamânicas é a sucção e a presença das pedras, mas, embora sejam procedimentos comuns, cada xamã ou pajé vai ter sua especificidade de acordo com a sua cultura.

Como foi mencionado anteriormente, de acordo com a etnografia sobre os Kanamari, sempre que alguém do grupo adoece está com djo(h) ko/feitiço. Conforme a autora da referida etnografia está com feitiço é estar com pedra, isto é, acometida por algum mal xamânico inimigo do grupo local. Sobre as pedras, Labiak explica: “As ‘pedras’, como já me referi, são de vários tamanhos e qualidades, servindo para diversos fins” (1997, p. 138). No caso do ritual xamânico do bisavô pajé de Nelson Mura, o que é recuperado por sua memória é que ele faz sucção, retira as pedrinhas e as coloca num vidro, o que lembra um método da cirurgia clínica de pedra na vesícula, por exemplo, que a pessoa ao receber alta médica volta para casa com os cálculos que são chamados popularmente de pedra, dentro de um vidro: *Aí ele chupou em cima da dor e tirou uma pedrinha. O papai disse que tem pedra de toda cor, tem rosa, tem verde, tem branca. Ele tirou aquela pedra botou num vidro e parou a dor. O sentido das diferentes cores das pedrinhas não chegou até seu Nelson Mura. Nesse sentido, fica a questão se elas tinham sentido xamânico ou não, é possível que sim, mas não há na narrativa explicação sobre as cores.*

Na memória do ritual de cura feita por seu bisavô pajé, Nelson Mura faz referência ao elemento da guerra xamânica:

Agora como foi que começou esse negócio dessas flechadas? Meu pai disse que, às vezes, aparece uma enfermidade na gente e a gente nem sabe de quê... Que nem apareceu no tio do meu pai, que também era padrasto dele... A explicação que ele deu é que tinha um buraco grande e tinha um pau que derrubado por cima desse buraco, aí eles aproveitaram e começaram a cagar lá e num era que ali era uma casa dos encantados de cobra... Ai os encantados ficaram com raiva porque tavam fazendo isso na casa deles. É mermo que nós índios quando alguém faz algum mal pro nosso povo, como, por exemplo, na época do contato, os brancos iam lá matavam as pessoas da aldeia e ai os que escapavam iam para o caminho e ficava esperando os brancos preparados pra se defender, por isso, alguns brancos eram atacados, porque primeiro outros brancos já haviam atacado os indígenas. Assim, foi eles... Atacaram a família do tio do meu pai...(Narrativa Nelson Mura)

Para Valderlurdes as doenças que não se sabe de onde vem são doenças vindas de Deus, para o pai de Nelson Mura são vindas dos feitiços dos encantados,

ambas vêm de seres espirituais. No caso do feitiço dos encantados, que atingiu o padraço do pai de Nelson Mura, foi um ataque feito pelos encantados cobra, por terem sido incomodados e terem seu espaço desrespeitado: *tinha um buraco grande e tinha um pau que derrubado por cima desse buraco aí eles aproveitaram e começaram a cagar lá e num era que ali era uma casa dos encantados de cobra... Ai os encantados ficaram com raiva porque tavam fazendo isso na casa deles.* A guerra xamânica é comparada à guerra entre povos indígenas e os colonizadores/não indígenas: *É mermo que nós índios quando alguém faz algum mal pro nosso povo, como, por exemplo, na época do contato, os brancos iam lá matavam as pessoas da aldeia e aí os que escapavam iam para o caminho e ficava esperando os brancos preparados pra se defender[...]*

A guerra xamânica se deu entre o pajé Mura e a família das cobras encantadas:

Aí o velho baixou a sessão e começou a matar esses encantados, mas agora repara como é que ele matava... O papai dizia que o cavalo marinho saía zuando que nem um motor pelas nuvens... Levava pra cima... Ia buscar o camarada e levava num sei pra donde... Diz o papai que fazia igual um motor to to to.... Quando chegava em casa, diz ele, que o cacete dos encantados para matar era daqueles jamaru cumprido... Diz o papai que escutava... Tá! E depois aquele gemido cumprido... O encantado morria... O camarada que era encantado lá do buraco, né. Aí matou aquele primeiro e com pouco tempo o velho matou a família tudinho! Ai o tio dele ficou bom... Era uma família de cobras encantadas... E ele só ficou bom depois que matou a família toda dos encantados... (Narrativa Nelson Mura)

A memória sobre a pajelança Mura passada por meio da tradição oral traz presente o processo do ritual que segue as etapas de baixar a sessão e matar os encantados. A ação de matar os encantados cobras é auxiliada por outro encantado cavalo marinho. A casa do encantado/ cavalo marinho ficava nas nuvens. Esse é o espaço dos encantados protetores, invocado pelo pajé para o ritual de cura que só é efetivada após a morte de toda a família das cobras encantadas.

Outra situação em que aparece a guerra xamânica é na morte do próprio pajé Mura que foi enfeitiçado por um pajé inimigo. Por meio da tradição oral chega até seu Nelson Mura o conhecimento de que seu bisavô era um pajé poderoso, ele usa o termo macumbeiro, que no contexto social e religioso tido como cristão foi se constituindo como pejorativo e relacionado à religiosidade afro. O próprio Nelson Mura traz essa visão ao se referir à pajelança quando se coloca na condição de convertido à religião evangélica: *Eu escutei meu pai contar pra mim, as histórias do*

meu bisavô... Conforme, meu pai, meu bisavô lutava com a linha n'água e no ar... Das nuvens pra baixo ele mexia... Depois eu ouvi falar que o Santanás, das nuvens pra baixo faz chover...Faz trovão... Faz tudo... Meu bisavô fazia isso...Embora ele tenha adquirido um conhecimento religioso que associa a pajelança a Santanás, isso não o impede de manter a memória do bisavô pajé: Ele era muito assim... Macumbeiro, como o povo diz, né... Ele era poderoso... Meu bisavô... Mas morreu do jeito que ele falou... Ele disse que foi outro curandeiro que matou ele...

A ação xamânica do pajé inimigo é bem marcada: *parece que deram foi um tapa nele...O velho caiu com todo corpo!... Ficou gemendo e aí falou “Ah! Meu filho”.Disse, “Ah! Desgraçado!” Até ele falou, assim... Disse, “É meu filho, agora não tem mais jeito não”.*

O pajé Mura dá a entender que a guerra xamânica vinha sendo há muito tempo travada e que havia chegado ao fim, passando a revelar a esfera do mundo dos encantados ao qual ele estava conectado pelo fio da vida e que havia sido cortado pelo pajé inimigo:

Disque aí em cima entre a terra e o céu é cheio de linha de encantado, tudo entrelaçada, aqui em cima... Oh... E aí outro pajé que ia lá ao mundo dos encantados levou uma navalha... Lá ele cortou a linha do meu bisavô... Quando cortou a linha de lá, ele caiu... Porque ele era firmado com aquelas linhas... Aí ele gemeu... Ficou gemendo... Aí falou, “Agora eu vou mermo. Não tem mais jeito não”. Mas o velho já tinha falado pro papai que não ia durar mais muito. Agora ele era muito chegado a coisas de pajelança... (Narrativa Nelson Mura)

Essa esfera do mundo dos encantados não era no céu, fica entre o céu e a terra, é um entre mundo no qual os pajés tinham acesso e podiam ter o auxílio desses encantados, como no caso do encantado cavalo marinho que auxiliou o pajé Mura a matar a família dos encantados cobras.

A informação de que o pajé Mura havia avisado para o neto que não ia durar muito, traz um indicativo de que essa morte se daria apenas no plano físico, na forma humana. Esses indicativos se confirmam na própria narrativa de Nelson Mura:

Eu vi na bíblia que o inimigo tem esse poder das nuvens pra baixo ele faz coisas...Aí eu fiquei pensando – Meu pai do céu! Mas será que meu bisavô mexia com as coisas do inimigo? Isso aí eu não sei, mas se era?... Só sei que ele tá na água, ele não morreu não. Ele continua vivendo, porque sempre eu ouvi falar que o cacique da tribo depois de velho vira um bicho. Aí meu pai me falava isso sobre meu bisavô. Aí eu digo que meu bisavô virou um bicho... Virou uma cobra mermo. Ele era encantado mais fez filho na mãe. A minha avó, filha dele, não era encantada não, mas era curandeira. (Narrativa Nelson Mura)

O contato com a bíblia faz seu Nelson temer que seu bisavô fosse ligado à figura do inimigo configurada pelo cristianismo, o Satanás, mas ainda assim, mantém sua perspectiva de mundo dividido na esfera do humano e dos encantados que se entrecruzam, pois o seu bisavô pajé também era um ser encantado que se apresentava na forma humana e na forma de bicho. Mantendo-se na forma de bicho após a morte do plano físico humano e se mantendo vivo num outro espaço dos encantados, que é o espaço das águas: *Meu pai do céu! Mas será que meu bisavô mexia com as coisas do inimigo? Isso aí eu não sei, mas se era?... Só sei que ele tá na água, ele não morreu não.*

Na continuidade da tradição oral a história do pajé Mura é passada de avô para neto e do neto que se torna pai para o filho, que, por sua vez, também passou para o filho:

Pois é, meu pai falava sobre o meu bisavô que era pajé, ele disse que meu bisavô tinha mulher, produziu filho, tinha terra... Família tudinho... Mas quando anoitecia ele dormia lá no porto de uma ilha que tinha... Lá ele atava o mosquiteiro dele, no pelado mermo, sem casa, sem nada. A pessoa podia ir lá de noite olhar que ele não estava na rede. E chegava, às vezes, de madrugada fedendo a cachaça... Aí, então se ele contou pro meu pai... Porque meu pai era daqueles netos chegados, ali ligado com o vovô. Aí ele falou "Meu filho". Aí contou tudinho que ele era encantado numa grande serpente... Numa Cobra Grande né? E que ele não ia durar mais muito tempo, não... Porque enquanto ele estava vivo aqui no nosso mundo ela estava crescendo lá no mundo dos encantados. Na água, né... O próprio tempo que ele morresse pra cá aí não crescia mais... Ele falava pro meu pai... Meu pai antes de falecer contou essa história do meu bisavô, pra mim... (Narrativa Nelson Mura)

O papel social do pajé não se distingue do de outros homens da comunidade, pois, de acordo com a memória oral de Nelson Mura, seu bisavô pajé tinha mulher, filhos e terra, ou seja, tinha uma família e obrigações de cuidar da terra. A menção à terra, pode ser o espaço em que estava seu núcleo familiar, como ainda é hoje que num pedaço de terra se organizam grupos familiares. Como os outros homens da comunidade, o pajé também tinha suas responsabilidades sociais, o que lhe distinguia dos outros eram as manifestações xamânicas. Essa característica de não diferenciação social do pajé também encontrei na etnografia sobre os Kanamari apresentada por Labiak, (1997) e no livro "A queda do céu: Palavras de um Xamã Yanomami" (2015).

Mesmo não havendo a diferenciação nos papéis sociais entre o xamã e os demais homens da comunidade, ele além dos papéis desempenhados como os demais, também é um dos líderes, um dos agregadores e uma das razões do grupo local existir: “É o embaixador das relações exteriores na esfera extra-humana. Na vida real e seus imponderáveis”, como diria Malinowski, é uma pessoa comum, com as mesmas atribuições que todos. Seu “status” de xamã não lhe confere nenhum tipo de privilégio especial. Geralmente constitui uma família e tem de dar conta dela com todas as obrigações próprias aos demais membros do grupo.” (LABIAK, 1997, p. 134)

No livro “A queda do céu: Palavras de um Xamã Yanomami” Davi Kopenawa enfatiza a distinção de um xamã e uma pessoa comum, no que diz respeito aos poderes xamânicos de ver os *xapiris*, aprender seus cantos e fazê-los dançar, mas sem se colocar fora do seu convívio social e num diálogo com sua esposa fala dos *xapiris* que, segundo ele, são as imagens dos ancestrais animais *Yarori* que se transformaram no primeiro tempo. Ao falar dos *Xapiris* que vêm dançar para ele, é estabelecido um diálogo entre ele e a esposa sobre o que ela como pessoa comum não vê e ele como xamã vê:

Primeiro, Davi Kopenawa diz que quando os xamãs respondem com empenho aos cantos dos *xapiri* que vêm até eles, vão ficando cada vez mais numerosos, e cada vez mais eufóricos; no final, é uma multidão que chega para fazer sua dança de apresentação. Depois apresentar a conversa com sua esposa:

Minha esposa, a quem eu falava sobre isso, certo dia me perguntou: “Mas, se Omama não gosta de dar seus espíritos mais belos, como você diz, os *xapiri* que vocês costumam fazer dançar são fracos e feios?” Protestei logo, explicando: Não! Não é isso! São os humanos que são medonhos comparados aos espíritos! Os *xapiri*, que são nossos filhos, ao contrário, são belíssimos! No entanto, os mais bonitos deles só vêm aos poucos, com trabalho. Assim é! Ela então respondeu: “Awei! Entendi. São como você diz! Se eu fosse xamã, também poderia vê-los!” (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 123)

A partir da fala da esposa “Se eu fosse xamã, também poderia vê-los!” Davi Kopenawa diz que as mulheres também podem ser xamãs:

Algumas mulheres se tornaram xamãs do mesmo jeito que os homens. Acontece quando o pai é xamã e elas nascem do esperma de seus espíritos, pois como eu disse, quando um xamã copula com sua mulher, seus espíritos fazem o mesmo. Então quando essas moças chegam à puberdade, os *xapiri* manifestam sua vontade de dançar para elas. Se elas não tiverem medo de

responder aos seus cantos, eles irão se instalar com elas para valer. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 123)

Assim como para os homens, para as mulheres há as restrições sexuais na preparação para se tornar xamã. No caso das mulheres: “No começo, elas não deviam se deixar sujar pelos homens” (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 123). Para os homens segundo a experiência de Davi Kopenawa os aprendizes de xãma não podem ter cheiro de sexo, porque os *xapirí* não gostam. De acordo com as duas referências bibliográficas apresentadas, tanto homem como mulher podem se casar, mas precisa fazer dietas sexuais.

No registro etnográfico sobre os Kanamari, também há menção sobre uma mulher xamã:

O xamã Kanamari pode ser atacado pelos males xamânicos, como qualquer pessoa comum, com a diferença de que é um alvo mais pretendido. Um xamã tem de ter poderes muito fortes para conseguir vencer ou neutralizar as guerras xamânicas a que é submetido. [...] Uma mulher Were Djapa, que foi xamã, desistiu de sê-lo porque era frequentemente acometida de ataques xamânicos muito fortes. Decidiu então entregar todos os seus dja(ha)ko/feitiço a um xamã aliado. (LABIAK, 1997, p. 136)

No caso da filha do pajé Mura, ela é mencionada por Nelson Mura como curandeira, ou seja, deu continuidade no papel de cura, mas não era encantada como o pai: *Ele era encantado mas fez filho na mulher dele. A minha avó, filha dele, não era encantada não, mas era curandeira.*

O bisavô pajé de Nelson Mura fazia parte das duas esferas do mundo Mura: *ele era encantado numa grande serpente... NumaCobra Grande né? [...] Porque enquanto ele estava vivo aqui no nosso mundo ela estava crescendo lá no mundo dos encantados.* A presença daCobra Grande é forte no rio Madeira e pode ser entendida como uma demarcação espiritual da presença Mura no Rio Madeira, que é seu território tradicional. Essa relação daCobra Grande como uma entidade espiritual Mura se reforça nessa memória oral sobre do bisavô pajé que vem se mantendo como imagem na memória Mura repassada de geração em geração do clã de Nelson Mura que repassou essa memória para seu filho Joabi Mura:

Meu Tataravô dominava muitas coisas, ele dominava a arte do encantamento. Hoje o pessoal conhece algumas histórias de lendas, né, mas o meu avô ele constatava e declarava que ele era um encantado, que ele podia se encantar em um animal que era uma cobra, aliás, o que aconteceu foi assim: - Ele ia andando e caiu, aí disse que ia morrer, porque outro feiticeiro tinha matado ele, um outro pajé... E aí ele contou tudo...Foi quando descobriram que ele era encantado, que ele se transformava em uma cobra. Ele nunca dormia na casa dele. Toda noite ele pegava a ubá e ia para uma ilhazinha que tinha no

meio do rio Solimões, e lá ele tinha uma ocazinha, ele entrava pra lá e o pessoal ia vê e só estava a canoa encostada e não tinha ninguém. Era pequena a ilha, olhavam e não o encontravam... No outro dia ele chegava normal, toda noite acontecia isso, ele fazia pajelança, rituais de cura, trazia animais da floresta, nos rituais ele invocava outros animais, todos eles entravam pelo meio do pessoal reunido na oca, e passavam, circulavam e iam embora, todos os animais, onça, cutia, tudo... Meu pai sempre contava isso desde que eu era pequeno. Eu era muito pequeno ele contava essas histórias do meu Tataravô. (Narrativa Joabi Mura)

Joabi Mura atualiza a história de pajelança do Tataravô trazendo o elemento do segredo que é compartilhado na hora da morte: *Ele ia andando e caiu, aí disse que ia morrer, porque outro feiticeiro tinha matado ele, um outro pajé... E aí ele contou tudo...* Foi quando descobriram que ele era encantado, que ele também tinha forma de cobra. O motivo do segredo não é falado, não é especificado se era um critério para se manter encantado ou se esse segredo marca uma transição da prática xamânica Mura para outros contextos. Pois os Mura na geração dos tataravôs haviam se espalhado pela Amazônia por causa das pressões colonizadoras e pelas disputas territoriais com outros povos indígenas e posteriormente por meio da política de ocupação da Amazônia e a continuidade da integração dos indígenas dentro de valores não indígenas, muitos estavam sendo inseridos nos espaços de seringais e castanhais.

Nesses espaços de seringais e castanhais indígenas como no caso dos Mura passaram a fazer parte de um contexto social que não realçava a especificidade indígena de povo indígena, como o próprio Joabi afirma a partir de sua memória da infância: *Na época que eu era criança eu não sabia que era Mura o papai sempre comentava que a gente era indígena, mas ele nunca era de conversar muito e também naquele tempo, pelo o que eu lembro e pelo o que vejo hoje, se falassem que a gente era indígena era de forma negativa e para nós era vergonhoso, e por isso, a gente tentava não comentar sobre o assunto.* Mesmo que os modos de vida ligados à natureza tenham se mantido e permitido retomadas para muitos que vivem às margens dos rios da Amazônia, a referência específica de um povo indígena deixou de ser marca de diferença, o que não impediu de ser reconhecida nas narrativas vindas desses contextos, um modo de ser indígena, naqueles que não retomaram a afirmação Mura ou de outro povo indígena. Para os que retomaram o principal referencial de identificação indígena também é o modo de vida ligado à natureza que é critério de legitimação de organizações indígenas, como pode ser

verificado no movimento de retomada indígena em Maricoré, demonstrado nas reflexões tecidas anteriormente.

O lugar marcado na narrativa do Joabi em que havia espaço para a prática da pajelança Mura é situado no Rio Solimões, um dos lugares que marcam a dispersão dos Mura. No ritual de pajelança Mura eram invocados outros animais que vinham da floresta e passava pelo meio das pessoas: *ele fazia pajelança, rituais de cura, trazia animais da floresta, nos rituais ele invocava outros animais, todos eles entravam pelo meio do pessoal reunido na oca, e passavam, circulavam e iam embora, todos os animais, onça, cutia, tudo...* Embora Joabi Mura não mencione diretamente que esses animais que vêm da floresta e circulam entre as pessoas no ritual de pajelança Mura sejam encantados, ou seja, os espíritos, ele enfatiza que *Muita gente não conheceu os pajés tradicionais. Hoje vê só em cinema, mas meu bisa avô tinha um domínio espiritual muito grande.* Considerando esse poder espiritual do pajé Mura e relacionando com a pajelança vivenciada por Davi Kopenawa é possível deduzir que esses animais da pajelança Mura eram os espíritos encantados nos animais ou animais espíritos, embora ele não diga que seja em forma de animal que os *xapiris* se apresentem para dançar aos olhos dos xamãs Yanomami.

Por meio da pajelança Yanomami é possível saber que os espíritos não são como os animais nem como os humanos. São outros:

Não bebem água dos rios nem comem carne de caça. Detestam tudo o que é salgado ou grelhado e só gostam de coisas doces. Os espíritos abelha se alimentam do néctar de flores [...] os espíritos vespas preferem suco de bananas maduras. Os espíritos macaco-aranha, tucano, mutum e jacamim bebem o suco das frutas das palmeiras *hoko si e maima si*, ou das árvores [...] Já os espíritos anta obtêm a imagem de sua gordura a partir dos frutos da árvore. [...] Não pode pensar que os alimentos dos espíritos animais são iguais aos nossos. Eles se alimentam das imagens do que chamamos *nêrope*, a riqueza da floresta. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 128)

Diferente da memória sobre a pajelança Mura, que indica a vinda dos animais da floresta invocados pelo pajé, os *xapiris* dos xamãs Yanomai não são como animais nem como homens, mas são espíritos: abelhas, vespas, macacos-aranhas, tucanos, mutuns, jacamins, antas, entre outros. Embora o Joabi Mura não indique a diferenciação entre os animais e os espíritos animais, isso não quer dizer que não haja a diferenciação na percepção Mura de que pode haver na floresta o animal e o animal espírito. Como também aparece na etnografia sobre os Kanamari: “Ao se encontrar uma onça na floresta, somente o xamã pode identificar se se trata do animal ou de um djo(h)ko/feitiço, ou ainda do próprio Peda, guardião, entidade

do Warapekon. De qualquer forma, não matam nem comem a onça. O mesmo acontece com relação às cobras d'água (*mapere*) e da terra (*he(h)pam*)” (LABIAK, 1997, p. 79)

Voltando para a memória do ritual do pajé Mura, são apresentados os animais que podem ser considerados espíritos dentro do ritual de pajelança Mura, dentre eles três são citados: *nos rituais ele invocava outros animais, todos eles entravam pelo meio do pessoal reunido na oca, e passavam, circulavam e iam embora, todos os animais, onça, cutia, tudo...* A onça e a cutia estão presentes em formas de encantados no canto “Joaquim é cutia” cantado por Nelson Mura, presente em sua narrativa: Joaquim é cutia/ pessoa encantada em cutia. Tucumã é uça⁴⁸/fruta tucumã encantada em onça. Jauari/Tucumã/Piquiá. Jauari referência ao lago como área de /território Mura; o Tucumã e o piquiá são frutas que fazem parte da alimentação das pessoas e dos animais na cultura Mura. Essa cantoria é encontrada na narrativa de Nelson Mura. Além da cutia e da onça, tem a Cobra Grande que é o próprio pajé encantado que, na percepção do clã de Nelson Mura, encontra-se vivo em forma de cobra nas águas.

Por meio da tradição oral, Joabi Mura faz a distinção do ritual de pajelança do tataravô pajé e do ritual que presenciou em Tapauá, onde vivem alguns parentes seus:

Sabemos do que meu avô contava para meu pai de como fazia ritual, porque meu Tataravô era pajé... E, por isso, a gente cresceu sabendo dos rituais. Inclusive, quando eu era pequeno, às vezes, eu passava por um ritual feito para as crianças que cometiam alguma coisa que não podia... Esse ritual que a gente praticava era chamado ritual Gurugel. Era Gurugel o nome do ritual que era tipo uma punição às crianças que eram desobedientes. Ele deixou de ser feito eu acho que há uns 15 anos. Ele era o terror das crianças, lembro que ainda participei dum, fico rindo agora que estou contando, mas ele causava muito medo mesmo... (Narrativa Joabi Mura)

Mesmo tendo acreditado no ritual do Gurugel na infância, depois de adulto, ao comparar com o a história de pajelança do tataravô pajé, percebe que não se dá uma manifestação sobrenatural no ritual, a pessoa vestida de animal não é e nem se torna um espírito/encantado. Na descrição que Joabi faz do ritual Gurugel ele insere conceitos cênicos como o de entrar em cena e representação cênica:

Era os parentes nossos lá de Tapauá que faziam. Eu era criança, quando nós estávamos de passagem por lá. Eu fiquei muito com medo, mas depois eu descobri que não era nada de sobrenatural, era eles que se vestiam igual um

⁴⁸Conforme seu Nelson Mura uça é uma pronúncia que se refere a onça. Entendi essa explicação feita por ele dentro do contexto da linguagem amazônica em que se substitui o por u, por exemplo, *moça* é pronunciada *muça*.

gorila... Um macaco... Tinha um rapaz que se vestia de uma roupa de macaco, uma roupa que eles fizeram que parecia um macaco. E aí ele aterrorizava as crianças, eles tipo encenavam. (Narrativa Joabi Mura)

O entendimento do ritual Gurugel como representação cênica se dá pela descoberta de que é uma pessoa com roupa de gorila que representa o animal para assustar as crianças. Ainda assim, a função de ritual para amedrontar as crianças desobedientes se mantém como uma estratégia social para educá-las, havendo também a comparação com um festival folclórico por haver em seu entendimento uma encenação de um ritual onde todos entravam em cena.

Joabi descrever o ritual Gurugel como brincadeira me remeteu a uma das brincadeiras dos Kanamari.

Ritual Gurugel:

Era um ritual para amedrontar as crianças desobedientes. Era tudo combinado, eles faziam uns barulhos feios lá... Uns esturros né, aí o pessoal já estava esperando e falavam que estava chegando o gurugel que ia punir as crianças. Aí ficava aquela choradeira e as mães abraçavam os filhos. Todo mundo entrava na cena. Os homens saíam das casas ficavam só as mulheres com as crianças. E era uma gritaria lá pra fora, era tipo um combate, ninguém via só escutava a gritaria. Aí eles falavam que tinham vencido o combate e o bicho tinha ido embora. Quando acaba, depois que a gente descobriu que nem era. Na realidade era mais um ritual meio folclórico. Na realidade todo ritual é assim, é uma representação cênica, não envolve mais o lado espiritual como era os rituais de pajelança do meu bisavô. (Narrativa Joabi Mura)

Brincadeira Kanamari

Kereweno brincadeira muito comum nos Were Djapa do Itucumã, é menos frequentemente nos outros grupos locais. Trata-se da simulação da visita à aldeia de uma pessoa de outro lugar. O tema tem similaridade com o “Pawana dos Waiwai, enquanto “caricatura” caráter de “visita” “humor” e “improvisação”. Porém não se trata aqui de uma “farsa”. [...] Os “visitantes” Kanamari grotescamente caracterizados são pessoas de grupos Kanamari próximos, com os quais têm boas relações de afinidade, visitas, comensalidade e festas. Bem ao gosto Kanamari, esta brincadeira tem como constante e obrigatório trazer notícias e oferendas, geralmente entregues as mulheres, e simular atos de defecar, urinar e de manter relações sexuais. [...] Com ou sem visita na aldeia, algumas pessoas se retiram para a mata, e as demais ficam falando, anunciando *Kereweno* que vai chegar. À noite ou a tardinha no terreiro da aldeia, chega *Kereweno*. [...] (LABIAK, 1997, p. 57)

O ritual do Gurugel e o do *Kereweno* são diferentes, mas os dois apresentam característica de brincadeira e têm função social, a do primeiro de educar as crianças rebeldes e a do segundo de manter a relação de proximidades entre os grupos afins, pois é a simulação da visita entre aldeias de grupos locais diferentes. O ritual do Gurugel acontecia todo ano, mas não tinha uma data marcada, só o período do final do ano e o do *Kereweno* acontece tendo ou não visita. Os dois se utilizam da figuração de um ato social.

Joabi Mura marca a temporalidade e a característica de festividade. Demonstra um desencantamento ao descobrir que não era um espírito que vinha da floresta e coloca um ritual/brincadeira em distinção ao ritual de pajelança atribuindo ao da pajelança a autenticidade na capacidade de evocação dos animais/espíritos vindos da floresta. No trecho abaixo, é confirmado por ele que os animais evocados pelo pajé Mura eram encantados:

Eu soube que eles faziam esse ritual todo ano, mas pra nós ter o conhecimento de que era uma brincadeira cultural, foi só depois de adulto. Era tipo assim, o pessoal tem uma comemoração no final de ano e faziam algo pra punir a desobediência das crianças toda aquela data, assim, de final de ano, não tinha data certa quando que vinha, mais todo ano vinha. Era assim que eles falavam... Mas quando eu era criança, eu achava que era o espírito da floresta que vinha e tentava levar as crianças, mas na realidade, não era. Não sei se com os ancestrais acontecia isso, daquele jeito. Meu pai conta que meu avô contava pra ele que vinham bichos da floresta durante o ritual de pajelança feito pelo meu tataravô, mas eu nunca tive a experiência, só experiência, assim como essa, do gurugel. (Narrativa Joabi Mura)

Diante da memória oral sobre o pajé Mura é possível perceber que, mesmo que o bisavô de seu Nelson Mura tenha sido um pajé forte, ele não teve nenhum pajé aliado para curá-lo e não teve condições de vencer a guerra xamânica. Seu neto que era o avô de seu Nelson Mura não travou essa guerra Xamânica para salvar o avô ou para dar continuidade à pajelança em seu clã. De acordo com a memória atualizada por Nelson Mura, a prática ritualista da pajelança ficou no seu bisavô, que foi declaradamente um pajé. A partir das outras gerações, a do avô e a do pai, essa pajelança foi mantida na memória e, possivelmente, devem ter encontrado outro jeito de ser praticada, mesmo com as significações dos novos contextos religiosos e da pressão do meio social não indígena que estavam se inserindo posteriormente a geração do bisavô.

Na Amazônia, em muitas aldeias e comunidades às margens dos rios, a figura do pajé perdeu a visibilidade, em alguns lugares estão presentes na figura de mulheres e homens que curam por meio de rezas para pegar desmentidura, para tirar quebranto, que incorporam os encantados para curar os feitiços ou simplesmente fazer um chazinho para acalmar dores e angustias.

Em *Isso tudo é encantado* (2013) as percepções sobre a importância da pajelança em novos contextos correspondem com as percepções sobre as maneiras que a pajelança se apresenta nas narrativas que fazem parte dessa tese “tecendo tradições”. Para os autores/organizadores de *Isso tudo é encantado* a tradição dos pajés:

[...] é uma marca da enorme influência dos ancestrais indígenas na cultura dos ribeirinhos do baixo Amazonas. Mesmo com a incorporação de elementos das culturas europeias e africanas, a matriz do pensamento do ribeirinho amazônida continua sendo fortemente indígena. Esta tradição nos remete aos antigos povos indígenas habitantes do lugar. A manutenção desse corpo de crenças está diretamente ligada à autoridade e influência dos pajés. Autoridades que não é ostensiva, que quase nem se vê. Sabe-se que eles estão aí, mas vivem discretamente sem chamar a atenção. Até lembram a estratégia da Cobra Grande diante das catedrais. Tem a ver. (FILHO, CARVALHO, 2013, p.34)

As narrativas que mencionam alguma prática relacionada à busca de pessoas que fazem algum ritual de cura para fazerem seus tratamentos, embora nelas haja influências cristãs, podem ter o sentido deslocado dentro da predominância da tradição indígena. Embora haja a adoção de algum remédio caseiro vindo de um outro lugar, ou a utilização de elementos que vem da cultura de outras regiões, mas que chegaram até os espaços de seringais principalmente por meio dos nordestinos, como no caso do ritual para regular a primeira menstruação em que é usado o dedal de costura, presentes na narrativa de Valderlurdes e Antônia.

A classificação de doenças dadas por Deus e doenças dadas pelo homem feita por Valderlurdes traçou a rede de cura existente na comunidade de Nazaré e nas das proximidades que são acessadas pelas pessoas de Nazaré.

A gente leva pro posto de saúde quando é quebradura ou pra fazer exame mesmo que a gente não entende de tudo né?! A gente tem que procurar pessoas que entende mais do que a gente... Mas é assim, além da enfermeira e do médico, a gente procura o rezador. Em Nazaré só tem o meu pai e o Anauá de rezador. (Narrativa Valderlurdes)

Conversando com algumas pessoas na comunidade fiquei sabendo que o pai do Anuá também era rezador. As duas pessoas mencionadas como rezadoras são pessoas que desempenham papéis sociais comuns aos das outras pessoas da comunidade. João Lobato, pai da Vanderlurdes, se dedica a plantação de roça e produção de farinha, antes criava uma pequena quantidade de boi, mas depois da necessidade de passar parte de sua área para o Estado se desfez deles. Ele é uma pessoa que gosta de morar mais afastada e recebe bem suas visitas com uma modinha tocada em seu cavaquinho.

Somente quem é da comunidade ligada às famílias antigas é que sabe que ele é rezador, durante os períodos em que estive na comunidade, não percebi um movimento de gente em sua casa procurando sua reza, embora haja menções de ele

ter sido procurado para dar a direção de onde se encontrava uma mulher perdida na mata. Foi ele também que disse para sua filha fazer os emplastos de leite de súcuba quando rasgou a carne⁴⁹ do meu braço. Em sua narrativa há umas pistas do seu saber sobre os remédios e outras práticas que se remetem a figura do pajé como a reza que faz ao colocar um galho em sua frente quando não quer ser visto.

O Anauá é apresentado numa das músicas do grupo musical local “Minhas Raízes” como aquele que gosta de contar histórias, ele é envolvido no suporte de apoio nas atividades culturais coordenadas pelo Timaia, que é uma liderança cultural da comunidade. Se não fosse por Valderlurdes, eu não saberia que ele era um rezador.

Além dele há outros que não foram mencionados por Valderlurdes. Havia um senhor que também era rezador, eu o conheci no dia em que fui à sua casa para que sua esposa pegasse meu braço. Fui até essa mulher, que pegou meu braço por recomendação da Valderlurdes, conversando com eles me disseram que se tornaram evangélicos e, por esse motivo, o senhor havia deixado de rezar porque, segundo ele, não podia mais fazer as rezas que fazia após ter se tornado evangélico. Sua esposa continua pegando⁵⁰ porque para isso não precisava fazer nenhuma reza.

Valderlurdes apresenta um critério de reza ao dizer que a reza do seu pai não serve para os filhos e para os netos dele: *Da comunidade mesmo. As pessoas procuram o meu pai é direto, o Anauá também. O papai disse que a reza dele não serve para os filhos e para os netos.* Ela não apresentou os motivos dessa restrição de rezar para os filhos e nos netos. Não há essa restrição para Elzalina, filha de João Lobato que também faz parte da rede dos que curam, mas, no caso dela, ela não reza apenas pega desmentidura: *Eu tinha essa menina pequena a, Auxiladora, quando eu comecei pegar desmentidura, eu mesma pegava a desmentidura dela. Dos meus filhos tudinho, eu passei a pegar desmentidora. Depois que comecei a pegar*

⁴⁹No meu caso ao carregar de mau jeito um saco de milho com minha prima senti a carne do braço repuxar e a partir daí comecei a sentir dor. Pelo diagnóstico dado pela mulher que pegou meu ombro que foi o de nervos forçados é possível dizer que carne rasgada se dá quando ocorre uma rasgadura nos nervos ocasionada por um esforço físico excedente.

⁵⁰Pegar é o termo utilizado pelas pessoas da comunidade de Nazaré para o procedimento de quem trata de dores em alguma parte do corpo. Como no meu caso que estava com dor no ombro e fui até a referida senhora para ele pegar meu ombro. Ela pegou e disse que eu tinha forçado os nervos, depois puxou e recomendou para não apoiar meu peso no braço nem carregar peso por uns dias, mas como no mesmo dia esqueci, pois a dor havia passado, me apoiei com o braço ao sentar no chão e imediatamente voltei a sentir a dor.

desmentidura era até difícil eu andar atrás de rezadeira, mas ainda ia. É possível que esse critério seja apenas para os rezadores.

A principal doença que afeta as crianças é o quebrante e como a neta da Valderlurdes precisou de reza para tirar o quebranto teve que ir com outro rezador que não fosse seu bisavô: *Ai minha neta adoeceu e tive que procurar o Anuá, porque, ela tava com quebrante...* Mesmo Valderlurdes dizendo que não sabe se existe mesmo quebrante, ela acaba por não conseguir ser indiferente a tradição cultural da qual ela faz parte e, por meio da sua experiência, define o que é o quebrante:

Não sei isso existe, mas como é tradição dos velhos a gente acredita. O quebrante é que a pessoa fica assim: Abre a boca, dá murrinha de febre, dor de cabeça, a criança chora muito com dor de barriga e, às vezes, fica diferente, já fica verde as fezes dela, aí os mais velhos falam que é quebrante. Eu não sei se isso aí existe, mas é tradição! A gente acredita. Ai a gente leva no rezador [...] (Narrativa Nelson Mura)

O quebrante pode ser classificada como uma doença dada pelos homens, pois conforme a Elzalina explica é causada pelo mal olhado de uma pessoa para a criança: *Se não for da farmácia meus filhos não ficam bom, mas tem algumas doenças como o quebranto que a criança pega por causa de um mal olhado, ou porque alguém ficou agradando ela cansado, que só rezadeira sabe curar.* Aqui ela também marca a diferença entre as doenças, aquelas que podem ser curadas com remédio de farmácia e aquelas que só a rezadeira ou rezador pode curar, como no caso do quebrante.

Nelson Mura em sua narrativa apresenta a passagem da sua crença nos rezadores para a descrença neles:

Às vezes, a gente tinha que remar longe... Eu remava era dias pra ir atrás de uma pessoa pra rezar pro talde quebranto, depois que eu aceitei Jesus, como meu salvador, eu não fui mais atrás de reza... O meu filho, primeiro, o Nelson e a minha filha, Janilse, foram benzidos, eu levava eles longe pra benzer.... Eu levava o dia todinho, pra chegar ao lugar que ia benzer meu filho mais velho, o Nelson, Pro tal de vento caído, quebrante, todos eles pegavam essas coisas. Já o Joabi e a Estefane, não pegaram mais, acabou o quebrante. Não pegou quebrante mais neles, graças a Deus, por isso, eu acredito que basta a crença da gente, a fé da gente numa pessoa que a gente pode confiar, acontece isso, nem é preciso sair de casa, às vezes, eu já tenho dito isso para as pessoas. (Narrativa Nelson Mura)

Nelson Mura acrescenta mais uma doença que pode ser classificada como doença dada pelo homem, porque ela é causada quando a criança fica assustada ao ser suspensa por uma pessoa. Quando as crianças estão firmando o pescoço e a

perna, as pessoas que estão ao seu entorno e cuidam dela gostam de brincar jogando para cima e apará-las, essa brincadeira pode causar vento caído se a criança se assustar.

Na passagem da crença e da descrença no rezador, ele reconhece que pode adquirir a cura diretamente com Deus e enfatiza que o poder da cura está na fé da pessoa, e não na reza do rezador, dessa maneira, Nelson Mura adota a perspectiva evangélica de não considerar a figura do rezador propondo a mãe da criança que o considerou um rezador para que ela dirija sua fé diretamente a Deus e não ao rezador, apesar de seu esforço em converter a mãe da criança, ela além de não ter se convertido o considerou como o próprio rezador que curou sua filha:

[...] cheguei no Açã tinha uma criança doente... Torta, era a tal de convulsão que chama né... Ela estava toda tortinha, espumando pela boca, aí a mãe disse: “Olha seu menino o senhor reza?” Eu disse: Não. Rezar... Sei rezar não, mas orar eu sei. “Então ora na minha filha”, mas sabe o que tinha acontecido comigo? Eu trazia só uma calça e uma bermuda, a minha roupa estava lá na minha casa no rio Itapanã e aqui na cidade eu tinha roupa também, aí o que aconteceu, o flechequer da calça se estragou, eu estava só de bermuda [...] (Narrativa Nelson Mura)

Nelson Mura define a da doença da criança de forma clínica: convulsão. Essa definição pertence à classificação das doenças dadas por Deus, pois não tem ação humana. Ao ser solicitado para rezar na criança, diz não rezar e sim orar, a mãe da criança não se importa com a distinção entre rezar ou orar. Nelson Mura faz o ritual do orar, dentro desse ritual precisava estar vestido de calça comprida, faz parte da apresentação dos evangélicos vestirem-se de calça e blusas de manga comprida, mesmo não estando no padrão da vestimenta necessária para o ritual do orar segue os procedimentos: *aí veio na minha mente - Não sou eu que curo, quem cura é Jesus, vou pedir pra ele, vestido de bermuda mermo. Aí, li a bíblia, cantei um hino e orei na menina, a criança estava com forte febre, quando terminei de orar, mais ou menos, com um minuto, a mulher disse, “A menina tá suando e a febre já passou”.*

A apresentação da melhora da criança faz com que a mãe atribua ao seu Nelson Mura o poder da cura e ele procura deslocar esse poder para a crença em Jesus: *Aí eu disse, - Tá bom. Falei pra a mãe da criança: - Mas, eu não fiz nada não, quem cura é Jesus. Disse que ela podia confiar que do mesmo jeito que eu confiei que o Senhor Jesus curava, ela podia confiar e só ela mesma podia orar na filha dela, que não precisava chamar ninguém [...]*

Mesmo com o esforço de Nelson Mura em tirar a referência de rezador da pessoa dele, a mãe da criança manteve a sua crença nele e não aceitou o convite para a conversão evangélica: *aí ela ficou pensando e eu perguntei se ela aceitava Jesus. Ela não quis. Tá bom... Mas, ela ficou com a fé foi em mim, pra vê como ainda é como aquele tempo velho né, aí ela ficou foi com a fé foi em mim, ficou me tratando muito bem, mas é assim mermo, de primeiro a pessoa honrava muito quem fazia isso [...]*

A força da tradição da crença no rezador se manteve mais forte mesmo quando outra crença incorporada por uma pessoa que antes fazia parte dessa tradição. Isso pode ser entendido como a força invisível da pajelança que permanece ainda que após três gerações de pajés, em que Nelson Mura, o bisneto, tenha se convertido para outra crença.

O termo macumba aparece mais uma vez relacionado aos rituais indígenas ou com predominância indígena havia aparecido antes na narrativa de Nelson Mura ao se referir à pajelança. Na narrativa de Valderlurdes, embora seja trazido o termo macumba relacionado à reza, ela marca a diferença enfatizando o sentido da tradição de sua comunidade: *o pessoal não chama rezador chama macumbeiro. É, mas tem o rezador e o consertador. O consertador tem mais do que o rezador. O consertador tem... Deixa eu ver, o Sabá que é o Babá daqui mesmo, têm a Elza na, Boa Vitória, tem o seu Caíco aqui, mais em baixo, perto de onde morava a Julia, minha irmã... Na vila. Deixa eu ver quem mais... Tem a dona Doca lá perto da Elzalina que é a merma Elza, minha irmã, a dona Biata, também, perto da Elzalina, e é só.*

A rede de curadores passa a ser especificada: Rezador, consertador, os rezadores mais fortes e a curandeira:

Tem também, o seu Adílio, mas aquele ali ele é rezador só para as doenças mais profundas. A gente procura ele quando é negócio de espinhela caída! E Mau olhado, é... Assim, o que os outros não podem curar aí vai lá com ele. Ele tanto reza como costura! Aquele a gente já procura pra doença mais forte, doença forte é com ele, o seu Adílio, e tem a, Dona Preta, também que é a curandeira do pessoal. (Narrativa Valderlurdes)

Nessa rede de curadores há uma escala de poderes de distribuição e não de concentração, para as doenças mais simples procura-se um rezador, para outras doenças mais profundas procura-se os curadores mais fortes. As doenças mais fortes, segundo Valderlurdes, são espinhela caída e mau olhado; quando os outros

rezadores não podem curar, isso implica que as pessoas procurem os curadores e, de acordo os seus níveis de doenças, vão procurando outros até chegar ao curador mais poderoso que, no caso, conforme pode ser percebido nas narrativas de Francisca, Timaia e Valderlurdes, é a dona Preta que vive numa comunidade nas proximidades de Nazaré.

O sintoma de espinhela caída é quando sentimos dor no espinhaço, que na definição da ciência clínica é denominado como estrutura óssea, a parte das costas, uma dor que vai das costelas ao peito. O rezador de espinhela caída vai rezar e te apertar para colocar a espinhela no lugar. Numa das vezes em que eu estive em Nazaré, a Antônia, minha prima, estava mufina⁵¹ com dores no espinhaço e estava fazendo tratamento da espinhela caída com seu Adílio que mora nas proximidades de Nazaré, ela era levada por seu filho mais velho de rabeta nos dias em que ia à sua casa para ele rezar nela.

Há duas menções na narração de Francisca sobre a busca de curadores, um caso é para o tratamento da sua cunhada e o outro da sua filha. O primeiro é um caso de doença profunda e levado para a dona Preta, o segundo caso parece ser menos grave, pois foi levado para outro curador na comunidade de São Carlos: *Um tempo aí que a Nilce estava doente nós ainda viemos trazer ela em São Carlos com o Deco. Nós paramos ainda lá na casa da comadre Adelina, ela ainda morava abaixo daí de São Carlos. Nós paramos lá e ficamos um dia.*

O lugar São Carlos é existente ainda hoje, mas depois da inundação de 2014 foi condenado pela defesa civil, mas, ainda assim, uma parte dos moradores resiste em permanecer no lugar que fica na metade do caminho indo para Nazaré, sentido Porto Velho à Calama, acima de Nazaré e da comunidade onde mora a dona Preta. No tempo em que Francisca passou a morar numa ilha nas proximidades de Porto Velho e fez o percurso descendo o Rio Madeira em busca de curador para sua filha, contou com a rede de afins para parar, visitar e descansar: *Nós paramos ainda lá na casa da comadre Adelina, ela ainda morava abaixo daí de São Carlos. Nós paramos lá e ficamos um dia.*

A doença da cunhada de Francisca pode ser entendida como um feitiço ou uma ação de algum encantado, pois sua doença foi gerar um bicho que condenou o desaparecimento do lugar onde viviam: *Quando a Maria do Pedro, a mulher do meu*

⁵¹Mufina, mantendo u no lugar do o como é falado na linguagem amazônica. O sentido é designado para a pessoa que se apresenta desanimada, com fraqueza no corpo, quieta, adoentada.

irmão, adoeceu um tempo, ele foi com ela lá na dona Preta. A Maria gerou um bicho. [...] Enterraram bem lá na ilha mesmo. Diz que era tão feio que Deus me livre! Então, a Maria ficou doente, ficou toda amarelona [...] Os mestres da dona Preta, que são os espíritos dos Botos que ela recebe para fazer as curas, disseram que o bicho gerado pela mulher depois de enterrado ia fazer a ilha cair toda: Levaram ela pra fazer uma consulta com a dona Preta... Aí diz que os mestres lá falaram que aquela ilha ia cair tudo, ainda mais lá onde a gente morava. Que lá do lado de cima ia cair tudo aquela ilha, no lugar que a Maria com o Pedro moravam.

Este caso, da doença dessa mulher que gerou um bicho, é confirmado por outras pessoas da comunidade; numa das vezes quando fui junto com o tio Benedito visitar meu tio Manel, filhos da minha avó Francisca, eu perguntei sobre esse caso, os dois confirmaram. O tio Benedito que é o filho mais novo da minha avó materna disse que ele era criança e acrescentou um elemento na narrativa da *Mulher que gerou um bicho*, ele disse que ele e um primo dele cozinham ovo de camaleão e ofereceram para ela. Ela estava adoentada e comeu os ovos, segundo ele, depois disso, ela piorou e morreu. Depois que ele terminou de contar esse caso, o tio Manel acrescentou: “Aquela mulher comia de tudo.” Isso indica um tabu de alimentação, das coisas que podem comer e das que não podem, principalmente quando se encontra doente, tabu que a mulher que gerou um bicho não respeitou.

Timaia narrar sua experiência com tratamento, primeiro a do seu pai depois a dele. Após a morte do pai, atualiza a crença coletiva no poder de cura dos espíritos recebidos por dona Preta. Por meio da vivência de tratamento de cura tradicional vivenciada por Timaia, percebemos a força dos curadores que ainda não foram substituídos, por exemplo, pelos psicólogos e psicanalistas da cidade. O tratamento para o que clinicamente é diagnosticado por depressão, que para o conhecimento tradicional pode ser uma doença espiritual, é tratado pela curandeira ou curandeiro: *Eu já fui lá na dona Preta me tratar. Ixe, nossa, a última vez que eu fui fazer um tratamento foi porque entrei em depressão forte [...]*

Primeiro ia apenas acompanhar o pai no seu tratamento: *Eu até tive lá duas vezes com o pai quando ele tava muito mal, e só acompanhando e tal.* Mesmo após o falecimento do seu pai ele não perdeu a crença nos espíritos de cura recebidos por dona Preta e a procura para se tratar e se ver envolvido nesse processo: *de repente eu me deparei conversando com os guias dela, entendeu, então, assim, é uma coisa*

espíritual de crença mesmo, por quê? Porque os guias dela são os Botos, são os Tucuxis [...]

Os Botos, que são os guias espirituais de dona Preta nos rituais de cura, não são todos, são apenas os Tucuxis, os que entram na definição feita por Valderlurdes em sua narrativa dos Botos protetores que salvam as pessoas quando são atacados por outros botos ou quando suas embarcações naufragam. A presença do Boto espírito/encantado é forte no rio Madeira, o que me leva a pensar que o Boto na forma de encantado como espírito protetor e de curador pode ser uma entidade do universo dos encantados do Povo Mura, o que pode ser percebido com toda a força da encantaria na narrativa de Nelson Mura.

Timaia também traz presente em sua narrativa a crença coletiva de que os espíritos dos Botos auxiliam as mulheres na hora do parto:

então, assim, as pessoas da comunidade... Essas pessoas que passam por lá, elas acreditam, tipo assim, quando eu falo, assim, na música: “Nasceu o menino na esteira de palha...” Dizer que “O Boto a parteira ajudou” É porque os guias delas, eles acham que eles tão ali pertinho quando a mulher está grávida, eles estão ali ajudando de certa maneira, entendeu, então quando eu falo, assim, “O Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade...” Então, eu tôdemonstrando que eu tenho essa crença, assim, de que realmente eles estão por ali de alguma maneira ajudando. O povo, as pessoas que vão lá na dona Preta tem essa crença, acreditam, então, eu me deparei conversando com os guias dela, parecia que estava com uma pessoa que a muito tempo que já conhecia, conversando com a maior naturalidade, brincando, ela fazendo perguntas, “professor” me testando, sabe, os guias dela e a gente ali na maior naturalidade, ali, sabe, parece, assim, que já os conhecia... (Narrativa Timaia)

A crença de que os espíritos dos Botos Tucuxis estão presentes auxiliando as parteiras na hora de fazer os partos das mulheres está restrita às pessoas que passam por dona Preta e que fazem parte do universo dessas crenças. Timaia se coloca nesse universo e, emanado pela encantaria dos espíritos do Boto, faz uma música homenageando dona Preta e expressando sua crença compartilhada com a comunidade: “*O Boto a parteira ajudou, chicória e alho, mingau de caridade...*” O chá de alho e o mingau de caridade são remédios utilizados pelas parteiras, o que as liga a rede dos curadores.

O ambiente de brincadeira, familiaridade, conversa, que faz parte dos procedimentos ritualísticos empreendidos pelos espíritos dos Botos Tucuxis que auxiliam dona Preta, indica o encaminhamento para a efetivação da cura alcançada por Timaia.

Compreendendo a parteira como parte da rede dos curadores que são auxiliados pelos espíritos dos Botos Tucuxis, faço menção à experiência de Maria de Nazaré quando estava vindo do Uruapeara para Nazaré:

No percurso de Maria de Nazaré com sua família, filhas, marido, mãe e o irmão que foi buscá-los, uma parteira acolhe a família e trata de Maria de Nazaré que se encontrava com resguardo quebrado: *Mas como eu estava contando no começo, pra gente vir de lá do Uruapeara foi uma dificuldade medonha. Viemos de motor fretado, um motorzinho de nada, passamos cinco dias viajando. Aqui ou acolá a gente parava pra dormir, pra fazer comida, eu de resguardo, com uma febre, com hemorragia... Vixe!*

No percurso, o irmão decide procurar apoio numa casa: *Eu já passei muita inclemência na minha vida e quando chegamos acima de Humaitá tinha uma casa... Meu irmão disse: “Vamos parar aqui nessa casa aqui, pra mim fazer janta. Vê se até num arrumam remédio pra ela”.*

Decisão apoiada pela mãe: *Aí a mamãe disse “Ah! Meu filho também vou contigo!” Aí saíram pra terra. Pararam na casa certa, pois encontram uma parteira: Aí chegaram lá, a valência que Deus ajudou que encostamos numa casa que era uma parteira que morava... Como eram estranhos ao lugar, houve uma precaução por parte da mulher ao recebê-los: Aí ela perguntou se num era gente ruim. Precaução que se resolve com a palavra de quem chega: Aí meu irmão falou: “Não minha senhora nós viemos lá do Amazonas, a gente quer arrumar um canto, assim, pra botar minha irmã que tá de resguardo pra dormir”.*

Essa acolhida é uma prática entre as comunidades das margens do rio na Amazônia, isso acontece entre povos indígenas e comunidades tradicionais, mas não sem antes fazer com que quem vem chegando se identifique. Muitos povos Indígenas cantavam uma música ou tocavam um instrumento para avisar ao outro Povo Indígena que estava chegando, seja um aviso de confronto, seja trazendo saudações. No caso da família de Maria de Nazaré dizer que vem do Amazonas é dizer que é gente vizinha, é demonstrar proximidade, e procurar estabelecer confiança na pessoa para quem se pede abrigo, pois muitas famílias que se encontram às margens do rio Madeira, ainda hoje vieram do Estado do Amazonas. Também é demonstrada a recepção à mulher de resguardo que precisa de cuidados: *Aí ela disse: “Ah, meu filho então tu sobe aqui, desembarca ela que eu vou já*

ajeitar a cama aqui. Tem cama desocupada, porque a minha filha subiu pra Porto Velho, mas a cama dela ela deixou... Que ela num foi de vez...”

Após receber, acolher, acomodar a mulher com resguarde a parteira mostra seu poder visionário intuindo o tempo de resguarde: *Aí ela foi, arrumou a cama dela, limpou o colchão, arrumou bem, mandou eu ir pra lá, me acomodou lá na cama da filha dela e perguntou: “Tá com o quê, tá bem com uns 23 dias é?”*

A parteira começa o tratamento do resguarde quebrado, fazendo perguntas de confirmação. Maria de Nazaré só confirma aquilo que a parteira já viu olhando para ela: *- Tô senhora.*

Nota-se uma ausência do marido e uma responsabilização para a situação de resguarde quebrado em que a esposa se encontrava. A parteira o responsabiliza por não ter cuidado da esposa: *- Pois é como é triste a gente casar com uma pessoa que não tem responsabilidade. A senhora com quatro dias estava fazendo as coisas, de resguarde da primeira filha?* A parteira faz o papel social de chamar a atenção e cobrar responsabilidades para aquele que ocupa o lugar de esposo e deve poupar a esposa dos trabalhos de casa e ajudar nos outros serviços durante o resguarde.

A parteira vê a origem do problema desde o primeiro resguarde e mais uma vez é confirmado por Maria: *Eu digo: - Foi.*

É visível o poder de visão da parteira que também é um poder das curandeiras e curandeiros, as pessoas que fazem tratamento com dona Preta dizem que, ao chegar, ela primeiro revela toda a vida da pessoa. Esse mesmo procedimento é tomado pela parteira em relação a Maria de Nazaré, ela indaga mais uma vez para confirmar sua visão: *Foi verdade?* Maria que se submete aos seus cuidados vai só confirmando: *Eu digo: - Foi.*

Depois que as causas da doença são confirmadas inicia-se os procedimentos de cura: *- Cadê a menina?* A parteira pede a presença da primeira filha onde foi quebrado inicialmente o resguarde que não havia sido curado, *Eu digo: - Tá aí. - Chama ela aqui pra mim.* A menina vai ser a ferramenta de cura:

A mamãe foi, chamou ela. A parteira dar as instruções para a realização da cura: *Aí a parteira falou pra ela: “Minha filha, não tenha vergonha, você lave bem seu pé e pise bem em cima da mãe, do corpo da sua mãe. Pise devagarinho, não vá pisar assim com força”. Aí a menina foi, lavou bem o pezinho dela, pisou bem em cima quase do meu umbigo onde fica a mãe do corpo, uma dor que a gente tem no estômago, que só quem sabe pegar a mãe do corpo, faz ela se acalmar.* (Narrativa Maria de Nazaré)

Esse procedimento faz parte do ritual de tratamento de doença específica denominada por *mãe do corpo*, uma doença que pelo que é indicado na narrativa de Maria de Nazaré restrita às mulheres e pode vir de resgarde mal cuidado, minha avó sofria dessa doença e, todas as vezes que ela estava atacada da mãe de corpo, ela pedia para eu pisar no lugar que a mãe do corpo se localiza, o qual é indicado nesse tratamento de Maria de Nazaré com a parteira.

A parte inicial do ritual de cura é feito com a participação da menina e a segunda parte se dá com os chás preparados pela parteira: *Depois de fazer isso, a parteira falou: “Oh, tua mãe vai ficar boa dessa hemorragia que ela tá.” - Menina! Parece então que foi Deus, oh! Pra mim parece que foi voltando as minhas forças... Depois ela disse: “Tá, agora eu vou fazer um chá e vou guardar ela. Vocês não falem com ela, não perturbem ela não, deixem ela lá... Ela vai ficar boa, nunca mais vai aparecer isso com ela não, nunca mais!”*

Depois de uma noite de cuidados, ao amanhecer recebe a finalização do tratamento e é curada do resgarde quebrado:

Daí nós dormimos lá quando foi de manhã ela mesmo fez o que eu beber. Aí Disse: “Oh, num beba leite que leite faz mal. Tá muito inflamada por dentro. Não tome leite não.” Aí perguntou para os outros: “Chá de que ela bebe?” Ela perguntou pra minha família e já foi dizendo: “Não se preocupem não que eu vou fazer um chá pra ela”. Fez um chá que eu tomei, passou a febre, passou tudo. Quando foi oito horas do dia nós saímos de lá, não senti mais nada. Passou a febre, eu sentava em qualquer canto, não aparecia nada de sangue, nada!...Tudo isso é sofrimento que a gente passa. (Narrativa Maria de Nazaré)

Durante a noite e ao amanhecer Maria de Nazaré ficou sob os cuidados da parteira, isso implica que o contato direto fosse mantido entre a parteira e a mulher em tratamento, por isso o chá tinha que ser feito pela mão da parteira. Essa narração do tratamento recebido por Maria de Nazaré indica que a parteira é uma curandeira somente das mulheres no processo de gestão, parto e resgarde. Nas especializações da cura, ela é a especializada nos cuidados dessas mulheres.

Além de toda a rede de curandeiros há a tradição de manter perto de casa os remédios caseiros e os remédios do mato. No quintal de Valderlurdes, tem uma farmácia tradicional cuidada por ela, cada uma das plantas é utilizada para uma doença específica e pode ser utilizada num tratamento em casa mesmo a partir do conhecimento tradicional do uso medicinal das plantas: *A gente que mora no interior sabe remédio caseiro. Que nem a gente fala, remédio medicinal! A gente aprende a fazer mesmo pela natureza, esses remédios. Numa comparação... Se a*

gente tem uma dor de barriga a gente cura com chá e se for uma inflamação a gente cura com outros tipos de remédio!

Valderlurdes apresenta as plantas e seus usos medicinais: *Que nem o unha do gato... A gente chama, é aquela bôta! Também, que é um pau que a gente usa pra fazer asseio e pra beber.* Ela apresenta dois remédios tradicionais para tratar de inflamação, a unha de gato que pode ser cultivado em casa e a bôta que é uma árvore que dá no mato. Cheguei a conhecer uma árvore de bôta, popularmente chamada de pau de bôta, andando pela área onde ficam as duas castanheiras mães onde morou minha avó e a irmã dela, na beira do igarapé que a gente atravessa para ir para o outro lado onde fica a beira do primeiro lago, tem um pé de bôta que o Marlon, filho da Valderlurdes, mostrou-me.

E tem também o hortelãzinho que serve pra dor de barriga, aquela catinga de mulata pra banho. O ortelazinho e a catinga de mulata são plantas medicinais delicadas que as mulheres costumam ter muito cuidado ao cultivá-las em seus canteiros. Elas servem para o tratamento de dor de barriga e dor de cabeça.

Existem dois tipos de pião o roxo que são utilizados pelas benzendeiras e rezadores para benzer as pessoas e afastar os maus olhados tanto por meio da benção como também o plantando na frente da casa. O pião branco é utilizado para fazer rapé, o qual está sendo mencionado por Valderlurdes em sua narrativa. Em conversa com João Lobato, ele explica que o pião branco e é utilizado para o tratamento de renite, também para a gripe.

O uso dos remédios tradicionais, na visão de Valderlurdes, é uma maneira de dar continuidade na cultura da qual ela faz parte: *e, assim, por diante, a gente vai levando a cultura, assim.* E segue apresentando seu saber tradicional: *A catinga de mulata é pra fazer banho pra dor de cabeça. Dos remédios que uso mais é o pau da bôta e o coisa... O unha de gato. É o que eu uso mais. É, porque, mulher precisa de mais cuidados, né?! E aqui eu uso mais é esse...*

Após apresentar os remédios para as mulheres, apresenta os feitos para as crianças: *As crianças quando adoecem tomam o chá da guia da goiaba! Da azeitona! E uma batatinha também que a gente usa, ela é bem vermelhinha, também que a gente bate e põe no chá. É uma batata mesmo, lá no papai tem é muita... Ela é caseira mesmo.*

De acordo com Valderlurdes, os remédios caseiros mais utilizados são os para as mulheres e os para as crianças: *Então nossos remédios caseiros são esses*

daí, a gente usa mais. Embora mostre-se conhecedora da medicina tradicional aponta como referência desse saber sua mãe e seu pai, enfatizando que eles têm mais propriedade desse saber porque foram criados no Uruapera, o lugar de origem e de onde trouxeram as tradições: Mas quem conhece... Que nem meu pai e minha mãe, eles conhecem muito remédio! Assim, do mato, porque, eles já foram criados lá pro lado do Amazonas! Então lá tem mais planta medicinal do que pra cá pra Nazaré!

Valderlurdes não nega o uso da medicina clínica, mas enfatiza a importância da medicina tradicional que dá conta de doenças e acidentes que fazem parte do seu dia a dia e fazem parte de seus conhecimentos de tratamento:

Quando uma criança adoece ou alguma pessoa adoece, a gente procura o posto de saúde. Mas tem casos que a gente trata em casa mesmo. Uma diarreia a gente trata com remédio caseiro né?! Uma desmentidura com os emplastos que são feitos assim: A gente tira o leite da súcuba, vai lá na árvore e tira a casca da árvore para tirar o leite e passa num pedaço de pano e emplasta. E as crianças que adoecem, assim... Negócio de comida, essas coisas, a gente já trata com chá da flor do mamão e da catinga de mulata! Aí vem o... Meu Deus! Esqueci o nome dele agora... O paregórico também caseiro, né?! Que a gente faz o chá, aí bebe... E fica bom... Sem precisar ir pro posto. Se a gente leva pra posto é quando é uma quebra-dura! (Narrativa Valderlurdes)

Nessa rede de curas tradicionais é mantida a força da curandeira:

O pessoal vai muito ainda na Dona Preta. Vai, demais! Ela cuida de todos os problemas. Do feitiço! A doença dada por Deus. Ela quem cuida disso aí... Numa comparação, se eu tenho mal olhado eu tenho que ir com ela... A Dona Preta ela tira, se eu estou precisando, assim, vamos supor... A minha vida está tumultuada de problema!! Ela também que vai cuidar... A gente vai lá com ela, resolve pra gente... Os cabocos dela e daí por diante!... (Narrativa Valderlurdes)

A referência ao Uruapera como o lugar de origem dos saberes tradicionais, aqui, nesse caso especificamente, às plantas medicinais, é confirmada na narrativa de Judite:

Eu entendo de certos remédios. Remédio de mato eu não sei, mas agora de casa, eu sei. Bem, esse hortelãzinho é bom pra criancinha pra tomar o chá, pra vamos dizer, pra uma dor de barriga, pra cólica. A salva de marajó com água inglesa, aquele que as mulheres de resguardo tomam é bom para a criança que nasce e tem aquela cólica, aí é só fazer o chá da salva de marajó e botar um pouquinho da água inglesa e dá pra criança que é bom que só pra barriga. Agora tem também o banho pra dor de cabeça, a japana branca com o hortelão grande, a gente descasca um limão e espreme aquele caldo pra pessoa banhar que é bom pra dor de cabeça, não precisa ferver é só misgalhar na água. E tem também o banho fervido, com vindicá, folha de limão é muito bom pra dor de cabeça também, eu tenho uma fé mais nesses remédios caseiros do que nesses da farmácia; a castanha de cumaru batido na cachaça é bom pra dor de cabeça também. Esse camuru é uma fruta que eu tenho aí no meu quintal. Pra tosse é xarope de jaramacaru, japana, mangarataia, mel de

abelha, tudo isso aí é bom a gente fazer aquela misturada pra tosse, e é bom mastruz também, tudo isso aí é bom pra xarope, pra gente beber pra tirar a tosse da gente. (Narrativa Judite)

Judite traz presente uma enciclopédia de remédios feitos com plantas medicinais que ela define como remédio caseiro por tê-los em seu quintal, o qual é uma área vasta entre a beira do lago Uruapeara que passa em frente à sua casa e vai até o garapezinho na fundiária do quintal onde tomam banho, lavam roupa e louça e tratam os peixes. Nessa área, existem as seringueiras, castanheiras, palmeiras; árvores que pertencem também à floresta, mas que, por estarem em seu quintal, passam ao domínio caseiro de Judite.

Os remédios de cuidados caseiros que haviam sido apresentados por Valderlurdes: *hortelanzinho e salva de Marajó*, fazem parte da enciclopédia da medicina tradicional de Judite e outros são acrescentados, havendo uma mescla entre os caseiros e os do mato, todos se encontram em sua área de domínio caseiro: *japana branca com o hortelão grande, vindicá, folha de limão, a castanha de cumaru, jaramacaru, japana, mangarataia, mel de abelha, mastruz...* Nessa medicina tradicional está o saber indígena da região e demais regiões, principalmente do nordeste, de onde veio muita gente no período da borracha. Os próprios nomes das plantas medicinais são indígenas, como a *mangarataia e jaramacarudentre* os outros mencionados.

Dentre esses remédios caseiros, há os que se remetem às ancestralidades indígenas como o mel de abelha que precisa ser retirado no mato. Lá no Uruapeara, a coleta do mel de abelha feita de forma tradicional é realizada na aldeia dos Paraintintin e também pelos Pirahã, as mulheres do Uruapeara compram ou trocam com a Maria Parintintin também vi menção de trocas feitas entre os Pirahã e moradores do espaço de seringal.

Um remédio raro da tradição indígena é o para picada de cobra que Judite também menciona como caseiro por ter no seu quintal, que não é um quintal comum é uma área de reserva de espécies de plantas medicinais raras: *Tem também pra picada de cobra que é essa planta que fica grudada no pau, ela parece um tajá, ali na castanheira tem é muito, bem ali pra perto da casa do meu filho Orildo, aqui do lado, tem é muito, essa tal de guaribinha, que tem aquela frutinha pequena.*

Além do conhecimento das plantas, também é mantido o conhecimento dos modos de fazer os remédios, conhecimento que é passado de geração em geração, o

que, no caso de Judite, vem de uma tradição matrilinear: *Eu aprendi esses remédios tudinho com a minha mãe, era, assim, a vovó ensinava pra mamãe e ela já passava pra nós, ela dizia: “Olha minha filha esse remédio é bom pra gente fazer e dá pra as crianças”, aí ela mandava eu fazer, eu ia fazer e dava certo, dava para as crianças.*

Da avó, foi passado para a mãe, Judite, por sua vez, ao se tornar mãe, passou para as filhas e para a nora: *Eu ensinei esses remédios pras minhas filhas e pra minha nora que mora aqui perto de mim. Ensinei pra elas o remédio pra mulher menstruada.* O poder da cura por meio dos remédios tradicionais é acrescentado pela fé cristã presente na comunidade: *é um santo remédio com fé em Deus.*

Na última vez que estive no Uruapeara, soube do caso de morte causada por picada de cobra. Diante desse caso, meu ponto de vista é que apesar de haver pessoas que detém o conhecimento dos remédios tradicionais, nem sempre os que vivem na comunidade recorrem a elas e a esse saber tradicional, isso faz com que algumas pessoas morram, porque não fazem uso da tradição e nem conseguem chegar com tempo nos hospitais da cidade, como no caso do marido da mulher que fazia as panelas de barro que morreu por causa de uma picada de cobra.

A falta de uso da tradição também implicou na interrupção de outra tradição, que é a produção de panelas e demais utensílios de barros, dentre eles a fôrma de fazer os biscoitos tradicionais pois, após a morte do marido, a mulher que fazia esses utensílios deixou de fazê-los. Essa interrupção pode ser passageira ou definitiva, as mulheres do Uruapeara ainda não sabem.

A enciclopédia de remédios tradicionais também é atualizada na narrativa de Nelson Mura, nela estão os saberes tradicionais passados de geração em geração vindas do pajé Mura, seu bisavô, da filha do bisavô que era curandeira, até chegar a seu Nelson Mura que mantém essa tradição medicinal, também incorporando outras plantas adquiridas pelo conhecimento dos livros de plantas medicinais.

No conjunto dos saberes tradicionais passados de geração em geração, estão os dos remédios tradicionais: *Minha família foi se formando e de alguma forma alguns conhecimentos tradicionais foram sendo repassados, dos que eu já falei, ainda, tem o conhecimento dos remédios tradicionais, aqueles que a gente chama de caseiros...* Para Nelson Mura, esses saberes vêm das avós: *As vó que conhece né?*

Nelson Mura também se coloca com sabedor desse conhecimento tradicional: *Eu também conheço umas árvores que são remédios, planta que a gente*

vê, como o jambo que é remédio medicinal, manga é medicinal, essa bicha, como é? Azeitona. Ela é medicinal, é uma planta muito boa... Nesse saber tradicional, novas plantas vindas de outras regiões são acrescentadas, mantendo-se as das tradições geracionais:

A gente bebe o capim santo, ele é calmante, né, vem a mucuracaá, que é uma planta também muito boa pra beber um chá, pra alguma coisa, pra suar. Agora virando pra mata, a gente tem o espinho da mambáca, ela é boa pra hemorragia... A gente queima aquele espinho, e pisa... Amassa com um pauzinho numa vasilha... Se tá com hemorragia a pessoa bebe. Mambáca é uma árvore de espinho, mas tem o palmito dela que serve pra diarreia... Só que o palmito prepara diferente do espinho: - A gente ferve aquele palmito, tira aquela água, aquela aguazinha saloba, tipo um soro, acho que é muito bom o chá do palmito da mambáca, é como soro caseiro, acho que não tem diarreia que aguento não. Segura a gente né! (Narrativa Nelson Mura)

Os remédios caseiros envolvem os cultivados no quintal e os da mata. Remédios que vão do tratamento para acalmar, para cuidar de diarreia, para febre, tratamento do campo da resistência física para o trabalho pesado até o tratamento da potência sexual:

E daí vem a Mirapoama pra fortalecer o homem. Ela é um viagra, bem dizer... É uma árvore também, mas ela não fortalece o homem só pra mulher, não. Ela fortalece o corpo todo. Eu já tomei uma vez e não tinha nem mulher. Eu disse - Vou experimentar pra ver se funciona mesmo. É certo que mexe... Mexe... Acho que o homem deve aproveitar mesmo? Mas eu fiquei suando, suando com força mermo, parece que eu criei força sabe? Sei que eu achei bom tomar esse chá da marapoama. Tomei muito já. Só que tem que ter a mulher, né, pra ficar melhor... Eu gastei no trabalho, no outro dia suei muito trabalhando, mas foi bom, porque serve pra dar força, né. (Narrativa Nelson Mura)

Seu Nelson Mura apresenta remédios específicos da tradição familiar, dos livros e os que fazem parte de forma ampla da tradição amazônica presentes também nas narrativas vindas do Uruapeara, como o iuxi que é mencionado pela Edilene em sua narrativa. Assim, Nelson Mura atualiza uma medicina tradicional que é um saber também compartilhado no Uruapeara, em Nazaré e na Amazônia toda, sem perder a especificidade Mura:

E tem a saracura, também um remédio pra malária, pro fígado, ela cura a malária, se tomar direitinho cura mermo, e tem o cipó cravo, o cipó cravo é bom também, um santo remédio. Nós temos tudo lá. Daí vem o unha de gato, aí tem a casca do iuxi, também que é bom pra inflamação de mulher. A casca do iuxi puro mermo. O iuxi verdadeiro, aquele amarelinho, a casca dele é muito bom pra inflamação de mulher, às vezes, do útero, né, é muito bom, e o unha de gato é pra tudo isso, ele não é fácil não, esse unha de gato, vou dizer que vai ser um remédio muito famoso aqui no nosso Amazonas, porque tem muito mermo... (Narrativa Nelson Mura)

E ainda tem aqueles remédios que ele usa a partir da necessidade de cura de doenças que antes eram curadas por rezadores e seu Nelson, ao se tornar evangélico, passa a procurar outras maneiras para curar-se:

É muito boa a medicina tradicional. Tem um remédio que eu chamo de remédio do índio. Esse é um remédio da minha autoria... Eu descobri esse remédio depois que aceitei Jesus, porque depois quando a gente aceita Jesus acaba com negócio de reza né... Tem uma inflamação que dá na perna da gente, que é chamada de vermelha. Tem também a inflamação da mordida de cobra, que tem que ter um remédio, mas aí agora crente como é que vai fazer? Ninguém ia rezar... Aí deu uma enfermidade no meu pé, tive uma picada de cobra e fiquei com vermelha. Aí eu ia lá no mato tirava o olho da banana braba... O miolinho mole né... Tirava amarrava em cima, pegava uma invira, amarrava bem e ia dormir. E no outro dia amanhecia seco aquilo, porque essa vermelha dá uma meladeira. Todo dia eu fazia isso, e aí a casca do ferimento saía... Adeus aquele coro. A vermelha queima na pele, mas com o remédio pronto... Tá seguro. Qualquer parte do corpo pode botar que sara mermo, eu digo com certeza porque eu já fiz. Você não precisa mais ir atrás de benzedor. Acho que esse aí é o remédio que nós povos indígenas usava quando pegava um arranhão e, às vezes, inflamava. (Narrativa Nelson Mura)

Nessa passagem de crenças, Nelson Mura se utiliza de estratégias para suprir o abandono da tradição da cura pela reza, mas mantém o remédio tradicional realçando a sabedoria indígena e, com isso, cria novas possibilidades de manter as tradições.

Da aldeia para o seringal e do seringal para a aldeia, o caminho da pajelança continua sendo feito, mesmo com novas estratégias, não se desligou dos antigos saberes mantidos por uma tradição oral, isso é demonstrado pelas narrativas. Esse caminho é bem traçado por Maria Luíza Parintintin, filha do seringal e que se tornou mãe numa aldeia Parintintin no Rio Ipixuna:

Maria Parintintin além de todo o conhecimento dos remédios tradicionais apresentados em sua narrativa, ainda menina descobre-se parteira. Sente-se orientada espiritualmente para fazer seu primeiro parto ainda no espaço do seringal. Nessa primeira experiência, seu dom é revelado ao conseguir salvar a vida de uma mulher que estava com o feto morto. A segunda narração sobre a realização de outro parto é situada no tempo de experiência adquirida na prática de parteira. Ela narra sua atuação num parto de uma criança em que mãe apresentou dificuldades para tê-la.

Primeiro uma mãe seringueira e depois uma mãe Mura. Assim, Maria narra sua experiência de parteira entre o mundo do seringal e o da aldeia, pegando as mães do seringal e as indígenas, sendo ela mesma a mãe de lideranças femininas

Parintintin, a cacica, a professora e a que se dedica a produções de roçado para suprir o sustento de seus filhos, são mulheres fortes que ocupam papéis importantes na comunidade.

Primeiro parto: O dom é revelado aos 13 anos de idade:

Falei no começo que sou parteira desde aos treze anos de idade. Eu fui enviada por Deus! Olha vou contar como foi que eu comecei a ser parteira, vou contar bem direitinho, eu gosto de explicar pras pessoas bem explicadinho, porque a pessoa vai seguindo ali aquele caminho que eu tô ensinando. Eu era uma menina de treze anos, tinha uma mulher que era parenta do meu parente, então aquela mulher foi dar a luz àquele bebê... Ela coitada passou onze dias com dor pra ganhar aquele bebê, ela não pôde ganhar aquela criança, nasceu só esse braço esquerdo da criança... Ai essa mulher estava toda roxa, toda inchada! Bem, quando foi nesse belo dia que eu fui lá ver ela com meu pai, meu pai foi aplicar uma injeção de óleo arconfurado nela, pra ver se ela tinha força de resistir, pra ver se tirava aquela criança. (Narrativa Maria Luíza Parintintin)

Na experiência vivenciada por Maria Luíza Parintintin, ela se tornou parteira porque foi enviada por Deus, mesmo que numa referência cristã, mantém a parteira no espaço da curandeira guiada por uma entidade espiritual. Por meio da sua narração ela situa o seu tempo como um tempo sem maldades: *A criança estava morta dentro dela... Aí eu por ali brincando com as outras meninas... Menina de outro tempo não sabia o que era maldade, não sabia por onde nascia criança, como é que aquela criança vinha! Ninguém num sabia... Bem, aí quando foi naquele dia, eu fui lá.*

O encontro de várias parteiras para cuidar de um parto difícil: *Deixaram a porta, assim, aberta, as parteiras, tinha umas onze ou doze parteiras lá, as velhas antigas e eu que era uma criança, era dona Anésia, a dona Joanelinha, a dona Siurinha, a dona Adélia, a velha Izibina, era uma porção, sei que era umas onze... Os nomes das outras até me esqueci, dona Mercedes e minha madrinha Santana... Eu sei que era uma porção e que eram onze mulheres...*

Por meio de uma porta entreaberta faz a passagem do espaço das brincadeiras das meninas para o espaço das mulheres adultas, *bem, aí eu fui lá espiar na porta, ela levantou a cabeça, estava deitada a coitada, toda roxa! Levantou a cabeça e disse: “Aí minha amiga eu vou morrer mana, eu não posso ter meu filho”, - Filho? Por onde nasce? Falei só comigo no meu coração...*

Ao deparar-se com a imagem da mulher entre a vida e a morte em um nascimento que não se realizou e descobrir por onde nasce uma criança, despertou-se da inocência e ainda em pé na porta sem ter entrado no mundo dos adultos iniciou

a experiência espiritual sendo conduzida na passagem da perda da inocência para agir, fazer parte da luta pela vida, para fazer parte da realidade daquelas mulheres:

Eu olhei pra ela, estava só um braço da criança! Eu estava em pé na porta, aquilo, a modo, que foi subindo do meu pé, senti assim: Siil, subindo... Aquela voz me disse: “Vai tirar a criança dessa mulher, vira ela de cabeça pra baixo sacode ela. O braço vai recolher e essa criança vai nascer na tua mão”. Aí eu fiquei pensando, parece que nem fiquei em mim, a modo, que me deu aquele passamento assim... Eufiquei, num sei como eu fiquei... E aquela voz veio e disse: “Vai, faz o que eu tô te mandando”. (Narrativa Maria Luíza Parintintin)

Nessa experiência narrada tudo é passagem, da inocência da menina para a realidade das mulheres adultas, a passagem da mulher entre a vida e a morte, a criança que não nasceu e ainda não havia saído da mãe e a da renovação das novas parteiras. É a dinâmica da renovação das tradições que estava acontecendo naquela comunidade.

A relação de afetividade com a mulher que estava em trabalho de parto interrompido antes da sua finalização e o chamado espiritual faz com que Maria Luíza se sentisse responsável por aquela mulher e num transe espiritual iniciasse sua prática de parteira:

Eu gostava muito daquela senhora, o nome dela era Helena, era mulher do Luiz Pinto, eu gostava muito dela e ela gostava de mim...Acho que foi Deus que mandou o Espírito Santo pra mim fazer aquilo, né! Aí eu cheguei lá e disse: - Mana eu vou te salvar, vou tirar esse teu filho de ti, peguei ela...A modo, que eu tinha uma força tão grande, ela era uma mulher bem maior de tamanho e peso, do que eu, mas suspendi ela assim mesmo de cabeça pra baixo e dei três sacolejos nela, sacudi e o braço da criança recolheu. Aí aquela voz disse: “Pega, ajeita bem a criança que ela vai no nascedor e você vai tirar essa criança. Assim mesmo eu fiz...Ajeitei a criança bem ajeitadinha, dei três sacolejos nela, como a parteira faz; eu dei aqueles três sacolejos e a cabeça da criança saiu e eu tirei... Aí quis dar um passamento nela ajei um passeio remédio nela mais que depressa, puxei ela muito bem, ajeitei ela, a mãe do corpo dela, fechei as cadeiras dela, tirei a placenta da criança, coloquei a criança lá e saí, e ela disse: “Mana, me põe na minha rede”. Eu agarrei... Forrei a rede dela, botei ela na rede, puxei ela, aí eu gritei: Ei venham cá mulherada, traz um leite com canela não sei com o que e dá pra essa mulher que ela tá pra ter um passamento... (Narrativa Maria Luíza Parintintin)

Maria Parintintin não se refere aos espíritos dos Botos Tucuxis como seus guias na realização do parto, como se referiu Timaia em Nazaré, mas se refere a um espírito que a conduz a realizar os procedimentos necessários para a criança ser recolhida, voltar para o nascedor e em todos os cuidados com a mulher.

O ritual de passagem do espaço da criança para os das mulheres adultas efetiva-se ao ser questionada pela madrinha por estar no espaço dos adultos quando

ela anuncia que realizou o parto da mulher: *Aí minha madrinha, que ajudou meu pai a me criar,disse: “Minha filha tu é uma jovem o que você tá fazendo aí!? Eu disse:- Eu já tirei a criança, eu já fiz o parto da mulher. Tá aqui venham ver! Sua passagem de uma menina inocente para uma parteira se deu numa experiência com a intervenção de uma entidade espiritual, mas ela precisou se apresentar e mostrar para as outras parteiras que foi capaz de fazer o parto.*

A partir da primeira experiência de realizar um parto, se apresentar às parteiras e ouvir a voz do espírito, ela se tornou parteira:*Eu tirei o menino, ele estava morto, quando eu tirei o menino veio aquela voz e disse: “Ah, você vai ser parteira todo o tempo da sua vida até você morrer... Desde lá até hoje eu sou parteira, tiro criança posicionada de todo jeito, eu conheço a criança que tá no bucho da mãe, eu conheço a criança quando é homem, quando é mulher, se ela tá em pé, se ela tá sentada, do jeito que tiver, eu já tirei.*

Assim como no primeiro parto realizado ela se distingue diante das outras parteiras que não haviam conseguido tirar a criança morta da mulher, o segundo caso narrado por ela também se dá em contexto de parto difícil em que ela se sobressai ao médico:

Ali em Manicoré eu fui pra lá com meu esposo, porque eu estava doente e fui lá me tratar, aí tinha uma Mura que estava com cinco dias que não tinha conseguido ter o filho, estava na mão do médico, aí veio outra enfermeira que era conhecida nossa, porque trabalhava aqui na aldeia com a gente, que disse pra meu esposo: “Seu Zeca, mas a dona Maria não é parteira de lá do canavial?” Ele disse: “É”. Aí ela disse: “O senhor não quer deixa ela dá uma espiada nesta minha paciente que tá sofrendo com dor e já está com cinco dias e não ganha essa criança? ”... Aí ele disse: “Ela vai!” Aí, eu fui lá,coloquei ela na cama, e vi que a criança estava enviesada, eu agarrei, puxei a criança, endireitei, coloquei no nascedor e disse: - Olha vai com teu médico e quando for oito horas da noite você vai ganhar, pode marcar no relógio e essa criança é uma menina. Ela disse: “A senhora sabe?”.Eu disse: - Eu sei, vai nascer oito horas e é uma menina e foi dito e feito. Lá num tinha carro pra levar essa mulher, meu marido mais o marido dela levou ela pela chuva mesmo. Foramcarregando aquela pobre mulher na chuva, quando chegou oito horas em ponto a criança nasceu.(Narrativa Maria Luíza Parintintin)

Na primeira experiência de parteira, a distinção diante das outras parteiras pode ser entendida como necessidade de marcar sua passagem de menina para parteira e para se legitimar diante do reconhecimento delas. Na experiência que se dá no espaço da cidade, pode ser para marcar o poder da parteira diante do médico:

O médico perguntou: - “Quem foi que fez isso em você? Ela disse: “Foi a parteira e ela me disse que era menina e é menina e a hora que ela marcou eu tive!Aí ele disse: “É? ”.Pois, você vai chamar essa sua parteira, pra ela vim aqui comigo pra mim saber como é que foi que ela aprendeu isso. Aí a Suze

veio de lá e disse: “Dona Maria o médico disse que é para a senhora ir lá com ele, que ele quer saber como é que a senhora sabe arrumar a criança para nascer.” Aí eu disse: - Tu diz pra ele que a escola que ele estudou eu não estudei, a minha foi outra diferente... Mas a menina nasceu com um problemazinho, não podia fazer cocô e nem mijar... Aí o médico disse que não sabia o que era que a menina tinha, mas que era para esperar pra ver se ela ia fazer xixi e cocô quando completasse oito dias. Aí eu falei: - Mas como uma criança vai ficar oito dias assim? Aí foram lá comigo aí eu ensinei um remédio: - Olha, tu faz um chá de cominho com erva doce e dá pra neném... Pode fazer! Ela fez e a menina fez o cocozinho dela e o xixi. Ficou boa, e eu disse: - É só isso o problema, agora sua filha tá sadia, ela não tem doença nenhuma... Pode tratar dela que ela vai ficar uma criança sadia... E foi. (Narrativa Maria Luíza Parintintin)

Na classificação que Valderlurdes faz das doenças dadas por Deus e as Doenças dadas pelo Homem e em todas as relações tecidas com as manifestações de pajelança, de curas, está marcada a distinção da esfera de organização da vida: a social, a cultural, a política e a religiosa mas que ao mesmo tempo estão interligadas espiritualmente.

Nada está separado, mesmo que haja o espaço dos encantados e o dos humanos, como é marcado na narrativa de Nelson Mura, os encantados estão presentes na esfera do humano e o humano na esfera dos encantados. Como disse Davi Kopenawa em “A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami” (2015, p. 120): “Em todos os lugares onde vivem humanos, a floresta é assim povoada de espíritos animais”.

As narrativas que fazem parte da tese “Tecendo Tradições Indígenas” confirmam o saber tradicional mantido nessas comunidades, mesmo que também façam uso da medicina clínica, para essas pessoas há doenças que só podem ser tratadas pelos meios tradicionais. A maneira tradicional de tratar as doenças dadas por Deus e as doenças dadas pelo homem se distinguem da ciência clínica dos remédios da farmácia. Como Maria Luíza mandou dizer ao médico: - *Tu diz pra ele que a escola que ele estudou eu não estudei, a minha foi outra diferente...* Nesse mundo das tradições, as mulheres e homens que rezam, que curam, que cuidam, são os que fazem a ligação da floresta, das águas, da terra, do céu e das esferas entre o céu e a terra onde os fios de suas vidas os conectam as várias esferas da vida interligadas espiritualmente.

11. OS FESTEJOS DE SANTOS COMO RITUAIS DA MEMÓRIA DOS ANTEPASSADOS: O CONTEXTO DAS TRADIÇÕES LOCAIS

Existe uma tradição de estudos acadêmicos sobre Festejos, dos clássicos aos mais atuais, porém, a proposta desta pesquisa não é fazer uma etnografia específica dos Festejos em que participei no Uruapera, Amazonas e em Nazaré, Rondônia, pois não se trata de estudo sobre o Festejo de Santos em si, já que para isso seria necessário fazer um balanço dos estudos existentes nessa área. No entanto, ao ter contato com dois trabalhos, um da área de Ciências Sociais da USP e outro, de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, ambos realizados em comunidades às margens do rio Madeira, sendo o primeiro no Estado do Amazonas e o segundo no Estado de Rondônia, foi possível situar os rituais comuns vindos do cristianismo arcaico e também perceber que os autores, além de terem feito um balanço dos estudos realizados nesse campo, também chegaram a perceber que, para além do cristianismo, há nesses Festejos alguns rituais indígenas. É desse ponto que eu quero partir.

No primeiro trabalho lido, tomei nota dos pontos em comum entre os Festejos estudados por sua autora e os Festejos que vivenciamos em comunidades. Esse trabalho era o livro “Princesa do Madeira: os Festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá/AM” de Maria Terezinha Corrêa (2008), resultante da dissertação da autora, onde esta faz a etnografia de dois principais Festejos religiosos realizados no município de Humaitá: o Festejo de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e o Festejo de Santo Antônio.

O segundo trabalho é composto de dois artigos, os quais adotei como material de estudo para perceber as relações feitas pelos autores sobre os Festejos realizados nas comunidades do Rio Madeira no Estado de Rondônia, dentre elas a comunidade de Nazaré⁵². O primeiro desses artigos é “Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia” (2008), de Adriano Lopes Saraiva e Josué Costa, que traz dados etnográficos da comunidade de Nazaré. Já o segundo

⁵² Minha pesquisa não é sobre a comunidade de Nazaré e nem a respeito das festas religiosas, mas sobre os modos de vida de um grupo familiar que se deslocou do Uruapera para Nazaré na época do seringal, grupo familiar no qual busco os modos de ser indígenas. Nesse sentido, embora não esteja me propondo a fazer um estudo sobre os Festejos propriamente ditos, eles aparecem nas narrativas e estão ligados à família que faz parte desta pesquisa.

artigo, “Religiosidade popular e Festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia”, de autoria apenas de Adriano Lopes Saraiva, resultou do capítulo da dissertação intitulada “Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia”, publicado na Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH (Ano III, n. 7, maio 2010).

Os dois trabalhos - a etnografia dos dois Festejos de Humaitá, Amazonase os artigos acerca dos Festejos nas comunidades do Estado de Rondônia - são referências na tradição de pesquisas sobre Festejos em diferentes culturas e também em pesquisas feitas na Amazônia. Referências clássicas sobre culturas não brasileiras são utilizadas como base para considerar os respectivos Festejos estudados como fatos sociais totais e para relacionar as experiências de similaridades percebidas pelos autores desses estudos. Nesse sentido, os estudos brasileiros fundamentam essas percepções a respeito das situações de fronteiras culturais e suas tensões bem como sobre os sentidos sociais, culturais e políticos nos estudos específicos na Amazônia; suas referências sustentam as percepções acerca dos modos de vida característicos e sobre as influências de outras culturas, revelando a presença xamânica nesses Festejos.

Diante das percepções em comum sobre os Festejos encontradas nos estudos mencionados, passo a relacioná-las com as observações de campo realizadas no Festejo de São Sebastião, em janeiro de 2012, no Uruapera, na comunidade de Centenário; no Festejo de São Raimundo, que participei em agosto de 2013; no Festejo de São Sebastião, que fui ver como era em Nazaré em janeiro de 2013; e nos Festejos São Pedro que vivenciei pela primeira vez em julho de 2009 - quando retornei à comunidade de Nazaré após 26 anos, e durante a pesquisa de doutorado nos anos de 2011 e 2013, trazendo presente a Ladainha de São Miguel, o Puxirum e a Festa da Melancia para serem pensados junto com os Festejos no contexto de tradições das culturas locais.

A primeira percepção identificada como sendo comum aos Festejos dos estudos mencionados e aos Festejos que fazem parte da minha pesquisa, foi a marcação das mudanças de estações: os dois Festejos coincidem com a entrada de duas estações do ano: “O primeiro Festejo realiza-se em fins de novembro e começo de dezembro, quando ocorre a passagem para o inverno, e o segundo, no mês de junho, quando inicia o verão amazônico” (CORRÊA, 2008, p. 17). Essa marcação de tempo também é apresentada por Saraiva (2010):

Cada Festejo possui sua própria história e razão de existência. Representa agradecimento, devoção e também saúda um novo período produtivo que se inicia nessas comunidades, o início do período de plantio pode representar também a solução de um grave problema, a saúde recuperada, tudo isso é traduzido em agradecimentos. Portanto, a organização espacial estará ligada ao universo das crenças, o que refletirá de forma concreta na maneira pela qual o homem irá estabelecer-se no espaço. (SARAIVA, 2010, p. 153)

A passagem da estação do inverno para o verão amazônico, marca as mudanças nas produções às quais as comunidades se dedicam, por meio das quais organizam suas vidas que estão interligadas às diferentes esferas do universo cultural que essas comunidades fazem parte.

Mesmo que nos dois estudos seja possível pontuar elementos comuns aos Festejos apresentados, cada comunidade tem sua especificidade na forma de realizá-los. Os Festejos de Humaitá e os do Uruapera, ambos no Amazonas, e os das comunidades às margens do Rio Madeira em Rondônia, podem ter em comum a tradição do agradecimento pela graça recebida além de seguir uma prática dos rituais de fazer a Alvorada, o levantamento de mastro, as ofertas ao santo, os terços de penitência, as procissões, os cantos e o arraial com barraca do santo ou da santa, os leilões, as músicas e a folia, e no entanto, cada um pode ter um contexto cultural diferente.

No próprio Uruapera, onde vivem as famílias que tem ligações de parentescos e de afinidades com as famílias que vivem em Humaitá, no Amazonas, e em Nazaré, às margens do Rio Madeira, em Rondônia, para onde algumas famílias se deslocaram e levaram consigo as tradições do lugar de origem, há diferenciações que se apresentam também na própria localidade entre as comunidades que formam o Uruapera, como é possível perceber entre o Festejo de São Sebastião, realizado em janeiro na comunidade de Centenário e o de São Raimundo, na comunidade de Santa Cívita.

11.1 FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO

O Festejo de São Sebastião no Uruapera, está mais próximo dos dois grandes Festejos de Humaitá em termos de envolvimento de várias comunidades das margens dos rios amazônicos e de pessoas vindas das cidades do Amazonas e outros estados. É um grande evento onde um padre e uma equipe de jovens católicos vêm do município de Humaitá para fazer parte da animação da celebração, que conta também com a presença de políticos vindos do referido município e da imprensa oficial e alternativa. Há muitos fiéis pagando promessas, há a procissão fluvial, as barracas comerciais e a do

santo, osvários leilões (inclusive o do mastro), muita reza, cantos e demonstrações de sentimentos amorosos e respeitosos ao santo, tais como o comportamento dos fiéis descrito em “Princesa do Madeira: os Festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá/AM”:

A demonstração de afeto para com o santo é grande: se toca seus pés, as mãos; encosta-se a cabeça em seu hábito, expressando pedido de amparo ou consolo; abre-se os braços em sinal de pedido; eleva-se o olhar para o alto; ajoelha-se reverenciando-se e suplicando piedade; se beija a fita ou os pés; se toca seus ombros; abaixa-se a cabeça como se tivesse pedindo a bênção ou um conselho. (CORRÊA, 2008, p. 227-228)

Esse comportamento também é presenciado entre os fiéis que participam do Festejo de São Raimundo no Uruapeará e os que participam do Festejo de São Sebastião e do Festejo de São Pedro em Nazaré, com a diferença de que no Festejo de São Sebastião no Uruapeará há um grande número de fiéis em relação ao Festejo de São Raimundo e os realizados em Nazaré. No Festejo de São Sebastião na comunidade de Centenário, as senhoras de idade são as que mais vão até o santo e se demoram, enquanto que no de São Raimundo, observei que esse gesto para com o santo ocorria na mesma proporção entre mulheres e homens de diferentes idades, adultos, idosos, jovens e crianças. Em Nazaré, além de existir um número mais restrito de fiéis, os gestos de tocar o santo são praticados em maior quantidade de vezes pelos mais velhos, embora todos os que vão para as rezas dos terços e para a celebração de encerramento façam o gesto de se benzer diante do santo e participar do rito cantando, rezando e acompanhando a procissão.

No Festejo de São Sebastião no Uruapeará, a puxadora das rezas e dos cantos durante a procissão terrestre é dona Líbia, uma senhora que faz parte da família responsável pelo Festejo desde o começo da comunidade. Dona Líbia preza pela tradição religiosa do Festejo, incentiva as outras mulheres a testemunharem suas graças obtidas por meio do santo e se empenha em chamar a atenção dos jovens para o momento religioso do Festejo. No dia da procissão, depois do trajeto fluvial, ao voltar para a terra e contornar a igreja, dona Líbia pediu que houvesse uma parada na procissão e que as pessoas se virassem em direção ao local em que estavam as barracas. Então, Dona Líbia pediu em voz alta a São Sebastião que intercedesse junto a Jesus Cristo pelos jovens que estavam ali consumindo bebidas alcoólicas. Enquanto ela

se dirigia ao público das barracas, os fiéis continuavam a cantar os cantos de devoção, seguindo depois para a igreja.

Durante a participação no Festejo de São Sebastião, fui até a casa da família responsável por ele. Seu Francisco, conhecido por Chico Branco, sua esposa, dona Maria e sua irmã, dona Líbia contaram-me um pouco da história da comunidade, da construção da igreja e do surgimento da devoção a São Sebastião, que é o co-padroeiro da comunidade:

Os fundadores da igreja:

Dona Líbia: Eu vou contar uma coisa bem pouco, porque eu já conto do que minha mãe contava, porque os contadores mesmo eram elas, porque ela era das pessoas daquele tempo, porque os avôs dela foram os fundadores, foi a Ademila de Souza Almeida. Então, a história de fundação dessa igreja aqui que a minha mãe contou e que tenho porque, assim, é que... Quando o primeiro fundador dessa igreja, o primeiro bispo que veio aqui foi Dom Antônio Macedo da Costa, este bispo foi o fundador da primeira igreja... Eu ainda vi muito pouco, meu irmão não alcançou, não viu esse tempo, porque ele é mais novo que eu...

Chico Branco: Não, só vi os pedaços caindo...

Dona Líbia: Eu ainda fui batizada dentro dela, era uma igreja muito linda, tinha o coro de música em cima, porque quando a gente entrava dentro dela parecia que a gente estava dentro da igreja de Manaus. Não! Da igreja de Belém! Porque quando a gente entra na igreja de Belém de Nossa Senhora parece assim que a gente entra noutro mundo, parece que com aquele eco, aqui nessa, era do mesminho jeito... Ela começou a demolir, era feita só de pedra e cal, naquele tempo não tinha cimento, então acho que na idade então de 50, 70 anos por aí, num sei, ela foi começando a demolir, demolir, aí ela se acabou... Dessa nova pra cá, eu tenho uma atitude, eu já passei a fazer parte. Quem ficou responsável foi o Everso Ferreira Neves, ele era também da mesma família, ele era o que a gente chamava de presidente de trabalho da comunidade... Ele era que era o presidente da comunidade e tinha as que tomavam conta da comunidade, que era a minha mãe, era minha tia, era Jovina, era como o nome da mãe da Jovina?... Num sei... Quem tomava de conta da igreja era também a Benedita, que era casada com teu segundo tio, seu Manoel Nunes, que era casado com a irmã de tua bisavó, dona Adelaide...

Chico Branco: Quando eu me entendi as festas eram iluminadas com candeia, o fogo de andiroba na casca de laranja amarga levantado com os pavios de algodão para dar luz, era as luminárias faladas.

(Entrevista coletiva no Festejo de São Sebastião, Uruapeara, janeiro, 2012)

Passagem do Festejo - dos antigos para os mais velhos atuais:

Dona Líbia: Então daqui pra cá vou saber te explicar, então dos primeiros assim, muito depois disso eu não vou ter mais esse entendimento... Então, daí veio os segundo novos... Quando ele ficou um pouco de idade, fracassou, aí surgiram outras pessoas que se chamava José Almeida, ele ficou mantendo o trabalho como presidente uns 4 ou 5 anos por aí ou mais, eu não me lembro mais... Aí veio Epaminondas, esse tempo ainda ele era seminarista, primo dele, do José Almeida, aí vieram pra cá e estudava pra Ananindéua, lá pra Belém, quando ele formou-se como padre aí ele disse... Meu marido era

pouco assim, muito católico, mas não gostava por exemplo, que eu trabalhasse na comunidade, aí então meu cunhado pediu a ele se eu poderia trabalhar, ajudar na comunidade... Aí eu entrei com meu pequeno trabalho na comunidade, lutando, lutando, lutando, ajudando pra cá pra lá... Construímos essa capela que hoje ela está uma nova capela... Aí depois de mim veio um padrinho que se chamava Gabriel... Ele teve seus trabalhos ajudou bastante também fez alguma coisinha... O segundo, depois dele ficou meu irmão velho, esse aqui tem pra mais de 20 de anos de trabalho aí...

Chico Branco: 18 anos...

Dona Líbia: Eu trabalhei 8 anos...

Chico Branco: Essa aí levou 25 anos, a minha esposa, trabalhando na igreja. (Entrevista coletiva, Festejo de São João Batista, Uruapeara, 2012)

Repassando a tradição do Festejo dos mais velhos para os mais novos da mesma família:

Dona Líbia: Essa aqui, minha cunhada, levou 25 anos... Então nós aqui somos os colaboradores da força desta casa e que nunca vai cair, hoje está a filha dela, filha deles como uma pessoa... Não, mas ainda tem mais gente que trabalhou na igreja... A Cintia era junto com o senhor, ele era o presidente, sempre mandando, se comunicando, ajudando, fazendo isso e aquilo, era o que corria atrás da administração e ela sempre na vida da pastoral, da liturgia, da organização era ela... Então hoje tem a filha dele... Então essa daí agora tá óh! A igreja está... Vocês já foram ver lá dentro da igreja?

Chico Branco: Ela deixou a casa, o carrão dela... Minha filha deixou tudo lá pra cidade e veio pra cá.

Dona Líbia: Tudo... Mas olha! Eu tenho tanta certeza... Mas, a palavra de Deus diz...

Chico Branco: Eu digo para minha filha - Larga isso aí...

Dona Líbia: O patrimônio que ela tem lá, pra largar tudinho! Mas tá lá. Tem até um rapaz que mora lá dentro, que é até meu enteado, mas ela veio pra cá olha, hoje... É um sonho pra mim completo! Meu irmão sabe disso, eu até que choro... Porque é um sonho meu dentro do meu coração ver a igreja que eu construí, um dia que ela era estreitinha, ela quase não tinha gente, ela não abrangia muitas pessoas, ficavam tudo pelo lado de fora e agora em nome de Deus, foi feita isso sim, com muito trabalho! Com muita garra sabe! E agora ter aí minha sobrinha assumindo aí a Igreja, uma pessoa de fé, de força, de deixar o seu trabalho pra fazer as coisas de Deus. E essa comunidade aqui, pode se dizer que o povo tem uma ajuda pelo tempo da festa com o povo que vem de fora, mas ela foi construída, realmente com esforço, eu botava o prêmio e a minha cunhada tirava, ela botava o prêmio eu tirava, sabe como é! Eu fazia assim umas bonecas feias de artesanato, se botava, fazia-se o leilão e vendia ela de um real no leilão pra poder construir a igreja. Não tem uma escada? A gente fazia leilão pra conseguir uma. Esse rapaz que tava aqui me abraçando, ele é filho daqui, meu padrinho também morava aí, ele é meu primo, ele nos ajudou, tudo, mas só essa família aqui... Lá mais embaixo tem o irmão dele, que é meu irmão, é de lá pra cá...

Chico Branco: E até hoje eles ajudam.

(Festejo de São Sebastião, Uruapeara, janeiro de 2012)

O Festejo como vínculo à comunidade:

Dona Líbia: Hoje não tem separação, é só essa família... Deixa eu ver, uma, duas, três, quatro, cinco comigo... São da família chefe comunitária e essa jamais, eu tenho tanta certeza, eu digo pros meus filhos: - Óh! Se eu morrer,

se eu morrer não, porque vou morrer sim, só não sei quando, peço a Deus que me dê perna pra caminhar, mas eu vou ter que ir, a verdade é essa, mas eu peço pra vocês que nunca, nunca abandone aquela casa, nunca abandone o nosso lugar, nunca... Nunca... Porque do lado de cá são eles, do lado de lá sou eu, e no meio a comunidade... Então tudo que se faz, tudo que eu faço, eu estou lá na cidade, mas tô preocupada, eu tenho um monte de coisa que eu arrumo, mando pra cá, um monte de coisa... Aí eu disse - Manoel, já vou, levo tanta bagagem... Ele diz então: “Deixa que eu vou mandar pelo Júnior...” Aí mandei pelo Júnior um pouco, não mandei tudo não, porque ele não gosta de carregar bagagem né, aí digo: “Tu leva isso aqui que é pra ela colocar no leilão”. Eu mandei um rádio pra ela, um gravador grande, mandei um edredon grande, “Pega filha, dê o que der, isso é da igreja... Eu vou chegar já não tenho tempo pra fazer um bolo, pra fazer isso, pra fazer aquilo, mas dei minha contribuição isso é de coração...” Então isso que eu tenho pra te explicar e te dizer o que eu conheço, agora tinha muita gente dos tempos que conhecia verdadeiramente, a minha mãe dizia que quando eles entraram nesse Uruapera, que esse igarapé era coberto de mururu, uma planta aquática, eles diziam e entravam com aquelas canoas que varejavam assim... Não era a remo não, era empurrado assim o varejão... Quando esse primeiro bispo entrou aqui, eles vieram desde lá, pois de Manicoré pra cá era onde eles entraram... Hoje tem cento e o quê?

Chico Branco: Uma base de 146 anos

Dona Líbia: 146 anos...

(Entrevista coletiva, Festejo de São Sebastião, Janeiro, 2016)

Como começou o Festejo de São Sebastião:

Chico Branco: Eu vou contar como foi pra São Sebastião ser patrono daqui. Bem, eu vou dizer, né, porque isso não foi nem minha mãe Úrsula de Almeida Nogueira que contou, ela dizia pra mim, mas foi a avó que transmitia pra ela... A vó dela, a velha Joaquina, porque a mãe da minha mãe era Genoveva.

Dona Líbia: Mas morreu nova... Ela foi criada pela vó.

Chico Branco: Então a minha bisavó foi quem disse que era uma promessa de que há muitos tempos, já havia surgido aí a comunidade que era chamada Povoação. Aí o velho que fez foi o bisavó dela Avelino Souza Almeida, foi quem fez a comunidade... Aí existia outro português em Boca do Uruapera, chamado José Neves, ou José Pereira das Neves... Então, como aqui tinha muito de primeiro a lepra que atacava, a béríberi, então ele fez essa promessa pra São Sebastião... Aí São Sebastião escutou as preces do português, ele foi embora pra Lisboa, pra Portugal, e lá ele conseguiu se curar e mandou fazer e trazer essa escultura de São Sebastião. Na viagem, na vinda de lá nas costas do oceano, de lá pra lá, atravessando, o navio naufragou e o velho se salvou no caixote, na caixa que vinha São Sebastião, porque não sabia nadar. Enquanto existia outro, se corria, enquanto botasse escaleiro, naquele tempo não tinha esse negócio de bóia, não existia, era aquele escaleiro que amarrava pra se salvar... Ele foi salvo de duas coisas, uma da lepra, outra da afogação. Isso aí eu digo não é da época da gente, a gente conta o que já ouviu, o que os pais contaram, porque a gente não era daquela época. Nem mamãe não era da época... Contaram pra gente... Aí eu vejo um milagre aí...

(Entrevista coletiva, Festejo São Sebastião, Uruapera, janeiro, 2012)

Descontentamento com os que não seguem a mesma crença:

Chico Branco: Esse homem que tava aqui é nosso parente, mas ele diz que não confia, né... Ele é da raiz desse dito velho Avelino e não confia nos filhos dele, irmão, parente, porque ele diz que não existe Deus, não dão conselho...

Não sabem como eles estão vivos... Quem dá a vida pra eles? É ignorância deles...

(Entrevista coletiva, Festejo de São Sebastião, janeiro, 2012).

Na época do catolicismo antigo:

Chico Branco: Nós nascemos tudo por aqui mesmo. Tudo perto.

Dona Líbia: Os filhos da gente tudo nasceram aqui... Aí tem gente que diz: “Ei, Chico Branco, tu nasceu e se criou aqui?” Eu digo: - Rapaz, desde 43 que eu nasci, foi numa quinta feira 28 de maio de 43, às cinco horas da tarde... Quem me batizou foi um padre, um segundo ou terceiro padre que aqui chegava; naqueles tempos aqui tudo era difícil...

Dona Líbia: Às vezes, passava cinco, seis, sete, oito anos sem vir um padre, não vinha padre não...

Chico Branco: Mas quando vinha, às vezes, o filho já estava barbado...

Dona Líbia: Quando vinha um padre, era tanta gente pra batizar, mana! Deus me livre! Era tanta gente que não cabia dentro da igreja...

Chico Branco: Às vezes, já batizava, casava e já batizava os filhos também...

Dona Líbia: Era gente, não era só criança não, Maria? Hoje não batiza quatro, cinco, dez, mas antes batizava...

Dona Maria: E não tinha só essa comunidade não, tinha muitas que o pessoal vinha para ser batizado... Quando convidavam minha mãe pra madrinha ela já pensava: “Meu deus do céu hoje eu não faço comida”, porque não dava pra fazer, era tanto batizado...

Chico Branco: Era do tempo que o padre rezava de frente pro altar...

Dona Líbia: Era em latim...

Dona Maria: Virava de costas, nós só sabia que era responder pra ele uma coisa: *hora por nobis*... Engraçado...

Chico Branco: Tinha o *hora te fratis*, mas nós não sabia o que era *hora te fratis*... Hoje a gente acha isso até engraçado. Tinha outras e outras palavras e eu ainda me lembro...

Dona Líbia: Era em latim, *et spiritu*, iiiiih... Minha mãe sabia responder, e hoje os que já foram perdendo muito a tradição, que todos os cantos de São Sebastião, tinha alguns, todos os cantos do Sagrado Coração, cada um ainda mais lindo...

Chico Branco: Sagrado Coração de Jesus era mais lindo.

(Entrevista coletiva, Festejo de São Sebastião, janeiro de 2012)

Divino Espírito Santo e São Sebastião - Os cantos de devoção:

Dona Líbia: Aqui, tem o padroeiro Divino Espírito Santo, mas agora a festa dele faz pouca força, porque é o tempo que todo mundo trabalha. Então, São Sebastião ficou vindo muitas pessoas assim porque é o tempo que muita gente tá de férias, todo mundo acha um tempinho pra vir... Quando cai festa, no mês de maio e junho vem gente, mas é pouca...

Chico Branco: Vem só da comunidade...

Dona Líbia: É só da comunidade... Só morador mesmo que o Espírito Santo traz...

Vou cantar um canto do Sagrado Coração, mas só um pedacinho... “Quando as cervas de flores, e ao céu se veste de luz, para entoar em louvores, ao coração de Jesus, para entoar em louvores, ao coração de Jesus. Tão bom as cevas de flores ao céu se veste de luz, para entoar em louvores, ao coração de Jesus...” Isso é só a estrofe viu, os hinos pra adiante são muitos... Agora esses livros que eu tinha, eu tinha um tio que ele que tomava conta dos livros, aí ele morreu e eu não sei para onde foi... Sim, ele botou na mão do Isaías que ficou no lugar dele... Ele era o único que tinha os livros, mas ele não rezava não, sério... Ele era um padre significante, mas não era padre não, só que ele era um missionário, ele fazia uma *homilia* que eu ficava besta de ver, que na minha cabeça... Antigamente, minha cabeça era um computador, hoje não é

mais, eu era demais, sabia tudo das rezas...Vou cantar um canto que a gente canta de São Sebastião, mas só um pedacinho... Tem vários, eu vou cantar um bem bonito... Vamos, vamos cantar pra eles só um pedacinho... “Ouça a súplica virgem, de nós tem compaixão, enxugai os nossos prantos e socorrei-nos na aflição, enxugai os nossos prantos, socorrei-nos na aflição...” Esse nós vamos cantar de noite no novenário de São Sebastião... Ele é lindo... Vamos cantar o glorioso mártir... Canta aí que minha voz já tá falhando...

DonaMaria: Eu tinha voz boa, agora não tenho mais, às vezes falta minha voz... “Glorioso mártir São Sebastião, dai aos seus devotos firme proteção”... Esse é o primeiro...

DonaLíbia: Esse é a resposta... “Por nós intercede junto ao bom senhor e salvai seu povo em qualquer horror, sempre observando, ouça nos viver com seu santo nome sempre bendizermos, a peste, o flagelo, a fome e a guerra com sua bondade afastei da terra... Glorioso mártir São Sebastião, dai ao seus devotos, firme proteção...” Essa aí é a resposta...

Chico Branco: Tem o canto do padroeiro Espírito Santo...

DonaMaria: Tem o estribilho e é assim do divino: “Divino Espírito Santo, divino consolador, consolai as nossas almas quando o destino nos for, consolai as nossas almas quando o destino nos for.” Esse é o primeiro, a resposta. Ainda tem os versos, tem muito mais... “Divino Espírito Santo, nosso pai e nosso guia”... E aí... “Divino Espírito Santo, nosso pai e caminho sem mancha, recebei as nossas almas, lá na bem aventurança...” É repetido duas vezes, tanto a resposta quanto o verso...

Chico Branco: É bom no microfone, eu sou bom pra fazer política, massó no microfone...

DonaLíbia: No microfone a gente canta bem porque o microfone ajuda muito a voz...

DonaMaria: É quando tem outro que tem a voz boa e entende... Essa noite, as meninas não queriam cantar os versos de São Sebastião... Eu disse:“Não!Podem começar lá que todo mundo vai ajudar vocês...”Todo mundo sabe então, começa e aí a gente ajuda; e aí a minha filha e as minhas duas netas começaram e aí eu comecei ajudar eles e aí o pessoal tomaram de conta... Elas com vergonha só rezavam... O pessoal lembra.

(Entrevista coletiva, Festejo de São Sebastião, janeiro de 2012)

Conflitos culturais entre a tradição do Festejo e o comércio no Festejo e a cultura local como parte do Festejo:

DonaLíbia: O que mata aqui a cultura são os novos que eles não querem praticar... Pra eles é uma vergonha...

DonaMaria: Eles tem vergonha...

DonaLíbia: Em outros cantos, eu digo pra eles, em muitos cantos o povo dá maior força na sua cultura, mas aqui no Uruapeara... Eles só querem o que vem de fora, mas não pode, tem que ser de dentro, as raízes tem que ser...

Chico: Mas aí vocês vão ver, tem umas culturazinha aí que vão fazer como o Seringador, se vocês estiverem aqui vão assistir a Alvorada que é na zabumba, são os grupos de foliões fardados...

DonaMaria: Vai chegar a equipe aí às seis horas pra tocar...

Chico Branco: Eles vêm todo fardado.

Dona Líbia: Parece que já estão até cantando...

Dona Maria: Não é aquele pessoal da festa... O Miguel tá pra chegar, ele disse que ia cantar às seis horas...

Chico: Mas na época agora é um enredo e o tostão...

DonaMaria: Mas quando for hora da reza, negativo, não tem modinha, música e bebida, vai fechar tudinho... Não é possível que eles não atendem...

ChicoBranco: Mas, Maria...

DonaMaria: Avisado eles estão né, na hora da missa tem que fechar os bares, parar as músicas, se quiser ir pra igreja vão, senão não vão, mas tem que parar a música...

DonaLíbia: Porque nós não podemos tirar nossa força de fé pelos outros... Então eles tem que bater como é a cultura do lugar... Se eu vou na tua casa, eu vou esperar que tu bote tua mesa do teu jeito pra me chamar e eu sentar pra ir almoçar... Eu não vou tomar tua frente pra fazer do meio jeito a oração na tua mesa não... Tu é a dona da casa, assim é nós em qualquer comunidade, nós chegamos e vamos olhar como é a cultura do lugar... Então, eu vejo tudo escrito ali: “É proibido, seis horas da tarde tem a procissão, tem a missa... Na hora da missa, proibido música e bar aberto... Eu vou ter que fazer... Eu vou ter que aceitar, é a norma daquele lugar, daquela igreja... Aqui nós somos da família dos Almeidas, da parte de minha mãe, de meu pai é Fonseca, agora os fundadores foram os Almeidas...

DonaMaria: A minha família é de Moraes e Teixeira... O nome da minha mãe era Maria Moraes e meu pai Benedito Teixeira...
(Entrevista coletiva, Festejo São Sebastião, janeiro, 2012).

Menção ao Festejo de Nossa Senhora da Assunção e as relações de afinidades entre comunidades - A festa de dança:

Chico Branco: Deus abençoe vocês nas graças de Deus... Mandem lembranças pra Tiliana, diga que lembro quando a gente dançava aquela valsa danada na festa da tia Beni, lá na Cabeceira, na festa de Nossa Senhora da Assunção... Ela tinha uma canelinha seca que era danada, pulava... A mais braba era a Preta... Mana... A preta copiava a gente, era a mais velha...

DonaLíbia: Essa era lá na Cabeceira onde era casa do teu tio Manoel Nunes... Tem pessoal de vocês que moram por lá né...

Chico Branco: Tem o Lula que tá no lugar que era onde o João Miranda morava...

DonaLidia: Tem uma que andava por aqui com vestido...

Chico Branco: A Joana, atendia pelo nome de Joana Aparecida... Eu acho graça que ela gosta de contar piada...

DonaLíbia: Ela ainda está por aí?

Chico Branco: Tááá...

DonaLíbia: Minha filha... Das damas... Tinha a Du Carmo, Antônia Nunes, que eram primas delas, quem mais, Maria Miranda... A tua bisavó era uma das que dançavam Seringandor, a Dona Adelaide...

(Entrevista coletiva, Festejo de São Sebastião, janeiro de 2012)

Nessa conversa com a família Almeida, que passa de geração à geração a responsabilidade pela igreja e mantém o Festejo do Padroeiro Divino Espírito Santo e do co-padroeiro São Sebastião, foi possível perceber as dimensões de uma história mantida por meio de uma tradição oral que incorpora a tradição local na tradição do Festejo de Santo e, através do espaço do Festejo, reforça e renova as relações de parentescos e afinidades estabelecidas entre comunidades, embora haja os que não comunguem da crença cristã, como no caso mencionado do parente do seu Chico Branco.

Segundo seu Chico Branco, as comunidades do Uruapeara que participam do Festejo de São Sebastião são: comunidade de Floresta, de Santo Antônio, de Santa

Maria, de Cristo Rei e de São Pedro. Além dessas citadas por ele, também haviam pessoas da comunidade de Santa Cívita, da cabeceira do Lago e possivelmente outras. Havia muitas pessoas, mas uma parte delas participavam apenas dos jogos de futebol, dos leilões e do forró, ainda assim, a outra parte que participou dos novenários e da procissão, enchia a igreja. Esses, depois dos ritos do santo, também interagiam na folia, onde predomina a tradição local que passa pelos rituais da igreja, mas que vão para além dela, que é a Dança do Seringador, que na comunidade é denominada como tradição cultural. Essa dança é comum entre as comunidades do Uruapeara e também praticada em Nazaré.

Corrêa (2008), também destaca as relações de parentescos na realização dos Festejos e para além das tradições religiosas do cristianismo rústico e a história oficial do lugar, situa modos de vida indígenas e recupera com o povo indígena Parintintin, a nomeação que eles dão para o local onde se realiza o Festejo, pontuando também as relações de tensões entre fronteiras geográficas e culturais.

As tensões culturais e o pensar sobre o Festejo como ritual para além do cristianismo, serão abordadas a partir das especificidades das vivências de campo que estabeleci. Sobre a nomeação dada pelos Parintintin para o local onde se realiza o Festejo de Nossa senhora da Conceição e o de Santo Antônio, é importante trazer presente, tendo em vista que Humaitá também é um dos lugares em que se encontram as famílias do Uruapeara e também as famílias Mura, que fazem parte das redes de entrevistados dessa pesquisa: “Para a versão Parintintin, “~mu’tá quer dizer pau atravessado” (CORRÊA, 2008, p. 158).

A referida autora, apresenta o uso do espaço feito pelos Parintintin situado no Porto do Município de Humaitá, às margens do Rio Madeira, denominado por eles de Porto da Anta, local de caça, onde se esperava a anta e se pescava no Rio Madeira⁵³. Esses dados mostram a ocupação territorial dos Parintintin, que também é território Mura. A mesma autora apresenta a Narrativa da Mangaba, mencionada neste trabalho na contextualização da narrativa de Joabí Mura, onde menciono que, ao falar daquela narrativa, o Joabí a reivindica como narrativa Mura por reivindicar também Humaitá como território do povo ao qual ele faz parte.

Humaitá é território antigo de disputas entre os Mura, e fazem parte dele os Parintintin e Tenharin. Atualmente, esses dois povos, que fazem parte do tronco

⁵³Dados apresentados na introdução do livro “Princesa do Madeira: os Festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá – AM”. Cidade: Editora, 2008, p. 17.

linguístico Tupi Kawahib, têm seus territórios demarcados fora da área urbana: os Tenharin na Transamazônica e os Parintintin na Transamazônica e no Uruapeara. Os Mura estão espalhados por toda a Amazônia, o clã de Joabi Mura encontra-se no Rio Itaparanã e alguns na cidade de Humaitá.

No Uruapeara, apesar de ser mantida viva na memória dos habitantes das margens do lago a narração sobre o Urua Peara -que é uma referência indígena do lugar, sendo o Uruá um grande caracol e Peara na denominação Mura⁵⁴, o chefe que pode ser entendido como o cacique, a tradição local que se mantém como referência cultural são as cantorias ao som do gambá, um tambor que os moradores da comunidade denominada antigamente por Povoação e quenos dias atuais passou a ser denominada como Centenário, remetem à origem africana.

Conversando com um dos foliões que toca o gambá, ele apresentou uma versão africana da tradição local em que, segundo com ele, o fundador da comunidade, chamado Revelino, veio da África trazendo consigo a semente da castanheira sapucaia e o gambá, que, segundo o folião, antestinha o suporte onde batia-se com amão para fazer o som revestido de couro de Jaguatirica no Uruapeara foi substituído pelo couro de vaca. Segundo essa versão da memória oral, foi com a chegada de Revelino que surgiu a comunidade Povoação.

As três narrativas trazem presente a disputa de espaço territorial e de memória entre a memória indígena, a africana e a européia. A indígena se mantém, mesmo que as pessoas com quem tive contato na comunidade de Centenário durante o Festejo de São Sebastião se digam descendentes dos portugueses, por darem sentido a ligação de suas famílias aos portugueses que chegaram à localidade. Essas pessoas que se identificam como descendentes de Portugueses demonstraram não querer que seja mencionada alguma possibilidade de também terem origem indígena. A memória africana está no gambá e nas cantorias de folia cantadas durante o Festejo, embora a Dança do Seringador tenha ganhado outras configurações, agregando ritmos afro-indígenas e se mantendo no espaço de fora da igreja, sendo uma atração cultural no espaço da folia.

Somente a Dança do Seringador se mantém fora da igreja, mas o gambá e outras cantorias que parecem lamentos, fazem parte da Procissão, da Alvorada e do

⁵⁴O termo Peara se confirma como termo Mura no artigo de Marta Amoroso: “O Nascimento da aldeia Mura. Sentidos e Modos de Habitar a Beira”. Águas de Lindóia, 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2013.

Novenário. Na Alvorada, os foliões entraram na igreja às seis da manhã batendo o gambá e cantando os cantos que lembram lamentos, ficando horas a cantar no ritmo da batida do gambá e de um outro instrumento que lembra o pau de chuva⁵⁵. Na procissão fluvial, os foliões dois balançando uma bandeiracada, um com uma bandeira branca e outro com uma bandeira vermelha, fazendo-as se entrecruzarem sem triscar uma na outra, e outros tocando os instrumentos gambá, reco-reco, pandeiro e pau de chuva, seguiram as mulheres que iam na frente levando o santo no andor até o barco.

No barco, as mulheres ficaram na parte de cima cuidando do santo e os foliões na proa, na parte de baixo, cantando ao som dos instrumentos enquanto dois homens que iam bem na ponta da proa, um sentado na frente e outro atrás, iam fazendo o mesmo movimento com as bandeiras.

No meio da procissão, o santo foi colocado em outro barco, porque o dono precisava pagar sua promessa de levar o santo. Com isso, as mulheres que estavam cuidando do santo, também se transferiram de barco seguidas pelos foliões. Havia dois barcos grandes, dois pequenos e umas voadeiras acompanhando a procissão fluvial. Ao chegar em terra depois de dar volta pela igreja, entraram e deram continuidade à celebração. Estavam presente o padre e os jovens que, segundo a informação que me foi passada, vieram de Humaitá, e, conforme é indicado na conversa com os responsáveis pelo Festejo, haviam também as netas de seu Chico Branco e dedona Maria fazendo parte da equipe de animação.

Durante as cantorias e rezas dentro da igreja, as pessoas vão até o santo cumprimentá-lo ou pagar alguma promessa como amarrar uma fita vermelha nele. Houve também na celebração de encerramento do novenário, uma jovem mãe que deu seu testemunho de forma fervorosa e prolongada a respeito da graça que recebeu de Jesus Cristo por intermédio de São Sebastião e que, nesse testemunho, mencionou dona Líbia como motivadora da sua fé no santo.

Tendo em vista que o gambá e suas cantorias fazem parte da procissão e entram na igreja e na atual comunidade de Centenário como referências de origem africana, é possível dizer que é esta uma memória forte que disputa espaço com aquela que tem como referência a origem portuguesa apresentada na história de

⁵⁵Instrumento indígena feito de madeira ou bambu oco preenchido com sementes ou areia para fazer o som de chuva ao movimentá-lo lentamente virando o de um lado para outro, mas no acompanhamento do gambá é balançada para frente e para trás para fazer percussão no ritmo da batida.

fundação da comunidade durante a entrevista coletiva com a família responsável pela igreja. A origem indígena não é assumida pelas pessoas locais, mas permanece no subterrâneo do lago Uruapeara por meio da crença na existência existente ainda hoje acerca do Urua Peara.

11.2 O PUXIRUM, A LADAINHA, O FESTEJO DE SÃO RAIMUNDO NA CABECEIRA DO LAGO DO URUAPEARA

O Puxirum, a Ladainha e o Festejo podem ser entendidos como um conjunto de rituais entre parentes e afins. O Puxirum, que na língua tupi Kawahib significa “multirão”, é um encontro para realizar um roçado e está ligado ao trabalho com a terra, com o plantar e com os vínculos de parentescos e afinidades. A Ladainha para São Miguel é feita como forma de agradecimento pelas graças alcançadas por meio dele, mas o que mantém o ritual é a memória afetiva dos antepassados que, quando vivos, faziam a Ladainha. O Festejo é feito em homenagem ao São Raimundo, santo cujo dono é o seu Francisco, conhecido por Chagas. O santo foi passado a ele pela esposa do antigo dono, que pertencia a outra família. A tradição de ser dono do santo geralmente permanece na mesma família, mas, nesse caso, não houve ninguém da família que possuía o santo para assumi-lo, pois o filho do antigo dono, que já havia assumido a Dança do Seringador e o lugar onde vivia a família realizadorado Festejo, não deu continuidade à tradição porque se tornou evangélico.

Para a tradição do Festejo do Santo continuar, a esposa do antigo dono repassou ao seu Chagas que, embora seja de outra família, acompanhava essa tradição desde criança. Durante o Festejo que participei em agosto de 2013 no lugar cujo primeiro nome era Vista Longe e ainda é chamado assim pelos mais velhos, recebendo hoje o nome da comunidade religiosa de Santa Cívita, presenciei um gesto de seu Chagas que pude relacionar à rememoração dos mais velhos por meio do santo: após o almoço coletivo, quando todos estavam conversando descontraidamente, fazendo mangofa⁵⁶ entre os casais, o seu Chagas assumiu uma

⁵⁶Brincadeiras com temáticas das intimidades entre casais ou com outras temáticas engaçadas, as quais culminam em risos coletivos, momentos de descontração, uma pausa das rezas e cantorias para o santo. Brincadeiras como essas, eutambém presenciei na terra indígena de Guaporé, em Rondônia, quando ainda estava na graduação de História fazendo pesquisa de campo sobre o povo indígena Cassupá. Foi quando participei de uma roda de chicha em que os homens e as mulheres faziam brincadeiras com temáticas sexuais e riam juntos. Trouxe o exemplo da chicha porque é este um momento de encontro que também possui um ritual espiritual, pois após tomar muita chicha até

expressão pensativa e séria e todas as pessoas o ficaram observando, foi nesse momento que ele disse: “O finado velho Raimundo deve tá satisfeito agora vendo nós festejar o santo dele.” Todas as pessoas presentes confirmaram balançando a cabeça e falando em voz baixa “sim” ou “é verdade”. Essa menção aos mais velhos falecidos também foi feita durante a Ladainha para São Miguel. Após a menção ao antigo dono do santo, seguiram para a igreja para bater o gambá e fazer as cantorias também acompanhadas pelo reco-reco, pelopandeiro e pelo pau de chuva.

Ladainha – Encontro das mulheres para fazerem os biscoitos doces e salgados de massa

No dia 28 de setembro de 2011 na parte da tarde, como vem sendo feito desde o tempo das mulheres mais antigas, suas descendentes se reuniram na casa de dona Laura para fazer os biscoitos de massa doces e salgados. Estavam presentes dona Maria, irmã da dona Laura; a tia Cila, que é prima das duas; a Janilse, filha da tia Cila; e a Nilse, que é irmã da tia Cila. Dona Maria, tia Cila e Janilse estavam envolvidas diretamente na preparação da massa para fazer os biscoitos e dona Laura estava envolvida na preparação do fogão de barro, se mantendo no entorno deste, colocando, cuidando e tirando as formas de biscoitos do fogo. Nilse e eu estávamos envolvidas na atividade de descascar e ralar as castanhas que iam ser misturadas com as massas dos biscoitos. A Tina, que é comadre de dona Laura e a Vanda, que é irmã da Tina e tem uma relação de afinidade estreita com dona Laura, também apareceram para ajudar nas atividades.

O trabalho de preparação dos biscoitos foi feito durante a tarde toda até às nove e meia da noite com muita animação entre as irmãs, primas, comadres

vomitam, a pessoa realiza uma limpeza espiritual e, se ela vomitar muito é porque está sendo “castigada” pela maniva, por algum ato que deixou a própria maniva descontente (conforme me explicou uma das indígenas presentes numa das Festas de Chicha em que participei durante minha viagem de campo em 2000, no mês de novembro, bem na época de chichas de trabalho, onde é oferecida a chicha, bebida fermentada de macaxeira, em troca de trabalhos coletivos para alguma família, tais como fazer um forno de torrar farinha, roçar o terreiro, fazer uma casa, ou alguma outra atividade).

A diferença é que, no espaço da chicha, as brincadeiras onde também contam-se histórias de caças falando do caçador mal sucedido como forma de mangar do mesmo e demais brincadeiras onde o que menciona o outro sempre está na posição daquele que se deu bem, sempre culminando em risos coletivos, não são apenas momentos de pausa, como no espaço do Festejo dos Santos, mas sim fazem parte de toda Festa. Há também Festas de Chicha específicas feitas para os rituais de espantar os espíritos ruins como as realizadas pelos Uru Eu Au Au, em Rondônia, as quais eu tive oportunidade de presenciar nos anos 2000.

econhecidas ligadas à família dos antigos, que estabeleceram relações de compadrios ou de proximidade com dona Laura.

As atividades vão desde quebrar os ouriços de castanha, descascá-las, ralá-las, misturá-las à massa de mandioca até a preparação do fogo e o assar os biscoitos. Os biscoitos são assados numa forma de barro que é levada ao fogo. A forma é tampada com um flandre de alumínio com brasas pegando fogo em cima, que é retirado quando os biscoitos já estão assados.

O dia da Ladainha

No dia 29 de setembro de 2011, às seis e meia da manhã, estouraram os primeiros fogos chamando as pessoas para a Ladainha que seria oferecida a São Miguel. Dona Laura e sua irmã Maria oferecem essa ladainha para dar continuidade à tradição de seus pais. Na narrativa de dona Laura é explicado todo o ritual da Ladainha:

Tradição repassada de geração a geração:

Laura: Quando eu me entendi, já tinha a Ladainha pra São Miguel. O que eu sei é que era do tempo dos meus bisavós, aí ficou pros avós dos meus pais, que agora que meus pais são falecidos, nós estamos dando continuidade, pra manter a tradição. A Ladainha e tudo aqui do interior, são coisas que me lembram muito eles, e jamais vou deixar de fazer essa Ladainha! Enquanto em vida eu estiver, vai continuar se Deus quiser! A minha irmã, a Maria, vem pra cá comigo e me ajuda a preparar tudo. No dia de fazer os biscoitos, ela chega e já vai preparando a massa. Nesse ano de 2011, além dela veio também a minha prima Cila e uma conhecida nossa, a Nilce que é irmã dela por parte de pai. Todo ano tem gente pra me ajudar. Vem a minha comadre, Tina, a Vanda, que é irmã dela. A preparação dos biscoitos de massa salgados e doces para oferecer depois da Ladainha, conforme a tradição, é um trabalho coletivo entre as mulheres da família e as mais próximas.

Ritual de rememoração dos mais velhos:

Laura: Da mesma maneira que eu penso que fazer a Ladainha é uma forma de manter a memória dos nossos pais, a minha irmã Maria também pensa, ela diz a mesma coisa que eu: “A gente faz a Ladainha porque a gente se entendeu foi com os nossos pais, mandando a gente rezar pra São Miguel, era todo ano a gente reunido, então depois que eles se foram a gente vai continuar fazendo... Tenho fé em Deus que enquanto a gente existir não vamos abandonar, porque isso é uma coisa que recorda muito a eles.”

O santo como herança dos mais velhos:

Laura: São Miguel é o padroeiro do sítio, aqui onde eu moro, esse nome foi dado pelos meus pais a esse lugar que era deles e nós ficamos cuidando. Por isso que a gente manda rezar a Ladainha. Nós fazemos pedidos para São Miguel, como sempre. Todo ano, a gente pede muita saúde e paz pra todos nós na família, toda a comunidade e todos que aqui vêm nos visitar, a gente pede muita paz, saúde e felicidade, e eu não sei se é a fé, mas parece que tudo que a gente pede é atendido, com os poderes de Deus! A gente é atendida, Graças a Deus!

O Ritual da Reza:

Laura: Sempre são os homens que puxam a reza em latim. Quando não é o Paulo Teixeira lá da Floresta, é o Calendário que é daqui mesmo da comunidade e é o professor aqui da escola. Sempre são eles dois, nesse ano de 2011, o professor não está porque foi resolver umas coisas em Humaitá, aí seu Paulo puxou sozinho a Ladainha. Pra responder, sempre são as mulheres. Aqui quem puxa a resposta é uma senhora, a dona Maria Aparecida. É ela que sabe responder, aí ela começa e a gente já pega também junto com ela, mas, por exemplo, eu não sei responder sozinha, eu não sei não.

O ritual de servir os biscoitos de massa

Laura: Depois da Ladainha, a gente serve os biscoitos salgados e os doces. É colocada uma mesa separada só para os mais antigos, aqueles que ainda eram do tempo dos nossos pais. Então, a gente coloca aquela mesa lá fora, pra quatro pessoas, que são quatro homens, os que têm mais experiências, aí já a turma maior passa para a outra mesa lá na cozinha. É muito bom, porque era assim que eles faziam. A mesa só dos mais antigos e a outra é só mesmo de quem gosta da bagunça. No tempo dos meus pais era assim, aí Graças a Deus! A gente faz assim todo ano, do jeito que nossos pais faziam e aí a gente recorda muito deles.

Um ritual que pode acabar?

Dona Laura demonstra essa preocupação por saber que a geração de sua família que vem depois dela não vive mais no Uruapeara:

Laura: Eu fico pensando se vai ter alguém da nossa família pra continuar essa ladainha depois que a gente se for. Porque eu não vejo mais nenhum se interessando, assim, dos nossos filhos ou netos, nenhum tem interesse, até, porque, eles não moram mais aqui. Eu não sei se vai ter alguém da família, depois que a gente partir, que vai querer se interessar e continuar.

Apesar da preocupação de dona Laura e de sua irmã, dona Maria, com o que poderá acontecer com a Ladainha, vivem o seu presente: *Mas hoje foi maravilhoso! Até porque a gente se reúne e conversa com aquelas pessoas antigas do nosso tempo de jovens. Como diz a minha irmã Maria: “Dá mais saudade das coisas passadas”. A gente recorda muito, isso é muito bom.*

Como é expresso na narrativa de dona Laura, o sentimento dela e da sua irmã é de saudade dos pais e por meio da Ladainha, revivem o tempo deles e o tempo delas de mais novas. No ritual da Ladainha, vivem o momento ritualístico do encontro das diferentes gerações e a rememoração dos que faleceram, presentes ali por meio da ritualização antes feitas por eles e hoje revividas em homenagem também a eles. No ritual de rememoração, respondem a reza em latim e choram lembrando de seus parentes falecidos. No altar está a imagem do santo, que recebe a ladainha e ao mesmo tempo é o intermédio não apenas entre a divindade sagrada na figura de Deus, mas também o vínculo com os entes amados.

Nessa Ladainha, estavam as pessoas que fazem parte da comunidade religiosa de Santa Cívita, não estando apenas a família do Jamari por estarem fazendo parte da mesma comunidade religiosa, mesmo que entre eles haja a relação de afinidade e de trocas de trabalho coletivo por meio da participação nos Puxiruns. Minha mãe, que é evangélica, ficou na Ladainha em silêncio, observando e demonstrando emoção, que depois ela atribuiu à lembrança de seus pais e os outros mais velhos do tempo em que ela era menina. Eu, que estava lá registrando o ritual para fins de pesquisa, me envolvi e me emocionei entrando no ritual de rememoração lembrando-me da minha avó que narrava para mim sobre essa Ladainha. Vieram famílias da comunidade de Floresta, que fica no Rio Ipixuna. Chegaram primeiro e depois foram chegando os demais, de lugares mais próximos, e às oito da manhã, soltaram mais fogos e iniciaram a reza. Os fogos foram soltos antes, durante e depois da Ladainha.

Puxirum do Pedro

O enunciado presente no Puxirum do Pedro foi: “Quem trabalha come”. Isso era dito em tom de brincadeira tanto pelos donos do Puxirum aos participantes

quanto entre os participantes. Essas e outras brincadeiras geravam riso coletivo e animação no trabalho coletivo⁵⁷.

O local do Puxirum para plantar as manivas⁵⁸ no roçado do Pedro foi no Jará, lugar em que além da roça da família dele, há a roça da Judite e a do Orildo esua família. A área pertence a Seu Manel Benigno e a dona Judite, pais de Orildo, que é marido da Vanda, cuja irmã é a Tina, esposa do Pedro, primo da minha mãe. Nesse local também fica a casa de farinha onde dona Judite, Vanda, Tina e suas famílias se reúnem para torrar farinha d'água. Além da farinha, também torram a farinha de taioca, tiram massa de mandioca para fazer os biscoitos e o líquido da massa para o tucupi, além de fazerem um bolo achatado que chamam de “pé de muleque” e também os “beijus”.

O Puxirum do Pedro foi realizado no dia 27 de setembro de 2011 antes da Ladainha de São Miguel. As pessoas que participaram representando suas famílias, foram: dona Maria e dona Laura; Vanda e Orildo com seus filhos Bruno, Paulinho e Eduardo; Maga, sua esposa Edilene e seus filhos e sua filha, Manuel Valdomiro, João Marx e a Daniela; dona Maria Antônia, esposa do seu Calendário, professor da escola da comunidade e puxador da Ladainha de São Miguel, sendo ela também prima da mamãe; e dona Leonora e seu marido que vieram lá da Comunidade de Quaqualine, no Rio Ipixuna, que fica depois da comunidade de Floresta e nas proximidades da terra indígena Ipixuna pertencente ao povo indígena Parintintin. Havia também um rapaz, filho do seu Chagas, este último, irmão da dona Laura e outro rapaz lá da parte da comunidade que chamam de Ponta, que pertence a uma das famílias de lá. Da família do Pedro, que era o dono do Puxirum, além dele, estava suas filhas Kika e Têco. Além dessas pessoas, estavam os visitantes, eu, Nilse, Cila, Janilse e Adelson.

As brincadeiras que acontecem nas aldeias durante as chichas e as pausas das rezas nos Festejos, também acontecem durante o Puxirum, nelas, os homens disputam quem cava mais rápido as covas, um rapaz chama o dono do Puxirum de sogro, as mulheres falam coisas engraçadas e todos riem enquanto trabalham.

Os trabalhos se deram pela manhã com muita animação enquanto os homens cavavam as covas, as mulheres jogavam pedaços de maniva jogando terra por cima com o pé e dando umas batidinhas com um pedaço de pau para afofar a terra.

⁵⁷ Quando participei desse Puxirum entendi porque a tia Izolina, em sua narrativa quando se refere ao tempo que vivia no Uruapera, diz que gostava de trabalhar, porque era muito divertido.

⁵⁸ A mandioca e a macaxeira vem da raiz da maniva. Para plantá-las corta-se em pequenos pedaços os galhos do pé de maniva.

Os pedaços da maniva eram cortados por um senhor, marido da dona Leonora, e distribuídos pelas meninas e meninos mais novos. Houve uma parada para merenda, que foi café e os biscoitos salgados de massa. Após o intervalo, deram continuidade aos trabalhos. Além da plantação de manivas do roçado do Pedro, plantamos algumas manivas no pequeno roçado da dona Judite. No término do plantio, todas as pessoas foram para a casa do Pedro para receber o almoço preparado por Tina, fazendo jus ao anunciado do Puxirum: “Quem trabalha come”.

Festejo de São Raimundo

O Festejo de São Pedro acontece no mês de agosto, quando as águas estão baixas e toda terra que se mantém imersa em janeiro, fica de fora. O tempo no Uruapera é marcado pelas águas. Conforme Tina, a esposa do Pedro, vinda do Maranhão, mas inserida no modo de vida da comunidade, me falou quando estive lá em fevereiro de 2013: “Tem três tipos de água em diferentes épocas. Tem tempo que a água está com lodo, tem tempo que ela tá transparente e tempo que ela fica branca”.⁵⁹ De acordo com a informação de Pedro, a cheia começa no mês de novembro, atingindo seu ponto alto em janeiro, só secando completamente no mês de Julho.

Procurando entender melhor a temporalidade das águas, perguntei para tia Cila, quem me explicou que a Branca ou Barrenta é a água do Rio Madeira que começa a entrar no lago no mês de janeiro, a Transparente corresponde ao verão, entre agosto e início de outubro, e no período da vazante, entre maio e junho, a água fica cheia de cauxi, que alguém que não é do lugar pode confundir ou relacionar ao lodo. No inverno, que corresponde do mês de novembro ao mês de abril, a água fica preta.

Pelo o que eu pude observar, em janeiro, quando fui ao Festejo de São Sebastião, o lago estava bem cheio. Oigarapé da Água Fria que passa em frente à casa do Pedro, é tomado pela água do lago e os caminhos feitos de canoa ou rabêta por entre as árvores imersas, ficam floridos.

O mês de fevereiro é a época de coletar castanha enquanto as sementes de seringueira espocam no chão e as águas ainda estão altas. No mês de março, embora

⁵⁹ Anotação do caderno de campo.

não tenha ido no Uruapera, sei que é o tempo em que as jatuaranas⁶⁰ entram nas águas mais calmas para a desova. Em agosto de 2013, quando fui para o Festejo de São Raimundo, a água estava baixa, e de setembro a outubro, o lago estava baixo e o igarapé da Água Fria apareceu, sua água era transparente.⁶¹ Em agosto, quando fui ao Festejo de São Raimundo, vi as seringueiras sangradas e as tigelas com leite, vi também quem tinha roça estava com sua farinha garantida. Em setembro, quando fui em 2011 e em 2015, era tempo de fazer Puxirum ou de fazer o roçado familiar.

Quando cheguei, dia 28 de agosto de 2013, o mastro já havia sido levantado. Nele, além da bandeira do santo, havia algumas palmas de banana. Segundo a informação de pessoas da comunidade, o responsável pelo mastro foi o senhor Calendário, o qual coordenou o ritual de abertura do Festejo com o levantamento do mastro.

A primeira explicação que tive sobre a organização do Festejo foi a de Orildo. Ele me disse que os juízes são sorteados de um Festejo para outro e ficam responsáveis em realizá-lo. Todos que participam do sorteio são da irmandade do santo festejado, o nome de todos eles fica no livro de registro da organização do Festejo. Perguntei se ele fazia parte da Irmandade do São Raimundo, ele disse que não, porque já fazia parte da Irmandade de Santa Civita, que é a padroeira da igreja da comunidade, e por isso não fazia parte da Irmandade de São Raimundo pois, se fizesse, ficaria com as despesas pesadas, devido ao fato de ter que contribuir com coisas para a festa e ter que oferecer comida para o pessoal.

No dia 29 de agosto de 2013, acompanhei e colaborei nos trabalhos de limpeza e ornamentação da igreja, pela manhã. Estavam a dona Maria, esposa do seu Chagas, dono do santo; a dona Rosa, esposa do seu Januário, um dos Juízes do Festejo daquele ano; Josiane, filha do João Bosco, que é conhecido por Calendário e que era o responsável pelo mastro; a Nara, filha do seu Nilo Nogueira; a Michaine, filha da Rosário Venharque Teixeira; a filha do seu Abel e Fernando Moraes. Todas as pessoas que estavam trabalhando na igreja eram juízes ou faziam parte da família de um dos juízes do Festejo.

⁶⁰Espécie de peixe de escama.

⁶¹Após a inundação em 2014 causada pelas hidrelétricas, Pedro esteve em Porto Velho e fomos na casa de seus pais buscá-lo para atender seu pedido de levá-lo até o sítio do meu tio Manel, irmão da minha mãe. De lá, ele foi até a nossa casa. Em nossas conversas, ele contou que durante a inundação, a água ficou podre e também acabaram com os roçados, interferindo no tempo deles colherem e plantarem.

De acordo com os presentes na preparação da igreja, o juiz do mastro era o João Batista, filho do seu Calendário, por isso ele foi mencionado como responsável pelo mastro. Os juízes da Festa eram: Anderson de Souza Trindade, Andrelina Novais, Sebastião Fernandes e Rosário VenharqueTeixeira. Na categoria de juízes, há os mordomos e mordomas e o juiz do mastro. Tem os foliões e o capitão, que, no caso, era o seu Chagas, dono do santo.

Na tarde do dia 29, o senhor Abel, pai de um dos juízes do Festejo, foi comprar uma porca da criação do Pedro. Ele chegou junto com alguns rapazes e o Pedro foi com eles até o chiqueiro para abater a porca. Fizeram uma agitação, pois a porca deu um pouco de trabalho para ser abatida. Depois de conseguirem abatê-la, amarraram-na pelas pernas num pau e a levaram. A porca seria servida na noite seguinte no jantar coletivo, ela estava bem gorda e os rapazes, junto com seu Abel, ficaram dizendo que ela estava grávida, aí o Pedro disse que só se fosse dele ou de um porco do mato. Eles riram e disseram que era do Pedro mesmo. Tina, sua esposa, estava presente e todos riram. Tudo vira brincadeira, seja na preparação do Festejo, da Ladainha ou no Puxirum. Esse jeito brincalhão é comum no dia a dia, basta se encontrarem.

Logo que os homens saíram com a porca, chegaram as mulheres da comunidade Cristo Rei com a santa padroeira deles. As mulheres estavam visitando as casas com a imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira delas, santa que é festejada no dia 15 de setembro. Tina as recebeu, colocaram a santa na mesa, cantaram e rezaram, depois foram todas para a cozinha merendar e conversar, falar coisas engraçadas e rirem. Elas já haviam passado em todas as casas da comunidade de Santa Civita e a casa da Tina foi a última casa em que passaram. Ficaram descansando um pouco lá e depois seguiram viagem. Fui com elas até o outro lado do igarapé, para o lado da frente do lago, passei na casa da dona Maria e de seu Chagas, dono do santo e depois fui visitar dona Judite.

Dona Judite estava colocando no forno uns biscoitos de massa para o café do outro dia. Serviu-me um mingau de crueira⁶² com leite que estava muito gostoso, depois disso, ela pediu que eu escrevesse um bilhete que ela enviaria para sua comadre, convidando esta para rezar no Festejo de São Raimundo e oferecendo sua casa para ela dormir. Depois de escrever o bilhete, disse a ela que iria na madrugada

⁶²É a parte da massa da mandioca que não passa na peneira e é reaproveitada para fazer mingau.

do outro dia para a Alvorada e perguntei se ela também iria. Ela respondeu-me que não e explicou que isso era para os foliões que tocam o gambá e cantam os cantos da Alvorada. E assim eu ia me inteirando do ritual do Festejo.

Depois passei na casa da Vanda, fiquei sentada um pouco com ela e com a Dani, filha do Maga e da Edilene, no banco próximo ao campo vendo os meninos e os homens jogando bola. Eles passam o dia trabalhando pesado e no final do dia ainda têm disposição para jogar bola.

A noite chegou e eu voltei para casa com Pedro, Uil, Manu e Dani. A Dani iria esperar seus irmãos que ficaram lá para frente na casa do Pedro, para ir com eles para casa dela mais adentro no Jamari. Jantei peixe cozido e porco do mato no leite da castanha. Não pude comer pirarucu frito, porque é muito remoso⁶³, devido a uma cirurgia na vista que fiz no começo do mês de agosto. Fui dormir logo para acordar de madrugada e ir junto com o Pedro para a Alvorada. Eles sabiam que eu estava lá para registrar o Festejo e fizeram questão de me convidar para ver a Alvorada.

Na madrugada do dia 30 de agosto de 2013, acordei e fiquei esperando tocarem o gambá. Não demorou muito, escutei as batidas e logo pulei da rede. Arrumamo-nos e fomos, eu e o Pedro. Chegamos do outro lado e lá estavam seu Abel, seu Chagas e seu Januário. Estavam com o gambá virado para o lado do fogo para esquentar o revestimento de couro. O fogo era feito atrás da igreja, onde estavam esperando os demais. Continuaram a bater o gambá para chamar os outros foliões, que chegaram atrasados. Os foliões foram tocando o gambá, cantando e indo para frente do mastro. Cantaram e tocaram mais gambá parados na frente ao mastro e depois foram para a igreja e lá permaneceram com a batida do gambá e as cantorias que pareciam lamentos. Foi um momento de espiritualidade forte, sentia-se a presença dos antepassados. Lembrei muito da minha avó. Não tinha como me colocar fora daquele ritual.

Depois do momento ritualístico na igreja, seguimos para frente da casa de dona Laura, onde também mora seu Januário. Nesse período, ela não estava no Uruapeara. Seu Januário era o juiz responsável pela Alvorada. Os foliões ficaram um tempo cantando e batendo gambá na frente da casa e depois entraram. As esposas do seu Chagas e de seu Januário e uma menina que era juíza da Festa estavam na casa esperando a chegada dos foliões. Foi servido café e Nescau a eles

⁶³Quando a pessoa está com algum ferimento, ou cirurgia, não pode comer certos tipos de peixes ou caças para não inflamar, ou seja, infeccionar a área em recuperação.

com biscoito de massa feitos por dona Maria e por dona Rosa e pão caseiro feito por seu Januário no dia anterior. Terminaram de tomar café e ficaram jogando dominó e falando de coisas engraçadas para rirem uns dos outros.

A Alvorada é uma atividade masculina, são os homens que fazem a folia. A participação da mulher na Folia da Alvorada se dá na preparação do café e no recebimento dos foliões. Na Dança do Seringador, que também faz parte do Festejo, elas dançam e as demais atividades do Festejo, são feitas por homens e mulheres, cada um com uma parte.

Quando nasceu o sol do dia 31 de agosto, os participantes da Alvorada dispersaram-se e cada um foi para sua casa. Cada família começou a preparar as comidas que iriam ser partilhadas à noite. Fiquei observando seu Chagas fazer o corte do porco, ele, que me viu por perto, comentou que quem gostava de fazer as comidas para o Festejo era a minha bisavó materna, Adelaide junto com dona Marcilhes, irmã dela. Depois seu Chagas falou de forma saudosa: “E quando não eram elas que cozinhavam, não prestava.” Depois chegaram dona Maria, dona Rosa e seu Januário, começaram as brincadeiras, as risadas e um mangando do outro.

Fui até a casa da Vanda, que me ofereceu café com leite e farinha de tapioca. De lá, fui à casa das outras famílias que estavam preparando comidas para a janta coletiva. Os filhos da Vanda foram comigo. O Paulinho, que na época tinha 8 anos de idade, o filho caçula e o Eduardo, que é o terceiro filho. Chegando na parte da comunidade que chamam de Ponta, havia a reunião das famílias que estavam preparando a comida em duas casas: na casa da Rosário e na do seu Abel. Conversei um pouco, fiz uma foto de registro e na saída encontrei a dona Maria, que é a mulher que sabe as respostas da Ladainha em latim. Ela estava no terreiro que fica entre a sua casa e a casa de suas filhas. Conversamos um pouco e então, nos despedimos. Eu disse a ela que queria alcançar os foliões ao meio dia na igreja.

Cheguei a tempo para mais um momento na igreja com as cantorias ao som do gambá. Eu era a única mulher presente, pois esse é um momento de participação masculina, no entanto minha presença não gerou nenhum incômodo.

Os foliões se encontram um dia antes da derrubada do mastro, fazem o ritual de bater o gambá e as cantorias três vezes ao dia: às seis da manhã, ao meio dia e às seis horas da tarde, isso é feito apenas entre eles. Somente às seis da manhã é que o ritual é feito fora da igreja, sendo que ao meio dia e às seis da tarde, o ritual é feito

dentro dela. Depois, durante o Novenário, eles também cantam, tocam o gambá e fazem a Ladainha junto com os demais participantes da comunidade.

Após o momento de folia das seis horas na igreja, seu Chagas contou-me o que é ser o “dono do santo”. Segundo ele, ser “dono do santo” é manter o compromisso de manter o Festejo daquele santo do qual ele se tornou dono. Essa responsabilidade foi passada a ele porque os filhos do seu Raimundo, o antigo dono do santo, foram para a cidade e depois, quando um deles voltou para o lugar deles que é o Jamari, não deu continuidade ao Festejo porque se tornou evangélico. Como a viúva não podia fazer mais o Festejo, seu Chagas perguntou a ela se a irmandade iria morrer ou se ele poderia continuá-la. Ela disse que sim, poderia, e passou para ele o santo, as bandeiras e tudo aquilo que fazia parte do ritual do Festejo. A partir daí, ele passou a ser o “dono do santo”, o capitão do Festejo.

No final da tarde, as famílias começaram a chegar com as comidas. A família do seu Januário, que mora perto da igreja, foi a primeira que chegou com as panelas de comida, depois chegaram de rabêta pelo lago as família do lado da Ponta da comunidade. A família do seu Abel e família da Rosário são ligadas à dona Maria, puxadora das respostas das Ladainhas e esposa de um dos parentes da minha mãe por parte do avô materno dela, um membro da família Maciel.

Os juízes da Festa haviam feito uma puxada coberta de brasilite. Embaixo dela, fizeram uma mesa grande de tábuas e um jirau. A mesa foi coberta com uma toalha branca, estampada com figuras de frutas, onde arrumaram os pratos, as colheres e as vasilhas com as comidas. Na lateral da mesa, entre os pratos, fizeram uns montinhos de farinha diretamente na mesa, sem nenhuma vasilha, um costume que vem dos antigos. As panelas grandes ficaram em cima do jirau.

Após arrumarem a mesa, o capitão fez a convocação para que todas as pessoas se dirigissem à igreja e saíssem em procissão. Demoraram um pouco para ir, pois o juiz do mastro, que também era um dos puxadores da Ladainha, ainda não havia chegado. Enquanto esperavam sua chegada, os homens adultos e os jovens ficaram num canto conversando. Algumas meninas e meninos ficaram na sede de festas, ao lado da escola, onde o som com músicas de forró estava ligado. As crianças estavam correndo, brincando entre elas e as mulheres estavam em torno da mesa, onde arrumaram as comidas, conversando. Tudo que falavam era em duplo sentido, o que gerava risos entre elas.

Chegou a hora de ir para a igreja, cessaram-se as conversas e o som das músicas. Pegaram o santo do altar e o deram para uma menina, uma das juízas segurar. Arrumaram-se em procissão e a menina foi na frente segurando o santo. Deram várias voltas ao redor da igreja, arrodando pelo mastro. Dessa vez não foram até a casa da dona Judite e de seu Manel, conforme disseram que iam das outras vezes. Depois, voltaram para a igreja e continuaram com os cantos, o gambá e os outros instrumentos, e em seguida fizeram a Ladainha.

Após a Ladainha, saíram da igreja e foram para a sede social. Lá, cantaram a Dança do Seringador. Como nenhum dos homens se manifestou para dançar, duas mulheres, dona Judite e dona Maria Antônia foram para o meio dançar o Seringador, o que animou os foliões e os demais presentes. Esse momento eles denominam como Ramada, que seria no tempo mais velhos a cobertura de palha com chão batido para dançarem o Seringador e outras danças.

Depois da Dança do Seringador, foi realizado o leilão com as doações para o santo. As famílias da comunidade haviam doado bolos, pudins, frango assado, um galo vivo e uma melancia. Na hora do leilão, aqueles que tiram os prêmios de valor mais alto são vistos com admiração, como se ganhassem um *status* social.

Somente após o leilão, iniciou-se o “arranha pé”, como seu Manel Benigno denominou o momento do forró. Quem mais dança são os jovens da comunidade junto com os jovens das outras comunidades que vêm no dia em que acontecem a procissão e as danças no Festejo. Notei que uma das filhas do seu Calendário não estava dançando, perguntei a ela o motivo, ela me disse que seu pai não ia deixar, pois estavam de luto da comadre dele que havia falecido. Ela devia ser a afilhada dela.

Segundo dona Judite e seu Manel Benigno, nessa noite haviam pessoas da comunidade de Centenário, de Floresta e de Cristo rei. Essas três comunidades também realizam os Festejos de seus padroeiros. Percebi que há uma troca de participação nas festividades e celebrações entre as famílias dessas comunidades com a comunidade de Santa Cívita. Pessoas de Santa Cívita vão aos Festejos dos Santos dessas outras comunidades e as pessoas dessas outras comunidades, por sua vez, vão no Festejo da comunidade de Santa Cívita, mesmo que sejam em pequenas quantidades. Essa relação de um ir à comunidade do outro também se dá por meio de visitas entre conhecidos e parentes em suas vidas cotidianas.

No dia 31, houve o café da manhã coletivo. Estavam todos animados e, depois do café, foram para a igreja. Os rapazes soltaram fogos na beira do barranco em frente ao lago, na igreja se davam as cantorias, a batida do gambá e a reza. Enquanto cantam, as demais pessoas vão até o altar se benzer e ficar alguns minutos em silêncio, de olhos fechados diante do santo, depois tocam nele, se benzem e voltam para seus lugares. O padroeiro do Festejo fica numa mesa pequena, coberta com uma toalha branca, na frente da outra mesa com os outros santos. Segundo as mulheres da comunidade, dentre eles estava: Nossa Senhora Aparecida, Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, São João do Carneirinho, Nossa Senhora dos Remédios, entre outros. As velas foram acessas para o padroeiro e também para os outros santos.

Depois da reza, foi realizado o sorteio dos próximos juizes da Festa. Em seguida, houve o almoço coletivo. Enquanto acontecia o almoço alguns dançavam, brincavam e riam na sede. Outros conversavam descontraidamente no local onde estava sendo servido o almoço, atrás da igreja.

Após o almoço, os foliões voltaram a cantar e a bater o gambá e os outros instrumentos em frente ao mastro. Dois rapazes pegaram as bandeiras, a branca e a vermelha, balançavam enquanto outros que foram soltar os fogos, deram voltas em torno do mastro em forma de pequena procissão. Apenas os homens foram, enquanto as mulheres ficaram sentadas na sombra observando. Dois dos homens tiraram o mastro sem tirar as oferendas dele e saíram carregando-o no ombro, enquanto os demais seguiam atrás ao som da cantoria, dos dois gambás e do pandeiro. Dessa vez, faltaram o reco-reco e o pau de chuva. Soltaram os fogos e, assim, deram por encerrado o Festejo. As palmas de banana que estavam no mastro não foram jogadas para as pessoas antes da derrubada do mastro, mas quem quisesse pegar depois poderia pegar.

Durante todos os dias da realização do Festejo, tudo estava voltado para os rituais, para a preparação das comidas, para o tempo de reunir para a cantoria, o tempo do bater do gambá, do reza, do brincar. Na Ladainha, no Puxirume no Festejo, enquanto num conjunto de rituais estão representadas as relações dos uruapearenses entre si, com a natureza, com os cosmos e com as personificações de entidades na figura do santo enquanto mediação divina com os seres humanos, expressa-se a troca de energias entre as esferas do universo ligado àquela localidade/comunidade, pois enquanto se festejam os santos, também se mantém a

narração sobre o Urua Peara, que vive no fundo do lago e que, segundo uma das pessoas mais velhas dali, não pode ser morto, senão o lago secaria⁶⁴. Essa preocupação do lago secar, demonstra a relação que as pessoas da comunidade têm com o lago, que é fonte de vida, pois se alimentam da sua água, dos seus peixes e de outros alimentos proporcionados por ele.

A troca é vivificada não apenas nos Festejos, ela se manifesta na relação com o lago e também vem dos Puxiruns, onde os parentes e afins trocam o trabalho coletivo pelos “biscoitos” tradicionais. Os biscoitos interligam as famílias às suas tradições e às relações de parentescos, e por isso, são entendidos como parte de um processo contínuo de renovação de suas vidas, que também interliga-se às suas origens. Com o fazer da panela de barro⁶⁵, a configuração da fôrma de assar os biscoitos é vista como uma atualização da ritualização das mulheres antigas.

Esses “biscoitos” tradicionais são feitos em formas de barro e servidos nos Puxirum para aqueles que estão trabalhando no roçado, na Ladainha de São Miguel e na Alvorada do Festejo de São Raimundo. Até 2014, havia apenas uma mulher que fazia as formas de barro onde são assados os biscoitos doces e salgados. Em 2015, ela havia parado de fazer as formas, as panelas e os demais utensílios de barros, após o falecimento de seu marido⁶⁶. Tanto o fazer dos biscoitos como o fazer da forma de barro, são saberes que foram repassados de geração a geração entre as mulheres. As mulheres com as quais tive contato no Uruapeara, têm sua fôrma de barro, e, no caso das mais velhas, elas também mantêm entre seus utensílios os aguidás, que segundo dona Laura, eram usados como bacia para preparar a própria massa dos biscoitos, dentre outros usos.

Na narrativa da Mulher de Barro, narrada por Etxowe: Etlvina Tupari, que faz parte do livro “Moqueca de maridos - Mitos Eróticos” de Betty Mindlin e narradores indígenas (1998), há essa percepção da panela de barro relacionada à mulher, à mãe, à origem indígena. A mãe se transforma em panela de barro para a filha recém casada fazer chicha para o marido, que achava esta a melhor chicha, mas

⁶⁴Ouvi essa versão da narrativa do Uruapeara de algumas pessoas mais velhas com quem conversei. Na narrativa de seu Francisco, conhecido por Chagas, mesmo ele desacreditado das visagensedizendo nunca ter visto nada nas águas e na floresta, ele menciona o Urua.

⁶⁵De acordo com a tia Cila, a árvore Jutai-cica produz uma resina em sua casca, a qual é colhida e depois a esquentam e passam a resina dentro da panela pra ajudar na sua vedação. E para tingir a panela de barro na cor preta é utilizada a folha de uma árvore denominada Cumate.

⁶⁶Segundo seu Manel Benigno, ela deixou de fazer a fôrma, os aguidás, as panelas e demais utensílios de barro, porque quem ia buscar no mato a casca de pau usada para misturar com o barro era seu marido. Com sua morte, ficou sem quem vá buscar a casca de pau para ela.

como ele tinha um xodó, uma amante que ficou enciumada e descobriu o segredo da esposa do amado, contou a ele. Ele então esbravejou e chutou a panela de barro em pedacinhos. A filha, chorando, tentava juntar os cacos de sua mãe que gemia, sentindo a dor física e a dor da ofensa causada pelo genro, disse que queria morar no igarapé. “A mãe-de-barro, dizem, foi morar no igarapé. Virava barro mesmo, e de barro, fazia bacias, potes, panelas, todos os utensílios para a comida. [...]” (MINDLIN, 1998, p. 120)

Assim como na narrativa do Povo Indígena Tupari, a panela se remete à mãe, no Uruapeara, as mulheres também relacionam as formas de barro ao tempo de suas mães e, ao fazerem os biscoitos de massa com os mesmos procedimentos aprendidos com as suas mães, se ligam às mulheres ancestrais, pois suas mães, fazendo os “biscoitos” tradicionais também se ligavam com as suas mães que por sua vez aprenderam com suas avós ligadas as gerações das bisavós que são os fios que ligam as mulheres atuais do Uruapeara a uma cultura milenar indígena.

Os rituais de passagem das estações, das fases da vida e das atividades de sustento, como roças, coletas e extrativismos, são marcados para além das Festas dos Santos, mas também passam por elas. As trocas e os trabalhos coletivos organizados entre parentes sanguíneos, parentes de fogueira e parentes por afinidade, são próprios das tradições indígenas que eram praticadas pelos mais velhos e passadas de geração para geração. As culturas e religiosidades vindas de fora se adequaram a essas tradições, como no caso da religiosidade cristã e da religiosidade africana, mesmo que a religiosidade cristã se imponha como sendo a predominante.

11.3 FESTEJOS DOS SANTOS, FESTIVAL CULTURAL E FESTA DA MELANCIA EM NAZARÉ

Em Nazaré, às margens do Rio Madeira, em Rondônia, onde uma parte da população antiga é formada por famílias que se deslocaram do Uruapera e de outros espaços de seringais das proximidades do Uruapera, uma a outra parte, advinda de outras áreas rurais e urbanas, passou a fazer parte da composição populacional da comunidade mais recentemente, principalmente a partir das construções das hidrelétricas. A divisão das festividades é marcada entre os Festejos dos Santos, que se dão dentro de um espaço religioso perpassado pelo cultural, e a Festa Cultural, que antes era relacionada apenas à Festa da Melancia⁶⁷, mesmo que haja diferentes pontos de vistas, tanto dos moradores da comunidade como dos participantes de fora sobre essa Festa, de forma que uns a entendem como cultural e outros, como política e comercial.

Além da Festa da Melancia, há o festival cultural, que tem como chamada para os que vêm de fora: “Festival Folclórico”. Este, antes era vinculado ao Festejo de São Pedro, pois se realizava como a parte da cultura local dentro do Festejo, passou a ser realizado de forma desmembrada do Festejo e em data diferente a partir do ano de 2015.

Festejo de São Pedro

O Festejo de São Pedro é realizado na segunda parte da comunidade, onde vive o Timaia, liderança cultural. Ele é um dos filhos de Manel Nunes Maciel, que em vida foi reconhecido pela comunidade como o responsável pelas Festas de Santos interligadas as demais atividades culturais da tradição que viviam no Uruapera.

A comunidade de Nazaré é composta por quatro espaços visíveis: o espaço da vila que fica na parte da frente, o espaço que fica na parte de trás, o da parte que

⁶⁷Apresentei um artigo a respeito da Festa da Melancia em co autoria com Roberta Mageski no VII Simpósio Nacional de História Cultural, “História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e Recepções”, realizada na Universidade de São Paulo, entre 10 e 14 de novembro de 2014, onde apresentamos a percepção e a prática dos moradores das comunidades, tanto das técnicas da produção da melancia como da própria Festa.

fica no interior da comunidade do outro lado do gapapé Correnteza e o da parte que corresponde às áreas de pescas e caças que se dão conforme os modos de vida de comunidades tradicionais e cujo uso é comum a todos. No espaço da parte da frente, a liderança religiosa é seu Getúlio. Ele e sua família assumem as atividades da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. No espaço da parte de trás, a liderança religiosa e cultural era Manel Nunes Maciel, que fundou a igreja dessa segunda parte da comunidade. O padroeiro da igreja é São Sebastião e o co-padroeiro é São Pedro.

O Festejo de São Pedro é o mais movimentado, tendo a participação de pessoas vindas das outras comunidades e também da cidade de Porto Velho. Após o falecimento de Manel Nunes Maciel, seu filho, com o incentivo da comunidade, passou a assumir a liderança religiosa e cultural dessa segunda parte da comunidade. Embora haja a divisão espacial, pelo que foi percebido nos Festejos nos quais estive presente, seu Getúlio e sua família colaboram na realização das atividades da Igreja São Sebastião e Timaia e sua família colaboram nas atividades da Igreja da Nossa Senhora de Nazaré.

Além dessas duas partes da vila, há a terceira parte, que fica para o interior da comunidade do outro lado do gapapé Correnteza, aberto ainda no tempo do seringal, por João Lobato com a autorização do patrão seringalista da época. Essa parte era ocupada de forma tradicional apenas pelo núcleo familiar de João Lobato, por seus filhos e sua ex-esposa, e pelo próprio cunhado, Manel Nunes Maciel.

João Lobato também chegou a agregar por um tempo uma família que migrou do Maranhão para a comunidade e que não tinha lugar para ficar. Segundo João Lobato, ele cedeu um lugar dentro da sua área para que eles morassem e plantassem, mas devido a morte do pai da família ocasionada por uma picada de cobra, a família toda foi embora. Atualmente, dentro da área ocupada por João Lobato e por seu núcleo familiar, foi construída a escola estadual, iniciando assim um processo de tensões de ocupação territorial entre o Estado e João Lobato e sua família, processo esse que se acirrou em 2014 com a inundação da comunidade. A inundação atingiu principalmente a parte da frente da comunidade, deixando as pessoas desabrigadas. Com isso, o Estado solicitou mais uma parte da área de João Lobato, causando mais conflitos, e, embora tenha havido uma negociação, João Lobato entende que foi prejudicado com o valor da indenização por ela não corresponder ao trabalho dedicado na construção do lugar que, na narrativa de Maria de Nazaré, ela disse que ele “abriu no braço”.

No início de 2016, as tensões passaram a se dar internamente na comunidade, pois após a negociação feita com o Estado, a prefeitura teria que se responsabilizar pela construção da vila, o que não havia acontecido até então. Isso fez com que algumas pessoas iniciassem a ocupação da área e, segundo informações repassadas pelas filhas de João Lobato em fevereiro de 2016, estas ocupações estavam ultrapassando a área correspondente à construção da vila⁶⁸.

A quarta parte corresponde às áreas de pescas e caças que são efetuadas conforme os modos de vida de comunidades tradicionais. Sendo áreas de uso comum, respeitam-se os limites das reservas ambientais existentes, e mesmo que o uso tradicional do espaço não seja depredador do ambiente e independa da criação oficial das áreas ambientais, as depredações vêm dos modos de vida que não estão ligados à natureza. Há também famílias que vivem na vila, mas mantêm um espaço no interior da comunidade para plantar suas roças.

Sobre a criação do espaço correspondente à segunda parte da vila de Nazaré, outro pesquisador que atuou na comunidade estudando os Festejos, registrou que:

Na comunidade de Nazaré temos um exemplo de espaço modificado pela ação humana ligado à cultura do grupo social. Foi criado um novo bairro na comunidade chamado “Bairro de São Sebastião”, fruto de uma promessa feita pelo líder religioso da comunidade. O espaço de São Sebastião representa para o exercício de fé católica do grupo um aumento, pois a partir de então duas igrejas passaram a existir na comunidade que ficam responsáveis pelas tarefas de limpeza, manutenção e organização do lugar para as celebrações, sendo que o grupo da igreja de São Sebastião tem como coordenador o chefe religioso da vila de Nazaré. Sua autoridade é reiterada pelo viés educacional, além de conduzir e manter o grupo dentro da mesma religião e crença, contribuindo para o fortalecimento da doutrina Cristã que faz frente ao vertiginoso crescimento das igrejas neo-pentecostais dentro das comunidades ribeirinhas. (SARAIVA, SILVA, 2008, p. 13)

A partir da vivência de campo que estabeleci na comunidade, onde no decorrer da pesquisa restabeleci minha relação de parentesco com os parentes maternos que são da família dos Maciel, pude perceber que o papel de liderança

⁶⁸Em 2014, depois da inundação que durou de fevereiro até maio, no período em que estava se dando a negociação da área para a construção da vila entre a comunidade e Estado e o Estado com João Lobato, eu estava em São Paulo, mas foi solicitado a mim e ao meu companheiro por João Lobato o apoio no acompanhamento desse processo, pois o valor de indenização era irrisório. Indiquei para meu companheiro, Iremar, as lideranças políticas da comunidade para que ele tentasse uma articulação afim de reivindicar uma indenização mais condizente para João Lobato. A articulação foi feita e assim realizaram nova negociação. Depois, um dos filhos de João Lobato, que é o seu procurador, deu continuidade aos processos burocráticos. Mesmo sendo feito o pagamento, segundo João Lobato, havia ficado uma parte pendente. Ele não sabia explicar como ficou acertado burocraticamente o acerto dessa parte, pois quem fez o acompanhamento havia sido seu filho.

exercido por Manel Nunes Maciel se dava para além do espaço religioso do catolicismo, o qual está inserido no espaço da tradição local. A percepção de que ele como líder era responsável por manter o grupo religioso praticando os rituais católicos, efetiva-se hoje na figura do seu filho que assumiu a liderança, mas assim como o pai, sua atuação interliga a religiosidade cristã à tradição cultural advinda das percepções indígenas. Assim como pai, ele também faz uso do seu papel de educador para incentivar a valorização cultural da comunidade e o fortalecimento das identidades próprias do modo de vida às margens do Rio Madeira, tendo como referência as tradições vindas do seu lugar de origem, Uruapeara, o que também representa as demais famílias vindas de outros espaços de antigos seringais das proximidades.

Em 2009, quando fui pela primeira vez conhecer o Festejo de São Pedro na comunidade de Nazaré, era o primeiro ano que iria ser realizado o Festejo sem a liderança de Manel Nunes Maciel e tanto os rituais de dentro da igreja como os de fora foram feitos em sua homenagem. A comunidade inteira, não somente a da Igreja de São Sebastião, estava lamentando a perda do parente, do amigo, do professor, do conselheiro, da liderança que representava a pessoa de Manel Nunes Maciel, falecido no ano anterior.

Na celebração, o padre fez menção a Manel Nunes Maciel, recomendando sua alma e lembrando da sua importância para a comunidade religiosa. A apresentação do grupo “Minhas Raízes”, a Dança do Seringador, e apresentação da Velha Guarda, composta pelos antigos tocadores e cantadores da comunidade, foram o auge da homenagem durante o festival cultural, que se deu após a celebração e o leilão. Todas as pessoas presentes compartilharam a emoção desse momento.

O papel desempenhado por Manuel Nunes Maciel é mencionado abaixo por sua irmã Maria Maciel e suas sobrinhas, Valderlurdes, Antônia e Elzalina.

Passagem da Santa Nossa Senhora de Nazaré do patrão seringalista, as festas dos demais santos e a retomada da Dança do Seringador:

Esse meu irmão, desde quando a gente chegou aqui, fazia Festejo e Rezas... Primeiro, fazia a Festa de Nossa Senhora de Nazaré, que era do proprietário daqui, o compadre Nanan. Aí foi o tempo que ele morreu e deixou entregue para o Maciel, que passou a fazer o Festejo de Nossa Senhora todos os anos, todo dia 7 de Setembro... Depois ele morou lá no lago perto de nós e inventou de fazer o Festejo de São Sebastião. Aí ele festejava São Sebastião

todo 19 de Janeiro. Assim, passou a festejar a Nossa Senhora Auxiliadora, que era a padroeira dele, depois Festejou São João, mas São João ele só começou a mandar rezar... E São Pedro que todos os anos festejam... E agora tem a Dança do Seringador... Pareceque tá fazendo dois anos que ele inventou essa dança. Foi um ano antes dele morrer que ele começou a fazer a Dança do Seringador. (Narrativa Maria de Nazaré)

Maria de Nazaré marca o início da atuação de liderança religiosa de seu irmão a partir da morte do patrão e da efetivação do projeto de fortalecimento da tradição local por meio da Dança do Seringador, dois anos antes da morte dele. Na narrativa de Valderlurdes é marcada a transição de liderança cultural de pai para o filho: *O filho do finado tio Manel Maciel, ele está dando continuidade nas coisas que o tio gostava de fazer. Negócio de teatro, ele sempre faz assim, os Festejos dele a gente participa bastante!*

Em dezembro de 2012, quando estive na comunidade, presenciei a atividade cultural realizada em frente à igreja de Nossa Senhora de Nazaré denominada “Paragem cultural”, apresentada após a celebração natalina de 24 de dezembro e conduzida pelo Ministro da Eucaristia, um rapaz da comunidade que é da família de seu Getúlio. Nesse evento religioso/cultural, Timaia atua na celebração fazendo parte dos tocadores dos instrumentos musicais, tocando violão e animando os cantos da celebração religiosa. Na finalização do ritual propriamente religioso, inicia-se a “Paragem Cultural” com a apresentaçãodo coral de músicas natalinas formado por crianças da comunidade que são preparadas por Timaia, que apresentaram a *cantada meninos da luz*, cantando seis músicas.A peça teatral encenou o Natal na beira do rio.Dentre as personagens, destacaram-se o Sací Pererê e a Yara, que desejavam ganhar pernas de presente do papel Noel. Embora 2012 fosse o quarto ano de realização da “Paragem Cultural”, as apresentações teatrais em datas cívicas e religiosas eram realizadas pelo Manel Nunes Maciel, como afirmou Valderlurdes. Ela, que passou a fazer parte da igreja protestante, continua participando das atividades culturais realizadas por seu primo Timaia por serem essas continuidade das atividades que eram feitas pelo seu tio.

A reafirmação indígena passada para os sobrinhos e filhos:

Eu digo que nós somos indígenas por causa da cultura dos antigos, a cultura deles, porque o Maciel, meu tio, filho da minha avó materna, que ainda era um pouco mais inteligente, que foi criado no Amazonas, ele fazia tanta coisa bonitinha, assim, artesanato e hoje os filho dele fazem. É, ele levou a cultura

dele pra frente, a origem dele mesmo, e hoje os filhos dele se orgulham do que aprenderam com o pai deles, e ele mesmo, o Maciel, falava que nós era de uma tribo de índio que ele até falava um nome, mas só que eu não sei, agora eu não sei como é que era, que ele até ficava falando pra nós que nós era índio, não tinha como nós negar, e o que ele aprendeu com a família dele, assim, quando ele veio lá do Amazonas ele já ensinou para os filhos, e hoje os filhos dele, eu acho que eles se orgulham do que eles aprenderam com o pai deles. A tradição deles, a cultura, mexem com cultura, essas coisas assim, artesanato, tudo eles sabem fazer os meninos do Timaia. Eles são muito inteligentes, eu acho que da nossa família, só nós mesmo daqui da família da mamãe que não aprenderam a fazer nada, só filhos. (Narrativa Antônia)

Além de educador, Manel Nunes Maciel foi portador de tradição cultural indígena, repassando essa referência de identificação ao seu núcleo familiar, conforme a sua sobrinha Antônia. Em sua narrativa, além de apresentar esse papel do tio como o sábio e transmissor das tradições, ela também fala dos Festejos que foram iniciados por ele:

O Festejo do São Pedro e de São Sebastião foi o professor Maciel que começou a fazer e já o Festejo da Nossa Senhora de Nazaré da Igreja Matriz lá de fora, lá da Igreja mesmo de Nazaré, foi o dono daqui do lugar, o seu Eduardo Costa. Porque antes, aqui esse lugar, era ele que era o dono e quem morava aqui trabalhava pra ele, na sorva, na seringa e nos outros trabalhos. Seu Nanam, chamavam pra ele de Nanam, era ele que era o dono do Festejo, daí quando ele faleceu, antes dele falecer, ele entregou pro Professor Artemis tomar conta mais o Professor Maciel. Aí depois, foi chegando mais gente, já foram tomando a frente. Aí, sabe, que o Maciel não era dessas pessoas que gostava de tá se misturando com muita gente, aí ele já foi saindo de lá e construiu a igreja aqui dentro, São Sebastião, mas ele começou o Festejo de São Sebastião lá dentro do outro lago do peixe-boi. (Narrativa Antônia)

Antônia diz que o Festejo da Nossa Senhora de Nazaré foi passado para seu tio e seu Artemis, que também era professor da comunidade. Ela diz que o motivo de seu tio se afastar para o interior da comunidade, se deu por causa da própria característica dele de não gostar de ficar no meio de muita gente, característica essa, que é percebida em seu pai João Lobato, que vive afastado em seu sítio. Sobre o Festejo de São Sebastião, ela diz que antes de seu tio Manel Maciel criar a igreja para o Padroeiro, ele já fazia o Festejo em outro espaço, que também foi habitado durante um período por ele e pela família de João Lobato e Maria de Nazaré, adentrando o lado do Peixe Boi, área que faz parte da memória de ocupação tradicional do núcleo familiar.

Espaço da escola:

Na escola, era meu tio Manel, irmão da minha mãe, que era o professor. Ele inventava muita brincadeira. Era brincadeira de roda nesse tempo. Era de correr pulando com o saco... Num tem daquelas brincadeiras de correr pulando com o saco? Pois é, a gente fazia essa brincadeira... Era muita brincadeira que meu tio inventava. (Narrativa Elzalina)

Elzalina, em sua narrativa traz a lembrança do seu tempo de criança, quando aprendeu as brincadeiras ensinadas pelo seu tio Manel Professor. Vale lembrar que o Manel Nunes Maciel foi seminarista e em sua formação se apropriou do teatro, da música e do ofício do ensino para fazer seu trabalho religioso, de professor e de transmissor das tradições culturais.

Como transmissor de tradições ensina o ritmo do Seringador para seu neto:

É invocado que até o ritmo do Seringador mesmo, até hoje quando a gente toca o seringador, o pessoal percussionista, profissionais, pessoal que a gente sabe, eles acham estranho, porque é invocado, por ele ter um ritmo misturado, uma mistura de ritual indígena com o ritmo negro do tipo capoeira, essas coisas. É invocado mesmo, é um ritmo estranho, eu me lembro quando o pai começou a ensinar o meu filho Tanisson, o meu filho do meio. O Tanisson errava, ele dizia: “Não é assim não, não é assim não!” Ele era bem rigoroso, ele fava assim: “É assim!” E ele começava a tocar e falava: “É, assim!” Até ele assimilar, porque é um ritmo esquisito, ele é quebrado, parece, sei lá, é até ruim de acompanhar, aí ele falava: “Era assim que os índios tocavam!” (Narrativa Timaia)

Por se tratar de um ritmo próprio passado por meio da tradição oral, o avô se empenhou em ensinar o neto dentro do rigor que também é presente em diferentes povos em que se dá a passagem dos cantos e das narrativas por meio da transmissão das tradições de geração para geração, mas aqui se coloca uma questão: será que uma tradição que é vivenciada requer uma metodologia de aprendizagem adquirida por meio de um rigor de treinamento?

As tradições repassadas de geração para geração em contextos de desterritorialização, são resultados de interações com diferentes culturas, como no caso da Dança do Seringador, que na comunidade de Centenário, no Uruapeara é relacionada à tradição africana e ao ser retomada por Manel Nunes Maciel em Nazaré, ganha ênfase indígena sem negar a interferência da cultura afro. Seria esse um caso de criação de uma nova tradição no sentido dado por Vansina? Segundo

ele, é necessário que o testemunho pelo qual possa ser transmitida a tradição não pode adquirir novas informações:

Uma definição um pouco arbitrária de um testemunho poderia, portanto, ser todas as declarações feitas por uma pessoa sobre uma mesma sequência de acontecimentos passados, contanto que a pessoa não tenha adquirido novas informações entre as diversas declarações. Porque, nesse último caso, a transmissão seria alterada e estaríamos diante de uma nova tradição. (VANSINA, s/ano, p. 140, 141)

J. Vansina, ao tratar da tradição e de sua metodologia no contexto de aprendizagem dos griots (especialistas que conhecem tradições relativas a toda uma série de eventos de seus respectivos clãs no continente africano), define tradição como uma mensagem transmitida de uma geração a outra, fazendo a ressalva: “Mas nem toda informação verbal é uma tradição. Inicialmente, distinguimos o testemunho ocular, que é de grande valor, por ser uma “imediate”, não transmitida, de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos.” (VANSINA, s/ano, p. 141)

Manel Nunes Maciel é um testemunho ocular da tradição que ele vivenciou e depois se preocupou em repassar, como no caso do Seringador que foi um caso de retomada e que por haver uma disputa de memórias indígenas e afros que, ora num lugar uma ganha menos e outra mais conotação. Isso, entretanto, não tira sua legitimidade de tradição oral que num contexto tradicional não tem um rigor fixo para sua transmissão, pois uma tradição oral se dá na vivência. Um exemplo disso são os Curumins Tenharin; os Uru Eu Au Au, os falantes do Tupi Kawahibque vão aprender o som e o ritmo da taboca⁶⁹ tocando nas festas tradicionais de acordo com as especificidade do seu povo. Como em Nazaré, hoje é possível um Curumim aprender a bater o gambá se acompanhar desde pequeno os festivais culturais onde se toca, se canta e se dança o Seringador. O Curumim pode aprender a tocar não só o gambá, como também os outros bios-instrumentos feitos de ouriço de castanha⁷⁰.

No caso de Manel Maciel, ensinar seu neto fazia parte do projeto de retomada da tradição. Da mesma maneira, ele ensinou também seus filhos, assim,

⁶⁹Denominação Tupi para uma planta oca que dentre outros artefatos é comum entre os Tupi Kawahib confeccionar flauta de sopro.

⁷⁰No mês de outubro de 2015 estava presente num ensaio de apresentação do Boi Curumim na cidade de Porto Velho para o lançamento do Cd “Boi Curumim” da comunidade de Nazaré e um curumim da comunidade estava tocando um instrumento ou outro durante o ensaio, foi elogiado quando fez o acompanhamento certo e ironizado quando saiu do ritmo. O curumim estava ali na sua brincadeira aprendendo uma tradição.

netos e filhos seguem com a batida do gambá no ritmo do Seringador. Na narrativa de Maria de Nazaré, ela marca essa retomada que o irmão fez dois anos antes de morrer. O filho de Manel, Timaia, também menciona que seu pai tinha a preocupação de passar o valor cultural das atividades que realizavam na comunidade:

Eu acredito que consegui entender o valor cultural do que fazemos porque aprendi com meu pai, que observava tudo isso. Eu consegui entender a tempo isso, ainda bem, porque as pessoas que faziam essas brincadeiras com naturalidade, não tinham essa observação que o pai tinha, de enxergar a coisa pelo valor cultural. (Narrativa Maria de Nazaré)

Por meio desse trecho, reafirma-se a compreensão da efetivação da transmissão de tradições de pai para filho, sem a preocupação de manter algo intacto e estático, pois as afirmações se dão em movimento. A dinâmica das tradições culturais no campo da música, pode ser percebida na leitura da narrativa de Timaia.

Em Nazaré, nem sempre é possível realizar a parte cultural na mesma semana do dia do santo, mas a irmandade garante o encontro na igreja no período certo para a reza do terço, como por exemplo no Festejo de São Pedro, que participei nos anos em 2009, em 2011 e em 2013. O dia do padroeiro é 29 de junho, mas dentre esses três anos apenas em 2009 o Festival foi realizado no mês de junho (entre os dias 23 a 26). O Festival teve a participação do público geral e ficou a cargo da irmandade garantir a reza para o santo em seu devido dia. Participei apenas da passagem do sábado para o domingo, pois havia chegado à comunidade na madrugada de sexta feira, dia 24 de junho, quando as atividades haviam se encerrado e as pessoas estavam indo para suas casas.

Mesmo que eu não tenha participado de todos os dias do Festejo, os participantes locais me situaram sobre os ritos que haviam sido realizados e sobre aqueles que iriam se realizar até o encerramento do Festejo. O Festejo havia começado no dia 23, com o início do Novenário, momento em que a comunidade se encontrava na igreja para rezar o terço. Esse rito se deu até a última noite do Festejo. Durante o dia 25 de junho, se davam as preparações para as apresentações culturais à noite, depois da celebração na igreja. De noite, teve início o encontro na igreja. Geralmente, com a presença do padre ou não, é à noite que o Novenário junto

com culto ou com a missa reúne mais pessoas, pois é quando se encerram as Noites das Rezas.

Como todas as outras noites após as rezas, acontecia o leilão e depois alguns permaneciam no local em que houvesse música e bebida, sendo que a maior parte das pessoas voltava para suas casas. Somente no dia 25 de junho a comunidade permaneceu em grande número para as atividades culturais realizadas após a reza e o leilão. Nesse ano em especial, estavam homenageando Manel Nunes Maciel e estavam fazendo o ritual de passagem da liderança para o seu filho. Foi assim que se caracterizou aquela noite em que os mais velhos estavam ali, uns observando de um canto da arquibancada, outros participando das atividades, como os senhores da Velha Guarda e uma das senhoras mais velhas, que participavam da brincadeira do Boi Curumim e da Dança do Seringador.

Segundo os participantes do Festejo de São Pedro, no dia 26 de junho, iria ocorrer a Ramada, que no Festejo de São Raimundo no Uruapeara, é o momento que tocam e dançam o Seringador. Lá em Nazaré, nesse ano de 2009, por não ter ficado até o final, apenas perguntei para as pessoas que são da comunidade o que iria acontecer, e, segundo elas, haveria a derrubada do mastro. Elas também estavam na expectativa de receber a visita do padre para batizar as crianças e depois, de participarem da Festa na Ramada, que pelo o que entendi estava sendo tomada como sinônimo do momento de dançar o forró.

Em 2011, fui com minha amiga Cristiane, que havia ido comigo em 2009 no meu retorno para a comunidade. Ela levou junto sua filha Rana para conhecer o Festejo e a comunidade e eu levei meus filhos, Lucas e Tanan, para que eles conhecessem além do Festejo e da comunidade, os parentes e o lugar onde viveu por um tempo a bisavó deles. Nesse Festejo, também participei apenas da passagem de sábado para domingo, que é o dia em que se dá a principal celebração na igreja e as apresentações culturais após a celebração e o leilão. Depois das apresentações culturais, sempre tem o forró até o amanhecer.

Na parte cultural do Festejo de São Pedro, em 2011, houve o investimento de produção e o acompanhamento de uma equipe que estava desenvolvendo um projeto de investimento cultural na comunidade, que fazia parte do processo de mitigação da Empresa Hidrelétrica de Santo Antônio. Foi o ano que mais houve investimento na renovação dos figurinos do Boi Curumim, da Dança do Seringador, do carimbó e de uma apresentação denominada Dança Beradeira (que se deu apenas naquele ano)

e a quadrilha (que sempre encerra as apresentações culturais). Nesse ano, a parte cultural do Festejo de São Sebastião começou a ganhar ênfase como atrativo turístico e ao mesmo tempo ganhou força como cultura local.

O Festejo de São Pedro em 2011, aconteceu na passagem de junho para julho, iniciando com os terços na semana do dia do santo. A comunidade estava animada, havia bastante movimento de pessoas de Porto Velho que haviam ido para o Festejo e grande parte das pessoas tinham relação de parentesco na comunidade. Isso foi perceptível desde a viagem de ida no barco, em que as pessoas se encontravam e iam se reconhecendo, e também no meu caso, com meus primos e primas.

A comunidade estava bonita. O Furo, que é o igarapé da Água Preta que foi aberto pelos homens ainda na época do seringal, estava com suas águas baixas. Era verão, mas isso não representava escassez para comunidade. O igarapé, mesmo baixo, estava bonito e as pessoas estavam com feições alegres. A vida estava estampada no verde da mata e no reflexo do sol nas águas do Furo, nos enfeites do arraial e no mastro com a bandeira do santo e as bananas amarradas nele, bananas que, no final, seriam jogadas para as pessoas que ficavam ao seu entorno para apará-las e levá-las para suas casas como um símbolo da fartura para aquela família. Segundo me explicaram, além das oferendas que ficam no mastro serem oferecidas ao santo para terem uma plantação farta, as próprias oferendas levadas para casa também dariam fartura para as famílias, por isso todas as pessoas presentes na derrubada do mastro se esforçam para pegar alguma oferenda.

Em 2013, participei mais efetivamente do Festejo de São Pedro. Fui para a comunidade uma semana antes. Desci o Rio Madeira junto com minha prima Lurdinha, minha tia, Maria de Nazaré e neta dela, YjjeKaritiana, filha da minha prima Cristina⁷¹. Yjje estava indo para ser a Rainha do Lago no Boi Curumim, a convite de Timaia.

Participei da última semana de preparação do Festejo, além de mim, havia a família da dona Almira, que estava fazendo parte do multirão de preparação do

⁷¹Cristina foi esposa de Antenor Karitiana (Karitiana é o povo indígena que vive nas proximidades de Porto Velho e tem sua aldeia central Kyowã - Sorriso de Criança a 90 km de Porto Velho, antes de chegar no distrito de Jaci- Paraná). Por causa desse casamento, temos três Karitiana fazendo parte da nossa família. Em 2014, Yjjeque morava na cidade com a mãe, resolveu ir para a terra indígena de seu povo e casar com um rapaz Karitiana da aldeia Kyowã. Em 2015, nasceu seu primeiro filho e a nossa família desaldeada se juntou com a família Karitiana para comemorar o nascimento da criança. Vi nesse nascimento e nesse encontro uma aliança que reforça os vínculos indígenas da nossa família, a família Maciel, que traz consigo a referência indígena desde o meu bisavô.

Festejo. Sua família não tem relação de parentesco na comunidade, mas a partir da aproximação que estabeleceram através do Tino, seu genro, que fez parte de projetos culturais na comunidade por meio de organizações não governamentais e governamentais, estabeleceram relações de afinidade com a família de Timaia e todos os anos vão colaborar com os preparativos da parte cultural do Festejo de São Pedro.

Durante a semana de preparação do Festejo em que participei, Timaia atribuiu a mim a preparação da Rainha do Lago e a elaboração escrita da apresentação de todas as personagens do Boi. Essas personagens têm sua música própria, que é cantada depois que entram na arena e fazem suas danças, porém sugeri uma apresentação antes delas entrarem na arena. Timaia gostou dessa sugestão e responsabilizou-me pela escrita dos textos.

Timaia havia convidado Yjkek inicialmente para ser a porta bandeira do Boi Curumim em janeiro, quando fomos para o Festejo de São Sebastião, mas, assim que chegou a época do Festejo de São Pedro, durante os preparativos do Boi, sua filha mais nova reivindicou esse lugar. Timaia, por sua vez, não havia decidido ainda se ia passar essa função para ela, pois havia convidado Yjkek. Durante a última semana dos preparativos, depois da chegada de Yjkek, logo nos primeiros ensaios, ele sugeriu a ela que fosse a Rainha do Lago. Ela não demonstrou muita satisfação com essa mudança, mas falei para a ela sobre a importância da Rainha do Lago, dizendo que ela ia fazer uma representação de uma personagem relacionada ao local, personagem esta que se referia aos seres encantados do lago do Peixe Boi e, por isso, era muito importante. Na época, ela tinha 14 anos de idade e já era uma Cunhantã bem decidida, então aceitou desempenhar a apresentação proposta por Timaia.

Como a personagem estava sendo criada, Timaia teve que fazer a sua música. Eu, ele e a Yjkek trabalhamos juntos na produção da vestimenta e da dança da Rainha do Lago e, depois de tudo pronto, fiz os textos de apresentação dela e das outras personagens do Boi Curumim. A música da Rainha do Lago criada por Timaia foi:

Rainha que é luz de mais pura magia. Beleza que as águas te fez germinar.
Tão perfeita moldura de encantos, meu rio de paixão e amor no calor do meu
Boi Curumim eu vou te saudar. Rainha do Lago, do Lago do Peixe Boi.
Princesa que é fruto, perfume de flor que exala no ar. Teu encanto menina

morena contagia meu cantar... Vem Rainha do Lago do rio... Vem Rainha do meu Boi Bumbá.Ôôô, beleza infinita, meu mar e amor.

As apresentações que elaborei para cada personagem feminina do Boi Curumim foram⁷²:

Rainha do lago:Protetora de todos os seres do lago do Peixe Boi. Representante da cultura local. Ela é a mais pura beleza que germinou das águas do lago, encanta com a magia da sua luz e reina no fundo das águas do lago.

Cunhã Poranga: A mulher bonita que encanta todos os guerreiros da sua aldeia. Cunhantã do cabelo perfumado com o aroma da natureza e do mais belo sorriso e pintura corporal.

Porta Estandarte: Bela Cunhã que carrega com a força de guerreira o estandarte e o brasão com as cores do boi Curumim.

Rainha do Folclore: Representa toda a beleza e riqueza da natureza. Traz consigo o perfume das flores, os encantados das florestas e das águas e a astúcia dos animais.

Padroeira: A protetora da comunidade desde a sua formação. Os antigos de Nazaré que vieram lá do Uruapeara, famílias inteiras em pequenos barcos, aqui chegaram e na luta do trabalho com a seringa e a sorva, com a plantação da roça, produção de farinha, nos momentos difíceis tinham o amparo da sua padroeira que continua protegendo a todas as pessoas que vivem em Nazaré e que por ela rogam.

Sinhá Moça: Bela e amorosa cuida do Boi Curumim com seus afagos.

No ano de 2013, aconteceram os ritos da Reza do Terço na data certa, conforme a tradição da Irmandade do Santo, mas o Festejo se estendeu até 06 de julho por causa das atividades culturais que haviam ganhado força com Festival Cultural. O Festival concentrou as apresentações que fazem parte das tradições pertencentes à comunidade e ao contexto amazônico: o Boi Curumim, a Dança do Seringador, a Velha Guarda, o Grupo Minhas Raízes, o carimbó e a quadrilha.

As novenas do Festejo de São Pedro se iniciaram desde o dia 28 e foram até o último dia 04 de Julho, pois dia 05 foi a celebração com a procissão. No último dia de Reza, o rito não é apenas o Terço, e sim todos os ritos de uma celebração da igreja católica.No período das Novenas essas foram puxadas pela família do Timaia

⁷²Embora as figuras principais seja o Boi e o Curumim, o feminino predomina nas personagens de destaque: a Rainha do Lago,aRainha do Folclore, a Padroeira, a Rainha da Bateria, a Cunhã Poranga e a Sinhá Moça. Dentre as demais personagens, há as que encenam a história do Boi, cujo enredo envolve a trama do patrão que responsabiliza Cazumbá, seu empregado, de cuidar de seu boi predileto. Catirina, que casa com Cazumbá e deseja comer um pedaço da carne do boi predileto do patrão, desejo que Cazumbá, atende prontamente, resultando em sua perseguição.Seu patrão, ao saber da morte de seu boi predileto, manda matar Cazumbá, mas no final, o boi ressuscita e o filho de Katarina e Cazumbá nasce. Além dessas personagens, há a figura denominada Folheral. Sua roupa é feita de folhas de cupuaçu e sua representação é de uma espécie de Bicho Papão que fica correndo atrás dos Curumins. Essa figura do Folheral lembra o papel do Carão, um pássaro preto que faz parte da figuração das Cirandas cujo papel é assustar as pessoas durante a dança e encenação da Ciranda, conforme pude ver numa apresentação em Manaus, no ano de 2009.

e pela a família do seu Getúlio, com a participação dos demais da Irmandade. A esposa do Timaia e a de seu Getúlio revezaram-se entre si na condução do Terço.

Durante as Novenas, houveram noites em que apenas um pequeno grupo da Igreja de São Sebastião participou. As noites em que havia maior participação das pessoas da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré e das pessoas da Igreja de São Sebastião eram mais animadas. Quando tinha um maior número de pessoas na Novena, o Leilão que acontecia logo em seguida também era mais animado. Todas as noites, o barzinho do Passa Bem, como é apelidado o professor Raimundo, da escola de ensino fundamental da prefeitura na comunidade, ficava aberto para quem quisesse ouvir música, tomar cerveja e dançar forró, tudo isso sempre após das atividades na igreja.

No dia 05, uma sexta-feira, encerraram-se as rezas na igreja com presença do padre, que celebrou a missa e conduziu a procissão durante um pequeno trecho. Esse mesmo trajeto se dá no Festejo de São Pedro e no Festejo de São Sebastião.

O dia 05 de julho de 2013 foi um dia intenso de trabalho para finalizar o figurino do Boi Curumim e os demais enfeites do espaço do Festejo. Fiquei envolvida nas atividades junto com as outras pessoas que estavam colaborando; parentes, afins e conhecidos. No final da tarde, fui visitar a tia Maria, que estava na casa da sua filha Júlia, localizada na parte da frente da comunidade. Júlia estava participando do encerramento de um curso oferecido pelo SESI de Manaus em parceria com o governo do Estado de Rondônia. Quando eu estava indo para Nazaré, fiquei sabendo que o barco do SENAI de Manaus estava atracado no porto da comunidade há um mês, oferecendo cursos profissionalizantes. Isso impediu muitas pessoas de irem para as Novenas e para os Leilões durante o Festejo.

Quando eu estava lá na casa da Júlia conversando com minha tia Maria, chegou um barco com passageiros da comunidade e pessoas da cidade de Porto Velho, que estavam indo para o Festejo. Fui informada pelo Pedro, filho da Lurdinha, que Iremar, meu companheiro; Tanan, meu filho mais novo; Emanuel, um amigo que estava se aproximando da comunidade com intenção de iniciar uma possível pesquisa de mestrado na comunidade; e Luciana, também minha amiga, doutoranda na USP, que vem acompanhando os efeitos das hidrelétricas na Amazônia e que estava indo pela primeira vez conhecer a comunidade, haviam chegado junto com a mãe de Pedro, ela estava na cidade e veio no mesmo barco que eles.

Fui encontrar o pessoal, e os convidei para o Festejo. Levei todos para a casa do tio João Lobato, onde iriam ficar e onde também me transferi, indo da casa da Lurdinha pra lá para ficarmos todos numa casa só. A casa do tio João Lobato foi a base para dormirmos e a da Lurdinha, para fazermos nossa alimentação. Nós contribuímos com a comida e ela se prontificou em preparar as refeições. Quem ficava em casa auxiliava nas tarefas.

Antes de ir lá para dentro, entreguei dois maços de vela que a tia Maria havia me dado para que eu entregasse ao Timaia, para ele acender na procissão. Entreguei logo, pois fiquei preocupada em não conseguir chegar a tempo, antes do início da procissão.

O tio João Lobato recebeu com alegria e satisfação os visitantes. Expliquei a ele que só íamos deixar a bagagem e íamos voltar para a procissão e para as demais atividades, e que no final voltaríamos para a casa dele. Fomos então. Chegando lá, ainda demorou um pouco para começar a procissão, que sai da Igreja de São Pedro e segue pela calçada, indoda entrada até a parte interior da comunidade. Ao chegar no final da calçada, todos voltam para a igreja. Vão e voltam, rezando e soltando fogos. Os fiéis rezam, cantam e levam suas velas acesas em suas mãos, seguindo o andor do Padroeiro.

Depois da procissão, teve o ritual da celebração da missa feito pelo padre que veio de Porto Velho. O padre batizou uma criança já crescida. Segundo ele, foi uma exceção, pois o bispo havia recomendado que não era mais para fazer batizados nos dias dos Festejos, pois algumas pessoas bebem evão bêbadas para a missa. O padre retomou o assunto das bebidas nos Festejos em vários momentos da celebração. Ele discorreu também sobre a mistura da bebida com o sagrado, tudo isso com um tom de humor repreensivo⁷³.

Nos dias anteriores depois da Novena haviam os bingos. Na sexta-feira depois da missa, houve o leilão de frangos assados, de bolos e de tortas. Nessa noite, iria ser inaugurado um espaço de dança e de bebida. Uma parte do pessoal lá de

⁷³A bebida alcoólica está presente nos Festejos desde os tempos dos mais velhos, conforme é possível verificar nas narrativas apresentadas nesta tese. Esse também é um dado registrado na etnografia dos Festejos de Humaitá, feita por Maria Terezinha Corrêa (2008). O ato de beber também faz parte do ritual do Festejo, embora passe a ser visto por alguns sob ótica da moral cristã. Enquanto ritual, considerando o ambiente construído pelo coletivo, não causa nenhum dano social à comunidade, mesmo porque “Oferecer ao santo um pouco de cerveja, derramando no chão ou tomando o primeiro gole, pode ser uma maneira de excitar seus xamãs hereditários.” (CORRÊA, 2008, p. 174). Esse gesto geralmente é remetido à cultura afro, mas nada impede que ele seja interpretado como um ato de chamar os xamãs.

dentro, onde mora a família do tio João lobato, ficou para a festa e a outra parte, foi embora junto com a Lurdinha. Eu fiquei na festa com a parentada.

O espaço da festa com danças é o lugar das conquistas, dos entretenimentos, das amizades e também das insinuações descarregadas de moralismos. As irmãs e primas delimitam os territórios para que as novatas não invadam seus espaços. As meninas ficam sob o olhar que cuida, mas acabam escapando para conversar ou namorar fora do espaço da dança. Segundo os mais velhos, faz parte da tradição sempre fugir uma menina durante os Festejos. Lá no Uruapeara, no Festejo de São Sebastião, seu Chico Branco fez essa observação. Ele disse sorrindo que no final do Festejo, quando nenhuma menina foge, não tem graça, e que isso já se tornou parte da tradição.

Em Nazaré, em outros Festejos, aconteceram casos de meninas que fugiram com algum rapaz, porém eu não soube se houve algum caso nos Festejos em que participei. Quando as meninas fogem dos Festejos, depois de um tempo, elas voltam na casa da família com o rapaz e as relações familiares se restabelecem. A partir daí, se oficializa diante da família, a vida do novo casal sem necessariamente haver um casamento religioso ou civil.

Dia 06 de julho de 2013, foi o último dia do Festejo de São Pedro. Nesse dia, houveram apenas atividades esportivas e culturais: futebol masculino e feminino na parte da tarde e durante a noite, o Festival de Cultura, com a apresentação do Boi Curumim, da Dança do Seringandor, da Velha guarda, do grupo Minhas Raízes e das demais apresentações culturais. Houve uma queda de luz, mas as atividades retomaram após voltar a energia.

Quando fomos à tarde para assistir o jogo, já levamos a rede e roupas para trocar para assistirmos as apresentações durante a noite. Deixamos nossas coisas na casa do Manduca, ex-marido da minha prima Antônia. Atamos nossas redes na parte coberta da casa e numa parte das paredes. Lá foi um lugar estratégico para atar as redes de descanso para repousarmos quando as atividades terminassem ou durante uma atividade ou outra. Além de nós, estavam alojados lá a Júlia, seu filho e a tia Maria.

No Festejo de 2009, fizeram uma cobertura de palha para as pessoas que quisessem atar redes e nelas se deitar quando estivessem cansadas ou para que pudessem pernoitar no local caso desejassem. A construção ou a reserva desse espaço nos Festejos é parte da tradição para receber as pessoas que vêm de fora. Lá

no Festejo de São Sebastião, havia um espaço que foi cedido para as pessoas. Em Nazaré, depois de 2009, não havia mais esse espaço.

A tia Maria, mesmo com dificuldade para andar, foi cedo com a Julia andando devagarzinho, enquanto ainda não tinha anoitecido. Assistiu as apresentações e depois foi para a sua rede. Pela manhã, voltou para a casa de sua filha Júlia, com o auxílio dos mais novos.

O momento das apresentações do Boi Curumim, da Velha Guarda, da Dança do Seringador e do Grupo Minhas Raízes, contagia espiritualmente os parentes, os conhecidos e os visitantes e é um momento mágico onde ficam todos conectados numa só energia. Em 2013, no momento da apresentação do Grupo Minhas Raízes caiu uma forte chuva que durou até o final das apresentações, o que não impediu da quadrilha animar o público que havia se abrigado debaixo da barraca de palha, na área do barzinho do Passa Bem e no clube de dança, em frente ao espaço das apresentações. Dar continuidade às apresentações debaixo de chuva e manter-se no espaço prestigiando a festividade, foi uma demonstração de persistência por parte dos que estavam se apresentando e de apoio por parte dos que estavam prestigiando. A chuva intensificou o ambiente de solidariedade comunitária e a ligação com os espíritos dos antepassados. Senti essa força espiritual, que foi correspondida pelos meus primos, filhos do Manel Nunes Maciel. No outro dia, todas as pessoas com quem conversei, parentes e visitantes, comentaram que sentiram essa força espiritual durante as apresentações culturais e principalmente na hora da chuva. Foi mesmo um momento de espiritualidade compartilhada.

Durante os dias em que eu fiquei na comunidade, permanecia até o final das atividades e só ia a noite para dentro, lá para a casa da Lurdinha. Às vezes, o Romário e sua esposa voltavam junto, outras vezes iam só eu, Yjkek, o Marlon e o Pedrinho, filhos da Lurdinha. Nós passávamos pelo território das visagens em todas as noites e íamos cautelosos, atentos ao caminho. O suspense começava quando passávamos pelo igarapé Correnteza e se acentuava na ladeira, depois do lugar em que fica a casa da tia Maria. Nessa ladeira, até o tio João Lobato já viu visagem. A tia Maria disse em sua narrativa que no igarapé Correnteza já viu muganga. Na ladeira, várias pessoas dizem ter visto algumas visagens. Eu sempre passo a noite nesses lugares com medo. No ambiente noturno na floresta, no território das visagens, eu passava cautelosa e muito atenta a qualquer movimento.

No domingo, dia 07, partimos de barco, após as duas horas da tarde, para Porto Velho. No retorno, os parentes e os conhecidos vão conversando sobre o Festejo ou sobre outros assuntos durante a viagem, estreitando assim as relações.

Nesse período que estive em Nazaré, participando das atividades de preparação das apresentações culturais e também sendo responsável por cuidar da Yjkek e dos filhos da Lurdinha, numa das conversas com a Yjkek, ela me perguntou porque não tinha índios em Nazaré. Ela fez essa pergunta porque tem vivência com o povo do pai dela, que vive em seu território indígena e fala sua língua materna e porque por parte de mãe, tem contato com a comunidade de Nazaré. Expliquei a ela que Nazaré foi formada por famílias que vieram de seringais do Amazonas e que esses seringais eram dentro de territórios indígenas, que nossos antepassados foram tirados de seus territórios e aos poucos foram esquecendo-se de qual povo indígena faziam parte, mas que, mesmo assim, mantiveram alguns conhecimentos e práticas indígenas. Também disse a ela que a nossa diferença em relação à família do pai dela é que eles tem um território demarcado, falam sua própria língua e sabem qual é o seu povo, enquanto que nós não temos mais isso, pois isso nos foi tirado, mas temos um modo de ser indígena e podemos recuperar algumas tradições. Ela ouviu com atenção o que eu disse e se mostrou satisfeita com a minha resposta.

Em 2014, eu não estava em Porto Velho, mas tive a notícia de que, apesar da comunidade ter acabado de sair de uma fase catastrófica causada pela inundação, todos fizeram questão de realizar o Festejo, mesmo que ele fosse restrito à comunidade por estarem sem suporte financeiro para poder realizá-loa um grande público. Algumas pessoas de Porto Velho que fazem parte dos movimentos de resistência da cultura local, estiveram presentes para apoiar a comunidade.

No começo de junho, estive na comunidade, quando havia acabado de descer a água da inundação. A comunidade estava destruída e as pessoas que haviam sido desabrigadas tinham voltado há pouco tempo para suas casas. Quando desembarquei no porto, que chamam de Porto da Usina ou Porto do seu Maciel (por ser na segunda parte da comunidade entrando no Furo), subi o barranco e, quando avistei as árvores com as folhas todas secas e as casas com as marcas da água e de barro, fiquei assustada.

Haviam dois moradores armando uma casa, eu os cumprimentei e comentei: “Nossa! Nazaré está destruída”, ao que eles responderam: “Nazaré está como uma planta que não foi cuidada, mas nós vamos fazer ela viver de novo.” Durante minha

estada na comunidade, as pessoas me contaram sobre as dificuldades pelas quais passaram. Quando fui na parte da frente da vila, a paisagem era mais triste ainda: as árvores caídas e as que se mantinham em pé, estavam com as folhas secas como se tivessem passado fogo por elas. As casas estavam soterradas e, ainda assim, as pessoas se mostraram firmes dizendo que não iam abandonar Nazaré.

Foi com esse espírito coletivo de fazer viver novamente a comunidade, que tiraram as lamas de suas casas, das igrejas, da calçada que interliga a comunidade, arrumaram as partes danificadas do trapiche que fica no trecho da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré e da Igreja de São Sebastião e fizeram seus Festejos, como forma de resistência e luta pela vida.

Desde 2009, quando retornei à Nazaré, havia se iniciado a intervenção no Rio Madeira por causa da construção da Hidrelétrica de Santo Antônio, no alto Madeira, onde existia a Cachoeira de Santo Antônio. As comunidades em seu entorno, que na época estavam começando a serem expulsas para dar lugar ao canteiro de obras da hidrelétrica de Santo Antônio, desde então, todas essas comunidades às margens do Rio Madeira, passaram a ficar ameaçadas de serem afetadas, embora as empresas considerassem que as comunidades que estavam um pouco mais acima das hidrelétricas fossem ter apenas um impacto indireto que se resolveria com as mitigações. Porém, em 2014, todas as comunidades das margens do Rio Madeira e dos lagos interligados a ele, foram inundadas e destruídas, algumas delas não conseguiram se recuperar e as pessoas que as habitavam tiveram que se deslocar para outras comunidades, ou se manterem acampadas na cidade de Porto Velho, como no caso da comunidade de São Carlos que foi condenada pela defesa civil. Mesmo diante disso tudo, uma parte dos moradores voltaram para a comunidade.

Se antes os Festejos nas comunidades das margens do Rio Madeira eram momentos de encontros entre parentes e visitantes para brincar, celebrar e festejar, depois das Hidrelétricas de Santo Antônio e do Jirau, passaram a ser mais ainda a manifestação de resistência do modo de vida ligado à natureza. Essa percepção do Festejo como solidificação do modo de vida às margens dos rios, também é apresentada no artigo “Religiosidade popular e Festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia”:

O estar junto é um dado fundamental, pois consiste numa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específica, dessa forma, os elementos que constituem essa cultura, solidificam o modo de vida do ribeirinho, já que a festa é ritual, divertimento, mas também modo de ação e resistência do ribeirinho. (SARAIVA, 2010, p. 151)

Mesmo que esses Festejos sejam restritos à comunidade, eles são momentos de renovação espiritual e interação social entre parentes, com os momentos das rezas e das brincadeiras. Em Nazaré, os Festejos de São Sebastião não têm a mesma divulgação que o Festejo de São Pedro e, por isso, não há a participação de pessoas de fora, ficando assim restrito à comunidade. Alguns parentes próximos da família Maciel, que moram em Porto Velho, vão participar. Em 2013, estive presente na comunidade durante a realização do Festejo. Percebi que, embora seja restrito à comunidade, há uma interação animada entre as pessoas. O Levantamento do Mastro, as Novenas, a Procissão, os Leilões e a Derrubada do Mastro são realizados como efetivação das oferendas ao santo para a garantia de um ano de farturas.

Quando estive no Uruapera, no Festejo de São Raimundo, mostrei para o Pedro e a Tina uma filmagem do momento em que jogam as bananas, inicialmente penduradas no mastro, para as pessoas que aguardam para apará-las. O registro que mostrei a eles, foi da derrubada do Mastro de São Sebastião em Nazaré, no ano de 2013, momento iniciado com a solenidade da batida de um metal gerador de um som semelhante ao do sino. Depois desse momento de convocação para a Derrubada do Mastro, feita por um senhor mais velho da comunidade, um dos homens presentes, que faz parte da Irmandade do Santo, o Manduca, subiu no mastro por meio de uma escada, e começou a jogar as bananas e os pedaços de cana. Algumas mulheres, homens e crianças corriam para apará-las e cada um se esforçava para aparar alguma das oferendas. Cada vez que era jogado do mastro um fruto, todos avançavam correndo aos risos e tudo se tornava brincadeira.

Depois de distribuídos os frutos, esses eram tomados pelas pessoas como abençoados por serem do santo, como os frutos do Arapekom onde os Kanamari, oferecem os frutos da terra para suas entidades espirituais e essas lhes oferecem os frutos do céu. Assim, os frutos do mastro, que haviam sido ofertados ao santo e depois se tornado abençoados, por terem se tornados frutos do santo durante o tempo que estavam no mastro, retornam às pessoas, como se houvesse uma passagem de frutos da terra para frutos do céu.

Pedro e Tina, ao verem a gravação, comentaram admirados: “Olha, lá eles ainda jogam as bananas para o pessoal pegar. Aqui no Uruapeara, no Festejo de São Sebastião, já vendem antes de derrubar o Mastro.” Essa observação feita por eles se dá, porque o mastro lá no Festejo realizado na comunidade de Centenário é leiloado, mas além das frutas, também há outros produtos como objetos e demais mercadorias comprados em lojas ou supermercados na cidade pelos membros da Irmandade e ofertados para o Mastro.

Essas novas oferendas também são registradas por Corrêa (2008, p. 189, 190). A partir da sua observação e do diálogo que esta estabelece com a observação de outros autores sobre a simbologia do Mastro, ela nos leva a refletir que, mesmo havendo modificações nas formas de organizar as oferendas e de leiloarem os Mastros, ainda é mantida uma relação de troca, diferente das festas urbanas em que predomina a lógica da acumulação.

Os Festejos aparecem nas narrativas como reservas da memória coletiva de uma comunidade afetiva ligada ao Uruapeara. Nessa memória, estão presente marcações de temporalidades através das Festas de Fogueira e do Seringador, como sendo o centro agregador de identificação comum nessa comunidade afetiva:

A conciliação da data com a comemoração da santa está na narrativa de Francisca: *Tinham os Festejos de Sete de Setembro, que festejavam nossa Senhora de Nazaré.* E também na narrativa de Maria de Nazaré: *Esse meu irmão desde quando a gente chegou aqui fazia Festejo e rezas... Primeiro fazia a festa de Nossa Senhora de Nazaré, que era do proprietário daqui, o compadre Nanã. Aí foi o tempo que ele morreu e deixou entregue para o Maciel que passou a fazer o Festejo de Nossa Senhora todos os anos, todo dia 7 de Setembro...*

Francisca demarca o lugar do Festejo de santo: *Na festa da igreja, tinha a Procissão assim de tarde... De manhã, tinha missa. Ainda mais quando ia padre fazer o Festejo. No Festejo da igreja, era só o Festejo da Santa mesmo. A imagem dela era grande. Eu estava me lembrando uma noite dessas daquela Santa. Eu queria saber pra onde foi que levaram aquela Santa. [...]* A distinção entre Festejo e festa se dá pela diferenciação marcada pelos ritos religiosos ligados à igreja e à dança na festa ocorrida fora da igreja: *A Procissão e a missa eram feitas pela igreja. Quando queriam dançar, iam para a escola. A festa de dança é desligada do espaço da igreja, essas modificações se dão na duração do Festejo. A escola passa a ser o espaço da festa.*

Francisca também diferencia a fogueira com função para iluminação e a Fogueira de Santo:

Fogueira para iluminar o arraial: *Uma vez esse Manel, meu marido, num quase caía numa fogueira que tinham feito! Fizeram uma fogueira e eles estavam lá pulando e quase que o Manel caía no fogo. Era uma fogueira pequena, eles tinham feito essa fogueira pra alumiar o arraial.*

Fogueira de Santo: *A gente também fazia Fogueira de Santo. Mês de junho... Olha! A gente faz Festa de Santo Antônio... Fogueira de São João⁷⁴ e Fogueira de São Pedro. E ainda tem uma já no final do mês de junho... É a de São Marçal... A Fogueira de São Marçal é feita só de paneiro velho... Aquela galhadazinha de pau assim. Lá sempre teve essas coisas.* Essas Fogueiras de Santos marcam a passagem de tempo.

Izolina relembra o Festejo como momento de encontro para rezar, comer e dançar:

Lá no Uruapera, além das Festas de Dança, tinha assim de Irmandade de Santo... Festejavam... Dançavam... Dançavam todo tipo de dança... Essas festas eram com tanta arrumação... Era, às vezes, Festejo... Às vezes, tinha tipo bingo... Tinha assim, gente que saía sorteado pra fazer Festejo já de outro ano. Tinha comes e bebes... Era muito bonito! Tinha Festejo de passar de dois dias... O pessoal ali comendo, se divertindo... Dançando... (Narrativa Izolina)

Mas para que haja o Festejo é necessário haver o trabalho coletivo, assim como nas horas outras esferas da organização da vida social da comunidade. Essa prática mantém os Festejos dos Santos.

As fogueiras eram só pelo tempo, nos dias dos santos. Era quase todo mundo que fazia fogueira por essas datas. De São João, São Pedro, Santo Antônio. E cada um fazia fogueira no seu terreiro. A gente passava fogueira para ser compadre, comadre... Seja lá pro que fosse. Aquelas fogueiras... Ah! Era muito divertido!... Era muito bonito! (Narrativa Izolina)

As fogueiras além de marcar temporalidades também estabelecem as relações de compadrio.

Por meio da narrativa de Valederludes onde ela fala de suas idas nas

⁷⁴No livro: “O espaço lembrado: experiências de vida em seringais da Amazônia”, que resultou da minha dissertação de mestrado, procuro perceber o sentido de cura por meio de das cinzas de uma fogueira dado por Francisca em sua narrativa: “Ainda mais São João! Que a gente tem que tirar cinza pra fazer remédio. A mamãe tirava cinza, para botar, assim, no canto da casa, para livrar da doença...” Francisca, traz em sua narrativa a memória de um ritual de sacralização das cinzas de uma fogueira específica, com sentido de cura e proteção. (MACIEL, 2012, p. 164, 165)

comunidades vizinhas em tempos de Festejo: *A gente ia pro tio Tarsilo lá na Boa Vitória, a gente voltava pros Festejos do tio Manoel, ía em Festejo lá em Papagaio! Em Santa Catarina! Tudo por ali a gente andava...* Confirma-se a percepção de que por meio dos Festejos de Santos, também se dão as relações entre as comunidades. Assim como as festas tradicionais feitas pelos povos indígenas que ainda se mantêm em seus territórios, que ao fazerem suas festas culturais oferecidas aos espíritos dos antepassados afim de terem suas proteções e garantirem boas plantações, saúde e evitarem que aconteçam coisas ruins para seu povo, por meio dessas festas, eles mantêm as relações entre seus clãs, entre os parentes de outros povos indígenas e ainda reforçam ou estabelecem novas relações de afinidades, como foi possível perceber na Festa da Mbotava, do povo Tenharin, em julho de 2013.

Antônio em sua narrativa marca a forma que sua comunidade trata o dia santo que se diferencia do Festejo de santo: *Cheguei lá, tavam lá na festa. Já logo em cima, a festa, nesse dia era Festejo de Santo Antônio, e no outro dia era Corpo de Cristo, mas iam dançar até meia noite. Da meia noite pro dia não iam, porque já era Corpo de Cristo, no outro dia.* Mesmo que haja uma distinção entre o Festejo de Santo e festa, a dança pode ser feita fora do espaço da igreja após os ritos feitos aos santos. Mas existem os dias santos que é para ser guardado, em que não pode ser feita as Festas de Dança. Ainda assim, ela acontece entre o Festejo do Santo e o Dia Santo.

Antônio também busca a tradição oral vinda do Uruapeara nos espaços de Festejos de santo na cidade de Humaitá: *Ali na esquina, tem um Oratório de São João! É do menino que fez... O Sérgio, aquele Sérgio Farias, Sargento Pinto. Ele mandou fazer pra botar o São João. Festejam ai todos os anos. Esse ano se o ginásio já estiver pronto é capaz de ser ai dentro. A missa dele deve ser bem bonita, mas eu não sei se vai tá pronto...* Esses santuários, além das igrejas, também são marcadores do território católico na cidade de Humaitá: *Ixi! Todos os Festejos ai a gente vai lá... Ai tem o dia que dá missa mermo! Tem o Dia do Arraial, é engraçado, dançavam quadrilha, ai, era tão bonito isso aí!* Mesmo que esse Festejo aconteça numa área esportiva, os rituais de dentro e fora da igreja são mantidos. *Eles queriam chamar pra tocar aquele, tambor, o gambá, lá do Uruapeara, contudo lá, mas ainda não foi possível. Eu queria que eles trouxessem que era pra mim ver, era tão legal; mais não... Eles disseram que iam arrumar, num sei, sei que nunca mais eles falaram... Mas eles tinham dito que iam trazer o gambá daqueles do*

Serigandor, que bate lá o tambor, mas, nunca chegou esse dia deles trazer isso... Trazer para o espaço do Festejo do Santo a tradição local, dá maior legitimidade perante os fiéis mais velhos e que dela fazem parte.

Antônio traz presente em sua narrativa a atualização da memória coletiva do Festejo do Santo ligado à tradição da Dança do Seringador:

Quando eu morava lá no Uruapeara, eu via eles tocar o gambá. Todos os tempos a gente ia assistir, São Sebastião, Santo Antônio, tudo ia assistir, negócio desses gambá! Serigandor... De primeiro, foi lá no Jamari, onde hoje mora o...o... Magalhães, ali, era um festão muito bonito! Faziam lá, tinha duas festas, de Santo Antonio e Nossa Senhora dos Remédios, é, era uma festa muito grande! Lá... E lá pra baixo tinha no Castanhal, tudo tinha Festejo de Santo Antônio... Tinha a Festa de Dança. Aaaah, a festa pra lá era dança direto, a noite todinha de dança! Era naquelas Ramadonas! No chão tinha delas, era bem certinha! Que chega a bicha voava poeira... A Ramada é onde tem a dança, é um salão, assim... Lá eles chamavam Ramada. Fazia aquelas casonas, assim, pra gente dançar dentro. Era legal! Aquelas coisa lá, dancei muito aquelas coisa lá... Lá no Jamari, mermo! Era aquela grandona, no chão mesmo, varriam a bicha ficava brilhando, dançavam lá... Eita, chega eu acho graça de alegria lembrando desse tempo...

E eu me lembro que o velho, Antônio Maciel, que eu tava falando dele ainda agora, que ele cantava essas Folias também do Seringador. Eu me lembro que ele cantava assim, essas Folia do Serigandor e muitas coisas... Eu me lembro que ele cantava e tinha outros que cantavam também. Tinha um cara que cantava lá também... O Manel Teixeira, o Mané Teixeira, era outro dos antigos, eles cantavam esse negócio dessas Folias, assim... Pra rezar, assim, essas Ladainhas, tinha um bucado deles que rezava. Tinha, um tal, de João Miranda, aquele que era o chefe, pra rezar, as Ladainhas, tudo ele que botava pra rezar, quando ele era forte, era só ele que tirava as Ladainhas nessas rezas de santo... (Narrativa Antônio)

Antônio situa a Dança do Seringador como uma tradição local do Uruapeara presente nas Festas de Santos. Fala da existência da Dança em todo o Uruapeara, mas recupera especificamente a memória do lugar Jamari, onde era o local de referência na cabeceira do lago, onde havia a realização dos rituais do Festejo e da Dança. Caracteriza o que é a Ramada, dizendo que não é o nome de uma dança, mas um espaço construído para a dança. Fala do Seringador, da Folia do Festejo de Santo e nomeia os portadores da tradição, os cantadores do Seringador e os puxadores da Ladainha.

É importante observar que segundo Antônio, as pessoas mencionadas fazem parte das famílias Teixeira, Miranda e Maciel. Dessas três, ainda é possível situar a família dos Teixeira e a do Maciel como portadoras dessa tradição, pois na Ladainha para São Miguel no Uruapeara, um dos puxadores é seu Paulo Teixeira, e em

Nazaré, a música e a Dança do Seringador se mantêm por meio do Grupo Minhas Raízes, que é composto por membros da família Maciel.

Na narrativa de Francisca e Izolina, é possível perceber a marcação do tempo através das Festas de Fogueira, que são feitas nos Dias dos Santos. À primeira vista, parece que na doutrina Cristã predomina a percepção das passagens de tempo dessas comunidades, mas a partir da relação desses Festejos com os costumes culturais mais antigos, nos deparamos com os rituais que marcam essas mudanças de tempos. Embora seja preciso escavarmos muito mais as memórias para situarmos esses rituais, é possível dizer que eles correspondem às percepções advindas dos modos indígenas de marcar as passagens das estações (no caso da Amazônia); as estações do verão, o período de transição e o inverno; e o tempo de plantar e colher que se traduz em tempo da subida das águas, da vazante e da descida da águas que correspondem ao tempo das águas brancas, das águas com cauxí e da água preta, conforme as explicações de Tina, Pedro e Cila apresentadas nessa reflexão⁷⁵.

Festival cultural

Em 2015, o Festival Cultural da Comunidade de Nazaré se desvinculou do Festejo de São Pedro. Passou assim, a se caracterizar como um evento de reafirmação da tradição local em forma de festival, voltado internamente para o envolvimento das crianças, jovens e adultos da comunidade, para afirmarem-se a partir de seus contextos culturais da beira do Rio Madeira e passarem a ter orgulho de suas especificidades diante da relação com a cidade. Sem deixar de fazer uso das tecnologias vindas da cidade para o projeto de valorização da cultura local, essa caracterização foi percebida a partir das vivências de campo nos três anos em que estive na comunidade durante o período da realização dessas atividades e também por meio da narrativa de Timaia.

⁷⁵ A autora do livro “Princesa do Madeira: os Festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá - AM”, ao analisar o ciclo das Festividades de Santos, supõe a partir de seus estudos que: “a distinção do termo ‘Festejo’ para o da expressão ‘festa à natureza e à representação da realidade campesina humaitaense’, em alguma medida, de localidade do Rio Madeira, é comum a outras realidades rurais do Norte e Nordeste do Brasil. Considerando que se pode verificar, no estudo do ciclo de Festividades de Santos, práticas antigas que remetem à época dos solstícios de verão e inverno, a Igreja Católica adaptou-as, através do calendário litúrgico” (CORRÊA, 2008, p.160). Além dessa referência, a percepção de que as Fogueiras de Santos são apropriações do cristianismo das formas antigas dos Povos indígenas marcaram as passagens das estações, foi mencionada nas trocas de idéias que estabeleci com Sassá Tupinambá, que pode, por sua vez, contribuir com o futuro desenvolvimento dessa discussão se escrever acerca de tal percepção.

Segundo Timaia, assim que ele retomou a Brincadeira de Boi, após a autorização do antigo realizador, teve a perspectiva de retomada cultural vendo nas crianças essa possibilidade:

O Boi ficou dois anos sem se apresentar, porque tinha muitas pessoas já de certa idade que brincavam. Aí, depois que chegou a televisão, veio a novela, é isso, aquilo, eles literalmente abandonaram, poxa vida, aí eu consegui naquela época ver que estava surgindo um novo grupo, eu consegui entender que as crianças, elas são mais responsáveis para essas coisas, porque está na alma delas a brincadeira, a diversão e tal, e eu consegui entender: - Poxa, eu vou fazer, eu vou criar, vou mudar o nome desse Boi, vou colocar Boi Curumim. Até pedi autorização do seu Venâncio: - Posso continuar o boi? E posso colocar um nome nele? E ele disse: "Pode continuar." Até o convidei uma vez, ele até brincou. (Narrativa Timaia)

A televisão e as novelas são colocadas por Timaia como um dos motivos da Brincadeira de Boi ter parado por dois anos na comunidade. Nesse caso, a tecnologia vinda da cidade aparece como elemento de enfraquecimento da cultura local. Na retomada cultural, inicia-se um movimento de valorização de uma cultura específica por meio da criação de novos personagens que correspondessem ao universo espiritual e cultural da comunidade:

O Boi passou a ser assumido por mim. Pensei: - Então vou colocar nome de Boi Curumim, que é o Boi da meninada. Aí fui convocando as crianças, começando de novo, colocando personagens e tal. Até tem personagens próprios, tem aqui a padroeira que é um personagem próprio, o rezador, alguns personagens que a gente vai colocando da nossa região, e aí chegou um ponto que as crianças agora, eles que já convidam, eu que sou puxado por elas. Antes dos ensaios, eles já estão perguntando: "Quando é que vai começar?" E tal e tal. Já faz essa mobilização. Tem hora que a gente tem que começar a inventar algumas coisas que é pra não deixar fugir as nossas brincadeiras. (Narrativa Timaia)

As invenções às quais Timaia se refere, estão situadas no contexto cultural Amazônico, voltadas para o interior da cultura local, onde são tomadas como movimento de afirmação da comunidade e também como projeto de difusão cultural para outras comunidades e para a cidade, com intuito de se diferenciar da festa religiosa e da festa política:

Bom, é interessante mostrar também o valor que tem essas nossas manifestações culturais para fora, assim, às outras comunidades. Até isso foi muito legal, porque, essa Festa Folclórica de São Pedro, uns dois anos atrás, até as próprias pessoas da comunidade não conseguiam diferenciar, qual que é a festa religiosa, qual que é a cultural e qual é a política, por exemplo. Aqui a Festa da Melancia, é a festa maior que tem hoje, só que é uma festa política, é uma festa de produtores e tal, tem envolvimento de outras coisas que é um produto diferente. O Festejo de São Pedro, antes era junto com o Festival

Folclórico, mas agora é separado. Tem os dias só da festa religiosa com as Ladainhas e os Leilões e Festival Cultural com as apresentações culturais, as músicas e danças e o Festejo de São Sebastião, que também é festa religiosa. Elas têm umas diferenças de umas pra outra, é claro que têm umas que tem as mesmas coisas, como forró, mas o pessoal já está começando a entender isso, e é legal, porque a partir desse momento de que nós temos essa mostra de manifestações e tal. (Narrativa Timaia)

Esse processo de caracterização dos personagens no universo espiritual e cultural da comunidade situada no contexto amazônico do Boi Curumim, foi cada vez mais ganhando forças. Na sua retomada com a criação da Padroeira, do Rezador e da Rainha do Lago, em 2013, a figura do Rezador não se manteve no Boi Curumim, mas a Padroeira se manteve como destaque, no entanto, em outubro de 2016, no show de lançamento do primeiro CD do Boi Curumim realizado no teatro Estadual de Porto Velho, foi inserida a representação do Pajé.

A representação do Pajé foi uma reivindicação dos mais jovens do Grupo Minhas Raízes. Foram Thaís, Talisson e Tanisson que propuseram e viabilizaram a criação da figura do Pajé junto com Lucas Mura, meu filho mais velho. Talisson criou uma cabeça de cobra para o Pajé e me enviou para ver o que eu achava. Eu disse a ele que a figura da Cobra Grande remete às narrações da Cobra Grande existentes no Rio Madeira, como ele mesmo sabe, e também ao último Pajé Mura do clã do Cacique Nelson Mura do Rio Itaparanã. A partir daí, sugeri a música “Kainanã Kainari”, cantada por seu Nelson Mura, para ser a música do Pajé do Boi Curumim. A ideia foi se processando aos poucos e enquanto Lucas, Talisson e Tanisson iam criando o figurino do Pajé, eles decidiram que seria um Pajé Mura, sem os artifícios de indumentárias com efeitos artificiais. Nas palavras deles, eles queriam um Pajé tradicional.

O figurino, a música e a performance do Pajé Mura ganhou vida com a chegada do Timaia, que tratou de trabalhar a música junto com Lucas Mura e com os demais integrantes do grupo, que juntos encontraram um ritmo interligado à performance. A apresentação do Pajé no Show do Boi Curumim foi uma surpresa para o público, que em sua maioria, era composto por pessoas que vieram da comunidade ou que eram de Nazaré e estão morando em Porto Velho e também pelos pesquisadores e aliados da comunidade. Maria de Nazaré era uma das pessoas mais velhas da comunidade que estava no público. Depois de uns dias, fui visitá-la e perguntei a ela o que tinha achado da apresentação do Pajé. Ela respondeu com uma expressão de satisfação que havia gostado.

A apresentação do Pajé Mura no Boi Curumim foi entendida por mim como uma atualização da memória da pajelança, mesmo que seja apenas no campo representativo das artes cênicas, como disse Joabi Mura em sua narrativa ao se referir as representações de pajés feitas em cinemas e apresentações culturais. A apresentação gerou e poderá gerar identificações com as referências indígenas. As pessoas envolvidas nesse projeto de retomada cultural compartilharam um sentimento de identificação. Segundo Timaia, o Pajé Mura estará na apresentação do Boi Curumim, no Festival Cultural da Comunidade no meio do ano de 2016.

Nessa mesma perspectiva de fortalecimento da cultural local, se deu a retomada da Velha Guarda, composta pelos mais velhos do tempo do Manel Nunes Maciel, que formam um grupo de cantores e tocadores. Assim também, foi criado o Grupo Minhas Raízes e a Dança do Seringador, que fazem parte do Festival Cultural de Nazaré.

O Festival Cultural de Nazaré se dá dentro do próprio movimento da cultura. Ele não é estático e ora cria um personagem ora passa a ser reconfigurado, como no caso do Rezador, que foi criado no momento de retomada, mas não se manteve, e o do Pajé, que nasce do interesse dos mais jovens do grupo a partir das relações de aproximação com a cultura indígena. O fato da representação do Rezador não ter se mantido, não está necessariamente ligado à não identificação da comunidade, pois a tradição de ir ao Rezador na comunidade se mantém. Conforme pude observar, os fatores de manutenção dos personagens se dá por questões financeiras e também por questões de disponibilidade de alguma pessoa para fazer a representação.

No campo financeiro, há o caso da Dança Beradeira, apresentada em 2011, quando o festival teve contribuição para a produção dos figurinos. Depois de 2011, a Dança não se manteve por falta de recursos para renovação do figurino, que era composto de vestidos de chita amarelos com flores vermelhas e uma bacia média de alumínio para as meninas e calça branca dobrada até a canela, blusa xadrez ou outra estampa estilo caipira e um remo, para os meninos. Parte da coreografia das meninas era a de lavar roupa na beira do rio e dos igarapés nas pranchas e a dos meninos, de fazer movimento de remar canoas. Esses movimentos das meninas e dos meninos (que eram meninas fazendo papel de meninos), eram em formas de dança que se agregavam a outros movimentos. Foi uma apresentação bonita, mas não ela aconteceu nos outros festivais.

Vale registrar que na quadrilha do Festival Cultural de 2015, houveram as representações do Casal Seringueiro e do Casal Indígena, que foram bem recebidos pelo público. Assim, aos poucos, são colocados na representação cultural os elementos que fazem parte da memória passada de geração para geração e que poderá ser uma maneira dos moradores locais se auto-refletirem sobre suas origens indígenas, tendo em vista que a de Seringueira se mantém nas identificações coletivas dos mais velhos da comunidade de Nazaré.

Dentro do movimento constante da cultura, houve a desvinculação do Festival do Festejo de Santo, que passou a fazer parte da categorização de Festa Cultural, conforme a classificação feita por Timaia.

Festa da Melancia

Embora alguns categorizem a Festa da Melancia como uma iniciativa comercial vinda de fora, ou política, como a classificou Timaia, procurei vivenciar a Festa e entende-la através dos participantes da comunidade de Nazaré e de outras comunidades vizinhas.

A Festa da Melancia é feita no mês de agosto, um mês que antecede o mês em que a Padroeira da comunidade era festejada e, por isso, Antônio, em sua narrativa, atribui a essa festa ao motivo do enfraquecimento do Festejo de Nossa Senhora de Nazaré. Conforme os moradores da comunidade com quem conversei, uns dizem que foi uma iniciativa de lideranças locais para incentivar uma feira que gerasse sustentabilidade para a comunidade, outros dizem que foi uma iniciativa comercial vinda de fora. Alguns moradores antigos dizem que ela nasceu a partir do incentivo de um atravessador que comprava mercadorias e as vendia em Manaus. Antes da inundação de 2014, havia bastante produção de melancia, o que abasteciam o mercado de Manaus, havendo alguns produtores que também as vendiam para o Mercado de Porto Velho.

A Festa da Melancia tem uma participação relevante de pessoas que vêm de Porto Velho em busca de descontração. Elas vêm na animação das músicas, danças e bebidas durante a vinda de barco e chegam ao ritmo de festa e dando continuidade ao entretenimento oferecido nos bares, que ficam com grande movimento. Há a participação de outras comunidades das margens do rio que ficam nas proximidades da comunidade. Essas comunidades vão vender seus produtos alimentícios

derivados da melancia ou artesanatos com temáticas da Festa. Na maioria das barracas de doces, de licores e de artesanato, há a participação de mulheres. Há também barracas com bebidas e comidas que têm a participação de homens.

A Festa está organizada em Corte da Melancia, onde ficam vários pedaços de melancia numa grande mesa para todos se servirem a vontade. A primeira brincadeira premiada é a de quem come mais melancia. As pessoas que se candidatam são pesadas no começo e no fim da brincadeira. Aquele que pesar mais depois do término do tempo de comer as melancias é o vencedor. São premiados o primeiro e o segundo lugar.

As barracas que vendem produtos alimentícios derivados da melancia, colocam um dos produtos para concorrer com os de outras barracas. Há uma equipe de degustadores que avaliam o produto mais gostoso e este é premiado. Além do primeiro lugar, são premiados o segundo e terceiro lugar também.

Na disputa da melancia mais pesada, a maioria dos participantes são homens. Nos anos em que estive presente, houve a participação de uma mulher. Durante a Festa da Melancia, tem várias brincadeiras que envolvem melancia, todas premiadas. Há apresentações culturais com os artistas locais, entre eles o Grupo Minhas Raízes. O encerramento da Festa se dá com o concurso da Rainha da Melancia. Segundo informações de pessoas da comunidade, as meninas que fazem parte do concurso precisam ser filhas de um produtor ou de uma produtora de melancia.

As candidatas à Rainha da Melancia precisam ter vestidos com elementos da melancia. A vestimenta com esse critério tem peso na avaliação. A candidata também precisa ter uma apresentação segura, mas demonstrando simpatia. Pelo que observei, não há muita preocupação em criar critérios que valorizem a beleza amazônica no concurso da Festa da Rainha da Melancia. Se houvessem esses critérios, seria uma maneira de incentivar a valorização da beleza local sem a necessidade das meninas se esforçarem para se aproximar dos padrões de beleza passados pela mídia.

O encerramento da Festa acontece com a dança de forró no Clube Social da Comunidade, que se estende até as seis da manhã. No começo do baile, os donos do barco passam avisando o horário de partida no outro dia.

Através da observação de campo e da conversa com alguns produtores de melancia que estavam presentes na festa de 2013, procurei identificar quais eram as técnicas utilizadas na plantação da melancia.

Sales: Rapaz eu acho que hoje assim, o que contribui mais com a produção é a máquina, porque hoje o jovem planta e não tem mais aquela dificuldade... Agora vou falar diretamente, também acabou aquela fase do inferno, hoje todo mundo pensa nas coisas mais fáceis né? Hoje vou te dizer que é difícil de escrever porque tem o computador, quer dizer no manual, não se produz mais nada [...] Os antigos não tinha não essa visão mítica da produção, o que a gente tinha era coisa da cabeça da gente mesmo, não queimar a terra, não tirar as coisas tudo, fazer tudo manual, porque quando você queima a terra ela resseca. (Sales, 65 anos, comunidade de Nazaré, 2013).

Adalberto: Pra terra ficar fértil pra plantar tem que tá arada... Rapaz, eu mesmo não uso nenhum produto, já o pessoal aí tem é remédio... Pra lavar a terra, eu faço é cuidar da terra pra ela poder produzir [...] Tem a lua pra plantar, a gente procura a lua certa, quarto crescente, a mandioca ela engrossa com a quarta crescente. Na lua minguante, ela fica fininha e não presta não, pois é, então, eu sou professor dessas coisas... (Adalberto Ferreira Gomes, 69 anos, comunidade de Nazaré, 2013).

Miraci: O que ajuda na produção é a preservação do meio ambiente, ao invés de queimar as nossas áreas de terra, vamos deixando tudo pra fazer o estrumo... O ano que dá mais verão, nós temos como produzir e plantar em mais etapas, mas o ano que chove muito não dá. O que interfere muito na produção é o nosso Rio Madeira, sem o Rio Madeira nós não tinha uma boa terra, porque nossa terra é a arida e quando ele sai, ele limpa a terra... (Miraci oliveira de Souza presidente da associação de produtoras, aproximadamente 40 anos, é da comunidade de Curicaca, mas a conversa se deu em Nazaré, 2013).

Ednildo: As melancias grandonas que ganham o concurso de maior melancia. Elas crescem porque a terra é boa mesmo. A gente usa nela o adubo, né, que é o NCK. Tem o ouro verde, que é pra folhas e tem o que é pra melancia mesmo e tem que trabalhar na terra, porque a terra é boa, mas se a gente não conseguir arar a terra, a gente não vai conseguir tratar dela, a gente não vai ter um produto de boa qualidade. (Ednildo, aproximadamente 50 anos de idade, comunidade de Nazaré, 2013).

De acordo com a percepção das pessoas com quem conversei, predomina a relação tradicional com a terra, mesmo que sejam adotados equipamentos mecanizados para ará-la.

Seu Sales, a partir de sua experiência, faz uma relação entre o tempo dos mais velhos e o dos mais jovens, colocando-se no tempo dos mais velhos. Relaciona o tempo dos mais velhos com as dificuldades e o tempo dos jovens com a facilidade. Sua percepção não é de crítica às facilidades que os jovens têm para trabalhar na terra. A partir da sua percepção, é possível diferenciar mito de experiência e compreender as formas de uso das tecnologias sem se desligar da relação tradicional com a terra.

No contexto da fala de Sales, o mito é entendido como algo desligado da experiência. Deve ser por isso que ele diz que os antigos não tinham visão mítica sobre a produção. Partindo da sua ótica, a relação tradicional com a terra é resultado de um pensamento gerado pela prática da observação de que, se queimar a terra e desmatar, o solo vai ficar seco, ou seja, o cuidado com a terra se dá por meio da relação do cuidado com a natureza. Cuidado que deve ser mantido mesmo com o uso de tecnologias de mecanização da agricultura. A adesão a essa tecnologia não é entendida por ele como perda de tradições, mas como formas de melhorias da condição de trabalho acompanhando as mudanças culturais que fazem parte do tempo dos mais novos.

A observação que Sales faz sobre as mudanças tecnológicas, comparando a produção da escrita com a produção agrícola, é de grande sabedoria e corresponde à concepção de que a cultura não é estática e está em constante movimento. Com seu exemplo da mudança da máquina de escrever para o computador, ele coloca no mesmo patamar as mudanças do modo artesanal de arar terra e o uso de máquinas. Isso não leva ao entendimento de que a maneira de produzir devaste a natureza ou que isso implique em perda tradicional.

Mesmo que o Ednildo admita que haja o uso de produtos para cuidar das folhas e do fruto, enfatiza primeiramente que o tamanho das melancias é resultado de uma terra boa. Enquanto ele representa os que aderiram à compra de produtos para adubar a terra, há os que representam a produção com o uso dos próprios recursos naturais sem destruí-los, como no caso de Adalberto e Miraci.

Na fala de Adalberto, que é o senhor mais velho da comunidade, é destacada a observação da lua certa para plantar e na fala de Miraci, expressa-se o cuidado com o ambiente, com a natureza, com a produção do adubo natural para a terra e a também a importância do rio na fertilização da terra. Miraci faz uma observação sobre a importância do verão para ampliar a plantação de melancias, ou seja, quanto mais praia ou terra estiverem fora da água nas margens do Rio Madeira, mais área haverá para se plantar melancia, o que não aconteceu em 2014 resultando na não plantação de melancias e, consequentemente, no cancelamento da Festa.

Em 2013, quando fui pela primeira vez à Festa da Melancia, havia um maior número de barracas com participação das demais comunidades, dentre elas se destacava a barraca das mulheres da comunidade de Curicaca. Durante a realização da Festa, houve um ato político das mulheres produtoras das comunidades localizadas nas margens do Rio Madeira, nas proximidades de Nazaré, por meio da entrega de um

documento à representação governamental reivindicando melhorias para as condições de produções e comercializações. Como representação governamental, estavam funcionários e representantes políticos dos órgãos governamentais que atuam na assistência à agricultura.

Em agosto de 2015, embora as comunidades das margens do Rio Madeira ainda não tivessem se recuperado das destruições causadas pelas hidrelétricas e tivessem produzido poucas melancias, mesmo assim decidiram fazer a Festa. Houveram descontentamentos por parte de alguns da comunidade, pois esses achavam que ainda não haviam condições de fazer uma festa de qualidade para que aqueles que fossem de fora não ficassem insatisfeitos e não tivessem uma visão negativa da comunidade.

O presidente da associação e os demais da comunidade envolvidos na organização, se empenharam para que a Festa acontecesse da melhor maneira possível. Os que apoiaram a realização da Festa, mesmo aquelas lideranças que inicialmente achavam que a comunidade não estava em condições de fazer a festa, estiveram presentes e estavam juntos contribuindo para que a festa tivesse um bom resultado e viesse ser uma forma de animar a comunidade.

Havia apenas uma barraca com produtos alimentícios derivados da melancia, que teve seus produtos degustados e premiados. As demais atividades que aconteceram na festa de 2013 também aconteceram no ano de 2015. Os barcos saíram cheios de Porto Velho para Nazaré. Notei que as pessoas de fora não têm a preocupação de cuidar do rio, jogam muito lixo nele durante a viagem e em sua parada em frente a comunidade.

Durante o tempo que as melancias estavam sendo pesadas e depois premiadas pelo maior peso, foi possível perceber quais as comunidades que estavam participando com sua produção de melancia. Além da comunidade de Nazaré, as demais eram apenas a comunidade de São Carlos e a de Calvacante, sendo que Calvacante estava representando a comunidade de Curicaca, pois a mesma não voltou para o seu lugar, porque não se recuperou após a inundação do ano anterior e os seus habitantes encontram-se numa parte do lugar denominado Calvacante.

As categorias das melancias a serem premiadas são: a mais pesada, a mais comprida e a mais redonda. Em primeiro lugar, na categoria de melancia mais comprida, ficou a comunidade de Nazaré e em segundo lugar, a comunidade de Calvacante/Curicaca. Na categoria de melancia redonda, a comunidade de São

Carlos ganhou em primeiro lugar e a de Calvacante/Curicaca ganhou em segundo lugar. O prêmio de segundo lugar da categoria de melancia mais redonda foi para a melancia plantada e colhida por dona Célia, que era da Comunidade Curicaca. Em 2013, ela estava numa barraca e tinha ganhado em terceiro lugar no peso da sua melancia. Também tinha sido premiada com sua criação de espetinho de melancia, que são pedaços de melancias com chocolate num espetinho e também estava vendendo seus artesanatos. Em 2015 ela não estava presente, foi representada por seu marido.

A participação dessas comunidades incluindo a própria comunidade de Nazaré, se deu como uma forma de resistência, pois conforme os participantes com quem conversei informalmente, a festa foi para eles um símbolo de recomeço.

Timaia deve ter classificado a Festa da Melancia como política por haver uma ênfase na presença e na parceria de órgãos governamentais ligados à agricultura, que segundo seu Sales, passaram um tempo sem apoiar a festa e estavam se tornando presentes em 2014. Pensando na festa dentro do conjunto das festividades da comunidade, ela pode ser considerada como parte das festas culturais, com a diferença entre o festival e ela, mas com a importância de fazer circular renda no período em que ela acontece. Ela também cumpre o papel de estabelecer relações entre comunidades das proximidades de Nazaré. Mesmo havendo maior número de turistas, há também os parentes e conhecidos que se deslocam para Nazaré para prestigiá-la. Sendo também um lugar de encontro entre parentes e conhecidos e de interação ou não com os de fora.

A Festa da Melancia não vem das tradições praticadas no Uruapeara e demais localidades de antigos seringais. Segundo Seu Sales, a ideia veio da festa que acontece em Manicoré, mas ainda assim, ela se insere no conjunto de Festas Culturais de Nazaré, onde as pessoas que desempenham papéis de lideranças políticas, religiosas e culturais, acabam por estarem juntas na realização da Festa. Dessa maneira, é possível perceber o envolvimento direto das famílias que estão nas frentes de organização da comunidade na Festa, o que caracteriza também um aspecto de Puxirum entre parentes para a sua realização, e, mesmo que possa haver pontos de vistas diferentes entre eles, juntam-se em nome da comunidade.

Toda essa retomada dos Festejos em seus contextos culturais tendo o Uruapeara como referência de lugar de origem das famílias que de lá se deslocaram para Humaitá, Porto Velho e Nazaré, e também as demais famílias que vieram de

espaços de seringais das proximidades do Uruapeara que compartilham do mesmo modo de vida, demonstra os movimentos da cultura que seguem em direção ao fortalecimento e a resistência em manterem-se às margens do Rio Madeira e dos lagos interligados a eles, dentro de um modo de vida ligado à natureza que sustenta um modo de ser indígena, mesmo que a política de apagamento indígena se mantenha nos dias atuais por meio dos ditos projetos de desenvolvimento, como no caso das hidrelétricas na Amazônia.

No tempo dos antigos, essa política etnocida os arrancou de seus territórios tradicionais, tirando sua língua materna, sua história indígena. Hoje, após gerações, permaneceram com seus Puxiruns, fazendo seus rituais de passagem por meio das Fogueiras e Festas de Santos, observando as subidas, as vazantes, as descidas, as mudanças das cores das águas, considerando as antigas seringueiras como se fossem parentes de seus antepassados, acreditando nos seus encantados, tendo como referência territorial e cultural a Amazônia com sua diversidade.

Nos dias atuais essa política de apagamento dos povos indígenas e das populações tradicionais, destrói seus mundos, arrancando as árvores, desviando e barrando os rios, matando os peixes e os outros viventes das águas, destruindo as cachoeiras, tirando as comunidades de seus lugares. Ainda assim, essa gente das beiras dos rios e lagos da Amazônia mantêm-se resistindo. Após terem sido inundadas e soterradas, se organizam, tiram a lama de suas casas, dos seus caminhos, dos seus espaços coletivos, se fortalecem, fazem suas plantações, seus Festejos, suas festas culturais, religiosas e políticas como gestos de resistência cultural e luta pela vida dentro de seus referenciais.

12.MEMÓRIAS INDÍGENAS EM CONTEXTO DE SERINGAIS

O que dizem as narrativas e a historiografia

Por meio da percepção dos modos de ser, ver e fazer indígenas presentes nas comunidades que se constituíram às margens do Rio Madeira podemos fazer uma arqueologia da memória para reconstituir uma presença indígena incrustada no subterrâneo da memória dessas pessoas. As narrativas e os registros de campo trazem à tona essa memória.

Muitas foram as denominações dadas aos Povos Indígenas que se mantêm em territórios demarcados oficialmente ou os ocupados por meio da autodemarcação. O mesmo ocorreu com a denominação de "ribeirinha" para as comunidades que se constituíram às margens do Rio Madeira e dos lagos a ele conectados. Mesmo vindo de fora, essas denominações foram incorporadas pelos habitantes dessas comunidades⁷⁶.

A leitura que faço da formação dessas comunidades denominadas como "ribeirinhas" é de que elas são resultado do processo de introdução de uma população desaldeada da Amazônia e das demais partes do Brasil em espaços de seringais criados incidindo sobre territórios indígenas. É possível perceber por meio das narrativas e das pontuações que venho fazendo a partir delas, de que se deram nesses espaços relações de tensões entre a população do seringal e a indígena não aldeada na época e, ao mesmo tempo, relações de entrelaçamentos culturais, que resultaram na constituição de modos de ser indígena nesta população.

Dessa população, resultante dos seringais e que se mantem às margens dos rios e lagos amazônicos, uma parte passa a se afirmar como 'ribeirinhos'; outra parte impulsiona-se nos processos de retomada de identificação e de territórios indígenas. De Manicoré a Humaitá/AM, ocorreram retomadas Mura, Torá, Munduruku, Apurinã entre outros. Movimento esse que também se deu em outras partes da Amazônia, mas estou me referindo à região com a qual interagi no decorrer da pesquisa.

⁷⁶No caso dos Povos Indígenas que se matem em seus territórios, muito deles são conhecidos pela nomeação dada a partir do contato, mas matêm seus nomes tradicionais/ancestrais.

Em Porto Velho/RO, além da presença dos Karipuna e dos Karitiana que mantêm seus territórios nas proximidades do distrito de Jaci Paraná, município de Porto Velho, onde está em construção a hidrelétrica de Jirau, não houve uma retomada coletiva dos Mura, apenas de alguns indivíduos, apesar de haver referência dessa presença Mura do ano de 1725 no mapa de Curt Nimuendaju na região de entorno da atual desta cidade⁷⁷.

Em Manicoré/AM, o movimento de retomada indígena iniciado em 1992, contribuiu com a identificação de comunidades indígenas que viviam como ribeirinhos às margens do Rio Madeira, conforme a afirmação de Barreto Mura: [...] *não existia reconhecimento, quer dizer os índios estavam lá escondidos, existiam, mas estavam vivendo lá como ribeirinhos [...]*.

Em “Índios da Amazônia – De Maioria a Minoria (1750-1850)”: afirma-se que “As comunidades tapuias, cujo espaço físico e sociocultural dispõe-se entre os grupos indígenas tribais e a sociedade regional, tiveram de suportar todo o peso da expansão civilizatória, terminando por extinguir-se ou descaracterizar-se como categoria socialmente reconhecível”. (NETO, 1988, p. 103)

Nesse contexto de guerra movida diretamente pelos portugueses e espanhóis contra os indígenas que não se submetiam à pacificação, situado historicamente por Neto (1988), os Mundurucu que disputavam territórios na região do rio Madeira com os Mura foram utilizados pelas autoridades regionais e colonos que capitalizaram ao seu favor as rivalidades tradicionais existentes entre eles, contribuindo com a repressão desencadeada aos Mura. A partir de meados do século

⁷⁷Os Karipuna encontram-se com sua população reduzida desde a época da construção da Ferrovia Madeira Mamoré (1912) que passou por cima de seu território. O Território tradicional dos Karitiana fica no rio Jamari no município de Candeia do Jamari que se encontra em processo de retomada pelo Clã de Cizino Karitiana, mas o território demarcado fica a 90 Km de Porto Velho antes de chegar em Jaci Paraná, foram para esse local no tempo dos seringais após serem utilizados como mão de obra do seringal e terem sofrido ataques dos seringalistas. Há menções de que os Karitiana advêm dos Ariquemes que são tidos como extintos, ficando apenas seu nome no município de Ariquemes/RO. Sobre as identificações Mura de alguns indivíduos em Porto, ela vem se dando de forma tímida. A partir da minha afirmação Mura algumas pessoas têm se aproximado e se apresentado como descendente Mura, contam de suas avós que viviam na comunidade Três Casas, antigo seringal, onde havia, segundo a conformação de uma liderança Mura do Kapanã Grande, uma aldeia Mura. Além disso, os Parintitin que viviam nas proximidades ao processos genocidas causados pelo seringalista do referido seringal vão para o Uruapera, conforme relatos de moradores do Uruapera e o diagnóstico Etnoambiental da Terra indígena Ipixuna: “Em 1922 o serviço de Proteção aos Indígenas foi chamado para fazer o contato com o grupo de Pykahu – Parintitin que viviam perto de uma região do seringal de Manuel Lobo conhecida como Três Casas.” (CARDOZO, JUNIOR, 2012). Antes da minha declaração Mura em Porto Velho, o Nei Mura tomou a referência Mura como nome artístico no movimento de resistência da cultura local da cidade. Algumas outras pessoas vêm tomando consciência de suas referências Mura.

XIX, esses grupos limitaram-se cada vez mais ao vale do Madeira, onde não escaparam das disputas com os Mundurucu e Parintintin e ainda eram alvos dos ataques da população regional.

No caso dos Munduruku, após a sua utilização na pacificação de outros Povos Indígenas, também foi enviada contra eles uma expedição de punição em sua área de ocupação do rio das Tropas (Tapajós) por volta de 1794, segundo Neto (1988).

Na "Introdução Crítica à Muhuraida", de Henrique João Wilkens (1993)⁷⁸, é afirmado que os Mura se autoidentificavam como Buhuaen e habitavam a margem direita do rio Madeira em 1714. As imagens construídas dos Buhuaen são de uma nação indígena hostil, isso aparece em Muhuraida e no discurso histórico que chegou até nossos dias e é resultado da resistência às frentes colonizadoras acompanhadas das missões. Nesse romance é registrado que os Buhuaen eram conhecidos por sua hostilidade para com a missão Jesuíta de Abacaxis, fundada acima da foz do Jamari por volta de 1723 e transladada depois rio abaixo.

Nesta descrição de *Muhuraida* (1993) feita por David H. Treece em sua introdução crítica, fica claro a ação empregada pela frente colonizadora contra os Buhuaen:

Alvos da traição de um comerciante português que raptou muitos deles e os vendeu como escravos, se fizeram o flagelo da região durante cem anos, recorrendo à guerrilha e a tocaia quando uma expedição dirigida por João de Souza lhes infligiu perdas pesadas. Já na década de 1770 se espalhavam pelo território ao norte do Solimões e pelo baixo Purus, áreas cada vez mais abandonadas por seus habitantes indígenas em consequência dos ataques militares e do trabalho das missões. Em 1784, quando os colonos nascidos no Brasil exigiam a exterminação deles como única alternativa à ruína total do Amazonas, e as expedições punitivas continuavam ineficazes, os Mura inesperadamente fizeram as pazes com brancos. Cinco deles entraram na aldeia de Santo Antônio de Marupi, no baixo Japurá, seguidas depois de outros encontros pacíficos em Tefé, Alavarães e Borba, onde os números cresceram a mais de mil em três anos. (1993, 18, 19)

Nesse registro é possível perceber a dispersão do povo indígena conhecido por Mura, a qual foi construída por meio de uma visão oficial colonizadora, a imagem de inimigos cruéis. A missão religiosa aparece nesse registro como uma estratégia "eficaz" para que os Mura se rendessem às frentes colonizadoras. Nele aparecem também os pontos referenciais de ocupações territoriais dos Mura, dentre

⁷⁸Muhuraida ou O Triunfo da Fé – 1785.

os quais alguns ainda abrigam os remanescentes Mura na atualidade, seja em comunidades de retomadas, seja integrados em outras comunidades indígenas ou ribeirinhas.

Na dissertação de mestrado de Marta Amoroso: “Guerra no Século XVIII - Versos e Versões – Representações dos Mura no Imaginário Colonial (1991)” são discutidas, a partir do diálogo entre a História e a Antropologia, as representações construídas no século XVIII em torno da resistência do Povo Mura diante das frentes colonizadoras no Rio Madeira. Os dados levantados pela autora correspondem aos séculos XVIII e XIX. Os documentos analisados pela autora demonstram a imagem que vai sendo forjada sobre os Mura, tomados como empecilhos na entrada dos colonizadores na Amazônia pelo Rio Madeira:

Os Mura foram conhecidos pela influenciada belicosidade com que reagiram à colonização durante todo o século XVIII e boa parte do século XIX. Contam os relatos que, ainda no final do século XVII, eles frustraram as tentativas dos jesuítas de estabelecerem aldeias no Rio Madeira. Mantiveram-se irredutíveis por toda a primeira metade do século XVIII, quando a região do Rio Madeira passa a constar como uma das zonas de litígio entre as coroas de Portugal e Espanha, depois da assinatura do Tratado de Madrid (1750)”. (AMOROSO, 1991, p.4)

Esses documentos trabalhados por Amoroso possibilitam recuperar uma história de resistência dos Mura, apesar de todas as atrocidades cometidas contra eles; desde as comparações a formigas por não permitirem o desenvolvimento agrícola com intuito de fixação de povoados formados para efetivação da colonização, à declaração de guerra justa contra eles; além das mulheres Mura serem obrigadas a se casarem com soldados e colonos europeus por meio da aplicação das diretrizes do Diretório Pombalino de 1755.

A imagem negativa sobre os Mura é mantida ainda nos dias atuais e segundo Barreto Mura é um dos maiores desafios encontrados para o processo de formação da tomada de consciência dos remanescentes Mura:

“Os Mura aqui na nossa região na verdade é considerado como um dos piores índios; não sei por que isso? Mas, o Mura parece ser a pior classe! Há tudo bem tem ali outros índios. Os não indígenas falam: “Ah, não tudo bem é índio.” Mas quando se trata do Mura parece que estão falando das piores classes do ser humano. Tudo o que é negativo, os não indígenas jogam para o Povo Mura, então essa imagem ela dificulta a gente hoje a trabalhar o resgate e a colocar na cabecinha do aluno e dos nossos filhos que ser Mura é uma identidade! É uma identificação que tem que ser respeitada, mas a imagem que eles recebem da sociedade é uma imagem muito negativa como se

fossemos os piores seres humanos, por isso, é difícil desses alunos se verem como Mura: “Como assim ser Mura?” Então, assim, nesse processo de afirmação Mura, nós ainda vamos lutar muito! Para nós garantimos uma identidade Mura numa sociedade futura. Nossos filhos de hoje, na verdade, estão crescendo com vergonha de ser Mura. Vai ser um processo muito longo para construirmos uma imagem de afirmação, de orgulho de ser Mura, devido ser negada essa identidade diante de uma imagem muito negativa construída pela sociedade. (Narrativa Barreto Mura)

É importante ressaltar que parte das terras indígenas de retomada Mura havia se tornado seringais onde se davam relações de tensões entre a população do seringal e a indígena em movimentos de resistências por meio de táticas como as dos Mura dos idos de 1775 “que lutavam contra os planos racionais de desenvolvimento agrícola implementado pelo consulado pombalino” (AMOROSO, 1991, p. 104) Na época dos seringais ainda resistiam à invasão de seus territórios como é possível perceber numa passagem da narrativa de Izolina:

Esse Raimundo teve um aviso de um anjo quando estava lá no Alto Rio Branco. Uma vez ele viu um anjo todo vestido de branco perto de uma seringueira, que avisou que ele ia ser atacado pelos índios. Ele falou pro papai, aí resolveram sair da colocação que estavam. Depois voltaram lá e estava tudo queimado... (Narrativa de Izolina)

Nesse trecho da narrativa de Izolina há várias camadas de memórias, dentre elas a da cristianização presente na imagem do anjo que leva o aviso a seu irmão. Raimundo como os pajés, recebe o aviso por meio do sonho. O dado colocado como ataque, visto por outra ótica, construída a partir da leitura integral da narrativa, é a tática indígena de impedir o estabelecimento de uma colocação para o trabalho nas estradas de seringa. A colocação no Alto Rio Branco era de domínio seringalista e o irmão de Izolina e seu pai, que era indígena - como ele é mencionado na narrativa de Francisco (seu Chagas), trabalhavam para o patrão seringalista. A disputa territorial e a demarcação estavam postas: Eles voltaram à colocação e “estava tudo queimado”.

Nas narrativas de Francisca e Maria Duarte há passagens sobre as imagens coloniais sobre os indígenas, mas também um processo de interação marcada por relações de alteridades de um olhar entre “outros”. Se for considerado que Francisca e Maria Duarte vêm de origens indígenas é possível dizer que estavam se dando o assombro dos desaldeados ao se depararem com os não aldeados:

A primeira vez que os índios apareceram, eu era criança, a gente morava lá no Uruapeara. A mamãe estava lavando roupa... Ela lavava roupa pro pessoal que trabalhavam lá pra dentro no seringal com o papai. Aí ela estava lavando aquela inquantidade de roupa fervendo... Que quando ela enxergou! Ela disse: - Olha quem vem! Duas canoas de índios, eles andavam na casca de pau. Desse de invira, não sei como aguentava aquele monte de homem... De bicho... Sei lá o que eles eram. Aí eles chegaram e a mamãe nos trancou no quarto e ficou só ela fora. Aonde eles chegavam o que eles pegavam iam levando. A mamãe botou as baciadas de roupas pra dentro e trancou. E logo assim morava um velho que era o tio dela e as índias estavam todas nuas. Chegaram lá na casa do velho, ele estava sentado assim na frente da casa dele... Ele quase já não andava. E vinham umas índias com os filhos na tipóia todas nuas. Elas usavam só aquele paninho ali na frente. Elas passavam e ele batia na bunda delas e dizia: - Que bunda bonita! A mamãe contava pros homens que estavam pra dentro trabalhando e eles achavam graça. (Narrativa Francisca)

Francisca, enquanto desaldeada, ao se deslocar por meio de sua memória para a experiência da primeira vez que se deparou com os “índios”, apresenta duas classificações estabelecidas a partir da sua perspectiva em relação ao que para ela era desconhecido: a de homem e a de bicho, não escolhendo nenhuma das duas ao dizer que não sabia o que eram e por fim os definem como “índios”. Não há como negar uma atualização do olhar sócio histórico construído sobre os Povos Indígenas, mas também há uma distinção de alteridade, que se dá na relação entre diferenças; ela parte da sua perspectiva de humano, vê neles os aspectos físicos que comparados ao dela a fez vê-los como homens, mas vê características que para ela não correspondem ao seu referencial de humano. Ela se assombra ao vê-los em embarcações de cascas de pau, se diferencia das mulheres por elas terem apenas “um paninho ali na frente”.

O vestir roupa é imposto pelo referencial civilizatório da lógica do colonizador, assim como o estranhamento às embarcações e à vestimenta indígena. No entanto, a relação de alteridade também se deu naqueles contextos de expansão colonial, a qual fez uso das formas de delimitação territorial entre Povos Indígenas para seus interesses de dominação territorial, colocando uns contra os outros. O exemplo disso é a própria disputa territorial que se deu no Rio Madeira entre os Mura, Munduruku, Parintintin, dentre outros, como a própria população do seringal composta por desaldeados e que atualmente fazem alianças entre si, até mesmo estabelecem relações de casamento, como no caso da dona Maria Parintintin que era do espaço do seringal e casou com seu José Parintintin e formou a principal família da terra Indígena Ipixuna e a própria formação da população que vive às margens do rio Madeira, que sem dúvida resulta dos Povos Indígenas que o ocuparam e

mantiveram-se sempre em seus territórios transformados em seringais e na condição de seringueiros.

Durante minhas vivências em Nazaré, sempre havia um ou outro que me dizia que tinha uma avó indígena, houve casos de até citarem de qual Povo Indígena veio sua família, como no caso do Povo Indígena Torá, mas foram conversas informais na minha última ida à comunidade. Há também uma família declarada como Apurinã na comunidade e a menção aos Mura foi feita de forma incerta para o lago do Cuniã⁷⁹, onde há uma reserva ambiental. Além disso, há também as próprias narrativas que no seu conjunto apontam a família Maciel como indígena. Todas as menções, as informais e as que são feitas nas narrativas, levam para um olhar sobre Nazaré como um lugar habitado por indígenas que vieram dos processos de desaldeamentos e tornaram-se os ditos ribeirinhos, os quais vivem dentro de um modo de vida indígena. Esse é o olhar que construí na vivência com eles e fazendo parte das relações de parentescos restabelecidas na comunidade com a família Maciel.

Maria Duarte traz, por meio de sua memória, a ida do Povo Indígena, que ela não sabe o nome, na vila que ela morava às margens do rio Madeira:

Nós morava na margem do Madeira. E lá onde nós morava no Bom Futuro era uma vila. E naquele tempo andavam muito, assim, daquelas canoas que chamam ubá... Essa ubá eles faziam de uma arvezona de pau. Acho que só faziam cortar ali a tronqueira, toravam ali e só faziam cavar e andavam naquilo. E tinha uns brabos. A mamãe fechava todinha a casa e prendia nós dentro do quarto. Era mermo. Agora não. Agora não são mais assim. Não são mais aqueles. Mas de nós termos sangue nós tem. Isso eu sei. (Narrativa Maria Duarte)

Assim como Francisca, Maria Duarte que é sua irmã por parte de pai, traz em sua narrativa as “visitas” do Povo Indígena, que estava ainda em resistência e ao mesmo tempo se aproximando dos moradores das vilas estabelecidas nas margens

⁷⁹Ouvi um caso contado sobre um Mura que se deu lá no Cuniã, me contaram assim: “Disque tinha um homem lá no Cuniã que tinha uma plantação de cana e um Mura sempre ia lá chupar as canas dele, um dia o homem pegou ele lá e saiu correndo atrás dele. Esse Mura caiu n’água e não boiava de jeito nenhum, só boiava os bagaços da cana que ele estava chupando debaixo d’água” Quem me contou essa história foi um primo meu que disse que a tinha ouvido contar faz tempo. Ele me contou porque eu havia dito a ele que tinha ouvido algumas menções de que lá no Cuniã tinha uns Mura, foi quando ele me contou essa história, que, embora tenha sido contada brevemente, traz um indicativo de presença Mura no lugar e marca também uma característica atribuída de hábeis mergulhadores que conseguem ficar muitas horas debaixo d’água.

do Rio Madeira e nas margens dos lagos. Essas Vilas eram base para o trabalho nas estradas de seringa e sorvas denominadas Centro.

O movimento que Maria Duarte faz ao rememorar essa passagem de encontro com o Povo Indígena que visitava a vila em que ela morava, demonstra as mudanças de perspectivas do seu olhar sobre eles: primeiro traz presente o olhar social imposto pela colonização, depois outro olhar sobre o processo de aldeamento, onde esse povo Indígena deixa de ser “brabos”; e por último ela como desaldeada, que se deparou com os “brabos” olha para si e não nega ter sangue indígena.

A presença indígena no rio Madeira também é marcada na narrativa de Almira:

Na nossa vivência ainda em Calama eu tenho na minha memória umas imagens dos índios que iam à vila. Quando nós chegamos a Calama tinha uma aldeia muito próxima da vila, e que eles faziam tipo, assim, quase como uma invasão na vila. Eles vinham! Saíam de lá da aldeia e vinham para a vila e tinha um fato interessante, quando nós chegamos lá o primeiro medo que nos impuseram a mim e a minha família, foi aos índios, isso por causa da minha mãe que ficava só ela e as crianças. As pessoas diziam: “Dona Luzia a senhora não abra as portas porque quando os índios vêm invadem tudo e inclusive levam as crianças.” Era o medo que minha mãe tinha era disso: “Alguém, poxa! Levassem minhas crianças e tal.” E minha mãe era uma mulher muito simples, mas era uma mulher muito sábia, nessa situação ela disse: “Não, mas por quê? O quê que eles querem na vila?” Como era muito próxima essa aldeia que ficava no Maissi, hoje está mais próximo ainda de Calama, porque aquela invasão territorial ela foi se expandindo, eu acho que hoje que o que divide lá o município de Calama e o distrito de Maissi é um rio que corta ali. Então minha mãe tomou a seguinte decisão: “Não, mas eu vou ter que estabelecer uma relação bacana com eles, porque eu vou viver aqui, não vou sair daqui não, nem vou perder meus filhos.” Então, a minha mãe passou a ver o quê que eles gostavam o que interessavam a eles, observou quais eram as coisas que eles se apoderavam dos pertences das pessoas ali que eram coisas que atraíam os índios, coisas que eles não tinham nas aldeias, era pente, era bijuterias, era roupas coloridas, era fivelas para cabelo, espelhos, e a minha mãe passou a ter essas coisas para oferecer para os índios. (Narrativa Almira)

Almira diferencia o olhar da sua mãe dos outros moradores de Calama sobre os indígenas que visitavam a referida Vila, às margens do Rio Madeira, localizada no limite de Humaitá/AM e Porto Velho/RO, antiga base administrativa e comercial dos seringais das proximidades.

O medo dos “índios” e a visão sobre eles como invasores das vilas e a preocupação em esconder as crianças também estão presentes na narrativa de Francisca e de Maria Duarte. O que se coloca como diferenciação é o método de

contato com os indígenas que traz uma estratégia de contato e negociação para que sua mãe não precise sair do lugar e nem perder seus filhos.

Nesses fragmentos das narrativas da Izolina, da Francisca, da Maria Duarte e da Almira é possível perceber a relação de estranhamentos e aproximações entre Povos Indígenas não aldeados e a população dos espaços de seringais, o registro do comportamento dado entre as partes e a visualização da cultura material desses indígenas.

Sobre a visualização material são apresentadas as vestimentas das mulheres que usavam um pano para cobrir o órgão genital; se era pano, então poderia ser tecidos advindos de suas aquisições nas vilas ou poderia ser algum material produzido por elas mesmas, de toda maneira, caracteriza o modo específico de vestimenta indígena, que pela caracterização dada por Francisca, poderia ser algum grupo dos Parintintin que estavam nas proximidades de Três Casas e depois adentram para o Ipxuna no Uruapeara no começo do estabelecimento de seringais na região. Ou também poderia ser os Mura, tendo em vista que a área faz parte do território tradicional Mura; ou ainda algum outro Povo em movimento de resistência ou de aproximações dos espaços de seringais. As Ubás por exemplo, são embarcações tradicionais indígena e fazem parte da cultura material dos Povos Indígenas registrados pela memória das colaboradoras. O interesse pelos objetos coloridos ainda hoje se mantém entre os indígenas.

Ao perguntar de Almira mais detalhes da imagem que ela construiu sobre os indígenas com que a sua família estabeleceu uma interação, ela faz o esforço para descrevê-la.

Identifica a relação que sua família estabeleceu com os indígenas na vila onde moravam como uma relação de troca. Sua família oferecia os objetos que eram de seus interesses e em troca eles levavam seus produtos, macaxeira e o pão tradicional indígena, conhecido popularmente como “pão de índio”: *[...] a gente tinha através dos objetos uma troca interessante, que aí depois quando eles vinham passaram a trazer coisas da aldeia e isso era legal! Traziam uma macaxeira, traziam umas espécies de pão que eles faziam lá, aí depois até falavam como faziam aquele pão, conservavam dentro de um buraco.*

No seu registro de memória há a indicação de que os indígenas que iam até a Vila de Calama eram os Mura: *Os índios que iam lá na vila o pessoal dizia que eram os Mura. Depois do Maissi tinham várias outras tribos, acho que umas duas*

ou três tribos ali, tinham os Mura, esses eu lembro bem, tinha aqueles outros que habitavam a região mais descendo, que não me lembro mais como se chamavam...

Na narrativa de Izolina há o registro da presença de Indígenas resistindo à fixação de vilas no Alto Rio Branco; na Narrativa de Francisca, a memória da primeira vez que ela se depara com os Indígenas foi no Uruapeara; na narrativa de Maria Duarte é mencionado o lugar das margens do Rio Madeira denominado Bom Futuro onde também estavam se dando a relação de contato entre a população dos seringais e os Povos Indígenas não aldeados e passando para a região do rio Madeira que atualmente faz parte de Rondônia. A colaboradora Almira traz a presença dos Mura e de mais dois Povos indígenas que ela não consegue identificar.

Levando em consideração que esses registros da presença de Povos Indígenas ainda em confronto direto com as políticas governamentais de ocupação da Amazônia, são do tempo de suas infâncias, podemos deduzir o tempo em que alguns Povos Indígenas da Amazônia denominam de "tempo da correria". Pela data de nascimento das colaboradoras, os registros presentes em suas narrativas correspondem a 1918, data de nascimento de Francisca, a 1956, data de nascimento de Almira. Isso demonstra que o espaço de seringal é a continuidade da política de introdução do Indígena na sociedade Nacional.

Pela referência da data de nascimento de Almira temos um o dado de registro da permanência Mura como povo se distinguindo da população do espaço do seringal na década de 50. Diante desse dado, há a necessidade de pesquisar onde está esse grupo do Povo Mura e se foi inserido posteriormente aos seringais? Essa é uma questão que não será possível responder com dados concretos, apenas com as deduções que vem sendo apresentadas nessa pesquisa. É possível afirmar que nessas comunidades às margens do rio Madeira, correspondente a área de Calama a Porto Velho, tenha ocorrido a introdução desses Mura, mesmo que atualmente nesse trecho do rio Madeira não seja mencionado oficialmente a história de ocupação Mura.

Na história oficial do Estado de Rondônia ensinada nas escolas, quando os povos indígenas são mencionados, os Mura, por exemplo, são considerados extintos ou distantes geograficamente. Nos dias atuais, a História de ocupação Mura na região de Porto Velho foi sobreposta por uma memória histórica e cartográfica oficial. Embora haja registros históricos e cartográficos marcando a sua presença.

Na introdução crítica à Muhraida feita por Treece, há além do registro que afirma que os Mura se identificavam como Buhuaen e habitavam a margem direita do rio Madeira em 1714, também é marcado o lugar do aldeamento feito pelos Jesuítas em Abacaxis. Que segundo o que consta no referido registro foi fundado acima da foz do Jamari por volta de 1723 e trasladado depois rio abaixo:

A finais de 1786, quando Wilkens já acabara o seu poema, a tribo inteira fora descida em aldeamentos permanentes e continuou a ter relações pacíficas até a terceira década do século XIX, quando profundos antagonismos sociais e raciais o levaram a participar na Cabanagem. Parece que a decisão de renunciar a sua resistência as pressões militares e culturais de sociedade branca foi resultado da debilitação progressiva pelas epidemias, as crescentes influências não indígenas e as guerras implacáveis que travavam contra os Mundurucu, que avançam do Madeira para o Oeste. Porém, nas palavras do sertanista etnólogo Curt Nimuendaju, “É característico para a situação dos civilizados que a crença popular atribuiu este sucesso não as expedições militares e sim às fervorosas preces do bispo D. Fr Caetano Brandão”. É essa explicação que fornece a conversão milagrosa do poema, o citado Triunfo da fé. (1993, p. 18, 19)

Além dos registros recuperados por meio das narrativas construídas por meio da História Oral que fazem parte dessa tese, há os registros históricos do século XVIII ao XIX que por meio do levantamento e leituras críticas de documentos oficiais tratam do processo de implantação da política de expansão colonial e o de integração do Indígena na Sociedade Nacional, ambas, aliadas as políticas de extermínio dos Povos Indígenas, mesmo que a resistência esteja registrada tanto no trabalho de História Oral como nos historiográficos que se propuseram fazer análises críticas das políticas governamentais tidas como progresso nos diferentes tempos históricos.

Neto, (1988) ao tratar sobre as missões e o indigenismo pombalino, em sua obra “Índios da Amazônia de maioria a minoria (1750-1850)” diz que:

o aldeamento oficial, criado após 1845 e que era, de certo modo, uma missão com apoio oficial - deveria funcionar como drenagem entre a aldeia tribal e a povoação nacional, através da qual pudessem ser captados e transferidos os contingentes indígenas a ser integrados na condição de força de trabalho. (NETO, 1988, p. 19)

A partir desse dado é possível deduzir que o espaço de seringal foi composto por indivíduos desterritorializados que resultaram dos descimentos indígenas e formação das vilas e lugares da Amazônia, sem deixar de considerar as migrações internas no Brasil e a presença dos europeus e demais continentes, ou daqueles que se afirmavam como seus descendentes diretos, os quais ocupavam o papel dos

coronéis de barranco, aviadores dos batelões árabes, patrões portugueses e espanhóis, entre outros.

As formas simbólicas de demarcação da memória indígena

A demarcação simbólica da memória indígena está presente no pensamento indígena; presente nas narrativas dos colaboradores e colaboradoras, mesmo na da colaboradora Almira que não faz parte da rede de parentescos das comunidades que realizei a pesquisa. Tudo o que foi discutido até agora faz parte dessa simbologia, no entanto, em algumas passagens das narrativas essas simbologias transbordam.

Francisca, que vem de espaços de seringais, traz dentro da sua narração sobre suas experiências de vida a explicação do desaparecimento do lugar em que ela vivia e que, na visão coletiva da sua comunidade, se deu por meio da gestação de uma mulher que gerou um bicho o qual se transformaria em serpente:

[...] Então, a Maria ficou doente, ficou toda amarelona. Levaram ela pra fazer uma consulta com a dona Preta... Aí diz que os mestres lá falaram que aquela ilha ia cair tudo, ainda mais lá onde a gente morava. Que lá do lado de cima ia cair tudo aquela ilha, no lugar que a Maria com o Pedro moravam. Que aquele bicho que a Maria teve ia virar uma serpente [...] Nós viemos embora foi daí. E caiu mesmo... Caiu tudo... Caía cada reboião de terra. (Narrativa Francisca)

Essa narrativa atualiza uma maneira indígena de ver o mundo, no entanto, ao invés de ser uma narrativa de origem é uma narrativa de desaparecimento, mas, assim como nas demais narrações de perspectivas indígenas, há o elemento do tornar-se outra forma após ser enterrado, como na narrativa da maniva que surge após a cunhantã ser enterrada e no lugar dela nascer a maniva. Da mesma maneira, o bicho que a mulher gerou após ser enterrado tomou forma de serpente. A curandeira disse que o bicho viraria serpente e bem no lugar onde o bicho foi enterrado foi onde caiu mais.

Nas duas narrativas comparadas o que está sendo frisado é o ato de enterrar como parte fundamental, para a mudança de formas de se apresentar: antes de ser enterrado é gente e depois de enterrado tornar-se bicho ou fruto. Somente após enterrar o bicho gerado pela mulher, que ele vira serpente e faz desmoronar o lugar, assim, como somente após enterrar a cunhantã surgiu a macaxeira. A imersão na água também possibilita a mudança de formas na perspectiva indígena, como

exemplo tem os Botos que ao saírem e adentrarem na água mudam de forma. Assim, é possível perceber nesses exemplos apresentados que tornar-se outra forma de ser está no ato de adentrar na matéria da terra ou da água. Dessa maneira, é possível entender que os seres da terra podem mudar de forma ao serem enterrados e os seres das águas também podem passar pela mesma mudança de forma de ser adentrado nas profundezas das águas. No caso da cobra, que pode ser da terra e da água, se ela for encantada pode mudar de forma adentrando nessas duas matérias.

Na leitura e na vivência com narrativas escritas ou narrações orais indígenas, podemos encontrar como predominante as explicações das origens das coisas, do dia, da noite, das estrelas, da lua, de tudo que configura a linguagem específica de cada povo indígena e quando vamos para as narrativas ou narrações de comunidades que resultaram de processos de desterritorializações na Amazônia, percebemos referências indígenas, essas referências de explicações do surgimento ou desaparecimento dos lugares, é mantida, como no caso das narrações das cobras grandes das margens do rio Madeira, como se manifesta nos registros construídos por meio da História Oral ou por registros escritos.

Essas narrações são recorrentes nas comunidades pertencentes ao Estado de Rondônia, às margens do rio Madeira. barqueiros e moradores dessas comunidades contam histórias sobre lugares que desapareceram, porque, foram afundados por umaCobra Grande. A mais conhecida é a da comunidade denominada, Terra Caída. Segundo contam, numa noite de festa, umaCobra Grande afundou a ilha, escapando apenas um casal de velhos. Até hoje, quando as embarcações passam perto do lugar à meia noite escutam música, o pessoal festejando e o galo cantando. De acordo com os barqueiros, eles não passam no lugar onde ficava a comunidade devido aos fortes remansos.

O elemento da destruição nessas histórias contadas pode ser entendido dentro do contexto de transições de mundos de desaldeamentos para espaços de seringais e dos seringais para espaços urbanos. No livro: *Visões da Natureza – Seringueiros e colonos em Rondônia* de Carlos Corrêa Teixeira (1999) há uma narrativa com a mesma temática da cobra que afundou uma comunidade indígena no Rio Madeira, recuperada por um registro feito pelo Padre Vitor Hugo:

Próximo a Borba os Carmelitas fundaram, em 1827, a aldeia de Sapucaiaoroca, nome que se associa a um lugar próximo que teria submergido nas profundezas do rio, amaldiçoado que fora pelos deuses devido à má conduta de seus habitantes, os índios Mura. Estes entoavam cantigas tão impuras e se entregavam a danças tão lascivas que

faziam chorar de dor seus espíritos protetores. Com o advento de Sapucaiaoroca e a mudança que esses índios fizeram para essa localidade, conta-se que nas horas mortas da noite os carmelitas se atormentavam ouvindo um incessante cantar de galos que se erguia do fundo das águas, como se aqueles espíritos – os anga-turáma- deplorassem o infortúnio da povoação que desaparecera. (APUD, TEIXEIRA, 1999, p. 85)

Teixeira (1999) ressalta a observação de Vitor Hugo de que essa narrativa teria sido forjada ou adulterada por missionários que ali viveram com objetivos de catequese. Essa estratégia comum dos missionários de forjar ou adulterar as narrativas indígenas a favor da cristianização dos povos indígenas utilizada para afastá-los de seus rituais religiosos possivelmente interferiu em transformações simbólicas relacionadas aos mitos cristãos, o que poderia explicar a conotação de punição às festas, a comportamentos e práticas de comunidades vistas como não cristãs.

Comparando a descrição narrativa trazida por Teixeira (1999) “[...] os índios Mura. Estes entoavam cantigas tão impuras e se entregavam a danças tão lascivas que faziam chorar de dor seus espíritos protetores”. Com a história da Terra Caída que foi afundada por uma Cobra Grande numa noite de festa, é possível, perceber nelas uma sinalização comum dos lugares onde submergiram, pois nesses lugares escutam o canto do galo vindo do fundo das águas. Nesse sentido, as duas carregam em comum a destruição e a condenação ao desaparecimento pelas práticas das festas que realizavam. Assim também, na narrativa da “Mulher que gerou uma serpente” aparece a destruição do lugar e a condenação se caracteriza no próprio fenômeno da gestação do bicho e sua mudança para a forma de serpente que irá fazer o lugar desaparecer e que apavorou a comunidade.

Diante de mundos que se constituíram a partir do extermínio de vários povos indígenas e da circulação de culturas de povos da Pan Amazônia, do restante do Brasil e diferentes lugares do mundo, as narrativas que correspondem ao modo de ver indígena emergem como explicações de fenômenos de desaparecimentos de povos, lugares e comunidades. É dentro dessa leitura contextualizada nas comunidades advindas dos espaços de seringais que a narrativa da “Mulher que gerou uma serpente” passa por dentro da constituição de ser e ver o mundo da comunidade que Francisca fez parte e como narradora fez sua atualização. É esse movimento que faz uma explicação de mundo se manifestar por meio da cunhada que gera o bicho que tomou forma de serpente, acreditada coletivamente.

A maneira como é sinalizado por Francisca o lugar da ilha que foi para o fundo: *Hoje nem tem mais a ilha onde a gente morava... Tá tão feio lá aquela ilha... Caiu... Caiu... Que só tem aquele bolãozão*. Também é na história contada da Terra Caída, que segundo, os barqueiros há muito remanso onde afundou esse lugar e ao passar de barco escutam vindo do fundo do rio os barulhos de festa e o canto do galo. Da mesma maneira, essa sinalização aparece no registro feito por Vitor Hugo: “Conta-se que nas horas mortas da noite os carmelitas se atormentavam ouvindo um incessante cantar de galos que se erguia do fundo das águas” Essa sinalização marca a inscrição de paisagens que está presente na etnografia sobre os Mura do Rio Preto do Igapó - Açú (T. Indígena Cunhã –Sapuacaia, AM) apresentada por Marta Amoroso (2013) em seu artigo “O nascimento da aldeia Mura. Sentidos e modos de habitar a beira”:

Paulo Bentes acompanhado pelo pajé Leodoro em viagens xamânicas, sabe da presença da cobra - grande que habita no rio Preto do Igapó – Açú, logo abaixo da atual aldeia nas formações rochosas que ficam expostas no verão sua aparência de cobra com cabeça de piranha passou a dar nome à aldeia. Essa entidade do encanto seria uma das serpentes identificadas em pontos do rio marcados por remansos, localizados em localidades como Cunhã, Forno, Tapagem, Sapuacaia, locais habitados tradicionalmente pelos Mura do Igapó - Açú hoje sedes de aldeias. (AMOROSO, 2013, p. 14)

Assim como os Mura da Terra Indígena Cunhã Sapuacaia inscrevem nas paisagens reminiscências de episódios como estes da cobra-piranha, presente na etnografia citada, em que as serpentes identificadas em pontos do rio marcados por remansos demarcam as localidades onde se encontram as aldeias Mura, as narrações sobre os afundamentos dos lugares pelaCobra Grande podem também estar marcando o Rio Madeira como o território de ocupação indígena, sobretudo, dos Mura e Munduruku que habitavam de forma predominante esse rio até o século XIX, havendo ainda um grupo que se manteve nas proximidades de Calama, sua distinção específica até a década 50 do século XX segundo a narrativa de Almira, onde, atualmente, se constituíram em suas margens as comunidades resultantes dos espaços de seringais, as quais mantêm um modo de ser indígena nas formas de significar o mundo na relação com a terra e o rio.

O Xamanismo que está na etnografia citada sobre os Mura atuais corresponde com a figura da dona Preta mencionada por Francisca: *Então, a Maria ficou doente, ficou toda amarelona. Levaram ela pra fazer uma consulta com a dona Preta... Aí diz que os mestres lá falaram que aquela ilha ia cair tudo, ainda*

mais lá onde a gente morava. Dona Preta também é mencionada como a mais fortes das curandeiras do Rio Madeira por Valderlurdes e Timaia.

De acordo com a narrativa de Timaia os mestres da dona Preta são os Botos, são eles que curam. A presença do Boto na manifestação xamânica remete para o universo dos encantos na percepção dos Mura, conforme as manifestações de encantados com presença predominante na narrativa de Nelson Mura. Dona Preta configura-se na própria simbologia da demarcação xamânica ainda viva dos Mura em contextos de modos de ser indígena às margens do Rio Maderia. Ela é a curandeira mais procurada por todas as comunidades, não só as que fazem parte do Estado de Rondônia, mas também do Estado do Amazonas. Em trabalho de campo feito durante o ano de 2013 no lugar Uruapeara, localizado entre o município de Humaitá e Manicoré/AM foi possível presenciar o caso de um homem que estava com a perna inchada e com uma ferida que não sarava mesmo com tratamento médico e remédios tradicionais, tendo dessa maneira, que se deslocar com sua esposa até a dona Preta para buscar tratamento.

Desde o tempo em que existia a comunidade que Francisca vivia até nos dias atuais, a dona Preta é respeitada pelas comunidades das margens do rio Madeira. Numa outra ocasião esse respeito foi constatado na fala de uma moradora da comunidade de Nazaré, que ao se referir ao risco de comer os peixes do rio Madeira depois das intervenções feitas pelas hidrelétricas disse “Os mestres da Dona Preta mandaram avisar que não é mais pra ninguém comer peixe do rio Madeira, senão, vai ficar todo mundo apustemado (inflamado por dentro)” Segundo, ela, todas as pessoas ficaram alarmadas com esse aviso. Isso mostra a representatividade xamânica de dona Preta, pois seus mestres são os Botos que vivem no fundo do rio. É importante dizer, diante disso, que uma equipe técnica analisou a água consumida pela comunidade e haviam alertado da contaminação, mas isso não tinha causado grande alarme nas pessoas, foi preciso a dona Preta auxiliada pelos Botos que habitam o fundo do rio Madeira avisar as comunidades para se darem conta da situação em que se encontram.

Esse e outros exemplos vivenciados em Nazaré mostram formulações de pensamentos indígenas, dependendo do ponto de partida, basta descer ou subir o Rio Madeira e se colocar a ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, a vivenciar os modos de vida nessas comunidades para perceber como se mantêm modos de ser e

ver indígenas, a maneira como nomeiam as coisas nas florestas, nos rios, presentes em seus contares e cantares⁸⁰.

O pensamento indígena está nas várias narrações de seu Joaquim dentre elas a que se refere ao tempo que os sapos cuias falavam, contada quando fui pela primeira vez ao Uruapeara: “Tinha um homem assim na beira do lago e viu uma canoa atravessando aí ele gritou - Ííí onde vocês vão? Aí responderam - Vamos guardar nossa voz. Aí o homem disse - Então guarda a minha também. E desde esse dia ele não falou mais e só tornou a falar depois que chegou o tempo dos sapo cuia cantarem novamente”. (Anotação de campo, Uruapeara, 2011). Essa narração vem da perspectiva indígena de marcar o tempo em que os animais eram gente e também a passagem de estações, pois os sapos cuias que têm seu canto parecido com o som de uma cuia raspando no casco da canoa ao tirar água dela, cantam na passagem do tempo verão para o inverno, segundo, dizem os mais velhos.

Os nomes dos peixes e a separação dos bichos de casco e os de pelos, que seu Benedito apresentou em sua narrativa também vem dos modos de classificações indígenas:

Tinha pescaria e caça grande... A gente matava de dois, três, pirarucu por semana, dois, três, pirarucu por dia! Anta, porco, veado, macaco, tudo o que era caça que eles matavam. Só não matava quando não ia atrás. Aquele tempo era fartura. Agora que as pessoas comem esses peixinhos só pra chupar. Naquele tempo só comia era coisa boa. Era carne, era peixe graúdo. Pirarucu, aruanã, tucunaré, jatuarana, pacu, só os peixes bom mesmo! Caça era de todo tamanho, de toda qualidade, de pena, de pelo, de tudo. Era toda qualidade de bichos de pena, desde a nanbu ao marreco, os de pelos... Engraçado isso, mas era toda qualidade de macaco... Tudo que era qualidade de bicho. Tinha também os tatus que tem aquela casca, mas não é bicho de casco e nem de pelo, rum... Sabe lá de que é aquela vestimenta dele, parece uma escama. (Narrativa Benedito)

O ensinamento de fazer as flechas, que é passado pelo pai de Nelson Mura, traz presente a tecnologia indígena em sua confecção:

De conhecimento cultural dos Mura, mesmo vivendo entre os brancos, meu pai ainda repassou algumas coisas, como, por exemplo, a construção da Ubá, tem aquelas histórias que ele falava pra mim sobre o passado e também o conhecimento de fazer as flechas e de como flechar. Meu pai fazia flecha de todo jeito. Fazia flecha pra flechar tracajá... Flechar peixe... Tem a flecha que a gente chamava de sararacão, pra uma, e pra outra

⁸⁰Se o ponto de partida for Porto Velho, só é possível descer o rio, pois a parte cima foi tirada das populações das margens do Madeira para a construção das hidrelétricas.

que chamava araraca. E tem a flecha de taquara que é diferente da sararaca no gomo. A taquara já num desarmava, né... Ela é inteiriça, é com um bico aqui na ponta...Ela entra e fica... Já o sararacão e sararaca pequena, elas desarmam... A Flecha cai... Desarma e o bicho vai embora e a flecha fica. A sararacão, é de flechar peixe e a sararaca pequena, é de flechar o tracajá.

A sararaca pequena desarma quando bate, vamos dizer que é como um encaixo com um biquinho... Faz um biquinho aqui e tora aqui, ai bloqueia encaixando, rosqueando. Então aquilo quando bate desarma, fica grudado no peixe, ai quando é grande o peixe, ele vai embora e a linha da flecha fica lá desenrolando... Ai a pessoa pega e vai puxar. O sararacão é quando é curto...É encaixado também, coloca e enrola... Pega um pedaço de linha do tamanho de uma braça ai enrola, depois arma lá na frente... Ai é só flechar, quando flechar desarma... O feixe sai correndo... E a flecha por cima é que chamam encaixo. A taquara, o feixe é embutido do mesmo jeito das duas, da sararacão e da sararaca pequena, só que nela põe o bico que é de flechar peixe também. A taquara só muda isso ai... Todas tem ponta se é de osso... Se é de paxiúba ou de taboca... Já a taquara a diferença é que pra flechar o peixe tem o ferrinho lá na ponta ai deixa um ganchinho, às vezes, dois, de um lado e de outro, ai quando flecha aqueles ganchos passam pro lado de lá e fica rodando a flecha, porque fica um gancho no bico outro na linha. A parte que fica encaixada na flecha de taquara é o virote, o dito gomo. É bom pra flechar pacu! Eu flechei uma vez e varou três pacus de uma vez só...Facheei todos os três com essa taquara...A taquara vara logo, a outra não, quando bateu desarmou... Já entrou só o bico... A gente faz de ferro o bico da flecha de taquara, meu pai fazia, eu também sei fazer... (Narrativa Nelson Mura)

Vale destacar a ênfase dada por Nelson Mura sobre a transmissão do conhecimento cultural do Povo Mura, mesmo “vivendo no meio dos brancos.” Essa ênfase presente na constituição de sua narrativa, pode ser entendida como uma necessidade de afirmar, que sua comunidade que está reivindicando a demarcação do lugar onde vivem as margens do rio Itaparanã/AM como terra Indígena, apesar de ter vivido a tanto tempo como seringueiros “no meio dos brancos” se mantém Mura. Esse esforço é feito por todo Povo Indígena que luta pela retomada de seus territórios e da sua afirmação cultural após ter sido submetido ao processo de integração na sociedade nacional.Pois o Estado, com suas políticas, provoca a desagregação cultural e territorial dos Povos Indígenas e ao mesmo tempo estabelece critérios de quem pode e de quem não pode ser indígena.

A narrativa de Nelson Mura por si só o legitima como Mura; sua compreensão do universo dos encantados está presente na Amazônia inteira, tanto nos espaços de antigos seringais como nas terras indígenas. Na encataria Mura destaca-se o Boto como figura de transferência para várias formas, curadores espirituais e encantadores de gente que são levados para o fundo das águas. Há dois exemplos de encantaria envolvendo os Botos que se destacam na narrativa de Nelson Mura:

O primeiro é sobre a cidade dos Botos no fundo do rio:

Meu pai contava uma história de lá de onde ele morava né... Que aconteceu isso com um homem... Ele contou que o homem flechou um boto... E aí estava parado num canto e chegaram aqueles dois homens na canoa e chamou ele, né... Disseram que ele fosse lá num lugar... Ele embarcou na canoa e quando chegou mais na frente eles disseram “fecha os olhos”. Ele fechou os olhos e quando abriu já estava nessa cidade... Os homens levaram ele prum hospital. E lá nesse hospital ele topou o homem que estava com o bico que ele flechou na costela...E eles falaram: “Olha tá aí, é pra você tirar esse bico aí, se ele morrer você não vai mais voltar.” Aí o homem fez a operação, né... Ele fez a operação e aí como o homem que era o Boto que ele feriu, ficou no estado bom, aí trouxeram ele de volta... Quando eles iam chegando... Andaram e mandaram ele fechar os olhos quando abriu de novo os olhos, já estava na canoa dos homens e logo estava na canoa dele. Isso foi um acontecimento sobre o encantado. (Narrativa Nelson Mura)

A segunda é sobre A onça que era Boto:

Tem também esse outro caso que eu vou contar, que aconteceu aqui no Itaparanã mesmo... De um rapaz que de tanto andar pescando, topou uma onça no meio da queimada e meteu jumbo nela, né... Atirou... Atirou... Atirou, nela... Mas num matou... Ele achou que tinha matado, não sabia que não tinha matado e foi atrás... Porque a onça sumiu... E quando ele foi caçar no outro dia, que chegou, lá estava... O bicho morto, mas já era um Boto... A onça depois de morta se transformou no Boto... Não era uma onça mais... Aí o que aconteceu... Ele adoeceu e quase morreu... Mas ele atirou numa onça e no fim estava atirando num Boto... Quem foi ofendido foi o Boto, que morreu e o rapaz quase morria, também... Ele atirava e não via ninguém, não... Só que houve essa transferência... De onça pro Boto... Quer dizer que ele atirou na onça e quem morreu foi o Boto... Porque o Boto estava encantado numa onça. Isso aconteceu, aqui, no Itaparanã. Esse aí eu digo que ele era Parintintin ele já morreu e foi enterrado lá no Siriquiqui... Hoje lá é terra indígena. (Narrativa Nelson Mura)

No primeiro exemplo é apresentada a cidade dos Botos, no fundo das águas, para onde um homem é conduzido para desfazer o mal que ele causou a um Boto com a condição de não voltar mais para seu mundo, caso não tivesse sucesso. Na cidade do fundo do rio os Botos têm a forma de ser humana, fora delas pode se apresentar de diferentes formas. O homem que flechou o Boto o encontrou no fundo das águas também em forma de homem. A ideia desse pensamento pode ser que o homem e o animal, foram colocados no mesmo plano de existência.

O Boto flechado pelo homem tornou-se homem. O homem é levado pelos encantados a se deparar com a sua própria forma humana para que repensasse a sua ação de ter flechado o Boto que na sua perspectiva seria o animal. Ser colocado no mesmo plano de existência, homem e Boto, pode ser a forma de atualizar um

controle da ação predatória diante da natureza. Essa atualização é encontrada de forma direta no segundo exemplo.

No segundo exemplo, o rapaz “que de tanto andar pescando” quase morreu porque atirou numa onça que era um Boto. Uma das possibilidades de entender o ensinamento passado nesses dois exemplos é de que não precisa tirar da natureza nada além do necessário para viver e que se essa regra for quebrada a própria natureza se encarregará de fazer o humano pensar sobre sua ação predatória.

A precaução em não mexer com o boto animal/Boto encantado para não ser malinado também está presente na narrativa de Manel Benigno: *porque o boto ninguém pode matar, né, que o bicho é velhaco e não tem como matar ele mesmo!*

A relação dos Botos com as mulheres mostra-se perigosa principalmente no período menstrual. As narrativas vindas do Uruapeara mostram o cuidado que mães têm com as filhas na sua primeira menstruação para não irem para beira do rio, igarapé e lago para não serem encantadas pelo Boto. Essa é realidade vivenciada pelas mulheres do tempo de Lauralis (dona Laura) que recebeu os cuidados da mãe e foi orientada na sua primeira menstruação a não ir à beira d'água por causa dos Botos.

Os pais eram muitos rígidos antigamente. Na minha primeira menstruação eu me assustei. Naquele tempo, nossa! Quando a gente menstruava pela primeira vez, era difícil! Porque, a gente nem sabia o que era. Eu fiquei o dia todinho sem levantar, porque eu não queria que me vissem... Deus me livre! Pra mim foi o fim. Eu não sabia o que era, porque naquele tempo a mãe não conversava com a gente sobre esse assunto. Quando eu vi me assustei e não tinha pra quem falar. Porque eu tinha medo de falar pra minha mãe. Até que a minha irmã foi conversar comigo e perguntou o que era. Eu chorei muito pra falar, aí que ela foi falar pra mamãe. Depois que a minha irmã falou pra mamãe é que ela foi dizer pra mim o que era, mas foi difícil, nossa! Ela me deu um chá de uma planta que chamavam de mutuquinha que era para normalizar a menstruação pra não ficar muitos dias menstruada, era também pra dor de cólica. Minha mãe fez o chá pra mim e até que era tudo direitinho a minha menstruação. Durante todo o período que eu estava menstruada, ela não me deixava ir até a beira do rio pra tomar banho, só mesmo em terra, iam pegar água pra mim tomar banho em casa. (Narrativa Lauralis)

A atitude da mãe não conversar com a filha sobre menstruação também é apontada por Antônio: *Eu fiz um escândalo! Quando eu menstruei a primeira vez. Porque eu não sabia, como sempre eu falo a mamãe nunca foi mãe, assim, de chegar e conversar assim, com nós não [...]* Essa percepção das filhas sobre as suas mães se dá partir da relação que elas passam ter com o modelo de educação psicológica vinda da ciência ocidental. É possível que as mães não conversassem

com as filhas antecipadamente para prepará-las, porque não fosse o hábito da tradição e o fato de se deparar com o sangue e se assustar fizesse parte do ritual de passagem de menina/cunhantã para moça/cunhã muku. É possível ver um ritual na descrição feita por dona Laura: o recolhimento, a orientação dada pela irmã, como também foi feito pela irmã de Antônia e depois os cuidados da mãe de não a deixar ir à beira do rio tomar banho para não ser malinada pelo Boto.

A regra de não ir à beira do rio quando estava menstruada é cumprida por ela, tanto pela orientação da mãe como pelo exemplo do que aconteceu com a sua prima que desrespeitou a regra:

A gente não ia até a beira do rio tomar banho, porque os Botos malinavam da gente. E era verdade mesmo! A gente não podia ir. Malinar é encantar. Os Botos encantavam as pessoas. Eu via a minha amiga que era minha prima como ela ficava. Ela estava menstruada e foi buscar água na beira do rio e o Boto encantou ela. O Boto se transformava num homem e ela ficou louca, louca! Queria ir embora com ele. Precisava ver! Eram sete homens pra segurar ela e ela era uma pessoa bem magrinha e ficava com uma força terrível. Porque os Botos tinham malinado dela. A gente sabia que era o Boto que tinha encantado ela, porque ela transformava a voz dela rapidinho e fumava o cigarro com o a parte do fogo pro lado da boca! E fumava rapidinho! Ficava um monte de Boto lá em frente da igreja ali na Vista Longe, eles ficavam toda hora pulando nas alturas! A gente chamava o nome dela e ela falava que não era aquela pessoa e dizia o nome dos Botos, que era os Dois de Ouro, era um bucado de nome que ela falava, era cada nome diferente. Quando chamavam o nome dela ai respondiam: “Ela não está aqui é o fulano!” E na frente da casa o que tinha de boto! Era direto, seis horas, meio dia, era demais botos lá. Era muito difícil, a gente tinha medo e, por isso, respeitava. Respeitava e não ia mesmo pra beira do rio enquanto estivesse no período da menstruação, porque acontecia. (Narrativa Lauralisce)

A malinação ou encantamento do Boto não é lenda como é passado pela visão folclórica, “Era verdade mesmo!” O caso da prima de Lauralisce estava lá para comprovar para toda a sua comunidade. Para o Boto encantar a moça ou a mulher, ele se tornava homem. Os sinais do encantamento manifestavam-se pela “loucura”: perder o sentido, ficar desnorreada, mudar de comportamento, ou ficar doente, como a prima de Lauralisce, que segundo ela, ficou louca. Mas também apresenta um comportamento de quem é incorporada por um *caboco*, no caso dela pelo espírito do Boto, pois ela era magrinha e ganhava uma força que era preciso três homens segurá-la e sua foz se transfigurava.

Há também casos da Bota seduzirem homens, como que a Cila conta em sua narrativa:

O seu Nonô contava... O pai do Antônio... Que disque tinha um irmão dele... Era o irmão dele... Quase! Que ela, a bota, leva. Disque lá duma casa onde eles moravam na Vista Longe. Ali onde é o São Miguel mermo... Naquela

frente perto da casa da Laura. Ali onde tem rio... Ali Fica tudo cheio... Aí ele morava disque sozinho lá...Disque ele ficava lá aí começaram a notar que disque ele tava ficando pálido! A modo, sem cor... Sem coragem...A modo, triste.... Aí disque os outros começaram a reparar... “O que tá acontecendo com fulano? Ele tá assim meio não sei como... Tá, a modo, triste... A modo, pálido! Parece que ele não dorme”. Aí disque começaram a prestar a atenção... O que tava acontecendo com ele... Ele dormia sozinho disque na casa... Ficava ali na beira do barranco mermo... Ai disque quando foi uma bela noite eles foram ver: “Rumboraver o que tá acontecendo com ele” Aí disque eles foro... Foro... Ai disque quando foram assim chegando perto... Eles viram quando...Aquele vurto a modo saiu assim da casa... E correu e se jogou n’água... Aí disque caiu n’água e disque, saiu boiando lá fora...Aí disque: “Rapaz aqui tem alguma coisa... Isso é Boto que tá de coisa com ele” Aí foro prestando atenção... Foro prestando atenção...Quando foi nessa noite... Disquetavam lá olhando ai eles viram quando ela saiu da água... E entrou na casa... Eles estavam escondidos... Deixaram ela entrar, que quando ela entrou dentro do quarto eles entraram... Que ela já estava com ele no braço! Aí disque dessa vez se eles não fossem ela tinha levado ele pra água...Porque quando ela deu com eles ela jogou ele e varou pela janela! Pulou dentro d’água. Ele se espantou... Ele tava dormindo! Quando ele se espantou aí acordaram e disseram pra ele... Contaram pra ele ...Ele tava todo liso!Tava todo liso! Dela pegar ele. Aí disque ele perguntou o que que era... Aí eles foro contar. “Vem cá vem ver” Ela tava boiando lá fora... Braba! Disque ela boiava lá fora disque braba! Aí pegaram ele naquela merma hora e levaram ele de lá. Se não tivessem feito isso... Se não fossem atrás ela tinha levado ele... Já tava com ele no braço. Disque ela era uma mulher bonita que só! Disque... (Narrativa Cila)

Na região do Pará também há registros de encantamentos pelos Botos:

Os encantados dos rios e igarapé vivem em cidades parecidas com as que os ribeirinhos conhecem, com a diferença que lá tudo brilha e é muito mais bonito. Esses encantados podem se manifestar às pessoas na forma de animais ou de gente, quando tentam “levar” a pessoa para o fundo, o “escolhido” ficará doente e, quando morrer, os encantados levarão sua sombra (alma). Os cuidados devem evitar que se chegue ao extremo do encantamento, que não é desejado por mim ninguém. Por isso mulheres menstruadas não podem ir ao rio e os pescadores não devem xingar botos que se aproximam da canoa. Em cada povoado, os moradores mostram lugares para onde foram levadas pessoas que acabaram encantadas. Cada uma tem uma história de desrespeito às regas. (VAZ FILHO, CARVALHO, 2013, p. 28)

A descrição feita por Filho e Carvalho (2013) traz referências comuns também às narrativas de Nelson Mura, Manel Benigno, Lauralis e Cila e estão presentes nas demais narrativas como perspectivas de interpretação do mundo em que vivem, como vem sendo discutido no decorrer da tese.

Dentre os casos de encantados há os seres que, vivendo entre os humanos na terra, se transformam e vão para o fundo ou para o meio dos encantos, como o caso citado em “Isso tudo é encantado.” (2013, p. 37) do pajé sacaca Merandolino, que viveu no rio Arapius em meados do século XX. Ele se transformava em cobra e, ao

morrer, foi viver na Ponta do Torontó. Assim também o bisavô pajé de Nelson Mura, que também se tornava cobra quando era vivo, depois de sua morte humana, se mantém vivo no fundo rio.

As entidades de encantados apresentadas nas narrativas e nas vivências de campo, como os Botos, a Cobra Grande e o Uruá Peara, podem ser entendidas como a presença de uma memória indígena que mesmo a cartografia oficial não conseguiu apagar. Esses e outros exemplos demonstram as perspectivas do pensamento indígena presente na compreensão dos encantados que se manifestam nos rituais de pajelança, nos rituais de passagem de cunhantã para cunhã muku e para cunhã quando geram e dão luz a uma criança com o auxílio dos espíritos dos Botos que ensinam os remédios para as parteiras na hora de seus partos. Todos esses rituais são maneiras de demarcar simbolicamente a memória indígena que transita entre as aldeias e demais comunidades às margens dos rios e dos lagos da Amazônia.

Embora haja uma cartografia oficial sobreposta a memória de ocupações territoriais indígenas, as memórias orais se mantêm vivas. Nelson Mura atualiza uma cartografia da memória que marca os deslocamentos de sua família:

Nós ficamos aí na margem direita do rio Itaparanã todo tempo no castanhal São João... O papai morreu e nós ficamos aí trabalhando. Ficamos bem dizer com o homem que era nosso patrão... Trabalhando com ele até que eu saí e fui trabalhar para outros lugares... Saí com vinte e oito anos de idade, fui trabalhar já lá pro lado de cima, para o Ituxi no rio Ciriquirei que é alfuente do Ituxi, fui trabalhar com extração de sova e depois eu voltei pra casa, no castanhal do Maguari no Itaparanã. Meu sentido era aí a donde tinha ficado a minha família. Ai já tinha esse castanhalzinho que a gente comprou... Onde eu queria que fosse incluído no estudo para a demarcação do nosso território de ocupação. Eu queria que fossem lá pra filmar, porque sei que isso aí é bom para o trabalho que tem que ter pra demarcação, fazer o registro de onde nós andamos e do que nós temos nesses lugares. Foi o que falaram pro chefe da FUANAI, quando veio um pesquisador para ver a situação da nossa terra. (Narrativa Nelson Mura)

Além da memória dos deslocamentos de sua família, Nelson Mura também traz seu testemunho sobre os conflitos entre indígenas e não indígenas e os deslocamentos causados por esses conflitos:

Houve um confronto com os Juma em 64... Mataram quarenta e quatro Juma... O povo branco... Eles estavam no igarapé... Nós morava no São João... Até hoje nós temos ponta de castanha lá, eu tenho... A minha primeira família mora lá... É isso aí que eu queria que fosse documentado... Se nós fosse até por lá, por esses lugares, filmando, tirando foto... Até Vertude, até onde eu já morei... Primeiro eu morei lá na Vertude... Depois que eu já era homem com família abri fiz casa lá na Vertude... Abaixo da cachoeira... Mas a nossa família morava no Abacaba, também... No inverno nós morava pro Santa Eliza, que é dentro do igarapé São João... Enquanto os Juma moravam

sempre no igarapé da Onça e São Miguel... Eles sofreram... No meu conhecimento, os Juma foram massacrados, quando a gente já estava aí... Nós estava no São João e eles estavam no Igarapé da Onça... Mas já tinha confronto dos antigos... Dos seringueiros dentro dos seringais e com os castanheiros abrindo castanha... Eu soube dessa história que teve confronto desde os antigos... Nesse tempo, estava tento confronto entre seringueiros e castanheiros com os indígenas por todos esses rios. Desceram indígenas pela cabeceira dos Caxarari... Desceram no rio Itaparanã de balsa até sair no rio pra ficarem na boca de Extrema... O confronto que tiveram aí na boca da extrema do Acre foi grande... Depois desses confrontos muitas famílias indígenas se dispersaram. Eu conheci seu Eduardo, ele era filho do Seu Miguel. Seu Miguel baixou com esses dois filhos, eles eram Caxarari... Estão lá... Tem um pessoal lá deles, no rio Ipixuna, mas não se chamam mais de Caxarari não... Tem família do povo Caxarari, no rio Ipixuna... Lá no Itaparanã... Lá no Tapauá... Mas eles nem ligam mais pra etnia deles... E hoje em dia o Povo deles tem terra demarcada, né? (Narrativa Nelson Mura)

A demarcação da memória indígena também está nos cantos repassados de geração em geração, os cantos que estão nas narrativas e os que ficaram registrados no caderno de campo, como o que as cunhã mukus da aldeia Bom Intento cantaram para mim:

Assa Mura pega Muramé o chibé

Chibé Poranga

Porangaaritana

O Estado Muriará

É o chibé poranga

Esse canto que a Maria de Fátima e Celi cantaram para mim, segundo elas, foi aprendido numa festa de retomada de tradição cultural realizada no Lago do Jauari, a parte interna da Terra indígena Jauari, que é a aldeia Bom Intento às margens do Rio Madeira, onde elas vivem. Ele e os cantados por Nelson Mura, que foram repassados por seu pai, trazem elementos da linguagem, dos costumes alimentares e do universo de compreensão das formas de viver.

Nem sempre é possível recuperar uma tradução do significado das palavras nos cantos que emergem do subterrâneo da memória, mas considerando que nem todos os cantos indígenas têm tradução para o português, sendo alguns com sentidos que se traduzem apenas no campo espiritual, como o que emergiu da memória de Maria de Nazaré:

Uáiu Du pá Juruá vuá.

Uáiu Du pá Juruá vuá.

KawahibAwinawa!

KawahibAwinawa!

Iknikaro Rô! Ia Pô Pô.

Iknikaro Rô! Ia Pô Pô.

KawahibAwinawa!

KawahibAwinawa!

Apesar das tentativas de tentar encontrar alguma tradução linguística para esse canto⁸¹, junto com Adriano Karipuna e Valdineia Saw Munduruku, não foi possível encontrar significados que se aproximassem dos termos da língua do Povo do qual fazem parte. Convidei Adriano Karipuna para ouvir o áudio do canto cantado por Maria de Nazaré por haver no canto a palavra Kawahib, que poderia se referir aos Tupi Kawahib e convidei Valdineia Saw porque o canto é cantado pelo meu avô de Maria de Nazaré que veio de Santarém.

Adriano ao ouvir o canto disse que na sua língua materna Kawahib pode ter dois sentidos numa tradução contextualizada, quando são os Kawahib falando deles mesmo estão dizendo que são gente de verdade, mas também dependendo do contexto pode ser entendida como *amigo* quando se trata de um povo se dirigindo para outro que fazem parte do tronco linguístico Tupi Kawahib.

Valdeineia Saw disse que sentiu que o canto é muito antigo, arriscou alguns significados dizendo que poderia significar o sentido de rememoração de alguém que nunca esquece de olhar para traz pelo caminho que percorreu, na tentativa de conseguir significados mais diretos para a tradução das palavras enviou o canto para sua avó de 100 anos de idade que vive na em sua Terra Indígena em Jacaré Acanga, no Estado do Pará, mas, ao ouvir o canto, sua avó disse que não entendeu e, por saber que havia sido uma Mura que havia passado para sua neta o canto, disse que era Mura mesmo o canto.

Se contextualizarmos o canto ao tom e a postura que Maria de Nazaré canta e a descrição que ela faz do seu avô quando ele cantava é possível recuperar seu sentindo espiritual de rememoração dos antepassados, pois, segundo Maria de

⁸¹ Ainda se faz necessário pesquisar sobre esse canto, mas por ele ser fundamental para a retomada da presença indígena na minha família e na própria comunidade de Nazaré e no Uruapera, resolvi apresentá-lo com as primeiras tentativas de tradução junto com outros indígenas.

Nazaré, o pai velho, como eram chamados os avôs, a noite se acocava no terreiro e começava a cantar. Maria de Nazaré, quando cantou, trouxe um tom de rememoração do avô. Por meio desse canto é possível identificar a memória de afirmação indígena da família Maciel.

A perspectiva do pensamento indígena amazônico apresentado por meio das narrativas possibilita acessar as compreensões de como entendem suas vidas interligadas à natureza que não pode ser compreendido se esquecermos das tradições dos ancestrais. Nesse pensamento é possível a existência de um mundo habitado por humanos e não humanos dotados de consciência e pontos de vistas próprios, os quais podem se apresentar de diferentes formas, isto é, o humano pode também se apresentar, por exemplo, em forma de uma cobra ou vice versa. Viveiros de Castro (2015, p. 180) conceitua esse pensamento como perspectivismo amazônico e o toma como devires indígenas em diálogo com saberes da ciência não indígena⁸².

O referido autor problematiza o conceito de perspectivismo amazônico dentro do contexto do xamanismo: “O perspectivismo amazônico não é interpretável nem como uma escala de perspectivas em relação de inclusão progressiva, conforme uma cadeia de dignidade ontológica, nem muito menos como projetando algum ‘ponto de vista do todo. As diferenças de potencial transformativo entre os seres são a razão de ser do xamanismo, mas nenhuma ponto de vista contem nenhum outro de modo unilateral. Todo ponto de vista é “total”, e nenhum ponto de vista é equivalente ao outro: o xamanismo horizontal não é, portanto, horizontal, transversal. A relação entre pontos de vista (a relação que é o ponto de vista enquanto multiplicidade) é de síntese disjuntiva ou exclusão imanente, não de inclusão transcendente. Em suma, o sistema perspectivista está em “equilíbrio perpétuo”, para mais uma vez voltarmos à expressão que Lévi-Strauss aplicou às cosmologias ameríndias.” (VIVEIROS DE CASTRO, op. Cit., p. 180)

Nesta tese o pensamento indígena é entendido como maneira de ver presente em todas as instancias da vida nas comunidades, também como um exercício de

⁸² Aproveito para me posicionar sobre o título “metafísicas canibais” do livro do qual retirei a citação que, ao meu ver, reforça o olhar construído pelas teorias do século XVI ao XIX sobre os indígenas como selvagens. Embora as discussões que se dão pelo autor em “Metafísicas Canibais” sejam importantes para se fazerem presentes no espaço acadêmico como possibilidades de diálogos entre saberes. Nesse meu primeiro contato com os escritos de Viveiros de Castro, meu estranhamento se dá apenas em relação aos títulos de seus livros que, ao invés de se remeter a termos como “canibais” e “almas selvagens”, poderiam propor a desconstrução do olhar presente nas narrativas textuais na formação do Brasil.

colocá-los em diálogo no mesmo patamar dos saberes da ciência não indígena no espaço acadêmico. Considerando, como bem denominou Viveiros de Castro, devires indígenas, com a diferença de que não apenas os considere, mas também me coloquei como parte desses devires.

“Yarasú rundé kiti” –Vamos continuar, levando isso em frente.”(Palavras vindas do Alto Rio Negro)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Oral permite-nos situar como parte de uma experiência tecida em *colaborações*. Foi o que se procurou fazer ao vivenciar *escrivivências* submetidas à troca de paradigmas, partindo das categorias locais, ao invés de outras, vindas *de fora*. Assim, coloquei-me neste trabalho, desde o começo, me portando ao lado dos demais protagonistas como colaboradora, ou seja, alguém que trabalha junto. Procurei atuar não apenas na construção das narrativas centrais procedidas segundo proposituras correspondentes à perspectiva do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP), mas também nas formulações de supostos derivados da vivência do grupo, tomando como referência o cerne da percepção das comunidades. E me integrei na pesquisa como participante.

Para além das pessoas entrevistadas, todas as outras com quem interagi durante a vivência de campo, atuaram de forma similar, como colaboradoras na construção dessa tese. Isso se realizou na medida em que anuíram participar do projeto, acolhendo-me como parente, convidando-me para os puxiruns, para os Festejos, para as Ladainhas, recebendo-me em suas casas, oferecendo-me suas comidas, levando-me para conhecer os outros parentes e conhecidos, chamando-me para voltar a morar no *nosso lugar* - no espaço do antigo seringal no Uruapeara -, recebendo-me com alegria em Nazaré e em Humaitá e nas aldeias onde fui acolhida como parente, irmã, filha, enfim, como uma Mura.

Minha afirmação indígena se alimentou das aprendizagens das tradições no fazer dessa pesquisa, remetendo-me para muito além de uma tese acadêmica. Tudo que escrevi está vivo e o que estava no subterrâneo da memória veio à tona: as músicas; as referências às avós e aos avôs indígenas; sons e cheiros se faziam expressando uma memória que assumia como própria, porque integrada à nova vivência que definia meu lugar no mundo. Aprendi, por exemplo, por meio de Maria de Nazaré, o canto indígena que era cantado pelo nosso pai velho, e assim me posicionei também reconstruindo a figura do pajé Mura no nosso Boi Curumim. A

tese, pois, continua acontecendo em minha vida de maneira a definir-me segundo meu passado, meu presente e meu futuro.

As Narrativas, por plurais que sejam, integram um mesmo universo, e, por si só dizem do local, de onde nasceram as pessoas e do pensamento amazônico/indígena que, em conjunto, reivindica um reconhecimento digno. Elas carregam a mensagem da mata, dos rios, da natureza enfim, mas, sobretudo dos seres que se explicam nela. Dinamizam também uma memória milenar em suas práticas ligadas à natureza, mas sem se isolarem – de maneira própria e sutil, os Murae todos os demais que mantêm seus modos de vida indígenas, sem se assumir como um povo de segmento específico. Pode-se constatar isso registrando que os indígenas estão, e sempre estiveram, em circulação, independentemente das divisões de fronteiras criadas pelo Estado.

Como coletividade ativa, eles querem sim um desenvolvimento que considere seus modos de vida, mas não a desfiguração de seus lugares. Se hoje alguns pais desejam que seus filhos estudem e se aprimorem em profissões, não é porque precisem de qualquer orientação governamental ou de outras entidades, mas sim por eles próprios reconhecerem a necessidade de garantir educação, saúde ou valorização da produção extrativista e da roça. De maneira ágil, eles querem a formação de professores, médicos e outros profissionais advindos das próprias comunidades para nelas atuarem em coerência com princípios do grupo, mediando com o contexto externo. O que se vê, no entanto, é diverso, pois o dito progresso que chega até as comunidades inflige destruições ambientais e impõe situações perigosas como a mudança de consumo de alimentos, pois com tal mudança, as doenças transmitidas pelos homens passam a ser mais frequentes do que as mandadas por deus, conforme as classificações feitas na narrativa de Valderlurdes.

As vinte e oito narrativas, os trechos de conversas gravadas tanto no dia a dia como durante os Festejos e festas, as narrações retiradas das *anotações de campo*, dizem de um tempo primordial, remetem aos encantados, às visagens do tempo - dos antigos e do agora -, do local e do universal, condições que se atualizam na vida presente por meio dos casos que aconteceram com um tio, cunhada, irmão ou conhecidos. Esses pressupostos de tempos e espaços se atualizam por meio de pessoas silenciadas, mas que recuperam suas vozes dimensionando nova postura. Isso, aliás, se identifica na mulher que gerou um bicho, no *Urua Peara*, que se mantém no fundo do lago impedindo que sua água seque e mantendo o lago como

fonte de vida para as pessoas que vivem às suas margens, no jeito de lidar com as feras da mata e movimento das águas, nas doenças dadas por deus e as trazidas pelos homens. Reinventa-se a vida pela expressão da memória narrada e pelos gestos e modos de ser. Esse processo *presentificador* se repete na monstra da Cobra Grande que vive debaixo da igreja matriz de Humaitá e na que vive no Rio Madeira e que também foi vista no trecho de Nazaré a Boa Vitória. E na possibilidade da perspectiva indígena do pajé Mura se manter vivo em forma de Cobra no fundo do rio. Também está nas soluções feitas por dona Preta, curandeira reconhecida de Calama à Porto Velho, bem como no restante do rio, além das fronteiras de Estado, sendo reputada também em parte do Sul do Amazonas. Isso porque ela se faz respeitada por ser guiada pelos espíritos dos Botos, assim como as parteiras. Esse conjunto de tradições milenares também está vivo nas pessoas que pegam espinhelas caídas; tiram quebranto; pegam “desmentiduras” e que costuram, espiritualmente e com emplastos de leite da súcuba, as carnes rasgadas; está latente também nas narrações, músicas e danças lembradas, retomadas e recriadas. Há ecos disso nos Puxiruns, nos Festejos, nas Ladainhas bem como em tantas outras crenças e práticas presentes nas comunidades.

No conjunto de atividades culturais, de ritos e expressões religiosas se atualizam as práticas indígenas repontadas no trabalho e na celebração. Isso se expressa nas cerimônias do Levantamento e Derrubada do Mastro; quando se fazem oferendas aos Santos que depois são retornadas às pessoas; no respeito à natureza. Esse ritual se remete a práticas ritualísticas indígenas antes da catequização. Saber ouvir os sons da mata, os movimentos das águas, ver as marcas do Curupira, configurar o lugar da visagem, dos encantados, da coleta, da caça e da pesca, fazer roça, farinha, comer chibé, usufruir da natureza sem destruí-la, não mexer com os botos, não ir menstruada para beira do rio, não deixar de fazer os remédios e as comidas tradicionais, saber quais as doenças que só mesmo as curandeiras e os curandeiros sabem curar, escolher viver em suas comunidades. mesmo depois de destruídas por projetos de supostos desenvolvimentos - como as hidrelétricas - e reconstruir suas vidas refazendo os próprios projetos, são desafios de resistência comum entre os habitantes de espaços que resultaram de seringais e aldeias.

O reconhecer-se como parte de um passado de origem indígena ao se deparar com suas próprias narrativas não se dá de forma objetiva, mas quase sempre por meio de meandros narrativos, e de forma indireta, constatada mesmo na prática da

vida, como no caso de Antônia que se redescobriu indígena por meio das habilidades da avó em fazer esteira de palha, panela de barro e as comidas tradicionais; o mesmo se diz de Elza que atribui o dom da cura como herança de alguma mulher mais velha da família que era indígena; como no caso da Valderlurdes, que afirma que seus pais é que sabem mais sobre os remédios tradicionais, porque vieram do Uruapeara, lugar de origem; como Maria de Nazaré que relembrou o canto indígena do seu bisavô, como João Lobato que disse que seu pai não era “índio”, mas, por fim, admite que os brasileiros são os legítimos “índios”; como Maria Luíza que vê na sua família de criação a origem Tapuia e ela mesma se torna mãe das Parintintin, mulheres com liderança na Terra Indígena Ipixuna; como Nilse que afirma que seu bisavô era indígena, como Timaia que, ao assumir a origem indígena do pai, também assume a sua e de seus filhos; como Francisca e os demais *colaboradores* e *colaboradoras* dos espaços de antigos seringais que não assumem diretamente serem indígenas, mas mostram os caminhos das águas e das matas; como os Mura nas suas retomadas ancestrais.

As narrativas orais se verteram também em registros de campo, e tudo foi sendo escrito a partir deles, seja de forma indireta, subjetiva ou explicada na prática cultural vivenciada. Assim, com tais atributos redefinidos, embasam a afirmação dos modos de vida indígenas que se mantém nas comunidades denominadas “ribeirinhas”, onde vivem as gentes “das beiras”, pessoas que fazem as celebrações cristãs filtradas por rituais indígenas. A pajelança e os encantados se mantêm vivos entre eles, dando continuidade à cultura. Assim, a comunidade procede a um sofisticado processo de triagem entre o que são e querem ser e os impulsos externos. Esse exercício de negociação convida a “*desvitimizar*” os grupos indígenas e a colocá-los como agentes de suas próprias escolhas.

Muitas outras abordagens temáticas poderiam ainda ser desenvolvidas a partir das narrativas como: os sonhos, as estratégias do lembrar e do esquecer, os mecanismos imperceptíveis escondidos nos vários casos contados sobre os acontecimentos da dimensão espiritual e da dimensão dos encantados, a caracterização dos mundos das mulheres e o dos homens, diferenciados por rituais, os femininos pelas passagens marcadas, por exemplo, pela menstruação e pelo se tornar mãe onde são estabelecidas regras que quando desrespeitadas causam desequilíbrios espirituais, sociais, culturais e ambientais, as relações de alteridades também marcadas nas narrativas entre o espaço dos seringais e das aldeias, como se

marca entre *Povos Indígenas diferentes*. Embora essas questões não estejam desenvolvidas em forma temática, se deixam transparecer nas narrativas contadas.

A escolha que orientou este trabalho remeteu ao tratamento dos modos de vida, onde são marcadas as diferenças em estar no interior ou na cidade, no espaço da floresta e das águas, nos lugares da vivência atualizada das tradições ancestrais. Tudo isso se expressa na identificação da memória coletiva que interliga, pela repetição de certas estratégias do lembrar, as narrativas pessoais que remetem tanto aos espaços dos seringais quanto as de aldeias.

Pode-se afirmar que as pessoas dos seringais se dividem entre mundos: o indígena e o não indígena. Embora ocupem mais o primeiro que o segundo, nas formas que o Estado organiza os espaços, passam a se apresentar como ribeirinhas. No entanto, ao rememorem os tempos remotos, acabam por, de alguma forma, por realçar suas diferenças. Nomeiam seus avós como paraenses e amazonenses, o que não apaga por completo suas referências indígenas, uma vez que, em termos de vivência cultural, a Amazônia é predominantemente indígena.

Há também “outros” que carregam marcas de suas origens trazidas de outras regiões. No caso de Maria Luíza, vem de família pernambucana, é criada por família tapuia e ao se casar se torna Parintintin; outros ainda se afirmam em linhagens africanas ou mesmo portuguesas, mas constituem suas vidas também dentro das lógicas da relação com a natureza. Assim, somente pela articulação da narração, do olhar sobre o mundo, é possível identificar o modo de ser indígena. Embora ele resida (e resista) no próprio discurso desse grupo de entrevistados, muitas vezes não se afirmam diretamente como tal. Isso se observa, por exemplo, no caso do Timaia, que afirma a referência indígena recebida do pai, por meio da dança do seringador, mas que apresenta a definição ribeirinha como afirmação cultural.

Nos dias de hoje, para a manutenção dos modos de ser indígena, operam-se, de maneira direta ou não, várias negociações, por exemplo, com o cristianismo, condições que se dão no viver do catolicismo arcaico, por meio dos Festejos de santos, com atualizações de rituais indígenas, e isso acontece também com práticas operadas entre os evangélicos. Nesses casos, afirmam a fé no deus cristão, sem negar a existência das formas de pajelança, dos encantados e das visagens. Isso, diga-se, é bem presente na narrativa de Nilse, Joabi Mura e Nelson Mura. Eles dão a entender que, por meio da fé, é possível realizar curas em nome do deus cristão, substituindo os rezadores e os pajés, mas, ao “orarem”, sentem-se *empoderados* e acabam de

outra maneira trazendo presente a perspectiva do pajé e dos rezadores, pois pela força da fé conseguem a graça da cura, o que seria também alcançado pela pajelança. Os modos de ser indígenas também são negociados no âmbito da cultura regional, como se vê na comunidade de Nazaré e no Uruapeara, onde o seringador dimensiona memórias de referências indígenas e afros, sendo que o modo indígena, particularmente, se reforça em Nazaré e, diversamente, no Uruapeara, a afro.

Para os Mura e para os demais que vivem às margens do Rio Madeira e do Lago do Uruapeara, as narrativas se traduzem como registros das memórias de saberes e ocupações tradicionais orientadas para reivindicações da garantia de seus territórios para manterem seus modos de vidas. Querem manter suas vidas em suas comunidades, com suas plantações, Festejos, Ladainhas, Puxiruns, Festivais Culturais e Festas de produções agrícolas, ter acesso às tecnologias para melhoria de suas vidas sem se desligarem da natureza. Não se trata apenas de posse da terra em sentido capitalista, mas de retrair um lugar no mundo, segundo o modo de ser que querem.

As retomadas indígenas em Manicoré, por exemplo, proporcionaram as demarcações de terra Mura e demais povos e com isso abrem possibilidades para outras retomadas indígenas. Apesar disso, as estratégias de afirmação indígenas esbarram na imagem negativa construída socio-historicamente sobre os Mura e demais personagens desse contexto, fato que motivou movimento de retomada indígena para desconstruir essa imagem. Essa desconstrução se articula por meio de uma educação escolar específica e diferenciada, como se conquistou no caso de algumas aldeias Mura, sob a jurisdição de Manicoré. Por meio do processo de retomadas de espaços no sul do Amazonas, pode-se reverter o pressuposto de que os indígenas vivem como ribeirinhos para então afirmar que são os ribeirinhos que vivem como indígenas, muito embora muitos deles não se afirmem ou se reconheçam como tal, mesmo que a cultural material do modo de ser indígena tenha se mantido de geração à geração.

Vale também retomar alguns pontos vitais resultantes de reflexões das narrativas. Uma delas remete ao fato das seringueiras e seringueiros não apenas terem aprendido a defender a floresta como os indígenas, mas também muitos deles voltaram a se afirmar como tais. Também se valoriza o fato de que, em resposta às políticas governamentais apresentadas como desenvolvimento que incidem na destruição das lógicas das vidas ligadas à natureza, os povos, as gentes das beiras

dos rios e lagos da Amazônia resistem para se manterem em seus espaços. Esta afirmativa, aliás, dimensiona a proposta central desta pesquisa que insiste em mostrar que a presença dos grupos aludidos, pela concepção do bem viver, organização dos próprios critérios de vida, garantem o equilíbrio da natureza. Atuando como seres que sabem os segredos da floresta, eles reagem de maneira sutil, mas efetiva, contra políticas públicas que não os consideram.

Conforme a fala de André Baniwa no evento “Povos Indígenas e Comunidades Locais nos diagnósticos do PAINEL da Biodiversidade”, (realizado dia 16 de novembro de 2015, promovido pelo Núcleo de Estudos Avançados da USP e coordenado por Manuela Carneiro da Cunha) faz-se necessário recuperar a *memória do Bem Viver* que está baseada na tradição e pode ser buscada nos ancestrais, que não implica a ausência de conflitos nesse modo de viver, mas em saber mediá-los. Esse bem viver está presente no modo de vida ligado à natureza apresentado nas narrativas e vivenciados nas comunidades. Nesses espaços, apesar das interferências do dito desenvolvimento, o equilíbrio da natureza continua sendo regulado como no tempo dos antepassados, por meio das entidades espirituais, protetoras das matas e das águas.

Essas reflexões vindas do conjunto dos trabalhos realizados durante a pesquisa apresentam saberes tradicionais que se colocam em diálogo com os saberes do conhecimento acadêmico. No processo de tradução do oral para o escrito, muitas coisas ficaram no campo do indizível. Já outras, foi possível reconstruir pela identificação das formas em que as colaboradoras e colaboradores procuraram apresentar “os sintomas da mata e do rio”, como bem formulou o pensamento presente nas narrativas e expressas por essa frase de Benedito, que soube bem diagnosticar esses sintomas.

Mesmo com as intervenções dos valores da sociedade capitalista, as comunidades que fazem parte dessa pesquisa estão retomando suas tradições dentro das possibilidades de agregá-las às suas próprias concepções de desenvolvimento, que não é o desenvolvimento destrutivo imposto pelo Estado à Amazônia.

As reflexões apresentadas nessa tese apontam a necessidade de manter os territórios para garantir a existência de todas e todos os indígenas e não indígenas, para que as doenças dadas pelo homem não matem todos nós. Essa é a luta dos Mura e a de todos os Povos Indígenas e populações tradicionais. Nessa colonização que atravessa os tempos, manter tradição oral dentro de um modo de ser

indígena, por meio do modo de vida ligado a natureza, sempre foi uma questão de vida ou morte.

Como esta tese, pretendeu-se traduzir as expectativas das comunidades - nas quais me incluo - e torná-la instrumento útil na prática, para isso, me coloquei à disposição para construir em conjunto possibilidades de valorizações políticas e culturais. Em todas as comunidades de que me tornei parte, foram construídos vínculos de parentescos e pretendo mantê-los. Por ter me inserido nelas, ficaram estabelecidos os meus compromissos políticos para com elas.

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Marta. **O Nascimento da aldeia Mura**: Sentidos e Modos de Habitar a Beira < http://portal.anpocs.org/portal/index.pvh?option=com_docmanItemid=4596 Encontro Anual da Anpocs, 23 a 27 de setembro de 2013. Águas de Lindoia>, Acesso em 26 de abril de 2015.
- _____. **Guerra Mura no século XVIII**: versos e versões – representações dos Mura no imaginário Colonial. Dissertação, São Paulo, FFLCH/USP, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- CORRÊA, Maria Terezinha. **Princesa do Madeira**: Os Festejos entre populações ribeirinhas de Humaitá - AM. São Paulo, Humanitas, 2008.
- FILHO, Flôrencio Vaz; CARVALHO, Luciana Gonçalves. **Isso tudo é encantado**. Santatém:UFOPA, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**: Um Estudo da Vila Religiosa de Ita, Baixo Amazonas. 2ª ed. São Paulo: Nacional, Brasília, INL, 1976.
- GRAÚNA, Graça. **Flor da mata**. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.
- IBGE. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju**. Fac-Similar: Rio de Janeiro, 2002.
- KRENAK, Ailton/COHN (org.). **Encontros Ailton Krenanek**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT Bruce, **A queda do céu**: Palavras de um xamã Yanomami, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LABIAK, Araci Maria, Florianópolis. **“Frutos do céu” e “Frutos da Terra”**: Aspectos da cosmologia Kanamari no Warapekon. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.
- MACIEL, Márcia Nunes. Universidade Federal de Rondônia. **A construção de uma identidade** – História Oral com os Cassupá. Monografia apresentada ao departamento de História da Universidade Federal de Rondônia, 2001.

_____. **O Espaço Lembrado:** Experiências em Seringais da Amazônia. Manaus: EDUA, 2013.

MALDONATO, Mauro. **Tempo da Recordação e recordação do tempo.** São Paulo, v. 20, n. 44, p. 7-23. A Terceira Idade, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: 5ª. ed. Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MINDLIN, Betty. **Moqueca de maridos:** mitos eróticos/Betty Mindlin e narradores indígenas. Rio de Janeiro, 2ª. ed. Record: Rosa dos Tempos, 1998.

NETO, Carlos de Araújo Moreira. **Índios da Amazônia,** de Maioria a Minoria (1750-1850). Petrópolis: Vozes, 1988.

POTIGUARA, Eliane. A tinta, a palavra na tradição oral e escrita em língua indígena.

Letra Indígena: Revista do Labotário de Linguagem LEETRA, n. 4, v 1, p.17-20, São Carlos: SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LETRTRA, 2014.

POLLAK, Michael. Memória Esquecimento Silêncio.**Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1989, p. 3-15.

POUTIGNAT, Filipe; ESTREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.**São Paulo: Unesp 1998.

REIS, Arindal Vinicius da Fonseca. **Nosso Chão.** Manicoré: Editora independente, s/d.

RIBEIRO, Darcy. Maíra Rio de Janeiro, Record, 1993.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo 1. Campinas: Papirus,1994.

SANTOS, Timaia.**Minhas raízes:** em cada som uma história, Porto Velho, cd, 60. 2007.

SANTOS, Marivaldo Alves dos Santos. **Elementos Indígenas em narrativas do quilombo Maria Ribeira-** Gurupá/PA. Revista eletrônica zona de impacto,iss 19982-9108-Ano17,volume 2, p.43-51, julho/dezembro, 2015. Dossiê: Identidades e história marajoaras: Reflexões sobre quilombo, indianidade e história na região da Ilha de Marajó.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Espacialidade das festas religiosas em comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Espaço e cultura,** UERJ, RJ, N. 24, P. 7-18, Jul./Dez. De 2008.

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade Popular e Festejos Religiosos: Aspectos da espacialidade de comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 – ISSN 1983-2850. [Http://WWW.dji.uem.br/gtrelição-Artigos](http://WWW.dji.uem.br/gtrelição-Artigos).

SIMONIAN, Ligia T. L. **Mulheres da Amazônia brasileira**: entre o trabalho e a cultura. Belém: UFPA\NAEA, 2001.

TEXEIRA, Carlos Corrêa. **Visões da Natureza**: Seringueiros e Colonos em Rondônia. São Paulo, EDUC, 1999.

TUFIC, JORGE. Literatura Amazonense: Uma proposta de Linguagem. Separata do n. 1 da revista do **Conselho Estadual de Cultura do Amazonas**. Manaus – Amazonas, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, EDUARDO. **Metafísicas Canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural, São Paulo: Cosac Naify, 1ª edição, 2015.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**. 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.

WAPICHANA, Cristino. **Sapatos Trocados**: Como o tatu ganhou suas grandes garras. São Paulo: Paulinas, 2014.

WIKENS, Henrique João. **Mhuraida ou O Triunfo da Fé - 1785**. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Governo do Estado do Amazonas, 1993.

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/histórico.http?condmun=110002>. Acessado em 20 de janeiro de 2016.

WWW.revistacontemporaneos.com.br

<http://ppbio.inpa.gov.br/sitios/cunia>. Acesso em 30 de janeiro de 2016.

<http://pt.wikipedia.org>

Blog- Valeria Macali, postagem de 09 de setembro de 2010 às 20 h 17min.

WWW.cn.m.org.br

<http://bilibio.wadfiles.com/local-filies/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju-1981-mapa.jpg>

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=130270&idtema=130&search=amazonas|manicore|estimativa-da-populacao-2014->. Acesso em 05 de agosto de 2015 às 10:07 hmn

<http://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>. Acesso em 06 de agosto de 2015 às 20:33 hmn

<http://www.diariomunicipal.com.br/amm/materia/913577>. Acesso em 07 de agosto de 2015 às 00:26 hmn

<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT7-30-12201100813113317.pdf>

Jornal da Usp. Nacional de 26 a31 de janeiro de 2016, .3. Pesquisadores da USP investigam diagnóstico científico do vírus.

GLOSSÁRIO DAS NARRATIVAS

Abença: expressa quantidade (muito).

Aceso: afoito, normalmente utilizado no sentido pejorativo quando se refere às meninas que pulam n'água junto com os meninos, saem para andar com eles de canoa, são afoitas para irem às festas.

Alastrado: expressa grande quantidade espalhada num lugar, como no caso das castanheiras que produzem muito e embaixo delas fica alastrado de ouriço.

Beiju: feito de goma, como a tapioca. Tem o mole feito para comer no café da manhã e nas merendas e o duro que é conservado dentro das latas de farinha d'água para durar mais tempo, normalmente é consumido no café da manhã ou em outras refeições acompanhados de caldo de peixe ou carne.

Burridade: quando responde a uma pessoa de forma contrariada.

Defumação: processo tradicional da produção da borracha.

Desmentidura: pode ser entendida como um deslocamento de alguma junta da estrutura óssea.

Drogra: na narrativa de Veneranda é utilizada no sentido de quantidade.

Estrepada: furada no pé com prego, osso, pau, espinho, esporão, ou outra coisa pontiaguda.

Fazenda: Pano para confecção de roupas.

Fachear: pescaria ou caça a noite com um facho de luz.

Gambá: Instrumento musical utilizado nos Festejos dos santos.

Gitinha: Uma pessoa pequena, a qual pode ser criança ou adulta de estatura baixa.

Invira: Uma árvore de onde é retirada uma lasca para ser utilizada como alça de peneiro, servindo também para amarrar as coisas.

Levada da breca: Algo despedaçado, velho, sem cuidados.

Matuta: envergonhada.

Mangando: caçoando.

Malinar: pode ser a ação de beliscar, dar algo com pimenta para alguém comer ou outras brincadeiras feitas para causar risos de uma pessoa, mas nas narrativas o uso predominante corresponde ao encantamento das meninas e mulheres pelo boto. Em sentido geral pode ser entendido como fazer maldade ou travessuras.

Misura: pode ser caretas, mas nas narrativas está no sentido de assombrações.

Pávula: uma pessoa metida que não fala com todo mundo e quem não come de tudo.

Paneiro: cesto produzido de palha ou cipó para carregar ou guardar coisas.

Ramada: um salão feito de chão batido onde era feita a festa do seringador, o mesmo o próprio momento da dança do seringador.

Sorva: fruto de uma árvore denominada de sorveira, no contexto das narrativas, quando é mencionada esta relacionada ao trabalho de tirar sorva, que significa extrair do tronco da sorveira o látex.

Tarrafeava: pescaria com rede de náilon (tarrafa).